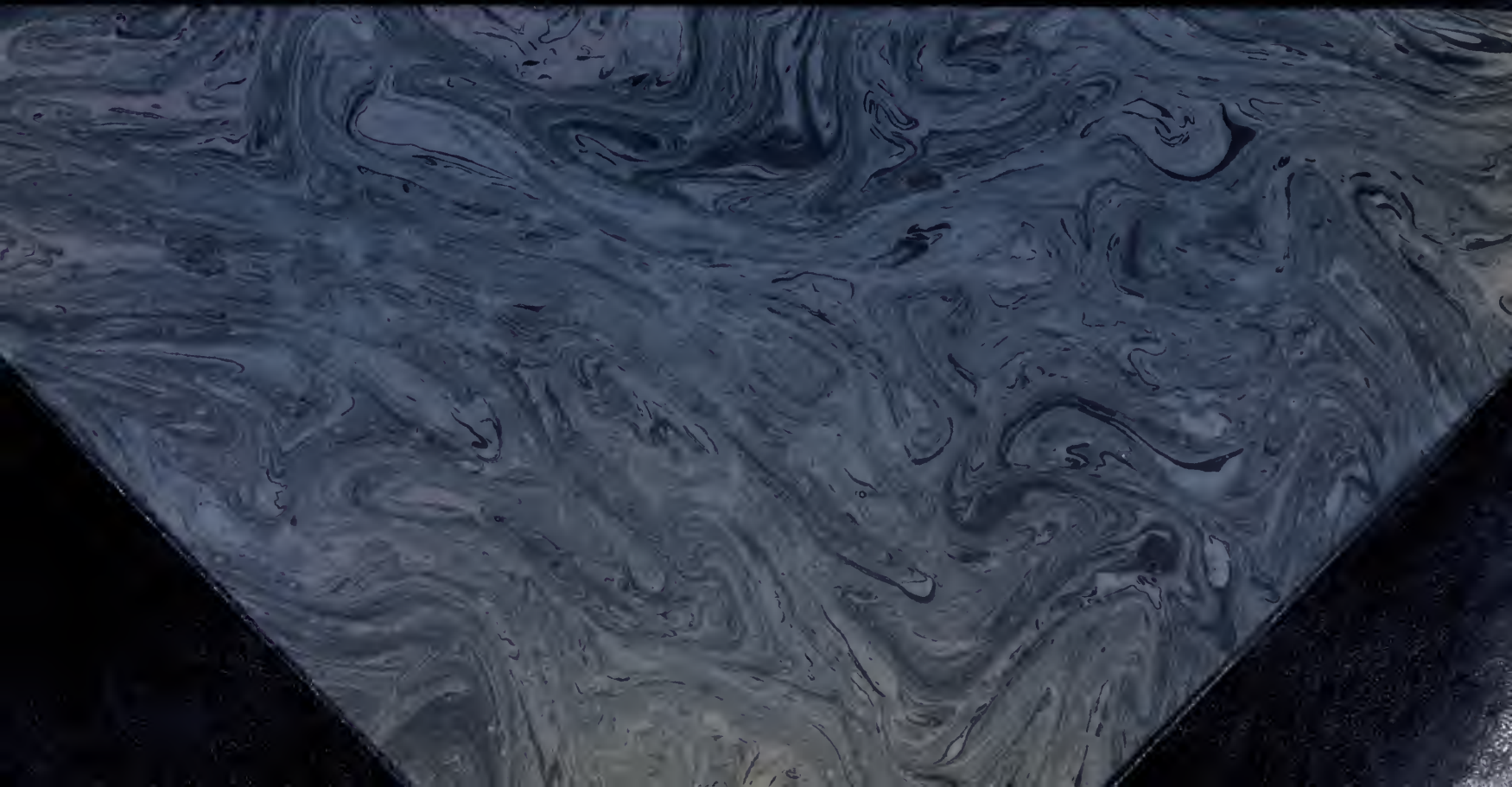


PORTUGAL E OS ESTRANGEIROS

PORTUGAL

E OS

ESTRANGEIROS

OBRA DIVIDIDA EM QUATRO PARTES

CONTENDO OS SEGUINTES ASSUMPTOS

I — Diccionario dos escriptores estrangeiros, que escreveram obras consagradas a Portugal ou a assumptos portuguezes, com a traducção dos trechos mais notaveis d'essas obras

II — Diccionario das obras portuguezas vertidas em linguas estrangeiras

III — Noticia dos portuguezes que no estrangeiro se distinguiram nas lettras, e resenha das obras portuguezas reimpressas nos paizes estrangeiros

IV — Noticia das recordações e monumentos existentes em diversas partes do mundo, construidos por portuguezes, ou erigidos em honra d'elles.

ADORNADA DE NOVE RETRATOS

ESTUDOS DE

MANOEL BERNARDES BRANCO

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA

TOMO II

LISBOA
LIVRARIA DE A. M. PEREIRA — EDITOR
50 — RUA AUGUSTA — 52
1879

Z
272b
B52
v. 2

Real Senhor!

O meu trabalho — Portugal e os Estrangeiros — no qual já consumi uns dez annos, vai provar, até á evidencia, que é glorioso o ser portuguez; julguei por isso que só ao digno Chefe d'este povo, Chefe, que tambem sabe perfeitamente avaliar a importancia d'estes trabalhos, devia ser dedicada a obra, composta por aquelle que tem a honra de ser de

Vossa Magestade

O MAIOR ADMIRADOR E RESPEITADOR

Manoel Bernardes Branco.

PORTUGAL E OS ESTRANGEIROS

P

993) PACCA (CARDINALE BARTOLOMEO).

E.—*Notizie sul Portugallo ed sula nunziatura in Lisbonna.* Velletri, 1835.

Esta obra foi vertida para francez com o seguinte titulo: *Mémoires sur le Portugal, et voyage à Gibraltar, avec des considérations sur les principales causes de la révolution par le*—. Traduits de l'italien sur la seconde edition. Avignon, 1836. 8.º

994) PACIAUDE (PAOLO MARIA).

E.—*Medaglie rappresentanti i piu gloriosi avvenimenti del magesterio Emmanuele Pinto.* Neapoli, 1749.

Este Manuel Pinto era portuguez e grão-mestre em Malta, onde existem gloriosos monumentos do seu governo. V. na 4.ª parte o artigo *Malta.*

995) PAGÈS (LÉON).

E.— *Une question catholique aux Indes et en Chine. Le Portugal et le concordat avec le Saint Siège par*—. Paris, 1858.

996) PAIGE (LE).

E.—*Réponse au jesuite de la lettre au sujet de la découverte de la conjuration formée contre le roi de Portugal (le 25 juillet 1759).*

997) PALLAVICINI (MARCHESE CAMILLO).

E.—*La legislazione ed economia agraria del Portogallo.* Torino, 1850.

998) PANEGYRICO APOLOGETICO *por la desagraviada Lusitania de la servitud injusta, del tyranico yugo y de la insoportable tirania de Cas-*

tilla; con el derecho, virtude y cuydado de D. Juan IV, rey justo, legitimo Señor y buen padre, año sessenta de su catividad; impresso in Francia en latin, y despues en Barcelona, traduzido. 1641. 4.º, folheto.

999) PANEGYRIS APOLOGETICA *pro Lusitania vindicata a servitute injusta, ab jugo iniquo, a tyrannide immani Castellæ jure, virtute, opera Joannis IV justi regis... anno captivitatis* LX. Parisiis, 1641. 4.º, folheto.

É a versão latina da obra antecedentemente citada.

1000) PAPERS *relative to Portugal, correspondence relative to the British demands upon the governement of Portugal.* London, 1808. (Papeis relativos a Portugal: reclamações feitas ao governo de Portugal, etc.)

1001) PAPERS *respecting the relations between Great Britain and Portugal.* London, 1829. (Papeis relativos ás relações entre a Grã-Bretanha e Portugal.)

1002) PAPILLAUD (DR. HENRI ALMÉ LUCIEN).

E.—*Du traitement de la fièvre typhoide par les reconstituants.* (Na parte 2.ª do tomo 4.º da *Nova serie das Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa,* 1870.)

1003) PAQUIS (AMÉDÉE).—Litterato francez. Nasceu em 1800.[1]

E.—*Histoire d'Espagne et de Portugal d'après les meilleurs écrivains espagnols et allemands,* 1846-1848. 2 vol., 8.º

1004) PAQUIS ET DOCHETZ.

E.—*Histoire d'Espagne et de Portugal.* Paris, 1838.

1005) PARADA (D. DIEGO IGNACIO).—Medico en Madrid.

E.—*Noticia sobre las aguas alcalino-gasosas de Petras Salgadas en Portugal, premiadas en la exposicion de Viena de 1873, y equivalentes y aun superiores à las celebres de Vichy.* Madrid.

1006) PARADA (D. JUAN DE BAENA).—Licenciado, presbitero natural de la coronada villa de Madrid.

E.—*Epitome de la vida y hechos de D. Sebastian,* 16.º *rey de Portugal y unico deste nombre. Jornadas que hizo à las conquistas de Africa, y su muerte desgraciada.*—Com discursos escolasticos, politicos, hystoriales y morales, deducidos de la mesma historia. Dirigido a la serenissima reina de los Angeles, Maria Santissima Nuestra Señora con titulo de la Soledad, por el—. Madrid, 1642. Ibid. 1691.

1007) PARAQUARIAE PROVINCIÆ SOCIET. JESU *adjuvantibus novissima descriptio admodum in Christo Patri suo Patri Francisco Ritz Soc.*

[1] Vapereau.—*Dictionnaire des Contemporains,* pag. 1397.

Jes. Præp. Generali XV. Hanc terrarum filiorum suorum sudore et sanguine excutarum et rigatarum Tabulam. D. D. D. Provinciae Paraquariae Soc. Jesu anno 1732. Romae, impresso por João Petrosch, e depois em Veneza por João Domingos.

E' uma descripção do Paraguay, no tempo em que uma parte d'este paiz pertencia a Portugal, e estavam alli estabelecidos os jesuitas.

1008) PARAVICINO (FRAY HORTENCIO FELIX).

E.—*Santa Isabel, gloriosissima reyna de Portugal.* Madrid, 1625.

1009) PARDOE (Miss).

E.—*Traits and traditions of Portugal collected during a residence in that country.* London, 1833. 8.º, 2 vol. (Feitos e tradições de Portugal.)

1010) PARDOUX (Baron de).

E.—*Campagnes de Portugal en* 1833 *et* 1834. *Relation des principaux évenements et des opérations militaires de cette guerre, par un officier français attaché au service de D. Miguel.* Paris, 1835.

Ha uma traducção portugueza d'esta obra, impressa em Lisboa no anno de 1836.—O auctor é partidario decidido da causa de D. Miguel.

1011) PARIS ET PEDEGACHE.

E.—*Recueil des plus belles ruines causées par le feu du* 1er *novembre* 1755. *Dessiné sur les lieux par M. M. —, et gravé à Paris par Jac. Ph. le Bas, premier graveur du cabinet du roy, en* 1757.

As vistas são as seguintes: Torre de S. Roque—Egreja de S. Paulo—Sé de Lisboa—Casa da Opera—Egreja de S. Nicolau—Praça da Patriarchal.

1012) PARISOT (VAL).

E.—*Petite histoire de Portugal, par —.* Paris, 1841, 18.º

1013) PARRY (PIERRE MOREAU DE).

E.—*Klare on waarachtige Beschryving van de leste berocnten en afval der Portugesen in Brasil.* Amsterdam, 1652. (Clara e verdadeira relação dos ultimos acontecimentos e derrota dos Portuguezes no Brasil.)

1014) PARTIE (SECONDE) DU COMPLOT *contre le prince D. Miguel, suivie de l'analyse du discours prononcé par M. Canning dans la chambre des communes le* 12 *décembre* 1826 *à l'effet d'envoyer des troupes en Portugal, avec quelques observations sur la politique anormale qui le caractérise.* Paris, 1827. 8.º—Nunca vi a primeira parte.

1015) PASSAC (PHILIPPE JEROME GAUCHER DE).

E.—*Lettres Portuguaises et Brasiliennes.* Blois, 1824, 3 vol.— Não vi, e por isso nada mais posso dizer.

1016) PASSARELLO (R. P. D.) CAIETANO.—Catansariensi, Clerico Regulari, é concionibus Caroli II Hispaniarum Regis, et in sacro Hispaniae Inquisitionis Senatu Censore.—Natural de Catania.

E.—*Bellum Lusitanum ejusque regni separatio a Regno Castellensi cum abrogatione superadjecta Alfonsi Regis Lusitani. Authore* —. Lugduni. Apud Anissonios Juan. Posuel et Claud. Rigaud, 1684, fol. 532 pag. (Guerra Lusitanica, e separação de Portugal do reino de Castella.) Esta obra é dedicada a Carlos II, rei da Hespanha.

Uma das causas, a que o auctor attribue a revolução de Portugal, é á singular e vehemente malevolencia de qualquer portuguez [1] contra qualquer castelhano, e a um certo enjôo e rancor que faz com que deteste não só o seu dominio, mas até o seu vestuario, usos, companhia, casamento, e quasi que até o mesmo nome. Confessa comtudo o auctor que os portuguezes eram mal tratados pelos hespanhoes, e que na Hespanha tudo se conseguia por artimanhas. [2]

Consta de dez livros. «Começa por uma descripção da Lusitania; depois trata da restauração d'esta provincia pelo conde D. Henrique de Borgonha, da doação da cidade do Porto, e da mercê do titulo de conde ao dito senhor por el-rei de Castella, em dote pelo casamento d'aquella sua filha a sr.ª D. Theresa; da acclamação do senhor rei D. Affonso Henriques; da morte do senhor D. Sebastião em Africa; da successão do senhor cardeal D. Henrique na corôa de Portugal; dos aspirantes a ella depois do fallecimento d'este; da acquisição da mesma por Filippe II de Castella, e da separação d'este reino do de Castella, cuja historia prosegue, e termina no regresso do senhor D. Affonso VI, da ilha Terceira para Portugal.» [3]

O conde da Ericeira, D. Fernando de Menezes, fallando ácerca d'esta composição, diz [4] ser uma obra mentirosa. Seu auctor, pouco sincero e adulador de Carlos II, abate os feitos de nossos generaes, suas façanhas, victorias e glorias bellicas; obscurece muitas acções dignas dos elogios da fama, e refere muitas coisas de bem differente modo do que ellas aconteceram, etc. etc.

1017) PAULET (JULES).

E.—*Don Luis de Camoèns, ou le poete voyageur.* Appareceu este trabalho no *Buletin de la Societé de Géographie*, 23 mars, 1861.

1018) PAZ (ABDON DE).

E.—*España y Portugal.* Madrid, 1861. Imprenta de J. Pecina. 24 pag.

1019) PAZ (FRANCISCO ANON DE).

D'este escriptor encontra-se no 2.º vol. da *Revista Peninsular* a seguinte poesia:

[1] Pag 7.

[2] *Omnia erant projecta, venalia, et malis artibus pervia.* Pag. 8.

[3] *Bibliotheca Historica de Portugal e seus dominios ultramarinos.* Pag. 338.

[4] *Historiarum Lusitanarum ab anno* MDCXL *usque ad* MDCLVII *libri decem.* Vol. I. *In praef.*

LISBOA

Ciudad hermosa, reina de Occidente,
Que en orillas del Oceano sentada,
Riendo ostentas la orgullosa frente
De castillos y torres coronada;
Mansion de encantos, hoy por ti suspira
Lejos de ti mi abandonada lira.

¡Ay quien me diera de la brisa en alas,
Cual paloma cruzar tu puro cielo
E nagenado contemplar tus galas,
Y adormirme un instante en ese suelo
Respirando el aroma de tus flores,
Que brinda al corazon dulces amores!

Sirve a tus pies de matizada alfombra
Lá mar azul cubierta de bajeles,
Cada bandera al ondular te nombra
Y parece saluda tus laureles;
Que es vano empeño oscurecer tu gloria,
Pues grabada hondamente está en la historia.

De esa plaga salio el inclito Gama
Com su flota a buscar el rico Oriente;
Y entre Colon y el plugo la fama
Repartir uno y otro continente...
Oh! si: los dos surcando el mar profundo
Dieron á Iberia posesion del mundo.

Y para eternisar tamaña empreza,
Gran monasterio alzaste en esa orilla,
Y el onda humilde murmurando besa
Su augusto templo, insigne maravilla,
Monumento precioso, tan sagrado
Qu'el mismo terremoto ha respetado.

¡Ai! al pisar aquel recinto santo
Bajo la immensa bóbeda sombria,
Revuela absorta en alas del espanto
A otros tiempos la ardiente fantasia;
Y al ver del gran Manuel la regia tumba,
La Lusitana gloria en torno zumba.

Arrostrando las olas y los vientos
En la cuna del sol las armas lusas
Brillaron, y en los magicos acentos
Del plectro que Camoens robó á las musas
Para enzalsar, ó Portugal, tu gloria,
Y legar a los siglos tu memoria.

¡Patria ingrata! ni aun le has consagrado
Un humilde sepulcro reverente
Al que doble guirnalda ha laureado,
Como Vate illustre y Adalid valiente!...
¡Dios lo ha querido asi!... de esta manera
Tiene por tumba la nacion entera!

Desaparecieron tus pasadas glorias;
Mas no por eso llores, Lisia bella;
Otras te esperan menos ilusorias,
Eclipsada no está tu blanca estrella
Que si dueña ayer fuiste del Oriente,
Serás mañana reina de Occidente.

Cuando de Tubal la indomable raza
En vinculo fraterno se haya unido,
Vasto horizonte el Porvenir nos traza,
Iberia será aun mas de lo que ha sido,
Que no es grandeza conquistar por guerra,
Sino el ser libres é ilustrar la terra.

E entretanto del cefiro en las alas
¡Quien pudiera cruzar tu puro cielo,
Gozoso contemplar tus ricas galas,
Y dormir en el cesped de tu suelo,
Aspirando el aroma de tus flores,
Que brinda al corazon dulces amores!

Madrid, 18 de Febrero de 1857.

1020) P*** B***

E.—*Itineraire de Portugal ou Guide des voyageurs et Tableau des grandes routes, chemins de traverse et de communication de toutes les villes du Portugal à Lisbonne, et de ces differentes villes entr'elles. Traduit du portugais sur la dèrnière édition, et augmenté d'un petit Dictionnaire géographique du Portugal, et de la route de Bayonne à Lisbonne par Madrid et Salamanque.* Bordeaux, 1810. 12.°, 83 pag.

1021) P. D. G.

E.—*Sketches of Portuguese life, manners, costume, and character, illustrated by twenty coloured plates, by* —. London, 1626. (Esboços do viver, costumes e usos dos portuguezes, etc.)

1022) PECCHIO (Comte JOSEPH).

E.—*Lettres historiques et politiques sur le Portugal par* —, *continuées par un ancien magistrat portugais; publiées par M. Léonard Gallois, et augmentées d'un coup d'œil militaire sur le Portugal, par M. le Général Pelet.* Paris.

A primeira carta é datada de Lisboa, 9 de fevereiro de 1822, e n'ella se queixa amargamente Pecchio do deploravel estado em que se achavam as estradas de Portugal.

«Em todas as povoações que atravessei tenho encontrado homens robustos, esbeltos e de physionomia agradavel.»

«Se fosse verdade ter Ulysses sido o fundador de Lisboa, seria mister admirar n'elle seu bom gosto, tanto como seu genio e astucia. A situação d'esta cidade encanta. A entrada é verdadeiramente digna da Europa!

«Se os viajantes escrevessem que Lisboa é habitada de dia pelos homens, e de noite pelos cães, diriam a verdade. Que grandes serviços prestaram então os cães a esta cidade para n'ella serem melhor tratados que os gansos do Capitolio? Na praça do Caes do Sodré, onde resido, reune-se durante a noite tal multidão d'elles, que com seus uivos continuos acordam Enoch e Elias.

«Antes de hontem pude finalmente assistir a uma sessão das côrtes. Um deputado levantando-se attrahiu toda minha attenção. [1] As feições de seu rosto eram austeras e fortemente caracterisadas; seus olhos eram de fogo, seus cabellos curtos e crespos começavam a enbranquecer. Sua tez era d'um moreno pronunciado: sua voz retumbava como o ribombo do trovão: suas idéas eram claras, suas phrases concisas e nervosas. Em seus discursos nem se encontravam parentheses, nem circumloquios: nem offendia, nem lisonjeava pessoa alguma: parecia não cuidar na impressão que produzia no auditorio, e com os olhos fixos no presidente não estava attento, senão para a inspiração de sua consciencia. Á vista d'este orador observei nas physionomias dos ouvintes um sorriso de satisfação misturado com respeito.

«Não podendo conter minha curiosidade por mais tempo, perguntei o nome d'aquelle deputado. «E', responderam-me, Fernandes Thomaz, o rei da nossa revolução.

«Depois levantou-se um outro homem de estatura mais alta, demorado na sua elocução, mas impetuoso, vigoroso e irresistivel em suas idéas. Ouvi pronunciar o nome de Borges Carneiro. Este deputado provoca frequentemente o enthusiasmo do auditorio; seus movimentos são sempre audazes, e ajudam as paixões populares.

«O terceiro que tomou a palavra foi um padre revestido de ornamentos pontificaes, de estatura baixa, calvo e de voz fraca. A discussão versava so-

[1] *Lettres*, pag. 12.

bre um regulamento militar, e fallava a respeito d'elle desassombradamente. Perguntei a um visinho se aquelle padre, que se envolvia em assumptos militares, era um templario [1] Não, me respondeu elle surrindo-se: é Castello Branco, lente na Universidade de Coimbra, e um dos nossos maiores eruditos. Antes da revolução era membro da inquisição; actualmente consagra sua eloquencia encyclopedica á defesa da liberdade.

«Apesar de ser d'uma boa legua a distancia da cidade baixa ao palacio das côrtes, as galerias reservadas para o publico estavam cheias. Reinam alli ordinariamente a ordem e a mais perfeita tranquillidade; porém n'aquelle dia. Andrade, deputado do Brasil, tendo-se levantado para combater a opinião do orador favorito, Borges Carneiro, o povo tomando partido pelo seu tribuno, entrou a agitar-se· Este deputado conteve-o immediatamente por meio d'esta apostrophe: Deveis conter-vos aqui, dentro dos limites do respeito. Nas eleições sois reis, n'este recinto sois subditos.

«Quero contar-vos uma anecdota, que vos provará quanto os deputados portuguezes estão possuidos de sua propria dignidade. Antes da revolução estava o rei no costume de dar a mão a beijar a quantos se apresentavam na sua presença. Quando o rei entrou pela primeira vez no recinto das côrtes, Sua Magestade apresentou a mão a beijar ao primeiro que se aproximou. Este fingiu acreditar que o rei desejava encostar-se, tomou-lhe a mão, pôl-a sobre seu braço, e subiu a escadaria com o rei.

«Sou e serei sempre o cortezão dos homens illustres. [2] Não tive nenhuma difficuldade em vêr o general Sepulveda, o primeiro coronel do exercito portuguez, que a 24 de agosto de 1820 fez ouvir no Porto o grito da liberdade. É accessivel para toda a gente, e a qualquer hora do dia; é alto e esbelto; suas maneiras são simples e populares por instincto. É modesto e de cumprimentos tão frios, que o tomariam por um inglez; mas no fim de alguns minutos de conversação, sua figura se anima, suas faces tomam côr, seus olhos brilham, e reconhece-se immediatamente um habitante do meio dia. Os amigos da liberdade escolheram-n'o na cidade do Porto para primeiro actor da revolução. A natureza tinha-o dotado, para uma tão grande empresa, da prudencia necessaria, antes de pôr em execução, e da audacia e enthusiasmo na acção. Quando a regencia de Lisboa enviou as tropas, que lhe obedeciam, contra a guarnição do Porto, que avançava para a capital, Sepulveda, seguido apenas de duas ordenanças, se apresentou perante os batalhões de Lisboa, e os convidou a unirem-se aos libertadores da patria. Estas tropas, espantadas de tanto arrojo e confiança, não hesitaram um só instante em passarem para as bandeiras da liberdade.

«O general Sepulveda emprega todo o seu tempo no bem da sua patria: poderia viver n'uma casa de vidro, pois nenhuma das suas acções tem necessidade de ficar escondida. Está sempre rodeado de seus amigos. Sua conversação é constantemente interessante por causa de sua franqueza e natura-

[1] Quereria dizer cavalleiro d'alguma ordem militar?

[2] *Lettre* 9, pag. 41, 25 de maio de 1842.

lidade. Abomina o dominio que a Inglaterra pretendia exercer sobre a sua patria; porém em seu odio nunca confunde os individuos com o governo. Hontem fallando com elle ácerca dos cento e cincoenta officiaes inglezes que serviam no exercito portuguez antes da revolução, fez-me o maior elogio d'elles, sem nenhuma affectação de generosidade. No primeiro movimento occorrido no Porto, os officiaes inglezes retiraram-se declarando que nem queriam, nem deviam envolver-se nos negocios internos do reino. Os portuguezes, não querendo deixar-se supplantar em generosidade, deixaram-lhes a escolha ou de ficarem no exercito com seus postos, ou de se retirarem com os soldos correspondentes. Nenhum dos officiaes inglezes aceitou posto ou pensões, alguns offereceram mesmo gratuitamente a sua espada para ajudarem os liberaes e continuaram a ter relações de amisade e de estima com o general Sepulveda.

* * *

É preciso concordar em que Portugal tem bem merecido da Europa:

«1.º Porque os portuguezes foram os primeiros a dobrar o Cabo da Boa Esperança, e a mostrarem aos navegantes um novo caminho para se dirigirem á India.[1]

«2.º Por terem sido os primeiros em 1760 a destruir a monarchia universal dos jesuitas.

«3.º Depois da desgraçada experiencia da republica franceza, foram os primeiros a adaptarem uma constituição que d'aquella mais se aproxima, e que servirá um dia de modelo a muitos governos europeus. Este reino, apesar de pigmeu, tem presenteado a humanidade com mais vantagens do que o collosso disforme da Russia, da Polonia e de todo o imperio da Austria reunidos.»

Esta obra foi traduzida em italiano com o titulo: *Tre mesi in Portugallo.* 1822.

Vejo mencionada como pertencente ao mesmo auctor a seguinte obra: *Anecdotes of the Spanish and portuguese revolutions.*

1023) PEDRO UND INES. *Ein Deutsches Originaltrauerspiel in versen von fünf Auszugen.* Wien, 1771.

1024) PEEL (GEORGE).

E.— *The battle of Alcazar fought in Barbary between Sebastian king of Portugal, and Abdelmelec king of Morocco with the death of capitaine Stuckley, as it was sundrie times plaid by the Lord high admirall his servants.* London, 1594. (A batalha de Alcaçar pelejada na Barbaria entre Sebastião, rei de Portugal, etc.

1025) PELLICIER (JOSEPH).

E.—*Succession de los reynos de Portugal.* Madrid, 1640.

1026) PELSAERT.

E.—*Journal van, etc.* (Diario da viagem do navio *Batavia* ás Indias Orientaes). Amsterdam, 1651, 4.º

[1] Carta de 29 de maio de 1822, pag. 46.

1027) PÉNE (HENRI).
E.—*Esquisses portugaises.*

1028) PENINSULE (DE LA), *faisant suite à la politique royaliste.* Paris, 1827. 8.º, folheto.

1029) PENINSULE (LA) EN TUTELLE. Paris, 1828, 8.º (C. M. B. I. P.)

1030) PENINSULE (LA). *Tableau pittoresque de l'Espagne et du Portugal par madame la duchesse d'Abrantes et M. M. Alexandre de Laborde, Charles Nedier, etc.* Paris, 1836-1837. 2 vol., 8.º

1031) PEREZ (ANTONIO).—Célebre ministro hespanhol.
Nasceu no anno de 1539 e falleceu no de 1611.[1]
E.—*L'art de gouverner, discours adressé à Philippe III* (1598) *publié par la primière fois en espagnol et en français par J. M. Guardia.* Paris, 1867.

«Portugal é um reino de gente vaidosa e soberba, inimiga do jugo estranho. Viveu sempre desde o principio da monarchia com soberano proprio e natural; e por isso lhe repugna estar sujeito a Castella, que lhe inspira inveja, e de quem é rival pela visinhança e pela independencia em que outr'ora estivera. Acostumados os portuguezes a tratarem o seu rei como egual, e a consagrarem-lhe amor e respeito como a pae, dir-se-hia que os deslumbra agora o esplendor de tão elevada magestade; e d'aqui provêm que a nobreza e ainda os plebeus não podem ter em vossa magestade (nem talvez fosse de rasão que tivessem) o trato e convivencia que tão estreitamente os enlaçavam com os seus soberanos naturaes...

«Demais, se já não existe a causa das guerras civis, não acabou ainda a má vontade que animou os inimigos do senhorio castelhano. Se a plebe se revoltar, não lhe faltará um chefe: é isto o que se tem presenciado em reinos que se avisinham; sendo ainda menos para admirar que succeda em Portugal, onde já alguma vez ha sido transmittida a soberania contra as proprias leis da successão. É opinião geral entre portuguezes que os traidores foram premiados e acrescentados em honras e mercês pela necessidade que d'elles houve, emquanto que dos homens leaes não se fez caso, porque os tinham-se guros. D'esta sorte se outra occasião se offerecer, bom será que se comece por desconfiar dos traidores, porque não os galardoaram...

«Se para tornarem odioso o jugo castelhano não podem allegar o excesso de encargos e tributos (argumento de grande força para os populares) é certo que em logar d'estas rasões trazem á lembrança os desastres da guerra, os prejuisos causados pelos corsarios, as perdas occasionadas pelas tempestades... que tudo isso lançam á conta da nossa responsabilidade. Singular natureza humana! Quando chegâmos a aborrecer alguem, imputâmos-lhe como delicto tudo quanto succede, ou seja natural ou por accidente! Finalmente,

[1] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle*, vol. 39.º pag. 578

por qualquer lado que encaremos o assumpto, é incontestavel que os portuguezes são inimigos dos castelhanos, ou pelo menos detestam o jugo; e em se lhes offerecendo oportunidade, emquanto durar a lembrança da independencia, de bom grado mudarão de regimen.....»

1032) PEREZ (GERONIMO).

E.—*Relacion de muchos portugueses que derramaron su sangre por la fé en los reynos del Japon.* T. Compans, pag. 306.

1033) PEREZ (D. NICOLAU DIAS Y).—Socio da Academia Madrilena e auctor da *Historia de Talavera.*

E.—*Estudo sobre Camões.*

Dizem que esta obra lhe merecêra ser condecorado com o habito de Christo pelo governo portuguez. O referido escriptor, no anno de 1874 achava-se em Lisboa consultando (diziam) varios documentos dos nossos archivos, com o fim de escrever alguns livros relativos a assumptos portuguezes.

1034) PERINI (CESAR).

Nasceu em Lucca no anno de 1807.[1] Residiu por muitos annos em Portugal, até que em 1848 se retirou para Genova.

E.—I. *O Conde Andeiro,* drama historico portuguez, premiado pelo jury dramatico do Porto. Lisboa. Typographia da Academia das Bellas Artes, 1840, 4.º

II. *O Cigano,* drama em 4 actos. Lisboa. Typographia de Antonio Sebastião Coelho. 1842,

III. *O Marquez de Pombal ou vinte annos da sua administração,* drama historico em 4 actos. Lisboa. Typographia da viuva Coelho e Comp.ª, 1842

IV. *A vespera de um desafio na regencia de D. João I,* drama em 5 actos premiado pelo Conservatorio real de Lisboa. Lisboa. Typographia Rollandiana, 1848.

1035) PERPINIANI (PETRUS JOHANNES).

E.—*De vita et moribus Elisabethae Lusitanae Beatae. Coloniae,* 1609. (Vida de Santa Isabel, rainha de Portugal.)

1036) PERREYMOND (C.)

E.—*Le Portugal devant l'Europe et le Monde, ou les traités de* 1815 *et la politique du travail.* Lisbonne, 1854.

1037) PERSAS (D. JOSÉ).

E.—*Memorias secretas de la princesa del Brasil, actual reyna viuda de Portugal la Señora D. Carlota Joaquina Borbon.* Bordeos, 1830.

1038) PERSIANI.—Mestre do Real Conservatorio de Napoles.

[1] *Diccionario Bibliographico,* tomo 2.º

E.—*D. Ignez de Castro*, tragedia lyrica em 3 actos. Foi esta opera representada no real theatro de S. Carlos de Lisboa em 1838.

1039) PERSONAL NARRATIVE *of adventures in the Peninsula during the late War. By an Officer of late Staff Corps Regiment of Cavalry.* (Parece tratar da guerra da Peninsula.)

1040) PETERS (GUILHERME C. H.)

E. *Reise nach Mossambique.* Berlin, 1862. (Viagem historico-nacional a Moçambique, feita por ordem de sua magestade Guilherme IV nos annos de 1842 a 1848.)

«Pelo anno de 1842, um dos filhos da universidade de Berlim, acabados os seus estudos medicos e de naturalista, recorria á muito valiosa protecção do barão de Humboldt, para que este o coadjuvasse no empenho de obter do governo prussiano o ser enviado em missão scientifica das mais arriscadas, como era a de explorar o interior [1] do vasto territorio de Moçambique. Debalde o sabio e grande explorador lhe apontou para as difficuldades de similhante empresa muito superiores ás que elle proprio debellára nas suas viagens pelas regiões montanhosas da America do Sul.

«Estas naturaes objecções da parte de seu illustre preceptor não conseguiram demover do seu firme proposito o joven doutor. Partiu com effeito de Berlim pelos fins de setembro de 1842, encarregado pelo rei Frederico Guilherme de investigar a fauna e a flora de Moçambique, segundo o desejo generoso, que mostrava. Seguiu caminho para Francfort, Hollanda e Inglaterra, onde não deixou de visitar os museus, que podiam excitar o interesse de um naturalista explorador. Chegou a Lisboa em fins de outubro, e demorou-se aqui dois mezes, sendo recebido pela melhor sociedade portugueza com a estima e consideração que a natureza da sua missão, a sua posição official, a amisade e recommendação de Humboldt lhe não podiam deixar de assegurar. E não foram poucos aqui tambem os conselhos dissuasivos que ouviu dos homens mais conhecedores da triste realidade da vida colonial n'aquellas paragens.

»A 24 de dezembro embarcou no transporte portuguez *Affonso de Albuquerque*, na pouco animadora companhia de 300 degredados.

«Um anno antes, a 17 de dezembro de 1841, um outro doutor allemão, Theodoro Vogel, membro da celebre e infelicissima expedição ingleza ao rio Niger, discipulo tambem da universidade de Berlim, e provavelmente collega de estudos do dr. Peters, succumbia victima das febres africanas, poucos mezes depois de ter inaugurado com zelo e amor inexcedivel os trabalhos scientificos da expedição. N'esta lucta arriscada contra os climas mortiferos de um e outro lado da Africa, coube a sorte feliz ao mais abandonado aos proprios recursos. O dr. Peters, isolado na sua empresa de naturalista, conseguiu mais do que o seu collega infeliz, e mais do que toda a expedição ingle-

[1] Sr. B. A. Gomes.—*Jornal das Sciencias Mathematicas, etc.*, da Academia Real das Sciencias de Lisboa, vol. 1.º, pag. 341.

za de que este fazia parte, e que, apesar de provida de abundantes recursos de todo o genero, soffreu perdas irreparaveis em vidas e capitaes, sem resultado util que satisfizesse os seus promotores.

«A 16 de março chegou a Loanda, e depois de uma demora de algumas semanas seguiu para Moçambique, onde desembarcou a 17 de junho. Quilimane, as ilhas de Zanzibar, Comoro e Anjoane foram os pontos que primeiro visitou, concluindo essas excursões preliminares de 21 de outubro a março do anno seguinte. Partiu então de novo para Quilimane com tenção de se dirigir a Sena e Tete; mas em junho sobrevieram-lhe as primeiras febres, e por tal fórma que teve de as abandonar na fragata ingleza *Cleopatra*, que alli aportára e que o levou a melhores terras para se restabelecer. Tres mezes viajou assim ou residiu no Cabo e em Madagascar, tendo a fortuna de recuperar inteiramente as forças, e de se ver apto a proseguir na sua empresa.

«Voltou para Quilimane, onde se demorou até novembro para acceder ao pedido do governador, que lhe propoz partirem ambos para o interior, o que se effectuou no dia 8 d'esse mez.

«Chegou a Tete a 9 de dezembro, e demorou-se n'este porto nove mezes, fazendo varias excursões para o noroeste, visitando as minas de oiro de Machinga, Mucanga, Monomotapa e Chidiva. Subiu o Zambeze até Chicova, e partiu em setembro de 1845 para Sena, onde permaneceu até janeiro de 1846, regressando a Quillimane n'esta data.

«O anno novo foi empregado em uma nova serie de excursões pelo litoral, particularmente para o sul. Fez primeiro a jornada de Quilimane a Boror, e reviu Moçambique dois annos depois de ter d'alli sahido. Em julho partiu para Inhambane, e d'este ponto em outubro para Lourenço Marques, onde só se demorou tres semanas, voltando no fim d'ellas para Inhambane. Logo depois seguiu para Sofala, passando ahi o resto do anno de 1846.

«A 13 de janeiro de 1847 sahiu de Sofala para regressar por Quilimane a Moçambique, onde chegou a 7 de fevereiro. Depois de uma excursão ás Querimbas, que o occuparam de 4 de abril até 25 de julho, largou finalmente a Africa Portugueza, partindo a 20 de setembro de 1847 de Moçambique para a India, onde teve occasião de visitar Goa, Damão e Bombaim, regressando ao seu paiz com cinco annos e alguns mezes de viagens incessantes.

«As collecções valiosas que assim poude obter n'uma região tão desconhecida dos naturalistas, tinham sido entretanto remettidas para a Europa, com tão boa fortuna, que de cincoenta caixotes enviados consta ter-se extraviado apenas um.

«O dr. Peters, hoje professor ordinario de zoologia na real universidade de Berlim, director do real museu zoologico e membro da Academia das Sciencias d'aquella grande capital, encontrou, de volta do seu paiz, todos os incentivos de uma brilhante sociedade scientifica e a cooperação de distinctos especialistas no estudo minucioso dos objectos que colligira.

«Logo em 1848 appareceu publicado no *Jornal da Sociedade Geographica de Berlim* um primeiro relatorio resumido de toda a viagem. Os resultados scientificos da expedição tinham já começado a ser communicados ao publico

durante a viagem, e continuaram a sel-o, logo depois d'ella concluida. Mas a sua publicação sob uma fórma definitiva só poude começar em 1852, e não estava ainda concluida, quando em 1865 tivemos a feliz occasião de rever mais uma vez o auctor, e de com elle combinar alguns meios que então se tinham em vista para o fim de tornar mais accessiveis entre nós trabalhos tão valiosos, relativos a uma das colonias portuguezas menos exploradas e conhecidas.

«O dr. Peters no prologo do 1.º volume da sua grande publicação sobre Moçambique indica summariamente as difficuldades da investigação scientifica d'este territorio, acrescentando que já tinham feito falhar diversas expedições alli mandadas para esse fim pelos governos de Portugal, assim como mallograram a primeira que os inglezes emprehenderam.

«O dr. Peters encarregou-se especialmente de toda a parte zoologica da sua obra, com excepção do entemologia, e foi auxiliado na coordenação e descripção de cerca de 110 especies de mammiferos.

«Os generos novos descriptos são sete, e as especies quarenta e oito. Vem acompanhados de quarenta e seis estampas primorosamente lythographadas ou gravadas e coloridas.

«Outro volume abrange os insectos e myriopedes, de que enumera ou descreve 774 especies pela maior parte novas, com 35 estampas.

«Os dois volumes restantes comprehendem toda a parte botanica, em que estão apontadas ou descriptas cerca de 580 especies, das quaes mais de 300 designadas como novas. O numero das taboas d'estes dois volumes é de 61.

«O 4.º volume de zoologia é consagrado aos peixes que habitam os rios caudalosos d'aquella região. Alli se acham descriptos 5 novos generos e 36 especies novas, e nas magnificas estampas que acompanham o texto veem representadas 47 especies, algumas já conhecidas anteriormente, mas quasi sempre por descripções imperfeitas que o dr. Peters tratou de completar agora por meio de desenhos fidelissimos.»

1041) **PETITJEAN** (Mr.)—Vicaire apostolique du Japon.

E.—*Dictionnaire latin-japonais, reproduit du Dictionnaire-latin-portugais-japonais, publié pour la première fois à Amacusa (Japon) en* 1595, *par les pères de la Compagnie de Jesus. Augmenté et reimprimé en* 1868 *par les soins de* —. Paris.

1042) **PHARAR** ou **FERRAR** (**ABRAHAM**).—Tinha a profissão de medico, e em 1639 era *parnassim*, ou cabeça da synagoga dos judeus portuguezes em Amsterdam.

E.—*Declaração das seiscentas e treze encommendanças da nossa santa lei, conforme à exposição de nossos sabios.* [1] Mui necessaria ao judaismo, com a taboada d'ellas, seguindo as *Parasioth;* e no fim estão annexas as *distincções das*

[1] Sr. Innocencio.—*Diccionario Bibliographico*, vol. 1.º, pag. 2. Id. vol. 8.º pag. 6. Antonio Ribeiro dos Santos — *Memorias de litteratura sagrada dos judeus portuguezes no seculo* XVII, pag. 255.

penas em que incorrem os transgressores, e outras curiosidades. Amsterdam, em casa de Paulo Aertser de Ravestein. Por despesa e industria de Abraham Pharar, judeu do desterro de Portugal. Anno 5387 (de Christo 1627).

1043) PHILALÉTHE (THEOPHILE).

E.—*Lettre consolatoire au serénissime D. Christophe, prince de Portugal, sur le facherie qu'il a des tristes nouvelles que son très chere frère ainé D. Emmanuel a quitté la Hollande, et s'est retiré à Bruxelles, par* —. Paris. 1626, 16.°

1044) PHISIOPHILUS (JOHN).

E.—*Specimens of Natural History of the various orders of monkes. Of the discovery of Madeira.*—Vem mencionada esta obra a pag. 475 do Catalogo da livraria Hookham.

1045) PICKEN (ANDREW).

E.—*Madeira illustrated by — with a description of the Island edited by dr. James Macaulay. Second édition.* London, 1842, fol. maximo.

Esta obra é dedicada a Webster Gordon; residente na Madeira, e a parte principal d'ella é uma collecção de magnificas estampas que representam:

1.ª Vista do Machico (serve de rosto á obra).—2.ª Planta topographica da ilha.—3.ª Vista da bahia do Funchal.—4.ª Vista da cidade do Funchal, tirada de S. Lazaro.—5.ª Vista do Funchal, tirada do Éste.—6.ª Camara dos Lobos. —7.ª Vista do curral.— 8.ª Fosso de S. Jorge.— 9.ª Vista de Penha da Agua. —9.ª O Rabaçal.

1046) PICCO (RANUCCIO).

E.—*La principesse santa overo la vita di Elisabetta reina de Portugal.*

1047) PICQUET (C.)

E.—*Carte chorographique des environs de Lisbonne. Dedié à D. Pedro de Menezes, marquis de Marialva.* Paris, 1821.

1048) PICTURE OF LISBON in 1809.

1049) PIERRE THOMAS. Sieur du Fossé et ISAAC LOUIS, maitre de Sacy.

E.—*La vie de Dom Barthelemy des Martyrs, de l'ordre de S. Dominique, tirée de son histoire écrite en espagnol et en portugais par cinq auteurs dont le prémier est le père Luiz de Grenade.* Paris, 1663.

1050) PIETER VAN BROCKE.

E.—*Voyage naer Cabo Verde, Angola, byzonderbyk naer Oostende.* Haerlem. 1634. 4.°

1051) PIETER (VAN DEN ROEK).

E.—*Itinerarium, etc.* (Itineraire ou voyage aux Indes Orientales). Amsterdam, 1648, fol.

1052) PIGAFETA (FILIPPE).—Viajante e historiador italiano.

Nasceu en Vicencia no anno de 1533, e falleceu em 1603.[1]

E.— *Relazione del reame di Congo.* Roma, 1591. Veneza, 1728. Vidè *Ramusio.*

1053) PISANO (MATHEUS DE).

E.—*Incipiunt gesta illustrissimi regis Johannis de Bello Septensi acta per reverendum Mattheum de Pisano, artium magistrum poetamque laureatum.*

Vem publicada esta obra no 1.º vol. da *Collecção de livros ineditos da Historia Portugueza,* publicados pela Academia Real das Sciencias de Lisboa, e precedida de uma introducção pelo abbade Corrêa da Serra, na qual nos diz: «Que o auctor é pouco conhecido, sabendo-se, porém, com certeza pelo chronista Gomes Eannes de Azurara ter sido mestre do rei D. Affonso V, julgando-se com algum fundamento ter sido filho de Christina de Pisana, mulher famosa pela sua sabedoria no seculo XV, auctora de varias obras então muito celebradas, e que serviram de assumpto a algumas Memorias dos academicos Boivin e Sallier: sendo o estylo do historiador superior ao dos latinistas d'aquelle seculo, e conhecendo-se-lhe vontade de imitar Sallustio.»

O codice, que serviu para esta impressão, pertencia ao marquez de Penalva, e era authentico.

1054) PISONIS (GUILLIELMI).—Naturalista hollandez, que vivia na primeira metade do seculo XVII.[2]

E.—*Historia naturalis Brasiliae. Lugduni Batavorum,* 1648.

1055) PITAVAL (GUYOT DE).

E.—*Recueil des causes celebres.*

Acha-se n'esta collecção na integra o celebre processo contra os criminosos que junto da Memoria, na freguezia de Belem, attentaram contra a vida de el-rei D. Joseph.

1056) PITHOU (PIERRE).

E.—*De l'origine des roys de Portugal yssus en ligne masculine de la maison de France.* Paris, 1610.

1057) PLACET, VAND HO: MO: *Heeren Staten Generael raekende de navigatie ende commercie op de havenen van Portugael ende specialijck het Verboth van toevoet van Waren van contrebande aende subjecten van't selve Rijck. In's Graven-Hage,* 1657, seis folhas.

1058) PLAINTE DE L'UNIGENITUS *à la Societé, sa mère, au sujet de son désastre en Portugal.* 12.º, folheto. Sem data, nem logar de impressão. (C. M. B. I. P.)

[1] Firmin Didot. — *Nouvelle Biographie Universelle,* vol 40.º, pag. 120.

[2] Idem, idem, pag. 338.

1059) PLAYFAIR (Mr.)

«João Manuel d'Aboim, achando se em França, emprehendeu e executou uma traducção em francez dos *Principios Mathematicos* de José Anastacio da Cunha.

Consta-nos[1] que ella fez grande sensação em França, e chegando a Inglaterra prometteu Mr. Playfair, bem conhecido entre os mathematicos inglezes, fazer a revisão e censura d'ella no *Journal de Edimburgo.*

CENSURA DOS REDACTORES DO EDIMBURG REWIEW AOS PRINCIPIOS MATHEMATICOS DE JOSÉ ANASTACIO DA CUNHA, NOVEMBRO, 1822.

«Esta é a primeira obra scientifica de Portugal que nos tem chegado á mão, e nós estimamos achal-a tal, que não faria descredito aos paizes mais famosos por seus conhecimentos philosophicos. O auctor era natural de Lisboa, e foi professor de mathematicas na universidade de Coimbra.....

«A presente obra é um tratado elementar sobre os differentes ramos de mathematicas puras desde os axiomas de geometria até os problemas de calculo integral, e é inquestionavel que o comprehender tudo isto em 299 paginas de de 8.º era uma empreza de mui consideravel difficuldade. A execução, bem que sujeita a algumas objecções, no todo é altamente digna de recommendação, e este livro fórma um tratado mui util e conciso de estudos mathematicos. E o estudo d'esta obra seria um exercicio mui util para o mestre e para o discipulo.

«Em toda esta obra se vê que o auctor empregou a mais rigorosa logica; mas para conseguir seu objecto elle substituiu em muitos casos, mesmo em algebra (o que nós consideramos como não pequeno sacrificio) o methodo synthetico ao methodo analytico de raciocinar. É sómente pelo exercicio e emprego d'este ultimo que as potencias inventoras se desenvolvem e exercem, e que tanto a rasão como a imaginação se acostumam ao penoso caminho das descobertas, de maneira que só a mais urgente necessidade poderia induzir um auctor a separar-se d'este methodo.

«A maneira de tratar das linhas parallelas tem sido mui varia entre os escriptores de tratados elementares, e difficultosamente n'algum caso tem sido exempta de objecções. O axioma em que Cunha funda a doutrina das linhas parallelas é o mesmo que o de Euclides; comtudo elle fez um consideravel melhoramento na maneira de deduzir as propriedades d'estas linhas. Pag. 539.

«Cunha demonstra as propriedades das parallelas, sem a proposição subsidiaria que Euclides foi obrigado a ir buscar fóra do seu caminho, em ordem a poder demonstral-as. É esta uma circumstancia no primeiro livro que nos parece mui digna de mencionar-se, e é sem duvida um consideravel melhoramento na geometria elementar.

«O terceiro livro trata da proporção; e como qualquer tentativa para unir claresa e precisão no modo de considerar este objecto merece attenção, o me-

[1] *Investigador Portuguez em Inglaterra*, vol. 5.º, pag. 535.

thodo do nosso auctor é digno de saber-se e mencionar-se. E a definição que serve de fundamento a este objecto parece-nos ter um grande merecimento, porque enuncia a mesma idéa que a definição de Euclides n'uma fórma muito mais simples.

«A doutrina da proporção derivada d'estas definições contém-se em onze proposições que nos parece são logicamente demonstradas, rigorosamente deduzidas, e com mui grande simplicidade.

«As proposições elementares aqui deduzidas são principalmente relativas á inversão, alternação e outros differentes modos de arranjar as mesmas series de quantidades proporcionaes, e nós julgamos que nosso auctor se desembaraçou, e venceu as difficuldades do seu objecto, que são por certo mui consideraveis, com grande saber e successo.

«A extracção das raizes faz o objecto das proposições 20 e 21. Esta materia é tratada com notavel brevidade e claresa, e nós não nos lembramos de ter visto o principio e pratica do methodo mais breve e claramente explicados em algum tratado elementar qualquer. N'estes pontos, que não são de pequena importancia, julgamos que o auctor portuguez difficultosamente póde ser excedido. Pag. 542.

«O decimo livro trata das raizes das equações, de que o auctor dá uma idéa mui distincta e exacta, livre de muitas difficuldades que se encontram n'esta parte da algebra.

«No methodo das fluxões encontra-se uma demonstração que tem merecimento. A prova é satisfatoria, e nós a julgamos nova. Pag. 545.

«O livro vigesimo contém a doutrina das differenças finitas, que é tratada quanto a nós mui claramente e de uma maneira que póde ser verdadeiramente util.

«Ainda que temos estabelecido algumas objecções a esta obra, admittimos que ella tem no todo um grande merecimento e póde ser muito util a duas classes de leitores: 1.ª aos estudantes que ouvem as prelecções de um mestre a quem este livro serve como de texto; 2.º áquelles que já iam instruidos nas sciencias mathematicas; mas que desejam ter á mão um compendio portatil, para se recordarem d'aquellas formulas e demonstrações, de que podem ter-se esquecido. A obra a que esta que temos presente póde mais facilmente comparar-se é o *Tratado elementar* do abbade La Caile, obra egualmente comprehensiva e difficultosamente menos concisa. O auctor francez não apresenta tanta originalidade de methodo como o mathematico portuguez, e a este respeito a obra d'este é talvez mais util. Em clareza aquella excede muito a esta, e é, quanto a nós, o melhor compendio de sciencia mathematica no mesmo tamanho que se tem dado ao mundo. Ser segundo ao tratado de La Caille equivale a um alto louvor; e nós temos grande prazer e gosto em render este elogio á producção de um paiz, que até agora não tem concorrido muito para o melhoramento actual das sciencias.»

1060) POINCTEN VAN CONSIDERATIE, *raçkende de Vrede mel Portugal 't Amsterdam*, 1648, 8 pag. (M. S.)

1061) POLICY *of England towards Spain. Sequel to, in Answer to the Earl of Carnarvon's Portugal and Galicia.* London, 1837.

1062) POLITIQUE *de l'Espagne envers le Portugal, et l'appuy qu'elle trouve dans les torys en Angleterre.* Lyon, 1831. 8.º Paris, 1832.

1063) PORCHESTER (Lord).

E.—I. *The last days of the portuguese Constitution, by —.* London. 1830. 4.º, 110 pag.

O auctor mostra muito por miudo o estado em que se achava o reino de Portugal, e demonstra como os fidalgos, clero, companhia dos vinhos do Douro, lentes da universidade e pessoas d'outras jerarchias eram em geral hostis á constituição que feria os interesses dos individuos que compunham estas classes. Mostra-se egualmente partidario de D. Miguel, e queixa-se da politica seguida pelo governo inglez.

II. *Don Pedro. A tragedy.* London, 1828.

1064) PORTALUPI (NAPOLEONE).

Escreveu na lingua italiana, ha pouco tempo, uma *Collecção de biographias de escriptores portuguezes e hespanhoes*, obra que ainda não vi.

1065) PORTE (Abbé JOSEPH DE LA). —Critico e litterato francez. Nasceu em Béfort no anno de 1713, e falleceu em Paris no de 1779.

E.—*Le voyageur français ou connaissance de l'ancien et du nouveau monde.* Paris, 1765 a 1795, 42 vol., 12.º (Recopilação extrahida em fórma de cartas de todas as viagens conhecidas).

O tomo 15.º, impresso em 1773, é o destinado a tratar de Portugal, e corre a descripção desde pag. 242 até 503. Principia a narração por esta historieta:

«Antes de chegarmos a Lisboa, vimos á esquerda a pequena villa de Cascaes, capital do marquezado d'este nome, pertencente a senhores, que segundo se diz, descendem de um antigo rei de Castella.

«É costume quando se celebra um auto de fé acompanharem os principaes senhores na qualidade de officiaes do Santo Officio á fogueira as desgraçadas victimas d'este horrivel tribunal. Conservam-se no meio d'ellas em quanto os frades as enchem de exhortações e de resas. Antes de irem para o supplicio conduzem-n'as para a egreja dos dominicanos, e alli, em presença do povo, se lhes lê em voz alta a confissão que lhes obrigaram a fazer de seus crimes. Aconteceu que um judeu muito rico que tinha uma casa de campo na visinhança do marquez de Cascaes, foi encerrado na Inquisição. Este senhor vivia intimamente com seu visinho, fazia grande caso de certos figos que nasciam profusamente no quintal d'este judeu. E mandava-lhe todas as manhãs um cabaz cheio, o qual não servia senão para este uso. Porém como o odio d'este povo contra os christãos não tem limites, este miseravel tinha a insolencia e a malicia de fazer passar cada um d'estes figos pelo sitio do seu cor-

po o mais deshonesto e immundo. Trahido por seu proprio criado, confessou o caso, o qual foi publicamente lido no processo. O marquez, que conforme o costume acompanhava o culpado, ouviu esta confissão, e dando uma cotovellada no judeu, lhe disse encolerisado: «Infame, é verdade que me praticavas esta acção infame?—Sim, senhor, respondeu o criminoso, e como v. ex.ª tinha achado boa a primeira remessa embalsamada, com este perfume, continuei a segunda a seu gosto. Os figos do marquez de Cascaes passaram em proverbio, e diz-se que este senhor morrêra de vergonha e de pesar.[1]

1066) PORTER (Miss ANNA MARIA).

E.—*Don Sebastian or the house of Braganza, an historical romance.* Langeau, 1809. 4 vol.,

Este romance foi vertido em francez com o seguinte titulo: *Don Sebastien roi de Portugal; roman historique de Miss Anna Maria Porter, traduit de l'anglais.* Paris, 1820. 3 vol.

1067) PORTUGAL *and Gallicia, with a review of the social and political State of the Basque Provinces, and a few remarks on recent events in Spain. In two volumes.* London. John Murray, Albemarde-Street, 1836. 8.º, 1.º vol. 344 pag., e o 2.º 463.—Ha uma outra edição impressa n'um só volume, em Londres, 1861.

Se bem que esta obra foi publicada anonyma, todavia pelo catalogo da livraria Hookhom vê-se que seu auctor foi o conde de Carnarvon.[2]

O auctor embarcou em Portsmouth a 28 de julho de 1827 no vapor *Duke of York.* Ao chegar a Lisboa, seis dias depois, foi hospedar-se n'uma especie de hospedaria ingleza, que então havia na cidade. Creio mesmo que esta capital n'aquelle tempo não tinha uma hospedaria que podesse offerecer conveniente abrigo aos estrangeiros de classe elevada, que procuravam a nossa cidade. «A entrada do Tejo é bella:[3] d'um lado a praia está cheia de palacios; da outra as collinas, ainda que não mui elevadas ou variadas, possuem elevação sufficiente para darem realce á scena. Á medida que iamos subindo pelo rio, a belleza da vista crescia. O nobre, mas não acabado palacio da Ajuda, coroava o topo d'uma elevação, e então toda a cidade de Lisboa construida sobre seus sete ladeirentos montes, e pendurados sobre o Tejo, gradualmente se revelava: e seus palacios e conventos espalhados com jardins viam-se erguer uns por cima dos outros, e do rio apresentavam a prespectiva mais magestosa.

«A vista de minhas janellas estendia-se sobre Lisboa, sobre o rio com suas numerosas embarcações, e milhares de velas latinas deslisando sobre sua superficie, e agora illuminado pelos ultimos raios do sol pondo-se. Poucos objectos ferem o espectador com maior admiração do que estas velas peculiares, que são delicadamente bellas quando vistas de perfil; e quando observadas de

[1] Abbé de la Porte.—*Lettre* 186, pag. 244.
[2] *Hookham's Catalogue of English Libraray*, pag. 434.
[3] *Portugal and Gallicia*, pag. 4

frente assimilham-se a uma borboleta pousada n'um logar escuro com as azas abertas. Pouco depois appareceu a lua, e nós girámos pela cidade com uma luz especialmente favoravel para cada objecto natural ou artificial.

*
* *

«Cheguei á pequena villa de Alcobaça, e parei n'uma estalagem melhor fornecida de abelhões, do que de comidas. Fui depois ao mosteiro, e enviei uma carta de apresentação. Um frade de maneiras commedidas e agradaveis me recebeu cortezmente, e levou-me por soberbos claustros que cercam um outro cheio de laranjeiras. Tornou-se evidente logo desde minha primeira apresentação a estes frades, que elles eram muito superiores á maior parte dos de sua ordem, impressão plenamente confirmada pelo conhecimento posterior, porquanto possuiam aquella cortezia e distincção de maneiras que só podem ser dadas pelo nascimento ou longo uso da boa sociedade. E eu posso dizer que [1] as denegridas accusações tantas vezes feitas pelos viajantes contra os frades e ordens monasticas proveem, com uma singular graça, do pouco gosto de homens que, andando de jornada por um paiz agreste, e privados das commodidades usuaes da vida, aproveitam-se com franqueza de sua generosa hospitalidade, e recompensam-lhe depois o beneficio com asserções que a verdade e justiça não confirmam, e as quaes a gratidão e sensatez deviam moderar.

Quaesquer que sejam os remotos effeitos da suppressão dos conventos mais ricos em Hespanha e Portugal, ainda no despresado estado de agricultura dominante em tão vasta extensão da Peninsula, sua existencia foi uma felicidade, e sua abolição é, segundo creio, um mal positivo para o estado. Os frades foram muitas vezes os unicos proprietarios residentes n'uma terra abandonada por seus naturaes proprietarios; e sua benefica influencia foi visivel no aperfeiçoamento de suas propriedades, e no augmento do bem-estar da população circumvisinha, pois empregavam no amanho de suas propriedades grandes capitaes e intelligencia, empregavam em grande escala a industria do lavrador, e recompensavam-n'o liberalmente: suas terras eram em geral as melhor cultivadas do reino, e a repentina e mal pensada abolição dos conventos por muitos annos ha de destruir, antes que promover, os interesses da agricultura.

«A livraria é uma sumptuosa sala, elegantemente decorada, bem proporcionada, e abundante em obras uteis. Mostraram-me os frades uma edição magnifica da *Iliada*, que lhes fôra dada de presente por mr. Canning, e uma esplendida copia dos *Lusiadas*, presente de lady Bute.

«A recente secularisação do convento d'Alcobaça, um dos monumentos mais sumptuosos do reino, foi ao mesmo tempo um insulto aos preconceitos religiosos do povo, e desagradavel ao gosto dos portuguezes modernos.

*
* *

«Dirigi-me para o Bussaco com o fim de ver o memoravel campo de bata-

[1] Vol. 1.º, pag. 34.

lha. Depois de caminhar debaixo de um sol intoleravel, cheguei ao mosteiro. Bati por muito tempo á porta do porteiro do convento, antes que ella me fosse aberta, e minha primeira recepção foi bastantemente desagradavel, observando-me o porteiro que visitas eram inconvenientes n'uma tal hora. Eu estava tão incommodado por causa do calor, que mal me podia sustentar a cavallo, e não estava por conseguinte disposto a ser facilmente afugentado, por isso compellindo o reluctante criado a informar o prior de minha chegada, e seguindo-o vagarosamente por entre uma linda floresta de carvalhos e pinheiros, cheguei ao convento, completamente occulto entre a floresta. O prior recebeu-me cortezmente, e poz diante de mim vinho e peixe salgado, dizendo sentir não me poder offerecer melhor comida, por ser a carne rigorosamente prohibida pelos estatutos do convento. Acompanhou-me depois para minha cella, onde me deitei na cama, muito feliz por gosar um intervallo de descanço. Estes dormitorios fradescos são bem gratos para o viajante fatigado, por causa de sua frescura, perfeita limpesa, e total ausencia dos cannibaes alados e trepantes que infestam as hospedarias.

«Quando o frade me levou em volta do convento, fiquei surprehendido do inquebrantavel silencio, que invadia o logar, silencio que parecia antes indicar mansão de mortos, que a social habitação de frades. Este profundo silencio era apenas interrompido pelo ecco de nossos passos, e pelo som da voz baixa de meu conductor.

«Quando montei meu cavallo, os ultimos raios do sol estavam escondendo-se, e as arvores da matta descreviam suas compridas sombras sobre o terreno. Uma cruz, emblema da paz, estava erguida sobre um pedestal diante da porta, a bellesa e solidão do sitio pareciam tel-o apropriado como peregrinamente para o goso da pacifica felicidade, mas a errada piedade do homem o roubou d'aquelles prazeres moderados, os quaes a natureza tinha tão prodigamente concedido para seu gôso. O carvalho e o feto traziam-me ao pensamento aquelles profundos bosques de Inglaterra, e o magestoso cypreste portuguez com seus ramos ondeantes adornavam a scena com um caracter de graça oriental: todavia, mesmo n'uma tarde tão serena e celestial não era permittido aos frades passeiarem debaixo da sombra das arvores da floresta: tão activos e engenhosos foram os fundadores d'este mosteiro em inventarem meios de augmentar as privações de seus moradores, como se o curso commum das paixões e tribulações humanas não fizessem o calix, de que todos devem beber, sufficiente amargo, sem preverter os mais simples dictames do senso commum para o tornarem ainda mais intragavel.

«Depois de deixar o convento passei algum tempo examinando as posições occupadas pelos exercitos. Bussaco conta-nos sua propria historia, pois o ingreme e especial caracter do terreno habilita o viajante a acompanhar sem difficuldade a historia d'aquelle dia repleto de peripecias.

«A influencia dos frades é exercida principalmente sobre as classes agricolas, e nenhuma raça mais bella de homens existe em nenhuma parte do globo, do que as classes agricultoras de Hespanha e de Portugal. Se é verdadeira esta these, que não posso crer seja negada por aquelles que tiverem viajado bas-

tante por aquelles paizes, como poderá ser asseverado que a influencia dos conventos tem sido em summa contraria ao bem estar do povo? Os preconceitos protestantes do publico religioso da Grã-Bretanha naturalmente indisposto contra os estabelecimentos monasticos, teem formado uma estranha alliança n'este ponto com a parte infiel do mundo catholico, o qual é unanimemente hostil á sua continuação, e tem assim encaminhado o espirito dos inglezes para um erro grande e geral.

* * *

O auctor dirigiu-se depois á Galliza com o fim de estudar as antiguidades e bellezas d'esta provincia, pouco conhecida então dos inglezes, mas suspeito de espião dos constitucionaes foi preso, e soffreu bastantes incommodos. Por informações dadas a seu respeito pelo consul inglez, foi solto, mas mandado sahir immediatamente da Hespanha. «Finalmente embarcámos no Minho, um bello rio, e dissemos um final adeus á Hespanha, cognominada romantica, paiz sempre envolvido nas tempestades das dissensões civis. Eu desembarquei na praia de Portugal, e respirei livremente.

«A peregrina bellesa do paiz entre Tuy e Ponte de Lima zomba de qualquer descripção. Eu ia a cavallo, por montes cobertos de sobreiros e oliveiras, sobre outeirinhos nus, e em parte revestidos de pittorescos grupos[1] de castanheiros, rivalisando com as mais ricas bellezas dos jardins, e atravez de campos da mais deliciosa verdura, entrecortada por correntes de limpida agua, e sombreada por antigos carvalhos. Aqui tambem a nogueira cresceu profusamente, com cuja folhagem a da nogueira ingleza não póde rivalisar mesmo no meiado de novembro. A rara união de arvores e arbustos pertencentes a diversos climas, e crescendo uns ao lado dos outros, é a mais admiravel feição d'este paraiso terrestre. Póde-se dizer que o norte e sul dão aqui as mãos em termos amigaveis, porque o milho, o escuro sobreiro, a verde larangeira e a luxuriante videira, completamente perfeitas d'um deslumbrante vermelho foram misturadas com o carvalho, olmo, e a robusta vegetação do mundo do Norte. Finalmente cheguei a Ponte de Lima, e andei vagabundo ao longo das margens do delicioso Cavado. Julgo que nunca fiquei tão absorto por uma scena tão maviosa como quando vi o sol esconder-se gloriosamente por detraz d'uma ingreme serra, então revestida da mais viva purpura, e illuminar com seus ultimos raios muitas pacificas e pittorescas casinhas construidas de sobreiro e cobertas de giesteiras. De Lima continuei para Braga, por entre o mesmo lindo paiz e detestaveis estradas, ao passo que as sebes, altas e cobertas de flores silvestres, me traziam ao pensamento os caminhos perto de Dawlish n'um dia de primavera; pouco mais adiante eram numerosos os pinheiros misturados com urzes vermelhos carregados de flôr.

* * *

«Depois de chegar a Braga fui visitar o convento de Tibães, edificio espaçoso construido no meio de um encantador jardim. A verdura era maravilho-

[1] *Portugal and Gallicia*, vol. 1.º, pag. 252.

samente rica: as roseiras na plenitude de sua flôr, e todo o campo observado das janellas do convento, assimilhavam-se a extensos jardins de recreio. Este mosteiro encerra alguns quadros de consideravel merecimento. Diz-se que dois são trabalho de Rubens, e pouca duvida lhe ponho de que um, pelo menos, seja original. Ha tambem um de Raphael, e alguns outros chamados italianos, os quaes podem, segundo creio, ser attribuidos indubitavelmente á escola de Bolonha. Ha ainda dois paineis representando D. Ignez de Castro, que parecem antigos.[1] Tanto os habitantes de Traz os-Montes como os do Minho, são tenazmente affeiçoados a seu nativo solo: o povo do Minho sustenta a miudo que nem o resto de Portugal, nem parte alguma conhecida do globo podem emular em belleza com seus valles, e que um tal céo é que possue apenas do tal encanto.»

Vê-se pois que nem todos os escriptores inglezes são inimigos das ordens religiosas. Porém o mais curioso d'estes dois livros está nas minuciosas noticias, que nos dá da guerra civil entre D. Pedro e D. Miguel, para com os quaes o auctor se mostra imparcial, e das pessoas que figuraram n'aquella calamitosa época, olhando em todas as suas viagens com o maior cuidado para a botanica d'este paiz, e fazendo os maiores elogios á hospitalidade portugueza, não obstante ter sua vida corrido grande perigo por occasião da revolta de Evora em favor de D. Miguel.

1068) PORTUGAL, *being some account of Lisbon and its environs and of a tour in the Alemtejo from a Journal kept by a lady during three years actual residence.* London, 8.º. 275 pag. com algumas estampas.

1069) PORTUGAL ET PRUSSE. *Traité du commerce et de navigation de 20 février 1844 entre le Portugal et la Prusse.* Paris, 1845. 8.º, folheto.

1070) PORTUGAL *in* 1872. *Constitutional life of the latin race. An essay published in january* 1873 *in the Diplomatique Memorial of Paris presented by the translator to the Portuguese Bond-Holders.* Lisbon. National Printing Office. 4.º, 40 pag.

«Temos presente a nosso espirito um paiz de segunda ordem, o qual mui raras vezes occupa a attenção da imprensa politica da Europa; um paiz que é completamente extranho ás grandes questões europeas internacionaes, mas cuja existencia politica, economica e social deve interessar no mais alto grau todos aquelles que estudam a historia da civilisação da época.

«Depois de dois seculos e meio de decadencia, depois de um periodo de revoluções, guerra civil e commoções publicas, que na realidade só terminaram em 1854, Portugal entra arrojadamente no curso regular da vida constitucional, reforma a sua legislação, organisa as suas finanças, construe estradas, abre escolas, decreta a abolição dos bens de mão-morta, funda estabeleci-

[1] O auctor continua a fazer por algumas paginas os mais bellos elogios á provincia do Minho.

mentos de credito, supprime monopolios e attinge um grau de civilisação e prosperidade indubitavelmente inferior a muitas outras nações que o precederam muitos annos na carreira do progresso, mas apesar d'isso mesmo extraordinario e digno de observação, se tomarmos em consideração seu recente estado de decadencia e abatimento. E ainda é mais para notar que tendo ha pouco atravessado uma terrivel crise financeira resultante das enormes sommas dispendidas nos melhoramentos publicos, o paiz dentro de poucos annos sahiu d'estes apuros, sem recorrer áquelles meios violentos e reprehensiveis, que outros estados maiores, mais ricos e com pretensões a mais civilisados não hesitaram empregar em circumstancias identicas.

«Durante esta crise, quando se viram obrigados com o fim de pagar letras e satisfazer aos encargos, a tomarem dinheiro emprestado de dezesete a vinte por cento ao mez; com um enorme *deficit*, e uma muito mais importante divida fluctuante, o governo portuguez não suspendeu ou adiou por um só dia o pagamento a seus empregados, ou os juros da divida, nem recorreu ao papel-moeda, ou deu um curso forçado a qualquer especie de papeis ou de credito. No decurso d'alguns annos o *deficit* quasi desappareceu, a divida fluctuante foi muito reduzida, os fundos publicos foram-se elevando gradualmente ás suas cotações anteriores, e isto conseguiu-se reduzindo as despezas e augmentando os tributos, entre os quaes não existe um só monopolio ou algum tributo sobre a moagem de trigo, nem sobre o sal, nem algum imposto sobre as materias primas de qualquer industria, nem mesmo tributo sobre a transmissão directa da propriedade para os descendentes. A explicação d'estes factos deve ser achada indubitavelmente na historia da nação, nas suas tradições, costumes e caracter.

«Ninguem ignora a parte, que Portugal toma na historia da civilisação pelo fim da edade media. Emquanto outros estados da Peninsula, como Castella e Aragão entravam mais ou menos no movimento europeu, Portugal consolidando sua independencia pela famosa victoria de Aljubarrota; separado por aquelles dois estados rivaes do resto da Europa, dirigira sua actividade, abrindo novos caminhos para o unico lado, que lhe estava aberto, o grande Oceano Atlantico, os mares nunca d'antes navegados, conforme a pittoresca expressão de Camões.

«No começo do seculo XV, o infante D. Henrique, que adoptou para sua divisa o mote francez: *Talent de bien faire*, e que fundou a escola nautica e o observatorio de Sagres no Cabo de S. Vicente, na extremidade da Peninsula e da Europa; seus discipulos, os navegadores Tristão Vaz, Perestrello, Zarco, Gil Annes e tantos outros começaram esta continuada serie de viagens maritimas e explorações que terminaram antes do fim d'aquelle seculo pelas duas grandes descobertas do caminho por mar para a India, e para o Novo Mundo. Inquestionavelmente nem Vasco da Gama teria dobrado o Cabo da Boa Esperança, nem Christovão Colombo teria descoberto a America sem os estudos preparatorios da escola de Sagres, sem os trabalhos do infante D. Henrique, e sem os padrões erigidos pelos primeiros navegadores no grande caminho do Oceano, pela descoberta de Porto Santo, Madeira, Açores, costa d'Africa, além

do Bojador e do archipelago de Cabo Verde. Em menos de um seculo Portugal conquistou 4:500 leguas de costa, tomou Ormuz na entrada do golfo persico, e Sacotora na boca do mar Vermelho, fechando assim contra os musulmanos e contra Veneza os antigos caminhos para o Indostão e para Indo China, e convertendo em seu proveito um commercio, que fôra estabelecido por mais de vinte seculos. Affonso de Albuquerque foi tão longe, que concebeu o projecto de fazer cahir o Nilo superior no mar Vermelho, com o fim de obstar a que o commercio seguisse o caminho anterior.

«A iniciativa das descobertas e trabalhos geographicos dos portuguezes abrem ás outras nações da Europa a estrada dos mares e dos caminhos desconhecidos. Tinha sido descoberta a arte da imprensa. Era o alvor da renascença e da reforma. Entramos já na historia moderna. Então depois de um periodo de gloria brilhante e rapida, começou para Portugal uma época de decadencia, que estava destinada a ser de mui longa duração. Carlos v e Philippe II dominam a Europa. Portugal não póde resistir: seu proprio governo desapparece por sessenta annos debaixo do jugo de Castella, periodo que, depois da restauração e independencia, os historiadores comparam ao captiveiro de Babylonia. Privado de sua liberdade, despojado de suas frotas e de seu predominio, o paiz de Vasco da Gama e de Affonso de Albuquerque contempla as outras nações da Europa vorazes e ambiciosas cahirem, como sobre uma facil presa, sobre suas vastas e remotas possessões na America, Africa e Asia.

«Em 1640, quando Portugal despedaçou o jugo dos hespanhoes e collocou sobre o throno a patriotica dynastia de Bragança, a ruina de seu antigo dominio estava consummada, e sua decadencia continuou por dois seculos, decadencia apenas interrompida pelos admiraveis esforços do grande marquez de Pombal. Comtudo, no seculo XIX, no tempo da resistencia aos exercitos francezes de Junot e Massena, os soldados portuguezes commandados pelo duque de Wellington provaram que debaixo da apparencia de uma nação decahida e moribunda havia um povo cheio de patriotismo, uma nacionalidade repleta de vida.

«Em 1820 Portugal faz uma revolução da maneira mais pacifica, o segredo da qual elle só conhece em taes circumstancias: proclama os principios de liberdade e egualdade politica, despede por um modo cortez e amigavel a regencia presidida por um general inglez que governava em nome do rei de Portugal, o qual tinha removido a séde do governo para o Brasil.....»

* * *

«Em 1851 não havia um só kilometro de boa estrada, exceptuando o caminho de ferro, nenhuma linha regular de vapores entre a metropole e suas ilhas e colonias. Os portos estavam obstruidos: havia uma completa carencia de pontes sobre seus numerosos rios e correntes, á excepção d'aquellas que tinham sido construidas em épocas remotas. O commercio estava n'um estado de estagnação por causa da falta de communicações; só havia dois estabelecimentos de credito, um em Lisboa e o outro no Porto. O correio sahia tres ve-

zes por semana de Lisboa, e as cartas eram transportadas em mulas. Jornadas da capital ás extremidades do reino eram mais demoradas e dispendiosas do que atravez da Europa, de Paris a S. Petersbourg: tal o estado em que um viajante contemplava Portugal em 1851.[1]

«Vinte e dois annos se passaram, e que transformação! 3:500 kilometros de estradas, continuando ainda a construcção em todas as partes do paiz. 715 kilometros de vias ferreas já em circulação. 131 mais ha pouco acabados de completar; e duas novas linhas agora começadas: mais de 200 pontes sobre os rios e ribeiros. 3:000 kilometros de telegrapho electrico, caminhos americanos e pelo systema de Larmanjat, aperfeiçoamentos nos portos do mar, creação e subvenção das linhas regulares de vapores de Lisboa para o Algarve, Açores, Madeira e colonias de Africa Occidental, construcção de alguns monumentos em honra dos grandes homens, e em commemoração de factos notaveis da historia antiga e contemporanea do paiz: taes são as mais importantes obras materiaes executadas n'estes vinte annos.»

1071) PORTUGAL (LE) *avant et après* 1846. Paris.

1072) PORTUGALLIÆ, *sive de regis Portugalliæ regnis et opibus commentarius.* Lugduni Batavorum, 1741. (Commentarios ácerca dos reinos e riquezas de Portugal.)

1073) PORTUGAL, *or the young travellers being some account of Lisbon and its environs, and of a tour in the Alemtejo.* London, 1830.

1074) PORTUGAL RESTORED, *or considérations on the successful struggle for the reestablishment of the constitutional system in that Country by the liberating army in* 1834, 8.º, folheto.

1075) PORTUGAL. *Traité d'amitié, de commerce et de navigation entre S. M. la reine de Portugal et des Algarves et S. M. le sultan, empereur des ottomans, signé à Londres le* 20 *mars,* 1843. Paris, 1844. 8.º, folheto.

1076) PRADO (D. JACINTO DE AGUILAR Y).

Escreveu uma relação da tomada da Bahia pelos hollandezes, obra que foi impressa em Cadix, Sevilha, Pamplona e Napoles, e da qual falla o sr. Varnhagen na sua *Historia das lutas com os Hollandezes no Brasil em* 1624 a 1654, pag. XXXI.

1077) PRATI (G.)

E.—*Amadeu VI di Savoia ossia il conte Verde. Conto Storico, fol.* Torino. Typografia esedi Bota. 1862. Poema dedicado a D. Maria Pia de Portugal.

[1] Quanto o viajante diz é pura verdade, e não faltando a ella podia carregar o quadro ainda um pouco mais.

Principia por uma ode dedicada á rainha de Portugal, começando da seguinte fórma:

Or che il celeste dono
Della tu man Tu fai,
E invidiata al trono
Di Lusitania vai,
Non par che al ceppo il Sole
Chiami i dispersi palmati
Di Lavinia prole.....

E o poema começa da seguinte maneira:

Oggi la violeta
A piè della sabauda alpe vapora,
E all' arduo sasso in vetta
Il solingo pastor canta l'aurora,
E fu gia tempo, che un garzon gentile,
Colla muta superba,
Pestó nel mattutino unido aprile
I fior selvaggi e l'herba
Su pel netio dirupo
La cavriola e l'aquila cacciando.

1078) PRAT (P.)

E.—*Histoire du bienheureux Jean de Brito, de la Compagnie de Jesus, missionaire du Maduré et martyr de la foi, composée sur les documents authentiques.* Paris, 1853.

«Á época a que nos encaminha nossa narração (os ultimos annos do seculo XVII) as missões dos jesuitas dividiam-se em duas provincias: a de Gôa e a do Malabar. A primeira comprehendia as missões de Maissour, Agra, Mogol, Thibet. A segunda abrangia as missões de Ceilão, Meliapor, Bisnagar, Golconda, Bengala, Maduré, Travancor, Zamorim, e finalmente a christandade de S. Thomé. Cada provincia era governada por um superior, de quem dependiam os superiores respectivos das missões, cada missão dividia-se em varios districtos confiados a outros tantos superiores dependentes do da missão. Mas todos obedeciam à jurisdicção dos arcebispos e bispos de Gôa, de Cranganor, de Cochim, de Meliapor ou de S. Thomé.»

1079) PREFUMO (ANTONIO).—Julga-se ser italiano, mas residiu por muitos annos em Lisboa, onde falleceu em 1857.

E.—I. *Grammatica da Lingua Italiana para os Portuguezes.* Lisboa, 1827. 4.º, 2.ª edição augmentada e corrigida pelo auctor. Lisboa, 1840.

II. *Diccionario Italiano e Portuguez, extrahido dos melhores Lexicographos antigos e modernos, contendo phrases italianas mais escolhidas e particularmente as que dão a conhecer a regencia dos verbos.* Lisboa. Typographia de Antonio José da Rocha. 1156 pag.

1080) PRESAS (D. JOSÉ).

R.—*Memorias secretas de la princesa del Brasil, actual reyna viuda de Portugal, la señora D. Carlota Joaquina de Bourbon, escritas por su antiguo secretario.* Bordeos, 1830. 8.º

1081) PREUX (LE).—Architecto.

Segundo dizem os jornaes, publicou em Paris uma collecção da maior parte dos modelos apresentados para o monumento de D. Pedro IV em Lisboa. Traz o retrato do imperador e uma biographia escripta pelo barão de Septenville. A obra é dedicada a D. Luiz, rei de Portugal.

1082) PRIERAC (DANIEL DE).

E.—*Observations sur un livre intitulé Philippe le Prudent, fils de Charles V, par D. Juan Caramuel de Lebkowitz.* Paris, 1610.

1083) PRIMERA RELACION *de los progressos que han tenido las catholicas armas de S. M. en la provincia de Alemtejo, gobernadas por el serenissimo señor D. Juan de Austria desde domingo 7 de maio que salió el exercito de la ciudad de Badajoz hasta miercoles 25 del dicho mez, vispera de la solemnissima fiesta del Corpus Christi que ganó a Ebora Ciudad.* Sevilla, 1663.

1084) PRISE (LA) *de sept vaisseaux espagnols par les portugais. Avec la lettre du roi d'Espagne écrite au roi de Portugal et la réponse.* Paris, 1641. 8.º, folheto. (C. M. B. I. P.)

1085) PRIVILIGES (THE) *of an Englishman in the kingdom and dominions of Portugal contained in the treaty of peace concluded by Olivier Cromwell.* London, 1736.

1086) PRIX (FELIX BERRIAT ST.)

Escreveu no tomo 31.º da *Nouvelle Biographie Universelle* de Firmin Didot a biographia algum tanto desenvolvida do nosso celebre Antonio de Gouveia, da qual não posso deixar de citar algumas passagens, como summamente gloriosas para o nosso compatriota:

«Antonio Gouveia, jurisconsulto celebre, philosopho e litterato estimavel, por seu nascimento pertence a Portugal; por seus trabalhos e ensino á França, onde passou a maior parte de sua vida. Veiu para Paris desde a edade de 22 annos, e aqui estudou debaixo da direcção de seu tio Diogo de Gouveia, regente do collegio de Santa Barbara. Foi depois regente em Bordeaux n'um collegio, de que era director André Gouveia, seu irmão. Sem pôr de parte seus trabalhos litterarios, estudou Direito em Toulouse em 1537, em Avignon, e principalmente em Lyon, onde seguiu durante tres annos a direcção de Emile Ferret. Ensinou philosophia em Paris de 1541 a 1544. Ramus começava então seus ataques contra a dialectica de Aristoteles. Gouveia mostrou-se zeloso peripatetico: tres mezes depois da publicação das *Animadversiones in Dialecticam Aristotelis* fez apparecer a refutação. A controversia fez impres-

são até sobre o parlamento. Francisco I chamou a si a questão, e auctorisou os dois adversarios a escolher cada um d'elles dois arbitros: Gouveia designou Pierre Danès e Francisco de Vicomercat: o rei encarregou Jean de Salignac de presidir á discussão. O presidente pendia visivelmente para Aristoteles: os dois arbitros oppostos retiraram-se, e Ramus foi condemnado por uma decisão que confirmou o pae das lettras. O talento de Gouveia deveu influir no resultado da lucta. Era segundo se expressava Scaligero, *um valente dialectico.* Em 1544 dirigiu-se para Toulouse, onde se abriu para elle a carreira do ensino do Direito. Nomeado professor em Cahors (1549) contrahiu matrimonio com Catharina Dufour, filha do presidente do parlamento de Toulouse. Em 1554 passou para a universidade de Valence; gosava então de uma grande reputação. Cujas, seu successor em Cahors o proclamava o maior de todos os interpretes do Direito romano (*quotquot sunt aut fuere).* Por isso apesar dos esforços do bispo de Valence, os habitantes de Grenoble attrahiram Gouveia á sua universidade no anno seguinte assegurando-lhe 800 libras de ordenado. Por causa da guerra sahiú de Grenoble e foi ensinar Direito na universidade de Mondovi, a qual foi dentro em pouco transferida para Turim. Nomeado conselheiro do senado de Turim, morreu n'esta cidade, por causa de uma indigestão de melão.

«A superioridade juridica de Gouveia nunca foi contestada, mesmo por seus contemporaneos. O presidente Favre, seu maior admirador, chegou a ponto de dizer que homem nenhum foi tão felizmente dotado para a jurisprudencia, como Gouveia. Gouveia, na opinião d'este illustre sabio, teria até excedido o proprio Cujas, se fiado excessivamente na força natural do seu genio não tivesse despresado o trabalho como inutil ou como proprio a rebaixar a idéa, que se fazia de sua capacidade. Este juizo concorda com a narração latina de Loisel, que viu Gouveia no anno de 1559 em Grenoble. Não se encontra na sua bibliotheca, diz este, nem tinta, nem pennas. Não se dá ao trabalho de consultar as obras dos outros: lê unicamente o texto que deve explicar, medita n'elle profundamente, ou deitado, ou passeiando. O supremo bem para elle é uma vida tranquilla, e abandonaria o professorado, se não tivesse necessidade do ordenado. Cujas, amigo de Gouveia, ficou espantado do seu talento, e disse: «Teria renunciado á interpretação do Direito romano, se Gouveia fosse capaz de se entregar a um trabalho serio, e não interrompido. Gouveia fallava tão bem o francez, segundo nos diz Scaligero, que se não teria podido adivinhar sua origem estrangeira. Suas lições attrahiram uma grande affluencia de ouvintes: em 1560 a cidade de Grenoble foi obrigada a tomar providencias para o alojamento dos estudantes, que as hospedarias não podiam receber. De Thou gaba os talentos litterarios e philosophicos de Gouveia, qualificando-o de *poeta elegantissimus* e de *summus philosophus,* etc. etc.» [1]

1087) PRODIGIOSO VOLCAN *de fuego que exhala en medio del mar*

[1] Uma biographia muito desenvolvida precede a edição das obras do nosso illustre compatriota feita em Rotterdam.

Oceano en frente de la isla de S. Miguel, una de las Terceras, y nueva isla que ha formado. Tuvo principio en tres de julio deste presente año de 1638. Madrid, 1638, Obra *muito curiosa* lhe chama T. Compans a pag. 172.

1088) PROFECIA POLITICA *verificada en lo que está sucediendo á los portugueses por su aficion a los ingleses, hecha luego despues del terremoto del año de* 1755. En la imprenta de la Gaceta.

Este é o primeiro rosto da obra, depois de um curto aviso do impressor em que diz ter gostado muito de ver como bem discorre o auctor sobre a causa das miserias de Portugal, segue-se o 2.º rosto da obra traduzida do francez com o seguinte titulo:

Discurso politico sobre las ventajas que puedem sacar los portugueses de sus ultimas desgracias, separando-se de los ingleses; y en el que se descubren los medios de que ha usado la Inglaterra para arruinar Portugal. Sieguese a este discurso una Relacion Historica del terremoto de 1755, *con una relacion por menor de la pérdida de hombres, iglesias, palacios, conventos, casas, muebles, mercadorias, diamantes etc. Año de* 1762. *Con licencia del rei nuestro señor.* En Madrid, en la imprenta de la Gaceta, 4.º, 126 pag. Ha uma edição feita no Mexico.

1089) PROSPER (AUGUSTE ST.). — Membre de l'Institut Historique, auteur d'un volume de *Dialogue des Morts*, et collaborateur du *Plutarque Français* et du *Dictionnaire de la Conversation*, etc.

E.—*Histoire d'Espagne, de Portugal, de Hollande et de Belgique, depuis les temps les plus reculés jusqu'en* 1838 *par* —. *Ouvrage orné de belles planches gravées, etc. et acompagné d'un Atlas géographique historique dressé sous la direction de A. Houzé, membre de la Societé de Geographie, etc.* Paris, 1839. 4.º, 499 pag.

1090) PROPOSITIO *facta celsis praepotentibus Dominis Generalibus Confoederatarum Provinciarum Belgii in concessu publico* 16 *augusti per D. Franciscum de Sousa Coutinho, Serenissimo Lusitaniae Regi a Consiliis illius Gubernatorem et capitaneum generalem insularum, quas Terceiras vocant, nec non status Brasiliae jam nominatum, atque in his confoederatis provinciis legatum ordinarium. Hagae comitis. Excudebat Johannis Breeckevelt typographus. Anno* 1647. 8.º, 12 pag.

Segue-se: *Naerdere propositie, gedaen dor de Heer ambassadeur van den Koning von Portugael, Francisco de Sousa Coutinho, etc. Op den* 15 *october* 1647. *Ter Vergaderingo van hare Ho: Mo: de Heeren Staten Generael der Vereenichde Nederlanden.* 3 folhas sem paginação. (M. S.)

1091) PROPOSITIONS *cathegoriques et dernière resolution de monsieur de Sousa de Macedo, ambassadeur de Portugal, touchant les differens du Bresil, imprimé l'an* 1651. 6 folhas. (M. S.)

1092) PROPOSITIE GEDEAN *by — de Commisearissen van de Vereenichde Nederlanden, aen de Koningin Regente van Portugael. Op 't subject van de schade, ende Injurien d'Onderdanen van selve Nederlanden aen ghedaen, ende op wat maniere haer den Oerloch aen gesecht, ende gedenunchlcerl is.*

Iten, een Brieff daer by sy haer beklaecht, ende versoecht dat alle verwarringe mochte by accommodatie wegh ghenomen ende den Oorlagh gecesseert weerden. Anno 1657. 8 pag. (M. S.)

1093) PRÉPOSITIONS *presentées par monsieur de Sousa de Macedo, ambassadeur de Portugal, lesquelles messieurs les Etats n'ont pas voulu recevoir, ny meme lire.* Imprimé a Leyden, 1651. 4 folhas. (M. S.)

1094) PURMEREND (CORNELIS CLAESZ).

E.—*Journal of the, etc.* (Diario e descripção de uma viagem ás Indias Orientaes.) Amsterdam, 1651. 4.° com estampas.

1095) PUIBUSQUE (ADOLPHE LOUIS DE).—Litterato francez.

Nasceu em Paris no anno de 1801.[1]

E.—*Le naufrage de Camoens. Ode couronnée par l'Academie des Jeux Floraux.* Paris, 1828. Ainda me não foi possivel encontrar um exemplar d'esta ode.

1096) PUENTE (D. JOSEPH MARTINS DE LA).

E.—*Compendio de las historias de los descubrimientos, conquistas, y guerras de la India Oriental, y sus islas, desde los tiempos del infante D. Enrique de Portugal su inventor, hermano del rey D. Duarte, hasta los del rey D. Felippe II de Portugal y III de Castilla, y la introduction del commercio portuguez en las Molucas, y sus operaciones politicas y militares en ellas. Hecha y anadida una descripcion de la India y sus islas, y de las costas de Africa, por donde se començó la navegacion del mar del Sur; sus riquesas, costumbres de sus gentes y otras cosas notables. Y dedicado al grande, al portentoso portuguez San Antonio de Padua. Por —.* Com privilegio. En Madrid, en la imperial. Por la viuda de Joseph Fernandez de Cuendia. Año de 1681. 4.°. 380 pag.

O auctor, apesar de hespanhol, não se mostra hostil aos portuguezes, o que é bem de admirar, principalmente n'aquella época; pelo contrario, tece nos pomposos elogios, como, entre outros, os que se encontram no prologo, onde diz: «Os triumphos lusitanos, para quem era theatro curto a superficie da terra, fogosamente impacientes buscavam as campinas extensas do mar, por não caberem em menores ambitos suas glorias. Quanto voaram e se elevaram sempre suas pennas em todas as sciencias, e quanto suas ensanguentadas espadas fulminaram nas batalhas, bem o celebram as historias, desde que o mundo necessitou do utilissimo e desvelado suor d'aquellas, e do sangrento afan d'estes. Digam no a Europa, Africa e America d'onde sempre eccoou galharda e vencedora sua fama. Porem onde mais heroicamente se ostentaram

[1] Vapereau — *Dictionnaire des Contemporains*, pag. 1486.

suas proesas (para que nem mesmo os ultimos confins da Asia ignorassem seu nome) foi no descobrimento, conquistas e guerras da India Oriental e em suas ilhas.»

Esta obra nada mais é do que uma resumida descripção da Asia, e uma breve historia das descobertas e conquistas portuguezas nos paizes orientaes.

1097) PYRARD (FRANCISCO DE LEVAL).

E.—*Viagem de —. Contendo a noticia de sua navegação às Indias Orientaes, ilhas de Maldiva, Maluco e ao Brasil, e os differentes casos que lhe aconteceram na mesma viagem nos dez annos que andou n'estes paizes* (1601 *a* 1611). *Com a descripção exacta dos costumes, leis, usos, policia e governo: do tracto e commercio que n'elles ha: dos animaes, arvores, fructas e outras singularidades que alli se encontram. Vertida do francez em portuguez sobre a edição de* 1679, *correcta e accrescentada com algumas notas, por Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.* Nova Goa, 1858. 2 vol.

É interessantissima a leitura d'esta viagem; por ella se vê quão assombrosa era a extensão da navegação e commercio portuguez na Asia, quão vulgar o conhecimento da lingua portugueza por aquellas regiões, e quão forte a guerra que promoviamos contra os europeus que ousavam entrar em nossos dominios ultramarinos.

«Fomos levados ao hospital de Goa,[1] não podiamos facilmente crer que alli era um hospital, porque pela apparencia mais inculcava um grande palacio, e comtudo por cima da porta estava um letreiro que dizia: *Hospital real.* Fizeram-nos entrar em uma grande portaria, onde ha muitas cadeiras e assentos para os doentes que chegam, e alli esperam que o medico, cirurgião ou boticario os visite para se saber se verdadeiramente estão enfermos, e de que enfermidade para os levarem aos logares que lhes são destinados. Alli pois fomos visitados com outros que lá estavam, e depois nos levaram para cima por uma longa escadaria de pedra, porque todos os doentes ficam em cima; e só os põem em baixo quando são muitos, o que acontece quando chegam as naus de Portugal.»

«Assim que nos foi destinado logar, um padre jesuita, director da casa, mandou que nos agazalhassem promptamente, o que foi feito, e nos trouxeram dois leitos, porque logo que um doente sae do hospital, levanta-se o seu leito, a que lá chamam esquife, com todo o seu apparelho. De sorte que não ha alli mais camas feitas do que doentes. As nossas foram promptamente apparelhadas.

«Os leitos são torneados, lacreados de lacre ou verniz vermelho, alguns pintados a côres, e outros dourados; o assento é forrado: os travesseiros são cheios de algodão, os colchões e cobertas de panno de seda, ou tambem d'algodão pintado de toda a sorte de figuras e de côres. Chamam aos colchões *guldins.* Os lençoes são de panno de algodão mui fino e branco.

«Veiu depois um barbeiro que nos rapou todo o cabello, e apoz elle um servidor com agua quente nos lavou todo o corpo, e nos deu calções, camisa

[1] Vol. 2°, pag. 3.

lavada, barrete e chinellas. Junto de nós poz uma bilha de barro com agua para beber, e um vaso de cama, uma toalha e um lenço de assoar, que se mudam de tres em tres dias. Não nos deram logo de comer, porque é mister esperar a hora ordinaria.

«É de notar que os superiores d'este hospital são portuguezes e os servidores canarins de Goá ou bramanes christãos, que dão de comer e servem os doentes com grande esmero, estando sempre junto d'elles, sem ousar desobedecer-lhes no que é rasão. Estes servidores recebem seu salario, e os officiaes portuguezes andam visitando de vez em quando a todos os enfermos, a vêr se lhes falta alguma coisa, ou se se obra contra a sua saude a qualquer respeito.

«É pois este hospital o melhor que na minha opinião ha no mundo, ou seja pela bellesa do edificio e suas pertenças, porque tudo está mui bem disposto e accommodado, ou seja pela boa ordem e policia que n'elle se guarda, limpesa que ahi ha, grande cuidado que se tem dos doentes, assistencia e consolação de tudo quanto se póde desejar, assim no que toca a medicos, drogas e remedios para restaurar a saude, e alimentos que se offerecem, como no que diz respeito á consolação espiritual que a toda a hora se póde haver. O edificio é mui amplo, jaz á borda do rio, e é sustentado pelos reis de Portugal com vinte e cinco mil pardaus (que vale cada um vinte e cinco soldos da nossa moeda franceza, e lá trinta e dois e meio) não fallando nos donativos e presentes que lhe fazem as pessoas qualificadas, o que é, segundo o estado da terra um grande rendimento para este effeito, visto que os viveres alli são mui baratos e mui bom o tratamento que n'elle se dá, porquanto os jesuitas que o administram mandam buscar até Cambaya e outras partes o trigo e abastecimento que é necessario. É, como digo, governado e administrado pelos jesuitas que alli teem um padre para este governo; os outros officiaes são portuguezes, excepto os servidores e escravos, que são indios christãos. Este padre jesuita é superior a todos os officiaes que são de todas as sortes como um grande mosteiro, competindo a cada um seu cargo especial, e até o porteiro entra na conta de official. Estes officiaes ralham muito com os doentes, e o reprehendem bem, quando vêem que fazem o que não devem, mas os servidores não ousariam dizer-lhes coisa alguma. Os escravos fazem todo o serviço baixo e pesado, e cada dia vão por todas as camaras dos doentes fazer o despejo, varrer e limpar tudo. Ha casinhas secretas com grandes vasos de louça para as necessidades dos doentes; e os escravos vasam tudo isso, limpam, lavam, enxugam a roupa, e fazem outros similhantes serviços no interior do hospital.

«Ha medicos, cirurgiões, boticarios, barbeiros e sangradores que se occupam só no hospital, e são obrigados a visitar duas vezes cada dia os enfermos. O boticario é um dos officiaes, e móra no hospital; e não assim o medico nem o cirurgião. Ás vezes é tão grande o numero de enfermos que, quando eu lá estive, chegou a haver até mil e quinhentos, tudo soldados portuguezes, porque alli não se aceitam os indianos, que teem um hospital apartado, que só para elles serve. Ha ainda outro hospital para mulheres, onde só estas são admittidas.

«Toda a agua que se bebe alli vem de Banguenim. Duas vezes no dia os servidores trazem grandes vasos d'ella, de que enchem as bilhas dos doentes, e estes bebem quanta querem. Cada doente tem junto de si a sua mesa, para pôr as coisas do seu uso.

«Os medicos, cirurgiões e boticarios visitam duas vezes por dia os doentes: ás oito horas da manhã, e ás quatro da tarde; e quando entram, tange-se uma sineta para advertir a todos; o que egualmente se faz ás horas da refeição. Os mestres cirurgiões e sangradores são assistidos de muitos ajudantes para applicarem os unguentos e medicamentos. Na hora da visita veem serventes com grandes braseiros, onde lançam muita copia de incenso e outros cheiros aromaticos.

«Ha noviços jesuitas, que vão pela cidade pedir e apanhar roupa velha de linho para provimento de fios do hospital, porque a roupa nova não é apta para isto. E com os cirurgiões na visita vão servidores com grandes cestos cheios de fios e pannos apparelhados para uso dos doentes. Os padres jesuitas teem tomado este hospital a seu cargo, o que elles desempenham mui dignamente; e se estivera a cargo de outros, mal poderiam imital-os, ainda que tivesse dobrado rendimento do que agora tem. N'este hospital ha camaras destinadas para cada enfermidade, e toda a gente que alli vae é infallivelmente revistada para se saber se leva aos doentes alguma coisa de beber ou de comer damnosa á sua saude. Tambem se não entra alli com armas, mas é mister deixal-as á porta.

«Quem vae ao hospital a visitar seus amigos, só lá entra desde as oito horas da manhã até ás doze, e de tarde desdé as tres até ás seis. Póde comer com elles, e quando os serventes veem que um amigo vem visitar algum doente, trazem mais alguma coisa além do que ordinariamente se dá ao doente. Dão tanto pão quanto se pede. Os pães são pequenos, e ás vezes trazem ao doente tres ou quatro, não podendo elle de ordinario comer mais de um; e que seria desperdicio, se os pães fossem maiores, porque um pão encetado não volta segunda vez. O pão é mui delicado e fabricado pelo padeiro da cidade por arrematação. Vinho é coisa de que se não falla no hospital. Nunca se apresenta menos de meia gallinha assada ou cosida, ou ainda uma gallinha inteira; e se o doente tem necessidade de mais, mais se lhe dá. Não ha alli capões. Os doentes são assistidos e tratados com todo o esmero e delicadeza que dizer se póde. Mudam-lhe toda a roupa branca, de tres em tres dias, e é ella de algodão mui fino.

«Pela manhã, ás sete horas, serve se aos doentes passas com pão alvo de trigo e arroz, que vem de Cambaya e Surrate; bebem agua e não ousariam beber vinho. Ás dez horas vem o jantar, conforme ao que o medico tem ordenado, e ordinariamente é gallinha cosida ou assada, com doce por sobremesa. Ás cinco horas trazem a ceia. Dão-se aos doentes excellentes caldos feitos de diversas sortes de carnes cosidas com *bendés*, que é um fructo refrigerante do tamanho dos nossos pepinos. Estas carnes, sejam de carneiro, gallinha ou frangão, são bem temperadas com arroz. Comem carne todos os dias, salvo os que desejam comer ovos e peixe nos dias de abstinencia, porque dá-se-lhes o que

elles pedem, e que não seja prohibido pelo medico. Quando este vae fazer a visita é acompanhado de grande numero de escreventes. Primeiramente o boticario toma o nome d'aquelles a quem deve dar alguma coisa do seu officio, e depois o que a cada um ha de dar. Outro tanto fazem o cirurgião, barbeiro, escrivão da cosinha, o qual vae todos os dias ver os doentes, escreve os seus nomes, e o que elles desejam comer; e tudo fielmente lhes é trazido; e não ha um só que á hora costumada não tenha a sua ração.

«Toda a louça de mesa é de porcelana da China. Depois de jantar, os officiaes portuguezes perguntam em voz alta nas camaras se todos tiveram a sua ração, e o mesmo fazem depois da ceia. Todos os doentes são agasalhados á parte, cada um segundo o seu mal, e até os utensilios são separados segundo a sua especie em quartos apartados; e d'esta maneira todas as camas dos doentes estão em um deposito geral enroladas; n'outro logar todos os travesseiros, n'outro todo os colchões, cobertas, lençoes, camisas e outras roupas do uso do hospital. Ha grande provimento de calções, sem o que nunca se deitam a dormir os portuguezes da India; e esses calções descem até aos pés, porque todas as suas camisas são mui curtas, e não passam do meio da coxa. Ha tambem logares apartados para as chinellas, vasos e bacias de diversos usos. As camisas, calções, chapeus, sapatos, ceroulas, capas e roupões que dão aos que sahem curados, tudo tambem está separado. De cada uma d'estas coisas ha tão grande copia, que seria impossivel tel-as arrumadas, se não estivessem assim apartadas. O mesmo é para os viveres e provimentos; e cada deposito tem um guarda com sua chave, que tudo lança em escripto, e dá contas ao escrivão principal, que faz assentos de tudo, incluindo mesmo os doentes, seu nome e o dia em que entram e sahem. Ha um thesoureiro para o dinheiro; e de tudo se dá conta ao padre jesuita, que as não dá a ninguem.

«O escrivão faz assento de todo o oiro e prata, roupa, fato e outras coisas dos doentes, e esse assento se faz em presença do padre e dos outros officiaes; e de tudo se faz um fardo com seu bilhete, e se põe em quartos á parte. Manda-se lavar toda a roupa suja que trazem os doentes. Os que teem posses dão alguma coisa aos servidores, se é de sua vontade; e de tudo se lhes dá lembrança quando sahem. De nada do que pertence aos doentes se usa no hospital, e se o doente morre, tudo é levado á Misericordia. Se fez testamento, são os officiaes d'esta os seus executores; e se não ha testamento, guardam o espolio até haver novas dos herdeiros, dispondo a Misericordia de uma parte da roupa e fato em esmolas a outros pobres. Duas vezes por dia se faz a limpeza dos doentes, assim como de todo o hospital. Ha dois jesuitas que não fazem mais do que ir alli confessar e consolar os enfermos, e administrar-lhes os sacramentos; e dão-lhes contas de resa. Todos os dias se diz missa no hospital: em summa, nada falta alli do que é necessario. Os doentes estão deitados cada um n'uma grande cama á parte, separadas umas das outras o espaço de dois pés. A cama compõe-se de varios colchões de algodão e tafetá, uns sobre os outros, em leitos baixos, pintados de todas as côres.

«As doenças da terra mais communs são febres ardentes e dysenterias, além das molestias venereas, que tambem são mui ordinarias, mas sómente

onde ha portuguezes, e não em outra parte da India. Se os doentes morrem, e deixaram alguma coisa na mão do padre jesuita, isso e o seu fato é entregue aos officiaes da Misericordia, que é obrigada a fazer-lhes um enterro honesto, ainda que o defuncto não haja ou não tenha deixado meios para o fazer.

«Se o doente recobra saude, o padre jesuita dá uma andaina completa de vestuario a cada um dos que sahem do hospital, se d'isso tem necessidade, e um pardau, que vale trinta e dois soldos e meio. E ainda gente mui rica prefere entrar no hospital, por ahi ser melhor tratada que em sua casa, como de feito é.

«Todos os annos sahem d'este hospital mais de mil e quinhentos corpos mortos, e entra infinito numero de doentes. E quando vem as naus de Portugal chega a haver n'elle mais de tres mil, e o menor numero que ha é o de trezentos ou quatrocentos. Só os portuguezes e christãos velhos podem alli ser admittidos e tratados Verdade é que os judeus passam por portuguezes, posto que sejam christãos novos. Toda a gente que lá está com os portuguezes, e que vae d'estas partes, e lá chamam *homem-branco*, velhos christãos, são acceitos no hospital. Não assim as mulheres, que nenhuma lá entra, nem sã nem doente. Os domesticos, sejam homens, mulheres ou creanças, não são acceitos, nem ainda os servidores portuguezes. Ha para elles outros asylos, se são pobres. No hospital real só se admittem os *soldados*, que quer dizer homens não casados. Porém, ainda que não sejam casados, se forem pessoas de familia ou servidores não são acceitos. Entram n'elle muitas pessoas nobres, porque isto não é havido por deshonra, e estes hospitaes só foram estabelecidos nas cidades da India para os soldados aventureiros. Ás vezes são os doentes visitados pelo arcebispo, vice rei e fidalgos, que dão grandes sommas de dinheiro. E ninguem ha que não sinta grande contentamento em ver um logar tão bello, onde todas as camaras são limpas e brancas e limpas como papel; e as galerias bem pintadas com passos da sagrada escriptura.

«Ha alli duas egrejas o mais bem paramentadas e enriquecidas que se póde vêr. A maior festa que n'ellas se faz é a de S. Martinho. N'esse dia faz-se em Gôa uma procissão geral.

«Todos os portuguezes e mestiços, que tem alguma doença, ainda que seja secreta, se desejam curar-se e tratar-se no decurso do dia n'aquelle hospital, quando os cirurgiões alli estão, são livres de o fazer sem paga ou despesa alguma. Os doentes, logo que estão curados, são despedidos; comtudo se algum deseja estar por mais algum tempo, basta que diga que ainda se não sente de todo restabelecido. As febres continuas são alli curadas promptamente por meio da sangria, de que fazem uso continuado emquanto sentem uma ponta de febre. Os indios gentios não usam da sangria. Quanto á siphilis não é havida por nota de infamia, nem parece mal, tel-a muitas vezes, antes fazem d'isso grande gala. Curam-n'a com suores, com raiz de quina. Esta enfermidade só a ha entre os christãos, e a receiam menos que a febre ou desynteria. Reina alli outra doença, que vem subitamente, e lhe chamam *mordechi*, a qual vem acompanhada de grande dôr de cabeça e vomitos: os doentes gritam muito, e a maior parte das vezes morrem. É tambem aquella gente mui

sujeita aos envenenamentos e feitiços, de que vem a morrer extenuados. Á chegada das naus de Portugal o maior numero de enfermidades é de escorbuto e ulceras nos pés e nas pernas. Quando algum doente tem tomado laxante ou está fraco, ha servidores que lhe assistem para o levantar e mover Estes servidores são indios christãos mui limpos e aceiados, mui compassivos e carinhosos, porque se algum fosse aspero para com os doentes, seria logo expulso da casa. O systema de medicina que alli se usa é o mesmo que em Hespanha. É grande honra ser medico d'este hospital, e ordinariamente o é do vice-rei, que vem de Portugal. O padre jesuita, que tem a superintendencia da casa, está n'ella emquanto apraz á companhia e o julgam capaz; serve por dois ou tres annos pouco mais ou menos. São os mesmos jesuitas que enviam alli e mudam frequentemente os padres espirituaes; mas o padre superior do hospital tem ao mesmo tempo a administração temporal e espiritual, e governa sobre todos.

«Quanto ao edificio é elle grande e amplo, com muitas galerias, porticos e jardins de boas ruas, onde os convalescentes vão tomar ar, porque os mudam de logar logo que entram em convalescença, e ficam todos em separado dos doentes. Em todo o hospital ha de noite luzes de lanternas e velas, mas usam mais de lanternas, porque as vellas são de cera. As lanternas são feitas de cascas de ostras, de que alli se servem em vez de vidraças, nas egrejas e casas de Gôa. No meio d'este hospital ha um bello e grande pateo calçado, e n'elle um grande poço onde ás vezes os doentes vão tomar banho.

«Os portugezes e mestiços de boas familias, quando estão doentes, e padecem necessidades, são tratados em suas casas pela Misericordia.

«Ha outros hospitaes para os pobres da cidade onde só são recebidos os judeus christãos. Na cidade ha mais dois hospitaes, um para mulheres e outro para homens; mas ambos fazem um só, sendo sómente separados emquanto aos sexos.

«Os portuguezes ou mestiços pobres nunca vão mendigar, mas enviam memoriaes ás pessoas ricas; e as mulheres vão em palanquins ao palacio do vice-rei, do arcebispo ou dos fidalgos principaes, e fazem apresentar os seus requerimentos e memoriaes.

«Em summa, seria impossivel dizer todas as outras particularidades do interior, e a boa ordem e policia, que se guarda n'este admiravel hospital. Até se alguem tem por costume purgar-se ou sangrar-se todos os annos, ainda que não esteja doente, vae alli, e será recebido durante o tempo de sua purgação. Mas tornando aos meus companheiros e a mim, depois que fomos levados e recolhidos no hospital, ao seguinte dia o capitão-mór da armada mandou tambem para alli o outro nosso companheiro, posto que toda a sua doença não passava de fadiga, não julgando conveniente mettel-o só. Fomos entregues todos tres ao padre jesuita com prohibição de nos deixar sahir sem dar primeiramente conta ao capitão-mór. O padre não ousou declarar-nos que nós estavamos presos sob sua guarda, receioso de nos magoar, e nos consolava em tudo quanto podia, dando-nos o mesmo tratamento que aos mais portuguezes; se bem que não pareceria bem tratar a um melhor que a outros,

porque a regra é serem tratados por egual e sem preferencia, assim no que toca aos alimentos, como aos medicamentos, e outras coisas, sendo alli cada um servido no logar que lhe cabe, sem differença dé grandes a pequenos. Como nos vimos tão bem tratados, julgavamos estar já em liberdade, de sorte que passados vinte dias, começando eu a sentir-me melhor, adverti ao padre dizendo que, como eu, graças a Deus, ia melhor, desejava sahir com um dos meus companheiros. Mas o padre nos perguntou que pressa tinhamos, e disse que esperassemos que o outro nosso companheiro fosse curado, o que na verdade botava longe, porque esteve mais de tres mezes antes que se restabelecesse. Nós, porém, não entendiamos a causa porque o padre nos fallava assim, e era que queria dar antecipadamente conta a quem nos havia posto em suas mãos; e ainda porque sabia bem que sahindo d'alli nós não seriamos tão bem tratados, por isso ia sempre dilatando a nossa sahida, apesar de nossas instancias, filhas do desejo que tinhamos de ver aquella bella cidade, de que ouviramos contar tantas grandezas. Tendo elle pois dado conta ao capitão mor, no fim de cinco ou seis dias chegaram dois *meirinhos* com seus *peões*, e o padre jesuita veiu a nós e nos disse: «Meus irmãos, levantae-vos; e pois que tendes tão grande desejo de sahir d'esta casa, podeis fazel-o; acompanhae-me.» E nós mui alegres o seguimos, e elle deu a cada um dos dois (porque o outro ficava ainda mui enfermo) ceroulas, gibões, capas, sapatos, chapéo, duas camisas, dois calções novos (elles não usam meias, porque as ceroulas, chegam até aos pés) com uma moeda de *pardau*, que vale lá trinta soldos e meio, que fazem vinte e cinco soldos de França. Deu-nos tambem de almoçar, posto que o não queriamos pela pressa que tinhamos de sahir. Por fim, tendo-nos lançado a sua benção, despedimo-nos d'elle, agradecendo-lhe todo o bem que nos havia feito. Parecia-me que o padre tinha dó de nós, porque nos consolava quanto podia. Quando, porém, descemos a escada principal, topámos com os dois meirinhos que tinham o mandado na mão, armados de alabardas e partazanas, os quaes tomaram logo posse de nós e nos levaram comsigo tratando-nos mui asperamente. O modo de levar os prèsos é ir diante o meirinho com a sua *vara*, e detraz os *peões*, que seguram as duas pontas da corda com que o preso vae amarrado. Pensae agora o nosso espanto quando apoz uma tão curta alegria nos vimos entre as mãos dos diabos d'estes cafres mais negros que carvão. Eis como sahi d'este hospital, onde ainda de outra vez estive doente por espaço de quinze dias. Fomos, pois, assim levados á prisão a que chamam *sala*: é o logar mais sujo e sordido que ha no mundo, segundo o meu parecer. Ha quatro prisões geraes em Goa, afora outras particulares. A primeira é a da Santa Inquisição; a segunda a do Arcebispo, proxima á sua residencia. A terceira o Tronco, que é junto ao palacio do vice-rei, a maior e principal de todas: tem vasto alojamento para toda a sorte de presos. Ha n'ella todos os mezes uma audiencia geral, a que a maior parte das vezes assiste o vice-rei. É como entre nós a *Conciergerie*. A quarta é aquella aonde fomos levados, e serve como de auxiliar da antecedente. Estas prisões de Goa não são tão crueis como as de Cochim.

«A prisão aonde nos levaram é na cidade, proximo do rio, e chama-se a

prisão do vedor da fazenda, o qual tem a sua casa de morada fóra da cidade, tambem junto ao rio. O meirinho da prisão ou carcereiro nos assentou no seu papel á ordem do *ouvidor do crime.* O carcereiro e sua mulher eram mestiços. O carcereiro, tendo-nos perguntado quem eramos, e sabendo que eramos francezes e catholicos, disse-nos que não estivessemos tristes, e que nos não deixaria na sala com os outros. Esta sala é onde todos os escravos das galés e outra gente vil est ão juntos, ás vezes duzentos e trezentos com grande infecção. Está no alvedrio do meirinho da prisão ou carcereiro metter toda a gente indifferentemente n'esta sala; e as pessoas de qualidade dão dinheiro para ficarem em outros logares apartados, que são dois, um para os gentios e mouros, e outro para os christãos. O carcereiro não faz este favor senão por dinheiro, aos estrangeiros como nós, que fomos por elle tratados com muita cortezia e liberdade, a não ser que tinhamos de dormir de envolta com a chusma de escravos e condemnados ás galés, que traziam ferros aos pés. Havia na sala lanternas accesas, e de uma banda estava o aposento do meirinho ou carcereiro, e da outra banda junto da porta da sahida estava o filho d'elle com seus servidores escravos de vigia, porque a prisão não é forte. Havia dois sinos n'estes dois extremos para por elles se saber se algum dormia, porque quando o pae tangia o sino, o filho lhe respondia com outras tantas badaladas. De todos estes forçados se fazem duas esquadras para se revesarem na vigilancia nocturna, e se guardarem a si proprios, e toda a noite não fazem outra coisa mais que bradar e responder a dois e dois O primeiro brada o mais alto que póde: *vigia, vigia;* e os que estão n'essa hora de sentinella, que são até dez, lhe respondem uns apoz outros, e se tardassem um pouco, os escravos da prisão viriam logo bater-lhe. De sorte que fazem toda a noite a maior algazarra do mundo, o que junto com o grande calor impede tomar o minimo repouso. Ás nove horas da noite cantam por espaço de uma hora em voz alta, em portuguez, toda a sua resa e orações. A mulher e as filhas do carcereiro nos tratavam com muitos mimos, nos davam de comer e de beber, sem que elle o soubesse.

«Os presos são ajudados das esmolas de algumas pessoas de qualidade, e os officiaes ou irmãos da Misericordia vão visitar uma vez cada mez a todos os presos; os pobres, que estão no seu rol, assim como as viuvas e orphãos são sustentados á custa d'esta confraria. Aos christãos velhos dão esmola grossa, e aos novos christãos ou indios pequena. O pae dos christãos, que é um padre jesuita, tambem vem a visitar os presos e dar-lhes esmola, mas não é todos os dias. O regimento de el-rei de Portugal é sustentar todos os prisioneiros de guerra e estrangeiros, mas os officiaes divertem o dinheiro destinado a isto. Dá-se seis pardaus por mez a cada preso, como os soldados teem de soldo, o que monta quasi a nove libras e quinze soldos da nossa moeda franceza, e chega para mais do que aqui dez escudos. Fizemos a nossa petição para nos darem o que el-rei mandava dar, e foi dirigida por mão do meirinho da sala, que a apresentou ao vedor da fazenda, e este a despachou; mas tudo isto consome excessivo tempo, pelo grande numero de officiaes, por cujas mãos deve passar, de sorte que não podemos haver o nosso dinheiro senão seis dias antes de

sahirmos da prisão; e com medo que nol-o furtassem dêmol-o a guardar á mulher do carcereiro, fazendo com ella concerto de uma tanga por dia para nos dar de comer a mim e a meu companheiro. Uma tanga vale lá oito soldos e aqui cinco. Tratava-nos ella muito bem, mas quiz a nossa desgraça que sendo postos em liberdade, passados cinco ou seis dias, como nós lhe pedimos o resto do nosso dinheiro, respondeu-nos que se o queriamos, o fossemos comer e beber lá dentro, mas o vedor da fazenda sobre uma simples queixa que lhe fizèmos nos mandou restituir tudo, e sem embargo d'isso perdemos ainda uma boa parte que lá ficou.

«Acertou porém de se achar alli um capitão castelhano, unico que lá vi, que teve dó de nós e do mal que se nos fazia, de sorte que nos disse que nos compensava da nossa perda, e em sua casa nos daria o dinheiro que faltava na conta. Declarou que era hespanhol, e não portuguez, e que se chamava D. Pedro Rodriguez. Regressou a Portugal um anno depois. Passado porém um mez do que acima digo, um cafre, escravo de um sujeito com quem aquelle capitão havia tido uma disputa, deu-lhe por detraz uma grande pancada de bambú na cabeça; mas elle, sem se perturbar, nem perder tempo, puxou do seu punhal, matou o cafre, e logo se recolheu a uma egreja, pelo que foi perdoado no fim de duas horas. Mas por isto, e ainda mais porque os hespanhoes não são alli muito bem acceitos, viu-se obrigado a voltar para Hespanha.

«O modo como sahimos da prisão foi este: depois de alli estarmos quasi um mez, veiu á prisão aquelle pae dos christãos, jesuita, chamado Gaspar Allemão. A Companhia de Jesus tem encarregado este padre de solicitar o livramento e liberdade dos presos christãos; e para esse fim vem visitar muitas vezes os presos, para saber se ha alli alguns christãos, ou que se queiram fazer christãos, e solicitar logo do vice-rei, da justiça ou das partes o que cumpre a sèu livramento. Tendo pois este padre vindo á prisão, e pelas perguntas que me fez, reconhecido que eu era christão e francez, disse-me que tivesse paciencia, e que brevemente seria posto em liberdade, e advertindo-me que havia alli um padre jesuita, tambem francez, da cidade de Rouen, chamado Estevão da Cruz, que estava no collegio de S. Paulo de Gôa, ao qual padre escrevi, e elle veiu procurar-me no seguinte dia. Alegrou-se de me ver, consolou me, favoreceu-me com algum dinheiro, e me disse que se empenhava com o seu superior para que fallasse ao vice-rei a favor da minha liberdade, como se fosse seu proprio irmão.

«Este padre apresentou a sua supplica ao vice-rei, que de nenhuma sorte queria vir em dar um despacho favoravel, e a principio rompeu em grandes ameaças, dizendo que eu incorrêra na pena de morte por haver ido áquellas partes contra os decretos do seu rei e contra os capitulos da paz feita entre os reis de França e Hespanha, que não podia pôr-me em liberdade; mas que me enviaria preso a el-rei de Hespanha para mandar de mim o que fosse servido. Porém o bom padre jesuita usou de tanta importunidade por espaço de um mez, que a final fui posto em liberdade; e no entretanto não cessava de vir visitar-me todos os dias, e me assistia em tudo que eu havia mister.

«Depois que sahimos da prisão, iamos comer e beber com os soldados, ora

aqui, ora alli, a casa dos fidalgos, de sorte que nos não custava nada o sustento, porque estavamos no rol dos soldados. Estive pois em Gôa com os portuguezes por espaço de dois annos, recebendo paga de soldado e indo a varias partes em suas expedições, tanto ao longo da costa do norte até Dio e Cambaia onde estive, e me demorei, como até ao Cabo Comorim, e ainda até á ilha de Ceilão.

«A ilha de Gôa tem de circuito quasi oito leguas, e ha n'ella sete fortalezas que guardam os passos. É cercada de um rio, que vem do reino de Dealcão, e vae cahir no mar a duas leguas da cidade, passando pelo pé d'ella.

«N'esta ilha os portuguezes teem fabricado uma mui bella cidade do nome da ilha chamada Goa, que tem legua e meia de circuito, não contando os arrabaldes, e encerra quantidade de fortalezas, egrejas e casas fabricadas a modo da Europa, de mui boa pedra, e coberta de telhas. Ha quasi cento e dez annos que os portuguezes se senhorearam d'esta ilha de Gôa, e muitas vezes me espantei de como em tão poucos annos elles teem podido levantar tantos e tão soberbos edificios de egrejas, mosteiros, palacios, fortalezas, e outros ao modo da Europa, e outro sim da boa ordem, regimento e policia, que tem estabelecido, e do poder que ahi tem adquirido, pois tudo alli se guarda e observa como se fôra na propria Lisboa.

«Quanto á multidão de povo é maravilha o grande numero que ahi vae e vem todos os dias por mar e terra a tratar toda a casta de negocios. Os reis da India, que teem paz e amisade com os portuguezes, quasi todos teem embaixadores ordinarios e muitas vezes extraordinarios, que vão e vem para entreter a paz, e outro tanto fazem os portuguezes da sua parte. E no que toca aos mercadores, que continuadamente vão e veem das partes do Oriente, parece que é todos os dias uma feira de toda a sorte de fazendas que são objecto de mercancia, porque mesmo d'aquelles reinos e terras que estão de paz com os portuguezes, não deixam de vir a Gôa as mercadorias e fazendas por meio de outros mercadores amigos que lá vão comprar. E ainda por muito inimiga que alguma gente da India seja dos portuguezes, se d'elles quizesse tomar passaporte e seguro, poderia vir livremente a suas terras; mas de ordinario não se querem abaixar e preferem ir a outras partes.

«Todos os que sahem da ilha para a terra firme a tratar os seus negocios, ou para provimento de viveres e outras coisas necessarias, se são indios e canarins de Gôa, quer sejam homens, mulheres ou crianças, é mister que vão a casa do capitão da cidade para receber o seu sello ou signal, o que se faz imprimindo-se-lhe na parte superior dos braços, que trazem nus, o sinete molhado em tinta, e na passagem os que estão á porta, depois de verem o signal, apagam-no, e deixam-no passar; e em cada um d'estes dois logares se paga um basaruco. Quando recolhem tomam o mesmo signal do capitão da fortaleza, e por este meio sabem o numero de pessoas que entram e sahem, porque em todas as passagens ha escrivães que fazem d'isso assento. E d'este meio se servem tambem para descobrir se os que saem, são accusados de roubos ou mortes, ou são fugidos das prisões, ou teem commettido algum outro crime. A entrada a ninguem é vedada, isto é sendo pessoa natural da terra firme;

mas se fôr estrangeiro, será preso. Aos portuguezes não é de fórma alguma permittido passar á terra firme, salvo tendo sua familia em Gôa, de modo que não vão servir os reis da India.

«É coisa admiravel vêr a grande multidão que pelos caminhos vae e vem como em procissão. Só os christãos podem trazer armas. Todas as fortalezas são bem guarnecidas de artilheria.

«Quanto aos estrangeiros ha os actuaes senhores da ilha, que são os portuguezes, os quaes deixam morar n'ella os antigos habitantes em toda a segurança e franqueza, e segundo a lei não os podem fazer escravos como aos outros povos, porque alcançaram este privilegio d'el-rei. Os outros estrangeiros são indios que alli moram com permissão dos portuguezes, e aquelles que não são christãos, pagam tributo por suas pessoas. Christãos velhos, além dos portuguezes ha mui poucos castelhanos, mas muitos venezianos e outros italianos, que ahi são mui bem acceitos; ha tambem allemães flamengos, grande numero de armenios, e alguns inglezes, mas nada de francezes, salvos aquelle padre jesuita, de que já fallei e um Loreno, e outro Vallon, que ahi vi. Dos povos da India, não christãos, que são ahi em grande numero, ha baniares de Cambaya e Surrate, e bramanes. Ouvi muitas vezes dizer aos bramanes de Calecut que a ilha de Goa era d'elles, de sorte que por isso são grandes inimigos dos portuguezes, e assim os que d'entre elles teem honra e brio não querem estar onde governam portuguezes que os maltratam e despresam muito, e por esta rasão a maior parte foram morar em Calecut, onde estão em segurança e liberdade.

«De escravos ha em Gôa um numero infinito, e de todas as nações da India, e fazem d'elles grande trafico. Mandam-nos a Portugal e a todas as partes onde dominam. Roubam as creanças e escondem-n'as, assim grandes como pequenas, cada vez que podem, ainda que seja de nações amigas e com que estejam em paz, sem embargo de ser defenso fazer taes escravos; mas não deixam por isso de os apanhar ás escondidas e vendêl-os.

«A cidade de Gôa não é mui fortificada, os muros são fracos, e só é forte da banda do rio. Tem de extensão meia legua, com muitas portas, cada uma guardada por um porteiro, que são homens cançados, a quem se dá este cargo em recompensa durante sua vida. Entre a cidade e a borda do rio ha tres grandes praças ao longo d'agua, separadas entre si e fechadas com bons muros que se continuam com os da cidade, e entram muito pelo rio dentro, de sorte que se não pode entrar n'ellas nem sair senão pelas portas (onde os portuguezes apalpam toda a gente) ou por agua em bateis. A primeira d'estas praças que se encontra, quando se chega á cidade, vindo do mar, da banda do occidente, é a maior e mais rica, e lhe chamam Ribeira grande, e d'ella se entra na cidade por duas portas. É mui bem ordenada, e tem alguns terraplenos e tranqueiras com artilheria para defender o rio. Quem alli governa é o vedor da fazenda, que tem n'ella bellos e fortes aposentos, nos quaes ha uma porta do lado da cidade e outra do lado do rio; e só elle tem este privilegio; e todas estas portas ficam fechadas de noite, não por temor do inimigo, mas dos ladrões da cidade.

«Este vedor é o intendente de todos os negocios da fazenda e de tudo quanto em Gôa se faz, assim no que toca á guerra e armadas, como a todos, os outros negocios, porque é elle á segunda pessoa abaixo do vice-rei. Defronte dos aposentos do vedor na mesma praça ha uma bella egreja da invocação das Cinco Chagas, e bem e ricamente ornada, e n'ella ha dois padres sómente. No adro d'esta egreja ha um espaço bem fechado com grades, onde todos os dias o dito vedor e mais officiaes d'el-rei estão sentados ao redor de uma mesa para despacho de todos os negocios que occorrem. Porque todos esses officiaes, e principalmente os que teem a cargo os negocios do apercebimento das armadas moram alli, e todos os aposentos e edificios pertencem ao rei, e os officiaes moram alli emquanto servem seus cargos.

«É n'esta ribeira ou praça que se bate a moeda, que se funde a artilheria, e outras ferragens proprias para os navios das armadas e dos mercadores. É maravilhoso o numero de artifices que alli trabalham em toda a sorte de obras, sem guardar festas nem domingos, dizendo que é para serviço de el-rei, e cada uma d'estas officinas tem um mestre principal, a que sobre o nome de officio acrescentam a designação de mór, o qual é portuguez e tem só por obrigação mandar aos officiaes da sua arte, como carpinteiros, ferreiros, patrões, calafates, bombardeiros, fundidores e outros que são indios pela maior parte. Recebem pagamento aos domingos pela manhã, e n'esse dia trabalham só de tarde. É a mais bella coisa do mundo ver o grande numero de navios que ahi ha, assim no porto, como varados em terra.

«D'alli caminhando para oriente vae sair-se perto do hospital real da cidade, e entra-se em outra grande praça tambem fechada, que está entre o dito hospital e a ribeira, e serve sómente para desembarcação dos pescadores e para embarcação e desembarcação de toda a mais qualidade de gente. Chama-se este sitio o caes de Santa Catharina, e tambem basar de peixe, porque alli se desembarca e vende. Este caes é mui commodo quando chega a armada de Portugal, porque logo que os doentes teem sahido em terra, acham-se junto da porta do hospital, cujas paredes fecham a cidade d'esta banda.

«Mas quando chegam os navios de Portugal é maravilha ver o concurso de gente de toda a sorte que se apinha n'este caes, assim escravos, como outros christãos, canarins, cafres e outros gentios, carregadores e mariolas, que lá chamam boye, e servem para levar qualquer fardo pesado que é mister porque não usam de carretas, mas carregam tudo ás costas com bambus, que são cannas da grossura de uma perna. Estes boyes, quando vão carregados vão sempre cantando certas canções por perguntas e respostas, e caminham sempre a correr. Todas as ruas estão cheias d'estes homens promptos para todo o serviço, ou seja para levar sombreiros e palanquins ou outra qualquer coisa que se queira, e acham-se em certas encruzilhadas. Esta praça é pois para toda a gente, sem differença.

«Mas a outra ribeira ou praça que se lhe segue, é mui bem fechada toda ao redor até muito ávante pela agua dentro, e se chama á *Ribeira das galés*, porque é o logar onde estão as galés de Gôa, que são do feitio das de Hespanha e Italia, mas não ha alli mais que tres ou quatro. Esta praça é bem construida

e provida de tudo quanto é necessario assim para os mestres, officiaes e armamento das ditas galés, como para os forçados, que todos alli estão, excepto alguns que ha na prisão da sala, para serviço d'ella, os quaes não sahem ao mar senão em caso de grande necessidade. As portas são guardadas por porteiros, e ninguem alli entra sem ter lá negocio. O logar é mui bello e espaçoso, e o vice-rei desce para elle por uma pequena porta do seu palacio, para alli embarcar sem ninguem o ver. A porta d'esta ribeira é proxima da grande porta da cidade, a qual está logo abaixo do palacio do vice-rei. Todas as mercadorias que se embarcam nas naus e navios que vão para Portugal alli se hão de embarcar, e o vedor da fazenda tem alli uma pequena casa á borda d'agua, e vae e vem aos ditos navios para ver, tomar conta e registar tudo quanto se embarca. Todos os caes são bem construidos, e a maior parte tem degraus de pedra.

«D'alli entrando na cidade, á mão esquerda estão os armazens de guerra e bocca, em grandes alojamentos bem edificados e fechados. A porta da cidade d'este lado é a mais bella e magnifica, contigua ao palacio do vice-rei, e na fachada tem pintadas todas as guerras dos portuguezes na India, e no alto da banda de fóra ha uma bella imagem de Santa Catharina, toda dourada, pois esta santa é a padroeira de Gôa.

«Afóra estas praças ha outras sobre o rio que não são fechadas, nem guardadas, como as precedentes. A primeira que se segue entre o rio e o palacio do vice-rei chama-se caes da fortaleza do vice-rei. Tem pouco mais ou menos setecentos passos de comprido e duzentos de largo, mui direita, plana e revestida do lado do rio de um bom muro com alguns degraus de pedra. É limitada de um lado pelas paredes do palacio do vice-rei e muros da cidade, e dos outros pelos das outras praças. Esta praça ou caes, a que chamam Terreiro, serve geralmente para o accesso de todos os navios de mercadores indianos, os quaes veem aportar alli, assim por causa da fortaleza do vice-rei, que está logo defronte, como porque o vice-rei póde ver da sua janella ou varanda tudo o que alli chega e se faz; e está sempre cheia de embarcações e de muito povo. Ha alli um mui bello edificio do feitio da praça real de Paris, posto que em mais nada se parece com ella, e lhe chamam a alfandega, onde se depositam e vendem toda a sorte de grãos por grosso, e não se podem vender nem levar a outra parte, e alli se pagam os direitos. Ha alli tambem outro grande edificio, a que chamam Bangaçal, para onde se descarregam as mercadorias, que não são coisas de comer.

«No fim d'este caes ha uma praça mui grande, arredondada, onde se faz o maior de todos os mercados de Gôa, no que toca a comestiveis, e lhe chamam o bazar grande. Todos os dias alli ha mercado, porque nunca fazem provimento de um dia para outro, e mesmo se vão aviar duas vezes por dia para o jantar e ceia, sem excepção dos domingos e festas, em que não deixa de haver venda de comestiveis. Ha muitas outras praças e mercados ou bazares, e n'elle a egreja dos Dominicos, mui bem construida e ornada, e ha tambem na cidade muitas outras egrejas e parochias, pela maior parte dedicadas a Nossa Senhora.

«Quanto á fortaleza ou palacio do vice-rei é mui sumptuosamente fabricado, e defronte d'elle ha uma grande praça do lado da cidade, a que chamam Terreiro do Paço, no qual os fidalgos e cortezãos se juntam, uns a pé e outros em palanquim, porque o vice-rei nunca sahe sem que no dia antecedente mande tocar os tambores pela cidade, e com isso avisar toda a nobreza para vir no outro dia pela manhã cedo áquelle logar a cavallo, e alli esperam até que o vice-rei sáia, todos o melhor paramentados e ordenados que podem. Defronte da porta do palacio do vice-rei ha um grande edificio onde se congrega o parlamento, que elles chamam camara presidial, e ao primeiro presidente desembargador maior. É a principal justiça das Indias para os portuguezes, e as outras justiças são-lhe sujeitas. Este palacio do vice-rei não é assaz forte para aguentar artilheria da banda da cidade, mas tem bons e commodos aposentos, e á entrada, á mão direita, acha-se a prisão, que chamam Tronco, que faz corpo com o dito palacio, e á esquerda estão os armazens reaes. Este palacio está provido de tudo quanto é necessario, egrejas, relogios, agua, e até o thesouro de el-rei ahi está em parte, porque a outra parte está no convento dos Franciscanos.

«Tem dois grandes pateos mui bellos, e de um se passa para outro. No primeiro pateo á mão esquerda ha uma grande escadaria de pedra mui larga, e que conduz a uma sala mui espaçosa, na qual estão pintadas todas as armadas e navios que tem passado á India, com seu numero, data, nome do capitão, e até os navios que teem padecido naufragio alli estão retratados. É coisa espantosa ver tantos navios perdidos. Em summa, não ha navio vindo de Portugal, por mais pequeno que seja, que alli não esteja retratado, e não tenha seu nome escripto. Mais dentro ha outra sala maior, que é a verdadeira sala do vice-rei e de toda a nobreza, e onde se congrega o conselho. Alli estão pintados ao natural todos os vice-reis que teem vindo á India, e não entra n'ella toda a gente, porque tem guardas. Este palacio está n'um alto, e é mui forte da banda do rio, com paredes mui altas, e é a coisa mais vistosa de toda a cidade. As estrebarias não são no recinto do palacio, mas misticas com elle á mão direita de quem entra. Tem o dito palacio uma sabida da parte do rio, mas esta porta não se abre senão quando o vice-rei quer embarcar. A guarda do dito vice-rei é uma companhia de cem homens, todos vestidos de azul, que é a sua libré ordinaria, e estão sempre junto de sua pessoa, isto é, á porta do palacio ou aposento onde elle está, e quando caminha, os tambores e pifanos tocam. Estes archeiros trazem alabardas, e são todos portuguezes, mas não são em tanta reputação de honra como os que andam nas armadas, e que são voluntarios. Além d'estes ha porteiros ás portas da fortaleza. Sahindo-se d'este palacio para o interior da cidade, entra-se na mais formosa rua de Goa, a que chamam *Rua Direita*, que tem mais de mil e quinhentos passos de comprido, e de cada lado é povoada de grande numero de ricos lapidarios, ourives, banqueiros, e dos mais ricos e melhores mercadores e artifices de Gôa, todos portuguezes, italianos, allemães ou outros occidentaes. Esta rua acaba n'uma egreja das mais bellas e ricas, e bem ornadas da cidade, a qual é toda dourada por dentro. É a egreja da Santa Misericordia, dedicada a Nossa Senhora da Serra.

Sobre o portal d'esta egreja, no logar mais eminente, está a figura em vulto de pedra doirada de Affonso de Albuquerque. Junto d'esta egreja ha um recolhimento para donzellas orphãs nobres, as quaes ficam alli até casarem. Os portuguezes casados, quando vão a viagens, tambem alli deixam as mulheres até voltarem. Tambem alli ha mulheres viuvas, que se querem retirar do mundo, e até alli podem entrar mulheres arrependidas, e guarda-se alli clausura. Esta grande rua Direita é tambem chamada dos Leilões, porque se fasem alli; de sorte que todos os dias excepto domingos e festas, desde as seis da manhã até meio dia, está tão cheia de gente que mais não póde ser. A meio caminho do comprimento d'esta rua está um dos maiores e mais antigos edificios da cidade, a que se chama casa da santa Inquisição, na qual residem todos os officiaes da dita Inquisição, e se guarda a mesma ordem que na de Portugal, com a differença que aqui a justiça é ainda mais severa para com os ricos. Na frente d'esta casa ha uma grande praça ou mercado, e da outra banda está a casa da governança da cidade, mui bem construida, a que chamam a camara da cidade. O palacio da Inquisição é um edificio mui amplo, com uma sala mui bella e grande, com grandes escadarias mui compridas, e fabricadas de mui boa pedra, e não ha casa de rei que tenha uma sala tão bella.

«Alli perto está a egrejá grande chamada a Sè, com seu cemiterio. É formada por uma grande e soberba traça, e que mui difficilmente se levará ao cabo, pois ha cincoenta annos que foi começada. Contigua a esta está a casa do arcebispo. A do bispo é tambem alli perto, onde ha a prisão ecclesiastica. Da outra banda do cemiterio da egreja grande está o convento dos Franciscanos, o mais bello e rico do mundo, em cujo claustro está pintada toda a vida de S. Francisco em oiro, azul e outras côres. A egreja d'este convento é mui frequentada, e está em sitio elevado, e o grande largo que lhe está adjacente é todo calçado de pedras largas, e sobe-se a elle por grandes degraus. No fim do mesmo largo ha uma grande cruz de pedra, mui alta e bem obrada, d'alli se desce a uma rua que vae desembocar ao hospital real, encontrando-se no caminho a capella de Santa Catharina, no logar por onde foi entrada a cidade, porque ahi havia uma porta e um baluarte. Esta capella de Santa Catharina nunca se abre senão no dia da sua festa, e sobre a porta está gravado em letras de oiro o dia e anno em que a cidade foi tomada, e uma das bellas ceremonias e solemnidades de Gôa é a procissão que n'esse dia se faz, na qual vae todo o clero e outra gente da cidade com mui boa ordem e magnificencia, e levam grande copia de figuras e mysterios, entremeados de musicas, folias e outras coisas ridiculas, como entre nós se faria em cavalhadas e danças publicas, mas alli é uso em todas as suas procissões geraes.

«Subindo d'alli vae-se direito a uma praça chamada Bazar pequeno, no meio da qual ha um logar elevado, da altura de seis pes, pouco mais ou menos, todo revestido de muro, e chamam aqui o *Terreiro dos gallos*, por respeito das aves e de outros comestiveis que ahi se vendem. D'alli caminhando-se para o meio da cidade, topa-se com a egreja do *Bom Jesus*, dos jesuitas. Logo depois entra-se na rua dos Chapelleiros, mui linda, grande e comprida, que vae dar a uma praça chamada do Pelourinho velho, onde tambem ha

mercado, e outro sitio elevado e revestido de pedra, e alli proximo está a justiça ordinaria de Gôa n'um edificio, e n'outro a policia, com um bello açougue. A esta praça vão dar seis ou sete ruas.

«Ha tambem a egreja de S. Thomé, grande parochia, e partindo d'alli e sahindo da cidade, chega-se a um grande largo chamado Campo de S. Lazaro ou de S. Thiago, e n'este mesmo campo está o hospital de S. Lazaro, onde se recolhem os leprosos, e é edificio bello e bem ordenado. Na egreja d'este hospital ha uma capella mui linda dedicada a S. Luiz, rei de França. Havia alli alguns doentes, e a cidade o fundou e o sustenta. Do outro lado e defronte d'elle ha uma lagoa mui bella, onde ha muitas aves aquaticas. N'este campo todos os cavalleiros e fidalgos fazem suas cavalhadas com cannas e laranjas nos dias de S. João e S. Thiago, padroeiros dos portuguezes e hespanhoes, e alli tambem os moradores fazem seus alardos.

«Em outro logar fóra da cidade ha uma praça cercada de muros, chamada o Matadouro, onde se matam as rezes, e d'essa mesma banda está o logar das execuções da justiça, onde ha uma forca de quatro pilares, e é na distancia de um quarto de legua da cidade onde se vão fazer as execuções. Pela rasão dos calores são constrangidos a matar as rezes fóra da cidade, e a enterrar ahi a sugidade e o sangue d'estes animaes. Perto do convento de S. Domingos ha um grande lago ou campo que serve para picaria dos cavallos.

«Mas seria uma coisa infinita dizer por meudo todos os nomes das ruas. praças, egrejas, conventos, palacios e outras singularidades de Gôa, e em geral se pode dizer que tudo alli está bem ordenado. Os banianes e canarins tem suas ruas apartadas, e similhantemente toda a sorte de mercadores e misteres, como os ourives, que teem a sua rua, os lapidarios a sua, e assim os outros, de maneira que é grande commodidade quando se ha mister de qualquer coisa, saber se logo a rua onde se encontra. E o que me fez dilatar tanto nas particularidades d'esta cidade, é que, quem a vê bem, fica sabendo todo o estado dos portuguezes nas Indias Orientaes.

«O numero das egrejas que n'ella ha, é maravilhoso, e não ha praça, rua ou becco onde não haja alguma; e entre outras apontarei a de Santo Agostinho, cuja obra continúa todos os dias, porque o arcebispo é d'esta ordem. Está situada no mais alto logar de toda a cidade sobre um monte, e na sua visinhança estão as egrejas de Santo Antonio e S. Roque, dos jesuitas, e em outro logar o mosteiro das religiosas de Santa Monica, a egreja de Nossa Senhora do Rosario, o convento de S. Thomaz e outras, de sorte que na cidade, arrabaldes, e por toda a ilha andam proximamente por cincoenta entre egrejas e conventos,

«Entre estas egrejas ha quatro dos jesuitas. A primeira e principal é da invocação da Conversão de S. Paulo, e este collegio é o principal de toda a India Oriental, e n'elle vi até ao numero de dois mil meninos estudantes, e mais, assim portuguèzes como indios. Os jesuitas nada levam aos estudantes pelo ensino. Contigua a este collegio ha ainda uma mui bella casa d'estes mesmos padres, chamada o Seminario, e tem estudantes pensionistas.

«A segunda egreja ou collegio que teem os jesuitas está no meio da cidade, e é tão bello ou mais que o precedente, cuja egreja tem a invocação do Santissimo Nome de Jesus. É custosamente fabricada, toda dourada por dentro, e ainda não está perfeita, mas trabalha-se em a acabar todos os dias. Vi alli uma cruz toda de oiro massiço, que os padres da Companhia de Jesus haviam mandado fazer para dar de presente ao Papa, a qual tinha de cumprimento tres pés, de largo quatro dedos e de grosso dois dedos, enriquecida com toda a qualidade de pedras preciosas, bem lavrada, e pesava cem mil escudos ou mais, e foi enviada a Sua Santidade no navio em que eu vim embarcado na torna viagem. Esta segunda casa é sómente deputada ao serviço do publico, a saber, confessar e administrar os sacramentos, e para receber no gremio da egreja os infieis e baptisal-os. É n'ella que reside o pae dos christãos, que é obrigado a ir todos os dias ás prisões visitar os christãos e outros que quizerem converter-se á fé catholica, solicitar seu livramento e assistir-lhes com esmolas, como para commigo fizeram muitas vezes. Ha outra casa dos mesmos padres junto da segunda egreja, que se chama dos cathecumenos, para cathequizar e ensinar os novos christãos, e n'ella são sustentados e vestidos até serem instruidos e baptisados; dos quaes e de toda a casa tem cargo o pae dos christãos.

«N'um dia da festa da conversão de S. Paulo vi sahir d'esse logar quasi mil e quinhentas pessoas naturaes da terra, assim homens como mulheres e creanças, vestidos ao modo dos christãos em procissão pelas ruas da cidade, em duas alas, levando cada um seu ramo na mão para se differençarem dos outros, e em signal de não serem ainda baptisados, e d'alli foram á precedente egreja e collegio de S. Paulo, onde todos foram baptisados. Antes do baptismo vi um padre jesuita fazer-lhes um bom sermão sobre a excellencia da religião christã, e lhes disse que a não deviam abraçar por força, e que se algum d'elles ahi havia que viesse contra sua vontade, se poderia ir embora, e sahir logo da egreja, ao que todos responderam a uma voz que eram mui contentes, e queriam morrer na fé catholica. Depois de baptisados cada um se recolheu a sua casa, e aos que eram pobres, aquelle padre jesuita deu esmola de dinheiro e vestido; o que se repete todos os annos com similhante pompa e solemnidade, afóra os que se baptisam diariamente em particular. Vi tambem muitas vezes baptisar grande numero de pessoas na egreja dos Franciscanos, no dia seguinte ao da festa do Natal, e chegar o numero a oitocentas pessoas. No dia da Conversão de S. Paulo faz-se grande festa e solemnidade. O vice-rei acompanhado de toda a nobreza, chegando ao numero de duzentos a trezentos fidalgos a cavallo, bem montados e paramentados, vae á dita egreja, e depois da festa janta com os padres jesuitas, o que nunca mais faz, tirando este dia. Todos os estudantes dos jesuitas, ricamente adornados de toda a sorte de vestidos de seda vem esperal-o, formados em ordem de batalha, uns a cavallo, outros a pé, e todos armados, e assim marcham na dianteira do vice-rei fazendo todo o resto do dia alli muitos jogos e folguedos.

«A terceira casa e egreja teem a invocação de S. Roque, e se chama Noviciado, porque n'ella estão os noviços portuguezes que aspiram a ser jesuitas,

para se experimentar se poderão permanecer n'esta resolução e guardar a regra. Os naturaes da terra nunca são admittidos á companhia, salvo se procedem de portuguezes por pae e mãe, mas podem ordenar-se sacerdotes. As outras religiões aceitam mestiços, mas não indios puros.

«A quarta casa dos jesuitas é sita a meia legua fóra da cidade; é uma bella casa de recreio, onde ha mui lindas fontes, e serve para recrear e restabelecer a saude dos que estiveram enfermos, mas só sendo de sua ordem. Estes padres jesuitas são alli mui numerosos, e em toda a parte da India onde os portuguezes teem entrada, e ha-os junto de alguns reis infieis, onde fazem grande fructo na conversão dos indios á religião christã, e similhantemente os religiosos Dominicos e Franciscanos.

«Os edificios d'estas egrejas e palacios, assim publicos como particulares, são mui sumptuosos e magnificos, e feitos por canarins, tanto gentios como principalmente christãos. As casas são fabricadas com cal e areia. A cal faz-se de conchas de ostras e outros mariscos; a areia é de terra e não do rio. Cobrem as casas de telhas; não usam de vidraças, mas em vez d'ellas servem-se de cascas de ostras mui delgadas e lisas, que encaixilham em grades de madeira; e deixam passar a luz como se fosse papel ou chavelho, porque não são tão transparentes como o vidro. Tiram a pedra da cantaria na ilha, mas a de que fazem columnas e outras obras primorosas, mandam-n'a vir de Baçaim, onde sahem mui compridas e rijas: assimilha-se ao granito, e é ainda melhor: e não vi n'estas terras de cá columnas de uma so peça tão grandes e compridas, como lá vi. Os edificios são mui amplos, mas com poucos andares, e pintam-nos de encarnado e branco, assim por fóra como por dentro. As escadas são mui largas, feitas em parte de pedra, em parte de terra vermelha com bolo armenio que lhe serve de cimento. Quasi todos teem jardins e quintaes, mas não grandes, com poços dentro. Quanto aos arrabaldes da cidade, ha sete ou oito mui grandes, e todos os seus edificios, e de todo o resto da ilha são do mesmo feitio que os da cidade. Todavia as casas das boticas não são tão magnificas e soberbas como as outras.

«No que toca ás calçadas das ruas da cidade, são feitas de bellas pedras largas, e andam limpas, isto é, as que são em declive, porque as outras são mui lamacentas. Quando chove, vêem-se regueiros por toda a cidade e a agua corre por canaes grandes, profundos, concavos e calçados de sorte que no inverno isto faz com que a cidade ande mui limpa em alguns sitios; mas os regueiros das ruas são tão grandes que algumas vezes é bem trabalhoso passar de um lado da rua ao outro, d'onde vem que em muitos logares ha pequenas pontes e passadeiras, porque aliás seria impossivel atravessar a rua.

«Ha mercados todos os dias de trabalho desde as seis ou sete horas da manhã até ao meio dia. O mercado principal é em todo o comprimento da grande rua direita, a qual por um extremo toca na Misericordia, e pelo outro no palacio do vice-rei. Esta rua é das mais bellas e grandes, cheia de tendas de oalheiros, ourives, lapidarios, tapeceiros, mercadores de sedas e outros artifices de coisas ricas. Emquanto dura o mercado, ha tal concurso de gente na rua, que mal se póde passar. Não temem a chuva no inverno, nem o calor no

verão, em respeito d'aquelles grandes sombreiros ou chapéos, que cada um traz, e que tem pelo menos seis a sete pés de diametro, de sorte que, quando aquella multidão está reunida, todos aquelles sombreiros se tocam entre si, parecendo um só toldo inteiriço. Chamam a este mercado leilão, por se fazerem ahi as arrematações em hasta publica. Alli se acham indifferentemente toda a sorte de pessoas, assim nobres como das outras classes, de todos as nações e religiões, para comprar e vender, ou encontrar-se com aquelles com quem tem negocios a tratar, porque este logar lhe serve de praça de commercio. Não são os officiaes de justiça que alli fazem as arrematações, mas outras pessoas que particularmente teem este officio, de que pagam renda a el-rei; pois não ha officio, occupação ou mister por infimo que seja, que não tenha seu rendeiro ou contratador da parte d'el-rei, que d'ahi tira sempre algum lucro. É pois alli que se faz a venda de todos os moveis, por justiça ou amigavelmente, e ha muita gente que vende por sua conta, sem apregoar nem affrontar, como se faz nas lojas.

«N'esta praça vê-se toda a sorte de mercadorias, e entre outras, quantidade de escravos, que são alli levados como aqui se faz aos cavallos. Estes vendedores levam apoz si grandes ranchos d'elles; e depois, para os vender, louvam-n'os e gabam-n'os, repetindo todas as suas prendas, officio, força e saude; e os compradores de tudo isso se informam, interrogam-n'os e examinam-n'os da cabeça até aos pés curiosamente, assim a machos como a femeas. E os mesmos escravos, esperando melhor tratamento, com a mudança de senhor, mostram a sua boa disposição, e se gabam a si proprios, para mover a vontade dos compradores. Mas quando os compram, assigna-se um certo dia fixo até ao qual se póde retractar o ajuste, a fim de que tenham tempo de saber a verdade.

«Entre os escravos encontram-se alli raparigas e mulheres mui bellas e lindas, de todos os paizes da India, as quaes pela maior parte sabem tanger instrumentos, bordar, cozer mui delicadamente, e fazer toda a sorte de obras, doces, conservas e outras coisas. Todos estes escravos são a preço muito diminuto, e os mais caros não valem mais de vinte ou trinta pardaus, moeda que equivale a trinta e dois soldos e seis dinheiros cada uma. As moças donzellas são vendidas por taes, e fazem-n'as observar por mulheres, e n'este ponto ninguem ousa commetter engano. Não tem por peccado ter trato com a escrava que compraram, no caso que ella não seja casada; mas quando o senhor a casa, não póde ter mais aquelle trato desde que deu a sua palavra para o casamento. Entre estas raparigas ha algumas mui bellas, brancas e gentis, outras trigueiras, morenas, e de todas as côres. Mas as de que alli gostam mais são as moças cafres de Moçambique, e d'outras partes d'Africa, que são de côr negra retinta, e tem o cabello crespo, e lhes chamam negras de Guiné. O maior rendimento e riqueza da gente de Gôa é procedido do trabalho de seus escravos, os quaes entregam no fim de cada dia ou de cada semana a conta a que são obrigados, e isto afóra os mais escravos que os senhores reteem em casa para seus servos.

«No dito mercado ainda se vê grande numero de outros escravos que não es-

tão á venda, mas que levam elles mesmos obras de sua mão a vender, taes como conservas de fructas e outras coisas; outros vão alli para ganhar dinheiro e levar e carregar para onde se quer quaesquer objectos. As moças adornam-se muito para agradar mais e vender melhor a sua mercadoria; e ás vezes são chamadas ás casas, e se alli lhes fazem proposições amorosas, de nenhuma sorte se mostram esquivas, antes aceitam logo a troco de alguma coisa que se lhes dê, e ainda muitas vezes tratam amores para suas senhoras, a quem servem de medianeiras, sem nunca lhes contradizer a vontade, ou revelar o segredo, porque lhe são mui fieis. E todo o dinheiro que ellas podem adquirir por qualquer d'estes meios deve entregal-o a seu senhor e senhora, que a isso dão seu consentimento, e depois repartem com ellas segundo bem lhes parece, mas as escravas não mostram sempre tudo. Todas estas mulheres da India, assim christãs ou mestiças desejam mais ter trato com um homem da Europa, christão velho, do que com os indios, e ainda em cima lhes dariam dinheiro, havendo-se por mui honradas com isso, porque ellas amam muito os homens brancos de cá, e ainda que haja indios mui brancos, não gostam tanto d'elles.

«Vende-se tambem no mesmo mercado grande numero de cavallos, bem arreados, pela maior parte; e são da Persia e da Arabia, similhantes aos cavallos da Berberia, e valem quinhentos pardaus em osso.

«Em summa, vêem-se alli todas as especies de riquezas das Indias, e as mais bellas joias que ser póde. Ha tambem alli cambistas, a que chamam xarafos, que egualmente estão em outros muitos logares da cidade, e teem suas boticas nas esquinas das ruas e encruzilhadas, todas cobertas de moeda, e pagam d'isto tributo a el rei. Tiram grandes lucros, porque alli é necessario ter moeda meuda para ir ao mercado, onde tudo é tanto em conta, que mais não póde ser.

«Perto da praça do Leilão ha outra a que chamam do Pelourinho Velho, na qual ha de dia mercado de toda a sorte de fructas e comestiveis. Mas depois de posto o sol e chegada a noite, é que os meirinhos e officiaes de justiça são recolhidos, faz-se ahi outro mercado a que chamam *Baratilha*, em que se vende a mui baixo preço, e como a medo, toda a sorte de trastes roubados, como roupa, armas e outras coisas, de que toda a praça fica cheia, sem embargo de ser bem grande. E todavia, ainda que seja noite, os meirinhos não deixam de passar por alli algumas vezes, e quando os sentem, cada um se retira velozmente; e depois de elles passarem, todos estes vendilhões voltam a vender as suas mercadorias, e são ás vezes em numero de quatrocentos ou de quinhentos.

«N'esta praça do Pelourinho Velho se acham todos os sangradores, e quem carece de algum para sangrar doentes, alli o vae buscar. Todos estes sangradores são indios christãos, como egualmente o são todos os cirurgiões e boticarios. Emquanto aos barbeiros, pela maior parte não são christãos, e andam pelas ruas a barbear todo o mundo, porque a gente commum não põem difficuldade em se fazer rapar no meio da rua, mas os homens de qualidade entram para isso dentro de casa. Estes barbeiros são mui serviçaes e satisfazem-se com pouco. A maior parte dos portuguezes fazem rapar a barba e o cabello.

«No que toca ás aguas potaveis, de que se usa na ilha de Gôa, é mister considerar que o rio cérca toda a ilha, e a maré chega na enchente e na vasante até á cidade. Mas ha em varios sitios muitas fontes de agua boa e excellente para beber, que sahe dos rochedos e das montanhas, e se junta em regatos que regam a ilha em muitos logares, o que é causa de haver tanta copia de coqueiros e outras arvores fructiferas. Além d'isso ha poucas casas que não tenham poços, mas não para beber, porque a agua d'elles não é boa, excepto a de alguns. Só servem as aguas d'estes poços para banhar e lavar o corpo, fazer a cosinha, barrêlas e outros usos, pois alli até os homens e mulheres mestiças lavam as partes reconditas depois de fazerem as suas necessidades, assim como fazem os indios. Ha tambem alguns tanques e reservatorios mui bellos, e fabricados de pedra.

«Mas emquanto á agua, que ordinariamente se bebe assim na cidade, como nos arrabaldes, a melhor e a mais saudavel e leve é aquella que se vae buscar a um quarto de legua da cidade, onde ha uma grande fonte de agua bella e clara, chamada *bánguenim*, que vem dos rochedos. Os portuguezes rodeiaram-n'a de muros, e a encanaram mui bem, e mais abaixo ha grandes reservatorios, onde a maior parte dos homens e mulheres vão lavar a roupa. Chamam a esta gente, que lava a roupa, *mainatos*. Ha ainda outros reservatorios para se banhar e lavar o corpo. De sorte que o caminho é mui trilhado e frequentado, apesar de ser penoso, porque é mister subir e descer tres e quatro grandes montanhas. Não se vê outra coisa senão gente que vae e vem a esta agua, e mesmo ás dez horas da noite vão em magotes com suas armas, em camisa e calções a lavar-se alli.

«Vende-se esta agua pela cidade; os escravos a levam a toda a parte em grandes cantaros de barro, cada um dos quaes contém dois potes, e vendem o cantaro a cinco bazarucos, que é quasi seis dinheiros. Põem-se com os seus cantaros em certas encruzilhadas e não andam apregoando pela rua. Fazem ajuste com seus senhores sobre quanto lhe devem dar por dia, além do sustento, que tiram do seu trabalho, salvo nos dias de festa e domingos, que os senhores lhes dão de comer, e quando estão doentes. Este mesmo estylo guardam os escravos em todos os outros mesteres. Os portuguezes teriam feito uma boa obra, se fizessem vir as aguas d'esta fonte á cidade por aqueductos e canos, mas dizem que isto assim os enriquece e occupa os seus escravos; e que os estrangeiros se lograriam d'esta boa agua sem lhes custar coisa alguma, porque ha alli mais estrangeiros que habitantes naturaes, e por estas razões não teem querido fazer conduzir aquella agua para a cidade. Ha outra fonte junto a S. Domingos, muito boa, e que vem de uma montanha onde ha uma bella egreja chamada de Nossa Senhora do Monte. Além d'esta ha outras aguas ao redor da cidade, que muitas vezes fazem passar por agua de Banguenim. Quanto á lavagem da roupa faz-se alli com maravilhosa perfeição, e mesmo assim custa muito pouco. Toda a roupa é de algodão mui fino e de longa duração; e é tambem mui saudavel, como eu proprio experimentei durante dez annos que d'ella usei. Os *mainatos* lavam mui bem, e ensaboam uma camisa e um par de calções por dois basarucos, e ainda trazem aquellas peças mui

bem e engraçadamente dobradas e pregadas, porque as dobram e pregam quando molhadas, e só depois as deixam enxugar, de sorte que estas dobras e prégas lhe duram longo tempo, e fica parecendo a roupa adamascada e fabricada com aquelles feitios. Usam d'esta roupa assim para a cama e para vestir, como camisas, bacalhaus, lenços de assoar e outras coisas. A maior parte da gente muda de roupa todos os dias. Uma excellente camisa não custa mais que uma tanga ou sete soldos e meio. D'estes pannos d'algodão vem a Gôa uma quantidade maravilhosa.

«Os gentios só bebem a agua dos poços de suas casas, se elles proprios a não vão buscar a outra parte, porque temem que se lhes lance alguma coisa na agua que hão de beber. Bebem por taças de cobre, feitas em fórma de pequenas panellas, e lhe não tocam nunca com a bocca quando bebem, o que os portuguezes e outros christãos da India observam tambem. Alli todos bebem só agua, assim homens como mulheres, rapazes e raparigas. É grande deshonra entre elles beber vinho, e se o fizessem lhe seria lançado em rosto como grande injuria. As mulheres nunca o bebem; mas os homens de qualidade bebem um até dois copos ao jantar e ceia, mas sempre pouco e sem agua. Este vinho vem de Portugal; mas os que não teem meios bebem só vinho de passa. O de Portugal vale a quarenta soldos a canada. E o melhor vinho de passa não vale mais qne vinte e cinco basarucos, ou seis brancos, e é bom e forte. O de Portugal é um pouco acido, quando chega a Gôa. O outro vinho, que chamam Orraca, não vale mais de dez basarucos, e é ordinariamente usado pela gente de baixa condição e pelos escravos que com elle se embriagam frequentemente, e aproxima-se da agua-ardente.

«Bebem agua em vasos feitos do mais bello e fino barro, que vêr-se póde, e n'elles se faz extremamente boa e fresca. Estes vasos são esmaltados e ornados com mil sortes de figuras, animaes e flores de côr negra e vermelha, e são tão finos e delicados como vidro; e cada vaso tem a sua tampa. Os de que ordinariamente se servem são em fórma de garrafas de vidro, á excepção de terem a bocca mais larga e o fundo do gargalo mais estreito. Ha uma especie de vasos de barro mui delicados, todos furados de pequenos buracos symetricos, e tendo dentro pedrinhas que não podem sahir, e servem para limpar o vaso. Chamam-lhe *gorgoleta*, e d'ella só sahe a agua a pouco e pouco, e ainda que a voltem de bocca para baixo, não cahe nem uma gota. Zombam dos que não sabem beber por estes vasos, como nos acontecia a nós, mas não julgo muito bom este modo de beber, porque causa ventosidades, e por isso ha muitos portuguezes que o não usam. Copos de vidro só teem os que lhe vão de cá ou da Persia, mas são muito baços, por isso não os teem em grande estimação, e ainda porque tem porcellanas da China em muito boa conta.

«Mas tornando á ilha e cidade de Gôa, é ella emporio e desembarcadouro de toda a India, e maravilhosamente bem povoada, porque além dos estrangeiros, que alli abundam continuadamente, ha portuguezes que são os senhores d'ella, mestiços, indios christãos e grande numero de outros indios infieis, mahometanos ou gentios banianes de Cambaya, canarins de Gôa, bramenes ou outros similhantes, e fazem grande trafico e mercancia, e d'estes ha muitos ri-

cos com oitenta e cem mil escudos de seu, e são os que trazem as rendas reaes de toda a sorte de mercadorias, e nada se póde vender sem o consentimento d'estes rendeiros. Cada uma das classes d'esta gente tem suas ruas apartadas, e n'ellas suas tendas ou boticas para cada sorte de negocio, porque os portuguezes não exercem alguma arte mechanica por maior que seja a sua necessidade; e se dizem fidalgos, e vivem á lei da nobresa, e em tudo traficam no que bem lhes parece, e só elles teem faculdade de menear e ter armas, o que não é permittido aos indios, senão aos christãos.

«Os homens de qualidade portuguezes não andam senão a cavallo, e teem grande numero de cavallos que veem da Persia e da Arabia, os quaes são bonitos e bons, e se similham aos de Hespanha, salvo serem mais pequenos. Estes cavallos são amansados por picadores mui destros, que veem das terras de Dealcão. Os arreios d'estes cavallos veem de Bengala, da China e da Persia, e todos são bordados de seda, adornados de ouro e prata e perolas finas. Os estribos são de prata dourada, as redeas cravejadas de pedras preciosas e ornadas de campainhas de prata. Quando não andam a cavallo são conduzidos em liteira ou palanquim. Quando vão pelas ruas, vão acompanhados de pagens a pé, lacaios e moços em grande numero, os quaes levam armas e vestem a libré da casa. Nunca sahem estes homens sem levarem um escravo com um grande guarda-sol, a que chamam sombreiro, que lhes tapa a cabeça; e aquelles que não teem posses para ter escravos, levam elles mesmos o tal sombreiro.

«As mulheres de qualidade tambem não sahem senão sentadas e conduzidas dentro de um palanquim, que é uma especie de liteira levada por quatro escravos, coberta de pannos de seda ou de couro, e são acompanhadas de muitas escravas, todas mui bem vestidas, de pannos de seda, porque a seda é alli ão commum, que todos os criados se vestem d'ella: as damas e pessoas qualificadas mais querem usar algum tecido d'estes paizes da Europa, do que trajar sedas.

«Só os portuguezes podem ser providos em officios e beneficios. Os mercadores e artifices são todos indios, e teem as suas boticas, pagando tributo a el-rei, assim das mercadorias, como das boticas.

«De tres em tres annos el-rei envia um vice-rei, o qual nunca entra sem o seu predecessor ter sahido, e este se retira a uma casa destinada a esse effeito. Sendo retirado, entra o novo com grande magnificencia e triumpho; levantam-lhe muitos arcos triumphaes desde o desembarcadouro até á egreja cathedral, e cada officio e classe de mercadores fazem o seu sem competencia uns com os outros. É acompanhado de todo o clero, nobresa, povo, mercadores e artifices até ao seu palacio, com muitas salvas de artilheria, fogos de alegria e outros apparatos.

«O vice-rei é alli obedecido como o proprio rei, e tem a mesma auctoridade, podendo conceder graças ou condemnar á morte, excepto aos nobres, a quem chamam fidalgos, porque estes, appelando em causa crime ou civel, são mandados a Portugal presos com ferros aos pés. Vi em Gôa um soldado, que tendo sido condemnado á morte por um homicidio, quando era levado ao supplicio, a um quarto de legua da cidade, acertou por sua boa fortuna de ser

encontrado pelo filho do vice-rei, que já era provido na capitania de Ormuz, posto que então tivesse de edade dez ou doze annos, o qual averiguado o caso, e lançando-se-lhe aos pés o padecente a pedir graça, perguntou ao seu aio se podia ir pedir isto a seu pae sem o enfadar, e sendo-lhe respondido que sim, foi logo sem demora ao palacio fazer humilde supplica de graça a seu pae, que lha outorgou, com tanto que não fosse coisa que tocasse ao Estado e serviço de el-rei, e tendo o vice-rei sabido o que na verdade era, foi mui ledo de ver o bom natural de seu filho, e todos os que professavam armas lhe deram muitos agradecimentos, com o que ficou livre o pobre condemnado. O vice-rei não se familiarisa com pessoa alguma, nem vae a festas ou banquetes; sae raras vezes, salvo nos principaes dias festivos, ou em outros que lhe apraz. Na vespera do dia em que elle ha de sahir anda-se tocando tambor e trombeta pela cidade, para advertir a fidalguia que se junte vestida de gala e a cavallo defronte do palacio; e cheguei a vêr alli algumas vezes trezentas e quatrocentas pessoas. Estes fidalgos vão soberbamente trajados, e seus cavallos acobertados de oiro, prata, brocados, perolas e pedras preciosas. Quando cada um d'elles chega, apeia-se e entrega o cavallo a seus moços da estribeira, que todos são mouros, isto é, mahometanos de Balagate ou Decan, e não os que tratam dos cavallos. Estes homens adestram mui bem um cavallo, e não o temem, por mais bravo e manhoso que seja, e assim o montam em osso, picam-n'o e despedem-n'o a toda a brida, sem nunca cahirem. Os seus cavallos são os mais gordos e luzidos que é possivel, e para os domar e pôr mais seguros chegam-lhes tambores cheios de muitas campainhas, á similhança de nossos tambores biscainhos, e para os fazer correr a galope atam-lhes pequenos balotes nas juntas das pernas. Nunca vi cavallos tão velozes como aquelles; veem pela maior parte da Persia, e tambem da Arabia, e estes são estimados por melhores. Comem pouco, e dão-lhe feno, mas mais ordinariamente erva verde; e tambem lhes dão um certo grão que se assimilha a lentilhas. Tratam os cavallos com tanto resguardo, que, quando estão na estrebaria, os cobrem inteiramente, e até lhes põem uma especie de colchão para se deitarem, e dão-lhes de beber á mangedoura, e prendem-nos pelos pés posteriores para se não ferirem com couces.

«Mas tornando aos senhores e fidalgos portuguezes, quando se apeiam, aquelles moços da estribeira recebem os cavallos, dos quaes teem grande cuidado, trazendo sempre cada um d'elles o seu espanejador formado tambem de cauda de cavallo, com cabo de pau, para enxotar as moscas, um panno, uma esponja molhada e um pente n'um sacco para limpar a espuma e suor do cavallo, burnil-o e dar-lhe lustro quando é preciso. Usam bellos telizes de veludo encarnado, a maior parte d'elles com franjas e bordaduras; os mais ricos e estimados são de escarlate, e servem para cobrir os cavallos quando os senhores se apeiam, porque, estando montados, não põem telizes, nem quando andam pela cidade usam botas ou esporas. Os loros são de seda e as fivelas e outras guarnições de prata. A cauda do cavallo é atada e coberta de um rabicho formado de anneis e argolas de oiro e prata, adornadas de perolas e pedras preciosas. Além d'estes cavallos mandam mui ordinariamente ir com-

sigo uma liteira ou palanquim; e sempre ou vão a pé ou a cavallo, o seu sombreiro ou guarda-sol, assim quando faz calor, como quando chove. E mesmo quando vão a pé fazem levar apoz si o seu cavallo e palanquim e pagens até o numero de dez ou doze.

«Estes pagens não são nobres, mas moços vindos de Portugal, que ainda não teem forças para pegar em armas. Andam todos vestidos de seda, de libré e côres de seus amos, trazem capas, e só servem para acompanhar e fazer os seus recados, e não acompanham com outros servidores. Além d'estes pagens teem seis ou sete grandes cafres de Moçambique, que trazem capa e espada, e lhes servem de lacaios. Trajam de modo diverso dos pagens, mas todavia das côres da casa; e os trazem para sua segurança, porque estes cafres mais depressa morrerião, do que deixarem fazer o menor mal a seu senhor, pois são mui animosos, e de noite trazem outras armas, como piques e alabardas, chamam-lhe peões ou cafres. Os pagens portuguezes nunca vão atraz de seu amo, por mais senhor que seja, e se vão é a cavallo, como entre nós fazem os gentis-homens apoz os principes e senhores. O vice-rei, que no meu tempo havia em Gôa, quando sahia, seu filho não ia com elle, mas atraz uns duzentos ou trezentos passos, com seus fidalgos e servidores, e ordinariamente os de maior qualidade, que querem agradar ao vice-rei, acompanham-lhe os filhos, e os outros vão com elle.

«Na egreja e nas procissões o vice-rei vae do lado direito, e o arcebispo do esquerdo. O filho do vice-rei vae logo atraz por ter a capitania de Ormuz, e ser assim a primeira pessoa abaixo do vice-rei, porque quem foi capitão de Ormuz não póde ser na India senão irmão do vice-rei. Comtudo o vice-rei pessoalmente não é tão dado á magnificencia como os fidalgos. Todos os que teem cavallos, ainda que não sejam nobres de linhagem, não deixam de acompanhar o vice-rei, porque alli todos se dizem nobres. Quando o vice-rei ou os fidalgos se recolhem a Portugal, vendem todos os seus cavallos aos outros que chegam.

«Quando um vice-rei chega á India, desembarca em Pangim, depois manda avisar da sua chegada com as provisões dos seus poderes, as quaes são abertas nas casas da camara em presença do antigo vice-rei, que se apparelha a deixar o posto; e os officiaes do novo vice-rei fazem mobilar e arranjar o palacio. Sete ou oito dias depois d'isto é recebido como rei, e se fazem para este effeito grossas despesas. O antigo vice-rei vem ao encontro do outro e lhe faz uma falla que diz: Que lhe entrega na sua mão todo o estado; e de que modo deva proceder com os indios, como com os portuguezes, aos quaes por sua arrogancia é mister ter a redea tesa. Isto feito, retira-se, e depois visitam-se pouco, por grandeza. Desde então o vice-rei está fóra do cargo, e já se lhe não dá o tratamento de senhoria, porque na India só o vice-rei e o arcebispo teem este tratamento. O novo vice-rei traz comsigo todos os officiaes da sua casa, e não toma outros, salvo se alguns morreram na viagem. O rei paga salario a todos os servidores do vice-rei.

«Logo qne um vice-rei chega, todos os embaixadores dos reis da India os vão cumprimentar, e elle despede correios a todos os reis amigos para confir-

mar a alliança, os quaes lhe enviam embaixadores extraordinarios com presentes, fazendo com elle como uma nova alliança. No fim de todos, os christãos da terra (e não os portuguezes, que não querem que se saiba o seu numero) fazem seu alardo, e teem por capitão um portuguez ou mestiço, e são todos obrigados a ter armas. Não se juntam todos em um só dia; mas cada freguezia em seu, e é sempre em dia santificado. Isto faz-se na presença do vice-rei no campo de S. Lazaro, ou passam em formatura por diante do palacio da fortaleza, estando o vice-rei na sua galeria, e o capitão lhe faz uma falla, e todos lhe prestam juramento. Os infieis não fazem alardo, nem lhe é permitido ter armas em sua casa.

«O vice-rei não vae comer a parte alguma, salvo no dia da Conversão de S. Paulo ao collegio dos Jesuitas, e no dia da Circumcisão á casa do Bom-Jesus. É servido com apparato real em sua comida, e come só; apenas o arcebispo vae algumas vezes comer com elle ao palacio. Nos dias das festas sobreditas os maiores fidalgos comem com elle á mesa, mas não em frente d'elle, nem do seu prato. As casas principaes mandam ao vice-rei muitos manjares delicados e excellentes, mas elle nunca os prova, porque teme muito ser envenenado. So se fia dos jesuitas, e até os ha boticarios que ordinariamente lhe dão os remedios, de sorte que estes padres estão em grande conceito e credito para com elle.

«Emquanto aos ordenados e propinas do vice-rei são pouca coisa em comparação dos grandes lucros que elle póde tirar durante os tres annos do seu cargo, que montam ás vezes a perto de um milhão de oiro. O ordenado é de trinta mil cruzados, cada um dos quaes vale dois pardaus, pouco mais ou menos, o que não chegaria á sua sustentação, se não foram os presentes e outros proveitos que estão em pratica e montam a muito. Logo que chega o vice-rei, os capitães, governadores e officiaes de el-rei o veem promptamente visitar para obter d'elle algum favor, como por exemplo uma capitania de viajem, dignidade ou outra coisa similhante, e para esse fim lhe fazem grandes presentes, e mesmo sem esse intento lhos fazem segundo o rendimento e valor de suas fortalezas, a menor das quaes deixa doze e quinze mil cruzados; porque elles não podem roubar e fazer o seu negocio sem o favor do vice-rei. Todos servem os cargos só por tres annos, e durante esse tempo é mister que juntem para o resto da vida.

«O vice-rei faz grandes mercês e dá recompensas em cargos, rendas e dinheiro aos que teem bem servido a el-rei e aos estropeados, viuvas e orphãs, tudo á custa da fazenda real; e dá de sua mão muitos cargos e officios. Os que teem feito serviços a el-rei procuram certidão d'elle para lhe serem levados em conta, e tambem devem ter a assignatura dos capitães com quem teem embarcado. Mas o mal está em que o vice-rei tira dinheiro de todas estas mercês e officios, e faz persuadir ao rei que os dá; e para isso despacha grande quantidade de petições de mercês, e o vedor da fazenda e os thesoureiros se entendem com elle, negando-se a dar o dinheiro, e todavia dão conta a el-rei, como se o tivessem pago; e o mesmo fazem quanto á paga dos soldados, officiaes e marinheiros.

«O vice-rei dá esmola ordinaria duas vezes por semana, e nos dias de festa e domingos em que sahe. Esta esmola é para os indios christãos po-

bres, a quem o seu esmoler dá dinheiro no largo do palacio. Se ha alguma mulher viuva de portuguez, mandam-n'a pôr á parte, e dá-se-lhe mais que aos outros indios. Quanto aos soldados, marinheiros e outros portuguezes pobres, entram na grande sala pintada; as mulheres e creanças ficam n'outra; e o vice-rei manda ao seu mordomo com o esmoler para lhes dar dinheiro. Chega a dar n'um só dia duzentos ou tresentos pardaus. Todas as mulheres e donzellas portuguezas veem em palanquins cobertos e entregam suas petições, nas quaes declaram a sua supplica e os fundamentos d'ella, e no seguinte dia veem ver se teem tido despacho, ou não; as que estão doentes podem mandar outra pessoa. Esta especie de esmolas dá-se segundo a qualidade das pessoas. O vice-rei recebe todas estas petições e as despacha em pessoa no dia seguinte, mas de tudo isso tira bem a desforra em dobro. Envia além d'isso frequentes vezes esmolas ás prisões, egrejas, pobres, hospitaes e outros logares pios; e casa muitas donzellas e mulheres viuvas.

«Ora nos tres annos que assim o vice-rei, como os outros capitães estão na India, teem mais cuidado de se enriquecer, do que de guardar e conservar o estado, e em tão pouco tempo não podem fazer grandes progressos na guerra. Porque no primeiro anno o mais que podem fazer é saber o estado e fórma do governo, conhecer os povos e enviar armadas. No segundo anno enchem as bolsas, porque não dão nada do seu; e se é mister dar presentes aos reis, senhores, embaixadores e outras pessoas, isso corre por conta da fazenda real. Emquanto aos capitães e fidalgos portuguezes, esses não recebem outros presentes, senão capitanias de viagens, permissão de certos traficos ou privilegios e cargos. Aquelles que não entram nos cargos esperam ser generaes, capitães-mores ou seus immediatos, e ter o mando das frotas e armadas de guerra ou mercantes que el-rei envia a differentes partes. Chegado o terceiro anno o vice-rei vae ás vezes visitar com uma grossa armada todas as fortalezas da costa da India, que se estende desde Coulão até Ormuz; mas elle tira grandes lucros d'esta viagem, assim dos capitães e governadores, como dos outros officiaes, e do proprio paiz; e ainda todas as despezas correm por conta da fazenda real. De sorte que não é maravilha enriquecerem tanto os vice-reis, além de seus servidores e officiaes em numero de cincoenta ou sessenta que ficam abastados para toda a sua vida.

«Se por ventura acontece alguma desgraça ao vice-rei que vem de Portugal, como muitas vezes acerta; o outro não fica com isso pesaroso, como succedeu no anno antes da minha partida, em que o vice-rei que vinha, e se chamava o conde da Feira, morreu na costa de Guiné, e seu corpo foi levado a Portugal. Vinha com quatorze navios, dos quaes só cinco chegaram a Gôa, e o resto perdeu-se e foi tomado pelos hollandezes. E é para notar que dos que morrem na India só os corpos dos vice-reis são levados a Portugal. Quando o vice-rei recolhe a Portugal escolhe os navios que quer, e os faz prover de mantimentos a que chamam *matalotagem*, para elle e sua comitiva; e ha tempo para isso. E quando os portuguezés sabem que algum vice-rei, arcebispo ou grande senhor e capitão se vae embora, cuidam em se metter no seu rol e obter licença para se irem com elle; porque n'este caso todos quantos vão no navio

tirada a gente do mar e officiaes do mesmo navio que levam e teem sua matalotagem á parte, são sustentados de graça, ou sejam fidalgos ou soldados. Assim quando algum grande senhor se apercebe para se embarcar para Portugal, faz metter mantimento para toda aquella gente, além do que para si ha mister. E todavia é preciso grande favor para alguem entrar no rol do vice-rei, porque para uma pessoa se aviar bem de mantimento para a viagem não dispende menos de duzentos ou trezentos pardaus.

É porém grande infelicidade para os portuguezes da India haver algum vice-rei agastadiço, colerico ou vicioso, como muitas vezes ha, ou seja por sua incontinencia com mulheres, ou por outros vicios, porque teem elles tal privilegio, poder e auctoridade, que quando desejam uma bella donzella ou mulher, é bem difficil que por dinheiro, amisade ou por força não logrem o seu intento. Mas de ordinario não carecem de violencia, antes as mulheres ficam com isso mui contentes, e se hão por mui honradas e gloriosas; e se ellas teem marido, este é mandado pelo vice-rei a alguma viagem distante. Mas muitas vezes acontece que como todas estas riquezas dos vice-reis veem da pilhagem e do roubo, por isso o mar fica sendo seu herdeiro e perecem miseravelmente.

«Esta frequente mudança de vice reis não agrada aos portuguezes e á outra gente da India, nem tão pouco a similhante mudança que ha nos capitães das fortalezas, e outros officiaes, e para significarem isto, contam que era uma vez um pobre á porta de uma egreja, com as pernas todas cheias de chagas, nas quaes pousavam as moscas em tal quantidade, que fazia grande compaixão, pelo que outro homem se chegou a elle, e julgando que lhe dava muito gosto, lhe enxutou todas as moscas, com o que o pobre paciente se agastou muito, dizendo que as moscas que elle enxotava já estavam fartas e o não picavam, mas as que viessem de novo famintas o picariam muito mais. Assim (dizem elles) acontece com os vice-reis, porque os fartos se vão embora e vem os famintos. Todavia o rei usa d'estas mudanças por duas rasões; a primeira pelo medo de algum levantamento, porque os capitães não entram todos ao mesmo tempo, mas agora um e logo outro: a segunda para enriquecer e contentar a seus subditos, porque para elle não ha proveito algum. Estando pois os vice-reis alli tão pouco tempo, não podem tomar resolução alguma para se rebellarem, porque, como disse, nem todos os governadores e capitães das fortalezas entram ao mesmo tempo, mas em diversos, e teem quasi todos suas mulheres, filhos e bens em Portugal. E quando tal coisa podessem fazer, seria mister que fossem bafejados de algum poderoso rei da Europa, que fizesse o mesmo que fazem os reis de Hespanha e Portugal, porque se elles não extrahirem as suas mercadorias e fazendas na Europa, toda a sua India não lhe valeria nada. Seria tambem mister que tivessem soccorros de homens, dinheiro, munições, navios e mercadorias da Europa, porquanto a sustentação d'este estado custa tanto, que só póde caber a um rei poderoso, e que conte dispender n'isso mais do que ha de sacar de proveito.

«Mas ha outras coisas que recompensam estas; e são: primeiramente o merecimento geral pela propagação da fé christã; depois a alliança com todos os

mais poderosos reis da India; e finalmente o enriquecer todos os seus povos e reinos, que brevemente morreriam de fome sem a India; e egualmente seriam justiçados muitos mais homens em Portugal do que agora são, se não foram estes paizes remotos, onde os enviam degredados para ahi fazerem guerra aos infieis, e servirem ao seu rei por todo o resto da vida.

«Tendo fallado do vice-rei e do seu estado, não será fóra de proposito dizer alguma coisa do arcebispo, primeiro prelado das Indias. Aquelle que o era quando eu estava em Goa, era da ordem de Santo Agostinho,[1] cujo habito trazia; orçava por cincoenta annos de edade, e havia quinze ou dezeseis annos que occupava o cargo. Tinha fama de ser muito caritativo e esmoler. Fez construir e fundou grande numero de conventos e mosteiros; dá esmolas publicamente a toda a sorte de pessoas necessitadas, do mesmo modo que faz o vice-rei, mas dá-as mais frequentemente, porque tambem sahe mais vezes. Á mesa é servido do mesmo modo que o vice-rei. Elle mesmo serviu por muito tempo de vice-rei e de arcebispo juntamente. Dá-se-lhe o tratamento de *senhoria*, como ao vice-rei. Tem amplos poderes sobre todo o clero da India, e re-

[1] «Reconquistada ao Hyde-el-khan a cidade de Goa pelo grande Affonso de Albuquerque, em 25 de novembro de 1510, dia de Santa Catharina, foi esta virgem e martyr da Alexandria escolhida pelo vencedor para padroeira da nova capital da India portugueza, e sob a sua invocação se principiou logo a edificar uma egreja, unica que a cidade possuiu até ao anno de 1542, e que mais tarde se transformou na sumptuosa cathedral, que ainda hoje se admira na velha e abandonada Goa.

Antes porém de começar a edificação d'este primeiro templo da christandade no oriente, já se havia celebrado missa no recinto de Goa, em uma mesquita que a piedade de Albuquerque fizera converter em igreja catholica, e que elle doára, logo depois da conquista, aos religiosos de S. Francisco, que o tinham acompanhado desde Portugal. Foram estes frades os primeiros pastores espirituaes de Goa, como haviam sido os primeiros capellães das naus que devassaram os mares da India.

Passados annos (1542) aportaram ao Indostão os padres da companhia de Jesus, guiados pelo apostolo do oriente S. Francisco Xavier, os quaes tomaram posse do seminario de Santa Fé, instituido por dois clerigos seculares, e que foi transformado em collegio e igreja de S. Paulo, da ordem dos jesuitas.

Appareceram depois no Malabar os filhos do patriarcha S. Domingos, porém só no anno de 1549 se reuniram em communidade n'aquelle estado, e em 1566 estabeleceram-se na India os reformados de S. Francisco; seguiram-se-lhe os augustinianos, que chegaram a Goa em numero de doze no anno de 1572, e logo fundaram convento da ordem dentro da nova cerca da cidade.

Após estes vieram á India os carmelitas italianos, que tambem estabeleceram um convento em Goa e se encarregaram das missões da costa do Malabar e do imperio do Mogol; porém foram expulsos da India portugueza em 1707 por se negarem, como estrangeiros, a prestar juramento de fidelidade ao soberano de Portugal. A sua igreja e cenobio passou para os padres de S. Filippe Nery ou da congregação do Oratorio, que pouco antes se tinham estabelecido na ilha (1682) Já a esse tempo haviam fundado outros mosteiros na capital da India portugueza os theatinos ou clerigos regulares de S. Caetano (1646), e os hospitaleiros de S. João de Deus (1681), que dirigiram por muitos annos os hospitaes d'aquelle vasto emporio. Os carmelitas (ordem terceira) foram os ultimos a estabelecer-se nos estados da India (1750)

presenta o papa. Come em publico, e é servido em pratos cobertos. É costume dos arcebispos fazerem comer á sua mesa, e das mesmas iguarias a doze pobres, mas assentados em logar mais baixo que elle; e todavia, este de que fallo os faz comer n'outra mesa perto da sua. Ao jantar e á ceia é servido em baixella de prata ou de prata doirada, e os pobres em porcellana. Estes pobres não são indios, mas soldados e marinheiros portuguezes caidos em necessidade, ou seja por effeito do jogo, ou por não serem pagos de seus soldos. De sorte que quando elle está á mesa, abre-se a porta da sala do jantar, e os seus domesticos escolhem e fazem entrar as doze pessoas que bem querem. É coisa divertida vêl-os em competencia de quem se sentará primeiro, porque o que uma vez se sentou, não torna a levantar-se. Eu comi alli muitas vezes quando não tinha dinheiro; e quando ha mais de doze pessoas, os que excedem esperam na grande sala que o arcebispo acabe de comer, e então se manda a alguns do que sobeja ao levantar da mesa.

«O rendimento d'este prelado é maravilhosamente grande; e este do meu tempo tinha um mordomo que possuia de seu sessenta mil cruzados, e todos

Estes religiosos repartiram entre si as missões da Asia e Africa oriental do seguinte modo: os franciscanos tomaram para si as de Cochim, Coulão, Ceylão, costa de Coromandel e Japão; os jesuitas, missão universal, dividiram-se em quatro provincias orientaes: do *norte*, do *sul*, do *Japão* e da *China;* os dominicos tinham á sua conta a Africa oriental, Jafanapatão, Malaca, China, Solor e Timor; os reformados de S. Francisco encarregaram-se das christandades de Diu, Damão, Chaul, S. Thomé, e tambem de parte de Malaca, Moçambique, Cochim, Taná e Ceylão; os augustinianos, da Persia, Baçorá, Mascate, Ormuz, Baçaim, Bengala, Mombaça, e tomaram parte em outras muitas missões; os theatinos, do Malabar, Golconda, Bornéo e Sumatra; os carmelitas, de Canapur, Quitur e Tamaricopa; os congregados, de Ceylão, e os hospitalarios, dos hospitaes de Damão, Diu e Moçambique.

O unico convento de religiosas fundado na ilha de Goa, o qual ainda hoje existe, é o mosteiro de Santa Monica da ordem de Santo Agostinho, instituido pelo arcebispo D. fr. Aleixo de Menezes em 1606.

Quando, pela perda de Ceylão, Malaca, Cochim e outras conquistas dos portuguezes, ficou o estado da India reduzido a Goa, Chaul, Baçaim, Damão e Diu, em cujas cidades havia ao todo quarenta mosteiros, mas povoado cada um d'elles de poucos religiosos, tentou-se diminuir o numero de casas conventuaes, ou pelo menos prohibir que de futuro se erguessem novos cenobios; porém uma e outra idéa caducaram, porque as tendencias do seculo não animavam emprezas de tal ordem.

Pela extincção da companhia de Jesus em 1759 foram presos no estado da India os duzentos vinte e um jesuitas que ali viviam em casas conventuaes e collegios; e em 1761 foi cedida a sua casa professa do Bom Jesus, o noviciado da ilha de Chorão e a casa conventual de Rachol aos missionarios italianos de S. Vicente de Paulo, para ali estabelecerem seminarios. Estes padres, expulsos da India portugueza em 1790, por não quererem admittir alguns regulamentos contrarios aos seus estatutos, que o governador e o arcebispo de Goa lhes tentaram impôr, foram substituidos no magisterio por portuguezes da mesma ordem religiosa (do convento de Rilhafolles), e na sua falta por clerigos da congregação do Oratorio.

Por occasião de um incendio na casa do Bom Jesus foi extincto o seminario que ali existia, e os outros dois (Chorão e Rachol) foram ha pouco reunidos em um só. Os colle-

os outros seus officiaes e servidores á proporção. Estes servidores são chamados *criados*, e pela maior parte veem de Portugal; os outros são escravos, e chamam-lhes *captivos*. Quanto ás esmolas, não são sempre do proprio bolsinho do prelado, mas todos os annos se lhe entregam grandes sommas de dinheiro para este effeito. Tira grandes presentes e proveito de todos os outros prelados e ecclesiasticos da India. Tem sua justiça e suas prisões em Goa, e tem direito de inspecção sobre a Inquisição, e por este respeito tem sua parte na confiscação dos bens dos que n'este tribunal são condemnados. Este de que tenho fallado é mui curioso de fabricar egrejas e mosteiros, e principalmente um da sua propria ordem, que elle augmenta e enriquece muito e tem ahi feito aposentos separados para elle, onde se recolhe ás vezes por dois ou tres dias. Vae tambem algumas vezes passar oito dias a fio n'outro convento chamado de *Nossa Senhora do Cabo* que é de Capuchos ou Recoletos á entrada da barra, e vae alli por agua na sua *manchua* ou pequena galeota coberta.

Quando o vice-rei ou o arcebispo vão assim por mar, vão acompanhados de muitas outras *manchuas* de fidalgos. Tem tambem uma musica excellente

glos e igrejas de S. Paulo e de S. Roque de Goa, que pertenciam igualmente aos jesuitas, calram em ruinas com a ausencia dos mesmos padres.

Quando foram extinctas as ordens religiosas na India (1835), existiam em Goa duzentos quarenta e oito frades, repartidos pelas seguintes ordens:

Franciscanos	27
Ditos reformados	31
Dominicos	41
Augustinianos	59
Theatinos	16
Hospitalarios	15
Congregados	36
Carmelitas	23
Total	248

Se a abolição completa de todas as ordens monasticas em Portugal é assumpto que admitte controversia quanto á sua utilidade ou inconveniencia, a extincção das casas religiosas da India não está no mesmo caso: os frades eram os maiores perturbadores da ordem publica, e os inimigos mais declarados da prosperidade d'aquelle estado.

«Affirmo a Vossa Magestade (dizia o vice-rei da India, conde de Villa Verde, em officio datado de 15 de novembro de 1694) que o maior trabalho que aqui teem os viso-reis é com os frades; e sendo-me necessaria toda a attenção para as materias politicas do governo, os frades me perturbam de sorte que para elles só todo o tempo não basta »

E já em dezembro de 1691 escreviam ao rei os governadores interinos da India.

«Senhor:—Não dá tanto cuidado a quem governa este estado o em que elle se acha, como dão as continuas perturbações dos religiosos que assistem n'estas partes, sendo excepção de todos os *dominicos* e os padres da *companhia de Jesus*, porque só estes vivem com aquella moderação religiosa que em toda a parte costumam ter; porém nos mais é insoffrivel a inquietação que causam, pois apenas se socegaram os religiosos de Santo Agostinho, quando começaram a contender os capuchos, franciscanos e carmelitas; o que

de trombetas, charamelas e outros instrumentos, e por esta guisa todos os fidalgos principaes. Quando o arcebispo anda pela rua vae no seu palanquim, acompanhado de muitas pessoas nobres a cavallo, e de dignidades ecclesiasticas em palanquim, cada um em seu; atraz vão muitos pagens e lacaios a pé; os servidores portuguezes vão a cavallo. Nas grandes solemnidades e procisções geraes apparece com apparato pontifical, e adiante d'elle vae um capellão com uma cruz similhante áquella que vi na egreja dos jesuitas, e de que acima fallei. No pateo de seus aposentos e defronte d'elles ha sempre grande numero de cavallos e palanquins de fidalgos e outras pessoas, que alli veem ou a tratar negocios ou a fazer visita. Nunca sahe fóra de Goa, e não faz visitas, deixa isso ao seu bispo de Goa.

«O arcebispo sobredito tinha grande desejo de regressar a Portugal, mas não ousava fazel-o, porque é mister que el-rei envie outro que lhe succeda. Comtudo elle havia obtido licença para se ir embora, e havia feito todos os apercebimentos de mantimentos e *matalotagem* para mais de cem pessoas, afóra os seus domesticos, que montavam bem a outro tanto numero, e são ne-

fazemos presente a Vossa Magestade para que seja servido ordenar o como nos havemos de haver nas bulhas d'estes religiosos, que *devendo gastar o tempo na conversão dos infieis, o consomem e passam todo em dependencias particulares, parecendo os claustros mais quarteis de soldados que habitações de monges.*»

Devemos todavia confessar que se os frades não davam lições de moralidade ao povo, muitas vezes serviram para animar, com o exemplo, os soldados da India. Sabemos, por um documento official do seculo XVII, que os franciscanos obraram proezas na guerra, pelejando e morrendo muitos d'elles, como valentes, na defeza do forte de Chaporá, na investida do baluarte Santo Estevão em Goa, nas muralhas da fortaleza dos Reis Magos, na guarnição do passo de Carambolim, e em outros logares arriscados. A camara de Bardez porém não apreciava as qualidades bellicosas dos bons religiosos, e quasi ao mesmo tempo que elles praticavam feitos heroicos, e derramavam o sangue em defeza do estado, reclamava ella contra as *insolencias, desaforos e injurias* que soffria o povo d'aquella comarca da parte dos ditos religiosos, que parochiavam vinte e quatro egrejas do respectivo territorio.

A India, como todas as conquistas dos portuguezes na Asia e na Africa, estava a principio sujeita na parte espiritual ao prior mór da ordem de Christo, por bulla do papa Leão X, e passou em 1515, por outra bulla do mesmo pontifice, a ficar subordinada, com as demais possessões ultramarinas, ao novo bispo do Funchal e Arguim; porém no anno de 1534 constituiu-se o bispado de Goa (por bulla do santo padre Paulo III, de 1 de novembro) comprehendendo todos os estabelecimentos portuguezes desde o cabo da Boa Esperança até aos confins do oriente, e ficando por então suffraganeo do arcebispado do Funchal, cuja diocese fôra elevada á dignidade metropolitana em 1533.

A instancias de el rei D. Sebastião foi Goa elevada á categoria de arcebispado, por bulla do papa Paulo IV, de 4 de fevereiro de 1557, com dois bispados suffraganeos: o de Cochim, cuja diocese começava em Cranganor e abrangia a costa de Coromandel até ás boccas do Ganges; e o de Malaca, comprehendendo a peninsula malaia, de Pegu até á China, Java, Sumatra e as Molucas. A diocese de Goa ficava restringida á parte da India ao norte de Cranganor e Africa oriental até ao cabo da Boa Esperança.

Depois foram creados outros novos bispados suffraganeos de Goa; a saber: o de Macau, comprehendendo toda a China e Japão, em 1575; o de Funay, desmembrando o Ja-

cessarios ao menos trezentos *pardaus* para mantença de um homem da India a Portugal. Eu e os meus dous companheiros lhe apresentámos a nossa petição, para que fosse servido deixar-nos embarcar na sua nau, o que elle nos concedeu, assim como a outra muita gente. Mas coisa de um mez antes de as naus estarem prestes a partir, determinou ficar ainda mais um anno, e de feito eu soube depois que no anno seguinte recolhera a Lisboa a salvamento. Quando eu estava ainda na India ouvi dizer que o rei de Hespanha estava raivoso contra elle por causa da morte do rei de Ormuz, que elle mandou queimar em Gôa, como adiante direi; porquanto todos os portuguezes dizem que só elle fôra d'este parecer, querendo o vice-rei, toda a nobresa e até a Inquisição salvar o homem; mas o arcebispo trouxe-os á sua opinião com boas pistolas de que estava munido. Pela minha parte eu sempre o achei homem muito de bem e grande esmoler. Mandou-nos dar com que comprassemos camisas e mais vestuario quando estavamos para embarcar. Fallava-nos

pão d'aquelle, em 1588; o de Meliapor, que começava na costa de Coromandel e terminava no Pegu (1606); os de Pekin e Nankin, na China, tambem desmembrados do de Macau, em 1690. O arcebispado de Cranganor, erecto por bulla de 3 de dezembro de 1609, em substituição do bispado de Angomale (creado em 4 de agosto de 1600), comprehende o territorio do Indostão entre Cananor e Vaipim, e não teve, nem tem, suffraganeos.

Tambem tivemos um patriarcha na Ethiopia, um bispo de Sirene na Persia, e outros *in partibus infidelium.*

Celebraram-se em Goa cinco concilios provinciaes (desde 1567 até 1606), e n'elles se fizeram trezentos e dezesseis decretos relativos á disciplina da egreja.

Desde 1606 que o arcebispo de Goa tomou o titulo de *primaz do oriente.*

Em 1612 foi separada do arcebispado de Goa a costa oriental de Africa, desde o cabo Guardafu até ao da Boa Esperança, cujo territorio passou a constituir a prelazia de Moçambique.

Por bulla do papa Gregorio XIII, de 13 de dezembro de 1574, foi concedido aos bispos de Cochim o direito de governar o arcebispado de Goa na *sede-vacancia;* e por bulla do pontifice Leão XII, de 12 de dezembro de 1826, se estendeu esse mesmo direito ao arcebispo de Cranganor na falta do bispo de Cochim, e ao bispo de Meliapor na falta do arcebispo de Cranganor.

Os arcebispos de Goa e os cabidos da mesma sé perturbaram por varias vezes a paz do estado, a ponto de obrigarem os vice reis e governadores a tomar sérias medidas de repressão contra elles, e até mesmo a provocarem as censuras da côrte e determinações superiores para obviarem aos seus excessos. O breve apostolico de 10 de março de 1635, communicado ao vice-rei da India por carta regia de 27 do mesmo mez e anno, auctorisava-o a mandar governar a diocese pelo inquisidor, quando soffresse opposição do cabido

O tribunal da inquisição de Goa foi fundado em 1560, abolido em 1774, de novo restabelecido em 1779, mas sem o apparato das fogueiras, e regulando-se o processo dos réus pelas leis geraes do reino; em 1809 passou este tribunal a ser presidido por um secular, e finalmente foi abolido, por carta regia de 21 de maio de 1814.

Quando soou a ultima hora a este tribunal de sangue, sacrilegamente chamado *santo officio*, já estava muito modificado o systema das *torturas*, e tinham acabado os espectaculos de cannibaes, denominados *autos de fé.* FRANCISCO MARIA BORDALLO.—*Ensaio sobre a estatistica das possessões portuguezas na Asia*, pag. 141.

muitas vezes, e fazia-nos muito bem; e admirava-se principalmente como, sendo nós francezes, puderamos passar o Cabo da Boa Esperança, visto que os reis de França e de Hespanha eram entre si amigos, e d'ahi tirava por conclusão que todos eramos piratas e ladrões; opinião que alli era geral sobre nós, não sendo, segundo elles, tanto de estranhar este procedimento nos inglezes e hollandezes por serem seus inimigos assim no que tocava ao estado como na religião. Mas não obstante isto, este arcebispo não dizia, como toda a outra gente, que deviamos ser enforcados com a licença e passaporte do nosso rei pendurado ao pescoço.

«Ha longo tempo que os jesuitas e elle andam em letigio, porque lhe não querem reconhecer superioridade, mas só ao papa e ao seu geral; este processo está pondente em Roma. O arcebispo, quando sahe fóra, faz levar comsigo um grande *sombreiro;* e é para notar que assim o d'elle, como o do vice-rei e dos outros grandes senhores, são mui magnificos e cobertos de velludo ou outro panno de seda, e no inverno de algum bom panno oleado; e o cabo d'esses sombreiros é de bonito feitio, pintado de azul, e doirado.

«No que toca aos outros prelados, governam-se em seus cargos do mesmo modo que em Hespanha. Quanto á Inquisição, é composta de dois ecclesiasticos, que são tidos em grande dignidade, e respeito, mas um é superior ao outro, e se chama *inquisidor-mór*. A justiça da Inquisição é alli muito mais severa que em Portugal, e queimam mui frequentemente os judeus, a que os portuguezes chamam christãos novos. Quando estes são presos pela justiça do Santo Officio, todos os seus bens são tambem confiscados, e não prendem senão os ricos. É esta justiça a mais cruel e impiedosa coisa do mundo, porque a menor suspeita, a mais leve palavra, seja de uma creança ou de um escravo que quer ser molesto a seu senhor, fazem logo condemnar um homem á pena ultima, e dá-se alli credito a qualquer creança, por mui pequena que seja, comtanto que saiba fallar. Ora são accusados de pôr crucifixos nas almofadas sobre que se assentam ou ajoelham, ora que açoutam imagens e não comem toucinho; emfim, que guardam ainda secretamente sua antiga lei, sem embargo de fazerem publicamente obras de bons christãos; e verdadeiramente creio que a maior parte das vezes provam contra elles o que querem, porque não condemnam á morte senão os ricos, e aos pobres dão sómente alguma penitencia. E o que é ainda mais cruel e iniquo é que um homem, que quizer mal a outro, por se vingar o accusará d'este crime, e sendo preso, não ha amigo que ouse fallar por elle, nem visital-o, ou procurar por suas coisas, como em similhantes casos acontece aos criminosos de lesa-magestade. O povo em geral não ousa fallar d'esta inquisição, salvo com grande acatamento e respeito, e se por ventura escapasse alguma palavra que de algum modo lhe tocasse, é mister ir logo accusar-se e denunciar-se a si a propria pessoa, se desconfia que alguem a ouviu; porque aliás se outrem a denunciasse, ficaria logo perdida. É horrivel e escandalosa cousa ser alguma vez alli preso, porque não ha nem procurador nem advogado que falle pelo pobre encarcerado; mas os ministros d'aquelle tribunal são juizes e partes ao mesmo tempo.

«A fórma de proceder na inquisição de Goa é em tudo similhante á de Hespanha, Italia e Portugal. Ha pessoas que ás vezes estão dois e tres annos presas sem saber porque, e não são visitadas senão pelos officiaes do tribunal; e no logar em que estão nunca vêem a mais ninguem; e se não tem posses para viver, dá lhes el-rei o mantimento. Os gentios e moiros indianos, de qualquer religião que sejam, não são sujeitos á inquisição, salvo se se houverem feito christãos; mas assim mesmo não são castigados tão rigorosamente como os portuguezes, ou *christãos novos* vindos de Portugal, e os outros mais christãos da Europa. Mas se por ventura um indio, moiro ou gentio, tiver divertido, ou impedido outro, que mostrasse vontade de se fazer christão, e que isto se provasse contra elle, seria castigado pela inquisição; como tambem aquelle que tivesse feito a outro deixar o christianismo, como mui frequentes vezes acontece. A causa porque não tratam estes indios tão rigorosamente é porque entendem que elles não podem ser tão firmes na fé como os christãos velhos; e tambem porque assim se impediria a conversão dos outros: de sorte que se lhes deixam ainda algumas pequenas superstições gentias, como não comer carne de porco ou de vacca, ou não beber vinho; e igualmente o seu antigo modo de vestir e adornos, assim aos homens como ás mulheres christãs.

«Ser-me-hia impossivel dizer quanto numero de pessoas esta Inquisição faz morrer diariamente em Gôa, e contentar-me-hei só com o exemplo de um joalheiro ou lapidario hollandez que alli assistia ha mais de vinte e cinco annos, e era casado com uma portugueza mestiça, de quem tinha uma filha mui linda prestes a casar, e havia grangeado uns trinta a quarenta mil cruzados de fazenda. Ora dando-se este homem mal com sua mulher, foi accusado de ter livros de religião protestante, e sendo por isso preso, sua fazenda foi confiscada, e d'ella deixaram metade á mulher, e a outra metade ficou á Inquisição. Não sei que mais aconteceu, porque n'esse meio tempo me vim embora, mas bem creio que terá sido sentenciado á morte, ou ao menos perdido toda a sua fazenda. Era hollandez de nação; não fizeram outro tanto a um soldado portuguez, que era casado em Portugal e na India; mas era pobre, e assim só o mandaram na nossa nau preso para Lisboa; se fosse rico, não teriam tomado o trabalho de o mandar.

«Todas as outras inquisições da India são subordinadas á de Goa. É nas festas principaes do anno que se fazem as execuções, e n'estes autos todos os pobres condemnados marcham juntos com camisas breadas e pintadas de chammas de fogo; e a differença que os que são condemnados a pena ultima teem dos outros, é que as chammas d'estes correm para cima, e as d'aquelles correm para baixo. São levados á igreja principal, ou *Sé*, que é mui perto da prisão, e alli assistem á missa e sermão, no qual se lhes fazem grandes admoestações; depois são levados ao *Campo de São Lazaro*, e alli os queimam em presença dos outros, que assistem ao auto.

«Fallando agora dos ecclesiasticos da India; ha ahi grande numero de ordens religiosas, que todas recebem renda d'el-rei de Hespanha, além d'aquellas que são mendicantes, e que arranjam grossas esmollas, e a essas mesmas dá el-rei alguma pensão. Os parochos tambem recebem todos d'el-rei as suas

ordinarias, e este cobra os dizimos que o papa lhe concedeu: o pé d'altar e mais benesses pertencem aos vigarios e curas. Todos os ecclesiasticos andam vestidos de sarja d'algodão, por quanto a lã alli é mui rara e cara, porque vem de Portugal; e o algodão é mui commodo por causa do calor. Lá não é como cá entre nós, porque toda a sorte de religiosos alli baptisam, confessam, são curas d'almas, e administram todos os sacramentos como os outros sacerdotes seculares, que elles chamam *Clerigos*. Acceitam para padres aos indios naturaes, de qualquer religião que procedam, excepto os jesuitas que não querem senão christãos nascidos de pae e mãe europeus. Todos os ecclesiasticos são mui ricos, e cada um grangeia particularmente para si o que póde; os jesuitas porém tem tudo em commum; e quando andam de viagem por onde quer que seja não levam mais que o seu breviario. Só elles tambem são os que ensinam a doutrina, e tem collegios n'aquella terra para toda a sorte de sciencias, e instruem toda a sorte de creanças, assim indios como portuguezes.

«O seu principal e primeiro collegio de toda a India é o de S. Paulo de Goa, onde mandaram fabricar contiguas ás sua casa e igreja aposento para isso, e ahi todas as classes são múi bem separadas e ordenadas. Os estudantes não entram na casa dos padres, e os mestres não saem de casa para ir ás suas classes, nem passam á rua para esse fim. Fazem alli muitas vezes brinquedos representam comedias, com guerras e batalhas, tanto a pé como a cavallo, e e tudo em muito boa ordem, e com vestuario apropriado. Penso que ha n'este collegio mais de tres mil estudantes. Quando vão para o estudo, vão estes antes de entrar nas aulas ouvir missa á igreja de S. Paulo; e quando saem das aulas todos os de um mesmo bairro caminham juntos, e vão cantando pela rua em alta voz resas e orações com seu credo; mas só vão assim cantando os meninos menores de quinze annos; porque os de quinze annos para cima não seguem este estylo. O fim d'este canto é attrahir os infieis á fé.

«Todos os domingos e dias santos depois do meio dia os mestres e outros padres jesuitas para isso ordenados, vão em fórma de procissão pela cidade, com cruzes e bandeiras, cantando com todos os seus estudantes, que marcham formados segundo as suas classes, e então cantam todos, grandes e pequenos, e são seguidos de grande numero de habitantes, e todos vão á egreja do Bom-Jesus, onde um padre jesuita os cathequisa, e toda a egreja está cheia de bancos para este effeito. As mulheres tambem alli vão para ouvir o cathecismo, sem faltarem um só domingo ou dia santo. Estes padres jesuitas não recebem dinheiro dos estudantes. Todos os portuguezes da India teem tambem costume de no dia de finados enviar quanto cada um melhor póde, pão, vinho e outras iguarias sobre as sepulturas de seus parentes e amigos defunctos; e durante o officio todas as sepulturas se vêem cobertas d'estas coisas; e depois de o povo sahir da egreja, os padres ou religiosos aproveitam para si tudo isto, ficando em obrigação de rogar a Deus pelos finados.

«Jejuam vespera de Natal, e jantam ao meio dia; mas antes de irem á missa da meia noite, pela volta das onze horas fazem uma collação que equivale a uma ceia, salvo não comerem carne nem peixe, mas tudo o mais comem e bebem a fartar. As mulheres, sobretudo, assim senhoras como jovens desejam

muito esta noite, porque, como vão todas á missa, servem-se da devoção para gozarem seus amores. Por todas as ruas ha n'esta noite lanternas. No dia de Natal em todas as egrejas se representam os mysterios da natividade, com grande copia de personagens e animaes que fallam, como cá os bonifrates, e ha grandes rochedos, e por baixo d'elles homens que fazem mexer e fallar estas figuras como querem, e todos vêem estes brincos. Mesmo na maior parte das casas e encruzilhadas das ruas ha similhantes divertimentos, e faz lá n'esta estação melhor tempo que cá pelo S. João. Nas ruas, praças e outros logares da cidade ha mesas cobertas de bellas toalhas brancas e bem obradas, e sobre ellas muitos confeitos, doces seccos e bolos, a que chamam *rosquilhas*, de mil feitios diversos, de que toda a gente compra para dar mutuamente por consoada; e dura este especie de feira até passado dia de Reis. De noite vão pôr grandes letreiros com estas palavras — *Anno bom* — acompanhados de musica e instrumentos.

«Quando chega a festa da Paschoa toda a quinta e sexta feira santa fazem procissões geraes, como é uso em todas as terras de el-rei de Hespanha, e nas taes procissões vão grande copia de penitentes de todas as qualidades, que se disciplinam e marcham de joelhos com os braços cruzados. Seria impossivel representar todas as ceremonias e modos estranhos e supersticiosos, que n'estes actos observam. Para estes penitentes ha logares á maneira de hospitaes, providos de vinagres, doces, pão, vinho e outras especies de refrescos e muitos pannos brancos. O vinagre serve para lhes lavar as feridas, e o mais para os restaurar comendo e bebendo; e ainda os pannos para os limpar e curar.

«Em todas as egrejas fazem mui famosos monumentos. O interior d'ellas é ricamente ornado, e o pavimento juncado de hervas e flores, com grandes ramos de bellas e largas folhas aqui e alli, pela maior parte de palmas, e o mesmo fazem na parte externa, pois n'estas occasiões ao redor das egrejas e ainda nas ruas, que são mui bem variadas, plantam muitas ervas, flores e arbustos. Nos logares visinhos ás ditas egrejas põem grandes lamedas de palmeiras de uma e outra banda; e teem tambem para uso da egreja grande numero de charamellas, cornetas, tambores e outros instrumentos. Ás portas vende-se toda a casta de comestiveis, enfeites e brincos de creanças. Todas as festas começam ao meio dia, e passada esta hora não ha mais solemnidade. Annunciam com cartazes em todas as ruas e logares costumados as festas e as egrejas onde são, com os seus perdões e indulgencias.

«Todos os novos christãos, assim homens como mulheres, trazem ao pescoço grandes contas de pau. Os portuguezes e mestiços trazem-n'as na mão e nunca cessam, emquanto fallam, tratam negocios ou executam outra qualquer acção, de deixar cahir os padre-nossos e ave-marias; não sei o que elles dizem, mas vi muitas vezes que ainda jogando aos dados faziam o mesmo. Teem um costume, que é, quando se eleva o Sacramento, á missa, levantam todos a mão, como quem aponta para o Sacramento, e bradam todos em voz alta, duas ou tres vezes — *Misericordia* — batendo nos peitos. Não usam o pão bento, como nós. Quando seus escravos de um e outro sexo vão á missa, levam ferros aos pés, ao menos aquelles de que se desconfia, que querem fugir.

«No que toca a seus casamentos, o homem nunca vê a noiva, senão quando ella vae á egreja, mas não falla. Vae ella mui bem enfeitada á moda de Portugal, e coberta de perolas e pedras preciosas; e se lhe agrada, vae o pretendente no outro dia com um padre a sua casa, e a pede em casamento; depois do que póde continuar a ir vêl-a, mas nunca os deixam sós. Casam-se ordinariamente de tarde, e vão em grande solemnidade á egreja. A noiva é ás vezes acompanhada de oitenta ou cem cavalleiros bem ordenados, porque todos os parentes e amigos de uma e outra parte assistem ao acto. Egualmente é acompanhado de outros tantos palanquins, em que vão todas as parentas e amigas. É conduzida por duas das suas mais proximas parentas, e similhantemente o noivo por dois dos seus até ao interior da egreja perante o padre. Estas quatro pessoas são chamadas compadres e comadres.

«Terminada a ceremonia da egreja voltam para casa pela mesma ordem ao som de muitas trombetas, cornetas e outros instrumentos que tangem desde a egreja até casa, e por onde passam lhes vão lançando muitas flores, aguas cheirosas, confeitos e doces sobre o acompanhamento, o que apanham os servidores. Chegados a casa os noivos com os homens e damas, mais proximos parentes e de mais edade entram, e os mancebos ficam na rua, onde recebem os agradecimentos; e no entretanto se recreiam em fazer menear, correr e saltar os seus cavallos defronte da casa, e se batem com laranjadas, e jogam cannas uns aos outros; estando os noivos e toda a mais companhia ás janellas, que são em fórma de galeria, d'onde assistem a esse passatempo. Por fim apeiam-se todos os cavalleiros, e entram n'uma sala baixa onde se lhes offerece toda a sorte de fructas e doces com agua de Banguenim, e depois o noivo lhes vem repetir agradecimentos com toda a cortezia. Segue-se um banquete a todos os parentes, que não dura muito tempo, e concluido elle, cada um se recolhe a suas casas.

«Nos baptismos usam das mesmas ceremonias e solemnidades, que nos casamentos. O padre mergulha tres vezes a creança na agua benta, e põem alli uma grande salva de prata dourada cheia de rosquilhas, biscoitos, massas e outros doces, com um grande cirio plantado no meio e uma peça de oiro pegada n'elle; e tudo isto é para o parocho, excepto a salva.

«No dia da festa do orago de um mosteiro ou convento dão alli um grande banquete a muitas pessoas da sua amisade, e o mesmo fazem os parochos e curas nas festas das suas egrejas.

«Todos os christãos de Gôa, assim portuguezes como mestiços e indios abastados e ricos, vão á egreja em grande pompa e ostentação, acompanhados de seus familiares, pagens e lacaios bem ordenados. São conduzidos no seu palanquim, e todavia não deixam de fazer levar apoz si seus cavallos e sombreiros, e os pagens levam cadeiras ou tamboretes bordados, com duas almofadas de veludo. Todos trazem espada á cinta, e atraz d'elle marcham todos os seus servidores e escravos, de que os mais ricos tem vinte ou vinte e cinco. Mas nunca vão sem as suas grandes contas na mão, e fazem levar um coxim para ajoelharem. Emfim marcham com a maior soberba do mundo, e são tão fausosos, que é mister que um dos servidores tome agua benta para a dar a seu

amo ou ama, e isto sendo homens ou rapazes, porque as moças donzellas, e as mulheres nunca chegam nem tocam na pia da agua benta.

«As mulheres ricas e nobres vão pouco á egreja, a não ser nos dias das festas principaes, e quando vão, apparecem soberbamente vestidas ao modo de Portugal com vestidos pela maior parte de brocado de oiro, de seda e prata, ornadas de perolas, pedras preciosas e joias na cabeça, mãos e cintura; e cobrem-se com um véo do mais fino crepe do mundo, que lhes desce da cabeça até aos pes. O véo das donzellas é de côr, e o das damas preto. Nunca usam meias. Os seus vestidos e saias arrastam pelo chão. As chinelas ou chapins são abertos pela parte superior e só cobrem a ponta do pé, mas são todos bordados a ouro e prata em palheta até abaixo do chapim, e por cima cobertos de perolas e pedras preciosas; e tem uma sola de cortiça de quasi meio pé de altura. Quando vão á egreja são levadas em palanquim o mais ricamente paramentado que é possivel; tem dentro um grande tapete da Persia, que elles chamam alcatifa, e ha d'estes alguns que valeriam cá quinhentos escudos; e além d'isso ha duas ou tres almofadas de veludo ou brocado de oiro, prata e seda, uma para a cabeça e outra para os pés; e na egreja estas alfaias são levadas por suas aias ou criadas, que são portuguezas ou mestiças. Se estas damas teem algum filho ou filha pequena, mettem-n'os comsigo no seu palanquim.

«As servidoras ou escravas vão atraz a pé, e chegam ás vezes a ser quinze ou vinte ricamente vestidas de seda de todas as côres, com um grande crepe fino por cima, a que chamam mantos; mas não se vestem ao modo de Portugal, e usam grandes peças de panno de seda, que lhes servem de saias e teem tambem roupinhas de seda mui fina, a qual chamam bajus. Entre estas escravas acham-se mui lindas moças de todas as nações da India. E é para notar que os maridos mandam tambem acompanhar suas mulheres de seus pagens, com um homem ou dois de boa condição, portuguezes ou mestiços, para as levar e suster pela mão depois de descerem de seu palanquim, e as mais das vezes chegam a entrar dentro da egreja no palanquim, tanto é o seu receio de ser vistas na rua. Não trazem mascara, mas andam todas tão arrebicadas, que é uma vergonha. E todavia não são ellas que receiam de ser vistas, mas sim os maridos, que são tão zelosos que mais não póde ser. Uma das servidoras ou escravas leva a rica alcatifa, outra as duas preciosas almofadas, outra uma cadeira da China, bem doirada, outra uma bolsa de veludo onde está o livro, lenço e outras coisas necessarias; outras uma bella esteira mui fina para pôr por cima da alcatifa; outra, finalmente, o leque e mais outras coisas do uso da senhora.

«Estas damas, quando entram na egreja, são levadas pela mão por um ou dois homens, porque não podem andar sós por causa da altura de seus chapins, que pela maior párte teem meio pé de altura, e são abertos por cima. Um d'estes homens dá agua benta na mão da senhora, e esta vae depois tomar o seu logar a quarenta ou cincoenta passos de distancia, gastando no caminho pelo menos um bom quarto de hora, tão grave e pausadamente marcham! e levam na mão umas contas de oiro, perolas e pedras preciosas. As-

sim o fazem todas, segundo suas posses, e não segundo sua qualidade. Quando levam consigo seus filhos, fazem-nos ir diante de si. As servidoras e escravas folgam muito de que suas senhoras não vão á missa, porque então vão ellas sós, e podem visitar seus namorados como ordinariamente fazem, e n'isto nunca se descobrem ou accusam umas ás outras.

»Eis ahi as coisas mais singulares e notaveis que eu vi em Goa, e seria um nunca acabar, se eu quizesse particularisar e dizer por miudo tudo o que ahi observei em dois annos que lá estive; contento-me só de haver tocado geralmente algumas coisas, deixando por ellas julgar do resto.

«De maneira que, quem houver estado em Gôa póde asseverar ter visto as maiores singularidades da India, pois é ella a mais famosa e celebrada cidade pelo trafico de todas as nações indianas que lhe levam tudo quanto as suas terras podem produzir, assim em mercadorias como em mantimentos e outras commodidades que alli ha em grande abundancia, porque aportam alli cada anno mais de mil navios carregados de tudo o que torna alli os mantimentos mais baratos que em outro algum logar do mundo, porque o que cá custaria cincoenta soldos, não vale lá cinco. A maior parte dos viveres, fructos e outros regalos e commodidades lhe vem do Dealcão. O peixe de mar é ali em tal abundancia, que ha mais do que é mister, comquanto se coma alli muito mais peixe que carne, porque é aquelle o seu quasi unico alimento, e sem embargo d'isso perde-se outro tanto como se come, porque se não pode guardar por mais de vinte e quatro horas, por causa do calor do paiz que corrompe logo todas as viandas. Não se vê pelas ruas e esquinas outra coisa mais que homens e mulheres que frigem e assam peixe para vender, tudo temperado com os molhos e especiarias necessarias.

«Acrescentarei ainda que tendo assistido dois annos em Goa entre portuguezes, é impossivel referir e exprimir as affrontas, injurias e opprobrios que padeci. E em verdade posso dizer sem vaidade, que se durante o tempo de dois annos que alli me detive, eu tivese o menor vislumbre de esperança de regressar a França, teria sido mais curioso de conhecer e observar as coisas bellas e curiosas d'aquella terra. Mas desde o dia do nosso naufragio até que sahi em terra na Rochella, nunca tive um momento de esperança de minha volta; o que tambem foi causa que me não applicasse a ajuntar riquezas, como podéra fazer, porque lá mui pouca coisa basta para sustentação de um homem, pois tudo é por preço vil. Não deixei, todavia, de observar muitas singularidades no que toca ás riquezas e mercadorias d'aquellas partes, por haver frequentado na maior parte da India, assim os indios naturaes como os portuguezes, com os quaes andei para o norte e para o sul, correndo e defendendo as suas costas, e dando guarda aos navios mercantes na ida e na volta.

«Mas sempre direi que, se os portuguezes tivessem julgado, que me passava só pelo pensamento observar alguma coisa d'entre elles, assim da navegação da India, como outras particularidades de seu estado e commercio, não me teriam nunca permittido o meu regresso, antes me haveriam dado a morte ou desterrado, como fazem aos seus malfeitores, mas eu tive sempre boa cautella de lhes não dar a menor suspeita n'este particular, estando de sobre aviso á

vista d'outros exemplos, como foi aquelle em que tendo elles apanhado o batel de um navio inglez na costa de Melinde, e tendo achado dentro d'elle um homem de sonda na mão para sondar e reconhecer a costa, o mataram cruelmente, o que não costumavam fazer aos outros estrangeiros. E posto que eu confesso ser pouco esperto, ainda lhe dava demonstração de o ser menos por medo de lhe dar má opinião de mim. E até lhes fiz crer que eu não sabia ler nem escrever, e que não entendia a sua linguagem; e para viver bem com elles me era mister obedecer-lhes em tudo e por tudo, de sorte que se algum d'elles me queria ou fazia mal, eu tratava por todos os meios de fazer a paz com elle, e de os ter todos por meus amigos. Eis como passei quasi dois annos e meio com elles, sem contar o tempo que levamos na torna-viagem desde Gôa até Portugal.

«Os exercicios a que se dão os Portuguezes, tanto em Gôa, como nos outros logares da India, são primeiramente menear as armas e montar a cavallo, e nos dias festivos e domingos se occupam em mil corridas a cavallo, lançando laranjas e jogando cannas uns com os outros, e estando cada um o melhor apercebido e ordenado que póde. Não passa festividade alguma em que não façam algum brinco a que assiste o povo que alli acode aos ranchos, e a todas as ceremonias e solemnidades da festa se acrescentam feiras, banquetes e musicas em toda a sorte de instrumentos, entremeiando assim os prazeres com as devoções. Deleitam-se tambem muito de ir a passeio pelo rio em suas *manchuas* feitas em fórma de galeotas, onde vão a coberto, com musicas, e assim vão desembarcar ás suas fazendas ou as de seus amigos, onde ha casas aprasiveis com jardins e hortas, mui povoadas de palmeiras e grande abundancia de reservatorios e regatos de aguas claras e frescas; e ahi se banham, merendam e tomam outros refrescos á sombra.

«No que respeita a jogos de cartas e de dados e outros de azar são permittidos, e ha casas deputadas para isso, cujos donos pagam tributo a el-rei, e ninguem ousaria jogar em outra parte fóra d'alli, sob pena de grossa multa. Os que teem por sua conta estas casas e bancas de jogo tiram grandes lucros, porque é coisa admiravel o grande numero de jogadores que ordinariamente ahi se juntam, de que a maior parte até comem, bebem e dormem alli por não terem outra occupação fóra esta. Tudo alli está mui bem ordenado nas salas e camaras, que são bellas, claras e bem alcatifadas, e ha sempre servidores prestes para servirem os freguezes de tudo o que hão mister. Nunca vi jogadores mais liberaes e bisarros do que aquelles, porque os que ganham dão voluntariamente dinheiro aos que estão de fóra do jogo, isto é, áquelles que se entretem a ver jogar, e querem entrar no jogo. Chamam a esta bisarria *barato*. E não é vergonha aceitar esta dadiva, porque passa mais por um honrado presente, que por uma esmola. Dão algumas vezes d'esta maneira boas peças de oiro; e bastantes vezes, quando eu não tinha dinheiro, ia vêl-os jogar, e mais promptamente m'o davam a mim, do que aos outros portuguezes e mestiços. A maior parte dos soldados, que não teem dinheiro, vão ordinariamente a estas casas. Dão tambem muito aos servidores da casa, e os donos tiram dos jogadores um certo tributo.

«Em quanto jogam, ha raparigas, servas e escravas do dono da casa, que tangem instrumentos, e cantam arias para recrear os parceiros, e note-se que para isto se buscam as mais bellas raparigas que se podem encontrar. Os parceiros jogam jogo mui forte e sem disputa, por causa da regra e policia que alli ha; e ainda que seja o maior senhor do mundo, sempre vai jogar áquellas casas publicas, mas ha n'ellas camaras particulares, segundo a qualidade das pessoas, e n'estes jogos dispendem grandes capitaes. Gostam muito do xadrez e das damas, e de todos os outros jogos de taboleiro. Não usam o jogo da pella, mas sómente jogam á bolla com a mão; e tambem usam muito do jogo dos paus e da bola. Ha tambem alli muitos pelotiqueiros, charlatães e farcistas, que para os recreiar lhes mostram serpentes e outros animaes raros. Lá, assim os homens como as mulheres, todos aprendem a cantar e tocar instrumentos, mas não usam danças.

«No que pertence a seu modo de viver em casa, todos, assim homens como mulheres, moços e moças, quando chegam a casa, tiram logo todo o vestuario, que julgam sobejo. Os homens ficam só em camisa e calções, que lhe chegam até aos artelhos, e são extremamente brancos e finos, tiram tambem o chapeu e põem um gorro ou carapuça, que é de veludo ou tafetá, em fórma de chapeu, e só tem borda de uma banda. As mulheres ficam com as suas roupinhas ou bajus, mais raras e finas que o mais delgado crepe de cá; de sorte que as carnes apparecem por baixo tão bem como se ellas nada tivessem sobre si, e além d'isso deixam ainda o seio mui descoberto, de sorte que se lhe vê tudo até á cintura.

«Na cabeça nada mais trazem que os cabellos atados e torcidos. Da cintura para baixo põem um panno de algodão ou de seda mui bello, mas não tão transparente e fino como o das roupinhas. A maior parte dos homens que se querem casar não se contentam de ver as raparigas, que pretendem, em seus vestidos de festa e ceremonia, por haver n'elles sobejo artificio; mas para concluir o ajuste, querem-n'as ver em casa nos habitos caseiros, afim de as contemplar com toda a sua natural simplicidade, e ver se ellas são bem proporcionadas ou contrafeitas; e tambem não desejam que ellas estejam então arrebicados, como estão quando sahem fóra e se enfeitam.

«A occupação das mulheres não é outra durante todo o dia mais que cantar e tanger instrumentos, e algumas vezes, mas raras, se visitam. Usam tambem dia e noite mascar *betel*, como fazem todos os indios. Seus maridos são mui zelosos, mas ellas são tão dadas ao amor e aos prazeres carnaes, que apenas acham a menor occasião, não a deixam perder. E nunca lhes faltam occasiões e amantes, quando são bellas e ricas, e por conseguinte podem ser amadas e da sua parte retribuir o amor; e as suas servas e escravas estão mui prestes para servir n'isso a suas senhoras, e grangear-lhe algum bom galan; mas os maridos as vigiam mui cautelosamente, e quando sahem a visitas enviam com ellas algum pagem ou outra pessoa de confiança para observar as suas acções; mas ellas são tão astutas e artificiosas, que quasi sempre chegam a lograr seus intentos.

«Ora todas as mulheres da India usam muito de um certo fructo do tama-

nho de uma nespera grande, que se produz não em arvore, mas em uma herva, e é todo verde, redondo, espinhoso por fóra, e por quasi toda a India, é chamado Datró.

«Quando as mulheres querem gosar de seus amores em toda a segurança, dão a beber a seus maridos d'estes fructos desfeitos em alguma bebida ou caldo, e uma hora depois ficam atordoados, e como insensatos, cantando, rindo, e fazendo mil momices, porque perdem então todo o conhecimento e juizo, nem sabem o que fazem, nem o que se faz em sua presença. E as mulheres aproveitam então a occasião de dar entrada a quem bem lhes parece, e fazer tudo quanto lhes apraz, mesmo em presença dos maridos, que nada podem perceber. Este estado dura cinco ou seis horas, pouco mais ou menos, segundo a quantidade da dóse. Depois dormem, e quando despertam persuadem-se que estiveram sempre a dormir sem se lembrarem de coisa alguma do que fizeram, viram ou ouviram.

«Quando tambem os homens querem gosar de uma rapariga ou mulher, e o não podem conseguir, fazem d'ellas o que querem, sem ellas darem por tal. Durante o tempo que n'aquellas terras estive aconteceu acharem-se gravidas muitas mulheres, sem saberem d'onde aquillo lhes vinha. Mas quem tomasse grande quantidade d'este fructo, infallivelmente morreria. Quando os soldados e ontros homens não podem possuir uma mulher, ganham as suas escravas, que por dinheiro vendem e atraiçoam suas senhoras d'esta sorte, fazendo lhes beber d'e ta erva. Verdade é que os escravos são tão mal tratados por seus senhores e senhoras, que cruelmente os tyrannisam, que não ha muito que estranhar se elles se arriscam a tudo para se vingar. Vi um dia em Gôa um escravo de dezoito ou dezenove annos de edade precipitar-se n'um poço, onde se matou para evitar a furia de seu senhor, que corria apoz elle para o castigar.

«Mas ainda que em Gôa as mulheres sejam muito impudicas, e que o clima e os alimentos da terra as favoreçam, todavia nem lá, nem nas outras cidades dos portuguezes ha alcouce publico, nem é permittido havel-o, como em Italia e Hespanha; mas encobre-se alli o peccado o melhor, que se póde; e todavia não se passam maiores privações, do que em muitos outros logares.

«Uma das recreações dos portuguezes em Gôa é juntarem-se ás suas portas com cinco ou seis visinhas assentadas á sombra em bellas cadeiras para praticarem; e estão todos em camisa e calções, com muitos escravos ao redor de si, dos quaes uns os abanam e lhe enxotam as moscas, outros coçam os pés e mais logares do corpo, e catam os bichos. Assim passam a maior parte do tempo, e saudam cortezmente aos que passam, folgando muito de que se detenham para conversar com elles. Quando comem, ou quando se levantam e deitam, mandam vir toda a sua musica de escravos, assim machos como femeas, para os recrear; e emquanto comem, teem escravos que os abanam e enxotam as moscas de cima dos manjares, porque aliás seria difficultoso não engulir algumas d'estas moscas, de que ha grande abundancia por toda a India. O mais ordinario passatempo das mulheres é estar todos os dias as janellas, e são mui bellas, grandes e espaçosas, em fórma de galerias e sacadas,

com jelosias e rotulos mui lindamente pintados, de sorte que ellas podem ver sem ser vistas.»

«Para a guarda pois de toda a costa da India desde Goa até Cambaya, e algumas vezes até Ormuz de uma parte, e da outra até ao Cabo Comorim, para impedir as carreiras dos corsarios malabares, apercebem duas armadas em Goa, e chamam *Armada do Norte* á que vae até Ormuz, e *Armada do Sul* á outra que vae ao Comorim; e são compostas de cincoenta ou sessenta galeotas, com uma ou duas grandes galés como as de Hespanha. Estas armadas sahem no mez de outubro, que é o principio do seu verão, que dura seis mezes pouco mais ou menos, e é o tempo em que correm os corsarios malabares. Para remar em suas galés servem-se de captivos e forçados, e usam da mesma ordem que nós cá usamos. As galeotas são de quinze a vinte bancos de cada lado, e a cada remo não ha mais que um homem que não seja forçado ou captivo, mas canarins e habitantes de Goa, Bardez e Salcete, e colombins, que são a gente mais baixa e rasteira entre aquelles povos, e estes todos servem livremente segundo se concertam. Chamam-lhes *Lascarins*, ao seu patrão *Mocadão*, á galeota portugueza *Navio*, e ás dos malabares *Paráos* ou *Paraó*.

«Alem d'estas duas armadas geraes, fazem-se outras que vão a Malaca, a Sonda, a Moçambique, e outras partes onde é mister, e conforme a seus desenhos; mas estas armadas são compostas de navios redondos, que são como galeões, urcas e náos da India, com alguma grande galeota; e vão a soccorrer e reforçar suas fortalezas, como a ilha de Ceilão, e outros logares onde elles tem guerra, ou onde são accommettidos.

«Todas estas armadas se fazem á custa d'el-rei. Sahem tambem galeotas e navios dos outros portos e enseadas dos portuguezes, que vem juntar-se áquelles mais possantes, e são bem armados; e todos juntos correm a costa, e entram e surgem em todos os portos que pertencem a seus amigos e alliados, assim para refrescar, como para o trafico, porque com estas armadas vae grande numero de navios e galeotas mercantes, a que chamam *Navios de Chatins*, para os differençar dos outros, que chamam *Navios da Armada*. Estes navios mercantes andam assim em conserva dos das armadas pelo temor dos corsarios, que obstam a que andem sós. E ainda a maior parte dos soldados, que tem posses, não deixam de fazer suas veniagas ao mesmo tempo que servem a el-rei, o que lhes é permittido e até certo ponto necessario, pelas poucas presas e soldos que tem. Os navios de guerra são apparelhados á custa d'el-rei, mas os navios de *Chatins* correm por conta de seus donos ou fretadores; e todavia não deixam de estar sujeitos, e de obedecer em tudo ao general das armadas, a que dão o nome de *Capitão-mór*.

«Nas grandes galés podem caber duzentos ou trezentos homens d'armas; n'outras galeotas grandes, a que chamam *Fragatas*, cabem cem; e nas pequenas, que são os navios communs, quasi quarenta ou cincoenta. Ha ainda outras embarcações mais pequenas, a que chamam *Manchuas*, onde cabem quinze ou vinte homens. Quanto aos navios redondos o numero de homens que levam é segundo a sua grandeza.

«A sua ordem e modo de embarcar é este. Quando se quer fazer um embarque em Lisboa para a India, fazem uma leva de soldados por todo Portugal em cada freguezia, como cá se faz com os gastadores, e acceitam toda a sorte de gente de qualquer qualidade e condição que seja, com tanto que chegue á idade de nove a dez annos; e a esses tomam a rol, e ficam tidos e pagos por soldados. Se não se acha quem queira ir de propria vontade, fazem-nos ir por força, sem differença de idade; e todos são matriculados na *Casa da India* de Lisboa, onde dão fiador até embarcarem. Adianta-se-lhes todo o dinheiro da viagem, porque a maior parte são filhos de gente pobre, e tem necessidade de se vestir e armar. A paga é segundo a qualidade das pessoas. O seu modo de contar o dinheiro é por *Réis*, como em Castella por *Maravedis*, que é uma certa moeda que vale dinheiro e meio da nossa, e dizem tantos mil *Réis*.

«Entre estes soldados matriculados ha dignidades e qualidades mais honradas umas que outras, e estas precedencias lhe vem umas da raça e prosapia, outras de seus serviços e virtudes, e outras ainda do favor; de sorte que recebem paga segundo estas differenças, uns mais, outros menos. Paga-se-lhes em Lisboa toda a passagem junta até á India, e não por mezes; e elles não tem necessidade de se aperceber de provimentos para seu uso particular, porque el-rei lhes fornece tudo o de que hão mister de viveres, refrescos e munições de guerra. Aquelles titulos e qualidades adquirem-nos em Portugal, e todavia o vice-rei não deixa de conferir alguns aos que os merecem, ou aos que elle quer favorecer na India.»

«Estes soldados alistados, ainda que não tenham titulos nem dignidades, não deixam por isso de se tratar entre si por homens bem nascidos, e se dizer todos nobres, quer sejam ou não de vil condição; e os verdadeiros nobres lhe não levam a mal, tanto mais que a differença de sua condição só é sabida entre elles e não dos indios, nem diminue em ponto algum a nobreza dos outros, de que todos os annos vem as listas de Lisboa ao vice-rei; antes estes titulos que elles se dão entre si, não é senão para persuadir aos indios que elles são todos homens de bom e illustre nascimento, e que não ha entre elles raça alguma vil nem mecanica. E por isso não querem que algum portuguez, ou seja soldado ou outro qualquer, faça cousa abjecta ou deshonesta, nem vá mendigar para viver, mas antes o sustentam o melhor que podem. De sorte que o maior trata com respeito o mais pequeno; e prezam este nome de *Portuguez* e *Portugal*, usando do nome de *homem branco*, e desprezam todos esses pobres indios, a quem trazem debaixo dos pés. E não ficavam esses indios pouco espantados quando nós lhe diziamos que elles eram filhos de mariolas, sapateiros, aguadeiros e outros homens de vis mestere-.

«Quando um soldado tem recebido a sua paga e quartel para se embarcar se depois d'isto se esconde para não ir na armada, e o podem apanhar, é punido corporalmente, e mettido em prisão. Nos navios fazem-se duas cosinhas, a saber, a do capitão e soldados, e a dos officiaes do mar e marinheiros. Em cada navio ha tres ou quatro pagens portuguezes, pagos e sustentados como

soldados, que só tem por obrigação servir o capitão, tenente e soldados, e os ecclesiasticos que vão a bordo, ou sejam jesuitas ou de outra religião; porque não ha navio onde não vão ecclesiasticos. A maior parte tem escravos, e criados particulares Ha soldados de grande luzimento e qualidade, e todavia andam todos como os nossos soldados do regimento das guardas a pé com seu arcabuz, pique, partazana, pequenos escudos chinezes, arco e flexas. Usam pouco couraças, mas fazem grande estimação das gargalheiras de bufalo, e gibões acolchoados, que só são capazes de resistir aos golpes de espada, e ás flexas atiradas de longe Servem-se tambem de capacetes e chapéus de ferro. Quando estão em terra trazem calças á maruja, que tem quasi dez varas de panno, e são mui amplas e largas em baixo, e chegam ao chão; com estas calças não usam meias, e é lhes impossivel correr. Mas quando andam embarcados usam calças de outro feitio, que chamam á franceza, isto é, como ha trinta annos era moda em França, e são mui curtas e estreitas. Não trazem tambem meias nem sapatos, porque dizem que os sapatos lhes impediriam firmar os pés sobre o navio, ou sobre o bordo e enxarcia. De noite tem tendas de folhas de palmeira feitas determinadamente para se cobrirem da chuva; e para se deitarem usam esteiras e chumaços, com tapetes da Persia ou de Cambaya, que são menores; e pela manhã dobram tudo, enfardelam e amarram. Nas embarcações ha tão pouco logar, que difficultosamente se podem os homens, quando estão deitados, estender ao comprido.

«Tendo fallado dos embarques, e do seu modo de viver no mar, direi agora alguma coisa da fórma e maneira de seu proceder quando estão nas cidades, e principalmente em Goa; porque quando se recolhem de suas viagens, residem nas cidades que bem lhes apraz; e da mesma sorte vivem os que se não embarcaram. Uns dão ordem á sua vida de um modo, e outros de outro. A maior parte travam amizade com moças e mulheres não casadas, a que chamam *solteiras*, que quer dizer mulheres de má vida, e vivem com ellas mui desabusadamente, como se fossem casados. Estas mulheres são tidas por mui honradas quando um homem branco, entende-se da Europa, procura a sua amizade; porque ellas o sustentam e tratam o melhor que podem, e lhe lavam e arranjam toda a roupa. Da sua parte estes soldados que são seus *amigos*, como lá dizem, as mantem e defendem em tudo, e até são zelosos d'ellas, como se fossem suas proprias mulheres; e por ellas se bateriam e matariam mui facilmente em duello. Mas é grande desventura para um soldado, ou outro homem portuguez, travar amizade com estas mulheres publicas, mestiças ou indias, porque poucos são os que sahem d'isso sem risco seu; porque se ellas sabem que elles frequentam outras mulheres ou moças, ou que tem vontade de se casar, ou de as deixar por qualquer modo que seja, infallivelmente ellas os envenenariam com uma certa droga, que os deixaria durar seis mezes, mas que no fim d'este tempo sem falta os matará; e por isso é mister que um homem use de grande finura e dissimulação para as deixar. Porém os filhos que d'aqui procedem não são tidos por bastardos, mas herdam de pae e mãe. Quinze dias antes de nós partirmos de Goa houve um contra-mestre de uma das tres náos, que partiram antes da nossa, que foi visitar a amiga de um

soldado, o qual entrou em casa n'essa occasião, e lhe deu uma cutilada de sorte que o deixou por morto, e se acolheu a uma igreja. Mas a mulher e a criada ficaram mui calladas, e quando veiu a justiça não procedeu contra ellas, nem contra o soldado que se havia acoutado; o ferido porém foi levado ao hospital, e depois de ser são, vendo que a nau em que havia embarcado toda a sua fazenda era partida, viu-se obrigado a vir na nossa nau, na qual comprou gasalhado como passageiro sem emprego algum. Em summa estas mulheres são todas mui apaixonadas dos homens de cá. Quanto aos soldados que fazem vida com ellas, não deixam de se embarcar nas occasiões como os outros.

«Os outros que não fazem vida com as ditas mulheres, juntam-se em numero de nove ou dez, mais ou menos, e tomam um aposento, que lá são mui baratos; porque um aposento que cá vale doze escudos por mez, não chega lá a valer um. Mobilam estes aposentos de leitos, mesas e outros utensilios, e tem um escravo ou dois para todos. De ordinario moram em salas terreas por causa do grande calor. Por isso ha alli aposentos feitos de proposito, que não são divididos em camaras, e só servem para alugar aos soldados, ou outros forasteiros de poucas posses; com quanto haja casas maiores para alugar como cá. Estes soldados vivem pela maior parte mui mesquinhamente, ao menos aquelles que não tem alguma traça; porque alguns ha que tem mulheres casadas ou viuvas, que os mantem occultamente; outros alcançam as boas graças dos senhores e fidalgos, que os não deixam padecer necessidades; e outros mercadejam. Os que de todo em todo se vêem desamparados chegam-se áquelles quatro grandes senhores, de que já fallei, que tem mesa posta para todos.

«Aquelles porém que vivem em commum nunca comem juntos, mas cada um tem a sua ração, e tem n'ella mais vinho, pão, carne e peixe do que duas pessoas poderiam comer. Os que não querem ir comer a casa, mandam um moço buscar a sua comida e ração, e a comem onde querem. Em todo o dia estão na sua sala, ou á porta assentados em cadeiras, á sombra, e á fresca em camisa e ceroulas; e alli cantam, e tocam guitarra ou outro instrumento. Este logar é juncado de folhas verdes, e lançam-lhe muita agua para se conservar fresco. São mui cortezes com quem passa pela rua, e de mui boa vontade offerecem a casa para que possam entrar os que passam, sentar se, galhofar, e praticar com elles. Nunca sahem todos juntos pela cidade, mas aos dois e aos tres quando muito, porque ás vezes não tem mais de tres ou quatro vestidos para servir a dez ou doze. E todavia quem os vir marchar pela cidade dirá que são senhores de dez mil libras de renda, porque vão cheios de gravidade, e levam junto a si um escravo, e um homem que lhes segura um grande *sombreiro* ou guarda-sol. Ha logares aonde se vão alugar estes taes homens, e servem se d'elles meio dia por um vintem, que vale seis brancos. Andam os soldados, de que fallamos, vestidos de seda o mais soberbamente que se póde imaginar; mas logo que chegam ás pousadas, promptamente largam os vestidos, e os passam a outros, se querem sahir a seu turno.

«Vagueiam de noite pela cidade, e por via d'elles corre-se muito risco de andar pela rua depois das oito ou nove horas, apesar de fazerem rondas os meirinhos com seus homens, porque aquelles soldados são mais fortes. Tem

um mau costume, e é, que nunca accommettem um homem só por só, mas pela maior parte das vezes cahem sobre um só homem quatro ou cinco, e o matam, seja de dia ou de noite. De noite matam e roubam; e por dinheiro não tem duvida de ir matar um homem.

«Eis como os soldados passam sua vida na India, assim em terra como no mar, uns bem, outros mal, segundo sua boa ou má sorte. Mas a maior parte d'elles por fim casam-se e mercadejam, porque uns não querem voltar a Portugal por terem muito de que viver na India; os outros não podem por falta de meios para a torna-viagem. Não lhes é muito custoso viver lá, porque não bebem senão agua de Banguenim, e um homem acha boa pousada por uma tanga ou cinco soldos por mez; de sorte que com seis brancos, ou tres soldos por dia, póde alli um homem passar bem, e comer com muita abastança.

«Abaixo de Goa não teem os portuguezes mais bella e maior cidade que Cochim. Compõe-se de mui formosas casas, igrejas e mosteiros; e os portuguezes e christãos são regidos pelas mesmas regras e governo que em Goa. Ha alli um bispo, muitas igrejas e conventos, um collegio de jesuitas, e um hospital real para os portuguezes, como em todas as outras suas cidades. O rio que alli passa é bonito, grande e de bom porto. Entrando n'elle á mão esquerda, que é da banda do norte, ha uma pequena ilha, onde está o bello e soberbo palacio do bispo; e chama-se a ilha de *Vazpim*. A cidade é mui povoada, assim de portuguezes como de naturaes, ou sejam infieis, os quaes com tudo não logram alli o livre exercicio de seu paganismo na cidade, e tem de ir ás terras que dependem do rei de Cochim. Ha alli grande concurso e grande trato, e affluencia de todas as coisas necessarias á vida. [1]

[1] «O estado, ou imperio lusitano indico, que em outro tempo dominava o Oriente todo, e constava de oito mil leguas de senhorio, de vinte e nove cidades cabeças de provincias, fóra outras muitas de menos conta, e que dava leis a trinta e tres reinos tributarios, pondo em admiração o mundo, com seus estendidos limites, estupendas victorias, grossos commercios e immensas riquezas; no presente, ou seja por culpas ou fatalidade de imperio grande, está reduzido a tão poucas terras e cidades, que se póde duvidar se foi aquelle estado mais pequeno no principio, do que se vê no fim. Quem quizer formar cabal conceito do que foi e é agora o estado da India, deve consideral-o nas quatro edades do homem, pueril, juvenil, varonil e de velhice.

Todas estas quatro edades acharemos com a mesma propriedade no estado da India, ao qual, se não dermos tantos annos, daremos semelhantes feitos e progressos. Foi sua primeira edade no feliz reinado d'el-rei D. Manuel, porque no segundo anno de seu governo nasceu para nós a India, sendo descoberta por D. Vasco da Gama: desde seu nascimento até que morreu aquelle invictissimo rei se contam vinte e quatro annos que teve de menino o estado da India. Ao primeiro abrir de olhos descobriu toda a costa da India, desde o Indo até o Ganges, toda a de Ethiopia, Arabia e Persia com seus mares e ilhas, toda a da China e Malaca. Foram suas meninices fundar cidades, conquistar reinos, e fazer a muitos reis tributarios: sómente brincar não soube, porque em todas as guerras que n'aquelles principios teve não pelejavam os portuguezes a brincar; seus jogos eram tirar reis, e pôr reis, depondo os inconfidentes e coroando os fieis. Tudo foi o mesmo, começar a fallar e a mandar. As palavras que dizia eram leis que dava. Ensinou-se a andar, não sobre rodas por casa, mas sobre poderosas naus, porque a fortuna tinha tro-

«El-rei e todos os habitantes, naires, maçuás, e outros malabares, gentios e moiros, dão-se mui bem com os portuguezes, e vivem todos em boa paz.

«Detivemo-nos em Cochim entre o tempo de prisão e de liberdade quasi dois mezes, e n'essa occasião chegou uma armada de cincoenta vélas portuguezas, governada por um fidalgo portuguez, a qual vinha das partes do Cabo Comorim e da Ponta de Galle na ilha de Ceilão a refrescar alli na fórma do

cado suas rodas. Em toda a terra em que punha os pés era sua. Com estar n'aquelle tempo o estado na primeira puericia, não deu uma só queda, fazendo-a elle dar a poderosos reis que lh'a armavam. Seu primeiro leite foi o sangue de milhares de mouros e gentios, que matou; seu primeiro sustento muitas presas que tomou, muitos commercios que abriu, muita especiaria que mandou a Portugal. Finalmente aquelle estado só no nome e na edade foi menino. E descendo ao particular; em tempo d'el-rei D Manuel se tomou Goa e Malaca aos mouros, se fizeram as fortalezas de Ormuz, Cochim, Calecut, Maldiva, Socotorá, Angediva, Cananor, Coulão, Columbo, Chaul, Pacem, Ternate, Cangranor e Sofala; e tributarios a el-rei de Portugal os reis de Ormuz, de Tidore, de Ceylão, das Maldivas, de Coulão, de Melinde, de Zanzibar, de Quiloa, de Batecalá, de Pacem; e outros muitos pediram pazes e communicação comnosco. Houve famosissimas victorias contra principes, que nunca tinham duvidado de as alcançar, ainda dos mais poderosos reis do mundo. Não ficou nação em toda a India, que os portuguezes não levassem diante em seus triumphos. Do Egypto, da Arabia e Turquia concorreram prisioneiros em grossas e poderosas armadas, para que vencidos pelos portuguezes fizessem seus triumphos mais gloriosos. Tão varonil foi a puericia do estado da India.

Os annos que reinou o piissimo rei D. João III, que foram trinta e cinco, são os que teve de adolescencia o estado da India, nos quaes cresceu e se dilatou por toda ella, fundando-se cidades, villas e logares nas terras que ou reis amigos nos largavam, ou as armas conquistavam. Na costa de Coromandel a cidade de S. Thomé ou Meliapor, a de Negapatão, a de Jafanapatão cabeça de seu reino, que possuiu muitos annos o estado. Na ilhá de Ceylão as cidades ou fortalezas de Gale, Negumbo, Baticaloa e Triquimalé. Na costa do norte as cidades de Baçaim e Damão; com muitas villas e aldeias por toda a costa do reino de Cambaya, que é ainda nossa. Fez-se a fortaleza de Diu, a de Chale no Malavar, e a de Macau na China. As victorias foram tantas quantas as batalhas, e estas eram no anno tantas como os dias. Em terra e mar vencemos por vezes ao Çamorim, ao rei de Bintão, a sultão Badur rei de Cambaya, a seu neto sultão Mamude, ao Hidalcão, aos reis de Maluco, ao do Achem, ao de Pam, ao cunhale Marcar, ao rei de Mangalor, ao de Adel, ao de Porcá, ao de Repelim, de Mombaça, de Tidore e Bachão; fóra outros muitos que, por menos conhecidos, deixo de nomeal-os. E para que a fraqueza dos vencidos não fosse de menos credito a nossas armas, castelhanos e turcos sentiram o rigor de nosso ferro, e o favor da fortuna que nos assistia n'aquelle tempo, sendo uns desbaratados na costa da India, outros rendidos em Maluco. Os reis que até então pozeram toda sua esperança em nos lançar fóra da India com crueis guerras, já se faziam tributarios, ou pediam pazes como o Hidalcão, o rei de Cambaya, o de Xael, o de Ujantana, o de Adem, o de Caxem, de Dofar, da Sunda, e o çamorim Eguaes progressos se faziam na conversão das almas que nas armas; receberam o sagrado baptismo os reis de Butuano, de Casimino, de Pimilarano, de Ternate, de Travancor, de Tutucory, de Tanor e de Bungo no Japão, com muitas provincias e reinos. Esta foi a segunda edade do estado da India, o por isso lhe podemos chamar adolescencia.

Chegou a edade perfeita com o reinado do senhor rei D. Sebastião, e se conservou ella desde o anno de 1560 até o de 1600 por espaço de trinta e nove annos, em que

costume porque os portuguezes e o vice-rei de Goa todos os annos sem falta no principio do verão aprestam duas armadas de cem galés com tres ou quatro galeões, e enviam metade d'ellas para o norte até Diu e Cambaia, e ainda mais avante para guardar a costa e senhorear os mares, a fim de que ninguem navegue sem sua licença ou cartaz; e a outra metade enviam para o sul até ao Cabo Comorim e Ceilão para o mesmo effeito, e principalmente para lim-

Portugal conheceu tres reis, D. Sebastião, D. Henrique e D. Philippe. Já n'este tempo o estado attendia mais a se conservar que a conquistar; comtudo, fez uma fortaleza em Mombaça para senhorear aquelle reino, tres no Canará, que foram Mangalor, Barcelor e Onor, a de Sirião em Pegú, os fortes do Sena e Tete nos rios de Cuama; fundou-se a cidade de Golim em Bengala. Pelejou-se valorosamente e defendeu-se o estado no sitio geral, que a todo o estado pozeram seus inimigos com poderosissimos exercitos. O Hidalcão desceu sobre Goa, o izamaluco sobre Chaul, o çamorim sobre Chále, o achem sobre Malaca, sem que a divisão do poder diminuisse os brios, ou enfraquecesse o valor de nossa gente. De tão grande invasão não tiraram nossos inimigos mais que desesperação de não prevalecer contra um estado, que no mesmo tempo rebatia a quatro tão opulentos e bellicosos monarchas. Não contente o estado com se defender, tratou de se vingar do cunhale, que, tomado ás mãos em sua propria fortaleza, foi degolado em Goa; nem escapou da morte o rei de Lamo, por culpas que tinha commettido contra o estado; o de Ampaza foi castigado com assolação de sua côrte e reino; tomou-se ao Melique o morro de Chaul, uma das melhores fortalezas do mundo; e se fizeram pazes com quasi todos os reis da India, acceitando outros por vassallos d'esta corôa, como o de Pate, Pemba, Quiteve, Monomotapa. Este de mais de render vassalagem a el-rei de Portugal, promettendo de lhe guardar fidelidade, quiz tambem tomar sua fé e ser christão, como é já de paes e avós. N'esta edade do estado da India acham os antigos que foi a sua flôr dos annos; porque, opprimidos ou compostos nossos inimigos, gozava o estado de todos os bens que traz comsigo a paz. Andavam os mares cobertos de navios, que a toda a parte navegavam, com grandissimos interesses, que nos não tiravam os mouros, como d'antes, porque já lhes tinhamos tomado os passos da sua navegação, assim com fortalezas em terra, como principalmente com armadas no mar das Maldivas, de Meca e de Arabia. Pagavam os reis tributarios suas páreas, procuravam todos ser amigos do estado; os portuguezes estavam ricos, e eram respeitados como homens exemplares do valor. Iam e vinham ricas frotas do Japão, carregadas de prata; da China traziam ouro, sedas e almiscar; das Molucas o cravo; da Sunda a massa e noz; de Bengala toda a sorte de roupas preciosissimas; de Pegú os estimados rubins; de Ceylão a canella; de Mussulapatão os diamantes; de Manar as perolas e aljofares; do Achem o bejoim, das Maldivas o ambar; de Jafanapatão os elefantes; de Cochim os angelins, teccas e couramas; de todo o Malabar a pimenta e gengibre; do Canará os mantimentos; de Solor o seu pau; de Borneo a camphora; de Maduré o salitre; de Cambaya o anil, o lacar e roupas de contracto; as baetilhas de Chaul; o incenso de Caxem; os cavallos da Arabia; as alcatifas da Persia, com toda a sorte de sedas lavradas e por lavrar; o azebre de Socotorá; ouro de Sofala, marfim, ébano e ambar de Moçambique; de Ormuz, Diu e Malaca grossas quantias de dinheiro, que rendiam os direitos das naus que por alli passavam. E emfim não havia cousa de estima por todo o Oriente, que, ou por tributo, ou commercio, não fosse do estado. Os seus vice-reis, desembaraçados já das guerras, procuravam assignalar-se no governo da paz, e propagação da fé de Christo, que a olhos vistos se ia dilatando.

«Chegou o anno de 1600, e n'elle a declinação do nosso estado.»

(Padre Manuel Godinho.—*Viagem da India, por terra para Portugal*, cap. I.)

par o mar dos corsarios malabares, que lhes fazem guerra e a todos os mercadores, de sorte que ninguem, n'estas regiões da India ousará navegar sem cartaz dos portuguezes, se se não sente com forças como fazem os arabios e os de Sumatra e outros que com elles andam de guerra e de inimizade.

«Cananor é uma cidade assás bella, situada á beira, mas é tambem porto. Os portuguezes teem n'esta cidade uma pequena fortaleza, onde ha igrejas e um collegio de jesuitas.

«O hospital de Goa é um hospital verdadeiramente real, excellente e magnifico.»

Pyrard, depois de muitos trabalhos conseguiu chegar a Laval na Bretanha á 10 de fevereiro de 1611. Ambos os volumes de suas viagens são interessantissimos para os portuguezes, mas as dimensões d'este *Diccionario* não permittem maiores extractos.

Q

1098) QUELEN (AUGUSTE DE).

E.—*Breve rélation de l'état de Pernambuq.* Amsterdam, 1640.

1099) QUELEN (DOOR AUGUSTUS VAN).

E.—*Kort Verhael vanden stael vau Fernambuc, Toe-ge eygent de E. Heerea Gecommitteerde ter Vergae deringhe, vande Negenthiene, inde Geoctroyeerde West-Indische Compagnie, ter Camere van Amsterdam.* T'Amsterdam, 1640. 14 pag. sem numeração. (M. S.)

1100) QUESNEL (LEO).

Escreveu em o numero da *Revue Politique Litteraire* do anno de 1875 (jornal que se publica em Paris) um artigo intitulado *Le mouvement intellectuel en Portugal—les etablissements sciëntifiques, litteraires et artistiques* O artigo termina pelo seguinte periodo, no qual comparando-nos com a Hespanha, somos apreciados mui honrosamente:

«A cultura intellectual dos portuguezes é superior á dos seus visinhos: possuem menos talentos notaveis, mas a media é mais elevada. A sua instrucção primaria começou mais cedo e com mais desinvolvimento. Portugal tem finalmente hoje sobre a Hespanha um progresso de meio seculo.»

1101) QUIJARRO (D. MIGUEL).

E.—*Las mujeres españolas, portuguezas y americanas.* Madrid, 1872.

É edição muito luxuosa, e que segundo uma declaração do auctor deverá importar n'uns 45 contos de réis.

1102) QUILLINAN (Mr.).

E.—*Journal of a few months residence in Portugal and glimpses of the South of Spain,* 2 vol. (Diario da residencia de alguns mezes em Portugal, etc.)

1103) QUINET (EDGAR).—Litterato francez notavel, fallecido em março de 1875.

E.—*La France et la Sainte-Alliance en Portugal.* Paris, 1847, in-12.º É tambem auctor da obra intitulada *Mes vacances en Espagne*, na qual se encontra o seguinte artigo :

«Um navio inglez, que vae tocar em Lisboa, põe fim a meu captiveiro em Cadix. Este paquete recolheu ao passar por Gibraltar um grande numero de mulheres inglezas, e quasi egual numero de gazellas, que trazem das Indias. As alegres gazellas de Sacontala fazem cabriolas no meio do deserto entre os grupos de hespanhoes e portuguezes meio nus, e deitados no convés. Os dois maiores orgulhos alli estão em frente: hespanhoes e portuguezes acham uma secreta alegria em ostentar sua miseria diante do inglez que herda a fortuna d'aquelles. Este olha com pasmo para aquelles senhores cahidos do throno das duas Indias, vê n'elles como uma vaga prophecia do que espera os reis do Oceano, quando o subdito revoltado se lembrar de querer mudar de amo.

«No dia seguinte, depois de termos perdido a terra de vista durante quasi toda a viagem, entravamos no Tejo. O rio estava agitado por uma forte ventania do Norte. As collinas arredondando-se ao longe, formam uma immensa concha, onde a cidade se ostenta em espiraes de madreperola até sobre os pincaros: procurava com os olhos alguma parede negra contemporanea de Camões. Enxerguei pela proa do navio um velho monumento, cuja impressão se confundirá sempre para mim com a de Portugal. Imaginae no Tejo uma velha cidadella, cujas torres gothicas são sustentadas sobre gigantescos hippopotamos de granito, alguns nadando á flôr d'agua, e outros revolvendo-se nas areias. Via esta velha fortaleza no rio caminhar pelo mar dentro. Dos focinhos de pedra batidos pelas ondas saía um como mugido de um povo amphibio. Eu representava na imaginação a fortaleza embandeirada, levada ao longe pelos cardumes marinhos através dos estreitos, dos oceanos de Vasco da Gama, de Magalhães e de Albuquerque: e os Lusiadas naufragados appareciam no alto das ameias, que alternadamente se abaixavam e levantavam com o bramido das vagas, misturados com o som das torres ao anoitecer.

«Quando os antigos mareantes depois de terem conquistado mundos, entravam no seu paiz, desembarcavam diante do atrio do mosteiro de Belem: era a porta pela qual deviam entrar todos os triumphos de Portugal, segundo o dizer de João de Barros.

«Corri para este sitio, unico sobre a terra, e alli vi um monumento d'uma sublimidade tão nova, tão original, que todo o pensar do povo portuguez me pareceu alli encerrado.

«Não tivesse o terramoto deixado subsistir nenhumas outras ruinas, este monumento fallaria só, a alma maritima de Portugal viveria em cada pedra.

«No sitio do Tejo, em que Vasco da Gama embarcou para procurar o continente das Indias, n'esta *praia das lagrimas*, como lhe chama João de Barros que viu tantas sensações de receio, de esperança e de dôr, tantas partidas, abraços e adeuses que se julgavam eternos, e regressos triumphantes, o rei D. Manuel mandou erigir um templo. Sua architectura é gothica; mas o caracteris-

tico do genio é ter alli misturado todos os caracteres da vida do mar; cabos de pedra que ligam os pilares gothicos uns aos outros, altos mastros de mesena que sustentam as ogivas, os florões, as abobedas, em quanto a véla da humanidade incha, no seculo XVI, debaixo da viração do céo.

«É ainda a casa de Deus da edade média, mas apparelhada como um navio saindo a foz. Se entrardes no interior do claustro já os fructos e as plantas dos continentes recentemente revelados, os cocos e os ananazes, são colhidos e suspensos nos baixos relevos. O espirito de aventuras, perigos, sciencia e descobrimentos, respira n'aquellas paredes mais que em nenhumas outras. É a impressão d'esse momento inexprimivel de enthusiasmo, em que Christovão Colombo, Vasco da Gama, Magalhães e João de Castro, entoam de joelhos o *Gloria in excelsis* amainando as vélas diante das terras desconhecidas. Aqui sereias gothicas nadam n'um mar de alabastro; acolá macacos trepadores do Ganges se balanceiam nos cabos da nave da egreja de S. Pedro. Os periquitos do Brazil esvoaçam em torno da cruz do Golgotha. Lagrimas correm sobre os brasões. Ajuntai mappas mundi de marmore, astrolabios, esquadros unidos aos crucifixos, machados de abordagem, escudos, escadas, maçames, nós de cordas enroladas que amarram as columnas e os pilares, vós conhecereis na mais pequena miudesa, uma egreja maritima, a barca empavezada do Christo hespanhol e portuguez, que no meio das angustias do homem, cingra pacificamente ficando os ventos para traz, sobre oceanos ainda não visitados. Elephantes de marmore sustentam triumphalmente a urna funebre do rei Manuel, que presidiu á descoberta da India, outros mortos jazem perto d'aquella urna. Dirieis vós serem os pilotos adormecidos debaixo da abobeda abatida entre as duas pontes.

«Hoje o convento de Belem está abandonado: a tempestade civil agita-se em volta dos mastros de pedra; as andorinhas do mar pousam sobre as vergas.

«A magnificencia de Lisboa é mais triste do que os despovoados de Hespanha. Ruas sumptuosas, praças immensas, a cabeça de um grande imperio; e o silencio, a solidão de uma nação, ou de uma Gomorrha engulida. Esta melancholia me impressionava principalmente comparando-a com a embriaguez das cidades de Castella e de Andaluzia. Onde estão os cantares de Sevilha? Onde os grupos de la puerta del Sol de Madrid? A Hespanha dansa em cima de ruinas; Portugal agonisa no limiar d'um palacio. Apesar de Camões não ter nem estatua nem jazigo em Lisboa, tudo alli falla d'elle. A magestade dos logares, a miseria do homem, a pompa da cidade moderna, a fealdade da antiga, os edificios que ao longe se confundem nos seus tectos com os recortes das nuvens, e que de perto rescendem os cheiros cadavericos do hospicio, os eremiterios abandonados, o carro rustico de grandes rodas que atravessa o terreno deserto, uma parte do rio dourado atravez de uma viella fetida, tudo traz á memoria o esplendor e penuria de Camões.

«O unico personagem que se agita, se inquieta, e murmura no meio d'essas solidões sumptuosas e lividas, é o Tejo. Desce magestosamente das serras. Chama ao passar por seu antigo povo de argonautas, o rei dos oceanos. E o

que é para espantar, em nenhuma parte da Europa se attende melhor á apparencia, o exterior é mais regular e mais rico, a policia melhor instituida, o povo mais docil. Aquillo a que hoje entre nós se dá o nome de ordem é realisado alli com uma perfeição admiravel, o silencio soberano do tumulo. Com tudo isto Lisboa de D. Maria parece a capital de Ignez que desenterrada e assentada n'um throno posthumo, governa entre a bancarota e o jesuitismo uma monarchia defuncta.

«Ó meu querido paiz, *ditosa patria minha amada*, chegará para ti o dia da desgraça? Se esse dia tem de chegar, que meus olhos não lhe vejam o principio! Depois de ter atravessado tambem um mar de gloria, França, patria d'aquelles que esperam, assentar te-has tu tambem por tua vez na praia do silencio e do esquecimento? Bastantes pessoas te convidam para isso, e tu já te entretens com suas palavras de aspides deitados debaixo das flores Ah! Se em algum tempo a empreza dos maus se cumprir, se elles conseguem arrancar-te o coração, não te deixando mais do que a avareza: se de mentiras em mentiras, de vicios em vicios, elles te fazem descer córada de vergonha até á região da morte, onde elles habitam, não esperes que te deixem um sepulchro tão bello, como o do imperio portuguez. Não has de ter as rosas de Cintra para ornarem tua sepultura: o céo das Hesperides não ha de dourar tua cabeceira. O Tejo não lavara a immundicie de tuas ruinas!

«E todavia, apesar d'este aniquilamento mortal juraria eu em como o fogo moral lavra ainda debaixo de algum logar; esta terra ha de começar a tremer e a lançar relampagos. Pois ha em Lisboa uma fibra, que estremece. Esta nacionalidade ferida, calcada aos pés da Inglaterra, irrita-se contra qualquer espirito estrangeiro. Ella não se defende sómente com seus odios; está refugiada em casa de poetás, e nada merece maior attenção do que a liga, que se fórma em Lisboa entre alguns escriptores para diligenciar erguer um povo naufragado. Acha-se n'elles um enthusiasmo para a historia, um sentimento de saudades e lagrimas, ás quaes a Hespanha nunca se entrega: alem d'isto no meio d'esta melancholia, lampejos subitos de esperança, como se a véla de D. Sebastião despontasse no horisonte. O menos triste d'estes poetas, Castilho, é cego de nascença; vê com os olhos da alma a antiga patria na sua antiga bellesa.

«O chefe da renascença litteraria é Almeida Garrett. Continua na sua vida aventurosa as provas dos poetas portuguezes. Na sua peça de Gil Vicente conseguiu apaixonar esta não impressionavel Lisboa. O espectaculo da côrte do re Manuel e tantas recordações de poesia e de conquistas repentinamente reveladas, commoveram profundamente a cidade que se julgava morta. Desde esse tempo Garrett não cessou de remecher as cinzas de Portugal.

«Na sua ultima peça enterneceu as mais intimas fibras do seu paiz, apresentando em scena uma d'essas historias populares que não respiram mais que poesia e paixão. João de Portugal, um dos companheiros do rei Sebastião, foi deixado como este por morto na batalha de Alcacerquibir. Passados alguns annos sua viuva D. Magdalena, desposou um outro cavalleiro, D. Manuel de Sousa, de quem ella gostava secretamente. Um resto de incerteza ácerca da

morte de seu primeiro marido envenena todas as suas alegrias; este presentimento, sustentado pelas crenças populares a respeito da vinda de Sebastião, converte-se n'um indizivel terror. João de Portugal acaba finalmente por tornar a apparecer debaixo do vestuario d'um peregrino. Á sua vista Magdalena e Manuel retiram-se para um convento, sua filha morre de vergonha.

«O poeta faz pesar com muita arte, como a fatalidade antiga sobre o destino d'uma familia, a vaga esperança nacional do regresso de D. Sebastião. O enthusiasmo credulo da menina, que espera o salvador de Portugal, o terror de sua mãe, que não espera d'ahi mais que a morte e a deshonra, formam uma lucta tragica.

«Em sua simplicidade enternecedora, este drama representa o fundo intimo da vida portugueza, com a mistura de expectativa, saudades e esperança envenenada pela felicidade apparente e impossivel, que degenera n'essa melancholia ardente para a qual a lingua de Camões tem uma palavra, cujo equivalente não se encontra em nenhuma outra. A palavra *Saudade*, que significa desejo, magua, solidão — tudo juntamente.

«O effeito é tanto mais penetrante quanto a esperança realisada não serve, aqui mais que para dilacerar todos os corações. Finalmente, quando os principaes personagens dizem seus adeuses ao mundo para entrarem no convento, parece que a nação em peso se cobre de lucto.

«A nacionalidade reapparece hoje na litteratura, entre os hespanhoes como uma festa, entre os portuguezes como uma angustia. A poesia para estes ultimos é esse João de Portugal, que depois de ter passado por morto durante longos annos, vem pedir com a face magoada e o coração opprimido o antigo amor perdido. Accrescentae que estas duas renascenças se operam em dois povos visinhos, sem se importarem uma da outra, sem influirem uma sobre a outra. Não pergunteis em Lisboa em que região do globo Madrid está situada: estas duas cidades não se conhecem, nem sequer de nome. Tal é finalmente o fervor sincero com que se compozeram em Lisboa mais dramas nos ultimos cinco annos, do que antigamente n'um seculo; e a opinião a este respeito está mais alvoroçada do que nunca esteve depois dos Lusiadas.

«No silencio que os cerca, estes homens teem o ar de continuar a batalha em volta do corpo do rei Sebastião. Ninguem na Europa se occupa com o que elles fazem: estão com tanta attenção a animarem seus mortos, que não lhes acode o pensamento de se queixarem do isolamento. O que ha de certo n'este despertamento da litteratura é que a rhetorica alli não serve de nada, e que elle representa um estado verdadeiro do espirito do Meio-dia.»

1104) QUETIN.

E.—*Guide en Espagne et en Portugal*, etc. Paris, 1841.

R

1105) **RABBE (ALPHONSE).** — Litterato francez, nascido em Riez (Alta Provence) no anno de 1786, e fallecido em Paris no de 1830[1].

E.—*Resumé de l'Histoire de Portugal depuis les premiers temps de la monarchie jusqu'en* 1823 *par* —. *Avec une introduction par R. T. Chatelain.* A Paris. Chez Lecointe et Durey, 1824, 12.º, XXVIII, 440.

«Portugal parece ter sido destinado para dar ao mundo a solução de dois problemas igualmente instructivos, a saber: como um paiz, ao qual a exiguidade de seu territorio e de sua população parecia condemnar á obscuridade, póde pelo caracter de seus habitantes elevar-se á categoria dos grandes imperios: depois, como póde cahir d'essa alta categoria pelo abuso das conquistas, pelas instituições viciosas, e, mais que tudo, pelo dominio d'uma corporação, que consegue suffocar tudo quanto havia de grande e de generoso no caracter nacional. Toda a historia de Portugal encerra-se n'estes dois periodos. (Pag. 1.)

«Portugal rompia a unidade da peninsula hispanica, parecia ser uma emanação de Hespanha, e a desproporção das forças deveu muitas vezes inspirar aos reis catholicos a esperança de incorporar em suas possessões um paiz, que parecia destinado pela natureza a não passar de uma provincia hespanhola. Porém este paiz continha um povo bravo e amante de sua independencia. Vencidos algumas vezes antes que submettidos, os portuguezes ficaram sendo uma nação a despeito de seus poderosos inimigos.

«Estas guerras frequentes, a necessidade de se conservarem precavidos contra seus visinhos teriam podido ser sufficientes para a actividade d'um outro povo, mas era então necessaria uma outra coisa para a actividade emprehendedora dos portuguezes. Não era bastante para elles ter expulsado os moiros, foram procural-os á Africa. O espirito cavalheiresco, o fervor religioso, uma ambição mal dirigida sustentavam esta guerra, que inundou de sangue portuguez as areias africanas, sem mais resultado, que desastres frequentes, triumphos gloriosos, mas estereis, e a possessão de alguns logares que esta-

[1] Firmin Didot. — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol 41.º, pag. 386.

vam bem longe de valerem todos os sacrificios que tinham custado. No entanto estas guerras tão contrarias á politica preparavam a grande epocha de Portugal. Conservavam os habitos militares, o gosto das correrias longiquas, e animavam o enthusiasmo dos navegadores. Novos estabelecimentos, novas descobertas na costa occidental d'Africa assignalavam de vez em quando seus esforços: a linha equinoccial foi passada, a tempestade arrojou Bartholomeu Dias além do Cabo da Boa Esperança. O caminho das Indias pelo Oceano estava desde então aberto ao navegante audacioso, que ousasse reconhecel-o. Vasco da Gama appareceu, e dentro em poucos annos o dominio portuguez se estendeu por paizes mais vastos do que os que tinham sido submettidos aos romanos.

«Foi uma grande epocha não sómente para Portugal, mas para o mundo inteiro. A Hespanha descobriu a America: as esquadras portuguezas abriam para Asia caminhos ignorados: o universo tão imperfeitamente conhecido até então patenteava-se á Europa assombrada. Um ardor de emigração se apossava de tudo quanto tinha uma imaginação viva e um coração intrepido. Não podemos deixar de ter inveja aos que viveram n'aquelle seculo de prodigios, em que o universo parecia engrandecer se diante d'aquelles que procuravam conhecer seus limites. Os acontecimentos que nos occupam hoje parecem bem mesquinhos, quando comparados com esses relatorios inesperados, que vinham annunciar novos mundos, nações incognitas, uma civilisação estranha a nossas artes, costumes e crenças. O mundo avelhantado já não póde esperar essas grandes revelações. Aquelle seculo de descobertas assimilhou-se aos seculos abalisados por um grande desenvolvimento do espirito humano: quasi nada deixou aos seculos seguintes.

«O valor portuguez brilhou com um clarão vivo na India, foi coroado com numerosas conquistas, conquistas mais gloriosas que as dos hespanhoes na America por serem mais disputadas, mais uteis á Europa, por deterem a inundação do poder musulmano. Não é ao terror de armas desconhecidas, ao medo supersticioso inspirado por seus corseis, que os portuguezes deveram seus triumphos: tiveram que luctar contra povos, que conheciam o uso das armas de fogo, contra os mamelukos havidos como a primeira cavallaria do mundo, Seu valor indomavel e sua disciplina triumpharam de todos os obstaculos. Estes atrevidos aventureiros reinaram como senhores absolutos sobre regiões que lhes prodigalisavam todos os thesouros do luxo oriental. Julga-se facilmente que effeito devia produzir sobre a imaginação dos portuguezes a narração de suas expedições longiquas, e das ricas conquistas que d'ellas eram o premio: que emulação deveu estabelecer-se entre elles para irem procurar uma parte de gloria e de riquezas nas vastas possessõe que o valor de seus compatriotas acabava de conquistar na Africa, Asia e America Septentrional.

«Os primeiros conquistadores da India não pareceram unicamente guiados por aquella sede de oiro, que gera quasi sempre a sede de sangue. Foram rigorosos para com os povos, que querendo conservar ou recuperar sua independencia, apenas lhes pareciam vassallos rebeldes. Porém não foram barbaros, e a justiça temperou muitas vezes sua severidade. Coisa rara! Os procon-

sules enviados de Lisboa para governar aquelles paizes subjugados mostraram algumas vezes eminentes virtudes; taes foram os Almeidas e os Albuquerques. Quando depois da morte d'estes illustres chefes a avareza e effeminação, apoderando-se dos portuguezes, augmentaram sua crueldade na proporção que lhes tiravam sua coragem, alguns historiadores referem que os indios opprimidos invocavam chorando a lembrança d'aquelles grandes homens e lhes pediam justiça contra os excessos de seus indignos successores. N'uma epocha mais recente, e em seculo mais illustrado, a India soffreu o jugo de novos conquistadores: horriveis crueldades teem ainda assolado suas margens, mas nenhum nome se tem apresentado ao reconhecimento dos indios, nenhuma recordação de justiça e de humanidade se associou aos estragos da ultima conquista; não houve Albuquerques nem Almeidas entre os novos dominadores da India.

«Aquelle caracter activo e audaz, que impellia os portuguezes ás emprezas arriscadas e ás conquistas longiquas, devia despertar n'elles o genio poetico. Vasco da Gama teve seu Homero. Camões, viajante e soldado cantou as viagens e combates dos primeiros conquistadores da India. Seu genio enthusiasmou-se ao aspecto das grandes scenas da naturesa; só podia crear a ficção de Adamastor quem tivesse arrostado com os perigos de uma navegação tempestuosa além do Cabo das Tormentas. Salvo da furia das vagas e dos riscos da guerra, o cantor da gloria portugueza findou na miseria seus dias, amargurados pelas desditas, as quaes nem poderam extinguir seu genio, nem abater sua alma. Em nossos climas temperados vemos os poetas formarem-se pelos estudos sedentarios e longas meditações, mas debaixo do céu da Peninsula parece que o genio gosta de se revelar no meio das agitações de uma vida aventurosa. Camões, entre os portuguezes; entre os hespanhoes, Cervantes, Alonzo d'Ercilla, Garcillaso de la Vega, poetas e guerreiros ao mesmo tempo, consumiram sua vida nos combates e nas viagens a remotos paizes. Esta escola tem feito mais para a gloria litteraria de Portugal e de Hespanha, do que as universidades de Coimbra e de Salamanca.

«Portugal elevava-se ao apogeu de seu poder. Este poder ia declinar, pois os mesmos meios que o tinham fundado deviam arrastar sua prompta decadencia.

«A conquista da India tinha consumido uma parte da população de Portugal. Frequentes expedições eram necessarias para reparar as perdas que o ferro e o clima faziam experimentar aos conquistadores. Tornavam-se estas expedições mais fracas á medida que os recursos do paiz minguavam. Os thesouros da India affluiam a Portugal, mas a industria e a agricultura definhavam. Quasi toda a população estava em armas, e o resto vegetava na indolencia. O governo julgava-se rico, porque suas frotas lhe traziam oiro; ignorava que a unica riqueza real de um paiz é a que se encontra na fertilidade de seu solo e na actividade de seus habitantes, por ser a unica fonte que se renova sem cessar. O oriente era tributario de Portugal, mas Portugal era tributario das nações industriosas da Europa. (Pag. XIII.)

«Poucos nomes são necessarios que soem aos ouvidos como Viriato e Ser-

torio para bastarem á gloria de um povo. Comtudo a gloria da nação portugueza não está limitada a esses fastos antigos. Ver-se-ha que era uma raça de homens proprios para coisas grandes, e verdadeiramente mais idoneos para vencerem do que para serem escravos. É outrosim uma verdade bem comprovada pela sua resistencia á monarchia hespanhola, sua constante inimiga, do que pelos prodigios de valente audacia nas terras da India. Os portuguezes, adversarios desproporcionados de seus ambiciosos visinhos, se compararmos as populações e os territorios, triumpharam d'elles antes que o poder hespanhol se tornasse colossal e se tivessem enfraquecido a si mesmos pela deslocação total de suas forças consagradas a suas vastas expedições d'além-mar. (Pag. 8.)

«Porém se a natureza não tivesse posto esta nação nas costas do oceano, como para abrir um campo sem limites á sua buliçosa inquietação, não se póde dizer aonde a teria levado essa necessidade de movimento e de conquistas, com as quaes todos seus passos nas Indias estão assignalados. Esta estreita facha de terra, apertada entre o oceano e as montanhas teria quiçá subjugado a Peninsula inteira. Póde ser que a nação portugueza tivesse representado na Europa o brilhante papel que coube á Hespanha no tempo de Carlos V, se bem cedo ella não tivesse ido derramar o melhor de seu sangue no golpho persico, nas margens do Ganges, em Ceylão, Java, Sumatra, nas duas margens d'Africa, no outro lado nas selvagens campinas do Maranhão e do Amazonas.

«Assim o destino de Portugal permittiu que, emquanto a Hespanha opprimida e conquistadora atormentava o occidente, fosse estabelecer o dominio da velha Europa nas regiões quasi esquecidas do oriente, e que a salvasse provavelmente da invasão dos povos selvagens, que tyranisavam ao mesmo tempo a antiga Grecia, e as mais bellas regiões da Asia. Sem a descoberta de Vasco da Gama o facho da liberdade apagava-se de novo, e talvez para sempre.

«E para bem comprehender a extensão dos direitos que a nação portugueza póde reclamar do reconhecimento eterno dos povos christãos, é mister considerar a natureza e o numero dos obstaculos que ella teve de vencer n'essa distante carreira dos estabelecimentos da India.

«Finalmente com uma imaginação impetuosa e uma sensibilidade apaixonada, a que seu excesso mesmo torna propria para todas as direcções, como um povo participando da ignorancia commum na Europa até ao seculo XVI, e depois calcado e mantido nas mesmas trevas pela inquisição, teria este povo evitado ser supersticioso? Confessemol-o então sem receio de prejudicarmos sua gloria: os portuguezes souberam resistir aos romanos; expulsaram os moiros ao cabo de tres seculos de occupação, e viveram livres em presença de Hespanha por setecentos annos submettida em suas mais bellas provincias á dominação do Crescente; mais tarde, em varias batalhas famosas, quebraram os ferros que esta rival lhes trazia; depois fundaram dois grandes imperios nas duas Indias. Tudo isto fizeram os portuguezes. Mas, depois de triumphos tão numerosos e tão variados em tantas regiões remotas e

variadas, estes mesmos homens, estes descendentes dos companheiros dos Viriatos succumbiram á inquisição e ao jesuitismo. Comtudo, que ha n'isso de extraordinario, e que não seja conforme á sorte de muitas outras nações? (Pag. 16.)

«A terceira epocha do commercio portuguez abrange todo o seculo XVI, e é a mais brilhante, é a que os historiadores cognominaram *edade de oiro de Portugal*, expressão que devo ser tomada aqui no sentido o mais litteral. Foi com effeito durante este bem longo periodo que as riquezas da Persia, Arabia, Mogol, costas da India, China, Japão, archipelagos da India vinham a Goa, deposito geral d'estes vastos dominios, e levadas d'alli a Lisboa em numerosas frotas se distribuiam pelas differentes nações da Europa, cujos navios affluiam a Lisboa. Durante um seculo inteiro os portuguezes fizeram o commercio exclusivo da Africa e da Asia. A idéa de seu poder (nota um escriptor) fez tal impressão sobre os habitantes d'estas regiões remotas, que n'uma geographia antiga composta na Persia, acha-se o reino de Portugal nomeado Capital da Europa. (Pag. 77.)

«Trinta annos se tinham apenas passado depois que o Cabo das Tormentas fôra dobrado pela primeira vez; e já a costa occidental e a costa oriental d'Africa estavam exploradas, e os vastos mares das Indias sulcados pelos navios da Europa; já o nome portuguez era conhecido, temido e respeitado até no Japão; dos confins do golpho persico até ás planicies de Visapur, até ás nascentes do Ganges, cem fortalezas encrespadas de bronze serviam de segurança para este novo poder, para este imperio colossal, cujos progressos e rapidez assombram a imaginação.» (Pag. 123.)

1106) **RACINE (JEAN)** grande tragico francez, nascido em Forté Milon no anno de 1639, auctor immortal (como lhe chama Voltaire) [1] de Iphigenia, Athalia, Phedra, Berenice, etc. etc.

E.—*Historia do livramento do Brazil do poder dos hollandezes.*

Depois de um captiveiro de sessenta annos, reduzidos os portuguezes ao maior abatimento, ainda grandes escriptores se occupavam de nossos feitos, e o proprio Racine em breves traços contou a heroica luta dos portuguezes no Brazil contra a invasão hollandeza.

«Em 1500 descobriram os portuguezes o Brazil, distante de Guiné 450 leguas. Pedro Alvares Cabral, almirante do rei de Portugal tomou posse d'elle em nome do rei seu amo, sete annos depois da descoberta do novo mundo, por Christovão Colombo. O papa para conservar a paz entre as coroas de Castella e Portugal mandou que cada uma possuisse as terras que podesse descobrir, tirando uma linha d'um polo ao outro, que as separasse das ilhas dos Açôres e das de Cabo Verde, na distancia de cem leguas.

«Tornaram-se os castelhanos senhores do Brazil, quando Portugal cáhiu debaixo do poder de Filippe II, e mataram todos que se atreveram a fazer resistencia.

[1] No *Siècle de Louis XIV.*

«Os hollandezes no anno de 1623, não contentes com fazerem a guerra na Europa ao rei de Hespanha, quizeram tambem fazer-lh'a em o novo mundo. Passaram a linha, e tendo chegado ao Brazil apoderaram-se de Pernambuco, do Recife e do Cabo de Santo Agostinho, e n'uma palavra de toda a costa desde o Ceará até á Bahia de Todos os Santos, que sempre se conservou do partido dos castelhanos. Era esta conquista feita á custa de alguns particulares e não do estado. Vendo estes particulares as grandes riquezas que podiam tirar do Brazil, tanto pela venda do assucar como pela do pau Brazil, pediram aos Estados que lhes fosse permittido estabelecer uma companhia com poder para nomear officiaes de justiça, de guerra e marinha nas Indias, pelo espaço de trinta annos; depois do que, quantas terras tivessem tomado ficariam pertencendo aos Estados, aos quaes comtudo a companhia prestaria juramento de fidelidade. Foi isto approvado; e d'esta maneira ficou estabelecida a companhia das Indias Occidentaes em 1624. Formou ella um conselho de directores, em numero de dezenove, entre os quaes puzeram como honra o principe de Orange. Pouco tardou a companhia em estender suas conquistas, e apoderou-de toda a costa desde a capitania do Ceará até á Bahia de Todos os Santos, isto é, de mais de trezentas leguas de costa. Estabeleceram os hollandezes um conselho politico que residia no Recife, e que decidia como soberano de todos os negocios. Exigiam grandes tributos dos portuguezes seus vassalos que trabalhavam no fabrico do assucar, descendentes dos primeiros portuguezes que descobriram o Brazil; e com medo de alguma revolta lhes tiravam todas as armas de fogo.

«Em 1641 a Bahia de Todos os Santos seguiu a revolução de Portugal; os castelhanos foram d'alli expulsos e ahi se reconheceu D. João IV.

«Deu o governador parte d'esta mudança aos hollandezes no Recife, com promessa de viver em harmonia com elles. Ficaram os hollandezes contentes com a perda que padecia a Hespanha, e n'este mesmo anno fizeram um tratado de treguas por dez annos com os portuguezes, e a companhia das Indias decidiu que o Brazil fosse comprehendido n'esse tratado. Apenas foi assignado mandaram navios ao Brazil, que em vez de irem directamente ao Recife para fazerem ahi publicar a tregua, foram a Guiné (maio de 1642), e apoderaram-se de Angola, Loanda e de quasi todas as outras possessões portuguezas. Gritaram os portuguezes contra a má fé dos hollandezes, e vendo que se lhes não fazia justiça resolveram vingar-se na primeira occasião.

«Começou o vice-rei da Bahia de Todos os Santos a exhortar os da sua nação que estavam no Recife, Pernambuco e nos outros logares do dominio dos hollandezes. Moveu com especialidade a João Fernandes Vieira, portuguez, que de simples moço de carniceiro, havendo-se posto ao serviço dos hollandezes, tinha-se tornado extraordinariamente rico, possuindo grande numero de escravos debaixo do seu dominio, aos quaes obrigava a trabalhar nos engenhos ou manufacturas que lhe pertenciam. Este homem, dotado de grande talento, conspirou com os da sua nação para sacudirem o jugo dos hollandezes. Conservaram os portuguezes por muito tempo aquellas tenções sem as revelarem na mais leve coisa. Pelo contrario lisongeavam os hollandezes mais

do que nunca com sua completa submissão, pedindo-lhes de proposito emprestadas grossas quantias, e comprando por alto preço todas as coisas que os hollandezes lhes vendiam, como carnes e aguas-ardentes. Em summa, andaram com tanta prudencia que persuadiram os hollandezes a vender-lhes por bom dinheiro armas para se defenderem, diziam elles, contra os tapuyas e brazileiros, que os odiavam naturalmente, porque n'outro tempo tinham sido tratados com todo o rigor pelos portuguezes. Deixaram-se os hollandezes illudir com tão bellas palavras, e especialmente com os ardis de Vieira, que se tornava muito necessario á companhia, pela sua intelligencia no commercio e pelos grandes serviços que lhes prestava.

«Por fim, estando tudo preparado, e tendo os portuguezes combinado o dia em que deviam fazer rebentar a conspiração e assassinar os chefes do conselho, tiveram os hollandezes aviso de varias partes, e mandaram tropas para prenderem Vieira, que, tendo-se salvado nas florestas, reuniu em volta de si grande numero de portuguezes, e se apoderou de alguns logares que não estavam em estado de se defenderem. Os hollandezes, que não esperavam esta revolta, e que pelo contrario, para fazerem economias, tinham mandado para a Hollanda a melhor parte de suas guarnições com os officiaes e o conde de Nassau, acharam-se muito embaraçados. Mandaram á Bahia queixarem-se ao vice-rei da revolta dos de sua nação. Este fingindo desapproval-a mandou um alteroso navio com 1:200 homens, que saltaram em terra e se uniram aos levantados. O forte de Santo Agostinho foi-lhes entregue por dinheiro; tomaram tambem Pernambuco, e quasi que não restava mais que o Recife que elles cercaram. Os hollandezes, tendo poucos viveres, mandaram levar estas tristes noticias á Haya e pedir soccorros.

«Os Estados fizeram grande barulho, não ameaçando com menos do que com exterminar o reino de Portugal. O povo de Haya quiz-se lançar sobre o embaixador portuguez, e o principe de Orange teve grande difficuldade em o livrar de suas mãos. Os ministros de França quizeram accommodal-os dizendo que os hollandezes e portuguezes não deviam romper por esta causa, mas antes imitar os francezes e inglezes que não deixavam de estar em paz na Europa, apesar de andarem quasi sempre em guerra na Terra Nova, e na America.

«Mandaram os hollandezes uma esquadra ao Brazil no principio de 1646 debaixo do commando de Baucher, almirante da Zelandia, ao qual elles nomearam almirante dos mares do Brazil e de Angola. Esta esquadra nada fez de importante, ainda que se compunha de 52 navios. A maior parte dos que iam embarcados morreram das calmas ou das doenças debaixo da linha, onde foram retidos por uma calmaria de 6 dias. O almirante Baucher foi mandado embora pouco tempo depois da sua chegada, e os Estados vendo que a companhia estava muito fraca, e não podia manter esta guerra, resolveram sustental-a ao mesmo tempo em seu nome, á custa da nação.

«No entanto o embaixador de Portugal procurava na Haya por suas negociações entretel-os e impedir que uma nova esquadra se fizesse de véla. Fazia varias offertas que todas foram recusadas.

«Foi esta guerra do Brazil uma das principaes rasões que determinaram os

Estados a fazer paz com a Hespanha. Com effeito fizeram comprehender no seu tratado com os hespanhoes todos os logares que os portuguezes tinham tomado aos hollandezes no Brazil, entre os logares que pertenciam aos Estados.

«A esquadra partiu, e os hollandezes cercados no Recife para fazerem uma diversão mandaram o coronel Scop apoderar-se de Taparica, ilha a tres leguas da Bahia. Fortificou-se e defendeu-se ahi por muito tempo, mas finalmente foi obrigado a abandonal-a no fim de 1647, depois de ter perdido muita gente. Chegou n'este tempo á Bahia a esquadra portugueza. A de Hollanda na força de 32 navios e 4:000 soldados chega ao Recife em 18 de março de 1648. Depois de terem descançado um mez põem-se os hollandezes em campo na força de 6:000 homens. Deu-se combate em 19 de abril, e os portuguezes ganham a batalha com grandes despojos. Perderam os hollandezes 1:200 homens, seu general Scop, por outro nome Segismundo, que foi ferido por um tiro de espingarda n'uma coxa. Continuaram os portuguezes a tel-os encerrados no Recife, achando-se senhores de todos os fortes que estavam por cima e em baixo. Por outro lado a esquadra hollandeza commandada pelo almirante Wiettens tinha a frota portugueza encerrada no porto da Bahia; porém pelo mez de agosto acha esta esquadra meios de sahir sem que os hollandezes desem por isso.

«No fim do mesmo anno de 1648 os portuguezes tornam a tomar Angola aos hollandezes, fingindo o rei de Portugal desapprovar esta acção ao governador do Rio de Janeiro, no Brazil, por se fazer esta tomada n'um tempo em que se negociava um accôrdo entre as duas nações a respeito dos negocios do Brazil, porque apesar de terem os hollandezes queixas contra os portuguezes, não se resolviam aquelles a uma guerra aberta, tanto receiavam perder as vantagens que lhes causava seu commercio com este reino. A provincia de Hollanda insistia principalmente em não romper com Portugal, e não queria que se praticassem hostilidades nos portos d'este reino, mas sómente no alto mar. Porém, finalmente, não se tendo podido chegar a um accôrdo, e a tregua de dez annos expirando a 11 de junho de 1651, o embaixador de Portugal retira-se, e prepara-se a guerra de ambos os lados.

«Com tudo os annos de 1652 e 1653 passaram-se sem hostilidades na Europa, e sem alguma expedição consideravel ao Brazil. Por fim no mez de janeiro de 1654 Francisco Barreto, que commandava os portuguezes revoltados em Pernambuco, tendo recebido algum pequeno reforço da esquadra da companhia de Lisboa, que veiu fundear perto do Recife, ataca todos os fortes, uns em seguida aos outros, que se achavam na frente do Recife, e por fim accommette o proprio Recife, que se lhe rende com todos os logares que os hollandezes occupavam nas costas do Brazil, e retiram-se para a Hollanda com os moveis e objectos que os portuguezes lhes tinham concedido levarem pela capitulação de 16 de janeiro de 1654.»

1107) RACZYNSKI (ATHANASIO CONDE DE).—Polaco nascido aos 2 de maio de 1788, e fallecido em Berlim no anno de 1874, irmão do celebre escriptor Eduardo, conde de Raczynski.

CONDE DE RACZYNSKI

E.—I. *Les arts en Portugal. Lettres adressées à la societé artistique et scientifique de Berlin, et accompagnées de documents.* Pari 1846, 8.º gr. 548 pag.

II.—*Dictionaire historique artistique du Portugal.* Pari , 1847, 8.º gr., 306 pag.

É o conde de Rackzynski um dos escriptores estrangeiros a quem Portugal deve relevantes serviços. Creio que foi elle o primeiro entre nós que seriamente se applicou ao estudo dos quadros portuguezes, com o fim de descobrir o verdadeiro grão Vasco, ao qual sem critica os portuguezes estavam no habito de attribuir qualquer painel antigo, embora não fosse bastante a mais longa vida para a producção de tão grande numero de quadros. O conde parece ter descoberto os quadros do verdadeiro grão Vasco na sé de Vizeu: todavia ainda ha duvidas a este respeito! [1]

Rackzynski parece imparcial, pois nos diz: [2] «Pelo que diz respeito ás artes não tenho por estranhos senão os que são estranhos ás mesmas artes. Os allemães, inglezes, italianos, francezes, todas as nações teem seu quinhão de gloria no caminho, que o mundo incessantemente anda para o aperfeiçoamento. Os portuguezes teem o seu, e é grande. Situados n'uma das extremidades da Europa, fizeram nas outras tres partes do mundo conquistas taes, que seriam consideradas como grandes, mesmo que a metropole tivesse muito maior importancia e muito maior extensão do que aquella que possue realmente. Vizinho de uma monarchia emula, Portugal, se bem que tres vezes mais pequeno que Hespanha, soube, exceptuando um curto intervallo, manter sua independencia pelo espaço de perto de oito seculos. É um bello paiz: o povo não poderia ser mais interessante. Portugal agradou-me desde o dia em que desembarquei em Lisboa.»

Durante o tempo que o conde de Rackzynski residiu em Lisboa na qualidade de ministro da Prussia, foram-lhe pedidas informações pela sociedade artistica e scientifica de Berlim, relativas ás artes do nosso paiz. O conde resolveu responder a tão honroso pedido, e compoz uma collecção de cartas, nas quaes dava informações dos seus estudos já feitos a este respeito, e dos que ia fazendo. Logo na segunda carta envia informações ácerca do celebre pintor portuguez Francisco de Hollanda, datadas de 12 de dezembro de 1843. Consistem na traducção de parte do manuscripto que se conservava na bibliotheca de Jesus em Lisboa, e foi dirigido a D. João III, de Portugal [3], traducção feita pelo pintor suisso Roquemont, que viveu na cidade do Porto por muitos annos, e a qual principia na pag. 5 e termina na 73 do livro *Les Arts.*

Os estudos sobre o grão Vasco começaram na 7.ª carta, e para que se veja o estado de ignorancia em que nos achavamos a respeito d'este pintor, tradu-

[1] A respeito d'estes quadros veja-se tambem *Robinson.*

[2] *Les arts en Portugal*, pag. 2.

[3] V. a respeito do illuminador e pintor Francisco de Hollanda o *Diccionario Bibliographico Portuguez*, e o artigo *Tombino*. Parece-me, porém, que uma das obras de F. de Hollanda foi impressa, se bem que se tornou uma raridade bibliographica.

zirei a passagem seguinte: «Ser-me-hia difficil determinar quaes são os quadros que se attribuem aqui ao grão Vasco. Parece-me que esta denominação, na idéa que se lhe associa geralmente, designa mais depressa uma categoria de velhos paineis, considerados debaixo do ponto de vista de um certo ar gothico que lhe é proprio, do que uma origem, um nome de auctor, e mesmo uma nacionalidade distincta. Ha pessoas que chegam até a dizer que se encontram grão Vascos em grande numero na Allemanha: outros dão este nome indistinctamente a todos os quadros de Portugal que pertencem ao XVI seculo; outros finalmente estabelecem distincções: o que lhes parece bem pintado é sempre obra de grão Vasco; o que não está tão bem pintado é da sua escola. Portugal possuia no tempo de D. Manuel, e mais ainda em tempo de D. João III, um bom numero de pintores nacionaes e estrangeiros: n'essa mesma epocha mandaram vir muitos paineis de outros paizes, principalmente de Flandres; todavia todos estes quadros, ou quasi todos, são confundidos debaixo da mesma denominação — a de Vasco e de sua escola.

«Ouso affirmar desde já que nenhum dos quadros de algum merecimento attribuidos a grão Vasco, e que tenho visto até aqui é mais antigo que o começo do XVI seculo; e é mister acautelarmo-nos de querer attribuir todos ao mesmo pintor, ou a seus discipulos, nem tão pouco ao mesmo paiz. Em quanto a mim descubro n'elles origens diversas; mas emquanto á sua epocha persisto em acreditar que pertencem todos á de D. Manuel e D. João III. Note-se com tudo bem que, em 8 de fevereiro de 1843, não nego a existencia de Vasco como pintor, nem ter sido habil, nem que entre os velhos quadros que me teem mostrado não se possam encontrar alguns que sejam d'elle; sómente sustento que até hoje ninguem me apresentou uma prova em apoio da authenticidade de um unico de seus quadros; que é impossivel que todos os paineis que lhe attribuem possam ser obra do mesmo homem.»

Com effeito o conde de Rackzynski, depois de penosos estudos nos quaes manda a verdade que se diga ter sido coadjuvado por alguns portuguezes, chegou a descobrir um nome, que rasoavelmente julgou ser o verdadeiro grão Vasco, o auctor dos quadros existentes em Vizeu.[1] Na carta datada de Vizeu a 28 de julho de 1844, diz-nos o seguinte:[2]

«Cheguei hoje a esta cidade pelas 9 horas da manhã, e sem perda de tempo dirigi-me á sé. O sr. Santos, gravador da academia, e o sr. Fonseca, filho do professor d'este nome, acompanharam me n'esta viagem. Tinham, como eu, uma grande impaciencia por conhecerem esse grão Vasco, do qual tanto se fallava e tão pouco se sabia.

«Vasco Fernandes, cognominado grão Vasco, filho do pintor Francisco Fernandes, nasceu em Vizeu no anno de 1552. Espero que não o confundam mais com o outro Vasco, illuminador em 1450, no tempo de Affonso V. A actividade artistica de grão Vasco pertence aos ultimos annos do reinado de D. Se-

[1] O auctor entre outros cita o visconde de Balsemão, o sr. visconde de Juromenha e o sr. Alexandre Herculano, a respeito da igreja de Cedofeita no Porto.

[2] V. o artigo *Robinson*.

bastião, e á primeira metade da dominação hespanhola. Eis o que eu penso a respeito do seu quadro *O Calvario*. É de um grande merecimento, apesar de mal conservado. Tel-o-hia julgado mais antigo que 1570; mas emfim os documentos são maior auctoridade que meus sentidos. Além d'isto as roupas e a architectura nos quadros de grão Vasco são de um estylo que concorda muito bem com a epocha, á qual agora sabemos que pertencem. Não sómente o grande painel do *Calvario* tem muito merecimento, mas é necessario dizer outro tanto d'aquelles que formam a *predella*, e que representam passagens da Paixão. Os quadros da sachristia são evidentemente obra do mesmo mestre, de Vasco Fernandes, do pintor de Vizeu, do grão Vasco. São o *Pentecostes*, *S. Pedro*, *Baptismo de Christo*, *Martyrio de S. Sebastião*, e treze paineis de menores dimensões, representando bustos de diversos santos.[1] Nada se póde ver mais grandioso que S. Pedro. A postura, as roupas, a composição, o toque, o colorido, a architectura, os accessorios, as paizagens, as figurinhas do fundo, tudo é bello, tudo é irreprehensivel! Os outros grandes quadros não são isentos de defeitos, mas todas as obras de grão Vasco teem um caracter grave e elevado, que não descubro em igual grau nos quadros gothicos que vi em Portugal. Os paineis de grão Vasco não pertencem, como eu suppunha, á influencia italiana, porém sim muito decididamente á de Alberto Durer, e vê-se que esta continuou a inspirar os artistas portuguezes ao lado de Gaspar Dias e de Campellos, que tinham importado para seu paiz o estylo e as tendencias italianas da epocha classica. Direi mesmo que a influencia de Flandres e de Allemanha produziu melhores resultados que a da pintura classica de Italia. Grão Vasco occupa realmente entre os pintores do estylo gothico um dos primeiros logares e sua natureza artistica era uma das mais elevadas d'aquella epocha. Repito: Portugal no reinado dos cinco ultimos reis da gloriosa dynastia de Aviz, não possuiu unicamente seu grão Vasco, mas possuiu muitos artistas; as artes alli floresceram e brilharam. Não posso exprimir a alegria que senti quando, ao entrar a sachristia, avistei immediatamente defronte da porta o soberbo painel de S. Pedro.»

Foi pois o conde de Rackzynski quem nos deu a conhecer o verdadeiro Vasco Fernandes, cognominado mais tarde o grão Vasco, e o qual é incontestavelmente uma das maiores glorias artisticas do nosso paiz. Resta agora apresentar uma breve resenha das obras artisticas que o conde encontrou n'este paiz mais dignas de apreço, no que tambem julgo fazer algum serviço, pois os dois livros de Rackzynski não se encontram hoje com facilidade.

«Muitos objectos preciosos attestam[2] que o amor do bello e do gosto das artes em diversas epochas foi vulgar em Portugal. As opiniões sobre o merito relativo d'estas preciosas lembranças não estão fixas. Passa uma coisa por uma reliquia, e muitas vezes não tem valor nenhum; uma outra, da qual ninguem se occupa, tem um valor real. Em confirmação d'esta asserção apenas citarei o Holbein, da Bemposta; o quadro de Rubens do antigo convento de

[1] *Les Arts*, pag. 367.
[2] Idem, pag. 259.

Jesus, actualmente freguezia das Mercês; a batalha de Pavia, do sr Saldanha Castro; o livro de orações do conde de Mesquitella; as vidraças da casa do capitulo na Batalha; e uma quantidade consideravel de vasos de oiro e de prata tão preciosos que em nenhuma parte se podem ver mais bellos.

«Alcobaça. — A nave da igreja póde chamar-se magnifica: os tumulos são a parte mais rica e interessante. O espaço que a bibliotheca occupa é mais celebre do que merece, por ser tão pouco alta que suas proporções não deixam nenhuma impressão de grandeza. O aspecto exterior da igreja não deixa de apresentar grandeza, apesar da fachada accrescentada no seculo xvii ser uma monstruosidade.

«Batalha. — O que posso attestar é que existe no edificio d'esta villa uma homogeneidade perfeita, que alli vejo um monumento gothico classico, digno de João I, digno da gloria que illustra seu reinado e o de seus descendentes, digno emfim d'esta nação que contribuiu tão poderosamente para esta gloria e que n'ella tomou parte. Os portuguezes na minha opinião deixaram provas de seu gosto constante para as obras de architectura. A perfeição de seus monumentos no tocante á execução, a da Batalha em particular prova muito bem que esta arte é verdadeiramente nacional. Uma circumstancia que mostra mui fortemente que a architectura, mesmo nas epochas mais remotas, devia até um certo ponto ser filha do paiz, é a perfeição com a qual a pedra foi sempre talhada e esculpida aqui, e o gosto e polidez com que todos os ornatos na pedra foram e são ainda executados. A parte mais antiga do edificio, a mesma igreja, não differe talvez muito no seu estylo de todos os outros monumentos da mesma epocha no resto da Europa, e principalmente na cathedral de York, para que se possa affirmar com certesa que nenhum estrangeiro tomou parte na sua construcção; porém as capellas imperfeitas são uma creação, que no meu ver, teem um caracter eminentemente nacional e portuguez, e o mesmo se dá n'esses milhares de igrejas e de monumentos publicos, d'essas molduras de portas e janellas, d'esses ornatos de todos os generos, que no tempo de D. Manuel e de D. João III innundaram todo Portugal, e dos quaes ainda se encontram restos a cada passo. [1]

«Pelo que toca á magnificencia e ao grandioso do edificio, haveria exageração em asseverar com algumas pessoas ser o mais bello edificio de architectura gothica existente; mas póde dizer-se que (exceptuando umas vinte das mais bellas cathedraes de França, de Inglaterra, de Allemanha, da Belgica, de Italia e de Hespanha: Anvers, Malines, Saint-Gudule, Rouen, Reims, Amiens, Saint Denis, Chartres, Notre Dame de Paris, Strasbourg, Durham, Lichfield, Salsbury, York, Westminster, Canterbury, Milão, Toledo, Cordova, Colonia, Friburgo e Vienna) a Batalha póde ser reputada um dos restos mais interessantes e mesmo mais seductores da pura architectura gothica.

«A casa do capitulo fórma um quadrado perfeito: termina no alto por um

[1] A respeito dos artistas que trabalharam na Batalha veja-se a Memoria de Fr. Francisco de S. Luiz publicada nas *Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa*. Quasi todos eram portuguezes.

grande florão de um trabalho admiravel. Agrada principalmente por suas linhas, proporções e simplicidade, e pela elegancia de seus ornatos tão pouco numerosos. Os vidros que guarnecem a unica janella, pela qual esta casa recebe luz, são tão bellos como os mais bellos que n'este genero tenho visto. Faço votos bem sinceros pela conservação d'estes preciosos restos de pintura em vidro, que bem poderia ser um trabalho indigena, e muito mais por sabermos quantos pintores de vidro portuguezes foram empregados na Batalha como mestres de vidraças.

«Em o numero das bellezas que mais se devem admirar na Batalha, encontra-se o claustro. Os ornatos formando um arrendado de pedra são de um trabalho admiravel. O aspecto geral do interior da igreja é magestoso: recorda pelo seu estylo o de todas as cathedraes gothicas, sem ser tão vasta como as mais vastas d'ellas.

«Belem.[1] — No altar mór vêem-se *assumptos sagrados* de Campello. O estylo é grave e historico. As roupas são largas, sem comtudo serem de um desenho muito puro.

«Por cima da escadaria vê se um Christo caindo debaixo do peso da cruz, pintado por Gaspar Dias. É duro e as figuras monotonas.

«Um Christo coroado de espinhos. É melhor que o precedente, e reina alli certa elevação de estylo. Em todos os quadros Dias é muito superior a Campello.

«Os bancos do côro, de madeira, são soberbos.

«Na aula de desenho ha uma Annunciação, que não deixa de ter certa elevação de pensamento.

«Dos retratos na sala dos reis nenhum me pareceu bom.

«Os retratos de D. João III e de D. Catharina, por Antonio Moor, são insignificantes.

«A vida de S. Jorge na Sacristia, por José de Avellar Rebello, não é grande coisa.

«Os quadros do refeitorio todos são maus.

«Claustros magnificos.

«O todo do edificio magestoso.

«Cintra. — Emquanto ao palacio da Pena, em Cintra, notarei que sempre hei de sentir que as novas construcções não tivessem sido separadas do antigo edificio. Teria gostado que tivessem restabelecido n'este ultimo até a mais pequena pedra que d'elle tivesse caido, e nada mais. As minuciosidades do ornamento das novas construcções, são pela maior parte encantadoras, mas a maneira como estas construcções enchem o estreito espaço em que estão collocadas, e a fórma como se juntam ao antigo edificio, e como ellas o obstruem, não produzem até certo ponto em meu espirito uma impressão satisfactoria.[2]

Coimbra. — No dia 1 de setembro, pelas 4 horas da tarde, ao descermos

[1] *Les Arts*, pag. 287. «Em todas as epochas souberam muito bem em Portugal trabalhar na pedra, e ainda sabem.» Idem, 437.

[2] A respeito d'este edificio pode vêr-se o artigo *Taylor*.

uma ladeira escarpada e bem alta, podémos lançar através de espesso arvoredo um primeiro relance de olhos para esta antiga Coimbra, tão admiravelmente situada. Quando a paisagem se patenteou inteiramente a meus olhos, fiquei como embasbacado! Dirigi-me immediatamente á Sé Velha, cujo tecto da sachristia é do melhor gosto.

«Entre os quatro grandes paineis que se vêem na cathedral, o mais interessante, sem comtudo por isso ser muito superior a todos os outros, é o retrato da rainha Santa Isabel, de grandeza natural, e incontestavelmente de uma epocha bem posterior áquella em que vivia. Este retrato certamente não conta duzentos annos.

«Este edificio prova, apesar dos defeitos do todo, que a architectura foi sempre cultivada honrosamente em Portugal [1].

«A velha igreja de Santa Cruz offerece um modelo de architectura mais homogeneo em seus pormenores. A fachada não deixa de apresentar caracter e originalidade. O quadro do altar mór, obra que me parece pertencer ao ultimo seculo, representa o triumpho da Cruz: é um trabalho soffrivel, apesar de muito inferior na minha opinião à *Descida da Cruz*. Este ultimo painel, que é da mesma epocha, parece-me digno de elogios não só como estylo mas tambem como desenho: trouxe-me á memoria a famosa pintura de Daniel de Valterra. Comtudo a composição d'esta ultima téla não está tão presente na minha memoria, que eu possa affirmar ou negar sua perfeita analogia. Ha na mesma sachristia um santo pintado em madeira: é um excellente trabalho no genero das velhas pinturas attribuidas ao grão Vasco. Á mesma classe pertencem S. Sebastião, S. Vicente, S. Roque e S. Lourenço, que se acham na egreja e que são muito bons quadros n'este mesmo genero. Uma *Descida da Cruz*, que tambem está na sachristia, igualmente de madeira, pareceu-me pouco interessante. As pinturas mais dignas de attenção do sanctuario de Coimbra, e talvez de quantas igrejas visitei n'este paiz, são quatro cabeças encerradas em dois medalhões, n'um as de S. Pedro e S. Paulo, no outro as de Christo e de S. João; são algum tanto menores que as de grandeza natural. Não pude chegar a descobrir de que pintor eram, mas recordaram-me o retrato de Holzchur por Alberto Durer, e de boa vontade acreditaria terem vindo de Allemanha, e remontarem á epocha d'este pintor. O que porém é certo é que são admiraveis de desenho e de colorido.

«O pulpito é um magnifico trabalho de architectura no estylo *cinque cento*. Está perfeitamente bem conservado: é uma verdadeira joia que teriamos tentação de encaixilhar n'um medalhão, ou n'um annel. A pia da agua benta é menos rica em ornamentação, mas da mesma epocha, e suas proporções são bellas.

«O quadro do altar mór da igreja de S. Thiago é antigo, mas de pouco valor.

«D. João V foi o fundador da bibliotheca da universidade, a mais bella e a

[1] A respeito da fundação d'esta Sé Velha, veja-se o interessantissimo artigo de Rebello da Silva no vol. 10.º do *Panorama* (1853).

mais ricamente ornada que tenho visitado. A pintura do tecto é uma vasta composição, muito rica, como varias outras pinturas da mesma epocha, que visitei em Lisboa. Sua execução denota bom trabalho (*savoir faire*), mais ainda na parte architectural que na figura. N'esta bibliotheca, como por toda a parte em Portugal, encontram-se alguns restos de trabalhos de illuminadores; em todo o tempo encontraram aqui occupação. E da mesma sorte encontram-se por toda a parte provas do estado florescente da architectura. A quem me objectar que a architectura portugueza nada tem de original, respondo que, exceptuando a Italia, conheço bem poucos paizes onde tenha existido uma architectura ao mesmo tempo nacional, caracteristica e original, ao passo que affirmo que este caso se deu em Portugal, pelo menos no reinado de D. Manuel e de D. João III.

«No collegio das artes vi retratos tão dètestaveis como a maior parte d'aquelles que formam as collecções d'este genero por mim visitadas em Portugal. Não ha menos de trinta e nove que reppellem a vista.

«Nada me attrahia mais vivamente do que a residencia da familia Telles Foi alli que viveu D. Maria Telles, foi alli que dominado por um injusto ciume seu esposo lhe deu a morte. Vi a escadaria na qual foi commettido o crime. A entrada da casa está ricamente ornada; é uma das mais antigas partes do edificio. O todo fórma um grupo de casas do mais pittoresco aspecto: são construcções de epochas differentes, bustos salientes de uma bella esculptura; ornatos de muito bom gosto recordam o buril de Cellini, e denotam um notavel sentimento artistico: nada se poderia ver mais gracioso.[1]

«Evora. — Não existe *Adoração dos Magos* na bibliotheca de Evora; a *Disputa*, que alli se encontra effectivamente, faz parte dos doze quadros da vida da Virgem, que ornavam outr'ora a capella principal da cathedral. Os onze restantes acham-se agora no palacio archiepiscopal, dos dois lados, e em frente de um outro quadro muito maior representando a Santa Virgem n'um throno rodeada de anjos tocando diversos instrumentos. Á Virgem assim representada dá-se o nome de Maria da Gloria. Todos estes quadros apresentam de uma maneira evidente a impressão da influencia dos Van Dyck. Com tudo no caso de serem de Christovão de Utrecht, como o faz crer o monogramma, são posteriores a Van Dyck mais de cem annos. Dou conta de minhas suspeitas e de minhas impressões, mas nada ouso affirmar. Na mesma, em que se encontram todas estas télas, vêem se outras seis representando passos da Paixão. Sua grandeza é quasi de 65 cent. sobre 80. São de merito secundario, se bem que offerecem alguma analogia com as obras de Hemmeling.

«O quadro da Virgem rodeada de anjos[2] é admiravel em todas as suas partes. É de quantos paineis gothicos vi em Portugal aquelle no qual encontro maior merecimento. Recorda-me o do altar de Gand. É infinitamente melhor que os outros doze, e difficilmente poderiam ser obra do mesmo pintor. Estes quadros não teem outra analogia com os de S. Bento e do Paraiso, expostos

[1] *Les Arts en Portugal*, pag. 474.

[2] Este quadro foi copiado no tom. 11.º do *Archivo Pittoresco*, pag. 177.

na academia de Lisboa, senão a da epocha á qual pertencem, e da influencia flamenga commum a todos.

«A capella mór da Sé foi reconstruida por Ludovici, architecto de Mafra em 1721. A nova capella é de um effeito architectonico agradavel, e revestida interiormente de marmores de diversas côres, porém fórma para com o resto do edificio o mais revoltante disparate. O painel actual do altar mór, representando a Assumpção da Virgem, dá muitos ares das obras de Mengo, com tudo não póde ser d'elle nem de Batoni. Este quadro custou 700:000 réis.

«Na igreja de S. Francisco existem alguns quadros, que não deixam de ter seu merecimento. Taes são os seguintes:[1] por cima de um dos altares lateraes, do lado da epistola, vê-se um S. Jeronymo, e um outro santo eremita, o anjo custodio guardando as armas reaes de Portugal, e S. Miguel tendo na mão uma cadeia que toca n'uma nuvem. Por cima de outro altar vê-se S. Francisco recebendo as chagas, e Santo Antonio de Lisboa prégando aos peixes, e por baixo Santa Clara, e um santo da ordem de S. Francisco, a cujos pés se vêem tres mitras.

«A bibliotheca contém alguns objectos interessantes. No tocante a paineis citarei a Disputa, e um Christo caminhando para o supplicio, pintado em cobre: esta obra parece pertencer á epocha que precedeu immediatamente a de Rubens; varios quadros do morgado de Setubal, os retratos do arcebispo Cenaculo e do marquez de Pombal, por Joaquim Manuel da Rocha; um quadro de Josepha d'Obidos, representando um cordeiro deitado, ao qual circumda uma grinalda de flores; e alguns incendios que julgo serem de Pereira. Vi em Setubal e em Evora muitas obras do morgado de Setubal, que não augmentaram muito minha estimação para com seu talento. Vê-se que tinha nascido com certa disposição para aproveitar com verdade os caracteres das figuras, mas vê-se tambem que seu talento não foi sabiamente dirigido. Pintava grosseiramente, ou, para melhor dizer, vê-se que não sabia pintar, mas ter-lhe-hia sido facil aprender. O quadro de Josepha d'Obidos é um dos mais agradav ei que tenho visto d'esta auctora.

«O esmalte em cobre, que se conserva na bibliotheca de Evora, pelo que eu tinha ouvido dizer, não correspondeu á minha expectativa. Quasi que não é superior no que diz respeito á arte, a esses velhos esmaltes sahidos, segundo creio, pela maior parte das officinas de Limoges. Está em perfeito estado de conservação, e representa Christo na cruz; e nas duas meias portas, que se fecham sobre a peça principal: Pilatos lavando as mãos; Christo levando a cruz; os Limbos; e a apparição de Christo á Virgem.

«Ha tambem alli muitos desenhos de Vieira Lusitano, entre elles alguns bellos e até importantes. Todos que são feitos a lapis vermelho pertencem, segundo julgo, a Vieira Lusitano, os outros são obra de diversos artistas.

«A bibliotheca possue muitos missaes velhos e livros de orações. Entre estes ultimos ha dois que são admiraveis. Um d'elles acaba por estas palavras *Fidelium Deus oris*, e o outro *Opera p. d. n.*

1 *Les Arts en Portugal*, pag. 356.

«Vêem se tambem aqui outros quadros de todo o genero, principalmente retratos, mas acho-lhes pouco merito artistico. Outro tanto direi a respeito d'aquelles que estão na *vestiaria* da cathedral, e de varios outros grupos de télas que se encontram em differentes casas. Na primeira sala do palacio archiepiscopal vê-se um S. José com o menino Jesus em pé sobre seus joelhos. Diz-se ser copiado de Rubens por André Gonçalves. Póde ter sido pintado por Gonçalves, mas duvido que seja copia de Rubens.

«Na sachristia da igreja da Graça conserva-se ainda uma parte de vidraça de uma janella grande, que não deixa de ter merecimento, e que bem como as que se achavam nas janellas do refeitorio, datam de 1542.

Lamego. — A portada da cathedral diz-se obra de Affonso Henriques. Eu tel-a-hia julgado da epocha de João I, ou muito pouco anterior. O interior é moderno e nenhum interesse offerece. A igreja de Santa Maria de Almacave é uma interessante antiguidade. O castello em ruinas, cuja existencia data dos moiros, apresenta um panorama o mais rico e o mais vasto. Na cidade algumas casas teem conservado ornamentos architectonicos da mais remota antiguidade, e de um trabalho curioso. De Lamego eu não trouxe nem uma unica impressão que não fosse agradavel.

«Lisboa. — *Igreja dos Inglezinhos.* — Apenas possue quadros muito mediocres.

«*Ermida dos Fieis de Deus.*—A vida da Virgem attribuida por Taborda a Bento Coelho da Silveira, fórma uma serie de quadros que pouco elevam a reputação artistica de seu auctor.

«*S. José.*—Historia d'este santo em um numero assás consideravel de paineis. Tem pouco mericimento.

«*Freiras do Carmo.* [1]—Historia da Virgem por diversos auctores. A Annunciação recorda o estylo de Baroche. O melhor d'estes quadros pareceu-me ser a Natividade. Excepto o quadro do altar mór, que é o mais moderno e o mais fraco de todos, toda esta serie de quadros parece-me pertencer ao fim do seculo XVII.

«*Santa Maria Magdalena.*—Contém algumas obras de Pedro Alexandrino. Tenho visto tantos quadros d'este pintor, e teem-me agradado tão pouco, que cedi á minha preguiça, e não entrei n'esta igreja.

«*S. Miguel d'Alfama.*—Os ornatos de esculptura em madeira na capella mór, são de uma grande belleza. A esculptura em pau (talha) foi levada a mui grande perfeição em Portugal e na Hespanha, mas em nenhuma igreja de Lisboa vi n'este genero obras mais ricas que n'esta igreja. Não teem graça nem ligeireza, todavia, teem um caracter particular, que lhes imprime interesse. É principalmente a epocha de D. João IV e D. João V que fornece os mais bellos specimens d'este genero.

«*Santo Estevão d'Alfama.*—Dos dois lados do altar mór vêem-se dois grandes quadros, achando-me muito embaraçado em lhes determinar epocha. São de valor secundario. O que ha de mais interessante n'esta igreja, são

[1] Creio ser o convento das Albertas, ás Janellas Verdes.

quatro altares de marmore de um estylo architectonico assás curioso. Dois parecem ser cem annos mais antigos que os outros dois.

«*S. Luiz.* — Contém alguns paineis que offerecem pouco interesse.

«*Santo Antonio da Sé.*—Vêem-se quatro grandes quadros de Pedro Alexandrino, que não são superiores á maior parte de suas producções. Estou muito fatigado de ver paineis d'este pintor. Asseguram-me que pintou mais de mil. Foi elle, a quem a sorte, na sua indifferença para com as artes em Portugal, encarregou de reparar os estragos produzidos pelo terremoto de 1755.

«*Igreja do hospital de S. José.*—A capella d'este hospital possue oito pequenos quadros representando a vida da Virgem. Julgo-os da epocha e da influencia de Carlos Maratti. Este hospital acha-se n'uma tão boa ordem, que me parece não poder ser excedida em nenhum paiz.

«*Igreja da Esperança.*—É de um aspecto irregular, mas pittoresco a não poder ser mais. Os azulejos do exterior da porta principal não deixam de ter graça, seu desenho é facil, o estylo *rococó.*

«*Santa Joanna.*—Vi alguns paineis de altar muito maus, e azulejos muito lindos. Na sachristia acham-se dois quadros em madeira, representando S. Domingos e S. Thomás d'Aquino de joelhos em oração, de grandeza natural. O estylo é muito bom. As roupas são largas e bellas. O modelo das mãos e das figuras é pouco estudado, mas o todo é de um toque fino.

«*Coração de Jesus.*—Por cima do altar mór está um grande quadro de Cyrillo representando o coração de Jesus e as virtudes, figuradas por anjos em adoração. A composição é rica, mas fraca, desenho fraco e fraca execução. No tecto vêem-se os quatro evangelistas de um effeito satisfactorio.

«*Loreto* [1].—Esta igreja é de um bello effeito, tanto interior como exteriormente. Não é um monumento grandioso, mas sim exemplar louvavel e completo do seculo XVIII. As proporções, ornatos, esculpturas, quadros, tecto, tudo está em harmonia, tudo é de um effeito satisfactorio. Examinemos os paineis, que todos são italianos.

«A Ceia: de auctor desconhecido; é fraca producção.

«Sant'Anna: tambem de auctor desconhecido é fraca producção.

«S. Carlos Borromeu: de auctor desconhecido; é uma boa pintura no genero de Batoni.

«S. Francisco de Paula: é uma excellente obra do pintor romano Pietro Lambruzzi.

«S. João Baptista: merece poucos elogios.

«S. Miguel matando o dragão: é, se não me engano, copia de Guido.

«Nossa Senhora do Carmo: attribuida a Rossi, é dos quadros d'esta igreja o que me attraiu mais. Acho-lhe muitos attractivos.

«Santa Catharina de Genova: por C. Ratti, e a Descida do Espirito Santo por Emmanuel Tagliafico não são tão bons como os quadros antecedentes.

«As figuras dos apostolos em camafeus, por Cyrillo, que imitam estatuas, e que se vêem em nichos sobre o tecto, são no meu pensar fracas, como tudo

[1] *Les Arts en Portugal*, pag. 286.

quanto conheço d'este pintor escriptor. Os dois anjinhos sustentando um escudo, e collocados por cima da porta de entrada, vieram de Roma e são attribuidos a Baromino.

«*S. Roque.*—Contém specimens interessantes da pintura dos tres ultimos seculos.

«Rebello.—Um dos melhores quadros d'esta igreja é na minha opinião o da primeira capella á esquerda, quando se entra: Jesus entre os doutores, attribuido por Cyrillo a José de Avellar Rebello. Acha-se collocado por cima do altar. Este painel deu-me uma idéa muito favoravel de seu auctor. Dir-se-hia um Brusasorei ou um Farinati de Verona. Parece-me ter escapado aos restauradores, que são para Portugal uma calamidade maior que os terremotos. É um bom quadro. Parece ser do mesmo auctor um medalhão que se vê pôr baixo.

«A. Reinoso.—Á direita do mesmo altar vê-se uma Adoração dos Magos, de André Reinoso, contemporaneo de Rebello. Este quadro tem mais estylo que o outro e tambem mais defeitos. Varias figuras, principalmente o rei ajoelhado estão mal desenhadas, mas a figura da Virgem é a todos os respeitos de um effeito satisfactorio, e a cabeça do rei mais proxima do negro, é muito bella. Em frente d'este painel acha-se uma Natividade attribuida egualmente a Reinoso, que acho fraca, e que não pode de modo nenhum ser obra do mesmo artista. Na sacristia ha por cima dos armarios, uma longa serie de quadros attribuidos a Reinoso. Representam a vida de S. Francisco, e não deixam de ter merecimento, e julgo-os todos do mesmo pincel. Mas custa-me a crer que estes pequenos quadros sejam do mesmo author, que aquelle, que está collocado na capella.

«Vieira Lusitano.—A segunda capella contem dois quadros de Vieira Lusitano, que são excellentes especimens do talento muito distincto d'este pintor. Dizem respeito á vida de Santo Antonio.

«A capella de S. João Baptista é d'uma extraordinaria riqueza. Encerra bellos mosaicos feitos segundo quadros mediocres, que se poderiam comparar em merito a Carlo Maratta, ainda que não valham as obras d'este mestre. Em quanto aos bronzes, são soberbos, e a quantidade de lapis lazuli, de verde antigo, e d'outros marmores preciosos, que guarnecem o altar, as columnas e as paredes d'esta capella, dão a este logar um ar de riqueza e affectação. Tudo é de bom gosto (porque a moda nos levou para o rococó) e cada parte d'esta joia architectonica está em perfeita harmonia com o todo.

«Bento Coelho.—Bento Coelho da Silveira é o author de dois quadros, que se veem na primeira capella á direita da entrada: um representa Jesus Christo apparecendo á Virgem, o outro a Ascensão. Acho principalmente este ultimo digno d'elogios. E' d'um effeito que satisfaz no tocante a composição, a desenho e a colorido. Parece ter sido feito debaixo da influencia da escola de Bolonha do seculo XVII.

«Gaspar Dias.—Em o quadro de Gaspar Dias, da terceira capella á direita da entrada, representando S. Roque, a quem apparece um anjo, descubro a affectação da força e da grandeza, e á primeira vista fui desagradavelmente impressionado, com tudo esta mesma affectação não poude obstar a que o estylo

e o caracter historico me parecessem dominar n'este painel. Pareceu me retocado, sem que por isso tenha ficado tão desagradavel, como são a maior parte dos quadros, que teem passado pelas mãos dos restauradores. Em frente d'esta tela vê-se um outro quadro, cuja origem e data não advinho. A descida do Espirito Santo, que em certos dias festivos se vê por cima do altar mór, e que é attribuido a Gaspar Dias, em tempo nenhum poude ter grande valor artistico. O estylo d'este quadro não tem nenhuma analogia nem com o S. Roque d'esta egreja, nem com os quadros de Belem do mesmo author.»

«Os retratos de D. João III e da rainha D. Catharina deveriam ter sido excellentes antes de terem padecido do tempo e das restaurações.

«Ha ainda na sacristia um quadro de N. Senhora. A Virgem e o menino Jesus, quasi que não teem figuras humanas.

«*S. Domingos* — Os quadros de Pedro Alexandrino, que esta egreja contem em grande numero, não são tão bons como os que do mesmo author se encontram noutras egrejas.

«*S. Pedro d'Alcantara* — S. João pregando na montanha poderia ser obra de Pedro Alexandrino, e é melhor que a maior parte dos outros seus trabalhos. O quadro do altar mór não é mau: todos os outros tanto da egreja, como da sacristia, não valem apena ser mencionados.

«*Martyres.* — Os paineis dos altares, os santos Evangelistas da sacristia, e o tecto da egreja são obra de Pedro Alexandrino: mostram todos uma grande facilidade de desenho e de composição; mas falta-lhes o vigor, elevação, e frequentemente o desenho é muito incorreto; não se pode todavia recusar a seu author uma certa habilidade, e muita fecundidade, apesar da frouxidão de seus quadros.

«*Sacramento.* — São paineis tambem de Pedro Alexandrino.

«*Encarnação.* — Pareceram-me os quadros de tal fraqueza, que julguei interessar pouco ás artes o conhecer seu author.

«*Estrella.* — Esta egreja é magestosa, e não poderia ser mais bem situada, e revestida interiormente de marmores extrahidos das pedreiras de Portugal.

«O painel do altar mór pintado por Pompeo Batoni é obra d'um artista consummado: tem os defeitos da sua epoca (1781), mas está pintado com habilidade, e satisfaz meu gosto. Por cima do altar lateral está collocada uma Ceia, da mesma grandeza, e tambem de Batoni. D'este author ainda ha outros paineis. Um sexto quadro é obra da princeza D. Maria Benedicta. É bem inferior áquelle, que da mesma princeza está na Ajuda. Até o acho abaixo de toda a critica.

«*Santa Izabel.* — Entre os quadros d'esta egreja existe um, que achei bem composto, e bem desenhado. Representa o Martyrio de S. Sebastião. Tambem alli estão Santa Anna e a Virgem com o menino Jesus, fracas obras.

«*Egreja de Jesus, actualmente freguezia das Mercês.* — Em nenhuma egreja de Lisboa achei reunidas tantas e tão boas pinturas.

«No côro, vê-se uma Resurreição attribuida a Rubens [1] e é na verdade,

[1] Este quadro parece actualmente fazer parte da galeria de S. M. D. Fernando no palacio das Necessidades.

segundo creio, uma obra d'este grande mestre: é até na minha opinião uma de suas mais bellas producções. É um suberbo quadro, e um dos objectos d'arte mais preciosos, que se encontram em Portugal. Parece-me intacto: ou, se foi restaurado, fizeram-no conscienciosamente. Defronte vê-se uma Adoração dos Magos, que em muitas das suas partes faz lembrar Ferdinand Boll. É muito inferior á Resurreição.

«Na capella de N. Senhora vê-se um papa e um cardeal visitando o tumulo de S. Francisco. Este quadro d'um estylo eminentemente Ficianesco parece-me excellente. Aquelle, que se acha defronte, parece do mesmo pincel: com tudo é inferior em merecimento. Representa S. Francisco, a quem apparecera Christo no ceu e a Santa Virgem. Na mesma capella encontram se ainda varios paineis, que merecem ser mencionados.

«Na capella mór a Visitação de S. Izabel, mãe de S. João, á Virgem Maria é uma excellente obra, cujo estylo se approxima muito da epoca classica da pintura Italiana. Outros tres quadros na mesma capella não deixam de ter um certo caracter de grandeza, mas em tudo mais pareceram-me pouco dignos d'elogios. Todos estes paineis pelo caracter, que n'elles domina, parecem pertencer ao fim do seculo XVI, ou ao principio do seguinte: com tudo pertencem muito mais á epoca classica, que á do Carrache.

«Vê-se na capella de S. José, S. Domingos e S. Francisco a quem apparecem no ceu Christo e a Santa Virgem. Parecem ser do mesmo author que a da capella de N. Senhora.

«A capella da Ordem Terceira é ornada de quadros relativos á vida de S. Luiz. São de merecimento secundario.

«A capella do SS. Sacramento contem dois quadros d'um trabalho muito duro, cujo estylo todavia não deixa de ter uma certa elevação e que tem analogia com o de Gaspar Dias.

«*Paulistas.* — Uma duzia de quadros de Vieira Lusitano representando santos eremitas, ornam o alto das paredes d'esta egreja, e são d'um acabado menos acanhado e mais facil, do que a maior parte de suas obras, sem com tudo serem faltas de estylo. Creio pertencerem á ultima epoca da actividade artistica de Vieira. Na mesma egreja vê-se a multiplicação dos pães, e Moysés no deserto. São obras d'arte importantes no tocante á composição, mas teem bastantes defeitos, e satisfazem pouco ao meu gosto.

«*S. Francisco de Paula.* — Por cima do altar mór vê-se um grande quadro muito fraco, cujo assumpto é S. Francisco, a quem um anjo appresenta uma coroa. É um excellente quadro aquelle, que se acha por cima do primeiro altar á esquerda da entrada, e que representa Santo Antonio e outras figuras. Tem assignatura de Vieira Lusitano, e a data de 1763. Por toda a parte onde encontro obras d'este artista sinto-me attrahido pela sua natureza artistica. O painel do segundo altar e um outro defronte, são attribuidos a Ignacio d'Oliveira. Um representa S. Joseph trabalhando de carpinteiro e o outro a coroação da Santa Virgem. O tecto não tem merecimento.

«*Bemposta.* — Na sacristia da capella do palacio, por cima d'um armario, está posto um quadro assignado por João de Holbein. Tem a data de 1619. É

uma obra admiravel, e está em perfeito estado de conservação. Os algozes, chamados restauradores, ainda lhe não tocaram. O assumpto é a Virgem assentada n'um throno, tendo o Menino Jesus em seus braços, e rodeiado de muitos Santos. Atraz do throno vê-se uma rica e bella architectura no estylo de Francisco I. Foi a filha de D. João IV, a rainha Catharina de Portugal, e mulher de Carlos II d'Inglaterra, que enviuvando, trouxe este quadro d'Inglaterra, e d'elle fez presente a esta capella.

«*Madre de Deus.* [1] — Os quadros d'esta egreja não podem de nenhuma fórma ser anteriores ao anno de 1518, porque o facto historico representado n'um d'elles, a entrada de Santa Auta em Lisboa aconteceu n'este mesmo anno: é tambem evidente que o casamento do rei, representado n'um d'estes quatro se fez na epoca, em que se pintavam estes paineis. O principe pintado tem ar de muito novo, e então é necessario accreditar que é D. João III, que desposou em 1525 D. Catharina.

«Estes quadros são talvez tão bons como o da galeria Boisserée (fazendo agora parte da galeria real de Munich), que se attribue a Scharel. Parecem ter tido outro destino ao principio, por quanto os pés das figuras do primeiro plano foram sacrificados ás dimensões do caixilho. A influencia d'estes quadros é Alemãa ou Flamenga.

«*Academia das Bellas Artes.* — Os quatro quadros vindos de S. Bento conteem na realidade grandes bellezas.

«Oito quadros de Abraham Prim tambem são notaveis.

«D. João III ainda menino é muito bom.

«O quadro de Nossa Senhora (n.º 163) não deixa de ter merecimento.

«S. João (n.º 160) é digno d'elogios pelo que diz respeito ás roupagens.

«Quadro attribuido a Miguel Angelo. É com effeito um excellente quadro. Não tenho a menor idéa de quem seja: mas estou tentado a acreditar que é Florentino. Não conheço painel pintado a oleo, que d'uma maneira segura possa ser attribuido a Miguel Angelo. Não vejo que o desenho n'este painel não participe do estylo de Miguel Angelo, mas não a ponto de justificar as supposições, de que é objecto.

«Os quadros das portas do oratorio portatil de Francisco I, tomado por Carlos V na batalha de Pavia, e attribuidos a Julio Romano, pareceram-me detestaveis.

«Uma Nossa Senhora attribuida a Raphael: nada tem que pareça de Raphael: julgo ser um quadro alemão. Á sua vista o nome de Amberger se appresentou á minha memoria.

«S. Bruno, trabalho de Sequeira. É com effeito um quadro muito bom, todavia a execução é fraca, mas pelo que respeita á concepção e ao claro escuro é digno d'elogios. Porem os quadros do mesmo auctor S. Paulo, S. Bruno, e S. Jeronimo não me satisfazem, nem pela composição, nem pela execução.

«Descida do Espirito Santo por Trevisani: acho este painel muito bom.

[1] *Les Arts en Portugal.* pag. 125.

«Um Senhor crucificado attribuido a Van Dick. É muito fraco, e nenhuma analogia tem com a escola de Rubens.

«Nossa Senhora do Rosario por Vieira Lusitano. É muito bom, bem composto, e mostrando tendencias sabias, direi até, elevadas. Santo Agostinho calcando aos pés a heresia, não é tão bom como o antecedente, mas não deixa de ter merecimento. Nós estavamos bem longe de possuir na Prussia, no tempo de Vieira um artista, que o valesse. Julgo que não é muito inferior a Vien.

«Uma procissão do Corpo de Deus, por Taborda. É mais fraco, que tudo quanto tenho visto d'este pintor.

«*Palacio d'Ajuda.* — Na primeira sala, em que fui introduzido, vi por cima das portas assumptos da Historia de Portugal, nos quaes estão misturadas figuras allegoricas. É obra de Taborda: bem fraca, mas d'um effeito agradavel.

«Na segunda salla do primeiro andar vi medalhões oblongos, contendo dansas e allegorias pintadas por Cyrillo. Dir-se-hia obra d'uma rapariga, que tem a cabeça cheia de chimeras. O tecto da salla seguinte é de Monteiro, representa caça morta, e objectos de caça. Uma figura de mulher, que se acha alli como por acaso, e a paisagem merecem poucos elogios. A caça é melhor.

«Na salla, que servia para beijamão, no tempo da infanta regente, vê-se no tecto a representação allegorica da Felicidade publica, e a Mentira muito perto. A mentira sahio boa; mas a Felicidade publica está abaixo de toda a critica.

«O tecto do quarto de dormir da infanta regente é composto no genero de Neureuter. São figuras d'animaes, plantas agrupadas e entrelaçadas com muito bom gosto. Esta obra foi executada em parte por Taborda, e em parte por Foschini. As figuras maiores são indubitavelmente de Foschini, e feias a não poderem sel-o mais.

«De todos os tectos o melhor composto e pintado é aquelle do quarto, em que dormia D. Pedro. A execução é facil, e o effeito geral muito satisfatorio.

«Fizeram-me ver em uma salla do mesmo andar um tecto de Sequeira, que me desagradou muito. [1]

«O tecto da escadaria é d'uma côr muito viva: com tudo pouco me satisfez. É obra de Norberto José Ribeiro, discipulo de Taborda.

«O tecto da salla do throno é de Maximo. Esta pintura não me fez impressão favoravel.

[1] Dir-se-ha que acho tudo mau: mas é preciso considerar que em toda parte as coisas boas são mais raras, que as más. De mais, prefiro Taborda nascido em 1766, Vieira Portuense (1765-1805) Sequeira (nascido talvez em 1760) ao nosso Weitsch (1758-1828) e a Frisch (1737-1815) Pelo que diz respeito a Vieira Lusitano era realmente um artista distincto, e na epoca em que vivia (1699-1783) estavamos bem pobres na Prussia. Pedro Alexandrino (1720-1810); este pintor tão fecundo, era para Portugal o que Rode (1725-1797) era para a Prussia, com a differença, que o primeiro tinha tendencias mais elevadas. Não acho Vieira Portuense tão habil, como Batoni, mas acho-lhe mais fundo e merito, do que em Angelica Kauffmann.» *Les arts en Portugal*, pag. 170.

«Nada se pode ver mais ridiculo, que D. João VI n'uma concha. É trabalho de Foschini.

«Na salla do Estado, Taborda representou a acclamação de D. João IV. Faz bom effeito, e é bem superior á maior parte das outras pinturas.

«O tecto da salla das Côrtes por Taborda não deixa de ter harmonia em quanto ao colorido: a disposição dos grupos e das figuras é muito feliz: mas o desenho está muito desleixado.

«Em uma salla pegada a esta o tecto é de Foschini: desagradou-me tanto como as outras obras d'este pintor.

«Dois quadros de Maximo, um representando Santa Izabel, e o outro a degollação de S. João são muito pouco agradaveis. Um retrato de D. João VI por Maximo é horrivel. Um de Sequeira em pequenas dimensões é melhor.

«Cinco batalhas pelo pintor Rato não são d'um effeito desagradavel.

«O quadro pintado pela tia de D. João VI, D. Maria Benedicta, representando o coração de Jesus, attesta o gosto d'esta princeza para com as artes.

«O martyrio de S. Lourenço parece obra d'um pintor Bolonhez da epoca de Carrache.

«Um Christo morto poderia ser um painel original de Carrache. Este quadro é grave e grandioso, mas pouco agradavel.

«Um incendio de Troia por Diogo Pereira não tem nenhum merecimento, como effeito de luz, e as figuras são horriveis.

«De oito centos quadros aglomerados em varias sallas do primeiro andar, poucos vi, que não fossem muito maus. Na minha opinião um dos melhores é Christo entre os doutores, no genero de Caravagio: é talvez obra d'um hespanhol.

«*Palacio do Conde de Lavradio.* — Contem um grande numero de pinturas entre as quaes citarei dois quadrosinhos d'um acabado rasgado e facil. Foram pintados indubitavelmente por um dos melhores discipulos de Rubens, talvez Gaspar Crazer. Ha sobre tudo um, aquelle que se compõe d'um menor numero de figuras, que para mim tem bastantes encantos. Tem merecimento no toque e colorido. A virgem faz-me lembrar as de Murillo. Esta collecção contem egualmente um bom numero de quadros attribuidos a Rosa di Tivoli, grandes e pequenos fracamente desenhados, e grosseiramente pintados. Entre todos os quadros d'esta casa, o que ha de mais interessante, são os retratos da familia, como D. Francisco d'Almeida, primeiro vice-rei das Indias em 1505 (grosseiramente e mal pintado), D. Lopo d'Almeida 1525 (bem desenhado, e d'um effeito que satisfaz), o cardeal D. Thomaz d'Almeida (1720) não menos bem pintados. Porém muitos quadros não teem nenhum merecimento artistico.

«*Palacio do Conde de Sobral.* — Vi n'este palacio alguns objectos dignos d'observação. Devo em primeiro logar pagar meu tributo de homenagem a uma pequena Familia Sagrada, attribuida a Corregio: acho-a encantadora, e creio ser original. Se é uma copia; é muita antiga e excellente. Quadro delicioso! Um Salvador Rosa, incontestavel, representando Ramoldo no deserto, merece elogios. Não conheço quadro d'este pintor, que para meus olhos tenha tanto merecimento.

«O retrato do conde de Narbonne, pae da senhora Sobral (ajudante de campo de Napoleão, tenente general morto em Torgau) é de Gerard; e o da duqueza de Narbonne Lara, de M.me Guiard. O retrato d'um tio do Conde de Sobral, Gerelt Braamcamp, por Terbouché, pintor do rei de França, é dos tres aquelle onde encontro mais merecimento. Os outros dois tambem o possuem incontestavelmente. A condessa possue os retratos em esmalte dos filhos de Luiz XV, que teem merecimento pelo lado artistico.

«*Palacio do Conde de Borba.* — Entre os numerosos quadros d'esta casa quasi nenhum vi, que me parecesse bom. Os incendios (supponho-os de Diogo Pereira) não dão honra ao seu auctor. O que melhor encontrei n'esta collecção são dois quadros em cobre da escola de Rubens, representando uma bacanal e um assumpto historico, em que uma mulher parece enterrar uma espada no seio.

«*Palacio do Conde de Penamacor.* [1] — Entre as telas existentes n'este palacio parece-me haver algumas de merecimento, como a batalha de Pavia, S. Domingos de Morales, e Santo Agostinho, attribuido a Francisco de Hollanda.

«O primeiro painel, que alguem attribuiu a Albert Durer, é um verdadeiro thesouro, é um soberbo painel.

«Em quanto ao Morales não pode existir nenhuma duvida sobre sua authenticidade. Reconheci o author d'este painel, como por um effeito magnetico no mesmo momento, em que transpuz o limiar da porta. Attrahiu minhas vistas de preferencia a todos os outros objectos. É um excellente quadro, e d'uma conservação perfeita.

«Em quanto a Francisco d'Hollanda nenhuma obra conheço d'este artista. O quadro representa o baptismo de Santo Agostinho. Além d'estes paineis ainda ha outros, que não deixam de ter merecimento. Na capella dos Castros, em Bemfica, encontram-se alguns quadros de familia, que teem um interesse historico incontestavel, mas privado completamente de merito artistico.

«*Habitação de Lord Howard de Walden.* — Tambem possue um grande numero de quadros antigos. Tem um excellente specimen d'essas santas Familias attribuidas a Leonardo de Vinci, não sei se este é o author; creio apenas que é um excellente e antigo painel da escola lombarda.

«Um pequeno quadro, cujo assumpto é *Dae a Cesar, o que é de Cesar*, é attribuido a Sequeira: não posso admittir que seja obra d'este pintor. É d'um trabalho e d'um effeito de colorido, que nunca encontrei em Sequeira. Seria mais depressa tentado a acreditar que este esboço é de Pompeo Batoni. Tambem possue desenhos dos dois Vieiras e Sequeira. Os d'este ultimo encontram-se aqui por toda a parte, e em muito grande numero. Fazia-os com boccados de papel enrolado, do qual queimava a ponta á luz; á penna, e de mil outras maneiras; muitas vezes á noite em sociedade. Todos estes desenhos mostram uma grande facilidade. Sequeira era habil, mas não um grande artista na minha opinião. Vieira Lusitano, e até Vieira Portuense lhe eram superiores no meu modo de pensar. Os desenhos d'estes dois ultimos dão prova d'um senti-

[1] *Les arts en Portugal*, pag. 274.

mento artistico mais puro, e mais elevado, suas tendencias eram louvaveis; suas obras mostram ao mesmo tempo menos presumpção.

«O gabinete d'estudo encerra duas encantadoras aguarellas de Taylor, artista inglez, representando os filhos de Lord Howard.

«*Casa do sr. Sequeira.* — O sr. Sequeira é sobrinho do pintor d'este nome. Vi na sua casa uma innumeravel quantidade de desenhos d'este artista tão fecundo. N'este numero agradaram-me alguns, mas em geral attrai-me pouco a natureza artistica d'este pintor. Uma muito bella composição sua é aquella, da qual Bertolozzi fez uma gravura, que não acabou. [1] Tambem alli está um retrato do pintor Sequeira por Pelegrini, que não acho mau. Sequeira fez em 1812 os desenhos da baixella, que foi offerecida a Lord Wellington: estes desenhos encontram-se em casa de seu sobrinho: são do estylo do tempo do imperio, que não se ageitam a nosso gosto. Creio que tinha talento; mas suas disposições naturaes, bem como a epoca, na qual viveu, opposeram-se egualmente a que seguisse os bons preceitos e os grandes exemplos; e que seu gosto fosse aperfeiçoado, e suas tendencias elevadas, e que fosse modesto e applicado.

«*Palacio da Condessa da Anadia.* — Entre os quadros portuguezes citarei o de Vieira Portuense, representando Venus e o amor n'uma paisagem. Vieira n'esta composição deixou-se inspirar pelo Albano. É um quadro encantador. Foi gravado por Bertolozzi. Um outro quadro do mesmo author que tambem é digno d'elogios, é aquelle, que representa a Condessa d'Atouguia armando seus filhos para os enviar á guerra d'Hespanha. Faz lembrar alguma cousa o genero de Angelica Kauffmann: mas, na minha opinião, muito melhor que maior parte das obras d'esta ultima. Defronte vê-se Martim de Freitas entregando as chaves de Coimbra a D. Affonso III, por Sequeira, e da mesma grandeza. Parece-me esta tela muito inferior á de Vieira. Tanto sympathiso com Vieira Portuense, tanto a natureza artistica de Sequeira, tal como suas obras me fazem parecer, me repelle d'este. Todavia não acho mau o busto d'uma menina, que se surri agradavelmente. Sequeira, segundo me dizem, tinha a Vieira um odio muito grande, procurava fazer-lhe mal, e encheu sua vida d'amarguras.

«Entre as obras, que não são Portuguezas, citarei.

«Um homem a cavallo, por Casanova.

«Um enterro de Christo, por Bassano.

«Um quadro insignificantissimo de Angelica Kauffmann.

«Um pequeno quadro em madeira no genero de Van der Werf.

[1] «Sequeira dirigiu-se a Paris nos fins de 1823, e na exposição de 1824 via-se uma de suas composições. Era um quadro representando os ultimos momentos de Camões. Este painel, apesar de pintado á pressa, foi elogiado por Gerard, Granet, Vernet, e varios outros pintores francezes. Algum tempo depois foi Sequeira estabelecer-se em Roma, o apezar de avançado em edade, occupou-se de sua arte com o ardor d'um joven. Os ultimos quatro quadros pintados por elle valeram-lhe elogios dos amadores e dos artistas. Biordi gravou ultimamente um d'estes quadros, representando a descida da cruz, e a offereceu á rainha de França. (*Jornal dos Debates* de 23 d'Abril de 1841.) *Les arts*, pag. 284.»

«Duas bambochatas em madeira, no genero de Bega ou Ostade.

«Um bosquejo italianno, no genero de Pietro de Cortona.

«Uma bella cabeça: retrato. De author venezianno ou hespanhol.

«Mas sobre tudo Christo trahido e S. Pedro cortando a orelha a Malcho, em cobre, é um pequeno quadro d'um merecimento incontestavel. É da escola de Durer, desenhado e executado como os de Gobrio.

«Veem se tambem n'esta collecção algumas pinturas a tempera muito fracas de Pilman, e uma Venus de grandeza natural de Pelegrini, pintor de retratos, que passou uma parte da sua vida na Inglaterra, e em Portugal, e que me deu por este retrato uma fraca opinião de seu talento.

«A baixella de prata, que possue a condessa, são especimens admiraveis das obras de ourivesaria de Cinquecento. N'este genero nada se pode ver mais bello e de melhor gosto.

«*Palacio do Conde d'Almada.* — São notaveis os azulejos representando a conferencia dos que conspiraram para levar D. João IV ao throno. O desenho é facil, e denota uma certa habilidade technica, que em geral se vê nos azulejos de Portugal.

«*Palacio do duque de Palmella, no largo do Calhariz.* — Vi um quadro antigo representando S. Miguel pizando o dragão, quadro, que de quantos vi em Portugal, é o que mais se assimilha com as obras do Grão Vasco, que vi em Vizeu. Ha ainda outros quadros antigos. Quatro paineis pintados em cobre, no genero d'um dos Breughel, não deixam de ter merecimento. Muito gosto do retrato d'um homem calvo, que se encontra n'este palacio. A cara tem uma expressão verdadeira, bem desenhada e bem pintada: as mãos pelo contrario a todos os respeitos merecem ser criticadas severamente. N'uma das sallas d'este palacio poderam conservar um tecto, que pertence á epoca de Luiz XV. É d'uma grande riqueza na dupla relação de composição e de prospectiva, denota no seu author grande habilidade artistica; mas as formas e as proporções contrastam singularmente com as dimensões das paredes, que sustentam o tecto; cujas figuras são abaixo de mediocres.

«O duque de Palmella possue tambem no seu outro palacio do Rato um grande painel, que é reprodução da Santa Familia de Julio Romano, da galeria de Dresde. É um bello trabalho da epoca classica d'Italia. N'este mesmo palacio vi alguns bons quadros flamengos, entre outros o retrato d'uma velha, á maneira de Dietrich, quando queria imitar Rembrandt. Vi tambem pertencente ao duque uma Santa Familia, que julgo ser de João de Maubeuge.

«No seu palacio do Lumiar possue tambem o duque bellos esmaltes no genero d'aquelles, que se faziam em Limoges nos seculos XIV e XV. Vi-os n'um dia que ficará sempre gravado em minha memoria, 24 de novembro, dia em que o duque tinha dado um soberbo jantar em honra de Fuad Effendi, enviado Turco.

«*Palacio de D. Fernando.* — Este rei tem feito um grande numero de gravuras á agua forte de diversas grandezas, que denotam um talento pouco vulgar. D'estas já o Museu de Berlim possue para cima de quarenta. Entre as gravuras citarei: Um mestre escola, conforme o desenho de Charlet, 1843.

«Dois cavallos diante d'uma casa, Verbockhoven, (1839).

«Uma cabra, pelo desenho de Verbockhoven, (1838).

«Meninos indo para a escola, conforme Charlet, (1839).

«Entre as composições:

«Um cavallo ao qual está encostado um rapaz a fumar.

«Um cavallo pastando n'um campo.

«O combate de dois militares em trajos do seculo VII, n'um caixilho formado d'arabescos, no gosto de Neureuter.

«O retrato de Pouy Rolly, (1839).

«Um pobre recebendo esmola, (1843).

«Um cavallo inglez.

«O rei possue uma rica composição attribuida a Sequeira, representando a descida da cruz. É um desenho magnifico: mas duvido que seja de Sequeira. Com tudo este pintor é tão variado nas suas producções artisticas, que não sei que pensar d'elle, e d'este desenho. Em todo o caso, não obstante algumas incorrecções ou descuidos, é trabalho muito notavel, e cheio d'encanto.

«Mafra. — A egreja é, como a da Estrella, uma imitação em miniatura da egreja de S. Pedro. O painel do altar mór, representando Santo Antonio em adoração diante da Virgem é uma bella obra do seculo passado. Toda a egreja appresenta interiormente um conjuncto de proporções e cores harmoniosas: é ao mesmo tempo rica e simples. É uma obra d'architectura irreprehensivel, e d'um só jacto. Alli não se encontram nem anachronismos, nem confusão de idéas. Uma das cousas que n'esta egreja mais me encantou foram duas enormes grades de ferro, d'um muito bello trabalho, ornadas de doraduras, para separação da capella mór d'uma outra capella lateral da nave.

«O mais bello quadro de Mafra na minha opinião é o que representa S. Domingos e S. Francisco em adoração diante da Virgem. É muito mais moderno, que Guido e Guerchin, mas tem tal merecimento, que não o julgo muito inferior ás boas obras d'estes dois pintores. O numero das estatuas, que ornam a egreja, o vestibulo e a fachada, é muito consideravel, e algumas d'ellas satisfizeram ao meu gosto.

«Obidos. — Fiz um esboço do seu castello em ruinas, um dos mais importantes, e dos mais pittorescos de Portugal. Devo dizer, que apezar de eu não conhecer mais que uma parte d'este paiz, aqui tenho já encontrado muitas ruinas notaveis, e que á excepção das margens do Rheno, seria difficil encontrar um tão grande numero d'ellas em qualquer outro paiz. Sem fallar de Alcobaça, e de Buarcos, posso citar entre as ruinas, que já explorei, Palmella, Obidos, Leiria, Pombal, Monte-mor: são massas enormes de pedra, tão vastas, como algumas do Rheno e do Conway.

«Porto. — *Egreja de Cedofeita.* — Muitos capiteis e columnas são d'um trabalho curioso.

«*S. Francisco.* — Tem uma portada gothica muito bella, mas nem todas as partes pertencem á mesma epoca. Anachronismos em toda a parte. Interiormente é ornada com esculpturas de madeira d'uma belleza, que excede quanto n'este genero tenho visto em Portugal, e em qualquer outro paiz.

«Na visinha egreja da Ordem Terceira veem-se quatro paineis d'altar, obra de Vieira Portuense, representando S. Margarida confessando em artigos de morte a um frade franciscano; N. Senhora da Conceição, Santa Izabel dando esmolla, e S. Luiz rei de França em oração. O primeiro d'estes quadros é o mais bello, e o ultimo muito fraco. N'estes quadros o author mostrou sensibilidade e um sentimento profundo de piedade. Vieira Lusitano era dotado d'um sentimento artistico mais elevado, estava mais d'acordo comsigo mesmo no caminho, que queria seguir, mas Vieira Portuense tambem tinha talento, e era uma amavel natureza de pintor.

«*Sé.* — Contém um altar de prata d'uma grande riqueza, do anno de 1713. Na sachristia acha-se um quadro da Virgem e do menino Jesus, que se diz obra d'um grande pintor; mas nada pude descobrir, que justificasse esta suposição. Os ornatos de madeira do altar mór são d'uma riqueza e belleza incomparavel.

«*Misericordia.* — Na sachristia da egreja vê-se um quadro soberbo representando a festa da misericordia, no meio Christo na cruz: dos lados a Virgem e S. João, com figuras em volta. As do primeiro plano parecem representar o doador, sua mulher, seis filhos de curta edade, e duas meninas, cuja primogenita parece ter de 14 a 15 annos. Este quadro é decididamente de influencia allemã, e parece de Holbein. No genero de quadros gothicos é uma das mais bellas cousas, que encontrei em Portugal. Recordou-me Burgomestre de Bâle da galeria de Dresda, sem todavia ter o mesmo merecimento. Julga-se que este quadro representa D. Manuel, rei de Portugal e sua familia.

«Na egreja vê-se um Christo na cruz, que me disseram ser copiado de Vieira Lusitano por M. Raphael. É um excellente quadro. Não direi outro tanto da Senhora da Conceição, original do mesmo Raphael, que achei excessivamente fraca. M. Raphael foi para o Porto o mesmo que Pedro Alexandrino era para Lisboa, mas com peior resultado.

«*Em casa do senhor Allen.* [1] — Vi algumas paisagens de Piiman; um Christo na cruz, de Vieira Portuense, muitos e lindos quadros flamengos, e de varios authores.

«*M. Silva Oeirense.* — Possue tambem boas cousas. É necessario observar na sua collecção, que é muito numerosa, dois bellissimos quadros de flores, varios velhos retratos, e um esboço de Vieria Portuense representando Viriato jurando sobre o cadaver d'uma rapariga de se vingar dos Romanos.

«*Em casa do senhor Francisco Wanzeller* — Vi uma grande pintura de Glama, pintor portuguez, representando o terremoto de 1755. Considerando tudo é bom painel. Este pintor morreu no fim do seculo XVIII: era do Porto, e seu pae italiano. Parece-me que Glama mostra analogia com Hogarth, menos a expressão.

«Fizeram-me elogios dos quadros de Graham. Eis o que mais chamaram minha attenção:

[1] Actualmente Museu da Camara Municipal, na rua da Restauração.

«Uma taverna no genero de Bega ou de Ostade: nove homens ou mulheres em volta d'uma mesa comendo e bebendo, é um excellente quadro: dois paineis no genero de Teniers, dos quaes um representa a morada d'um alchimista, e o outro o gabinete d'um pintor, excellente: uma bella cabeça de Christo, attribuida a Alberto Durer, uma vista de Veneza por Canaletti, o velho.

«O Museu da Academia poucos quadros bons possue. Admirei n'esta collecção uma Adoração dos Magos. Parece-me painel flamengo, e pertencer ao seculo XVII, mas d'isso não tenho a certeza. Um enterro do Senhor tão bem satisfez ao meu gosto. Acho n'este quadro alguma fraca analogia com Baroche. Tão bem aqui se encontram uma composição de Barreto, natural do Porto, no genero de Camuccini e outra de David representando a morte de Cleopatra. Um S. Bruno de Sequeira de grandeza natural, mas peior que o da Academia de Lisboa, o retrato d'um monge, obra de Glama, bem caracteristico.

«Entre os objectos preciosos guardados n'este Museu devo citar vinte e seis pequenos esmaltes antigos n'uma só moldura. Representam passagens do Novo Testamento. Nada se pode vêr mais bello, que a escrevaninha dada pelo papa a D. Frei Bartholomeu dos Martyres.

«Na Bibliotheca vê-se um encantador livro de orações ornado com antigas illuminaduras, d'um trabalho muito precioso.

«Em casa do sr. Forrester [1] senti uma vez mais que é mister não julgar d'um artista antes de vêr seus melhores trabalhos. Possue de Sequeira uma grande aguarella, que tinha feito para o marquez de Marialva. Foi depois de sua vinda da Italia em 1803. Representa o desembarque d'Affonso d'Albuquerque nas Indias. Ha n'este desenho bella composição, excellente disposição, bom gosto, encanto, colorido agradavel e harmonioso, effeito geral satisfactorio. É um quadro excellente. Com tudo o desenho não é irreprehensivel; as figuras são cumpridas de mais, e é antes um objecto de phantasia, do que uma obra grave, historica e d'um estylo puro.

«As salas do sr. Forrester são ornadas com objectos d'arte. Entre os quadros citarei: Gado n'uma paisagem. Um pintor diante da estatua de Hercules Farnesio. Este ultimo agradou-me infinitamente. Citarei ainda duas obras de architectura attribuidas a Pannini, e dois paines reputados hespanhoes.

«Admirei no gabinete d'estudo do sr. Forrester grupos de barro, que julgo terem provindo de Hespanha, pois que as obras d'este genero executadas no Porto, ainda que muito bem feitas, teem na minha opinião menos merito artistico. Teem o genero de merito e de interesse, que se reconhece nas figuras de Murillo, representando homens de baixo povo e mendigos, menos o encanto de seu collorido. Vemos na Allemanha velhas esculpturas de madeira n'este genero; mas nunca as vi de barro, que valessem estas. É uma parte da arte, da qual nenhuma idea tinha antes de vir a Portugal.

«A casa de Antonio Bernardo Ferreira é toda guarnecida de quadros. No primeiro andar vê-se uma grande vista de Ostende, com muitos navios, que se fazem de vella, e um pequeno quadro representando uma santa familia,

[1] V. no artigo competente os serviços que este illustre inglez prestou ao nosso paiz.

com um pequeno S. João e um cordeiro. Parece-me francez este ultimo painel, e nascido debaixo da influencia de Poussin.

«No segundo andar vi tres meninos, entre os quaes uma menina corôada de flôres. Faz-me lembrar Vander Helst. Um Christo na cruz, attribuido a Van-Dyck, é uma bellissima cousa.

«Em casa do sr. Woodhouse vi seu retrato, obra de Roquemont: está excellente. É talvez o melhor, que conheço d'este estimavel artista. Notarei como obra excellente, original e incontestavel de Canaletti Junior uma lindissima vista de Roma, na qual se distingue o castello de Santo Angelo, e no fundo a egreja de S. Pedro.

«Thomar. Comecei minha digressão entrando na egreja de S. João, que se acha na praça principal. Por cima do altar mór vê-se um S. João baptisando Christo, e de cada lado oito quadros condemnados a passarem por obra do Grão Vasco. Em algumas partes não são maus de todo, n'outras são detestaveis.

«O convento de Thomar é depois da Batalha [1] o resto mais importante da antiga grandeza de Portugal. Este antigo monumento reune os generos os mais variados, producções de diversas epocas, durante as quaes sua construcção foi continuada, comprehendendo o genero gothico, o do tempo de D. Manuel, e o que florescia durante o reinado dos Philippes. Um dos pateos appresenta um magnifico modelo d'este ultimo genero. Quando em pé, defronte do altar, que se eleva até á abobada, no centro da egreja, que é de fórma octogona, se contempla sua architectura, que recorda a ordem bysantina, a simplicidade de suas fórmas, e a riqueza de seus ornatos, julgamo-nos transportados ao Oriente, no tempo, em que o catholicismo começou a estabelecer alli seu dominio. A sala contigua nos leva ao tempo dos templarios. Passando o limiar acha-se na fachada exterior uma das mais bellas e mais ricas obras de architectura do tempo de D. Manuel. O mais bello e mais brilhante ornato no estylo d'este rei é a janella da sala do capitulo.»

* * *

Eis quanto de mais interessante se encontra em Rackzynski a respeito das bellas artes em Portugal. É o livro do conde um bom trabalho, mas não completo: centenares e centenares de quadros se encontram dissiminados pelas egrejas e palacios d'este paiz, sem que d'elles nos diga uma unica palavra. O trabalho tem realmente merecimento; mas é para desejar que um portuguez intelligente escreva uma obra n'este genero, da qual tanto carecemos. Apezar porém dos defeitos, que se encontram na obra de Rachzynski, ella todavia ainda hoje é consultada com utilidade, porque tambem n'este genero nada melhor temos.

O Diccionario, que é a segunda parte d'este trabalho, traz alguns artigos

[1] Porque será que o conde de Rackzynski no primeiro volume quasi nada diz da egreja dos Jeronymos em Belem? Nem palavra a respeito de S. Vicente de Lisboa! No *Diccionario* alguma coisa diz; mas pouco é.

importantes, principalmente a respeito de Pedro Alexandrino, Cyrillo Volkmar Machado, Vasco Fernandes, Antonio e Francisco d'Hollanda, Abraham Prim, Vieira Lusitano, Vieira Portuense, e Domingos Antonio Sequeira.

D'este ultimo trabalho ainda farei alguns extractos para se ver como o conde de Rackzynski acabou por ser um grande admirador d'este nosso celebre pintor, a respeito do qual está o sr. Marquez de Souza escrevendo um trabalho mui apreciavel.

«Os quatro paineis de Sequeira pintados em Roma [1] nos annos de 1836 e 1837, e que pertencem ao numero das ultimas obras de sua vida, foram adquiridos pelo duque de Palmella, na occasião da sua estada em Roma em 1845. Comprou-os a Migueis, genro de Sequeira, e ministro de Portugal junto da Santa Sé. Estes quadros comparados com as obras anteriores do mesmo artista, mostram um tal progresso, que mudaram todas as minhas idéas acerca do seu author. Representam a adoração dos Magos, a descida da Cruz, a Ascenção, e o Juizo final. Todas estas composições são de grande riqueza, e conteem uma infinidade de figuras. Os dois primeiros quadros são os unicos terminados, os outros ainda o não estão. Todavia no concernente a effeito, côr e composição, estão concluidos e harmonisados; não fazem o effeito d'obras incompletas, mas antes de trabalhos em que tudo, quanto foi expresso d'uma maneira summaria, não tem necess dade, senão de ser melhor determinado, e mais particularisado. Não só não tenho pena que estes quadros estejam por ultimar, mas até mesmo é uma circumstancia feliz, porque nos inicia no genio do pintor, na sua maneira de conceber os assumptos, e nas suas emoções espontaneas.

«Sequeira estava na declinação de sua vida, tinha sessenta annos, quando pintou o Calvario, setenta, quando se occupou da Ascenção, e do Juizo final: comprehende-se difficilmente como se poude elevar a taes alturas, e ao mesmo tempo como em Roma, que, mais que nenhuma outra cidade da Italia, pode ser considerada como um dos grandes depositos das producções classicas da pintura, poude adoptar um methodo de pintar, e sentir-se animado d'inspirações, que appresentam a maior analogia com Rembrandt, e não mostram nenhuma com os grandes pintores de Roma e de Florença. Acho que os dois quadros acabados não se podem comparar senão aos das obras de Rembrandt, que são d'uma execução esmerada, e nos quaes as figuras teem pequenas dimensões. Pode-se, sem hesitação, comparal-os áquelles não somente debaixo da vista de caracter geral, que appresentam, mas mesmo debaixo do de execução e de habilidade technica. Estes dois assumptos teem egualmente analogia com Dietrich, quando imitava Rembrandt; mas acho-os sem nenhuma comparação menos stereotypados. Pelo que diz respeito á inspiração poetica, á espontaneidade, e á profundidade de emoções artisticas, que ali reinam, são bem superiores a todas as obras de Dietrich. Por estes quatro quadros Sequeira se fixou no meu pensamento muito perto de Rembrandt.

[1] *Dictionaire Historique Artistique du Portugal*, pag. 261.

«No Juizo final o effeito da luz, e a maneira como o assumpto é tratado, recordam algum tanto algumas das producções estravagantes e inexplicaveis do inglez Turner.

«O Christo, a Virgem, S. João, e principalmente a gloria dos anjos, são soberbos.

«Na Ascenção ha grandes bellezas: notam-se no grupo da esquerda algumas figuras parecidas com as da Assumpção da Virgem por Ticiano. O ceu tão sereno, tão bello, é grandioso na sua simplicidade, porém o Christo, ainda que suba muito bem, pareceu-me carecer de nobreza: julgar-se-hia ver uma bonequinha.

«O mais bello de todos os quadros é o que representa a descida da cruz. É nobre o corpo de Christo deitado, em que se encontra mais luz. Este corpo, bem como o grupo, que o rodeia, causaram-me a mais viva admiração. No primeiro plano um grupo de figuras por baixo da cruz tem de tal sorte o estylo de Rembrandt, que certamente este grande mestre não recusária que passasse por obra sua. Á esquerda ha figuras de mulheres admiraveis no toque, no desenho e na expressão. Gosto infinitamente entre os dois grupos, que acabo de citar, da figura d'aquelle homem de turbante, que junta ambas as mãos debaixo da barba em signal de dor. Apezar da riqueza d'estas composições, em nenhuma parte se encontra confusão, ou desleixo. É bello no desenho, na distribuição, no colorido: é bello em tudo e por tudo!

«Na adoração dos Magos a expressão da Virgem é magnifica.

«Em todos estes quadros ha uma frescura de sentimento, uma profundidade d'emoção, que me tocam vivamente, e tal riqueza de composição, que me não canso de admirar.

«Com a compra dos quadros pelo duque de Palmella os Portuguezes podem julgar por si mesmos, e provar que Sequeira era artista de grande merecimento, que seu talento era d'uma ordem superior; e que, se desde o começo de sua carreira não tivesse sido desviado do bom caminho pelos excessivos elogios, e se cedo demais não tivesse uma idéa exagerada da altura, a que se tinha já elevado; se principalmente não tivesse passado sua vida a fluctuar entre as direcções artisticas as mais oppostas, ou menos homogeneas com suas disposições naturaes, sua vida teria sido mais fecunda em grandes resultados, e sua fama não teria sido obscurecida por obras tão mediocres como os dois quadros da Academia representando os santos ermitas Paulo e Antão, a quem um corvo traz pão, o milagre da conversão de S. Bruno, que tambem se encontra na Academia, e varios outros.

«As producções d'este artista appresentam caracteres tão differentes, que seria difficil reconhecel-o por aquellas, que precederam ou seguiram. De quantas conheço, os quadros do duque de Palmella, e o desenho do rei, são as unicas, em que se reconhece o mesmo auctor.

«Sequeira tem pois, na minha opinião, titulos irrecusaveis á estima do mundo artistico; e não conheço pintor portuguez de nenhuma epoca, que tivesse mais talento natural. Tornei-me pois enthusiasta de Sequeira, e talvez demais.»

1108) RAGGUAGLI DI MISSIONE *nelle provincie di Goa e Coccicina, e nell'Africa.* Roma, 1615.

1109) RAGIONAMENTO CHE CONTIENE L'ELOGIO *di sua excellenza il signor Marchese di Pombal. Tradotto del francese in italiano.* Neapoli, 1776.

1110) RAGUAGLIO DUN NOTABILISSIMO NAUFRAGIO *cavato duna lettera del P. P. Martinez, scritta da Goa.* Roma, 1588, 8.°

1111) RAISON DE LA NULLITÉ DU MARIAGE D'ALPHONSE VI, *roy de Portugal, et de la valité de celui de D. Pedro, prince de ce royaume, presentée aus Pape Clement IX.*

1112) RAMANIER. (H. D.) E.—*L'Ulyssipiade, ou les Calamités de Lisbonne par le Tremblemanl de Terre.* Poeme.

1113) RAMBLES ON MADEIRA AND PORTUGAL *in the early part of* 1826. London, 1827.—(Excursões pela Madeira e Portugal.)

Robert White diz na sua obra intitulada *Madeira,* (pag. 223) que o auctor d'este livro é Mr. Lyall.

1114) RAMUSIO (GIA DA M. GIO BATTISTA).

E.—*Primo volume ed terza editione delle navigationi et viaggi raccolto.... et com multi et vaghi discorsi, da lui in molti luoghi dichiarato et illustrato. Nel quale si contengono la descrittione dell'Africa, et del paese del Prete Joanni, com varie viaggi, della Citta di Lisbona et del Mar Rosso insino à Calcut, et all'isole Molucche, dove nascono le Spetierie, et la navigatione attorno il Mondo.*

Con la Relatione dell'isola Giapan, scoperta nella parte del Settentrione: Et alcuni capitoli appartenenti alla Geographia, estratti d'Historia del S. Giovan di Barros Portoghesi. Com trevole di Geographia in disegno, che hanno le marine, secondo le Carte da navigare de Portoghesi, et fra terra, secondo, gli scrittori che hanno descritto di detti viaggi.

Con due Indici, l'uno delli nomi de gli auttori, che descrivono le dette navigationi et viaggi: L'altro delle cose piu notabili di Geographia, de costumi de popoli, delle spetierie, et d'altro che in esso volume se contengono. Con privilegio del Sommo Pontifice et dello Illustriss. Senato Veneto. In Venetia nella Stamperia de Giunti l'anno MDLXIII, fol.

Esta obra é dedicada a Jeronymo Fracastor. Contem no que diz respeito aos portuguezes:

I. Primeira viagem de Alvise da Cadamosto, pag. 97.

II. Navegação do capitão Pedro de Cintra, portuguez, escripta por Cadamostro, pag. 110.

III. Discurso sobre a navegação de Hannon, carthaginez, feito por um piloto portuguez, pag. 112.

IV. Navegação de Lisboa á ilha de S. Thomé, escripta por um piloto portuguez, e mandada ao Conde Rimonde della Torre, gentil homem veronense. traduzida de portuguez para italiano, pag. 114.

V. Discurso a respeito d'algumas cartas e navegações feitas pelos capitães das armadas do Serenissimo Rei de Portugal ás Indias Orientaes, pag. 119. «Navegação de Vasco da Gama, pag. 119.

VI. Navegação de Pedro Alvares Cabral, escripta por um piloto portuguez, e vertida para italiano, pag. 120.

VII. Carta 1.ª d'Americo Vespucci Fioretino, dirigida ao magnifico M. Retro Soderini, gonfaloneiro perpetuo da magnifica e excelsa senhoria de Firenze, a respeito de duas viagens feitas por ordem do rei de Portugal, pag. 128. Id. id. Summario de duas navegações, pag. 130.

VIII. Navegação á India Oriental escripta por Thomé Lopes, escrivão d'um navio portuguez etc., pag. 133.

IX. Viagem feita á India por Giovanni do Empoli n'um navio do Serenissimo rei de Portugal, feita por conta dos negociantes de Lisboa, pag. 145.

X. Itenerario de Ludovicho Barthema, pag. 147. Trata tambem da India portugueza.

XI. Carta de Andrea Corsali, fiorentino ao Ill.mo duque Giuliano de Medici, escripta em Cochim, no anno 1515, a 6 de janeiro, pag. 177. É notavel esta carta por descrever o immenso poder dos portuguezes, pag. 179.

XII. Carta d'Andrea Corsali ao Ill.mo duque Lorenzo de Medici sobre a navegação do mar Roxo e golpho Persico. Cochim, 18 de setembro de 1517, pag. 181.

XIII. Viagem na Ethiopia ao Preste João, por D. Francisco Alvarez, portuguez, fol. 189 v.

XIV. Obediencia de Preste João ao SS. Papa Clemente VII, prestada por Francisco Alvares, em nome de David, rei da Ethiopia, pag. 255, v.

XV. Discurso de Gio Battista Ramusio sobre o crescimento do rio Nilo pag. 261.

XVI. Viagem escripta por um *Comito* Veneziano, que foi levado preso da cidade d'Alexandria, até Diu na India, com seu regresso ao Cairo, em 1538, pag. 274.

XVII. Livro de Duarte Barbosa, portuguez, pag. 288.

XVIII. Summario de todos os reinos, cidades e povos orientaes, que se encontram começando do Mar Roxo até aos povos da China. Traduzido do portuguez, pag. 324.

XIX. Viagem de Nicolo di Conti, veneziano, escripta por Messer Poggio, fiorentino, pag. 338, v.

XX. Epistola de Massimiliano Transilvano, secretario da Magestade do Imperador, escripta ao Ill.mo e Rev.mo Sr. Cardeal Salrubergense, sobre a admiravel e estupenda navegação feita pelos hespanhoes á roda do mundo, no anno de 1519, pag. 347.

XXI. Viagem á roda do mundo feita e descripta por M. Antonio Pigafeta Vicentino, cavaleiro de Rhodes, dirigida ao Rev.mo grão Mestre de Rhodes

M. Philippo di Villiers Lisleadam, traduzida do francez para italiano, pag. 352.

XXII. Narração d'um portuguez, companheiro de Duarte Barbosa, o qual foi no navio Victoria, no anno de 1519.

XXIII. Informação da ilha novamente descoberta na parte septentrional, chamada Japão, pag. 377 v.

XXIV. Extractos da Historia do Sr. João de Barros, pag. 384 v.

Os outros volumes tratam de descobertas feitas por navegantes pertencentes a outras nações.

1115) RANQUE (H).

E.—*Lettres sur le Portugal, écrites à l'acasion de la guerre actuelle par un français établi à Lisbonne, avec des observations sur le voyage du duc de Chatelet, et des détails sur les finances de ce royaume. Publiées par —.* Paris, 1801, 8.º

1116) RAP (M).

E.—*Die farças des Gil Vicente.* Buhne, 1846.

1117) RATON (JACOME).

E.—*Recordaçoens de —. Fidalgo Cavalleiro da Cazà Real, Cavalleiro da Ordem de Christo, Ex-Negociante da Praça de Lisboa, e Deputado do Tribunal Supremo da Real Junta do Commercio, Agricultura, Fabricas, e Navegação, sobre occorrencias do seu tempo com Portugal, durante o lapso de sessenta e tres annos e meio, aliás de Maio de 1747 a Setembro de 1810, que residio em Lisboa: accompanhadas de algumas subsequentes reflexoens suas, para informaçoens de seus proprios Filhos. Com documentos no fim.* Londres Impresso por H. Bryer. 1813. 8.º grande 450 pag. Com o retrato do author, e uma planta topographica dos terrenos adjacentes ao Rio das Enguias, e curso d'este desde o porto da Barroca d'Alva até a sua embocadura no Tejo.

«É livro que tem tanto de raro, como de procurado actualmente. É obra mui curiosa (diz o sr. Innocencio [1]), e assás estimada, pela abundancia de noticias e particularidades, que encerra com respeito ao estado civil, e politico do reino durante aquella epoca; seu commercio, artes, industria etc. etc. acompanhado tudo de reflexões quasi sempre judiciosas, e de anedoctas interessantes.

«Nasceu Jacome Raton em Monestier de Briançon na Provincia do Delphinado de França, a 7 de Julho de 1736. Seus paes vieram pouco depois para Portugal, estabelecendo-se em Lisboa com casa de commercio, e para aqui mandaram vir o filho no anno de 1747, contando elle então quasi onze de edade. Educado na theoria e na pratica mercantis conservou-se em sociedade com a sua familia até que casando no anno de 1758 começou a negociar por conta propria. Fundou uma fabrica de chapeos finos em Elvas, e outra em

[1] *Diccionario Bibliographico*, vol. 3, pag. 253.

Lisboa, que por largos annos permaneceram em estado mui florescente; e foi elle tambem que associado a Timotheo Lecussan Verdier crearam ambos a fabrica de fiação de algodão em Thomar, afóra outras emprezas industriaes e fabris, que intentou, e das quaes umas foram avante, e outras se malograram. Tendo-se naturalisado Portuguez em 1762, foi em 1788 nomeado Deputado da Real Junta do Commercio, e depois condecorado com o habito de Christo, e com o fôro de Fidalgo Cavalleiro da Casa Real.

«Quando o exercito Francez, que invadio Portugal em 1807, foi expulso no anno seguinte pelas armas Anglo-Lusitanas, Jacome Raton ficou, como muitos outros individuos, mal olhado, e tido com razão ou sem ella, na opinião de Jacobino; e em consequencia das informações, que a regencia enviou a seu respeito para a côrte do Rio de Janeiro, foi mandado demittir do logar de Deputado da Junta do Commercio em Junho de 1810. Em Setembro do mesmo anno foi preso, e remettido para a Torre de S. Julião da Barra, donde o passaram com outros para bordo da fragata Amazona, que devia transportal-os para a Ilha Terceira. Obteve porém a concessão de ser transferido para uma fragata Ingleza, na qual seguiu viagem para Londres, e ahi permaneceu durante alguns annos, até que depois de restabelecida a paz geral regressou para Lisboa, onde veio a fallecer por fins do anno de 1821 ou principios do immediato.»

1118) RAVARA (ANTONIO GALLEANO).—Italiano. Residiu em Lisboa, onde publicou

E. I.—*Album Italo-Portuguez.* Lisboa. Imprensa Nacional, 1853, 8.º, 228 paginas.

II. *Elegia á morte da princeza D. Maria Amelia.* Em italiano. Na *Revista Universal Lisbonense*, vol. 12.º pag. 389.

III. *Alla Virtu. Ode.* Idem, pag. 451.

1119) RAYNOUARD (FRANÇOIS MARIE). De l'Institut de France.

E.—*Camões. Ode. Avec la traduction de M. Francisco Manuel (Filinto Elysio).* Paris. De l'Imprimerie de A. Bobée, 1819, 8.º, 19 pag.

I

Habitans des rives du Tage,
Dirigez mes pas incertains:
J'apporte mon pieux hommage
Au Chantre heureux des Lusitains;
Montrez-moi l'auguste retraite
Où repose ce grand Poëte
Comblé d'honneurs et de bienfaits.
Que vois-je? votre indifférence
Dans le besoin, dans la souffrance
Laisse l'Homère Portugais!

II

Barbares! l'affreuse indigence,
Les noirs chagrins et la douleur
Auraient épuisé sa constance,
S'il ne dominait le malheur.
Dans ce délaissement funeste,
Un ami toutefois lui reste,
Mais ce n'est pas un Lusitain;
Chaque soir sa main charitable
Quête le pain que sur leur table
Ils partagent le lendemain.

III

Antonio! ton digne maître
T'aurait célébré dans ses chants;...
Les miens t'assureront peut-être
Des souvenirs non moins touchants.
Apprends, Serviteur magnanime,
Qu'un dévoûment aussi sublime,
D'âge en âge, sera cité;
Oui, de mes chants écho fidèle,
L'avenir dira que ton zèle
Ennoblit la mendicité.

IV

Cependant ce zèle pudique,
Durant la nuit, à demi-voix,
Demande à la pitié publique
D'acquitter la dette des rois.
Pourquoi te cacher? Bélisaire,
Étalant sa noble misère,
Ne croyait pas s'humilier,
Lorsque ce casque où la victoire
Ceignit les palmes de la gloire,
Était réduit à mendier.

V

Ose te montrer dans Lisbonne,
Mendie à la clarté du jour,
Impose une pieuse aumône
Et sur le peuple et sur la cour;
Qu'avec toi l'illustre poeme,
Plus hardi que l'auteur lui-même,
Implore ses Concitoyens:
Et les cœurs les plus insensibles
Frémiront à ces mots terribles:
«*Faites l'aumône à Camoens.*»

VI

Mais non; digne rival d'Homère,
De son indigence héritier,
Il sait souffrir, il sait se taire,
Il veut le malheur tout entier.
Leur pitié serait un outrage.
Que la gloire le dédommage
Et de sa vie et de sa mort:
Fort de courage et d'espérance.
Il se résigne à la souffrance
Sans orgueil comme sans effort.

VII

J'écoute, il s'explique lui même:
«Dans les succès de mes héros,
«N'ai-je pas offert un emblème
«Du génie et de ses travaux?
«Pour conquérir aux eaux du Tage
«Les tributs d'un lointain rivage,
«Suffisait-il de la valeur?
«Non, non, il leur fallait encore
«Cette constance qui s'honore
«De lutter contre le malheur.

VIII

«Le géant du cap des tempêtes
«Soudain se dresse devant eux,
«Déploie au dessus de leurs têtes
«Son corps immense, monstrueux.
«D'une main il touche aux nuages
«D'où la foudre et tous les orages
«Seront à l'instant détachés;
«De l'autre il refoule les ondes,
«Ouvrant les cavités profondes
«Où les abymes sont cachés.

IX

«Fuyez, leur dit-il avec rage,
«O téméraires étrangers!
«C'est moi qui fermai ce passage;
«Ici j'amasse les dangers.
«Mais eux au haut du promontoire
«Ont bientôt reconnu la gloire
«Qui les promet à l'univers;
«Soudain ces guerriers magnanimes,
«Bravant la foudre et les abymes,
«Ravissent le sceptre des mers.

X

«Qui n'applaudit en cette image
«L'homme dont l'intrépidité
«Force le pénible passage
«Qui mène à la po térité?
«Si jusq'aux palmes immortelles
«Il tente des routes nouvelles,
«Son siècle voudra l'en punir;
«Mais quand l'ignorance et l'envie
«Persécutent sa noble vie,
«Il se jette dans l'avenir.

XI

«Et n'attendez pas qu'il se plaigne
«Ni des hommes ni du destin;
«Qu'on l'oublie ou qu'on le dédaigne,
«Son espoir n'est pas incertain.
«Souvent l'envie inexorable
«S'applaudit d'un essai coupable,
«Elle croit l'avoir insulté;
«Et lui, sans regret ni murmure
«Expiant la gloire future
«Rêve son immortalité.

XII

«Et que nous font les vains hommages
«D'un peuple follement épris,
«Qui tour à tour á nos images
«Porte le culte ou le mépris!
«Écoutons l'instinct magnanime
«Qui nous prédit la longue estime
«Des temps et des lieux ignorés;
«Que le vulgaire nous condamne,
«Autour de nous tout est profane,
«Nous n'en sommes que plus sacrés.»

XIII

Il a dit. Mon respect contemple
Ce vainqueur de l'adversité
A l'univers donnant l'exemple
De souffrir avec dignité.
Imitez cet exemple auguste,
Talens, qu'outrage un sort injuste,
Ou l'ignorance des mortels;
Soutenez cette noble lutte:
Si, vivants, on vous persécute,
Morts, on vous dresse des autels.

O nosso celebre lyrico Francisco Manuel do Nascimento, comparavel na adversidade a Camões, traduziu da seguinte fórma esta ode:

I

Vós, que as praias trilhais do Téjo aurifero,
Regei meu passo incerto,
No tributar meu pio rendimento
Ao Luso feliz Vate.
Mostrai-me o augusto sitio, em que repousa
Quem troou facção inclyta:
Veja eu as honras, veja os grandes prémios...
Que ingrata indifferença!
Dais á penúria, dais ao soffrimento
O Portuguez Homéro?

II

A não pôr elle os pés sobre o infortunio,
Pobreza houvéra-lhe hórrida
Apurado a constancia; houvéra-o, barbaros!
Atro cuidado, e penas.
No amargo desamparo, que lhe fica?
Só caridosa dextra,

(Caridosa e não Lusa!) que nocturna,
Esmóla o pão mesquinho
Que tem de apascentar, no sol vindouro,
O Escravo leal e o Amo.

III

Se o caro nome teu não poude o Vate
Illustrar no seu metro,
No meu te hei pôr segura, alta lembrança
De grão renome, Antonio.
Sabe, que esse sublime sacrificio
Tem de achar, nos meus hymnos,
Eccho fiel, oh! Servidor magnanimo,
Nos devolvendos séculos,
Pregoando, que ennobrece esse teu zêlo
Da mendiguez o opprobrio.

IV

Pudico zêlo, que com voz submissa
Pede á piedade publica,
Com nocturno recato, o que alto dia
Cumpria aos Reis pagarem.
Oh! não te encubras.—Olha a Belisario,
No marcio capacête
A esmola receber, nobre penuria
Sem pejo assoalhando:
Louros, palmas colhera em cem victorias;
Ei-lo cégo e mendigo.

V

Oh! piza ufano a triumphal Lisboa
De Phébo ao claro lume;
Impõe tributo ao Povo, impõe-no á Côrte,
Tão raro Ingenho o cobre.
Co' Poêma nobre em mãos, mais atrevido
Que o Vate mesmo, os peitos
Dos Cidadãos abala: vê quão briosos
Se pejão, se envergonhão
Da voz terrivel que pedio, na treva,
Para Camões esmóla.

VI

Oh não! Que elle rival de Homéro, e herdeiro
De seu mendigo Fado,
Calar sabe soffrido, e sorve inteira
A taça das desditas.

Serôdio prémio, a illustre offensa o houvêra,
Que perdões escassêa.
Deixai-lhe o pundonor brioso, e irado
Consolar-se em si mesmo
No conceito que á Patria sagrou tudo,
Tudo sagrou a ingratos.

VII

Escutai, escutai. Camões vos falla:
«Digno emblêma a mim proprio
«Não dei, dos meus Heróes nos altos feitos,
«Consolador emblêma?
«Par'avidos colhêr d'Eóo tributos,
«Que a foz do Tejo acceita,
«Bastára a Valentia? Não. Faltava
«Constancia, que blazona
«Lutar arca por arca, c'o infortunio,
«E lutando atterrá-lo.

VIII

«O Gigante do Cabo Tormentorio
«Entóna a fronte ao vê-los,
«Médra em vulto, devolve sobranceiro
«Monstruoso o corpo livido;
«Co'a dextra as nuvens preme, d'onde rompão
«Seguidas tempestades,
«Estalem os trovões, raios fuzilem;
«Recalca com a esquerda
«Cavadas ondas, que lhe, á vista, rasguem
«Do abysmo as profundezas.

IX

«E diz raivoso:—Oh Nautas temerarios,
—Virai de vélas subito;
—Que eu sou quem puz travézes neste passo,
—Puz-lhe os roncos dos p'rigos.—
«Mas Gama, e seus Heróes já lá avistárão,
«Raiar no cimo a gloria,
«Que tem de alardeá-los no Uuiverso,
«Magnanimos Guerreiros
«Affrontão raios, e transpondo abysmos,
«O azul tridente roubão.

X

«Quem não applaude, neste quadro, o intrépido
«Que denodado rompe

«O travéz, que lhe embarga o passo franco
«Ao póstero renome?
«Se novas sendas tenta colhêr fouto
«Immortaes palmas, lógo
«Traça a Ignorancia, a Invéja castigar-lhe
«A proficua ousadia.
«Avéxão-no?—Elle nóbre se abalança
«Ao gremio do Futuro.

XI

«Não spereis, que elle frouxo se lastime
«Nem de homens, nem de Fados.
«Nelle desdem não punge, nem desprezo
«Vosso: lançou elle a anchora
«De esperança. Se Invéja inexoravel,
«De que o insultou se ufana,
«Elle contempla que a expiar o lanção
«Culpas de heróe virtuoso;
«Fita a gloria immortal, que o aguarda,—e olvida
«Murmurar contra a invéja.

XII

«Que nos vále esse obsequio vão, do Povo
«Tonto na affeição sua?
«Que, a revézes dá cultos, dá desprezos,
«Á imagem nossa? Ouçamos
«O que instincto magnanimo nos clama,
«Quão longa e nobre estima
«Em Éra, em Clima ignotos, nos espéra.
«Condemnão-nos? Desdenhão-nos?
«Profano é tudo aqui?—Mais nossos nomes
«Serão, por lá, sagrados.»

XIII

Pôz fim Camões. Contemplo com respeito
O Heróe de adversos Fados;
Que exemplo dè soffrer com dignidade
Em si brioso o ostenta.
Vós, Talentos, que ultraja a sorte injusta,
Ou de homens a ignorancia,
Mirai-vos nesse brio, e firmes sêde
Na luta nobre:—Vivos,
Se perseguidos sois; na Era vindoura,
Mortos, vos érguem aras.

1120) RATTAZI (Mad.) Escriptora Italiana.—Trabalha n'uma obra a que deu o titulo *L'Espagne et le Portugal à vol d'oiseau.*

Madame Ratazzi é viuva do estadista italiano, Urbano Ratazzi. Neta de Luciano Bonaparte, principe de Canino, e filha do lord escocez, Sir Thomas Wyse e de Letitia Bonaparte.

Disseram alguns jornaes de Lisboa, no tempo em que esta dama residia n'esta capital, que Madame Ratazzi fallava com interesse das cousas de Portugal, que conhecia pelo muito que ácerca d'ellas tinha lido, e que sabia de cór alguns dos epizodios dos *Luziadas.*

1121) RAZONES DE LA GUERRA *del rey Catolico contra el rey de Portugal el archiduque Carlos de Austria y sus aliados.* (31 abril 1714.) Sem logar d'impressão.

1122) RECHERCHES, *historiques et critiques sur l'etablissement de l'art typographique en Espagne et en Portugal.* Bruges, 1830.

1123) RECIT, *de ce qui s'est passé entre les portugais et les hollandais au dela de la ligne équinoxiale avec la copie de la cargaison de trois navires chargés aux Indes pour venir en Hollande et en Zelande en* 1616. Amsterdam 1616. 8.º

1124) RECOLLECTIONS OF THE PENINSULA. London 1824 8.º *(Recordações da guerra Peninsular.)*

1125) RECUEIL DES DECRETS APOSTOLIQUES *et des ordenances du roi de Portugal, concernant la conduite des Jésuites dans le Paraguay etc. les moyens employés pour en procurer la réforme de la part du S. Siège, l'attentat du* 3 *séptembre* 1758, *les suites de cet attentat, la communication qui en a eté faite au S. Père, la punition des coupables etc.* Le tout traduit... Amsterdam, 1760-1761. 3 vol. 8.º

1126) RECUEIL DE TOUTES LES PIÈCES *et nouvelles qui ont paru sur les affaires des Jesuites, principalment dans l'Amerique meridionale et dans le royaume de Portugal.* 1760. 3 vol.

Vem esta obra mencionada no Catalogo manuscripto da livraria do conde de Lavradio. Talvez seja a mesma obra mencionada no numero antecedente.

1127) RECUEIL D'UN VOYAGE *aux Indes Orientales par un gentilhome françois.* Paris, 1648. 8.º

1128) RÉCUEIL (SECOND) DE PIÈCES *concernant les usurpations des Jésuites dans l'Amerique Espagnole et Portugaise.* 1758. 8.º Sem logar de mpressão.

1129) REDENEN, ENDE VERSCHYDE *notable omstandighedeu: van*

Don Fernando Telles de Faro, Gewesne Extraordinaris Ambassadeur van Portugael by de H: Staten Generael der Vereenighde Nederlanden, Aengaende sijn vertreck uyt, s Graven Hage ten dienste van den Koning vair Spaenjen. In de Castillaensche Tale uytgegeven, ende in de Nederlandtsche overgeset. 1659.

1130) REDEN VAN DAT DIE WEST *Indische Compagnie oft Hande linge niet alleen etc.* Em letra gotica, 1636. Sem logar de impressão. 7 folhas.

1131) REFLESSIONI SOPRA *l'attentato commesso il di 3 septembre contra la vita del Re di Portugal.* Avignone 1759.

1132) RÉFLEXIONS DES JESUITES DE ROME *sur le celèbre jugement rendu á Lisbonne le 12 janvier 1758, qu'ils appellent le manifeste de Portugal, avec des notes sur ces réflexions.* Sem data, nem logar de impressão. 8.º

1133) RÉFLEXIONS SUR L'ATTENTAT *commis le 3 septembre 1758 contre la vie du roi de Portugal.* 8.º Sem logar nem data de impressão.

1134) RÉFLEXIONS SUR LES DISCOURS *des ministres de France et d'Angleterre, par rapport au Portugal.* Paris, 1829. Folheto.

1135) REGGIO (MICHAEL ANGELO DE GUATINI DA — E DIONIZIO DE CARLI DA PIACENZA.)

E. — *Viaggio del regno del Congo: descritto per lettere continuate fino alla morte, del porte di Genova alla cita de Loanda etc.* Bologna, 1674. Veneza, 1699. Em Francez, Lyon 1680.

1136) REICHARD (M) *An Itinerary of Spain and Portugal.*

1137) REIDREW *Deuxième lettre sur la Constitution Portugaise.* (28 *juillet* 1820). Paris, sem data.

1138) REIFFENBERG (BARÃO DE)

E. — *Coup d'œil sur les relations qui ont existé jadis entre la Belgique et le Portugal.* Bruxelles, 1841.

Esta obra, que tambem foi publicada nas *Memorias da Academia das Sciencias de Bruxellas,* é muitas vezes citada nos escriptos do visconde de Santarem.

1139) REINHARDSTOETTNER (DR. CARLOS VON) Professor de lingua e litteratura portugueza na Eschola Superior Polythechnica de Munich.

E. — I. *Beitraege zur Textkritik der Lusiadas des Camões. Habilitationsschrift.* München, 1872. 8.º

«Elle classifica em quatro divisões os erros nas edições dos *Lusiadas* — a falta total d'uma orthographia exacta e coherente, com base historica, não

sendo até a pronuncia das palavras inteiramente fixada: a conservação de evidentes erros typographicos: a má intelligencia de alguns latinismos e archaismos usados por Camões: a alteração do texto impresso pela queda ou deslocação de algumas lettras ou pequenas palavras. O sr. Reinhardstoettner exemplifica cada uma especie de erros, e as suas observações são quasi sempre exactas, se bem que em geral pouca novidade offereçam, e provam um conhecimento profundo da nossa lingua.» [1]

II. *Os Lusiadas de Luiz de Camões. Unter Vergleichung der besten Text Mit Angabe der bedeutendsten Varianten und einer Kritischen Einleitung herausgegeben von.* Strassburg, 1874. [2]

1140) REISE NACH OOST INDIEN ETC. *Voyage aux Indes Orientales par G. J. Bontekoe de Horn.* Francfurt, 1648. 4.º

É a 24.ª parte da *Collecção de Hulsius T. Compans*, pag. 186.

1141) RELAÇÃO DAS COUSAS MEMORAVEIS DE PORTUGAL *ou breves noticias d'este reino, de seus habitantes, e do grande numero de mudanças que tem havido no seu governo, com algumas anecdotas do tempo moderno.* Leipsic, 1799. 2 vol. 8.º

É esta a versão do titulo de uma obra composta em allemão, e da qual nos falla a *Bibliotheca Historica* a pag. 360.

1142) RELACION CIERTA Y VERDADERA *de la feliz victoria y prosperos successos que en la India Oriental han conseguido los portugueses contra armadas muy poderosas de Olanda y Persia este ãno de* 1624. Madrid 1625. fol.

1143) RELACION DE ALGUNAS COUSAS *tocantes á la vida y martyrio que con su provincial y siete otros religiosos de la Compagnia de Jesus padecio el P. Balthesar Torres en el Japon.* Salamanca 1630.

1144) RELACION DE LAS BATALLAS *navales que tuvo Nuño Alvares Botello con los Olandeses y Ingleses en la India Oriental.* Fol. 1626. T. Compans, pag. 152.

1145) RELACION DEL VIAGE *del marqués de las Balbases desde Madrid á Lisboa en* 1727.

1 *Bibliographia Critica de Historia e Litteratura*, pag. 258.

2 «O sr. barão Hermann Freiherr Bart doutor em philosophia é o sabio allemão, que, por intervenção do venerando marquez de Sá da Bandeira, foi contratado pelo governo portuguez para ir estudar a geologia na provincia d'Angola. O illustre geologo falla portuguez, que apprendeu em Munich com o sr. dr. Carl von Reinhardstoettner.» *Diario de Noticias*, n.º 3573. Janeiro de 1876.

Foi publicada na *Revista de Archivos, Bibliothecas y Museos*. Tomo II. Madrid 1872.

1146) **RELACION VERDADERA** *del auto general de la fé que celebró el Santo Officio de la Inquisicion de Lisboa en el terrero de Palacio de la dicha ciudad, el domingo 10 de mayo deste presente año de 1682. Refierense por extenso todos les reos que oyeron sus sentencias aquel dia, asi difuntos como en persona, y los que fueron quemados vivos por impenitentes y otros dado garrote: y con otras particularidades que verá el curioso.* Madrid, 1682.

1147) **RELACION VERDADERA** *del auto general de la fé, que celebró el Santo Officio de la Inquisicion de la ciudad de Lisboa, en el terrero de Palacio de dicha ciudad, el dia 8 de agosto de este presente año de 1683. Refierense por extenso todos los reos que oyeron sus sentencias aquel dia, asi difuntos, como en persona, y de los que fueron quemados vivos por impenitentes, con otras curiosidades que verá el curioso lector.* Sevilha, 1683.

1148) **RELAES OFTE MEMORIE** *vande successen der Portegeische Wapenen uytgericht in 't Rijch van Portugal in desen tegenwoordigen Jaere 1614 tot den 26 May incluys. In 's Graven—Haje.* Anno 1644, 10 folhas.

(Relação ou memorias relativas aos successos das armas portuguezas no territorio portuguez, no presente de 1644 até 26 de maio inclusivé.)

1149) **RELATION DE CE QUI** *s'est passé dans les Indes Orientales, dans les trois provinces de Goa, Malabar, Japon, de la Chine, et autres pays nouvellement decouverts par les peres de la Compagnie de Jesus.* Paris 1657.

1150) **RELATION DE CE QUI** *s'est passé en Portugal par rapport aux opérations de la campagne de 1700 qui etoit la seconde année de la guerre de ce royaume.* 1708—12.º Sem logar de impressão.

1151) **RELATION DE** *l'Auto da Fé de Lisbonne. 21 setembre 1761.* 12.º folheto. Sem data nem logar de impressão.

É aquelle em que foi queimado o P. Malagrida.

1152) **RELATION DE LA COUR** *de Portugal sous D. Pedro II apresent Reynant Avec des remarques sur les interets de cette Couronne par rapport aux autres Souverains, et l'histoire des plus considerables Traités, qu'elle ait fait avec eux. Traduit de l'Anglois.* Amsterdam 2 tomos 1712. 8.º

1153) **RELATION DE L'INQUISITION DE GOA.** Paris 1688.

1154) **RELATION DE LA MISSION** *des Peres de la Compagnie de Jesus en 1655 et 1656.* Paris 1659.

1155) RELATION DE LO SUCEDIDO *en la Isla de la Tercera desde veynte y tres de julio hasta veynte y siete del mismo mil y quinientos y ochenta y tres años.* Alcalá de Henares 1583.

1156) RELATION DES DEUX CARAVELLES *que le roy d'Espagne envoya de Lisbonne, l'an* 1618 *au mois d'octobre sous la conduite du capitaine don Jean Moore pour visiter et decouvrir le passage de le Maire etc.* Amsterdam 1632.

1157) RELATION DES EINSETZUNG *des D. Antonio in das Konigreich Portugal dirch capitan Drake und colonel Norwich etc.* Franckfort 1590 Munch 1598.

1158) RELATION DES TROUBLES *arrivées dans la Cour de Portugal en l'année* 1667 *et en* 1668 *où l'on voit la renonciation d'Alphonse* VI *á la couronne, la dissolution de son mariage avec la Princesse Marie Fran. Isabelle de Savoie et le mariage de la même princesse avec le prince dom Pedro, régent de ce royaume, et les raisons, qui en ont eté allegées à Rome pour en avoir dispense.* Paris 1674. Amsterdam 1674.[1]

1159) RELATION DES VOYAGES *des Pères de la Compagnie de Jesus dans les Indes Orientales et en Perse.* 2 vol.. Paris 1656.

1160) RELATION DU TREMBLEMENT *de terre arrivé á Lisbonne le* 1 *novembre* 1755. Paris 4.º folheto.

1161) RELATION D'UNE LETTRE *arrivée de Madrid, qui confirme*

[1] «Portugal por este tempo appresentava um espectaculo extraordinario á Europa. D. Affonso, filho indigno de D. João de Bragança alli reinava: era furioso e imbecil Sua mulher, filha do duque de Nemours, enamorada de D. Pedro, irmão de Affonso, ousou conceber o projecto de desthronar seu marido e de casar com seu amante. O embrutecimento do marido justificou a audacia da rainha. Era d'uma força de corpo acima do usual; tinha tido publicamente d'uma mulher mal procedida um filho, ao qual reconhecera; finalmente tinha dormido muito tempo com a rainha. Apesar de tudo isto, ella accusou-o de impotencia, e tendo adquirido no reino por sua habilidade o poder, que seu marido perdera por seu furor, fel-o prender em novembro de 1667. Obteve dentro em pouco de Roma uma bulla para casar com seu cunhado. Não é para admirar que Roma concedesse a bulla, mas é o que pessoas omnipotentes d'ella hajam mister. O que Julio II tinha concedido sem difficuldade ao rei de Inglaterra, Henrique VIII, Clemente IX o concedeu ao rei de Portugal. A mais pequena intriga faz n'uma occasião o que as maiores machinas não podem operar n'uma outra. Ha sempre dois pezos e duas medidas para todos os direitos dos reis e dos povos; e estas duas medidas estavam no Vaticano desde que os papas influiram nos negocios da Europa Seria impossivel comprehender como tantas nações tinham deixado uma tão extraordinaria authoridade ao papa, se se não soubesse quão grande força tem o uso.» Voltaire *Oeuvres completes*, vol. VIII, pag. 56 Ed. de Hachette.

le tremblement de terre arrivé dans l'Espagne et en Portugal le 1 novembre 1755. 4.º folheto. Sem data nem logar de impressão.

1162) RELATION D'UN VOLCAN *terrible qui vomit continuellement autour de Lisbonne des feux énormes, une quantité prodigieuse de pierres calcinées et des fleuves de métal fondu.* 1755. 4.º folheto. Sem logar de impressão.

1163) RELATION DU TERRIBLE *tremblement de terre, qui vient d'arriver dans les Iles Açores, dépendantes du royaume de Portugal.* Paris. 1757. Folheto.

1164) RELATION D'UN VOYAGE *aux Indes Orientales par un gentilhome François arrivé de la Chine depuis trois ans, avec une hydrographie pour l'intelligence dudit voyage.* Paris 1645.

1165) RELATION HISTORIQUE *du tremblement de terre de Lisbonne le premier Novembre 1755, Avec un détail contenant la perte en hommes, eglises, convens, palais, maisons, diamants, meubles, marchandises etc. Precedée d'un discours politique sur les avantages que le Portugal pourroit retirer de son malheur. Dans le quel l'auteur développe les moyens que l'Angleterre avoit mis jusque la en usage por ruiner cette monarchie.* A la Haye 1756. 8.º X—215 pag. Ignoro quem seja o author d'este livro, mas por sua linguagem não me parece francez.

O author d'esta obra, que diz ter-se achado em Lisboa na occasião do terremoto, considera este cataclysmo como um bem, pois d'elle provinha o anniquilamento da Inglatera: as riquezas immensas do Brasil, de que ella tinha a pôsse inteira, uma formidavel marinha, manufacturas florescentes, eis os instrumentos, de que se tinha servido para subjugar varios povos. Estava já tudo prompto para lançar os ferros a uma parte da Europa, quando o phenomeno sobrevindo a Portugal transtornou todos os seus projectos. Uma perda de perto de cento e sessenta milhões; a suspensão das artes e fabricas, bem como a interrupção das riquezas do Brasil acabam de fazel-a recuar pelo menos mais d'um seculo. Teria jámais a politica sosinha sido capaz de abater a este ponto a forças de tal povo? Teria em tempo algum restabelecido o equilibrio Europeu sem este phenomeno? Eis um problema.

«Da mesma sorte que as cheias são necessarias, pode tambem accontecer o haver casos, em que para restabelecer um estado, seja mister que parte d'elle seja anniquilado, e que o seja por algum accontecimento extraordinario.

«Tenho ouvido muitas vezes perguntar donde procede que Portugal com tantos elementos para ser poderoso era o estado mais fraco da Europa? Mas não se via que esta monarchia estava debaixo do poder d'um povo, que a sugava, d'um povo, que a impedia de cultivar suas riquezas naturaes para a fazer correr atraz d'uma riqueza ficticia, da qual aquelle só tirava todo o proveito?

«Todo o vestuario, de que os Portuguezes necessitam, vem da Inglaterra, o

qual eu avalio em cincoenta milhões tornezes por anno: ninguem ignora que a França não vende aos Portuguezes cincoenta peças de panno annualmente.

«A politica não sahia do seu espanto vendo um dos mais pequenos estados da Europa com um continente e população inferior á de alguns outros estados dar a lei a paizes mais extensos: mas não se via que este pequeno estado tinha elle só por sua industria a chave do mais rico thesouro do universo, e que pela posse inteira do ouro do Brasil fazia pender para onde queria o systema politico da Europa? Eis o enigma d'esta grandeza, que tanto tem surprehendido até agora.

«Sei que a agricultura dos Inglezes lhes tem adquirido grandes vantagens, mas sem as minas d'ouro do Brasil teriam ellas sido insignificantes. Foi esta riqueza que forneceu a esta nação os meios de fazerem de sua agricultura um objecto de commercio, e foi este commercio, que lhe forneceu os meios de formarem uma poderosa marinha, e com esta marinha lançarem os alicerces de seu grande poder.

«Quando mesmo se dissesse que, ainda que o Brasil não lhe tivesse fornecido suas riquezas, sua agricultura lhe havia de obter os mesmos lucros, direi affoutamente que estavam enganados.

«Portugal foi a causa, e ao mesmo tempo o effeito dos progressos da industria ingleza. Não sómente lhe forneceu meios, mas até consentiu que a Inglaterra os empregasse contra elle. Desde então a Inglaterra fabricou sempre para Portugal.

«Digo que sem o ouro do Brasil, e sem os fornecimentos continuos de suas manufacturas que esta monarchia fez a Portugal, depois de ter causado muitos estragos nos systemas politicos da Europa, teria voltado por si mesmo ao mesmo estado, donde sahira.

«Não é uma coisa bem contradictoria, que a maior parte dos estados da Europa que estão sempre attentos á mais pequena desvantagem, e ao mais pequeno de seus interesses, que questionam por bagatellas, que fazem guerra uns contra os outros por insignificancias, tenham deixado gozar pacificamente até agora a Inglaterra de todas as riquezas do Brasil? Era preciso obrigar Portugal a repartir suas riquezas com todas as outras nações.

«Desde a descoberta das minas, isto é, ha cousa d'uns sessenta annos, sahiram do Brasil dois mil e quatro centos milhões. Isto é uma verdade, os manifestos de cada uma das frotas, que levaram o ouro para a Europa desde Pedro II estavam em Portugal na mão de toda a gente. Quasi todo este capital immenso passou para Inglaterra. Foi com esta nova riqueza que fundou o colosso dessa grandeza, que surprehende hoje toda a Europa, e com a qual sustenta tanta arrogancia.

«Foi Portugal que lhe forneceu os meios de pagar grandes subsidios á Saboia, comprar allianças na Allemanha, sustentar numerosos exercitos, levantar uma formidavel marinha; n'uma palavra, trabalhar, intrigar, penetrar, iniciar-se nos grandes negocios do nosso mundo politico, e de representar n'elle por fim um primeiro papel. Foram as minas, que lhe forneceram os primeiros elementos de seu commercio. Todo o mundo sabe que o continente na Ingla-

terra não produz senão mui poucas materias primas; sem Portugal que lhe subministrava continuamente ouro para se prover d'ellas entre os povos estrangeiros, suas manufacturas nunca teriam chegado ao estado florescente, em que hoje se encontram.

«Não é que a Inglaterra antes d'esta epoca não tivesse commercio e industria: mas tinham limites, ao passo que depois da posse das minas d'ouro do Brasil tanto uma cousa, como outra não o tiveram mais.

«É claro finalmente que sem este recurso a Inglaterra não tinha senão uma alternativa, que era ou arruinar-se logo ao principio fazendo mais do que suas finanças lhe permittiam, ou conservar-se nos limites que sua pobreza lhe tinha prescripto, havia dez seculos.

«Os que teem algum conhecimento do local das finanças d'Inglaterra sabem que a moeda do Brasil é alli tão commum como a do paiz. A effigie de João v é mais conhecida em Londres do que a de George II.

«O Banco real está atulhado com ella, quasi todos os pagamentos dos particulares se fazem com esta moeda. Tem curso em todo o estado, e entre o povo miudo. O governo paga ás tropas com *lisboninas*, e o serviço da monarchia se faz quasi por inteiro com o ouro do Brasil.

«Não é uma especie de bruxaria que de todos os soberanos da Europa, que empregaram tantos meios para impedir a elevação d'esta monarchia, nenhum tenha pensado em cortar o nervo de sua potencia politica na propria junta? Espantamo-nos de que este estado não tivesse succumbido aos esforços repetidos das maiores potencias; mas não vemos que nunca o feriram na cabeça? Os estados, assim como os corpos humanos teem seus logares mortaes. Todas as feridas, que não atacam as partes solidas, podem curar-se com o tempo e com palliativos.

«Era mister para diminuir o poder formidavel d'este governo abatel-o no mesmo sitio, que o tinha elevado, isto é seccar-lhe a origem de suas riquezas, e repartir o Brasil.

«Porém o ceo acaba de vingar esta falta politica.

«Ha momentos decisivos, circumstancias unicas, acontecimentos imprevistos; a habilidade consiste em nos aproveitarmos d'elles para os convertermos em nosso proveito.

«A França principalmente tem o maior interesse em entrar nas vistas d'este acontecimento, e em estender a mão a este reino abatido menos pelo cataclismo, de que foi victima, do que por seu mau systema politico, e assim fazel-o renascer de suas cinzas.

«A Corte de Versailles deve approveitar-se d'esta catastrophe para acabar de tirar esta monarchia da mão dos Inglezes. É necessario fazer-lhe conhecer o abysmo do qual deve escapar por meio d'um outro abysmo. É necessario persuadir o ministerio de que o estado pode existir, e tornar-se florescente sosinho independentemente de sua alliança com a Inglaterra.

«A Hespanha havia de pesar muito na balança da Europa se a todas as suas conquistas em o novo mundo ajuntasse ainda esta monarchia na Europa.

«Na desolação, em que se achava Portugal depois do terremoto, sem ca-

pital, sem rei, ou pelo menos com um rei vagabundo, que n'este momento nem tinha auctoridade, nem poder, em que a monarchia se achava sem conselho, sem dinheiro, sem viveres, sem exercito, n'este momento, em que um terror panico se tinha apoderado de todos os espiritos, em que o pavor tinha ganho todos os corações, em que ninguem pensava nos negocios geraes, ninguem estava occupado mais que de seus interesses particulares, a Hespanha não precisaria mais do que fazer avançar dois mil homens para Portugal para fazer a conquista d'este paiz.»

É uma profecia que faz lembrar as do Bandarra.

Nao é porém este o unico livro que pretende sustentar que a grandeza da Inglaterra provinha da riqueza de Portugal. No artigo *Portugal* que vem n'um livro impresso em Copenhague, no anno de 1759—apparecem as mesmas ideas. Aconselha os Portuguezes a que sacudam o jugo da Inglaterra, e se entreguem á Agricultura. «L'Angleterre perdoit, dans cette forme cinquante millions au moins chaque année, qui patent de Lisbonne dans la grande Bretagne: la pluie d'or, dont elle se vante tant, essuieroit son orgueil.» (Pag. 158.)

1166) RELATION OF THAT *worthy sea fight, which two east India ships had with four Portugals of great force in the Persian gulphe, with the lamentable death of Capt. A. Shilling with other memorable accident in that voyage.* London 1622. 4.º

1167) RELATION OF THE EXPUGNABLE *attempt and conquest of the yland of Tercera and of all the islands adjoining by D. Alvaro de Baçan.* London 1583. *T. Compans.* 65.

1168) RELATIO SEPULTURAE MAGNO *Orientis apostolo Sancto Francisco Xavierio, erecto in Insula Sanciano, anno seculari* 1700. Pekin 1700, fol.

1169) RELATION (TERCERA) DE LAS *grandiosas fiestas que la ciudad de Lisboa tiene prevenidas para recibir a la Catolica magestad del rey don Felippe* III *nuestro señor en la insigne, noble y leal ciudad de Lisboa, a veinte y nueve de junio, dia de los bien aventurados apostoles S. Pedro e San Pablo, á las cuatro de la tarde. Dase cuenta del grandioso acompañamiento de galeras, navios, barcos y otros vasos, que desde Belem à Lisboa fueron com S. M. y estraordinarias invenciones de pescados artificiales en la mar, muelles arcos, hieroglificos y pinturas en el lugar donde desembarcaron y en palacio. Ceremonias que antes de entrar en Lisboa se hicieron. Entrada debajo de palio, paseo por la ciudad etc.* Sevilla 1619.

1170) RELATIONS VERITABLES *et curieuses de l'isle de Madagascar, et du Bresil, savoir relation du voyage de François Couche, de Roven en l'Isle de Madagascar, Isles adjacentes et côtes d'Afrique en* 1638. Paris, 1651.

1171) RELATION VERITABLE *de ce qui s'est passé á Lisbonne au sujet des franchises des quartiers, que pretendent les ambassadeurs et envoyés des puissances étrangeres.* 1710. 4.º folheto. Sem logar de impressão.

1172) RELATION VERITABLE *et remarquable d'un sauvage qui a eté trouvé par Gilles Vilbroc, fameux pilote, natif de Lisbonne, en Portugal, qui prédit qu'il naitra* (sic) *un prince qui fera le plaisir de tout le monde: et l'ouverture du commerce tant par mer que par terre.* Sem logar nem data de impressão. Lê-se depois do titulo a data manuscripta de 1734. C. M. B. I. Paris.

1173) RELAZIONE BREVE *del tesoro nuovamente acquistato nella India Orientali di Portogallo. Milano.* 1614.

1174) RELAZIONE DEL SUCCESSO *della missione da fratri Capucini al regno del Congo.* Roma 1649.

1175) RÉPONSE *faite par un soldat de l'armée de l'Estremadure á une lettre d'un ministre de Madrid, qui lui demandait son sentiment sur un certain traité qui censurait la conduite de M. le Marquis de Caraceno, touchant son entrée dans le Portugal l'année* 1665. 1665, 12.º Sem logar de impressão.

1176) REPONSES AUX LETTRES *Portugaises de D. Marianna Alcanforado.* Paris, 1699.

1177) REPORT ON THE PATOLOGY, *therapeuties and general aitiology of the epidemic of the yellow fever at Lisbon* 1857. London 1859.

1178) REPORTS TRANSMITTED *to the Portuguese governement of the proceedings of the commission, appointed to conduct the arrangement for the expedition to Portugal.* London 1835.

1179) RES BRASILIAE *imperante I. M. I. Mauritis Nassoviae Principe.* Elivis 1660.

1180) RESPUESTA A LA MEMORIA *que presentó en* 16 *de enero de* 1776 *el ex.mo sr. D. Francisco de Sousa Coutinho, embaixador de S. M. F. relativa á la negotiation de limites de las possessiones espagnolas y portuguesas en America Meridional.* Parece ter sido impressa em Madrid.

1181) REVEW (A) *of the causes, tendency and progress of the revolution which commenced in Oporto on* 24 *august.* London 1820.

1182) REVIEW OF THE CAUSES, *tendency and progress of the revolution commenced on* 24 *august* 1820 *(for the restoration of the house of Basganza).* London 1821.

1183) REVOLUTIONS OF PORTUGAL *since the close of the Peninsular War*. London 1828.

1184) R. H.

E.—*De successione regni Portugalliae. Dissertatio juridica in qua jus Philippi Hispaniae regis adstruitur, et impostura Lusitanorum in suo manifesto detegitur*. Bruges 1647. (Da successão do reino de Portugal. Dissertação juridica, na qual o direito de Philippe de Hespanha é comprovado, e a impostura dos portuguezes no seu manifesto patenteada.)

1185) RHODES (ALEXANDRE DE)

E.—*Diccionarium Anamiticum Lusitanum*. Roma 1651.

Ha um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

1186) RIBERA (FRANCISCO ALVAREZ)

E.—I. *Pro augustissimo Philippo II. Responsum de successione regni Portugalliae cum additisnibus Caroli Tapiae*. Matriti 1621.

II. *Responsum pro Serenissima Infante D. Elisabeth Hespaniae regis filia*. Matriti 1620. (Resposta a favor da Serenissima Infanta D. Izabel, filha do rei de Hespanha.)

1187) RICHARD *Guide du voyageur en Espagne et en Portugal, comprenant la manière de voyager dans ces deux royaumes*. Paris 1828, 1829.

1188) RICHARD ET QUÉTIN *Guide du voyageur en Espagne et en Portugal par*. —Paris 1850, 1853.

1189) RICHARD (M)

E.—*Itinerary (An) of Spain and Portugal*. London, 1820.

1190) RICHERIUS (PETRUS) Ministro protestante que foi ao Brazil em 1556.

E.—*Libri duo apologetici ad refutandas naenias, et coarguendos blasphemos errores, detegendaque mendacia Nicolai Durandi, qui se Villegagnonem cognominat* 1561. Sem logar de impressão. (Dois livros apologeticos para refutar as lamurias, accusar os erros e blasphemias, e patentear as mentiras de Nicolau Durand que se cognomina Villegaignon.)

Ferdinand Dinis, que falla d'esta obra no seu livro *Une fête Brésilienne*, diz-nos ser rarissima.

1191 RIEDLINGEN (LAUX LERCHEN DE)

E.—*Ein neuwe Zeitung etc.*

(Noticias d'um gigante chamado Christãas Grandes Indias, que foi trazido pelos marinheiros do rei de Portugal, e casado com uma rapariga chamada Europa Christãa. Descreve-se em primeiro logar joçosamente seu corpo, e seus

membros, e explica-se depois Christãmente. Tambem como a menina Europa lhe ha de dar filhos, que hão de crescer com brevidade, e ajudar a fazer a guerra contra os turcos infieis por — 1547.)

A noticia d'esta obra devo-a a *Ternaux Compans*, pag. 39.

1192) RIOS (AMADOR DE LOS) Individuo numerario de las reales Academias de la Historia y Bellas Artes de San Fernando, Catedratico del Doctorado en la facultad de filosofia y letras de la Universidad Central, Inspector general de Instruccion publica.

E.—*Historia social, politica y religiosa de los Judios en Espãna y Portugal.* Madrid. Tomo I. 4.º XVI. 596 pag.

Deve constar esta obra de 3 volumes.

Na historia da *Litteratura Hespanhola*, d'este mesmo author, encontram-se muitas noticias relativas á litteratura portugueza.

1193) RISPOSTA PRIMA D'UN ITALIANO *dimorante al servizio del Re Fidelissimo ad un prelato d'ella Curia, circa le presenti controversie della Corte di Portogallo co' PP. Gesuiti.* Barcelona 1769. 157 pag. 8.º (Contra os Jesuitas.)

1194) RITTER (P. JOSEPHO — Societatis Jesu Sacerdote SS. Theologiae Doctore).

E. — *Vita et virtutes Mariae Annae Portugalliae, et Algarbiae Reginae, Natae Regiae Principis Hungariae et Bohemiae, Archi Ducis Austriae. Viennae Austriae Litteris Johannis Tomae Frattrer.* 1756 8.º 252 pag.

Esta vida da mãe de D. Joseph I, rei de Portugal, é dedicada a este seu filho, e não passa d'um continuo elogio das virtudes e mysticismo de D. Maria Anna, não havendo passagem n'esta obra, que mereça especial menção.

1195) RIVERA (LUIS)

E. — I. *Union. Poesia en el album de mi amigo el joven poeta portugues D. Antonio X. R. Cordeiro.*

Foi esta poesia publicada a pag. 248 do vol. IX da *Revista Universal Lisbonense.*

II. *La Persiana* — Id. vol. IX pag. 312.

Ignoro se se chegou a publicar um periodico intitulado *Revista del Mediodia*, escripto em portuguez e hespanhol.

1196) R. MARIA.

E.—*Voyages to the Madeira and the Leward Cariblese Isles in* 1788, *with their natural history. Edinburg*, 1792.

1197) ROBERT (ANTOINETTE HENRIETTE CLEMENCE. — Romancista franceza nascida em Macon em dezembro de 1797.

E.—I. *La famille de Tavora.* Paris 1843.

11. *Le marquis de Pombal par* —. Paris, Arnauld de Vresse, editeur.

A condessa de Tavora, amante de el rei D. Joseph, vem casualmente no conhecimento de que está tramada uma conjuração para tirarem a vida ao soberano. Assustada, corre immediatamente a casa do marquez de Pombal, dando-lhe parte do que sabia, e a condessa dentro em pouco vê em o numero dos presos, seu proprio pae e mãe. A authora inventa ainda que a condessa era filha do proprio marquez de Pombal, mas no entanto fanatisada pelo padre Malagrida apezar de innocente, declarando-se tambem criminosa, é victima com os outros fidalgos compromettidos na conjuração. [1]

1198) ROBERTS. (G)

E.—*Voyage to the Cape de Verd Islands in* 1726.

1199) ROBERTSON (EUGENIO)

E.—*Relação da viagem aerostatica feita em Lisboa no dia* 14 *de março de* 1819 *por—e dirigida por seu pae Estevão Gaspar Robertson, membro da Sociedade Galvanica de Paris, e da Academia das Sciencias de Hamburgo. Offerecida á Academia Real das Sciencias de Lisboa.* Lisboa, 1819. 4.º 15 pag.

«Depois de ter feito nas principaes capitaes do norte da Europa 52 viagens aereas, que todos os soberanos, se dignaram honrar com a sua presença, tendo sido em toda a parte acolhido com testemunhos de geral satisfação, e obtido a approvação de varias academias e das pessoas, que cultivam as sciencias e as artes; só faltava á minha gloria na carreira das sciencias physicas, e á consolação de meus cançados dias, accrescentar a estes applausos os de uma nação tão illustrada como a portuguesa.

«A idéa de offerecer-lhe á vista tão interessantes experiencias, e de augmentar o numero de minhas viagens aerostaticas na mais bella região do nosso continente devia necessariamente electrisar a alma de um physico. Com a lisongeira esperança de realisar este projecto, eu me dirigi á bella Lisboa, cidade hospitaleira, e animado pela Academia Real das Sciencias d'esta cidade e por alguns outros sabios, ousei sollicitar da incomparavel bondade da condessa da Anadia o favor de me permittir que fizesse na sua quinta uma experiencia aerostatica, ao que s. ex.ª se dignou annuir. Mas contrariado pelo tempo vi-me obrigado a demorar a minha ascensão até o dia 14 de março.

«Principiei a minha operação ás dez horas da manhã, e á uma hora depois do meio dia estava cheia e prompta a machina. Meu filho entrou no barquinho ás duas horas e um quarto, e depois de ter fixado os instrumentos necessarios para as suas observações e equilibrado o balão para lhe dar a força

[1] Dans les immenses choses, que Pombal accomplit, on ne voit pas qu'il ait jamais songé á lui, ni agi autrement que dans l'intérêt per du peuple portugais. Il eleva ce peuple aussi haut que son âge moral lui permettait d'arriver; il lui donna une litterature, des artistes, il lui creá un commerce immense, une armée redoutée, une marine royale, des relations d'égal á égal avec les premières puissances d'Europe. Les monuments, les soldats, les navires, les trésors semblaient naitre sous ses pas. Pag. 21.

ascendente de 4 até 6 lh. e de ter recebido as instrucções necessarias, o fiz circular em torno da praça elevado em pequena altura para que todos podessem gozar d'este espectaculo. Ás duas horas e vinte e oito minutos o sr. Fletcher e eu largámos as duas guias, com que retinhamos o balão, que magestosamente se levantou quasi perpendicular.

«Continuei a elevar-me, diz meu filho, observando continuamente o barometro, que desceo a 22 1/2 pollegadas. Senti então um grande zunido aos ouvidos, e o thermometro marcava 7 de reaumur. O quadro que se ia apresentando debaixo de meus pés, me extasiava, e o Tejo que ao longe corria, apenas parecia uma fita: Lisboa e seus sumptuosos edificios se divisavam como uma verde alcatifa marchetada de pontos brancos; e o Oceano, tornando este espectaculo ainda mais magestoso, parecia formar a moldura d'este portentoso quadro. O frio já começava a sentir-se, e o hygrometro de barba de baleia continuou a marcar 64 de humidade.

«Notando que ia seguindo o rumo do noroeste, e que tinha a meus pés uma povoação (Bemfica), abri a valvula do balão, e descendo distingui muita gente que com attenciosos signaes me convidava a approximar-me; satisfiz a sua curiosidade, e lhes dei com isso provas do estado tranquillo da minha alma; quando cheguei ao alcance da voz, distribui-lhes versos e lhes testemunhei o sentimento de me não poder demorar mais tempo com elles, não estando ainda concluida a minha viagem; alliviei então a barquinha de algum lastro, saudei-os com as vozes de viva el-rei, e subi de novo aos ares.

«Elevei-me muito mais do que até então, porque o barometro desceu a 18 polegadas e 11 linhas, o que indicava 1500 braças de altura, ou 3/5 de legua. O ar tinha esfriado sensivelmente marcando o thermometro de Fahrenheit 36 e a sua grande rarefacção dilatava o gaz, e o fazia sahir com violencia pelo collo inferior do balão. Continuando na direcção de ONO. com bastante velocidade cheguei ao cimo da serra de Cintra, que me parecia ter pequena altura: porém a visinhança do mar, que attrahia toda a minha attenção, me obrigou a concluir a viagem passada a villa, que apenas eu divisava, o que executei abrindo outra vez a valvula, e suavemente desci na distancia ao Occidente de 1/2 legua de Cintra afastado da costa 1/3 de legua, junto de um outeiro á direita de Penha Verde, ao lado de Galamares e perto do ribeiro das Maçãs, aonde o balão tocou em terra-ás 4 1/2. A velocidade do vento, e por consequencia do globo, era tão forte n'este ponto, que tendo deixado cahir a fatexa, a qual fez preza no mato, arrebentou a amarra instantaneamente, não obstante ter sido a sua força experimentada por dois homens robustos. Segurei-me então ao barquinho com todas as minhas forças para não perder o balão, emquanto alguem apparecesse para me soccorrer. Foi então que o padre fr. Carlos da Conceição, frade capucho, correu ousadamente a lançar-se sobre o sacco do lastro, que estava prezo á terra segurando-o com todas as suas forças, e expondo-se ao perigo de ser arrastado pelo balão.»

1200) ROBINSON (J. C.) — Consultor de bellas artes do museu de South Kensington em Londres, membro das Academias de Bellas Artes de Florença

e de S. Lucas em Roma, academico honorario da Academia Real de Belias Artes de Lisboa.

E. — *A antiga escola portugueza de pintura com annotações ácerca dos quadros existentes em Vizeu e Coimbra, e attribuidos por tradição a grão Vasco.*

Sahiu este trabalho no jornal inglez *The fine arts quarterly Review*. O author tinha vindo a Portugal em 1865 com o fim exclusivo de estudar a nossa antiga escola de pintura. Obrigado, porém, por motivos imprevistos a encurtar a sua demora aqui, apenas poude visitar de relance Vizeu e Coimbra, e tomar os poucos apontamentos, com os quaes mesmo em Lisboa, redigiu a memoria.

Para intelligencia d'este trabalho vejamos primeiro alguns periodos da biographia de grão Vasco escripta pelo conde de Rackzynski. [1]

«Vasco Fernandes, pintor, era filho do pintor Francisco Fernandes, e de Maria Henriques. Nasceu em Vizeu a 18 de setembro de 1552. Um manuscripto de Ribeiro Pereira, pertencente á bibliotheca do Porto, e que tem por titulo, *Dialogos moraes, historicos e politicos*, lhe attribue o painel, representando o Calvario que se acha na cathedral de Vizeu, na capella de Jesus. 78 annos somente separam o nascimento de Vasco da data do manuscripto. Suppondo que Pereira tivesse tido quarenta annos, quando escreveu suas memorias, deveria ter nascido, quando Vasco tinha 38. Ambos eram da mesma cidade, deviam então conhecer-se; e em todo o caso Pereira não pode ter ignorado o author d'este quadro do Calvario, de uma origem tão recente, e ao qual na sua cidade se attribuia tanta importancia.

«Vêem-se na mesma cathedral quatro grandes quadros que pela analogia, julgo serem egualmente de Vasco Fernandes: o mais bello representa S. Pedro assentado no seu throno. Ha tambem treze outros paineis de menores dimensões, representando meias figuras de diversos santos. Nada mais sabemos ácerca d'este artista, mas as obras, que venho de citar, bastam para o classificarem entre os pintores mais distinctos, que n'aquella época viveram em Portugal. Sobre o que se diz de uma escola de grão Vasco, não é isto fundado senão em supposições, e em todo o caso seria absurdo attribuir á escola de Fernandes, quadros que evidentemente remontam a uma data anterior áquella em que este artista trabalhou.

A este respeito faz o sr. marquez de Sousa Holstein o seguinte reparo:

«Rackzynski não comprehende muito bem, como aconteceu que um artista nascido em 1552 pintasse n'um estylo, e com processos muito anteriores á sua época e já desusados no tempo de sua actividade artistica: não sabe tambem explicar o facto de haver tantos quadros do mesmo genero indicando a existencia de uma escola eminentemente nacional, quando o chefe presumido d'essa escola não podia ter começado a pintar antes da dominação hespanhola, época de geral decadencia para as artes e para a litteratura portugueza; nada d'isso

1 *Dictionaire historico artistique du Portugal*, pag. 93 Robinson pretende provar que além dos cinco Vascos ou Vasques conhecidos de Rackzynski, houve um sexto, cujas particularidades biographicas são por ora inteiramente desconhecidas.

póde explicar, mas attendendo somente ao novo documento, e dando como certo que um filho de pintor ha de necessariamente ser pintor, ainda que assim não conste expressamente, não hesita em proclamar que o verdadeiro grão Vasco era Vasco Fernandes nascido em 1552.»

«Robinson foi o primeiro que examinou seriamente as conclusões do historiador allemão, e que procurou demonstrar quanto eram erroneas. Grão Vasco não pode ter sido filho de Francisco Fernandes: talvez tivesse sido seu pae. A data do quadro assignado por Vasco Fernandes, que se encontrou, prova que foi executado pelos annos de 1520, e não depois. Ora Francisco Fernandes, que baptisava um filho em 1520, podia muito bem ser filho de quem fosse ainda activo-pintor antes de 1520. O costume, que ainda hoje é vulgar em Portugal, de dar a um dos netos, geralmente ao mais velho, o nome do avô paterno, justifica a possibilidade d'esta hypothese.

«A opinião de Robinson firmada em bases, que parecem solidas, merece em todo o caso uma discussão séria e profunda. É para desejar que a publicação d'este trabalho provoque novos estudos e novas indagações, que deem em resultado a descoberta de novos argumentos, e que deste modo se consiga ou sanccionar definitivamente a hypothese ultima, ou demonstrar que é insustentavel.

«Que houve uma escola portugueza de pintura [1] ninguem poderá hoje negar. É esse um ponto que parece bem demonstrado. Bastaria talvez para o provar, a quantidade de quadros de identico estylo, de identico molde, se poderia dizer, existentes no nosso paiz. Não se exportavam em tão grande quantidade obras de arte, de subido merito, sem que assim constasse nos annaes do paiz d'onde tivessem saido, e mesmo nos annaes do paiz para onde tivessem ido. Se a pintura tivesse sido em Portugal planta de todo exotica, é natural que o apparecimento de quadros em avultado numero, houvesse sido mencionado se não com sympathia, ao menos com curiosidade pelos nossos chronistas. Não póde mesmo explicar-se que um paiz inteiramente desafecto á arte possua tantas obras primas; se as possue, é porque as amava; se as amava, de certo promoveu a creação de artistas, que soubessem executar [2] o que tanto admirava. As vidas dos principaes pintores flamengos e allemães são bem conhecidas: os seus quadros, mesmo os perdidos estão relacionados: nenhuma particularidade, por insignificante que seja, tem escapado ás investigações minuciosissimas dos modernos historiadores da arte. Se os pintores d'aquelles paizes tivessem vindo a Portugal em grande numero, ou se as suas obras para aqui houvessem sido importadas é certo que alguma menção se encontraria d'estes factos. A historia, porém, é inteiramente muda n'estes pontos. De João Van Dyck se refere que veiu a Portugal, e a elle sem duvida se deve a origem de nossa escola; de Holbein se crê que fizera uma viagem á Peninsula, e se a sua visita teve logar, não póde negar-se que influiu sobre o desenvolvimento

[1] *A antiga escola portugueza de pintura*, pag. 20.

[2] Realmente em Portugal encontra-se por toda a parte uma immensidade de quadros (não digo se bons, se maus) o que prova ter a pintura n'este paiz sempre tido amantes.

do grande periodo da nossa arte, o qual deve ter começado pelos fins do seculo XV, para terminar depois da primeira metade do seculo XVI.

«Mas ha outra ordem de argumentos muito mais convincentes, e que se devem ir juntando, examinando, discutindo: são os argumentos deduzidos da comparação dos quadros reputados portuguezes com os quadros flamengos e allemães. Robinson na sua memoria firma-se principalmente n'estes argumentos. Ha mil particularidades a estudar; vestidos, armas, utensilios, vasos sagrados, moedas, typos de physionomias etc.»

Até aqui tem as palavras do sr. marquez de Sousa Holstein: ouçamos agora as do proprio Robinson.

«A historia geral de Portugal é pouco estudada; e da sua historia artistica ha um só trabalho moderno. Comtudo a historia de Portugal é um drama de variadissimo interesse; os acontecimentos principaes são de impressionar, e succedem-se em cyclos bem definidos: a arte portugueza, quasi inteiramente desconhecida na Europa, tem uma importancia intrinseca, que pelo menos lhe dá o direito a ser mais estudada. Quasi todos os paizes teem tido a sua época aurea para a arte, coincidindo ordinariamente com o apogeu da sua gloria, e da sua prosperidade material. Por este lado ainda, chama Portugal a attenção porque n'elle floresceram as artes n'um periodo sobre tudo notavel na historia do mundo. Para toda a Peninsula Iberica foi este periodo uma epoca de rapido desabrochar artistico, como nunca houvera no resto da Europa; nem se diga que este desenvolvimento é menos para notar em Portugal, pelo facto de ter sido seguido logo depois por um declinar não menos rapido.

«Portugal, situado na orla da Europa, estava mais perto das Indias e do novo mundo, d'aquellas terras de infindas riquezas [1] e de tentadoras promessas, e cedo começou a assimilar-se e a aproveitar as artes e os thesouros d'estes paizes. Entre o reinado de D. Manuel em Portugal e o glorioso periodo de D. Fernando e Isabel em Hespanha ha inteiro parallelismo. Nos dois paizes foi a prosperidade geral acompanhada de um notavel desabrochar da arte em todos os ramos e especialidades. A riquesa do Mexico e Peru espalhada pela Hespanha era toda empregada em obras de arte, e em Portugal a corrente das riquezas das Indias, seguindo e sempre em constante augmento o caminho traçado sobre o Oceano pelas naus de Vasco da Gama, ia promover o desenvolvimento da arte nacional em todos os generos plasticos. A gloria do monarcha portuguez ainda hoje por toda a parte é evidente; por todos os lados vence o estylo manuelino, que assim se póde chamar, triumphando na architectura, na esculptura, na pintura, e na ourivesaria. É bem saliente, que o chamado renascimento, ou reapparecimento do estylo classico, recebeu por este tempo em Portugal uma côr local, e um cunho nacional bem caracterisados. Não foi porém só do Oriente, e tão sómente na fórma puramente decorativa, que a luz da arte penetrou em Portugal; parece que desde remotos tempos a peninsula

1 *A antiga escola portugueza de pintura*, pag. 27. A respeito do nosso grão Vasco, e da pintura portugueza, devem-se consultar os artigos do sr. marquez de Sousa no jornal *Artes e Lettras*.

era o principal mercado estrangeiro para as innumeraveis pinturas e outras obras da arte produzidas pela velha escola flamenga. Em quasi todos os registros de obras nas cathedraes e conventos encontram se artistas com os nomes de João Flamengo, João de Borgonha, Francisco de Hollanda e outros, que evidenceiam a extracção estrangeira das familias, por quem eram usados. Estes homens tornaram-se fundadores de escolas de arte, e d'elles descendiam aquellas successivas gerações de habeis artistas, que enxertando na velha arte flamenga os caracteristicos nacionaes e locaes produziram, como o attestam Fernando Gallegos em Hespanha, e Vasco Fernandes em Portugal, obras notaveis e bem individualisadas, eguaes talvez em merecimento ás de seus illustres contemporaneos n'outros paizes.

«A prosperidade material de Portugal durou todo o reinado de D. João III (1523-1557) cujas tendencias para exaltar e engrandecer a egreja deram á arte religiosa um brilho sempre progressivo. Foi com tudo n'esse periodo que o elemento classico ou pagão, que ha muito predominava na Italia, penetrou na peninsula. Pelo meiado do seculo XVI quasi todos os artistas mais notaveis da Peninsula tinham abandonado o antigo estylo gothico de seus prototypos flamengos. Esta revolução porém, não foi universal: a escola antiga não desappareceu da Peninsula, onde continuou a ser seguida pelos pintores dados á pintura religiosa, que conservaram o antigo maneirismo sem alterar em nada a velha e convencionada rotina. Este estylo continuou tendo não só artistas para o seguirem, mas patronos para o protegerem.

«O conde Rackzynski na sua obra *Les arts en Portugal* menciona mui circumstanciadamente [1] as pinturas de Vizeu, apontando-as como as mais importantes e authenticas, que restam de grão Vasco.

«Depois de cuidadosamente examinar as vestes, os ornatos e outras indicações, assim como o estylo em geral convenci-me, que estas pinturas seriam feitas de 1500 a 1520, e pelo mesmo auctor. A minha primeira impressão foi que eram obra de algum artista flamengo, mas depois de mais detido estudo certifiquei-me que haviam sido executadas na peninsula Iberica e com muita probabilidade por um pintor portuguez, bem amestrado no estylo e execução technica da antiga arte flamenga.

«No principio das investigações do conde de Rackzynski eram tão perplexas e contradictorias as diversas noticias, que lhe chegavam, que se inclinou a descrer inteiramente da existencia do grão Vasco, e a reputal-o uma personificação representativa, ou um mitho. Não tardou porém em reconhecer que muitos quadros attribuidos a grão Vasco eram na verdade obra de mui diversas mãos, denunciando que em Portugal no seculo XVI havia uma escola artistica nacional, e que se dera n'este paiz um facto analogo, que succedera n'outros, quando quasi todos os quadros antigos de Italia eram indistinctamente attribuidos a Pedro Perugino, todos os da antiga escola allemã a Alberto Durer e os dos Paizes Baixos a Van Dyck ou Lucas de Leyde. [2] A analogia parecia

[1] *A antiga escola portugueza de pintura*, pag. 33.
[2] *Idem*, pag. 36.

levar tambem á conclusão, que deve ter aqui existido um artista de merito eminente, um grão Vasco real, ainda que fosse difficil discriminar as suas verdadeiras obras d'entre a grande quantidade de producções contemporaneas. Era esta a opinião do conde antes de ver os quadros. Pouco antes com tudo da sua visita a Vizeu deparou com uns documentos, sendo o mais interessante uma certidão extrahida dos registros da cathedral de Vizeu, pela qual constava o baptismo de um certo Vasco, filho de Francisco Fernandes pintor, e de Maria Henriques, sua mulher, aos 18 de setembro de 1552. Resultou d'aqui que apesar de Rackzynski se ter já convencido que as numerosas pinturas attribuidas a grão Vasco pertenciam sem duvida á primeira metade do seculo XVI e sendo por outro lado certo que o grão Vasco recentemente descoberto, ainda mesmo que aos vinte annos (isto é, em 1572) pintasse como mestre, nunca poderia ter chegado á sua maior actividade artistica antes do fim do seculo, apesar d'estas considerações Rackzynski um pouco inconsideradamente admitte que a certidão mencionada se refere ao grande pintor. Visitou depois Vizeu, e logo á primeira vista do Calvario e das quatro pinturas maiores da casa do Capitulo, saiu-lhe dos labios um triumphante *Eureca. Fica revogada toda a legislação em contrario.*»

O auctor nota porém, e com razão, que a serie, de quadros existentes na Casa do Capitulo parece ser de outra mão, e mais antiga.

«Foi com interesse egualmente vivo que cheguei a Vizeu, exactamente 20 annos depois do conde Rackzynski. A conclusão do conde parecia-me tão duvidosa, que procurei anciosamente ver e avaliar por mim proprio. Posso dizer que bastou um relancear de olhos para me convencer que o conde teria feito muito melhor em confiar nas suas impressões artisticas, do que na auctoridade destituida de outras provas, de um registo parochial, e que o grão Vasco, creança em 1552, apenas poderia ter entrado na juventude, na epocha provavel do fallecimento dos verdadeiramente grandes pintores de Vizeu. Digo *pintores*, porque é evidente que as pinturas da cathedral são pelo menos obra de dois differentes artistas, um dos quaes parece ter florescido um pouco anteriormente ao outro. Um d'estes artistas foi considerado pelo conde como sendo o famoso grão Vasco. A estimação em que se tinham as pinturas da sachristia, a tradição popular, a superioridade d'estas obras, e finalmente á supposição de que a existencia ou actividade artistica de Vasco eram comparativamente mais modernas, tudo isto fez com que se reputassem estas pinturas da sacristia, e não as da casa do Capitulo, como sendo realmente as do mestre.

«Em quanto estava examinando estas pinturas tive a fortuna de travar relações com o sr. Antonio José Pereira, artista de talento, nascido e residente em Vizeu. Logo percebi que o sr. Pereira, que havia acompanhado o conde Rackzynski, olhava com o mais vivo interesse para a questão sujeita, tant oque obsequiosamente se prestou a guiar-me durante o resto do dia nas minhas investigações das antiguidades artisticas de Vizeu. Surprehendeu-me este cavalheiro, quando me informou que possuia um quadro com a assignatura de grão Vasco. A maxima importancia d'este quadro, visto que até hoje não se conhecia nenhuma pintura assignada por Vasco, nem sufficientemente authen-

tica para lhe ser attribuida sem perigo de erro, deixou-me primeiro suspeitar que houvesse engano. Porém, apenas entrei no estudo do sr. Pereira, fiquei convencido da realidade da sua asserção. Apresentou me este artista tres tabuas separadas, que eram as tres partes de um retabulo. A parte central representa o Descimento da Cruz, e as abas S. Francisco em extasis, com um bello fundo de paizagem, e St.º Antonio na praia prégando aos peixes. Na parte inferior da taboa do centro está a assignatura abreviada do pintor — Vasco Frs. — clarissima e distinctamente escripta ou pintada de amarello como imitando ouro.

«Tinhamos pois aqui com toda a probabilidade uma obra genuina e inquestionavel de grão Vasco: e procedendo ao exame e á comparação cuidadosa dos quadros da Sé, convenci-me que a pintura assignada não era de certo do mesmo auctor, que as pinturas da sacristia, apesar de que em muitos particulares do desenho, da côr e do aspecto geral, este quadro tem parecença de familia com ambas as series da cathedral. [1] Notarei aqui que a serie da casa do Capitulo, sem duvida mais antiga, não deixa de ter similhança em certos pontos com as pinturas mais modernas da sacristia: ha em todas a incontestável influencia de um estylo local.

«A não ser que me enganasse a imaginação, achei entre todas bastante parecença para poder suppôr que houve em Vizeu uma successão de artistas conhecedores das obras uns dos outros. Em todo o caso não hesitarei em propôr a adopção do termo — *Escola de Vizeu.*

«Estas taboas, ou para melhor dizer, esta pintura de Vasco Fernandes, pareceu-me occupar um logar intermedio na escola entre os quadros da casa do Capitulo, e os da sacristia, e depois de consciencioso exame creio poder affirmar, que foi executada pelo anno de 1520. A minha impressão é que esta tem mais analogia com as pinturas da sacristia, mas que nem por isso é do mesmo pintor.

«Cumpre-me agora dizer que tive a fortuna de descobrir o verdadeiro auctor das pinturas da sacristia, e que posso demonstrar com segurança, que não são obra de Vasco Fernandes.

«De Vizeu voltei a Coimbra, onde não perdi tempo em ir observar de novo certos quadros na antiga egreja e mosteiro de St.ª Cruz. Um d'elles deve ser obra de 1530-1540, e representa o Pentecostes. Não foi preciso longo exame para me convencer que tinha diante dos olhos outra obra do pintor de S. Pedro e do baptismo da sacristia de Vizeu. Verdade é que a composição do quadro de Coimbra differe muito do Pentecostes de Vizeu, sendo melhor em todo o sentido, mas a similhança exacta no desenho, no colorido, nas particularidades do vestuario, na execução, e sobre tudo nos typos physionomicos das figuras principaes, não me deixou duvida. Em summa estou convencido de que é esta uma obra do grão Vasco tradicional de Vizeu. Imagine-se pois qual seria a minha satisfação, quando achei a assignatura *Velasco F.*

«Aqui temos pois o verdadeiro nome do pintor do S. Pedro e do Baptismo

A antiga escola portugueza de pintura, pag. 40.

em Vizeu, e tambem provavelmente do S. Sebastião, do Pentecostes, do Calvario e da pequena serie das predellas. Parece-me evidente que o grão Vasco de Raekzynski era na realidade este mesmo Velasco. Ha talvez o quer que é de penoso n'esta descoberta; mas a final a substituição de um nome por outro tem pouca importancia verdadeira, pois as pinturas não deixam de ser egualmente admiraveis, e de dar o mesmo credito ao paiz, que as produziu, embora não estejam já envolvidas na atmosphera de uma mysteriosa tradição.

«Todos estes quadros são trabalhos de grande excellencia artistica,[1] e não tão sómente pinturas antigas, e cujo unico valor é archeologico.

«Escusado é dizer que o Vasco Fernandes do conde Raekzynski, filho de Francisco Fernandes e nascido em 1552 não pode ser o Vasco Fernandes da pintura do sr. Pereira. Este quadro foi sem duvida alguma executado cerca de trinta annos antes do nascimento d'aquelle Vasco; julgo alem d'isso provado que o Vasco de 1552 não foi o pintor dos quadros da sacristia, como sempre o suppoz Raekzynski. Com tudo é fóra de duvida que um Vasco Fernandes nasceu em Vizeu em 1552, e tambem é certo que Francisco, seu pae, era pintor, mas ao mesmo tempo não ha prova alguma que o filho seguiu a profissão do pae. Não poderá admittir-se que Francisco Fernandes era filho ou parente do Vasco Fernandes do quadro assignado?

«Em summa creio que o auctor do quadro do sr. Pereira, Vasco Fernandes, como elle proprio se assignava, foi a pessoa, que mereceu em razão da sua preeminencia na arte o titulo de grão ou grande, que lhe foi conferido ou durante a sua vida, ou pouco depois da sua morte.

«Vejamos agora em resumo qual é o estado presente dos nossos conhecimentos ácerca dos pintores da escola de Vizeu: o seu catalogo é como segue:

«I.—O auctor dos 14 quadros da casa do Capitulo, cerca de 1520.

«II.—Vasco Fernandes (grão Vasco?) auctor do quadro assignado do sr. Pereira, cerca de 1520.

«III.—O que pintou a ultima céa em Fontello (casa de campo dos bispos de Vizeu), e que reputo discipulo ou imitador de Vasco Fernandes.

«IV.—Velasco: o pintor dos quadros da sacristia e do Calvario em Vizeu e do Pentecostes em Coimbra; cerca de 1530-1540.

«V.—Francisco Fernandes, pintor que vivia em 1552.

«VI.—Vasco Fernandes, filho do precedente, que se julga, mas sem provas, ter seguido a profissão de seu pae.

«VII.—O auctor do quadro *Jesus em casa de Martha* em Fontello, e que parece ser imitador de Velasco.

«A este posso talvez accrescentar como pintores, que teem certa analogia com os de Vizeu.

«VIII.—*Ovia*. O pintor de Christo apresentado á populaça, em St.ª Cruz de Coimbra.

«IX.—O pintor do S. João que está na Academia em Lisboa.

«Todas as pinturas de Vizeu indicam de modo mais saliente a influencia

[1] *A antiga escola portugueza de pintura*, pag. 13.

dominante da arte flamenga; é porém importante observar que esta influencia é a da primitiva e grande epocha, isto é, a de Van Eyck, Memling e Quintino Martyres, e não a dos mestres flamengos contemporaneos dos pintores de Vizeu.

«Nada ha mais bello do que o colorido d'estas pinturas, e n'este ponto a novidade das transições causa profunda admiração. Todas as pinturas de Vizeu, tanto as da casa do Capitulo, como as da sacristia, distinguem-se por sua côr alegre e luminosa: os fundos são ordinariamente claros. Conhece-se em todas as pinturas d'esta escola amor da verdade e a maxima diligencia para imitar perfeitamente todos os accessorios: parece que foram conscienciosamente copiadas pelo original todas as roupagens de brocado, as correias, as fivellas, as espadas, os cinturões, as joias, e todas as peças de armadura. Ha varias transições de côr com muita harmonia e originalidade de concepção. Na serie da sacristia não podem deixar de observar-se as roupagens carmezins de uma tinta especial, côr de rubin, muito luminosa, clara e brilhante; e ainda que os quadros estejam cobertos pelo accumulado pó de seculos, brilharão diante de olhos praticos acostumados a desprezarem o ennegrecimento accidental e temporario com o fulgor scintillante de um mosaico de rubins, de esmeraldas e de saphiras engastadas em prata. Não posso finalmente tecer maior elogio ás pinturas de Vizeu, do que dizendo que abundam em vida e expressão humana: que são em tudo obras preciosas, e absolutamente livres de affectação, que dominava na epocha em que foram executadas.»

1201) **ROCA (D. ANTONIO DE MONRAVÁ Y)** Nascido em Pons no principado da Catalunha. Sua biographia acha-se a pag. 256 do vol. VIII do *Diccionario Bibliographico.*

E.—I. *Academicas orações phisico, anatomico, medico, cirurgicas para a conversão do errado lastimoso povo Apollineo.* Antuerpia, officina Plantiniana 1732, 4.º, 320 pag.

II. *Fisico certame sobre o sol, lua, luz e olhos: entre um escholastico conimbricense e um academico ulyssiponense.* Lisboa, por Pedro Ferreira, 1732, 40, 10 folhas.

III. *Novissima medicina impugnante á nova, velha e velhissima dos auctores antigos e modernos.* Lisboa 1744, 4 tomos.

1202) **ROCHEGUILHEN (M. DE LA)** Escriptora franceza nascida em 1640, e fallecida em Inglaterra no anno de 1710. [1]

E.—*Histoire des Favorites contenant ce qui s'est passe de plus remarquable dans plusieurs régnes. Nouvelle edition revue, corrigée et augmentée de deux nouvelles Histoires: Divisée en deux Parties.* A Amsterdam. Chez Paul Marret. 1703. Com estampas.

A primeira parte de pag. 49 a 86 contém um romance intitulado *Histoire de Leonor Tellez de Menese sous Ferdinand Roi de Portugal.*

Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle,* tom. XXIX, pag. 662.

1203) ROCHELLE (JEAN FRANÇOIS NÉE DE LA)

E.—*Recherches historiques et critiques sur l'établissement de l'art tipographique en Espagne et en Portugal.* Paris 1831.

1204) ROCHEMAILLET (GABR. MIG. DE)

E.—*Lettre a D. Christofle Prince de Portugal.* Paris 1623.

1205) ROEDER (A. H.) Professor da cadeira de lingua alleman no Lyceu Nacional de Li boa. Nasceu em Borna na Saxonia.

E.—*Exercicios portuguezes para leitura e analyse e para versão em linguas estrangeiras extrahidos de bons anctores modernos por —. 5.ª edição.* Lisboa, 1873, 120 pag.

1206) ROEDING (J. H.)

E.—*Allgemeines Worterbuch der Marine in allen Eurupaischen Sees prachen.* Hamburgo 1794. 4 vol.

É um diccionario universal da marinha em Allemão, Hollandez, Dinamarquez, Sueco, Inglez, Francez, Italiano, Hespanhol e Portuguez.

1207) ROES (THOMAS)

E. — *Reyren naar etc. (Viagem ás Indias Orientaes)* Amsterdam, 1656 4.º

1208) ROGEMONT (FRANCISCO)

E. — *Relação do Estado Politico e espiritual do Imperio da China, pelos annos de* 1659 *até o de* 1666. Escripta em Latim pelo P — da Cõpanhia de Jesus, Flamengo, Missionario no mesmo Imperio da China. Traduzida por um religioso da mesma Companhia de Jesus. Lisboa, na officina de João da Costa 1672.

Divide-se esta obra em 3 partes. A primeira trata de guerras entre os Chinezes e Tartaros, e do grande aperto, em que se viram os habitantes de Macau por lhes terem prohibido a navegação, e o darem-se com os Chinezes. A segunda parte contém a historia do dominio Tartaro na China por aquelles tempos. E a terceira, a ultima perseguição, que padeceram os pregadores da lei Evangelica, em 1665.

Esta obra é importante para conhecimento da historia da cidade de Macau e das missões portuguezas na China.

Vem n'este livro uma curiosa lista de trinta sacerdotes, que no tempo d'esta perseguição se apresentaram aos juizes na côrte de Pekin, e foram os seguintes padres: —Joam Adamo Schall, allemão. —Antonio de Gouvea, portuguez. —Pedro Canevari, genovez. — Miguel Trigaulcio, flamengo. — Ignacio da Costa, portuguez. —Francisco Barançato, siciliano. — Luiz Bulhio, siciliano. — Gabriel de Magalhães, portuguez. — João Francisco de Ferrariis, piemontano. — André Lubelli, napolitano. — Jacob le Favre, francez. — Stanislao Torrente. romano. — Joam Valat, francez. — Feliciano Pacheco, portuguez. — Cladio Motel, francez. — Jacob Motel, francez. — João Domingos Gabiani, piemontano. —

Humberto Augeri, francez. — Manuel Jorge, portuguez. — Fernando Verbiest, flamengo. — Felippe Couplet, flamengo. — Francisco Rogemont, flamengo. — Christiano Herdtrich, alemão. — Adriano Grelon, francez. — Pospero Interceta, siciliano. — Domingos Coronato, hespanhol. — Domingos Navarreta, hespanhol. — Domingos Maria Serpetri, siciliano. — Philippe Leonardo, hespanhol. — Antonio de Santa Maria, hespanhol. [1]

1209) ROI DE PORTUGAL (LE) *Conte. Suivi des Deux Achilles, Conte dedicatoire et d'une epitre au Juif Hirschel (en vers) Anecdotes portugaises sur les Regnes des princes de la Maison de Bragance depuis dom Jean IV jusqu' à Dom Joseph.* 1788.

1210) ROLAND (HIPPOLITE, artiste de la Companie française.)
E. — *Lisbonne au 26 janvier* 1835. *Scene en vers. A l'occasion du mariage de sa magesté Donna Maria II,* Lisboa, 1835.

Um francez

Dans les airs quels cris d'allégresse!...
Les cloches au son argentin,
La voix tonnante de l'airain,
D'un grand peuple attestent l'ivresse!
Quelle solemnité, remplissant tous les cœurs,
D'un bonheur éternel semble aujourd'hui le gage!...
Habitans désolés des bords fleuris du Tage,
Ce jour a-t-il séché vos pleurs?...
J'ai fui, naguère, un Sol en proie à trop d'alarmes,
J'ai vu les Portugais déchirer leur pays;
L'un contre l'autre ils dirigeaient leurs armes!...
Ceux par le sentiment, par la nature unis,
Confondaient leur sang et leurs larmes!!!...
O vous, témoin de tant d'horreurs,
De leurs combats, de leurs guerres civiles;
Expliquez-moi ces jours tranquilles
Et ce pavé jonché de fleurs.

Um portuguez

Français, qui revoyez nôtre Lusitanie,
Sachez que de son sein la discorde est bannie.
L'artisan de nos maux, l'auteur de nos dangers,
Avec elle a dû fuir vers des bords étrangers.
Du retour de la paix nous célébrons la fête:
Et l'hymen fortuné dont la pompe s'apprête,

[1] «Foi tal o furor d'esta perseguição da China, que, quem a considerar com madureza, com todas as suas circumstancias, a poderá comparar sem exageração com as maiores perseguições, em que por espaço de muitos annos se exercitou a Igreja Catholica.»

Assure au Portugal un heureux avenir.
Ce jour de touts nos droits garantit la conquête;
De nos sanglans débats chasse le souvenir;
Et pour jamais va nous unir.
Cependant il n'est point de beau jour sans nuage!...
Aux accens du plaisir se mêlant des regrets;
Et les flambeaux du Mariage
Brillent à travers les Cyprès!!!...
Brave et Sage Don Pedre!... ainsi que Henri-Quatre,
Pendant près de trois ans il lui fallut combattre
Pour ressaisir le sceptre à sa fille échappé,
Par un perfide ami, par un frère usurpé,
L'exil et les malheurs, rien n'avait pu l'abattre,
Il triomphe à la fin... et la mort l'a frappé!!!...
Quel Souverain pourtant méritait davantage
De recevoir le prix de son noble courage?...
Lorsqu'aux Champs d'*Oporto* l'on cite ses exploits,
Le but de ses efforts est le règne des lois.
Pour la Charte il combat sur les rives du Tage;
Pour l'affermir il brave les revers.
Des Portugais il brise enfin les fers!...
La Constitution succéde au Despotisme;
La tolérance au Fanatisme.
D'un peuple sous le Joug réveillant la fierté,
Il consacre ses droits, fonde sa liberté!...
Et quand tant de bienfaits semblent encore un rêve
La Parque inexorable á sa gloire l'enlève!!!
Prés de goûter un éternel repos,
Tombant, hélas! à la fleur de son âge,
Il consolide son ouvrage;
Sa mort est celle d'un heros!...
Le bonheur de son peuple et celui de sa Fille,
Préoccupent son dernier jour,
Il confond dans un même amour
Et ses sujets et sa famille:
«Maria, pour régner je te dois un appui,
«Au Brésil tu connus Auguste... eh-bien, c'est Lui
«Qu'en secret, dès longtems, t'a choisi ma prudence...
«Il fut l'ami de ton enfance;
«Et pour époux je te l'offre aujourd'hui...
«Ses grandes qualités égalent son courage,
«Il marche avec le siècle, il sait bien que les Rois
«Par leurs seules vertus méritent son hommage:
«Qu'ils ne peuvent avoir de véritables droits
«Que par l'amour du peuple et le respect des lois!...

«Qu'il partage ce trône oú la valeur te place;
«Tu combleras ainsi mon unique désir:
«Que dans ton coeur Auguste me remplace,
«Bientôt des Portugais il se fera chérir...»
En prononçant ces mots il ferme sa paupiére!!!
Que la terre lui soit légère;
Qu'il goûte la paix dans les cieux!...
Il fut de ses soldats le modèle et le père,
Il affrontait les perils avec eux;
Et demanda pour linceul funéraire
Du *Cinquième-chasseurs* l'habit si glorieux!
Docile à ses conseils notre Auguste Maitresse
Du Prince Leuchtenberg couronne la tendresse
Il sut toucher son cœur, et notre heureux climat
Voit triompher l'Amour, par la raison d'Etat.

Un francez

Quoi!... Leuchtenberg... le fils d'Eugene!
De l'enfant adoptif du grand Napoleon!...
Le petit-fils de cette Reine
Dont mon pays bénit le Nom!
Bonne et sensible Josephine,
Ta mémoire toujours sera chére au français
Il se rapelle tes bienfaits,
Et joint au souvenir que son coeur te destine,
Le nom sacré d'Eugene Beauharnais!!!
Heureux Enfant de la victoire,
Seul il sut conquérir sa gloire,
Et moissonna ses plus brillants lauriers
Aux Champs de la Russie, en sauvant nos guerriers!
Ses vertus le font vivre encore en Italie...
Du siécle qui l'admire il fixa le regard;
Mourut fidèle a sa patrie,
Fidèle à son noble étendard,
Sans reproche et sans peur comme un autre Bayard!...
Quel bien au Portugal promet cette alliance!
Esprit, beauté, douceur et bienfaisance,
De Donna Maria, sont les trésors heureux...
Auguste, de vos lois défenseur courageux,
Mettra tout son bonheur á soulager vos peines;
En des liens de fleurs il changera vos chaines;
Vos droits, sa loyauté saura les garantir
Et sa valeur les soutenir;
Le Sang de Beauharnais, circule dans ses veines
Et ce généreux Sang ne peut se démentir!

1211) ROLLAND (LANNEAU)

E. — *Nouveau Guide du voyageur en Espagne et en Portugal.* Paris.

1212) ROMAN (FR. ANTONIO DE S.) Natural de Placencia, e Benedictino.

E. — I *Historia general de la India Oriental, de los descobrimentos y conquistas que han hecho las armas de Portugal y en otras partes de Africa, e de la Asia, y dilacion del Santo Evangelio por aquellas grandes provincias desde sus principios hasta el año de 1557 en el Brasil.* Valladolid, 1603.

II. *Jornada y muerte del rey D. Sebastian de Portugal.* Valladolid, 1603.

Consta de 4 livros. Começa expondo o estado das cousas da egreja na Europa antes do descobrimento da India; enuncia o pouco conhecimento que havia na Hespanha da arte da navegação; toca nos descobrimentos da costa d'Africa principiados pelo infante D. Henrique; depois trata do descobrimento da India, e incidentemente do do Brazil; e termina na morte de D. João III relatando juntamente o estado das cousas da Europa. Passa por bom.» [1]

1213) ROMAN (HIERONIMO)

E. — *Historia de los dos religiosos infantes de Portugal, del infante D. Fernando hijo del rey D. Juan I de Portugal: y de la infanta doña Juanna, hija del rey D. Afonso el* V. Medina, 1595.

1214) ROMANO (P. GIOVANNI FRANCISCO)

E. — *Istoria delle missione dei Capucini nell' regno del Congo, colla descrizione geographica di quel regno e con altre notizie dei costumi i vita di quella nazione, dal.* Roma, 1646. 4. Napoli, 1646. Parma, 1649. Milano, 1651.

1215) RONDET (LAURENT ETIENNE)

E. — *Reflexions sur le desastre de Lisbonne.* 1756-1757. 3 vol.

1216) ROON (A DE)

E. — *Die iberische Halbinsel etc. (A Peninsula Iberica. Monographia no ponto de vista militar)* 1.ª Parte. *O theatro da guerra entre o Ebro e os Pyreneos.* Berlin, 1839. 8.º

1217) ROSA (F. MARTINEZ DE LA) Escriptor hespanhol celebre, nasceu em Granada a 10 de março de 1787, [2] e falleceu a 7 de fevereiro de 1862.

A pag. 198 do 1.º vol. da *Revista Peninsular* encontra-se a seguinte poesia escripta por este notavel poeta em Cintra, no mez de agosto de 1852.

[1] *Bibliotheca Historica*, pag. 366.

[2] Luiz Augusto Rebello da Silva. *Memoria acerca da vida e escriptos de D. Francisco Martinez de la Rosa*, pag. 17.

AL MONASTERIO DENOMINADO DE LA PEÑA

Esa que ves altissima montaña,
La plantó Dios en el immenso lhano:
Mira alli al Tajo, que los campos bana,
Y allá la mas en el confin lejano...
De enormes rocas sobre eterno asiento,
De los siglos el paso desafia;
Y qual gigante torre y atalaya,
Vé a sus plantas yacer la humilde playa
Y su cerviz eleva al firmamento.
Alli latiendo el pecho generoso,
Bañado el rostro en llanto de alegria,
El monarca piadoso
Las anheladas velas descubria:
Al subito contento
Falta la voz y aliento;
A Dios levanta los humildes ojos,
Y un voto hace ferviente;
En tanto que á sus pies arrodillado
Vese el heroe esforzado
Que al sol robó las llaves del oriente.
De austeros cenobitas
Esa fué la mansion, ese el asilo:
Del mundo aislados, qual la misma roca,
Sereno el pecho, el animo tranquillo,
Ruda tormenta, del sagrado albergue
Un dia los lanzó: mas la memoria
Del gran monarca vivira por siempre,
Qual de Vasco inmortal la eterna gloria;
Y es comun voz que en la callada noche
Suelen alli vagar sus sombras graves;
En tanto que en las nubes se retrata
La imagen fiel de las ansiadas naves. [1]

---

[1] Ha pouco tempo uma senhora americana, inspirada pelas bellezas de Cintra, fez em honra d'esta villa a seguinte poesia, que foi publicada no *Diario de Noticias* n.º 3813.

Cintra

T'is a most lovely spot, How the weary heart
After scant breathing's; in the heated air
Of the close city, and the crowded mart,
Treasure's a place like this where it may dwell
And breathe its beauty in; like some sweet, hallowed spell.

Do mesmo author se encontra ainda a seguinte poesia no referido volume pag. 200.

UN NUIT D'ÉTÉ AUX ENVIRONS DE LISBONNE

Charmant séjour, belles rives du Tage,
Triste et pensif je vous fais mes adieux!
Je vois les flots s'endormir sur la plage;
La lune éclaire et la terre et les cieux.

Le nautonnier sur sa barque fragile
Laisse, en passant, un sillon lumineux;
Sa rame fend la surface mobile,
L'écho répète ses amours et ses vœux.

Le doux zéphir, inconstante et volage,
Séme partout des parfums delicieux...
Charmant séjour belles rives du Tage,
Triste y pensif, je vous fais mes adieux!

(Estes versos los compuso el autor en Lisboa, en el verano de 1852.)

How beautiful it is, the very skies,
Bend O'er it with a holier look of love.
And in the dewy dark i'ts starry eyes
Seem gazing down, like angels from above,
As though to guard it through the long night
Were a sweet privilege, and a rare delight.

T'was early autumn, and a calm bright day,
Half wistfully I turned, and gazed around,
How smilingly and fair before me lay
Cintra; with all its weight of beauty crowned,
How beautiful, the sunset cloud's hung o'er it with warm light
And throwing o'er the villa a flush unearthly bright.

Long had I lingered; but the setting sun
Told a late hour; almost the close of day,
And breathing silently my sad farevell,
From the sweet place, I slowly turned away.
Loth that so fair a spot should fade from wiev
And turning often back to say a last, adiew.

Sweet Cintra; many a day has passed, since, when
With lonely steps, I walked thy sunny dells.
And yet my heart goes back, to thee again,
Bound to thy beauty by a thousand spells.
Of loveliness, and witchery, and a thrill
That in my heart like song; keeps guskiog, gusking still.

1218) ROSS (THOMASINA) Traduziu do allemão a obra seguinte: *History of Spanish and Portuguese Litterature by Frederich Bouterwek. In two volumes. Translated from the Original German by*—London. Boosey and Sons, Broad Street 1823 4.º 1. vol. 609 pag. 2.º 405 pag.

Analyse dos *Lusiadas* por Bouterwek [1]

«Os *Lusiadas* de Camões é um poema heroico: mas tão essencialmente differente na unidade do plano epico de todos os outros poemas heroicos, que para evitar cahir na injustificavel avaliação errada, com que esta famosa obra é por toda a parte julgada, exceptuando em Portugal e na Hespanha, é necessario analysando-a, pôr de parte as regras ordinarias de comparação, e avançar na idéa geral da poesia epica não modificada por alguma preoccupação para com os conhecidos modelos. Camões abriu inteiramente um novo caminho na região da epopeia. O estylo do seu poema é na verdade formado principalmente sobre os antigos modelos, e na sua dicção imitou as elegantes estancias dos italiannos; porém a idéa epica da obra é inteiramente sua: e o genero de composição, que forma seu alicerce, era coisa inteiramente nova na litteratura poetica. O assumpto de Camões era contar com melodia epica com puro sentimento poetico as façanhas dos heroes e grandes homens de Portugal na generalidade, não de algum individuo em particular, e por conseguinte não de Vasco da Gama, o qual é vulgarmente considerado o heroe dos *Lusiadas*. Elle não se devia satisfazer com o escrever um relatorio official poeticamente adornado, como a *Araucania hespanhola*, escripta por Ercilla n'um periodo mais moderno. [2]

«O titulo, dado por Camões ao seu poema heroico, denota sufficientemente a natureza de seu assumpto. Deu-lhe o nome de *Os Lusiadas* que quer dizer os Lusitanos ou Portuguezes. [3] A escolha do titulo foi indubitavelmente influenciada pelo dominante gosto dos poetas portuguezes d'aquelle tempo, aos quaes

[1] Vol. 2 pag. 150 e seguintes.

[2] Estes elogios são confirmados pelo author da *Vida de Camões*, impressa na Encyclopedia Americana, publicada na Philadelphia.

[3] «A primeira edição dos *Lusiadas* foi impressa em 1572, e o poema foi na maior parte escripto nas Indias Orientaes. Tasso leu-o, e elogiou o author n'um soneto, que não se perdeu. A primeira edição da *Jerusalem Libertada* appareceu em 1580, e por conseguinte um anno depois da morte de Camões.»

«Mesmo a apologia de Camões, que precede a traducção dos *Lusiadas*, feita por Mickle, por si mesma se destroe, porque o traductor inglez toma por estandarte a epopea de Homero, e com o fim de justificar os *Lusiadas* dá uma errada interpretação ao machinismo da Illiada. As observações aos *Lusiadas* por Voltaire no seu discurso sobre o poema epico estão abaixo da critica; e o juizo pronunciado ácerca d'este poema por Von Yung na introducção da sua *Grammatica Portugueza*, argue uma total carencia de gosto poetico. Ninguem deveria tentar uma versão dos *Lusiadas* sem possuir um intimo conhecimento da lingua portugueza e da poesia, aliás é impossivel comprehender o espirito de Camões. A traducção ingleza por Mickle é até agora a unica, na qual se possa dizer que pelo menos a elegante dignidade do estylo de Camões está representada.» Pag. 149 e seguintes.

não parecia poetico o nome vulgar de sua nação, e tambem pelo popular conhecimento, que o favorito termo Lusitania era derivado d'um certo heroe mythologico, chamado Luso, que visitou Portugal na companhia de Ulysses e conjunctamente com o guerreiro Grego, fundou a cidade de Lisboa (Ulyssipolis). Camões não merece censura, se os editores de seu poema desejando reconciliar seu titulo algum tanto desusado com os nomes de outras composições epicas transformaram os *Lusiadas* em *Lusiada*. Porém o poema póde ser designado pelo seu titulo vulgar sem offensa ao seu espirito ou assumpto. Ao mesmo tempo não nos devemos esquecer que os *Lusiadas* é uma especie de poema epico totalmente differente d'aquellas epopeas, ou felizes ou infelizes, nas quaes um só heroe é a mola principal de toda a acção epica. Conforme o plano esboçado por Camões para seu poema nacional, estava habilitado a prescindir da escolha d'um heroe, cujas proezas tinham de lançar as de todos os outros na sombra e formar a unica fonte do poema epico. Para este plano, todavia, uma bellesa essencial da poesia epica era indispensavelmente sacrificada. A composição perdia as vantagens d'aquelles pequenos grupos de caracteres, os quaes aliás deveriam ter sido reunidos em torno do caracter principal. Por causa de seu plano os *Lusiadas* não pode ser considerado como um modelo de tal perfeição epica como a *Illiada* ou mesmo como a *Eneida*, onde aquella perfeição se pode encontrar mais fraca. Porém, como poema narrativo derivando um effeito total da união de suas partes, os *Lusiadas* pode ser considerado um poema epico completo, e por conseguinte um poema inteiramente differente no genero das *Metamorphoses* de Ovidio, ou mesmo da *Divina Comedia* de Dante. Desejava Camões agrupar poetica e epicamente todos os grandes e mais interessantes successos nos annaes de seu paiz nativo. E por conseguinte mui felizmente escolheu o acontecimento, que constitue a mais brilhante epocha na historia portugueza, como um ponto commum de guarda para todas as differentes partes de sua pintura epica. A descoberta da passagem para a India por Vasco da Gama era certamente uma empreza heroica no usual sentido do termo, mas n'aquella epocha, quando taes aventuras tocavam as raias do incrivel, era uma empreza verdadeiramente heroica. Camões fez d'este accontecimento o alicerce da unidade epica do seu poema. Mas n'aquella unidade Vasco da Gama é simplesmente o fuso em torno do qual o fio da narração é fiado. Sua dignidade, no que diz respeito ao chefe de seus intrepidos compatriotas, torna-o notavel até certo ponto: mas a outros respeitos não é distincto, e o interesse de todo o poema não depende mais d'elle que de seus compatriotas. Os heroes que brilham com maior resplendor nos *Lusiadas*, mesmo o condestavel Nuno Alvares Pereira, que é o mais notavel entre elles, são todos introduzidos n'aquillo, a que se dá o nome de episodios. Porém os *Lusiadas* não tem realmente algum episodio, exceptuando a curta historia do gigante Adamastor. Outra parte da obra, a que vulgarmente se dá o nome de episodio, é um poetico esboço da antiga historia de Portugal, e pertence essencialmente ao todo, como qualquer das outras partes principaes do grande quadro. Ella até mesmo occupa perto de metade do poema. É exactamente n'estas partes chamadas episodios, que existe a grandesa epica de toda

a composição, e n'elles apparecem as mais bellas passagens de todo o poema A não ser que a idéa do plano dos *Lusiadas* seja justamente comprehendida, a composição apparecerá n'uma luz falsa, qualquer que fôr o lado por onde seja observada.

«Os *Lusiadas* considerado como um todo pode por tanto ser chamado uma pintura epica e nacional da gloria portugueza, algum tanto maior do que uma simples galeria de contos poeticos, mas menos do que uma perfeita epopea. Os principios da composição são excessivamente simples, mas para que elles não sejam mal comprehendidos, é mister entender o machinismo epico do poema, como o proprio poeta o teria entendido, e como foi entendido no espirito do seculo por seus contemporaneos. Camões era um verdadeiro poeta, e por isso não podia excluir dos seus *Lusiadas* o encanto do maravilhoso, e a cooperação de seres sobrenaturaes. Porém ou elle foi casualmente menos feliz, do que Tasso na escolha do machinismo epico, para um poema heroico moderno, ou elle de caso pensado preferiu a mythologia grega, como a mais bella. Nada o absteve de attribuir os papeis necessarios no seu machinismo aos agentes bons e maus da crença popular christã; e o assumpto parece particularmente calculado, porque uma applicação tal como a propagação do christianismo por meio das descobertas e conquistas dos portuguezes é celebrada no proprio poema como o maior serviço da nação. Todavia Camões parece ter sido de opinião que um poema epico tal como elle o tinha planeado, devia ser adornado com erudição, e sobre tudo erudição mythologica; e além d'isto pela introducção das divindades gregas toda a composição parecia ser elevada á verdadeira região poetica da antiga epopeia. Existe, pois, a singular incongruencia da mythologia grega e dos feitos dos portuguezes christãos, os quaes em nenhum ensejo deixam de praticar e discorrer no verdadeiro espirito de sua fé. Porém no pensar de Camões esta incongruencia era removida pela opinião, da qual elle participava em commum com seus contemporaneos, que o machinismo na epopeia era meramente uma figura poetica, e que todas as divindades pagãs podiam ser introduzidas como caracteres allegoricos na moderna narrativa poetica pelo mesmo privilegio, que habilita Cupido a conservar seu logar na composição lyrica dos poetas christãos sem alguma offensa theologica ou moral. Por isso Camões allegoricamente introduz o Olympo no seu poema. A erronea opinião, que extraviou o poeta, na verdade não redime este defeito no poema, se bem que contribue para lançar um veo sobre elle. Porém se o leitor admitte esta opinião, o que deve fazer com o fim de comprehender o poeta no seu proprio sentido, então mesmo a offensa contra o bom gosto se verá desvanecer imperceptivelmente. Feita esta convenção uma só vez, todo o poema se torna não sómente singular, mas até maravilhoso na sua singularidade, especialmente onde Vasco da Gama e seus companheiros se divertem com Thetis e suas nimphas allegoricamente, e com tudo no maior ardor: e o material historico começa como se de repente ennobrecido pela magia, a brilhar na plena luz da poesia.

«Os *Lusiadas* assume um caracter mythologico immediatamente depois das estancias mythologicas. Vasco da Gama com sua esquadrilha tinha já dobrado

o Cabo da Boa Esperança; e fazendo sua derrota ao longo da costa Oriental, approxima-se dos mares Indianos. Reunem-se então os deuses no Olympo para deliberarem ácerca da sorte da India. Venus e Baccho formam dois partidos, o primeiro em favor dos portuguezes, e o segundo contra elles. N'esta applicação da allegoria o poeta, sem duvida, faz o gosto ao seu orgulho patriotico; porquanto Portugal era, mesmo pelos hespanhoes, designado o paiz nativo do amor; e a temperança no uso do vinho era uma virtude nacional dos portuguezes. Com o fim de dar uma importancia ainda maior a esta allegoria, faz com que Venus considere os portuguezes como modernos romanos, e conserve para com elles a mesma inclinação, que ella antigamente prodigalisava ao povo da antiga Roma: porém Baccho lembra-se de suas expedições á India, e está indignado contra os portuguezes, cujas expedições ameaçam eclipsar sua gloria. Entre os deuses, que se declaram amigos dos portuguezes, Marte é particularmente conspicuo. No entanto a frota de Vasco da Gama toca em diversos logares sobre a costa da Africa Oriental. Vasco diligenceia entrar em relações amigaveis com o rei de Mombaça; porém Baccho se transforma em sacerdote Mahometano, e por meio de mostras traiçoeiras de amizade projecta a destruição dos portuguezes em Mombaça. Venus com tudo descobre a traição a tempo de prevenil-a. Appella para Jupiter. Suas supplicas a favor da armada portugueza são ouvidas. Mercurio em sonhos avisa Vasco da Gama, e este se escapa do perigo, que lhe estava preparado. Navega para diante para o africano reino de Melinde. Este rei, se bem que mahometano, faz uma hospitaleira recepção aos portuguezes, cuja coragem e gloria nacional excitam sua mais ardente admiração. Aqui o poeta liga o fio d'aquellas narrações, que teem sido erradamente consideradas como episodios dos *Lusiadas*. A pedido do rei de Melinde, Vasco da Gama relata os mais interessantes acontecimentos da historia de Portugal, e fecha sua patriotica narrativa com uma descripção de sua propria viagem até ao periodo de sua chegada a Melinde. Este rei agora torna-se enthusiastico amigo dos portuguezes: e começa aqui a segunda metade do poema. Vasco continua sua viagem com os pilotos, que lhe devem mostrar o mais curto caminho para a India. Baccho, todavia, desce ao fundo do mar, e implora a protecção dos deuses e deusas de Neptuno a coadjuval-o na destruição da armada portugueza, antes que esta chegue á India. Levanta-se uma horrenda procella, e parece prometter o cumprimento do desejo de Neptuno, porém no momento critico Venus outra vez livra seus protegidos, e os portuguezes chegam a salvamento ao reino de Calecut, na costa do Malabar. Vasco da Gama é ao principio muito bem recebido pelo Çamorim, ou principe de Calecut. Esta opportunidade é approveitada por Camões para ajuntar uma especie de supplemento á narrativa poetica dos factos da historia portugueza: pois elle faz Paulo da Gama, irmão do almirante, explicar ao Catual, ou governador indiano de Calecut, as tapeçarias, e pinturas, que estavam a bordo dos navios portuguezes. Finalmente Baccho, que não está ainda cançado de representar o papel de Mussulmano, para prejuizo dos portuguezes, excita uma tal desunião entre Vasco da Gama e o Çamorim de Calecut, que o tratado commercial projectado entre Calecut e Portugal não se realisa, e a frota portugueza

está uma vez mais exposta ao perigo de destruição. Porém o grande objecto da viagem é agora conseguido, e Vasco da Gama levanta ferro, e dirige sua navegação para traz, para a Europa. Durante a viagem para a patria, Venus prepara para os emprehendedores navegantes uma brilhante festa n'uma ilha encantada no grande Oceano, onde as deusas e as nymphas do mar feridas pelas setas de Cupido, se enamoram dos portuguezes, que desembarcam na ilha. O festejo voluptuoso e magico, no qual a deusa Thetis ou Tethis (pois ambos os nomes denotam a mesma divindade), se torna a noiva de Vasco da Gama, proporciona ao poeta a ultima opportunidade de completar sua pintura da nacional gloria portugueza, porque uma nympha profetica relata as mais conspicuas proezas dos commandantes portuguezes na India, e Thetis levando Vasco ao pincaro d'uma alta montanha appresenta-lhe n'um globo magico as posições geographicas dos differentes paizes.

«Todas as objecções, que se podem levantar contra uma composição epica d'esta qualidade são tão obvias, que por um simples esboço do conteudo dos *Lusiadas*, é impossivel comprehender como um poeta, mesmo do mais extraordinario talento, poude formar um todo magestoso e bello n'um plano ao mesmo tempo tão trivial e tão irregular. Porém o plano da composição d'este poema assemelha-se a um palanque, o qual é cercado e encoberto pela bellesa e grandesa do edificio; que serve para encadear as partes n'uma especie singular de união, e com tudo não toma parte em produzir a unidade do effeito. A unidade do effeito, e por conseguinte do poema fica unica e sómente na execução do plano, fóra do qual só um poeta como Camões podia ter creado os *Lusiadas*.

«Porém o historiador da poesia portugueza, que não fôr inclinado a conceder as justas pretenções, que este poema possue da admiração de todos os seculos, deve appresentar a seus leitores uma outra analyse da obra e totalmente differente d'aquella que acabâmos de dar. Um accommodado ensejo se offerece pois de noticiar as bellesas, em que os *Lusiadas* abunda, e as faltas nas quaes não é difficiente.

«As estancias da introducção marcam com sufficiente precisão [1] o tom, que o poema sustenta até seu remate.

As armas e os varões assignalados,
Que da Occidental praia Lusitana
Por mares nunca d'antes navegados
Passaram ainda além da Taprobana
Em perigos, e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana;
E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram.

[1] «Camões indubitavelmente foi influido pela recordação das *Arma virumque cano* de *Virgilio*. Porém na sua primeira estancia o poeta portuguez allude aos heroes da sua terra natal, sem distinguir algum em particular; e assim logo desde o começo os *Lusiadas* diversifica da Eneida. A segunda estancia faz lembrar Ariosto.»

E tambem as memorias gloriosas
D'aquelles reis, que foram dilatando
A Fé, o Imperio; e as terras viciosas
De Africa e de Asia andaram devastando;
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

«Eis o que é annunciado como assumpto das estancias do poeta. Segue-se então uma exclamação, que tem mais de patriotica, que de poetica, combinada com uma dedicatoria panegyrica ao rei D. Sebastião, contendo não menos de deseseis estancias. A narração, que principia na estancia XIX, abre no meio do curso dos accontecimentos, e n'uma linguagem verdadeiramente poetica. O leitor póde agora facilmente perceber que não deve esperar achar nos *Lusiadas* uma obra escripta no espirito e estylo da antiguidade classica. Mostra realmente um certo grau de elocução, que parece correr contrario ao effeito do epico sublime. Mas ha alguma cousa que captiva nas maneiras enthusiasmadas do poeta; seu patriotismo desperta sentimentos sympathicos; nós esperamos achar no seu poema a producção d'um coração, que transborda; somos encantados com a linguagem natural, elegante e nobre da obra; e apenas começa a narração, o ponto poetico de vista parece egualmente ser fixado. O enredo mythologico, concebido por Camões como sendo indespensavelmente necessario á dignidade epica, fórma uma especie peculiar de ornato, para a qual na verdade o leitor está preparado desde o principio do poema.

«A descripção do conselho dos deuses no Olympo, com a qual abre a narração, ainda que algum tanto em desaccordo com o antigo costume, é todavia agradavel, e não falta de dignidade. Aqui o espirito poetico de Camões é patenteado n'algumas comparações pittorescas, nas quaes elle rivalisa até com Homero. Todos estes similes appresentam a impressão dos poderes do poeta d'uma percepção e representação activa. Ellas nem são excessivamente estudadas, nem vulgares, e abundam em verdade e energia poetica. Na decima quarta estancia, Vasco da Gama é mencionado pela primeira vez, e caracterisado em poucas palavras como um homem de soberbo e de altivo coração, a quem a fortuna sempre favorece. Porém occorrem cedo passagens, nas quaes a luz poetica da representação é totalmente extincta. Passagens d'este genero são depois frequentemente repetidas, sua semsaboria prosaica é mais desagradavel, quando comparada com o profundo espirito poetico, que penetra pelas mais bellas partes da composição. A descripção da primeira refrega entre os portuguezes da frota de Gama, e os mouros traidores de Moçambique fornece ao poeta outro ensejo de desenvolver seu talento na comparação pittoresca. Mas é obvio que seu talento deve ter sido formado sobre o modelo de Ariosto antes, que sobre o de Homero. Occorrem com effeito nas suas descripções do tumulto da batalha algumas imitações da exuberancia de Ariosto, as quaes não se harmonisam inteiramente com o estylo dominante dos *Lusiadas*.

«No canto segundo a singularidade do enredo mythologico torna-se ainda mais notavel, quando em Mombaça, na costa de Africa, Baccho toma o disfarce d'um padre christão, e para um altar encantado caminha durante a ceremonia da adoração christã com o fim de enganar os portuguezes. Mas a grotesca applicação do maquinismo n'esta passagem, prepara o espirito para scenas d'um caracter similhante, e assim o effeito comico das partes subsequentes do poema é diminuido pela anticipação. O leitor, que entra no espirito do poeta, torna-se imperceptivelmente acostumado a esta vista da antiga mythologia; e até dentro em pouco se reconcilia com o absurdo de Vasco da Gama offerecer orações como christão á Providencia, e de serem aquellas orações ouvidas por Venus. A descripção de Venus, que uma vez mais intercede a Jupiter pelos portuguezes, parece-se com a descripção de Alcina em Ariosto. Aqui o poeta pela primeira vez patentea sua predilecção pelas pinturas voluptuosas da bellesa. Pode dizer-se que esta encantadora descripção possue um caracter naturalmente classico. O discurso pelo qual o embaixador de Vasco da Gama ganha o rei de Melinde para os interesses dos portuguezes é excellente, e o pomposo encontro do rei com Vasco da Gama a bordo do navio almirante portuguez, é descripto elegante e pittorescamente.

«No principio do canto terceiro uma vida nova é infundida no poema. Porém o intentar um poetico resumo da historia portugueza, de sorte que estivesse em connexão com o todo por qualquer regra de prosaica verisimilhança seria affastar-se do espirito poetico dos *Lusiadas*. Com o fim de emprehender a narração, a qual Vasco da Gama relata ao rei de Melinde, é mister possuir o conhecimento d'aquelles factos, a que se allude, os quaes Camões presume que cada um sabia, mas que com toda a probabilidade não poderiam ter sido conhecidos pelo rei de Melinde. O leitor, que ler esta narrativa sem o necessario conhecimento da historia de Portugal, não poderá appreciar muitas das mais essenciaes bellesas dos *Lusiadas*.

«Tanto quanto Camões pode ser cognominado Homero Portuguez, é merecedor d'um tal cognome pelo epitome poetico, que deu da historia de seu paiz; e este epitome é uma rapida successão de pinturas, as quaes esvoaçam como sombras diante d'aquelles, que não teem conhecimento dos alicerces historicos de sua obra, pois o poeta evidentemente esperava leitores, que tivessem prazer em observar quanta arte era capaz de elevar os successos da vida real á região da invenção epica. Esta parte do poema, que se estende desde o terceiro até o fim do canto quinto, contem passagens, as quaes no ponto da elegancia poetica nada mais deixam para ser desejado; porém mesmo n'este logar Camões tem n'alguns exemplos feito um prosaico alarde de erudição. Antes da narração de Vasco da Gama, o poeta falla de seu proprio caracter, e patrioticamente eleva a nação portugueza acima de qualquer outra. A narrativa de Vasco começa por uma fria enumeração geographica dos differentes estados da Europa, na qual os suecos, dinamarquezes, prussianos, russianos e livonios são tratados por *estranha gente*, tal e qual como um viajante moderno poderia fallar dos Ostiakos e dos Samoides. Hespanha é cognominada cabeça da Europa, e Portugal a corôa d'aquella cabeça. Vista á luz da probabilidade, as invectivas, ás

quaes Vasco da Gama em qualquer ensejo se entrega contra os Mahometanos devem-se julgar offensivas ao rei de Melinde; porém Camões no seu zelo patriotico perdia de vista muitas circumstancias, que deveriam ter despertado a attenção de qualquer outro poeta.

«Entre as mais bellas passagens d'estes tres cantos dos *Lusiadas* podem ser enumerados o tributo á memoria de Egas Moniz, o Regulo Portuguez, o qual todavia, acabou sua carreira mais felizmente do que o consul Romano; a descripção da batalha de Ourique, a qual lançou os alicerces do reino de Portugal; a descripção da visita da rainha Maria de Hespanha a seu pae, o rei de Portugal para implorar protecção para seu marido na sua lucta com os mouros; a relação da tragica sorte de Ignez de Castro, que é a mais celebre de todas as passagens delicadamente bellas nos *Lusiadas*; a descripção da sanguinaria batalha de Aljubarrota, a maior victoria, que os portuguezes jamais ganharam sobre os castelhanos; e algumas outras de egual caracter, que deveriam ainda ser enumeradas. A pintura da batalha de Aljubarrota sobresahe a todas as descripções similhantes, as quaes se encontram nos *Lusiadas*, notavel como este poema é por passagens taes. O valente Nuno Alvares, que por sua eloquencia e pessoal authoridade, não menos que por sua coragem, salvou a existencia politica de Portugal, brilha com tão conspicuo esplendor á frente dos guerreiros portuguezes, que elle com muito maior propriedade do que Vasco da Gama, podia ser denominado o heroe dos *Lusiadas*, fosse esta uma obra, que tivesse de ser julgada conforme as regras usualmente applicadas á poesia epica. Mesmo na pintura d'esta grande batalha, os mais bellos toques são inquestionavelmente copiados da natureza, por quanto o poeta não estava menos no seu logar entre o tumulto da guerra, do que na mais tranquilla região das Musas. Na continuação da narrativa das primeiras descobertas dos portuguezes no Oriente, o interesse particular, que o poeta tomou na allegorica descripção é outra vez desenvolvido de maneira nova. Os dois principaes rios da India, o Indo e o Ganges apparecem ao rei D. Manuel n'um sonho debaixo da personificação de dois velhos. A representação é verdadeiramente excellente.

«Em a narração feita por Vasco da Gama de sua propria viagem as seguintes passagens devem ser sempre distinguidas particularmente; a primeira a descripção dos adeuses da praia aos portuguezes em viagem para a India: a segunda, uma especie de episodio didatico consistindo em reflexões ácerca da vaidade da ambição humana, inteiramente no espirito d'aquella verdadeira poesia, que abraça toda a classe de existencia humana; e em terceiro logar, outra especie de episodio, o qual introduz o gigante Adamastor.

«Na descripção d'esta parte da viagem Camões pela primeira vez toma a liberdade de alliviar a solemne seriedade de sua narração por alguns toques comicos. Fernão Velloso é o gracioso entre os ousados companheiros de Vasco da Gama. Camões tambem uma ou outra vez rompe o poetico tom de toda a descripção com a ostentação de seu pedantismo mythologico e historico, e por suas diligencias para exhibir d'uma maneira poetica cousas que são totalmente prosaicas; como por exemplo, alludindo ao dia da partida da frota, diz:

Entrava n'este tempo o eterno lume
No animal Nemeo truculento,
E o mundo, que c'o tempo se consume
Na sexta edade andava enfermo e lento;
N'ella vê, como tinha por costume,
Cursos do Sol quatorze vezes cento,
Com mais noventa e sete, em que corria,
Quando no mar a armada se estendia.

Canto v, Est. 2.ª

«Estas deformidades algumas vezes são nocivas ás mais bellas partes do poema.

«A parte principal da segunda metade do poema desde o canto VI até o X é offuscada pela primeira metade; e a falta essencial de um interesse crescente, mingua o caracter epico da totalidade. Porém estes ultimos cinco cantos dos *Lusiadas* abundam em pa sagens classicamente bellas; e aquelle genero de unidade, á qual o poeta aspirava, em nenhuma occasião é esquecido.

«A descripção do palacio de Neptuno e as divindades maritimas nas profundidades do oceano é egualmente encantadora e original; ainda que devemos concordar que o retrato de Tritão degenera em grutesco. Com o fim de não omittir nenhuma occasião de entretecer na composição dos *Lusiadas* tudo quanto podesse derramar um lustre poetico sobre o nome portuguez, Camões faz com que Velloso, para entretenimento da tripulação, relate a historia dos cavalleiros portuguezes que, conforme a tradição portugueza, são chamados os Doze d'Inglaterra.

«Na descripção da tempestade que se segue, o poderoso desenho da horrenda borrasca mais uma vez revela o poeta, que tinha pessoalmente passado através eguaes scenas de perigo. O mesmo cunho de verdade é palpavel nas seguintes descripções de objectos indianos, os quaes nenhum grande poeta, á excepção de Camões, tinha esboçado da natureza. O poema não é deslustrado pela longa e energica apostrophe aos poderes europeus, com os quaes principia o canto VII.

«Segundo as vistas que deviam ser tomadas por um christão catholico, Camões foi justificado por exultar a gloria nacional dos portuguezes acima d'aquella das outras nações christãs, debaixo do pretexto que, emquanto os portuguezes por seu valor iam amplificando o dominio da fé catholica, e não tinham por um consideravel periodo intentado guerra contra algum dos estados europeus, aquelles estados estavam lutando uns contra os outros, e mesmo até certo ponto contra a egreja de Roma.

«Para reforçar de algum modo a probabilidade poetica com um facto, Camões introduz no periodo em que começa a correspondencia entre os portuguezes e o principe indiano de Calecut, um moiro chamado Monçaide, cujo destino o tinha conduzido actualmente por terra até á India. Por meio d'este medianeiro que falla hespanhol, e que finalmente se faz christão, os indianos tomam conhecimento do poder das armas hespanholas e portuguezas. Este

meiro é tambem o interprete que no canto VIII ajuda Paulo da Gama a explicar as pinturas historicas e bordaduras ao embaixador indiano.

«Em pontos de merecimento poetico este supplemento ao abstracto da historia de Portugal é muito inferior á narrativa nos cantos III e V; porém Camões não podia achar outros meios de conseguir seu fim; pois repugnava-lhe egualmente passar em claro alguma cousa que elle julgasse pertencer ás suas pinturas da gloria nacional portugueza, ou comprimir muitos dos successos dos tempos anteriores n'uma parte de seu poema.

«Nenhuma d'estas descripções historicas, que occupam um largo espaço no canto VIII formam pinturas acabadas; são meros esboços, e são em geral deficientes em ardor poetico; porém o canto IX indemnisa amplamente esta falta. O magico festejo que Venus prepara para recreiar seus âmados navegadores depois das fadigas por onde passaram, é audazmente concebido, e encantadoramente executado; e n'esta parte da composição a fantasia do poeta se tem revellado em evidente deleite. Camões, como todos os outros poetas portuguezes de seu seculo, em seguida ao amor de sentimentos heroicos e de todo o energico patriotismo, era amigo de descrever luxuriantemente a paixão do amor. Exceptuando o tragico fim de D. Ignez de Castro, e as provas de Nuno Alvares Pereira na batalha de Aljubarrota, o poeta não escreveu nenhuma parte de seu poema com tão decidida predilecção como a visita dos navegantes á ilha encantada, e a nenhuma outra parte da epopeia é concedido tão grande espaço em relação a todo o poema. Toda a descripção dos preparativos para o voluptuoso festejo, e a do proprio festejo, que começa na estancia XVIII do canto IX, e se estende até o X, é cheia de bellesas pittorescas. Sua grande prolixidade todavia deve, mesmo attendendo ao incorrecto plano, seguido por Camões, ser considerado como um defeito na composição. Mas o leitor, como o proprio poeta, cedo se esquece de tudo, menos da seductora pintura, a qual muitas vezes, e deve ser confessado, mal respeita com rigor os limites do decoro, o que todavia não offende nenhum sentimento elevado, e o que não tem sido excedido por algum poeta mais moderno no mesmo estylo. A primeira idéa da ilha dos Amores, na qual Camões faz com que Venus entretenha os navegantes portuguezes, parece tomada de Ariosto, porém a descripção de Ariosto dos jardins magicos de Alcina mal apresenta um alicerce para as scenas e situações nos *Lusiadas*. Não ha todavia muito motivo para duvidar de que Tasso, quando caminhou nas pegadas de Ariosto a fim de descrever a morada de Armida, se aproveitasse da descripção de Camões. No tom de franca simplicidade com que o festejo é annunciado manifesta-se ainda outra vez o caracter do poeta. Descreve-o como simplesmente um refresco para restaurar as forças exhaustas dos navegantes; algum refrigerio para aquellas fadigas que tornam a vida curta ainda mais curta. Venus no seu carro puchado por pombas desce do Monte Ida em procura de Cupido. Encontra-o com uma multidão de amores empregados em forjar setas.

«A lenha usada n'este processo de forjar é allegorica e declara que os corações são humanos por um capricho, e as setas em brasa são esfriadas em lagrimas.

«Cupido e seus pequenos mensageiros encaminham-se a ferir numerosas deusas e nymphas maritimas, de sorte que cada pessoa a bordo da armada de Vasco da Gama ao desembarcar na ilha encantada se achará na situação de um amante feliz. No entanto Venus adorna a ilha com os mais aprasiveis encantos da natureza. Logo que desembarcam não conhecem os navegantes onde estão, porém cedo ficam contentes com a aprasivel realidade sem se importarem da natureza do milagre que os transportou ao céu terrestre. Quando o festejo está a acabar, o poeta pela primeira vez explica o objecto da ficção, asseverando ser uma representação allegorica da felicidade, que é a recompensa da coragem e da virtude.

«Depois d'esta fria maneira de dissolver o encanto, o leitor imparcial sente muito pouco interesse na conclusão do poema. As estancias, nas quaes a nympha prophetica celebra as futuras façanhas dos portuguezes, são fragmentos historicos, cuja ligação deve ser estudada com o fim de formar um justo juizo de seus merecimentos e defeitos poeticos. O supplemento geographico, que é posto na boca de Thetis, é ainda mais frio, apesar da peregrina idéa do globo, que gira no ar, e que engrandece o milagre da leitura geographica. Porém a sympathia do leitor é mais poderosamente despertada pela passagem no fim dos *Lusiadas*, onde Camões falla de si mesmo; cousa de que se tinha abstido desde a precedente parte da obra. Como se aproximava do fim de seu trabalho estava impressionado com a idéa de que nenhuma felicidade terrena o esperava, e agora vê que:

Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outono;
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já me não jacto, nem me abono.
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento, e eterno somno.

«Seu coração a isto exhala o epiphonema do poema, consistindo n'uma apostrophe didactica a seu soberano, cheia de lealdade, mas não menos abundante de honesto zelo pela verdade, justiça e virtude.

«Um poema epico tão poderosamente imbuido com intensidade de sentimento e caracter, como os *Lusiadas*, naturalmente traz á lembrança a *Divina Comedia* de Dante, e a *Messiada* de Klopstock. Porém os *Lusiadas* nos apresenta a outros respeitos mais similhança com a *Messiada*, do que com qualquer outro grande poema, no qual as bellesas compensam numerosos defeitos. Os *Lusiadas* apresenta maior similhança com a obra de Dante. Ambos poemas são epicos, se bem que nenhum d'elles é epopea no rigoroso termo da palavra. Ambos são singulares, mas verdadeiramente poeticos na invenção; e em ambos uma caudal corrente da mais pura poesia é incessantemente interrompida por falsa erudição e varias excrescencias prosaicas. Mas com respeito á invenção a *Divina Comedia* é no seu original plano trivial; e apenas se torna grandiosa pelo poetico enchimento das vastas divisões do inferno, purga-

torio e paraiso. Os *Lusiadas* é mais poetico no seu exterior, mas não tão rico nas suas partes internas.

«Finalmente, os dois poemas são distinctos pela especie de sentimento que predomina em cada um, e por uma total differença de estylo. Dante introduziu toda a variedade do mundo terrestre, do qual elle tinha perfeito commando, para a mystica região da existencia celeste e subterranea, na qual elle como christão collocou a fé; e todo o plano de seu extraordinario poema tem por objecto a piedosa apotheose de sua amada Beatriz. Camões ardia em patriotismo e heroismo: e para evitar o enfraquecimento do caracter patriotico e nacionalmente heroico do seu poema, pela força de interesse religioso, elle preferiu o introduzir na sua ficção terrestre o céu da mythologia, porque sentia que este lhe suggeria as mais bellas pinturas. O estylo de Dante é por toda a parte energico, frequentemente rude, e sempre caracteristico do espirito do extraordinario escriptor que estava sósinho, e que em grande parte creou mesmo a linguagem na qual exprimiu seus pensamentos. Camões, como Ariosto, foi inteiramente o homem de seu seculo e de seu paiz, facto que é sufficientemente comprovado pelo estylo delicado e luxuriante, o qual em parte tomou por emprestimo de Ariosto, e o qual elle sómente cultivou tanto quanto era necessario para a expressão d'uma epopeia seria.»

* * *

«A respeito do maior dos poetas portuguezes, na verdade quasi o unico entre elles, que tem obtido alguma celebridade além dos limites de seu paiz natal, todos os escriptores da escola classica de Sá de Miranda (exceptuado Diogo Bernardes) estão silenciosos, prova sufficiente de que elles não o incluiam no seu partido.

«Mas a voz publica da critica portugueza, combinada com a geral approvação nacional, tem-o ha muito elevado acima d'aquelles que despresavam mencionar seu nome, apesar de estarem sempre promptos para se elogiarem mutuamente. Verdade era ser Camões um pobre aventureiro peregrinando pela India, no periodo em que Ferreira, Andrade, Caminha e outros escriptores contemporaneos estavam introduzindo a moda poetica na brilhante côrte de Lisboa. Porém os poemas que elle produzira anteriormente á sua partida para a India, aproximam-no n'um grau saliente das obras classicas de Sá de Miranda; e por isso é provavel que a influencia d'aquella escola e da mais antiga poesia portugueza possa ter operado n'um egual grau sobre seu genio. Esta connexão de Camões com todas as partes na litteratura polida de seu paiz natal, será collocada no mais claro ponto de vista introduzindo-o depois de Ferreira, e antes dos outros poetas que de mãos dadas com o ultimo proseguiram na carreira aberta de novo.

«Assim o genio de Camões, como o primeiro dos poetas portuguezes póde ser considerado conjunctamente com seus meritos como poeta no espirito do seculo em que viveu.

1219) ROSSEAU (JESUÉ)
E. — *Epitome des histoires Portugaises.* Amsterdam 1714. 4.º

1220) ROUSSEAU (JESUÉ) *Histoire de Portugal et des Algarves, qui contient ce qui s'est passé de plus considérable dans ces deux royaumes par*— Amsterdam 1714.

1221) ROSSI (GIOVANNI GHERARDO DE —) Direttore della Real Accademia delle Belle Arti di Portugallo in Roma.
E. — *Scherzi poetici e Pittorici.* Roma 1794. *A Sua Eccellema il Signor D. Alessandro de Sousa e Holstein, Conte di Sanfré e Motta Isnardi in Piemonte, Commendatore dell' Ordine Militare de Cristo del Consiglio di S. M. Fedelissima, e suo inviato straordinario e ministro plenipotenciario presso la S. Sede. Parma Co' tipi Bodoniam,* 1795 fol. É uma collecção de estampas e de poesias, cujo assumpto é o amor.

1222) ROTA (VICENZC)
E. — *L' Incendio del templo di Santo Antonio di Padova.* Poema em 6 cantos. Roma, 1749. Padua, 1753.

1223) ROTTECK (CHARLES) *Spanien und Portugal etc.*
(Hespanha e Portugal, quadro geographico, statistico, e historico da Peninsula.) Carlshue, 1839. 8.º

1224) ROUGEMONT
E. — *Raphael d'Aguilar ou les maires Portugais. Histoire veritable du dix huitième siècle.* Paris 1810.

1225) ROY
E. — *Illustrations de l'histoire d'Espagne et de Portugal.* Paris, 1843. 12.º

1226) ROZIÈRE (MARQUIS DE LA)
E. — *Relation de la campagne des Prusseens en* 1792. *et de celle de* 1801 *en Portugal.* Ha poucos annos ainda esta obra se conservava inedita.

1227) ROZMITAL (LEÃO DE) viajante do seculo XV, e do qual existe uma das mais antigas viagens que se conhecem a respeito de Portugal, com o seguinte titulo: [1]
E.—*Itineris a Leone de Rozmital nobili Bohemo annis* 1465-1467 *per Germaniam, Angliam, Franciam, Hispaniam, Portugalliam atque Italiam confecti.*

[1] Este Leão de Rozmital era barão de Blatria, senhor de Fryenbergh, e conde de Platen, irmão germano de Joanna, rainha de Bohemia, um dos aulicos do imperador Frederico III de Allemanha, denominado o *Pacifico*, João da Cunha Neves e Carvalho Portugal. Actas da Academia das Sciencias de Lisboa, vol. 3.º, pag. 45.

Stuttgart 1844. É reimpressão de uma obra considerada como uma das maiores raridades bibliographicas.

«A primeira cousa digna de observação no itinerario (diz o escriptor mencionado em a nota da pagina 176) é a serie de passaportes, salvos-conductos ou cartas patentes dos soberanos de cada uma das localidades, de que se acompanhava indéfectivelmente o barão de Rozmital; documentos importantissimos, que comprovam o estado de incommunicabilidade e concentração dos povos e das potencias d'aquella edade. Cada um dos estados, como que se limitava a viver dos seus proprios recursos e da sua intellectualidade local; nem a imprensa apenas nascente, nem o commercio, nem a industria, nem as idéas e necessidades d'essa epocha haviam feito, como no tempo actual, uma especie de mercado universal, uma confraternidade tacita entre todas as nações europeas: e os governos defendiam cuidadosamente os segredos de sua administração e de seus meios, não menos do que as leis e os costumes dos povos repugnavam á communicação e livre transito dos estrangeiros. Para a admissão d'estes, quando de maior consideração, e a fim de os ísentar dos tropeços, tributos e exigencias sem conto, que, como outras tantas barreiras, lhes fechavam o accesso do paiz, de conselho em conselho, de senhorio em senhorio, era necessario uma ordem soberana que derrogava momentaneamente o direito commum nacional, e fazia calar os interesses das localidades. A prerogativa real era então já assás forte para impôr silencio aos restos do predominio feudal, que ainda conservava divididos os reinos em pequenos estados, encravados dentro dos marcos de denominação senhorial. Todos os salvos-conductos lançados no itinerario são documentos curiosissimos, que raras vezes se encontrarão nas historias geraes; interessantes não sómente pela enumeração minuciosa dos artigos de que libertava os viajantes, como pela pompa realenga e aristocratica do estylo.

«Em todo o itinerario se encontra dominante o espirito de cavallaria e o sentimento religioso, estes dois apanagios da antiga aristocracia. Os dois homens de letras, que acompanhavam o principe de Bohemia vinham mais por ostentação do que por instrucção, á excepção de curtas observações sobre algumas producções agrarias do paiz, e ácerca do aspecto e formação d'elle, quasi tudo o mais que fez o objecto de seus reparos e reflexões se resolvia no que respeita áquelles dois principios dominantes. Assim que a côrte do rei e os monumentos sagrados são quasi exclusivamente a materia de seu escripto.

«Apresentarei agora a traducção das passagens mais notaveis relativas ás cousas portuguezas:

«O rio Douro leva uma grande quantidade de agua, de maneira que em Castella não existe rio algum mais caudaloso que este. Divide Castella de Portugal, de sorte que uma das margens pertence áquelle reino e a outra a este. Quem se dirige para este rio encontra serras altissimas que tornam os caminhos maus. Tanto que ali chegamos o passámos, de cada vez dois homens e dois cavallos, por não haver ali barca que podesse conter mais. D'este rio até Frezio (Freixo?) ha distancia de tres milhas: é uma villa com seu castello vasto e elegante, o qual é a primeira fortaleza que se encontra pertencente ao

rei de Portugal para os que vão dos territorios de Castella, situada em logares alcantilados. Em volta d'esta villa e castello estão muitas e bellas vinhas. Freixo dista cinco milhas e meia de Moncorvo (Turrim Montis Corvi).

«Para esta povoação situada em serranias caminha-se por logares asperos e difficeis. Produzem estas serras varias arvores, que nem eu nem algum dos nossos ainda tinhamos visto. Ha seis milhas da Torre do Moncorvo até Abbra (Barca d'Alva?) Esta povoação está situada n'um monte muito alcantilado, de maneira que ninguem lá póde ir a cavallo; ao cume é necessario chegar a pé. Por debaixo d'ella corre o rio chamado Tua. Tambem os caminhos para este povoado são maus e obstruidos. Nos montes visinhos ha uma grande multidão de serpentes, escorpiões e lagartos. São as serpentes curtas, porém grossas, com azas similhantes ás dos morcegos, e as cabeças armadas de ferrões curvos, e costumam voar pelo espaço de dois estadios ou mais. São os escorpiões da grandeza de um mediocre cão de caça, com as costas sarapintadas de varias côres, cousa que nenhum dos nossos ainda tinha visto. Os lagartos não são muito mais pequenos do que um gato, parecidos com este na cabeça e de côr verde. Os que quizerem passar por estes montes teem necessidade de fazer esta jornada na maior força do dia, e terem sempre á mão um contra-veneno, aliás não poderiam passar por causa d'estes reptis venenosos.

«Pois se não se servissem de antidoto contra a mordedura venenosa, morreriam immediatamente, a não ser que cortassem sem a mais pequena demora todo o logar infeccionado por ella. É indispensavel que os viajantes caminhem por estas serras na maior força do sol, como já disse, pelo espaço de dez milhas ou mais, porque a taes horas do dia estão os bichos a descançar escondidos dentro dos penedos e covas. Mas, quando o calor affrouxa, sáem para fóra, e deitam-se nas pedras ou na terra. Teriamos passado com mais prestesa por estes montes, a não ser que occultando-se o sol repentinamente nos vissemos obrigados a metter-nos dentro de nossas barracas com medo dos reptis. Por causa d'estes bichos nenhum gado se póde sustentar nas villas ou povoações situadas por aquelles montes. Pois aquellas serpentes voam muito alto, e arremessam-se de grande altura. Crescem por estes montes arvores taes como se não encontram em nossas terras, algumas d'ellas produzem um certo fructo, que ao partir lança um cheiro muito activo. E tambem ha outras arvores não muito altas, cujas folhas rescendem suavemente. Por estes montes ha tres qualidades de carvalhos; a primeira tem as folhas parecidas com as do cardo; a segunda produz folhas brancas, e pela parte inferior cobertas de uma certa penugem. A terceira, emquanto ás folhas, assimilha-se aos que crescem nas nossas regiões, excepto nas extremidades. Vêem-se tambem por aquellas serras muitas outras arvores e hervas, que se não dão nos outros paizes.

«Passadas estas serras tocamos então pela primeira vez em Portugal. Nas fraldas d'ellas ha uma grande quantidade de arbustos, que produzem uns certos *morangos* (*fraga*) a que se dá o nome de morangos marinhos (medronhos?) No tempo em que ali estivemos, a producção d'elles foi grande. Qualquer pessoa, sem que alguem se opponha, tem permissão de os colher. Estes sitios são

abundantes de amendoeiras, vinho de uvas seccas (*vino passo vel arefacto*), ao que entre nós se dá o nome de vinho grego. E apesar de não terem nenhumas minas de oiro ou prata, são todavia riquissimas em todas as demais cousas, em troca das quaes importam dos paizes estrangeiros abundancia de oiro e de prata.

«De Barca d'Alva a Villa Pouca (*¿Alebra Paucam*) ha sete milhas: esta povoação está situada entre montes. O caminho para ella é pelo meio de grandes serras, onde raras são as arvores, á excepção de castanheiros. De Villa Pouca a Mondim de Basto (? Varco deboule) ha o espaço de seis milhas.

«É uma villa, cujas casas estão distantes umas das outras um estadio.

«O caminho para esta povoação é por montes altissimos e extensissimos, de modo que nenhuns outros, por onde nos foi necessario passar, se podem n'isto comparar com aquelles. Por entre estas montanhas corre um rio, por nome Tamega (Tameca) sobre o qual está lançada uma ponte muito alta. Abaixo d'esta ponte mistura-se com este outro rio sem nome, tendo tambem sua ponte. Navegando pelo espaço de seis milhas contámos sessenta e dois riachos, que vão desaguar n'este rio, tendo aguas purissimas e abundantes de trutas. De Mondim de Basto (Varco debonle) á Povoa de Lanhoso ha seis milhas: esta povoação é dominada por um castello abandonado. Por estes montes observam-se alguns castellos despresados, e tão sómente habitados pelos camponezes que passam sua vida lavrando e semeando em volta d'elles. Por não haver pelo espaço de algumas milhas terras proprias para lavoura, por isso o povo passa por estas serras uma vida apoquentada e mesquinha. Para os que se affastam d'esta povoação, apparece ao lado um templo entre montes, no qual foi sepultado S. Domingos (S. Gonçalo d'Amarante?) e ali vimos seu sagrado corpo.

«A povoação de Lanhoso fica distante d'este templo quatro milhas, por entre a qual corre o rio Ava (Ave?).

«De Lanhoso a Braga são duas milhas. Tanto a cidade como o castello está situado entre montes. Diz-se que o apostolo S. Thiago não estivera distante d'ella trinta milhas grandes.

«N'esta cidade tem sua residencia o arcebispo de Portugal. Em nenhuma outra parte vimos como aqui tantas arvores, que produzem laranjas, limões, romãs, e outras de diversas especies, e até hervas nunca por mim vistas.

«Nas proximidades e nas muralhas d'esta cidade cresce a hera. A villa de Guimarães (*Gimarantium*) assás grande, dista de Braga tres milhas. D'esta cidade para aquella villa caminha-se por uma estrada montanhosa e ingreme, e pelos caminhos nasce por toda a parte a salva (*salva minor*) e o poejo (*pulegium*).

«Em Braga encontrámos o rei de Portugal, que recebeu honrosamente ao sr. Leão de Rozmital, e a toda a sua comitiva, pois trouxera cartas para o rei de uma irmã carnal do mesmo rei, mulher do imperador, escriptas por sua propria mão.

«Conservámo-nos n'esta cidade oito dias. E quando estavamos para sahir d'ella, indo-nos despedir do rei, este conversou com o senhor mui attenciosa

mente. Sei que tu és da mais elevada nobreza, e por isso te rogo que para honra nossa e do nosso reino nos peças alguma cousa que te agrade, e nós havemos de satisfazer aos teus desejos.

«Ouvidas palavras taes, o senhor dava grandes agradecimentos ao rei, e lhe pedia que á vista da honra e da benevolencia com que era tratado, lhe désse dois pretos *(Aethiopes)*. O irmão do rei que se achava presente, ao ouvir um tal pedido, dava gargalhadas e dizia: Amigo, pede cousas mais importantes e decentes do que esses pretos. Mas, como sómente pedes isso, rogo-te que accrescentes a esse um outro presente meu, que é um macaco *(Simiam)*, e assim presenteado excellentemente voltarás para a tua terra. Talvez que no teu paiz não tenhas nem pretos nem macacos. Dizendo o senhor que eram raros: Entre nós, porém, replicou o duque, ha grande abundancia d'essas cousas. Este rei, meu irmão, possue tres cidades na Africa, para a qual região costuma mandar annualmente um exercito, e nenhuma expedição por pequena que seja, volta tão leve, que não traga perto de cem mil pretos ou mais, de toda a edade e sexo. E todos são vendidos á maneira de carneiros. Pois está em costume reunirem-se homens de outros paizes e virem compral-os aqui. Em cuja venda o rei colhe maiores lucros do que em todos os tributos do seu reino, pois o mais pequeno preto é vendido por doze ou treze moedas de oiro *(aureis nummis)*, e sendo de mais edade por muito maior preço. E é costume quando alguem alcança um preto robusto, e proprio para o trabalho, ter o cuidado de mandal-o baptisar, e não o vender ou ceder senão no caso de o dar de presente a algum amigo. Porém, emquanto não estiver doutrinado para o baptismo tem permissão de o vender por aquillo que puder.

«Tendo nós sahido do palacio do rei, este mandou dar ao senhor dois elegantes cavallos, a que chamam ginetes (Janettos), que em ligeiresa e velocidade difficilmente qualquer outro paiz dos christãos os produzirá eguaes, e mandou o presente para a nossa hospedaria, e n'ella pagou todas as nossas despezas

«Partindo de Braga chegámos a Ponte de Lima, que está situada entre serras, e a cinco milhas de distancia d'aquella cidade. Os que se dirigem para esta povoação teem de passar pelo rio Cávado, o qual corre perto de Braga, sendo uma ponte não muito extensa. Porém aquelle rio que passa por Ponte de Lima tem o nome de Lima: este tem tambem uma ponte de cantaria bem extensa. Esta povoação é cercada de uma muralha de pedra, e tem algumas torres de fórma quadrada da mesma pedra. De Ponte de Lima a Valença ha a distancia de cinco milhas. Esta ultima povoação não é muito grande, ergue se sobre um outeiro situado entre montes, e é regada pelo rio Minho.

«Este rio que se vae perder no mar, separa Portugal da Galliza, na qual provincia jaz sepultado S. Thiago. Tanto na ida para S. Thiago, como na volta passámos este rio. O castello e a cidade estão situados na margem opposta que tem o nome de Tuy, pertencentes ao dominio de um certo cavalheiro a quem os que desejam visitar a egreja de S. Thiago são obrigados a pedir um passaporte ou salvo conducto, como lhe chamam. Quem se dirige para Valença tem de passar por um monte altissimo e escabroso, intransitavel para cavallos, e sendo os logares mais elevados muito difficultosos, mesmo para quem vae a pé.

«Por isto fomos obrigados a levar os cavallos por duas milhas rodeiando sempre o monte, por sitios em que o caminho é tão mau e ingreme que peor não póde ser. Em Tuy está sepultado S. Pedro de Sala, que n'outro tempo resplandeceu muito em milagres, e prestou muitos auxilios áquelles que se punham a caminho com o fim de visitarem seu sepulchro.

«De Tuy a Redondella ha a distancia de cinco milhas: esta povoação não é grande: está situada entre montes, e perto do mar. Ao partirmos de Redondella se nos mostrava á direita o reino da Escocia, que jaz perto do mar, situado defronte da Inglaterra. Os escocezes de ha muito fazem sempre guerra aos inglezes. Não tem esta terra rei, mas sim um duque (ducem) ao qual obedece e está sujeita; este tambem nós vimos.

«Junto a Redondella ha um mosteiro dedicado a S. Simão, situado n'um logar cercado pelo mar. Os que se dirigem para Pontevedra, povoação proxima da estrada de S. Thiago, encontram uma ponte não muito extensa, construida de pedra. Entre Redondella e Pontevedra ha tres milhas de distancia. Esta povoação é forte e grande.

«D'este logar até S. Thiago ha dez milhas de distancia. Fomos dez dos nossos a pé para S. Thiago, indo o senhor comnosco, umas vezes a pé, outras a cavallo. Tendo nós encontrado soutos por estes sitios, um pagem (puer) do senhor atirava pedras aos castanheiros, como via praticar aos indigenas; os quaes costumavam atirar longe, e a grande altura taes pedras. Desejando o pagem rivalisar n'isto com elles, atirava-as para diversas partes quando desacautelado feriu, fazendo sangue a um certo homem que, sem nós sabermos, estava por detrás de uma arvore. Este fallava muito irritadamente comnosco por meio de Haroldo, ameaçando-nos com o castigo d'esta acção. Haroldo respondeu-lhe: Meu homem não te impacientes tanto por um tal acontecimento, sabendo tu que este mancebo praticou uma tal cousa ignorando que estavas ali, pois não te via. A estas palavras nos fomos embora. Perto d'este caminho havia uma estalagem para onde os perigrinos se costumavam dirigir com o fim de comerem ou de beberem, pois pelo espaço de cinco milhas não havia castello algum ou povoação.

«Na vinda de S. Thiago, caminhando um dos nossos a pé outros a cavallo, tendo nós chegado a esta estalagem, encontrámos ali perto de cem homens armados de espadas, lanças, balistas e arcos de ferro, que reunidos queriam vingar aquelle que tinha sido ferido pelo pagem, e nos atacaram. Então o nosso Haroldo lhes fallava em lingua gallega, dizendo: Então por causa de vingardes uma tão ligeira ferida quereis matar-nos a todos? Não sabeis vós quem é este senhor, que viaja por estes paizes com o fim de ver os palacios dos principes e senhores, como é proprio de uma pessoa tão distincta? Sabei portanto que se nos matardes, não haveis de ficar impunes como pensaes. Ao ouvirem taes palavras perto de cincoenta d'entre elles se afastaram, e tomavam conselho a respeito d'este negocio, ficando os restantes em volta de nós. Porém o senhor fallando com os seus lhes dizia: Amigos carissimos, bem estaes vendo que elles se reuniram com o fim de nossa perda. Pelo que, se o caso chegar a esse ponto, resistamos-lhes fortemente até nos matarem, visto não haver entre elles

logar para supplicas. Tomae pois o meu exemplo, e segui-me quando eu avançar contra elles, se as circumstancias assim o exigirem. Se formos mortos por elles, conservar-se-ha com tudo o nosso nome, e a immorredoura gloria do valor até ao fim. Aquelles, porém, tendo conferenciado entre si, passando depois a fallar com Haroldo lhe disseram: Participa a esse excellente senhor que nós não queremos fazer alguma violencia ou a elle ou á sua comitiva, que nos esquecemos de tudo quanto aconteceu, e estamos promptos a acompanhal-o até á hospedaria se deseja que o sigamos. D'este modo nos retirámos d'elles sem nos fazerem mal algum.

«De Pontevedra a Padrão ha seis milhas. Esta povoação é banhada por dois rios em diversas partes, um dos quaes por nome Ulla tem uma ponte, e o outro nem ponte nem nome. Este é navegavel desde Padrão até S. Thiago. Tem este logar um castello por nome Rotyaplanta, o qual se diz ter habitado uma rainha pagã no tempo em que na Galliza prégava o Evangelho o apostolo S. Thiago. Esta era crudelissima n'um tal ponto que pela feresa facilmente a conhecerias ser gentia.

«N'esta povoação prégou o apostolo S. Thiago um anno inteiro, porém a ninguem, com excepção de dois homens, poude converter á fé de Christo. No alto da povoação está situado um templo n'um monte em que prégava S. Thiago, e um grande rochedo está junto d'elle, que tem uma gruta de entrada difficil. Chama se este *rochedo de S. Thiago*, porque o santo costumava prégar n'elle e no templo.

«Quem entrar n'esta gruta com espirito religioso alcança o perdão de muitos peccados. N'esta tambem eu estive, Buriano, Konesekio com seu irmão, Petipescense e Mirosio. João Zehroviense ao entrar n'ella ensanguentou-se e ennegreceu-se a ponto de o tirarmos com difficuldade, pois a entrada era muito apertada. O que vendo o senhor, que tambem n'ella queria entrar, cedeu do seu proposito.

«Aos que entrarem n'esta caverna concede o summo pontifice a remissão de muitos peccados. Pois S. Thiago quando prégava, ao atirarem lhe os gentios com pedras, costumava refugiar se dentro d'ella.

«No monte em que prégava está levantado um templo á Virgem Maria. Outr'ora S. Thiago, sendo ferido pelos gentios com varadas e pedradas, muito debilitado pelas pancadas, e abrasado n'uma ardente séde, orava a Deus, dizendo: Meu Deus! Tu bem sabes que eu pacientemente soffro todas estas cousas por tua causa, olha portanto para mim e dá-me humidade com que humedeça minha lingua.

«Apenas proferiu estas palavras, pegando no seu bordão, bateu na terra, e immediatamente d'aquelle logar, em que batera, brotou um ribeiro de agua purissima com a qual se podia mover uma roda de moinho. N'este sitio foi construida uma elegantissima fonte, da qual costumam beber os peregrinos que frequentam estes logares.

«Porém S. Thiago na Galliza, afflicto com muitas contrariedades, não as podendo soffrer por mais tempo, retirou-se para outros paizes, isto é para Jerusalem.

«Ahi prégando a Christo, e esforçando se por levar os judeus á fé christã» sendo preso por Herodes, foi-lhe cortada a cabeça com uma fouce de segador, a qual fouce ainda se vê presa ao altar na egreja de S. Thiago, onde foi sepultado seu sagrado cadaver. Porém seu corpo foi levado occultamente pelos discipulos e lançado n'um barco que estava na praia. Um anjo vindo para estes dirigia a navegação do barco, e immediatamente uma estrella brilhando por cima d'elles, com seu resplendor lhes mostrava o caminho até á villa de Padrão, onde antes tinha prégado, a qual dista quatro milhas do logar em que agora jaz.

«Como tivessem pois subido pelo rio, que se chama Sar, puzeram na praia seu sagrado corpo n'uma certa pedra, a qual nós todos vimos, e em que ainda ha impressos vestigios do seu corpo, e estão de tal fórma, como se hoje tivessem sido feitos.

«Sabendo o summo pontifice que os peregrinos quebravam de todos os lados esta pedra, teve cuidado de a mandar metter na agua, e de que se fizessem degraus do mesmo material, pelos quaes se lhe podesse chegar sem ser vista. Foi ella bem profundamente mettida na agua, porém d'aquelles degraus, correndo pelo meio uma agua purissima, póde ser vista com facilidade. Estavam presentes os ministros da rainha Lupa quando o barco chegou á praia, e indo ter com ella ao castello lhe annunciaram que S. Thiago, o qual tinha por aquelles sitios prégado e seduzido o povo, fôra trazido.

«Depois d'isto os discipulos de Thiago, estando a rainha no castello, lhe pediram que lhes désse bois ou mulas, das quaes se servissem para a conducção do corpo do Santo para o logar que a estrella lhes indicasse.

«Esta rainha, que em deshumanidade e feresa, principalmente contra os christãos, excedia a todos os mortaes, sustentava um dragão cruel e feroz, ao qual lançava os que ella queria que fossem mortos, e immediatamente por elle eram despedaçados. Tinha tambem dois toiros muito ferozes, aos quaes expunha tambem aquelles contra quem maquinava a morte.

«As feras matavam promptamente a quem apanhavam, de maneira que ninguem ousava approximar-se. Por isso mandou que estes discipulos de S. Thiago fossem primeiramente levados para o dragão: Ide ali, disse ella, e tomae cavalgaduras em que o conduzaes. Os discipulos tendo sido levados ao dragão para serem mortos por elle, não só nenhum mal receberam, mas o que é para admirar, foram respeitados pela fera, agachando-se na sua presença, o que causou grande espanto aos circumstantes. Sabendo isto a rainha admirava-se tambem grandemente, porque d'antes todo e qualquer que fosse deitado ao dragão, era no mesmo instante devorado por elle.

«Não tendo pois acontecido o que ella esperava, mandou-os deitar aos touros, dos quaes ninguem ousava approximar-se. Estes ao verem os discipulos ficaram atterrados. Porém os homens, que lhes desejavam mal, de novo foram contar á rainha o que se tinha passado. Esta atterrada e confundida com prodigios taes abraçou a fé de Christo com todos os seus, depois mandou que aquelles touros fossem dados aos discipulos de S. Thiago, que tendo-os acceitado conduziram o sagrado corpo para onde a estrella indo na frente os guiava.

Depois de chegarem áquelle sitio, ficando a estrella immovel, e parando tambem os touros espontaneamente deposeram o corpo n'aquelle local, em que ainda hoje se conserva sepultado. Alli os pagãos, vendo muitos e espantosos milagres obrados por S. Thiago, se convertiam á religião de Christo em nome do santo, e alli fundaram um templo dedicado ao seu nome, que tão famoso se tornou, que até a povoação dominada por aquelle monte, deixando o antigo nome de Compostella, se arreia com o de S. Thiago.

«De Padrão a S Thiago ha quatro milhas de distancia. O caminho por alli é montanhoso, junto do qual, debaixo d'uma tilia de peregrina belleza e altura, borbulha uma fonte, d'onde costumava beber o mesmo santo, quando descançava debaixo d'esta arvore. D'aqui á povoação de S. Thiago ha de distancia uma milha. Debaixo d'esta arvore tambem nós descançamos e bebemos da fonte. E corre fama de que as pessoas que beberem d'esta agua, estão livres durante todo aquelle anno de perigo de febres pela divina protecção do Santo.

«Partimos depois para S. Thiago. Esta povoação jaz entre serras. É grande bastante, e cercada sómente d'um muro. D'uma parte da muralha brota uma grande abundancia de violetas amarellas (*violae luteae*), de modo que são vistas de longe, e da outra cresce pelas muralhas herva, que a cobre como um bosque. Um fosso muito baixo circumda a cidade, e torres quadradas, construcção de antiga data, distantes entre si um pequeno intervallo, coroam por todas as partes os muros.

«Chegámos a S. Thiago n'uma terça feira, a qual precedia a celebre festividade da A sumpção da Virgem Santissima.

«N'esta occasião, estando a cidade tomada, era cercado o templo, em que está sepultado S. Thiago. O arcebispo tinha sido captivo antes [1] com alguns sacerdotes d'esta egreja em numero de vinte. Porém a mãe e um irmão do mesmo, fechadas as portas de dentro do santuario res stiam ao cerco. Tinham porém sido excommungados pelo papa aquelles que cercavam a cidade, e todos quantos cercavam o templo, e tambem todos os padres da Galliza por terem o arcebispo e conegos em prisão. Por este motivo não se celebrava nenhuma missa em toda a provincia, nenhuns meninos eram baptisados, e os corpos dos defuntos jaziam por enterrar, pois toda a provincia seguia o partido do senhor que estava cercando o templo.

«Tendo nós alli chegado, por causa d'aquella guerra e discordia, não podemos entrar na egreja até ao terceiro dia em que alcançamos licença do barão que a cercava. O proprio senhor fallando com este lhe pedia que o não prohibisse, no caso de poder alcançar licença dos que estavam senhores do templo, de ser admittido n'aquelle logar, em que S. Thiago fôra enterrado. Pois que visitando os palacios dos reis e dos principes christãos, e viajando tambem por muitos paizes pagãos, tivera ido áquelle logar como piedoso, ver

[1] Os fidalgos estavam n'este tempo levantados contra Henrique IV, rei de Castella, e tinham posto cerco ao arcebispo, que dentro se defendia. J da Cunha Neves e Carvalho Portugal. Actas da A. R. das Sciencias de Lisboa, vol. III, pag. 52.

aquelle sitio, em que os ossos de S. Thiago tinham sido enterrados. E que elle e seus companheiros todos, havia já muito tempo, que ardiam em desejos de verem com seus proprios olhos aquelle logar. A quem elle deu em resposta: Amigo, intendo e vejo que és um varão excellente e nobre, e principe d'algum outro paiz, pois me chegou fama de ti, antes de chegares á minha presença. Porém pelo que diz respeito ao que pedes, o seres introduzido n'aquelle santuario, sabe que lá serás admittido; porém é duvidoso se te darão licença para sahires. Por quanto estão de posse d'aquelle templo, a mãe, mulher scelerada, e o filho, que lhe não é dissimilhante, os quaes não teem nenhum homem bom ou forte, que faça caso de seu bom nome e fama. Pelo que não te persuado a que vás ter com elle. Então este dispersuadia o senhor por esta causa, por ver que no caso de ser lá introduzido, a mãe e irmão do arcebispo haviam de accusal-o, porque damnadamente e contra o direito, tinha prendido o arcebispo seu senhor, ao qual se tinha sugeitado, e se tinha apoderado da cidade do mesmo e de muitos castellos.

«Tendo porém nós sido introduzidos, primeiramente se nos apresentaram alguns homens militares, que receberam benignamente o senhor e toda sua comitiva. Depois adiantando-se a mãe com seu filho, deu os parabens ao senhor pela sua chegada a salvamento accusando aquelle, que tinha prendido o arcebispo, e aggredido aquelle celebre logar, como se quizesse dar cabo das sagradas reliquias. Depois disse ao senhor: Amigo, sabe que estás excommungado, pois os que conversam com aquelles homens, ou com elles comem ou bebem, são réus do mesmo crime, que aquelles que lhes dão ajuda. E isto era notorio.

«Á vista d'isto fomos levados para uma especie de castello, situado defronte da porta do templo, para o qual costumava correr agua d'um logar superior por meio de tubos; porém então não a tinha por ter sido cortada pelo inimigo. Ahi tendo nós sido obrigados a descalçar-nos, e a pormo-nós de joelhos o legado sahio do templo, trazendo uma cruz preta alçada, com um acompanhamento de padres e estudantes, os quaes pondo-se em frente do templo n'uma tribuna de pedra, que ao pé da porta d'elle tinha sido feita, e para onde se subia por degráos de pedra, cantavam; e estiveram psalmodiando por muito tempo, expiando-nos, e absolvendo-nos do anathema. Depois de absolvidos desceu o legado, e tomando um cinto bateu com elle uma vez primeiramente no senhor, e depois em cada um de nós.

«Em seguida elle mesmo levantou o senhor, e mandou que nos levantassemos, e entrassemos no templo com os pés descalços. Alli os sacerdotes com signaes de respeito mostraram ao senhor e a nós todos quantas reliquias existiam n'aquella egreja. Primeiramente se nos mostrou o sepulchro de S. Thiago no qual foi sepultado, construido no mesmo altar. Junto d'este altar observa-se a fouce, com que foi cortada a cabeça do Santo, presa do altar com uma cadeiasinha de ferro. Em cima d'este sepulchro dizem-se missas diariamente. Os sacerdotes d'este templo são d'aquella ordem, a que chamam conegos, como no templo de S. Wenceslau no castello de Praga. Depois nos foi mostrado o bordão, o qual mettido dentro de outro de chumbo, está suspenso do altar.

Porque os peregrinos o iam cortando aos bocadinhos, a ponto de ter sido todo dilacerado por elles, por isso mandou o summo pontifece mandasse á pressa que fosse coberto de chumbo. D'elle nada mais póde ser visto, do que o ferrão na parte inferior, o qual póde ser tocado com as mãos.

«Depois nos mostraram a cabeça de S. Thiago menor, por cognome Alpheo, um espinho da corôa de Christo, e um pedaço do Santo Lenho. Observamos tambem muitas outras reliquias do Santo, que só patenteam no anno do jubileu.

«Em seguida com os nossos proprios olhos vimos o estandarte de S. Thiago do qual usaram os christãos ao travarem peleja com os gentios. É de côr vermelha, e n'elle está pintada a imagem do Santo, montado n'um cavallo branco e vestido com vestes brancas.

«No cavallo e capacete do cavalleiro se veem pintadas as conchas ou vieiras, que costumavam levar nos chapeus os peregrinos. Porém aquelle estandarte está quasi consummido pelo tempo. Contavam os sacerdotes, que, na primeira vez, em que se travou peleja com este estandarte, sómente treze mil christãos, os quaes se tinham convertido á religião christã depois da morte de S. Thiago, com o auxilio divino e com o de S. Thiago, tinham derrotado cem mil gentios, que foram postos em fugida. E que n'este combate apparecera S. Thiago vestido de roupas brancas, montado n'um cavallo branco, como estava representado n'aquelle estandarte, e que tivera isto acontecido depois da morte de S. Thiago.

«Foi-nos depois mostrada a cadeia, com que o Santo foi preso. Está esta presa a uma columna, que se encontra indo para o côro de pedra. É aquelle templo vasto, porém em geral escuro e triste no interior, circumdado de oito torres, quatro de fórma quadrada, e quatro redondas. Uma d'estas acha-se levantada no angulo, não longe da entrada do templo, junto da referida tribuna de pedra elevada.

«Fóra da cidade vê-se um templo situado sobre um outeiro, dedicado a S. Domingos. Ha tambem outra egreja fóra da cidade, contigua ás mesmas muralhas, na qual os peregrinos ou as pessoas necessitadas, se por acaso alli morrem, são enterrados.

«De S. Thiago até Estrella obscura (Stellam obscuram) ha de distancia quatorze milhas, porém pequenas, as quaes podem ser andadas n'um dia.

«Porém aquelle logar é chamado de outra maneira pelos indigenas, isto é, Finis terrae.

«Os que se dirigem para aquelle logar, observam quasi no meio do caminho um navio com remos e amarras, e os demais apparelhos nauticos.

«Dizem que n'aquelle navio embarcára Deus com sua mãe, e desembarcando d'elle, subiram áquelle monte, e alli fundaram um templo á Virgem Maria, o qual ainda existe.

«Por baixo d'este templo fica uma aldeia grande, chamada Finisterra, pois além d'ella nada mais ha, do que agua e mar, cujos limites ninguem conhece senão o proprio Deus.

«Está, porém, escripto nos annaes d'elles: que um dos reis de Portugal man-

dára construir navios, e os enchera de todas as cousas necessarias, e pozera em cada navio doze escreventes, provendo-os de viveres para quatro annos, para que d'aquelle logar navegassem pelo espaço de quatro annos atè o mais longe possivel, e lhes mandou escrever o que vissem, os paizes desertos a que chegassem, e finalmente os contratempos que no mar experimentassem. Estes portanto, segundo nos foi contado, tendo sulcado o mar pelo espaço de dois annos completos, chegaram a umas certas trevas, das quaes sahindo, passado o espaço de duas semanas, aportaram a uma ilha. Alli, chegados os navios á praia, tendo desembarcado, encontraram debaixo da terra casas construidas, abundantes de ouro e prata, das quaes com tudo não se atreveram a tirar nada. Por cima d'estas casas havia hortas e vinhas. (Tambem isto se vê na França.)

«Sahindo d'ellas, [1] demoraram se na ilha perto de tres horas, consultando entre si o que deviam fazer? Se deviam levar alguma cousa, ou não? Um d'elles disse: Minha opinião é que não tiremos d'aqui nada, pois é incerto o, que disso pode resultar. Tendo pois tornado a embarcar, depois de terem outra vez navegado por bastante tempo, viram ao longe o mar erguer-se em grandes escarceus, como montanhas, as quaes pareciam chegar até ás nuvens pelo que grande pavor se apoderou de todos, como se tivesse chegado o ultimo dia do juizo. Por isso todos tres navios pararam, e consultando uns com os outros, diziam os embarcados: Já vemos até onde chegamos, o poder divino se nos manifestou: tomemos por isso conselho sobre o que é melhor fazer, se penetrar n'aquelle rugido das ondas, ou retroceder? Então alguns d'aquelles disseram: Como seria avaliada esta nossa retirada? Que cousas, e que prodigios contaremos a nosso rei, que nos enviou para explorar? Examinemos antes que rugido seja esse das ondas. Mandaram por consequencia que dois navios o fossem explorar, e que o terceiro permanecesse no logar em que estavam, dizendo: «Vamos nós observar aquellas ondas; vós permanecei aqui; se ao quarto ou quinto dia não tivermos vindo ter comvosco, tende por certo que morremos.» Ao dizerem estas palavras dirigiram-se para aquellas ondas com os dois navios. Porém os homens da terceira embarcação, tendo esperado pela vinda dos outros até o dia decimo sexto, ignorando o que lhes teria acontecido, voltaram com grande susto no fim de dois annos para Lisboa, que é a cidade capital, e a mais sumptuosa do reino de Portugal. Tendo entrado no porto sahiram-lhe ao encontro os moradores d'ella, perguntando-lhes quem eram, e de que paiz vinham?

«Respondiam elles serem os que o rei tinha enviado para explorarem os confins dos mares, e para escreverem os prodigios que lá tivessem observado. Então alguns diziam: Caros amigos, tambem nós estavamos presentes, quan-

[1] «Entre as narrações curiosas, que circulavam no seculo decimo quinto, relativas aos mysterios encerrados na extensão do Oceano, ha um que foi alterado frequentemente e o qual uma politica ciosa gostava de repetir aos estrangeiros desde a mesma época, em que os navios de Portugal sulcavam os mares africanos. Esta legenda tão curiosa foi contada no seculo XV a um viajante allemão, Rozmital, irmão da rainha Joanna de Bohemia, que nol-a conservou na sua ingenuidade primitiva.» Ferdinand Dinis, *Le Portugal*, pag. 80.

do o rei mandou aquelles navios, porém não enviou para ali homens da mesma fórma de corpo que vós, porque, apesar de serdes rapazes de vinte e seis annos, estaes todos brancos.

«Era isto um grande milagre de Deus, porque estes tinham parentes na cidade e nos arrabaldes d'ella, e comtudo não eram reconhecidos por nenhum d'elles, pois estavam tão alvos que pareciam arvores cobertas de neve no tempo do inverno.

«Sendo taes cousas participadas ao rei de Portugal, admirava-se muito este de haverem elles envelhecido tão depressa, não tendo andado por mar mais que dois annos, e dizia: Tudo na verdade dizem provavel e verosimil, tanto a respeito de terem sido enviados, como ácerca de tudo mais; porém póde ser que tendo encontrado os navios matassem os nossos: sejam pois interrogados a respeito das ordens que de nós receberam, pois lhes mandámos que depois de levantarem ancora de Stella Obscura, a quaesquer ilhas ou desertos que chegassem, ou quaesquer perigos pelos quaes passassem no mar, tudo isso escrevessem e annotassem, e para tal fim lhes demos trinta e seis escreventes, doze para cada navio.

«Sendo chamados á presença do rei, este lhes diz então: Caros amigos, por que se dá o caso que tendo nós enviado tres navios, apenas um voltou? Responderam elles: Clementissimo rei, tudo relataremos com verdade á tua magestade[1]. Tendo recebido doze escreventes para cada navio com o fim de escreverem tudo quanto vissemos no mar, e tendo levantado ferro sulcámos os mares por quinze mezes inteiros, dentro do qual tempo, como julgâmos, passámos seis mil leguas, pois não fomos retardados por embaraço ou impedimento algum, e tivemos ventos os mais prosperos. Em seguida, pouco mais ou menos seis mezes depois de nossa sahida, chegámos a sitios do mar tenebrosos e obscuros, passados os quaes, no espaço de duas semanas, chegámos a uma certa ilha, que tinha de largura e comprimento tres milhas. N'ella desembarcámos e a fomos visitar por tres horas. Ali achámos casas elegantes debaixo da terra riquissimas em oiro e prata, mas sem habitadores, das quaes nada trouxemos. Ao vermos aquillo, reunimo-nos e dissemos: Já encontrámos grandes e inauditas riquezas; porém se d'ellas tirarmos alguma cousa, ignoramos o que depois nos acontecerá. Então alguns dos nossos diziam: O nosso voto é que d'aqui nada tiremos, porém a toda a pressa nos embarquemos, para assim evitarmos algum perigo. E tendo-nos embarcado, nos afastámos d'aquella ilha, sem experimentarmos adversidade alguma[2].

[1] N'aquelle tempo os reis de Portugal não tinham o tratamento de magestade.

[2] «Através d'esta tradição e suas circumstancias, quem não vê aquelle maravilhoso e phantastico das imaginações que precederam ou acompanharam nossos primeiros descobrimentos maritimos! Quem não percebe por entre a composição concertada d'esta narração aquellas mesmas desculpas dos primeiros navegantes do infante D. Henrique, de que nos deixou interessante memoria, Azurara na Chronica de Guiné, quando recuavam ao aspecto do mar tenebroso, do fervedouro das aguas, das ondas e escarcéus erguidos nos baixos e restingas do Cabo Bojador.» João da Cunha Neves e Portugal. *Actas da Academia*, vol. 3, pag. 56.

«Sahindo nós d'ali, e sulcando o mar por longo tempo, chegámos ás mesmas trevas. Tendo ali parado, consultavamos se deviamos entrar n'ellas ou retroceder; alguns diziam que se não devia tornar para traz, pois não era para isso que tinhamos sido enviados pelo rei, mas sim para observar até onde era permittido ir, e o que encontravamos. Foi portanto resolvido animosamente introduzirmo-nos n'aquellas trevas. Entrando pois n'ellas ali navegámos por algum tempo até que chegámos a mar patente e claro. Como o tivessemos achado, vimos d'ahi a algumas milhas erguerem-se enormes vagas, cujos pincaros pareciam tocar o ceu, e ellas retumbavam com tão grande fragor e mugido, que nós todos consternados com grande pavor julgavamos estar chegado o ultimo dia. Então nós aconselhámos uns com os outros, se nos haviamos de introduzir n'aquellas ondas, ou se seria melhor voltar para traz? Tendo-nos interrogado reciprocamente a este respeito, os que estavam nos outros dois navios nos disseram: Vós conservae-vos aqui com o terceiro navio, e nós nos approximaremos para de mais perto observarmos o que seja aquillo; esperae até ao dia quarto, se até então não tivermos voltado, tende por certo que morremos. Nós, porém, tendo por elles esperado n'aquelle logar por dezeseis dias, como não tornassem, com medo não ousámos navegar mais além, mas nos fizemos de véla para traz, para Lisboa d'onde tinhamos ido. D'esta fórma, e não d'outra, foram por elles referidas estas cousas ao rei de Portugal, como aqui são narradas.

«De Finisterra, que se chama Estella obscura, voltámos pelo mesmo caminho outra vez para Braga, onde anteriormente tinhamos encontrado o rei de Portugal.

«De Braga a Guimarães ha tres milhas. Esta villa estanceia em montes, tendo duas fortalezas, sujeitas ao dominio d'um certo conde que era muito rico, e é considerado como um dos primeiros entre os fidalgos de Portugal [1]. Este tratou honrosamente ao senhor e a sua comitiva.

Salvo conducto

«A todos os reis, e a cada um de per si, principes tanto espirituaes como

[1] «Era o infante D. Fernando, filho de el-rei D. Duarte, irmão de el-rei D Affonso V, e por este lado senhor de uma principal parte da grande casa de Nuno Alvares Pereira, por via de sua mãe, filha d'este. De mais ficara elle com tudo quanto possuia o infante D. Henrique, que o adoptou por filho e deixou seu herdeiro; isto além das grandes doações que lhe fez el rei seu irmão. Era duque de Vizeu e de Beja, senhor da Covilhã e da praça de Moura, mestre das ordens de Christo e de S. Thiago, condestavel do reino, general commandante da cavallaria, fronteiro-mór no Alemtejo e Algarve. Era emfim o principe mais rico talvez que apresenta a historia nacional.

«Da casa de Bragança escusado fica mencionar a opulencia. O primeiro duque D. Affonso, filho natural de el-rei D João I, havia fallecido poucos annos antes em Chaves no anno de 1461. Seu successor, vivo no tempo em que viajava em Portugal o barão de Rozmital, era Fernando I, já velho na epocha da viagem. Era então seu filho primogenito e herdeiro D. Fernando, depois duque 2.º, conde 1.º de Guimarães, que ali recebeu o barão. Foi este ultimo que lhe deu o salvo conducto.» *Actas da Academia*, pag. 61.

seculares, duques, marquezes, condes, barões, fidalgos, nobres, militares, clientes, reitores, auctoridades, vigarios, officiaes, juizes e universidades das communidades, cidades, villas, e tambem a todos os outros, aos quaes forem presentes estas letras, eu o conde Fernando, primogenito do meu senhor, o duque de Bragança, etc.

«Serenissimos, illustres, preclaros, magnificos, generosos, nobres e famosos senhores, e amigos clarissimos, e todos os outros sinceramente amados.

«Visto que o nobre Leão de Rozmital e de Blatria, por mim muito amado, com o fim de maior experiencia, e para que dos costumes dos diversos reinos possa alcançar para si melhor fructo de vida e conhecimentos militares, determina dirigir-se a alguns logares do rei meu senhor e a diversos outros reinos: eu approvando muito esta sua resolução militar, e desejando que o referido Leão gose de plena segurança no decurso de sua viagem, vos recommendo o mesmo com sincero affecto, pedindo affectuosamente a vossas serenidades, e a cada um de vós, vossas amisades; ordenando porém rigorosamente a meus subditos, que quando se der o caso de ir para vós o mesmo Leão, para as vossas terras e logares, na sua passagem, por meu respeito, o recebaes, e tracteis favoravelmente, e n'aquellas cousas que tocam á segurança de sua viagem lhe queiraes mostrar e pôr em pratica uma vontade propicia e gratuita, e façaes com que o mesmo passe com sua familia, cavallos, bagagens e todas suas cousas por quaesquer passos, portos, pontes, terras, arraiaes, povoações, dominios, districtos, castellos, villas, cidades, e quaesquer outros logares da vossa jurisdicção, tanto por terra como por mar, sem pagamento de portagens ou encargo de qualquer outra paga, removidos quaesquer impedimentos ou incommodos, e lhe permittaes que permaneça, se demore ou volte em segurança e livremente, e façaes que lhe seja permittido, e providencieis a respeito de salvo conducto para elle, familia, cavalgaduras, e objectos seus, emquanto e onde necessario fôr, e de parte dos mesmos acima mencionados quando vol-os pedirem e requererem.

«No que nos mostrareis uma agradavel complacencia, a qual vos ha de ser retribuida e a qualquer dos vossos, offerecendo-se logar e occasião, e ha de merecer sempre as nossas boas vontades. Dada em nossa villa, 1466.»

Seguem-se varios outros salvo conductos.

* * *

«A principal cidade de Portugal é Lisboa. Em volta d'ella, dentro de cinco milhas, o irmão do rei recebe um grande tributo em vinho, o qual de boa qualidade e limpo de fezes lhe costuma ser pago em dia de S. João Baptista. Não se lhe pagando em vinho, paga-se lhe n'uma grande somma de dinheiro.

«O Porto dista de Guimarães oito milhas. O bispo ali tem seu palacio construido n'um logar alto; a cidade jaz entre montes e proxima do mar, e por este é cercada por um lado por onde passámos. Em nenhuma outra cidade situada perto do mar vimos maior numero de navios do que n'esta. Pois para aqui são transportadas por mar muitas mercadorias de outros paizes.

«N'esta cidade ha muitos gentios que são vendidos pelos christãos. Pois to-

dos os annos muitos milhares de captivos d'estes são trazidos, vendidos e comprados. Estes nunca mais voltam para as suas terras patrias, a não ser que alguem para ali os venda. Os que forem baptisados não são vendidos pelos seus senhores, excepto quando por estes forem dados de presente aos amigos, aliás são por elles conservados até o fim da vida. Qualquer d'estes póde ser conhecido pela barba pintada a côres, e que nunca póde ser lavada.

«Porém outros gentios que costumam ser trazidos da Barbaria, teem os corpos pintados, e d'estes e dos outros ha uma grande chusma em Portugal. Por quanto o rei d'este paiz com um grande exercito, tendo invadido aquella região, trouxe d'ali muitos milhares de mulheres e meninos, o que tinha por costume fazer annualmente; e as mulheres e meninos que d'ali trazia, os distribuiu pelas cidades, pelos seus cidadãos, que são obrigados a sustental-os á sua custa. A estes crescidos os questores reaes *(quaestores regii)* vendem para serem escravos, dos quaes recebem muitos mil aureos que entram no thesouro. E são obrigados a sustentar até edade adulta quaesquer filhos que os escravos tiverem, e estes por fim tambem são vendidos.

«Do Porto chegámos á Arrifana (Rifanam) por um caminho de quinze milhas. Esta povoação jaz entre serras, não distante do mar (rio?). D'aquella cidade até esta villa sempre o caminho vae perto do mar (rio?), que nos ficava á direita. E por esta parte não ha rei algum ou principe christão: mas habitam sarracenos que são de duas especies — negros e brancos [1].

«Agueda *(Aquada)* dista de Arrifana seis milhas, que tambem é uma aldeia lavada pelo rio Agueda que tem o nome da aldeia.

«De Agueda ao Sardão *(Anneladum)* correm quatro milhas; tambem é uma aldeia situada entre montes, pequena, e constando apenas de quatro choupanas. Do Sardão a Coimbra a distancia é de tres milhas. Esta cidade e castello é regado pelo rio Mondego (Monda), que lhe passa pelo meio, e se atravessa por uma ponte não muito comprida; está situada entre montes na encosta de um outeiro.

«Não é grande, porém elegante e fortificada. Abaixo da cidade, ao correr do rio, os campos são amenissimos. O caminho para esta cidade é por entre montes que produzem erva doce (*anisum*). E não longe d'ali se enxergam outros montes que produzem oliveiras, no meio das quaes ha vinhedos e outras arvores de diversos generos.

«Junto d'esta cidade, da outra banda do rio, ha um elegantissimo mosteiro. Tambem ali se vêem muitas arvores e hortas deliciosas. Não entrámos n'esta cidade, porque a esse tempo a atmosphera estava n'aquelle sitio empestada; mas passámos por perto e pernoitámos n'uma aldeia distante da cidade quatro milhas, por nome Rabaçal *(Rabazala)*, a qual está situada entre montanhas, e onde apenas se vêem quatro choupanas.

[1] «É a mais grauda inepcia que se nos depara no livro do secretario depois da dos alacraus parecidos com cães de caça. Queria o bom do letrado encontrar na Arrifana um rei ou principe christão! Como imaginou elle um retalho mourisco encravado no centro do paiz christão que ia percorrendo!» Sr. Camillo Castello-Branco, *Cousas leves e pesadas*, pag. 83.

«Do Rabaçal a Alvaiazer (*Alvaiazerum*) ha a distancia de quatro milhas; este logar jaz entre montes.

«D'ali a Thomar (*Tomaram*) ha o caminho de quatro milhas: não tem maravilhas esta povoação; é porém extensa, e jaz entre serras banhada por um ribeiro sem nome, superior ao qual fica um forte castello.

«N'esta villa vimos como os padres celebram sua primeira missa. Dita esta n'esse dia e nos seguintes percorrem a povoação com flautas, e n'ella tudo retumba com as danças e cantigas dos homens, mulheres e padres, entoando o côro o novo celebrante.

«Ha tambem ali esta costumeira: morrendo algum levam para a egreja vinho, carne, pão e outras comidas; os parentes do morto acompanham o funeral, vestidos de roupas brancas proprias dos enterros, com capuzes á maneira de monges, com o qual vestuario se vestem de um modo admiravel. Aquelles, porém, que são assalariados para carpirem o defuncto, vão vestidos com roupa preta, e fazem um pranto como os d'aquelles que entre nós pulam de contentes, ou estão alegres por terem bebido.

«De Thomar a Constancia (*Punhetum*) ha tres milhas: a aldeia está situada entre montanhas, tendo no alto um castello que se acha deserto. Esta aldeia é regada por dois rios em diversos sitios, que se convertem n'um só abaixo d'ella. O que vae desaguar no outro chama-se Dura, e tem a sua nascente em Portugal. O outro, que recebe o Dura, chama-se Tejo. Este, nascendo em Castella, e tendo o seu curso por Portugal, lança-se no mar perto de Lisboa.

«De Constança a Montragilum (Montargil) ha sete milhas: esta povoação está situada n'um logar entre montes, e o caminho para ella é por despovoados e olivaes. Pelo espaço de sete milhas que ha entre Constança e Montargil não existe logar algum.

«Em volta d'esta povoação ha muito grande abundancia de lebres e coelhos, de maneira que não parece crivel, a quem não vir, a grande quantidade que trazem para a aldeia. Era-nos contado como verdade, que d'uma só vez podiam ser apanhados e trazidos duzentos ou tresentos, e isto todas as vezes que houvesse vontade de se fazer.

«Teem permissão de caçarem não sómente os habitantes d'esta aldeia, mas tambem os dos logares vizinhos, pois estes animaes por toda a parte apparecem em grande abundancia.

«Real (Realum) dista sete milhas de Montargil; é um castello situado n'um monte. Para elle o caminho é mau por entre charnecas.

«Evora está separada de Real por tres milhas. É aquella uma das principaes cidades de Portugal, na qual encontrámos o rei com sua côrte. Esta cidade não tem castello algum, e apenas um palacio episcopal e outro ducal, que é do irmão do rei. O palacio fica proximo do templo, ao qual estão contiguos um portico elegantemente construido de pedra, e uma horta amena adornada de varias ervas e arvores. A propria cidade está situada n'uma planicie, havendo em volta frequentes vinhedos que produzem vinhos muito fortes e asperos, que se não podem beber sem lhes deitarem agua. N'esta cidade ha muitos sarracenos e perto de tres mil ethiopes, e mulheres ethiopes da Bar-

baria. E tambem será util accrescentar, o que é verdade, que n'estes sitios amadurece e colhem o trigo tres mezes depois de o terem semeado.

«Não será fóra de proposito lembrar n'este logar quaes são as cidades da Africa em que o rei domina: uma d'ellas chama-se Alcacer, ha oito annos que a tomou o rei que então governava. A outra cidade occupou o avô do mesmo quarenta annos antes.

«Em casa do rei de Portugal vi uns animaes que exhalam um cheiro agradavel, e aos quaes dão o nome de gatos de alcalia.»

* * *

Será agora o sr. Camillo Castello Branco quem vae terminar este artigo já assás extenso:

«Era rei de Bohemia em 1465 George de Podiebrad.

«Affecto ás doutrinas hereticas de João Hus, martyrisado em 1415, o monarcha attrahira a solemne excommunhão de Paulo II, que prégou contra a Bohemia cruzada de exterminio [1]. Mathias Curvinus, rei de Hungria, enteado de George, conspirou contra o padrasto, induzido pela promessa da coroa que o pontifice lhe fizera. George reagiu contra os raios do Vaticano, e pediu auxilio aos monarchas queixosos de Roma. Esta diligencia diplomatica foi commettida a Leão de Rozmital, seu cunhado. N'aquella epocha ainda as côrtes se não mutuavam ministros representantes com aposentadoria permanente. Leo, barão de Rozmital, sahiu de Praga a visitar as principaes côrtes da Europa em 1465.

«Dois homens letrados entravam no prestito do illustre viajante: um bohemio e outro allemão. Cada qual escreveu em sua lingua uma narrativa da viagem.

«A do primeiro vertida para latim, e a do segundo na lingua em que fôra originariamente escripta, foram reimpressas em 1844.

«O viajante praticava heroismo inaudito abalançando-se aos perigos de excursão tão demorada. A rainha da Bohemia, na carta em que o recommenda aos monarchas, espanta-se da temeridade de seu irmão, geme na incerteza da volta, e pede a Deus que o proteja. D'esta carta de chancella não transpirava o pensamento politico da embaixada: infere-se d'ahi quão secreta ella era, que nem os letrados addidos ao embaixador a mencionaram nos seus roteiros quasi sempre prolixos em bagatellas, e omissos nos factos de algum valor.

«Compunha-se o sequito de quarenta pessoas, cincoenta e dois cavallos e um carrão. Os homens fizeram em Tilsen confissão geral, e deram ás familias um adeus lagrimoso até ao dia de juizo.

«O alvo apparente da embaixada era participar do exercicio da cavallaria andante, colher informações dos costumes de varias côrtes, e adorar em peregrinação as santas reliquias, obsequiando os santos mais distinctos no culto dos differentes paizes. Vê-se que a hypocrisia das embaixadas d'aquelles tempos condizia com a velhacaria das negociações diplomaticas dos nossos. Roz-

[1] Sr. Camillo Castello Branco.—*Cousas leves e pesadas*, pag. 65.

mital devia ser hereje como seu cunhado, cujos interesses advogava e solicitava diante de monarchas affectos a Roma e simulados como o de Bohemia.

«Rozmital no trajecto do imperio austriaco, retalhado então em pequenos principados ia rompendo lanças em justas e torneios, e praticando gentilezas que as formosas damas remuneravam um pouco mais que cordealmente, se os secretarios não mentem. Em Francfort o proprio arcebispo assistiu ás justas e consentiu que um seu camarista travasse uma lança com um dos bohemios. Á noite as hospitaleiras damas aquartelavam os gentis cavalleiros, e nunca os addidos de uma embaixada experimentaram tão deliciosa ganancia da diplomacia. O bispo distribuira pela comitiva reliquias, quasi todas tiradas do espolio das onze mil virgens ahi martyrisadas, sendo muito para presumir-se que a devoção com que receberam as reliquias das onze mil virgens mortas, não santificasse o espirito dos bohemios a favor das virgens existentes.

«Em Aix-la-Chapelle viu o embaixador um cinto authentico de Nossa Senhora, posto que na cidade de Prato na Italia existisse outro mais authentico e outro em Tortosa tambem authentico, visto que os papas os declararam authenticos todos tres.

«N'um mosteiro de freiras tiveram os bohemios um almoço dançante, em que houve profusão de vinhos do Rheno, e danças nas arcadas do claustro executadas pelas noviças e peregrinos. Diz o historiador que nunca viu olhos mais travessos, nem pés mais lindos que os das hospedeiras monjas.

«Em Gueldre, onde estancearam depois, acharam cousa para grande espanto: era a quantidade enorme de vinho que os cavalleiros da terra bebiam. Surprehendeu-os tambem o primeiro moinho de vento que toparam, e mais haveria ahi que os surprehendesse, se não fosse a presteza com que se evadiam aos bandos hostis que se dilaceravam; uns porque eram os sequazes do duque Adolpho, outros porque tentavam arrancar da masmorra o pae do duque preso á ordem do filho.

«D'ahi passaram a Bruxellas. A côrte de Philippe o Bom era por esses tempos a mais luxuosa da Europa. O primeiro presente que o monarcha enviou ao illustre peregrino, foi uma profusa dadiva de vinhos brancos e tintos em grandes taças de oiro. Tres semanas de festa e torneios celebraram a chegada do embaixador bohemio, que ao oitavo dia foi honrado na côrte com um banquete *incrivel e superabundante*, diz o secretario allemão. Terminado o festim houve luta de patinadores sobre o gelo; e tal era a segurança de alguns, que os bohemios suspeitavam que entrava n'aquillo cousa de bruxedo. Mais os maravilhou ainda o thesouro do principe. Foi exame de tres dias, e é fabuloso o valor por que o fazem orçar os historiadores. O monarcha pediu a Leo de Rozmital acceitasse o que mais lhe agradasse do thesouro. «Deus me livre de acceitar cousa alguma, disse o barão. Querendo Deus hei de grangear oiro e prata; a gloria, porém, essa é immortal, e segue-me á sepultura.

«Não sahiram os peregrinos de Bruxellas sem deixarem illustre renome de proezas cavalheirosas. Um esforçado paladino do rei foi tres vezes a terra embatido pela lança de um bohemio. Não aconteceu o mesmo ao historiador, que atordoado por uma pancada, se não viu as estrellas, confessa elle que vira o

demonio. D'ahi sahiram finalmente com um interprete que fallava dezesete linguas.

«Levados a Sandwich por uma tempestade, encheu-os de assombro a frota ingleza que estanceava n'aquelle porto, composta de naus, galeões e galeras, com duzentos remadores e numerosos botes. Notaram elles a singularidade de andarem musicos de noite tocando violões e cornetas, para annunciarem a direcção do vento e avisarem a opportunidade de se fazerem á véla as embarcações. Chegados a Cantonberg gastaram o seu tempo adorando o relicario do mosteiro dos Agostinhos, e uma imagem da Senhora, que conversava regularmente com a mumia de S. Thomás Beckett, palestras que muita gente tinha presenciado, posto que os peregrinos bohemios não tivessem tal honra. Limitaram-se a beber d'uma fonte que se transforma em sangue e ás vezes em leite; quando porém elles beberam era meramente agua fresca.

«Eil-os em Londres quando reinava Eduardo IV.

«Seria preciso, diz o secretario, dois escriptores e duas semanas de trabalho para descrever as reliquias que vimos em Londres. Lá se lhes deparou outro cinto authentico de Nossa Senhora; uma tibia de S. George; um crucifixo de pau, que conversava com seus devotos, e uma das seis taças que serviram ás bodas de Caná.

«Foram os bohemios convidados a acompanhar a rainha ao templo processionalmente. Na vanguarda ia um regimento de padres com as reliquias expostas; seguiram-se os coros de cantores com cirios em punho; depois quarenta e dois cantores do rei acompanhados a trombetas e violas; uma fileira de formosas damas de Londres e circumvizinhanças; vinte e quatro arautos e reis d'armas; sessenta condes e cavalleiros; a guarda da rainha, que marchava sob um docel hasteado por duas duquezas, e no couce da procissão sessenta donas do paço.

«Recolhida a procissão houve lauto jantar, em que o embaixador bohemio teve assento ao pé de Eduardo IV. D'ahi passaram ao soberbo salão, onde devia jantar a rainha. Serviam-na de pé a mãe e irmãs do rei, ajoelhavam quando Isabel fallava, e só podiam assentar-se depois da primeira coberta. Serviam-na d'ahi em diante as condessas de joelhos. Todas estas ceremonias eram feitas com profundo silencio, que durava tres horas.

«Seguiu-se um baile, aberto pelas irmãs do rei e pelas duquezas com um minuete.

«Regalados com toda a casta de honraria, muitos dos bohemios foram armados cavalleiros pelo proprio monarcha. Não sabemos qual seria mais grato aos peregrinos, se os diplomas de cavallaria, se os beijos que elles confessam terem recebido das formosas inglezas.

«Despediram-se de Londres, embarcaram em Poole, e soffreram a abordagem de dois corsarios inglezes, que cahiram de joelhos diante de Rozmital, quando este lhes mostrou o passaporte com a assignatura de Eduardo IV.

«Depois de grandes trabalhos aportaram a St.-Malo. Viram o duque de René em Saumur, e passaram a Condé, onde residia Luiz XI. Com quanto a embaixada por ordem regia, parasse a uma legua de distancia da fortaleza, o

desconfiado monarcha admittiu-os á sua presença por tempo de nove dias. Vinte mil soldados de cavallo rodeavam o castello, sessenta guardas escoltavam sempre o rei e vigiavam noite e dia na ante-camara do seu quarto.

«De França passou a Hespanha a embaixada, através de grandes embaraços oppostos pelas guerras civis de Hespanha. Chegaram a Compostella e conversaram em Burgos com o bispo, judeu convertido, que se dizia parente da Virgem Maria; e viram no mosteiro de Holgas um Senhor crucificado, cujos cabellos e unhas cresciam a olhos vistos. Depois d'este edificante espectaculo assistiram a outro de corridas de toiros em que viram morrer dois capinhas. Os toiros não tinham curro, e corriam livremente as ruas da terra.

«Passaram a Segovia, e viram o aqueducto construido pelo architecto Satanaz. Encontraram em Oviedo Henrique IV de cocoras n'um tapete á guisa de moiro, cujos costumes adoptára, com tresentos moiros em volta de si. Os secretarios taxam-no de sovina, porque restringiu as suas dadivas a fazel-os cavalleiros com a insignia — *tende paciencia* — o que elles realmente precisavam para soffrer com bom rosto as estalagens de Hespanha, em que muitas vezes tiveram de purificar-se com jejuns forçados das impurezas peccaminosas dos beijos da Inglaterra. Junto de Cantalapiedra encontraram um rei da Polonia feito eremita, desde que uma infausta batalha o fizera abandonar o throno e a patria, onde o julgavam morto. Passaram ainda por Salamanca e cidade Rodrigo, e galgaram as fronteiras de Portugal, onde o embaixador bohemio entrou por Freixo d'Espada á Cinta.

«Viram depois Badajoz e Merida habitada por seis castas de gente que professavam o gentilismo. Chegaram depois a Nossa Senhora de Guadelupe, em cujo templo trabalhavam seiscentos peregrinos. Entre muitos objectos de muito preço, viram elles o retrato da Virgem pintado por S. Lucas; mas o que sobre tudo lhes deliciou a alma foi a chorumenta hospedagem que lhes deram os frades.

«Viram em Toledo o arcebispo, que no dizer de Tetael (é a graça do historiador) fazia e desfazia reis. Outrosim vira na cathedral a cazulla que a Virgem trouxera pessoalmente do céu a Santo Ildefonso, e uma biblia escripta com letras de oiro e offerecida por S. Luiz. De Madrid, que o chronista denomina povoação insignificante, foram a Saragoça, capital de Aragão. Havia ali guerra accesa; não obstante João II recebeu affavelmente os hospedes, e agraciou o chefe com uma ordem de cavallaria, e quizera provel-o de dinheiro, mas o barão, pouco previdente de ulteriores successos, não acceitou. Ahi lhes foi mostrado outro retrato de Maria Santissima, que a propria Senhora trouxera do céu, e presenteára ao apostolo S. Thiago em Hespanha, o qual foi a Hespanha milagrosamente.

«Através de calamitosos estorvos chegou a embaixada a Barcelona.

«Eram taes os tumultos no interior da cidade que os bohemios não ousavam pôr pé na rua.

«Solicita em pôr-se a salvamento, a embaixada entrou em França por Perpinhão. Viram em Avinhão o palacio dos papas, que é hoje um quartel, e a famosa ponte de S. Benoet que já não existe. Atravessaram os Alpes, e em

VEGEZZI J. RUSCALLA

Milão refizeram-se das fomes de Hespanha. Em Veneza veiu-lhe ao encontro o doge Christovão Manso, que fez ao barão as honrarias da rainha do Adriatico. Trataram-nos ali ás mil maravilhas, mas querendo Leo de Rozmital algum dinheiro sobre caução da sua assignatura, não houve christão nem judeu que lhe descontasse a letra. O mesmo lhe aconteceu em Gratz, onde estava o imperador, e não foi mais venturoso com a imperatriz, irmã do nosso Affonso V. A jovialissima senhora gostou muito de ouvir as seguidilhas da Peninsula até que seu filho, o futuro imperador Maximiliano as aprendesse; mas o barão teve de recorrer a um judeu que lhe emprestou mil e duzentos florins sobre um bracelete que valia doze mil.

«Accresce a este serio infortunio o ver-se a embaixada a braços com as difficuldades de passagem pela Hungria.

«Leo de Rozmital morreu em 23 de outubro de 1480. O historiador chegou a ser burgo mestre, e morreu em 1479, se é que póde morrer um homem que deixou um livro de viagens tão deleitoso como o latim do conego Paulewier, que o traduziu em bohemio.»

Aproveito esta occasião para agradecer a um dos mais distinctos cultores do nosso bello idioma o ex.mo sr. Camillo Castelio-Branco o obsequio de me ter emprestado as *Viagens de Rozmital*, sem o que ter-me-hia sido impossivel haver feito a traducção d'ellas, escriptas n'um latim tão barbaro. D'esta obra até hoje apenas tenho visto dois exemplares.

1228) RUDERS.

Um escriptor d'este nome compoz uma collecção de cartas a respeito de Portugal, obra citada por Balbi e outros, mas em que lingua ignoro, pois nunca pude encontrar esta obra.

No mesmo caso estão muitos outros escriptores que vejo mencionados em obras estrangeiras, mas das quaes até hoje não me foi possivel encontrar um unico exemplar.

1229) RUSCALLA (VEGEZZI JUVENAL), nasceu no ultimo dia do seculo passado.

E. — *Noticia ácerca dos escriptos de Barbosa du Bocage*. Turin, 1829. 2.ª edição, 1860.

«Os artigos bibliographicos e politicos publicados na *Revista Contemporanea* e em outros periodicos italianos, pelo sr. Vegezzi Ruscalla se poderiam reunir em dois grossos volumes e n'elles se encontram a cada passo noticias litterarias ácerca do nosso Portugal e Brazil.

«Ha n'essa interessante collecção artigos ácerca dos trabalhos de Garrett, de A. Herculano, de A. F. de Castilho, de Rebello da Silva, de Mendes Leal, de Lopes de Mendonça, de C. Castello Branco, de Figanière, de Ramos Coelho e de muitos outros portuguezes, assim como a respeito das obras historicas de Varnhagen, das magnificas poesias de Gonçalves Dias, dos *Varões illustres* de Pereira, e das obras poeticas de Magalhães.

«A *Revista Contemporanea* de 8 de janeiro corrente, contém uma noticia da edição de Camões pelo sr. visconde de Juromenha.

«Os trabalhos do sr. Vegezzi Ruscalla em favor de Portugal são incessantes, e se os negocios politicos lhe não tomassem o tempo, já teria de certo posto a ultima lima a um escripto ácerca das letras portuguezas de 1850-1860.»

Escrevia isto o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, no *Commercio do Porto,* n'um artigo que foi depois copiado na *Revolução de Setembro* de 1861.

O sr. Ruscalla é um dos estrangeiros mais benemerito da litteratura portugueza, a qual tem diligenciado fazer conhecida na Italia. É traductor da Marilia de Dirceu, e de Fr. Luiz de Sousa, do nosso immortal Garrett: mas a este respeito veja-se a 2.ª parte d'este trabalho.

1230) RUSTANT (D. JOSEPH VICENTE DE).

E.—*Decadas de la guerra de Alemania e Inglaterra, Francia, España y Portugal con reflexiones politicas, militares sobre sus acontecimientos.* Madrid 1765, 10 vol., 8.º

S

1231) SAAVEDRA (HERNANDO DE MOLINA Y).

E.—*Epistola apologetica à la magestad catolica de D. Felipe el grande dignissimo principe de la monarquia española contra el parecer de cierto ministro consultado per su magestad sobre la recuperation de Portugal. Escrivela.* Colonia Agripina, 1650, 4.º

1232) SAGNIER (HENRI).

E.—*Estudo sobre a estatistica de Portugal.*

D'esta obra, por causa da qual foi conferida ao auctor uma medalha de prata, apresentou Drouyn de Lhuys um relatorio feito em nome da secção de economia, de estatistica, e de legislação agricola da sociedade central de agricultura de França.

«É necessario que Portugal se torne essencialmente agricola, se não quizer decair de todo. Esta necessidade comprehendem-n'a as melhores intelligencias do paiz, que procuram dirigir para a agricultura a actividade de seus compatriotas. Portugal atravessa n'este momento um per odo critico, que será decisivo para os seus destinos. Por isso não se deve estranhar o interesse que inspira a sua situação economica.

«A producção em cereaes é inferior ao consumo, o qual é avaliado em 7.654:770 quintaes metricos. A producção do trigo por hectare cultivado não passa, termo médio de 8 hectolitros apenas, e não excede o maximo de 14 hectolitros. Vê-se que a agricultura tem ainda de progredir muito em Portugal. O milho dá productos menos desvantajosos, e é assim que elle representa mais de metade do rendimento total em cereaes.

«O capitulo x que trata do gado é o mais extenso e o mais importante. Portugal não parece estar n'este particular inferior aos outros estados da Europa. Em 1870 exportou para Inglaterra 25:000 cabeças de gado, valendo perto de dez milhões de francos. Segundo as estatisticas cada portuguez não comeria mais de 17,60 de carne por anno. Isto, a ser verdade, deixa suppôr que muito pequeno é o consumo de carne no paiz [1].

1 *Jornal do Commercio* n.º 6:378 (11 de fevereiro de 1875).

1233) SAIGNE (LUCIEN DE LA).

E.—*Le Portugal historique, commercial e industrial*, in-8.º

É obra muito recente, pois apparece como publicação nova no *Catalogo da livraria franceza*, publicado por O. Lorens. Março de 1876.

1234) SAINTONGE (M. DE—LOUISE GENEVIEVE GILLOT).

E.—*Histoire secrete de D. Antoine, roi de Portugal. Par N... N... Gillot de Saintonge.* Paris, 1696. Amsterdam, mesmo anno.

1235) SALA (PARIE SIMON).

E.—*Réunion des porteurs d'obligations de l'emprunt de Portugal de* 1832 *Procès verbal de la Séance de* 8 *septembre* 1852. Paris, 1852, 4.º, folheto.

1236) SALAMANCA (DIEGO PEREZ DE).

E.—*Ordenanças reales de Castilla, por las quales primeramente se han de librar y juzgar todos los pleytos civiles y criminales, nuevamente glossadas y emmendadas en el texto, con las aplicaciones de los fueros de Arayon y ordenanças de Portugal.* 1560, fol.

1237) SALAMANTINO (ISIDORO VELASQUES).

E.—*Entrada de Philippe II en el reino de Portugal.* Lisboa, 1583.

1238) SALES (ALBERTO JAOQUERI DE), natural da Suissa, lente da aula do commercio em Lisboa.

E.—I. *Oração que com o motivo da abertura do quarto curso da aula do commercio fez em* 15 *de fevereiro de* 1771. Lisboa, 1771.

II. *Oração para a abertura do quinto curso da aula de commercio, pronunciada em* 21 *de agosto de* 1776. Lisboa, 1776.

1239) SAMPAYO (CHRYSTOVAL FERREIRA Y).

E.—*Vida y hechos del principe perfetto D. Juan II rey de Portugal.* Madrid, 1625.

1240) SANDFORD (FRANCIS —) Rouge Dragon, Pursuivant of Ames.

E.—*A Genealogical Hystory of the Kings of Portugal. And of all those illustrious Houses that in Masculine Line are branched from that Royal Family. Containing a discourse of their several lives, marriages, and issues, times of birth, death, and places of Burial. With their armes and emblazons according to their several alterations, as also their symboles and mottoes. All engraven in Copper Plates. Written in French by Scevole and Lovis de Saincte-Marthe, Brethren, and advocates in the Court of Parliament of Paris unto the year* 1623. *Rendred into English and continued unto this present year* 1662. *By — London. Printed by E. M. for the Author.* Anno 1662, fol. max., 140 pag. e mais 53 de genealogias de familias illustres portuguezas.

Existe um exemplar d'esta obra, que deve ser muito rara, na Bibliotheca publica de Lisboa.

1241) SANDOVAL (ALONSO).

E.—*Vida de San Francisco Xavier y hechos de los Padres de la Compagnia de Jesus en las Indias.* Sevilla, 1619.

Desconfio que seja uma traducção do nosso Lucena. T. Compans.

1242 SANDOVAL (C. XIMENES DE).—Veiu de proposito a Portugal com o fim de estudar o local em que se travou a famosa batalha de Aljubarrota.

E.—*Batalla de Aljubarrota. Monografia historica y estudio critico-militar por* —. Madrid. Imprenta e estereotipia de M. Rivadeneyra. 4.º de 365 pag. com 7 estampas, representando: Mappa de Portugal e de parte da Hespanha. —Esboço indicador do cêrco de Lisboa em 1384.—Reconhecimento do campo da batalha de Aljubarrota, feito em 1869.—Plano da batalha de Aljubarrota. — Capacete e espada do rei de Portugal D. João I, e espada de Nuno A. Pereira.—Ermida de S. Jorge no campo da batalha de Aljubarrota.—Grande caldeira de Aljubarrota, e pá da forneira.

Esta obra apresenta algumas noticias curiosas, e é digna de ser lida com attenção:

«Tratam os chronistas com enlevo das pelejas victoriosas, porém occupam-se pouco, deixam correr a penna veloz ao mencionar as funestas, deixando aos inimigos o cuidado de referil-as e medital-as, dando com isso logar a que o tempo sanccione suas narrações apaixonadas, e esqueçam a immensa utilidade de que se conheçam bem as causas que as produziram: além d'isto as lições da adversidade encerram ensino mais saudavel do que as da prosperidade.» Pag. v.

«Por estas reflexões, e pelo convencimento de que no seu estudo são inseparaveis a parte historica e militar, me persuadi de que poderia resultar beneficio se, compulsados os melhores livros e documentos possiveis, se formassem monographias illustradas e criticas das mais funestas batalhas antigas e modernas das armas hespanholas até completar uma serie de pelejas perdidas em que entrassem nomes taes como Guadalete, Alarcos, Aljubarrota, Rocroi, Zaragoza, Ocanã e Ayacucho, escolhendo a de Aljubarrota, considerando-a de interesse permanente na Hespanha, pois sua transcendencia se revela de uma ou de outra maneira, todas as vezes que se reproduz a antiquissima idéa politica, a que na actualidade dão o nome de união iberica.» Pag. VIII.

«Entre tantas paginas gloriosas, como se lêem na historia patria, é mister confessar que, se nas duas longas guerras contra Portugal, começadas uma em 1384 e a outra em 1640 (porque ambas se prolongaram de 27 a 28 annos), não tiveram nossos generaes o favor da fortuna, tão bem não brilharam por sua intelligencia e demais dotes de bom general, ao que, *mais que ao valor e pericia,* deveram os adversarios suas vantagens, e ultimamente o triumpho da causa que sustentaram.» Pag. XIII.

* * *

Começa este trabalho por uma estirada narração dos principios de Portugal e das pelejas em que os portuguezes combateram ao lado dos castelhanos, e não se esquecendo nunca de mencionar as occasiões nas quaes os nossos soffreram alguns revezes causados pelos hespanhoes. Refere depois a interessante lucta travada por D. João I de Castella, para se apossar da coróa de Portugal.

«De modo que ao terminar o anno de 1386 podemos considerar terminada a campanha, que em vez de assegurar os direitos de D. Beatriz, elevou ao throno de Portugal o antigo Mestre de Aviz, fundador de uma nova dynastia, e produziu o abatimento e consternação em todo o reino de Castella! Segredos são da Providencia o permittir em occasiões humilhar o poderoso e exaltar o humilde, porém Deus deixa tambem ao julgamento da posteridade apreciar o procedimento dos homens de outras eras nos grandes successos em que figuraram. Passado tempo houve capitulações, e capitulações foram essas (diz o padre Marianna) minguadas e afrontosas para Castella; porém é mui grande prudencia accommodarmo nos aos tempos, que corriam muito turbados e desgraçados; e soffrermos com paciencia a falta de reputação e de auctoridade; quando se torna necessario, é muito proprio de grandes corações.

«Ao cabo de quarenta e oito annos terminou de uma maneira legal a terrivel e porfiada questão que ensanguentou os campos de Portugal e Castella, chegando o ditoso Mestre de Aviz ao fim d'ella, não tendo morrido até 1433, deixando o reino em solida independencia com o novo dominio de Ceuta, adquirido por elle em pessoa, assegurada a successão com filhos distinctos todos por dotes relevantes de valor e talento, e afamado já o nome portuguez na Europa e Africa. A batalha, que tem o nome de Aljubarrota, ha de ficar imperecedoura tanto em Portugal como em Castella.» Pag. 107.

Á descripção da batalha de Aljubarrota, tratada no capitulo II, segue o capitulo III em que o auctor apresenta extractos das obras consultadas para o seu trabalho [1]. O capitulo seguinte contém o exame comparativo dos textos historicos, e estudo critico da guerra e batalha já mencionada.

Trata o capitulo V dos monumentos commemorativos da famosa batalha, que são: Mosteiro da Batalha; Santa Maria da Oliveira, de Guimarães; Ermida de S. Jorge na Batalha; Egreja do Carmo em Lisboa. Termina esta interessantissima monographia historica com a lista das obras para ella consultadas.

1243) SANTACILIA (JORGE JUAN Y).

E. — *Dissertation historique et geographique sur le Meredien de demarcation entre les domaines d'Espagne et de Portugal.* Madrid, 1794.

[1] O cap. I tratou da historia de Portugal resumidamente até o tempo do nosso D João.

1244) SANTAREM *or sketches of society and manners in the interior of Portugal.* London, 1832.

1245) SARRAZIN.— Marèchal-de-Camp, un des commandants de la Légion d'Honneur et ancien chef d'état-major du prince royal de Suède aux armées d'Allemagne et d'Italie.

E. — *Histoire de la guerre d'Espagne et de Portugal, de* 1807 *à* 1814. *Ornée de la Carte d'Espagne et de Portugal, où sont tracées les marches des armées française, anglaise et spagnole, dressée par M. Lapie, Directeur du Cabinet Topographique du Roi.* Paris, 1814, 8.º, 404 pag.

O auctor, accerrimo partidario da restauração dos Bourbons, mostra-se muito hostil á pólitica de Napoleão, e á grande reputação que desfructava Massena, considerando-o general muito inferior a Soult. A leitura da sua guerra de Hespanha e de Portugal ainda hoje deve ser desagradavel a bastantes francezes, bem como a independencia e liberdade com que avalia muitos homens celebres da França, e até o mesmo Napoleão, de quem diz (pag. 341): Que teria feito perecer um milhão de homens por causa de uma porção de assucar e de café.

«Tenho o mais profundo respeito (pag. 173) para com as virtudes e qualidades brilhantes do estado maior geral do exercito de Hespanha, mas dir-lhe-hei com franqueza que seus esforços bem dirigidos teriam sido sufficientes para libertarem a Hespanha, se tivessem imitado os portuguezes que não devem sua independencia senão a esse espirito conciliador que lhes fez adoptar com ardor as medidas que lhes foram prescriptas pelos inglezes, tanto para a organisação do exercito como para administração geral do reino.»

Esta obra foi vertida para inglez com o seguinte titulo: *History of the War in Spain and Portugal from* 1807 *to* 1814.

1246) SARRUT (GERMAIN).

E. — I. *Biographie de l'ex ministre Augustin José Freire.* Paris, 1837, 4.º

II. *Biographie de M. Silva Carvalho.* Paris, 1837, folheto.

III. *Biographie de Louis-Antoine d'Abreu e Lima, Vicomte de Carreira.* Paris, 1840, 8.º folheto.

1247) SAUNIER (ABBÉ).

E.—*Voyage de Inigo de Biervillas à la côte de Malabar, Goa, Batavia et autres lieux des Indes Orientales.* Paris, 1736.

1248) SAUSEVINO (D. CAMILLO).

Por ordem do Marquez de Sande, embaixador extraordinario de Portugal na côrte de França, traduziu este padre para portuguez a primeira parte da celebre obra do padre Lourenço Scupoli, intitulada *Combate Espiritual.* A referida traducção imprimiu-se em Paris [1].

[1] *Combate Espiritual*, edição de Lisboa, em 1707, no Prologo.

1249) SAUVEUR (MADELINE DE ST).

E.—*Don Pedro demasqué, par* —. Amiens.

1250) SCHAEFER (DR. HEINRICH —). Professor de Historia na Universidade de Giezen.

E. —*Geschichte von Portugal von etc.* Hamburgo, vol. 1.º 1836, 487 pag. 2.º Hamburgo, 1839, 667 pag.

Parte d'esta obra acha-se vertida da traducção franceza para portuguez, n'uma linguagem horripilante, e impressa em Lisboa. É historia digna d'uma boa e completa traducção, pois n'este genero é o melhor trabalho feito por estrangeiros. [1]

«Em boa hora para Portugal, e em boa hora para Allemanha foi esta missão tocar ao sr. H. Schaefer, Lente de Historia na Universidade de Gieszen, e litterato que, se já não tivera tão bons creditos, bastára o seu novo trabalho da *Historia de Portugal* para lhos grangear.

«Os livros de Historia Patria, raro folheados dos nossos proprios litteratos, e ricas, mas enfadonhas paginas da *Malta Portugueza*, os aridos documentos da *Hespanha Sagrada*, e das *Dissertações Chronologicas*, as explicações a cada pagina do *Elucidario*, as antigas *Ordenações*, a *Historia Genealogica*, as *Chronicas Profanas* e *Monasticas*, as *Memorias* em volumes ou avulsas, da nossa Academia, tudo foi convenientemente aproveitado pelo sr. Schaefer, que demais ajunta a isto ser allemão, que escreve a historia, como hoje não podia deixar de escrevel-a um allemão. Claro é logo que não havia o sr. Schaefer de encarar a de Portugal á moda antiga, só pelo elemento politico. Tão pouco pertence elle á seita dos novos Guizots, que fabricam a historia nas suas cabeças, para produzirem effeito philosophico, seja qual fôr a verdade. Não: o sr. Schaefer estuda profundamente os factos, e narra os com fidelidade, citando as fontes, e desassombrado de preconceitos: não tem um historiador offensivo para o amor proprio do leitor; não se arroga o ensinar-lhe a interpretar os successos.

«Abrange o seu 1.º volume o periodo desde a desmembração de Portugal de Castella até á morte de el-rei D. Fernando, em quem parou a dynastia de Borgonha. O sr. Schaefer, seguindo a opinião de que a historia de Portugal, antes da existencia politica e independente d'este reino não pertence á de Portugal, mas sim á geral de Hespanha, dá apenas em uma introducção idéa desses tempos antigos, e entra logo no assumpto; de certos em certos periodos faz uma parada; olha do alto para a scena, que o seu trabalho poz patente, e então se recrea alargando a alma com o leitor pelo espaço andado, e deixando-o por seus olhos contemplar o que lá lhes fica. Com el-rei D. João II se nos remata o 2.º volume.

«Bem quanto privados estamos de proseguir jornada com tão agradavel

[1] O Visconde de Santarem chama a este trabalho *excellente*. — *Quadro Elementar* vol. XIV. E o sr. Alexandre Herculano na sua *Historia de Portugal* tambem lhe tece elogios.

guia, pois nos declara que poz por agora ponto para ir escrever a *Historia de Hespanha*, que deve primeiro trazer a certa altura, e passar depois á época brilhante da historia portugueza. Portugal no seculo XVI deverá em verdade ser obra digna de estampar-se com letras de ouro. [1]

1251) SCHAR

É certo que um escriptor d'este nome escreveu um livro acerca do casamento de D. Leonor, irmã de D. Affonso V com Frederico III imperador da Allemanha. Não pude, porém, encontrar um exemplar d'este trabalho.

1252) SCHANENBURG

E.—*Note sur la Sénégambie.* Strasbourg, 1868, 8.º

1253) SCHEPELER

E.—*Histoire de la revolution de Espagne et de Portugal, ainsi que de la guerre qui en resulta.* Liége, 1829, 3 vol.

1254) SCHISME DE GOA, Mans, 1853, folheto.

1255) SCHLEGEL (AUG WILH).

E —*Blumenstrauisse Ital. Span und Portugiescher Poesie.* Berlin, 1804. (Traz tambem a traducção do liv. VI dos *Lusiadas* em Allemão).

1256) SCHLEGEL (F)

E.—*Histoire de la litterature ancienne et moderne par — traduit de l'allemand,* Paris, 1829, 2. vol.

Eis as passagens mais notaveis que n'esta celebre obra se encontram relativamente á litteratura portugueza:

«A poesia dos paizes catholicos, a hespanhola, italianna e portugueza, formam n'este seculo um todo intimamente ligado: por isso o abrangeremos n'um só lance de olhos. [2] Tiveram os hespanhoes bem cedo o seu poema nacional do Cid: sua poesia dos trovadores floresceo no seculo XV, mais tarde por conseguinte de que em nenhuma outra nação. O espirito de cavallaria, e o genero de poesia, que lhe é inherente, conservou-se n'este paiz por muito mais tempo, do que em qualquer outra parte. Os livros de cavallaria dos hespanhoes os quaes eram pela maior parte originaes (qualidades, que as outras nações possuiram em menor grão), distinguiram-se por um estylo ornado e florido, e por um gosto marcado por exposições doces, e pertencentes ao genero do idyllio: tal é pelo menos o caracter da mais conhecida e mais antiga d'estas obras o *Amadis.* Assim se confirma a observação, que já fizemos por occasião da poesia cavalheiresca, e principalmente da antiga poesia cavalheiresca allemã: que

[1] Francisco Adolpho de Varnhagen, *Revista Universal Lisbonense I* pag. 23. Anno de 1842.

[2] Vol 1.º pag. 102, e seg.

o gosto para o genero melancolico e terno na poesia é muitas vezes proprio de caracteres heroicos e de nações bellicosissimas. Aos livros de cavallarias juntou-se em tempos bem remotos, entre os portuguezes, o romance pastoril genero favorito d'estes povos. A poesia em geral, e os cantares dos trovadores em particular, foram favorecidos no seculo x v em seus progressos por dois homens, Villena e Santillana, os primeiros do reino por seu nascimento, jerarchia e influencia. Alem d'isso, desde a sua origem a poesia hespanhola foi mais cultivada pelos nobres e pelos cavalleiros, do que pelos sabios ou simples artistas. Não existe nação, que conte entre seus poetas tantos homens, que tenham empunhado a espada em defesa da sua patria. A poesia, que nós chamamos hespanhola, deveria, com mais justiça, nos tempos mais remotos, ser chamada poesia castelhana: pois ella não pertencia na origem senão a esta provincia; e alguns outros paizes da Peninsula Iberica tinham uma poesia particular, inteiramente distincta da poesia castelhana. Na Catalunha florescia uma poesia, que, emquanto ao idioma, é considerada como pertencente á poesia provençal. O ultimo cantico por nós conhecido d'esta poesia era consagrado á gloria heroica e ao triste destino de Carlos de Viana, o ultimo de seus principes, que o povo parece ter amado. Era o irmão mais velho do primeiro matrimonio, e herdeiro presumptivo d'esse Fernando, que mais tarde, reinou em Castella, debaixo do nome de Fernando o Catholico, e que, por isso, era considerado em alguns paizes de Aragão como mais que estrangeiro. O Aragão ia cahindo cada vez mais debaixo do jugo. Com a independencia do paiz desappareceu a poesia, que lhe era propria: e assim como a Castella se tornou o paiz dominante, do mesmo modo vimos reunir-se na poesia castelhana todas as bellesas poeticas que anteriormente existiam espalhadas nas diversas provincias d'este paiz tão poetico. Não houve mais do que os portuguezes, que, formando um povo e um reino á parte, conservaram na Peninsula sua lingua e sua poesia particular: com tudo Portugal continuou a manter com Castella um commercio intimo, cuja origem remontava a uma epocha distantissima. Muitos portuguezes escreviam em castelhano: ha uma multidão de cousas, que se consideram como provenientes da antiga Castella e que vieram dos portuguezes.

«A poesia das duas nações tem uma tão grande analogia, que não é facil distinguirmos o que, em quanto á invenção, pertence mais a uma do que a outra. Os arabes contribuiram tambem para enriquecer a poesia hespanhola, bem como para a embellesar.

* * *

«A poesia hespanhola floresceu com magnificencia e riquesa sempre crescentes sobre o solo da antiga Castella, enriquecendo-se com as invenções portuguezas, e ornando-se com as flôres provençaes: recebendo tambem mais tarde a viveza das côres arabes.

«Ha no primeiro poema epico dos hespanhoes, a *Araucana* de Ercilla, numerosas passagens d'uma mui grande belleza poetica; mas notámos n'ella em geral um numero excessivo de descripções verificadas, de viagens e de com-

bates. O poeta portuguez Camões foi n'isto mais feliz do que Ercilla. Os hespanhoes tinham-se feito senhores das solidões da America: a India, este paiz tão rico, coubera em partilha á nação de Camões: e era um assumpto muito mais feliz para o poeta. Sentimos na obra de Camões que elle mesmo era um guerreiro, um marinheiro e um aventureiro e que aspirava a gyrar pelo mundo. Quer ser verdadeiro, e começa o seu poema heroico d'um modo opposto áquelle pelo qual Ariosto havia começado o seu. Esperava triumphar da riqueza das ficções d'este pelo prestigio da verdade, ennobrecendo por meio de sua poesia acções ou proesas bem superiores a tudo quanto Ariosto havia contado relativo ao seu Rogero, personagem imaginario. O poema de Camões, principalmente no principio, dá seus ares do de Virgilio, ao qual n'aquella epocha consideravam como uma regra geral para a epopea d'um genero elevado e serio, mas cuja influencia servia com tudo de muito estorvo ao genio. Assim como o navegador arrojado, dentro em pouco deixa a costa, e se engolpha na vasta extensão do Oceano, do mesmo modo Camões não tarda a perder de vista o seu modelo, n'esse poema em que elle com o Gama faz o gyro do mundo por entre os perigos e os temporaes, até haver conseguido o seu fim, e os alegres vencedores porem os pés na terra desejada. Assim como os perfumes deliciosos veem recrear os sentidos do nauta, e allivial-o de suas fadigas no meio das vagas, annunciando-lhe a proximidade da India: da mesma sorte um embriagante vapor se exhala d'este poema escripto debaixo do céo do meio dia, e que d'elle reflecte todos os fogos. Embora seu estylo seja simples, o plano e a concepção do author sejam graves, no emtanto o seu poema é muitissimo superior na vivacidade das côres e na riqueza de imaginação ao de Ariosto, a quem poderia Camões arrancar a palma do genio. Não se limita, com effeito a cantar Vasco da Gama e a descoberta da India, o dominio e as façanhas dos portuguezes n'este paiz: seu poema contém alem d'isso tudo quanto a historia antiga do seu paiz appresenta de b llo, de nobre, de grande, de cavalheresco e de enternecedor, tudo reunido n'um só corpo. Abrange este poema toda a poesia da sua nação. Entre todos os poemas heroicos quer dos tempos antigos quer dos modernos, não ha um só que seja nacional n'um tão alto grau. Nunca desde Homero, poeta algum tem sido honrado e amado de sua nação tanto como Luiz de Camões: de sorte que tudo quanto esta nação, descahida de sua gloria immediatamente depois d'elle, tem conservado de sentimento patriotico, anda inherente só a este poeta, que póde com justo titulo occupar o logar de muitos outros, e mesmo d'uma litteratura inteira. É no principio e no fim do seu poema que Luiz de Camões se appresenta com a maior dignidade como poeta. N'elle falla com amor e inspiração do joven rei Sebastião, que foi tão desditoso, e que arrastava um reino até então tão florescente para o seu funesto destino: mas exhortando-o e advertindo-o seriamente, como cumpria a um ancião, que por tão longo tempo tinha trazido as armas, fallar a seu rei.

«Tasso é um pouco mais moderno do que Luiz de Camões. Este poeta tão avido de gloria, quanto animado de sentimentos piedosos, estava inspirado por um sentimento não sómente poetico, mas tambem religioso, pela causa sagrada do Christianismo. No entanto não soube attingir a altura do seu assum-

pto: e tão pouco exgotou as riquezas d'elle, que para assim dizer nada mais fez do que tocar levemente a superficie. É uma verdade o dizerem que elle se achava embaraçado a certos respeitos pela fórma que Virgilio tinha dado ao poema epico: eis porque encontrâmos no seu poema certas passagens relativas ao maquinismo epico, nas quaes se não sahiu inteiramente bem. Todavia a mesma idéa de uma fórma necessaria para um poema epico não impediu Camões de introduzir no seu tudo quanto podia ennobrecer seu poema epico e nacional, nem de exgotar de todo seu assumpto: mas Tasso difficilmente o houvera conseguido, mesmo que tivesse idéas exactas ácerca da arte epica. Pertence á classe dos poetas, que em suas obras nada mais pintam do que a si mesmos, e a belleza de sentimentos, com que a natureza os dotou, e que não estão em estado de abranger claramente no seu espirito um mundo, e de n'elle se perderem e esquecerem. As mais bellas passagens de seu poema são aquellas, que, consideradas isoladamente, ou como episodios, seriam egualmente bellas em qualquer outra obra, e que não pertencem inteiramente ao assumpto. Os encantos de Armida, a bellesa de Clorinda, e o amor de Herminia, eis as passagens, que nos captivam em Tasso.

* * *

«Se agora considerarmos Tasso unicamente como poeta sentimental e harmonioso, não o poderiamos tachar de ser, n'um sentido monotono, e de ser tambem continuamente sentimental. Esta uniformidade é inseparavel da poesia, que fôr especialmente lyrica. Se em Tasso esta ternura da elegia está derramada até mesmo na exposição das bellesas sensiveis, acho n'isso antes uma bellesa do que um defeito. Mas se é mister que um poeta epico seja mais rico, que seja variado, que abranja um mundo de objectos, o espirito do presente e do passado, sua nação e a natureza inteira, não é porém mister que se conserve subido sempre no mesmo tom, mas que saiba enternecer e fazer vibrar todas as cordas do sentimento. Em quanto a este ponto de riqueza epica Luiz de Camões é infinitamente superior a Tasso. Seu poema heroico contem um tão grande numero de passagens em que predomina um sentimento de elevação e de amor, que são comparaveis ás mais bellas passagens de Tasso. Apezar do luxo das concepções meridionaes e do attractivo sensivel, que n'elle rescende, ouvimos n'elle principalmente retumbar a voz plangente da elegia e da dôr: por isso merece elle o nome de poeta heroico romantico, por ser inteiramente penetrado do fogo e do enthusiasmo do amor. Allia a plenitude pittoresca de Ariosto com a magia musical de Tasso, e addiciona-lhe além d'isso o grandioso e a gravidade do verdadeiro poeta heroico, que o Tasso deseja possuir em maior gráu, e que não possue.

«Não tenho necessidade de accrescentar que, entre estes tres grandes poetas epicos modernos, Ariosto, Camões e Tasso, a palma pertence, na minha opinião, ao segundo. Confessarei com tudo de boa mente que em taes juizos o sentimento individual domina sempre mais ou menos: pois não podemos encaminhar para principios e idéas fixas senão um mui limitado numero dos elementos, que constituem o merecimento d'um poeta, para d'elle tirar inducções:

em quanto ás mais é um sentimento para d'elle decidirem. Lembrarei a este respeito a anecdota conhecida de Tasso, a quem perguntavam qual era, no seu pensar, o mais famoso poeta da Italia, e que respondeu com algum desabrimento que Ariosto era o segundo. O amor da gloria foi sempre nos poetas um sentimento mui irascivel: e eis porque os que amam com preferencia um poeta são mui ciumentos da sua gloria.

1257) SCHMAUS (JOÃO JACOB).

Escreveu uma obra em allemão, cujo titulo em portuguez é o seguinte: *Novissimo estado de Portugal, e dos dominios que lhe pertencem*. Halla 1759, 8.º [1]

1258) SCHMELLER (DR.)

E.— *Ueber Valentim Fernandes allemão und seine Sammbung von Nachrichten uber die Entdeckungen und Besitzungen der Portugiesen in Africa und Asien bis zum Jahre* 1508.

(Sobre Valentim Fernandes allemão, e a sua collecção de relações ácerca dos descobrimentos e possessões dos portuguezes na Africa e Asia até 1508). Falla d'esta collecção o *Diccionario Bibliographico* a pag. 397 do vol. VII, e tenho idéa de a ver mencionada n'outras obras.)

Falla tambem d'ella Henry Major a pag. 13 da *Vida do Infante D. Henrique* (versão portugueza) e diz que se compõe das seguintes obras:

Chronica do descobrimento e conquista de Guiné por Azurara, até 1418. — *Relação de Diogo Gomes, até* 1443. — *Relação de João Rodrigues, até* 1493. — *Jornal de Hans Mayr*, 1505 *e* 1506. — *Descripção de Africa por Fernandes* 1507. — *Noticia das ilhas do Atlantico por Fernandes* — *Derrotas de navios ou instrucções para pilotos*.

D'estas apenas o dr. Schemeller, publicou a *Relação de Diogo Gomes*.

Os outros documentos da collecção de Valentim Fernandes, tambem não foram impressos totalmente pelo dr. Schmeller, que se limitou apenas a descrevel-o succinctamente com um resumido commentario seu.

«No anno de 1847 imprimiu a Academia das Sciencias de Munich uma memoria do dr. Schmeller [2] sobre uma interessante collecção de documentos feita em Lisboa no anno de 1507 por um allemão. Este, posto que usasse do nome portuguez de Valentim Fernandes, era natural da Moravia, e sendo de origem allemã, umas vezes se appellida Valentim Allemão, outras Valentim o Moravis.

«Valentim Fernandes era impressor. N'aquelle tempo a arte de imprimir impellia muitos allemães a percorrerem paizes estrangeiros, e este veiu para Portugal. Em 1495 encontramol-o em Lisboa associado com outro allemão, Nicolau de Saxonia, na impressão da *Vida de Christo*, do monge cartuxo Lu-

[1] *Bibliotheca Historica* pag. 360.

[2] *Vida do Infante D. Henrique de Portugal apellidado o Navegador*... traduzida pelo sr. José Antonio Ferreira Brandão. Lisboa 1876, pag. 13.

dolpho de Saxonia, que já tinha sido traduzida em portuguez, no anno 1445, por Bernardo, monge cistercense do mosteiro de Alcobaça. Em attenção ao conhecimento, que tinha da lingua allemã, foi nomeado notario dos allemães em Lisboa, para lavrar todos os contractos e escripturas, que se fizessem com os negociantes allemães, assim como para authenticar as traducções do latim. Pouco depois Valentim Fernandes figurou não só como impressor, mas ainda como editor. D. Pedro, irmão do infante D. Henrique, trouxe comsigo de Veneza em 1428 um precioso manuscripto de Marco Polo, que lhe offerecera em homenagem, a senhoria da republica. [1] D'este manuscripto e do texto latino do frade dominicano Pepino de Bolonha, que fôra mandado de Roma a el-rei D. João II, fez Valentim uma traducção em portuguez, juntamente o fez das *Viagens á India*, do genovez Jeronymo de St.º Stephano. Tambem traduziu as viagens do veneziano Niccolo de Conti do texto latino de Poggio Bracciolini. A importancia que dava a estas obras el-rei D. Manuel, por cuja ordem foram traduzidas, póde avaliar-se pela circumstancia de conterem relações de viagens á India n'aquelle remoto tempo. As traducções inglezas tanto de Cont como de St.º Estevão, a primeira devida ao sr. Jolin Winter Jones, actual bibliothecario mór do Museu Britannico, encontram-se ambas no livro de que em 1857 tive a honra de ser editor por conta da sociedade Hakluyt, sob o titulo de *India, in the fifteenth Century.*

«Foi indubitavelmente em vista de uns estudos como estes que Fernandes depois compilou a sua collecção de relações geographicas.»

1259) SCHMIDEL.

E. — *Vera historia admiranda cujusdam navigationis Hulderici Schmidel, Straubigensis, in Americam, vel novum orbem juxta Brasiliam et Rio del Platam ab anno 1534 ab ipso Schimidelio Germanice descripta, postea latine reddita.* Noribergae, 1599.

1260) SCHOTT (ANDRÉ). — Philologo belga nascido em Anvers no anno de 1552, e fallecido em 1629. [2]

E. — *Hispaniae illustratae seu verum urbiumque Hispaniae, Lusitaniae, Aethiopiae et Indiae scriptores varii.* Franckfort, 1603-1608, 4 vol. fol.

1261) SCHRAMN (WILBRAND)

E. — *Oost Indische Reyse etc.*

(Viagem ás Indias Orientaes) Amsterdam, 1652. [3]

[1] Esta traducção de Marco Polo uma das nossas mais importantes raridades bibliographicas foi impressa em Lisboa, no anno de 1502. V. *Bibliographia Historica Portugueza*, pelo sr. Figanièro, pag. 277.

[2] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle*, vol. XLIII, pag. 586.

[3] Na obra intitulada *Historical Disquisition*, composta por J. Robertson, e impressa em Londres no anno de 1809 (pag. 150) encontra-se a seguinte passagem relativa ao procedimento dos portuguezes na India. — «Por sua coragem emprehendedora, pericia mi-

1262) SCHREIBERS (K VON).

E. — *Nachrichten von den taiserl osterreechischen Naturforschern in Brasilien und deu Resultaten ihrer Betriebsamteit.* Brunn, 1820, com gravuras.

1263) SCRIBE.

E. — *Contes de La Reine de Navarre. Le Juif errant. D. Sebastian. Romans illustrés.* Paris, 1853, 2 vol. fol.

1264) SEBASTIAN (MANRIQUE).

E. — *Itinerario de las missiones que hizo el P. — in varias partes de la India Oriental, con una relacion del imperio de Zahiam, Corrombo, Gran Mogol.* Roma 1649, fol.

1265) SEBASTIEN (D.) Roi de Portugal. *Nouvelle historique.* Paris, 1679, 2 vol.

1266) SEMANA (UNA) EN LISBOA. *Guia del Viagero por la Ciudad, sus contornos y cercañias.* Madrid, fol. 36 pag. acompanhado de 10 estampas, representando a Estação do caminho de ferro do Norte — estatua de D. José I — Arco triumphal na Rua Augusta — Estatua de D. Pedro IV no Rocio — Palacio do Largo dos Jeronymos em Belem — Claustro da egreja dos Jeronymos em Belem — Palacio das Necessidades — Portico do Passeio Publico em Lisboa — Palacio da Ajuda — Palacio acastellado de D. Fernando em Cintra.

É um dos melhores guias, que conheço escriptos em linguas estrangeiras para uso do viajante em Lisboa; é muito mais verdadeiro e util do que o de Olivier Merson em francez, todo recheiado de pieguices.

O guia hespanhol começa da seguinte fórma: [1] «A imprensa franceza esperta como poucas em especular com os successos da actualidade, aproveitou o interesse produzido pela unidade de Italia, confederação da Allemanha do Norte e reconciliação da Austria e Hungria, para publicar um mappa da Europa no seculo XX, que fixava a capital de Hespanha em Toledo, a da Europa em Vienna e a do mundo em Lisboa.»

Não é mister recordar aqui o que, segundo um tal folheto cheio de utopias, significava essa capital universal, mas vem a nosso proposito que dizia o seguinte: «Lisboa está a egual distancia das duas Americas, na extremidade do nosso continente, que nada mais é que a continuação do da Asia, proxima de Africa. Examine-se o globo terrestre, e ver-se-ha de prompto que não ha nenhuma cidade, a que se possa chegar mais facilmente de todos os pontos do globo.

litar, e sagacidade politica dos officiaes, que tinham o commando supremo na India, e teem elles jus a serem equiparados ás pessoas mais eminentes por suas virtudes ou talentos seja de que tempo ou nação forem » Gerson da Cunha. *Notes on the history and antiquities of Chaul and Bassein*, pag. 66.

[1] Este *Guia* é uma recapitulação dos artigos insertos na *Ilustracion de Madrid.*

«A esta vantagem d'uma centralidade incomparavel reune Lisboa uma posição tão excepcional, que só Constantinopla póde oppôr á magestade do Tejo a magnificencia do Bosforo; uma temperatura poucos invernos inferior a 7 gráos, poucos verões superior a 27, isto é, uma primavera perpetua, um céo azul e uma atmosfera transparente, junto com uma vegetação privilegiada propria para desenvolvimento das plantas das mais oppostas zonas, uma extensão de 12 kilometros de Este a Oeste, e 9 de Sul a Norte; bellesa na mistura desordenada de monumentos e epochas, na irregularidade de certos bairros, e na uniformidade de outros; uma physionomia material tão cheia de originalidade e uma poesia na contraposição de tintas fortes e suaves. etc.»

1267) SEPTENVILLE (BARÃO EDOUARD DE).

E. — I *Découvertes et conquetes du Portugal dans le nouveau Monde.* Paris 1863. 8.º, XI, 181 pag. Editeur, E. Dentu.

II *Vie du Marquis de Pombal.* Bruxelles, 8.º

III *Le Bresil sous la domination Portugaise.*

O barão de Septenville é um dos maiores admiradores dos portuguezes.

«Indubitavelmente foi um povo patriota aquelle, que, curvado debaixo do peso do seu infortunio, constrangido a obedecer ao vencedor, vigiado nos seus minimos movimentos, privado de recursos, mas não de esperanças, teve coragem bastante para jurar em como havia de recuperar sua liberdade e energia para a conquistar!

«Mas com que nomes havemos de saudar aquelles arrojados mareantes, celebres para todo o sempre, que tendo em nada a morte, rindo se dos perigos, sem outro ponto de mira mais que o de se sacrificarem pela gloria do seu paiz, foram hastear o estandarte de Portugal em praias incognitas, e obrigar os povos do novo mundo a inclinarem-se perante o sceptro da casa de Aviz ou debaixo da auctoridade da de Bragança?

«Que titulo tão glorioso não mereceram esses reis de Portugal, esses gentis-homens coroados que, tendo em suas mãos a sorte e o futuro de todos os paizes d'alem-mar, souberam tiral-os do estado inculto e improductivo, para os converterem n'um manancial inexgotavel de riquezas, um Pactolo deslumbrante, uma terra de abundancia, onde a Europa em peso veiu abastecer-se? Os navios partem, sulcando mares incognitos, e voltam carregados de oiro e de metaes preciosos!

«Descobrem um cabo, e esse cabo tornar-se-ha o ponto de reunião dos navios de todas as nações, a vanguarda das Indias.

«Tomam posse de uma ilha, e esta ilha povoada de selvagens e coberta de uma vegetação luxuriante, tornar-se-ha um imperio poderoso e respeitado!

«Madeira, Açores e India, só estes nomes exprimem uma odyssea!

«É a historia da conquista e do governo das possessões, que estas brilhantes descobertas deram a Portugal que nos vae occupar.

«Começa ella em 1400, e continua até nossos dias. Durante este longo espaço de tempo, as colonias africanas e americanas de Portugal foram o theatro de grande numero de acontecimentos: a politica estrangeira ali represen-

tou um grande papel, e a Hollanda e a Inglaterra poderam tambem ali disputar uma influencia devida a uma cubiça incessantemente aguilhoada, contra a qual teve Portugal de arcar incessantemente. O espectaculo dos esforços sobrehumanos que teve de fazer esta nobre nação para obter o direito de gosar tranquillamente do fructo de suas conquistas, é grandioso e repleto de interesse.

«Quanto mais ellas se tornavam importantes, tanto mais sua conservação era difficil, por motivo da inveja que sua posse despertava. É mister pois reconhecel-o, esses immensos territorios, esses ricos paizes, cujo solo fertil occultava thesouros, foram não uma fonte de riquezas inexgotaveis para o reino, do qual eram ellas o apanagio, mas sim a causa de um enorme desperdicio nas forças vivazes da nação.

«Importava que Portugal prodigalisasse incessantemente o mais puro do seu sangue para implantar o seu dominio sobre as terras que tinha conquistado: escolhia elle seus filhos os mais bravos, seus braços os mais activos, e para ali os enviava, sem pensar em que se empobrecia para beneficio dos outros.

«O estabelecimento da companhia das Indias foi um funesto golpe descarregado no poder portuguez além dos mares, mas elle defendeu-se briosamente.

«Cada pollegada de terra que Portugal se viu na necessidade de abandonar áquelles que lhe queriam arrancar até a ultima nesga de suas possessões custou caro a seus invasores!

«A passagem da dynastia hespanhola sobre o throno de Portugal fez decrescer rapidamente a prosperidade colonial, mas a casa de Bragança, tornando a tomar o sceptro, poude fazer parar a ruina d'ellas, e conservar algumas das ricas joias de sua corôa maritima.

«A historia do Brazil occupa um extenso logar no das colonias portuguezas; nós a temos estudado com um vivo interesse, e embora hoje o imperio de Santa Cruz, de Cabral, forme um estado independente, nem por isso deve ser considerado menos essencialmente portuguez, pois deve-se aos sacrificios de todo o genero, que Portugal impoz a si mesmo, deve-se á benevola sollicitude de seus reis, e mormente ao nobre desinteresse de João VI ter o Brazil de ser elevado a imperio.

«Eis porque a historia das vicissitudes, pelas quaes passou anteriormente á sua declaração de independencia, deve encontrar logar em paginas escriptas com a mira em instruir e interessar aquelles que não limitam seus desejos ao conhecimento da historia de seu proprio paiz.

«Se contarmos a idade dos povos pelo numero dos annos decorridos desde sua origem até nossos dias, com certeza deve Portugal ser contado em o numero das nações mais antigas da Europa, por quanto a historia nos transmittiu a lembrança das guerras que os romanos levaram ao solo peninsular, e do dominio que exerceram sobre a lusitania.

«Mas se collocando-nos n'outro ponto de vista, não attendermos senão á sua idade politica, é só a partir do seculo XIV que vemos apparecer na scena do

mundo uma grande nação, dotada de todas as qualidades vitaes, amadurecidas pela sciencia e pelo estudo, cuja cabeça é fecunda em idéas germinadoras, cujo braço é prompto em executar, e cuja marcha é rapida na via do progresso e da civilisação. Até então Portugal tinha sustentado uma lucta incessante contra os conquistadores insaciaveis que pareciam terem-se incumbido espontaneamente da missão de a subjugarem para sempre. A partir do momento em que os teve vencidos e expulsos, mudaram as cousas de figura: já não era um povo que trabalhava para consolidar sua independencia, era um athleta poderoso, afeito ao duro mister da guerra, instruido pela experiencia, habil e corajoso, cheio de arrojo e de vigor, que não procurou visinhos para inquietar, mais fracos do que elle para esmagar, mas que se deitou valentemente não a um povo, mas ao mundo inteiro.

«Não se tratava agora de humilhar o orgulho de um rei, de dispersar um exercito ou de saquear uma cidade: era a um continente quasi inteiro que tratavam de fazer a guerra depois de o terem descoberto!

«O alvo era grande e nobre!

«O principe D. Henrique não aspirou na alta posição que lhe dava seu nascimento, a mais do que a pôr em pratica a divisa que elle tinha adoptado — *viver fazendo bem;* e as grandes expedições maritimas, que elle teve o genio de delinear, tiveram o immenso resultado de abrirem um caminho para as Indias pelo cabo da Boa Esperança, de arruinarem Veneza, e de lhe substituirem Lisboa, e entregarem á admiração da Europa uma quantidade de terras e de reinos incognitos, e por fim collocarem o reino de Portugal na primeira ordem das potencias europeas.

«Como todos os grandes homens, cuja memoria as nações honram, sua gloria foi, senão contestada, ao menos medida com parcimonia, com o intuito de a amesquinharem por meio de escriptores pertencentes a diversas nações, e os quaes movidos por um sentimento de nacionalidade exagerada, tentaram fazer passar para outros uma parte de sua celebridade, que mereceu por sua sciencia e sublime intelligencia o illustre infante, cujo nome está associado ás mais perigrinas obras da sua epocha.

«Cada povo tem fornecido á historia seu contingente de heroes e de varões immortaes: não tentemos, portanto, por causa de um vão amor proprio, despojar um em proveito do outro, e compenetremo-nos bem d'esta verdade que o genio tem azas assás extensas para fender os ares d'uma linha da fronteira, que tem direito a todas as sympathias, e que deve ser honrado em toda a parte em que se encontrar, tanto sobre os degraus do throno como debaixo do colmo.

«A Henrique o Navegador e a Christovão Colombo pertencerá eternamente a gloria de ter adivinhado e descoberto essas regiões ignoradas de que outros poderiam na verdade ter suspeitado,[1] nas quaes tinham até mesmo posto

[1] È uma allusão á prioridade das descobertas na Africa, prioridade que os francezes querem para si. Vide Avezac, nas obras já citadas n'este *Diccionario*, e Vivien de St.-Martin, *Dictionaire Geographique*, Paris, 1877.

o pé, mas que em todo o caso elles nem tinham sabido notar, nem indicar sufficientemente.

«O que constitue a nossos olhos e aos de todos os espiritos serios e logicos a gloria de uma descoberta, e á paciente investigação, é o trabalho lento e incessante, posto em pratica para a conseguir, e não o acaso, que põe nas mãos do primeiro que chega, aquillo, cuja existencia estava elle bem longe de suspeitar.

«É uma cousa bem simples um temporal arrojar um navio a uma costa desconhecida, e dar á sua tripulação a vantagem inesperada de uma descoberta; mas deveremos em tal caso galardoal o, e consideral-o a par do ousado peão que, sem outro guia mais que seu espirito de observação, se dirige através de milhares de perigos, para um ponto suspeitado, e do qual ninguem conhece o logar; ou do sabio, que, á força de estudos, de calculos e de trabalhos de toda a especie, consegue designar com a mesma certesa com que seus olhos a podiam ver a mil leguas distantes de si, a ilha que se ergue n'algum recanto do oceano?

«O infante D. Henrique foi um d'esses sabios.»

1268) SERENISSIMI ATQUE INVICTISSIMI PORTUGALLIAE. *Regis litterae ad Sanctissimum D. D. Paulum III. Pont. Max super insigni victoria, rebusque feliciter in Oriente gestis. Viennae Austriae. Per J. Singrenium 2 du* 1536, 4.º *C. M. B. I. P.*

1269) SERIE DE PIÉCES RELATIVES *aux privilèges du royaume de Portugal.* Sem data nem logar de impressão.

1270) SERIEYS (A).

E. — *Elémens de l'Histoire de Portugal contenant les causes de la grandeur et de la décadence des portugais, leurs lois, leur commerce, les révolutions de ce royaume etc. Par* —. Paris, 1805, 12.º

1271) SERLUPUS (FRANCISCUS).

E. — *Serlupi Francisci ab intimo Pontificio cubiculo in funere Josephi I Lusitaniae Regis Fidelissimi Oratio habita in Sacello Pontificio Vaticano Idib. Mai coram Sanctissimo D. Nostro Pio Sexto Opt. Max. Romae* 1777. *Excudebat Generssur Salomonius Superiorum facultate. XX pag.*

É dedicada esta oração funebre á rainha de Portugal D. Maria Francisca. Está escripta com elegancia, e n'ella se fazem os mais pomposos elogios ao monarcha portuguez, [1] sem apparecer em todo o decurso da obra a mais pequena allusão ao marquez de Pombal, ou á expulsão dos jesuitas.

[1] Qui integritate animi, qui moderatione animi, qui amore, qui pietate, providentia justitia, cura, opibus, qui bonis artibus restitutis, propagatoque commercio, pacis, salutis, felicitatis publicae custos, vindex, conservator, firmator fuit.» Facilis ad eum aditus erat, patebant aures ejus querelis omnium, nullius inopia ac solitudo non modo accessu illo publico ac Throno; sed ne cubiculo quidem excludebatur. Quid ego hoc de re edita

1272) SERMENT (LE) DE FIDELITÉ *fait au Prince d'Espagne, á l'ouverture des Etats du royaume de Portugal.* Paris, 1619, 8.º folheto.

1273) SERMONES IN PSALMOS *Sancti Antonii Ulyssiponensis.* Bononiae, 1757. 2 vol. 4.º

1274) SEUBERT (MAURITIUS).

E.— *Flora Azorica.* Bonne, 1844. Paris 1841.

Guthnick, Hochstetter e Gygax, os dois primeiros botanicos, e o ultimo mineralogista, consagraram tres mezes e meio a uma exploração rapida, que se estende a todas as ilhas dos Açores, exceptuando St.ª Maria. O resultado o mais interessante, que se obteve, foi uma exposição da Flora dos Açores, publicada n'uma collecção scientifica da Allemanha com a cooperação do dr. Seubert, e reproduzida mais tarde em uma monographia especial, á qual este ultimo sabio adquirio o direito de dar seu nome. [1]

1275) SEYGER VAN RECHTEREN.

E.— *Voyagie naar Oostindien.* Zwoll, 1639 4.º

(Viagem ás Indias Orientaes.) [2]

1276) SEYNER (M FR.)

E.— *Historia del levantamiento de Portugal.* Barcelona, 1644. Mesmo anno Saragoça, por Pedro Laranja.

1277) S. G. S.

E.— *Histoire de Portugal contenant les entreprises, navigations, et gestes memorables des Portugallois. Par* —. Paris 1581.

1278) SHARPE (DANIEL).

A correspondencia trocada entre este geologo inglez e o sr. Carlos Ribeiro sobre a probabilidade de encontrar carvão industrial na parte Occidental da Beira, e debaixo dos depositos secundarios de gres e calcareo foi publicada no *Instituto,* jornal litterario de Coimbra. [3]

E.— *Districto secundario de Portugal ao Norte do Tejo.* Londres, 1851.

1279) SHAW (C. CHARLES) *Personal memoirs and correspondence of*

gravissima atque firmissima testimonia Senatus, Ordinum reliquorum, Societatum, Gentium denique omnium Europae, Africae, Asiae, Americae memorem ad quas ille Orbis terrarum partes sui imperii porrexerat magestatem? pag. XI.

[1] Morelet — *Les Açores* pag. 11.

[2] «Uma comparação entre as façanhas e feitos dos portuguezes com as façanhas e feitos dos inglezes n'um espaço de cem annos, depois d'estes ultimos terem ido para as Indias, é tanto a favor dos portuguezes quanto qualquer pode desejar» Mr. Naise, *The Konkan,* Bombaim, 1875, pag. 43.

[3] Vol. I, pag. 142 e seguintes.

colonel — of the partugueze service; comprising a narrative of the war for constitutional liberty in Portugal and Spain. London, 1837. 2 vol. gr. em 8.º com retratos.

1280) SHELLEY, BREWSTER AND MONTGOMERY.

E. — *Lives of the most eminent littererary men of Italy, Spain and Portugal.* London.

1281) SHIRLEY (W).

E. — *Observations on a pamphlet entitled the Genuine and legal Sentence pronounced upon the conspirators against the life of his Most Faithful Majesty.* London, 1759.

1282) SIBELO (BARROS DE).

Remetteu á academia real das sciencias de Lisboa um *Plano general estadistico, geografico y geologico de la tercera via militar romana que del Convento Juridico de Braga se dirigia al de Astorga.* 1860.

A nossa academia nomeou por este trabalho o auctor seu socio correspondente.[1]

1283) SILHOUETTE (ETIENNE DE).

E. -- *Voyage de France, d'Espagne, de Portugal, et d'Italie en* 1729. Paris, 1770. 2 vol.

1284) SISMONDI (JOÃO CARLOS LEONARDO). — Correspondent de l'Institut de France, de l'Academie Impériale de Saint-Petersbourg, de la Academie Royale des Sciences de Prusse; de l'Academie et de la Societé des Arts de Genève etc. etc. Nasceu em Genova em 1773 e falleceu na mesma cidade em 1842.[2]

E. — *De la Litterature du Midi de l'Europe.* Bruxelles, H. Dumont, libraire editeur. 1837, 4.º, 1.º vol. 583 pag. 2.º 709 pag.

Esta é a terceira edição: a primeira é de Paris em 1813. Na terceira edição d'uma obra tão notavel, e conhecida dos estrangeiros, a *Historia da Litteratura Portugueza* começa a pag. 409 do 2.º volume, e termina a pag. 686.

Já no prologo d'este meu trabalho citei algumas passagens relativas ao juizo que de nossa litteratura fórma o author; vejamos ainda mais uma ou outra passagem:[3]

«A influencia oriental, fez-se sentir sobre os portuguezes mais vivamente, que sobre os castelhanos. O amor occupou uma parte ainda maior de sua vida, foi mais apaixonado, mais terno, mais scismador; e a poesia portugueza veiu a ser um culto mais enthusiasmado de suas bellas, que o de nenhum outro

[1] Hubner — *Noticias archeologicas de Portugal*, pag. 84.

[2] Firmin Didot. — *Biographie Genérale*, tom. XLIV, pag. 14.

[3] O author serviu-se da obra de Bouterweck, como confessa.

povo da Europa.[1] O caracter da poesia portugueza parece sempre mais triste, que o da castelhana; e esta melancholia mesmo, que parte do coração, e que o espirito não procurou, reconhece-se por um accento de verdade, que os castilhanos raras vezes attingem.

«Não é segundo a opinião de Boutterwerk, tantas vezes meu unico guia na litteratura portugueza, que julgarei do talento dramatico de Ferreira, escreveu uma tragedia sobre o assumpto nacional de Ignez de Castro, que tantos poetas portuguezes celebraram depois d'elle. Não tinha então outro modelo mais que os antigos: o theatro hespanhol não tinha começado, o dos italianos estava ainda no berço. Trissino morreu nove annos antes de Ferreira, e sua Sophonisba não poude preceder muitos annos a Ignez do poeta Lusitano. Além d'isto as quatro ou cinco tragedias, que existiam então em italiano, e que não tinham sido representadas senão nas grandes solemnidades, eram modelos bem imperfeitos. Ferreira compoz então sua tragedia sem conhecer o theatro, sem procurar advinhar o gosto d'um publico ainda não existente; mas seguin fielmente os modelos gregos, que tinha debaixo dos olhos, e elevou-se d'este modo, segundo me parece, muito acima dos italianos seus contemporaneos.[2]

«Mas um só homem tornou esta epocha verdadeiramente gloriosa, é a elle, é ao grande Camões, que consagraremos nossos proximos capitulos.

«Chegamo-nos a um homem, que só elle faz quasi a gloria inteira da nação portugueza: é o unico dos poetas d'esta lingua, que seja conhecido fóra de seu paiz, e cuja reputação seja europea. Tal é o maravilhoso poder do genio em um homem, no qual se fórma a fama d'um povo inteiro, e que apparece sósinho aos olhos da posteridade, diante da qual milhões de homens desapparecem.

«Na epocha, em que escrevia Camões, não existia propriamente nenhum poema epico em nenhuma lingua romana.[3] Trissino tinha, é verdade tentado cantar a Italia libertada dos Godos, mas foi mal succedido na sua tentativa.[4] Alguns hespanhoes tinham dado o titulo de poemas epicos a historias rimadas de acontecimentos modernos, que não tinham sabido realçar por alguma poesia. Ariosto, com a chusma dos romancistas, dera ás fabulas de cavallaria o mais risonho colorido; mas Ariosto e todos aquelles, do meio dos quaes se tinha levantado, não tinham tido a pretenção de escrever poemas epicos. Tasso

[1] O padre João Baptista de Castro, no seu Mappa de Portugal pretende mostrar que os portuguezes são os povos da Europa mais firmes e extremosos no amor. E madame de Sevigné em 1671 dizia n'uma carta a mr. de Grignan: « Il me parle de son cœur á toutes les lignes: si je lui ferois réponse sur le même ton, ce seroit une portugaise.» Madame de Sevigné, *Lettres*.

[2] Sismondi tece os maiores elogios a esta obra de Ferreira, analysa-a, e acha-lhe passagens admiraveis e sublimes.

[3] Sismondi.—*De la Litterature du Midi de l'Europe*, tom. II, pag. 538

[4] «O poema, do qual Trissino quiz fazer sua obra capital, e na qual empregou vinte annos, *L'Italia liberata da Goti*, foi inteiramente despresado da posteridade, e não foi melhor accolhido dos contemporaneos. É uma obra languida e fastidiosa.» Firmin Didot. — *Biographie Universelle*, tom. XLV, pag. 642.

finalmente não publicou sua *Jerusalem*, senão em 1580, um anno depois da morte de Camões; além d'isto tendo os *Lusiadas* sido compostos quasi na totalidade na India, Camões não podia conhecer tudo o que tinha sido escripto antes de 1553, epocha de seu embarque. Parece com tudo que o poeta portuguez tinha estudado muito os poetas italianos, seus contemporaneos, e que tinha procurado com elles os mesmos modelos na antiguidade: porque existem entre elle e toda a escola italiana analogias surprehendentes, e muito mais immediatas que todas quantas temos podido observar entre os poetas hespanhoes e italianos. Escolheu o metro de Ariosto, o jambo heroico, rimado em oitavas de preferencia ao de Trissino, o *verso sciolto*, ou jambo não rimado. Approximou-se tambem de Ariosto, mais que de Trissino, ou mais que de todos os hespanhoes, quando considerou a epopea como uma creação da imaginação, e não como uma historia versificada: mas julgou como Tasso, a quem precedia, que esta creação devia formar um só todo, que devia fazer sentir sua harmonia na unidade; que o alvo do poeta, seu pensamento dominante, e o pensamento dominante dos heroes deviam estar incessantemente presentes á imaginação dos leitores, e que a riqueza dos pormenores não bastava sem a magnificencia do conjuncto. Camões deu á epopea uma vivacidade de impressões ternas, uma phanatsia amorosa, um culto da voluptuosidade, que os antigos mais severos julgavam abaixo da dignidade d'este poema; mas enthusiasta como Tasso, e voluptuoso como Ariosto, associa, ainda mais que este ultimo, a alma e o coração ás creações risonhas de sua imaginação. O que o distingue essencialmente dos italianos, o que faz sua gloria e a de seu paiz, é o amor e o orgulho nacional, que o animam. Escrevia seu poema no momento, em que a gloria de sua patria tinha chegado a seu zenith, quando a face inteira do universo tinha sido mudada pelos portuguezes, e que as maiores cousas tinham sido operadas pela mais pequena das nações. A Europa, cincoenta annos antes d'elle, sahira de seus estreitos limites; tinha apprendido a conhecer a existencia do universo; tinha visto quanto sua população, riqueza, extenção. eram pouca cousa em comparação dos magnificos imperios da Asia: mas tinha tambem reconhecido quanto o imperio do pensamento e da vontade é superior á pompa e ao numero: tinha apprendido que aquelle lhe pertencia, e tinha-o apprendido dos portuguezes. Camões não podia prever a espantosa catastrophe que destruio a independencia de seu paiz, e que apressou sua propria morte. Escrevia na plenitude do enthusiasmo nacional, e faz que seus leitores participem, por mais estranhos que possam ser á gloria de Portugal, d'esse sentimento tão verdadeiro e tão nobre.»

«O sentimento patriotico de Camões, que consagrou sua vida inteira a erigir um monumento a seu paiz; que no exilio, nas perseguições e na miseria não teve jamais outro pensamento, senão o da gloria de uma patria ingrata, commove-nos profundamente; associamo nos de todo o coração a esta empreza generosa, e Portugal torna-se-nos caro porque foi caro a um grande homem. É todavia duvidoso que o assumpto escolhido por Camões seja eminentemente proprio para um poema épico. A descoberta da passagem das Indias, a communicação estabelecida entre os paizes onde teve começo a civilisação, e

aquelles d'onde ella sahe hoje, o imperio da Europa propagado pelo resto do mundo, são acontecimentos de uma importancia universal, e que mudaram para sempre os destinos dos homens; mas as consequencias do successo são maiores que o proprio successo, e o interesse de uma navegação perigosa, proveniente de minuciosidades quasi domesticas, uma narração poetica deve produzir menos effeito do que a verdade nua. Alem d'isto, se Camões não tivesse querido tratar senão da navegação de Gama em seu poema, e da descoberta da passagem para as Indias, dever-se-hia applicar mais a fazer-nos experimentar impressões, sempre novas, sempre variadas d'esses immensos paizes do Meiodia e do Oriente, cujo aspecto devia ser tão differente do das margens do Tejo; porém queria pelo contrario fazer entrar toda a gloria de Portugal no circulo estreito que a si mesmo tinha traçado; toda a biographia dos heroes que apresentou, todos os feitos deslumbrantes dos cavalleiros celebrados pelos antigos romances.

«Quiz fazer entrar ainda todos os acontecimentos posteriores, todas as descobertas que completaram o systema do mundo apenas mal visto por Gama, todas as conquistas que submetteram aos portuguezes esses immensos paizes, dos quaes Gama apenas tinha visto os primeiros limites. Estas differentes partes, no passado, no presente e futuro, ligavam-se á gloria nacional, e deviam concorrer para o glorioso monumento que Camões queria erigir em honra da patria, porém ellas repelliam necessariamente para a sombra o Gama, o heroe nominal do poema.

«Enfraqueciam a impressão da Lybia e da India, que teria sido tão nova, e confundiam o espirito n'um labyrintho de acontecimentos, dos quaes nenhum despertava bastantemente o interesse para deixar vestigios profundos.

«Tasso na sua *Jerusalem* tomava encantos e movimento do proprio assumpto, e sua poesia era enfeitada com o interesse e bellesa da guerra santa que cantava. Camões pelo contrario emprestava a seu assumpto um encanto, que não estava no assumpto; tinha necessidade de todo o prestigio de sua poesia para obrigar a ler uma historia de cuja leitura ninguem, á excepção d'elle, se importava. Era por um sacrificio continuo de si mesmo que immortalisava seus heroes. Camões foi bem succedido: prendeu toda a historia de Portugal á poesia; allumiou-a em todas as suas partes com a mais viva luz; mas seu bom resultado é um prodigio, e faz crer ainda que sua empreza era contraria á prudencia poetica. É na epopeia que o poeta tem menos força para captivar as almas, que menos dispõe do interesse, da piedade e do terror. Camões faz-nos devorar uma chronica, algumas vezes fatigante e aborrecida; encaixilhou-a tão bem no seu poema, que a liga ás mais brilhantes recordações; mas quanto mais não nos teria captivado, se o interesse de seu assumpto tivesse egualado por si mesmo aquelle que lhe sabia dar!

«Camões sentiu que n'um assumpto historico devia elevar-se acima do tom ligeiro, que Ariosto tomára, cantando heroes imaginarios. Guarda por toda a parte, em seu estylo, em suas imagens, uma nobre dignidade; não graceja, como Ariosto, com o leitor e com seus heroes. Toma por modelo a Virgilio, e não aos romances de cavallaria, e marcha magestosamente ao seu fim, dando

a todo seu poema esse ar classico, que foi consagrado pelos grandes genios da antiguidade e que seguiram todos aquelles que vieram depois. Por isso desde o primeiro canto tudo marcha conforme esse modelo regular, que se encontrou talvez com excessiva uniformidade em todos os poemas epicos. Gostaria eu de mais alguma variedade n'uma cousa, que não é fundada na essencia da arte, mas na imitação do primeiro modelo

«Camões considerou a mythologia dos antigos como uma parte essencial da arte poetica d'elles.

«A educação dos collegios, e a leitura dos classicos tinham dado a todas estas allegorias uma força que quasi egualava a da crença. Não parecia que o amor podesse ser outra cousa em verso mais que o filho de Venus: o valor representar-se de outra sorte senão pelo deus Marte; a sabedoria sómente por Minerva; e esta personificação que actualmente começamos a achar insipida, e que não tolerariamos já n'um poema epico, não está todavia excluida ainda de nossa poesia lyrica. As odes de Lebrun estão igualmente cheias de invocações a Minerva, a Marte, a Appollo, como ellas o teriam podido ser no seculo XVI, quando uma educação pedantesca não deixava na imaginação outras allegorias, senão as da antiguidade. Mas o que ha de particular em Camões é que ao passo que tomava por emprestimo uma mythologia estrangeira, tinha uma em si, que seus heroes, seu povo, e elle mesmo tinham adoptado com uma egual fé.

«A conquista da India não se fizera aos olhos de Vasco da Gama sem a protecção celeste; o Padre Eterno, a Virgem, os Santos, todos os poderes divinos tiveram sua parte n'esta grande empreza, não como uma providencia ordenadora, que dispunha tudo antecipadamente, conforme o cremos hoje; mas como seres impressionaveis, apaixonados, e que tomam parte individualmente no jogo das acções humanas. Esta intervenção milagrosa era para o poeta uma parte de sua crença religiosa: confundia-a naturalmente em sua narração; não podia mesmo excluil-a, e vinha d'esta sorte a associar dois maravilhosos contradictorios; o que elle julgava essencial á poesia, e o que lhe fora dado pela fé.

«A nossos olhos esta mistura de duas intervenções divinas, e ambas contrarias á nossa crença, produz um effeito que nos revolta; mas basta que a educação e os preconceitos nacionaes o expliquem, para que o possamos admittir n'um grande homem, e para que elle nos não deixe fazer um juizo errado do resto da obra.

«Varios poetas hespanhoes cahiram na mesma contradicção: as duas mythologias vão de encontro com a Numancia de Cervantes, e confundem-se na Diana de Montemayor.[1]

«O principio do poema é imponente, mas bem depressa a narração entra a desanimar; as circumstancias da navegação são todas de verdade historica,

[1] Este Montemayor, de quem falla Sismondi, é Jorge de Montemayor, portuguez, fallecido no Piemonte, auctor do celeberrimo romance *Diana*, tão bem recebido em toda a Europa, que chegou a ser moda imital-o na França. V. *Polo*.

e Camões nada ajuntou ao que se acha no livro IV da primeira Decada de Barros. Dir-se-hia que ali estudou o assumpto, em logar de viajar elle mesmo n'aquellas regiões desconhecidas: vai procurar todos seus ornatos na fabula grega, e não tira bastante partido do clima, dos costumes, e da imaginação Oriental. Continuemos com tudo; acharemos nos *Lusiadas* bellesas d'uma ordem tão superior, que merecem ser compradas ainda com alguma fadiga.

«O episodio de Ignez de Castro è o mais enternecedor e o mais celebre de todo o poema. O discurso posto por Camões na bocca de Nuno Alvares Pereira conserva essa dignidade cavalheiresca, esse vigor varonil e antigo, que caracterisa a edade media. A batalha de Aljubarrota é descripta com a maior poesia. Conta os prodigios dos mares desconhecidos, e faz uma descripção tão poetica, como nova da tromba maritima.

«Appresentei na integra os dois episodios mais celebres dos *Lusiadas*, o de Ignez, e o de Adamastor. Extractos não bastam para fazer apreciar este poder de creação, esta mistura de grandeza e de sensibilidade, que caracterisam o verdadeiro poeta. Infelizmente uma traducção tambem não é sufficiente. A harmonia de linguagem, a verdade, a pureza de expressão e a belleza dos versos são inimitaveis; e um ligeiro conhecimento da lingua portugueza dará maior prazer ao leitor, com a leitura do original, do que com a versão mais exacta.

«E' pois os *Lusiadas* o mais bello monumento que se tem jamais erigido á gloria nacional d'algum povo. Camões tinha introduzido no III e IV cantos toda a historia politica, toda a historia real de Portugal. No VI e VII tinha achado meio de fazer entrar tudo, quanto a historia, e a fabula tinham conservado sobre a biographia de seus heroes. No X um genio prophetico revela todo o futuro, desde a expedição do Gama até ao tempo em que viveu Camões. Completa assim a historia de Portugal. Os heroes passam em revista por diante de Gama. O grande Pacheco, Affonso d'Albuquerque, Soares, Menezes, Mascarenhas, Heitor da Silveira, e quantos adquiriram grande nome nas Indias, são introduzidos succe sivamente.» [1]

* * *

«Portugal tem uma litteratura propriamente nacional: sua lingua em vez de se tornar um dialecto do hespanhol tem sido cultivada com amor, e considerada por um povo independente como signal de sua soberania. Os homens distinctos, que Portugal produzio, tomaram a tarefa de dotarem sua patria com todos os ramos de litteratura; ensaiaram-se em todos os generos para não deixarem a seus visinhos alguma vantagem sobre si; e o espirito nacional deu a suas composições um caracter inteiramente differente do das composições castelhanas. A litteratura portugueza é completa, sem ser rica; n'ella se acha de

[1] A analyse das differentes obras de Camões principia a pag. 533 d'este *Curso de Litteratura*, e acaba em 611. Analysa depois tambem minuciosamente o *Naufragio de Sepulveda*, de Côrte Real.

tudo: mas, com excepção das poesias lyricas e bucolicas, nada se encontra alli com abundancia.

«O poder e a riqueza de Lisboa, esta grande capital d'uma pequena nação teve uma influencia muito saliente sobre os costumes e indole do povo. [1] Os portuguezes foram desde sua origem acostumados a uma vida menos solitaria; formaram-se pelo commercio dos homens, não pela vida dos castellos; foram por conseguinte menos selvagens, menos imperiosos, menos altivos, menos fanaticos; por outra parte um maior numero de mosarabes achando-se de repente incorporados em a nação, a influencia oriental fez-se sentir n'elles mais vivamente ainda do que sobre os castelhanos. O amor occupou uma parte ainda maior de sua vida: foi mais apaixonado, mais terno, mais melancholico e sua poesia tornou-se um culto de suas bellas, mais sensivel, mais enthusiastico, que o de nenhum outro povo de Hepanha.

«No mais bello paiz do mundo, na patria das larangeiras, sobre essas collinas onde se recolhem quasi sem cuidados os mais delicados vinhos, os portuguezes não parece terem levado muito longe os conhecimentos e cuidados para com a agricultura. A nação, repartida entre arrojados navegadores, soldados e pastores, mostrou-se mais propria para um grande desenvolvimento de energia e coragem, do que para a actividade persistente da industria. O amor, o desejo da gloria, a sede de aventuras podiam fazer supportar ao portuguez as mais rigorosas fadigas, as mais severas privações, pois a tudo se tinha acostumado como marinheiro e como pastor; mas logo que não sentia mais o aguilhão das paixões, tornava a cair na sua indolencia melancolica. A ociosidade dos povos do meiodia não enfraquece sua alma tanto como a dos povos do norte; não é aos gozos grosseiros que elles se entregam no seu repouso, mas á contemplação, e ás doces influencias d'um bello clima. Na mesma occasião em que menos trabalham, vivem ainda com a natureza. Por mais descahidos de sua grandeza passada que estejam os portuguezes nos ultimos seculos, recordam ainda com orgulho o logar que occuparam na historia do mundo. Um punhado de cavalleiros fizera em menos de uma geração a conquista de um reino; e durante oito seculos as fronteiras d'este pequeno povo nunca recuaram, pelo menos na Europa. Combates gloriosos contra os moiros deram-lhe uma patria, que tiveram de conquistar palmo a palmo. Nas expedições cavalheirosas soccorreram e protegeram seus poderosos visinhos — os castelhanos. Os reis christãos da Hespanha não deram aos moiros nenhuma das grandes batalhas que assignalaram sua historia, sem que os portuguezes a ellas fossem convidados, e n'ellas occupassem um honroso logar. [2] O espirito da cavallaria transportou-os no principio do seculo XV além do estreito de Gibraltar, e fez-lhes emprehender e fundar um novo imperio christão sobre as

[1] «LISBONA, amplissimum et celeberrimum emporium» HOLBERGIUS, *Historia Universalis*. (Leovardiae, 1770) pag. 210.

[2] Os portuguezes na batalha de Navas de Tolosa corriam para combater com os inimigos, como se fôra para um banquete. dizia d'elles *Lucas de Tuy*, escriptor contemporaneo.

fronteiras de Fez e de Marrocos. Uma ambição mais vasta, esperanças mais longiquas seduziram no meio do mesmo seculo os heroes que governavam Portugal.

«O infante D. Henrique, terceiro filho de João I, Affonso V e João II adivinharam a fórma peninsular d'Africa, e o vasto oceano que circumda o mundo. Os mais atrevidos navegadores atravessaram essa zona torrida que se tinha reputado inhabitavel, transpozeram a linha, viram elevar-se por cima de suas cabeças um novo polo, e dirigiram-se sobre um mar desconhecido pelas constellações de um céu igualmente desconhecido; dobraram finalmente esse terrivel cabo das Tormentas, que o rei João II, com uma justa previdencia, chamou Cabo da Boa Esperança.

«Abriram aos europeus o caminho ignorado da India; e a conquista de seus reinos os mais ricos, imperio que igualava, em extensão e em riquezas, aquelle que os inglezes ali possuem hoje, foi a obra de um punhado de aventureiros.

«Este imperio está derrubado, é verdade, mas a lingua dos portuguezes. monumento de sua grandeza passada, é ainda a lingua do commercio da India e da Africa; ella serve ali para todas as communicações, como a lingua franca no Levante.

«A litteratura sómente se viu nascer verdadeiramente no seculo XV, e a mesma epocha é tambem a do maior desenvolvimento do caracter nacional. Mais tarde appareceu Bernardim Ribeiro. As mais distinctas entre suas poesias são eclogas. Foi o primeiro entre hespanhoes e portuguezes que consideron a vida pastoril como o modelo poetico da vida humana, o ponto de vista ideal debaixo do qual todas as paixões, todos os sentimentos deviam ser considerados. Esta opinião que prestou suavidade, elegancia e encanto, ás poesias do seculo XVI, mas que as tornou monotonas, e que degenerou depois em uma languida affectação, tornou-se d'alguma sorte a fé poetica dos portuguezes; d'ella quasi nunca se apartaram; e eis o motivo, porque seus poetas bucolicos podem ser considerados os primeiros da Europa.

«O caracter da poesia portugueza parece sempre mais magoado que o da castelhana; e esta melancolia mesmo, que parte do coração, e que o espirito não tem procurado, reconhece se n'um accento de verdade, que os castelhanos raramente attingem. Mais tarde Ferreira escreveu uma tragedia sobre o assumpto nacional de Ignez de Castro. Não tinha então outro modelo mais que os antigos.

«Ferreira compoz por conseguinte sua tragedia sem conhecer o theatro, sem procurar adivinhar os gostos de um publico que ainda não existia, porém seguiu fielmente os modelos gregos que tinha á vista, e elevou-se d'esta maneira, segundo me parece, muito acima dos italianos seus contemporaneos.

«Era sempre nas Indias, n'esses paizes em que os portuguezes tinham brilhado com tão grande gloria, que elles ostentavam toda a pompa de sua poesia; ali tambem a importancia dos acontecimentos, o caracter romantico dos aventureiros que os dirigiam, principalmente o orgulho nacional do heroe e do poeta dão a suas composições uma vida e movimento que se não encontram nas epopeias dos hespanhoes ou nas dos italianos de segunda ordem.

«Foram os contemporaneos de Ferreira, Camões e Rodrigues Lobo, que deram á litteratura um novo ramo, compondo a historia das conquistas de seus compatriotas nas Indias. O talento do escriptor de viagens e do geographo, ali se acha associado ao da historia, e um interesse d'um genero inteiramente novo é despertado pelos feitos, aos quaes nada se assimilha na historia antiga.

«Á frente d'esses historiadores devemos pôr João de Barros. A *Asia* d'este escriptor é a primeira grande obra que nos ensinou a conhecer esses vastos e ricos paizes, separados da nossa Europa por uma tão immensa extensão de mares, e dos quaes antes d'elle não tinha havido mais que noticias vagas, confusas, e quasi sempre contradictorias. Serve ainda hoje de base não sómente á historia das descobertas portuguezas, e das primeiras communicações europeias, mas a toda a geographia, a toda a estatistica das Indias no seculo XVI. Um trabalho obstinado, uma indagação infatigavel da verdade, um credito, um poder prolongado por mais de quarenta annos, nos mesmos paizes que elle quizera estudar, o tinham habilitado para conhecer a fundo não só os successos mas tambem os logares e as pessoas. Pinta involuntariamente a indomavel coragem dos portuguezes, seu forte amor á gloria, á novidade e ao perigo. Se algum individuo, algum chefe commetteu uma acção vil ou perfida, condemna-o sem escrupulo para que a vergonha d'isso não recaia sobre seu povo; mas se o crime é nacional, se é approvado pela opinião publica dos portuguezes, glorifica-se n'elle. Barros foi continuado por Couto. Fernão Lopes de Castanheda, e Antonio Bocarro escreveram tambem a relação das conquistas dos portuguezes. Um dos maiores homens d'esta epocha assombrosa, Affonso de Albuquerque deixou igualmente nos commentarios publicados por seu filho numerosos escriptos; eram redigidos em portuguez sobre successos tão extraordinarios ao mesmo tempo que Damião de Goes escrevia uma chronica do rei D. Manuel. De todas as partes, emfim, esses mesmos homens que tinham assombrado o mundo com suas conquistas, esforçavam-se por transmittir a lembrança d'ellas á posteridade.» —(Sismonde de Sismondi. *De la litterature du Midi de l'Europe*, tom. I.)

1285) SIVER (IEGOR VAN).

E.—*Ueber Madeira und die Antillen nach Mittel America. Reisedenkwurdigkeuten und Forschungen.* Leipzig, 1861.

(Viagem á America Central pela Madeira e Antilhas. Recordações e investigações.)

1286) SKELTON (JONATHAN).

E.—*Iñez de Castro: an historical Drama.* London 1841.

1287) SKETCH (AN HISTORICAL) *of the Island of Madeira. With Ballad of the Tomb of Love.* London 1819.

1288) SLOANE (HANS).

E.—*A voyage to the Islands, Madera, Barbados, Nieves, St. Christophers and Jamaica with the natural history. By —.* London, 1707, 2 vol. fol.

1289) SMITH (JOHN ESQ). — Private Secretary to the Marshal Marquis of Saldanha. Actualmente conde da Carnota. Nasceu em 1819.

E. — *Memoirs of the Marquis of Pombal with extracts from his writings and from despatches in the state paper office never before published by. In two volumes.* London, 1843. 8.º gr. 1.º vol. com o retrato do Marquez XXII, 343 pag., vol. 2.º, 388 pag.

Foi traduzida esta obra em portuguez pelo sr. J. M. da Fonseca e Castro, e impressa em Lisboa no anno de 1872.

Do original inglez se fez nova edição com o titulo seguinte: *The Marquis of Pombal by the Conde da Carnota. Second edition.* London, 1871, 8.º grande 1387 pag.

Esta edição faz muitissima differença da primeira.

O sr. conde da Carnota está escrevendo a vida do duque de Saldanha em inglez, obra que deve vir a ser mais volumosa do que as *Memorias do Marquez de Pombal.*

O Marquez de Pombal foi inquestionavelmente um grande estadista, e como tal ainda hoje é respeitado por toda a Europa; Portugal deve lhe grandes serviços, no entanto teve tambem graves defeitos; sua crueldade foi extrema. Nem os fidalgos compromettidos na conspiração deviam ser tratados com tanto rigor, nem é possivel absolvel-o na morte de Malagrida; não se julgam porém como defeitos e crueldades os factos mencionados na obra de que se trata; ao ler este livro parece-me estar lendo antes uma biographia ideal, um romance, do que uma historia verdadeira, a vida de um homem acompanhado das imperfeições inherentes á fragil humanidade. Sempre um elogio pomposo, sempre um panegyrico de quanto Sebastião de Carvalho e Mello obrou na qualidade de ministro.

1290) SMITH (MR. ISLES). — Negociante inglez residente no Porto.

E. — *Observações sobre o decimo quarto relatorio ao conselho privado de Sua Magestade Britannica, por Mac-Gregor.*[1]

O relatorio de M. Gregor achava-se recheiado das maiores calumnias e falsidades contra os portuguezes, o que produziu geral indignação entre os commerciantes britannicos residentes no Porto, e fez com que alguns, entre os quaes o mencionado Smith, pegassem na penna para mostrarem a verdade.

1291) SMITH (REV. A. C.)

E. — *A Sketch of the birds of Portugal, by.* (No Ibis, 1868, pag. 428.)

«A resenha das aves de Portugal, pelo sr. Smith, comprehende 193 especies, algarismo que está longe de representar a totalidade d'ellas, como se dá pressa em declarar este erudito escriptor. Este trabalho é o fructo das rapidas averiguações que o sr. Smith poude fazer durante a sua recente visita a Portugal, e funda-se em boa parte nos mater aes que lhe foram patentes no museu de Lisboa, onde todavia existem, além das especies mencionadas, varias

[1] *Revista Universal Lisbonense*, vol. III, pag. 384.

outras que escaparam ao seu exame[1]. Porém o sr. Smith não quiz incluir n'ella senão as especies de cuja existencia se poude certificar, ou porque as vira vivas, ou porque encontrára d'ellas exemplares authenticos no museu de Lisboa.»

1292) SODEN (GRAFEN JULIUS VON).
E.—*Ignez de Castro*. Berlin, 1791.

1293) SOETEBOM (H.)
E.—*Reyse naar Oost Indien gedaen etc.*
(Voyage aux Indes Orientales, fait avec la flotte d'Achem et des Moluques sous les amiraux Hermsherk et Hermansz). Amsterdam, 1648, 4.º

1294) SOMMAIRE DES LETTRES *escrites de l'Ethiopie par les R. P. André Fernandez et Louys Azebede au R. P. André Palmire, visiteur des colléges de la compagnie de Jesus en l'Inde Orientale, du mois de mars* 1623 *et de celle du roy de l'Ethyopie, dit Preste-Jean, au R. P. Louys de Corolzoa, contenant l'heureuse conversion de l'Ethiopie et du royaume des Abessyns à la foi de Jesus-Christ, et sa subjection à l'Eglise Romaine*. Lyon, 1625, 8.º Ternaux Compans, pag. 151.

1295) SORRENTO (G. MEROLLA DA).
E.—*Breve relatione del viaggio nel regno do Congo*. Napoli, 1692.

1296) SOSSIO (GULLIELMO).
E.—*Lusitanicus seu de regum cultu ex praecepto naturae et sensu politices. Auctore, Pictavii*. 1642, 4.º (O portuguez, ou ácerca do respeito aos reis, segundo o preceito da natureza e o sentido da politica.)

1297) SOULÉS (FRANÇOIS).
E.—*Voyage au Bresil, par Th. Lindley*, 1806.

1298) SOUTH (THE) EASTERN RAILWAY OF PORTUGAL. — London, 1869, 8.º

1299) SOUTHEY (ROBERT).
Robert Southey nascido em Bristol pelo anno de 1774 e fallecido em 1843[2].
«Deixando se enthusiasmar de principio com todo o fogo proprio da mocidade pelas iras democraticas inauguradas em França com a revolução de 1789, a ostentação apparatosa que d'ellas fez em um drama Wat Tyler, que parece haver sido a sua estreia theatral, attrahiu sobre elle o desfavor do governo, intimando-se-lhe senão ordem formal, ao menos a insinuação para que

[1] *Jornal das Sciencias Mathematicas*, vol. 2.º, pag. 168.
[2] Firmin Didot.—*Biographie Universelle*, vol. 44.º, pag. 260.

sahisse temporariamente de Inglaterra. Veiu, pois, para Portugal, procurar a companhia de um proximo parente o reverendo Horbert Hill, a esse tempo estabelecido em Lisboa, na qualidade de ministro da igreja anglicana. Aqui se deu por alguns annos ao estudo das linguas portugueza e castelhana, e da litteratura peninsular,[1] em que muito aproveitou; até voltar em 1801 para a sua patria, onde fôra provido no cargo de secretario do chanceller do thesouro da Irlanda. As suas aspirações politicas tinham padecido entretanto uma completa transformação, de sorte que o ardente democrata se convertera em decidido conservador, alistando-se na bandeira do partido tory, ao qual permaneceu sempre fiel em todo o resto da vida.

«Referindo-nos unicamente d'entre as suas numerosissimas obras áquellas que teem com as cousas de Portugal mais estreita intimidade, pedem menção especial a sua *Historia do Brazil*, impressa pela primeira vez (1810-1819) em seis volumes de 4.º e ha pouco vertida em portuguez, publicada no Brazil pelo editor Garnier em 6 volumes. A memoria ou ensaio sobre a litteratura portugueza por elle inserta no jornal *Quarterly Review*, de Londres, maio de 1809, cuja traducção acompanhada de notas pelo academico J. G. C. Muller se imprimiu, segundo cremos, em Hamburgo no mesmo anno; e outra memoria ácerca de Camões com *Analyse do Oriente* de José Agostinho, publicada no tomo XXVII do sobredito periodico (n.º de abril a julho de 1822); postoque o auctor ahi se mostre assás injusto com o nosso grande epico, ao qual pouco mais concede que a facilidade de estylo!

«A livraria de Southey comprehendia muitos e valiosos livros portuguezes impressos dos nossos auctores de melhor nota; e além d'elles uma importante e variada collecção de manuscriptos, relativos á historia civil e litteraria de Portugal, adquiridos á custa de dispendiosa e perseverante curiosidade. Por occasião da venda do seu espolio, realisada em leilão no mez de maio de 1845, a maior parte d'esses manuscriptos foram comprados para o museu de Londres, e ahi se conservam accessiveis entre as innumeras preciosidades d'este immensissimo deposito. Os titulos e contextos acham-se devidamente mencionados no *Catalogo dos Manuscriptos Portuguezes* do museu britannico escripto e dado á luz em 1854 pelo sr. F. F. de la Figanière.

A estas noticias dadas pelo sr. Innocencio é necessario accrescentar que Robert Southey é auctor d'uma *History of the Peninsular War* (1823-32, 5 vol. em 4.º),[2] obra que nos toca muito de perto.

1300) SOUTHWELL (ROBERT).

E.—*The history of the revolutions of Portugal from the foundation of that Kingdom to the Year* 1667, *with letters of — during his Embassy there, to the Duke of Ormond; giving a particular account of the deposing Alfonso, and placing Don Pedro on the throne. London, printed for John Osborn* E. 1740, 8.º, XIV, 374 pag.

[1] Innocencio Francisco da Silva, *Panorama* de 1866, pag. 22.

[2] Seu titulo em inglez é *History of Brazil*, London.

Foi esta obra traduzida em francez com algumas alterações debaixo do seguinte titulo: *Histoire du dètronement d'Alphonse VI Roi de Portugal contenue dans les letres de M. Robert Southwell, alors ambassadeur à la Cour de Lisbonne. Et precedée d'un abregé de l'histoire de ce Royaume. Traduites de l'Anglois.* A Paris. Chez David Fils, 1742, 2 vol. em 8.º, 1.º XXIV, 245 pag., 2.º, 313 com um supplemento de 8 pag.

Foram estas cartas dirigidas ao duque de Ormond.

«Robert Southwell era um homem illustrado, sensato e de grande experiencia nos negocios; e como via de perto, e observava attentamente o que se passava diariamente em relação a todas aquellas intrigas, a narração particular que fez, deve passar por exacta e fiel. De todas as relações que appareceram até agora, não ha nenhuma que contenha pormenores mais simples e mais circumstanciados dos movimentos que causaram essa famosa revolução. A miudeza agrada sempre n'estas sortes de relações.

«D. Pedro, infante de Portugal, foi um principe de pouco espirito e merecimento, mas com um exterior grave e composto como o teem todos os portuguezes. Era fraco, leviano e governado por quantos se approximavam d'elle. Todos os cortezãos cahidos da graça ou desempregados, todos os descontentes do reino se agrupavam em volta d'elle. Entregue a seus conselhos, e impellido por sua propria ambição formou o projecto de desthronar seu irmão mais velho. As medidas foram tão bem tomadas, e na conformidade da constituição do estado, e trabalharam com tanta resolução e vigor que conseguiram vencer todos os obstaculos.

«O conde de Castello Melhor, primeiro ministro do rei, era homem de grande capacidade e sinceramente amante de sua patria. Illustrára seu ministerio por algumas victorias brilhantes alcançadas sobre os hespanhoes, e estas prosperidades tinham completamente restabelecido os negocios dos portuguezes, que anteriormente se achavam n'um estado muito melindroso. Porém este ministro tinha feito um numero muito grande de inimigos, principalmente entre os grandes, por causa de seu poder excessivo no estado, e da altivez insupportavel com que tratava todos os subditos. Tendo-se tornado extremamente odioso, foi-lhe impossivel rebater os projectos formados para o perderem, e o que era uma consequencia d'elles, para perderem seu amo, que obrigado a afastal-o da côrte, e abandonado successivamente por todos aquelles, nos quaes tinha confiança, por não podel-os proteger mais, achou-se elle proprio sem conselho e sem apoio, e viu-se obrigado a entregar-se d'ahi por diante nas mãos de seus inimigos, e ceder o poder a seu irmão.

«O que parece mais extraordinario nas circumstancias d'esta revolução, e o que distingue este famoso acontecimento de todos os do mesmo genero, é que não foi occasionado por um descontentamento geral da nação, por um abuso das leis, pelo uso odioso de um poder arbitrario, pela negação da justiça, pela corrupção e violencia no ministerio, pelos maus resultados de uma guerra, pela desordem dos negocios publicos, pela quebra do commercio, pela indifferença para com o bem publico, nem finalmente pelos murmurios e queixas do povo.

«Pelo contrario a nação portugueza gosava então de uma vida doce e tranquilla. Não se queixava dos impostos, e não exprobava ao governo nenhuma sorte de injustiça e de oppressão. N'uma palavra, não se notava em a nação nenhuma d'essas disposições, que teem o costume de preparar e de annunciar revoluções n'um imperio.

«É verdade que o rei por seus impetos, devassidões, inclinações vis, e divertimentos indignos tinha chamado sobre si o despreso de todos seus vassallos, e particularmente da cidade de Lisboa. Mas poucas pessoas em particular tinham motivo para se queixarem do governo, a não ser o duque de Cadaval e alguns grandes com um pequeno numero de fidalgos, a quem tinham tirado seus empregos, e cuja queda tinha creado descontentes. Tudo isto não parecia capaz de occasionar um acontecimento tal como o que se seguiu. No entanto D. Pedro, herdeiro presumptivo da corôa soube tão bem tirar partido d'aquellas cousas, que d'ellas se serviu como de meios para destàronar o irmão; cousa que merece a attenção seria de todos os principes. É um exemplo memoravel que lhes ensina o que póde acontecer a um soberano, que, não sendo estimado de seus vassallos, confia sua auctoridade a um principe que d'elles tambem não é amado.

«A revolução acontecida no mesmo reino em 1640 foi mais repentina, apesar de ser mais custoso um bom resultado. Sendo as circumstancias muito differentes, foi mister tomar outras medidas. Portugal achava-se então submettido a uma potencia estrangeira, que tratava este reino como se lhe não pertencesse, acabrunhava-o para alliviar seus outros estados. Esta má politica não devia conciliar as affeições da nação portugueza; devia até necessariamente dispol-a para uma sublevação geral. Comtudo a côrte tendo guarnecido com hespanhoes todas as praças e grandes povoações de Portugal para assustar e intimidar o povo, calculava reinar pacificamente n'este reino por meio da altivez e da violencia. Estes soldados estrangeiros no coração do estado foram olhados como um attentado á constituição do reino e á liberdade da nação. É verdade que estes meios violentos descontentaram mediocremente o povo durante um tempo consideravel. Mas tendo-se multiplicado as oppressões, e augmentado n'um grau insupportavel, e vendo-se a nação finalmente no despinhadeiro de sua ruina inteira, aproveitou-se do momento em que a côrte de Hespanha luctava com as difficuldades das guerras que tinha de sustentar, e valeu-se da occasião para sacudir o jugo. Viu-se então aquelle povo acabrunhado com impostos, vexado de todas as maneiras, escravo, miseravel, reduzido ao desespero, erguer-se de repente contra a tyrannia, similhante a uma corrente impetuosa que destrue ou arrasta tudo o que se oppõe á sua passagem, derrubar n'um dia, n'um quarto de hora, um governo tyrannico de sessenta annos. Esta revolução foi o effeito estrondoso do descontentamento secreto da nação.»

«Este famoso acontecimento, que é uma das mais brilhantes passagens da historia, nunca foi representado, como deve sel-o. Na verdade não se podia esperar de Passerat, nem de outros escriptores assalariados pela Hespanha que dissessem a este respeito verdades, que causassem vergonha áquella côrte.

Naturalmente pertencia aos portugnezes escreverem a este respeito...

«Pelo que me diz respeito depois de ter lido tudo quanto se escreveu em latim, francez, italiano e portuguez a respeito d'esta revolução, recolhi a parte mais consideravel d'aquelles aggravos. Á vista d'um tal procedimento dos hespanhoes é mais para espantar sem duvida que seu governo tenha durado sessenta annos, do que o será vel o atacado e derrubado pelos esforços da nação, cujo designio era evitar sua ruina.

«A revolução de 1580 pela qual a corôa de Portugal foi submettida e unida á de Castella, foi o effeito do poder de Philippe II, e da desintelligencia, que reinava entre a nobresa portugueza. Este principe tinha uma especie de direito apparente. Appareceu então uma immensidade de escriptos de parte a parte para sustentarem os direitos respectivos dos pretendentes á corôa de Portugal depois da morte do rei D. Henrique.»

* * *

«Foi no reinado de D. Manuel que os portuguezes descobriram na America o vasto paiz do Brazil, do qual se fizeram senhores, bem como das ilhas de Ormuz, Ceilão, Madagascar, cidades de Malaca, Goa etc. Em quanto reinou, não se passou quasi nenhum anno sem que este principe mettesse de verga d'alto uma frota para alguma expedição importante nas Indias. De maneira que por fim se viu senhor de todas as costas do mar, desde o estreito de Gibraltar até aos mares da Arabia, Persia, Indias, assim como de muitas ilhas e reinos. A quantidade prodigiosa de ouro, prata, mercadorias, que seus vassallos tiraram de todos aquelles paizes, enriqueceu extraordinariamente o reino, e o tornou muito poderoso. É indubitavel que nunca Portugal se viu tão florescente, como no reinado de D. Manoel. (1.º vol. pag. 28).

«Os jurisconsultos e canonistas mais sabios da Europa foram consultados a respeito do direito que os diversos pretendentes diziam ter á corôa de Portugal, e publicaram-se suas differentes opiniões. Os das universidades de Padua e de Bolonha escreveram em favor do principe de Parma. Os de Coimbra sustentaram o direito de Catharina de Bragança: os de Salamanca e de Alcalá consultados pelo rei Philippe II, decidiram a favor d'este. Miguel de Aguerra doutor de Boulogne publicou um livro para sustentar a mesma opinião; e Affonso de Albuquerque, doutor de Lisboa, fez a mesma cousa. Catharina de Medicis tambem não deixou de ter escriptores para sustentarem suas pretensões. O doutor Pelletier, e Pierre Belloy, advogado do rei encarregaram-se de defender sua causa. As provas allegadas em seu favor com as respostas do doutor Felix Teixeira, e Alonso de Lucena, foram impressas com licença em Almeirim. Joseph Teixeira publicou igualmente em Paris no anno de 1582 uma defesa em favor de Catharina, e appareceu uma outra por author anonymo impressa em Leyde. (Idem pag. 58).

«É para assombrar que tendo a cabeça de D. Antonio, Prior do Crato sido posta a premio pela quantia de oitenta mil ducados desde de outubro de 1580 até julho do anno seguinte, tendo elle andado disfarçado em Portugal, não se

encontrou um unico traidor, que o entregasse por uma tão forte somma no meio de tanta gente, a quem elle dev a confiar seus segredos! Idem pag. 97.

O segundo volume d'esta obra contem a historia das negociações para a paz entre Portugal e Hespanha.

Carta 2.ª de Southwell a Mylord Arlington

«Vos não ignorais, senhor, que o rei na sua infancia teve a infelicidade de ter o lado direito queimado. Os medicos não sómente fizeram cahir uma paralysia sobre este lado de seu corpo, seguindo o methodo funesto de o quererem curar á força de sangrias, mas até lhe enfraqueceram e lhe debilitaram tão consideravelmente o cerebro, que não sendo já susceptivel de educação necessaria para o aperfeiçoamento da sua intelligencia, no qual todavia ella teria feito mediocres progressos, a falta de tudo quanto podia contribuir para esse fim o tem deixado n'um estado estupido e digno de lastima. Tem no entanto ainda alguns curtos intervallos, nos quaes sua razão parece estar n'um estado menos mau, dá até signaes d'um espirito lucido. Mas estas especies de faiscas extinguem-se bem depressa, e recahe frequentemente no seu primeiro estado. Mal se percebem estas mudanças, e quasi que se acha sempre no mesmo estado.

«As virtudes que possue este principe, se me é licito assim fallar, no estado em que se acha, são tão levadas ao excesso, que teem contribuido outro tanto para a ruina de sua authoridade, como alguns de seus defeitos. O rei não sabe o que seja dissimular, e por isso diz sempre a verdade. Não é nunca contido nem pelas considerações dos tempos e dos logares, nem pela jerarchia das pessoas e lança em rosto em suas furias a qualquer todo o mal, que d'elle tem ouvido dizer. É naturalmente muito liberal; porém suas graças estendem-se a pessoas, que d'ellas são indignas, escandalisam as que as merecem. A miseria do reino faz julgar prodigalidades, que em qualquer outro tempo passaria por generosidade. Seu espirito é elevado e corajoso, mas está inchado com a louca imaginação de ser o Heitor de seu seculo. Ouvindo fallar um dia de certo homem, que commettera varios assassinatos, mandou-o immediatamente vir á côrte, e pol-o em o numero de seus guardas. Gosta de matar touros com sua propria mão, ursos e outros animaes ferozes: tem havido mesmo algumas occasiões, nas quaes tem mostrado muito pouca consideração para com a vida dos homens. Seu modo extraordinario de viver chega a ponto de fazer do dia noite, e da noite dia. Janta ordinariamente na cama, e come prodigiosamente. Algumas vezes fuma e bebe vinho mais que nenhum outro portuguez. Em quanto a mulheres sustenta uma especie de serralho. Porém suas caricias segundo asseveram suas amantes, são vans: seu prazer consiste em pol-as em desalinho. O conde de Castello Melhor, para conservar secreta a impotencia, de que acusam o rei, faz crear no seu palacio uma menina de quatro annos, a quem faz passar por filha d'este principe: mas já ninguem é o alvo d'este embuste, e riem-se. Passo voluntariamente em silencio outras circumstancias relativas ao temperamento d'este principe, bem como os effeitos desregrados, que d'elle teem sido a consequencia: pois é sempre custoso fallar desfavora-

velmente d'um rei. É notorio que a rainha não ignorava nenhuma d'estas circumstancias antes de partir de França para o desposar. Porém esta princesa sendo d'uma ambição desmedida, e a paixão de dominar sendo no seu coração superior a todas as outras, tudo quanto se lhe poude dizer a respeito d'elle para affastal-a d'este matrimonio, não foram, dizem, senão outros tantos incentivos para ella. Logo que na sua chegada a Portugal achou o rei quasi escravo do conde de Castello Melhor e de seus partidarios, apenas conheceu, que as intrigas que armava, não tinham outro resultado mais que desviarem-na ainda mais e que o rei affectava por maneiras más fazer-lhe expérimentar os dissabores vulgares do casamento, não poude ella supportar por mais tempo o estado em que se via. Tinha correspondencia secreta com o infante. Cuido que ao principio não teve outra intenção senão a de arruinar o conde: porém esta correspondencia produzio com o decurso do tempo outros effeitos, e mais consideraveis, pois que se chegou mesmo a ponto de tratar n'ella nada menos que de amores e de casamento. O padre Verjus, jesuita francez, seu confessor, e o abbade de Santo Romain eram os principaes agentes d'este negocio, e aquelles, cujos conselhos ella seguio. Uma intriga composta de espiritos tão activos, como os que tiveram muita parte em todos estes manejos, bastaria para deitar por terra os estados da metade do mundo. Uma pessoa digna de credito, que soube d'elles mesmos de que maneira projectavam esta empreza, me contou o que se segue: Que o infante achando-se fortemente enamorado dos encantos da rainha, tinha resolvido primeiramente desthronar o rei, quando as côrtes estivessem reunidas, e que então depois de o terem encerrado n'um convento, se poria a corôa na cabeça do infante. Que a rainha se retiraria ao mesmo tempo para um mosteiro, e que passado algum tempo á declaração que havia de fazer de que ainda se achava virgem, annular se-hia seu casamento, de maneira que sem nenhuma outra necessidade de dispensa, o infante a desposaria. Tudo isto, meu senhor, vos parece sem duvida bem extraordinario. No emtanto é um boato universalmente espalhado por aqui, e o proprio rei entre outras invectivas que espalha contra o designio de reunir as côrtes, diz abertamente, que uma de suas deliberações deve ser o trabalharem para o seu divorcio.

«Quando se perguntou a estes senhores da facção franceza, da qual acabo de fallar, se a rainha achava bastante segurança n'este partido com o infante, não tiveram nenhuma difficuldade em responder conformemente a seus sentimentos. Asseveram até que seja qual fôr o caminho, que as cousas tomem, a rainha deve antes arriscar tudo, do que viver com um marido d'esta especie. Se suas tenções são taes, como dizem, creio que ella ficará mal em seus projectos: pois tenho ouvido dizer a alguns dos partidarios do infante, pessoas distinctas, que a rainha tinha patenteado em alguns dos ultimos negocios, um espirito tão arrojado, e tão emprehendedor, que antes a lisongeiam por ter precisão d'ella nas actuaes circumstancias, do que parecem desejar seu governo ou sua regencia. Accrescentam que o infante se ha de lembrar talvez que ella não lhe foi favoravel senão com prejuizo de seu marido, e que elle bem poderá retel-a n'um convento, logo que uma vez ella tiver lá entrado.

«Pelo que diz respeito ao infante não posso imaginar que algum dos progressos de sua empreza seja fundado em seus proprios talentos. É d'um genio muito docil em se conformar com os conselhos, que lhe dão, e estimado assaz geralmente, tanto por sua habilidade nos negocios, como por suas virtudes. Porém esta estima tem um objecto tão indeterminado, que tenho ouvido a varias pessoas attribuirem inteiramente á sua doçura e moderação o não ter ainda havido sangue derramado; ao passo que algumas outras gabavam sua firmeza, e pretendiam que todos seus amigos teriam vergonhosamente abalado se elle mesmo os não tivesse animado a proseguirem a sua empreza. Eis aqui a grande móla de sua intriga. Em primeiro logar fundados no conhecimento perfeito, que teem do espirito desvairado do rei, e de suas paixões violentas, tiveram cuidado de afastarem todos os empregados que podiam guial-o em suas acções por meio de conselhos salutares e lançar assim um véo sobre seus defeitos, a fim de que por este meio deixado a seu proprio procedimento, e exposto aos olhos de seu povo tal qual é naturalmente, se tornasse elle mesmo o instrumento de sua propria ruina. Conforme este projecto todos os desvarios do rei teem sido notados, e em seguida divulgados, e quasi todos os empregados convertidos em seus espiões.

«Esta reforma, e esta exclusão de certas pessoas, que rodeavam o rei, arrastou a do conde de Castello Melhor, e é para notar, que quasi nunca mais se fallou do crime, de que o accusavam ao principio, apezar de ter parecido necessario fazel-o parecer criminoso d'um attentado tão enorme, como o de ter querido envenenar o infante para melhor assombrar o povo, e interessal-o em virtude d'esta accusação até que a verdade fosse conhecida. E não se pedia então nada, que não fosse na apparencia muito rasoavel, pois que tão sómente se exig a do conde o retirar-se da côrte durante algum tempo; porém pretendia-se com esta exclusão do conde, e de alguns outros como elle facilitar e apressar o exito da grande empreza.

«Conversei hoje depois do meio dia com um joven senhor muito sensato, e partidario do infante, o qual me fallou nos seguintes termos: Não se póde prescindir de convocar as côrtes para examinar e approvar tudo quanto se tem passado, ao que não se póde dar outro nome mais que o de rebellião; e aquem dos Pyrineos similhantes intrigas nunca se qualificaram d'outra sorte. Mas, logo que se convocarem, accrescentou elle, os tres estados do reino, que formam um tribunal soberano, e reduzem até a pessoa do rei á mesma posição que um simples particular, então os motivos e causas d'aquelles procedimentos tendo sido patenteados, sendo os crimes e as desordens dos accusados maduramente examinados, e julgados em ultima instancia, tudo quanto se tiver passado n'aquellas agitações será justificado pela authoridade d'aquella assembléa, e o mundo ficará convencido da justiça de todos os nossos movimentos.

«Creio que vem a proposito fazer-vos aqui observar, meu senhor, que em quaesquer mãos que a authoridade suprema caia, será necessario certamente mais de meio seculo para reduzir o povo áquelle gráo de submissão e de obediencia, que deve a seu soberano, e no qual estava antes d'estas agitações. Pois tem sido tão corrompido e ensoberbecido pela opinião, em que tiveram

cuidado de o conservar a respeito de sua pretendida authoridade, lisonjeando-o d'uma parte e d'outra para lhe fazer approvar e proteger toda esta conspiração, que elle se exprime em seus discursos d'uma fórma tão licenciosa, que se poderia imaginal-o em qualquer republica.

«A esperança que davam a si mesmo, que se poderia então fazer reviver o tratado com a Hespanha, era o mais forte dos motivos espalhados com o fim de excitar geralmente a impaciencia dos portuguezes pela reunião dos tres estados; e nenhum boato estava mais propagado entre o vulgo, que aquelle, que corria de que se receberiam propostas de Madrid, das quaes eu era o depositario. Consistiam ellas n'uma tregua de quarenta annos, e no titulo de corôa. Mas no meio d'estes rumores populares, chega de Madrid um tão grande numero de cartas, confirmando que o titulo de rei é já concedido pela Hespanha que todos os portuguezes voltam os olhos para aquelle lado, e esperam o expresso, que deve ser despachado por Mylord Sandwich. Mr. de San Romain receia muito vêr o effeito, e as consequencias poderão talvez fazer-lhe sentir que servio mal a França ajudando a precipitar o conde de Castello Melhor, pois elle contribuiu para isso e tomou parte nos conselhos da rainha, em que se resolveu a ruina do conde. Escreveo para a França com o fim de justificar seu procedimento, que se o conde se tivesse conservado por mais tempo no poder, se teria opposto ao tratado, e celebrado algum accordo com a Hespanha apezar de ser evidente o contrario. No emtanto todos os escriptos furiosos e diffamatorios, que apparecem presentemente, accusam o conde, ao passo que seus proprios amigos lhe exprobam o ter tido a simplicidade e imprudencia de haver preferido os interesses dos francezes ás propostas de accordo offerecidas pela mediação da Inglaterra. Os do partido dominante nada mais fazem que sorrir regosijando se de verem uma razão tão admiravel para se tornarem inimigos do conde, apezar dos grandes motivos, que tinham para conservarem sua amizade.

«Tendo o conselho de estado observado até que gráo de orgulho o povo se tinha elevado, e com quanta impaciencia supportava a recusa do rei de convocar as côrtes, importunou e instou tanto com sua magestade para ceder aos clamores do povo, que por fim constrangido até certo ponto a satisfazel-o, consentio em convocal-as, sem querer todavia, assim como o desejavam, marcar a reunião para o *primeiro de janeiro*, mas sim para 2 de fevereiro.»

A leitura d'esta obra (que não é vulgar) torna-se indispensavel para um perfeito estado do governo de D. Affonso VI, e recommenda-se principalmente a leitura da pag. 116 do 2.º vol. áquellas pessoas, que só admiram a moralidade dos tempos antigos.

1301) **SOUSA** (Mad. de).—Anteriormente condessa de Flahault. O nome d'esta illustre escriptora franceza era Adelaide Marie Emilie Filleul [1]. Nasceu em Paris no anno de 1761, e n'esta mesma cidade morreu a 16 de abril de 1836. Tendo sido educada n'um convento, d'elle sahiu para casar com o

[1] Firmin Didot—*Biographie Universelle;* pag. 275 do tomo 44.º

conde de Flahault. Porém havendo seu marido sido guilhotinado durante a revolução franceza, viu-se na necessidade de viver por algum tempo em Hamburgo, onde veiu a conhecer o diplomata portuguez José Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos, o celebre editor da sumptuosa edição dos *Lusiadas*, conhecida vulgarmente pelo titulo de *Edição do Morgado Matheus*, feita em Paris em 1817. N'esta cidade de Hamburgo casou a celebre escriptora franceza com o nosso compatriota.

Mad. Sousa é auctora d'um grande numero de obras, como *Adele de Senange — Emilie et Alphonse — Eugenie et Mathilde — Charles et Marie — Eugene de Rothelin — Comtesse de Fargy — Mademoiselle de Tournon — Duchesse de Guise.*

«Mad. Sousa é um espirito [1], um talento que se prende inteiramente ao seculo XVIII. Ella viu maravilhosamente o mundo, amou-o, bem como ao tom, usos, educação e vida convenientemente distribuida. Foi instruida pela sociedade, pelo mundo, e exercitou-se a ver e a sentir n'um horisonte que lhe foi traçado.»

1302) SOVRANITA (LA) TEMPORALE DEI ROMANI. — *Spagna — Portogallo — America Portoghese.* Roma, 1860.

1303) SPECULATIEN OP'T CONCEPT *van Reglement op Brazil.* T'Amsterdam, 1648, 22 pag. M. S.

1304) SPECULUM TYRANNIDIS PHILIPPI *Regis Castillae in usurpanda Portogallia, verique Portogallensium juris in elegendis suis regibus ac principibus.* Parisiis, 1595.

(Espelho da tyrannia de Philippe rei de Castella na usurpação da corôa de Portugal, e legitimo direito que os portuguezes teem de elegerem seus reis e principes.)

1305) SPENCE (FERRAND).

E. — *Don Sebastian king of Portugal. An historical Novel done out of French by.* London, 1683.

1306) SPONTONE (CIRO).

E. — *Ragguaglio del fatto d'arme seguito nell'Africa tra Sebastiano, re di Portugallo et Muley Anda Maluco.* Bolognia, 1601.

1307) STAEL (MAD.)

A correspondencia entre esta celebre escriptora e o fallecido duque de Palmella ainda hoje existe inedita, e a respeito d'ella dá-nos Lopes de Mendonça os seguintes esclarecimentos:

[1] Saint-Beuve. *Portraits de femmes*, pag. 45. A acção de um poemeto que termina este volume é passada em Portugal.

«Parte da traducção dos *Lusiadas* feita em francez pelo duque de Palmella, e cujo autographo a familia do duque, como é natural, conserva com toda a veneração, notam-se observações numerosas de Mad. de Stael, que provam que se a illustre escriptora não penetrara no inteiro conhecimento das bellezas da lingua de Camões, advinhára a maior parte d'ellas por aquella maravilhosa intuição dos talentos superiores.

«O duque teve de retirar-se para Roma, aonde devia residir como encarregado da legação portugueza, e foi n'esse tempo que começou entre ambos uma activa correspondencia, que ainda existe inedita, e que suppomos que assim ha de continuar por muitos annos. Pela leitura d'estas cartas, se justos melindres não impedissem a satisfação de uma curiosidade pouco respeitosa e por ventura indiscreta, poderiamos avaliar até que ponto se póde dar credito ás suspeitas que attribuem ao joven portuguez um parentesco poetico demasiadamente intimo com o romantico lord Oswald que divaga melancolicamente pela Italia, pungido pelo fastio devorador da vida, no celebre romance de *Corinna*.

«Não seremos ousados suppondo que na illustrada sociedade de Coppet, aonde o duque de Palmella residiu dois mezes completos em 1806, representando com mad. de Stael e Benjamin Constant, Mathieu de Montmorency e de Barante tragedias do theatro classico (a *Zara* de Voltaire e a *Phedra* de Racine entre outras) abraçaria o duque de Palmella as theorias da escola liberal ingleza, que apaixonavam n'esse momento a imaginação de mad. Stael e de Benjamin Constant, e a que os excessos da revolução e o regimen glorioso, mas oppressivo, que lhe havia succedido, concediam um prestigio capaz de seduzir os mais sisudos espiritos».

1308) STAFFORD (IGNACIO).—Inglez de nação, jesuita e professor de mathematica no collegio de Santo Antão.

E. em castelhano. — *Elementos de mathematica dedicados á nobreza lusitana*. Lisboa, 1634, 8.º

Comprehende este livro os elementos de geometria e de astronomia.

1309) STANCEL (VALENTIM).

E. — *Legatus Uranicus ex orbe novo in veterem, hoc est. Observationes Americanae cometarum factae*. Pragae, 1683.

(Trata dos cometas observados na Bahia nos annos de 1664 e 1665.)

1310) STATISTICAL (A) AND GEOGRAPHICAL *survey of Spain and Portugal, giving a detailed and special account of the provinces, cities, and towns of both kingdoms: their extent, population manufactures, distances and bearings, etc. Accompanied with an Index and illustrated with a map. Compiled from the best and latest authorities.*

London, 1808, 171 pag.

1311) STEINDACHER (M. FRANZ).

E. I. — *Catalogue des poissons d'eau douce de Portugal conservés au muséum d'histoire naturelle de Lisbonne, par —.*

Foi este trabalho publicado na parte 2.ª do tomo 3.º das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.* — Nova serie.

II. — *Ichthyol. Bericht uber cine nach Spanien und Portugal unterne.* Reire, 1866.

1312) STELLA (JOAQUIM CHAUMEIL DE).— Chevalier de plusieurs ordres militaires de Portugal, e Auguste de Santeuil.

E. — *Essai sur l'histoire de Portugal depuis la fondation de la monarchie jusqu'à la morte de D. Pedro IV* (1080-1844). *Par* —. Bruxelles. 4.º, 1841, 2 vol., 1.º de 203 pag. com o retrato de D. Pedro IV, 2.º de 206 pag. com o de D. Maria II e com algumas copias de authographos de paginas notaveis do nosso paiz n'estes ultimos tempos.

O auctor é um grande admirador de D. Pedro.

«Até aqui (pag. 91 vol. 1.º) o theatro dos acontecimentos ampliou-se: dentro de alguns annos o veremos tornar-se mais vasto; depois, quando os portuguezes houverem tocado o apogéu da riqueza e da gloria, seu poder repentinamente derribado, virá extinguir-se debaixo do jugo dos estrangeiros, e teremos de contar a decadencia da monarchia e a iniciação do povo nos progressos da civilisação moderna. Estas duas ultimas phases dos annaes de Portugal são tão curiosas para estudar quanto as que teem já percorrido; todavia esta marcha decrescente reproduz-se muitas vezes na historia, ao passo que a prosperidade dos portuguezes é unica, incrivel. Pouco numerosos, occupando um territorio acanhado, fizeram nas quatro partes do mundo conquistas immensas, sustentaram por toda a parte a guerra, e tornaram-se senhores do commercio universal. Superiores em tudo, inspiravam terror, admiração, respeito, e os povos timidos da India, deslumbrados com a rapidez de suas victorias, diziam na sua ingenuidade: *Bem hajam os Deuses por não fazerem muitos portuguezes, pois o universo não poderia bastar á sua ambição!*

***

«O portuguez não é, como se tem muitas vezes dito, um dialecto do castelhano, mas sim uma lingua á parte, derivada do romano, com palavras e phraseado arabes. Ha muita differença na pronunciação e na construcção entre o castelhano e o portuguez. Menos pomposa, mais simples, mais clara que o hespanhol, convem a lingua portugueza mais á conversação, presta se mais facilmente á traducção rapida dos pensamentos. Os synonymos, diminuitivos e augmentativos, abundam n'ella, e tornam facil pintar os objectos sem periphrases, com uma infinidade de matizes.

«Um tal instrumento manejado por um povo folgasão, espirituoso, intrepido e voluptuoso, devia produzir uma litteratura variada e rica, mormente em poesias epicas e lyricas. Eis o que aconteceu. Até á epocha de D. Sebastião a maioria das obras de theologia e de jurisprudencia compostas pelos portu-

guezes, foram escriptas em latim: estão todas, como seus auctores, cahidos no esquecimento actualmente. Entre os que se serviram do idioma portuguez, João de Barros adquiriu uma grande celebridade com a sua *Historia da Asia*, continuada por Diogo do Couto. Não podemos citar, nem todos os nomes nem todas as obras, mas durante seu periodo heroico, os lusitanos não deixaram de ter jámais escriptores para registrarem suas proezas.

«Os portuguezes tambem compozeram romances de cavallaria. Cumpre considerar no primeiro logar o *Clarimundo* de João de Barros, e a *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro; a *Historia de Carlos Magno e dos doze pares de França* [1], e por fim o *Palmeirim de Inglaterra*, de Francisco de Moraes, que foi traduzido em todas as linguas da Europa.

«As luctas contra os arabes, e as descobertas das Indias, apresentavam objectos extraordinariamente grandes para serem pintados, e não podiam por isso faltar os poetas. Uma velha collecção do fim do seculo XV, contém os versos de mais de cento e cincoenta auctores differentes; no começo do XVI appareceu o poema heroico de *Nuno Alvares Pereira*, por Francisco Rodrigues Lobo, e o do *Cerco de Diu*, por Jeronymo Corte Real.

«Mas ao lado d'esta escola toda lyrica, celebrando as acções dos heroes, erguia-se mais modesta, e talvez mais litteralmente correcta, uma escola bucolica, da qual Bernardim Ribeiro é considerado como o chefe: depois d'elle vem tomar seu posto Diogo Bernardes, Francisco de Sá de Miranda, Lopo Serrão e Christovão Falcão, governador da Madeira, que consagrou seus canticos á pintura dos amores desditosos.

«Viram-se quasi ao mesmo tempo todos os generos de poesias cultivadas com bom resultado por Luiz Pereira Bayão, Marçal de Gouveia, Paulo Machado Escoto, Pedro de Andrade Caminha e Vasco Mousinho de Quevedo: todos contemporaneos ou imitadores de Camões, seu rival, seu vencedor e seu modêlo.

«Os *Lusiadas* era a primeira epopeia, digna d'este nome, publicada nos tempos modernos: Tasso e Milton ainda não tinham cantado, e a *Divina Comedia* não serviu de modêlo ao poeta portuguez.»

1313) STERNE.

E. — *Du Mondego, ou le français en Portugal, trad. du portugais par un refugié.* Paris, 1809, in-8.º

1314) STEVENS (J.)

E. — *The ancient and present State of Portugal.*
London, 1698, 2 vol.

1315) STEWART (A. A.)

E. — *Exile of Portugal*, 2 vol.

[1] Engano do escriptor: esta obra não é portugueza.

1316) STOOTER (JOÃO), natural de Anvers.

E. — *Arte de brilhantes vernizes e das tinturas, fazel as, e o como obrar com ellas, e dos ingredientes de que o dito se deve compor, etc. Como tão bem uma offerta de 18 ou 20 receitas curiosas e necessarias para os ourives do oiro.* Anvers, por la viuva de Henrico Verdussen, 1729, 8.º, 63 pag.

II. — *Spingardeiro com conta, peso e medida, que refuta desproporções, ou exactas speculações e experiencias observadas com conta, peso e medida.* Anvers por Henrico e Cornellio Verdussen, 1719, 4.º, 82 pag.

1317) STOTHERT (WILLIAM).

E. — *A narrative of the principal events of the compaigns of* 1809, 1810 *and* 1811 *in Spain and Portugal.* London, 1812.

1318) E. — *Observations on some passages in L. Col. Napier s'history of the Peninsular War.* London, 1829.

1319) STRICKLAND (AGNES).

E. — *Lives of the Queen of England, by.* London, 1857.

De pag. 478 do 5.º vol. d'esta obra até o fim d'elle (703) vem a biographia da nossa D. Catharina de Bragança, trazendo o retrato d'esta portugueza.

1320) STUART (CHARLES).

«Nascera este distincto diplomata em Buthe, ilha da Escocia, a 2 de janeiro de 1779; e depois de prestar ao seu paiz importantissimos serviços, pelos quaes mereceu ser elevado ao pariato com o titulo de lord Stuart de Rothesay, falleceu cumulado de honras e condecorações a 6 de novembro de 1845.

«Vindo para Lisboa pouco depois de realisada a expulsão do exercito francez em 1808, com o caracter de ministro britannico acreditado junto á regencia do reino, participou com ella dos actos e resoluções governamentaes nos annos que se seguiram, tomando assento entre os seus membros com voto deliberativo, que devia ser principalmente attendido em todos os assumptos de guerra e fazenda. Assim o determinára do Rio de Janeiro a suprema potestade do então principe regente! Este mesmo, quando reinante com o nome de D. João VI, o escolheu para seu plenipotenciario no Brazil, commettendo-lhe o cargo de negociar e assignar em seu nome o tratado de 29 de agosto de 1825, pelo qual ficou definitivamente sanccionada a separação, e reconhecida a independencia do imperio. O desempenho d'esta missão foi-lhe remunerado em 22 de novembro do mesmo anno com o titulo de conde de Machico. Á confiança do pae succedeu a do filho D. Pedro IV, que fazendo-o portador da carta constitucional decretada em 29 de abril de 1826, creava para elle no 1.º de maio immediato o titulo de marquez de Angra.

«Foi lord Stuart homem notavelmente instruido, e mui versado na litteratura antiga e moderna, conhecendo e fallando todas as linguas cultas da Europa. Amava com excesso os livros, e na leitura d'elles consumia a maior parte do tempo, que lhe sobrava do exercicio das funcções diplomaticas em que an-

dou constantemente empregado; com quanto de preferencia se dedicasse á lição das obras historicas.

«No periodo de sua primeira residencia em Portugal deu-se ao estudo da nossa lingua: e tal affeição lhe inspiraram os nossos escriptores antigos, que não poupou cuidados nem dinheiro para adquirir as obras impressas mais notaveis por preço e raridade, e para haver copia dos manuscriptos mais importantes [1] de nossos archivos e livrarias. Reuniu uma collecção completa, quanto era possivel, das actas ou capitulos de nossas antigas côrtes, e fez copiar o *Cancioneiro* original dito do Collegio dos Nobres, que mais tarde, em 1823, estando por embaixador em Paris, fez imprimir n'aquella com o titulo:

«*Fragmentos de um Cancioneiro inedito, que se acha na livraria do Real Collegio dos Nobres de Lisboa. Impresso á custa de Carlos Stuart, socio da Real Academia de Lisboa.* Em Paris, no Paço de Sua Magestade Britanica, 1823.

«Edição de que apenas se tirou um pequeno numero de exemplares, destinados exclusivamente para presentes, e da qual resultou tornar-se conhecido e celebre na Europa um monumento, cuja existencia era totalmente ignorada. Adquiriu pelo mesmo tempo um exemplar do *Cancioneiro geral* (impresso) de Garcia de Resende; porém mui damnificado, e até falto de folhas.

«O zeloso bibliophilo fez copiar com toda a exactidão as que faltavam; e imprimindo-as passados annos, em Londres, em caracteres iguaes aos da obra, conseguiu restaurar um exemplar mutilado, tornando-o completo e perfeito.

«Finalmente os que, levados da curiosidade, pretenderem a descripção minuciosa de todas as preciosidades que n'este genero conseguiu accumular em sua vasta e rica bibliotheca o illustrado diplomata, podem recorrer ao livro estampado em Londres, 1855 (anno em que veiu a realisar-se a venda da livraria) cujo titulo é: *Catalogue of the valuable Library of the late Right Honorable Lord Stuart de Rothesay... collect during many years residence as British Ambassador at the Courts of Lisbon, Madrid, the Hague, Paris, Vienna, St. Petersbourg, and Brazil.*

É um volume, que em 324 pag. no formato de 8.º grande contém 4:323 artigos, encerrando estes correspondentemente muitos milhares de volumes.

1321) SUARCE (COLONEL BARON DE).

E. — *Journal de l'expédition des Algarves sous le commandement du Maréchal Duc de Terceira. Année* 1833. Paris, 1834, 8.º

1322) SUCCINTO RAGGUAGLIO DATO DA S. ECC. IL SIGN. *Bal. Venceslau, Comte Arrach, circa el ceremoniale stato praticato nell'Ambasciata fatta d'anno scorso* 1728 *nella reale Corte di Portogallo.* Roma, 1728.

Narra esta obra a vinda a Lisboa do embaixador da ordem de Malta para visitar el-rei D. João V da parte do grão-mestre.

[1] Innocencio Francisco da Silva, no *Panorama* de 1866, pag. 43.

1323) SUFFERINGS (THE) OF JOHN CUSTOS *for free-masonry, and for his refusing to turn Roman Catholic, in the Inquisition at Lisbon; where he was sentenc'd, during four years, to the Galley; and afterwards releas'd from thence by the gracious interposition of his present Majesty King George II. To which is annex'd the origin of the Inquisition, with its Establishment in various Countries. A distinct Account of that Tribunal, with many Examples of its Injustice and cruelty; and the practice of the primitive Church, in bringing over Hereticks, compared with that of the Inquisition. Extracted from a great Variety of the most approved Authors. Enrich'd with sculptures, design'd by Mr. Bostard.* London, Printed by W. Strahan, for the Author, 1746, 8.º grande, 400 pag.

É offerecida ao conde de Harrington.

As estampas representam diversas torturas applicadas aos presos na inquisição.

1324) SUPPLEMENTO ALLE OSSERVAZIONI *che l'Autore N. N. offerisce al pubblico sopra la Condotta del Primo Ministro di Portogallo l'Illtriss. ed Excellentiss. Sig. Conde d'Oeyras interno à presenti fatti de Gesuiti del medesimo Regno.* In Lugano, 1761, 8.º, 96 pag.

É contra os jesuitas, pretendendo que o mau procedimento d'estes padres data de tempos antigos.

1325) SWAINSON.

E. — *Carta de Mr. — de Liverpool escripta ao professor Jameson, de Edimburgo em que lhe dá relação da viagem que fez pelo Brazil, em* 1817 *e* 1818.

Vem a referida carta em portuguez a pag. 243 e seguintes do *Jornal Encyclopedico de Lisboa.*

O fim da referida viagem era o de colligir objectos de historia natural.

T

1326) TAMS (DR. GEORGE.)

E.—I. *Portugiesische Besitzungen in Sud-West Africa Mit einem Vorworte von Prof. Carl. Ritter.* Hamburgo. 1845.

Foi esta obra traduzida do allemão para inglez com o seguinte titulo: — *Visit to the Portuguese possessions in South-Western Africa. Translated from the German by H. Evans Lloyd.* London. 2 vol.

Foi tambem vertida em portuguez esta obra, e impressa no Porto no anno de 1850.

«Ribeiro dos Santos, negociante, e consul geral portuguez em Altona, resolveu fazer [1] uma expedição commercial á costa Occidental de Africa com uma esquadrilha de seis navios—*Vasco da Gama, Camões, Sultana, Georgina, Hedwiges*, e *Esperanza*, a bordo do qual se embarcou aquelle cavalleiro, o doutor Tams medico da expedição, mr. Wrede, botanico hanoverianno, o doutor Growbendner, entomologo hamburguez, etc. Esta expedição tão dispendiosa e colossal, emprehendida á custa d'um só homem, e com tamanho fornecimento de especies commerciaes, como de objectos de particular commodidade e recreio saiu de Altona no dia 28 de junho de 1841. Um mez depois tocava no Porto Santo, atravessava o tropico de Cancer na noite do primeiro de agosto, e passados poucos dias fundeava junto á ilha de Santo Antão: d'ahi partindo a 8 de agosto, e tocando na de S. Vicente navegou para Benguella, de cujo porto deu vista a 10 de outubro, lançando ferro alli no dia seguinte.

«A 28 d'esse mesmo mez saiam já os navegantes para Loanda, aonde entraram a 4 de novembro, fazendo escala por Novo Redondo. Dois mezes depois regressaram a Benguella, e o doutor Tams partia com a nomeação de cirurgião mór d'aquella cidade pelo governador de Angola, e com promessa de melhor logar em Loanda: accommeteram-no então as febres climaticas: o sr. Ribeiro dos Santos falleceu aos 17 dias de doença, assim como mr. Heyne de

[1] *Atheneu.* vol. I, pag. 164.

Altona, seu primeiro caixeiro, e em Benguella foram encontrar o cadaver de mr. Wrede, e mr. Growbendner moribundo com as febres, de que veiu a morrer no mar quando regressou á Europa, assim como o secretario portuguez, que o chefe da expedição tomára em Lisboa, e que ainda era moço.

«Transtornada a empresa por estes desastres, voltou a expedição a Loanda, e n'ella o doutor Tams, já sem vontade de ser empregado na costa d'Africa; em fins de fevereiro fizeram-se de vela para Ambriz, donde abordando á ilha de Anno Bom a 11 de março, seguiram para os Açores, chegando ao Fayal a 10 de maio, e a 31 do mesmo mez de 1842 fundearam em Altona.

«Esta expedição tinha causado tamanha admiração, o seu objecto tinha sido tão suspeitado de tracto de escravatura, e a desgraçada catastrophe, que lhe poz termo, excitou tanto a attenção, que o doutor Tams, vendo o geral acolhimento dado a um artigo do *Jornal litterario* de Hamburgo ácerca do reino dos negros de Ambriz decidiu-se a escrever esta obra publicada em 1845.

«N'esta longa viagem, apesar da pequena demora em quasi todos os pontos, o doutor Tams foi incançavel em indagar tudo quanto podia ser proveitoso ás sciencias, e mesmo ao commercio, e ainda que a esphera das suas observações não seja muito extensa, como observa o professor prussiano Carl Ritter, os resultados são os mais amplos. Inflexivel contra o trafico da escravatura, e verdadeiro apreciador das vantagens da exploração dos immensos productos das nossas colonias, não cessa de lamentar a estagnação do utilissimo commercio, que ellas offerecem, sacrificado á facilidade, com que o trafico da carne humana enriquece em poucos annos os especuladores.»

1327) TAYLOR (J). — Chevalier de l'Ordre Royal de la Legion d'Honneur et l'un des auteurs des *Voyages pittoresques dans l'ancienne France.*[1]

E.—*Voyage Pittoresque en Espagne, en Portugal et sur la Côte d'Afrique, de Tanger à Tétouan; par—*. Paris, librairie de Gide Fils. 1832. fol. maximo. 3 vol. Obra verdadeiramente monumental.

O primeiro volume versa só a respeito da Hespanha.

É no segundo que o auctor principia a tratar de Portugal, e as estampas, que nos dizem respeito são as seguintes:

I. Cabo de S. Vicente. Narra defronte da estampa a batalha conhecida pelo nome d'este cabo, dada em 14 de fevereiro de 1797.

II. Egreja da Villa do Bispo no Algarve. Diz Taylor que esta egreja se torna notavel pelo seu genero de architectura, o qual foi depois introduzido no Brazil pelos portuguezes.

III. Vista de Lisboa, tirada do Tejo. «O espectaculo da vista de Lisboa é admiravel. Faz advinhar um povo celebre por sua coragem, conquistas maritimas, e que foi o primeiro a abrir caminho para a India.»

IV. Sachristia da Egreja de Belem. Faz-lhe os maiores elogios, achando-a superior á da Cathedral de Senlis.

V. Vista d'um acompanhamento funebre.

[1] O nome por inteiro do auctor é Isidore Justin Severin Taylor.

VI. Trajos usados nas proximidades de Lisboa.

VII. Vestibulo do palacio de Cintra. «E' este palacio um dos mais curiosos monumentos da Peninsula. Sua architectura e ornamentos pertencem geralmente ao gósto da renascença. Porém em Portugal este estylo não corresponde ao que tem este nome na França, e mesmo na Italia; esta observação é commum a todos os monumentos d'este reino construidos pela mesma epocha. A architectura antiga e a architectura gothica conservaram o caracter, que possuem em toda a Europa: porém o estylo da renascença tornou-se em Portugal um typo particular, que pertence á nação, typo de força, de graça, de riqueza, e de originalidade, que não tem outro exemplo na historia da architectura. Não saiu, com certeza, todo armado do cerebro dos portuguezes; com tudo não é menos certo que produziu tres monumentos deliciosos, dos quaes em vão procurariamos o modelo e a copia n'outra parte. São: — Cintra, Belem e Batalha. É realmente a liga do gosto oriental com o estylo occidental.»

VII. Entrada da salla d'armas em Cintra. «O palacio real de Cintra brilha em bellezas de primeira ordem. Data da epocha, em que Portugal viu levantar se o maior numero de monumentos dotados com um verdadeiro sainete de riqueza e de originalidade.»

IX. Pelourinho de Cintra.

X. Outro pelourinho em Cintra.

XI. Ruinas d'um castello mourisco em Alcobaça.

XII. Tumulos de D. Ignez de Castro e D. Pedro. «É o que ha de mais precioso, e de mais admiravel em Alcobaça.»

XIII. Capella dos reis na Batalha. «Esta capella é sem duvida o mais bello florão d'este magnifico arrendado de pedra, a que se dá o nome de Batalha. Será sempre um assumpto de estudo dos mais interessantes para o sabio e para o artista.»

XIV. Tumulos dos filhos de D. João I na Batalha. «A riqueza dos accessorios e a pureza dos ornamentos d'este delicioso specimen da arte no seculo XV tornam este monumento funerario notavel mesmo na Batalha, esta maravilha de que Portugal se ufana com justo titulo, e que no entanto diariamente deixa arruinar cada vez mais.»

XV. Tumulo do rei D. João I na Batalha. «Este mausoleu fica á direita entrando na egreja, fórma uma capella, cujas disposições produzem o effeito mais nobre e mysterioso.»

XVI. Porta da capella dos Templarios em Pombal. «Este monumento é de alta antiguidade.»

XVII. Capella dos Templarios em Pombal.

XVIII. Castello da edade media em Pombal. «Só falta ás ruinas de Pombal um romancista como Walter-Scott, ou serem visitadas pelo auctor de Jean Sbogar.»

XIX. Despojos mortaes do Marquez de Pombal: «O homem, que fez erigir tantos monumentos, que protegeu as sciencias e artes, não obtem dos portuguezes algumas pedras para protegerem seus despojos mortaes.»

XX. Os terços em Coimbra. «É impossivel descrever os effeitos admira-

veis, que produzem no meio dia da Europa, os costumes e ceremonias do culto catholico. Os terços tomaram nascimento n'um uso solemne, que já se não encontra senão em algumas povoações pouco em communicação com as capitaes. Ao anoitecer, quando o sino da Ave Maria vem annunciar o pôr do sol, todos os habitantes de cada casa cantam junto de suas janellas, ou no limiar de suas portas em coro, ou cada um em separado, o Rosario ou as Ladainhas de Nossa Senhora. Eram seis horas, quando cheguei a Barcellos: toda a povoação estava a resar: a voz de meninos e meninas se misturava com a dos velhos, e dez mil almas ao mesmo tempo cantavam hymnos em louvor de Deus. É mister conhecer o gosto dos povos do meio dia, amar estas grandes scenas, em que um povo inteiro toma parte na acção, para que se possa conceber a sensação do viajante.»

XXI. Maneira de viajar em Portugal entre Valença e Porto.

XXII. Moinho nas proximidades de Milfontes. «Os moinhos de Portugal apresentam um aspecto extremamente desusado, que procede das velas, mechanismo que em nada se parece com o dos outros moinhos da Europa.»

XXIII. Moinho entre Badajoz e Elvas. «Elvas é uma das praças mais fortes da Europa.»

* * *

«Por espaço de cinco leguas seguimos a costa, que não apresenta algum abrigo; finalmente o Cabo de Espichel veiu annunciar-nos o termo de nossa navegação, e pouco tempo depois entramos no Tejo.

«Será a descripção insufficiente para pintar o admiravel espectaculo, que se desenrolava a nossos olhos; á nossa esquerda as altas montanhas dominando Cintra veem banhar seu pé carregado de verdura, e ornado de graciosas casas nas aguas limpidas do rio; d'este lado o Castello de S. Julião defende a entrada. Na margem opposta serras revestidas de arbustos agrestes coroadas de povoações importantes, lhe oppõem uma barreira invencivel: de todos os lados só vemos pomares, campos bem cultivados, e casas pittorescamente situadas. Os moinhos singulares, dos quaes nossos desenhos apresentam algumas vistas, dominam as alturas. Se lançamos a vista para o rio, o numero infinito de barcos de pesca, e de navios á vela, que se avistam, annuncia as proximidades d'uma cidade florescente.

«Com tudo, nosso navio avançava; já tinhamos transposto alguns bancos de areia que se acham á entrada do rio, quando descobrimos a torre do castello de Belem. N'este local o rio alarga-se consideravelmente; e dobrando um ultimo pontal achamo-nos em frente da cidade de Lisboa da qual distinguiamos havia muito tempo, as primeiras casas, que bordam o Tejo.

«O espectaculo d'esta cidade construida em amphitheatro na margem direita do Tejo offerece aos pintores os mais bellos assumptos, que seja possivel imaginar. A bahia, que forma o rio abrindo-se defronte de Lisboa, ancoradouro excellente para toda especie de navios, tem n'este logar tres legoas de largura. A quantidade de navios ancorados, o aspecto variado dos edificios, que se desenhavam a nossos olhos, os diversos accidentes d'este quadro, pro-

ducções da natureza e das artes, cobertos por um incommensuravel veo do mais bello azul, mergulharam-nos n'um extasis egual áquelle, que deveu experimentar Claude Lorrain, quando creou suas magnificas obras primorosas.

«O que attrahe em primeiro logar, e com razão, a attenção do estrangeiro, que chega a Lisboa, é a Praça do Commercio, centro do novo bairro, e gloria do Marquez de Pombal, o estadista mais celebre, que possuiu Portugal.

«Na Sé de Lisboa as tapeçarias, os vasos sagrados, os paramentos são d'uma riqueza difficil de comprehender; ficámos deslumbrados com a vista dos objectos, que mostraram á nossa curiosidade.

«O mosteiro de Belem é um d'esses edificios para os quaes se tem esgotado todas as formulas de admiração. Á primeira vista conhecemos que tal admiração nada tinha de exagerado.

«Os arredores de Cintra são encantadores, e d'isso nos convencemos durante o trajecto, que fizemos para nos dirigirmos a Mafra. De todas as partes sómente vemos campos bem cultivados.»

Taylor não percorreu as provincias do Norte de Portugal.

Parece ter sido este mesmo Taylor aquelle, que foi enviado por Luiz Philippe, rei de França, a Portugal, com o fim de tirar um modelo em gesso das columnas da Egreja dos Jeronymos em Belem, e de o remetter para França, o que assim se praticou.

1328) TEBAVERS (GEORGE CHRISTIAN).

E. — *Portugistsche deschichte von den attesten zesten bolts bis auf vrigereiten mit genealogischen Zabellen und vielen unmerfungen versehen, etc.* Leipzig, 1759.

Vem mencionada esta obra no catalogo manuscripto da livraria do conde de Lavradio.

1329) TEGEN ADVYS OP DE PRESENTATIF VAN PORTUGAL. *Gesonden wyt's Graven-hage. Aen cenen Vrient in Zeelant. Waer in de hedriegerije ende trouweloos handel der Portuguysen met de H. H. Staten de Vercenighde Nederlanden ende Gewindt-hebbers van de West-Indische Compagnie aengerecht klaer aen den dagh worden gebracht door Lief-hebber des Naderlandts,* 1648. Mensae (sic) Junii 15. 4 folhas sem numeração.

1330) TEJON (D. JOÃO). — Poeta muito conhecido em Hespanha, e natural de Malaga.

Terminou o seu *Romanceiro*, que tenciona dedicar a el-rei o sr. D. Luiz, *Romanceiro* a que faz muitos elogios a imprensa do paiz vizinho.

No *Romanceiro* narra o sr. D. João Tejon os factos mais gloriosos da monarchia lusitana. (*Diario Illustrado*, n.º 1435, 6 de janeiro de 1877).

1331) TELLAIS (C. DE LA).

E. — *Étude historique, economique et politique sur les colonies portugaises*

leur passé, leur avenir, d'après les decrets de novembre et décembre, 1869. Paris, 1870, 279 pag [1].

1332) TELLIER (JEAN LE).

E. — *Voyage aux Indes Orientales*. Dieppe, 1649, 4.º

1333) TEMPORAL (JEAN).

E. — *De l'Afrique contenant les navigations des capitaines portugalois et autres, faites en dit pays jusqu'aux Indes*. Lion, 1556.

1334) TENNENT (SIR J. EMERSON).

E. — *Christianity in Ceylon; its introduction and progress under the Portuguese, the Dutch, the British, and the American Missions, with an historical Sketch of the Brahamanical and Buddhist Superstitions*. London.

(Christandade em Ceylão; sua introducção e progresso no tempo das missões portuguezas, hollandezas e americanas, com um historico esboço das missões brahmenes e buddhistas.)

1335) TERNAUX (HENRI COMPANS).

E. — *Voyages, relations et mémoires originaux pour servir à l'histoire de la découverte de l'Amérique*. Paris, chez Arthur Bertrand, 1837, 12 vol.

No 2.º tomo d'esta collecção vem a traducção da viagem do nosso Gondavo com o titulo seguinte:

Histoire de la Province de Santa Cruz que nous nommons ordinairement le Bresil par Pero de Magalhanes de Gondavo dediée au tres illustre Seigneur D. Leonis Pereira ancien governeur de Malacca, et de plusieurs parties de l'Inde Meridional. Lisbonne, A. Gonçalvez, 1576.

Corre esta versão de pag. 1 até 159.

1336) TERRY.

E. — *Voyage to East Indies Wherein some things are taken notice of in our passage thither, but many more in our abode there whithin that rich and most spacious empire of Great Mogol*. London, 1655.

(Viagem ás Indias Orientaes com informações principalmente do grande imperio Mogol.)

1337) THACKERAY (W. T.)

E. — *Notes of a Journey from Cornhill to Grand Cairo, by way of Lisbon, Athens, Constantinople, and Jerusalem, performed in the steamers of the Peninsular and Oriental Company. Third edition with sexteen illustrations*. London, 1864, 8.º, 208 pag.

(Apontamentos de uma viagem de Cornhill até ao Grande Cairo, tocando na passagem em Lisboa, etc. etc.)

[1] *L'année Geographique* de 1870, pag. 306.

1338) THELO (F. D.)
E. — *Ines del Castro.* Zurich, 1808.

1339) THIEBAULT (PAUL CHARLES FRANÇOIS ADRIEN HENRI DIEUDONNÉ).
E. — *Relation de l'expedition de Portugal, faite en* 1807-1808. Paris, 1817.
Diz-nos Balbi no seu *Ensaio Estatistico* (II pag. XII) que esta obra fôra refutada pelo nosso general Pamplona.

1340) THIEURY (JULES).
E. — *Le Portugal et la Normandie jusqu'à la fin du* XVI *siècle, par* —. Paris, 1860.

1341) THOMAS (PIERRE).
E. — *Vie de D. Bartholemy des Martyrs.* Paris, 1663, ib. 1664.

1342) THOMSON (JAMES). — Um dos mais notaveis poetas inglezes, nascido em Ednam no anno de 1700, e fallecido em 1748.
É auctor do celebre poema intitulado *Seasons,* até ha annos muito conhecido nas aulas de lingua ingleza em Portugal, mas actualmente com grande injustiça removido d'ellas.
No livro 2.º d'este poema encontram-se os seguintes versos e nota que nos dizem respeito [1]:

Amid the heavens,
Falsely serene, deep in a cloudy speck
Compressed, the mighty Tempest brooding dwells:
Of no regard, save to the skilful eye,
Fiery and foul, the small prognostic hangs
Aloft, or on the promontory's brow
Musters its force. A faint deceitful calm,
A fluttering gale, the demon sends before,
To tempt the spreading sail. Then down at once,
Precipitant, descends a mingled mass
Of roaring winds, and flame, and rushing floods.
In wild amazement fixed, the sailor stands.
Art is too slow: by rapid Fate oppressed,
His broad-winged vessel drinks the whelming tide,
Hid in the bosom of the black abyss.
With such mad seas the daring Gama fought
For many a day, and many a dreadful night,

[1] O ardente desejo de D. Henrique, terceiro filho de João I, rei de Portugal, de descobrir novas regiões foi a principal origem de todos os aperfeiçoamentos modernos na avegnação —*Thomson-Seasons*, London, 1811, pag. 94.

Incessant labouring round the stormy Cape;
By bold ambition led, and bolder thirst
Of gold. For then from ancient gloom emerged
The rising world of trade: the genius then
Of navigation, that, in hopeless sloth,
Had slumbered in the vast Atlantic deep
For idle ages, starting, heard at last
The Lusitanian prince, who, heaven-inspired
To love of useful glory roused mankind,
And in unbounded commerce mixed the world.

1343) THUNBERG (CARL PEHR).

E. — *Plantarum Brasiliensium Decas.* Upsal. 1807. (Decada das plantas do Brazil.)

1344) TIECK (LUDWIG).

E. — *Der Tod des Dichters Camoens.* Berlin, 1829. (Os ultimos momentos de Camões.) Tenho visto citada uma edição do anno 1834, impressa tambem em Berlim.

1345) TINELLI (LUIZ WALTER).—Italiano, consul dos Estados-Unidos no Porto, por algum tempo.

E. — *Arte de cultivar a seda.* Porto. 1843, 8.º, 88 pag.

Ácerca do mesmo assumpto escreveu muitos artigos que se podem ver nos vol. I, III e IV da *Revista Universal Lisbonense.*

No vol. 4.º d'este mesmo jornal publicou um artigo sobre o assucar de Beterrava.

1346) TISSOT (AMÉDÉE).

E.—*L'agonie de Camoens par*—. Paris. Dentu editeur. 4.º, XVIII, 144 pag. 1867.

«Entre os homens, a quem a superioridade tornou celebres, aos quaes o infortunio marcou um logar no volumoso martyrologio do pensamento, um dos mais celebres e dos mais desditosos sem contradicção foi Luiz de Camões.

«A vida do grande poeta portuguez não offerece com effeito senão um longo encadeamento de infelicidades, das quaes quasi que não ha exemplo, dado mesmo o caso de que jámais uma existencia tenha sido ferida por tantas ao mesmo tempo.

«Por isso depois de termos lido o seu bello poema dos *Lusiadas* se lançamos os olhos para a sua biographia tão recheiada de calamidades, não sabemos verdadeiramente o que mais devemos admirar, se o genio do poeta, que concebeu esta grande epopéa, um dos mais bellos monumentos litterarios dos tempos modernos, se o caracter do homem, que poude em menoscabo de tantas circumstancias acabrunhadoras emprehendel-a e terminal-a. (pag. IV.)

«Se elle poude, antes de morrer, ouvir as acclamações universaes, que sau-

daram a apparição dos *Lusiadas*, obra de sua vida, poema de seu coração, não poude saborear as alegrias tão doces, tão embriagantes concebidas pela gloria: a miseria envenenou seu triumpho, sua corôa de poeta foi uma corôa de espinhos.

«Poeta por genio, soldado intrepido, ardente patriota, amante infeliz, velho desditoso, sempre proscrito, perseguido, desconhecido, isolado, Luiz de Camões apparece [1] como uma d'essas individualidades varonis, d'essas naturezas cavalheirescas, como um d'esses grandes e nobres caracteres, cujas luctas e soffrimentos nada mais fazem do que realçar a gloria, e acabam por transformal-os, depois de passados alguns seculos, em heroes de legendas, e em martyres.

«Teremos então motivo para nos admirar á vista do exposto, se n'estes ultimos annos nossa litteratura se apossou avidamente d'este grande vulto, e se o escolheu com avidez para assumpto d'um certo numero de poemas, dramas e romances, entre os episodios dramat cos, de que está cheia a vida do cantor dos *Lusiadas?*

«Com certeza, não.

«Com tudo a poesia, o theatro, o romance teem suas exigencias, especie de forças Caudinas debaixo das quaes a realidade deve quasi sempre apagar-se, e muitas vezes desapparecer: se os quadros expostos a nossos olhos n'estes caixilhos seductores estão dispostos com gosto, pintados com arte, são por isso os proprios retratos mais fieis? E ao mesmo tempo que fazemos ao talento do pintor a justiça, que elle merece, podemos deixar de suspeitar da verdade da similhança?

«Pretendemos pois agrupar n'um quadro fiel, expôr em toda sua triste simplicidade as peniveis circumstancias no meio das quaes se extinguiu a vida do poeta, e das quaes cada uma marcou para assim dizer, um novo periodo de sua cruel agonia, que durou perto de nove annos.

«Poeta e soldado, Luiz de Camões, como Homero, e como Belisario, passou os ultimos annos de sua vida na miseria, viveu de esmolas e morreu no isolamento. Pareceu-nos commetter um contrasenso o ajuntarmos á nossa narração peripecias imaginarias; e mais preoccupado da exactidão dos caracteres, da verosimilhança dos retratos, que do esplendor da apresentação na scena e da riqueza da invenção, applicamo-nos mui particularmente a restituir a cada um dos actores, pouco numerosos d'este drama intimo a physionomia que lhe era propria, e da qual nos esforçamos para desenhar as principaes feições na leitura attenta das diversas poesias do proprio Camões.»

* * *

«Os *Lusiadas*, esse poema concebido em Coimbra nos bancos da Universidade, começado em Santarem durante um primeiro desterro, continuado em Ceuta debaixo do fogo do inimigo, e nos hospitaes, tornado a continuar em

[1] «Camoens and Tasso, the greatest of modern epic bards.» Frederick Schlegel.— *Lectures on the history of Litterature ancient and modern*, pag. 207.

Goa no fundo d'uma masmorra, proseguido em Macau na gruta silenciosa de Patané, acabado em Sofala no meio da mais horrivel miseria, este poema, thesouro precioso que se tinha visto obrigado a disputar ás ondas, cujos cantos tinha já revisto com cuidado minucioso, havia finalmente terminado essa obra grande e bella que devia, immortalisando seu nome, ficar como o beijinho da litteratura portugueza.

«Appareceram os *Lusiadas*.

«A publicação d'esta epopéa, a primeira escripta em lingua moderna causou sensação na velha Europa.

«A admiração foi universal. O accolhimento extraordinario.

«Duas edições, cousa inaudita para a epocha, foram esgotadas no mesmo anno.

«Appareceram traducções na Hespanha, Italia e França.

«Tasso que tambem n'aquelle tempo preparava essa obra primorosa, cujo nome é *Jerusalem libertada*, dirigiu um fervoroso soneto a Luiz de Camões, saudando-o como seu mestre, e proclamando-o seu guia.

«Não foi um bom accolhimento, foi um triumpho!

«Esta nobre poesia, que consagrava de maneira tão brilhante a velha gloria nacional causou sobre tudo uma profunda emoção na velha sociedade portugueza.

«Grandes e pequenos, ricos e pobres, cada um quiz apprender de cór as strophes mais brilhantes d'este deslumbrante poema. E não foi um enthusiasmo passageiro, uma fascinação ephemera: tal foi o embriagante perfume, que se exhalou d'esta poesia patriotica, que se tornou, para assim dizer, o canto nacional portugez, e cujas harmoniosas oitavas oitenta annos mais tarde no cerco de Columbo repetiam os soldados.

«E o grande poeta de Portugal viveu dos soccorros e das esmolas d'uma humilde vendedeira das ruas, e das esmolas colhidas por Antonio! [1]»

1347) TOFINO DE S. MIGUEL (D. VICENTE—.) Brigadeiro e director da escola dos guardas-marinhas. Nasceu em Carthagena no anno de 1740, e falleceu em Madrid em 1806 [2].

E.— I. *Derrotero de las Costas Hespanholas* [3]. São cartas maritimas das costas de Hespanha feitas desde 1786 a 1789. São 10 ao todo; 8 de Hespanha, 1 de Portugal, e outra das Baleares. As suas escalas variam entre $^1/_{109400}$ a $^1/_{256200}$. Referem-se a differentes meridianos, isto é, a Paris, Teneriffe, Cadiz, Ferrol e Carthagena. Encontram-se differenças consideraveis, tanto a respeito dos dados contidos no *Connaissance des temps*, como a respeito da boa carta franceza do

[1] «Antonio's faithful, gentle, generous love
To his heart-broken master, that might teach
High as it bears itself, a polish'd World
More Charity.»
Bowles.—*The Spirit of Discovery*, pag. 161.

[2] Firmin Didot.—*Biographie Universelle*. vol. XLV pag. 466.

[3] *Revista Universal Lisbonense*, de 1845 pag. 68. Artigo de A. Xavier Palmeirim.

Mediterraneo, do capitão Gauthier, e da hydrographia do sr. Franzini. Todavia, como são o resultado de observações astronomicas, apresentam o melhor contorno das costas de Hespanha. Em uma serie de 21 outras cartas mostra todos os portos, bahias e enseadas notaveis. Em fim uma carta geral na escala proxima de $^1/_{200000}$ abraça toda a Peninsula, e parte do Mediterraneo até ás ilhas d'Italia. Foi publicada em 1802 pela Direcção da Marinha.»

II. *Derrotero de las costas de España, de Portugal, y de las islas Azores o Terceras, en el Oceano Atlantico, para intelligencia y uso de las cartas esféricas que las comprehenden, Redactado por el Brigadier de la Armada en* 1789. *Corrigido y aumentado por la Direccion de Hidrografia, año de* 1849. Segunda edicion. Madrid. En la Imprenta Nacional 1849. 4.º 277 pag.

A descripção da costa de Portugal corre de pag. 147 até 192, e a dos Açores desde 214 a 277.

1348) TORENO (CONDE DE). — Nasceu em 1786 em Oviedo e falleceu em Madrid no anno de 1843 [1].

E.—*Historia del levantamiento, guerra y revolution de España por el* —. Paris, en la libreria Europea de Baudry 1838, 4.º, 3 vol.

O conde de Toreno tambem era amigo da união iberica, pois nos diz «que é para desejar que venha um tempo, em que, desapparecendo velhas rivalidades, e illustrando-se hespanhoes e portuguezes a respeito de seus verdadeiros e reciprocos interesses, se estreitem dois paizes, ao passo que juntos formariam uma invencivel muralha contra ambição dos estrangeiros, e desunidos são apenas victimas de lutas e paixões alheias.» (Vol. I pag. 153.)

Mas que outopia! Pois não era a França muito mais possante que a Peninsula Iberica unida, e não foi aquelle paiz esmagado pelos prussianos? E não era a Grecia incomparavelmente mais fraca do que a Persia, e não sahiu victoriosa da sua gigantesca lucta?

1349) TORNEROS (D. BENIGNO JOSÉ FERNANDES).—Nasceu em Saragoça no anno de 1814.

(A biographia vem a paginas 370 do VIII volume do *Diccionario Bibliographico*)

E.—*Manual theorico e pratico de tachigraphia portugueza, ou novo methodo para se escrever n'este idioma tão depressa como se falla, sem o auxilio de mestre.* Porto, typographia da *Revista*, 1859, 8.º, 126 pag.

1350) TORSELLINI.

E.—*De vita S. Francisci Xavieri S. J. qui primus in Indiam et Japoniam Evangelium invexit libri* 6.º Antuerpiae, 1596. (Seis livros da vida de S. Francisco Xavier, que foi o primeiro a introduzir o Evangelho na India e no Japão.)

[1] Bouillet. — *Dictionaire Universelle d'Histoire et de Geographie. Supplemento* pag. 124.

1351) TOSCAN (M.).

E.—*Description abreyée des ci-devant royaumes et provinces composant le royaume de Portugal et d'Espagne.* Paris, 1810.

1352) TOUCHES (PIERRE GUILLAUME GICQUEL DES).

E.—*Lettre contenant des renseignements importants sur les Iles de Tristan d'Acunha.* Paris. (No jornal intitulado, *Annales maritimes*, vol. 8.º)

1353) TOUR DU MONDE.

Excellente jornal de viagens illustrado, fundado em Paris no anno de 1860 e onde a cada passo se encontra menção das cousas portuguezas. Já a descripção dos principaes monumentos de Portugal por Olivier Marson; já descripção das nossas possessões africanas por Livingstone, já minuciosas descripções das varias povoações portuguezas. Falla-se de nós nas viagens á Abyssinia, á China, ao Japão, e não deixa tambem de apparecer uma descripção minuciosa da nossa Goa. Se a viagem é de Marrocos, o viajante não deixa de fallar dos fortes e ruinas portuguezas, que se observam nas costas d'aquelle imperio. Em Sevilha mencionam-se as toiradas portuguezas ali dadas pelo tempo da semana santa, no Senegal os nomes de origem portugueza, que ainda ali se conservam: já do odio que existe entre os portuguezes e hespanhoes (vol. 9, pag. 311) dos padrões divisorios entre as possessões portuguezas e hespanholas na America. Em summa quasi que se não passa um numero nos primeiros volumes sem que se falle de assumptos que nos digam respeito, se bem que por vezes diz cousas que não devem ser nada agradaveis para nossos brios nacionaes, como por exemplo: que as nossas possessões na Asia nada valem; que o presidio de Zinchichor, na Africa, se acha n'um estado miseravel, e que o pavilhão portuguez é o unico que ainda cobre o trafico da escravatura.

1354) TOVAR (D. J. PELLICIER DE).

E. — *Mission Evangelica al reino del Congo por la serafica religion de los capuchinos, por* —. Madrid, 1649.

1355) TRACTATUS INDUCIARUM ET CESSATIONIS *omnis hostilitatis actus, ut et navigationis ac commercii, pariterque succursus factus, initus et conclusus Hagae Comitis die duodecima Junii* 1641. *tempore Decennii inter Dominum Tristáo de Mendoça Furtado, Legatum et Consiliarium Serenissimi, Praepotentis Don Johannis Quarti ejus nominis Regis Lusitaniae, Algarvae, etc. Et Dominos Deputatos Celsorum et Praepotentum Dominorum Ordinum Generalium Unitarum Provintiarum Belgicarum.*

Haga-Comitis. Typis Viduae ac Haeredum Hillebrandi Jacobi a Wouw. Anno 1642, 8.º, 8 folhas não numeradas.—M. S.

Na mesma collecção apparece uma traducção em hollandez com o titulo de *Translaet uyt het Latijn inde Nederlantsche Tale, etc. etc.* In's Graven-Hage. 1642. 8 folhas sem paginação.

Segue-se outro opusculo com o seguinte titulo:

Tre-lado do latim na lingua portugueza.

Trattado das Tregoas e suspensão de todo o acto de hostilidade e bem assi de navegação, Comercio e juntamente Socorro, feito começado e acabado em Haya de Hollanda a 12 de junho 1641, por tempo de dez annos entre o Senhor Tristão de Mendoça Furtado, do Conselho e Embaixador do Serenissimo e poderosissimo Dom João IV deste nome Rey de Portugal e dos Algarves, E os Senhores Deputados dos Muito poderosos Senhores Estados Geraes das provincias Unidas dos Paizes Baixos. Em a Haya. Em casa da Viuva e Erdeiros de Ilebrandt Iacobson van Wow, Imprimidor Ordinario dos Muy altos e poderosos Snnores (sic) Estados Generais, Anno 1642. Cum privilegio. 8 pag. sem numeração.

1356) TRAEHN (CHRISTIANO MARTINHO).—Socio da Academia Real das Sciencias de S. Petersburgo, e Bibliothecario do Imperador da Russia).

Segundo assevera Francisco Villela Barbosa [1] remetteu de presente á Academia Real das Sciencias de Lisboa varias obras ácerca de algumas inscripções sepulchraes e de medalhas arabes, com o fim de dar este insigne orientalista testemunho da distincta veneração (como elle mesmo confessa n'uma obsequiosa carta que remetteu), que n'elle excitaram para com esta academia as *Memorias de Litteratura* e os *Vestigios e Documentos Arabicos*, de Fr. João de Sousa.

1357) TRAITÉ DE COMMERCE *et navigation conclu le* 26 *Août* 1840 *entre le Portugal et les Etats unis.* Paris 1841. 8.º folheto.

1358) TRANSLAT DE L'ESPAGNOL EN FRANÇOIS *de ce qu'est succedé á l'armée de sa Maj l'aquelle commandoit cõme Capt. General le Marq. de St. Croix par la Bataille donnée a celle que conduissoit Don Antonio, es iles de los Açores.* Douay. 1582.

1359) TRASLADO DE UNA CARTA *embiada a esta villa de Setubal de D. Joseph de Acuña, caballero del habito de Christo, a un amigo suyo, dandole cuenta de una gran batalha y feliz victoria que han tenido los cavalleros portugueses en Melilla, Ceuta, Mazagan, y Tanger, costa de Africa a los 7 dias del mes de Octubre deste presente ãno* 1638. fol. 1638. T. Comp., pag. 173.

1360) TRATADO DE PAZ Y AMISTAD *entre los muy altos y poderosos res D. Carlos IV re de España y D. Juan Principe, regente de Portugal y de los Algarbes firmado en Badajoz a* 6 *de junio de* 1801. Madrid, 1801.

1361) TRAVELS THROUGH SPAIN *and part of Portugal with commercial, statistical and geographical details. In two volumes.* London, Printed for Richard Phillips. 1808. 8.º 1.º vol. 178 pag. 2.º 244 pag.

[1] *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tom. 8, pag. XIV, parte I.

1362) TRESILE (PIETRO FRANCESCO).

E.—*La principessa Portughesa, spechio in cui praticamente se vede il progresso dell'anima ñella perfettione dell'amor divino.* (É a vida de Santa Joanna, Princeza de Portugal, filha d'el-rei D. Affonso V.

1363) TRIAL OF GABRIEL MALAGRIDA *by the Inquisition of Portugal, for Heresy.* London. 1761 (Execução do P. Malagrida etc).

1364) TRINCHERIA (P. MANOEL).

E.—*Vida y heroicas virtudes del glorioso San Juan de Dios, fundador de la sagrada religion hospitalaria por el—.* Madrid.

1365) TRIUMPHANT (LE) OURNOY, *faict aux nopces du prince d'Espaigne et l'Infante de Portugal en Valledoly, le douziesme jour de mars, mil cinq centz quarante quatre.* Paris, rue neufve nostre dame, à l'enseigne du Faulcheur. 8.º, folheto. Sem data, C. M. B. I. P.

1366) TROU-HERTIGHE ONDERRICHTINGE *Aen alle hooft Participanten en Lief hebbers vande Te octroyeerde West Indische Compagnie Nopend Het open stellen vanden handel op de Cust van Africa, namentliick St. Thomé, Guinea, Angola, S. Paulo de Loanda etc.* 1643. 10 fol. sem pag.—M. S:

1367) TRON E LIPPOMANI.

Estes dois embaixadores venezianos foram mandados pela republica de Veneza, em 1580, cumprimentar Philippe II pela sua conquista de Portugal, e d'esta viagem publicou o sr. A. Herculano[1] alguns extractos no *Panorama*, dos quaes passo a descrever o que julgar mais notavel.

«Para o lado da porta, que chamam da Cruz, em Lisboa, ha uma fonte, ou antes *lago*, que denominam dos cavallos, porque da bocca de alguns cavallos de metal sae tanta agua que fórma uma corrente a modo de ribeiro.

«Posto que Lisboa seja tamanha e tão nobre povoação, não tem palacio algum de burguez ou de fidalgo, que mereça consideração quanto á materia; e quanto á architectura apenas são edificios muito grandes. Ornam-os, porém, de tal modo que na verdade ficam magnificos. Costumam forrar os aposentos de damascos, e de finissimos razes no inverno, e no verão de coiros doirados muito ricos que se fabricam n'aquella cidade.

«As ruas, bem que largas, são muito incommodas, por subidas e descidas continuas, a que obriga a desigualdade do terreno. Por isso usam os moradores andar a cavallo, do que procede verem-se n'aquella cidade bellissimos gi-

[1] Este grande escriptor acaba de fallecer n'este mez de setembro de 1877. Era na actualidade a nossa maior gloria litteraria. Os sentidos artigos que teem apparecido em numerosos jornaes estrangeiros mostram até que ponto Alexandre Herculano era conhecido em toda a Europa. Effectivamente Herculano e João de Barros foram os nossos primeiros historiadores, mas de merecimento mui transcendente.

netes, que os portuguezes compram por todo dinheiro, attendendo á grande estimação em que os teem.

«Não usam de coches, e quatro ou seis que ahi havia, eram de castelhanos que seguiam a côrte. Quanto ás ruas em geral são más e incommodas para andar assim a pé, como em coche, tanto é facil, deleitosa e bella a Rua Nova pelo seu comprimento e largura, mas sobre tudo por ser ornada de uma infinidade de lojas, cheias de diversas mercadorias para o uso de nobre e real povoação. Entre ellas ha quatro ou seis que vendem objectos trazidos da India, como porcelanas finissimas de varios feitios, conchas, côcos lavrados de diversos modos, caixinhas guarnecidas de madreperola, e outras obras similhantes, que d'antes se compravam por moderado preço, mas que ultimamente eram carissimas por tres respeitos: o da peste que havia assolado a cidade; o do saque dado pelos castelhanos quando entraram em Lisboa, bem que el-rei houvesse ordenado ao duque de Alva tal não consentisse aos soldados; e ultimamente pela rasão de não terem vindo armadas da India durante dois annos.

«Na mesma Rua Nova ha muitas lojas de livros, com infinito numero d'elles em portuguez, castelhano, latim e italiano. Todos são muito caros; e por isso os estudantes, por serem pobres, costumam alugal-os a tanto por dia, antes do que compral-os.

«Não deve esquecer aqui que na praça chamada do Pelourinho velho estão de continuo assentados muitos homens com mesas ante si, os quaes se podem chamar notarios ou copistas sem caracter de officiaes publicos, e que n'este exercicio ganham a sua subsistencia. Sabida que é a idéa de qualquer freguez, que se chega a elles, immediatamente redigem o que se pertende, de modo que ora compõem cartas de amores, de que se faz grande gasto, ora elogios, orações, versos, sermões, epicedios, requerimentos, ou outro qualquer papel em estylo chão ou pomposo. Junto da Rua Nova ha muitas outras ruas, cada uma das quaes tem suas lojas de uma só especie de mercadorias. Na dos ourives do oiro havia muitas mal abastecidas de pedras preciosas, de perolas, de ambar e de almiscar, em consequencia da tardança da frota. A prata em Lisboa é lavrada com delicadesa e variedade, por ser costume assim entre nobres, como entre plebeus, usarem de pratos e bacias de prata. Ha igualmente ahi lojas cheias de doces e fructas seccas e cobertas, primorosamente preparadas, de que se faz grande trafico, mandando as para diversas partes do mundo. Vende-se tambem em uma unica rua grande quantidade de telas de toda a sorte, portuguezas, flamengas e italianas: das primeiras são na verdade bellas algumas que chamam *casiquino* mui finas e alvas, e alguns lenços á mourisca, que são baratos e lindos. N'outra parte, em certa viella, trabalham delicadamente ao torno, em que fazem guarda-soes de barba de baleia, obra acabada, e côcos lavrados a modo de taças, com embutidos de madeira do Brazil. Vasos de estanho, e mais objectos d'este metal se fabricam abundantemente, e se carregam para a India, onde dão grande lucro.

«O commercio da praça de Lisboa é muito consideravel pela correspondencia que tem ordinariamente com todas as outras da Europa e do Novo

Mundo, de modo que as permutações são importantissimas, e os negociantes possuem grossos capitaes; porque só nas especiarias e drogas, que vem a Lisboa, depois que expirou pelos annos de 1504 o commercio da Syria e d'Alexandria, ganham rios de dinheiro, que perdem os nossos venezianos, pois eram elles quem fazendo trazer estas preciosas mercadorias pelo Mar-rôxo a Beyruth e a Alexandria, d'alli as transportavam a Veneza nas galés d'alto bordo. Bem como costumam partir de Sevilha todos os annos armadas para irem ás Indias Occidentaes pertencentes á corôa de Castella, assim costumava el-rei D. Sebastião mandar ordinariamente uma frota de Lisboa ás Indias orientaes. No anno em que este rei morreu, partiu no mez de março para Malaca, segundo me contaram, uma nau de 1400 toneladas; e um mez depois mais 5 do mesmo porte para Goa. Era este o numero de vasos que ia annualmente, e aquella a monção da partida. Essas naus levavam carga d'el-rei e dos particulares. Por conta d'estes ia vinho, azeite, pannos finos de varias cores, d'Inglaterra, Flandres e Castella, barretes finos e ordinarios de Toledo, escarlatas de Veneza, e de Valencia, rasos de Florença, sarjas de lan de Flandres, marlotes de Constantinopla, acolchoados e calças de seda de Napoles, velludos de Genova, damascos de Lucca, taffetás e calças de seda de Toledo, sarjas de seda e luvas de Valencia. Por conta d'el rei carregavam-se coraes em bruto e lapidados, azougue, cinabrio, arame, espelhos e diversos vidros de Veneza, mercadorias, que ninguem podia enviar sem expressa licença d'elle. O que, porém, principalmente se exportava, era uma grandissima porção de prata em reales castelhanos, negocio, em que se ganhavam 30 por cento; e affirmaram-me que os cantractadores das especiarias, e varios outros negociantes mandaram nas cinco ultimas naus para Goa um milhão e trezentos mil ducados. Este tracto havia crescido a tal ponto que era de maior lucro a ida, que a volta.

«A carga para Lisboa consistia principalmente em pimenta a granel, que devia subir por contracto, pelo menos, a trinta mil quintaes, e que se dividia, metade para el-rei, que não entrava n'este negocio com somma alguma, e a outra metade para os contractadores que tinham o exclusivo da pimenta: o quinhão de el-rei compravam-no ordinariamente os mesmos contractadores a 32 ducados o quintal. Aos particulares era licito mercadejar em qualquer outra especiaria pagando os direitos.

«Do reino de Sofala vinham todos os annos a Lisboa 170 barras d'ouro, e uma barra vale para cima de 300 ducados: tambem de Sofala e de toda a Guiné vinha grande quantidade de marfim.

«Traziam-se egualmente a Lisboa sedas da China, pannos finissimos e ordinarios de algodão do Brazil, bellos tapetes da Persia, ébano, aguila, pau brazil, dixes e louça transparente de porcelana, borax, camphora, laca aloes-hepatico, tamarindos, cera, almiscar, ambar, algalia, beijoim, perolas, rubins, diamantes, e mais pedras preciosas em abundancia, e outras varias mercadorias, que iam do Egypto para Alexandria, as quaes todavia, não eram a *millessima parte* das que vinham a Lisboa nas sobreditas frotas

«Os homens da cidade de Lisboa e de todo o Portugal são de mediana estatura, mais baixos que altos, magros, de côr ferrenha, cabellos e barba pre-

tos, olhos negrissimos, e mui similhantes no exterior aos gregos. O seu trajo antes da morte do cardeal rei, era mui mesquinho, em consequencia da pragmatica, que não consentia usassem vestidos de seda: pelo que trajavam um saio de baeta preta, calções de panno escocez, borzeguins de marroquim, chapeu de feltro, e capa comprida da mesma baeta. Com a chegada d'el-rei catholico alteraram o seu antigo trajo, porque, posto que conservaram a capa de baeta, começaram a usar de gibão de raso, bragas e calções de velludo e meias de seda, cousa que nunca tinham calçado, bem como escarpins, dos quaes não era possivel achar um só par antes da entrada d'el-rei, porque todos, sem excepção calçavam borzeguins. São os portuguezes mais ambiciosos de louvores, que outra qualquer nação do mundo, affirmando que as suas façanhas são milagrosas. Celebram Lisboa com tal copia de palavras, que a fazem egual ás principaes cidades do mundo, e por isso costumam dizer: Quem não vê Lisboa, não vê cousa boa. A gente miuda gosta, que lhe deem o tratamento de *senhor*, manha esta commum a toda a Hespanha. Vivem parcamente, porque a plebe pela maior parte é pobre, e os cavalleiros, que se teem em conta de ricos, fundam a opinião da sua riqueza em possuirem uma ou duas aldeias, com trinta ou quarenta vizinhos cada uma, no meio de campinas estereis com vinte ou trinta folhas cultivadas, e tudo o mais inculto, aspero, coberto de pedras, com alguns cazebres mesquinhos, e mal concertados, como eu o experimentei durante muitas semanas d'aquella viagem.

«Poucas pessoas se dão ahi ás letras; mas applicam-se muitos ao commercio, genero de vida aborrecida dos nobres, que nem podem ouvir fallar em tal, tendo por gente vilissima os mercadores. Exercitam-se apparentemente nas armas, e algum tanto em cavalgar, contentando-se com ter leves principios d'estas duas profissões, sem quererem supportar mui diuturno ensino.

«As mulheres portuguezas são singulares na formosura e proporcionadas no corpo; a côr natural dos seus cabellos é a preta, mas algumas tingem-nos de côr loura: o seu gesto é delicado, os lineamentos graciosos, os olhos negros e scintillantes, o que lhes acrescenta a belleza: e podemos affirmar com verdade que em toda a viagem da Peninsula [1] as mulheres que nos pareceram mais formosas foram as de Lisboa; posto que as castelhanas e outras hespanholas arrebiquem o rosto de branco e encarnado para tornarem a pelle, que é algum tanto, ou antes muito trigueira, mais alva e rosada, persuadidas de que todas as trigueiras são feias. O trajo femenino em Lisboa é o commum de toda a Hespanha; isto é, o manto grande de lã ou de seda, segundo a qualidade da pessoa. Com elle cobrem o rosto e o corpo inteiro, e vão aonde querem tão disfarçadas, que nem os proprios maridos as conhecem, vantagem esta, que lhes dá maior liberdade do que convem a mulheres bem nascidas e bem morigeradas. As damas nobres costumam ser acompanhadas pela cidade de creados bem vestidos, que as precedem com passos lentos e socegados, e de donas, que as seguem com grandissima gravidade, não tendo por signal de boa reputação o serem acompanhadas de donzellas.

[1] *Panorama* de 1843, pag. 98.

«O povo miudo vive pobremente, sendo a sua comida diaria sardinhas cosidas, salpicadas, que se vendem com grande abundancia por toda a cidade. Raras vezes compram carne, porque o alimento mais barato é esta casta de peixe, que se pesca em notavel copia fóra da barra, como se pesca muito outro de todas as qualidades, e muito grande: mas em geral menos gostoso do que o das aguas de Veneza, e tão caro, que faz espanto aos estrangeiros, e custa muito aos naturaes, que passam mal pelo preço excessivo de tudo o que serve Para o sustento. Comem os pobres uma especie de pão nada bom, que todavia é barato, feito de trigo do paiz, todo cheio de terra, porque não costumam joeiral-o, mas mandal-o moer nos seus moinhos de vento, tão sujo, como o levantam da eira. O pão bom e alvo faz-se de trigo de fóra que trazem de França, Flandres, e Allemanha os navios d'estas nações, quando vem a Lisboa buscar sal e especiarias. Este, na verdade, tambem não é joeirado, mas as mulheres pobres o escolhem grão a grão, assentadas á porta da rua com paciencia fleugmatica mais propria d'allemãs, que de portuguezas. Estas mulheres tem licença para fabricar o pão, e vendel-o pela cidade, onde e como lhes apraz, o que sempre é por alto preço. O trigo vale a 280 reis o alqueire. Nutre-se tambem a gente pobre de fructa, que abunda muito, e é baratissima.

«O vinho commum é pouco bom, por não dizer mau; porque não sabem ou não querem ter o incommodo de o fazer bom. Os vinhos finos são excessivamente caros. Os senhores embaixadores tiveram de pagar o branco para o consummo ordinario da sua mesa a 60 escudos a pipa.

«Quanto ás vitualhas não é em Lisboa que se hão de buscar cousas muito exquisitas.

«Até a vitella é rara: porque não costumam matar estes animaes, guardando-os para crescerem e servirem nos trabalhos do campo ou de abastecimento da cidade, sendo, além d'isso a comida ordinaria o capado, que é excellente.

«No tempo d'el-rei D. Sebastião as rendas reaes consistiam nos direitos das alfandegas de Lisboa e de todo o reino, assim seccas como molhadas. D'umas cousas pagava-se o quinto, d'outras a decima; e do peixe, em muitas partes, mais de metade. Havia tambem rendas em cereaes, vinho, e outros generos; as rendas dos mestrados, a que pertenciam as ilhas de S. Thomé, Terceira, Cabo Verde, Madeira e Principe: as da Mina que pertenciam á ordem de Christo. As especiarias e outras fazendas que vinham annualmente da India e do Brazil, produziam tambem um avultado rendimento. Apezar, porém, d'este ser tamanho, nada vinha a entrar no thesouro; porque tudo se dispendia em armadas e mais cousas necessarias para conservação d'aquelles estados, e afora isso se distribuia em salarios d'officiaes e ministros da justiça no continente; em mercês vitalicias, que chamam tenças, aos benemeritos da corôa, aos fidalgos e mais pessoas, que serviam assim no reino, como na Africa e India: em juros perpetuos, que os reis vendiam, estabelecidos nos direitos reaes, em despesas com a gente e petrechos necessarios para defensão das praças d'Africa; em cinco gallés constantemente armadas, e no armar de navios redondos, que todos os annos sahiam juntos, assim para comboiar as frotas, que iam e vi-

nham dos portos, com que Portugal commerciava, como para mandar ao Brazil, a Guiné, á Mina, a S. Thomé; e finalmente em moradias, gastos da côrte e casa real, paga de creados, esmolas, presentes, embaixadas, dotes ás filhas dos creados, e conservação das fortalezas de Lisboa e do reino.»

1368) TUBINO.

Escreveu na *Revista de Madrid* o seguinte artigo a respeito do nosso Francisco de Hollanda:

«Conserva-se em logar reservado, na magnifica Bibliotheca regia do mosteiro de S. Lourenço do Escurial, em Hespanha, um magnifico livro de desenhos ineditos e originaes todos devidos á penna ou ao lapis do celebre artista lusitano Francisco de Hollanda.

«Formam um volume de formato grande, de 54 folhas com 114 desenhos, alguns d'elles coloridos, lendo-se no frontispicio: *Reinando em Portugal El-rei João III que Deus tem, Francisco de Hollanda passou a Italia e das Antigualhas que vio retratá de sua mão todos os desenhos d'este livro.*

«Como notamos, esta collecção fórma uma verdadeira joia artistica, que até ha pouco tempo era sómente conhecida por alguns limitados amadores. Com a mira de salval-a do olvido, e quiçá da sua perda em periodo mais ou menos remoto, publicámos a seu respeito noticias sufficientes na monographia que consagrámos ao celebre Hollanda, no volume 7.º do *Museu Hespanhol de Antiguidades*, acompanhando a descripção do livro de investigações minuciosas sobre a vida e significação artistica do auctor.

«Dos desenhos contidos na obra, só foram dados á luz, que saibamos, o retrato de Miguel Angelo Buonaroti, publicado na *Arte em Hespanha*, um monumento veneziano e um desenho, copia de uma estatua mythologica, ambos juntos á dita monographia, e o famoso fac-simile d'outro desenho á penna, que vae na frente d'este numero.

«Sendo esta uma amostra fraca do que é a collecção, parece-nos acertado chamar de novo sobre ella a attenção dos governos de Hespanha e Portugal, e principalmente da Academia das Bellas Artes lisbonense, que no nosso parecer faria um bom serviço á historia da arte peninsular, decidindo-se a reproduzir tão bello monumento.

«A importancia de Francisco de Hollanda, as particularidades da sua vida, o influxo que obtiveram a sua doutrina e o seu exemplo no progresso da Renascença lusitana, são rasões de sobejo para aconselhar isto.

«Não é proposito nosso traçar aqui o quadro completo da vida do artista, basta tão sómente, em vista da indole d'esta *Revista*, rectificar os erros que correm com visos de verdade, relativamente a F. de Hollanda, e preencher as lacunas que se notaram na sua biographia.

«Nenhum dos escriptores portuguezes que se occuparam da arte, nem o proprio conde de Raczinsky, que com tanto zelo procurou reunir materiaes para a historia da pintura, da architectura e da esculptura lusitana, conseguiu dizer-nos, d'uma maneira terminante e exacta, o necessario e indispensavel, tratando-se d'um mestre, e do valor docente que se reconhece em Francisco

de Hollanda. Desejosos de satisfazer ás necessidades da critica, pelo que diz respeito a este ponto, fizemos opportunas investigações, e d'ellas resulta a confirmação ou rectificação do que se julgava já saber-se, e além d'isso o conhecimento de novos dados, em nosso parecer, importantissimos.

«É indubitavel que Francisco de Hollanda foi de estirpe estrangeira. Como muitos outros artistas flamengos ou hollandezes, parece que veiu dar ao reino visinho, atrahido pela protecção que lhes davam a liberalidade de seus reis, principes e senhores.

«Que Francisco de Hollanda nasceu em Lisboa, consta das suas obras, e já nós mesmos affirmámos que viu a luz do dia entre 1517 e 1518. Ainda muito joven occupava-se em Evora trabalhando nas illustrações em claro-escuro d'um breviario do Rei D. Manoel; e pouco tempo depois, contando só vinte e seis annos de idade, e provido de boas cartas de recommendação, o precoce artista, protegido pelo seu soberano, seguia o caminho de Italia, desejoso de satisfazer nas escolas e museus d'aquella peninsula, as suas affeições pelo estudo.

«De passagem tocou em Valhadolid aonde residia a imperatriz, mulher de Carlos V, e filha dos reis de Portugal. No decurso do anno de 1538 visitou o imperador em Barcelona, e d'alli se encaminhou para o condado de Niza aonde o encontramos a 18 de junho, presenciando a paz entre o papa Francisco I e o citado imperador.

«Encontram-se algumas recordações d'este acto no *Livro de desenhos:* mas não sendo nosso intuito descrever este minuciosamente, proseguiremos na nossa breve resenha biographica, acrescentando que Hollanda chegou a Roma no fim do dito anno, na occasião de residir alli a celebre e nunca assás celebrada Vittoria Colonna, tão notavel pela sua formosura e seus talentos, e não menos notavel pela adoração de que foi objecto da parte do insigne Miguel Angelo.

«Graças ao embaixador de Portugal Mascarenhas, e ás sympathias que inspirava, conseguiu Francisco de Hollanda introduzir-se nos mais elevados circulos aristocratico-artisticos da cidade eterna, e para dita sua, foi admittido na intimidade da sociedade escolhida e privilegiada, que contava em seu seio a Buonaroti, Vittoria Colonna, e a alguns outros eruditos de gosto acrisolado, e artistas celebres.

«Nos escriptos de Hollanda que chegaram até nós, acha-se a descripção d'estas entrevistas, e o extracto d'essas conversações fecundas e saborosas com que se entretinham em tão escolhida sociedade.

«Por elle sabemos quaes eram as idéas de Miguel Angelo sobre a estethica, n'um concerto geral, e tambem as suas vistas sobre a arte antiga, sobre a arte occidental ou gaellica, como então se dizia, e por ultimo sobre a reforma dos neo-classicos.

«Em Roma adiantou-se grandemente no desenho e na theoria, procurando identificar-se em doutrina com Miguel Angelo, e occupando-se tambem em estudar as antiguidades e trasladar muitos selectos monumentos ás paginas do seu repleto album.

«Segundo todos os calculos, Francisco de Hollanda abandonou a cidade

eterna nos principio de 1540, dirigiu-se a Napoles para percorrer os contornos d'aquelle emporio hespanhol, e voltando em seguida a Roma para visitar as principaes cidades do Veneto, do Milanez e da Toscana até entrar na Saboya por terras genovezas.

«No seu livro encontram-se razões de sobra, de ter emprehendido estas viagens.

«Encontram-se n'essas paginas desenhos que provam haver estado nas principaes cidades de Italia e que chegado a Hespanha, percorreu o littoral do Mediterraneo, detendo-se em Granada e Sevilha, e entrando em Portugal pela Estremadura.

«Por algum tempo continuou Francisco de Hollanda disfructando os favores que alcançára na sua juventude, e d'esse facto nos ministram testemunho varios documentos; mas não é menos exacto que os seus ultimos annos foram tristes, e que devia ter fallecido, pouco depois de 1571, no maior esquecimento, na sua humilde morada campestre, não longe de Lisboa.

«N'esta mencionada data lastima-se das suas angustias, e desde então por deante perdem-se os seus vestigios, sem que haja noticia alguma da sua morte, nem do logar onde foram depositados os seus ossos.

«Das obras litterarias que compoz conhecemos: o *Tratado de pintura antiga, Tratado do natural, Monumentos que faltam em Lisboa*, escriptos estes que segundo noticias que temos, a Academia de Bellas-Artes de Lisboa dará proximamente á luz com annotações e commentarios devidos á douta pena do nosso collaborador o sr. marquez de Sousa Holstein.

«Offerecendo publicar proximamente e a titulo de *especimen* outro desenho de Hollanda, não menos bello do que o reproduzido aqui, pomos termo a estes apontamentos, convidando o leitor que deseje mais pormenores a ler a nossa Monographia.»

1369) TUCKER (H—ST. GEORGE)

The tragedies of Harold and Camoens. London 1835. in-8.º

1370) TUCKEY (CAPTAIN J. K-R N.)

E. — *Narrative of an expedition to explore the river Zaire, usually called the Congo, in South Africa in* 1816 *under the direction of* —.

To which is added the Journal of Professor Smith; some general observations on the country and its inhabitants; and an appendix: the natural history of that part of the kingdom of Congo through which the Zaire flows. Published by permission of the Lords Commissioners of the Admiralty. London, 1818, 4.º com muitas estampas, 498 pag.

(Narrativa d'uma expedição para explorar o rio Zaire, actualmente chamado Congo etc.)

1371) TURQUET.

E. — *Fragments sur Portugal.*

Vem citada esta obra a pag. 407 da *Historia de Portugal* por Quien de Neuville, tomo I, pag. 407.

1372) TWISS (RICHARD) [1].

E. — *Voyage en Portugal et en Espagne fait en 1772 e 1773 par —, Gentilhome anglois, Membre de la Societé Royale. Traduit de l'Anglois. Orné d'une Carte des deux royaumes.* Berne, chez la Societé Typographique. 1776, 8.º gr. 380 pag. Com um supplemento contendo 54 pag.

Traz no principio uma estampa de N. Senhora conforme um quadro de Raphael, no Escurial, cuja estampa original gravada por Bertollozzi, foi copiada e reduzida a mais pequena fórma por Mr. Dunker. Apresenta tambem uma carta geographica de Hespanha e de Portugal.

Extractos

«Depois de ter passado 18 dias em Falmouth esperando vento favoravel, embarquei a 12 de novembro de 1772 a bordo d'um de nossos paquetes, e a 18, ao despontar do dia, estavamos já vendo o Cabo da Rocca: fundeamos no Tejo depois do meio dia, e ás 6 da tarde desembarcámos em Lisboa.

«Está esta cidade com pouca differença no estado, em que ficou depois do terremoto de 1755. Apezar de estarem construindo diariamente novos edificios, um grande numero de ruas ainda estão obstruidas pelas ruinas. As ruas não são illuminadas de noite, de sorte que um estrangeiro não poderia andar por ellas sem perigo: poucos dias antes de minha chegada tinha um italiano sido assassinado e roubado no meio das ruinas d'esta cidade.

«Existe em Lisboa uma opera italiana; a sr.ª Anna Zamperini, que esteve em Londres, e a quem conheci em Turin, era actualmente a primeira cantora da opera comica d'esta cidade, e representava todos os dias, tendo em cima de si de tres a quatro mil libras de pedrarias.

«Ainda ha outro theatro para a comedia portugueza, o qual têm quatro ordens de camarotes, e 27 camarotes em cada ordem. A sala da opera italiana é quasi do mesmo tamanho. Vi representar no theatro portuguez a tragedia de Ignez de Castro, seguida d'uma pequena peça intitulada o *Anão*. A entrada para a platea na opera custa um cruzado novo.

«A feitoria ingleza recebe durante o inverno em dois salões, nos quaes se dansa e joga as cartas duas vezes por semana. Faz-se aqui grande caso dos minuetes compostos por um D. Pedro Antonio Avendaño. Qualquer inglez, que não tencione estar mais de seis mezes em Lisboa, é admittido n'estas reuniões sem pagar: porém os que estão estabelecidos na cidade podem assignar por 7 moedas d'oiro por todo o inverno.

«Depois de minha retirada reuniram as duas assembléas n'uma unica salla, que para este destino foi construida. [2] Os inglezes dão em cada inverno dois grandes bailes, aos quaes são convidados os fidalgos portuguezes.

«Não existe ainda gravado o plano de Lisboa, porém ha duas vistas de Lisboa e de Belem bem executadas, publicadas em Londres por George Hawkins

[1] Falta o nome d'este escriptor viajante tanto na *Biographie Universelle* de Firmin Didot, como no *Dictionaire Universel d'Histoire et de Geographie*, par Bouilet.

[2] *Richard Twiss Voyage en Portugal et en Espagne*, pag. 8.

no anno de 1756 em duas grandes folhas. Todas as *Gazetas* portuguezas foram prohibidas em 1763, porém encontram-se as francezas, inglezas e hespanholas nos cafés de Lisboa: dois d'estes são muito elegantes, sobre tudo o do *casaco*, todo forrado de espelhos.

«A 26 de novembro, dia de Santa Cecilia, dirigi-me á egreja de S. Roque para ouvir musica, que durou tres horas. Era composição de Jomelli, e eis a disposição da orchestra. No coro dos orgãos, que fica por cima da porta principal, estavam dez castrados da capella real; a um lado tinham-se collocado 16 rebecas, 6 rebecões, 3 rebecões grandes, 4 violas, 2 charamelas, 1 buzina, e em baixo um côro de quarenta vozes, e do lado opposto exactamente a mesma cousa. O primeiro rebeca da orchestra era mr. Græmann, allemão, o qual tendo-se contratado alguns annos antes com mylord Clive para o acompanhar á Italia, o tinha deixado no Brazil, e d'aqui veiu para Lisboa, onde obteve o logar de primeiro rebeca do rei. Quem dirigia a orchestra era o celebre David Perez, muito conhecido na Inglaterra. Era prodigioso o numero de pessoas, que se achavam na egreja. Durante a celebração da Missa todas as mulheres vestidas com vestidos pretos, e cobertas de veos de garça branca se conservaram prostradas. A respeito de musica não posso deixar de fazer menção do talento de mad. May, mulher d'um negociante inglez estabelecido em Lisboa. Esta dama toca no cravo com tal delicadeza e habilidade, que fariam honra aos maiores mestres; junta á execução um extenso conhecimento da theoria de sua arte. Ouvi tambem o sr. Rodillo, hespanhol, conhecido em Londres pelo seu talento para a flauta e charamela. Lembro-me ainda d'uma senhora portugueza, que tocava *harmonica*, especie de cravo, formado de vidros harmonicamente talhados; tocava molhando os dedos em agua.

«Em 17 de novembro dirigi me ao palacio real em Belem, onde assisti á opera italiana de Ezio. A orchestra é excellente: n'este espectaculo não se admittem mulheres, exceptuando as da casa real. Tambem ellas não representam no theatro: castrados fazem as vezes d'ellas, e a illusão é perfeita. Porém repugnou-me ver as danças dos entre-actos desempenhadas por homens, cujas barbas pretas, e largos hombros com um vestuario de mulher realmente não inspiram nenhum agrado. Attribuem este costume extravagante aos ciumes da rainha.

«O theatro de Belem é pequeno e sem camarotes. A platea tem dez fileiras de bancos, e o camarote do rei, que é o unico, fica no fundo. Vi toda a familia real na opera: o rei D. José, homem de boa figura, contando então 58 annos, [1] a rainha, que tem 54. D. Pedro, irmão do rei, com sua sobrinha; o principe da Beira, herdeiro presumptivo da corôa, com 12, tendo um irmão e uma irmã. O rei tem ainda duas outras filhas, a infanta D. Maria Anna, e D. Maria Francisca Benedicta, a primeira de 36 annos, e a segunda com 29. Todas estas damas estavam em cabello, e cobertas de diamantes. A opera principiou ás 7 horas da noite e acabou ás 10. Durante todo o espectaculo guarda-se o mais profundo silencio: nos entre-actos toda a gente voltava a face para a familia

[1] Obra citada ultimamente. pag. 16.

real. O cardeal patriarcha era o unico que estava n'um pequeno camarote ao lado do rei. Qualquer homem bem vestido é admittido ao espectaculo sem pagar.

«Não se encontra hoje em todo o reino de Portugal um unico bom quadro de escola italiana, o pequeno numero dos que havia em Lisboa, pereceram no terremoto. O unico, de que ouvi fallar durante minha residencia em Lisboa, é o retrato do Marquez de Pombal, que se vê na casa de mrs. Purry e de Vimes. Este quadro é de Vanloo. O marquez é representado na acção de estar sentado, tendo diante de si em cima d'uma meza os planos das novas construcções em Lisboa. Ao fundo vê-se o Tejo quasi até Belem, coberto de navios em que se embarcam os jesuitas. Toda esta parte é pintada por Vernet. Este quadro foi feito em Paris ha 3 annos, e os possuidores o mandaram gravar.

«Foi em Mafra, que tive o prazer de ver dançar o *Fandango*. Foi n'uma tasca. Foi dançado pelo dono da tasca com sua mulher, e com o acompanhamento d'uma guitarra. O tocador dedilhava varias cordas juntamente, a tres tempos, e batia com a mão o compasso no corpo do instrumento. O fandango que se dança aos pares, parece-se muito com o que os hollandezes chamam *plugge dansen*. Apparentemente estes povos adoptaram esta dança, bem como outros usos no tempo em que se achavam debaixo da dominação dos hespanhoes. Os dançantes estão n'um movimento geral com todo o corpo, e todos os membros, algumas vezes até indecentemente: marcam o compasso com o pé e com castanholas. Havendo falta d'este instrumento, marca-se a cadencia com estalos dos dedos. O homem tem o chapeo posto na cabeça, e dança com sua dama chegando-se e affastando se, e fazendo numerosas reviravoltas e requebros. Dança-se o fandango no theatro com muita arte: toda a orchestra toca a musica, que é a mesma, quasi por toda a parte. Depois que o meu estalajadeiro e sua mulher acabaram de dançar correndo-lhes o suor em bicca, um outro par os substituiu, e tendo-se a casa n'um instante enchido da melhor gente da villa que dançou successivemente, fiz as despezas do baille, e acabei a noite jogando uma partida de whist com o estalajadeiro, sua mulher e irmã. Tive uma ceia muito boa consistindo n'uma peça de caça assada, sardinhas com pimenta e vinagre, uma salada de toucinho, ovos, maçãs e laranjas, e dormi n'um bom leito. [1]

«A 30 de janeiro deixei Lisboa, pelas 8 horas da manhã. No dia seguinte jantamos em Otta, d'alli, depois de quatro horas de jornada, chegámos a Tagarro, onde apenas achámos ovos para comer. Alli passei a noite, e no dia seguinte almocei gemas d'ovos, e vinho fervido com assucar, o que é muito nutritivo.

«Em 1 de fevereiro, depois de cinco horas de jornada, chegamos a uma venda. Estas vendas são especies de estalagens, ordinariamente distantes uma da outra 18 ou 20 milhas, estabelecidas por ordem do governo para os viajantes. A policia regula n'ellas mensalmente o preço dos generos, e a tarifa está

[1] Obra ultimamente citada, pag. 19.

posta a vista do publico, mas ordinariamente o vendeiro põe-a em sitio tão alto que se não póde ler, senão com ajuda de oculos.

«O tempo estava n'esse dia excessivamente frio e humido. D'alli chegamos em 5 horas a Alcobaça. Os caminhos estavam tão ruins que foi necessario, que dois homens sustentassem minha cadeirinha para não tombar. Tinha sahido d'ella, e apezar d'isso fui obrigado frequentemente a deixar as mulas tomarem respiração.

«A 2 de fevereiro entreguei ao superior do convento real uma carta, que para elle me tinham dado em Lisboa. Os religiosos, que chegam ao numero de 130, teem cada um d'elles um servente, de maneira que ajuntando as pessoas pertencentes á cosinha, aos jardins da casa, etc. sustentam mais de trezentos homens. As rendas d'este mosteiro são avaliadas em 180 mil cruzados. Vi na bibliotheca o Virgilio de Baskerville, e o Homero de Foilis, dados de presente por mr. George Pitt. A cosinha é atravessada por um pequeno ribeiro. As adegas são espaçosas e fornecidas abundantemente de toda a qualidade de vinhos. Jantei e ceiei com uns vinte d'aquelles bons padres: o resto comia no refeitorio; as garrafas giravam tão folgazãmente, como vi fazel-o na Escocia: durante a comida tivemos a musica de alguns instrumentos, e o dia se passou mui agradavelmente. Retirei-me depois da meia noite para minha estalagem, apezar de muito instado para ficar no convento, até mesmo estaria na minha mão passar uma semana inteira com aquelles joviaes padres, que eu deixei com muita saudade, e cujo bom accolhimento e cordialidade jámais esquecerei. Seu convento é o mais rico, de que tenho conhecimento, a sociedade d'elles a mais agradavel, que em tempo algum encontrei entre pessoas de tal classe.

«A 3 de fevereiro parti de manhã muito cedo para a Batalha, e fui a este convento, cuja egreja é d'uma bellissima architectura gothica, e similhante á capella do rei em Cambridge, entregar uma carta, que me tinham dado os religiosos de Alcobaça. Como n'este sitio não havia nem venda nem hospedaria continuei minha jornada, e fui dormir a Leiria, duas leguas mais longe. A 4 de fevereiro cheguei a Pombal, e no dia seguinte estava em Coimbra, onde ha cinco familias inglezas, das quaes uma é a de um medico. A 6 de fevereiro sahi d'esta cidade, e passados tres dias, cheguei a Villa Nova de Gaia. Depois de ter descido uma collina muito ingreme, passei o Douro n'um barco de passagem, e cheguei ao Porto, onde não encontrando hospedaria, fui alojar-me em casa d'um inglez no caes. Ha n'esta cidade trinta familias inglezas, que fazem o commercio do vinho, sustentam um ecclesiastico, que celebra o officio divino todos os domingos alternadamente em uma das casas inglezas. Teem em vez de cemiterio um campo situado a alguma distancia da cidade. Levaram-me a uma assembléa, onde vi umas vinte senhoras.

«O theatro do Porto é um dos peiores do reino, é velho e muito sujo, representam-se n'elle comedias portuguezas, e operas italianas. Vi alli representar Demofonte d'uma maneira muito proporcionada á belleza da sala. Na egreja de S. Francisco observei pelas paredes quantidade de cartas presas por cordeis, e dirigidas ao Sancto. Como estavam abertas, tomei a liberdade de ler

algumas, e n'ellas não achei mais que agradecimentos por curas obtidas, segundo diziam aquelles, que as escreviam, pela intercessão do Santo e de N. Senhora.

«A egreja dos Clerigos tem uma torre parecida com a da egreja nova de Strand, em Londres.

«O sr. Wood, a quem eu vinha recommendado, levou-me á sua quinta distante da cidade uma milha.

«Seus jardins estão no declivie d'uma collina, dez terrassos [1] se elevam uns por cima dos outros em fórma de amphitheatro, e cada um é embellezado por uma fonte e ruas de limoeiros e laranjeiras. Affirmou-me o proprietario que só n'uma arvore tinha colhido dezeseis mil laranjas, durante uma estação: do terraço mais elevado goza-se d'uma vista soberba, egual á do monte Edgecombe, em Plymouth.

«A 15 de fevereiro, tendo sahido do Porto pela manhã muito cedo passei o Douro n'uma barca, e a pé subi a collina n'uma hora. Jantámos no caminho á sombra de dois grandes sobreiros, e chegámos a Santo Antonio, tendo sempre a vista do mar á nossa direita. Vimos duas naus de guerra portuguezas á vella, e a nordeste duas grandes montanhas cobertas de neve. Encontrámos no caminho uns vinte forçados encadeados n'uma grande cadeia, que estava presa a collares de ferro presos a seus pescoços, a extremidade da cadeia estava segura por um cavalleiro e alguns soldados fechavam a marcha: estes desgraçados tendo as mãos amarradas, e a cabeça descoberta, dirigiam-se para o Porto, para onde iam embarcar para trabalharem nas minas do Brazil.

«No dia seguinte jantamos em Albergaria, e depois de ter passado o Vouga n'um barco, fomos dormir ao Sardão. Os caminhos achavam-se tão estragados pelas chuvas, que apenas chegamos a nosso domicilio muito pela noite dentro, fazendo-nos allumiar pelo nosso arrieiro munido d'um archote. Seguiamos exactamente a estrada de Lisboa, por não haver outra para ir do Porto a Almeida. A 17 de fevereiro caminhámos por entre olivaes, até á fralda da serra do Bussaco. Aluguei um carro puchado por dois bois, que em duas horas levaram minha bagagem ao alto da serra: eu montei a cavallo, e minha liteira ia atraz vazia. No alto existe um convento de Carmelitas, onde me disseram acharem-se dois filhos naturaes de D. João V. D'este local enxerguei as altas montanhas chamadas Serra da Estrella. Na descida d'aquella, que eu acabava de subir, minha liteira tombou, quebrando-se uma das rodas. Deixei Baptista, o carroceiro e seu companheiro com a liteira, e ficaram toda a noite na estrada. Eu porém, acompanhado d'um guia, armado com minhas armas de fogo, e seguido de meu creado inglez, cheguei a pé á aldeia de Baricho, depois de duas horas e meia de jornada. [2] No dia seguinte pela manhã chegou minha bagagem em cima d'um carro puchado por dois bois. Tendo minha liteira ficado atraz, tornou-se necessario mandar vir uma roda nova d'um lo-

[1] Naturalmente ha de ser aquillo a que no Porto, e nas provincias do Norte se dá o nome de socalcos.

[2] *Twiss Voyage*, pag. 65.

gar distante 14 milhas. Este accidente obrigou-me a ficar dois dias em Baricho, onde me entretive em matar caça. O sitio é montanhoso, e esteril, e pouco mais ou menos como o Westmoreland. As pedras d'estes sitios parecem ser uma especie de granito de Cornowailles. Allguei alli uma casa inteira, consistindo apenas n'um só repartimento, soalhada como a estrada, sem outros moveis que uma mesa, um banco, e uma enxerga coberta de pulgas. A chuva penetrava pelo telhado e tecto, que deixava contemplar o ceo e estrellas.

«A 20 de fevereiro passámos de manhã uma ponte de pedra d'um só arco, por baixo do qual corria um ribeiro muito crystalino: depois chegámos ao cume d'uma montanha escarpada, no espaço de meia hora. D'aqui passando pela aldeia de Santa Comba, atravessámos pela segunda vez o mesmo ribeiro por cima de uma ponte de seis arcos. Goza-se aqui de uma vista muito pittoresca. É boa a estrada até Carjal, e passa por entre olivaes, onde se vêem numerosos rebanhos de carneiros brancos e pretos pastando á sombra. Não tendo encontrado aqui alguma tasca, hospedei-me na loja de um carpinteiro.

«A 21 de fevereiro passámos o Mondego sobre uma ponte de tres arcos, d'onde chegámos a uma serra. Accrescentaram-se dois bois para ajudarem nossas mulas a passar com a liteira. Chegados ao alto, deixámos descançar nossas mulas durante uma hora, e depois atravessámos uma ponte de um só arco: e d'ali por diante a estrada tornou-se muito perigosa, passando por cima de calhaus, terras humidas, pegajosas, e á borda de precipicios. Nossas mulas caiam frequentemente, os tirantes partiam-se, chovia muito, e chegámos muito tarde, já noite fechada a Vinhosa, onde me vi obrigado a pernoitar na mais detestavel estalagem, que jámais encontrei. Não havia mais que um só quarto cheio de gente, onde se tinha accendido no meio uma grande fogueira com lenha humida, cujo fumo sahia como podia, pela porta, e janellas por não haver chaminé. Procurei uma porção de palha, a qual puz por cima de uma grande arca, e tendo-me envolvido na minha capa sem me despir, adormeci passado um instante, se bem que obrigado a ficar com parte da cára fóra da janella para me não suffocar.

«A 22 de fevereiro continuei minha jornada atravez de serras incultas, cobertas de alguns sobreiros, castanheiros e pinheiros. Depois de ter passado uma ponte de dois arcos, alguns campos de milho, e por outra ponte tambem de dois arcos, cheguei a Celorico, e jantei em casa d'um estalajadeiro judeu, que se tinha tornado christão: este bom proselyto apresentou-me o melhor vinho tinto, que jámais bebi em minha vida: parece-se com o vinho de Bourgogne, e excede-o em qualidade. Dormi a noite seguinte na aldeia de Carraçal, onde não ha estalagem: foi mister alojar-me n'uma miseravel cabana, porém a larga dóze de vinho, que tinhamos bebido ao jantar em casa do judeu, nos fez dormir alli como n'um palacio. Em Celorico vê-se um castello mourisco, situado sobre uma montanha com uma muralha de nove pés de espessura, feita de pedras toscas, sem argamassa: esta muralha corre do castello para a villa, seguindo o declive da collina. Observei ao lado da estrada cinco pedras erguidas, de 8 pés de altura, e outras quatro deitadas por terra, da mesma configuração, que me recordaram nosso Stonehenge. Em todas estas montanhas se

descobre um grande numero de pedras enormes postas em posições extraordinarias.

«A 23 de fevereiro tivemos uma jornada muito incommoda, tendo andado onze horas por um pessimo caminho coberto de pedaços de calhaos, e bordado de castanheiros crescendo no meio dos rochedos. Passámos o rio Coa sobre uma ponte muito alta e perigosa, de tres arcos, cujos parapeitos tinham caido, e que não tinha exactamente mais que a largura necessaria para a passagem de uma liteira. Depois de termos chegado ao cume de uma montanha muito alta, chegámos á villa de Almeida. N'esta povoação não havia uma unica hospedaria, e por isso o coronel Calder, que alli governava durante a ausencia do general Maclean teve a bondade de hospedar-me. Alli passei duas noites cheio de obsequios, e experimentando a hospitalidade particular aos escocezes. Almeida fica a legua e meia distante do primeiro castello hespanhol da provincia de Leon.

«A 25 de fevereiro, depois de hora e meia de jornada, passámos um riacho. que separa Portugal da Hespanha, e fomos obrigados a ficar na aldeia de El Obispo, por causa do desleixo do almocreve, que se tinha esquecido de tomar um passaporte para suas mulas.»

U

1373) UDALAP.

E.—*Tour through Spain and Portugal.* (Gyro em Hespanha e Portugal.)

1374) ULRICH (SCHMIDEL DE STRAUBING).

E.—*Histoire Véritable d'un voyage curieux fait par Ulrich Schmidel de Straubing, dans l'Amérique ou le nouveau monde, par le Brésil, et le Rio de la Plata, depuis l'année 1534 jusqu'en 1554. Où l'on verra tout ce qu'il a souffert pendant ces dix-neuf fans, et la description des peuples extraordinaires, qu'il a visités. Ouvrage écrit par lui-même, et publié de nouveau apres corrections des noms de villes, de pays et de rivières par Levinus Hulsius. Nuremberg aux frais de Levinus Hulsius.* 1599.

Vem esta obra no 3.º volume da collecção intitulada *Voyages, relations, et mémoires originaux pour servir à l'Histoire de la Découverte de l'Amérique publiés pour la première fois en français. Par Henri Ternaux Compans.*

1375) UNENOUVELLE ABBDICATION *ou encore un empereur et roi sans empire ni royaume.* Paris. 1831. 8.º folheto.

1376) URCULLU (D. JOSÉ D').—Hespanhol, socio correspondente da Real Sociedade Geographica de Londres, das de Paris e Rio de Janeiro. Serviu militarmente a sua patria durante a guerra Peninsular, e viveu muitos annos no Porto, exercendo alli, segundo creio, o emprego de corrector de provas typographicas, e n'aquella cidade morreu a 8 de junho de 1852. Os jornaes politicos d'aquella epocha e cidade apenas dão uma succinta noticia da morte d'este homem illustre, a quem Portugal deve ser reconhecido por ter preferido na composição d'uma obra notavel a nossa lingua á hespanhola, ao contrario do que em todos os tempos teem feito muitos portuguezes, escrevendo, em linguas estrangeiras obras, que podiam contribuir para tornar o nosso idioma mais estudado nos outros paizes, sendo escriptas em portuguez. [1]

[1] «Esta obra por seu auctor é de grande gloria para Hespanha; pela lingua em que foi escripta, de notavel honra e proveito para Portugal. O padre Rafael Bluteau bem

E. I.—*Tratado elementar de geographia astronomica, physica, historica, politica, antiga e moderna. Que o seu auctor D. José de Urcullu dedica ao Illmo sr. João Allen, Cavalleiro honorario da muito antiga e nobre ordem da Torre e Espada.*—Tomo 1.º Porto, na officina de Alvares Ribeiro 1835. 2.ª edição Porto typographia commercial Portuense. 1841.—Tomo 2.º Porto, typographia commercial Portuense. 1837.—Tomo 3.º Porto, typographia commercial Portuense. 1839.

O 2.º volume é ornado com uma estampa representando a fabrica da Vista Alegre, do lado de terra; e o 3.º com uma outra representando a casa de João Allen, na rua da Restauração no Porto, na qual havia um importante museu, além de varios mappas que enriquecem este volume.

E o primeiro tambem apresenta mappas, e vistas de algumas antiguidades do mencionado museu.

Esta obra grangeou creditos a seu auctor, que teve o prazer de receber por causa d'ella elogios de pessoas competentes. Não é uma simples recopilação; pois n'ella se encontram os seguintes trabalhos:

No 1.º vol. um extenso artigo sobre a orthographia portugueza, o qual abrange 16 paginas.

O 2.º além da geographia de toda a Europa traz-nos um apreciavel esboço dos principaes acontecimentos politicos e militares de Portugal desde a chegada de D. Miguel em 1828 até sua retirada em 1834. — O auctor foi testemunha ocular de grande parte dos factos narrados.

Tambem os additamentos (além de uma descripção do museu Allen no principio d'este volume) são muito interessantes, versam sobre o Peru, Canadá, Nova Galles Meridional, Ilha de Van Diemen, Australia Occidental e Meridional, sobre o descobrimento da Australia (carta do sr. Francisco Adolpho Varnhagen), descripção do *Atlas* do cosmographo portuguez Fernão Vaz Dourado feito em Goa em 1571, e hoje guardado na Torre do Tombo, e descripção do *Atlas* manuscripto de Lazaro Luiz feito em 1563, existente na livraria da Academia Real das Sciencias de Lisboa, do mar Morto, da ilha de Madagascar.

mereceu de nós por nos haver dado, sendo estrangeiro, um diccionario, que ainda apezar de outros mais modernos, nada perdeu de seu preço e valia; o sr Urcullu não bem merecerá menos dos portuguezes por lhes haver dado uma obra de Geographia, a que por modestia chamou elementar. mas onde as pessoas entendidas e professas na materia terão muito que aprender. Se tantos charlatães estrangeiros, que inçam este pobre Portugal, e lhe devoram a substancia, fossem Bluteaus e Urcullus, á fé que seriamos nós os primeiros a victorial-os e acatal-os. A republica das letras é uma só; mas a do charlatanismo, essa é que, em relação a ella, jaz em outro cabo do mundo. O primeiro volume é notavel pela clareza, e ao mesmo tempo pela profundeza de sciencia e erudição em tudo que na obra diz respeito á parte mais difficil da geographia, a astronomia, a physica. etc. Como a presente noticia não é um d'aquelles artigos de encommenda, que apparecem pelos periodicos; mas a expressão sincera do nosso pensar, diremos que em uma obra intrinsecamente excellente, até mui boa pelo lado do aceio typographico, é de lamentar haja frequentes descuidos de linguagem, culpa que se não ha de imputar ao auctor, que como estrangeiro, d'isso deve ser absolvido... *Panorama* de 1839 pag. 200.

D. José de Urcullu mostra-se muito affeiçoado aos portuguezes (cousa não mui trivial em hespanhoes) e não perde ensejo de nos elogiar, ou de recordar nossas antigas glorias.

II. *Grammatica Ingleza para uso dos portuguezes reduzida a 27 lições.* 1.ª edição, Lisboa, 1830. 2.ª Porto, 1848. 3.ª Porto, 1853. 4.ª Porto. Typographia Commercial, 1860. É realmente uma boa grammatica, e a melhor, que tinhamos na occasião, em que pela primeira vez seu auctor a appresentou a publico.

Deu-se com este compendio um caso muito notavel, qual o de apparecer reimpressa pouco depois de se publicar, com insignificantes alterações, em Paris, declarando-se no rosto ser trabalho de F. S. Constancio, auctor d'um estimado *Diccionario Portuguez!*

Mudaram em primeiro logar o titulo da obra, chamando-lhe *Mestre inglez* em logar de *Grammatica ingleza*, e por aqui e por acolá trocaram uma ou outra palavra, acrescentaram ou diminuiram um ou outro exemplo! Não tenho conhecimento de maior pirataria litteraria!

1377) USBORNE (T. H.-ESQ).—Auctor of a new Guide to the Levant, Egypt, Syria, Greece etc.

E.—*Tales of the Braganza with scenes and sketches by. London.* 1842, 8.º, 277 pag.

É uma collecção de contos e historietas.

1378) USSIEUX (M. DE).—Litterato francez nascido em março de 1744 em Angouléme, e fallecido em agosto de 1805 no Castello de Vaux, perto de Chartres.

E.—*Histoire abrégée de la Découverte et de la Conquête des Indes par les Portugais. Par* —. A Bouillon, 1770, 8.º, 203 pag.

«A descoberta da India faz honra á humanidade; deve-se collocar este successo na ordem das epochas famosas.

«Começaram os portuguezes suas viagens maritimas n'um tempo, em que as mathematicas, a astronomia, e todas as sciencias relativas á navegação, estavam involvidas em trevas. Um principe digno de governar o universo ousou conceber uma empreza, que os espiritos pusillanimes de seu tempo não deixaram de accusar de temeraria. É assim que os grandes homens, os unicos que podem formar vastos projectos, terão sempre ou que triumphar da imbecilidade do vulgo, ou que arrostar com os maus calculos dos politicos, para conseguirem plena execução de seus projectos.

«Ver-se-ha n'esta historia por aquillo, que praticaram tres celebres capitães portuguezes, quanto podem o valor e a prudencia associados a um zelo verdadeiramente patriotico.»

V

1379) VAKCEL (PLATÃO LVOVITCH).—Viajante russo, que residiu na Madeira por 4 annos. Segundo dizem algumas pessoas, que o conversaram, fallava o portuguez mui fluentemente.

Além de varios artigos, que publicou na *Gazetta da Madeira* a respeito da musica e musicos portuguezes.

E. — *Quadros da Litteratura, das Sciencias e Artes na Russia por* —. Precedidos de um rapido lanço de vista por José Silvestre Ribeiro. Funchal. Typ. da *Gazeta da Madeira*. 1868, 8.º, 356 pag.

1380) VAL (SIEUR DU).

E. — *La description et l'alphabet d'Espagne et de Portugal*. Paris —. 1659, 16.º

1381) VALENZUELA (D. PEDRO).

E. — *Portugal unydo y separado. Escrivia el afecto espagñol de — al Excellentissimo Señor Don Agustin de Alencastre Sande y Padilla, duque de Abrantes*. Con privilegio. En Madrid, por Mateo Fernandez, Impressor del Rey nuestro Señor, Año de 1659, 8.º gr., de 97 pag.

1382) VALLÉE (JOSEPH LA —. Marquis de Bois Robert).

E. — *Histoire des Inquisitions réligieuses d'Italie, d'Espagne et du Portugal*. Paris, 1809, 12.º, 3 tomos. Esta obra tem muitas inexactidões.[1]

1383) VALLERÉ (MAD. L. DE). — Sa fille.

E. — *Eloge historique de Guillaume Louis Antoine de Valeré, Lu à la seance publique de l'Academie Royale des Sciences de Lisbonne, le 20 Janvier 1798 par François de Borgia Garção Stockler, sécretaire de l'Academie, membre de la*

[1] *Diccionario Bibliographico*, vol. III, pag. 192.

Societé philosophique de Philadelphie etc; Publié de nouveau avec des additions et des anecdotes sur sa vie, et la réfutation de l'article qui le concerne, inseré dans la Bibliotheque Britannique par —. A Paris, Chez Firmin Didot, 8.º gr., 282 pag. com o retrato de Mr. Valeré.

Obra conveniente para conhecimento do estado das nossas coisas de guerra no reinado de D. José. As annotações são egualmente muito interessantes para o mesmo fim. Valeré era um official francez, que veiu servir em Portugal, e n'este paiz se conservou desde 1752 até 1796, anno em que falleceu.

Esta obra serve ainda de refutação ás calumnias, que o celebre Costigan escreveu contra a nação portugueza.

Parece que Costigan (ao que diz este livro) era um pseudonymo, e que o verdadeiro auctor d'aquelle acerbo de calumnias era o brigadeiro Ferriere, que pelo seu mau procedimento fora expulso do serviço no exercito portuguez.

1384) VANDELLI (DOMINGOS). — Nasceu em Padua [1] pelos annos de 1730. Pelo convite do Marquez de Pombal veiu para este paiz reger uma cadeira de philosophia na Universidade de Coimbra. [2] Falleceu em Lisboa a 27 de junho de 1816. Foi socio das Academias de Upsal, Lucca, Padua, Florença e Lisboa. E nas *Memorias* d'esta ultima encontram-se os seguintes trabalhos de Vandelli:

E. — I. *Dominici Vandelli Florae et Faunae Lusitanicae Specimen.* Traz uma pequena dedicatoria á Universidade de Coimbra com a data de 13 d'abril de 1787. (*Memorias*, tomo I, de pag. 37 a 79.

II. *Ejusdem de Vulcano Olisiponensi et Montis Erminii (Memorias.* id. de pag. 80 a 84.)

Diz o auctor que os vestigios do vulcão extincto em Lisboa começam na parte septentrional em S. João dos Bemcasados e Alcantara; depois as escorias vulcanicas cobrem os montes calcareos até Rio Secco, e em seguida seguem-se estes montes vulcanicos até Paço de Arcos, do qual logar vão pedreiras de marmore até Penha Longa, onde entre os marmores se desenterram escorias solidas negras e lamelladas.

III. *Varias observações de Chimica e Historia natural. (Memorias* id. de pag. 259 a 561).

IV. *Dissertatio de arbore Draconis, seu Dracuena. Accessit dissertatio de studio Historiae Naturalis necessario in Medicina, Oeconomia. Agricultura, Artibus et Commercio.* Olissipone, 1768.

V. *Fasciculus plantarum cum novis generibus et speciebus.* Olissipone, 1771.

VI. *Memoria sobre a utilidade dos Jardins Botanicos.* Lisboa, 1770.

[1] *Diccionario Bibliographico*, tomo 2, pag. 200. Tambem com respeito a Vandelli vejam-se os artigos Link e Hoffmansegg.

[2] «O Dioscorides do Norte, Carlos Linneu tinha indicado Domingos Vandelli ao nosso governo, como um eximio naturalista.» Marquez de Rezende no tomo XII do *Panorama*, pag. 213.

VII. *Diccionario dos termos technicos de Historia Natural, extrahidos das obras de Linneo, com sua explicação e estampas abertas em cobre, para facilitar a intelligencia dos mesmos.* Coimbra 1788.

VIII. *Viridarium Grisley Lusitanicum, Linnaeanis nominibus illustratum. Jussu Academiae in lucem editum.* Olissipone 1789.

IX. *Florae Lusitanicae et Brasiliensis. Et epistolae ab eruditis viris Carolo a Linné, Antonio de Haen ad Dom. Vandelli scriptae.* Conimbricae 1788. (Esta mesma obra, porém reformada, foi inserida no 1.º volume das *Memorias da Academia.)*

X. *Memoria sobre a ferrugem das oliveiras. Nas Memorias Economicas publicadas pela Academia Real das Sciencias de Lisboa.* vol. I.

XI. *Memoria sobre a agricultura deste reino e conquistas.* vol. I.

XII. *Memoria sobre algumas producções naturaes d'este reino.* vol. I.

XIII. *Memoria sobre algumas producções naturaes das conquistas.* vol. I.

XIV. *Memorias sobre as producções naturaes do reino e das conquistas, primeiras materias de differentes fabricas e manufacturas.* vol. I.

XV. *Memoria sobre a preferencia, que em Portugal se deve dar á agricultura sobre as fabricas.* vol. I.

XVI. *Memoria sobre varias misturas de materias vegetaes na factura dos chapeos.* vol. I, tomo II.

XVII. *Memoria sobre o modo de aproveitar o carvão de pedra e paus bituminosos.* vol. I, tomo II.

XVIII. *Memoria sobre o encanamento do rio Mondego.* vol. I, tomo III.

XIX. *Memoria sobre as aguas livres.* vol. I, tomo III.

XX. *Memoria sobre o sal gemma das Ilhas de Cabo Verde.* vol. I, tomo IV.

1385) VAN WEST ZANENS.

E. — *Reize naar Ost Indien.* etc. (Viagem ás Indias Orientaes) Amsterdam. 1608, 4.º

1386) VARENBERGH (EMILE).

E. — *Les relations des Pays-Bas avec le Portugal et l'Espagne d'après un écrivain du* XVII *siècle.* Bruxelles.

1387) VARGAS DE BEDEMAR. — Conde, camarista d'elrei de Dinamarca, Director do Museu de Historia Natural, e Socio da Academia Real das Sciencias em Copenhague.

E. — *Resumo de observações geologicas feitas em uma viagem ás ilhas de Madeira, Porto Santo e Açores nos annos* 1835 *e* 1836. Lisboa, 1837. Na impressão de Galhardo irmãos. No vol. 2.º da *Revista Litteraria* (começa a pag. 61) vem uma censura a esta obra. Nunca vi o original dinamarquez.

1388) VARGAS (FRANCISCO DIAZ DE).

E. — *Discurso y sumario de la guerra de Portugal y successos della desde*

el año de 1578 *hasta el de* 1581. Zaragoça 1581 Ib. 1644.—Em Italiano, Veneza, 1582.

1389) VARGAS (D. THOMAZ TANAIO).

E. — *Restauracion de la ciudad del Salvador nel Brazil por Philippe* IV *de Espagna*. Madrid, 1628.

1390) VARNHAGEN (FREDERICO LUIZ GUILHERME DE). — Nasceu em Arolsem, no principado de Waldek, na Allemanha em 1783. Morreu em Lisboa no anno de 1842. Em Portugal foi administrador geral das mattas e pinhaes do Reino.

E. — *Contas da administração dos reaes pinhaes de Leiria dos annos de* 1824, 1825 *e* 1826; *e esboço do estado d'aquelles reaes pinhaes, com reflexões sobre a decadencia em geral das matas deste reino, e projecto para remediar as mesmas*. Lisboa. Impressão Regia, 1827, fol., 18 pag.

II. *Manual de instrucções praticas sobre a sementeira dos pinheiros. Publicado pela Academia Real das Sciencias*. Lisboa. Typographia da mesma Academia, 1836, 8.º

1391) VARTHENA.

E. — *Zee en land etc.* (Viagem por terra e por mar ás Indias Orientaes) Utrecht. 1654.

1392) VARTHEMA (LUDOVICO DI).

E. — *Travels*. London 1863.

«Varthema andou a viajar pela India de 1503 até 1508, e foi testemunha ocular das primeiras tentativas commerciaes dos portuguezes» [1]

1393) VASEAEUS.

E. — I. *Chronici Rerum Memorabilium Hispaniae Tomus prior. Authore Joanne Vasaeo Brugensi, humanarum literarum in Salmaticensi Academia Professore, Salmanticae*. fol. sem data. Esta obra foi composta por Vaseo, no tempo em que residiu em Portugal, e dedicada a D. Henrique, cardeal e mais tarde rei.

II. *Rerum Hispaniae Memorabilium Annales a Joanne Vasaeo Brugensi et Francisco Tarapha Barcinonensi, non minus docte, quam breviter, ad haec usque tempora deducti. Quibus accessit succincta rerum a Philippo Secũdo Catholico Rege gestarum descriptio: omniumq. Regum Hispaniae geneologia, recens ex Italico translata. Omnia partim nova, partim ad primam editionem accurate recusa: cum Indice locupletissimo*. Coloniae 1577. 8.º 781 pag. É tambem dedicada ao Cardeal rei D. Henrique.

1394) VASCONCELLOS (FELIX MACHADO DE SILVA CAS-

[1] Gerson da Cunha.—*Notes on Chaul and Bassein*, pag. 18. (Bombaim, 1876)

TRO Y). — Marques de Montebello, Commendador de San Juan de Coucieiro, en la Orden de Christo, su bisnieto y successor de su Casa.

E. — *Vida de Manoel Machado de Azevedo, Senhor de las Casas de Crastos Vasconcellos y Barroso, y de los Solares dellas, y de las Tierras de Entre-Homem y Cabado. Villa de Amares, Commendador de Sousel, en la Orden de Avis* Por —. *Escrevia-se a Dom Frañcisco Machado de Silva, su hijo, para que la imitasse, como imitó, hasta acabar la Filosophia, en edad de catorce anos y medio, en la qual fue Dios servido de llevarle para si. Oy se dá a la estampa para que estas dos vidas sirvam de dos espejos a Dom Antonio Machado de Silva y Castro, ultimo hermano de seis que tuve. Impresso por Pedro Garcia de Paredes. Ano* 1660. Parece ter sido impresso em Madrid.

1395) VATEL.

E. — *Droit des gens. Avec des notes de Pinheiro Ferreira et de Combrier d'Oleires.* Paris, 1682.

«O viajante portuguez, que ha poucos annos percorresse a Europa, não encontraria homem de Estado conspicuo, sabio distincto, philosopho afamado, ou publicista notavel, que lhe não fallasse do sr. Silvestre Pinheiro Ferreira com profundo respeito e sincera veneração. Ainda hoje não ha bibliotheca publica na Europa, ou livraria particular escolhida, em que não estejam devidamente estimadas as obras do nosso benemerito compatriota.

«Assim aprouve á Providencia que solvessem estranhos a divida em que lhe estava a nação portugueza, e que nas amarguras a que o condemnou mais do que uma vez a ingratidão dos naturaes, o confortasse a estima e consideração dos estrangeiros; ainda agora elles commemoram nos diccionarios biographicos de mais importancia o nome que anda esquecido na patria, a cujo serviço o sr. Pinheiro Ferreira dedicou muitos annos da sua vida, e a cuja honra e progresso consagrou a existencia inteira.

«Já vimos citadas com louvor opiniões de publicistas francezes em assumptos politicos, e transcriptas com grande applauso, e applicadas com deliberada confiança no credito do auctor, sem que ninguem advertisse que eram copiadas ou traduzidas das obras do sr. Silvestre Pinheiro Ferreira. E ainda bem, que se lhes houvesse descoberto a origem nacional, talvez que para logo as regeitassem ou que lhes duvidassem do acerto! (Sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, *Glorias de Portugal*, pag. 2.)

1396) VEER (GUSTAV DE).—Natural de Dantzick.

Publicou em 1864, em Dantzick na Allemanha, a vida do infante D. Henrique, em volume de oitavo.

1397) VENN (HENRY).

E. — *The missionary life and labours of Francis Xavier taken from his own correspondence.* London, 1862, 8.º

1398) VENTURINO (JOÃO BAPTISTA).

«Enviando o papa Pio V seu sobrinho Miguel Bonello, mais conhecido pelo

titulo de Cardeal Alexandrino, como legado aos reis de França, Hespanha e Portugal no anno de 1571, entre as pessoas que formaram a sua numerosa comitiva vinha um certo João Baptista Venturino, que tomou a seu cargo descrever em italiano o processo da viagem, acompanhando a sua relação de notas e observações sobre as terras, por onde passavam, e sobre os individuos com quem tratavam. Entraram em Portugal pelo Alemtejo, e é d'aqui avante que a viagem do legado se torna extremamente importante para a historia da sociedade portugueza n'aquella epocha: é pois só n'esta parte, que extrahiremos as mais curiosas passagens da copia que temos diante de nós, tirada do codice 1607 da Bibliotheca do Vaticano.[1]

Entrada em Elvas

«Avistando á mão esquerda uma torre dos portuguezes, que estava como para defeza da fronteira, appareceu D. Manuel, senhor de Monsarás, villa proxima de cem fogos. Vinha com cincoenta cavalleiros bem montados e vestidos, e logo apoz elle D. Constantino de Bragança, tio do duque d'este titulo, e do sangue real, juntamente com o conde de Tentugal, seu cunhado, com vinte pagens vestidos das suas côres, preta e amarella, com trezentos cavalleiros montados em formosos ginetes, e cavalgando á gineta, que vem a ser com a perna curva e com os pés mettidos em grandes estribos, que cobrem quasi todo o pé, e montam assim tão bem, e estão a isso tão costumados, que fazem, pondo-se em pé nos estribos, toda a casta de forças. Usam de esporas de roseta, e só com um bico agudo similhante ao de uma lanceta. Traziam botins vermelhos de carneira, uns lisos outros lavrados, ou prateados e doirados, e guiavam á dextra dez ginetes sellados e cobertos de brocados e veludos extremamente bellos.

«D'ahi a pouco veiu o bispo de Elvas, primeira cidade e povoação de Portugal por esta parte, homem já muito velho. Acompanhava-o o corregedor do civel, isto é o prefeito da justiça, e o seu juiz ou ouvidor, os alcaides e meirinhos, isto é, alguazis e outros magistrados e officiaes com vestiduras talares e varas nas mãos. Os cavalleiros, que vinham com elles, seriam tresentos.

«Ao entrar da dita porta de Elvas appareceram muitos homens e mulheres vestidos do modo em que já tinhamos visto em Castella estando com o cardeal Spinosa. Terminavam estes tres corpos de dançarinas.

«A primeira dança chamada a Follia, compunha-se de oito homens vestidos á portugueza, com gaitas e pandeiros acordes, e com guizos nos artelhos, pulavam á roda de um tambor cantando na sua lingua cantigas de folgar, de que obtive copia, mas que não ponho aqui por me não parecerem adaptadas á gravidade do assumpto. Bem merecia a tal dança o nome de follia, porque volteavam como loucos, fazendo ademanes uns para outros, como quem se congratulava da vinda do legado, para o qual constantemente se volteavam. A segunda dança, chamada a captiva, era de oito moiros agrilhoados, que dançando á moda mourisca, se declaravam escravos do legado. A terceira, chamada a

[1] Alexandre Herculano — *Panorama* de 1841, pag. 309.

Gitana, era composta de ciganas vestidas e bailando como as que já descrevi do cardeal Spinosa. Vinham entre elles duas moiras, trazendo cada uma em pé sobre os hombros uma rapariga vestida de pannos cosidos em oiro e talhados de galantes e variados modos. Com aquelle peso bailavam levemente, ao som de um tambor, enfunando-se com o vento os vestidos das raparigas que faziam esvoaçar um lenço por varios modos, ora com a mão direita, ora com a mão esquerda, ora segurando-o debaixo do braço, ora nas costas, momos estes que depois repetiram com facas por diversas maneiras.

«Elvas está assentada em sitio similhante ao de Badajoz. É cingida de muros e fortes; tem falta de agua pela altura em que está; o seu territorio é bom, e bello o seu aspecto; a povoação terá obra de quatro mil fogos. As casas são caiadas por fóra á moda de Portugal. As mulheres são gentis e desembaraçadas: usam trajos similhantes aos das castelhanas, mas não andam tão embuçadas nem tão arrebicadas e brunidas.

Encontro do duque de Bragança

«Á segunda feira seguinte tendo sahido de Elvas vimos um aqueducto de oitocentos arcos murados, que de um monte distante legua e meia conduzia a agua até ao pé da cidade. Rebentaram depois os canos, não podendo subir a agua á altura que se pretendia para a fazer entrar dentro em beneficio dos moradores, mas sempre corre perto da cidade. E caminhando por bellos e ferteis campos de planicies e outeiros apraziveis, encontrámos a distancia de duas leguas D. João, duque de Bragança, mancebo de vinte e nove annos, de mediocre estatura, trigueiro e de boa côr, vista curta e de pouco robusta compleição, o que lhe serve de desconto á muita grandeza e fortuna de que gosa. É do sangue real de Portugal, tendo por armas as mesmas do reino. Vinha vestido com uma capa de panno raso, abotoado o capuz com diamantes e fechos de oiro, e as bandas compridas apresilhadas com rubis e oiro; o barrete era de veludo com fios de rubis, diamantes, perolas e oiro; as calças eram de veludo turqui (azul escuro) agaloadas de oiro. Montava em um cavallo rodado, cavalgando á gineta, e precedido por dois ginetes que, sobre as sellas cobertas de escarlata com franjas de oiro, traziam duas malas similhantes ás que os cardeaes levam adiante de si quando vão para o consistorio. Eram tambem escarlates com as armas de sua excellencia bordadas em brocado de oiro com florões e franjas de prata, na verdade bellissimas.

«Vinham quatro alcaides e quatro meirinhos ou alguazis com varas vermelhas, ao contrario das de Castella, e ainda d'Elvas, que eram brancas. Seguia-se a pessoa de s. ex.ª e apoz elle duzentos cavalleiros gentis-homens montados á gineta em bellissimos cavallos.

«Passada meia legua de caminho aspero e pedregoso chegámos ao pé de uma fortaleza do duque, que ficava á mão esquerda, na qual salvaram com artilheria e tocaram tambores. Um pedaço adiante, á direita, descobrimos um palacio do duque, bello e commodo, similhante a um serralho, cingido de muros que teriam tres leguas pequenas, que são nove milhas, e que fôra feito por s. ex.ª para seu divertimento, por gostar muito da caça. Dentro da cêrca havia

grande copia de javalis, cabritos montezes, veados e outras alimarias. Estava ordenado que se desse uma batida ás feras para recrear o Legado, que parou com o duque na chapada do monte pegado com o paços. Mas uma grande chuva acompanhada de vento não o consentio, e tendo o duque posto um capote de panno avermelhado guarnecido de passamanes d'oiro, e um chapeu de veludo preto com iguaes passamanes nos encaminhámos a passo cheio para Villa Viçosa, residencia do dito duque, onde chegamos perto da noite. Ao apearnos á porta do seu palacio houve grande estrondo de artilheria, em um castello roqueiro bem fortificado; soaram os atabales, tocados por pretos, os pifaros, trombetas, tambores, e sinos, mostrando-se por toda a parte extraordinaria alegria.

Villa Viçosa

«A esta villa corresponde bem o nome que lhe dão, porque tanto dentro como fóra está cheia de vinhas, olivedos e pomares: é plana, as casas são bellas e commodas, e de bom risco, ou pelo menos melhor do que é costume em Hespanha, caiadas por fóra, com chaminés brancas, e no topo vermelhas, resaltadas para fóra das frontarias, ou por causa da delgadeza das paredes, ou por adorno, ou por assim ser costume. Quasi todas as casas teem quintaes com agua; e serão ao todo 2000 fogos, pouco mais ou menos. É habitada por paisanos. Tem formosas mulheres, e entre outras uma que não o é menos da alma que do corpo, da edade de 23 annos, filha de Thomé de Castro, á qual por sua muita litteratura chamam Publia Hortensia. Esta donzella, que tinha estado em Salamanca quiz defender conclusões naturaes e legaes, o que não teve logar por causa da subita partida do Legado.

«O palacio é notavel, [1] bello exterior e interiormente, e o mais aprazivel e commodo, que até aqui vimos em Hespanha (ao menos em quanto a mim) exceptuando, porém o paço real de Madrid. Como estivessem ainda alguns quartos imperfeitos, o duque os mandou acabar por occasião d'esta vinda do legado. O edificio fecha todo em volta com grandes casarias, que dão para jardins fresquissimos, um dos quaes mui espaçoso está arranjado ao modo de Italia. Tem vastas cavalariças, adegas e todas as mais officinas necessarias. Está situado entre duas ruas, quasi insulado, e na frontaria principal fica-lhe uma formosa praça, á qual se segue um bosque de ciprestes, e logo um mosteiro de Franciscanos. Dentro dos paços estão pintadas muitas victorias alcançadas pelos duques de Bragança, principalmente contra os castelhanos, e no alto da escada se vê a tomada d'Azamor na Africa, tudo ornado de riquissimos pannos de Flandres.

«Os que estão porém na sala que fica no topo da escada da banda esquerda são de ouro, prata e seda, lavrados de figuras representando uma victoria ganha por Nunalvres condestavel, de Portugal, contra os castelhanos. Dos mesmos pannos está forrada outra sala tambem no cimo da escada, da parte opposta, bem como a camara e antecamara do legado, na qual estava uma cama de brocado d'ouro de canotilho, a mesa d'estado cuberta da mesma tela, a cadeira

[1] *Panorama* de 1841, pag. 338.

de velludo carmesim franjado d'oiro, e o chão alcatifado de finissimos tapetes. Ao pé ha um oratorio bem ornado e devoto. No topo da escada, que já mencionei, sobre um estrado da altura de dois palmos, ou palmo e meio, coberto de tapetes de seda, havia um docel de brocado de oiro, debaixo do qual havia de comer o legado, estava um apurador grandissimo contando peças de oiro, de prata, e doiradas, que avaliaram em cento e cincoenta mil escudos d'oiro. Havia ahi dois vasos, como urnas antigas, duas bacias, dois gomis, e duas copas grandes, lavradas de figuras primorosamente. Os vasos doirados eram 56 de diversos feitios, uns levantados, outros lisos, além de muitas taças, de um numero quasi infinito de pratos. A prata era da mesma qualidade. Aqui comeu o legado no dia seguinte em publico, do modo seguinte: assentou-se em uma das cabeceiras da mesa, depois de ter lavado as mãos, só, porque o duque não quiz lavar-se no mesmo tempo por cortezia, apezar de rogado e quasi constrangido para o fazer, á qual cortezia de sua alteza corresponderam os nossos prelados, os quaes, apezar de convidados e rogados por elle, o deixaram lavar só. Assentou se o duque ao pé do legado, mas não antes deste estar assentado. Junto ao duque ficou D. Jaime, seu irmão, de edade de dez annos, vestido como o duque, e apoz elle D. Francisco, de edade de 20 annos, e D. Henrique de 18, de aprazivel aspecto e bom porte, filhos do conde de Tentugal, vestidos com tabardos. Seguia-se D. Constantino de Bragança, vestido de raxa preta com a cruz da ordem de Christo ao peito. Do outro lado estavam os nossos prelados e na extremidade d'uma e d'outra parte estavam outros fidalgos e cavalleiros, segundo o grau de cada um. A mesa estava delicadamente ornada e coberta com toalhas de bretanha, e tela da India. Os manjares eram abundantissimos e sumptuosissimos, pouco lautos ou exquisitos, e na maior parte agradaveis ao paladar, porque lhes deitavam á toa, e em todos grande quantidade de assucar, canella, especiarias, e gemas d'ovos cozidos, ao mesmo tempo que lhes faltavam os molhos, temperos etc. Todavia nenhum havia ahi que fosse extravagante, ou desusado em Italia, constando de salvaginas, pavões, perdizes, e boas carnes, entre as quaes o capado era excellente, e nada má a vitella. Vieram muitas fructas cobertas, que tornaram a polvilhar de assucar, e cobriram com folhado de mel, cousa que parece não ser ordinariamente usada. As cobertas da mesa foram cinco, cada uma de cinco serviços, afora o ultimo da fruta, confeitos e doces, com a galantaria de sairem voando perdizes e outros passaros ao abrir os pasteis. Durou o jantar por espaço de mais de tres horas. A cada coberta, que sempre era servida por fidalgos ou cavalleiros, tocavam os atabales, trombetas, e adufes mais com ruido que com suavidade, posto que os pifaros, que faziam acompanhamento, tornassem supportavel a bulha. Quando o duque bebia, o que fez só duas vezes durante toda a comida, sendo a bebida agua pura segundo costumava, vinha esta em um jarro de cristal alto e largo, que elle despejou de todo. N'este acto vinha adiante o mordomo com o bastão na mão, e atraz o mestre sala com a salva. Dos lados estavam dois creados vestidos de velludo preto e tabardos de panno, e canas na mão, chamados maceiros com maças de prata macissa, e as armas ducaes; e além destes, dois vestidos com sobrévestes, a modo de tunicas de brocado de oiro, cobertas de armas do du-

que e dos seus, chamados reis d'armas, todos os quaes tendo no meio o escanção com a copa d'oiro e com o dito jarro coberto, estavam de joelhos, como fazem sempre aquelles, que fallam com o duque, e do mesmo modo estava o escanção, tocando entre tanto os instrumentos. Repetiu-se esta mesma ceremonia, quando o legado bebeu.

«As ceremonias, foram segundo o rito Romano da missa na capella ducal. A musica era estrepitosa e retumbante; o canto era de boas vozes, mas tão altas, sendo os cantores pela maior parte eunuchos, que não pareceu sonora, nem bem concertada, como talvez fôra em aposento mais vasto.

«Depois da missa, voltando o legado ao seu quarto, encontrou á porta da camara ducal, esperando-o em pé, a infante D. Isabel, filha do defunto duque D. Jaime, viuva do infante D. Duarte, filho del-rei D. Manuel. Trazia um vestido preto afogado, coberta quasi toda com o manto: é de estatura alta e direita, de edade de 60 annos: ao pé d'ella estava sua filha D. Catharina, duqueza de Bragança, a qual, parecendo-lhe por ventura abatimento de sua real grandeza intitular-se duqueza, se chama a senhora Catharina. Teria de edade 29 annos. Trazia vestido de velludo preto afogado, cheio de espiguilhas galantes d'oiro, rubins e diamantes, com meias mangas, abertas ao meio com rede de oiro, cabello liso e levantado em topete como usa a rainha de Hespanha, com um rosicler de diamantes e rubins ao peito de inestimavel valor, e pulceiras e brincos de grossissimas perolas. Pegava-lhe na cauda d'uma saia de gorgorão branco que trazia por baixo, uma graciosa donzella, acompanhada d'outras dez vestidas de diversas telas, e todas do mesmo feitio com muitas joias, além de quatro donas vestidas como a infante viuva, só com a differença de não serem os veus tão compridos. Tinha ao pé de si, de um lado D. Theodosio seu filho, duque de Barcellos, de edade de quatro annos, e D. Duarte de tres, vestidos com gibões e calças de telas bordadas de prata listrada de vermelho, com cordões de oiro e perolas, estando ainda na ama o terceiro filho D. Alexandre. Do outro lado estavam as suas duas filhas D. Maria de sete annos, e D. Seraphina de seis, vestidas de razo cramezim bordado d'oiro. Feitos os comprimentos ao legado o convidaram a sentar-se em uma cadeira de brocado de oiro, debaixo de docel, e a infante e a senhora D. Catharina no chão sobre um estrado, que ficava defronte. Conversaram algum tempo, estando as damas em pé do outro lado, e o duque assentado á esquerda do legado fallando com o patriarcha Alexandrino, e os outros prelados e gentis homens em pé no meio da sala.

«Tem o duque nos seus estados grandes bancos de marmores alvissimos de veios amarellos, e d'outras especies, muitos e excellentes. A artilheria dos seus castellos é numerosa.

«Os escravos são considerados e tratados *como as raças de cavallos na Italia* pelo mesmo methodo; o que se busca é ter muitas crias para as vender a 30 e a 40 escudos. D'estes rebanhos de mulheres ha muitos em Portugal e nas Indias.

«O duque pode levantar sessenta mil homens de peleja, dando só Barcellos 13:000, afóra 6:000 cavallos.

«Veiu o duque com seu irmão e cem cavalleiros acompanhando o legado, obra de meia legua, e despedindo-se passou a Borba, villa sua, formosa e plana, de 600 fogos, a distancia d'uma legua. Pouco depois encontrámos o corregedor e alcaide d'Estremoz, villa de 400 fogos, e distante uma legua, acompanhados de cem cavalleiros. Aqui pernoitámos, o legado em casa do donatario D. Constantino de Bragança, e os demais por casas particulares, incommodados por dormirem em colchões no chão, sendo este o costume do paiz, por se usarem poucos leitos. Ao redor da villa ha montes de pedra marmore com veios vermelhos, a qual serve para os edificios, e n'algumas partes barro vermelho misturado de branco, do qual fazem diversos vasos muito lindos, e jarros, pelos quaes costumam beber os fidalgos e até o proprio rei.

«Foi de grande prazer, ao entrar n'esta villa, ver tres corpos de danças similhantes ás d'Elvas, e dos lados fogos d'artificio, e foguetes, e ouvir o estrondo da artilharia[1] e dos sinos, sendo acompanhado o legado com dez tochas acesas, e com muitas outras, os prelados e gentis-homens, aos seus respectivos aposentos.

«No dia seguinte chegámos a uma estalagem distante tres leguas, por caminhos algum tanto pedregosos e ingremes, posto que o territorio fosse bom e fructifero. Ahi encontramos o bispo d'Evora acompanhado de parte do clero e outras pessoas; ao todo 200. Na dita estalagem almoçámos doces, presunto do melhor que é possivel comer-se, capões assados frios, queijo excellente, pão alvissimo, e optimos vinhos, tudo ordenado pelos mantieiros d'el-rei com muito cuidado e diligencia: a louça era de prata, e os copos de oiro. Depois encaminhando-se para Evora, veiu-nos ao encontro D. Diogo de Castro, homem de 50 annos, e pessoa principal entre os vizinhos da cidade, logar-tenente d'el-rei nas coisas da guerra. Cavalgava um formoso e bem arreado ginete, vinha acompanhado de 500 homens de serviço ordinario, além de dez mil peões de sua milicia, e 400 soldados bem postos, montados em formosos cavallos, pela maior parte á gineta. Perto d'Evora, obra de um terço de legua, appareceu o governador, e alcaide, e o juiz com vestiduras talares de panno, seguidos de meirinhos e outros magistrados na ordem seguinte. Enfileirados d'uma banda vinham oito trombetas tocando, vestidos de lhama d'oiro, egual á das bandeirolas das trombetas, com divisas brancas e verdes, tabardos de mescla, e barretes de panno vermelho. Seguiam com a mesma divisa, e barretes brancos que a guarda do governador. Atraz destes vinham outros dez vestidos de pano de méscla com barretes pretos, os quaes eram a guarda do alcaide. Da outra banda viam-se tres pretos montados em mulas cobertas até o chão com gualdrapas de panno negro e amarello, com um pequeno capuz atraz, e com calças curtas de marinheiro, das mesmas cores, e barrete liso e alto com a aba revolta até meia altura, e uma faxa de cendal ao redor. Cada um d'elles tocava dois atabales pendurados de um e d'outro lado da sella. O som era ás vezes aprazivel e suave; mas batendo com mais força, era aspero e espantoso; o que fizeram ao approximar-se o legado em signal de maior alegria, o que tem

[1] *Panorama* de 1841, pag. 410.

por costume em tempo de guerra, quando alcançam victoria. Seguiam-se tres troços d'alabardeiros, cada um de seis homens diversamente vestidos, os quaes formavam a guarda dos outros magistrados. No meio d'estas companhias caminhavam os ditos senhores, precedidos de muitos ministros com varas na mão, insignia de justiça, todas compridas e brancas, á excepção da do governador, que era como bastão da grossura de um braço, pintado de verde e branco. Junto da cidade appareceram dez rapazes vestidos de verde dançando á mourisca ao som de pandeiro, e logo depois outros dez vestidos de amarello com tambor e flauta, dançando tambem e saltando com um meio arco, que cada um d'elles trazia, enredando-se e desenlaçando-se rapidamente. Apoz estes vieram mais dez vestidos de romeiros, bailando á roda de um tambor, e cantando os louvores do legado. Ainda appareceram mais dez egypcias ou ciganas, fazendo além da sua dança costumada e ao som do tambor, varios jogos com lenços e varas. Vieram logo apoz dez ciganos, que ao som de outro tambor, collocando-se cada um entre duas d'ellas formaram uma graciosa cadeia. Ultimamente á porta da cidade dez rapazes vestidos de branco com vergonteas nas mãos bailavam á roda de uma cadeira de velludo cramesim franjado d'oiro, a qual traziam oito rapazinhos mais pequenos com briaes brancos, e com aureolas d'oiro na cabeça, apresentando-se ao legado, e curvando-se, como todos os outros, que vinham fazer, um por cada vez, sua mesura, e depois todos juntos, em quanto as danças, jogos e cantos continuavam sempre adiante do legado.

«Entrou no palacio do arcebispo em Evora, que hospedou á sua custa o legado, os prelados e alguns mais com toda a sumptuosidade. O mesmo foi nas casas dos fidalgos, que recebiam esplendidamente os que eram hospedados n'ellas. Os aposentos, alem dos forros de finissimos pannos de Flandres, tinham os pavimentos cobertos de tenros e verdes juncos marinhos, que usam em occasião de festas e de casamentos. Costumam estar á mesa duas e tres horas. Cada qual tem o seu copo: a meio jantar mudam-se os guardanapos, os guisados de carne põem-se na mesa já partidos em bocados e cobertos, e tanto n'estes como em outros deitam dentro ovos cosidos, muitas especiarias e assucar. Não são lautas as comidas, mas são abundantes, e dizem que a maior parte d'ellas são usadas pelos moiros. De cada vez não trazem á mesa mais que um manjar, e por isso os jantares duram tanto tempo; o qual entretem conversando, fazendo saudes, e offerecendo uns aos outros o que vem á mesa, mostrando-se todos muito alegres.

«Viemos a tres pequenas leguas d'ahi á estalagem de Montemor o Novo, onde almoçámos doces e pasteis de peixe fresco e salgado, e andadas mais duas leguas pequeninas chegámos a Montemor, bella villa de oitocentos fogos, cercada de prados e assentada á margem de um rio. Acha-se povoada no sopé do monte, não podendo habitar-se a villa antiga (hoje quasi deserta) por causa do incommodo e despeza de subir ao alto, e conduzir lá as cousas necessarias, por ser elevadissimo o monte. Nem lá está auctoridade alguma á excepção de Fernando Martins, alcaide e castelleiro de uma fortaleza ou palacio antigo.

«No dia seguinte chegámos d'ahi duas leguas ás estalagens chamadas da Silveira e da (?) pouco distantes uma da outra, e tomando leve collação andámos outras duas leguas, e chegámos á Landeira, povoação ou burgo de vinte fogos espalhados, na qual posto que esteril e incapaz, tinham feito mercado de mantimentos trazidos dos arredores. Ergueram-se ahi dez tendas de campanha ao modo mourisco, e como o campo estava verde e alegre, n'ellas se recolheram alguns prelados e gentis-homens, querendo antes outros soffrer dentro das casas o dormir sobre um colchão deitado no pavimento, que debaixo das tendas, onde cada um tinha dois, só por não ficarem expostos ao ar. Apesar d'isto o legado accommodou se bem em uma casa, e foi servido de tudo. Gostámos do sitio por ser desafrontado e gracioso. De dia todo o territorio parecia coberto de um exercito em campo; á noite viam-se de redor muitas fogueiras, que alegravam os moradores da povoação. Eram estes promptissimos em servir-nos, e tendo vindo obra de uns trinta de encontro ao legado montados em ginetes creados n'aquelles sitios, nos divertiam bastante fazendo carreiras, dois a dois, com as mãos dadas, correndo com grande velocidade, e parando no meio da carreira com toda a facilidade.

«No outro dia (sabbado 1.º de dezembro) depois de almoço, partimos com chuva por uma estrada plana e arenosa, por meio de bosques; e deixando á esquerda Setubal, povoação de 4:000 fogos, e de muitas marinhas, que são onde o oceano espraiando-se fórma uma lagôa, da qual, como da de Cervia em Italia, tira sal em abundancia, chegámos a Palmella, villa de 1:000 fogos.

«Caminhámos por via plana e por entre bosques aprazíveis, encontrando ora á esquerda. ora á direita algumas aldeias pouco distantes umas das outras, todas graciosas, com as casas muito claras por fóra, e rodeadas de regatos, olivaes e prados: eram estas aldeias Coina de 35 fogos, Alhos Vedros de 300, Palhaes de 40, Telha de 30. Pela volta da noite acompanhados com dez tochas, chegámos ao Barreiro, bella villa de 300 fogos. Apeámo-nos á porta de uma boa casaria, onde móra o alcaide, e onde os reis costumam receber as rainhas quando casam em Castella, ou outras personagens que por ahi passem. Estava toda adereçada de finissimos pannos de Flandres de seda e oiro, excellentemente historiados. A antecamara do legado tinha um leito com columnas embutidas de oiro e negro, com varios lavores de animaes e arvores. O cortinado era de damasco preto, orlado de recamo de oiro, os travesseiros de preciosa hollanda, recamados de oiro, abotoados com muitos botões de oiro macisso. A camara tinha um leito de brocado de oiro, canotilho sobre canotilho, com docel irmão, e travesseiros iguaes aos de fóra. A sala, onde comiam os prelados, tinha um docel de velludo negro todo coberto de lyrios de oiro, e orlado de brocado de prata com florões pretos. No aparador estava louça, entre doirada e de prata, que valeria doze mil ducados, havendo muitas peças lavradas de figuras, e quatro frascos ou talhas irmãs de 13 palmos d'altura. Na sala dois castiçaes de prata, que davam pela cintura, sostinham grossissimas tochas brancas, delicadamente lavradas de relevo. Em todos os aposentos havia cheiros suavissimos, adornos pelas paredes, e juncos pelo chão. Os do legado estavam todos tapizados. Nas casas onde alojámos tudo era commodis-

simo e bem adornado, como camas de seda, e comida prompta para os que preferiam comer no seu quarto, que eram poucos, sendo muito mais agradavel o sumptuoso apparato de casa do alcaide, onde, ainda que a mesa fosse mal ordenada, porque esta gente tem pouco geito para isso, tinhamos uma ceia magnifica e melhor que todas as que até ahi tiveramos, sendo servida por trinta mancebos fidalgos, e em riquissima baixella d'ouro e prata. Em outras duas casas os gentis homens e mais familia foram tratados com egual magnificencia, bebendo por copos de prata até os infimos creados, não faltando tochas para acompanhar os que vinham cear, voltando para a pousada, ou indo para qualquer parte. Á mesa dos prelados um improvisador cantou á guitarra em honra do legado e da infante D. Maria de Portugal, de quem era tudo aquillo, e que fazia toda a despeza, os louvores dos prelados e d'alguns gentis-homens; e depois varios outros á viola, aos tres e aos quatro, cantáram madrigaes engraçados, e bem trovados em palavras castelhanas. Muitos mancebos nobres, além dos trinta cuidavam com toda a attenção e presteza em servir o legado, e depois os prelados e mais pessoas, não deixando faltar cousa alguma, que fosse necessaria, ou que se desejasse, tendo sido com este intento mandados de Lisboa pela infante. Além do que os donos das pousadas faziam aos seus hospedes toda a casta de obsequio e cortezia. Á tarde, depois do escurecer, foi espectaculo admiravel o ver Lisboa, a distancia de duas leguas, n'um alto, que parecia arder todo, tal era a multidão de fogueiras.

No outro dia á tarde [1] cresceu a maré e podemos embarcar. Appareceram de repente muitos barcos de pesca e varios outros, afóra cinco bateis. Embarcaram os cavallos por uma ponte de madeira, que ha aqui, não sem a difficuldade e o perigo de se estropiarem, e pela passagem pagou-se meio escudo de cada um. Os familiares passaram em seis barcas toldadas de velludo, ou tapetes finos, com muitas bandeirolas variadas, e o legado e demais prelados em outra, que era pintada de vermelho e toldada de damasco da mesma côr, com uma quantidade ainda maior de similhantes bandeirolas; e n'outra toldada de velludo encarnado e verde D. Constantino de Bragança com varios fidalgos portuguezes. Teriamos andado obra de uma legua quando aferrou comnosco uma barca grande do feitio do Bucentauro de Veneza, pintada e toldada do mesmo modo, na qual entrou o legado com todos os seus, e D. Constantino com todos os fidalgos de sua companhia. Á pôpa havia um docel de téla d'oiro, e debaixo d'elle uma cadeira de brocado d'oiro para o legado, estando tudo defronte forrado de finos panos de Flandres, e cobertos de tapetes os escabellos, em que se assentavam os prelados, bem como o pavimento da popa, e até o da proa. Pelo que parecia que não estavamos em uma barca, mas sim em magnifica e bem ornada sala. Os bordos d'ella estavam cheios de ramos de loiro, e por cima esvoaçavam bandeiras de damasco verde e amarello. A galeota, para que por extrema velocidade não corresse algum risco, posto que o vento fosse de feição, não trazia vela, mas vogava com remos a compasso, e rebocada por dez bergantins pintados de vermelho. Chegavam a nós

[1] *Panorama* de 1842 pag. 211.

dez barcas variamente pintadas e ornadas, nas quaes ouvimos pifanos, trombetas, adufes, timbales e outros instrumentos, com cantores e bailarinos vestidos á mourisca, os quaes bailavam com garbo, mas o canto parecia-se com o que cantam os judeus nas suas synagogas. Esta gente rodeando a galeota, e fazendo seus cumprimentos deleitavam-nos muito. Depois d'isto ainda se approximaram muitas mais barcas, talvez 30, que salvaram a galeota cada uma com dez tiros de artilheria. N'uma d'ellas veiu o arcebispo de Lisboa, com muito clero, e beijando a mão ao legado se despediu para o receber depois em terra com ceremonial. Partindo o arcebispo vieram ainda mais bergantins toldados e vestida a marinhagem, uns de verde, outros d'amarello, outros de vermelho, outros em fim de côres misturadas com muitos estandartes similhantes, nos quaes vinham pintados, n'este um mundo, n'aquelle um jardim, n'aquell'outro um ceu estrellado, em alguns as armas e brazões de seus donos, ou outras divizas, e até as havia com motes e tenções que se não podiam bem discernir no meio d'aquella confusão. Varios d'estes bergantins eram dos magistrados da cidade, outros das ordens militares de Portugal. Alguns fidalgos e todos os officios mechanicos mandaram seu bergantim. Muitos indiaticos que residem em Lisboa enviaram dois cheios de varias plantas, flores e fructos da India, feitos de cêra, que representavam uma primavera, não faltando ahi rosas, violas, e hervas odoriferas, naturaes e verdadeiras, colhidas em Lisboa. Eram tantos os barcos vindos de toda a parte, que se computaram em mais de 500. Distariamos um terço de legua da cidade, quando chegaram dez galés pequenas, seguidas por uma grande, que chamavam o galeão, as quaes saudaram o legado com 100 tiros d'artilheria, e o galeão com 24, deitando ao mesmo tempo muitos foguetes e outros fogos de vistas.

«Com esta bella e alegre companhia chegámos finalmante á cidade, em cuja praia havia tanta gente que se calculava em 50 mil pessoas. Deitou-se uma ponte de madeira, e por ella desembarcámos para outra ponte fixa, no meio da qual démos de rosto com o cardeal D. Henrique, que nos esperava com muitos cavalleiros.

«Deram principio á entrada muitos cavalleiros portuguezes, caminhando aos dois, aos tres, e aos quatro, e misturados com elles os familiares do legado, a cuja esquerda ia o cardeal infante. Tendo andado vinte passos vieram cumprimental-o todos os magistrados, e officiaes publicos de Lisboa, que seriam noventa, uns vestidos de vestiduras compridas até o chão, outros de saios até o joelho, feitos de diversas fazendas, com as varas nas mãos, e trazendo muitos alabardeiros e creados apoz si, uns mais, outros menos, segundo as suas graduações. Veiu então encontrar-se com o legado D. Sebastião, rei de Portugal, mancebo de 28 annos, de boa côr e muito parecido com D. Joanna, princeza de Portugal, sua mãe, e irmã d'elrei catholico. É de estatura mediocre, de olhar e sobrecenho algum tanto carregado e altivo. Trazia uma capa de panno preto, e o capuz com botões de diamantes, rubins e perolas, saio com abotoadura tambem de diamantes e as faldas até o joelho, calças vermelhas com poucos tufos, e quasi lizas, barrete chato de velludo carregado para a testa quasi até o sobrolho, e adornado com um cordão d'oiro, diamantes e perolas:

trazia botas largas nas pernas, de cordovão preto, que lhe subiam até os joelhos. A espada, cinto, estribos e esporas eram doirados, e a sella do cavallo de velludo preto recamado de oiro e perolas: na cabeça trazia o cavallo pendentes de pedras preciosas e oiro. Adiante d'el-rei dois escravos pretos conduziam dos ginetes, um claro, outro baio-claro com xaireis de brocado de oiro e jaezes d'oiro. Ao redor vinham cincoenta alabardeiros vestidos de panno preto, com capas compridas até meia perna, saios com faldas pelo joelho, e botas largas de cordovão preto. Seguiam-se o infante D. Duarte e muitos outros cavalleiros, que eram de bella presença e ricamente vestidos. El-rei parou á direita do legado, e descobrindo a cabeça ao mesmo tempo que este, fez uma leve inclinação, tornando immediatamente a pôr o barrete.

«Feitos os comprimentos, e correspondida a cortezia que fizera, caminhou ao lado do legado, e sempre á direita, e seguindo-se depois o cardeal infante e D. Duarte, e depois D. Constantino, D. Francisco e D. Henrique: apoz estes o duque d'Aveiro e seu irmão D. Pedro, aos quaes se seguiam os marquezes, condes e outros fidalgos titulares, e depois os magistrados da cidade com os seus alabardeiros e os cavalleiros das quatro ordens militares, além de outras pessoas distinctas, cada qual segundo a sua graduação. Caminhámos obra de uma boa milha por bellas ruas, direitas e largas (principalmente a que chamam *rua nova*, a qual é bellissima e povoada de nobres edificios) até que chegámos ao paço real, situado no sitio mais alto da cidade, que d'alli se descobre quasi toda, fazendo uma vista soberba com o braço de mar, que a cerca, cheia de grande multidão de navios. Por todas estas ruas era tão basto o povo que se calculou haver ahi mais de 150 mil pessoas. Estavam as ditas ruas adornadas todas de finos pannos de Flandres e d'outras qualidades, não havendo columna ou parede que d'elles não estives e cuberta. Dobrado era o adorno das janellas, porque não só estavam a ellas damas tão louçãs, que não sei a que comparal-as, mas tambem estavam colgadas de riquissimos tapetes e colchas, o que era tanto mais explendido, quanto as casas teem muitas janellas e muito juntas, e cada morada tres ou quatro andares, que se alugam facilmente pela grande frequencia d'estrangeiros. Era por este motivo que d'um e d'outro lado se não via vão do tamanho d'um dedo, que não estivesse coberto de tapetes e pannos, divididos por quadros de figuras em vulto, ou bordadas, de vistosa apparencia. Quando chegámos á egreja de Santa Maria (Sé) perto dos paços reaes, el-rei, fazendo leve menção de descobrir a cabeça, partiu para os ditos paços, acompanhado de cincoenta tochas, e o legado entrou na egreja.

«Partindo da Sé o legado com o cardeal infante e muitas outras pessoas foi apear-se ao dito palacio, chamado do castello, era sol posto. Acompanhado de 50 tochas conduziram-no a um aposento no andar nobre, por cima do quarto d'el-rei, onde ceou só, e os prelados e gentis-homens de seu serviço em publico, n'uma sala, e em outra maior os gentis-homens dos prelados. Assim os mais creados cada um segundo a sua jerarchia e classe.

«As mesas não eram tão bem ordenadas, lautas, e abundantes como em Madrid, porque os portuguezes não teem habito de banquetear-se. Conhecia-se-lhes a boa vontade com que davam tudo, e que eram abastados de peças

de oiro e de prata, e servidos por muitos creados; mas as comidas eram mais grosseiras que delicadas; os vinhos fortes; a fructa pouco singular. Quanto ao pão e carne eram optimos.

«O palacio do castello, todo por fóra de cantaria, assim como não tem fórma alguma d'architectura por ter sido feito aos poucos em diversas epochas, tambem por dentro é mais commodo que vistoso. Sobe-se por uma grande escada a um atrio, que gira em volta, e que dá entrada para diversas quadras, ficando á mão esquerda da entrada uma porta, que dá para outra escada ingreme e estreita, pela qual se sobe a alguns quartos bem ornados, nos quaes se alojaram varios prelados. Tomando por outra escada subimos a uma varanda, que dá passagem para as camaras d'el-rei, por cima das quaes fica uma grande sala, que tem 48 passos de comprido e 18 de largo, dividida em naves com um tecto pintado de brutescos, e forrada toda de bellos razes de Flandres, e de lhama d'oiro. Seguia se um quarto feito a modo d'escada, por ser em degraus, onde os gentis-homens dos prelados comiam. O tecto d'este quarto era feito á maneira de pinha, e de muito mau gosto. D'aqui subia outra escadinha de madeira para um aposento, ao lado do qual ficava outro onde estavam os aparadores com copa, assaz copiosa de peças d'oiro e prata, mas não tanto como a do duque de Bragança. D'esta casa se passava para uma sala forrada dos mesmos pannos de Flandres, na qual os prelados comiam. No fundo d'esta sala se descia para uma varanda feita de novo, em cujo topo havia um bellissimo panno de Flandres com uma imagem da virtude, que segurava pelo collo e peles cabellos uma fortuna com seu letreiro, que significa:—Não sabe escapar, nem póde fugir a fortuna, quando a virtude com sua força a retem. Do meio d'esta varanda se desce para uma sala forrada de lhama de oiro, com seu docel de brocado, debaixo do qual está um estrado com tres degraus, coberto de panno verde. D'aqui se entra em uma camara, ornada do mesmo modo, onde está um grande leito de brocado d'oiro, com travesseiro, e duas almofadinhas de razo (setim) carmezim ricamente bordados d'oiro. Fica immediata outra, onde estava um leito para dormir o legado, cuja armação era de finissimos razes de seda e de oiro, com bem lavradas figuras poeticas, e franjas subtilissimas. Havia tambem ahi uma mesa pequena, de couro preto da India mais bello que o ebano, todo lavrado ao redor de folhagens d'oiro. Ao pé d'esta camara estava um oratorio, armado de razes similhantes aos da camara, com a differença de serem as figuras ao devoto.

«D'estas camaras sahe-se por uma porta secreta para um terrado, d'onde se descobre uma extensa vista, tanto de mar, como de terra.

«Os quartos d'el-rei ficam por baixo d'estes, e em tudo lhes são similhantes, salvo em alguma pequena diversidade nos estrados e doceis, e em serem bordados os pannos de raz com historias do Testamento Velho, e ao mesmo tempo com quantas ficções teem inventado os poetas. Havia ahi alguns que valiam bem mil escudos.

«Na quarta feira seguinte foi o legado visitar el-rei, o qual veiu encontrar-se com elle ao meio da sala grande, acompanhado de muitos cavalleiros, e vestidos singelamente, todo de panno preto. Tirou o legado o barrete primeira-

mente, e depois tirou el sei o seu, mas tornou-o a por logo, tendo-o o legado ainda na mão; e sem dizer palavra, tomando a direita ao legado, se encaminhou para o seu quarto, sem fazer a menor ceremonia ao passar as portas, entrando primeiro que elle na camara, onde só havia uma cadeira. Ordenou então el-rei que viesse outra, mas antes que ella chegasse, ou por inadvertencia, ou por altiveza assentou-se debaixo do docel, e o legado defronte d'elle na que trouxeram, que era de velludo. Tendo fallado obra de uma hora, o legado tornou a descobrir-se, fazendo el rei apenas signal d'isso, e acompanhando só até á porta do aposento, onde parou com o barrete na cabeça, em quanto os prelados lhe faziam suas cortezias, pondo o joelho em terra, e retirou-se depois.

«O legado jantou n'esse dia em publico, mas só á mesa, na sala do docel, n'um estrado de cinco degraus, assentado em uma cadeira de velludo carmezim franjada d'oiro, assistindo-lhe os prelados, e grande numero de fidalgos portuguezes. Ao mesmo tempo jantava el-rei em publico, e só á mesa, na sua sala principal debaixo do docel, em estrado levantado, e assentado em cadeira de brocado de oiro. Quatro padres jesuitas benzeram a mesa, e depois deram graças. O serviço era d'oiro: dez os creados que serviam, não mais. As comidas poucas, mal temperadas e grosseiras. Sobre a mesa estava sempre um grande vaso de prata, cheio de agua, do qual se deitava em um jarro, chamado na lingua portugueza *pucaro*, do feitio de uma urna antiga, d'altura d'um palmo, e feito de certo barro vermelho, subtilissimo, e luzidio, que chamam barro d'Estremoz, pelo qual el-rei bebeu seis vezes. Ahi estava sempre uma salva cheia de guardanapos, que se renovavam cada vez que el-rei bebia, ou mudava de prato. Comia depressa, e com a cabeça baixa, com pouca delicadeza. Um pagem posto atraz da cadeira lhe tinha entretanto a espada. Dez estavam de joelhos. Apezar de lhe assistirem muitos fidalgos, nunca disse palavra, nem olhou para nenhum, e levantando-se da mesa, retirou-se para a sua camara com passos velozes.

«Depois de jantar o legado cavalgou em uma mula, acompanhado dos prelados, e de quinhentos cavalleiros portuguezes, e seguindo quasi uma milha ao longo da margem do rio foi apear-se á porta de um convento de freiras franciscanas, d'onde passou ao palacio da rainha D. Catharina, viuva de D. João III, e irmã de Carlos V, avó do rei actual. Terá d'edade 60 annos, ou mais, mas está bem conservada: é d'alta estatura, e de gentil aspecto. Estava vestida como a duqueza de Bragança, de que já fallei. Achámol-a em pé n'um aposento desarmado, como o era todo o palacio. Deu só dois passos a receber o legado, com uma leve cortezia. Junto d'ella estavam quatro matronas, e seis donzellas formosas e ricamente vestidas. Despedidos os prelados e mais pessoas começou a conversar com o legado em lingua hespanhola e em voz alta, por espaço de hora e meia, tendo-se ella assentado no chão, e o legado defronte, em uma cadeira de couro, ambos sem docel, estando entretanto os prelados n'outro aposento, onde por orgulho ou descuido não havia cadeiras. Á partida do legado foram estes chamados dentro para cortejarem a rainha, o que fizeram pondo o joelho em terra, sem ella se mover, e quando o legado

se despediu poz-se em pé, mas não sahiu do seu logar, e apenas lhe fez uma leve inclinação de cabeça.

«Tendo anoitecido, acompanhados com vinte tochas adiante, fomos ao palacio da infanta D. Maria, irmã de D. João III, a qual tendo ficado orphã em tenra edade não quiz jámais casar, posto que fosse robusta, formosa e procurada. Era alta, e teria d'edade 50 annos, posto que não pareça á primeira vista. Dizem que é a princeza mais rica da Christandade, possuindo innumeraveis joias, e milhão e meio de bens patrimoniaes, que gasta com os pobres.

«Estava vestida a princeza com um vestido affogado de velludo preto com orla d'oiro, e botões d'oiro no colarinho, coifa de rede d'oiro na cabeça, e uma corôa no braço de rubins e diamantes, que avaliámos em trezentos mil escudos. Esperava em pé pelo legado, n'um aposento forrado de panno de Flandres, de seda e oiro, debaixo de um docel de brocado. Ajoelhou ao entrar de S. Ex.ma e levantando-se veiu recebel-o á porta do quarto. Depois assentou-se no chão debaixo do docel, e o legado defronte d'ella em uma cadeira de velludo cramezim franjada d'oiro. Estavam presentes quatro matronas, quatro damas, e tres donzellas não menos honestas, que formosas, similhantes ás tres Graças, duas vestidas de velludo preto, e a do meio de damasco branco, e todas cobertas de joias tanto no pescoço, como nas mangas, com coifas de fio d'oiro, que lhe chegavam só a meia cabeça, e os cabellos bem assentados na frente, algum tanto crespos, mas não entrançados. Depois de uma curta conversação, o legado voltou ao palacio.

«Esta capella (a dos paços d'Alcaçova) é de bom tamanho. Tem um S. Miguel expulsando Lucifer, que é obra de mestre: está forrada de tapeçarias, uma das quaes representa ao natural el-rei D. Manuel rodeado do conselho dos grandes, quando resolveu mandar conquistar as Indias, que hoje chamam de Portugal. É de grande preço.

«Quando o legado voltou para a sua camara (depois da segunda visita de ceremonia a el-rei) os administradores do thesouro real lhe levaram para ver uma sella de diversas peças, com os demais arreios, feita na India. O corpo d'ella, ou assento, é de oiro e as orlas lavradas subtilissimamente. Está toda semeada de rubins, diamantes, perolas, e outras joias similhantes. Dizem que vale novecentos mil escudos, e é peça só digna de um rei.

«Na segunda feira seguinte fomos ver o arsenal, ou armaria d'el-rei, pegado com a praça principal, á beira do Tejo. Na verdade é coisa digna d'espanto! Compõe-se de tres grandes salas todas cheias. Os cossoletes, que ahi ha, são para 50 mil homens. N'outra que fica por cima, estão lanças para outros; e n'outra murriões e arcabuzes para egual numero de soldados (os portuguezes dizem que são para 80 mil) além de trinta mil armaduras inteiras para cavallaria. Em baixo estão 100 peças d'artilheria grossa, e 150 de artilheria miuda, bem que muitas d'estas se podiam contar entre as de grande calibre. As munições são abundantissimas, assim como os materiaes para a fabricação, nem n'esta parte ha mais que desejar.

«Fomos tambem ver as cavalhariças reaes, que estão junto a S. Domingos. Havia n'ellas 200 ginetes todos excellentes, e tratados com grande estimação.»

*
* *

As pessoas, que formavam o acompanhamento do legado, eram as seguintes: um patriarcha, o bispo de Terne, o bispo de Sena, Mons. Brandino, Mons. Datario, Mons. de Gracis, Mons. Gisler, Mons. Protonotario, Mons. S. Jorge, Mons. Francisco Maria, o abbade de Basten, Ludovico, secretario, Mestre da Camara, Mordomo, todos com familias particulares e o fim da embaixada era uma proposta do papa para o casamento d'el-rei D. Sebastião com Margarida, filha de Henrique III, rei de França, e para uma liga contra o Turco. [1]

1399) VERA DESCRIPTIO REGNI AFRICANI. Francofurti, 1598.

«Traz os mappas da costa do Congo, e o interior do mesmo paiz com as cidades, rios, montanhas etc. no tomo I; e nos outros as da Asia e America, com uma immensa quantidade de boas gravuras, e bons desenhos, admiraveis para o tempo, e nos mostram os costumes indigenas, e os dos portuguezes n'aquellas regiões.» [2]

1400) VERDIER (TIMOTHEO LECUSSAN).—Negociante e escriptor francez fallecido em Lisboa em 1831. Sua biographia pode-se ver no tomo VII do *Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio.

As lettras portuguezas devem serviços a este illustre francez, de quem, não fallando d'outros escriptos de menos vulto, temos o seguinte.

Version Portugaise de l'Ode a Camoens de M. Raynouard, membre de l'Institut Royal de France etc etc. Avec des notes du traducteur. Paris de l'Imprimerie de H. Tournier, 1825.

É tambem auctor da advertencia publicada no *Cancioneiro do Collegio dos Nobres.* [3]

1401) VERGÉ. — Docteur en droit.

E. — *Diplomates et publicistes — Maurice d'Hantérive, de Gentz, Pinheiro Ferreira, Ancillon d'Entraignes, Sieyès, Chateaubriand, Miguel.*

1402) VERHAAL END BESCHRLING, *van't ghene den admirael Cornelys Matelief in de Oost Indien voor Stadt Malacca wederfaren ist. Rotterdam*, 1602. (Relação e descripção do que aconteceu ao Almirante Cornebys Matelief nas Indias Orientaes em frente de Malaca.)

1403) VERTOT (RENÉ AUBERT, SIEUR DE).—Nasceu em novembro de 1655 no palacio de Benetot, em Caux, e falleceu em junho de 1735 em Paris. Foi capuchinho, e depois conego regular premonstense.

[1] *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza*, tom VI, pag. 136 e 137.
[2] *Revista Universal Lisbonense*, vol. V, pag. 55.
[3] *Panorama de* 1842, pag 406.

E.— *Histoire des Revolutions de Portugal, Paris*, 1689, *Haye* 1765. Londres, 1765. Paris, 1711. Ib., 1768. Ib., 1822. Ib., 1833. Bruxellas, 1843. Avignon, 1794. etc.

Foi tão bem recebida esta obra na sua apparição, que mad. de Sévigné tinha-a por bellissima, e Bossuet dizia ter o auctor uma penna de oiro aparada para escrever a *Vida de mr. de Turenne* [1]. No emtanto as opiniões acham-se actualmente bem mudadas. Para os portuguezes passou sempre por conter grande numero de erros, o que já foi provado por bom numero de escriptores. Com tudo é uma das obras mais conhecidas na Europa.

Ha uma traducção ingleza com o seguinte titulo:

The History of the Revolutions of Portugal by M. L' Abbé de Vertot, of the Royal Academy of Inscriptions and of the Belles Lettres. The fourth edition revised, and considerably enlarged by the Author. Done into English from the last Paris Edition. London. Printed for Knapton etc. 1735, 8.º gr., de 139 pag. e offerecida ao duque de Dorset.

1404) VESPUCIUS. *Paesi novamente ritrovati per la navigatione di Spagna in Calicut.* Venetia 1521.

1405) VEZELIZE (SIEUR FRANÇOIS DE).

E. — *Histoire miraculeuse et tres certaine, envoyée à frère André de S. Marie, Evesque de Cochin, en la quelle est rapporté qu'és Indes de Portugal se trouve un homme marié, agé de 380 ans, lequel a eté marié huict fois; à qui par deux fois les dents sont tombées et revenues. Le présent discours imprimé á Salamanca, Naples Foligne, Bologne, Venise et Milan. Traduict d'italien en françois par le —.* Paris, 1613, 8.º — T. Compans, pag. 125.

1406) VICENTE (D. JOSEPH).

E. — *Decadas de la guerra de Allemania, Inglaterra, Francia, Espana y Portugal.* Madrid. 1765.

1407) VICISSITUDES (LES) *de la Fortune ou Cours de Morale mise en action pour servir à l'histoire de l'Humanité. Ouvrage orné de figures en taille douce.* Amsterdam 1770.

A primeira parte d'esta obra começa pelo Feliz Viajante, ou as aventuras de Mendes Pinto, portuguez.

A respeito d'esta composição diz-nos o recopilador «Foi publicada em 1738, e fórma um grosso volume em 4.º, que tem por titulo — *Voyages aventureux de Fernand Mendez Pinto, traduits du Portugais.* — É inutil observar que não se fez mais que recolher as passagens mais curiosas d'esta historia: a reducção d'um volume em 4.º para 150 paginas deve-o fazer persuadir, e a leitura nos convencerá.»

Apparece ainda um outro conto n'este volume intitulado — *Montaleb et Lela*

[1] F. Didot—*Biog. Universelle.* tom XLVI, pag. 13.

ou os esposos dignos d'uma melhor sorte, cuja acção se passa nas antigas possessões portuguezas no imperio de Marrocos.

1408) VIDA DE D. FR. BARTOLOMÉ DE LOS MARTIRES, *del Orden de Santo Domingo, Arzobispo de Braga, en Portugal, traducida en castellano de la que escrivieron en frances, de un modo nuevo y muy edificante, los reverendos padres de la misma Orden de Predicadores del Noviciado General del Convento de San German de Paris. Representada con su espiritu y sus dictamenes, tomados de sus proprios Escritos, y sacada de la Historia, que en diferentes lenguas escrivieron graves Autores, de los quales fue el primero el V. Fr. Luis de Granada.* Con privilegio. En Madrid, en la Imprenta de Manuel Fernandez. Ano de 1737, 4.º, 512 pag.

O traductor diz-nos no prologo: «Que trinta escriptores, de differentes nacionalidades, portuguezes, castelhanos, flamengos, italianos, e allemães escreveram a Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, fazendo-lhe os maiores elogios.»

1409) VIDA DEL BEATO JUAN DE BRITO. Madrid. É edição moderna.

1410) VIDA DEL GLORIOSO APOSTOL DE LAS INDIAS *S. Francisco Xavier.* Madrid, 1855.

1411) VIDA DEL GLORIOSO PATRIARCHA *S. Juan de Dios, padre fundador de la religion de la hospitalidad de los pobres enfermos.* Madrid, 1856.

1412) VIDA DEL GRANDE D. LUIZ DE ATTAIDE, *tercero conde de Attoguia y vis rei de India dos vezes.* Madrid. 1633.

1413) VIDA DE SAN ANTONIO DE PADUA, CONFESSOR. Madrid, 1855.

1414) VIDA DE UMA PRINCEZA ALLEMÃ ESTEPHANIA RAINHA DE PORTUGAL.

Foi esta obra composta em allemão por uma Senhora de Dusseldorf, e vertida para portuguez com o titulo mencionado, e impressa em Lisboa no anno de 1873, 8.º, 98 pag.

1415) VIDAL (ALEXANDRE CAPITAINE).

E. — *Description de l'Ile de Madère et des Iles qui l' avoisinent, par le— de la Marine Britanique. Traduite de l'Anglais par M. de Criolis.* Paris, 1849, 8.º

1416) VIDA Y HECHOS DEL GRAN CONDESTABLE DE PORTUGAL *D. Nuno Alvarez Pereira, Conde de Barcellos.* Madrid 1640.

1417) VIE (LA) DE DOM BARTHELEMY DES MARTYRS, *Religieux de l'Ordre de S. Dominique, Archevesque de Brague en Portugal. Tirée de son Histoire écrite en Espagnol et en Portugais par cinq Auteurs, dont le premier est le Pere Louis de Grenade. Avec son esprit et ses sentimens pris de ses propres ecrits. Nouvelle edition. A Paris. Chez Pierre le Petit,* 1664. 8.º gr. 109 pag. além do prefacio não paginado.

1418) VIE DE ST. ANTOINE. Limoges, 1859.

1419) VIGIER (JOÃO). — Diz o Sr. Innocencio a pag. 53 do tomo III de seu *Diccionario Bibliographico,* que este escriptor era francez, e depois de adquirir sufficiente pratica e conhecimento da lingua portugueza, n'ella escrevera as seguintes obras:

I. *Cirurgia completa de Leclerc, traduzida em portuguez.* Lisboa 1716.

II. *Pharmacopea Ulyssiponense.*

III. *Historia das plantas da Europa, e das mais usadas que vem da Asia, Africa e da America. Onde se vê suas figuras, seus nomes, em que tempo florecem, e o logar onde nacem. Com hum breve discurso de suas qualidades e virtudes especificas. Dividida em dois volumes, e acomodada na fórma do grande Pinax de Gaspar Bauhino por — Offerecida ao* Ex.mo *Cardeal D. Nuño da Cunha Inquisidor Geral.* Tomo I. En Lion Na Officina de Anisson. Posuel et Rigaud. 1718. 442 pag. tom. II. Continua d'esta pag. até 866.

IV. *Thesouro Apollineo, Galenico, Chimico, Cirurgico, Pharmaceutico, ou compendio de remedios para ricos e pobres.* 2.º impressão. Lisboa por Miguel Rodrigues 1745. 318 pag.

1420) VILA (D. ANTONIO RODRIGUES). — Individuo del cuerpo facultativo de archiveros liberos.

E. — *Biographia de D. Catharina, rainha de Portugal,* que julgo impressa em Madrid, ha poucos annos, e da qual ainda não vi nenhum exemplar.

1421) VILA (D. PEDRO SEBASTIÁ Y). — Nascido em Barcelona no anno de 1822, residente por algum tempo em Lisboa, e depois director d'um Collegio de rapazes na Rua de S. Catharina, no Porto, d'onde parece se retirou para Hespanha.

E. — *Curso de Calligraphia ingleza por — Professor theorico pratico de varios collegios e corpos militares, presidente nato de diversas sociedades Calligraphicas em Lisboa e Porto, Madrid Cadix, Sevilha, Barcelona, Granada, Corunha, Malaga, S. Tiago, Vigo, Bayona, Orense, Lugo, Ferrol, Xerez, Tuy, Vianna do Castello, Ponte Vedra, Genova etc.* Lisboa. Imprensa Nacional, fol. 2.ª edição, Lisboa, Imprensa Nacional, 1856.

1422) VILLACASTIN (THOMAS).

E. — *Apostolica vida, virtudes y milagros del santo padre y maestro Francisco Xavier.* Valladolid. 1602.

1423) VILLEGAS (D. DIEGO ENRIQUEZ DE)

E. — *Pyramide natalicio, y baptismal a la Soberana, Augusta, Excelsa Magestad de la Serenissima Reyna D. Maria Francisca Isabel de Saboya, Princeza de Portugal Delineava.* En Lisboa, 1670, 4.º, 140 pag.

Descreve em estylo horrivelmente gongoristico o nascimento e baptisado do primeiro filho de D. Pedro II e D. M. F. Isabel de Saboya.

1424) VINCENT. (JEAN BAPTISTE GEORGE MARIE BORY DE ST). — celebre naturalista francez. Nasceu em Agen no anno de 1780, e morreu a 23 de dezembro de 1846. Distinguiu-se na guerra, foi capitão no estado maior particular do general Davoust, depois acompanhou á Hespanha o marechal Ney, e serviu mais tarde ás ordens do marechal Soult. Escreveu um grande numero de obras notaveis, e a respeito de Portugal a seguinte:

Resumé Geographique de la Peninsule Iberique contenant les royaumes de Portugal et d'Espagne par M. le colonel Bory de Saint-Vincent, Correspondant de l'Institut, anciennement attaché au dépôt de la guerre. Orné d'une Carte dressée par l'Auteur. Paris, Ambrois Dupont et Boret, editeurs, 12, 575 pag.

Esta obra, aliás mui bem escripta, foi grandemente censurada por José Maria Dantas Pereira nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.* [1]

Mas a verdade é que Dantas tem razão em muitas censuras que faz ás passagens do referido *Resumo Geographico,* onde se encontram estes e quejandos trechos: — Que os inglezes povoavam quasi inteiramente alguns districtos de Portugal. Que n'este paiz não se encontrava um pintor mesmo do menor talento. Isto n'uma epocha em que até o nosso illustre Sequeira acabava de se distinguir n'um concurso publico em Paris. Que o arcebispo de Braga se intitulava Patriarcha. Que Santarem fôra chamada Praesidium Zilium. etc. etc.

O auctor podia ter evitado este e muitos outros defeitos, se tivesse consultado os obras de Adrien Balbi, as Memorias da Academia das Sciencias de Lisboa, e varias publicações nacionaes e estrangeiras, que no seu tempo já existiam impressas.

1425) VIOU.

E. — *Nouvelles intéressantes au suget de l'attentat commis le 3 septembre 1758 sur la personne sacrée de sa majesté tres fidèle, le roi de Portugal.* 2 vol. (Sem logar d'impressão).

1426) VIPERANUS (JO ANTONIUS).

E. — *De obtenta Portugallia a rege Catholico Philippo Historia.* Neapoli. Apud H. Salvianum, 1688, 4.º (Historia da conquista de Portugal pelo rei Philippe o Catholico.)

1427) VISMES (ALPHONSE DENIS MARIE DE—).

E. — *Amadis de Gaule. Opera de Quinault, reduit à 3 actes.* 1679

[1] Vol. X, pag. 251.

1428) VITA DI SEBASTIANO GIUSEPPE DI CARVALHO E MELO. *March. di Pombal, Conte di Oeyras etc. Segretario di Stato e primo Ministro del Re di Portogallo D. Giusseppe I. Edizione IV. Riveduta e correta dall' Autore; di nuovi aneddoti arrichita, e di alcuni Rami singolari corredata.* Yverdun, 1782, 4 vol., 8.º Traz no fim da obra um appendice extrahido do tomo v d'uma outra vida do Marquez de Pombal publicada em Firenze no anno 1781, na typographia de Antonio Giuseppe Pagani Garretiere.

1429) VITA FRANCISCI XAVERII *qui primus Evangelium in Indiam et Japoniam invexit.* Monachii 1626. (Vida de S. Francisco Xavier, que foi o primeiro que introduziu o Evangelho na India e no Japão.)

1430) VITA SANCTI ANTONII. Bononiae, 1757. (Vida de Santo Antonio.)

1431) VOCABULARY IN SIX LANGUAGES *English, Latin, Italian French, Spanish, and Portuguese.* London, 1725.

1432) VOGEL (CHARLES). — Attaché á la direction du commerce exterieur.

E. — *Le Portugal et ses colonies, tableau politique et commercial de la monarchie Portugaise dans son etat actuel par* —. Paris, 1860, 644 pag. 8.º gr.

«Portugal e Hespanha abriram-nos as duas entradas d'este mundo maritimo, que duplicou os elementos de riqueza da sociedade moderna, e quintuplicou o dominio da civilisação. (pag. 1) A nação portugueza, em particular, póde reivindicar a gloria da iniciativa das viagens longinquas no Atlantico, e das grandes explorações dirigidas para oeste e sul. Sua missão foi a de estabelecer as primeiras relações directas da Europa com a India, pela via do Oceano. Não é isto ainda tudo: a colonisação de metade da America do Sul é obra sua. Se Portugal, posto avançado maritimo de nosso continente, depois de ter desempenhado esta missão providencial, com um resultado egual ao enthusiasmo, que o inflammava então, so aproveitou por pouco tempo, se a decadencia seguiu de perto sua rapida e brilhante fortuna, nem por isso as descobertas de seus navegantes deixaram de aproveitar ao genero humano, e de operarem no mundo uma revolução immensa. Um povo, que se apresenta com titulos taes perante a posteridade, está seguro de que, sejam quaes forem depois seus revezes, ha de conservar na historia um logar de honra, que ninguem lhe poderia contestar sem ingratidão.»

Este escriptor acha muita falta de divertimentos em Lisboa — «Exceptuando a musica italiana, é Lisboa com tudo uma das capitaes que menos procuram agradar aos amantes das bellas artes. Nenhuma outra é relativamente tão pobre em quadros e estatuas aceitaveis. As egrejas e palacios quasi que não estão melhor dotadas que os museos. Algumas collecções particulares conteem um pequeno numero d'obras d'arte verdadeiras; porém as obras mediocres superabundam por toda a parte, e a esterilidade quasi completa da arte

portugueza não tem permittido encher a nudez causada pelo grande terremoto e pelas desordens da invasão de 1807. (pag. 478)

«A unica obra de architectura verdadeiramente primorosa, que possue Lisboa, é o grande e soberbo aqueducto das Aguas livres.

«A estatua equestre de D. José, imponente pelo effeito que produz á primeira vista, é muito defeituosa no que diz respeito á arte.

«As habitações da aristocracia, decoradas com o nome de palacios, não são, exceptuando aproximadamente uma duzia, mais que habitações de pouco luxo, mais ou menos vastas, e ás vezes muito mal mobiladas, que se não podem comparar com as opulentas residencias de nossos ricos proprietarios.»

Infelizmente Vogel diz a pura verdade. Qual será o portuguez amigo do decoro nacional, que de vergonha não cubra a cara ao passar pela frontaria da nossa Academia de Bellas Artes? Tão bem palacios, que verdadeiramente mereçam tal nome, não chegam a doze.

1433) VOIAGES (LES) ET CONQUESTES DES ROYS DE PORTUGAL *es Indes d'Oriente, etc.* Paris, 1578, 12.º

1434) VOLTAIRE (FRANÇOIS MARIE AROUET DE). — Nasceu em Paris no anno de 1694, e falleceu em 30 de maio de 1778 [1]. Escriptor ceberrimo, e auctor de grande numero de obras, algumas das quaes só de per si bastariam para o immortalisar, mas que todavia n'alguns assumptos mostrou a mais crassa ignorancia [2]. E uma das maiores provas que se podem apresen-

[1] Bouillet. *Dictionaire d'Histoire et de Geographie*, pag. 1877.

[2] «Eu estava, diz Mably, muito disposto a perdoar a Voltaire a sua má politica, a sua pessima moral, a sua ignorancia e a ousadia, com que mutila, altera e desfigura a maior parte dos factos; porém, ao menos, quizera encontrar no historiador um poeta, que tivesse sufficiente talento para não tornar ridiculos os seus personagens, e que descrevesse as paixões com o caracter que devem ter; um escriptor, que tivesse bastante bom gosto para nunca empregar a zombaria na historia, e que soubesse quanto é barbaro e escandaloso rir e zombar dos erros, que interessam a felicidade dos homens. O que elle diz, apenas é esboçado, e quando quer alcançar um fim, vae alem d'elle e exagera.

«O que ainda mais me admira, é que esse historiador; esse patriarcha dos philosophos, esse homem, emfim, que nos representam como o maior genio da nossa nação, para nos servirmos de uma phrase popular, não veja um palmo adiante do nariz.

«Voltaire gaba-se não sei onde, de ter lido os nossos capitulares; porém nem todos ahi podem saturar-se de graça bastante para serem ao mesmo tempo o mais frivolo e o mais divertido de todos os historiadores.

«Quantas cousas inuteis, que um historiador só emprega quando é muito ignorante.

«Desgraçadamente esse auctor terminou todas as suas obras antes de ter bem comprehendido qual era o seu fim.

«A verdade nem sempre é verosimil, e é isto quanto basta para que um historiador, que se gaba de philosopho sem ter estudado bem os desvios do espirito humano e os caprichos de nossas paixões e da fortuna, rejeite, como um erro, todo o acontecimento que lhe parece extraordinario; é assim que obra Voltaire.

«Para me provar que a sua critica é circumspecta e severa, elle dirá que a aventu-

tar, é a maneira como elle fallou do nosso *Camões* [1]. Agradeço-vos o *Camões*, dizia elle a M. de Vaisne; não o tinha lido todo, e creio que poucas pessoas o lerão de principio a fim [2]. Mas que admirar de quem escrevia uma biographia do nosso poeta, como a que se segue [3].

ra de Lucrecia não lhe parece baseada em fundamentos bastante authenticos, bem como a da filha do conde Julião. A prova que nos dá, é que um estupro é ordinariamente tão difficil de provar como de executar. Um caturra sem gosto poderá rir d'essa graça pesada, porém ella deshonra um historiador.

«A sua *Historia Universal* é apenas uma pasquinada, digna dos leitores que a admiram sob a fé dos nossos philosophos.

«Qual será o historiador, a não ser elle, que ousaria dizer que as creanças não se fazem ás pennadas?

«Um escriptor judicioso julgaria deshonrar-se com uma zombaria tão indecente. Voltaire semeou n'essa *Historia Universal* uma multidão de phrases chistosas, que eu applaudiria de certo n'uma comedia ou n'uma satyra, porém n'uma historia são improprias e insoffriveis.» Mably. Do modo de escrever a historia.

«Benjamin Constant, auctoridade não suspeita, dizia que para zombar como fez Voltaire a respeito d'Ezechiel, e do Genesis era preciso reunir duas cousas, que tornam a zombaria bem miseravel; a mais profunda ignorancia, e a mais deploravel leviandade.

«Citarei além d'isso o senhor Villemain com preferencia a muitos outros escriptores em primeiro logar porque a moderação d'esse prudente critico é bem conhecida; em segundo, porque se mostra geralmente bastante respeitoso para com o patriarcha da Encyclopedia; e finalmente, porque as suas lições professadas publicamente em presença da mocidade franceza, teem adquirido alguma cousa de solemne na expressão, e quasi de popular. No seu *Curso deLitteratura Franceza* diz, fallando de Voltaire (Lição XVI): O modo de zombaria com o qual encara o christianismo, altera a verdade da historia e destroe-lhe o interesse substituindo ao quadro do espirito humano um quadro de caricaturas... O auctor não gosta do seu assumpto (*Historia da edade média*); elle lhe causa piedade, despreza-o, e por isso mesmo engana se muitas vezes sobre elle, apesar de tanta penetração, e direi mesmo de tanta exactidão. Por que não julgueis que Voltaire é geralmente inexacto... o que unicamente falta na sua obra é aquillo mesmo que mais tinha promettido, a philosophia. Tinha estudado muito superficialmente a antiguidade, de que procura dar uma idéa summaria, conforme a de Bossuet. Os erros de nomes e datas, as citações mutiladas, e, é preciso dizel-o, as ignorancias abundam na sua pretendida critica da historia antiga.

«Elle estabelece este singular principio, de que as fraquezas dos principes nem sempre devem ser publicadas, e que a historia deve occultar alguma cousa... Voltaire que tantas vezes se queixa das mentiras historicas, acaba desgraçadamente por transformar a historia n'um panegyrico e n'um pamphleto. Esse livro tão celebrado obedecia a paixões despresiveis.

«Não é necessario recordar tudo quanto elle escreveu na sua velhice contra a Biblia, e quantas duvidas insidiosas, quantos sarcasmos e interminaveis zombarias elle foi buscar muitas vezes, aonde senhores? ás suas distracções, e ás suas proprias ignorancias.» Cesar Cantu, *Historia Universal*, traducção impressa em Lisboa, em 1855, 1 pag., 12. V. tambem Guinguené, *Histoire Litteraire d'Italie*, vol. IV. (A respeito de Ariosto.)

[1] Ferdinand Dinis, *Chron Cheval. d'Espagne et de Portugal*, II, pag. 82.

[2] *Oeuvres completes de Voltaire*. Paris, 1864, vol. V, pag. 222.

[3] «Voltaire não conhecia o poeta na lingua original, e parece que se serviu da traducção ingleza de Fanshaw.» Sr. Visconde de Juromenha, *Obras de Camões*, I, pag. 249.

«Emquanto Trissino na Italia seguia com passos timidos e fracos os vestigios dos antigos, Camões em Portugal abria um caminho inteiramente novo, e adquiria uma reputação, que conserva ainda entre seus compatriotas, que lhe chamam o Virgilio Portuguez.

«Camões, d'uma antiga familia portugueza, nasceu na Hespanha, nos ultimos annos do celebre reinado de Fernando e de Isabel, em quanto João II reinava em Portugal. Depois da morte de João veiu á côrte de Lisboa, no primeiro anno de reinado de Manuel o *Grande*, herdeiro do throno e dos grandes projectos do rei João. Eram então os bellos dias de Portugal, e o tempo marcado para a gloria d'esta nação.

«Manuel, resolvido a seguir o projecto, frustrado tantas vezes, de abrir um caminho para as Indias Orientaes pelo Oceano, mandou partir em 1497, Vasco da Gama com uma esquadra para esta famosa empreza, considerada como temeraria e impraticavel por ser nova. Gama, e os que tiveram o arrojo de embarcarem com elle, passavam por uns insensatos, que se sacrificavam ao prazer do coração. Tudo era gritaria na cidade contra o rei; Lisboa inteira viu partir com indignação e lagrimas aquelles aventureiros, e chorou-os como mortos. Todavia a empreza teve prospero resultado, e foi o primeiro alicerse do commercio, que a Europa faz actualmente com as Indias pelo Oceano.

«Camões não acompanhou Vasco da Gama na sua expedição, como disse em minhas edições precedentes, não foi ás grandes Indias, senão muito tempo depois. Um desejo vago de viajar e de fazer fortuna, e o escandalo que faziam em Lisboa suas galanterias indiscretas, seu descontentamento da côrte, e mais que tudo esta curiosidade inseparavel d'uma grande imaginação, o arrancaram da patria. Serviu primeiramente como volùntario em um navio, e perdeu um olho n'um combate de mar. Os portuguezes tinham já um vice-rei nas Indias. Camões achando-se em Goa foi d'alí desterrado pelo vice-rei. Ser desterrado d'um logar, que podia elle mesmo ser considerado como um cruel exilio, era uma d'essas desgraças singulares, que a fortuna reservava para Camões. Definhou por alguns annos n'uma nesga de terra barbara nas fronteiras da China, onde os portuguezes tinham uma pequena feitoria, e onde elles começavam a fundar a cidade de Macau. Ali foi que elle compoz seu poema da descoberta da India, a que deu o titulo de *Lusiada;* titulo que tem pequena relação com o assumpto, e que para fallar propriamente significa *Portugada* [1].

«Obteve um pequeno emprego mesmo em Macau, e d'ali voltando depois para Goa naufragou nas costas da China, e salvou-se dizem, nadando com uma mão, e segurando com a outra o poema, unico bem que lhe restava.

«Na volta para Goa foi lançado na prisão: não saiu d'ella senão para experimentar uma maior desgraça, a de acompanhar á Africa um governador arrogante e soberbo: passou por todas as humilhações, sendo protegido d'elle. Finalmente regressou a Lisboa com seu poema por seus unicos haveres. Obteve uma pequena pensão de umas oitocentas libras de nossa moeda actual; mas

[1] A respeito d'esta critica de Voltaire V. o Discurso Preliminar que vem no 1.º volume das *Obras de Camões*, da edição de Francisco Xavier Coelho.

dentro em pouco deixaram de lh'a pagar. Não teve outro asylo, ou outro soccorro mais do que um hospital. Foi ali que passou o resto da vida, e morreu n'um desamparo geral. Apenas morto apressaram-se a lhe erigir honrosos epitaphios e a o pôrem no catalogo dos grandes homens. Algumas cidades disputaram a honra de lhe terem dado o nascimento. Assim experimentou em tudo a sorte de Homero. Viajou como elle; viveu e morreu pobre, e não teve reputação mais que depois de sua morte. Tantos exemplos devem ensinar aos homens de genio que não é pelo genio que se faz fortuna e que se vive feliz.

«O assumpto dos *Lusiadas* tratado por um espirito tão vivo como o de Camões só podia produzir uma nova especie de epopêa. O fundo de seu poema não é nem guerra nem uma contenda de heroes, nem o mundo em armas por causa de uma mulher: é um novo paiz descoberto com a ajuda da navegação.

«O poeta conduz a frota portugueza á embocadura do Ganges; descreve de passagem as costas occidentaes, o meio-dia e o oriente de Africa, e os differentes povos que vivem sobre esta costa; introduz com arte a historia de Portugal. Vê-se no terceiro canto a morte da celebre Ignez de Castro, esposa do rei D. Pedro, cuja aventura disfarçada foi representada não ha muito no theatro de Paris. É no meu pensar o mais bello episodio de Camões; poucas passagens ha em Virgilio mais enternecedoras, e melhor escriptas. A simplicidade do poema é realçada por ficções tão novas como o assumpto. Aqui está uma que deve ser bem recebida em todos os tempos e em todas as nações.

«Quando a frota está prestes a dobrar o Cabo da Boa Esperança avista-se ao longe uma cousa formidavel. É um fantasma que se ergue do fundo do mar. Sua cabeça toca as nuvens; as tempestades, os ventos, os trovões estão em torno d'elle. Seus braços estendem-se ao longe sobre a superficie das aguas; este monstro, ou este deus, é o guarda d'este oceano, do qual nenhum navio tinha ainda fendido as ondas. Ameaça a frota, queixa-se do atrevimento dos portuguezes que vem disputar-lhe o imperio d'esses mares: prognostica-lhes todas as calamidades que hão de encontrar em sua empreza. Isto é grande em qualquer paiz sem duvida.

«Eis uma outra ficção, que foi extremamente do gosto dos portuguezes, e que me parece conforme ao genio italiano: é uma ilha encantada, que sáe do mar para refresco do Gama e de seus companheiros. Esta ilha serviu, diz-se, á ilha de Armida descripta alguns annos depois por Tasso. É ali que Venus, ajudada dos conselhos do Padre Eterno, e secundada ao mesmo tempo das frechas de Cupido, torna as Nereides amorosas dos portuguezes. Os prazeres mais lascivos ali estão pintados sem véo: cada portuguez abraça uma Nereida: Thetis obtem Vasco da Gama para seu par. Esta deusa transporta-o a uma elevada montanha, que é o sitio mais delicioso da ilha, e d'ahi lhe mostra todos os reinos da terra, e lhe prediz os destinos de Portugal.

«Camões depois de se ter entregado sem moderação á descripção voluptuosa d'esta ilha, e dos prazeres em que os portuguezes estavam mergulhados, lembra-se de informar o leitor de que toda esta ficção não significa outra cousa mais que o prazer que um homem honesto sente em cumprir o seu dever.

Porém é mister confessar que uma ilha encantada, da qual Venus é deusa, e onde as nymphas acariciam os marinheiros depois de uma viagem de longo curso, assimilha-se mais a um lupanar d'Amsterdam, do que a qualquer cousa honesta. Sei que um traductor de Camões pretende que n'este poema Venus significa a santa Virgem, e Marte é evidentemente Jesus Christo. Com effeito não me opponho a isso; mas declaro que tal não me teria vindo á idéa. Esta allegoria nova dará rasão de tudo: não se ficará tão surprehendido que Vasco da Gama n'uma tempestade dirija supplicas a Jesus Christo, e que seja Venus quem venha em seu auxilio. Baccho e a Virgem Maria achar-se-hão juntos muito naturalmente.

«O alvo principal dos portuguezes depois do estabelecimento de seu commercio é a propagação da fé, e Venus se encarrega do bom resultado da empreza. Para fallar seriamente um maravilhoso tão absurdo desfigura qualquer obra na opinião de leitores sensatos. Parece que este grande defeito teria causado a quéda d'este poema, mas a poesia do estylo, e a imaginação na expressão teem-n'o sustentado: da mesma sorte que as bellezas de execução puzeram Paulo Veronese entre os grandes pintores, apesar de ter posto frades benedictinos e soldados suissos nos assumptos do Testamento Velho, e de ter sempre peccado contra os usos.

«Camões quasi sempre cáe em taes disparates. Lembro-me que Vasco, depois de ter contado suas peregrinações ao rei de Melinde, lhe diz: O' rei, julgae se Ulysses e Eneas viajaram até tão longe como eu, e correram por tantos perigos! Como se um barbaro africano das costas de Zanguebar soubesse alguma cousa de Homero e de Virgilio. Mas de todos os defeitos d'este poema o maior é o pouco nexo que reina em todas as suas partes: parece-se com a viagem da qual elle é o assumpto. As aventuras succedem-se umas ás outras, e o poeta não tem outra arte senão a de contar os accessorios: porém, esta arte só, pelo prazer que dá, substitue algumas vezes todas as outras. Tudo isso prova finalmente que a obra está cheia de grandes bellezas, pois que ha duzentos annos que faz as delicias de uma nação espirituosa, que deve conhecer os defeitos d'ella.

«Torquato Tasso começou sua *Gerusalemme liberata* no tempo, em que a *Lusiada* de Camões principiava a apparecer. Comprehendia muito bem o portuguez para ler este poema, e para d'elle ter inveja: dizia ser Camões o unico rival na Europa de quem se receiava. Este receio, a ser sincero, era muito mal fundado. Tasso estava tanto acima de Camões, quanto o portuguez era superior a seus compatriotas. Tasso teria tido mais rasão em confessar que tinha inveja de Ariosto.»

* * *

No mesmo volume, a pag. 588.

POEME SUR LE DESASTRE DE LISBONNE EN 1755, OU EXAMEN DE CET AXIOME TOUT EST BIEN

«O auctor do poema o *Desastre de Lisbonne* não combate o illustre Pope, a quem sempre admirou e amou; pensa como elle a respeito de quasi todos os

pontos, porém penetrado das desgraças dos homens ergue-se contra os abusos, que se podem praticar com este antigo axioma—Tudo está bem! Adopta esta triste e mais antiga verdade reconhecida por todos os homens—Ha males na terra; confessa que a expressão—Tudo está bem—tomada n'um sentido absoluto e sem esperanças de um futuro, não é mais do que um insulto ás dôres de nossa vida.»

«Se, quando Lisboa, Méquinez, Tetuan e tantas outras cidades foram engulidas com um tão grande numero de seus habitantes no mez de novembro de 1755 philosophos tivessem gritado aos desgraçados, que escapavam das ruinas:—Tudo está bem os herdeiros dos mortos hão de augmentar nossas fortunas; os pedreiros hão de ganhar dinheiro reconstruindo as casas; as feras hão de sustentar-se dos cadaveres enterrados nos entulhos; é o effeito necessario de causas necessarias; vosso mal particular não é nada; vós contribuirèis para o bem geral—um tal discurso certamente teria sido tão cruel como o terremoto o foi. E eis ahi o que diz o auctor do poema sobre o desastre de Lisboa.

O malheureux mortels! ó terre déplorable!
O de tous les mortels assemblage effroyable!
D'inutiles douleurs éternel entretien!
Philosophes trompés qui criez: «Tout est bien»;
Accourez, contemplez ces ruines affreuses,
Ces débris, ces lambeaux, ces cendres malheureuses,
Ces femmes, ces enfants l'un sur l'autre entassés,
Sous ces marbres rompus ces membres dispersés
Cent mille infortunés que la terre dévore,
Qui, sanglants, déchirés, et palpitants encore,
Enterrés sous leurs toits, terminent sans secours
Dans l'horreur du tourment leurs lamentables jours!
Aux cris demi-formés de leurs voix expirantes,
Au spectacle effrayant de leurs cendres fumantes,
Direz vous: C'est l'effet des eternelles lois
Qui d'un Dieu libre et bon nécessitent le choix?
Direz vous, en voyant cet amas de victimes:
Dieu s'est vengé, leur mort est le prix de leurs crimes?
Quel crime, quelle faute ont commis ces enfants
Sur le sein maternel ecrasés et sanglants?
Lisbonne, qui n'est plus, eut elle plus de vices
Que Londres, que Paris plongés dans les délices?
Lisbonne est abymée, et l'on danse à Paris.....

***

«A morte dos cinco companheiros de Francisco de Assis, em Marrocos [1] ainda é celebrada todos os annos em Coimbra com uma procissão tão extraordi-

[1] *Oeuvres complètes de Voltaire*, vol. 2.° *Essai sur les moeurs et l'esprit des nations*, pag. 357.

naria, como as aventuras d'elles. Pretendeu-se que os corpos d'estes franciscanos voltaram á Europa depois de sua morte, e se deixaram ficar em Coimbra na egreja de Santa Cruz. Rapazes, mulheres e raparigas vão todos os annos, em a noite da chegada d'estes martyres, da egreja de Santa Cruz á dos Franciscanos. Os rapazes não estão cobertos senão com umas ceroulas curtas, que não chegam senão até o meio da perna; as mulheres e as raparigas levam uma saia não menos curta. O itinerario é longo, e param muitas vezes.»

* * *

A pag. 390, tratando da fundação do reino de Portugal, diz que Lisboa é o melhor porto da Europa.

A pag. 548. «Os portuguezes sahiam da obscuridade; e apesar de toda a ignorancia d'aquelles tempos começavam a merecer então uma gloria tão duravel como o universo, pela mudança do commercio do mundo, que foi dentro em pouco o fructo das descobertas d'elles. Foi esta a primeira das nações modernas, que navegou pelo Oceano Atlantico. Sómente a si deveu a passagem do Cabo da Boa Esperança, ao passo que os hespanhoes deveram a estrangeiros a descoberta da America. Mas foi a um homem só, ao infante D. Henrique que os portuguezes deveram a grande empreza, contra a qual elles murmuraram ao principio.

«Quasi nada de grande se tem feito no mundo senão pelo genio e intervenção de um homem, que lucta contra os preconceitos da multidão. Portugal estava entretido com suas grandes navegações e prosperidades na Africa, e nenhuma parte tomava nos acontecimentos da Italia, que assustavam o resto da Europa.»

* * *

O capitulo 141.º é todo dedicado ás descobertas dos portuguezes, tendo pouco antes tratado da inquisição em Portugal.

«Sómente no principio do seculo XV é que se fizeram as descobertas maritimas uteis e grandes. O principe Henrique de Portugal, que as começou, tornou seu nome mais glorioso que o de todos seus contemporaneos.

«Os portuguezes que sósinhos tinham a gloria de afugentarem para longe os terminos da terra, passaram o equador, e descobriram o reino do Congo; viu-se então um ceu novo, e novas estrellas. Os europeus observaram então pela primeira vez o polo austral, e as quatro estrellas, que d'elle ficam proximas. Depois o rei D. Manuel mandou uma pequena frota de quatro navios dobrar o Cabo da Boa Esperança, commandada por Vasco da Gama, nome que se tornou immortal. Foi esta viagem, que mudou o commercio do mundo antigo, ella afugentou de Veneza a origem das riquezas d'esta cidade.

«Affonso de Albuquerque, e varios outros famosos capitães portuguezes, em pequeno numero, combateram successivamente os reis de Calecut, de Ormuz, de Sião, e derrotaram a esquadra do sultão do Egypto. Os venezianos tão interessados com o Egypto a oppôrem-se aos progressos de Portugal, tinham

proposto a este sultão o córte do isthmo de Suez á custa d'elles, e abrirem um canal, que juntasse o Nilo ao mar Vermelho. Teriam por este meio conservado o imperio das Indias; mas as difficuldades fizeram abortar este grande projecto, ao passo que Albuquerque tomava a cidade de Goa áquem do Ganges, Malaca na Aurea Chersoneso, Aden na entrada do mar Vermelho, e se apoderava finalmente de Ormuz no golpho Persico.

«Dentro em pouco os portuguezes estabeleceram-se sobre todas as costas da ilha de Ceylão. Tiveram feitorias em Bengala, negociaram até Sião, fundaram a cidade de Macau. A Ethiopia oriental e as costas do Mar Vermelho foram frequentadas por seus navios. Por elles foram descobertas e conquistadas as Molucas. As negociações e os combates contribuiram para estes novos estabelecimentos: foi mister fazer o commercio com as mãos armadas.

«Os portuguezes em menos de cincoenta annos, tendo descobertò cinco mil leguas de costa, foram os arbitros do commercio pelo Oceano Atlantico e mar Ethiopico. Tinham em 1540 estabelecimentos consideraveis desde as Molucas até o golpho Persico n'uma extensão de sessenta graus de longitude. Tudo o que a natureza produz de util, raro e agradavel, foi por elles trazido para a Europa por um preço muito menor do que Veneza o podia apresentar. Era frequentado o caminho do Tejo ao Ganges, e Sião e Portugal eram alliados. E estabelecidos como ricos commerciantes e reis nas costas da India e na peninsula do Ganges passaram finalmente ás ilhas do Japão. Francisco Xavier, homem de um zelo corajoso e infatigavel, para ali foi prégar. Todo aquelle grande paiz esteve a ponto de ser um reino christão, e talvez um reino portuguez! Nunca os portuguezes tiveram um negocio mais lucrativo do que com estes povos, dos quaes, segundo dizem, os hollandezes tiravam mais tarde annualmente trezentas toneladas de oiro!

«Antes d'aquelles tempos as nossas nações occidentaes não conheciam da Ethiopia senão unicamente o nome. Foi no reinado do famoso João II rei de Portugal, que D. Francisco Alvares penetrou n'aquelles vastos paizes, que jazem entre o tropico e a linha equinoxial. D. Francisco Alvares foi o primeiro que ensinou a posição das nascentes do Nilo, e a causa das nascentes regulares d'aquelle rio: duas cousas desconhecidas de toda a antiguidade, e mesmo dos egypcios. Bermudes pretende que nas fronteiras do paiz de Damut, entre a Abyssinia e os paizes visinhos das nascentes do Nilo, ha um pequeno paiz no qual os dois terços da terra são de oiro. Eis o que os portuguezes procuravam e o que não encontraram; eis o principio de todas essas viagens: os patriarchados, missões e conversões não passaram de pretexto.

«E' ás descobertas dos portuguezes no mundo antigo que devemos o novo. Nós pronunciamos ainda com admiração respeitosa o nome dos argonautas, que fizeram cem vezes menos do que os marinheiros de Gama e de Albuquerque! Quantos altares se teriam erigido em honra de um grego que tivesse descoberto a America! Mas Christovão Colombo e seu irmão Bartholomeu não foram assim tratados.

«Quando os portuguezes chegaram ás ilhas Molucas ficaram espantados de encontrarem ali os hespanhoes, e não podiam perceber como ali tivessem

chegado pelo mar oriental, quando todos os navios de Portugal não podiam vir senão do occidente.

«Não suspeitavam que os hespanhoes tivessem navegado uma parte da circumferencia do globo. Foi necessario uma nova geographia para terminar a questão dos hespanhoes com os portuguezes, e para reformar a sentença que a corte de Roma tinha dado sobre suas pretensões, e sobre os limites de suas descobertas.

«Quando os hespanhoes invadiam a mais rica parte do novo mundo, os portuguezes, sobrecarregados com os thesouros do antigo, despresavam o Brazil que descobriram em 1500, mas ao qual não procuravam.

«Os portuguezes eram senhores do commercio de Surrate, e os povos do grão Mogol recebiam d'elles todos os generos preciosos das ilhas; e quando Filippe II se apossou de Portugal achou-se senhor ao mesmo tempo das principaes riquezas de ambos os mundos, sem ter tomado a menor parte em sua descoberta.

«Emquanto á Persia, o porto de Ormuz já lhe não pertencia. Os portuguezes tinham-se apossado d'elle em 1507. Uma pequena nação europea dominava no golpho persico, e fechava o commercio maritimo a toda a Persia. Tornou-se indispensavel que o grande Shah-Abbas, apesar de omnipotente, recorresse aos inglezes para d'ali deitar fóra os portuguezes. Os povos da Europa com sua marinha teem feito o destino de todas as costas ás quaes abordaram.

«Quando Portugal saccudiu o jugo hespanhol, recuperou quasi todo o Brazil, de que os hollandezes já estavam senhores, pois os portuguezes souberam defender melhor as suas possessões do que o tinham feito os hespanhoes.

* * *

«No tempo de Luiz XIV Portugal constituia-se em reino. João, duque de Bragança, principe que passava por ser fraco, arrancava esta provincia a um rei mais fraco do que elle. Os portuguezes cultivavam o commercio por necessidade, que a Hespanha despresava por orgulho. Acabavam de se ligar com a França e Hollanda em 1641 contra a Hespanha. Esta revolução de Portugal valeu á França mais do que lhe teriam valido as victorias as mais abalisadas. O ministerio francez, que em nada contribuira para este acontecimento, tirou d'elle sem trabalho as maiores vantagens que se podem ter contra um inimigo, as de o ver atacado por uma potencia irreconciliavel.

«Portugal, saccudindo o jugo hespanhol, ampliando seu commercio, augmentando sua potencia, faz lembrar a Hollanda que disfructava as mesmas vantagens de maneira bem differente.» Vol. 8.º, pag. 500.)

* * *

O nome de Portugal figura continuamente nas obras de Voltaire. Inimigo figadal dos jesuitas e da inquisição, não perde ensejo já de accusar, já de metter a ridiculo um paiz que sustentava aquellas duas corporações religiosas [1].

[1] V. entre outros muitos artigos: I. *Sermon du Rabbia Akile*, prononcé à Smyrne.

O casamento de D. Pedro II com sua cunhada tambem lhe offereceu ensejo para muitos sarcasmos dirigidos ao governo portuguez.

1435) VOYAGE EN PORTUGAL Á TRAVERS LES PROVINCES, Paris, 1797, 2 vol.

1436) VOYAGE EN PORTUGAL, ET PARTICULIEREMENT A LISBONNE, *ou Tableau Moral, Civil, Politique, Physique et Religieux de Cette Capital, etc., suivi de plusieurs Lettres sur l'etat ancien, et actuel de ce royaume.* Paris 1778, 2 tomos.

Visto não ter podido obter um exemplar d'esta obra, transcreverei o que a respeito d'ella diz Pinto de Sousa na sua *Bibliotheca Historica* (pag. 22, sup.)

«É fama publica que o auctor d'esta obra é um francez chamado Pedro Carrere, medico dos empregados no serviço da cavalhariça da infeliz rainha de França D. Maria Antonietta de Austria, o qual se transportou d'aquelle estado depois da morte de seu desgraçado rei Luiz XVI para Inglaterra, d'onde veiu para Portugal pelos annos de 1793 ou 1794; e d'onde por ordem da policia foi expulso e transportado com outros para Genova em 1795. Estimulado do referido procedimento, propoz-se em desforra d'elle, tomar a baixa vingança de compor a sobredita obra, para deprimir n'ella positivamente por todos os meios e modos, não só o amavel magistrado, por cuja ordem foi expulso d'esta capital, não só o phisico, o moral, o politico e o religioso d'este reino; mas até o seu illuminado ministerio; manifestando por uma parte a sua crassissima falta de conhecimentos da historia d'aquelle, e por outra a lesão do entendimento com que se achava, quando a compoz, como demonstrativamente se prova, por exemplo, da pagina 90, aonde diz: *Que Cintra dista de Lisboa sete ou oito leguas*, distando aliás sómente cinco; da pagina 288 e 289: *Que Mafra dista d'esta capital quinze ou dezeseis leguas*, distando aliás sómente cinco; da pagina 231: Que nem nos fastos das sciencias nem nos da litteratura, nem nas bibliothecas escolhidas, nem entre os nomes dos homens conhecidos nas sciencias, ou citados pelos sabios das differentes nações tem logar os auctores portuguezes; das pag. 34 e 35, aonde diz: Que não ha um templo, um palacio e um theatro, merecedores em Lisboa por um só instante da attenção dos amadores das boas artes; na pag. 65 porém enuncia: Que a feitoria italiana tem n'esta cidade uma bella egreja. Ora que comparação tem este templo com o de S. Vicente de Fóra, com o da Sé, com o de S. Domingos e com o de Belem, tanto em grandeza como na architectura? Da pag. 71: Que os portuguezes não se associavam entre si, e menos com os estrangeiros. Da pag. 113 e 114: Que em Lisboa pullulam os espiões em toda a parte por ordem da policia, por cuja causa todos vivem desgostosos e timidos, porque o irmão desconfia do irmão, o parente do parente, e o amigo do amigo. Da pag.

—II. *Balance égal*, 1762. — III. *Pétit avis à un Jesuite.*—IV. *Lettre a M. Pinto*, judeu portuguez em Paris.— V. *Un Chretien contre six Juifs on réfutation d'un livre intitulé — Lettres de quelques Juifs Portugais, Allemands et Polonais.*

273: Que o clero de Portugal é muito ignorante; que os regulares vivem na libertinagem mais desenfreada, e que as freiras são umas prostitutas claussuradas. Finalmente da pag. 318 a 319: Que no fim do Rocio, a um lado do convento de S. Domingos, defronte do tribunal da relação, é o logar onde se acham as testemunhas falsas para tudo quanto se quer, sem contemplação a ser ou não conhecido quem as procura, natural ou estrangeiro, que o seu preço era um cruzado novo, e que a sua divisa era uma ponta do lenço de fóra da algibeira, o que era notorio e bem sabido nos tribunaes.»

1437) VRAI (LE).

E. — *Intérêt des puissances Européennes et de l'Empereur du Brésil, á l'eyard de la situation actuelle du Portugal. Traduit de l'Allemand. Bruxelles. De l'imprimerie de P. J. Voglet, libraire.* 1830, 4.º, 50 pag.

Este opusculo é a favor de D. Miguel, como rei de Portugal, e termina com seguinte documento:

Acte de l'ouverture des Cortes á Lisbonne le 23 *Juin* 1828, *et du serment prêté à sa Majesté de roi Don Miguel* 1, *le* 7 *Juillet de la même année, et du serment d'hommage prêté a S. M. par les trois etats du Royaume. Traduit du Portugais.*

W

1438) WADDINGO OU WADDING (LUKE). — Historiador e celebre, theologo inglez, nascido em Waterford no anno de 1588, e fallecido em Roma no de 1657. [1] Professou a religião franciscana no convento de Mathozinhos (arrabalde do Porto) no anno de 1605, ou no seguinte. [2] Seguiu seus estudos em Leiria, Lisboa e Coimbra. Escreveu muitas obras, mas

«A obra de mais porte são os insignes *Annaes da nossa Sagrada Ordem* escriptos em 8 tomos, tão copiosos, e breves, tão claros e elegantes, tão fundados em verdadeiras noticias, e ajustados com o estylo historico, que grandes juizes admirados de tanta felicidade não sabem determinar, qual tem dado maior lustre, se Baronio nos seus á Igreja de Christo, ou Waddingo n'estes á Ordem de S. Francisco.» [3]

1439) WADE (GUATER). — Medico inglez, que veiu estabelecer-se em Lisboa.

E. — *Carta a hum amigo sobre o estado actual da inoculação das bexigas.* Lisboa, officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1768, 76 pag.

1440) WAGENER (JOÃO DANIEL). — Allemão

D. — *Novo Diccionario portuguez-allemão, e allemão portuguez. — Diccionario portuguez-allemão que contem muitas vozes importantissimas, que não se achão nos Diccionarios até agora publicados.* Lipsia, em casa e a despezas de Engelhardo Benjamin Schwckert, 1812, 3 vol. 8.º gr.

1441) WAIBL (GUSTAVO).

E. — *Mapa general de España y Portugal.* Barcelona, 1859.

[1] Firmin Didot.—*N. Biographie Universelle*, vol. XLVI, pag 482.
[2] Fr. Manuel da Esperança.—*Historia Serafica*, vol II, pag. 507.
[3] Idem, 509.

1442) WALKE FREERR (MARTHA).

E. — *The married life of Anna of Austria, Queen of France, mother of Louis XIV and D. Sebastian, king of Portugal etc.* London, 1864, 2 vol.

1443) WALLASTON (F. VERMON).

E. — *Insecta Maderensia. Being an account of the Insects of the Islands of Madeira Group.* London, 643 pag. e 13 estampas coloridas.

1444) WALTON (WILLIAM).

Era na Inglaterra o defensor do partido miguelista na imprensa. Representava pois, n'aquelle paiz o mesmo papel que o padre José Agostinho de Macedo em Portugal.

E. I. — *A Letter to the most noble the Marquess of Landsdown on the affairs of Portugal and Spain.* London, 1827.

II. *Letter adressed to Sir James Mackintosh on his motion respecting the affairs of Portugal submitted to the House of Commons in the first of June* 1829. London, 1829.

Esta obra foi vertida em francez com o seguinte titulo:

Lettre á Sir James Mackintosh sur sa motion relative aux affaires du Portugal du 1 Juin 1829 *par William Walton Traduit par A. Lardier.* Paris, Imprimerie de Pihan Delaforest, 1829, 8.º, 363 pag.

III. *A second Letter addressed to the Right Hon. Viscount Palmerston on his policy respecting Portugal and the injustice and danger af its continuance by William Walton.* London. Published by J. Hatchard and Son, 1833, 8.º grande, 170 pag.

IV. *D. Pedro's expedition or neutrality in disguise.* London 1832.

V. *Scraps and stubborn in defence of D. Miguel.*

VI. *Notes on the pretended rights of the Princess of Grand Pará.* London. 1839.

1445) WAPPAEUS DE GOTTINGEU.

E. — *Untersuchungen über die geographischen Entdeckungen der Portugiesen unter Heinrich dem Seefahrer.* Gottingue, 1842, 8.º

«Começou este professor a escrever em 1842 uma biographia do infante D. Henrique; mas infelizmente não passou do primeiro volume, que constava inteiramente de materia preliminar, trabalho que ainda assim denota a maior erudição e estudo.» [1]

1446) WAR (THE CIVIL) IN PORTUGAL *and the siege of Porto by a british officier of Hussard.* London, 1836.

1447) WATSON (H. C).

E. — *Notes on botanical tour in the Western Azores by. No London Journal*

[1] Henry Mayor—*Vida do Infante D. Henrique appellidado o Navegador, versão portugueza*, pag. 18.

of Botany. tomo II, pag. 1, 125, 394 (1843) tomo III, pag. 582, (1844) e tomo VI, pag. 380, (1847)

«Mr. Watson fez conhecer o resultado de suas excursões botanicas n'um catalogo, que comprehende 396 plantas phanerogamas, e 75 cryptogamas, ao todo 471 especies.[1]

1448) WEBSTER (J. W).

E. — *A Description of the Island of St Michel*. Boston, 1821.

Acha-se uma analyse d'esta obra em as *Nouvelles Annales des Voyages par Eyriès et Malté Brun*, tomo XVII, pag. 21, 1823.

«Esta obra, talvez a melhor, que se tenha escripto relativamente aos Açores, e a primeira, que tenha mostrado com toda a auctoridade da sciencia, a constituição physica d'estas illhas, é ainda hoje o guia mais seguro, que os geologos podem seguir. Além das informações que n'elle se encontram a respeito da historia e statistica do paiz, clima, agricultura e commercio, contem um quadro bem ao vivo dos costumes, e usos da população, que desde aquella epocha se teem modificado de maneira sensivel. O livro do sr. Webster tem sido consultado utilmente pela maior parte dos escriptores, que se occuparam dos Açores, e que, sem o citarem, até seus erros reproduziram.[2]

1449) WEIMAR (ELISA LOEVE).

Esta celebre dama, que pertencia á melhor sociedade de Paris casou com o jornalista portuguez José Joaquim Gonçalves Basto. Sua belleza tinha sido enthusiasticamente elogiada por Jules Janin, como assevera o seu biographo o sr. Camillo Castello Branco.[3]

Tinha nascido em Paris no anno de 1805, e suicidou-se no Porto em 1875.

«Era solidamente instruida. Lia os livros portuguezes com rara intelligencia. Achava os romances peninsulares fastidiosos como a *Corte na aldeia* de Rodrigues Lobo. Dizia que nós apenas tinhamos um ceo azul com uma bonita lua, e na terra muitas flores e ribeiros cristalinos, que nos inspirassem: mas que o romancista carece de sociedade viva, com as suas boas e ruins paixões. E accrescentava que Portugal era geographicamente obrigado a ser um alfobre de lyristas.»

1450) WELD. (ALFRED).

E. — *The Suppression of the Society of Jesus in the Portuguese Dominions*. London. 1877, 8.º. vol. I.

Esta obra trata da expulsão dos Jesuitas dos dominios de Portugal no reinado de D. José. Como sacerdote o auctor torna-se o campeão da celebrada Ordem procurando sempre demonstrar que os seus membros foram victimas das mais nefandas intrigas concebidas e postas em execução durante alguns

[1] Morelet.—*Les Açores*, pag. 12.
[2] Idem, pag. 10.
[3] *Artes e Lettras*, vol. IV, N.º 4.

annos pelo celebre Marquez de Pombal. A malevolencia do auctor contra o afamado estadista revella-se em cada pagina da sua obra, levando-o a apresentar a asserção de que a conspiração das Tavoras nunca existiu, e que os tiros foram ordenados pelo marquez de Pombal para dar côr á accusação que forjava contra as principaes pessoas da côrte para as perder. Este livro foi escripto para combater a apreciação dos actos do grande Marquez, feita pelo conde da Carnota na sua obra.

1451) WELT.

E. — *Die New, der landochaften unnd Insulen, so bis hicher ullen Altweltschrybern unbekant; Jungstaber von den Portugalesern unnd Hispaniern imb Niedergenglichen Meer herfunden.* Strasburg.

Apparece esta obra mencionada n'um catalogo de livros raros estrangeiros.

1452) WELWITSCH (FREDERICO). — Nasceu no anno de 1806 em Mariassal, proximo a Klogenfurt. [1]

Commissionado pela Sociedade *Unio itineraria* de Esslingen no Wurtemberg veiu a Portugal com o fim de estudar a sua vegetação. [2]

E. — I. *Carta á Academia Real das Sciencias de Lisboa remettendo porção do Herbario da Flora Lusitana.* — *Actas da Academia do anno* 1850, pag. 102 e seguintes.

II. *On the vegetation of West-Equinoctial Africa. Letters to W. Welson Saunder* (*Journal of the Linnean Society.* vol. III, pag. 150, 1850) Foi reimpresso em francez por Alphonse de Candolle. [3]

III. *Apontamentos sobre a Flora de Angola.* (*No Boletim e Annaes do Conselho Ultramarino*, dezembro, 1858).

IV. *On the Botany of Benguella and Mossamedes. Letters to Sir W. J. Hook.* (*Journal of the Lin. Loc.* vol. V, n.º 182, 1861).

V. *Sur la végétation du plateau de Huilla etc. Lettre a Mr. Alph. de Candolle à ce sujet.* (*Bibliotheque Universelle et Archives des sciences physiques et naturelles de Genève*, 1861).

VI. *Cultura do algodão em Angola.* 1861, Lisboa. Foi traduzido para inglez. London, 1862.

VII. *Hooker (Dr. J. Dalton) On Welwitschia mirabilis, a new genus of Gnetaceae* (*Transactions of the Lin. Soc.* vol. XXIV *with* 14 *plates.* London, 1862.)

VIII. *Synopse explicativa das amostras de madeiras e drogas medicinaes etc. enviadas á exposição internacional de Londres em* 1862. Lisboa, 1862.

IX. *On a remarkable species of Cissus from the South of Benguella with*

[1] *Jornal do Commercio de Lisboa*, N.º 6022.

[2] *Jornal das Sciencias Mathematicas-Physicas e naturaes*, publicado sob auspicios da Academia R. das Sciencias de Lisboa, vol. I, pag. 31.

[3] Sr. Bernardino Antonio Gomes.—*Jornal das Sciencias Mathematicas etc.*, vol. I, pag. 265.

remarks on the Ampelideae of Angola etc. (Journ. of the Lin. Soc. vol. VIII, pag. 75, 1864.

X. *Aphorismos acerca da fundação dos jardins de acclimatação na Ilha da Madeira e em Angola.* (No *Archivo Rural* de 1863, N.º 16).

XI. *Observations on the origin and the geographical distribution of the Gum Copal in Angola (Jour. of the Lon. Soc.* vol. IX, 1866, pag. 287 e 302.

XII. *Fungi Angolenses.* London, 1868.

XIII. *Sertum Angolense sive stirpium quarumdam novarum vel minus cognitarum in itinere per Angolam et Benguellam observatarum descriptio iconibus illustrata.* Londini. (No vol. XXVII das *Transactions of the Linnaean Society.)*

Veja-se a respeito d'esta publicação o *Jornal das Sciencias Mathematicas* da nossa Academia, vol. III, pag. 135. E no 4.º vol. a pag. 151 e seguinte um extenso artigo devido á penna do sr. Bernardino Antonio Gomes.

1453) WERTOOGH BY EEN LIEF HEBBER *de Vaderlants vertoont. Teghenhet ongefondeerd cende schadelijk sluytender vryen handel in Brazil. In't Jaet ons Peeren.* 1637, 4 folhas sem pag. M. S.

1454) W. G.

E. — *Treatise on the defence of Portugal.*

1455) WHITE (ROBERT) AND JOHSON (JAMES J).

E. — *Madeira, its climate and scenery. A handbook for visitors. Second edition with numerous illustrations and a map of the Island. Edinburgh,* 1860. 8.º, XII, 338 pag. A primeira edição d'esta obra tem a data de 1851, Londres.

É realmente um bom guia para o viajante n'esta ilha «Eu não conheço sitio no globo (pag. 12) diz o capitão Marryatt que tanto assombre e deleite, logo á chegada, como a Ilha da Madeira. O viajante tem talvez deixado a Inglaterra no melancolico findar do outono, e quando desembarca na ilha, que mudança! O inverno trocou-se em verão: as arvores despidas de folhagem, as quaes elle deixou, estã o mudadas n'uma folhagem luxuriante e variada: a neve e o gelo estão trocados em calor e esplendor: as scenas da zona temperada na profusão e magnificencia dos tropicos; um ceo limpido e azul; um sol brilhante, collinas cobertas de vinhedos: um mar azul e profundo; vestuarios novos e pittorescos; tudo alegra e deleita os olhos, exactamente no preciso momento em que mesmo que houvessemos desembarcado n'uma ilha esteril, já isso teria sido julgado uma dita.

«Nenhum logar me pareceu mais apropriado, diz Humboldt, para dissipar a melancholia, e para restaurar a paz ao espirito perturbado, do que Teneriffe ou Madeira.

«Se a bella descripção da Ilha Pheacia feita por Homero, em que os fructos succedem aos fructos, e as flores ás flores, n'uma variedade rica e sem fim, pode ser aplicavel a alguma ilha moderna, é á Madeira.»

1456) WICQFORT (ABRAHAM DE).— Diplomata hollandez, nascido em 1598 em Amsterdam, e fallecido em 1682 em Zell [1].

E. — *L'ambassade de D. Garcias de Silva Figueroa em Perse. Contenant la politique de ce grand empire, les mœurs du Roy Schach Abbas, et une relation exacte de tous les lieux de Perse et des Indes, où cet Ambassadeur a resté l'espace de huit années qu'il y a demeuré. Traduite de l'Espagnol.* A Paris, 1667.

É uma das obras que mais nos patenteiam o estado em que se achavam os negocios portuguezes no oriente por aquella epocha.

O assumpto da embaixada de Figueroa á Persia foi o seguinte: O reino de Ormuz consistia na ilha d'este nome, onde estava a capital, n'algumas ilhas vizinhas que tambem jazem no golpho persico, e em alguns logares na terra firme. O rei d'este pequeno estado tinha-se posto debaixo da protecção dos portuguezes, de sorte que elle apenas tinha os rendimentos, e estes na realidade tinham a propriedade, havendo construido um baluarte em Ormuz, e alguns fortes nos pontos mais importantes. Ora Schah Abbas, rei da Persia, depois de conquistar o reino de Lara, lançou tambem suas vistas para o de Ormuz. Porém não queria romper tão cedo com os hespanhoes por se achar então em guerra com os turcos. Por isso este principe o mais manhoso que houve no mundo, andava a entreter o rei de Hespanha, para o que lhe tinha enviado Robert Schirley, inglez de nação, mas casado na sua côrte com uma de suas parentas. Serviu-se d'este homem para prometter e assegurar ao rei de Hespanha, que desejava estabelecer o commercio das sedas em Ormuz com os hespanhoes, com exclusão de todos os outros povos, convidando-o a enviar-lhe um embaixador para concluirem o tratado.

Foi escolhido para este fim Figueroa. Partiu de Hespanha em 1614, e pelos fins de outubro do mesmo anno chegou a Goa. Principia d'aqui a narração. Não lhe correram em Goa bem as cousas. Os portuguezes estavam *furiosamente invejosos* [2] por se ter enviado um fidalgo castelhano ás suas Indias, e o vice-rei Jeronymo de Azevedo, o olhava como um homem, que podia ser o censor e syndico do seu procedimento, de modo que illudiu sempre suas requisições, e o reteve ali perto de tres annos. No entanto o rei da Persia tinha-se já apoderado em 1614 do forte de Comerão na terra firme, a tres leguas de Ormuz e das ilhas de Baharem e de Queixome, aquella muito rica por causa da pesca das perolas, e esta porque abastecia Ormuz de agua doce e de refrescos. Como Figueroa julgava que a reputação de seu principe estava muito enfraquecida para com o rei da Persia, tinha já perdido o desejo de continuar sua viagem, todavia tendo recebido de Hespanha uma ordem expressa, resolveu-se a cumpril-a apesar do conselho das Indias não lhe ter fornecido dinheiro, nem embarcações. Embarcando pois n'um pequeno navio mercante, pertencente a um negociante de Baçaim, saiu de Goa a 17 de março de 1617, e depois de uma navegação de cinco semanas chegou a Ormuz.

[1] *Biographie Universelle de* Firmin Didot, tom. XLVI, pag. 719.
[2] Palavras do original.

A 12 de outubro de 1617 metteu-se n'uma galé para a costa do reino de Lara, e desembarcou no porto de Bandel. Foi recebido muito honrosamente por aquelle que ali era governador em nome do rei da Persia, e forneceu-lhe conselhos para transportar sua equipagem. Saiu de Bandel a 20 de abril, e caminhando ao longo da costa do mar, em dois dias chegou á pequena povoação de Cabrestan, em seis á de Lara, capital da Caramania deserta, em tres a Guin, primeira cidade da Persia propriamente dita, e em seis a Schira antigamente Cyropolis. Aqui residiu quatro mezes á espera das ordens do rei Schah Abbas, que estava na Hircania e que não tinha grande pressa de o ver. D'aqui sahiu a 5 d'abril de1618, e treze dias depois chegou a Ispahan. N'esta cidade esperou as ordens de Schah Abbas até 18de maio, em que se poz em caminho para Casbin, tendo recebido ordens para a continuação de sua viagem. Passou pela cidade de Caxen, que é a primeira da Media, e a 14 de junho chegou a Casbin, onde dois dias depois foi recebido em audiencia. Depois de dois dias de residencia alli, voltou para Ispahan pelo mesmo caminho, pelo qual viéra. Aqui passou todo o resto do anno, achando-se Schah Abbas com seu exercito na guerra contra os turcos, e depois ainda o inverno e a primavera do anno seguinte de 1618, porque este rei desejou que o embaixador o esperasse alli. Finalmente o rei veiu a Ispahan no principio dos grandes calores, e deu ao embaixador toda a audiencia, que este quiz. Não podia desejar d'este rei um melhor acolhimento, e conversas mais obsequiosas e familiares; mas em quanto aos dois pedidos, que lhe fez, que restituisse as praças do reino de Ormuz, e não admittisse os inglezes e os outros estrangeiros a commerciarem na Persia, recusou-os, a ponto do embaixador pedir licença para se retirar, e depois de longas peregrinações chegou a S. Sebastião na Hespanha em agosto de 1624. Residiu pois fóra de seu paiz dez annos completos.

N'esta narração se vê a tomada de Ormuz aos portuguezes, com todas as circumstancias d'este acontecimento memoravel. Segundo diz Figueroa as causas d'uma tão grande perda foram o orgulho e a ignorancia do Conselho das Indias Orientaes, que emprehendeu loucamente a guerra contra Schah Abbas; a vaidade dos vice-reis orgulhosos com sua grandeza, e com a adulação dos frades; a corvardia dos habitantes, e a confusão de seus capitães e gente de guerra.

Eis um extracto tirado do prefacio d'esta obra, pela qual se conhece a epoca da jornada, em tempo que o imperio portuguez na India se estava diariamente dilacerando. Esta viagem é toda ella muito interessante, principalmente no que diz respeito á Persia d'aquelle tempo: agora veremos algumas das passagens mais importantes relativas ás nossas cousas.

A 15 d'abril de 1617 em viagem para a Persia ao despontar do dia descobriu Figueroa na costa da Arabia certas montanhas chamadas Palleiros, nome que os marinheiros portuguezes lhes tinham posto, e pelo qual eram conhecidas entre os navegantes.

A 17 do mesmo mez apezar de navegar perto da costa, não appareciam barcos com refrescos, dos quaes havia grande necessidade. Mas ainda que aquelles logares, chamados Calayate, Tehede, e Curiate faziam parte do reino de Or-

muz, bem como todos os outros d'esta mesma costa da Arabia até ao cabo de Moncandão, com tudo algum tempo antes tinham-se subtrahido á obediencia d'este estado, com grande prejuizo para os portuguezes.

A 20 d'abril chegou Figueroa a Mascate. Quiz ir a terra para ouvir missa. Encontrou o embaixador ao sahir da barca o governador do castello, que se chamava João de Quadros, acompanhado de dois habitantes portuguezes, e de grande numero de arabes e mouros, que tinham ido a bordo para reconhecer os que desembarcavam. Os portuguezes com o prior e os frades de Santo Agostinho, que tinham chegado para receber o embaixador, o acompanharam até á egreja parochial, onde fez sua oração. D'alli dirigiu se ao convento dos frades Gracianos, o qual tinha uma muito bella egreja, construida havia alguns annos. A casa do governador era muito mediocre, mas a cidade muito bem fortificada.[1] Os portuguezes d'aquella cidade negociavam para Ormuz, Cinde, costas da Arabia, e Persia. 22 d'abril.

O embaixador aqui demorou-se alguns dias, por causa do mau tempo. Passou pela Ilha da Victoria, pequeno rochedo, coberto d'alguma areia, mas muito celebre pela victoria, que proximo d'aquelle sitio obteve sobre os turcos, havia mais de cincoenta annos, D. Fernando de Noronha, filho do vice-rei D. Antonio de Noronha, combate naval, em que os turcos perderam nove galés.

29 d'abril. Depois de horriveis calmarias chegou o embaixador n'este dia a Ormuz. Principiou por avistar a ponta de terra, em que estava a ermida de N. S. da Esperança, e a de N. S. da Penha. Ás cinco horas da tarde lançou ferro em frente da ermida de Santa Luzia. Viu se immediatamente chegar a bordo o intendente das finanças Miguel de Sousa Pimentel, trazendo no seu barco o prior, e alguns religiosos Gracianos, que vinham pedir ao embaixador, que se fosse alojar no Convento. Appareceu tambem D. Luiz da Gama trazendo sua chalupa, na qual o embaixador embarcou. Compunha-se aquella cidade então de duas mil e quinhentas e tres casas, algumas de grande altura. A maior parte dos habitantes eram mouros arabes, fallando o persa, alguns christãos e indios da provincia de Cambaia, todos estes em numero superior a quarenta mil, comprando mercadorias aos portuguezes, e indo vendel-as na Persia e na Arabia. Os portuguezes, que moravam em Ormuz, formavam umas dusentas familias, não mencionando as dos soldados casados. Viviam todas do negocio que faziam na Persia, e com a cidade de Baçorá.[2]

12 d'outubro. Sahiu o embaixador de Ormuz na galera *S. Francisco*, que estava muito bem armada, com bom numero de soldados, e boa artilheria. Pouco depois chegou o embaixador a Bandel, em cujas proximidades estavam as ruinas do forte de Comorão, que os portuguezes tinham perdido havia tres annos, com grande desaire, não tanto d'aquelles, que o defendiam, como d'aquelles, que os podiam soccorrer, e não o fizeram.

Depois d'uma demoradissima peregrinação chegou finalmente o embaixa-

[1] N'este sitio apresenta Figueroa uma descripção muito desenvolvida da cidade portugueza de Mascate na costa da Arabia. pag. 13 a 23.

[2] A descripção da cidade portugueza de Ormuz corre de pag. 30 a 48.

dor a Ispahan, capital da Persia, e vejamos o que nos diz em relação aos portuguezes residentes em tão remota cidade.

D. Aleixo de Menezes, arcebispo de Goa tendo enviado, ha uns vinte annos, Fr. Antonio de Gouvea, que hoje é Bispo de Cyrene, a Schah Abbas com um presente muito consideravel, para lhe pedir permittisse que alguns religiosos de sua Ordem, que era a de Santo Agostinho, podessem residir na Persia, obteve a licença para esse fim, e até mesmo para construir uma pequena egreja na cidade de Ispahan. Desde aquelle tempo até hoje [1] houve sempre Convento de Agostinhos na capital da Persia, se bem que contendo um pequeno numero de religiosos, com muita satisfação dos portuguezes, que alli iam de Ormuz com suas mercadorias, e de outros negociantes estrangeiros, que teem a commodidade de poderem alli ouvir missa. Algum tempo depois, á noticia, que corria por toda a Europa, e particularmente em Roma, de que Schah Abbas, apezar d'infiel, testimunhava não ter aversão aos christãos, mas antes os tolerava n'aquelles sitios, o papa Clemente VIII querendo aproveitar-se d'esta occasião, e fazer propagar a religião Catholica por meio d'um maior numero de prégadores, enviou para alli Fr. Thaddeo de Santo Eliseu, religioso Carmelita descalso, com cartas para aquelle rei, nas quaes o exhortava a não ficar sómente n'aquillo [2], mas acabar de favorecer os christãos da Europa, offerecendo-lhe o favor dos Reis christãos e fazendo-lhe esperar, que estes fariam uma poderosa diversão, em quanto elle estivesse em guerra com os turcos que era a cousa do mundo, que Schah Abbas mais desejava. Fr. Thaddeu poz-se a caminho com alguns outros religiosos da mesma Ordem por Allemanha, Polonia, Moscovia, e Tartaria até á cidade de Astracan; e tendo entrado na Persia pela cidade de Derbente, foi recebido do rei com os mesmos carinhos que fizera aos Agostinhos, mandando-lhe dar um terreno e uma casa, onde encontraram com que acommodar-se para alli fazerem uma egrejinha, acompanhada d'um mosteiro para seu alojamento.

Além d'estas recordações portuguezas encontrou o embaixador ainda outras, eram as peças que tinham defendido Comeran, e que tomadas pelos persas, estavam agora ornando o castello de Ispahan.

O embaixador viu-se obrigado a conservar-se todo o inverno de 1619 e uma parte do verão n'aquella corte sem poder avisar o rei de Hespanha da tenção de Schah d'ir tirar Ormuz aos portuguezes, visto ter feito as pazes com os turcos, [3] e a não pedir soccorro de dinheiro, porque o não podia esperar de Ormuz vista a má situação em que se achava esta praça.

Tambem a difficuldade d'enviar e de receber cartas se augmentava diariamente por causa dos cuidados extraordinarios, que D. Luiz da Gama, governador de Ormuz, tinha d'impedir a passagem dos correios. Alguns dos frades Agostinhos que residiam em Ispahan, faziam outro tanto, empregando-se n'isso com tanto ardor, que se torna impossivel comprehender as despezas, que faziam

[1] Anno de 1618.

[2] Wicquefort, Traduction de l'Ambassade de Figueroa, pag. 190.

[3] Id. pag. 287.

para sustentarem em Bagdad e em Alepo algumas pessoas para espiarem, e a quem pagavam generosamente, assim como aos portuguezes que passavam das Indias para Hespanha fazendo caminho pela Persia, a quem o embaixador encarregava de seus despachos, por não achar pessoa em quem podesse depositar maior confiança. E apezar de parecer que para elles nenhum proveito havia n'isto, empregando-se com tanto cuidado em interceptar as cartas, pois que o embaixador não dizia n'ellas senão o que elles deviam escrever, e deviam fazer, é todavia impossivel para acreditar o dinheiro, que n'isso empregavam com tanta paixão, e com tão grande obstinação, sem considerarem o mal que faziam aos negocios de S. Magestade, nem a affronta feita a toda a nação, que por isso ficava toda desacreditada, mesmo entre os persas, pois isto fazia-se á vista de todos os europeos, que residiam em Ispahan, Bagdad e Alepo. É necessario tambem accreditar que se não teria feito isto nem tão publica, nem tão descaradamente, se essas pessoas não fossem empregadas, e altamente reremuneradas por Hespanha, por isso que os auctores d'esta velhacada não só não se occultavam, mas d'isso até se gabavam, como se tivessem prestado um serviço assignalado ao rei. Mas a base d'este negocio foi lançada sobre as cousas, que passaram na Corte, logo que o Conselho d'Estado deu ao embaixador os despachos para esta viagem, pois em Portugal não se queria que ella se fizesse. O mesmo se póde dizer dos frades Agostinhos que habitam nas Indias, em Ormuz, e na Persia, os quaes muito abertamente se declararam contra o embaixador, desacreditando tudo quanto podia conciliar respeito sobre sua pessoa, ou contribuir para fazer ter bom resultado a negociação para a qual o rei o tinha mandado á Persia.

Desde o principio de setembro tinha o embaixador enviado a Farabat, onde a Corte estava n'aquelle tempo, Fr. Melchior dos Anjos com uma carta do rei, que o Conselho de Portugal tinha remettido por terra a respeito da proposta, que Robert Schirley alli tinha feito não só relativamente ao contracto da seda, como pelo que dizia respeito a uma esquadra, que o rei de Hespanha devia enviar contra o turco no Mar Vermelho. E o Conselho de Portugal tinha ordenado que Fr. Melchior se encarregasse d'este negocio, para o não entregar ao embaixador. E ainda que este ultimo sabia que esta viagem seria completamente inutil, porque quando viu o rei da Persia em Casbin, lhe recusou positivamente a restituição de Baharen, que é o forte de Comoran, com a ilha de Queixome, não quiz com tudo que lhe podessem lançar em rosto o ter desprezado este negocio, apezar de saber que isto ainda contribuia para arruinar mais a reputação dos negocios do rei, a qual estava já tão abatida. E com effeito Fr. Melchior foi tão mal recebido, que o proprio Schah Abbas não lhe quiz fallar; mas contentou-se com lhe mandar dizer pelo Secretario: Que em resposta á carta, que lhe trouxera, dizia que nenhuma precisão tinha d'uma esquadra no Mar Vermelho, nem do contracto da seda, pois tinha feito a paz com o turco, e estava resolvido a remetter toda a seda do seu reino para Alepo e Constantinopla: e que de todas suas conquistas não restituiria uma pollegada de terra. Com esta resposta grosseira, se bem que nenhuma outra se devia esperar, viu-se Fr. Melchior obrigado a retirar-se. Este frade era

aquelle, de quem mais se serviam para interceptar as cartas, e fez sem demora os preparativos para ir pessoalmente levar esta resposta á Hespanha, onde o embaixador já tinha feito intender que nada havia para esperar d'aquelle rei por meio d'embaixadas, pois além d'outros enfados, que diariamente mostrava, custava-lhe muito a soffrer que os ministros da corôa de Portugal emprehendessem tratar com elle, e quando se tornava necessario fallar do rei Catholico, não lhe davam o tratamento de rei de Hespanha, mas sim rei de Portugal, o que praticam em todas as occasiões, em que se offerece fallar d'elle. Por isso é que o Bispo de Cyrene se quizilava muito fortemente contra Luiz Pereira, e contra este Fr. Melchior, censurando-os, pois, quando lhes fallavam de S. Magestade, procediam da mesma maneira, dizendo lhes encolerisado: Porque dais vós o tratamento de rei de Portugal ao rei de Hespanha, e tratais com tão grande desprezo um tão poderoso monarcha, para procurardes tornal-o um reisinho? O proprio rei o disse ao embaixador estando em Casbin, e não poude deixar de dizer seu sentimento, que se admirava que o rei consentisse que lhe fizessem esta offensa á sua reputação tratando-o os portuguezes d'esta maneira. O que o rei da Persia dizia, era a pura realidade, pois a verdade é que os portuguezes teem tanta aversão á monarchia hespanhola, [1] que de modo nenhum querem que se lhes chame hespanhoes, ou que os tratem como taes.

O embaixador achou-se durante a devoção da Semana Santa com toda sua familia, e com alguns negociantes portuguezes e venezianos no officio, que se celebrava nos dois Conventos da Graça e do Carmo, onde tambem se encontraram em grande numero armenios, syrios, georgiannos, e entre outros dois jovens inglezes, que apezar de Calvinistas, não deixavam d'ir todos os dias á Missa, e até se confessavam com um frade.

Chegou finalmente á sua capital o rei depois d'uma bem longa ausencia, e elle mesmo familiarmente se dirigiu a casa do embaixador para conferenciar com elle, e quando se lhe apresentou uma carta do rei de Hespanha, entregou-a a Fr. João Thaddeo para lh'a traduzir por saber a lingua persa. Mas em quanto a concessões tudo foi inutil. Passado muito, quando o embaixador queria uma resposta decisiva para se retirar para seu paiz, Schah Abbas encontrando-se com elle, e mostrando-lhe do outro lado o embaixador do rei de Lahor lhe disse: Vedes vós aquelle homem? Se me não entregar espontaneamente a cidade de Candahar, irei tomal-a á força, e me apoderarei de quanto encontrar por aquelles sitios. Pois não quero, que meus filhos (os quaes tambem mostrou com a mão) me possam um dia lançar em rosto o ter eu permittido que se tirasse á corôa da Persia uma só pollegada de terra d'aquella, que lhe annexei pela força das armas. E não tendo dado resposta alguma ao pedido que se lhe fazia de não deixar os inglezes negociar no seu paiz, pediu o embaixador licença para se retirar, e effectivamente sahiu de Ispahan no dia 25 d'agosto de 1619.

[1] Note-se que o hespanhol Figueroa escrevia estas palavras dez annos antes que rebentasse a revolução, que elevou ao throno D. João IV.

A 4 de setembro encontrou o embaixador um soldado de Ormuz chamado João Carvalho Mascarenhas, que se dirigia para Ispahan com despachos do rei de Hespanha para Schah Abbas, pois que na Europa ainda ignoravam áquelle tempo que o rei da Persia se tinha recusado a annuir ao mais pequeno pedido como já se viu.

A 18 d'outubro embarcou o embaixador em Bandel na galera, de que era capitão André Coelho, com destino a Ormuz, onde chegou no dia seguinte, sendo recebido por Antonio Barreto da Silva, auditor geral das Indias, e pelo Vigario Geral. [1]

N'esta cidade esperava o embaixador encontrar navio para n'elle se embarcar para Goa; porém não o tendo achado, e estando Ormuz ameaçada de vir a ser cercada por Schah Abbas com auxilio dos inglezes, como effectivamente foi, teve de se demorar n'ella por largos mezes, e de ser testemunha da confusão, desleixo, e inepcia que alli reinava, motivo pelo qual pouco tempo depois os inimigos tão facilmente se apoderaram d'ella.

Embarcou o embaixador a 5 d'abril de 1620 n'um pequeno patacho, que por aquelles dias chegara a Ormuz, vindo de Cochim.

No dia 6 encontrou dois navios de Goa, um dos quaes trazia o novo governador de Ormuz D. Francisco de Sousa.

No dia 19 de dezembro a caravella *N. S. da Nazareth*, sahida da barra de Goa, e a qual o embaixador tinha mandado fretar, para n'ella passar á Europa.

A 23 de janeiro do seguinte anno chegou o embaixador a Moçambique, onde quiz tomar informações dos navios, que tinham alli chegado de Portugal. Disseram-lhe que alli tinham aportado o navio almirante, e o *Santo Amaro*, mas que se haviam dirigido para Mombaça.

Tendo partido de Moçambique em direcção a Portugal, depois d'uma longa viagem, obrigado pelos temporaes e ventos contrarios viu-se obrigado a retroceder para esta mesma cidade, aonde alguns dias depois chegaram tambem duas galeotas, e um patacho vindos de Goa. D'aqui tornou sahir a 14 de março.

Mas por erro do piloto teve o navio de arribar a Goa a 28 de maio, em cuja barra encontrou um patacho, que levava D. Francisco Manoel para Chaul, onde ia ser governador.

Pelo fim de setembro chegou a Goa um galeão, o qual noticiou que D. Affonso de Noronha fôra nomeado vice-rei das Indias, e que tinha embarcado n'uma esquadra composta de 5 navios e de 6 galeões.

Os portuguezes, que tinham levado a mal a ida d'um hespanhol como embaixador á Persia, agora procuravam embaraçar-lhe o regresso á Europa, motivo porque lhe não consentiram embarcar n'um de dois navios, que em março de 1622 sahiram de Goa para Portugal.

Logo no principio de março chegou uma fusta de Ormuz participando a perda d'aquella cidade.

[1] Wicqfort. — *L'Ambassade*, pag 371.

Passados alguns dias entrou o patacho de Cinde com parte da guarnição que se poude salvar.

A 22 d'agosto chegou o navio *S. Thomaz*, e por este se soube que a esquadra do vice-rei tinha voltado para Portugal.

Alguns dias depois chegou de Portugal o galeão *Trindade.*

No fim de setembro chegou um patacho de Moçambique com naufragos d'um navio portuguez.

Pelos fins de dezembro chegou o vice-rei com dois patachos.

Em abril de 1623 sahiu outro patacho para Portugal, mas tambem appareceram difficuldades para n'elle o embaixador não poder seguir viagem.

No principio d'outubro chegou de Lisboa um galeão com D. Filippe de Mascarenhas. Poucos dias depois veio uma galeota de Moçambique.

Apezar das mil difficuldades, que lhe oppunham, embarcou finalmente o embaixador em o navio *S. Thomaz*, e a 1 de fevereiro se fez á vela para Portugal.

É indispensavel ler esta viagem para ver o estado de desmoralisação, desleixo, e abatimento a que tinham chegado as cousas do Oriente. No emtanto, apezar de tão espantosa decadencia, o pavilhão portuguez tremulava frequentemente pelos mares Asiaticos. E hoje?

1457) WIED (ALEXANDRE PHILIPPE MAXIMILIEN NEU).

E. — *Reise nach Brasilien in den Jahren* 1815, 1817. Francfort, 1819-1820, 2 vol. (Viagem ao Brazil nos annos 1819 a 1820).

Ainda não encontrei exemplar algum d'esta publicação.

1458) WILDE (W. R. M. R. J. A). — Licentiate of the Royal College of Surgeons of Ireland, Member of the Dublin. Natural History Society etc.

E. — *Narrative of a vogage to Madeira, Teneriffe, and along the shores of the Mediterranean, including a visit to Algièrs, Egypt, Palestine, Tyre, Rhodes, Telmessus, Cyprus, and Greece. With observations on the present state and prospects of Egypt and Palestine, and on the climate, natural history, antiquities, etc of the countries visited.* In two volumes. Dublin, William Curry, Jun and Comps. 1840, 1.º vol. 464 pag. 2.º 495.

1459) WILDENOW (CAROLI LUDOVICI). — Med. D. Societ. Nat. Scrut. Turicens. Berol. Halan. Socii.

Publicou em Berlim a *Flora Cochinchinensis* do nosso celebre Padre João Loureiro com o seguinte titulo:

Flora Cochinchinensis, sistens plantas in regno Cochinchina nascentes, quibus accedunt aliae observatae in Sinensi imperio, Africa Orientali, Indiaque locis variis: omnes dispositae secundum systema sexuale linnæanum labore ac studio Joannis de Loureiro, Regiae Scientiarum Academiae Ulyssiponesis Socii; olim in Cochinchina Catholicae Fidei Praeconis; ibique rebus Mathematicis, ac Physicis in Aula Praefecti. Jussu Acad. R. Scient. in lucem edita Ulyssipone MDCCXC. Denuo in Germania edit cum notis. Impensis Haude et Spener,

prostratque Parisiis, apud I. J. Fuchs, Bibliopolam in Ripa Augustinorum, MDCCXCIII.

«N'esta edição de Berlim o illustre editor C. L. Willdenow reproduziu fielmente a edição de Lisboa, e só em notas ajuntou as observações criticas, que julgou dever fazer nos casos de determinação duvidosa, não avultando muito essas notas.» [1]

1460) WILLK.

E. — *Enumeratio plantarum novarum et rariarum quas in Hispania Australi regnoque Algarbiorum annis* 1845-1846 *legit.* Linnea, 1853.

1461) WILLKOMM (DR. M).

E. — *Zwei Jahr in Spanien und Portugal.* Leipzig, 3 vol, 2.ª edição, 1857.

1462) WILL. (ISBRAND BONTECKOE).

E. — *Journal of te etc. Ultrecht*, 1651. (Diario da memoravel relação de sua viagem ás Indias Orientaes nos annos de 1618, 1625).

1463) WITHERING (VILLIAM.)

E. — *Analyse chimica da agua das Caldas da Rainha.* Lisboa. Typographia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1795, 4,° 61 pag. É escripto em inglez com a traducção portugueza ao lado.

1464) WITTICH (DR. ALEX. VON).

E. — *Erinnerungen an Lissabon.* Berlim, 1843.

1465) WOLF (FERDINAND). — Docteur en Philosophie, Conservateur da la Bibliotheque Imperiale de Vienne, Chevalier de l'Ordre Imperial Autrichien. etc. etc.

E. — *Studien zur Geschichte der Spanischen und Portugiesischen Nationalliteratur.* Berlim, 1859

«Estes estudios han venido à consolidar la justa celebridad que alcanzaba ya entre los mas doctos criticos d'Europa.» [2]

O Sr. Wolf, que tambem escreveu uma *Historia da Litteratura Brasileira desde a descoberta do Brazil*, é um dos escriptores estrangeiros, a quem devemos maiores obrigações. É um escriptor consciencioso.

1466) WORTLEY (LADY EMMELINE STUART).

E. — *A visit to Portugal and Madeira by the*, London, Chapman and Hall-1851, 8.°, 483 pag.

[1] Bernardino Antonio Gomes.—*Elogio historico do Padre João de Loureiro. Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa—Classe de Sciencias Moraes, Nova Serie.* tomo IV. Parte I. pág 24.

[2] Amador de los Rios.—*Historia critica de la Litteratura Española*, volume I, pag. LXXXVI.

A auctora chegou a Lisboa em 31 de outubro de 1851. Não tive tempo para ler detidamente esta viagem; julgo porém que o merece. D'ella existe um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

1467) WURFBAIN.

E. — *Reisebeschreibung welche etc.* (Description du voyage qu'il a entrepris en 1632 aux Indes Orientales, par ordre la Compagnie des Pays-Bas, et qu'il a terminé en 1646) Nüremberg, 1646, 4.°

1468) WYTHFLIET (C). — A. Magin et autres historiens.

E. — *Histoire Universelle des Indes Orientales et Occidentales, et de la conversion des Indiens par* —. Douai, 1611, fol.

Y

1469) YOUNG. — Allemão.

Escreveu uma grammatica portugueza, para uso dos allemães, mencionada por Link no fim do livro de suas viagens, mas que nunca vi.

1470) YOUNG (WILLIAM). — Officier au service de S. M. Britanique.

E. — *Le Portugal sous Don Miguel par —. Ouvrage traduit de Anglais par M. M. Nisard.* Paris, 1830, 8.º, xv, 335 pag.

O titulo d'esta obra em inglez é o seguinte. *Portugal in* 1828, *comprising a sketch of the state of private society and of Religion under D. Miguel.*

É a historia d'um inglez que, residente em Leiria, havia muitos annos, foi preso e accusado de ser pedreiro livre, pouco depois da acclamação de D. Miguel, como rei de Portugal. É interessante este livro para a historia d'aquella epocha. William Young por fim teve ordem para sahir do reino.

1471) YVERSEN (ANDERSEN EN).

E. — *Ost-Indische reyze.* Amsterdam, 1760, 4.º, (Viagem ás Indias Orientaes)

Z

1472) ZANOLE (JULES). — Em 1848 e 1849 era addido á legação franceza na China.[1]

I. E. — *Uma poesia dedicada a João Maria Ferreira do Amaral, governador de Macao.* Macao 1849, e uma *Descripção de Lisboa*, 1847 publicadas ambas em francez no I vol. do *Archivo Pittoresco.*

1473) ZATA (ANTONIO).

E. — *Lettera del magnifico Signor — a sua Eccellenza il Signor Duca di.* Fiorenza, 1761, 8.º, 28 pag. (Contra os Jesuitas.)

1474) ZEILLERUS (MART).

E. — *Itinerarium Hispaniae, oder Rains Reschreiburg durch die Konigreich Hispanien und Portugal.* Nurenberg, 1637.

1475) ZINGARELLI (NICOLAU).

E. — *Ines de Castro.* Opera, 1803.

1476) ZINZERMAN.

«Deve-se-lhe um poema sobre os desastre de Lisboa.»[2]

1477) ZUGENBALG OU ZINGEMBAL (BARTHOLOMEU.). — Dinamarquez.

E. — *Grammatica da Lingua Portugueza. Halae Saxonum.* 1716, 4.º.

1478 ZUNIGA (IVAN ANTONIO DE VERE Y).

E. — *Vida de la gloriosa santa Isabel, reyna de Portugal, à la Ill.ma y Ex.ma*

[1] Garrett.—*Romanceiro.*

[2] Antonio José de Lima Leitão. —*Traducção das Bucolicas de Virgilio.* pag. XVI.

Señora D. Inés de Zuniga duquesa de S. Lucar, condesa de Olivares. Buelta de Toscano en Español por. — Roma, 1625, 8.º

1479) ZURTA.

E. — *Dei viaggi e delle scoperte Africane di Cada Mosto.* Veneza, 1815.

Todos sabem que Cadamosto, italiano de nação, esteve muito tempo ao serviço de Portugal, bem como Americo Vespucci, e outros muitos viajantes estrangeiros cujos nomes hoje são famosos, e reflectem sua gloria sobre o nosso paiz, que lhes proporcionou os meios de se abalizarem. Por isso as viagens d'estes navegantes devem cansiderar-se como assumptos portuguezes, em quanto os viajantes estiveram em serviço d'esta nação.

SUPPLEMENTO

E

ADDITAMENTOS

AO

DICCIONARIO DE ESCRIPTORES ESTRANGEIROS

«Lusitania!
La piu bella del mondo e nobil parte!»
João Baptista Marin, *Flores Pindi*.

«Gentem vestram dico, id est Lusitanos jam
olim armis, imo et litteris inclytos.»
Justo Lipsio.

O signal * indica que o artigo já appareceu, mas que passou ultimamente por algumas alterações.

A

«La societé de Geographie de Paris ne pouvait accueillir qu'avec le plus vif interêt le project formé par Son Excellence M. d'Andrade Corvo, de constituer á Lisbonne un centre scientifique, où la Géographie tiendrait une place importante. Une telle institution manquait au Portugal, dont le nom est placé au premier rang dans l'histoire des découvertes geographiques; dont les archives sont des plus riches qu'il y ait au point de vue de cette histoire, et dont le vaste empire touche d'ailleurs à des parties de la terre encore à peine connues.»

CH. MAUNOIR. Secretaire de la Societé de Geographie de Paris, 28 de outubro de 1875.

1480) ACCOORT ENDE ARTICULEN *Tusscheen de Croone van Portugal ende de koog mogende Peeren Staten Generael der vyde Nereenichde Nederdanden. Wegnes de West-Indesche Compagnie deser Landen t'Amsterdam.* Anno 1641, 8.º, 4 folhas sem numeração. M. S.

1481) ACCOUNT (AN) OF PORTUGAL *as it appeared in* 1766 *to Dumouriez since a celebrated General in the French army, printed at Lausane in* 1755. London, 1798, 8.º VIII, 274 pag.

1482) ADVENTURE ADMIRABLE QUI CONTIENT *un discours touchant les succès du roy de Portugal D. Sebastien depuis son voyage d'Aphrique uncquel il se perdit en* 1578, 1601, Ternaux Compans, pag. 95.

1483) ADVYS OP DE PRESENTATIF VAN PORTUGAEL *Het tweed Deel. Met een Remonstranci aen sijn Koninckliijche Majesteyt van Portugael by de Inwoonders Portugesen van de Capitanie van Pernambocq overgelevert.* 1648, 37 pag. M. S.

1484) AFFECTING STORY (THE) *of Lionel and Arabella, who first discovered the Island of Madeira, and perished there. With the voyage of Juan Gonsalvo Zarco, who completed the discovery of the Island. From the portuguese.* London, 1756. (Commovente historia de Leonel e de Arabella, os primeiros que descobriram a ilha da Madeira. etc.)

1485) AFRICANISCHEN KRIEGSBESCHREIBUNG *sampt der Portugalesern schrclicken Niderlag.* (Historia da guerra d'Africa e da espantosa derrota dos portuguezes). Basel, 1581, T. Compans, pag. 291.

1486) ALAMADINI. (F).

E. — *Historische Beschreibung der in dem untern occidenta lischen Mohrenland liègenden drey Konigreichen Congo, Matamba und Angola, von J. A. Cavazzi.* Miinchen, 1694. (Descripção dos tres reinos de Congo, Matamba e Angola, que se acham na parte Occidental e inferior do paiz dos negros por —.)

1487) ALCANTARA (D. EMILIO LAFUENTE Y).

E. — *Siguidilhas em honra de Santo Antonio de Lisboa.*[1]

A' San Antonio le pido
Que me dé conformidad,
Que los bienes de este mundo
Dios los quita y Dios los dá.

Que tienes con San Antonio
Que tanto te acuerdas de el?
— San Antonio está en el cielo,
Quien estuviera com el?

San Antonio está en el cielo
Eso no lo ignoro yo,
Y tambien está en la tierra
La Antonia que adoro yo.

La estampa de San Antonio
Siempre la llevo en el pecho,
Quando me acuerdo de Antonio
Saco la estampa y la beso.

San Antonio lleva el nino,
Santo Domingo la estrella,
Y San Juan lleva la palma:
Entienda-me quien me entienda.

Tan impossible lo hallo
El duvidar tu carino,
Como llegar á quitarle
A' San Antonio su nino.

Ni mi padre, ni tu madre,
Ni San Antonio bendito
Me pueden a mi quitar
Que yo te quiera un poquito

Anque me digan de ti
Lo que dicen do demonio,
Yo te tengo de querer
Carita de San Antonio.

San Antonio bendito,
Ramo de flores,
A las descoloridas
Dales colores

La primera verbena
Que Dios envia,
Es la de San Antonio
De la florida.

De San Antonio vengo,
Antonia mia,
Solo de ver el Santo
Tengo alegria.

Tienes una carita
De San Antonio,
Y una condicioncita
Como un demonio.[2]

[1] No *Cancionero Español.*

[2] Pela leitura da obra—*Embayxada do Conde de Villa Mayor Fernando Telles da Sylva, de Lisboa á Côrte de Vienna*, composta pelo padre Francisco da Fonseca, e impressa em Vienna d'Austria no anno de 1717, vê-se que o culto de Santo Antonio de Lisboa era mui vulgar na Allemanha.

1488) ALCOCK'S (THOS).

E. — *Sermons on the late earthquakes, more particularly that of Lisbon.* London, 1760. (Discursos ácerca dos ultimos terremotos, principalmente a respeito do de Lisboa).

1489) ALEGAMBE (PHIL).

E. — *De vita et moribus Patris Johannis Cardim Lusitani S. J.* Monachi, 1746.

1490) ALLAIN.

E. — *St. Paul de Loanda et le pays d'Angola.* Publicou-se no *Bulletin de la Societè de Geographie*, agosto de 1869, pag. 162 a 166.

1491) AMATI.

E. — *Vita del P. Gonzalo de Silveira, martire.* Roma, 1612, 12.°

1492) AMSTERDAMS DAM-PRAETJE, *van Wat Outs en wat Nieuws eu Wat vreemts. Tot Amsterdam.* Anno 1643, 20 fol. sem numeração, M. S.

1493) AMSTERDAMS TAFEL-PRAETJE *van Wat goets en wat Quaets en Wat Naodichs. Tot Gouda.* Anno 1649, 16 fol. sem numeração.

1494) AMSTERDAMSCHE VEERMAN OP MIDDELBURGH. *Tot Ullissengen* 1650. 6 folhas, (Parece versar sobre os negocios do Brazil).

1495) AMSTERDAMS VUUR-PRAETJE *van 't Een ende 'tanter datter nu om gaet. t' Amstelredam.* Anno 1649, 18 folhas sem numeração. M. S.

1496) ANALES DEL TAJO. Lisboa, folheto de 8 paginas. É uma lamuria dirigida ao Tejo, cujo sentido se não percebe. Não designa nem a data nem a typographia.

* 1497) ANCHIETA (JOSÉ DE). — V. o art. n.° 30.

E. — *Epistola quamplurimarum rerum naturalium quae S. Vincentii (nunc S. Pauli) provinciam incolunt sistens discriptionem a Didaco de Toledo Lara Ordonhez adjectis annotationibis edita: jussuque Regiae Scientiarum Academiae Olisiponensis. Ejus memoriis ad historiam transmarinarum nationum conscribendam proficientibus adjecta.* Olisipone, Typis Academiae, Anno 1799, 4.°, IV, 46 pag. (Epistola apresentando a descripção de muitos objectos naturaes que se encontram em S. Vicente agora S. Paulo, etc.)

1498) ANMUTHGE LIEBESCHICHTE *des D. Printz Roberts mit der Princessin Anna d'Arfet, die sich in der Insel Madera begebén.* 1694.

(Historia curiosa dos amores do principe Roberto com a princeza Anna d'Arfet, que se encaminharam para a Ilha da Madeira) T. Compans, pag. 267.

1499) ANNO ANTONIANO, *ossia concetti e meraviglie proposte in divoti di S. Antonio de Padoa.* Fossombrone, 1861, 16.°, 4 vol.[1]

1500) ARGENSOLA (BARTHOLOMEO LEONARDO). — Escriptor hespanhol nascido em 1566, e fallecido em Saragoça no anno de 1631.[2]

E. — *Conquista de las Islas Molucas*, Madrid, 1609, fol. Foi esta obra traduzida em francez.

Todos sabem a grande lucta, que por largos annos se travou entre hespanhoes e portuguezes ácerca da posse d'estas ilhas. É este o motivo, porque a obra de Argensola póde interessar áquelles, que estudam nossos antigos feitos.

1501) ARTICULEN ENDE CONDITIEN *gemaeek by het overleveren van Brasilien, Alo mede het Recif, Maurite Stadt ende Tor ten ende sterckten daer aen de penderende, Gesloten den 26 de January 1654. In S. Gravenhage.* Anno 1645, 8 pag. M. S.

*

[1] Visto fallar-se de Santo Antonio não será mui fóra de proposito dizer que uma das mais celebres biographias d'este nosso tão famoso compatriota foi composta em italiano pelo padre portuguez Manoel de Azevedo, e impressa em Veneza no anno de 1788.

[2] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle*, vol. III, pag. 119.

B

«Nullam unquam nationem orbis vidit vehementiorem vel quae tantum terribilitatis et furoris haberet ut Lusitani, quorum immensae navigationes et prodigiosa faciuora sunt magis vera quam incredibilia.»

JOANNES BOTERUS, *Relationes mundi.*

1502) BALDÉE (P).

E. — I. *Description de la côte des Indes Orientales, Malabar, Coromandel, Ceylan. etc.* Amsterdam, 1671, fol. [1]

II. *Beschryving von der Ost-Indischen Landschapen Malabar, Coromandel, Ceylan.* Amsterdam, 1671, fol.

1503) BARCIA (D. ROQUE —).

E. — *Poesia á el Tajo por —. Con el juicio critico de la «Illustracion Ultramarina.» Periodico que ve la luz publica en Londres, en el cual fué inserta dicha poesia.* Lisboa, 1867, 8.º, 70 pag.

Al pié sentado de arboles umbrosos
Casi me consolé de mis reveses:
¡ Que floridos, que alegres, que frondosos
Son los hermosos campos portugueses!

Miro aqui el Tajo que á las playas corre,
Allá una nave de pujante proa;
Allá a lo lejos la moruna torre
De una bella ciudad: Salve, Lisboa!

Y quizá un dia (aunque no sepa cuando)
Entre torrentes de materia informe,
Nade sobre tus aguas chispeando
De hondo volcan la catarata enorme.

[1] Ha poucos dias (novembro de 1877) trouxeram os jornaes a noticia de que o Papa Pio IX obrigara o patriarcha de Babylonia a restituir umas duzentas egrejas, que na costa do Malabar andavam usurpadas ao real padroado portuguez.

Y acaso esa ciudad, raro portento,
A eterna perdicion la frente inclina,
Y tus ondas, en curso macilento,
Resarán sollozando su ruina.

* 1504) BARET (EUGÉNE). V. o art. n.º 79. — Professeur de litterature étrangère á la faculté des lettres de Clermont, Associé etranger de l'Academie d'histoire de Paris.

E. — *Les troubadours et leur influence sur la litterature du Midi de l'Europe avec des extraits et des piéces rares ou inédites, par —, troisième edition* Paris, 1867 8.º, x, 481 pag.

«Quizemos tornar esta obra ainda mais digna do acolhimento, que receben tanto na França, como no estrangeiro, applicando a Portugal e á Italia, em dois capitulos inteiramente novos, as considerações que tinham sido apresentadas na primeira edição relativas á influencia dos trovadores sobre a litteratura e civilisação d'Aragão e de Castella.....

«Sabe-se quão prodigiosa revolução se operou na Italia, desde 1858. Lisboa ficou posta a tres dias de Paris, a antiga distancia de Toulose, e nada é mais interessante do que notar os esforços continuos para o progresso, que n'este momento, se executam em Portugal. Que este paiz não cesse de ter seus olhos voltados para as imagens de seus avós: que se lembre do seu nobre duque de Coimbra, do regio auctor do *Leal Conselheiro*, e do vasto movimento scientifico, intellectual e moral, que preparou os reinados de João II e de Manoel. Verá, pela comparação com o passado, que a verdadeira fonte do poder, mesmo da riqueza, não reside n'outra parte, senão na vitalidade energica da alma.»

Este mesmo Baret é o autor da obra sobre o Amadis de Gaula mencionada no artigo N.º 79 d'este diccionario.

Deve-se porém confessar que este ultimo livro não produziu o convencimento, pois ainda ha pouco o sr. Benjumea no seu bello trabalho sobre o nosso *Palmerin d'Inglaterra* assevera ser o Amadis de Gaula «el tronco y raiz de los *Amadises*, que sin duda alguna procede tambien de la Lusitania.»

1505) BARTHOLI.

E. — *De vita et rebus gestis Sancti Francisci Xavieri.* Lugduni, 1666. (Sobre a vida e acções de S. Francisco Xavier.)

1506) BASAPOPI.

E. — *Raguaglio delle guerre de Calecut.* Venezia, 1661.

1507) BEGIN ENDE VORTGANG ETC. *Commencement et progrès de la Compagnie des Indes Orientales des Pays Bas, contenant les principaux voyages etc.* Amsterdam, 1646, 4 vol, 4.º, com estampas.

1508) BENEFICIA ET MIRACULA *Sancti Francisci Xavieri Indiarum Apostoli.* Antwerpiae, 1658. (Beneficios e milagres de S. Francisco Xavier, Apostolo das Indias).

* 1509) BENJUMEA (NICOLAS DE).—V. o art. n.º 111.

E. — *Discurso sobre el Palmerin de Inglaterra y su verdadero autor presenteado a la Real Academia de Ciencias de Lisboa.* Lisboa, 1876, fol, 87 pag. [1]

O Sr. Benjumea com este seu trabalho prestou grande serviço ás lettras portuguezas, provando até á evidencia, contra a opinião de Sr. Paschoal Gayangos, que a obra é originalmente portugueza, e que só no original portuguez é que se póde entender o sentido d'algumas pessagens, que estão mutiladas na versão hespanhola feita em Toledo, e a qual pretende o Sr. Gayangos que seja a primeira edição que se fez do celebre romance *O Palmeirin d'Inglaterra.*

1510) BERCHTOLD (LEOPOLDO —). Cavalleiro da Ordem militar de Santo Estevão de Toscana. [2]

E. — I. *Ensaio de varios meios com que se intenta salvar e conservar a vida dos homens em diversos perigos, a que diariamente se acham expostos.*

II. *Ensaio sobre a extensão dos limites da beneficencia a respeito assim dos homens, como dos mesmos animaes.*

* 1511) BERMUDES.—V. o art. n.º 112.

Ácerca da tragedia de D. Ignez de Castro póde tambem ler-se Bouterwek, *Histoire de la litterature Espagnole, traduite de l'Allemand par Jean Muller.* Paris, 1812, vol. I, pag. 356 e seguintes.

1512) BERNARD (L).

E. — *Neue Reise durch England und Portugal.* Hamburg, 1802.

1513) BERNARD (MAD. E.)

E. — *Briefe uber England und Portugal.* Hamburg, 1808, 2 vol.

1514) BESCHREIBUNG DER INQUISITION VON GOA. 1698. T. Compans, pag. 273 (Descripção da Inquisição de Goa.)

1515) BESCHREIBUNG DER JUNGST, *abgesandten Japonischen Legation.* Delligen, 1587, 4.º (Descripção da viagem da embaixada enviada ultimamente do Japão a Roma e d'alli a Portugal, até a sua sahida de Lisboa.)

1516) BESCHRIJVING VAN'T CONGO ETC. Amsterdam, 1650 4.º (Descripção do Congo.)

1517) BIANFORDI (F. J.)

E. — *Successos de la provincia del Alemtejo.* Primeira parte.

[1] No artigo 111 do 1.º volume desto *Diccionario* leia-se Benjumea, em logar de Berjumea, que passou por engano.

[2] Veja-se o N.º 6663 do *Jornal do Commercio de Lisboa.* (Janeiro de 1876).

1518) BIONDI.

E. — *Viaggio nel regno del Congo.* Bologna, 1674.

* 1519) BIRAGO. — V. o art. n.º 126.

E. — I. *Historia della disunione del regno di Portugallo dal Corona di Castiglia. Con l'aggiunta di molti cose notabile del P. Fra Ferd. Helveo.* Amsterdam, 1647, 8.º

II. *Historia del regno di Portugallo, Lione,* 1646, 4.º

* 1520) BLANC (VINCENT LE). — V. o art. n.º 130.

E. — *Voyage aux quatre parties du monde, savoir: aux Indes Orientales et Occidentales, en Perse, et au Pegu, aux royaumes de Fez, de Maroc, de Guiné et dans toute l'Afrique intérieure, depuis le Cap de Bonne Esperance jusqu'a Alexandrie, publié par P. Bergeron.* Paris, 1649, Troyes, 1658, 4.º

1521) BLOXAM (JAS. MACKENZIE).

E. — *On Climate of the Isle Madeira. A Letter to Dr. Lund.* London, 1855

1522) BLUNDELL (DR. ED. S).

E. — I. *Narrative of the Committee of British Civil and Military Claimants on Portugal.* 1839.

II. *British and Military Claimants on the Portuguese Government.* 1835.

1523) BOISGELIN (LUIS).

Continuou a *Historia das Revoluções de Portugal* pelo Abbade Vertot.

1524) BOLLUOT (MR. ANTONIO).

E. — *Reflexiones de un emigrado sobre la posicion historico-geografica y politica de España y Portugal desde la invasion de los cartagineses hasta nuestros dias, por* —. Logroño, 1843, 8.º

1525) BOUGEAULT (ALFRED).

E. — *Histoire des Litteratures Étrangères par* —. *Tome Troisième, Litterature italienne, espagnole, portugaise, grecque moderne.* Paris, 1876.

Corre a litteratura portugueza desde pag. 447 até 518.

«É a lingua portugueza menos gutural que a hespanhola, e por isso é uma lingua mais doce, mais harmoniosa e mais adaptada a exprimir os sentimentos ternos e melancholicos; aproxima-se singularmente do idioma provençal. No emtanto o hespanhol e o portuguez são duas linguas irmãs, e vêmos varios escriptores servirem-se simultaneamente tanto d'uma, como d'outra.»

* * *

«Foi, porém, no genero bucolico que a poesia portugueza obtéve seus mais brilhantes triumphos. N'este paiz tão rico e tão fertil, onde a terra produz quasi

sem cultura os fructos mais delicados, a indolencia natural fez com que desprezassem a agricultura e a industria; mas a vida pastoril tomou uma grande extensão, e a doce influencia do clima, favoravel a uma imaginação scismadora, desenvolveu as faculdades poeticas ao contacto das maravilhas da natureza, e dos encantos da vida campestre. Eis porque o primeiro poeta notavel, que encontramos na entrada do grande seculo litterario, é um poeta bucolico Bernardim Ribeiro. Fez consistir o ideal da vida humana na vida dos campos, e debaixo de nomes suppostos, poude pintar mais livremente os sentimentos, que agitavam sua alma; eis porque os exprimiu com uma ternura graciosa, e uma franqueza, que se torna amavel.

Ribeiro escreveu tambem em prosa um romance pastoril—*Menina e Moça*, Serviu este romance de modelo á *Diana* de Jorge de Montemayor, a qual foi ella mesma o typo escolhido por Honoré d'Urfé na sua *Astrée*. Assim, veiu talvez de Portugal toda essa escola de poesias pastoris allegoricas e requintadas, de que a Hespanha e a França foram innundadas no fim do seculo XVI.»

***

«Ferreira deu provas d'um verdadeiro talento dramatico na sua Ignez de Castro, assumpto, que tentou tantos escriptores de Portugal, e d'outros paizes. Para bem julgarmos esta tragedia cumpre recordarmo-nos da epoca, em que ella foi composta. Decorria metade do seculo XVI: a renascença classica ainda não tinha produzido para o theatro mais do que a *Sophonisba* de Trisino: Jodelle, na França, ia appresentar a sua *Cleopatra*, e a sua *Dido*. Inspirando-se unicamente no theatro grego, mas applicando-o a um assumpto nacional, compoz Ferreira uma obra imperfeita, é verdade, mas que tem alguma coisa da grandeza e da simplicidade antigas. Na sua inexperiencia, nenhum partido tirou da paixão do infante D. Pedro a D. Ignez: não apparece este principe na scena mais do que no primeiro acto, para fallar de seu amor com seu confidente, e no ultimo para se carpir da sua desgraça. Porém o poeta empregou muita arte para justificar a ordem cruel, que dá o rei Affonso de mandar matar a desditosa Ignez: faz ver a razão do Estado, o voto popular e a influencia dos conselheiros. O caracter de Ignez, cheio de paixão, de dedicação e grandeza d'alma, offerece bellezas patheticas. Admiram-se principalmente os córos, cujo lyrismo elevado, traz á memoria muitas vezes as poeticas inspirações do drama antigo. O espirito cavalheiresco addiciona a esta peça a elevação do sentimento moderno, e apezar da falta d'acção, produz n'algumas scenas uma profunda commoção.»

«Ainda isto não é tudo: Ferreira abriu tambem á comedia novos caminhos. O *Cioso* d'este auctor é a primeira comedia de caracter, que se viu em Portugal, e até mesmo na Europa.

***

«Gil Vicente não deu sómente o primeiro impulso ao drama portuguez, precedeu elle perto d'um seculo os auctores dramaticos de Hespanha. Lope de Vega e Calderon nada mais tiveram do que seguir seu exemplo aperfeiçoando-o: teem

elles mais imaginação, mais invenção e variedade, uma poesia mais brilhante e rica, cumpre porém não esquecer a differença das datas: um seculo devia ter acrescentado muito á experiencia o desenvolvimento dos escriptores hespanhoes.»

Portugal tem ainda a gloria de ter aberto, com Gil Vicente, a carreira dramatica ao resto da Europa, pois que, em nenhum paiz, no começo do seculo XVI se teria achado um theatro, que tivesse tanta invenção, naturalidade e verdadeira poesia.

* * *

«A litteratura portugueza bem pobre em illustrações litterarias, tem no entanto um poeta que ella póde oppôr aos maiores, aos mais gloriosos dos outros paizes: este poeta é Luiz de Camões, auctor dos *Lusiadas*. Como Homero, o principe dos poetas epicos, e como Dante é Tasso, teve de luctar contra a ingratidão da sorte.» [1]

* * *

«João de Barros estava bem collocado para conhecer a fundo os logares, os successos e os homens, dos quaes falla; além d'isso, não se forrou nem a trabalho nem a pesquizas para chegar á verdade: tanto era a consciencia, que elle tinha da importancia de sua obra! Foi o primeiro, que fez bem conhecer essas vastas regiões recentemente abertas ás avidas conquistas dos europeus, e mesmo em nossos dias ainda o consultam com proveito. Como a de Camões, é sua pena guiada pelo ardor da patriotismo; falla com enthusiasmo das façanhas e da grandeza do povo portuguez, e pinta perfeitamente o caracter nacional, pois não procura disfarçar nem os defeitos, nem a cubiça, nem a ferocidade mesmo, de que deram provas seus compatriotas n'essas guerras remotas contra os mouros e indios. Tudo isto lhe parece natural: o espirito de conquista e de dominação cobria todos estes excessos, e a epocha não se prestava aos sentimentos humanitarios, dos quaes um historiador moderno não poderia fugir.»

«Como escriptor, Barros é cheio de fogo, de energia e de animação, ainda mais, os portuguezes admiram no seu estylo a pureza, a elegancia, e o torneado do periodo.»

* * *

«Rodrigues Lobo, o *Theocrito portuguez*, poeta bucolico, não se conservou fiel á simplicidade da natureza: tinha o gosto delicado e requintado, occupava-se muito com a escolha de palavras, e habil disposição dos periodos: poderia ter seu logar ao lado de Mademoiselle Scudéry, no salão azul de Arthenice.»

«Os portuguezes, podem diliciar-se com a pintura d'essa vida campestre, doce e contemplativa, que corresponde a uma necessidade, e a um habito da

[1] A biographia resumida do poeta e a analyse de suas obras occupam de pag. 461 até 475.

imaginação d'elles: porém possue apenas um interesse mediocre para os estrangeiros, habituados a um lyrismo mais verdadeiro, ou ao desenvolvimento de uma acção mais dramatica. Assim é que o gosto varia de um povo para outro: é preciso não lhe applicar regras excessivamente absolutas. Os hespanhoes, tão visinhos dos portuguezes, fazem uma idéa inteiramente differente da poesia, e preferem a pintura da vida activa.»

* * *

«Antonio Diniz da Cruz e Silva, o *Pindaro portuguez*, não é indigno d'este nome glorioso. Suas *Odes* são com effeito o que elle escreveu de mais magestoso, e de mais verdadeiramente poetico... Mais existe uma obra, que contribuiu mais que nenhuma outra para tornar seu nome vulgar aos estrangeiros. É o seu encantador poema satyrico e comico O Hyssope. O *anel de cabellos roubado*, de Pope, e a *Estante do Coro*, de Boileau, poder-lhe-hiam ter servido de modelos, mas é certo que nem por isso deixa de ser original pela agudeza de seu espirito, pintura dos caracteres, e pela naturalidade e variedade. O poeta portuguez respeitou bem a côr local, e apresentou uma pintura engraçada da sociedade do seu tempo: ha até mesmo muitas passagens e allusões que são inintelligiveis para o leitor moderno.»

* * *

Cumpre de passagem render uma homenagem aos trabalhos da Academia das Sciencias, que tem prestado, ha um seculo, grandes serviços ao desenvolvimento intellectual da nação. A Academia tem prestado relevantes serviços ás sciencias e ás lettras com a publicação de diversas obras, memorias e documentos de todo o genero.

1526) BOUHOURS (LE R. P.).

E. — *Vie de Saint François Xavier, Apôtre des Indes et du Japon, par —, suivie de l'eloge de ce saint, de son petit Office et de ses litanies, en latin et en français. Nouvelle edition, augmentée du Précis de la Vie du P. Charles Spinola et de la Relation du grand Martyre du Japon, em* 1622, *par le R. P. D. Orleans.* Poitiers, 1839, 8.º, 504 pag.

«É preciso fazer justiça a Hespanha e a Portugal, confessando que só estas duas nações deram maior numero de obreiros evangelicos á conversão dos americanos, dos asiaticos, dos chins e dos japonezes, que todos os outros reinos christãos juntos.» [1]

1527) BRAMFELS (DR. LUDWIG).

E. — *Historischer verpich uber den Roman Amadis von Gallien.* 1876. 8.º, com perto de duzentas paginas. (Sobre as origens do Amadis de Gaula).

«O auctor inclina-se á origem hespanhola d'esta novella, mas os seus argumentos são inconsistentes e imaginarios. Reproduzindo o estado da questão tal

[1] *Histoire generale des Missions Catholiques. (Archivo Pittoresco* 1868, pag. 245.)

como a deixou D. Paschoal Gayangos, repete as palavras de Theophilo Braga no opusculo *Origem portugueza de Amadis de Gaula* (Revista de Philologia Romana fasc. II, Roma) sem comprehender o portuguez, e por tanto imaginariamente. A missão d'este escripto seria legitimamente manter a imparcialidade critica entre os mantenedores hespanhoes e portuguezes e decidir sobre o valor dos argumentos. Nada disto fez, e por conseguinte o problema ainda ficou insoluvel.» [1]

1528) BRAY

E. — *Ignez de Castro.* Tragedia em inglez. Paris, 1875.

Falla de esta obra o Sr. Visconde de Castilho, (Julio) no seu drama intitulado *D. Ignez de Castro.* pag. 345.

A respeito dos tres artigos Bray tenho varias duvidas, mas actualmente não me acho habilitado para as resolver. Preciso examinar as obras mencionadas nos artigos 172 e 173, para ver se o auctor é o mesmo, se as obras são as mesmas, e se ha mistura de palavras em o n.º 173. Mas que fazer? Não me consta da existencia de nenhum exemplar nem nas bibliothecas publicas, nem em poder de algum particular. Fica de remissa para outra edição.

1529) BUALDI (MICHEL ANGELO).

E. — *L' India Orientali sogettata al Vangelo.* Roma, 1653, 4.º

1530) BUCHANAN (JORGE). — Lente da Universidade de Coimbra em 1542. Nasceu na Escocia em 1506 e falleceu em 1616. [2]

«Buchanan aos 14 annos de edade foi mandado por um tio aprender na Universidade de Paris, onde se entregou muito á lição dos poetas latinos, e em pouco tempo se tornou um dos mais perfeitos escriptores latinos dos tempos modernos. Seguiu, segundo parece, por pobreza a vida militar por algum tempo, e depois forneceram-lhe meios para partir para a universidade de Saint Andrews, onde foi admittido como alumno gratuito.

«João Mair, mais conhecido pelo seu nome de Major alatinado por Buchanan, estava então lendo nesta universidade grammatica e logica. Logo foi informado dos talentos extraordinarios do estudante pobre, e immediatamente o tomou debaixo da sua protecção. Buchanan era dotado d'um temperamento ardente, e ao mesmo passo susceptivel de tomar qualquer direcção que seus amigos lhe quizessem dar; e de mais, d'um caracter indagador, e que jamais poude soffrer um absurdo.

«Assim não podia deixar d'encontrar grande deleite nas doutrinas que o *Major* professava. Ellé sustentava a superioridade dos concilios geraes sobre o Papa; negava que elle tivesse algum direito ao poder temporal: — e defendia que os dizimos eram uma instituição meramente humana, que podia ser alte-

[1] Fui obsequiado com este artigo pelo Exmo. Sr. Theophilo Braga, dignissimo professor do Curso Superior de Lettras.

[2] *Revista Litteraria Portuense*, Vol. I pag. 331.

rada, ou mudada pela vontade do povo. — Nas materias politicas a sua crença coincidia exactamente com as opiniões publicadas por Buchanan; — que a auctoridade dos reis não era de direito divino, mas proveniente do povo; — que por uma convenção legal dos estados, um rei em caso de tyrannia, ou de mau governo, podia ser processado, esbulhado do poder, e mesmo punido segundo as circumstancias.

«Se pois *Major*, que era um homem fraco, e de talentos pouco transcendentes teve tal preponderancia nas opiniões de Buchanan, muito mais devia ter João Knox, o celebre reformador Escocez, que era seu condiscipulo em Saint Andrews. Aqui travaram ambos uma estreita amisade que só acabou com suas vidas. Estes dois homens logo descobriram o methodo absurdo porque então se ensinava a logica. Buchanan nos diz que o seu verdadeiro nome devia ser *arte de sophisticar*. Seus mutuos estudos para estabelecer melhores raciocinios produziram grande effeito no methodo de ensino publico.

«Depois que Buchanan acabou os seus estudos em Saint Andrews, tendo tomado o grau de Bacharel em artes, acompanhou *Major* a Paris, onde a sua attenção se voltou seriamente para as doutrinas da reforma que por este tempo se discutiam fortemente; mas quer por medo das consequencias, quer por outros motivos, ainda então se não declarou Lutherano. Por espaço de cinco annos permaneceu fóra da patria, algumas vezes empregado, e outras a braços com as maiores precisões; até que voltou á Escocia com o Conde de Cassilis, que o havia tomado para seu companheiro de viagem. Seu nobre patrono o apresentou na côrte de James V, pae de Maria Stuart, e este monarcha o encarregou da educação de seu filho natural James Stuart, depois o abbade de Kelso.

«Emquanto permaneceu na Côrte, como estava pouco occupado, divertiu-se em escrever uma satyra mui severa contra os frades, á qual chamou «*Somnium*» Figura nesta pequena obra que S. Francisco lhe apparecera em sonho e o convidára a que se fizesse frade da sua ordem. O poeta responde que elle é improprio para tal fim, porque se não encontrava com disposições para ser impudente, enganador e pedinchão, e que além disso acreditava que mui poucos frades tinham a fortuna de chegar ás portas do paraizo.— Esta pequena satyra era mui bem escripta e demasiado acerba para não chamar a attenção; e os queixosos representaram contra elle ao rei; mas como Buchanan lhe não tinha posto o seu nome, a queixa ficou nulla por falta de provas. Pouco depois os Franciscanos cahiram no desagrado na Côrte, e o mesmo rei instigou o poeta a renovar o ataque. Obedeceu, mas não satisfez o odio do monarcha em uma ligeira publicação. Sendo-lhe ordenado que fosse mais severo, appareceu com a sua famosa satyra intitulada *Franciscanus* na qual poz em pratica todo o seu espirito e poesia para atacar esta desgraçada ordem. O argumento do poema é o seguinte: suppõe o poeta que um seu amigo está mui desejoso de entrar na ordem Franciscana, ao qual elle diz que já tivera as mesmas tenções, mas que fôra despersuadido por uma terceira pessoa pelas rasões que passa a relatar. Refere-se então ao mau comportamento dos membros da ordem, segundo se colhe das abominaveis lições que põe na boca de um velho frade, mestre de

noviços. Não dá a este frade o caracter d'um ignorante, mas antes o apresenta contando uma historia habilmente traçada, e espraiando-se em todo o requinte da maldade que tem aprendido com a idade, e publicando n'este sentido as cousas do convento sem temor, nem escrupulo. — O latim é puro e isempto dos barbarismos d'aquelle tempo.

«Publicada esta satyra tão mordaz, não admira que a ordem injuriada fizesse uso de todos os meios ao seu alcance para perseguir o seu auctor. O Rei, homem fraco e versatil, depois de ter sido muito importunado, consentiu que Buchanan fosse preso em 1559 sob pretexto de heresia, juntamente com outros muitos que haviam publicado as suas idéas ácerca da Igreja Escoceza. Sobre todos o cardeal Beatoun fez os maiores esforços para alcançar sentença contra elle. Porém os amigos de Buchanan o avisaram a tempo dos desejos do prelado; e como não estivesse vigiado com grande cuidado, poude escapar-se pela janella da prisão, e fugiu para Inglaterra. Achando que alli não estava seguro, pois que Henrique VIII mandava então queimar no mesmo dia e com a maior imparcialidade, catholicos e protestantes, passou pela terceira vez á França. Chegando a Paris achou o seu antigo inimigo, o Cardeal Beatoun, embaixador na côrte de França, e receando que elle podesse alcançar meios de o prender, resolveu acceder ao offerecimento de um sabio Portuguez, André de Gouvêa, para ser professor no novo collegio de Bordeaux. Durante a sua residencia n'aquella cidade, compoz as suas famosas tragedias latinas *Jephtes* e *Joannes Baptistes*, e traduziu a Medea e Alcestes de Euripides para verso latino. Estas duas ultimas mostram que não era superficial o seu conhecimento do grego.

«Depois de ter persistido n'este emprego por espaço de tres annos, Buchanan, a instancias da Côrte de Portugal, veiu com Gouvêa, para lente da Universidade de Coimbra. Antes de partir para Portugal fez saber a ElRei que havia escripto o seu poema — *Franciscanus* — por ordem do seu soberano, esperando por isso que não seria inquietado por aquella causa. ElRei lhe prometteu a sua protecção. Não havia muito tempo que residia em Coimbra quando foi pelos frades accusado de heresia; e ElRei, esquecido da sua promessa, ou por a não poder sustentar, lhes permittiu que o tivessem recluso em um convento, com o fim, segundo diziam, de o resgatar á fé catholica. Ali lhe deram como pena, a tarefa de traduzir os Psalmos de David da Vulgata para verso Latino. Isto cumpriu elle admiravelmente, e esta producção gosa da reputação de exceder tudo o que existe n'este genero. Pouco depois sahiu d'esta prisão, embarcou-se para Inglaterra; e depois de se demorar ali algum tempo voltou para França.»

1531) **BUCQUOI (JACOB DE).**

E. — *Reyse naar etc.* Amsterdam, 1658. (Viagem ás Indias Orientaes.)

1532) **BUSSCHE (EMILE VANDEN).**

E. — *Memoire sur les relations qui existerent autrefois entre les Flamands de Flandres, particulierement ceux de Bruges et les Portugais.*

«N'esta memoria se encontram importantes noticias ácerca do infante D. Pedro e da rica bibliotheca do portuguez João Vasques, sobre João Fernandes de Lucena, e ácerca d'outras particularidades do principio do seculo XV.» [1]

1533) BUSSIÈRE (JEAN DE).
E. — *La vie de St François Xavier*. Lyon, 1671.

[1] Noticia dada pelo Ex.mo Sr. Theophilo Braga.

C

«Sentaronse, pues, y publicaronse treguas por seis años, con ciertas condiciones. La principal era, que se restituyssen unos à outros las plazas, que tenian, y se avian ganado; en lo qual fue muy beneficiado el Portuguès, yà sea Rey de Portugal, ya Castilla le apellide rebelde. Mucho se le daba al de Avis del apellido, quando todo lo que el llamava reyno suyo le aclamaban, y obedecian por Rey. Lo mismo, por nuestras culpas, passa el dia de oy, quando esto escrivo, principios del año de sesenta y seis; pues aviendo-se hecho Rey el de Berganza, y sustentando-se en su rebeldia veinte y cinco años, por mas que Castilla le ultraja de rebelde, ha venido à alcanzar, que se esté tratando casi de las mimas treguas y suspension de armas, con que al modo que el que vamos diciendo querra perpetuarse la Corona para siempre. Abra los ojos Castilla.»

Los reys nuevos de Toledo, pag. 387.

1534) CADAVAL (ALVARO DE — VALLADARES DE SOTOMAYOR). — Nas suas obras assignava-se Cadabal Gravio Cabydonio Tydense. [1] Este escriptor, natural de Tuy, escreveu:

E. — I. *Encomiaston ad magnificentissimum, illustrissimumque principem Antonium Serenissimi nec non Serinissimi Principis Ludovici clarissimi filii, fortunatissimi Christianissimique Lusitaniae regis Emmanuelis nepotem.*

II. *In Roderici Pinarii Portugalensis episcopi laudes. Opus quod «Pithyographia» inscribitur.* Lisboa, 1568.

Cadaval, quando n'uma occasião ia de Lisboa para Tuy, cahindo do cavallo e ficando em perigo de vida, ao chegar ao Porto mandou dar conta do seu estado ao bispo d'aquella cidade, que então se achava na Quinta chamada de Santa Cruz da Maya. O bispo mandou buscal-o, tratou d'elle, e lhe salvou a vida. Eis porque escreveu o poema *Pithyographia*, no qual descreve as bellezas da quinta, a amenidade do rio Leça que a banha, e exalta as virtudes do bispo, seu protector.

O padre Florez diz (pag. 37) que esta obra em quarto, e que tambem comprehende um poema latino, intitulado *Brachiologia*, dirigido a D. Duarte, filho do principe D. Duarte, era *rarissima*, e por *isso fazia d'ella uma* descrip

Florez—*España Sagrada*, vol. XXIII, pag. 34.

ção mais minuciosa. Eu pela minha parte só tenho conhecimento d'um exemplar exi tente em Portugal.

1535) CALDERON (D. MATHIAS DE PERALTA). — Licenciado.
E. — *El apostol de las Indias S. Francisco Xavier.* Mexico 1661, 4.º, Pamplona, 1665, 4.º

1536) CAMARA (XISTO).
E. — *A União Iberica —. por Rodrigo Paganino, e precedida d'um prologo.* Foi traduzida para portuguez pelo Sr. J. Maria Latino Coelho, Lisboa, 1859.
A biographia de Xisto Camara póde ver-se no 2.º vol. do *Archivo Pittoresco.*

1537) CAMPAGNES DE PORTUGAL *en* 1833 *et* 1834. *Par un officier français attaché au service de D. Miguel.* Paris, 1835, 8.º

1538) CANNING (GEORGE).
E.—*Relevé exact des discours du très honorable dans la Chambre des Communs d'Angleterre,* 12 *Déc.* 1826. *Discours complets de M M. Canning, Wilson, Hume, Broughan etc. sur le Portugal.* Paris, 1826, 2 vol.

1539) CARBONELL (D. ANTONIO DE RAMON Y). — Agente que fué del gobierno de S. M. F. en Londres.
E. — *Reseña del negocio de las cuentas de —.* Lisboa, Typographia de Lallemant. 1858. 4.º, 55 pag.

1540) CARCENAC (HENRY).
E. — I. *Des laines et des plantes textiles en Portugal, et dans ses colonies.*
II. *Dex textiles végétaux et des laines en Italie, en Espagne, et en Portugal.*

1541) CARL (ANDRÊ CHRISTIAN).
E. — *Tienfts Jahrang der gemermmukingen Spaniergange auf delle Tage in Jahr fur Eltem Kopheistein Jugendleher und Erzicher.* Brouschweig, 1795, 8.º

1542) CASA NOVA (JACQUES DE SEINGALT).
E. — *Memoires ecrits par lui meme.* Bruxelles, 1863.
«Nas *Memorias* d'este typo o mais completo do *Cynismo humano* existe um quadro, talvez o mais puro que ahi se acha, em que se retrata uma portugueza Paulina, filhá do Conde de. . (Povolide?) victima como toda a sua familia dos attentados de Pombal. É um admiravel clarão sobre a sociedade portugueza nessa epocha tão falsificada pelos documentos officiaes.» [1] (*Memoires,* vol. v. pag. 402)

1543) CATHARINA (MR. DE SANTA).
E. — *Viaggio all' Indie Orientali.* Roma, 1673, fol.

[1] Este artigo é composição do Ex.mo Sr. Theophilo Braga.

1544) C. D. B. S. L. G.

E. — *Relation d'un voyage aux Indes Orientales par* —. Paris, 1646, 8.º, T. Compans, pag. 183.

1545) CERTANI (GIACOMO).

E. — *L'Apostolo delle Indie. Vita de S. Francisco Xaviero, de la Compagnia de Giesu.* Bologna, 1648, 4.º

1546) CHAMBERLAYNE (EDW).

E. — *The right and title of the present king of Portugal Don John IV. Translated out of Italian, Spanish, and Portuguese.* London, 1653.

1547) CIANFOGNI (DOTT. PIETRO). — Can. Dell' I. Basilica di S. Lorenzo di Firenze e Academico Fiorentino.

E. — *Vita di San Giovanni de Dio fondatore dell' Ordine dell' Ospitalità scritta in francese dal Sac. Gio. Girard de Villethierri e tradotta* —. Monza, 1861. Tipografia dell'Istituto dei Paolini, 8.º, 2 vol.

1548) CLIFTON.

E. — *Dialogos Inglezes Portuguezes. etc. Por* —. Paris. N'esta obra tabalhou tambem o conego portuguez J. I. Roquette o qual por muitos annos esteve parochiando uma egreja em França.

1549) COINTHA (JOÃO). — Senhor de Boulez, de nação franceza. [1]

E. — I. *Paradoxo ou sentença philosophica contra a opinião do vulgo; Que a natureza não fez o homem senão a industria. Dirigido ao muy alto e invictissimo Rey de Portugal dom Sebastião Primeyro d'este nome. Por* —. *Agora novamente feyto e impresso n'esta Cidade de Lisboa em casa de Marcos Borges impressor del Rey nosso Senhor. Ao primeyro de Janeyro de* 1566.

II. *Catolica e religiosa ammoestaçam a subjetar o homẽ seu entendimento a obediencia da Fee, com a exposiçam do symbolo, dirigido á senhora D. Maria, princesa de Parma e de Placencia.* Lisboa, 1566.

1550) COMINES (FILIPE DE).

E. — *Las memorias de* —. *Señor de Argenton, de los hechos y empresas de Luis undecimo y Carlos octavo reyes de Francia traducidas de frances com escolios proprios por Don Juan Vitrian prior y provisor de Calatayud, asesor del sancto officio y capellan del rey nuestro Señor, dirigidas a su sobrino el Señor Don Juan Vitrian, presidente de la Española, cavallero del Orden de Calatrava.* Amberes, 1643. fol.

N'estes commentarios de Juan Vitrion são incessantes as referencias a factos da historia de Portugal, contando-se muitas anecdotas de nossos reis e varões illustres.

[1] *Diccionario Bibliographico*, vol. III, pag. 351.

Em quanto ás memorias de Filippe de Commines, escriptor francez celebre, nascido em 1445, e fallecido em 1511, [1] são ellas indispensaveis para a historia do nosso Affonso V no tempo que residiu em França, á espera do soccorro promettido por Luiz XI para a conquista de Castella. [2]

1551) COMPENDIO ISTORICO *dell' espulsione dei Gesuiti dai regni di Portogallo e da tutti i suoi domini.* Nizza, 1791, 8.º

1552) COPIE D'UNE LETTRE *du P. Nicolas Trigaut, Jésuite, au R. P. Fleuron, Provincial de la Compagnie, datée de Goa en l'Inde Orientale en* 1607. Paris, 1609.

1553) CORDARA (G. C.)

E. — *Relazione della vita e martirio del vener. padre Ignacio de Azevedo, ucciso dagli eretici con altri trentanueve della compagnia di Gesú; cavata da processi formati per la loro cononizzazione.* Roma, 1743, 12.º

* 1554) CORNIDE (D. JOSÉ). — V. o art. n.º 300.

Escreveu tambem um trabalho sobre os peixes de Portugal intitulado: *Ensaio de una historia de los peces de Portugal.*

1555) COSENS.

Publicou uma biographia de Camões na ultima edição da *Encyclopedia Britannica.*

1556) COUPLET.

Veiu este mathematico no anno de 1697 a Lisboa, com o fim de n'esta cidade fazer observações para determinar a sua latitude, a qual achou ser de 38º, 45′ 25″. Os resultados dos trabalhos foram publicados nas *Philosophical Transactions*, do anno de 1726, n.º 394.

1557) COURTEN (M).

E. — *Catastrophe and adieu to the East Indies, or a general and particular protest framed there at Goa in the year* 1644. London, 1652.

1558) CRESCIMBENI (GIAN MARIA).

E. — *Giouche Olimpici in lode di Giovanni V Re di Portugallo.* 1690. [3]

1559) CROFT (JOHN).

E. — *A few notes on the services in Portugal from the year* 1810 *to* 1818. Maidstone, 1857.

[1] Bouillet.—*Dict. d'Hist. et de Geographie*, pag. 407.

[2] V. *Commines*, Cap. XCII.

[3] V Frascarelli.—*Iscrizioni Portoghesi.* Roma, 1868, pag. 98.

1560) CUCCACNI (L.)

E. — *Esame del libro — Analyse della professione di fede del Santo Padre. Pio IV da A. P. de Figueiredo.* Roma, 1792, 8.º

1561) CULLOCH (MAC).

E. — *Principles of political Economy by — abridged. Preceded by a preleminary discourse, by Pinheiro Ferreira.* Paris. 1829, 12.º

1562) CUNHA (J. GERSON DA). — M. R. C. S. etc. L. M. Eng; L. R. C. P. Edin; Member of the Committee of Management of the Bombay Branch ot the Royal Asiatic Society; Fellow of the Geographical Society of Italy, Corresponding Member of the Asiatic Society of Natural Sciences of Trieste; Fellow of the University of Bombay; Member of the I. R. Zoological and Botanical Society of Vienna etc.

E. — *Notes on the history and antiquities of Chaul and Bassein by — illustrated with seventeen photographs, nine litographic plates and a map. Bombay, Thackner, Vining etc. Company.* 8 º gr., XVI, 262. pag.

É dedicada esta obra ao Sr. Francisco Caetano da Cunha, ultimo logar tenente commandante da fortaleza de Baga.

II. *Introducção ao estudo da sciencia da vida.* Bombaim, 1868.

III. *An historical and archaeological sketch of the Island of Angediva.* Bombay, 1875.

1563) ÇURITA (GERONYMO).

E. — I. *Los cinco libros primeros de la primera parte de los Anales de la Corona de Aragon, compuestos por —.* 1562, 4 vol. fol.

Ha varias edições d'esta obra. A historia d'este auctor chega até ao anno de 1492, e é indispensavel para aquelles que tiverem de escrever minuciosamente ácerca dos primeiros tempos da nossa monarchia, sempre entrelaçada com a dos varios reinos, em que o solo hespanhol estava antigamente retalhado.

II. *Indices rerum ab Aragoniae regibus gestarum ab initiis regni ad annum* 1410. *Cesarae Augustae,* 1578 fol.

1564) CUTILLAS (FRANCISCO).

E. — *Cartas de S. Francisco Xavier.* Madrid, 1752, 2 vol. 8.º

D

«Ii, quam acerrimo studio re diu multumque agitata, astrolabium denique instrumentum, quod antea ad colligendos stellarum motus dumtaxat astronomi adhibere consueverant, praeclaro sane inventum ad usum rei maritimae transtulerunt: ac pari solertia declinationum tabulas confecere, quibus hodie nauclerí ad explorandam locorum (quamadmodum cosmographi appellant) latitudinem utuntur: ut non parum, hoc etiam nomine, tota Europa Lusitaniae debeat.»

MAFFEJUS, *Historiarum Indicarum*, lib. I. pag. 8. (Bergomi, 1747)

1565) DAMA PORTOGHESE.
E. — *L'amore senza Fortuna, o sia Memorie d'una* —. Venezia, 1794, 2 vol., 12.°

1566) DARELL.
E. — *East India trade first discouvered by the English* London, 1651.

1567) DELATTRE (FRÉDERIC).
E. — *Le Portugal et la Révolution espagnole*. Paris, 1869

1568) DESCRIPCION ESTADISTICA Y GEOGRAFICA *de España y Portugal en la cual se dá una noticia bastante detallada de las provincias, ciudades y villas de ambos reinos, su extension, poblacion, manufacturas, distancias, latitud, longitud etc Escrita en ingles. Traducida y aumentada con notas por D. Pedro Ferrer y Casaus*. Madrid, 1817.

1569) DESFONTAINES (ABBÉ).
E. — *Traduction de l'Histoire du détrônement d'Alphonse VI, roi de Portugal, traduite de l'Anglois*. Paris, 1742, 8.°

1570) DIE PORTUGIESISCHE THRONFOLGE *bei berau launung der Thronbesteigung Sr. allergetrensten Magestat Dom Pedros V.* 1854.

1571) DIE REYZE VAN LISSABON *naar het eylandt Nagraria in groot Indien geleghen voorbi Callicuten en Gutschi*. Antwerpia, 1508, T. Com-

pans, pag. 281. (Viagem de Lisboa á Ilha da Negraria, situada na grande India, além de Calecut e de Gutschi).

1572) DIEZ (FRIEDRICH).

E. — *Uber die erste portugiesische Kunst-und Hofpoesie.* Bonn, 1863.

«É o creador da *Grammatica geral das linguas romanicas*, e como tal não só pelo modo como estudou a lingua portugueza, como pela acção que exerceu em Portugal sobre os estudos romanicos, é digno da maior veneração. Escreveu especialmente sobre a epocha dos trovadores portuguezes, *Uber die erste portugiesische Kunst-und Hof poesie, von Bonn*,1863. 8.º, IV, 142 pag. Neste estudo caracterisa as principaes escolas trobadorescas portuguezas, e lança as luzes pelo estudo comparativo entre as creações de Gil Vicente e a dos *Cancioneiros palacianos,* para que se investigue as origens tradicionaes da nossa poesia do seculo XII a XIV.» [1]

1573) DOZY (R.) E ENGELMANN (W. H).

E. — *Glossaire des mots espagnols et portugais derivés de l'Arabe.* Leyde,

1574) DRABYMON (J. D).

E. — *Fuora Villaco; c'est à dire: la liberté de Portugal. Auquel se montre le droit chemin, et vrais moyens de resister á l'Effort du Castillan, rompre la trace de ses desseins, abaisser son orgueil, et ruiner sa puissance.* Veja N.º 380.

* 1575) DUCKETT (Dr. Richard.) V. o art. n.º 368. — Vice presidente do collegio inglez de S. Pedro e S. Paulo.

E. — *Sermão do inclito martyr S. Lourenço, pregado na Egreja Parochial de Carnide, em 11 de agosto de 1872.* Lisboa, 1872.

1576) DUNSTAN (Padre). — Religioso da Ordem de S. Jeronymo no extincto Convento de Belem.

E. — *O estrangeiro em Portugal ou vida e aventuras do —. Escripta em francez por elle mesmo, e traduzida em portuguez por —.* Lisboa, Imprensa Nevesiana, 1846, 8.º, 39 pag.

Tracta-se da biographia d'um Irlandez, que tendo no reinado de D. João V vindo para Portugal servir em o nosso exercito no tempo da guerra da successão, e tencionando fixar sua residencia em Portugal, por causa de graves desgostos domesticos, disse adeus ao mundo, indo professar no Convento de Belem, do qual passou para o da Pena em Cintra com o designio de n'este terminar seus dias.

[1] Palavras do Ex.mo Sr. Theophilo Braga.

FRIEDRICH DIEZ

E

«Les communications qui existent entre l'Orenoque et l'Amazone sont un des phenomènes les plus remarcables de la géographie physique. Les Portugais annoncerent ce fait il y a plus d'un démi siècle, mais les geographes à systeme se liguerent pour prouver que de telles conjonctions des fleuves etaient impossibles. Aujourd'hui l'on n'a plus besoin ni d'analogies, ni de raisonnements critiques. M. de Humboldt a navigué sur ces rivières.»

MALTE-BRUN, *Geographie*, vol. II.

1577) EDWARD (ALEXANDER JAMES).
E. — *Sketches in Portugal during the civil war of* 1834. London.

1578) EINIGE NACRICHTEN VON DER PORTUGIESISCHEN *Litteratur, und von Buchern, die uber Portugall, geschrieben fiud.* Francfort, 1779, 12.°

1579) EISCHORN. — Allemão.
Pela pag. 303 da *Historia de Portugal de Rabbe* vê-se que escreveu ácerca do reinado do nosso infeliz monarcha Affonso VI.

1580) ELISABETH (MARIE — CLARETTA).
E. — *Vita di Maria Francisca Elisabetta di Savoia Nemours, Regina di Portogallo. Con note e documenti inediti.* Torino, 1865, 8.° gr., 312 pag.

1581) ERASMO.
Dizem que aprendera de proposito o portuguez para ler no original as obras do nosso Gil Vicente. Bougeault [1] diz que Erasmo o achava mais comparavel com Terencio, do que com Plauto.

No 1.° volume das obras d'este celebre escriptor, impresso em Leyde, apparecem os seguintes epitaphios, que lhe foram feitos pelo nosso compatriota Diogo Pereira.

[1] *Histoire des Litteratures*, vol. III, pag. 462.

Primeiro epitaphio em grego

Αθανατος σοφίαν, ζῶην δε θνητος Ερασμος
Ωδ' εν τοις κολποις κρυπτεται Ελβετιας.
Γαια μεν οιμωζει, μακρος συγχαιρει Ολυμπος
Αυτη οτι ςταρται, αυτος οτι μετεχει.[1]

Segundo epitaphio em grego

Ενθαδε κειται ανηρ θειος τρισεραςΊος Ερασυος,
Ψυχα δε των μακαρων οικον ολυμπον εχει.[2]

Terceiro epitaphio bilingue

Quod bonus, atque pius fueris, quod doctus, Erasme
Τουτογε τοις αγαθοις πασι δια ςΊοματος
Quod non ipse tuos mores culpaverit unquam
Ζῶιλος, ουκ αυτος Μωμος, Ερασμε, *neget*,
Quod divorum auges numerum novus incola cœli,
Δεικνυτο η αρετη τουτο, τεος Ίε βιος.
Quod proferre parem valeant tibi secula nostra,
Μη νεμεσις ρητοις, τουτο μεν αδυνατον.[3]

1582) ESSAI STATISTIQUE SUR LE PORTUGAL. Bordeaux, 1810.

1583) EXERCISES UPON THE DIFFERENT PARTS *of the portuguese language, refering to the rules of Vieyra's Grammar.* London, 1824, 12.°

1584) EXPOSÉ DE LA CONDUITE POLITIQUE *du consul géneral de Portugal pendant les derniers événemens de la République Orientale de l'Uruguay, avec la réfutation des calomnies publiées par le Gouvernement de Montévideo, dans le décret qui le suspend de ses fonctions, et qui le renvoye de cette ville.* Buenos Ayres. Imprimerie de l'Etat, 1843, 4.°, 93 pag. Ao lado de cada pagina traz uma versão para portuguez.

Tinha o nosso consul sido mandado sahir de Buenos Ayres por causa de accusações que lhe faziam, e por isso escreveu o referido opusculo, em que se justifica.

1585) EXTRAIT DES RELATIONS *et des lettres venues de la Chine et de Macao á Rome au mois de septembre de* 1711. Chassonnery, pag. 75.

[1] Erasmo, que he immortal na sabedoria, provou com tudo que era mortal na vida do corpo; e assim está occulto nas entranhas da terra Helvecia. O mundo o prantêa, em quanto o excelso Olympo se congratula, aquelle de o perder, este do o possuir.

[2] Aqui jaz o homem divinal, o amabilissimo Erasmo. A sua alma porém tomou assento na habitação dos bemaventurados.

[3] V. Fr. Fortunato de S. Boaventura, *Memoria do começo, progressos e decadencia da Litteratura grega em Portugal desde o estabelecimento da Monarchia até ao reinado do D. José. (Nas Memorias da Academia Real das Sciencias*, vol. VIII).

F

«Quelque ignorée que soit de nos jours la littérature portugaise, je ne crains point d'affirmer qu'on peut la regarder comme aussi riche que celle des Espagnols, et qu'elle eût acquis bien plus de célébrité si une affreuse commotion politique n'avait arreté son essor; elle a d'ailleurs le mérite incontestable d'avoir donné à l'Europe son premier epique moderne.»

F. Denis, *Resumé de l'Histoire litteraire du Portugal.*

1586) FABREGAS (D. SEBASTIAN). — Professor de geografia universal en los colegios de humanidades de Madrid.

E. — *Novissima geografia universal de España y Portugal, por Adrian-Balbi, traducida de la ultima edicion de Paris, y aumentada considerablemente por —. Nueva edicion, refundidos los dos tomos en uno.* Madrid, 1851.

1587) FALKENSTEIN (NICOLAU LANKMANO).

E. — *Historia disponsationis et coronationis Frederici III et conjugis ipsius, auctore.*

Esta interessante historia dos desposorios do imperador Frederico III com D. Leonor, irmã de D. Affonso V, rei de Portugal, publicada na obra latina intitulada *Rerum Germanicarum scriptores varii*, foi reproduzida nas *Provas da Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* de pag. 601 a 633, e extractada pelo Sr. Vilhena Barbosa no *Archivo Pittoresco.*

Ainda hoje no largo da egreja parochial de S. Christovão existe o palacio (se bem que muito alterado) em que foi celebrado este casamento.

1588) FABRICIO (VICENTE). — Professor de grego.

Veiu de Paris chamado por D. João III para ensinar grego na Universidade de Coimbra,[1] e onde se conservou até 1545.

Clenardo na sua epistola ad Christianos[2] refere que no tempo, em que el-rei D. João III fundava a Universidade de Coimbra, elle Clenardo fôra vel-a; porém, que estando então as escolas em ferias, não podéra fazer juizo das sciencias, que alli se liam, senão só da lingua grega, que o deixára assaz ma-

[1] Pedro de Mariz — *Dialogos de varia Historia*, pag. 478. (Ed. de 1674).

[2] Francisco Leitão Ferreira. — *Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra*, pag. 543. Este escriptor julga que Fabricio era allemão.

ravilhado, porque Vicente Fabricio (anno 1534) explicava Homero, não como quem o traduzia, mas como quem na mesma Athenas o estivesse lendo, e que da mesma maneira os discipulos imitavam o mestre, em fallar promptamente a lingua grega. V. Clenartz.

1589) FAURE. (H.)

E. — *Les plages portugaises,* —. Un mois a San Pedro de Muel.

1590) FAXARDO (D. DIEGO DE SAAVEDRA). — Padre hespanhol, nascido em Algezares na Murcia.

E. — *Corona Gothica Castellana y Austriaca, politicamente ilustrada en dos partes dividida por* —. *Cavallero de la Orden de Santiago, Del Consejo de su Magestad en el supremo de las Indias, y su Plenipotenciario para la paz universal.* En Amberes, 1677, fol.

Foi continuada esta obra até ao anno de 1210 por D. Alonso Nuñes de Castro, Chronista de su Magestad, e impressa na referida cidade, em 1678.

Qualquer escriptor que deseje tratar dos tempos, em que os godos dominaram na Peninsula Hispanica, encontra citadas n'esta *Coronica Gothica* uma immensidade de obras escriptas a respeito dos godos, as quaes poderá consultar com grande proveito. É quasi que como um guia bibliographico d'aquelles remotos tempos, apresentando trechos copiados dos originaes.

N'outra intitulada *Republica Litteraria,* diz Faxardo que o nosso Camões é honra de Portugal, meigo, amoroso, conceituoso e de grande genio lyrico e poetico. Agrupa a universidade de Coimbra com as mais celebres do mundo.

1591) FELIZ ANNUNCIO DE EL NASCIMENTO *de un principe deseado en el de una princesa aplaudido. Sermon gratulatorio por la dichosa entrada de la 4.ª princesa, infanta de Portugal a las luces de la vida.* Salamanca, 1746, 4.º

1592) FORTEA (D. MANOEL).

E. — *Elogio de Sto Antonio de Padova, predicado en la parochia de Sta Catalina, Martir de Valencia.* Valencia, 1800.

* 1593) FORTIS (LEONE). — V. o art. n.º 435.

E. — I. *Le ultime ori di Camoens, allo ospidale di Lisbona.* Scena dramatica in versi.

II. *Camoens, o un Poeta ed un Ministro. Dramma in cinque atti ed epilogo. Representato la prima volta in Torino nel teatro Carignano.* Turino (sem data) 30 pag. fol. Traz uma gravura representando Camões a escrever deitado na gruta de Macao. Foi representada pela primeira vez em 15 de fevereiro de 1851. Este impresso traz no principio o seguinte

Voto

«Il signor Fortis diede a rappresentare al Real Compagnia un seu dramma intitolato *Un poeta ed un ministro.* Nel porlo in scena parve ad alcuno di rav-

visarvi in certi punti dell'imitazioni di un altro dramma originale francese dal titolo *Camoens*. dei sigg. *Victor Perrot* e *Armand du Mesil*.....

«Chiamati i sottoscritti ad esaminare i due drammi, dopo attenta lettura dei medesimi, credono di poter affermare, che quantunque si aggirino entrambi sul medesimo argomento, pure nella tessitura e nei caratteri diversificano talmente fra di loro, che quelle del signor Fortis si può stimare veramente originale.»

1594) FOSSA (JOÃO).

E. — *Efflatio pulveris adversus Emmanuelis Alvari e Societate Jesu grammaticas institutiones ab Orlando Pescessio Veronae excitati*. Romae.

É uma refutação á critica feita por Orlando Pescessio, e impressa em Verona contra a celebre *grammatica latina* do padre Manoel Alvares.

«Nossa he Roma, porque na fonte da lingua latina se ensina esta pela Arte do Padre Manoel Alvares nosso Portuguez. Pela mesma razão nossa he Italia, Napoles, Sicilia, Sardenha, Allemanha, alta e baixa, Dinamarca, Suecia, Polonia, Lituania, e ainda Mascovia, porque ahi domina a honra do nome portuguez, onde nas Escolas e Universidades se ensina a lingua latina pela arte, que hes deu hum portuguez.» [1]

1595) FOX.

E. — *A Dictionary of the Ceylon-portuguese, singalese and english languages. A compendium of the Ceylon-portuguese language.* Colombo, 1859.

1596) FRANK.

Um escriptor d'este nome publicou um trabalho relativo ao casamento de D. Leonor, a irmã de D. Affonso V com o imperador de Allemanha Frederico III. Não me foi possivel até hoje ver um exemplar da referida obra.

Ácerca d'este casamento póde ver-se a obra *Os portuguezes nos Concilios Geraes* do nosso A. Pereira de Figueiredo, pag. 52.

1597) FULGONIO (FULVIO).

Diz um jornal que o poeta aqui mencionado acaba de publicar um libreto para uma opera intitulada *O louco de Evora*, composta por Emilio Ferrari.

[1] Francisco da Costa Eborense—*Contramina Grammatical* (Evora, 1731) no Prologo

G

«Lisbon is the greatest Port in Europe, except London and Amsterdam. The Venetians, Genoese, and other maritimo powers in the Mediterranean, used to transport the Indian Merchandize to Europe, and grew immensely rich by that traffic, have declined ever since the Portugueze brought the riches of India to Europe by the way of the Cape.»

SALMON, *A new geographical and historical grammar.*

1598) GALINDO (GABRIEL).

E. — *Epistula in Tentativam Theologicam R. Patris Antonii Pereirae, Congregationis Oratorii Presbyteri, ac Lisbonensi Sapientissimi Theologi. etc.* Matriti, 1767.

A esta censura á celebre *Tentativa Theologica* respondeu seu auctor n'um opusculo latino, intitulado: *Responsio Apologetica*, Olisipone, 1769.

1599) GALLOWAY.

E. — *Conduite du conte de —, en Espagne et en Portugal, traduit de l'anglois.* Rotterdam, 1711, 8.º

1600) GARIBAY, (ESTEVAN DE — Y CAMALLOA). — De nacion Cantabro, vezino de la villa de Mondragon de la Provincia de Guipuzcoa.

E. — I. *Los quarenta libros del Compendio Historial de las Chronicas de todos los Reynos de España. Dirigidos al dotor Monserrate Ramon, y del consejo de su Magestad, en el Principado de Cataluña.* Barcelona, 1628, fol.

Apparece n'esta obra (que começa na creação do mundo, como era moda n'aquelle tempo) uma *Historia de los Reys de Portugal.* (fórma o livro 34 e 35).

1601) GATTEL.

E. — *Mémoires de Sébastien Joseph de Carvalho et Melo, comte d'Oeyras, Marquis de Pombal, traduites de l'Italien.* Lyon, 1784, 4 vol. 8.º

1602) GAYANGOS (D. PASCHOAL). — Arabista hespanhol.

Escreveu na *Revista Española de Madrid* um artigo contra Odorico Mendes, no qual pretende que o celebre romance portuguez intitulado *Palmeirim de Inglaterra*, é obra d'um hespanhol. (V. BENJUMEA no *Supplemento.*)

Escreveu tambem contra Antonio Caetano Pereira a respeito dos textos arabes que fallam da batalha de Ourique. Como todos sabem, o primeiro asseverava que as referidas passagens diziam ser a batalha de Ourique muito importante, e o segundo diz-nos que nos textos arabes se encontra exactamente o contrario.

1603) GERARDI ANT.

E. — *Breve relatione della vita e miracoli di S. Isabella gloriosa Regina di Portogallo*, Roma, 1625.

1604) GERVINUS.

«*Na Historia do seculo* XIX, obra gigante, escripta com os mais profundos sentimentos liberaes, acham-se discutidos com a maxima clareza todos os successos da Historia moderna de Portugal, sobre tudo comparados com os factos da politica europêa, que actuaram entre nós.» [1]

1605) GHOST (THE) OF HARCOURT *and the fair maid of Portugal.* London, 1803. (O espirito de Harcourt e a linda donzella de Portugal).

1606) GIEDROYE (PRINCE ROMUALD)

E. — *Resumé de l'histoire du Portugal au XIX siècle.*

A respeito do auctor, que diz ser austriaco, e da obra veja-se o N.º 6865 do *Jornal do Commercio.* O principe Giedroye faz tambem os maiores elogios aos portuguezes por causa dos melhoramentos operados em Portugal nos tempos modernos.

1607) GIRANDEAU (ADRIEN).

E. — *Don Juan ou Lisbonne sauvée, tragedie en vers par* — Paris, 1830.

1608) GIRARD (AIMÉ). — Chymico francez

Escreveu um livro intitulado *Estudo sobre as marinhas e industria do sal em Portugal*, que offereceu á nossa Academia Real das Sciencias.

1609) GONZALÈS (R. P.)

F. — *Rélation abregée de la nouvelle persécution de la Chine, tirée de la rélation composée a Macao, par les missionaires de l'Ordre de Saint Dominique, qui ont eté chassés de cette mission.* Catalogue de la Maison Chossonnery.

1610) GRAMMATICA PORTUGUEZA *para uso dos inglezes.* Londres, 1751, 8.º gr.

Compõe-se de duas partes: a 1.ª escripta em inglez, e a 2.ª em portuguez. Por um pequeno prefacio em portuguez que precede a 2.ª parte, vê-se que o auctor sabia mal o nosso idioma.

[1] Devo tambem este artigo ao Ex.mo Sr. Theophilo Braga.

1611) GRAS (A. LE).

E. — *Description des côtes du royaume de Portugal.* Paris, 1869, XII.

1612) GRUZMACHER (DR.)

Publicou em 1865 uma descripção do *Cancioneiro portuguez* da Bibliotheca do Vaticano, contendo um excerpto com 12 canções. Acha-se a referida descripção no *Johrbuch fu romanische und englische Litteratur*, Bonn: vol. VI, pag. 351 a 361.

1613) GUEVARA (ANTONIO DE).

E. — *Libro llamado de privados y doctrina de cortisanos. Libro llamado Menosprecio de Corte y Alabança de Aldea dirigido al muy alto y muy poderoso señor Rey de Portugal D. Juan III. — Libro de los inventores del arte de marear y de muchos trabajos que se passan en las galeras.* Anvers, 1539.

Do Menosprecio de Corte etc. ha outra edição, impressa em Barcelona, no anno de 1613.

1614) GUIRAUD (PIERRE MARIE THEREZE ALEXANDRE). — Poeta tragico francez, fallecido em 1847.

E. — *Inès de Castro. Tragedie.*

H

«Je ne crains point de dire que les Portugais ont fait peut-être autant que les Anglais eux-mêmes pour l'étude des langues orientales. Ils ont acquis surtout une grande supériorité dans la connaissance du chinois et du japonais.»

F. Denis, *Resumé de l'Histoire litteraire du Portugal.*

1615) HAENEL (GUSTAVE FREDERIE). — Jurisconsulto allemão nascido em Leipzick no anno de 1792.[1]

E. — *Catalogi librorum manuscriptorum, qui in Bibliothecis Galliae, Helvetiae, Belgiae, Britanniae Magnae, Hispaniae, Lusitaniae, asservantur.* Leipsick, 1829, 4.°

(Catalogo dos manuscriptos, que se guardam nas Bibliothecas de França, Suissa, Belgica, Inglaterra, Hespanha, e Portugal).

Vi um exemplar (o unico até hoje) em casa do fallecido dr. Velloso, medico no Porto, ha vinte annos. Catalogo completo, porém não o pode ser. Possuimos em nossas Bibliothecas milhares e milhares de manuscriptos, e alguns d'elles importantissimos, e cuja publicação redundaria em gloria para Portugal, principalmente a de alguns, que se guardam na Bibliotheca da Ajuda.

1616) HAGEN (DE KŒNIGSBERG).

Escreveu a respeito dos insectos da ilha da Madeira no vol. x da *Linnanea Entomologica.* — V. *Robert White,* Madeira, pag. 273.

* 1617) HARDUNG (VICTOR EUGÈNE). — V. o art. n.° 543.

E. — *Romanceiro portuguez, coordenado, annotado e acompanhado d'uma introducção e de um glossario, por* —. Leipsig, 1877. 2 vol. 8.°

«Formam parte da collecção de Brockaus, dos auctores portuguezes, t. vii. e viii. Comprehende este romanceiro todo o romanceiro de Garrett, (exceptuando os romances *A Peregrina e Bernal Francez),* parte do romanceiro do Algarve do Sr. Estacio da Veiga, e o Romanceiro geral e contos populares do Archipelago Açorianno, do Sr. Theophilo Braga. Na sua introducção, Hardung historia os modernos estudos sobre a poesia popular em Portugal, e conclue com estas promessas: «Intenciono publicar em breve uma *Historia da poesia*

[1] Vapereau.—*Dictionnaire des Contemporains,* pag. 843.

dos romances em Portugal, a qual espero ministrará aos numerosos amigos d'este genero de creações poeticas bastantes recursos para penetrarem na comprehensão intima d'estas composições da alma popular, tão dignas de attenção e de estudo minucioso.»

Este escriptor veiu expressamente a Portugal com o fim de aprender a lingua portugueza, e nos jornaes de Colonia publicou alguns artigos sobre os nossos costumes. [1]

1618) **HARPE (LA).** — Celebre critico e poeta francez.

Le génie des Tempêtes

Ce hardi portugais, Gama, dont le courage
D'un nouvel océan nous ouvrit le passage,
De l'Afrique déja voyait fuir les rochers;
Un fantôme du sein de ces mers inconnues
S'élevant jusqu'aux nues,
D'un prodige senistre éffraya les nochers.

Il étendait son bras sur l'élément terrible;
Des nuages épais chargeaient son front horrible,
Autour de lui grondaient le tonnerre et les vents;
Il ébranla d'un cri les demeures profondes,
Et sa voix sur les ondes
Fit retentir au loin ces funestes accents:

«Arrête (dissait-il), arrête, peuple impie;
Reconnais de ces bords le souverain génie,
Le dieu de l'Océan dont tu foules les flots!
Crois-tu qu'impunément, ô race sacrilége,
Ta fureur qui m'assiége
Ait sillonné ces mers qu'ignoraient tes vaisseaux?

Tremble, tu vas porter ton audace profane
Aux rives de Mélinde, aux bords de Taprobane,
Qu'en vain si loin de toi placèrent les destins.
Vingt peuples t'y suivront; mais ce nouvel empire
Où tu vas les conduire
N'est qu'un tombeau de plus creusé pour les humains.

J'entends des cris de guerre au milieu des naufrages,
Et les sons de l'air rain se mêlant aux orages,

[1] Devo estes esclarecimentos ao Ex.mo Sr. Theophilo Braga, dignissimo lente do Curso Superior de Lettras, e a quem a litteratura portugueza deve relevantes serviços. O Sr. Theophilo escreveu no jornal portuense *A Actualidade* uma biographia e estudo critico sobre o *Cancioneiro d'Evora*, publicado por Hardung.

Et les foudres de l'homme au tonnerre des cieux.
Les vainqueurs, les vaincus, deviendront mes victimes;
Au fond de mes abîmes
Leurs coupables trésors descendront avec eux.»

Il dit, et, se courbant sur les eaux écumantes,
Il se plongea soudain dans ces roches bruyantes,
Ou le flot va se perdre, et mugit renfermé.
L'air parut s'embraser, et le roc se dissoudre,
Et les traits de la foudre
Éclaterènt trois fois sur l'écueil enflammé.

(*La Harpe*, Ode sur la navigation.)

1619) HARZÉ (ANATOLE).
E. — *Stances á Sa Magesté D. Maria Pia, Reine de Portugal.*
Esta poesia foi impressa em Lisboa, em 1877, embora tenha sido escripta em Liège. É em 4.º grande, com 8 paginas.

1620) HEER.
E. — *Ueber die fossilen Pflanzen von San Jorge und Madeira.* Zurich, 1855.

1621) HERBA (D. MANOEL FERNANDEZ). — Escriptor hespanhol, residente em Lisboa.
«*La Ilustracion española y americana.* Traz o retrato do fallecido marquez de Sá da Bandeira, com as noticias biographicas, que lhe foram remettidas pelo sr. dr. D. Manoel Fernandez Herba, que ha tempo reside entre nós, e que é incontestavelmente um dos talentos, que honram o seu paiz. O sr. dr. D. M. Fernandez tem escripto varios artigos scientificos e politicos de Hespanha e America, e é um dos maiores admiradores das nossas glorias.» [1]

1622) HERPIN (GUSTAVE)
E. — *Chronologie des rois de Portugal.* Paris, 1866, 4.º

1623) HILAIRE (BARTHELEMY ST.)
«No *Dicctionnaire des Sciences Philosophiques*, de Franks, acha-se sob o titulo de *Philosophie Conimbricense*, um rapido e excellente estudo sobre a phase do Aristotelismo em Portugal no seculo XVI, cujo centro principal era o Collegio das Artes de Coimbra. Este estudo foi traduzido na *Historia da Philosophia* em Portugal pelo Sr. dr. José Joaquim Lopes Praça.»

1624) HISTORIA DE LA VIDA Y MUERTE *del glorioso San Juan de Dios.* Madrid, 1674, 4.º

[1] *Diario de Noticias*, n.º 3573.

1625) **HISTORIA DE LAS REVOLUCIONES** *de Portugal, de Vertot, traducida en lengua castellana.* Leon de Francia, 1747, 12.°

1626) **HISTORIA DE PORTUGAL.** — Comedias que sobre ella se encontram no corpo do Theatro hespanhol.

Acclamação de D. João IV, por Cristobal Ferreira. — *Adversa fortuna del Infante Don Fernando de Portugal*, por Lope Vega. — *Affonso de Albuquerque*, D. Manoel Gallego. — *Amantes portugueses, y querer hasta morir*, pelo dotor Don Christobal Zagano. — *Auto del levantamento de Portugal* (anonymo). — *Banquete que hiza Apollo à los Embajadores del Rey de Portugal Don Juan IV*, por Pereira Bracamonte. — *Dicha del Forastera* (La Portugueza y —) por Lope de Vega. — *Divino portuguez, San Antonio de Padua*, por Montalban. — *Don Juan de Castro*, primera y segunda parte, por Lope. — *Don Manuel de Sousa, ó el Naufragio prodigioso y principe trocado*, por Lope de Vega. — *D. Ines de Castro, Reina de Portugal* (tragedia) pelo Licenciado Mejia de la Cerda. — *Dona Ines de Castro* (inedita) de Lope de Vega. — *Entiada de D. Felipe en Portugal*, por Manoel de Gallego. — *Fama posthuma portuguesa*, Tragicomedia del illustre baron Martin Vaz Villasboas, pelo dr. Juan Antonio de la Pena. — *Jornada del Rey D. Sebastian en Africa* (Ms. de 1632, pertencente a D. Agustin Duran). — *Lealdad en el agravo: En la mayor lealdad mayor aperio, y favores del cielo en Portugal.* — *das Ruinas de Portugal*, por Lope de Vega. — *La Mogiganga de Dona Ines de Castro*, con el titulo de: *Baben, morir y vivir*, por D. Alonso Martin Bahanes. — *Numero falso de Portugal*, por tres hygenios. — *Princepe constante, y Martyr de Portugal*, por Calderon. — *Ruinas de Portugal*, por Fixo de Molina. — *Recebimento del Rey de Portugal* Archiduque. — *Rey Don Pedro en Lisboa.* — *Rey Don Sebastian fingido* (inedita) por D. Diego, duque de Entiada. — *Rey Don Sebastian, y Portugues não heroico*, por D. Francisco de D. Villegas. *Reyna despues de morir* (Dona Ines de Castro) por Luiz Velez de Guevara. — *San Antonio de Padua*, por D. Juan Salvo y Vella. — *San Francisco Xavier:* El sol en Oriente, por padre Callega. — *San Gil de Portugal*, por Matos Fragoso. — *Santa Isabel, Reyna de Portugal*, por Rija Zanilla. — Outra, por Villaflor. — *Silva portugueza.* — *Vida y muerte de la Muja de Portugal*, por Mira de Amescena.

(Póde consultar-se com vantagem o *Catalogo* de Banera y Leyrado, sobre este artigo). [1]

1627) **HISTOIRE DE PORTUGAL,** *contenant les entreprises, navigations, et gestes memorables des Portugallois, tant en la cõqueste des Indes Orientales par eux descouvertes, qu'ès guerres d'Afrique et autres exploits, depuis l'an* 1496 *joisques à l'an* 1578, *sous Emmanuel premier, Jean troisième et Sebastian, premier du nom, Comprise en vingt livres, dont les douze premiers sont traduits du latin de Jerosme Osorius, et les huit suivants pris de Lopes de Castagnede et d'autres historiens. Nouvellement mise en français par S. J.*

[1] Noticia dada pelo Ex.mo Sr. Theophilo Braga.

S. avec un discours du fruit qu'on peut recueillir de la lecture de cette histoire et ample indice des matières pricipales y contenues. Paris, 1581. fol. de XII, 762, pag.

1628) HISTORIA DE PORTUGAL *por M. Ferdinand Dinis, conservador de la biblioteca de Sta Genoveva. Traducida por uua sociedad literaria.* Barcelona, 1845.

1629) HISTORIA NATURALIS BRASILIAE. *Lugduni Batavorum* 1648, fol.

1630) HISTOIRE DE DOM RANUCIO D'ALÉTÈS. Venise, chez Antonio Pasquinetti, 1752, 4 partes, 1 vol.

«Romance de costumes mui picante. Encontram-se n'elle, principalmente, curiosos pormenores ácerca da vida dos licenciados e dos frades em Portugal.» [1]

1631) HISTORY (A NEW) *of the East-Indies, ancient and modern. In two volumes.*

Vol. I. — *Containing the Chorography, Natural history, Religion, Government, Manners, and Customs, Revolutions etc. of those Countries.*

Vol. II. — *Containing an Essay towards a History of the Commerce of the several Nations of Europe to the East-Indies. Shewing the rise, progress, and present State of that trafic; as carried on by the English, Dutch, French, Portuguese, Sweden and Danes, from the first discovery of a new Rout to the Indies, round the Cape of Good Hope, to the present time.* London, Printed for R. and J. Dodsley in Pall-mall. 1757. 2 vol. 8.°, 1.° de 480 pag. 2.° 595.

Uma declaração no principio d'esta obra diz-nos que o 1.° vol. foi traduzido do engenhoso escriptor francez o abbade de Guyon, e o 2.° escripto originalmente em inglez, exceptuando a historia da Companhia franceza na India, que tambem pertence ao auctor acima mencionado.

A historia das descobertas portuguezas começa a pag. 231 do 1.° vol. Diz que o infante D. Henrique parecia um prodigio. Pergunta que direito tinham os portuguezes para irem conquistar a India?

«Os chefes das colonias (pag. 256) de commercio e navegação, que nunca tinham podido perder de vista este essencial objecto, em nada mais pensavam senão em fazerem descobertas e conquistas, construir fortes, desviarem o commercio dos mahometanos, chaldeos, e mesmo dos indigenas, e tudo remettendo para Portugal. Póde-se assim dizer que elles se tornaram soberanos do maritimo das Indias e das ilhas adjacentes, das quaes extrahiram immensas riquezas em oiro, pedras preciosas, especiarias, madeiras valiosas, drogas, tecidos, que revendiam aos mercadores europeus pelo preço que elles queriam. Foi por aquellas violentas incursões, que espalharam o terror por todas as

[1] *Catalogue d'ouvrages et pièces rares de A. Chossonnery.* Paris, 1877, pag. 43.

partes; e fizeram estabelecimentos ao longo da costa do Malabar e de Coromandel, no golpho de Bengala, e em varios reinos da Asia. etc. etc.

A pag. 305 começa uma breve descripção da Inquisição de Goa, da prisão mr. Tavernier em 1648, e dos templos da cidade, cuja a maior parte eram construidos e adornados com assombrosa magnificencia. Os Jesuitas, entre outros, teem cinco egrejas aqui, muito ricas, como se póde ver na Relação de Mandelslo.

«O padre Bouchet, missionario Jesuita, n'uma carta escripta de Pondichery em 1 de abril de 1719 assim falla de Goa: «Vemos aqui por toda a parte mui bellas casas, e jardins commodos e agradaveis, e bosques de palmeiras dispostas em linha, que formam avenidas que se prolongam tão longe, que chegam a perder-se de vista.

«A cidade outr'ora sómente se podia comparar, e mesmo em muitas cousas era superior, com as mais bellas cidades na Europa; mas já não é o que era ha uns sessenta annos atraz. No entanto ainda por aqui ha alguns bellos edificios. O palacio do vice-rei e o do Inquisidor são perfeitamente magnificos.» (pag. 308) D'aqui por diante o auctor descreve as terras, que ainda pertenciam a Portugal, ou já estavam no dominio dos hollandezes, e nunca perde occasião de referir as infamias praticadas pelos nossos antepassados. Eu não os procuro defender, pois alguns actos não teem defesa possivel, mas qual é o paiz que não tem paginas negras na sua historia? Qual é hoje o povo na Europa, que se fia n'outro? Taes são os exemplos que as nações modernas nos teem apresentado!

A pag. 154 do 2.º vol. começa a historia do commercio portuguez na India.

1632) HISTORIEN DER KONIGREICH, *Hispanien, Portugal, und Aphrica, daraufs dam zu sehen in welcher Zeit souderlich Portugal seinen Anfang genonmen, u. s. w..... Auch von dem iibel angeordneten Hriegzug Sebastians in Aphrica. u. s. w. Damerher allerley Unshu in dem Honigreich Portugal erwachsen. Wie Don Anthonio.... vermeynte Koning in Portugal zu werden.... Auch das Konigreich Portugal widerums zur Eron Spanica gebracht worden..... Auss dem Italiamischen durch Albrecht Fiirsten in das gebracht.* Minchen, Adam Berg, 1589.

* 1633) HODJES, (G. LLOYD). — V. o art. n.º 604.

E. — *Narrative of the expedition to Portugal in* 1832, *under the orders of his imperial Majesty Dom Pedro, Duke of Bragança* London, 1833. 2 vol. XIII, 333, 334 pag.

1634) HOLLAND (LORD).

E. — *Recordations diplomatiques.* Ha varias edições.

O biographo de D. João VI deve ler esta obra, na qual se descrevem varios personagens importantes da politica portugueza no reinado de este infeliz monarcha.

1635) HONORATI (PADRE ANTONIO). — Da Companhia de Jesus.

E. — *O Chrysostomo portuguez, ou o padre Antonio Vieira da Companhia de Jesus, n'um Ensaio de Eloquencia compilado dos seus Sermões, segundo os principios da Oratoria Sagrada.* Lisboa, Typographia de Mattos Moreira.

O auctor é Italiano de nação, porém maneja perfeitamente a lingua portugueza. Este trabalho é original.

1636) HUGHE (JOSEPH.) — A gentleman residing at Lisbon.

E. — I. *Authentick letter to his friends in London, containing several curious and interesting particulars in relation to the late Conspiracy against the king of Portugal; with a circumstantial and affecting account of the behaviour of the principal conspirators at the place of execution.* London, 1759.

II. *Full, clear and authorized account of the late conspiracy in Portugal, and the horrid attempt on the life of his most faithful Majesty.* London, 1759.

III. *Full and clear account of the late Conspiracy against the life of his most faithful Majesty the king of Portugal, and of the base attempt and terrible execution of the Chief of the Conspirators, with a circumstancial and affecting account of their behaviour.*

1637) HUMFREDO (LAURENTIO).

E. — *Joelli Episc. Sarisburiensis Vita et Mors. Ejusque verae doctrinae defensio, com refutatione quorumdum objectorum, Th. Hardingi, Nic. Scandari, Alani Copi, Hieronimi Osorii, Pentaci Burdegalensis,* Londini, 1573. (Vida e morte de Joel, Bispo de Salisbury. E defeza de sua verdadeira doutrina, com a refutação de algumas asserções, de Thomaz Harding. Nicolau Scandari, Alano Copi, Jeronymo Osorio, e Pontoci Burdegalense).

I

«Com el feliz casamento de los principes Don Enrique y Doña Cathalina, se quitò el Rey Don Juan de acuestas un enimigo muy grande, qual era el de Alencastre, con todo el poder de Inglaterra. Pareciole ya con esto estar desocupado, para bolver á dar en Portugal, pero esso fuera si se dormiera el Portugués, el qual no solo cuidaba de lo que llamava, y ya lo era, reyno suyo, sino que ossado y animoso trató de entrarse en Castilla. Acometió por la parte de Galicia. Sitio la Ciudad de Tuy. Apretola y tomola. Por medio de Fray Fernando de Ilescas, confessor del Rey, se trató de poner treguas. A este estado avia reducido la suerte las fuerzas y las armas de Castilla!»

LOZANO, *Los reyes nuevos de Toledo*, pag. 386.

1638) IGNEZ DE CASTRO: *a Tragedy by the Author of Rural Sonnets*. London 1846.

1639) IGNEZ DE CASTRO, Bailado, representado em 1820 e tantos no Theatro Real de Copenhague.

Dá esta noticia o Sr. Visconde de Castilho (Julio) a pag. 347 no drama em verso *D. Ignez de Castro*.

1640) INDIANISCH RAISS *von dreyen chrwiidigen Priestern der Soc. Jesu welche in Jahr Christi* 1618 *nach Goa geschifft mit Beveleh von dannen in China zu raisen etc.* Augsburg, 1620.

1641) INÈS DE CASTRO. *Tragedia lirica in tre atti, da rappresentarsi nell'teatro dell'eccellentissima citta di Barcelona, l'anno* 1839. *Poesia del Sr. Salvador Cammorano, la musica del Sr. José Persiani.* Barcellona 1839.

1642) INTORCETTA (PROSPERO).

E. — *Compendiosa narratione dello stato della missione Cinese, cominciado dall'anno* 1581 *fino al* 1669. Roma, 1662, 8.º

J

«Constituido ha sete seculos pelo braço robusto de D. Affonso Henriques, e occupando apenas uma orla estreita de terreno na extremidade occidental da Europa, o reino de Portugal ufana-se de ter alcançado um logar distincto no banquete da civilisação dos povos. Apontando para o grande vulto do condestavel D. Nuno Alvares Pereira, como symbolo do entranhado amor á independencia nacional, que tem constantemente animado a seus filhos, póde symbolisar egualmente nos nomes memorandos de Vasco da Gama e de Luiz de Camões a sua actividade e energia para os mais altos commettimentos, e a sua indisputavel disposição para a cultura das sciencias e das lettras. Os monumentos da Batalha e de N. Senhora de Belem, e o poema dos *Lusiadas*, serão com effeito em todo o tempo os brazões mais gloriosos, que attestem ao mundo o que pódem e valem os portuguezes.»

SR. FRANCISCO DE CASTRO FREIRE, *Memoria historica da Faculdade de Mathematica desde a reforma da Universidade em* 1772 *até ao presente.*

1643) JANTILLET (ALEIXO CALLOTES DE). — Official de linguas.[1]

E. — *Horas Successivas.*

N'este trabalho apparece a descripção da quinta dos Marquezes da Fronteira em S. Domingos de Bemfica.

1644) JEPHSON (R.)

E. — *Braganza. A tragedy.* London.

1645) JOHN CALLAWAY. — Wesleyan Missionary.

E. — *A Vocabulary in the Ceylon Portuguese, and english languages, with a series of familiar phrases, at Colombo, printed at the Wesleyan Mission Press,* 1820. 8.º 44 pag. Vi um exemplar em casa do Ex.mo Sr. Adolpho Coelho.

1646) JONES (EDWARD).

E. — *Defence of the Convention concerning Portugal, the* 30 *August* 1808.

[1] Cardoso — *Diccionario Geographico*, Vol. II, pag. 147.

1647) JOVIO (PAOLO). — Escriptor italiano celebre.

E. — I. *Elogios e vidas breves de los cavalleiros antiquos y modernos, illustres en valor de guerra que estan al bivo pintados en el Museo de — etc.* Granada, 1568 fol.

Epigramma de D. Miguel da Sylva cardeal de Portugal a Camilo Vitelo

En las antignas hystorias
De los passados leemos
Del Rey Pyrro los estremos
Y hazanõsas victorias
Que en carescer no sabemos
Y su muerte desastrada
Fue de tal constelacion
Que le mato una pedrada
De una muger arrojada
En desastrada ocasion
Y otro valeroso y fuerte
Capitan de yllustre zelo
Con acelerada muerte
Murio desta misma suerte
Que fue Camilo Vitelo
Caso estrano y no pensado
Que aviendo tanta distancia
Y tantos siglos passado
Viniesse a hazer su hado
Una misma consonancia.

N'este mesmo volume vem um elogio em verso hespanhol ao grã-capitan Gonçalo Hermandes de Cordova.

A fol. 126 apparece o elogio do portuguez Tristão da Cunha, a qual termina com a seguinte poesia.

«En este monte encerrado
Estoy aquel Elefante
Poderoso
Que de Oriente sujetado
Por el Rey Manuel pujante
Generoso
A Leon Papa excelente
En señal de vencimiento
Fuy traido
Y de la Romana gente
Con admirable contento
Recebido
Del pueblo con alegria
Fuy mirado y muy bien quisto
Con ventura
Por que mucho tiempo avia
Passado sin aver visto
Mi figura
Espantalo en bruto pecho
Ver que humano entendimiento
Se encubria
Tuvo la Parca en su pecho
Embidia de mi contento
Y alegria
De aquesta embidia nacio
Mi muerte, y todos mis daños
Sucedidos
Que servir no me dexo
Tan buen señor por tres años
Aun cumplidos.
Ventura corto la vida
Que a mi siglo se devia
De razon
Vos dioses dad la cumplida
Y con entera alegria
Al gran Leon»

Foi esta poesia composta por um poeta italiano, chamado Beroaldo.

Poesia composta por Pedro Angelo Bangeo em honra do retrato de David rei da Ethiopia, retrato trazido pelo portuguez Alvares.

II. *De la Historia general de todas las cosas succedidas en el mundo en estes cincoenta años de nuestro tiempo, etc.* Granada, 1566. fol.

Como é de suppôr esta obra trata desenvolvidamente das navegações e conquistas dos portuguezes, aos quaes tece os maiores elogios.

1648) JULES (LAU. M.)

E. — *Paralléle entre le marquis de Pombal et le Baron Haussmann.* Paris. 1869.

1649) JUSTIFICATIE VANDEN DOORLUCHTIGEN *D. Antonio Conuck van Portugael, d'eerste van dien Name, nopende d'Oorloghe die hy ghenootruct is teyhens den Coninck van Spaignien te vueren om in zyn Coninckrijck wederom ghestelt te werden.* Dordrecht, 1585.

K

«Aquel pueblo, salido de la restauracion castellana, formado de nuestra misma sangre, inspirado por nuestro mismo espirito, asombro del mundo, admiracion de nuestra raza, orgullo de nuestra familia, que dueno, y no en pacifica posesion, de poco mas de 3:500 leguas de territorio, en un olvidado rincon de Europa y en el limite occidental del mundo antiguo, alli donde surgian las brumas y comenzaba la furia del imenso cuanto desconocido Oceano, tuvo aliento bastante para lanzarse à las soledades de la mar, dispuesto á sojuzgar, como sojuzgó, con sólo 40:000 mil hombres todas las costas del Africa y Asia desde Marruecos á la China, á imponerse á ciento cincoenta principes y soberanos, y à aliarse con el Japon.»

RAFAEL M. DE LABRA, *Portugal y sus Codigos.*

1650) KAUSLER (DR.)

«Foi este illustre bibliologo quem dirigiu a edição de Stuttgart do *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende, em 1845. Consta esta edição de 3 volumes em 8.º grande, e é precedida de um extenso prologo historico e litterario, pag. IX a XXV, sobre a poesia portugueza no seculo XV. Este prologo foi vertido em portuguez pelo Sr. Joaquim de Vasconcellos, e publicado com additamentos bibliographicos pelo Sr. Tito de Noronha, fazendo parte da *Collecção de Curiosidades Litterarias*, Porto, 1877, folheto de 70 pag. 8.º [1]

1651) KINLOCH (A.).

E. — *Compendium of Portuguese Grammar.* Outubro, 1876, Londres?

Vem annunciada em o numero CCXXVII do *Bookseller. London, Outubro* 1876

1652) KLECZOWSKI (LE COMTE).

E. — *Cours graduel et complet de Chinois parlée et ecrit. T. I. Phrases de la langue parlée, tirées de l'Arte China du P. Gonçalves.* 8.º

* 1653) KOSTER (HENRY).

E. — *Travels in Brazil.* London 1817, 2 vol. Vide o artigo n.º 684, onde se dá noticia da versão franceza d'esta obra.

[1] Palavras do Ex.mo Sr. Theophilo Braga.

1654) KUNSTMANN.

E. — I. *Ueber Afrika voz den Entdeckungen der Portugiesen.* München, 1853.

II. *Die Handelsverbindungen der Portugiesen mit Timbuctu in XV Jahrhunderte.*

III. *Valentin Ferdinand's Beschreibung der Westküste Afrika's bis zund Senegal mit Einleitung und Aumerkungen.* München, 1856.

IV. *Valentin Ferdinand's Beschreibung der Westküste Afrika's von Senegal bis zur Serra Leoa,* München 1860.

V. *Valentin Ferdinand's Beschreibung der Serra Leoa mit einer Einleitung über die Seefahrten nach der Westkiste Afrika's in vierzehnten Jahrhnnderte.* München, 1861.

1655) KURZ, (HERM).

E. — *Aus den Tagen der Schmach. Geschichtsbilder aus der Melacszeit.* Stuttgart, 1871, 8.° gr.

L

«Sous Emmanuel le Fortuné, le Portugal etait devenu la première puissance maritime, et sa capital la plus florissant marché du monde. Les richeses de l'Inde y affluaient, dès avant l'exploiration des mines du Pérou et du Mexique par les Espagnols. Pour qu'aucune gloire ne lui manquât, il se trouva un poète comme Camões pour immortaliser, dans ses *Lusiades*, le voyage de Vasco de Gama.»

VOGEL» *Le monde terrestre*, vol. I pag. 723.

1656) **LABRA (D. RAPHAEL M. DE).**

E. — *Portugal y sus Códigos, estudio de politica y legislacion contemporaneas. El pueblo portugues. La legislacion luzitana.* 1 vol. 1877 Madrid.

* 1657) **LACOMBE.** — V. o art. n.º 690.

E. — *Histoire d'Espagne et de Portugal.* 2 vol. 1765.

Apparece mencionada para venda no Catalogo, cujo titulo é o seguinte: — *A Catalogue of Books in various languages remarkable for Beauty of Condition on sale by James Toovey, 177, Piccadilly.* London.

1658) **LAMBEA (D. MANOEL).** — Secretario cesante do gobierno civil de Castellon de la Plana.

E. — *Manual de cambios de España, arreglado à los reales decretos de 18 de febrero y 10 de junio de 1847, con las principales plazas de commercio de Europa, y de estas entre si, á saber: Amsterdam, Hamburgo, Paris, Belgica, Genova, Lisboa, Londres, Napoles, Roma y San Petersburgo. Contiene operaciones figuradas sobre dichas plazas, con el correspondiente numero de tablas á todos los cambios y fracciones que puedem ocurrir, por —.* Valencia, 1858.

1659) **LAMENTATIONS (LES)** *de la province des Jesuites en Portugal Avec des notes historiques.* Amsterdam, 1759.

1660) **LAMPILHAS (ABBADE D. XAVIER —.)**

E. — *Ensayo Historico Apologetico de la Literatura d'España.* Saragoça, 1784.

«Tratou com grande esmero e pontualidade dos eminentes varões caste-

lhanos e portuguezes, que em todo o genero deram brado por toda a Europa no seculo XVI.» [1]

1661) LANDELLE (G. DE LA).

E. — *La vieillesse du poète. Romance, cujo protogonista é Luiz de Camões, publicado no Journal pour tous, em* 1859. Com gravuras.

1662) LAYNEZ (JOSÈ).

E. — *Libro nuevo. El privado christiano con los movimientos de las provincias Cataluña y Portugal.* Madrid, 1641.

1663) LESSINES.

E. — *Le roi Louis I de Portugal et le Duc de Saldanha.* Paris. 1870. 8.º 27.

O auctor espera para Portugal as maiores ditas e prosperidades provenientes da revolta do Largo da Ajuda, pois o rei D. Luiz de mãos dadas com Saldanha nada mais tem em vista do que a felicidade do seu paiz.

«Belgica, Hollanda, Dinamarca, Suecia, Suissa e Portugal, povos de liberdade! isolados estareis sem força. Sereis povos gigantes, se estiverdes combinados.... Tende a coragem de seguir vossos impulsos do coração, e debaixo da direcção da França, de marchardes na vanguarda do mundo....

«Ao rei Luiz I de Portugal, a quem as circumstancias favorecem, e a seu ministro duque de Saldanha a quem o bom exito sublimou, pertence a gloria de emprehender a favor dos pequenos Estados uma gloriosa campanha e de propôr, como começo, as execuções d'essas idéas em separado; moeda uniforme, união alfandegueira etc.

«A conjuração de Portugal deve produzir grandes e uteis resultados.»

O auctor d'este livro sómente se lembra dos seguintes beneficios provenientes d'uma tal revolta; um posto d'accesso para os militares que tomaram parte n'ella, e a elevação do sr. Conde de Peniche a Marquez d'Angeja, na occasião, em que este sr. era ministro.

1664) LETTRE DE CREANCE, *en forme de Patente donnée par Dom Joan Roy de Portugal a Dom Ignacio de Mascarenas, son Neveu, el Ambassadeur ordinaire près Messieurs de la Deputation. Traduit de mot à mot d'Espagnol en François,* 1641.

1665) LETTRE DE D. CHRISTOPHILE, *fils du defunct Roy D. Anthoine pour la restauration de sa patrie.* Paris, 1610.

* 1666) LINSCHOTEN. — V. o art. n.º 762.

E. — I. *Histoire de la navigation de Jean Hugues de — Hollandois: aus Indes orientales (et occidentales) contenant diverses descripctions des lieux iusques à présent découverts par les Portugais; observations de coustumes et singula-*

[1] Antonio Pereira de Figueiredo—*Portuguezes nos Concilios geraes*, pag. 22.

ritez de delá, et autres declarations. Avec annotations de B. Paludanus sur la matière des plantes et espiceries: item quelques cartes géographiques et autres figures. Troixiesme édition augmentée. Amsterdam, 1638, fol.

II. *Le grand routier de mer de Jean Hugues de — contenant une instruction des routes et cours qu'il convient tenir en la navigation des Indes Orientales, et au voyage de la coste du Bresil, des Antilles et du cap de Lopo Gonsalves.* Amsterdam, 1638.

1667) LIPSIUS (JUSTUS).

E. — *Epistolarum Selectarum centuria prima ad Belgas.* Antuerpiae, 1605.

No fim d'este volume, na *Centuria singularis*, veem algumas cartas de Justo Lipsio a portuguezes. 1.ª A Fernando Dias, de cumprimentos e consolatoria. 2.ª A Lopo Soares, bispo de Portalegre. 3.ª A Nuno de Mendonça. 4.ª A Manoel Corrêa.

Justo Lipsio era tambem um grande admirador dos feitos dos portuguezes.

* 1668) LOBKOWITZ(D. JUAN CARAMUEL). — V. o art. n.º 769. Religioso á Dunas, Dotor de S. Theulugia *(sic)*, Abad do Melrosa, y Vicario General de la Orden de Cister por los Reynos de Ingalaterra, Irlanda, Escocia, etc.

E. — *Respuesta al manifiesto del Reyno de Portugal.* En Anberes en Oficina Plantiniana de Balthasar Moreto, 1642. 8.º 198 e uma dedicatoria a D. Francisco de Mello, Conde de Assumar.

Só depois de composto o primeiro volume pude ver um exemplar do *Manifesto*, do qual apenas eu tinha uma idéa mui vaga, motivo porque só apparece mencionado n'este *Supplemento.*

1669) LORENZANA (FREDERICO). — Poeta Italiano, que por algum tempo residiu em Portugal.

Compoz algumas poesias nas duas linguas Italiana e Portugueza, que foram publicadas no *Diario Illustrado* de 1873.

1670) LUCCA (FERDINANDO DE). — Membro della R. Accademia di Napoli.

E. — *Rapporto letto nella seduta del 11 giugno 1839. Sunto Geagrafico-Storico antico e moderno dedicato alla suddetta Accademia dal Colonnello J. P. Casado Giraldes al servizio di S. M. Fedelissima. Uffiziale della Segreteria di Stato per gli affari esteri, suo console generale negli stati, Cavaliere di più Ordini, membro della R. Accademia delle Scienze di Lisbona, di quella di Napoli Cardie di diverse altre, di Società Litterarie etc.* Genova, Tipografia di L. Pellas, 8 14 pag.

«Noi dobbiam congratularci col sig de Giraldes, il quale fra gli altri pregi ha dato alla sua geografia quello del metodo, distribuendone lo studio in tante parte distinte, in ognuna delle quali ha ordinato tutti gli studi geografici da' piu elementari á più difficili.... E tanto più ci è grato questo sentimento di giusta considerazione, in quanto che alla stessa epoca, mentre egli stava ordi-

nando gli studi geographici in tre *divisioni*, ciascheduna suddivisa in altre parte, noi ci occupavamo a dar ordine á medesimi in tanti periodi distinti, ordinando in essi a mano a mano tutte le cognizioni geografiche, dalle piu facili alle piu sublimi.....

«E certamente non puó negarsi che queste descrizioni degli svariati articoli, i quali si referiscono ad ogni stato, comecché statistiche solamente, sono prezioze e per lo metodo onde sono disposte, e per le particolaritá di ogni maniera, le quali mettono quest'opera a fianco alle più accurate e più minute geografie pubblicate a tempi nostri..... Noi riguardavamo una perfetta opera geografica, come opera superiore allo sforzo di un uomo solo, e giudicando che questa perfezione puó essere solamente l'opera riunita di tutt'i Governi, proponevamo un accordo fra essi per lo stabilimento delle societá geografiche, in modo che ciascuna di queste Società desse opera a far delle minute ricerche sulla geografia naturale, fisica, morale, antica e matematica dél proprio paese... Continuando a sporre l'ordine degli studi geografici che rendon pregevolissimo il compendio del sig. di Giraldes, noi vediamo esaurita nella prima divisione, ed in sei parte distinte, come un indice ragionato di tutte le svariete branche della geografia moderna....

«Egli serebbe impossible di enumerare tutte le particolaritá che rendono questo Compendio un deposito ricchissimo e prezioso di elementi geografici; una doviziosa sorgente di fatti e di cognizioni per attignervi i dati a ben ordinare un sistema di studi geografici. Ed altre a ció é ammirabile l'ordine col quale tante notizie svariate sono egregiamente raccolte....

«E certamente quest'opera, quando sará tutta uscita alla luce, sará un bello e durevol monumento elevato alla Geografia, la quale per essa riceverá il massimo incremento che potrebbero darle tutti gli sforzi di un uomo instacabile esercitato in questi lavori penosi, e che possiede un tesoro di fatti geografici raccolti con una pazienza straordinaria, e con quella specie di virtuosissima e rara ostinazione a superare ogni difficultá, senza la quale niuno si eleverá giammai su la sfera degli uomini ordinari....»

Recommendo este relatorio, apresentado á Real Academia de Napoles, ácerca da Geographia do nosso Casado Giraldes; é elle mui honroso para Portugal, mas os limites que este meu trabalho deve ter, não me permittem fazer mais extractos.

O relatorio é todo occupado com os mais pomposos e merecidos encomios á geographia de Casado Giraldes, obra da qual o hespanhol D. José de Urculu se aproveitou grandemente no seu *Tratado*, egualmente estimado, de Geographia. Porque não terá hoje Portugal geographos como o Visconde de Santarem, Casado Giraldes e D. José de Urculu?

1671) LUCAS.

E. — *L' Architecture en Portugal. Melanges historiques et archeologiques.* Paris, 1879,

Apparece esta obra citada a pag. XXX do 1.º vol. dos *Musicos portuguezes*, obra do sr. Joaquim de Vasconcellos.

M

«Petrus Nunnez, sive Nonnius, philosophus et mathematicus excellens. Saeculo XVI floruit, sed maiorem ne gloriam Nonnio Lusitania dederit, quae sapientibus suis quamplurimis viris mater, nutrix et decus, alienigenis tantum refugium et gratum domicilium semper extitit, an Nonnius Lusitaniae attulerit, sive multiplici doctrinarum genere, quibus erat ornatus, sive tot egregiis operibus editis, quibus aeternam sibi famam comparavit, illic dicant, qui paraeclarum Lusitaniae Regni nomen perpensum et exploratum habentes et Nonnii magnarum ornamenta virtutum, totius orbis conspectui saepius objecta, commendataque, ex quibus eximium in patriam decus redundavit, acri judicio recolentes, aequa lance perpendere satis erunt.»

CAPASSI, *Historia Philosophica*, (Napoles, 1728).

1672) MAIRE (LE).

E. — *Voyages aux iles Canaries, Cap Verd, Sénégal, et Gambie.* Paris, 1695, em 12.

1673) MAJESTÄTTISCHER EYREN SPIEGEL *des fustrefflichen Königreichs Portugal; von dessen Ländern und zugehörigen Provinzen.* Nürnberg, 1692.

1674) MALLET (ALAIN MANNESSON). — Francez, e engenheiro do rei de Portugal.

Escreveu uma obra em que trata da defeza do nosso paiz, intitulada — *Les Travaux de Mars.* [1]

1675) MALTE BRUN. — Celebre geographo dinamarquez, nascido em Tnisted, na provincia de Jutland na Dinamarca em 1775, e fallecido em 1826.

E. — *Geographie Universelle,* da qual ha varias edições.

O leitor que ler com attenção este trabalho, principalmente na parte relativa a Portugal, e o comparar com o d'Elisée Reclus não poderá deixar de dar a preferencia ao geographo dinamarquez. [2]

[1] General Foy.—*Histoire de la guerre d'Espagne et du Portugal sous Napoleon*, vol. I, pag. 274.

[2] Alguns dos immensos erros que, a respeito do nosso paiz apparecem na *Geographia de Reclus* já por mim foram mencionados no *Jornal do Porto.* D'outros fallou o Sr. Marquez de Sousa mais tarde no *Boletim da Commissão Geographica.*

Malte Brun pinta perfeitamente o quadro dos começos e progresso das navegações dos portuguezes: «Por fim a bussola, invenção d'uma origem incerta tinha permittido que os marinheiros deixassem as praias, e se engolphassem no mar largo. No entanto é principalmente aos brilhantes triumphos obtidos diante de Ceuta, e á louvavel curiosidade do infante D. Henrique, que a Geographia é devedora da renovação das navegações ao redor da Africa, da descoberta dos paizes, que se prolongam desde o cabo Bojador até ao cabo Guardafui, e por fim do conhecimento mais exacto do Indostão e das regiões meridionaes da Asia, desde Ceilão até Nova Guiné, paizes outr'ora mergulhados nas trevas da fabula.

«Entre os motivos do principe Henrique é mister talvez contar as noticias, que judeos e arabes lhe forneceram ácerca do interior d'este paiz, a respeito dos *Azenaghis*, que habitavam em logares mais acima d'aquelles dos negros, e a respeito das minas de oiro de Guiné. O cabo Bojador havia sido até então o termo ordinario das navegações. Cada um receiava os perigos medonhos aos quaes a tradição dizia estarem expostos os que o dobrassem. Foi o que Gileanes, ou mais correctamente Gil Eanes conseguiu por fim em 1430 depois de varias tentativas inuteis. Todavia os temporaes e os vendavaes, que retardaram por tanto tempo esta empreza tinham arrojado em 1419 João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz á ilha de Porto Santo, e á ilha da Madeira, que provavelmente já tinha sido visitada mais de uma vez sem ser comtudo conhecida dos mareantes. Esta terra elevada pareceu ao principio aos portuguezes não ser mais do que um nevoeiro ao longe. Foi nas florestas immensas da Madeira que elles fundaram sua primeira colonia. O infante enviou para ella habitantes e animaes domesticos; e alli mandou plantar canas d'assucar da Sicilia, bem como bacellos de Chypre, e tambem engenhos de serrar, com o fim de que a mãe patria se podesse aproveitar das madeiras, que tinham escapado aos estragos do incendio causado por aquelles, que haviam descoberto a ilha Pelo tempo, em que se dobrou o cabo Bojador, outros portuguezes descobriram os Açores, os quaes parece com tudo que os arabes conheceram antes d'elles. Gonçalo Velho Cabral aportou á ilha de Santa Maria em 1432, as outras foram sendo encontradas a pouco e pouco, e sua descoberta só foi rematada em 1450. Ao principio julgaram ser as Antilhas, ou ilhas antes de chegar ás Indias de Marco-Polo; e Martin Behaim marcou na sua carta as costas do Kathai ao poente d'ellas. Começaram a ser povoadas em 1449. Em 1446, a duqueza de Borgonha mandou para ellas uma colonia de flamengos, o que fez com que tambem algumas vezes lhes dessem o titulo de ilhas flamengas.

«Muita obscuridade reina na historia do descobrimento das ilhas dos Açores. Ha divergencia a respeito das datas, que acabamos de citar; nem sequer sabemos coisa alguma de positivo a respeito da descoberta das ilhas Flores e Graciosa [1]; mas estão concordes em representarem estas ilhas como totalmente deshabitadas antes da chegada dos portuguezes. Pretendem até mesmo que

[1] O fallecido José de Torres bastante trabalhou n'este assumpto, e creio que, devida a elle, alguma luz penetrou em tão espessas trevas.

n'ellas não se encontrou um quadrupede sequer. No entanto temos visto que os mappas do XIV seculo indicam algumas paragens. A estatua equestre que pretendem haver sido achada pelos primeiros colonos na ilha do Corvo, e que, no dizer d'uns, apontava com o dedo para o oeste, ou no sentir de outros, fazia signal aos viajantes para que voltassem para traz, nos tem egualmente parecido a prova d'uma descoberta anterior. Mas os dinheiros carthaginezes e cyrenaicos encontrados na ilha do Corvo não nos auctorisam a fazer com que esta descoberta remonte aos seculos da antiguidade: podiam elles para alli ser levados pelos arabes, e mesmo pelos normandos ao regressarem d'uma expedição á Africa.

«No entanto a guerra com os mouros ou arabes continuava sempre além do cabo Bojador. Em 1442, Lisboa viu com assombro os primeiros escravos pretos com seus cabellos revoltos, e inteiramente differentes dos prisioneiros de guerra mouros, que não passavam de morenos. Os mahometanos os tinham dado, assim como oiro em pó, em resgate de alguns dos seus compatriotas cahidos nas mãos dos portuguezes; pois, antes da formação da companhia creada para o commercio de escravos, e estabelecida na ilha d'Arguim, e antes que o oiro de Guiné tivesse posto os portuguezes em estado de comprar negros, os desgraçados africanos eram todos os dias arrebatados á força. Em 1443, os portuguezes chegaram ao Senegal, onde encontraram os primeiros negros pagãos. Todos os povos, que elles tinham visto mais ao norte, e com os quaes sua feitoria d'Arguim fazia um commercio regular, eram mahometanos. As ilhas de Cabo Verde haviam sido descobertas em 1450 por Antonio Noli, genovez ao serviço de Portugal. Em 1456, o veneziano Aloysio de Cadamosto, na companhia de alguns genovezes, chegou á foz do Gambia, e reconheceu as ilhas de Cabo Verde; o cuidado que elle empregou em as visitar e em lhes pôr nome foi o motivo de lhe attribuirem a descoberta d'ellas. Pouco tempo depois, Pedro de Cintra foi o primeiro que tocou na costa de Guiné, deu a uma serra o nome de Serra Leôa, e se dirigiu para o Sul até ao Cabo Mesurado. Já a costa Africana, desdobrando-se para o éste, parecia abrir aos infatigaveis emissarios do principe Henrique o caminho da India. Já este principe, tão util ao seu paiz e á geographia, se podia lisonjear de ver chegarem ao remate seus nobres projectos, quando a morte o arrebatou no anno de 1460. Mas o espirito d'este grande homem não cessou de vivificar os portuguezes.

«O caminho estava traçado; para chegar ao remate nada mais era necessario do que uma constancia ordinaria. O estado imperfeito da navegação foi só a cousa que retardou os progressos das descobertas. Embora a companhia privilegiada unica que tinha licença para ir ás costas de Guiné, pagando 200:000 réis annuaes, se tivesse obrigado a avançar nas suas descobertas até 500 milhas mais ao Sul no espaço de cinco annos, os portuguezes não chegaram ao Cabo de Boa Esperança senão 54 annos depois de haverem dobrado o Cabo Bojador; circumstancia tanto mais digna de attenção, quanto ella refuta completamente a opinião dos que consideram o gyro da Africa pelos phenicios como um facto historico. Como poderão acreditar homens sensatos que uma galé phenicia tenha executado em tres annos o que não poderam levar

ao cabo em meio seculo navegantes arrojados, embarcados em fortes navios, e munidos da bussola?

«A companhia privilegiada não podia fazer o commercio em Arguim ou no Cabo Verde, mas tão sómente nas costas desconhecidas ao sul de Serra Leôa; o rei de Portugal reservava para si o direito exclusivo de alli comprar marfim por baixo preço.

«Alguns mareantes, cujos nomes são desconhecidos, descobriram em 1472 as ilhas de S. Thomé, Principe e Anno Bom, situadas na linha. A primeira não tardou em se tornar famosa por causa da cultura da canna d'assucar. Tendo-se refugiado em Portugal muitos judeos hespanhoes, foram desterrados para ella; e, muito tempo antes da descoberta da America, alli os escravos negros cultivaram a terra. A construcção do castello da Mina *(El-Mina)* sobre a Costa d'Oiro, descoberta em 1471 por João de Santarem e Pedro Escobar, facilitou muito o augmento dos conhecimentos ácerca de Guiné. Pouco depois, Diogo Cão achou o rio Zaire no reino de Congo, do qual alguns habitantes embarcaram voluntariamente para Portugal: ignoravam estes desgraçados africanos, que os estrangeiros, aos quaes concediam hospitalidade, vinham tomar posse da sua patria, hasteando n'ella uma cruz, e erguendo um padrão com uma inscripção em portuguez. Este pilar de pedra fez primeiramente dar ao rio Zaire o nome de rio Padrão, com o qual é conhecido em Martim Behaim. Pela mesma epoca, Affonso d'Aveiro descobriu o Benim, e d'alli trouxe pimenta para Lisboa: havia já muito tempo que n'esta cidade era conhecida esta planta. Os mercadores italianos a traziam do norte d'Africa, para onde as caravanas a levavam de Guiné, atravessando as terras dos Mandingos, e os desertos do Sahara. Como na Italia se ignorava qual era o paiz, que produzia esta preciosa especiaria, davam-lhe o nome de grão do Paraizo. Os portuguezes a levaram depois em grande quantidade ao porto d'Anvers; mas o monopolio regio das especiarias fez com que o uso d'ella fosse pouco vulgar durante muito tempo.

«Aquelles que foram os primeiros em abordar ao Benim, tendo ouvido dizer aos habitantes que a umas 250 milhas ao éste do seu paiz residia um principe christão, que adorava a cruz, julgaram ter-se finalmente encontrado na Africa o reino do *Preste João*, que andavam a procurar havia tanto tempo.

«O Benin e o Congo deram primeiramente uma direcção inesperada ao commercio dos negros feito pelos portuguezes. Os que antes de 1434, tinham traficado com o roubo dos pretos e dos mouros ao longo das costas, e nas ilhas para os irem vender em Portugal, onde era um artigo mui lucrativo, principiaram a commerciar na sua detestavel veniaga até mesmo na Africa. Conduziam seus captivos, quer directamente para o castello da Mina, quer para a ilha de S. Thomé, d'onde os transportavam em seguida para o castello: alli os trocavam por oiro, que os commerciantes negros ou mouros traziam do sertão. Por fim o rei João III prohibiu inteiramente este trafico, o qual fazia cair annualmente milhares de negros nas mãos dos inficis. Os portuguezes não assentaram feitorias ao Sul do Cabo Negro em Benguella e na Cafraria, e não examinaram o paiz com tanto cuidado, como as partes mais septentrionaes da

Africa. Por fim Bartholomeu Dias chegou, em 1486, á extremidade meridional: deu-lhe o nome de *Cabo das Tormentas*: mas o genio do rei João II viu n'elle o *Cabo da boa Esperança*, e dentro em pouco já se não duvidava de fazer o gyro d'Africa por mar.

«Antes que Dias trouxesse a noticia da descoberta a Lisboa, o rei D. João II tinha enviado dois monges a Jerusalem para obterem dos peregrinos, que áquella cidade se encaminhavam de todas as partes, informações a respeito do preste João, que residia na Africa. Esta deputação foi inutil, pois os emissarios não entendiam o arabe.

«Pedro da Covilhã e Affonso de Paiva foram depois enviados a Alexandria para alli procurarem informações a respeito d'este principe christão, assim como a respeito da India. Chegaram até ao Cairo; aqui, tendo-se associado aos commerciantes mouros de Fez e de Tlemen, que se dirigiam a Aden, partiram para Suez. Covilhã embarcou alli. Visitou Goa, e Calicut, bem como as minas de oiro de Sofala na Africa. Regressou por Aden ao Cairo, com o fim de alli esperar pelo seu companheiro Paiva. Este tinha-se dirigido por terra á Abyssinia, onde havia fallecido. Mas, antes que os relatorios de Covilhã chegassem a Lisboa, dois judeus portuguezes, que haviam estado muito tempo em Ormuz e em Calicut, deram ao rei muito bons esclarecimentos ácerca das Indias e de todos os reinos, que d'ellas dependiam.

«Á vista da relação d'elles, e em conformidade com o conhecimento, que se tinha adquirido d'um mar, que se prolongava pelo meio dia da Africa, foi Vasco da Gama enviado em 1497, em busca das Indias por esta via: teve a missão de concluir com o preste João uma alliança para proteger o commercio d'estas regiões contra os mouros e arabes, que n'aquellas terras eram mui poderosos. Gama navegou ao cumprido das costas orientaes d'Africa. As numerosas frotas portuguezas, que o seguiram, havendo sulcado o mesmo caminho, todas as partes da costa, que anteriormente só eram conhecidas dos arabes, se ostentaram pela primeira vez aos olhos dos europeus. O *mar Tenebroso*, além de Sofala, que tinha parecido inaccessivel aos arabes, foi percorrido em todos os sentidos. Depois de ter dobrado o Cabo de Boa Esperança, Gama visitou uma parte da costa de Cafraria, á qual deu o nome de Terra de Natal, por ser esse o dia em que se fez aquella descoberta. Chegou até Sofala: mas dentro em pouco teve noticias dadas por Pedro de Rhaja, que alli mandou erigir um forte em 1506. Sofala conhecida dos arabes com o nome de *Terra do Oiro*, pertencia ao grande reino de *Monomotapa*.

«Os reinos de *Quiteve*, *Sedanha*, *Chicova*, e de *Butua*, dependentes do Monomotapa, foram dentro em pouco visitados cuidadosamente, pois que os portuguezes começaram a navegar pelo grande rio Zambese, e construiram nas suas margens os fortes de Sena e Tete. Tinham elles alli sempre, assim como em Bucati e em Nacapa, missões e feitorias, com chefes feitores para comprarem o oiro dos cafres, que residiam nas immediações das minas. Um exercito, commandado pelos portuguezes Barreto e Homem, partiu, em 1573, de Sofala e de Moçambique: depois de ter padecido bastante das fadigas, e travado grande numero de combates, penetrou até ás minas de *Manica* e de *Butua*.

Foi impossivel aos portuguezes estabelecerem-se n'estes desertos. Era com muita difficuldade que na lavagem separavam o oiro da areia: um artista, depois de ter trabalhado por muito tempo, apenas obtinha uns quatro ou cinco grãos. Os cafres não sabiam procurar as veias d'oiro no interior da terra; e as excavações, que faziam, ficavam diariamente entulhadas. Não queriam que os estrangeiros tomassem parte no commercio do oiro: recusavam-lhes viveres, e armavam-lhes ciladas.

«Não tendo Gama tocado em Sofala, descobriu Moçambique onde julgou poder encontrar pilotos para a India: mas foi em vão. Aportou, em 1497, na ilha de Mombaça. Aqui os portuguezes tiveram uma surpreza agradavel: uma cidade da Africa apresentou-lhes casas regularmente construidas, e costumes civilisados: era uma colonia arabe. Visitaram depois o reino de Melinde, onde reinava o luxo e florescia o commercio, e onde Gama viu pela primeira vez Banianes, ou commerciantes indios: alli obteve pilotos para o guiarem na sua viagem.

«As frotas, que o seguiram, e que todos os annos se enviaram de Lisboa, para as Indias acabaram a descoberta da Africa oriental até ao mar Vermelh Faria e Sousa fez um registro d'ellas, que abrange cento e quarenta annos. Pedro Alvarez Cabral, depois de ter sido arrojado por um temporal a uma terra incognita, á qual deu o nome de *Terra de Santa Cruz*, e que é o Brazil, chegou em 1500 a Quiloa, capital d'um reino arabe poderosissimo, sobre a costa de Zanguibar, que possuiu por bastante tempo Mombaça, Melinde, as ilhas Comores, e varios postos no Madagascar. Albuquerque, o Grande, descobriu, em 1503, a ilha de Zanzibar, nas proximidades de Mombaça, e impoz a seu soberano um tributo annual. Varios outros estados arabes não tardaram em ser submettidos a similhantes contribuições. Exigiam quinhentos miticaes por anno á republica de Brava. O rei de Portugal auferia um rendimento consideravel de todos estes Estados negros; o oiro da Africa era principalmente empregado no pagamento das mercadorias das Indias, que os portuguezes não podiam saldar com os productos e remessas da Europa. O boato, que tinha circulado, de que Madagascar, ou como então se chamava, a *Ilha de S. Lourenço*, por ter aportado a ella Lourenço d'Almeida, produzia especiarias finas, induziu Tristão da Cunha, em 1506, a visital-a minuciosamente. Apenas alli achou gengibre, negros ferozes, e alguns arabes espalhados ao longo da costa, onde elles tinham estabelecimentos, cuja importancia e segurança dependiam de suas colonias d'Africa. Pelo mesmo tempo outros navegantes portuguezes aportaram á costa d'Ajan, nome pelo qual os arabes comprehendiam todos os paizes entre o rio Quilimanci e o cabo Guardafui. A cidade de Magadoxo fazia então um mui grande commercio: seus habitantes tinham descoberto o paiz de Sofala, e estendido suas relações ao longo d'esta costa. Magadoxo era frequentada pelos commerciantes d'Aden e de Cambaia, que alli vinham cambiar as mercadorias da India por oiro e marfim. *Albuquerque* tendo finalmente conseguido expulsar os arabes d'Aden em 1513, foi o Mar Vermelho patenteado aos portuguezes: adquiriram elles um conhecimento exacto dos portos e dos paizes terminados pelas costas, bem como de sua navegação lenta e perigosa.

A Abyssinia fôra conhecida por elles desde 1487, pela embaixada, que tinham enviado a esta região, e por outras vias: mas não appareceram nas costas d'este reino, antes de 1520. Por esta epoca Lopez Sequeira alli chegou com uma frota. Francisco Alvares faz conhecer o paiz pela relação de sua embaixada.

«Assim, as costas da immensa peninsula d'Africa foram inteiramente conhecidas. Concedemos que alguns geographos antigos tenham considerado como possivel a circumnavegação d'esta parte do mundo, ao passo que outros se recusavam a acreditar n'ella: admittamos que um navio arabe, em o seculo IX, indo ás Indias tenha sido arrojado por um temporal para o Sul da Africa, e haja chegado ao Mediterraneo, nem por isso o caminho em volta do cabo era mais conhecido, e os arabes, para os quaes era mais facil descobril-o, pensaram nelle tão pouco, que o navio, do qual acabamos de fallar, lhes pareceu dever ter entrado no Mediterraneo pelo mar dos khazares, isto é, *pelo mar Caspio*, que elles suppunham juntar ao mesmo tempo o Oceano Oriental e o Mar Negro. Como é possivel ver, n'esta anecdota tão incerta e tão obscura, uma *descoberta* anterior á dos portuguezes?

«Cumpre lançar um relance d'olhos sobre as viagens dos portuguezes na Asia. Perdemos uma das fontes principaes, a geographia da Asia, por Barros, a mais completa das d'este seculo: mas Ramusio, nos conservou outras duas contendo excellentes esclarecimentos ácerca da Asia meridional, desde o Mar Vermelho até ao Japão. O auctor d'uma é Duarte Barbosa: alli colligio tudo quanto n'aquelles paizes havia observado, e o que tinha ouvido a outros. Barbosa accompanhou Magalhães na sua viagem em volta do mundo, e encontrou a mesma sorte que elle na ilha de Zebu. O nome do auctor da segunda geographia não nós é conhecido: com tudo tinha elle lido Barbosa, pois dispõe na mesma ordem os paizes, dos quaes falla. Promette uma descripção particular e minuciosa das Molucas; mas esta parte da sua obra perdeu-se.

«É em harmonia com estas fontes que apresentaremos o quadro dos progressos succes ivos dos portuguezes nas Indias, que indicaremos os reinos, que floresciam então, e diremos quaes são os serviços que estes europeus prestaram á geographia, completando nossos conhecimentos da Asia.

«Vasco da Gama aportou em 1498 em Calicut, capital dos Estados do Samorin na costa de Malabar. Seus companheiros não tardaram em espalhar-se por Cochim, Cranganor e outros portos do mar, que faziam o commercio da pimenta e o das especiarias finas. Os arabes e os viajantes da edade media tinham feito conhecer isoladamente alguns logares da costa do Malabar e d'outras regiões da India. As primeiras relações dos portuguezes representaram os paizes e os povos, mesmo os menos consideraveis, segundo sua posição e sua importancia reaes: e, em vez dos fragmentos, que se possuiam até então ácerca da India, poderam finalmente formar um quadro geral. Barbosa e Barros fazem já menção dos reinos situados entre os paizes Dillé e Comorin, taes como os de *Calicut*, *Cranganor*, *Cochin*, *Coulão* e *Travancor*, assim como de varios pequenos Estados dos Naires, como *Porca* e *Chettua*. Estes dois auctores escrevem tambem com a maior minuciosidade os usos do Malabar, a divisão por castas, e tudo quanto distingue das outras nações os indios.

«Não tardaram os portuguezes em chegar ás serras do Gattes, d'onde saiem todos os rios consideraveis, que regam a costa de Coromandel. Pouco depois da sua chegada, estenderam se ao comprido da costa occidental até ao golpho de Cambaia. Penetraram no reino de Kanara, que confronta com o Malabar: era então sua capital *Onor*, cidade commerciante, que ainda existe. Baticalá e Mangalor eram n'aquelle tempo cidades celebres. O rio Aliga formava, nas immediações das Ankedivas, o limite septentrional do paiz de Kanará: alli começava o *Dekhan*, Estado mui poderoso então, que se entendia até á costa de Coromandel, e que estava dividido em varios reinos, nomeados por escriptores modernos *Visapur*, *Berar*, *Golconda*, e *Kandeisch*. Em 1510, Albuquerque conquistou no Dekhan a cidade de Goa, depois tão celebre, e o centro da dominação dos portuguezes nas Indias. Dabul, Chaul e outras cidades maritimas foram forçadas a submetter-se ao vencedor. O ribeiro de Bainganga separava o Dekhan do reino de *Cambaia* que abrangia varias cidades de commercio mui florescente, taes como Damão, Barotch, e Surrate. Tinha tambem na sua dependencia a ilha de Salcete, cujos pagodes abertos nas rochas, idolos gigantescos e outras antiguidades attraiem ainda a admiração dos viajantes. Tendo chegado ao Gudjerate, os portuguezes fundaram na ilha de *Diù*, celebre pela riqueza de seu templo, uma fortaleza e uma cidade, que fez um mui grande commercio com a Arabia, Persia, e paizes vizinhos. Ao norte, nas serras, moravam os indomaveis *Rasbuttos*.

«Tendo os principes mahometanos d'estes Estados tentado, pela força das armas, afastar os portuguezes das suas costas, estes estabeleceram relações de amizade com varios grandes reinos indus do interior. A alliança com o de *Bisnagar* não tardou em se tornar summamente importante. Este Estado, que tinha o nome da sua capital, hoje destruida, contava os rajahs de Kanará entre seus vassallos. Barbosa dá a este reino o nome de *Narsinga*. Diz que ao norte do rio Aliga era elle limitado pelo Dekhan, e que dominava no Tanjaur e no Travaneor. Barros parece comprehender n'este reino todas as provincias meridionaes da peninsula áquem do Ganges.

«Os portuguezes só começaram a frequentar a costa de Coromandel, depois de terem descoberto Malaca e as ilhas das especiarias. Em 1518 chegaram a Bengala debaixo do commando de João da Silveira. Pelo mesmo tempo, o rei D. Manoel deu ordem para procurarem o tumulo de S. Thomé em Meliapor. Nenhum dos historiadores portuguezes faz menção dos antigos reinos, ou provincias de Maraova, Kanjaur, e Karnatic; mas fazem-na d'um grande numero de cidades, entre as quaes, Tutucoryn Negapatão, Tranquebar, Pondichery, Palicate e Masulipatão que ainda existem. A costa de Coromandel era abastecida com o arroz do Malabar. Muitas vezes nem uma gota d'agua chovia n'estas regiões, o que era causa d'uma fome tão horrorosa, que até os pais vendiam seus filhos por dois ou tres pequenos dinheiros de prata, chamados fanams. Estes infelizes eram depois transportados como escravos para os outros logares do Indostão. Na parte septentrional da costa de Coromandel estava o reino d'*Orixa*, hoje provincia do Indostão inglez: alli se encontravam

varias cidades commerciaes, florecentissimas, das quaes a maior parte ainda existem. Quando João da Silveira chegou ao porto de Chittagong ou Chatigam, na *Bengala*, foi recebido com grande frieza, e pouco chegou a conhecer a respeito d'este jardim da India. Chittagon tinha relações com todos os portos da India. Ao tempo da chegada dos portuguezes, remettiam d'alli para a Persia um grande numero de eunuchos, que se vendiam a cem, e a duzentos ducados. Fabricavam-se em Bengala tecidos de algodão da maior finura: e d'alli se exportava tambem muito assucar, gingibre e seda. Depois da chegada dos portuguezes o commercio de Chittagong decresceu rapidamente por não poderem os arabes remetter com segurança os productos de Bengala para Malacca e Cambaia.

«Não tardaram em serem visitadas pelos conquistadores portuguezes as ilhas visinhas á India: Francisco d'Almeida construiu um forte nas *Ankedivas*, com o fim d'interceptar os navios mouros, que n'aquelle sitio se reuniam desde que os portuguezes se tinham assenhoreado de Cochim e de Calecut, e a costa de Malabar era um formigueiro de corsarios christãos. Em 1512 Simão d'Andrada foi arrojado ás Maldivas, que dentro em pouco se tornaram famosas pelos seus cocos; eram ellas já frequentadas, e os marinheiros iam á procura de enxarcias, que se fabricavam com as fibras de cocos, e de buzios, que serviam de dinheiro miudo em Bengala e Siam. Só os portuguezes extrahiam annualmente de dois a tres mil quintaes d'estas conchinhas, que levavam para Guiné, Congo e Benim. Desde 1506, tinham visitado Ceylão. Almeida pretendeu expulsar d'aqui os mouros, que levavam a canella para Aden e Ormuz, e que d'esta ilha se serviam como de logar de refresco para os seus navios carregados de especiarias, vindos de Malaca, e das Moluccas, e encaminhando-se para os golphos da Persia e da Arabia. Ensinaram os portuguezes aos insulares o uso das armas do fogo, bem como o fabrico das peças d'artilheria e d'outras armas. A fortaleza, que construiram em Colombo, residencia do rei dos Chingalezes, foi o seu primeiro estabelecimento n'esta ilha. Dentro em pouco todos os reis vizinhos foram obrigados a pagar-lhes um tributo annual em canella, anneis cravejados de perolas e rubins, e em elephantes.

«A esperança de encontrar em Malacca, ou nas ilhas vizinhas a patria das especiarias, alli attrahiu Lopez de Sequeira em 1509; mas só em 1511 fizeram um estabelecimento fixo, depois da tomada de Malaca por Albuquerque. Tinha esta cidade sido fundada havia uns duzentos e cincoenta annos, em logar da de Sincapura, já afamada pelo seu commercio: era a capital d'um reino particular, que se tinha separado do de Siam: seu porto era o mercado principal para as mercadorias, e para as especiarias: alli se viam negociantes da Arabia e da Persia, e para alli se encaminhavam do Malabar, Bengala, Siam, Java, China, Moluccas e Philippinas. A conquista d'esta cidade tornou os portuguezes senhores do commercio das especiarias, e lhes franqueou todo o archipelago indiano, bem como a peninsula além do Ganges. Acharam que o reino de Siam se compunha de outros nove, dos quaes Barros nos conservou os nomes. Sua capital chamava-se Judia, e seus portos mais frequentados pelos estrangeiros eram Tenasserim e Queda. O rei de Pegú, o mais poderoso

dos seus vizinhos, já tomava o titulo de senhor do elephante branco. Martaban era o logar mais commercial do Pegú. Além das outras mercadorias das Indias, encontravam-se n'aquelle logar gomma laca, porcelana e aromas. Os outros reinos d'esta peninsula, como os de *Birman*, *d'Araka*, Ava Camboja, Ciampa, e da Cochinchina, até então ignorados dos europeos, foram sahindo da obscuridade á medida que os portuguezes iam progredindo nas suas incursões victoriosas.

«Penetraram estes infatigaveis conquistadores na China em 1516. Fernão Peres, tendo sahido de Malacca, aportou a Cantão, ou mais exactamente, á ilha de Faman, affastada uma tres milhas d'esta cidade. Já os chinezes tinham concebido tantas desconfianças dos estrangeiros, que já lhes não permettiam a entrada no seu paiz por terra, e os obrigavam a depôr suas mercadorias na ilha de Faman antes de as poderem levar a Cantão, e não quizeram conceder aos portuguezes liberdade de andarem pela cidade. Ficaram os portuguezes surprehendidos com a extensão immensa da China. No dizer d'elles, prolongava-se 31 graus para o norte. As cartas geographicas, feitas n'este imperio, e que chegaram então a Portugal, deram conhecimento da grande muralha, que separa a China da Tartaria. Á sua chegada, era este imperio composto de quinze reinos differentes, aos quaes Barros dá os nomes seguintes: *Cantão*, *Fequiem*, *Chequeam*, *Cantão*, *Nanquim*, e *Quincii*, que jaziam ao comprido da costa; mais longe os de *Quinchen*, *Junna*, *Quancii*, *Suluam*, *Fuquam*, *Cansii*, *Xiansii*, *Honan*, e *Sancii*. Alguns d'estes nomes quasi que nem ares dão das provincias actuaes. A China contava duzentas e quarenta e quatro cidades de primeira ordem. Havia seculos que a imprensa trabalhava na China, e apenas então acabava de nascer na Europa. Um embaixador chegou até Pekin, mas não foi admittido á audiencia do imperador. As pessoas d'importancia de Cantão, mandaram dizer para a côrte que os portuguezes eram espiões, que vinham examinar o paiz. Faltavam ellas á verdade? Sim: a conquista de Malacca devia fazer com que os mandarins receiassem uma affronta egual para a China. O embaixador, obrigado a voltar para Cantão, alli morreu n'um carcere bem como as pessoas da sua comitiva. O odio dos chinezes aos portuguezes estava ainda tão acirrado em 1542, que sobre as portas de Cantão se liam estas palavras, escriptas com lettras douradas: «Não se deixa aqui entrar, nem se consentem os homens, que usam de barba cumprida, e teem olhos grandes.

«Desde 1511 que os navegantes portuguezes percorreram todo o archipelago Oriental das Indias. Depois da sua primeira viagem Sumatra foi examinada com mais exactidão, do que se tinha feito até então. Barros apresenta os nomes dos vinte e nove reinos malayos que existiam então n'esta ilha, não contando os que, situados nas serras do sertão, nenhumas relações tinham com os portuguezes; exportavam d'esta ilha as mesmas mercadorias, que ainda hoje a fazem importante para o commercio: o estanho, pimenta, pau sandalo, e camphora: esta ultima droga era alli muito melhor do que na China. Chegaram em 1513 a Borneo: mas esta ilha tão grande ficou menos conhecida do que as outras, e tudo quanto se poude dizer então foi que produzia tambem

camphora. Só em 1530 recebeu d'elles o nome de Borneo: Magalhães tinha-lhe posto o nome de Bunné. Desde 1513 frequentaram muito Java; no entanto Barros diz que se não visitou a costa meridional, cujos habitantes quasi que não tinham relações com os do norte. Produzia esta ilha arroz com abundancia, pimenta e outros generos. A cidade de Japara era a residencia d'um principe poderoso; mas o reino de Jacatia era o mais consideravel da ilha.

«O numero immenso das ilhas situadas ao sudoeste da Asia, tinha maravilhado o Tito Livio dos portuguezes; viu elle já n'ellas *uma quinta parte do mundo*, aquella a que havemos dado o nome de Oceania. Couto, seu continuador, abrange todas as ilhas além de Java e de Borneo em cinco grupos differentes. Ao primeiro pertencem as Moluccas, ou Ternate, Motir, Fidor, Makian e Batchian, descobertas primeiramente pelos portuguezes, a quem os arabes as tiraram, e das quaes os portuguezes, commandados por Antonio d'Abreu, se apossaram em 1511. Dava-se o nome de Moluccas, ou *Ilhas das especiarias*, a um maior numero d'ilhas. O segundo archipelago abrangia Gilolo, Mortay e algumas outras ilhas habitadas por selvagens, bem como a de Celebes ou Macassar, a qual Garcia Henriquez quiz examinar em 1525, por ser famosa pelas suas minas d'oiro, mas os habitantes opposeram-se a que elle desembarcasse. Todavia os portuguezes não tardaram a construir alli um baluarte, e alli fundarem alguns estabelecimentos. O terceiro grupo continha a grande ilha de Mindanao, a de Soloo, e algumas das Philippinas meridionaes, entre outras, Mascate. Barros conhecia menos, as que jaziam ao norte, talvez por pertencerem aos hespanhoes. Com tudo faz menção da de Luçon referindo-se ao anno 1511. Entre os povos remotos, que vinham commerciar a Malacca, nomeia os chinezes, os habitantes das ilhas Lieou Khieou e os de Luçon: é por tanto, este nome mais antigo do que se cré geralmente. O quarto archipelago era formado pelas ilhas de Banda, Amboino, e varias outras mui pequenas na sua vizinhança, como Ay, Banda, Neira e Rom. As duas maiores foram descobertas em 1511 por Antonio d'Abreu. Os portuguezes pouco frequentaram o quinto archipelago, porque os habitantes, pobres e ferozes, fugiam a qualquer commercio com os estrangeiros. Eram tão negros como os cafres da Africa, não conhecendo nenhum metal, e servindo-se de dentes aguçados de peixes para furarem a madeira; a si mesmos davam o nome de Papus, isto é, negros. Havia entre elles alguns individuos de côr branca, que não podiam supportar a claridade do dia. Estas particularidades só podem convir á Nova Guiné e ás ilhas vizinhas, ainda hoje habitadas por povos inteiramente similhantes. Foi tambem isto que fez com que se desse, nos mappas, á costa do nordeste da Nova Guiné, o nome de Terra dos Papuas. Apezar de terem sido estes paizes o termo das descobertas dos portuguezes para o éste, suspeitaram elles que ainda havia outras ilhas mais além, e supposeram que deviam jazer ao longo d'uma grande terra meridional, que se estendia até ao estreito de Magalhães. Seria aqui o logar de demonstrarmos que os portuguezes com certeza visitaram as costas da Australia, ou Nova Hollanda, antes do anno 1540, mas que as consideravam como uma parte do grande continente austral, cuja existencia se admittia em conformidade com Ptolomeo.

«Apezar dos obstaculos, que estorvavam os portuguezes a visitarem a China, percorreram elles o mar, que banha as costas d'ella. Peres, que foi o primeiro que aportou a Cantão, descobriu em 1518 as ilhas de Lieu-Khien, ricas em oiro, e cujos habitantes navegavam até Malacca. Em 1542, Antonio da Motta, que procurava, apezar das prohibições, penetrar na China, foi arrojado pela tempestade ás costas do Japão, ao qual seus habitantes davam o nome de *Nipongi:* Eram mais brancos do que os chins, e tinham, assim como elles, olhos pequenos, e mui pouca barba: receberam os estrangeiros com maneiras mui amigaveis, e pagaram-lhes suas mercadorias com dinheiro. Esta descoberta foi dentro em pouco proseguida com ardor, principalmente pelos Jesuitas, que apressando-se a acompanharem para aquelle imperio os mercadores, n'elle estabeleceram missões, propagaram por toda a parte a religião christã, publicaram varias descripções do paiz, e mandaram imprimir a historia de suas aventuras.

«Taes foram os resultados do projecto formado pelo principe Henrique; pois era o espirito d'este grande homem, que animando os Gamas, e os Albuquerques, os havia conduzido das extremidades occidentaes da Europa até aos logares, onde o immenso Oceano oriental parece ter retalhado n'um milhar d'ilhas a vasta massa da Asia. Nada tinha podido detel os, nem a extensão das costas aridas e selvagens, que havia sido mister percorrer, nem o exemplo horroroso de mais d'uma frota naufragada. Tinham passado além d'esse formidavel promontorio, onde a musa de Camões viu o genio do Oceano, do alto d'um throno de nuvens, agitar, encolerisado, o seu sceptro chamejante, que levantava as ondas, e desencadeava as tempestades: tinham dispersado esses numerosos exercitos d'arabes bellicosos, defendendo, contra um punhado de estrangeiros, sua fé, seus thesouros, e suas vidas, debaixo da direcção de principes illustres, e valentes capitães. Tudo havia cedido á coragem d'um pequeno povo europeu: todas as costas da Asia e da Africa enviavam seus tributos a Lisboa. Mas a temeridade do rei Sebastião cansou por fim a fortuna, e a potencia portugueza encontrou o seu tumulo nas planicies cruentas d'Alcaçar-el-Kibir. Definhando debaixo do jugo hespanhol, viu Portugal seu magnifico imperio na Asia e na Africa perecer, e reduzir-se successivamente a algumas feitorias. A sêde de oiro, que tinha inspirado aos chefes das colonias portuguezas um procedimento tyrannico; a revolta das nações orientaes, as aggressões dos hollandezes, e as discordias intestinas, tudo concorreu para tornar inuteis os prodigios de valor, com os quaes o grande Castro e alguns outros, procuraram defender as conquistas da Asia.» [1]

* 1676) . MANCINI (POLIZIANO). — V. o art. n.º 805
E. — *Il principe Altomiro di Lusitani regnant.* Roma, 1650, 12.º

1677) MARCHE (OLIVIER).

«As *Memorias* d'este escriptor francez, organisadas entre 1435 e 1488, são

[1] Deve-se ler em Malte-Brun (Vol. I), a parte em que elle attribue aos portuguezes a descoberta da Oceania.

a fonte mais preciosa, que se póde encontrar sobre as origens tradicionaes das *Quinas portuguezas*. Pódem-se consultar na *Collection complète des Mémoires relatifs à l'Histoire de France, par Petitot*, t. IX, 2.ª serie, pag. 107. É para admirar que na celebre polemica sobre o Milagre d'Ourique, nenhum dos contendedores se lembrasse de interpretar um texto tão importante.» [1]

1678) MARCOU (LÉOPOLD). — Lente cathedratico no Lyceo Louis le grand, em Paris.

Reviu e augmentou a ultima edição da *Selecta Franceza de Roquette*, impressa em Paris no anno de 1874.

1679) MARGR (PIERRE).

E. — *Les navigations françaises et la révolution maritime du XIV au XVI siècle d'après les documents inédits tirés de France, Angleterre, d'Espagne et d'Italie par* —. Paris, 1867, 8.º

Versa esta obra sobre os pretendidos direitos dos francezes á prioridade do descobrimento da costa de Guiné, direitos até hoje não corroborados por documento algum, diz M. Major na Vida do Infante D. Henrique (versão portugueza, pag. 23).

1680) MARIANNA (P. JUAN DE). — Celebre historiador hespanhol.

E. — *Historia general de España que escrebio el ilustrada en esta nueva impression de tablas cronologicas notas y observaciones criticas con la vida del autor*. Valencia, y Oficina de Bento Montfort. Año 1783. 9 vol. fol.

Recommendo as annotações d'esta edição aos que desejarem escrever por miudo ácerca do nosso paiz, pois muitissimas vezes nos dizem ellas respeito.

1681) MARKLAM (D. R).

E. — *The portuguese expeditions to Abyssinia, in the XV.th XXI.th and XVII.th centuries*. Foi este trabalho publicado no *Journal of the Royal Geogr. society*, vol. 38 pag. 1 a 12.

1682) MARTEAU (P).

E. — *Rélation de ce qui s'est passé en Portugal, par rapport aux operations de la Campagne de 1765, qui etoit la seconde année de la Guerre en ce Royaume*. Cologne.

1683) MAWE (ARISTIDE). — Illustre Orientalista.

Na sua *Historia dos Reis Malayos de Malaca* (1252 a 1511) apresentada no Congresso dos Orientalistas em 1873, traz dados preciosissimos para completar a biographia do nosso Affonso de Albuquerque. [2]

* 1684) M.elle *** V. o art. n.º 896.

E. — *Agnés de Castro. Nouvelle portugaise, par* —. Amsterdam, chez Pierre Savouret, dans le Kalver. Straat.

[1] Palavras do Ex.mo Sr. Theophilo Braga.

[2] Noticia devida ao Ex.mo Sr. Theophilo Braga.

1685) MEMOIRES INSTRUCTIFS POUR UN VOYAGEUR *dans les divers Etats de l'Europe: Contenant des Anecdotes curieuses très propres à éclarcir l'Histoire du Temps; avec des Remarques sur le Commerce et l'Histoire Naturelle.* Amsterdam, Chez H. du Sauzet, 1738, 8.º

Vi dois volumes, ignoro porém se a obra comprehende mais. O primeiro tracta de Portugal no reinado de D. João V, e esta viagem continúa no segundo; confesso que achei mui interessante a leitura.

«Apezar de eu ter estado já por duas vezes em Lisboa, tinha com tudo viajado por terra, e por isso nunca tinha visto a entrada do Tejo, que offerece um dos mais bellos pontos de vista, que se pódem imaginar. A torre de Bugio, que se apresenta no meio do mar, á direita, alguns outros fortes á esquerda, grande numero de casas de recreio n'uma campina verdejante, e coberta de larangeiras carregadas de fructos; a torre de Belem, Lisboa em perspectiva no seu conjuncto apresenta uma vista, que difficilmente se encontrará n'outra parte. Duvido que haja outra mais bella, exceptuando a que apresenta Constantinopla, quando nos approximamos d'esta cidade.

«Apezar de todos estes fortes, os senhores Fourbin, e Duguay Trouin offereceram-se uma vez a Luiz XIV para irem lançar fogo ao palacio do rei de Portugal, e queimarem a esquadra ingleza que se julgava ao abrigo de qualquer insulto.

«Embora o rei de Portugal D. João V tenha feito grandes cousas nos seus Estados, não tinha ainda podido no meu tempo extirpar o mau costume de fazer assentar praça na infanteria aos lacaios dos Senhores [1] com o posto de officiaes subalternos, embora não tenham nenhuma das qualidades requeridas para o commando de tropas. Estes officiaes calçam e descalçam a seus senhores, sem nunca largarem a banda e a espada.

«Como eu sabia por experiencia que as hospedarias em Lisboa são umas verdadeiras espeluncas, onde a gente está mal alojada, fui dormir na cama de um meu amigo, e depois fui percorrer a cidade para examinar os sitios, em que havia bocados de papel branco nas janellas, que é o signal usual de que se servem para indicar que as casas estão para alugar. Tive a dita de encontrar bem depressa um aposento conveniente: fui depois ao mercado da praça do Rocio, onde se encontra tudo quanto se póde desejar; comprei a mobilia necessaria, e fui alojado e fornecido de tudo em menos de trinta horas.

«Ganha-se esta despeza no praso de dois mezes. A que se fizesse na hospedaria no mesmo espaço de tempo, seria pelo menos tão consideravel, tendo ao mesmo tempo o dissabor de ser n'ella maltratado, e de suportar as maneiras grosseiras de um bodegueiro francez, pelo menos. As pessoas d'esta raça nunca deixam de trahir os seus hospedes, informando aos commerciantes seus amigos d'aquillo que os recem-chegados teem tenção de fazer, e empregam todos os meios para lhes subtrahirem alguns papeis, que possam fornecer esclarecimentos ácerca dos seus negocios. Eis ao que a gente está exposta nesta

Mémoires etc. vol. I. pag 45.

sorte de hospedarias, pois os portuguezes não alojam ninguem nas suas casas, e os hollandezes dão muito má comida, e ainda levam mais dinheiro do que os tasqueiros francezes. O que augmentava a minha satisfação era ver-me abrigado contra a curiosidade importuna dos francezes de Lisboa, que correm atraz de um estrangeiro como os corvos atraz de um paciente, que levam á força, para lhe arrancaram os olhos. Estes individuos dentro em pouco julgam pela physionomia de um estrangeiro recem-chegado se vem dos paizes maritimos do Norte, se é inglez, hollandez, hamburguez etc. Neste caso seguem-no por toda a parte, procuram ganhar sua confiança, e não o largam, sem que o tenham roubado, ou sem que venham no conhecimento de que estão perdendo seu tempo, com um homem que não está resolvido a deixar-se enganar, ou que não está em estado de contentar sua avareza.

«Ha mui poucas boas casas francezas em Lisboa, e se nesta cidade se encontram alguns francezes ricos, é porque casaram com portuguezas e vivem em geral como os ursos.

«O estrangeiro não deve frequentar as casas de mulheres publicas, nem entregar-se aos excessos do vinho. Os portuguezes desprezam os bebados, e o rei que não bebe vinho, tem uma aversão invencivel contra todos aquelles, que se entregam a este vicio. Em quanto ao commercio com mulheres, não poderia eu bastantemente exprimir a que perigos se expõe um homem, que procura satisfazer sua paixão a este sexo, e que se anda a divertir com as mulheres de má vida. Não deixa de ser remunerado com certos presentes de Venus, mui proprios para o amargurarem, e fazerem arrepender da sua imprudencia. Um homem está perdido, se lhe não applica o remedio de prompto; e se tem a ventura de recuperar a saude, dois annos ainda lhe não são bastantes para restaurar suas forças. Aquelles, que pretendem evitar esta desgraça, teem o cuidado de se fornecerem de uma amante: e póde-se ter uma por seis moedas de oiro cada mez. Então a mãe da bella, toma cuidado na filha, e não se incorre em nenhum perigo. Visto haver eu fallado dos terriveis perigos, a que os homens estão expostos por frequentarem as mulheres devassas d'aquelle paiz, dos quaes os estrangeiros se não podem curar, se forem com aquellas molestias para paizes frios, é aqui logar de dizer uma palavra a respeito dos famosos banhos de Portugal, aos quaes se dá o nome de Caldas. Estes banhos curam radicalmente as doenças venereas de qualquer especie. Vi o irmão do decano de todos os embaixadores do mundo, na edade de perto septenta annos, voltar d'aquellas aguas perfeitamente curado. Tinha antes de se fazer transportar para ellas o craneo tão podre, que, quando lhe punham em cima uma bolla de chumbo, formava uma cova com seu proprio peso: as carnes de suas pernas e braços estavam quasi a separarem-se dos ossos; exhalava um cheiro parecido com o de um cadaver, e ao sahir d'estes banhos, sustentava-se em pé como qualquer outro homem. Os cirurgiões portuguezes tendo pouca pratica do curativo d'esta doença, acham-se perfeitamente ignorantes na sua cura; e os estrangeiros, que se entregam nas mãos dos cirurgiões francezes, são em geral enganados por elles. O melhor partido, que se deve tomar, é ter uma vida regular: é este o unico preservativo contra esta sorte de doen-

ças, que são as unicas, que se devem temer n'aquello paiz, devendo-se fazer um pequeno uso do vinho, e não se comer carne de tarde, nem figos, nem melões depois do meio dia.

«São a taes horas estas fructas mui nocivas, embora não o sejam nem pela manhã, nem ao jantar. É de notar que a melancia, tem tanto de saudavel comendo-se depois do jantar, quanto o melão tem de nocivo.[1]

«A infanta real de Portugal, que depois casou com o principe das Asturias, era então uma princeza, que dava grandes esperanças, e tinha uma indole excellente. As bexigas tinham extraordinariamente desfigurado o seu rosto. Falla varias linguas, como a rainha sua mãe, irmã do imperador Carlos VI, que hoje occupa o throno imperial. O principe do Brazil n'aquelle tempo era bello, e como não fallava francez, tomei a liberdade de lhe perguntar a razão. Sua Alteza real deu-me em resposta: *Minha Mãe não quer*. Tendo-lhe replicado que a infanta real fallava bem o francez, o principe respondeu-me: *Porque minha mãe assim o quer.*

«A rainha de Portugal é uma digna e grande princeza, uma boa mãe, que educa a familia real com todos os cuidados possiveis. Supportou com grande paciencia a affeição que o rei teve a uma certa casa religiosa, o que deu grande brado no mundo. Este principe poz termo a esta affeição com uma grandeza de alma digna de um grande rei, e que póde servir de exemplo a todos os principes

«O rei de Portugal, embora distrahido com os seus prazeres, não cessou nunca de ter as mesmas attenções para com a rainha. D'aqui resultou até mesmo um grande bem, pois os conventos das freiras em Portugal, que anteriormente eram logares de uma grande liberdade para o galanteio, se tornaram santos asylos, que podem bem servir de exemplo aos conventos de muitos outros paizes. Não é para surprehender que os amores do rei tenham feito muito barulho: pois a nobreza do reino se viu privada dos seus entretenimentos usuaes, sendo a entrada nos conventos prohibida a toda a qualidade de pessoas, sem excepção. O rei não isentou ninguem do castigo, que merecessem os que tivessem a temeridade de desobedecerem a suas ordens: viu-se desterrar um velho almirante de sessenta annos de edade, e ser punido com a mesma severidade, de que se teria usado para com um mancebo, por ter ousado não cumprir as ordens dadas. A gente da egreja, principalmente os frades, não teem gritado menos do que a nobreza, por que assim se repremia sua libertinagem, prohibindo-lhes todo o acesso nos conventos. As proprias freiras gemeram com o rigor das ordens, que as obrigava a uma solidão pouco conforme com suas inclinações, e para se vingarem, occuparam-se em primeiro logar em pregar mil peças a um chamado Bocalio, official de justiça, encarregado de executar com o extremo rigor as ordens de S. Magestade. As religiosas de um certo convento fizeram com que passasse certo dia fóra de horas pela

[1] De pag. 54 até 65 trata este livro das desintelligencias, que n'esta côrte houve com o abbade de Livry, embaixador de França. Os escriptores da vida de D. João V, biographia que ainda está por escrever, devem ler estas paginas.

porta, do seu convento, um senhor, que tinha fama de ser muito galanteador e desappareceu, sem que se podesse conhecer para que lado se tinha retirado. Bocalio, a quem tinham advertido, estava á espreita, e julgou surprehender o senhor, a quem seguia de longe. Entrou no convento com seus satellites, e foi logo direito ao parlatorio, onde viu um homem, que estava apertando a mão a uma freira. Transportado de jubilo por ir fazer uma tal prisão, elle proprio lançou a mão ao pescoço [1] do culpado, dando-lhe voz de preso da parte de el-rei. A freira pareceu assustada, e ao fugir empurrou o preso para cima de Bocalio, o qual n'um instante se achou coberto de sangue, e immundicies por um boneco representando um homem, que de proposito alli tinham posto para mangarem com elle.

«Bocalio enfurecido com a affronta, que vinha de receber, fez amargas queixas ao rei, que nada mais fazia senão rir, mas consolou-o com uma somma de dinheiro, e com uma nova dignidade, com que o remunerou para o animar a cumprir bem o seu dever. As freiras Carmelitas, em cujo convento a scena se tinha passado, riram muito com a peça, mas as ordens nem por isso foram menos rigorosamente cumpridas. Esta historia comica divertiu por muito tempo o publico, principalmente a nobreza, que se julgou até certo ponto vingada dos furores de Bocalio, o qual foi depois elevado á dignidade de *desembargador do paço*. O rei teve o gosto de assistir com toda a sua côrte ao exame, que foi obrigado a fazer, segundo o costume, na sciencia das leis, e embora elle estivesse muito longe de ser um douto jurisconsulto, Sua Magestade entregou-se ao prazer de fazer grandes elogios a seu profundo saber. Bocalio foi por tanto recebido como desembargador com applausos extraordinarios, e como dignissimo de desempenhar este logar. Soube-se fazer respeitar, como o sabem bem fazer as pessoas da lei em todos os paizes.

«A maneira como o rei D. João V poz fim ás suas entrevistas mantidas por tanto tempo, e que tão grande desgosto davam á Côrte de Roma, e a seus vassallos, tem alguma cousa de tão magnanima que se póde dizer terem tido poucos principes antes d'elle uma força de espirito egual á sua.

«Ha poucos annos cahiu sobre Lisboa um horrendo furacão, causado por um vento do sul, que fez ir a pique do lado da cidade todos os navios ancorados no Tejo. Septecentas ou oitocentas embarcações arrastadas pelo vento foram de encontrão umas contra as outras desde Lisboa até abaixo de Belem. Uma nau de guerra ingleza, commandada por mylord Were, e destinada para o transporte das peças de oiro, que secretamente passam de Lisboa para Inglaterra, foi a unica, que resistiu a esta furiosa tempestade; mas os navios de guerra do rei não foram isentos da desgraça commum. Os campos ficaram assolados, viam-se de todos os lados as casas derribadas, milhares de arvores com a raiz ao sol, até mesmo as grossas oliveiras, o que produziu uma perda irreparavel. Lisboa tinha já sido açoutada por uma doença, que se aproximava da peste, o que tinha causado uma espantosa mortandade. Sua Magestade tinha-se distinguido por um grande numero de esmolas, tendo liberalisado som-

[1] O original traz *colet*, palavra que se não encontra nem no diccionario de Littré.

mas immensas durante a prolongação d'este flagello. Mas, quando o rei foi informado dos estragos causados pelo cyclone, como bom pae da patria, teve o coração penetrado de dôr, e não poude deixar de derramar algumas lagrimas, na presença do reverendo padre Gouvea, capuchinho, grande prégador, ainda mais respeitavel pela santidade de sua vida, do que por seu illustre nascimento. Tinha levado o desinteresse até ao ponto de recusar a dignidade de patriarcha, e o chapeo de cardeal. Este homem de Deus aproveitou-se do lanço para representar ao rei, que Deus estava irritado, que algumas vezes pune os povos por causa dos peccados d'aquelles, que os governam, e que, se poupa os principes neste mundo por uma sabia providencia, nem por isso devem elles temer menos sua justiça. Sem entrarmos em mais miudos pormenores d'esta edificante conversão, o rei com estas palavras ficou profundamente commovido, e comprehendeu sem difficuldade o que o santo homem queria que elle intendesse. Tomou immediatamente a resolução de fazer a Deus o sacrificio do objecto da sua paixão, e de renunciar a ella para sempre. Esta resolução era digna da grandeza de sua alma, e tanto mais difficil de executar, quanto este principe havia alguns annos que nunca tinha deixado d'ir na bocca da noite a Odivellas, acompanhado do seu confessor, medico, e de varias outras pessoas. Tinha mandado construir para a sua amante um alojamento, cujo interior era digno da magnificencia do rei do oiro, e o tinha recheado de riquezas. Esta dama não vendo chegar este principe no dia seguinte ao do furacão, mandou saber o motivo, e lhe mandou de presente duas camizas, que ella tinha feito por sua propria mão. Mas por conselho do padre Gouvea, este presente não foi aceite.

«Sendo esta dama informada do que se passava, mostrou quanto ella era digna da attenção de um monarcha pela grandeza de seus sentimentos. Pois bem longe de pensar em agrilhoar outra vez seu amante, em nada mais pensou do que em imitar seu exemplo, e em consagrar a Deus o resto de seus dias. Deixou seu alojamento para se encerrar na sua primeira cella, contentou-se com recommendar á protecção do rei o que ella tinha de mais caro, e lhe restituiu todas as riquezas, que tinha recebido de suas liberalidades. Este principe dispoz d'ellas com essa generosidade, que lhe é tão natural, e os parentes d'esta dama foram accumulados de beneficios.

«Tendo sido advertido de que se preparava em Lisboa a festa de um *auto de fé*, [1] para alli me dirigi para o ver. Chamo a esta ceremonia horrivel uma festa por causa do prazer que os portuguezes teem de assistir a ella. É permittido nesse dia ás mulheres mostrarem-se nas suas janellas, e de nellas apparecerem ornadas com suas joias, e com todos os seus atavios, da mesma fórma que no dia da procissão do Corpo de Deus, e durante as procissões da Quaresma. Não se conhece o carnaval em Lisboa, mas a Quaresma dá occasião a procissões, que são tão variadas como as mascaradas de Veneza. É um tempo de folguedo para as damas. Além d'isto a visita das egrejas durante a Semana Santa faz crescer mais o numero dos adulterios n'um só dia, do que em

[1] *Memoires*, vol. I.

todo o resto do anno. As mulheres teem a liberdade de andarem pela rua toda a noite cobertas de seus manteos negros, e os galantes da sua parte se disfarçam em mulheres, e se misturam nas turbas. Os maridos teem bastante cautella em fazerem accompanhar suas esposas por escravas, que elles creem affeiçoadas a seus interesses; mas sua fidelidade não resiste aos presentes, que os galantes lhes dão, e estas escravas conduzem as bellas para as casas de seus amantes.

«Posso fallar a tal respeito perfeitamente, não que eu tenha jámais podido resolver-me a manchar a Semana Santa com crimes; mas tenho querido ver e experimentar por mim mesmo a verdade do que me tinham narrado. Achei que me não enganaram. Custou-me dinheiro, e experimentei quam facil me era diliciar-me n'estas occasiões: até mesmo por este meio arranjei conhecimentos, que mais tarde me deram prazer, sem incorrer nos riscos, em que se incorre nas entrevistas com pessoas, que se não conhecem, e que nunca se fallaram. É muito perigoso então fiarem-se na boa fé de outrem; e não aconselho a ninguem a tentar a fortuna, principalmente a estrangeiros, cuja vida é avaliada como cousa tão insignificante em Portugal, pois para cincoenta estrangeiros assassinados de noite em intrigas amorosas, não ha que esperar justiça, pois são elles sempre reputados criminosos.

«Tive licença de entrar no palacio do Santo Officio. O rei alli foi ter antes que a procissão interior dos criminosos principiasse. Admirei a bondade d'este principe, que pessoalmente quiz fallar aos mais criminosos, e exhortal-os ao arrependimento. Entre estes desgraçados havia um padre brazileiro, christão velho, que tinha abraçado o judaismo, e se havia feito circumcidar, contra as leis do Estado. Sua Magestade apressou-se a convertel-o, pedindo-lhe que reconhecesse seu Salvador, e se subtrahisse ao supplicio, que ia padecer, perecendo nas chammas como um reprobo, um rebelde a seu rei, e ás leis do Estado. Empregou as expressões mais commoventes para vencer a obstinação d'este indigno sacerdote, assegurando-o de sua protecção, e promettendo-lhe uma pensão para sua decente subsistencia. Todos os assistentes ficaram enternecidos da bondade do rei para com este miseravel, que preferiu ser queimado a renunciar ao judaismo. O rei fallou da mesma forma a varios outros, alguns dos quaes reconheceram seus crimes, e imploraram a clemencia do rei, que lhes perdoou.

«Depois d'esta ceremonia, a procissão que tinha percorrido o interior do palacio do santo Officio, sahiu, e se encaminhou para a egreja de S. Domingos, onde leram os processos dos criminosos, e fizeram as ceremonias usadas em casos identicos. Depois a procissão sahiu da egreja, e percorreu as ruas da cidade, onde as tropas tinham formado alas. N'estas occasiões mandam vir alguns regimentos para segurança publica, e para prevenir as desordens, que os judeos escondidos poderiam causar na cidade. O rei não apparece publicamente na praça da execução, assiste comtudo embuçado no seu capote com os principes seus irmãos.

«Sua Magestade ordenou que, embora as sentenças da Inquisição fossem olhadas como soberanas, deviam com tudo ser revistas pelo seu tribunal. Per-

mittiu aos criminosos que tomassem advogados para sua defesa; o que faz com que embora a procissão comece de manhã muito cedo, seja noite quando se faz a execução. Quando examinamos as cousas de perto, achamos que a Inquisição é um poderoso freio contra a sodomia; vicio odioso, e ao qual os portuguezes, que são naturalmente calidos, e cheios de fogo, teem uma excessiva propensão. Os que teem estado em Roma, ainda são mais attreitos a este vicio, e corrompem os outros; no entanto a Inquisição é muito mais perigosa em França do que o é em Portugal. [1]

«Devo comtudo advertir aos estrangeiros, que forem a Portugal, e quizerem assistir a esta ceremonia, que devem andar com a maior prudencia no dia do Auto de Fé, de modo que nada façam, ou digam, que possa escandalisar a superstição dos portuguezes. Devem estar bem seguros a respeito das pessoas, com as quaes vão ver passar a procissão: pois os portuguezes não estão menos animados n'aquelle dia a favor da gloria da Inquisição, do que o estavam antigamente as bacchantes em honra do deus da parreira. É difficil que um estrangeiro passe por entre a chusma de que as ruas estão apinhadas, sem que as pessoas do povo baixo deixem de rosmungar por entre os dentes injurias que significam em geral: *Que bem que ficava uma carocha a este herege!* Proferem ordinariamente mil maldições contra os desgraçados, que vam queimar, e se veem algum espectador tristonho, não deixam de lhe dizer: *que está triste por levarem seus irmãos a queimar na fogueira!* Vemol-os por toda a parte dominados pelo zelo exclamarem: *Que grande clemencia! Bemdito seja o santo Officio!*

«Para não andarem expostos aos insultos do povoleo, é melhor ver de uma janella, e não fallar com ninguem, e ter nas mãos a lista impressa, a qual contém os nomes dos desgraçados, que vão executar, seus crimes, sentenças, e supplicio que vão padecer. D'este modo, entretidos a ler, não incorrem no risco de faltarem áquella discrição que é preciso ter.

«O padre do Brazil, que antes quiz deixar-se queimar vivo, do que renunciar ao judaismo, tinha pelo menos sessenta annos de edade. Não deu provas de fraqueza alguma, e nem sequer se dignou responder uma só palavra aos jesuitas e aos frades, que lhe diziam ao ouvido que se convertesse, e que lhe não poupavam injurias. Os outros, que só deviam ser queimados depois de estrangulados, repetiam em alta voz as orações e a ladainha, que os padres, que iam ao lado d'elles recitavam. Tinham amarrado com tanta força as mãos do padre, e com uma corda tão fina, que ella quasi que serrava os pulsos: uma tal prisão devia ser para elle um grande tormento, e supportou-o desde as cinco horas da manhã até bem pela noite dentro. Antes de o queimarem, esfolaram-lhe as extremidades dos dedos, que tinham podido tocar na hostia santa. Soffreu o fogo sem dizer mais do que estas palavras. *É uma grande infamia, e uma grande vergonha o tratardes assim um homem, que morre por affirmar que não ha mais do que um Deus, que vos hade de punir, desgraça-*

[1] *Mémoires*, vol. I. pag. 152. O auctor defende n'um grande numero de paginas a Inquisição de Portugal. No entanto que nunca mais ella cá volte!

dos, de o offenderdes d'esta fórma! Affastou alguma cousa o fogo com o seu lenço, e tendo pegado o fogo n'este lenço, rendeu o espirito este padre, e foi reduzido a cinzas. Sua constancia n'este cruel supplicio foi um grande triumpho para os christãos novos, ou judeos disfarçados, e uma mortificação sensivel para o clero. É n'estes tristes momentos, e em quanto conduzem os judeos ao supplicio, que é facil reconhecer no seu rosto se elles são da raça d'Israel. Alguns d'estes miseraveis levam a obstinação ao ultimo extremo, e não querem confessar suas faltas, senão quando veem na egreja de S. Domingos, ou suas mulheres, ou alguns de seus parentes, em o numero de aquelles, que confessam haverem judaisado. Como assistiram com elles ás ceremonias illicitas de sua religião, conhecem bem que ha provas sufficientes contra elles, e então pedem publicamente perdão á Inquisição. Os judeos escondidos em Portugal são mui avaros, e interesseiros, mas não se póde negar que tenham muita constancia, e firmeza, e em geral são muito para lamentar. Cedo ou tarde a maior parte d'elles padece a punição, que mereceram por terem infringido as leis fundamentaes do Estado, que prohibem todo o exercicio da religião judaica. Sua sorte é pouco mais ou menos a dos salteadores, que depois de terem muitas vezes fugido ao perigo, caem com o andar do tempo, e por casos imprevistos, nas mãos da justiça.

«Lembro me de que, havendo embarcado em um navio inglez, corremos risco de irmos a pique na costa de Hespanha. Havia n'este navio dois judeos, cuja physionomia e feições mudaram totalmente á vista do perigo que os ameaçava, pois se julgavam já nas mãos da Inquisição de Hespanha. Faziam lamentações espantosas ácerca de sua triste sorte, e não tornaram a si do susto senão depois de termos chegado a Gibraltar. Vi então uma cousa singular n'aquelles homens; estes judeos não eram conhecidos de ninguem n'esta terra, mas encontraram immediatamente amigos; pois tendo feito uma certa contorsão com a bocca, notei que esta especie de signal foi repetido por judeus marroquinos. Um momento depois achamo-nos rodeados de cincoenta hebreus. [1]

«No volume 2.º a pag. 126 começa vez a descripção de Portugal, principiando pela cidade de Elvas.

«Tem esta cidade uma cisterna, que eu julgo ser a maior, que existe no mundo.

«O toucinho de Portugal, e os presuntos de Lamego, n'este genero são o que ha de melhor.

«Os portuguezes fazem grandes paios, que são excellentes.

«O soldo dos officiaes e dos soldados é mui diminuto: estes ultimos fazem meia para terem de que subsistir.

«É uma cousa pasmosa o terem os portuguezes, nos quaes se observa sempre tão pouca ordem em tudo quanto diz respeito ás coisas militares, em todos os tempos supplantado os hespanhoes.

[1] A pag. 198 começa a viagem á Serra da Estrella. É uma descripção muito interessante. A pag. 130 (do 2.º vol.) principia a narração d'uma tourada.

«Seria bom que se pozesse termo em Lisboa á gritaria que se faz á noite, cantarolando o Terço diante das casas: é quem hade gritar com mais força.

«Os conventos de S. Vicente e da Graça disfructam a mais bella vista, de que se póde g zar no mundo.

«A maneira de agradar a D. João V é apparecer na presença d'elle com vestuarios ricos.

«A alfandega de Lisboa produz o melhor rendimento, que ha na Europa.

«A ribeira do peixe de Lisboa é sem contradicção a melhor da Europa em quanto a diversidade dos peixes.»

1686) MEMOIRES DE MONSIEUR DU GUAY-TROUIN, *Lieutenant general des armées navales, Commandeur de l'Ordre Royal et militaire de S. Louis. A Amsterdam*, Chez Pierre Mortier, 1746, 8.º XXXIX, 312 pag. Com estampas, representando uma d'ellas o plano da Cidade do Rio de Janeiro na occasião, em que Du Guay Trouin a foi atacar.

É obra importante para a historia das nossas guerras com os francezes.

1687) MÉMOIRE POUR J. NAGLE, *écuyer irlandois, capitaine du régiment de Walsh, contre dame de Kearng, irlandaise, veuve du sieur d'Oliveira, portugais*. Paris, 1783, 4.º 104 pag.

«Processo de successão. Ácerca da questão de se saber se um gentilhomem irlandez, emigrado, tendo-se posto ao serviço da França, ficou sendo francez. Importantes esclarecimentos a respeito da revolução de 1688.» *Catalogue de Chossonnery*, pag. 10.

1688) MÉMOIRES SUR LE PORTUGAL. Lisbonne. 1832. 8.º 142 pag.

1689) MENDIZABAL (D. J. A. DE)

E. — *Exposicion e documentos relativos a la contrata de dos milliones de libras que se recommenda en Lisboa.* Madrid 1836, 4.º

1690) MENDOZA (D. INIGO LOPEZ DE). — Marquez de Santilhana

E. — *Obras de —. ahora por vez primera compiladas de los codices originales e ilustradas con la vida del autor, notas y comentarios*, Madrid, 1852.

N'estas obras do Marquez de Santilhana apparece uma carta escripta ao Condestavel de Portugal, D. Pedro, filho d'aquelle D. Pedro que morreu na batalha d'Alfarrobeira. Tanto este D. Pedro como seu pae eram grandes cultores das lettras. A carta do Marquez de Santilhana versa por tanto sobre assumptos litterarios, e é preciosissima para o estudo dos primeiros tempos da litteratura portugueza.

Lopez de Mendonça fez d'ella uma versão, acompanhada de algumas annotações, que publicou nos *Annaes das Sciencias e das Lettras*.

O referido Marquez nasceu em Carrion de los Condes, a 19 d'agosto de 1398. Seus senhorios paternos eram os de Guadajara, Hita, Buitrago e el Real de Manzanares, todos em Castella: e os maternos estavam nos valles das mon-

tanhas de Santander, chamadas então Asturias de Santander. Ganhou o titulo de marquez de Santilhana na batalha de Olms em que se achou no anno de 1445. Chegou a ser o magnate mais auctorisado e poderoso de Castella, e veiu a fallecer em 25 de Março de 1458.

Todas estas noticias e muitissimas outras nos dá a respeito de D. Iñigo Lopes o Sr. Amador de los Rios. Trata este escriptor muito por miudo de tudo quanto é relativo á litteratura hespanhola, tudo conhece, quer tenha sido impresso, quer jaza manuscripto nas bibliothecas, archivos, cathedraes, e palacios dos fidalgos hespanhoes. Tirou ou mandou tirar copias, pediu apontamentos, e não se poupou a fadigas para apresentar um trabalho que desse honra e gloria ao povo hespanhol. Mas quando tracta de assumptos portuguezes, que esterilidade, que falta de conhecimentos!....

O Sr. Amador de los Rios não visitou uma unica bibliotheca portugueza! Ignora completamente as riquezas que possuimos nas livrarias da Ajuda, da Academia das Sciencias, na Bibliotheca publica de Lisboa, na do Porto, na d'Evora, na de Mafra, na de Braga etc. N'uma palavra, o sr. Amador nem conhece o *Panorama*, collecção tão importante, vulgar, e que de tanta utilidade lhe podia servir na composição do seu trabalho. É realmente uma nodoa na *Historia da Litteratura Hespanhola* a maneira como alli é tratada a nossa. O Sr. Amador podia pôr de parte tal assumpto, para o qual não estava habilitado; ou então vir até Portugal, e fazer por aqui seus estudos. Faz-nos isto lembrar se o Sr. Amador de los Rios teria em vista apresentar um quadro no qual a litteratura do seu paiz deslumbrasse com dimensões colossaes, e a do nosso fosse amesquinhada com dimensões rachiticas e de pygmeo. Quiz talvez ainda mais fazer com que a sua avultasse á custa da portugueza....

O Sr. D. Amador, porém, nas questões intrincadas, toma para seu cyreneo ao Sr. D. Paschoal Gayangos, o qual, como é notorio, tem sempre pretendido privar a litteratura portugueza das suas mais bellas joias, dando-lhes paternidade hespanhola, motivo porque o Sr. Theophilo Braga ao tratar do *Amadis de Gaula*, fallando d'este ultimo escriptor, disse com toda a razão: «D. Paschoal Gayangos reuniu alguns argumentos no *Discurso preliminar* á sua edição dos *Libros de Cavallerias*, 3, para refutar alguns argumentos palpaveis e immediatos que nos provam como a primeira redacção d'essa obra litteraria foi indisputavelmente portugueza. Em uma doce miragem intellectual, mas sem logica nos seus processos criticos, tira conclusões adversas á primitiva redacção portugueza de um modo que, se tem de attribuir a insufficiencia o que á primeira vista parecerá má fé.» [1]

Eis a amostra de alguns dos argumentos do Sr. A. de los Rios:

I. «A especie de que existiu o supposto original de Lobeira «na casa de Aveiro» proveiu dos *Poemas Lusitanos* do dr. Antonio Ferreira, dados á luz no anno de 1598. A pag. 72 dos mesmos ha dois sonetos, um escripto em linguagem antiga, dirigido a Vasco de Lobeira, a quem appellida auctor do *Amadis*, e outro, no qual se refere á modificação, que fez na sua obra, por mudado

[1] Sr. Theophilo Braga—*Amadis de Gaula*, pag. 161. (Porto, 1873).

do infante D. Affonso, segundo advertimos no texto..... Mas, como observa D. Paschoal Gayangos, não existindo a dita nota na edição de 1598 (!) e achando-se na impressão feita em 1772, ha razão para crer que foi posta depois, e carece, por tanto, da auctoridade, que se lhe tem attribuido.

II. Ninguem tem podido dizer que viu o codice do *Amadis*, conservado na livraria dos Duques d'Aveiro! Os Srs. D. Amador e Paschoal que estudem o assumpto; e verão se houve ou não quem os visse. Quem não está habilitado para tractar de certos assumptos, não se metta nelles.

III. «O livro de *Amadis* existia muito antes que vivesse Lobeira, e a prova está em que sobre o tumulo de D. Lorenzo Soares de Figueroa, fallecido em 1409, estão repetidas, aos pés d'um cão, as palavras AMADIS, AMADIS.» Mas quem affirma que o heroe Amadis é portuguez? Parece até que este heroe vivia no seculo VI depois de Christo. De redacção portugueza, é porém, a novella em que aquelle heroe figura, novella attribuida a Vasco de Lobeira.

E que dirão os dois citados escriptores a respeito do seu compatriota, o Sr. Benjumea, que assevera do modo mais positivo ser o *Amadis* obra de um portuguez? [1]

E quem déra aos Srs. Gayangos e Amador terem os profundos conhecimentos, que da nossa litteratura, possue o Sr. Benjumea!

IV. Todos sabem que um dos mais fortes argumentos a favor da nacionalidade portugueza do *Amadis* é uma passagem da *Chronica do Conde D. Pedro de Menezes*, composta por Gomes Eannes d'Azurara.

Agora o leitor vae ver como o Sr. Amador fugiu d'este trecho, que o devia incommodar alguma cousa.

No texto não diz sequer uma palavra a respeito d'ella, e em a nota á pag. 80 (vol. v) traz as seguintes palavras: «O *Amadis* (conclue Ticknor arrastado pela opinião de Bouterweck, e Sismondi) é um livro portuguez, escripto antes do anno 1400, e seu verdadeiro auctor o cavalleiro Vasco de Lobeira. Ticknor tinha conhecimento d'uma passagem da *Chronica do Conde D. Pedro* escripta em 1454 pelo guarda mór da Torre do Tombo Gomes Eannes d'Azurara. Adiante notaremos a fragilidade d'estas opiniões.»

Aqui está a promessa do Sr. Amador, eu porém li e tornei a ler, e no entanto vi que o auctor da *Historia da Litteratura hespanhola* não a cumpriu quer de proposito, quer por esquecimento.

O Sr. Amador nem conhece os estudos sobre o *Amadis de Gaula* devidos á penna do Sr. Alexandre Herculano: desconhece a existencia dos *Ineditos d'Alcobaça*, por Fr. Fortunato de S. Boaventura, e o Catalogo dos manuscriptos d'Alcobaça devidos á penna d'este mesmo escriptor, onde podia beber tantos conhecimentos a respeito dos primeiros tempos da litteratura portugueza.

Mas ponhamos ponto, pedindo desculpa ao leitor de até certo ponto tratar dos livros do Sr. Amador fóra do seu logar. Houve uma causa: quando escrevi o artigo Amador de los Rios não tinha ainda lido a sua *Historia da Litteratura hespanhola*.

[1] *El Palmerin d'Inglaterra.*

1691) MENNECHET (EDOUARD).

E. — *Matinées litteraires, Cours complet de Litterature Moderne, par* —. Paris, 1848, 4 vol. 8.º

De pag. 466 a 489 traz um resumo de litteratura portugueza.

Considera a lingua portugueza como completamente differente da hespanhola, embora proveniente da mesma origem.

1692) MERCHANT'S AVISO (THE) *or Instructions very necessary for their sonnes and servants, when they first send them beyond the Sea, as to Spaine and Portingale, or other countries.* London 1640.

1693) MERCURE (LE) PORTUGAIS OU RELATIONS POLITIQUES *de la fameuse révolution d'Estat arrivée en Portugal depuis la mort de D. Sebastien, jusques, au commencement de D. Jean IV á présant regnant,* Paris, 1643. 8.º

1694) MERINO (P. ANDRÉ).

E. — *La Muger feliz.* Madrid, 1786. 8.º 3 vol. É uma continuação do Feliz Independente do nosso padre Theodoro de Almeida. [1]

1695) MESTSCHERSKI (LE PRINCE ELIM).

E. — *Camoens, drame en un acte et en vers. Imité de l'Allemand.*

«Este drama faz parte d'um volume de poesias, que sob o titulo de «Les Roses Noires,» o mencionado principe publicou em Paris, em 1845, e occupa as pag. 119 a 159. Este drama é tão disparatado como o de Victor Perdoux. Apresenta Camões com um parche preto sobre o olho esquerdo, tendo por companheiros no drama: D. José Quebedo Castel Branco, rico mercador; Perez, seu filho, e um Mestre enfermeiro do grande hospital de Lisboa.»

Palavras do Ex.mo Sr. Antonio Martins Leorne, residente no Porto.

1696) MICHAELIS (CAROLINA). — Intreprete official da embaixada portugueza em Berlim.

E. — *Studien zur Romanischen Wartschopfung.* Leipzig, 1876.

«N'este livro se encontram vistas muito importantes sobre a lingua portugueza. Esta illustre romanista, interprete official da embaixada portugueza em Berlim, adoptou a nossa nacionalidade, e reside actualmente em Portugal, onde continua a occupar-se de philologia e litteratura portugueza.» [2]

1697) MOCALTA (FREDERIC DAVID).

E. — *The Jews of Spain and Portugal, and the Inquisition.* London, 1877.

[1] V. Innocencio.—*Dicc. Bibliog.* vol. VII, pag. 304.

[2] Fui brindado com este artigo pelo Ex.mo Sr. Theophilo Braga.

1698) MOLINA (D. RICARDO).

E. — *Portugal, su origen, constitucion y historia politica en relacion con la del resto de la Peninsula por* —. Madrid, 1870, in 16.º 244 pag.

Este livro faz parte de uma *Bibliotheca economica de Andalucia.* Esta obra é escripta no sentido da propaganda Iberica, e termina por uma *Memoria sobre el pensamiento de la Associacion Peninsular y los medios qui pueden ponerse en pratica para realisalo.*

Mas sempre direi ao auctor d'este livro, pois julgo que ainda é vivo, que havendo em Portugal ladrões, assassinos, e infames de toda a casta, assim como tambem os ha em todos os outros paizes, no emtanto não ha ibericos; tão monstruoso é um tal crime entre os portuguezes! Não esteja perdendo o seu tempo, e outro officio...

1699) MONSIEUR M.***

E. — *Voyages faits en divers temps en Espagne, en Portugal, en Allemagne, en France, et ailleurs. Por* —. A Amsterdam, Chez George Gallet, 1699. 8.º 595 pag. com estampas.

«Em Estremoz começámos a ver os portuguezes com rosarios pendentes do pescoço, e chegando até ao chão. (pag. 184).

«Em Elvas principiamos a ver as modas francezas; ficamos surprehendidos ao vermos uma tão prompta mudança de vestuarios e de linguagem.

«As villas de Portugal são muito bellas, e as casas muito melhor construidas que as de Hespanha, tendo as casas varias chaminés. A maior parte d'estes logares acham-se rodeados de larangeiras e de limoeiros, os quaes são tão encorpados como os mais bellos olmos da França, e são em grande quantidade. Caminhâmos depois de jantar por uma estrada muito agradavel pelo espaço de quatro leguas, para chegarmos á Venda Nova que é a melhor hospedaria, que encontramos n'esta estrada.

«Lisboa é muito populosa, por isso que todas as nações alli vão ter; particularmente os mouros e mourescos, que servem de escravos, e são em grande quantidade. (pag. 187).

«As egrejas são n'esta cidade mui bellas e mui aceadas. Os portuguezes trazem por armas a espada e o punhal. São ainda mais ciumentos de suas mulheres do que os hespanhoes, e saem mais raramente de suas casas, que as de Madrid, donde provém dizerem ellas que apenas vão á egreja tres vezes na sua vida, isto é, quando se baptisam, quando casam, e quando são enterradas. É notorio que á minima suspeita que seus maridos concebem d'ellas, as apunhalam, sem nenhum escrupulo, o que apparentemente faz com que sejam muito commedidas, achando no entanto sua industria bastantes meios para enganar os ciumentos, e para se vingarem da escravidão, na qual vivem.»

Esta viagem póde dar alguns esclarecimentos ácerca do modo de viver de D. Pedro II e de sua mulher D. Maria Francisca Izabel.

1700) MONTIGNY (CHEVALIER MÉRY DE). — Vice Consul de Portugal á Nille.

E. — *Notice relative á l'importance des départements du Nord de la France par —.* 1875.

1701) **MUNOZ (LUIS).** — Licenciado em Theologia.

Escreveu em hespanhol uma Vida do nosso grande Arcebispo de Braga, Fr. Bartholomeu dos Martyres. Como ainda a não vi, não posso dar mais esclarecimentos.

1702) **MUNSTER'S.** — Lient-Col Fitz-Clarence, Earl of.

E. — *Account of the Bristish Compaign of* 1809 *under Sir A. Wellesley in Spain ad Portugal.* London.

* 1703) **MURR. (CHRIST. THEOPHILE DE).** — V. o art. n.º 933.

E. — *Histoire diplomatique du chevalier portugais Martin Behaim de Nuremberg, avec la description de son globe terrestre.* Strasbourg. 1813.

* 1704) **MUSONE.** — Maestro italiano. V. o art. n.º 935.

E. — *Camões.* Opera.

Foi tambem cantada com acceitação em Padua.

N

«Mickle has said that Milton must have heard of Fanshaw's translation of Camoens, which was published fourteen years before *Paradise Lost*, and he says:» Every one would have owned that the two last books of the *Paradise Lost*, were evidently formed upon it.»

STANLEY, *The three voyages of Vasco da Gama.*

1705) NEMNICH.

E. — *The Portuguese Dictionary of Merchandise. In three parts: I. Portuguese, English and German. II. English and Portuguese. III. German and Portuguese, by* —. Hamburgo. 1817. 4.º

1706) NEWSTEAD (ROBERT). — Missionario Wesleyano.

E. — I. *Cantigas por adoração publico, em lingua portugueza de Ceylon. Terceiro vez impressado.* Columbo: impressado ne Officina Wesleyana. 1823.

Copiei a primeira cantiga para que o leitor veja o estado, em que se acha a lingua portugueza na Ilha de Ceilão.

Primeira Cantiga

I

Opera hum mil linguas
Louvores per canta
De meu grande Rey, Deos
E sua gloria!

II

Jesus, Senhor, mi adjuda
Em todo o mundo,
Per declara teu amor
E nome glorioso.

III

Jesus, nome dulcissimo,
Tristeza que tira
Per peccadors precio o
Tem paz, amor, vida!

IV

As cadias de peccado
Que todos te mara
Com Jesus voz tem quebrado
Nos todos per livra.

V

Com a palavra de Jesus
Os mortos te irgue!
E corações dos cançados
Com fé tem bem livre.

VI

Ouvi, O vos quem tem surdo,
O voz spiritual!
Louvai, O vos quem tem mudo,
Com voz celestial!

VII

Olhai a Elle vos nações,
Olhai o Salvador!
Com confiando corações,
Buscai seu favor.

VIII

Olhai o santo Cordeiro,
Matado por todos;
Todos peccados do mundo
Trizido per a cruz!

IX

Sangue de Christo le limpa
Ellotros quem te vi;
Iniquidade te tira,
E lo limpa par mi.

X

Vi, Peccadors, olhai a cruz
Com fé per salvação;
Jesus tem Livrador de nos,
Que grande hum benção.

XI

Ar foi triste, mar, batendo geme,
Montes, Rochas, a terra, já treme;
Inferno já grita, mortos j'irgui,
Ceo já chura, gente per red'mi.

II. *A fórma da oração publica, e administração dos Sacramentos, conforme ao uso da Igreja Inglaterra. Tradusido, por o missão, em lingua portuguez de Ceylon. Pelo —.* Em Colombo. Impressado na Officina Wesleyano. 1824.

III. *O Psalterio ou Psalmos de David, Como apontado a ler nas Igrejas.* Traduzido em lingua portuguez de Ceylon, e publicado por a Sociedade Biblica de Colombo. Impressado na Officina Wesleyano. 1820.

Agora vou apresentar ao leitor a traducção em portuguez da ilha de Ceylão confrontada com a do nosso Ferreira de Almeida. (Londres, 1819).

Portuguez de Ceylão

1

Bendito tem[1] aquel homé quem nunca marcha no conselho dos malvados, nem nunca impe no caminho dos peccadores: nem nunca santa na cadeira dos zombadores.

2

Mas sua alegria tem na lei de Jehovah, e em sua lei elle te medita dia e noite.

3

E elle lo ser assi como hum albri, que tem plantado perto os rios das aguas; que dá seu fruito em direito tempo, e tambem sua folha nada murcha, e que seja elle te faze, lo pera.

Portuguez de Fer. d'Almeida

1

Bemaventurado o varão, que não anda no conselho dos impios: nem está no caminho dos peccadores; nem se assenta no assento dos zombadores.

2

Antes tem seu prazer na Ley de Jehovah: e em sua Ley medita de dia e de noite.

3

Porque será como a arvore, prantada junto a ribeiros de agoas: que dá seu fruito a seu tempo, e suas folhas não cahem: e tudo quanto fizer, prosperará.

[1] O verbo *Ter*, n'esta linguagem, tem a significação de *Ser*.

4	4
Os malvados não tem assi, mas ellotros tem como palha, que o vento te espalha.	Assi não são os impios: mas como a pragana que o vento espalha.
5	5
Por isso os malvados nada impe no juizo: nem peccadores na congregação dos justos.	Polo que nem os impios subsistirão no juizo: nem os peccadores no ajuntamento dos justos.
6	6
Porque Jehovah te conhece o caminho dos justos; e o caminho dos malvados lo perece.	Porque Jehovah conhece o caminho dos justos: porém o caminho dos impios perecerá.

IV. *Evangelho, fórma de Santo Matteos*. Colombo, 1819.
V. *Genesis, Exodo, e parte do Levitico*. Colombo, 1832.
VI. *Pentateuco*. Colombo, 1833.
VII. *Novo Testamento*. Colombo, 1833. Ibid. 1853.

Evangelho de S. João

(Principio do Cap. I)

Portuguez de Ceylão	*Portuguez de Antonio Pereira de Figueiredo* (Chelsea, 1821.)
Ne o começo tinha a palavra, e a palavra tinha com Deos, e Deos tinha a palavra. O mesmo tinha ne o começo com Deos.	No principio era o Verbo, e o Verbo estava com Deos, e o Verbo era Deos. Elle estava no principio com Deos.
Todas cousas tinha feita de elle; e sem tem com elle nunca fica feita nenhum cousa que tinha feita. Ne elle tinha vida, e a vida tinha o lume de gente.	Todas as cousas foram feitas por elle: e nada do que foi feito, foi feito sem elle.
E o lume te luzi ne escuridão, e o escuridão nunca entende de aquel. etc.	E a luz resplandece nas trevas, mas as trevas não o comprehenderão etc.

No dia 20 de janeiro de 1878 dirigi-me á Cova da Piedade, a casa do Ex.mo Sr. Adolpho Coelho, pois é notorio ser um assiduo cultor das lettras, pedindo-lhe se dignasse fornecer alguns apontamentos para este meu trabalho. Não só se dignou fornecer-me esclarecimentos para este artigo, mas tambem para mais alguns, todos elles preciosissimos.

1707) NICOLAU (ANTONIO HISPALENSI).

E. — I. *Bibliotheca Hispana vetus, sive Hispani scriptores qui ab Octaviani Augusti aevo ad annum Christi M D floruerunt Auctore Ordinis S. Jacobi e*

quite, patriae Ecclesiae canonico, regiorum negotiorum in Urbe et Romana curia Procuratore generali, Consiliario regio. Curante Francisco Perezio Bayerio, Valentino, Sereniss. Hisp. Infantum Caroli III. Regis filiorum Institutore primario, Regiae Palatino-Matritensi Praefecti, qui et prologum et auctoris vitae epitomen et notulas adjecit. Tomus primus, complectens milliarium saeculum. Matriti, 1788. fol.

Tomus secundus ab anno M ad M D. Matriti, 1788.

II. *Bibliotheca hispana nova, sive Hispanorum scriptorum qui ab anno MD ad MDLXXXIV floruere. Notitia.* Matriti, 1783, 2.º Matriti, fol. 1788.

1708) NORBERTO (R. P. CAPPUCINO LORENSE).

E. — *Missionario apostolico e procuratore delle prefate missioni nella Corte di Roma. — Memorie istoriche presentate al Sommo Pontefice Benedito XIV, intorno alle missioni dell' Indie Orientali. In cui dassi a divedere, che I. P P. Capuccini Missionarii hano avuto motivo di separarsi di cummunione da i R. R. P P Missionari Gesuiti, per aver essi ricusato di sottoeterse al Decreto dell' Eminentissimo Cardinale di Tournon, Legato della Santa Sede, La quale contiene una continuazione compinta delle Costituzioni, de i Brevi, e altri Decreti, Appostolici concernenti cotesti Reti e Per servir di regola á missionarii di qual paese.* Tradotta dal Francese. Lucca, 1754, 4 vol.

Observações feitas ao papa a respeito dos motivos das desavenças entre Jesuitas e Capuchinhos por causa dos ritos malabares e chinezes. Obra preciosa para aquelles que desejarem estudar as cousas do nosso padroado no Oriente.

Este Norberto era o abbade Platel.

Devo o conhecimento d'esta obra ao Ex.mo Sr. Graça Barreto.

1709) NORRIS (SIR JOHN). — and Sir Francis Drake.

E. — *Ephemeris Expeditionis in Lusitaniam: Brevis et fida narratio et continuatio rerum omnium a Drake et Norreysio post felicem ex Occidentalibus Insulis reditum in sua expeditione Portugallensi singulis diebus gestarum.* Groningae, 1733.

1710) NOVENA DEL GLORIOSISIMO SAN ANTONIO DE PADUA, *segun se pratica en esta ciudade por los religiosos observantes en la capilla de la Aurora del Espiritu Santo.* Malaga. sem data.

1711) NOVO (O) TESTAMENTO DE NOSSO SENHOR E SALVADOR JESUS CHRISTO. Traduzido em indo-portuguez. Londres, J. Filling, 1826). «Este Evangelho serve para cincoenta mil portuguezes espalhados pela ilha de Ceylão.»

Devo o conhecimento d'esta obra ao Ex.mo Sr. Adolpho Coelho.

O

«A obra com que o Sr. Visconde de Santarem acaba de dotar a sciencia, tem para nós um duplicado merecimento; 1.º esclarece e resolve uma questão de geographia das mais importantes na historia das descobertas: 2.º reune no mesmo Atlas os documentos mais preciosos e mais raros dispersos, tanto em França, como fóra d'ella, em um grande numero de bibliothecas nacionaes, ou particulares, e debaixo d'este ultimo ponto de vista é evidente quanto a publicidade das Cartas manuscriptas em geral deve facilitar os estudos chorographicos. A bibliotheca das Cartas, assim considerada, augmenta de valor, porque, segundo a observação de um de nossos collegas, não é senão pela comparação das producções successivas de uma sciencia, que se póde fazer a sua historia, e é algumas vezes nas mais antigas, que se acha a solução das maiores difficuldades.»

Mr. Villemain, ministro da Instrucção Publica, no *Boletin da Sociedade Geographica de Paris*. Dezembro de 1841.

1712) OBSERVACIONES CRITICAS *acerca de la conversacion entre un forastero y vecino de la isla de Leon, sobre los derechos de la princesa del Brasil á la sucesion eventual del Trono de España.* Cadiz, 1811.

1713) OBSERVATIONS SUR LA CHARTE CONSTITUTIONELLE *de la France, extraites du Cours de Droit public de M. le Commandeur Silvestre Pinheiro Ferreira, Ministre d'Etat de S M. F.* Paris, Chez Rey et Gravier, libraires, 1832. 8.º 182 pag.

«Apezar de andar nas mãos de todas as pessoas, que cultivam esta sciencia, o *Cours de Droit public* do senhor commendador Pinheiro Ferreira, julgámos prestar um serviço a um publico ainda mais numeroso, mandando imprimir em separado as *Observations sur la Charte constitutionelle de la France*, que fazem parte do 3.º volume.»

1714) OCAMPO (FLORIAN DO).

E. — *Coronica general de España, que recopilaba el maestro Florian de Ocampo Coronista del rey nuestro Señor Don Felipe II.* Madrid, en la Oficina de Don Benito Cano. 1791. 10 vol. 3.º Os ultimos volumes tractam das antiguidades Romanas na Peninsula Hespanica.

1715) OMBONI (TITO). — Già Medico del Consiglio di Loanda nel Regno d'Angola, Membro dell' Academia Pontaniana di Napoli, Della R. Peloritana di Messina, Della Palermitana di Scienze e Lettere, Socio onorario della Lilibetana di Marsalla, etc. etc. Membro della Societá d'incoraggiamento d'Arti e Mestieri di Milano e Deputado a rappresentarla nell' VIII Congresso de'Scienziati Italiani.

E. — *Viaggi nell' Africa Occidentale, da Milano, Stabilimento di Civelli. G. e C.* 1846, 4.º grande, 260 pag. com estampas a cores.

Esta obra é dedicada á Rainha de Portugal D. Maria II.

Omboni sahiu de Lisboa, a 25 de setembro de 1834 na *Fragata Principe Real*, e a 5 d'outubro descobriu Porto Santo. A ilha da Madeira é encantadora. A 11 de novembro avistou as ilhas de Cabo Verde. Os habitantes são mui hospitaleiros, e mui orgulhosos do bom tratamento, que possam dar ao estrangeiro, que se aproximar. A 12 de fevereiro de 1835 sahia de Benguella. A 20 entrou em Loanda, e admirou o grande numero de pretos, que vinham a correr para verem o seu *Monoputo*, isto é, novo governador. Estavam então no porto cincoenta e cinco navios quasi todos negreiros.

Descreve minuciosamente os usos e costumes dos povos por onde viajou, e presta grande attenção a tudo quanto diz respeito á historia natural.

1716) OPPERMANN (H. A. VON).

E. — *Pombal und die Jesuiten.* Hanover, 1845. 1 vol.

1717) ORMÈS.

E. — *Fragments.*

O celebre Malte-Brun, quando narra as descobertas geographicas, e conquistas, dos portuguezes cita um auctor, por nome Ormès, que escreveu a obra acima mencionada. Pela minha parte nada mais posso dizer a tal respeito.

1718) ORTIZ (LORENZO).

E. — *El Princepe del Mar, San Francisco Xavier.* Brusselas, 1682, 8.º

P

«Con estas capitulaciones (O que de agravios como estos se veran el dia de la cuenta! No con tinta, sino con sangre avia de referir la pluma ajustes, y condiciones semejantes), tan afrontosas para Castilla, tan ventajosas para Portugal, se pregonaron la treguas por quince años en Burgos, y en Lisboa á quince de Mayo, con grandes regocijos y placeres de las dos Naciones. Ladre el emulo aora, que vè esto; y diga para que ladra, porque en los tiempos presentes, mas hajados los animos, que entonces, mas sin fuerzas, se procuren las treguas con Portugal, pues por grandes condiciones que pida el Portugues, no han de ser tan menguadas è indecentes como las que quedan dichas.»

LOZANO, *Los reyes nuevos de Toledo*

1719) PAESIELLO (GIOVANNI).

E. — *Ines di Castro, tragedia per musica in tre atti da rappresentarsi nel regio teatro di S. Carlo.* Nella stamperia di Simone Taddeo Ferreira.

1720) PALERMO (LUIGI ARCERI). — Avocato.

E. — *Maria. Poema sacro dell' Lisbona,* 1862. *A Maria Pia di Savoia regina del Portogallo e degli Algarvi. etc.* 8.º 23 pag.

1721) PAQUIS.

E. — *Histoire d'Espagne et de Portugal, depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours: d'après Aschbach, Sembke, Dunhain, Bossi, Ferreras, Schaefer etc.* Paris, 1844. 4.º 2 vol. de VIII, 732 e 659 pag.

* 1722) PARDOE (MISS). V. o art. n.º 1009.

Depois de escripto o meu artigo n.º 1009 pude obter os dois volumes da obra de Miss Pardoe.

Os erros formigam por toda a parte, e para prova bastam estes «Belem é o Westminster da capital, assim como Buenos Ayres é o seu Santo James. (vol. I pag. 11). A hydrophobia é desconhecida em Portugal. (Id.) A egreja de Belem é o logar em que se enterram os Infantes (Id. 16). O Convento do Sacramento entre Belem e Lisboa é um mosteiro magnifico! (Id. pag. 21). Os lisboetas teem um proverbio que diz Viva el-rei, e dá cá a capa. (Id. pag. 23). Em Alcantara

ha um Convento da Ordem de S. Bento (Id. pag. 23). etc. etc. A obra é toda n'este gosto.

Miss Julia Pardoe (que offereceu esta bella obra [1] a Sua Alteza Real a Princeza Augusta) veiu para Portugal na companhia de seu pae, que era militar, no anno de 1827. Gosta muito de Portugal, muitissimo. *Pleasant Portugal*, lhe chama no principio da sua obra, e *Pleasant Portugal*, repete no fim d'ella, depois de ter escripto 645 paginas. E ainda não contente exclama: «N'estas paginas, até certo ponto, me parece viver outra vez em ti as felizes horas que passei debaixo de teu brilhante ceo: entre um povo, onde adquiri muitos amigos, e onde, folgo de assim o pensar, não deixei um unico inimigo.»

Assim não fosse ella tão mentirosa!

1723) PARRA (DE LA).

Um escriptor d'este nome publicou uma obra contra a gloriosa restauração de Portugal em tempo de D. João IV, mas d'ella, apezar de minhas diligencias, não pude encontrar exemplar algum. V. Memoria V para a *Historia da legislação e costumes de Portugal* por Antonio Caetano do Amaral no vol. VI, parte II das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.*

1724) PEACOK (Dr.)

E. — *On the Agriculture and Tenure of Land in Madeira.*

Vem mencionada esta obra na *Madeira* de Robert White.

* 1725) PECCHIO (G). — V. o art. n.º 1022.

E. — *Tre mesi in Portogallo nel* 1822. Madrid, 1822.

1726) PENSÉES DIVERSES, *ecrites a un Docteur de Lisbonne.* Rotherdam. 1683. 12.º

1727) PELTIER.

E. — *Campagne de Portugal en* 1810 *et* 1811. Paris, 1814, 8.º

1728) PEREZ (D. NICOLAS DIAS Y —).

E. — *De Madrid a Lisboa. Impressiones de viaje por* —. Madrid, 1877.

* 1729) PERSIANI. — V. o art. n.º 1038.

E. — *Inés di Castro.* Opera italiana, em 3 actos, representada em Napoles no anno de 1835; em Genova, fevereiro de 1837; e no theatro italiano de Paris em 24 de dezembro de 1839. O grande *Diccionario de Pierre Larousse* analysa esta opera no artigo *Inès*. Tambem em 1838 foi cantada em Lisboa no theatro de S. Carlos. [2]

[1] O Sr. Calvo Ascencio póde-se rever nella. *Ambo Arcades!* Mas Miss Pardoe é incomparavelmente mais desculpavel.

[2] Sr. Visconde de Castilho (Julio) *D. Ignez de Castro*. Drama, pag. 348.

1730) PEYRARD.

E. — *Supplement á la traduction de la Geométrie d'Euclide, de Mr. — publiée en 1804, et á la Geometrie de Mr. Legendre: suivi d'un essai sur la vraie théorie de parallèles. A Agen, de l'imprimerie de Raymond Naul et Comp.*, 1800, *par J. M. d'Abreu, bacharel formado pela Universidade de Coimbra, e lente da Academia de marinha.*

1731) PEYRON ET FREYCINET.

E. — *Voyage de decouvertes australes.* Paris, 1800, 1804.

Trata tambem das ilhas de Timor, Solor e Costa de Moçambique.

1732) PICAMILHO (CH, DE).

E. — *L'imprimerie Nationale de Lisbonne à l'exposition Universelle de* 1867. Paris 1869, 4.º

1733) PIGAFELTAM (PHILIPPUM).

E. — *Vera descriptio regni Africani, quod tam ab incolis quam Lusitanis Congus appellatur. Per —. olim ex Edoardi Lopez acroamatis lingua Italica excerpta; nunc Latio sermone donata ab August. Cassiod. Reinio. Iconibus et imaginibus rerum memorabilium quasi vivis, opera et industria Joan. Theodori et Joan. Israelis de Bry fratrum exorarta.* Francofurti, 1598 fol. 12 vol. Veja-se Debry.

1734) PINERO (MATEO).

E. — *La Corona tragica de D. Ignez de Castro.* Poesia. Lisboa, 1628.

1735) P. (J. FY).

E. — *Reduccion de las monedas de Francia, Inglaterra y Portugal, con una equivalencia de sus principales pesos y medidas por —.* Barcelona, 1841.

1736) PLUNQUET (FR. FRANCISCO). — Irlandez, da Ordem de S. Bernardo.

E. — *Heroum Speculum de Vita D. D. Francisci Tregeòn, cujus corpus septendecim post annis in aede D. Rochi integrum inventum est. Olisipone.* Ex Officina Craesbeckiana. Ano 1655. 8.º 56 pag. além de 14 não numeradas.

(Espelho dos heroes. Vida de Francisco Tregeon, cujo corpo foi achado inteiro ha Casa de S. Roque depois de se terem passado 17 annos).

Tracta-se da vida d'um irlandez nobre, que por causa de perseguições religiosas procurou abrigo primeiramente na Hespanha, e depois em Portugal, e morreu em Lisboa com cheiro de Santidade, segundo affirma seu neto, auctor d'esta biographia. O Jazigo de Tregeon ainda hoje se conserva na Egreja de S. Roque em Lisboa.

1737) POCKET (A). *Dictionary of the english and portuguese languages compiled on a new plan for the use of students.* Bombay, Furtado's Library 1877. 8.º, 696.

1738) POLITIANUS (ANGELUS). — Celebre humanista italiano, nasceu no anno de 1454 em Monte-Pulciano, e falleceu em 1494, em Florença. [1]

E. — *Epistolarum libros XII ac Miscellaneorum Centuriam I complectens. Antuerpiae, apud Philippum Nutium, Anno* 1655.

Vi um exemplar d'esta obra na Bibliotheca da Academia Real das Sciencias, e nella a pag. 235 vem a seguinte carta ao nosso Bispo de Silves.

«Et doctrina quaedam non vulgaris, cujus mihi haud dubium specimen, et singularis quaedam humanitas, cujus omnes implevisti adversum me numeros, exigere quasi suo jure aliquid a nobis videntur litterarum, quae nostri apud te memoriam fo veant, nec tam plane refrigescere patiantur. Nostra autem cautio esse debet, ne diutius quam par est, hominem scilicet occupatissimum teneamus. Itaque rem ipsam in pauca conferemus. Ego me praestantissimo domino Cardinali Olisipponensi, germano tuo, viro excellentis ingenii, doctrinae atque humanitatis, tantum debere intellego, quantum nunquam sim persolturus, etiam si me opposuerim pignori, aut si bonorum omnium, atque adeo ipsius capitis fecerim auctionem. Quare aut decidam cum ipso oportet, aut certe addicar. Atque ego quidem addici malo, ut illius mihi periculo vivendum sit, non meo. Sed heus tu, agas cum eo tamen te rogo, uti de nobis apud pontificem (ubi occasio tulerit) ita aliquam faciat mentionem, ut intellegat ejus sanctitas, nos etiam tanti viri judicio non improbari. Neque tu autem absurdum, ineptumque putaveris, si quo magis debemus, magis etiam debere nos postulamus. Nos hic videlicet debitoribus, cum sint maxime obruti aere alieno, tum pecunias maxime mutuantur. Sed haec hactenus. Nequeo autem quin obiter commendem Phaedrum nostrum, hominem candidissimique animi, elegantissimique ingenii, tibique in primis deditum. Scis eum minime dubitare, quin aliquando hortatu, impulsuque de horologio illo aliquid explicetur. Quae ne spes eum frustra habeat (siqua modo copia sit) etiam, atque etiam te rogo. Vale.» Sem data, nem indicação de logar.

Pag. 299. Angelus Politianus Joanni Dei gratia invictissimo Regi Portugalliae et Algarbiorum citra et ultra mare in Africa, dominoq: Guinae. S. D.

«Quanquam nec fortuna mea, nec eruditio, nec ulla omnino virtus ejusmodi est, ut licitum mihi putem scribere ad te Rex invicte, tanta me tamen dignitatis, splendoris, gloriaeque tuae, tantarumque laudum tuarum jam por omnium ora volitantium perculit admiratio ut sponte sua calamus ipse meas exhibere tibi litteras, laetari animum, significare voluntatem, gratias agere denique totius aetatis nostrae nomine gestiat. etc.

É interessantissima esta carta e a sua resposta, mas não tendo em casa o original latino á minha disposição, aproveitei-me d'uma versão d'ellas publicada nos *Poetas Palacianos*, pelo sr. Theophilo Braga, que tanto me recommendou as cartas de Policiano.

A pag. 294. Resposta del-rei D. João II. Datada de 23 de outubro de 1491.

[1] Firmin Didot. — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. XL, pag 618.

Angelo Policiano a D. João por graça de Deus rei invictissimo de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'além mar em Africa e senhor de Guiné, saude!

Comquanto nem a minha condição nem o meu saber nem merecimento algum meu sejam taes que eu julgue ser-me licito escrever-vos, rei invicto, todavia a vossa grandeza, lustre e gloria, os vossos louvores, espalhados já por toda a terra, têm-me assombrado de modo que, de si mesma, a propria penna arde em desejos de presentar-vos lettras minhas, attestar-vos os meus sentimentos, exprimir vos a minha sympathia e, finalmente, render-vos graças em nome de todos quantos pertencemos a este seculo, o qual agora, por favor dos vossos meritos quasi divinos, ousa já denodadamente competir com os vetustos seculos e com toda a antiguidade. De feito, se a brevidade de uma carta ou a consideração do tempo o consentira, a mesma verdade me déra ousadia para que tentasse mostrar que nem laureis nem dourados carros de nenhum antigo heroe pódem ser comparados ás vossas glorias e immortaes feitos. Sim: — deixando atraz os combates que, ainda em tenros annos, empenhastes contra os povos impios da insoffrida Africa, os poderosissimos exercitos de inimigos apartados uns dos outros que derrotastes, as praças que rendestes, as prêas que fizestes, as leis que impuzestes a nações barbaras é indomitas, passando não menos em silencio os brazões pacificos, que não cederiam a palma ás glorias guerreiras, — que grandioso e vasto quadro de proezas apenas acreditaveis se me não offerecia, se eu fosse commemorar as vagas do tumido e soberbo oceano, antes intactas e sem carreira aberta, provocadas e quebrantadas pelos vossos lenhos, as balizas de Hercules desprezadas, o mundo que havia sido mutilado, restituido a si mesmo, e aquella Barbaria, d'antes nem por vagas noticias de nos assás conhecida, selvagem, feroz, vivendo sem organisação regular, sem figura de lei, sem religião, quasi ao modo de brutos animaes, agora trazida á policia humana, á brandura de trato, suavidade de costumes e, até, aos sentimentos religiosos! Que logar tão azado não teria eu então para recontar os preciosos beneficios que os habitadores do nosso continente d'alli receberam, os abundantes recursos que de lá vieram para nos melhorar e opulentar a existencia, o engrandecimento que até á historia antiga coube, a fé que adquiriram antigas narrativas que outr'ora escassamente se podiam acreditar; e, por outro lado, a quebra que tiveram na admiração? Então haveria eu tambem de absolver de toda a suspeita de falsidade o grande Platão e os annaes seculares do Egypto, que, sem prestarem credito, fizeram menção d'esse oceano por ti subjugado com poderosos exercitos. De maneira que tambem confessaria que rasão teve Alexandre de Macedonia em se amesquinhar lamentando que ainda restassem outros mundos ás suas victorias. Na verdade que outra coisa nos fizestes vós, preclaro principe, senão — achar seria expressão inadequada — trazer de trevas eternas e, quasi diria, do antigo chaos, para a luz que nos illumina, outras terras, outro mar, outros mundos e, em cabo, outros astros? — Mas a que fim veiu espraiar-me agora n'este assumpto? Foi para vos rogar em nome não só do presente seculo, senão tambem de toda a posteridade e de todos os povos, que não soffraes que

de tão sublimes obras feneça ou se perca a memoria que deve ser eternisada, mas antes ordeneis lhe alce um padrão a voz dos varões doutos, á qual nem o dente roedor do tempo no seu curso silencioso vale a consummir. E, se daes favor ao merecimento, porque não o haveis de dar á gloria, companheira do merecimento? E se ganhaes por mão a todos os monarchas em generosidade de brios e grandeza de animo, esta vida humana tão breve, tão instavel, que de tão escassas e mingoadas esperanças depende em tão angustiados limites é estreitada, porque a não haveis de prolongar com a carreira immortal de immarcessivel gloria? Porque não ha-de a memoria de feitos grandiosos transmittir-se aos vossos successores mesmos, para que essas illustres façanhas que jámais encontrarão segundas, lhes aproveitem servindo-lhes tambem de ensinamento e norma? Porque não haveis de deixar um como typo a vossos filhos e futuros netos, para que nenhum degenere jámais da perenne e abonada virtude dos seus maiores e a tenham diante dos olhos como traslado para se lhes formar o caracter e educar o coração segundo a principes convém? Finalmente porque não hão-de tambem os outros reis que nascerem sob os desvairados climas do mundo, haver de vós, senão que imitar, ao menos que admirar? Ora fazer extremadas proezas e não lhes dar realce e luz com as lettras o mesmo vale que procrear filhos de peregrina gentileza e não lhes dar sustentação. Não aconteça, não, rei excelso, que essas vossas glorias, tão credoras da immortalidade fiquem escondidas n'aquelle vasto acervo da nossa fragilidade, em que jazem sepultados os trabalhos de todos quantos não houveram os suffragios dos varões de saber prestante. Acordae-vos de Alexandre, acordae-vos de Cesar, os dois nomes principaes que a fastosa antiguidade nos alardeia. De um, assás memorada é a exclamação que soltou ao pé do tumulo de Achilles, chamando afortunado ao mancebo por ter encontrado em Homero o pregoeiro das suas glorias. O segundo, ainda quando estava apercebido para travar combate, e quasi que até no meio do estrondo das pugnas, com tal esmero compunha as memorias dos seus feitos, que nenhuma obra a critica julga por tão bem trabalhada que a purissima elegancia d'aquelle auctor lhe não leve a palma. A estes, logo, vós deveis, ao menos imitar, a estes a quem nos outros respeitos desmesuradamente vos avantajaes. O que vos acabo de dizer, comprehendereis que é a expressão da verdade e não a linguagem da adulação, quando para vós mesmo volverdes os olhos da vossa intelligencia soberana e tiverdes attentamente examinado os formosos titulos da vossa gloria, magestade e poderio, e considerado reflectidamente a que fastigio estaes subido nas cousas humanas. De feito, ver-vos-heis rei da Lusitania, isto é (para resumir em uma palavra o que entendo), de um povo de romanos de que outr'ora numerosas colonias, segundo a historia refere, se achavam disseminadas n'esta região mais do que em nenhuma outra. Vereis em vós o libertador da Africa, essa terceira divisão do orbe, que desde já, pelos vossos esforços, solta dos ferros dos barbaros, exulta cada vez mais com a esperança de completa liberdade. Vereis em vós tambem o domador d'aquelle vasto e indignado oceano, a cujos primeiros embates o mesmo Hercules, o subjugador do mundo, enfiou. Reconhecereis em vós o defensor da santa fé christã e da verdadeira religião,

e o mais potente arbitro da paz e da guerra contra a perfidia de Mahomet, alagando só com a vossa magestade, aquella pestilencial furia e acabando as guerras mais consideraveis só com o terror do vosso nome, só com a maravilha do vosso valor. E ao mesmo tempo, senhor das chaves de um novo mundo, como que abrangeis em um punhado os seus numerosos golfos e os promontorios e as praias e as ilhas e os portos e as praças e as cidades á beira-mar, e quasi tendes nas vossas mãos nações innúmeras, aonde, comtudo, nem a propria fama com as suas azas tão velozes havia até então chegado. E quão grandioso não é ver os reis mais ignotos arderem em desejos de vos visitar, venerar as vossas pisadas, e correrem açodados a ajoelhar aos vossos pés e a receberem á porfia das vossas mãos tão poderosas pela fé como pelas armas as aguas purificadoras do baptismo?! e ver, espertados pelo amor de uma virtude jámais ouvida dos antigos seculos, os habitantes dos mais apartados confins da terra acudirem apinhados á vossa presença, e já todo o meio-dia, arrancado do fundo das suas moradas, dar-se pressa a correr venerabundo ante vós, para de mais perto contemplar esse semblante celestial, a auréola de gloria que vos adorna a regia fronte, essa magestade, fiel transumpto da divina?! Com taes grandezas venha alguem pôr em parallelo a tomada de Babylonia, bem que ufana dos seus muros de tijolo, a róta dos barbaros do oriente, já do proprio natural tão fugazes! Venha pôr em parallelo a provocação, não muito esforçada das iras do Scytha nomada, vagando por dilatadas campinas, comtanto que não lance tambem á conta de louvor o assassinato, em meio dos festins, dos mais caros amigos, nem a adopção de estrangeiros costumes e desdourosas adulações! Ponha em parallelo tambem o vencimento das Gallias a custo subjugadas ao cabo de dez annos, ou outros feitos inferiores a este comtanto que não tenha encomios para o sangue de concidadãos e parentes barbaramente vertido por todo o orbe! — Assim que, rei sem par, vós sobre todos (estoure embora a inveja), vós sobre todos sois digno de eternas honras. A vós, primeiro do que a ninguem, devem de ser consagradas as nossas vigilias, quero dizer, as de todos quantos somos sacerdotes das Musas. Por tal razão (se, homem desconhecido, mas a vós mui dedicado, encontro alguma fé junto á vossa pessoa), seja incumbido, eu vos conjuro, a sujeitos idoneos o encargo de pôr em memoria (sem duvida que interinamente), em qualquer lingua, em qualquer estylo o assumpto tão ubertoso dos feitos praticados por vós e pelos vossos, obra que, mais tarde, tanto os outros em quem ferve o mesmo enthusiasmo, como tambem nós mesmos, envidando todas as forças, hajamos de polir e aperfeiçoar. Na verdade, pedi, não ha muito, a estes subditos vossos que estão aqui, mancebos de subido talento e elevado caracter, os filhos de Teixeira, vosso Chanceller-mór, que por sua intervenção me fossem ahi copiadas as memorias (se é que existem) dos vossos feitos: prometteram elles desempenhar-se cuidadosamente no encargo em respeito da obrigação que devem ao seu preceptor; todavia não quiz eu faltar a mim proprio, mas assentei de vos endereçar eu mesmo esta carta, rei mui indulgente e clemente, a quem já posso dar tambem o nome de meu, querendo antes poder ser arguido de arrojado, se escrevesse, do que de apoucado de animo, se me conservas-

se silencioso. — No que respeita a minha pessoa, não é, certo, ordinaria a minha condição, mas, na profissão das lettras, tambem alguns crêem que não é de todo inferior a minha reputação. Quasi de menino fui eu criado (e porventura que esta circumstancia virá a proposito) no seio da honesta familia d'aquelle varão illustre, o primeiro personagem na sua tão florente republica, Lourenço de Medicis. Não cedendo a ninguem em dedicação á vossa pessoa, soube elle, fallando-me de vós, accender em mim enthusiasmo tão ardente pelos vossos merecimentos, que dia e noite, eu não largo de pensar no pregão dos vossos feitos, e o mais fervoroso voto que eu agora faço é que mo seja outorgada força, poder e finalmente ensejo, para que o vosso nome tão digno de divinos elogios, os testemunhos da vossa piedade, integridade, rectidão, temperança, prudencia, juizo, os da vossa justiça, fortaleza, providencia, liberalidade e grandeza de alma, e emfim os de tantas obras, tantas e tão eximias façanhas vossas, tenham monumentos fieis levantados, ainda que seja por mim, na lingua latina ou grega, de modo que não haja vicissitude de humanos acontecimentos, nem assalto da varia e inconstante fortuna nem vetustade de seculos que valha a extingui-los.

* * *

D. João por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, d'áquem e d'além mar em Africa, e senhor de Guiné, ao mui douto varão e prezado amigo, Angelo Policiano, saude!

A vossa agradavel carta, que já ha muito li, e, sobretudo o que amiudadas vezes nos tem referido o nosso querido Chanceller-mór João Teixeira, me deu cabal conhecimento de quanto vos interessa a nossa gloria (se em cousas humanas alguma existe) e quanto desejaes salvar do olvido com as vossas lettras o nosso nome e feitos. Tal vontade, ainda que é uma prova assaz clara de entranhado affecto e summa deferencia, todavia parece-nos que nasce ainda mais da bondade do vosso coração, da agudeza de ingenho e da copia de saber, que miram a alvo mais remontado. Assim que nos sentimos grandemente penhorados de vós, e, quando o tempo e as circumstancias o demandarem, testemunharemos mais amplamente o nosso agradecimento, esperando que não hajaes de vos arrepender da affeição que nos dedicaes. Respondendo em breves termos ao assumpto da vossa carta, dir-vos-hemos que somos gratos sobremaneira ao offerecimento que tão frequentemente nos fazeis dos vossos serviços e affectuosa diligencia para nos alcançardes a immortalidade, e estimamo-lo. E para pôr em effeito o intento, teremos todo o cuidado de ordenar que a nossa chronica, que, seguindo o uso do nosso reino, mandamos escrever em lingua vernacula, seja composta no idioma toscano ou pelo menos no latim commum, enviando-vol-a depois, o mais depressa que ser possa, para que vós, sem vos afastardes do caminho da verdade, assegurando a nossa memoria, a adorneis com as graças e gravidade do vosso estylo e com a vossa erudição, e a aperfeiçoeis de fórma que, ao menos com o auxilio da vossa eloquencia, se torne digna de ser lida. Com effeito, muito releva (e melhor o sabeis) o estylo

em que é recontado cada feito, embora illustre. Porquanto, assim como a experiencia mostra que as comidas melhores de natureza, se houve menos aceio em as guisar, são avisadamente engeitadas, assim a historia, se lhe fallecem as devidas galas e donaire proprio, havemol-a por sem merito e merecedora de que a engeitem. Defeitos d'esta ordem, porém, não ha que receial-os, se fôrdes vós, sujeito de tão subidas partes e tão versado em todas as boas lettras, quem haja de tomar a peito a historia dos nossos feitos. Esta é pois a nossa intenção. Resta, Angelo amigo, que aos filhos do nosso Chanceller-mór, fidalgos da nossa casa, consagreis os maiores disvelos. Sem duvida que a vossa bondade não havia mister recommendação para assim o fazerdes espontaneamente, comtudo, encarecidamente vos rogamos que por nosso respeito tenha ainda algum augmento o vosso zelo. E na verdade a elles deveis toda a gratidão, porque o pae e os filhos, aquelle com os louvores, estes com os testemunhos provadissimos do vosso saber, não cessam de vos exaltar, fallando-nos de vós, e de fazer chegar até estes confins da terra, a fama do vosso nome, o que não faz pouco em prol da vossa gloria e reputação. Mas aos proprios mancebos nós damos os emboras, por lhes ter cabido o viver em tempo em que da fonte abundante da vossa sciencia possam beber alguma instrucção, para que, servindo primeiro a Deus e depois a nós, hajam de merecer e conquistar tanto a bemaventurança celeste, como a terrestre.

De Lisboa, aos 23 dias do mez de Outubro de 1491.

1739) POLO (GASPAR GIL).

E. — *La Diana enamorada, cinco libros que prosiguen los VII de Jorge de Montemayor por* —. Madrid, en la imprenta de D. Antonio de Sancha, 1778, 8.º, 523 pag. Nueva impression con notas al canto de Turia. Madrid, 1802.

É mui interessante o prologo, que precede esta obra, mas não me foi possivel traduzil-o por não ter um exemplar á minha disposição. O certo é que Jorge de Monte Mayor, (assassinado no Piemonte), é um dos portuguezes que mais honra nos dão no estrangeiro.

1740) POMARNE (G).

E. — *Le credit foncier portugais.* Lisbonne, 1866.

1741) POMPILI (Dr. G).

E. — *Maresciallo duca di Saldanha e l'Antéomeopathie, ó difeza expositiva della dottrina di Hahnemann.* Roma. 1864.

1742) PORTUGAL: *A review of lhe causes, tendency and progress of the revolution, which commenced in Oporto,* 1720, *etc.* London, 1821, in 8.º

1743) PORTUGAL *erinnerungen aus dem Jahre,* 1842. Mainz. 1843. 8.º

1744) POUGINS (CHARLES). — Membro do Instituto Real de França,

e auctor do *Thesouro d'Origens* e do *Diccionaro grammatical da lingua Franceza.*

Faz os maiores elogios ao *Diccionario da lingua Portugueza* publicado pela Academia Real das Sciencias, e diz: «*Vous imiter* (fallando da nossa Academia) *vous suivre, c'est le moyen de ne point errer*» — M. da Academia Real das Sciencias de Lisboa, vol. VI, parte II, pag. XIX.

1745) PRIMATO (IL) DEL ROMANO PONTEFICE *difeso contra il libro intitolado Della Potestá dei vescovi circa le dispense, dal Pe. Antonio Pereira, e tradotto in ital. nel* 1767. Ravenna 1769, 12.°

1746) PROCÈDURES CURIEUSES DE L'INQUISITION DE PORTUGAL *contre les francs maçons dans la vallée de Josaphat.* 1793, 8.°

* 1747) PYRARD (F. DE LAVAL). — V. o art. n.° 1097.

E. — *Voyage contenant sa navigation aux Indes Orientales, Maldives, Moluques, et au Brésil.* Paris, L. Billaine, 1679.

As viagens de Pyrard são mui frequentemente citadas na *Historia Natural* de Buffon. A traducção d'estas viagens, que se publicou em Goa, é trabalho do Ex.mo Sr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.

[1] Malte-Brun.—*Geographie*, vol I. pag. 138.

Q

«Otra maquina hay en la *Lusiada* mucho mas bella, y de una especie bien diferente. El genio del rio Ganges se aparece al rey de Portugal; le convida á que busque sus fuentes, y le hace saber que es le monarca destinado a poseer todos los tesoros del Oriente. Esta idea es muy feliz; pero la mas magnifica, la mas poetica invencion de este poema es la del canto quinto, en que, contando Vasco al Rey de Melindo todas las maravillas de su navegacion, le dice; que al llegar con su flota al Cabo de Buena-Esperanza, vió levantarse de repente sobre las aguas del Oceano un espantoso fantasma, en medio de truenos y relampagos; tocaba en las nubes con la cabeza, y sus myradas inspiraban terror: era el genio de este mar. Habla á los Portugueses con un tono de voz semejante al trueno; amenazoles con que castigará su audacia de querer entrar en unos mares de que era pacifico poseedor tanto tiempo hocio... Esta ficcion es de las mas magnificas, que se han inventado. Ella sola basta para probar que Camoens poseia el ingenio de la poesia, y una imaginacion noble y viva.»

BATTEUX, *Principios filosoficos de la literatura, traducidos por Arrieta*, vol. IV.

1748) QUEVEDO (D. JUAN).

E. — *Descripcion de la solemnidade con que en esta Corte se celebro la noticia de las felices bodas de la Magestade de D. Pedro II con la Señora D. Maria Sofia Isabel.*

Sem logar, anno e nome d'impressor.

1749) QUICHERAT.—Professeur á l'Ecóle imperiale de Chartres.

E. — *Histoire de Sainte-Barbe, Collège, communauté et Institution, par —.*

O primeiro volume d'esta obra tracta do nosso compatrieta Gouvea, do qual já tenho fallado varias vezes, e que tanto honra o nome portuguez entre os estranhos.

R

«Dans toutes les langues il y a une magie de mots aussi intraduisible que le *Sesame* du conte arabe:—on peut retenir le sens, mais si l'on change les mots, le charme est détruit. Cette magie n'a d'effet que sur ceux à qui la langue est aussi familière que leur propre langue, peut-être même sur ceux la seulement dont c'est véritablement la langue maternelle. Camoëns possède cet art dans la perfection: c'est son mérite particulier.»

SOUTHEY, *Quarterly Review.*

1750) RANDOVILLIERS. (MR. DE).

E. — *Oeuvres. etc.*

No primeiro volume das suas obras, apparece um escripto, cuja traducção do titulo é *Noticias do Collegio de Aquitania ou de Bordeaux,* sendo principal auctor André de Gouvêa em 1534.

Estas noticias foram extrahidas de um opusculo raro, impresso em Burdigala, apud S. Mellangium, Typogr. Regium, 1583, 8.º pequeno de 63 paginas, e d'elle tirou J. F. Adry, antigo bibliothecario da Congregação do Oratorio em França os apontamentos necessarios para formar uma excellente *Memoria* que apparece citada no I vol. das obras de Randovilliers.

Nunca encontrei nenhum d'estes mencionados trabalhos e em tudo me reporto ao que diz Fr. Fortunato de S. Boaventura na *Memoria do começo, progressos, e decadencia da Litteratura Grega em Portugal desde o estabelecimento da Monarchia até ao reinado do Senhor D. José I. (Mem. da A. R. das Sciencias de Lisboa,* vol. VIII).

1751) RAYMOND (E).

E. — *L'Espagne et le Portugal.* Paris. 12.º, 191 pag.

Faz parte da collecção publicada em Paris com o titulo de Bibliotheque Utile. A historia de Portugal começa na pag. 163 d'este volume, corre até ao reinado do Sr. D. Luiz, e nada apresenta digno d'especial menção.

1752) REBICH (JOSEPHO RAGUSANO).

E. — *Carta do capitão — a qual contem a noticia do transporte de 133 padres jesuitas de Lisboa para Civitavecchia.* Lisboa, 1759.

1753) REDACTOR DO MONTHLY REVIEW.

Escreveu no citado Jornal uma censura ao *Methodo das Fluxões* composto

Lt. Carl von Reinhardstöttner

pelo Mathematico portuguez Stockler. Este porém publicou o seguinte opusculo em defeza *Lettre á M. le Redacteur du «Monthly Review» ou Réponse aux objections qu'on a faits dans ce journal à la Méthode des lemites des Fluxions Hypothetiques*. A' Lisbone. 1800. 4.º 74 pag.

* 1754) REINHARDSTOETNER. — V. o art. n.º 1139.

E. — I. *Der Hyssope der A. Diniz, in seinen Verkaltuisse zu Boileaus Lutrin.* Zittorarhistorische Skizze von Dr. Leipzig. 1877. Opusculo em 8.º gr. com 40 pag. «N'este trabalho se cita uma segunda parte portugueza do *Hyssope*, e se procura provar que Diniz não imitou o Lutrin.» [1]

O auctor está actualmente vertendo para allemão o *Manual de Historia portugueza*, composto pelo Sr. Theophilo Braga.

II. *Luiz de Camones, der Langen der Lusiaden, biographische Skizze, von —.* Leipzig. 1870. 8.º, 80 pag.

«N'este opusculo estão em dia todos os trabalhos dos dois modernos historiadores de Camões.»

III. *Grammatik der Portugiesischen Sprache auf grunklage der Lateinischen und Romanischen sprachven gleichung bearbeitet.* Strasburgo, 1878. 8.º, gr. XVI 416 pag.

IV. *Critica do texto Camoneano.*

1755) RESUMO DA HISTORIA BIBLICA *ou narrativas do velho e novo Testamento, illustradas com cerca de* 200 *estampas.* Nova York, 8.º 293 paginas.

1756) REVUE DES RACES LATINES, *françaises, algerienne, espagnole, italienne, portugaise, belge, autrichienne, roumaine, bresilienne, et hispano americaine.* Paris.

Parece que esta revista começou em novembro de 1859.

1757) RIOS (A. FERNANDEZ DE LOS).

E. — *Mi Mision en Portugal.* Madrid 1877.

Esta obra foi muito censurada pela imprensa portugueza, e parece que ao seu auctor se póde applicar o apologo do *Mons parturiens.*

1758) RIPANSO OU OFFICIO DA SEMANA SANTA *em latim e portuguez com as rubricas do Missal e Breviario Romano. Contendo Orações para a Confissão e Communhão, tiradas da Sagrada Escriptura; e um Catalogo, onde se explicam as Ceremonias, e palavras difficeis na sua intelligencia. Recopilado de todos os Passionarios publicados até o presente,* Bombaim, Livraria de Furtado. 1876 pag. 8.º, X, 404 pag.

[1] Palavras do E.xmo Sr. Theophilo Braga.

1759) ROEDER (MARTINO).

Publicou na *Gazeta Musicale de Milão* (N.º 4 e 18) de março de 1877 o retrato e biographia do fallecido compositor portuguez Joaquim Silvestre Simão.

«É desconhecido este nome em Portugal, ao passo que na Italia é considerado como o compositor de musica sacra, que melhor comprehendeu este estylo no presente seculo. Nasceu este compositor em Setubal a 16 d'agosto de 1801, e morreu na ilha de S. Miguel a 20 de fevereiro de 1877.» [1]

1760) ROMANCES ALLUSIVOS Á HISTORIA DE PORTUGAL.

Nas *collecções hespanholas*, encontram-se bastantes cantos populares ou litterarios nos quaes se celebram assumptos da nossa historia patria. Eis a indicação de alguns:

Romance del Conde D. Alonso Enriquez (anonymo) Vid. Don Augustin Duran, *Romancero general*, t. II, pag. 215. — *Romance de Don Egas Moniz* (de Juan de la Cueva) no *Coro Febeo de Romances historiales*. ed. 1587. *Romance del Rey don Alonso quando liberto del tributo al reyno de Portugal* (de Lorenzo de Sepulveda), *Romances sacados de Historias*, fl. 203, Ed. de Anvers, de 1551. — *Romances de Don Pedro I de Portugal y Dona Ignez de Castro* (de Gabriel Laso de la Vega) *Romances y Tragedias*. Outro sobre o mesmo assumpto, do mesmo auctor. — *Don Pedro e Dona Inez de Castro*, (anonymo) nos *Romances de varios e differentes Auctores*. — *Dona Ines de Castro, Cuello de Garça, de Portugal* (anonymo) De um Pliego suelto. — *Romance de D. Isabel*)anonymo). No *Cancionero de Romances*, fl. 176 v. — *Romances de D. Isabel de Liar*, (anonymo) No Canc. de Romances. — Al mismo assunto, por Timoneda, *Rosa de Romances*, e *Rosa española*. — *Romances del Duque de Guimaraens* (anonymo) Em Fuentes, *Libro de los Cuarenta santos*. — *La Duqueza de Guimarans se queja al Rey la muerte que hizo dar a su esposo* (anonymo). No Cancionero de Romances. — *Romance del Duque de Braganza Don Jayme;* (anonymo). No Cancioneiro llamado *Flor de enamorados*. — *A la muerte del Principe de Portugal*, por Fray Ambrosio de Musterinos, no Cancionero de diversas obras. — *Romance á morte do principe D. Affonso*, (anonymo) extrahido por Mr. Gaston Paris do Ms. 12, 744 da *Bibl. nat. de Paris*, e publicado na *Romania*, e em Portugal na *Hist. de Camões*, t. I, pag. 231. — *Romance á la muerte de Don Bernaldino* (anonymo). No Cancionero de Romances. — *Romances del Rey Don Sebastian* (anonymo) No *Romancero generale*. Mais dois sobre o mesmo assumpto, e na mesma obra. — *Dom Duardo*, romance escripto originalmente em portuguez e admittido pela tradição popular hespanhola. V. *Romancero generale* de Duran, t. II, pag. 249. [2]

1761) ROMANIA, vol. III. pag. 263, 278. Jornal de Paris.

Apparece um artigo importante em portuguez escripto pelo Sr. Francisco

[1] Devo os apontamentos para este artigo ao Ex.mo Sr. Theophilo Braga.

[2] Apontamentos dados pelo Ex.mo Sr. Theophilo Braga.

Adolpho Coelho intitulado *Romances Sacros, orações e ensalmos populares do Minho.*

1762) RONDINA (FRANCISCO XAVIER). — Jesuita italiano.

É cultor da lingua portugueza, e n'este idioma escreveu um *Compendio de Philosophia*, em 2 volumes, que foi ha poucos annos impresso na Cidade de Macau.

Em lingua portugueza escreveu tambem as seguintes obras:

I. Um discurso contra a Vida de Jesus Christo composta pelo francez Rénan. II. Discurso recitado em Sanchoan (China) junto do sepulchro de S. Francisco Xavier. III. Discurso recitado na festa do vigessimo quinto anno do pontificado de Pio IX.

De nenhuma d'estas obras ainda pude ver um exemplar.

1763) ROSS (NEIL).

E. — *Inez, or the bride of Portugal*. London, 1871.

1764) ROUTES IN ABYSSINIA. *Presented to the House of Commons, in pursuance of their Address dated*, November 26, 1867. London, 1867.

N'esta obra verá o leitor como os inglezes estão informados de quanto nós fizemos na Abyssinia.

Devo ao Ex.mo Sr. Graça Barretto o conhecimento d'esta obra.

S

«Quand on lit les chefs d'œuvre de la litterature portugaise, et que l'on admire dans une langue noble et harmonieuse des poètes, des historiens, des romanciers, qui existaient bien avant que nos auteurs donnassent l'essor à leur génie: quand on se rapelle chez combien de peuples les Portugais avaient porté leurs coutumes et leur langage, l'on se demande comment il se fait que la litterature dont nous allons nous occuper soit si peu connue.»

FERDINAND DENIS, *Resumé de l'histoire litteraire du Portugal.*

1765) SALGAT.

E. — *Aux refugiés portugais. Dedié a M. M. Joseph et Manuel da Silva Passos.* Paris, 13 Juillet, 1832. É uma poesia.

Devo o conhecimento d'este opusculo ao Ex.mo Sr. Leorne, do Porto.

1766) SALVÁ (VICENT).

E. — *Catalogue of Spanish and Portuguese books on sale.* London, 1829.

1767) SANÈ.

I. Este traductor d'algumas odes de Philintho Elysio compoz tambem uma *grammatica portugueza* para uso dos francezes. [1]

II. *Coups d'œil sur la litterature portugaise.* No *Mercure etranger* (1.º vol.) publicado por Amaury Duval.

«Les poetes portugais sont surtout de grands peintres de marine, ce qui ne surprend point chez une nation qui avait alors l'empire de la mer, et dont les poètes avaient souvent fait le voyage d'Amérique, d'Oriente, des Indes, comme guerriers ou comme observateurs.»

1768) SANTOS (FRANCISCO).

E. — *Chronologia Hospitalera y resumen historial de la Sagrada Religion del glorioso Patriarcha San Juan de Dios.* Madrid, 1715, 16, fol. 2 vol.

[1] Ferdinand Denis, *Resumé de l'Histoire litteraire du Portugal*, pag. 9. A pag. 243 d'este mesmo livro nos diz o seu auctor que «Os amigos da Litteratura do Meio Dia da Europa esperam com uma viva impaciencia um trabalho importante que M. Buchon fez sobre os historiadores portuguezes, e sobre os poetas considerados nas suas relações com a historia.»

1769) SCALIGERO (JOSEPH JUSTO). — Um dos mais celebres philologos francezes, nascido em 1540 e fallecido em 1609.

Consta-me que este celebre philologo e antiquario escrevera ácerca das *lapidas romanas* existentes em Evora, e accusara de falsas uma ou outra. E por isso não foi Hübner o primeiro que fez uma tal descoberta.

O nosso celebre André de Resende praticou talvez, o que era vulgar por aquelles tempos, nos quaes não havia escrupulo em forjar documentos, lapidas, e dinheiros, o que talvez ainda de todo se não deixe de praticar em nossos dias: todos sabem que o se faz na Italia no commercio de estatuas, e o que se passou na França, ha bem poucos annos, a respeito d'uns pergaminhos que só depois de muitos estudos se reconheceram ser forjados.

Não me é possivel porém dizer em qual dos seus escriptos tracta Scaligero d'este assumpto. Suas obras são immensas, e seria indispensavel, na falta d'um indice, remissivo lel-as até encontrar a passagem a que me refiro, o que ainda me não foi possivel fazer. No entanto, embora Hübner diga que Portugal não teve nenhum bom epigraphista, Resende em todas as epochas recebeu elogios dos homens mais celebres que viveram, no seu tempo, e mesmo posteriormente. Resende não é para se pôr ao lado d'esse celeberrimo falsario José Nella, natural de Malta, e de varios outros.

1770) SCHELHORN.

E. — *Dom Pedro V Konig von Porlugal.* Nürnberg. 1866. 8.º

1771) SCHUTZE (BENJAMIN). — Missionario Dinamarquez na India Oriental.

E. — *O livro dos psalmos de David, com toda diligencia traduzido do texto original na lingua Portugueza, pelo P.* —. Trangambar, em India Oriental na Costa de Coromandel. 1721.

1772) SEGURA.

Um escriptor d'este nome compoz nma obra intitulada: *Romance do Reino de Portugal.* [1]

1773) SEGURA (FRANCISCO).

E. — *Relacion del lastimoso successo en la Isla Trecera... en 24 de Maio de* 1614. Barcelona. 1614.

1774) SELECTIONS IN PORTUGUESE AND ENGLISH *with the Portuguese words properly accented.* 1808. 12.º

1775) SERENATA QUE SE HA DE CANTAR *en el Salon del Ex.mo Señor Embaxador de Portugal en esta Corte de Madrid con el plausible motivo del doble desposorio de los Señores D. Juan Infante de Portugal con D. Carlota*

[1] Antonio de Sousa de Macedo, *Lusitania Liberata*, pag. 11.

Joaquina, Infanta de España, y D. Gabriel Antonio Infante de España, con D. Maria Ana Victoria, Infanta de Portugal. Madrid, 1785.

1776) SIMON.

E. — *Brasilische Reise, von einem Teutschen Soldaten in America, wie es ihm allda ergangen, auch Leibe und Lebens-Gefahr allda ausstehen meissen. Nah mens, Lorentz Simon aus Sachsen. Gdruckt in jahr.* 1677, in-4 gr.

Com uma estampa representando a vista de Pernambuco. O catalogo do livreiro *parisiense Chossonnery*, onde esta obra vem mencionada na pag. 100, considera-a como rarissima.

1777) SKELTON (S).

E. — *Iñez de Castro. Drama.* London 1841.

1778) SODEN (JULIUS GRAT VON).

E. — *Inez de Castro. Tragedia (em allemão).* Berlim. 1791.

1779) SOLA. — Celebre rabino da Synagoga dos judeus portuguezes em Londres.

Seus discursos recitados em portuguez na Synagoga, e depois impressos, e distribuidos pelos seus amigos, são pelos judeus muito apreciados. Sola, parece que falleceu em Londres no anno de 1857.

Alguns exemplares dos referidos opusculos vieram para Portugal.

1780) SOUSA (E. PINHEIRO DE —).

E. — *Grammatik der Portugiesischen Sprache.* Leipzig. 1851. 323. pag.

O Ex.mo Sr. Adolpho Coelho assevera-me ser o referido E. Pinheiro de Sousa um pseudonymo, e que a mencionada *grammatica da lingua portugueza* é obra d'um allemão.

1781) STATUTI DELL' OSPIZIO *dei Portoghesi in Roma.* Tipografia Salviucci, 1863.

1782) SYLVA (RODRIGO MENDEZ). — Coronista de los reynos.

Este homem nasceu em Portugal, mas no entanto é geralmente considerado como hespanhol.

E. — *Poblacion general de España sus trofeos, blasones, y conquistas heroicas. Descripciones agradables, grandezas notables, com muchas y curiosas noticias. Flores cogidas en el estimable Jardin de la preciosa antiguedad. Reales genealogias y catalogos de dignidades eclesiasticas y seglares. P — Anadida y emendada por el mismo en esta ultima impression dedicado al Señor D. Fernando Valenzuela, Cavallero del Orden de Santigo.* Año 1675. Madrid. fol.

N'esta edição começa a descripção do reino de Portugal na fol. 113 v. e termina na 154.

T

«Indo Portuguese is more or less understood by all classes in the Island of Ceylon, and along the whole coast of India: its extreme simplicity of construction and facility of acquirement having caused it to be extensively used as a medium of traffic.»

The Bible of Every Land. London, pag. 276.

1783) TALASSI.

E. — *L'olmo abbatuto, poema dedicato a S. A. R. D. Giovanni, Princepe del Brasil.* Lisbonna, 1795.

1784) TENNENT (SIR JAMES EMERSON K. C. S.—L. S. D. &).

E. — *Ceylon. Au account of the Island physical, historical, and topographical, with notices of its history, antiquities and productions.* London, 1860, 2 vol.

Deve consultar esta obra quem desejar escrever ácerca do nosso dominio na ilha de Ceilão.

O auctor diz horrores de nós, e eis o panno da amostra. There is no page in the story of European colonisation more gloomy and repulsive than that which recounts the proceedings of the Portuguese in Ceylon. Astonished at the magnitude of their enterprises, and the glory of their discoveries and conquestes in India, the rapidity and success of which secured for Portugal an unprecedent renown, we are ill prepared to hear of the rapacity, bigotry, and cruelty which characterised every stage of their progress in the East....

Depois de lida esta historia escripta por um inglez, povo humanitario, desejava eu que o leitor percorresse as paginas dos feitos dos inglezes no Oriente! Não será verdade que os inglezes declararam guerra á China porque o imperador d'este paiz lhes não queria admittir o opio no seu imperio? Que atrocidades não praticou a Companhia das Indias inglezas?

Parece porém que os indigenas não detestavam tanto os portuguezes como o Sr. Tenent quer dar a intender, pois o mesmo auctor nos diz; (vol. II. pag. 16). «Hence the frequent occurrence at the present day of Portuguese names, in addition to the Singhalese patronymes in families of the highest rank in the maritime provinces. They were assumed at baptism three centuries back, and are still retained even where the bearers have abandoned Christianity.»

Pois nós tratamos atrozmente aquelle povo, e elle ainda se ufana de ter nomes portuguezes!

1785) TEZA (EMILIO). — Professor.

No Jornal *Il Propugnatore* vol. V escreveu um importantissimo artigo a respeito da lingua Indo-Portuguez.

Devo esta noticia ao Ex.mo Sr. Adolpho Coelho.

1786) THE BIBLE OF EVERY LAND. London. sem data. 4.º

Vi um exemplar d'esta importante obra em casa do Ex.mo Sr. Adolpho Coelho.

N'ella encontrei noticias a respeito de Biblias em portuguez, completamente desconhecidas de Antonio Ribeiro dos Santos, e de Innocencio.

N'esta obra apparece tambem uma interessantissima noticia a respeito da lingua portugueza de Ceilão, e da lingua Indo-Portugueza, particularisando os pontos em que se differença da lingua fallada em Portugal. «Indo Portuguese in more or less understood by all classes in the Island of Ceylon, and along the whole coast of India: its extreme simplicity of construction and facility of acquirement having caused it to be extensively used as medium of traffic.» (pag. 276

1787) THIERS. — Grande historiador francez, e socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Segundo asseveram alguns jornaes trabalhava n'uma obra relativa ás conquistas e navegações dos portuguezes. Outros mais felizes do que eu, melhor poderão averiguar o que o celebre historiador francez, ha pouco fallecido disse a nosso respeito. [1]

1788) TORRE (FRANCISCO DE LA).

E. — *El Peregrino Atlante S. Francisco Xavier*. Madrid, 1728, 4.º

1789) TROTTER (CATHERINE).

E. — *Agnès de Castro. A Tragedy as it is acted at the theatre royal by his Majesty's servants, written by a Young lady (Mrs. Catherine Trotler, afterwards Mrs. Cockburne*, London, 1695.

1790) TROVE (GAET.)

E. — *Saggio medico-fisico sulla mutazione della voce. Alla fine di questo opusculo Pensieri filosofici*. Lisbonna, 1813.

1791) T. R.

E. — *History of Azores*. London, 1813.

[1] «Thiers intendia o portuguez, mas uma especie de secretario allemão, que ás vezes trabalhava com elle, sabia bem a nossa lingua, e auxiliava-o na interpretação dos nossos livros. Dizia Thiers que desejava reparar a injustiça, com que reconhecia ter tratado o nosso paiz na *Historia do Consulado e do Imperio*.» *Jornal do Porto*, N.º 274 (anno de 1877).

V

«Les Portugais avaient anciennement manifesté un grand zèle pour les entreprises maritimes, et c'est à leur découverte du Cap de Bonne Esperance que les Anglais sont redevables du commerce qu'ils font aujourd'hui dans les Indes.»

William Guthrie, *Geographie*, vol. I.

* 1792) VAKCEL (PLATÃO LOVITCH). — V. o art. n.º 1379.
Assevera-me o Sr. Graça Barreto ter este escriptor russo composto um trabalho importante ácerca do nosso famoso Silvestre Pinheiro Ferreira, no qual lhe tece os mais pomposos elogios.

1793) VERHASSEL.
E. — *Observations sur la nouvelle phrarmacopée portugaise*. Anvers.
O auctor tece elogio á nossa pharmacopea.

1794) VANE (C W).
E. — *Histoire de la guerre de la Péninsule* (*années* 1808 *et suivantes*). Paris, 1828, 8.º, 2 vol.

1795) VIDA DEL BIENVENTURADO PADRE *Gonzalo de Silveira*. Madrid. 1614, 4.º

1796) VISTAS E MAPPAS DE PORTUGAL.
Appareceram em Londres no anno de 1756 quatro grandes estampas magnificamente executadas, representando: 1.ª Vista do Tejo e da terra entre Belem e Alcantara, por P. C. Canot. 2.ª Vista de Lisboa antes do terremoto, por Antony Walker. 3.ª Vista de Belem, por Foudrineir. 4.ª Vista do campo a oeste de Belem, por J. Mason.

* * *

Bowles fez em Londres uma vista da cidade do Porto.
A new Imperial Sheel Map of Spain and Portugal. London, 1812.

* * *

Piquet. Carte chrorographique des environs de Lisbonne. 1811 *Faden Map of Spain and Portugal* 1810.

W. H. Harrison. O Torista em Portugal, 18 magnificas estampas London, 1839. A parte litteraria é censurada no 2.º vol. da *Revista Litteraria.*

1.º *A new military Map of Spain and Portugal. Compiled from the nautical surveys of D. Vicente Tofiño.* London. 1812.

2.º *Beauvoisin, Plan de la ville, du port, e des environs de Oporto.*

3.º *Wyld. Plan of the town and environs of Porto.* 1832.

4.º *Wolley. Plan of the Island of Porto Santo.*

5.º *Fitzviltiam Owen. Chart of the Azores or Western Islands.*

Existem tambem alguns mappas de Portugal feitos por hespanhoes. É de suppor que este artigo podesse ser muito mais desenvolvido, faltam-me porém as noticias necessarias para o tornar mais extenso. Veja-se Forrester.

1797) VITA DEL VENERABLE *servio dio Pe. Giuseppe Anchieta detto l'Apostolo del Brasile, cavata da processi autentice formati per lu sua beatificazione.* Roma, 1738, 8.º

* 1798) VOYAGE EN PORTUGAL, ET PARTICULIÈREMENT A LISBONNE, *ou tableau moral, civil, politique, physique et religieux de cette capitale: suivi de plusieurs Lettres sur l'etat ancien et actuel de ce royaume.* Paris, 1798, 8.º de 142 pag. V. o art. n.º 1436.

W

«In Indiis pugnatum est a Lusitanis cum Javae majoris incolis, Alphonsus Alburquequius Indiae Pro-Rex in Erythaeo mari oberrans portum Aethiopiae quaerit; Adena deinceps expugnata, in sinus Arabici faucibus crucem erexit, Zeilaeque portum succendit, unde in eum Sultanus Aegyptius et Indiae reges conjurarunt, ut Lusitanos Indiis pellerent, quibus non obstantibus potiti sunt ingentibus victoriis...»

AUGUSTINO SARTORIO, *Compendium Annalium Baronii*, (Pragae, 1736.)

1799) WALSHER (P. CHRISTOVÃO THEODOSIO). Missionario de Trangambar.

Os quatro prophetas maiores. Dos quaes os tres primeiros são traduzidos pelo P. João Ferreira A. d'Almeida, e o quarto pelo — Trangambar, 1751.

1800) WESLEY (REV. JOHN). — A. M. of the University of Oxford.

E. — *Instructions for children by the late Rev. — In Portuguese and English.*

1801) WILDICK (BARON DE).

E. — *Le Portugal: Considerations sur l'état de l'administration, des finances, et du commerce de ce royaume et de ses colonies.*

* 1802) WOLF (FERDINAND). — V. o art. n.º 1465.

Escreveu tambem um importante artigo ácerca do nosso Gil Vicente na importantissima obra *Allgemeine Encyklopedi der Wissenschafter und Kunstein alphabetischer Folge von genannten Schriftstellern bearbeitet und herausgegeben von J. Sm. Ersch und J. Gf.* Gmber. 1818, 1878.

Noticia communicada pelo Ex.mo Sr. Adolpho Coelho.

ADDITAMENTOS

E ULTIMOS RETOQUES

«Sua Magestade prosegue na grandiosa obra do duque de Vizeu, o famoso infante D. Henrique, que outr'ora animou os Dias, Gamas, Magalhães e tantos outros descobridores que tornaram immorredouros os nomes, os esforços e as intelligencias scientificas dos portuguezes. Nós, os francezes, valemos bem pouco comparados com esses gigantes.»

Mr. Abbadie, *Carta de agradecimento ao rei de Portugal, pela commenda de S. Thiago.*

1803) ABREGÉ CHRONOLOGIQUE *de l'histoire d'Espagne et de Portugal, divisé en huit périodes: avec des remarques particulières á la fin de chaque période, sur le génie, les mœurs, les usages, le commerce, les finances de ces Monarchies: ensemble la Notice des Princes contemporains, et un-Précis historique sur les Savants et Illustres.* Paris, 1765, 8.º 2 vol. de 700 pag.

É este o titulo exacto do art. n.º 5, o qual devo ao Ex.mo Sr. Leorne, do Porto.

1804) ABREGÉ DE L'HISTOIRE DE PORTUGAL. Paris, Chez George Jouvenal. 1699, 12.º 1 vol.

1805) ABREGÉ DE L'HISTOIRE DE PORTUGAL. Paris, Chez Henri. Charpentier, 1707, 12.º 1 vol.

1806) ABUHAH (ISAAC).—Presidente da synagoga dos judeus de Hespanha em Amsterdam, traduziu para hebraico a obra intitulada *Casa de Deus*, obra do judeu portuguez Abrahão Ferreira. Foi impressa a versão hebraica em Amsterdam no anno de 1655. [1]

Outra obra do mesmo auctor, intitulada *Porta do Ceo*, foi passada para hebraico pelo mesmo traductor, e publicada em Amsterdam, e do hebraico para latim, e impressa esta ultima versão em Solisbaci, 1678.

1807) ACADEMIA (LA) *revista hispano portuguesa*, Madrid, 1877.

1808) ACCOUNT (AN) *of the Earl of Galway's conduct in Spain and Portugal.* London, printed by J. Baker, 1771, 8.º

[1] Barbosa Machado.—*Bibliotheca Luzitana*, vol. I, pag. 2

1809) A CRUZ DE CHRISTO Colombo, impressado no Officio de E. H. Perterson. 1859, 12.º, 23 pag.

O sangue de Animals,
Que em altars te vaza,
Numpode hura mortals
Nem paz ou pureza, da;

Mas Christo o Cordeiro,
Per doloroso,
Tem hum nobre sacrificio

Tambem muito precioso;

Minha Fé, a Ti pega,
Per a expiação,
Quando pecados confessa,
E roga per perdão;

Minha alma o lembra,
Peso que Tu ja gosta
Quando em Cruz já pendura,
Minha culpas per carta;
Crendo vamos nos folga,

Nontem mais a maldição,
Seu sanguento amor canta,
Que já trize bendição;

Tinha o preço pagado?
oh sem!
O sol já olha, temor
n'elle vem,
Com preto nuvens, seu
rosto cubri,
Com medo, qui su credor
te sufri.

* 1810) ADLEHORD.

A obra d'este allemão, mencionada no artigo 12, foi impressa em Francfort, no anno de 1702. Existe um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

1811) ADVENTURE ADMIRABLE *pardessus toutes autres des siècles passez et present. Qui contient un discours touchant les succez du Roi de Portugal D. Sebastien depuis son voyage en Afrique jusqu'au 6 Janvier, au present...* 1601. Traduit du Castillan en Français.

1812) AGUIRRE (JOSEPHI SAENZ DE). — Beneditinae Congregationis Hispaniarum Magistri generalis, Regii ac Supremi Fidei Senatus Consultoris, in Salmaticensi Academia Doctoris Theologi, ac post plures alias cathedras Primarii Sacrorum Bibliorum interpretis, nunc S. R. E. Presbyteri Cardinalis tituli S. Balbinae, Protectoris Regni Siciliae.

E. — *Collectio maxima Conciliorum omnium Hispaniae, et novi Orbis, epistolarumque decretalium celebriorum, necnon plurium monumentorum veterum ad illam spectantium: cum notis et dissertationibus quibus sacri canones, historia ac disciplina ecclesiastica, et chronologica, accurate illustrantur. Tomus primus, cura et studio* —. Romae, 1693. Typis Joannis Jacobi Konarek Bohemi apud S. Angelum custoden. 6 vol. fol.

Na pag. 190 do 2.º vol. discorre o auctor ácerca do Concilio Bracharense que apparece no 2.º vol. da M. Lusitania. A pag. 292 tracta se do Concilio e do Synodo Bracharense celebrado no anno de 561. A pag. 316. Synodo Bacharense II. no qual compareceram 12 bispos, no anno 572. A pag. 325 Capitulos dos synodos Orientaes colleccionados por S. Martinho, bispo de Braga, e publicados no Concilio de Luca. A pag. 506. Epistola de Martinho, bispo de Braga,

ao Bispo Bonifacio, A pag 675. Concilio III Bracharense, celebrado no anno quarto do glorioso reinado do rei Wamba, no anno de Christo 675. No 3.º vol. tracta-se amplamente do rito musarabe, ainda usado, segundo me dizem, na Sé de Braga. etc. Por isto fica o leitor informado da importancia d'esta obra que tracta dos synodos diocesanos celebrados em Portugal.

1813) AILLAUT (J. P.)

E. — *Notice sur l'etat actuel de la publication de l'Atlas de Mr. Viconte de Santarem.* Paris, 1846.

1814) ALARCON (D. ANTONIO SUAREZ DE).

E. — *Relaciones genealogicas de la Casa de los Marqueses de Trocifal Condes de Torres Vedras.* Madrid, 1586. fol.

1815) ALDELEY (LORD STANLEY OF).

E. — *The first voyage round the world by Magellan. translated from the accounts of Pigafetta and other contemporary writers. Accompanied by original documents, with plates and an introduction.* London, printed for the Hakluit Society. 8.º gr. 257 pag. e 14 d'appendice, com o retrato de Fernão de Magalhães, armas de Magalhães, facsimiles de assignaturas, mappa dos estreitos por Pigafeta, passagem do navio *Victoria* pelo Pacifico, ilhas de Amsterdam e S. Paulo.

1816) ALEGAMBE (P. PHILIPPUS).

E. — *De vita et moribus Patris Joannis Cardim Lusitani e Societate Jesu.* Romae, 1645.

1817) ALMANAQUE HISPANO-LUSITANIO, para 1872. Madrid. 1871.

1818) ALMEIDA (D. PIETRO MICHELE — PORTOGALLO).

E. — *Relazione della Conquista delle Piazze d'Alorna Bicidisio etc. Roma, Nella Stamp di Generoso Salmoni.* 1748. Ignoro se o auctor é portuguez ou estrangeiro.

1819) ANDRÈS (JUAN). — Nasceu em Planes (Valencia) no anno de 1740, e falleceu em Roma no anno de 1817.[1]

E. — *Dell'origine, progresso et stato attualle d'ogni letteratura.* Parma, 1782, 7 vol. Veneza, 1808-17, 8 vol. Pistoia, 1818, 3 vol. Pisa, 1821, 23 vol. Foi esta obra traduzida em hespanhol por um irmão do auctor.

Quem desejar escrever miudamente ácerca da litteratura portugueza deve consultar este trabalho do jesuita Andrés.

* 1820) ANDRY. — V. o art. n.º 33.

O Ex.mo Sr. Antonio Martins Leorne, residente no Porto, deu-me noticias ácerca d'uma edição das *Dissertations sur l'origine de la maladie vénérienne, etc.*, do nosso famoso Sanches, impressa em Leyde, no anno de 1778, 8.º de XII, 155 pag. O mesmo senhor me assevera ser a edição das *Observations sur les maladies venériennes*, do mesmo Sanches, impressa em Paris, 1785, 12.º de XXXVI, 204 pag. com o retrato do auctor, gravado por Levittain, positivamente a primeira, embora vá isto d'encontro á opinião de Innocencio.

[1] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle*, vol. II. pag. 586.

1821) ANSTETT-OLLENDORF *Methode zur erlernung der Portugiesischen Sprache, von* —. Frankfort, 1863.

* 1822) APERÇU NOUVEAU *sur les campagnes des Français en Portugal etc.* V. o art. n.º 43.

N'um papel escripto por Innocencio Francisco da Silva, em que elle ia lançando apontamentos, que eu lhe tinha pedido para este meu trabalho, papel que se encontrou depois do seu fallecimento, e me foi entregue, acha-se a noticia de que a obra acima mencionada é composta pelo general Pamplona, portuguez.

1823) ARAUJO (D. LUIS DE). — Maestro de latinidad en esta Corte.

E. — *Suplemento á la Gramatica de Mello, ó epitome del Arte metrica, ortografia, tropos y figuras Retoricas necessarias para la inteligencia de los autores clasicos, con que se completa el breve y metodico curso grammatico por* —. Madrid, por Cano, 1803.

«Los bien intencionados y amadores de la verdad conocerán que la breve y metodica Gramatica de Mello con estas pequeñas adiciones forma el curso mas breve y completo en este ramo de literatura.»

1824) ARCE (GASPAR (NUNES).

E. — *A la memoria del insigne historiador y poeta portugues Alejandro Herculano.* Madrid, Imprenta y estereotipia de Aziban y C.ª 1877, 13 pag.

1825) ARGENSOLA (B. L. D' —)

E. — *Beschreibung der Molukischen Insuln, und derer zwischen den Spaniern, Portugiesen und Hóllandern darum gefuhrten Kriege.* Franckfort und Lelpzig, bey der Witib M. 1710-11, 8.º

1826) ARGENSOLA (Dr. BARTHOLOME LEONARD DE —)

E. — *Histoire de la conquête des Isles Moluques par les Espagnols, par les Portugais, et par les Hollandais.* Amsterdam, 1707, 8.º, 3 vol.

1827) AVISI NUOVI *di piu lochi del'India et Missione de Brasil recevuti quest anno del* 1553. Roma, 1553.

1828) AVIZOS VARIOS *dels bons succesos del Rey de Portugal y disposició de sus armadas de mar y terra: progresos y estat de las cosas de Alemania y Flandes.* Barcelona, em casa de Pere Lacavelleria. 1642. 4.º Ha um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

1829) AVVISI DEL GIAPONE *degli anni* 1582-1584. *Con alcuni altri della Cina dell'* 83 *et* 84. *Roma, per Francisco Zanetti.* 1586.

1830) AVVISI DELLA CINA *et Giapone del fine del'anno* 1586 *con l'arrivo delli Signori Giaponesi nella India, cavati delle lettere della Comp. di Giesu, riccevuti il nette d'ottobre* 1588. Roma, 1588.

1831) AZARA (D. FELIX).

E. — I. *Descripcion é historia del Paraguay y del Rio de la Plata.* Mencionada no *Catalogo de la Bibliotheca del congresso de los deputados.* Madrid. 1857.

Todos os leitores sabem a razão porque a obra de Azara póde interessar aos portuguezes. Quem ignora essas peripecias da tão prolongada e continua guerra entre hespanhoes e portuguezes por causa da America?

II. — *Memorias sobre el rio de la Plata en 1801; demarcacion de limites entre el Brasil y el Paraguay, e informe sobre la America meridional española.*

1832) AZIR (FÉLIX VICQ D'). — Sabio medico francez, nascido em Valognes (Normandia) no anno de 1748, e fallecido em Paris em 1794 [1]. V. Andry, art. n.º 33.

Vicq d'Azir é o auctor do celebre elogio historico do nosso famoso medico Antonio Nunes Ribeiro Sanches, elogio traduzido pelo afamado lyrico portuguez Filinto Elysio [2].

«Em quanto assistiu na Russia nenhuma occasião perdeu que contribuir podesse aos progressos da Medicina, nem das Sciencias que lhe são accessorias. Quando soube que mr. Cook, primeiro cirurgião dos exercitos russos tinha de viandar até ás fronteiras da Persia, pediu-lhe o dr. Sanches, que de lá lhe mandasse as producções d'esse paiz, que mais revelassem para o adiantamento da sciencia. De lá recebeu o manná, que mr. Gmelin achou differente do que corre no commercio, e um sal que passava pelo borax nascediço, cujo sal na opinião de Baron é o borax mesclado com base de sal marinho.

«Tomou por vehiculo de util correspondencia com os missionarios que assistem na côrte do imperador da China, a caravana que parte da Russia para Pekin; com elles cambiava, e d'elles recebia tractos preciosos, que depois offertava aos sabios; sem que para essa offerta necessitassem mais pedreira, que o saber bem empregal-os. Obrigar a si os homens, prendendo-lhes a vontade foi para o dr. Sanches prazer mui de seu peito, e para todos assim o fôra, se todos, como elle, conhecessem quantos attractivos em tal prazer se encontram.

«Foi por tempos dilatados um dos socios mais assiduos da Sociedade imperial de S. Petersburgo. Como amigo do grande Euler contribuiu, como elle, a illustrar esse congresso de sabios, que encarregado de fazer com que florescessem as sciencias em quadras de torvação, relevava que alguns dos membros seus, por ellas mesmas se cultivassem, sem que em seus trabalhos se deixassem distrahir.

«Ja ácerca de diversos assumptos, que lhe proposera a Academia Real das Sciencias de Paris, tinha respondido satisfactoriamente o dr. Sanches, e mr. Mairan, que então a presidia, o propoz para correspondente, e conseguiu que esse titulo lhe fosse dado. Titulo, que procurado por quantos povos dão honra ás lettras, pareceu tanto mais recommendavel na Russia, onde não esquecerá nunca, que o restaurador d'esse imperio se ufanou de occupar na lista d'essa Academia um posto ao pé de Newton, e de alardear assim que, não contente de representar entre os soberanos foi Pedro o Czar o primeiro russo que assentou seu nome na pauta dos grandes homens.

«Aqui fenece a vida publica do dr. Sanches que para seu retiro, não deparara com cidade mais commoda que Paris, ou já quizesse dar-se, ou já encobrir-se, aos olhos da multidão. Alli chegou em 1747, e n'ella viveu até ao anno

[1] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle.* vol. XLVI, pag. 90.

[2] Obras completas de Filinto Elysio. Paris, 1819 (no vol. IX).

de 1783, não ignorado (que o não podia ser) mas arredado de toda a ruidosa sociedade, no estreito circulo de amigos seus, dado ás inclinações do animo, gozando de si, entretido em relevantes memorias, como cabe a todos aquelles que presencearam grandes acontecimentos.»

* * *

«M. Falconnet tão acreditado pela sua erudição, quanto recommendavel por seu bonissimo coração, foi o primeiro sabio, com quem o dr. Sanches tomou conhecimento em Paris, e na sua bibliotheca deparou com os soccorros de que precisava, até ao tempo em que se ladeou d'uma formosa collecção de livros seus. Como quem entendia tantas linguas, e conhecia tantos sabios da Europa, podia a passo igual ler-lhes as obras, e lograr o prazer de comparar as obras com o auctor; parallelo que muito acrescenta no attractivo da leitura. De lá lhe procedeu ser elle o primeiro, que soube em França o uso e propriedade das flores de zinco, e como d'ellas se serviu Gaubio; a tinctura de cantharidas, recommendada em Scocia por meio de fricções; a raiz de Columbo, a de João Lopes, a de Pinheiro, e a terra de Mafra. M. Payen, mui nomeado medico da Faculdade de Paris, e outros membros mais da mesma Faculdade, amigos do dr. Sanches, se encarregavam de fazer as tentativas dos novos methodos, de que lhes davam noticia os seus correspondentes.

«Conservou sempre o dr. Sanches rancor profundo contra certo tribunal, de que victimas foram alguns dos seus amigos. *Idéas para uso meu, ácerca da Inquisição* é o titulo d'um manuscripto seu; e d'essas idéas nasceu não voltar elle a Portugal, e vir antes morar em Paris, que por certo se ufana de ter sido muitas vezes o asylo dos que perseguia esse tribunal.

«Esses manuscriptos, parte d'uma alma activa e grande, e o intimo conhecimento do humano coração; esse quadro de seus pensamentos a quem os entregára o dr. Sanches? a M. Andry, consocio nosso, á pessoa que elle mais estimou, e ao melhor amigo seu; [1] uma parte de si mesmo lhe legava n'este mimo. E M. Audry entrado dê respeitosa gratidão, lhe consagrou um *Elogio*, que o coração lhe estava dictando; e que a cada phrase sua me deixa o pezar, de que tecendo este elogio depois do seu, me não posso exprimir tão bem como elle.

«Parte dos manuscriptos, de que fallo, contem reflexões e observações ácer-

[1] «Tinha-o consultado a Faculdade de Strasburgo em 1752, ácerca d'um Curso de Cirurgia Pathologica, que ella queria introduzir nas suas scholas: ao que respondeu o dr Sanches com uma memoria, cujo plano foi adoptado, e mandou a Faculdade a M. Schœppin, que escrevesse, que M. Bœcler corresponderia com elle directamente; pedindo-lhe ao mesmo tempo, que aceitasse em signal de estima e deferencia, as estampas anatomicas d'um utero dobre, que a Faculdade (pouco havia) mandára abrir.»

«Prodigiosa foi a memoria que tinha o dr. Sanches, tal, que sendo o unico alumno, que não escrevia as lições de Boerhaave, nada lhe esqueceu das doutrinas d'esse grande Lente.»

Um dos manuscriptos de Sanches tinha o titulo de *De Matrimonio Cleri*. E outro o de *Plano para crear e educar os engeitados no hospital de Moscow*, 1764.

ca da medicina; que nunca elle na pratica, nem no seu teor de philosophar seguiu as trilhadas veredas: porque sempre foi d'aquella pequena porção de homens, que antes de obrar, de si tomam conselho. Por isso poucas obras suas ha, em que não revejam algumas idéas originaes ou novas, que inclinam para o adiantamento das sciencias, e nos affastam de encanecidos habitos.

«D'esse genero é a Dissertação ácerca dos banhos russos, que elle offereceu a esta Sociedade, como tributo do titulo de Associado estrangeiro, que ella lhe conferiu. E ninguem se capacite, que elle se limitou a descrever a fórma d'esses banhos, e o uso que d'elles fazem os russos: mas sim acompanhou essa noticia, com a historia dos Gymnasios, e banhos publicos, que com tanta magnificencia edificaram os gregos, e depois adoptaram os romanos, e a que Augusto poz o remate da perfeição; que descuidados, quando Roma sob Constantino se christianisou, foram, depois de muitos seculos de olvido, imperfeitamente restabelecidos em Constantinopla, e em alguns sitios de Allemanha, e até na Russia. Depois que o dr. Sanches ahi refere o teor, com que desprendem o vapor da agua, lançando-a em seixos abrazados, e tambem os effeitos d'esse vapor no corpo humano, demonstra quão util é para sarar de certas molestias, o costume, ao sahir d'esses banhos, de se mergulhar em neve, ou em agua fria, para abater com esse sobresalto as disposições a spasmos, a obstrucções, e acostumar o corpo a contrarias temperaturas.....

«Tendo-lhe referido certo cyrurgião, que receitavam na Siberia o sublimado corrosivo, em grandes doses, no curativo do mal venereo, fez (muitos annos antes que ácerca d'elle Van-Swieten apparecesse com suas reflexões [1] tentativas com elle o dr. Sanches; até fez a importante observação, que esse remedio surtia mais seguro effeito, e nenhum mal d'elle resultava, quando assugeitavam o enfermo á acção do banho de vapor, que amollecendo a nérvea tecedura da pelle, embrandecia o effeito sublimado de corrosivo, e que se devolve ao mesmo tempo com mais completa e mais estendida efficacia...

«Mostra o dr. Sanches, indagando a origem do mal venereo, quão longe estava de adoptar facilmente idéas alheias, e quanto apégo tinha ás suas. Sendo o descobrimento da America, e a primeira apparição do mal venereo, na Europa dois mui notaveis acontecimentos, cujas epochas coincidem mui perto uma da outra, não fôra de admirar que lhes achassem entre ellas (em certo modo) dependencia, ainda no caso de não haver entre ellas connexão alguma. Tal era a opinião que o dr. Sanches abraçou e susteve contra o parecer do sabio Astruc e do seu defensor Van-Swieten.....

«Assentava o dr. Sanches, como antes d'elle o Frascator, que o vicio venereo fôra em seu principio, como uma especie de epidemia na Italia, no anno de 1493, que foi depois affrouxando com o correr dos annos, e com o seu der-

[1] «Tinha o dr. Sanches feito diversas tentativas infructuosas com o remedio antivenereo do dr. Barry, e o D. Alvares, portuguez, e medico de nome, nos deu ácerca da historia d'esse medico, as mais exactas, e mais seguras particularidades.

M. Sthelin, distincto sabio, residente em Petersburgo, e amigo do dr. Sanches, que tambem nos remetteu preciosas individuações tocante à vida d'esse illustre medico.»

ramamento. Não é possivel conservar mais factos, mais noticias, a favor d'uma opinião, que se encontra n'esta obra do dr. Sanches. Lá é que se depara com erudição; não essa, que chamamos parasita, porque sómente se ceva em passagens citadas, e publicadas por outros; mas sim a erudição cavada em seu proprio saber tão fecundo em provas, quão allumiado na escolha.... [1]

Cumpria em Paris com as funcções de correspondente da Academia Imperial de S. Petersburgo, que o tinha encarregado de dar noticia dos descobrimentos, com que as artes e as sciencias cada dia se enriquecem; e tal zelo, e tal empenho mettia n'essa commissão, que vinha ella por isso a ser importante. Homem apto, que distinguindo as que eram invenções uteis, extremava das que o capricho ou a moda acreditavam, as invenções, que menos gabadas, fundavam em conhecidas vantagens a existencia. Que nunca se expoz elle a que o arguissem de que déra a conhecer em Petersburgo futilidades scientificas, a quem o publico successivamente mostra tanta indulgencia, e depois tanto desprezo; e cujo enthusiasmo, por maior que seja, comparar-se póde a essas epidemias de pouca monta, que causando na cabeça transitoria turvação, não deixam todavia vestigio algum do assalto, nos sitios, que desampararam. Lastimemos unicamente o dr. Sanches, de que não viveu bastante para que fosse testemunha das bellas experiencias, por meio das quaes, tão rapidos dilataram os homens a sphera de sua actividade; elle que, nada menos, viu na derradeira quadra da sua vida, as ridiculas pretenções do Empirismo, tambem acolhidas n'esta capital, que foi necessario para desmontar ante os olhos das nações emulas dos nossos talentos e nossa gloria, os aggravos que o empirismo fez, toda a sublime invenção de Messieurs Montgolfier.

«Já sentia gastas as forças, quando o grão duque das Russias, sob nome de Conde do Norte veiu a Paris; e como soube que tinha esse principe de honral-o com uma visita sua, adiantou-se a prevenil-o. Estava á mesa o duque, quando lhe foi o dr. Sanches nomeado, com distincto agrado o recebeu, e lhe deu assento ao lado de si. Aquelle velho, a quem tambem e tão mal tratara a Russia, recordou n'aquelle instante todas as suas ditas, e todos os seus revezes, e olhando enternecido para o herdeiro d'um throno, que tão rodeado vira de tormentas, tão profusas lagrimas derramou, que exprimiram ellas ao principe, tudo quanto a bocca não podia proferir. Voltando a casa, nunca mais sahiu, e bem diriamos, com mr. Andry, que na pessoa do Conde do Norte recebeu a Russia os seus ultimos adeus.

«A imperatriz da Russia ordenou que as armas do dr. Sanches fossem decoradas com a lenda:

[1] «Vide I. Dissertação àcerca da doença venerea, em que se prova, que não veiu da America, mas antes, que por uma epidemia começou na Europa; obra essa que o dr. Castro, medico de Londres traduziu em inglez.

II. Exame historico ácerca da apparição do mal venereo na Europa, e natureza d'essa molestia. Essas duas dissertações juntas n'um só volume as publicou em 1777 em Leyden M. Gaubio, ajuntando-lhe um prefacio, em que parece inclinar-se á opinião do seu amigo.»

Non sibi, sed toti genitum se credere mundo, lenda tão honorifica para a sua memoria, quanto adaptada a designar um homem, que se esquecia de si para se empregar na felicidade alheia.

«O logar de associado estrangeiro, vago pela morte do dr. Sanches, occupa-o presentemente o dr. Black, lente de Chymica em Edimburgo.»

Na obra intitulada *Appendix* ao que se acha escripto na *Materia Medica* do dr. João de Castro Sarmento sobre a natureza, contentos, effeitos e uso pratico, em fórma de bebidas e banhos das aguas das Caldas da Rainha,[1] se encontra uma carta do nosso Sanches, com a data de 11 de novembro de 1752, a respeito dos banhos na cura da Paralysia.

Sanches forneceu muitos apontamentos a Buffon para a sua immorredoura Historia natural:—I. A respeito do rato da Russia, chamado Suslik (Obras completas, ediç. de Paris de 1835, vol. IV. pag. 169). — II. Noticia ácerca de certa especie de macacos. vol. V pag. 162. — III. Noticia ácerca dos gansos. vol. V pag. 506. Por esta occasião chama Buffon ao nosso Sanches *savant médicin. etc.*[2] V. *Buffon.*

1833) BAILLEUL (GASPAR).

E. — *Le Portugal et ses frontières. Mappe Chorographique.*

1834) BALBI (GASPARO).

E. — *Viaggio dell' Indie Orientali.* Venetia, 1590.

1835) BARNARD.

E. — *A three year's Cruzer in the Mozambique Channel, for the suppression of the slave trade.* London, 1848, 12.º gr. de XIII, 319 pag.

Eis o titulo completo do N.º 82. Sou devedor d'esta noticia ao Ex.mo Sr. Leorne, do Porto.

1836) BEAUVAIS (P. DE —).

E.—*La Vie de N. P. Ignace Azevedo de la Compagnie de Jesus*, Paris, chez Hypolyte Lonis Guerin, 1744.

1837) BECERRIL Y BLANCO (D. JUAN).

E. — *Atlas historico, genealogico, cronologico, sincronico y geografico de la Peninsula iberica.* Segovia, 1871.

1838) BERRENGER.

E. — *A grammatical arrangement on the method of learning the corrupted portuguese as spoken in Indian.* Colombo, 1811.

1839) BIERVILLAS (INNIGO DE —).

E. — *Voyage à la Côte de Malabar, Goa, Batavia, et autres lieux des Indes Orientales.* Paris. 1736.

[1] Impressa em Londres, 1757. «O dr. Antonio Ribeiro Sanchez. Medico que foi da Imperatriz da Russia, um dos mais doutos e benemeritos discipulos de Boerhaave.» pag. 136.

[2] «Fazemos menção d'este distincto escriptor, porque as suas observações sobre as raças humanas foram tão bem acolhidas por Buffon, que este grande naturalista as inseriu no 3.º vol. da sua *Historia Natural*, elogiando com a devida justiça o auctor portuguez que lhas communicou.» Sr. J. A. Simões de Carvalho, *M. H. da Faculdade de Philosophia.*

1840) BIRAGO (GIO BATTISTA).

E. — *Della Sollevatione del Brazile.* 4.

Está esta obra mencionada no *Catalogo da Bibliotheca Publica de Lisboa;* mas não se encontrou quando a desejei ver.

* 1841) BIRAGO. — V. o art. n.º 126.

E. — *Historia della disunione del regno di Portogallo dalla corona di Càstiglia: novamente correta, emendata ed illustrata: con l'aggionta di molte vose notabili dal molto Rdo. P. M. Fra Ferdinando Helevo: con l'appendice di una scriptura d'un Ministro di Spagna.* Amsterdam, 1647. 8.º peq. de 796 pag.

Devo o titulo d'esta obra ao Ex.mo Sr. Leorne, residente no Porto.

1842) BOUCHOT (AUGUSTO).

E. — *Historia de Portugal y de sus colonias. Traducida y continuada por D. Marcial Busquets.* Madrid, 1858, 8.º

1843) BLANDOU (ARIAS).

E. — *Carta que escrebió de Goa à los Padres y hermanos de la Compagnia de Jesus, en Portugal.* Porto Seguro, 24 de julio de 1555. Existe um exemplar na Bibliotheca Publica.

1844) BLEEK (Dr. W. H. J.) — Member of the german oriental Society.

E. — *The languages of Mosambique. Vacabularies of Lourenzo Marques, Inhambane, Sofala, Tette, Quellimane, Mosambique, Cape Delgado, Anjoane, The Maravi, Mudsau etc. Drawn from other materials, by —.* London, Printed by Harrison and Sons, 1856, XIX, 403 pag.

* 1845) BROCKWELL (Jun. Gent. late of Katterine-Hall, Cambridge). V. o art. n.º 183.

E. — *The natural and political History of Portugal from its erection into a kingdom by Alphonso Son of Henry Duke of Burgundy, anno 1090 down to the present time. Shewing its extents, soil, production, history, trade, manufactures, customs, and manners of its inhabitants; with its revolutions and conquests. As also its provinces, cities, and noted towns, with their antiquity, building and present State. To which is added The History of Brazil and all their dominions subject to the Crown of Portugal in Asia, Africa and America by —.* London Printed for the Author and sold by T. Warner, at the Black-Boy in Pater Noster Row.

Eis o titulo exacto d'esta rarissima obra, da qual encontrei um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa. É em 8.º, 393 pag. com 1 estampa grande representando uma tourada, e 3 mais pequenas.

1846) BUCHON.

Diz o sr. Ferdinand Denis que no prefacio que precede as Obras de Froissart se encontram reflexões cheias d'interesse e de exactidão escriptas por mr. Buchon a respeito do chronista portuguez Fernão Lopes. [1]

1847) BUFFON. — Celebre naturalista francez.

E. — *Oeuvres complètes de — mises en ordre et precédées d'une notice his-*

[1] *Resumé de l'histoire litteraire de Portugal*, pag. 608.

torique par M. A. Richard, Professeur à la Faculté de Medecine de Paris. 20 vol. Paris, 1833. (Pourrat frères, editeurs.

Buffon nas suas obras cita um grande numero de auctores portuguezes, e dilicia-se o espirito d'um verdadeiro portuguez ao ver de quão grande proveito foram para a composição das obras de Buffon, Fr. João dos Santos, Duarte Barbosa, o capitão Ribeiro, Garcia da Horta (du *Jardin*, como elle lhe chama), padre Lobo, Balthasar Telles, Lopes, e tantos outros.

Buffon adoptou tambem os nomes que os portuguezes tinham posto a alguns animaes, como por exemplo, o *Encoberto.* [1]

«M. Rodrigue Pereire, Portugais, ayant cherché les moyens les plus faciles pour faire parler les sourds et muets de naissance, s'est exercé assez longtemps dans cet art singulier pour le porter á un grand point de perfection; il m'amena, il y a environ quinze jours, son elève, M. d'Azy d'Étavigny: ce jeune homme, sourd et muet de naissauce, est agé d'environ dix neuf ans. M. Pereire entreprit de lui apprendre à parler, à lire. etc. au mois de juillet 1746: au bout de quatre mois il prononçoit déja des syllabes et des mots; et, apres dix mois, il avoit l'intelligence d'environ treize cents mots, et il les prononçoit tous assez distinctement. Cette éducation si heureusement commencée fut interrompue pendant neuf mois par l'absence du maitre, et il ne reprit son elève qu'au mois de février 1748: il le retrouva bien moins instruit qu'il ne l'avoit laissé: sa prononciation etoit devenue tres vicieuse, et la plupart des mots qu'il avoit appris etoient déja sortis de sa mémoire, parce qu'il ne s'en etoit pas servi pendant un assez long temps pour qu'ils eussent fait des impressions durables et permanentes. M. Pereire commença donc á instruire, pour ainsi dire, de nouveau, au mois de février 1748; e depuis ce temps il ne l'a pas quitté jusqu'a ce jour (au mois juin 1749). Nous avons vu ce jeune sourd et muet á l'une de nos assemblées de l'Academie: on lui a fait plusieurs questions par écrit: il y a tres bien répondu, tant par l'écriture, que par la parole. Il a, á la verité, la prononciation lente, et le son de la voix rude; mais cela ne peut guère être autrement, puis que ce n'est que par l'imitation que nous amenons peu á peu nos organes à former de sons precis, doux et bien articulés.

[1] «*Encuberto* ou *Encubertado*, nom que les Portugais ont donné à cet animal, et que nous avons adopté» *Oeuvres*, vol. IV. pag. 291. (Ed. Paris, 1835).

«*Marmosa*, nome que os brasileiros dão à *Marmose*, e que nós adoptamos.» Idem. pag. 314.

«Dou aqui a nomo *d'elan* ao animal, que os hespanhoes e portuguezes conhecem com o nome de Danta.» Idem pag. 356.

«É bem singular que este nome de *viuvas* pelo qual certas aves são hoje geralmente conhecidas, e que parece convir-lhes tão bem... não lhes tenha sido dado senão por causa d'um engano. Os portuguezes deram-lhes ao principio o nome de aves de Widdah, (isto é de Juida) por serem mui vulgares n'esta costa d'Africa. A similhança d'esta palavra com a quo significa *viuva* em lingua portugueza terá podido enganar os estrangeiros» Idem, vol. VI. pag. 94.

A pag. 514 do vol. VI tracta do nome que os portuguezes poseram a certa ave, *pintado*, nome que diz ter sido adoptado pelos inglezes. etc.

Tinha, pois, razão o sr. Pinheiro Chagas para exclamar:

«Em França os resultados do seu methodo foram accolhidos com espanto e admiração: choveram as recompensas sobre o portuguez illustre, que a patria repelliu do seio; os reis de França, da Polonia, Dinamarca e Suecia distinguiram-no com mercês e applausos, as academias elegiam-no seu consocio, os sabios mais notaveis, La Condamine, Buffon, Diderot, d'Alambert, Rousseau, não se fartavam de o elogiar, e em Portugal esperava-o a fogueira d'um auto de fé, se elle ousasse regressar á patria!» *(Portuguezes Illustres.)*

Buffon, *Oeuvres* (de l'homme), vol. IX pag. 143.

Tambem n'alguns volumes das obras de Buffon se está continuamente fallando dos portuguezes.

1848) CABANO.

E. — *Portuguese Grammar. (Ahn's system).* London.

1849) CABRAL (ANTONIO).

E. —I. *Relazione della vita e martirio del venerabil Padre Ignazio de Azevedo.* Roma, 1743, 4.°

II. *Relacion del martyrio de los 40 martyres de la Comp.ª de Jesus. Vida del martyr P. Ignacio Acebedo.* Madrid, 1744.

1850) CABRERA (NUÑES DE GUSMÃO MELCHIOR).

E. — *Madrid, patria verdadera del diamante de la fé, del martyllo de los hereges, de S. Damaso, el 1.° Pontifice.* Madrid, 1678, 4.°

O proprio Amador de los Rios confessa que S. Damaso é natural de Guimarães, e o mesmo dizem uma immensidade de escriptores. Vem n'esse caso Cabrera a ser uma especie de D. Paschoal Gayangos.

1851) CAMPO (MARCELINO DE CLARO —).

E. — *Defensivo contra el frenesi que le ha dado a Portugal.* Alcala de Henares, 1641.

1852) CAMPOS (MANOEL DE).

E. — *Relacion del soleñe recebimiento que se hizo en Lisboa a las Santas Reliquias que se llevaron à la Eglesia de San Roque de la Compañia de Jesus en* 1588. Alcalá, 1589.

1853) CAPITOLO I. *en que se trata de que gente eran los inimigos que vinieron a cercar la fortaleza de Moçambique y de la ocasion que los movió a hazelo.* Bibliotheca Publica de Lisboa.

1854) CARDAMA (LOURENÇO).

E. — *Relação da grandiosa embaixada que em nome das Magestades dos senhores Reis de Portugal deu nesta Corte de Madrid ás Magestades dos senhores Reys Catholicos o Ex.mo Sr. Rodrigo Annes de Sá Almeida e Menezes, Marquez de Abrantes em dia de Natal de* 1727. Madrid. 1727.

1855) CARDON (EMILE).

E. — *Etudes sur l'Espagne et Portugal et leurs colonies.* Paris, 1863.

1856) CARTA DE JOSEPH DE VILLA NUEVA *Infante de la Vierge del Pilar a la mui Illustre Academia de Portugal, querellandose del Escritor contra la tradicion de la venida de Santiago a España. etc.* datada de Zaragaça, 1723, e impressa em Madrid. 1723.

1857) CARTA DE MADRID *embiada a un Vizino d'esta Ciudade de Barcelona en la qual se dá intera relacion de la vic'oria que la Armada de Su Magestad de la Esquadra Portuguesa ha alcançado de una esquadra de galeones Ingleses.* Barcelona, 1626. B. P. de Lisboa.

1858) CARTA DEL EMBAXADOR DE PORTUGAL *en Paris al de Portugal que va a Muster, con los Embaxadores de Francia en la Haya.* Barcelona, 1644.

1859) CARTA DEL HERMANO *Arias Blandou que escrevió de Goa a los Padres y hermanos de la Compañia de Jesus em Portugal.* 1554. 4.º, B. P. de Lisboa.

1860) CARTA DEL MARQUES DE LAS MINAS *al General Starenberg.* B. P. de Lisboa.—*Carta segunda al General Guido Starenberg.* Lisboa.

1861) CARTA DE LISBOA, *de un cortezano de Madrid escrita a un de Titol de la Andaluzia dandole noticia de los progressos de España.* Barcelona, 1641. B. P. de Lisboa.

1862) CARTA EM QUE SE DÁ *huma breve noticia do modo com que S. Mdes Sicilianas receberam a Esquadra Portugueza, sendo commandante José Sanches de Brito.* Lisboa, 1792.

1863) CARTA ESCRITA *por lo Rey de Portugal á los Conselleros de Barcelona.* Barcelona 1706. B. P. de Lisboa.

1864) CARTAS *que a rainha da Suecia escreveu a el-rei D. João IV e á Rainha, com a relação das armas que do Reino de Suecia trouxe o Embaixador Francisco de Sousa Coutinho.* Lisboa, 1642.

1865) CARTA QUE HA ESCRITO *un Cavallero de Lisboa a un corrispondiente suyo en Barcelona, en la qual le dá noticia de lo que pasa por allà.* Barcelona, 1642. B. P. de Lisboa. — *Con noticias y llegada de una Esquadra de Vaxeles Hollandes.* Barcelona, 1642.

1866) CARTA QUE HA ENVIAT *lo Abate Joane Masó, de la escaramuça que han tingut en Roma lo Marques de los Velez, Embaxador de Castela contra lo Embaxador de Portugal etc.* Barcelona, 1642. B. P. de Lisboa.

1867) CARTA QUE SE ESCREVEU *de Utrecht a Lisboa, na qual se dá noticia da solemnidade com que os Ex.mos Conde de Tarouca e D. Luiz da Cunha celebraram o augusto nascimento do Principe do Brasil D. Pedro.* Lisboa. 1713.

1868) CARTA QUE UN CAVALLER DE PORTUGAL *á enviat a un cavaller desta Ciudad de Barcelona donant li noticia de una gran traycio... contra lo Sr. Rey de Portugal, y la sentencia... de D. Francisco de Lucena etc.* Barcelona, en casa de Jaume Mathevat, 1643 4.º Existe um exemplar na B. P. de Lisboa.

1869) CARTA VENIDA DEL EXERCITO *en que se avisa la tomada de Ebora Ciudad, y el feliz successo de las armas de Su Magestade.* Madrid, 1663. B. P. de Lisboa.

1870) CARRILLO (Fr. JUAN).

E. — I. *Historia y vida de Sta Isabel Reyna de Portugal y Infanta de Aragon.* Zaragoça, 1617 4.º

1871) CASTRO (D. JOSEP RODRIGUES DE).

E. — *Bibliotheca Española. Tomo I. Que contiene la noticia de los Escriptores Rabinos Españoles desde la epoca conocida de su literatura hasta el presente. Su autor.* Madrid. — 1781. —*Tomo II, contiene la noticia de los Escritores gentiles españolas y la de los Christianos hasta fines del siglo XIII de la Iglesia.* Madrid, 1786.

Quem consultar esta obra ha de encontrar muitas noticias relativas á nossa antiga litteratura.

1872) CATALOGUE DES LIVRES *en differentes langues sur l'histoire et la litterature de l'Espagne, du Portugal, et leurs colonies, provenant de la bibliotheque de Mr. de Sampayo.* Paris, 1842.

1873) CHAPELLAIN (G. J.) — V. Grognard.

1874) CHAPUIS.

E. — *Du Portugal en 1822. Lisbonne.* 4.º, 44 pag.

1875) CLARAMONTII (SCIPIONIS CAESENATIS).

E. — *De sede sublunari Cometarum opuscula III in supplementum Antitychonis cedentia: sunt I. Consideratio observantium Indicarum Cometae ultimi anni 1618 a PP. Jesuitis habitarum Goae etc. in tractu Malabarico. II Consideratio ac solutio rationum pro cœlesti Cometarum sede, quae post Antitychonem prodiere, vel ad auctoris manum pervenere: sunt autem Rationes an 1577. Antoni Santuttii, 1582. Ejusdem 1585. Christophori Rothmani, 1597. Santutii. Santutii et Joannis Kepleri, 1618. Kepleri, Willebrodi, Snellii, Tieni, Fromondi III. Libellus Apologeticus.* Amstaelodami, 1638.

1876) COLMEIRO (D. MIGUEL).

E. — *Enumeracion de las cryptogamicas de España y Portugal.* Madrid, 1867-68.

* 1877) COSTIGAN (ARTHUR WILLIAM). — V. o art. n.º 309.

E. — *Lettres sur le gouvernement, les mœurs et les usages en Portugal, écrites á son frère, Traduction de l'anglais.* Paris, 1810. 8.º, de VIII, 550 pag.

Devo o melhoramento d'este artigo ao Ex.mo Sr. Leorne.

1878) CORRESPONDANCE COMMERCIALE *en neuf langues, en français, allemand, anglais, espagnol, hollandais, italien, portugais, russe et suedois.* Paris.

1879) COUPÉ.

Um escriptor deste nome escreveu nos *Sourées litteraires* XI e XII ácerca do poema latino *Chauleidos*, composto pelo nosso celebre Paiva d'Andrade,[1] e F. Denis transcreve as seguintes palavras.

«Li com attenção os doze cantos; o assumpto do Chauleidos é importante, como convem á epopea: sua acção é simples na sua imponente magestade, o heroe inspira o maior interesse: magnifica ordem, imaginação brilhante, bellos episodios, que dão novo realce ao que se chama fabula, imagens novas, muita sensibilidade, pintura animada dos costumes selvagens, versos harmo-

[1] F. Denis—*Resumé de l'Histoire litteraire du Portugal.* pag. 219. Por esta occasião falla tambem das poesias do nosso Caiado, que tiveram reputação mesmo na Italia

niosos: eis o que observei á primeira vista com o maior prazer. Distingui principalmente uma heroina tão brilhante como a Penthesilea de Homero, como a Camilla de Virgilio, e como a Clorinda de Tasso.

«M. Coupé accrescenta que a descoberta d'este poema ignorado o tornou o mais feliz homem do mundo, e que só uma unica magua teve, a de não apresentar a traducção d'elle por causa dos poucos meios de sua fortuna. Quizera publical-o com o texto.»

* 1880) CUNHA (J. GERSON DA). — V. o art. n.º 1562.

Tenho estado na duvida se este escriptor é portuguez ou inglez. Obtive porém esclarecimentos no dia 17 de março de 1878. N'uma carta me diz o Ex.mo Sr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara: «O Sr. José Gerson da Cunha he subdito portuguez, nascido em Goa, de raça indigena, e casta brahmane. Acha-se estabelecido em Bombaim como medico.» O sr. Rivara me assevera ser feita por S. Ex.ª a traducção das *viagens de Pyrard*, impressas em Goa, traducção de que fallei em logar competente.

1881) DEPURE.

Traduziu para francez a Historia das Indias portuguezas composta em latim por Maffejo.[1]

* 1882) DICTIONARIUM MALAICO LATINUM. — V. o art. n.º 350.

Eis a lista dos vocabulos portuguezes, que andam nos idiomas d'Amboyno, Banda, Java e Molucas, os quaes o Ex.mo Sr. Antonio Martins Leorne teve a bondade d'ir copiar á Bibliotheca do Porto.

Sagu sa-costa	Alcubitera	Proveito	Aguabenta
Desmorescer	Franga	Veillo *(Senex vir)*	Benpode
Camma	Valer	Veillo *(Anus, vetula)*	Merescer.
Barba	Costa		Mester
Rede	Ingeolar	Tempo	Mentaon
Coitado	Sabon	Curar	Mas que
Alfinetto	Taterouga	Matelote	Crear
Torto	Nen	Sangrar	Passear
Rua	Para	Hate	Costume
Remedio	Barato	Enganar	Parente
Fresco	Boetta	Basta	Obrigacion
Milagro	Gardenappa	Bolsa	Paresser
Orivis	Vidro	Ramo	Acerca
Igresia	Vara	Farda	Quanto
Grado	Marcadjota	Seguro	Mal-ensinado
Fidalgo	Tocca	Suberbo	Bem-ensinado
Contas	Açotar.	Cadera	Conseillo
Fantasma	Alcativa	Pulpito	Entregar
Requerer	Hora	Banco	Levantar
Semana	Imagem	Entendimento	Pregoar
Agradescer	Iscenso	Contento	Pregoaçaon

[1] Buffon.—*Oeuvres complètes*, vol. IV. pag. 198 (Ed. Paris, 1835).

Negociar	Sobrinjo	Tinta	Iear
Durar	Sobrinja	Concierto	Veludo
Tentar	Ismola	Citar	Alfiate
Consentir	Licensa	Forsa	Pena
Suffrir	Crescer	Par forsa	Castigar
Servir	Peito	Martéllo	Porfiar
Servitio	Cerco	Prego	Cásta
Sin	Cinto	Ferrero	Pouresa
Recado	Suissa	Alcunja	Armada
Fastio	Gallo	Intero	Bandera
Cudir	Grosso	Quanto mas	Bómbardero
Cuidado	Primo	Spada	Espingarda
Pay	Prima	Malediçaon	Cantó
Cunjado	Regalas	Almursar	Ingenio
Cunjado	Libro	Sentar	Asaver

1883) **DIEZ.**

Informa-me o Ex.mo Sr. Adolpho Coelho que este celebre escriptor fizera na cidade de Bonn muitas prelecções publicas tendo por assumpto os *Lusiadas*, do nosso Camões.

1884) **DOZY (R).** — Commandeur de l'Ordre de Charles III de Espagne, correspondant de l'Institut de France et l'Academie d'histoire de Madrid, associé etranger de la soc. asiat. de Paris, professeur d'histoire à l'Université de Leyde, etc. Et W. H. Engelmann.

E. — *Glossaire des mots espagnols et portugais derivés de l'Arabe. Seconde édition, revue et tres-considérablement augmentée.* Paris, Maisonneuve, 1869.

A noticia d'esta obra me foi communicada pelo Ex.mo Sr. Graça Barretto.

1885) **DURDENT. (J. R.)**

E. — *Beautés de l'histoire de Portugal, ou abregé de l'histoire de ce pays, jusqu'a nos jours: dans le quel on trouve la description des mœurs et usages de ses habitants, leurs découvertes maritimes, leur commerce, leurs guerres, leur héroisme, et les évenements les plus remarquables, qui se sont passés dans la Lusitanie à toutes les époques. 2eme edition, ornée de six gravures et augmentée du Précis de la Révolution de 1820 et de 1821 par A. P. J. B. Nougaret.* Paris, 1821.

A existencia d'esta obra me foi communicada em janeiro de 1878 pelo Ex.mo Sr. Antonio Martins Leorne.

* 1886) **E. (W. V).** [1] — V. o art. n.º 393.

E. — *Dom Miguel I. Usurpateur des Portugiesischen Thrones etc.* 8.º Hamburgo, 1832.

Vi um exemplar na B. da A. R. das Sciencias de Lisboa.

1887) **FEBRONIO (ANGELO).**

E. — *Historiae Pisanae Academiae Auctore-ejusdem Academiae Curatore.* Pisis, 1795. 3 vol., 4.º grande.

[1] É o barão d'Eschwege.

N'esta obra encontrará o leitor a noticia de muitos portuguezes que foram lentes na Universidade de Pisa; citarei, entre outros, os seguintes:

Lentes de Direito Canonico. — Antonio Dias Pinto, 1609-1610. — Bento Pinhel, 1610-1614.

Lentes ordinarios e extraordinarios de Direito Civil. — Antonio Dias Pinto, 1610-1618. — Pedro Rodrigues, 1613. — Bento Pinhel, 1614-1619.

Interpretes de Direito Criminal. — Jorge de Mattos Pinhel, 1612.

Interpretes de Direito feudal. — Jorge de Mattos Pinhel, 1610-1614.

Interpretes de Direito Civil. — Gaspar, 1500. — Thomaz Ximenes, 1596.

Lentes de Medicina. — Damião Dias, 1564 1609. — Rodrigo da Fonseca, 1584-1615. — Estevão de Castro, 1617-1640.

Lentes de Philosophia. — Rodrigo da Fonseca, 1581-1584.

Professores de Logica. — Rodrigo da Fonseca; Gabriel Fonseca; Jorge de Moraes.

É isto tanto mais glorioso para Portugal, quanto é indubitavel que a Universidade de Pisa era a favorita da celebre familia dos Medicis, tão fallada na Historia. Procuravam estes que esta Universidade subrepujasse em sciencia todas as outras, principalmente as da Italia, e não se forravam a despezas para attrahirem a Pisa todos aquelles que tinham uma reputação bem merecida.

Esta historia de Febronio conta por miudo a vida d'estes lentes, chegando até ao ponto de declarar quanto ganhava cada um d'elles, e tudo isto documentado.

Um dos lentes mais celebres que teve a Universidade de Pisa foi Norris. Escreveu este alguns livros nos quaes appareciam passagens com seus laivos de discordantes dos dogmas catholicos. Os jesuitas tendo do seu lado o nosso Frei Francisco de Macedo, que n'aquelle tempo era professor d'Ethica na Universidade de Padua, atacaram acremente aquellas passagens. Norris defendeu-se. Tinha alguns theologos da sua parte, mas em geral o clero francez, italiano e allemão e por fim o hespanhol era contra. Uma innumeravel quantidade de livros se escreveram tanto d'um lado como do outro. Macedo, por algum tempo jazeu n'um carcere como bulhento e amotinador. Mas por fim Norris confessou que tinha commetido alguns erros. Houve treguas, mas passados annos foi renovado o combate por ter Macedo escripto algumas passagens ácerca de Santo Agostinho que desagradaram a Norris.

Em fim a lucta parecia interminavel, e occupa um mui grande numero de paginas na historia da Universidade de Pisa por Febronio. Mas vê-se perfeitamente que a intelligencia e copia de conhecimentos do nosso Macedo era de tanta importancia que os jesuitas d'elle se serviram principalmente para se pôr á frente da lucta, acirrada e interminavel, que se tinha travado contra Norris e seus sequazes, lucta em que os proprios cardeaes tiveram d'intervir. Por fim Norris, carregado de desgostos, resolveu retirar-se á vida particular, e abandonar a lucta, quando o Papa Innocencio XII o nomeou Cardeal.

1888) FRANCISCO XAVIER (St.)

E. — *Lettres de —. Apôtre des Indes et du Japon. Traduites de l'édition latine de Bologne en* 1795. Paris, 1828, 2 vol.

* 1889) GOEZE (Dr. EDMOND). — Inspector do Jardim Botanico de Greifswald. V. o art. n.º 493.

E. — *Die Planzenwelt Portugals*. 1877.

O auctor, que residiu por alguns annos em Portugal, occupa-se na obra mencionada, *A Flora Portugueza*. Na introducção ha algumas expressões extremamente lisongeiras para Portugal.

1890) HALLAM (HENRI).

E. — *Histoire de la Litterature de l'Europe, pendant les quinzième et dix septième siecles; traduit de l'anglais de — par Alphonse Borghers, Traducteur de l'Europe au moyen âge, du même auteur*. Paris, 1839, 4 vol.

«Não se tem podido provar que existisse uma edição do *Amadis de Gaula* d'uma data anterior á que foi impressa em Sevilha no anno de 1519, e da qual suspeitam com tudo não ser a primeira. Este famoso romance, quasi tão popular no seu tempo, como o proprio *Orlando Furioso*, foi traduzido em francez por Herberay, entre os annos de 1540 e 1557, e em 1619 em inglez por Munday. Os quatro livros compostos por Vasco de Lobeyra subiram até 20 com as addições successivas, que os amadores de romances teem considerado como bem inferiores ao original. Possuem, pelo menos, o inconveniente, ou se assim o quizerem, a vantagem de tornarem a obra inteira impossivel de ser lida pelo leitor o mais paciente, ou o mais ocioso. Talvez Amadis de Gaula podesse ainda causar algum prazer a uma imaginação joven e viva; mas a carencia d'um interesse profundo deixa, depois d'uma leitura superficial, uma arida impressão da inutilidade, que deve, segundo nos parece, desgostar um homem de edade madura. Amadis obteve, pelo menos, a palma na opinião de Cervantes, ao passo que um tão grande numero d'indignos imitadores eram condemnados ás chammas.» [1]

«Portugal produziu um outro escriptor que não foi infiel a seu doce e voluptuoso dialecto: era o primeiro poeta distincto, do qual este paiz se podia honrar. Ribeiro entregou-se principalmente ao genero pastoril, e suas poesias respiram essa melancolia monotona e exagerada, que não poderiam despertar nossa sympathia, se a nossa alma não tivesse subido ao mesmo diapasão. Um romance d'elle *Menina e Moça* é um dos primeiros entre os raros specimens de prosa nobre, que se encontra n'este idioma. Esta obra está, dizem, cheia d'obscuras allusões ás occurencias reaes da vida do auctor, e offerece pouco interesse: mas certos criticos pensaram que era o prototypo da *Diana* de Montemor, e de toda essa escola de romances pastoris que mais tarde, fez durante um seculo inteiro as delicias da Europa.» [2]

«Um auctor mais celebre foi Osorio, bispo portuguez, a quem o seu tractado ácerca da Gloria, e sua historia, mais conhecida, do reinado de D. Manoel collocaram n'uma jerarchia distincta entre os imitadores dos escriptores do seculo d'Augusto. Encontrar-se-ham alguns extractos de Osorio *De Gloria* no primeiro volume da *Petrospective Review*. Imaginaram algumas vezes que era

[1] Vol. I. pag. 311.
[2] Idem, pag. 212

a famosa obra de Cicero com o mesmo titulo, que Petrarcha teve em seu poder e perdeu depois, e que Petrus Alcyonius passou, dizem, para o seu proprio livro *De Exilio*. Não existe, porém, prova nem indicio em confirmação d'esta ultima conjectura: e em quanto ao outro, Osorio, se o avaliarmos pelas passagens citadas, não era certamente um Cicero. Lord Bacon diz d'elle «que *sua veia era fraca e aquosa*», e estes extractos confirmam esta opinião: não são dotados d'elegancia sufficiente para indemnisarem sua esteril verbosidade. Dupin (em Niceron) chama com tudo a Osorio o Cicero de Portugal.[1]

«Pretendem alguns criticos ter Gouvea, portuguez de nascimento, mas residente na França, um talento superior mesmo ao de Cujas, e ter sido o unico jurista de quem se disse: Que devia ainda escrever mais. D'elle diz Gennari, a pag. 281: «Gouveanus... vir de quo uno desideretur plura scripsisse, de cœteris vero pauciora... quia felix ingenio, naturae viribus tantum confideret, ut diligentiae laudem sibi non necessariam, minus etiam honorificam putare videatur.»

«Mas Portugal vira surgir um poeta, perante o qual Ercilla se acha totalmente eclipsado. O nome de Camões tem uma reputação verdadeiramente europea: os Lusiadas porém é um poema que está escripto n'um idioma geralmente familiar. Não seria rasoavel pedir aos criticos portuguezes uma opinião isenta de prevenção a favor d'um poeta tão illustre, e d'um poema tão eminentemente nacional. A Eneida reverbera a gloria de Roma como n'um espelho, os Lusiadas é directa e exclusivamente o que indica o seu titulo, *Os Portuguezes*, isto é, o elogio do povo portuguez. Sua historia passada vem encaixilhar-se, por meio d'episodios, no grande acontecimento da viagem do Gama. Os defeitos de Camões na disposição da sua fabula e na escolha do maravilhoso, são assaz evidentes: mas foi a primeira tentativa feliz que se fez na Europa moderna para construir um poema epico pelo modelo dos antigos.

«Camões é tambem nas suas poesias ligeiras o primeiro poeta portuguez d'esta epocha, e talvez de todas as outras: seus compatriotas o consideram como seu modelo, e avaliam as poesias modernas comparando-as com as d'elle. Em todos os generos de composições então na voga em Portugal, Camões deixou provas da sua superioridade.[2]

* 1891) HÜBNER. (Additamento ao artigo 614).

O sr. Antonio Francisco Barata, mancebo que em muitos trabalhos tem dado provas de sua assidua applicação ao estudo, me assevera que esteve em Santarem, viu os dois cippos a que eu me refiro no artigo 614, no muro de supporte do adro da egreja de Santa Maria d'Alcaçova[3] e que tambem encon-

[1] Vol. I, pag. 33. A pag. 113 e 114 tracta-se do nosso medico Sanches, que escreveu o celebre livro *Quod nihil scitur*.

[2] Idem. A pag. 314 tracta-se da *Diana* do nosso Jorge de Montemor.

[3] Ignacio da Piedade e Vasconcellos diz a pag. 87 do I. vol. da sua *Hist. de Santarem* estarem «duas pedras sepulcraes no adro» e como ellas effectivamente estão no muro de supporte do adro, e não no mesmo adro, d'aqui proveiu não atinar eu com ellas, quando alli as procurei. E até mesmo pessoa de Santarem me asseverou que já não existiam, o que eu accreditei facilmente, á vista do que por alli se tem praticado.

trara outra *(funeraria)* no pavimento onde está a pia baptismal na mesma egreja, e da qual não tinham dado conhecimento ao sr. Hübner. Em Evora encontra-se ainda uma outra lapida que o referido epigraphista não viu, e ficou muito admirado quando o sr. Barata d'ella lhe deu noticia n'uma carta, á qual o sr. Hübner respondeu n'uma outra, em que pede um calco d'ella, e diz que lhe podem escrever em portuguez, pois entende este idioma.

Fallando do *Diccionario Bibliographico* de Innocencio diz o sr. Hübner que esta obra ia inutilisar a Bibliotheca de Barbosa! Inutilisar como? O sr. Hübner viu a referida Bibliotheca? Pois se Innocencio tracta expressamente de obras escriptas em portuguez, e apenas uma ou outra vez dá noticia mui succinta d'alguma obra escripta nos outros idiomas, ao passo que Barbosa tracta por extenso dos escriptores em todos os idiomas, e mui por miudo das versões feitas d'obras portuguezas, accrescentando ainda o juizo critico dos estrangeiros ácerca d'ellas nossas obras, como é então que a *Bibliotheca Lusitana* vae ser inutilisada por causa do *Diccionario Bibliographico?* Ambas as obras são excellentes (embora tenham seus senões, inevitaveis n'uma primeira edição); e ambas caminham por estradas differentes, encontrando-se apenas de vez em quando n'alguns pontos.

Compare o leitor o artigo Antonio Vieira em ambos os trabalhos, e decida. Barbosa dá noticia mui minuciosa das traducções d'este orador, o que Innocencio não faz. Mas leria o sr. Hübner algumas paginas d'estas duas obras mencionadas? Facil lhe era fazel-o na sua viagem de recreio a Portugal.

1892) INGUIMBERT (JOSEPH). — Lente da Universidade de Pisa.

E. — *Vita di Mons. Bartolomeu de Martyre.* Roma, 1727, 2 vol., 4.º [1]

1893) JANTILLET (ALEXII CALLOLIS DE).

E. — *Horae Subsecivae, Ulyssipone.* Ex Typographia Joannis a Costa, 1679 Cum facultate Superiorum.

Encontrei um exemplar na B. da A. R. das Sciencias de Lisboa, e passo a descrevel-o:

É em 8.º, com 391 pag. numeradas, além d'outras sem paginação, dedicado a D. Fernando de Mascarenhas, Conde da Torre. Traz algumas poesias em latim, e uma em grego composta por Antonio Rodrigo da Costa em honra do auctor. Principia por uma collecção de cartas (em latim) a varios personagens estrangeiros e portuguezes, ao rei de França, da Grã-Bretanha, e uma ao Grão Mestre da Ordem de Jerusalem, Conde Claren etc. Segue se uma biographia do Marquez de Marialva, D. Antonio Luiz de Menezes, a descripção do livramento de Elvas, a qual tambem foi publicada n'um livrinho á parte [2]. Varias poesias (tambem uma a D. Ignez de Castro).

1894) LÉGER (ABBÉ SAINT).

Publicou em 1806 uma edição das Cartas da *Religiosa Portugueza*, accompanhada d'um excellente estudo critico e bibliographico.

[1] Febronio.—*Historiae Academiae Pisanae*, vol. III. pag 188.

[2] V. As traducções

1895) MASSARELLOS (PEDRO GABE DE —).

E. — *Pequena Chrestomathia portugueza. Petit Racueil d'extraits en prose et en vers de quelques auteurs modernes portugais. placés dans l'ordre d'une difficulté progressive. Publié par* —. Hambourg, chez F. N. Nestler, 1809, 8.º gr. de XII, 251 pag.

* 1896) MONACCI. — V. o art. n.º 900.

Segundo me informa o sr. Theophilo Braga, o referido escriptor Italiano acaba de descobrir um preciosissimo *Cancioneiro Portuguez.*

«Por communicação de 9 de março de 1878 Ernesto Monacci diz que um seu discipulo encontrou em uma livraria particular de uma cidade da Italia o *Cancioneiro* que pertencera ao erudito philologo do seculo XVI, Angelo Colocci, cujo indice descobrira na Bibliotheca do Vaticano, e que vem publicado na edição de Halle do *Cancioneiro do Vaticano.* O *Cancioneiro Portuguez* de Angelo Collocci está completo, e é a fórma authentica de que o do Vaticano é apographo; tem seiscentas canções a mais do que o de Roma. Suppõe-se que seria adquirido pelo governo italiano.»

1897) MORALES (AMBROSIO DE).—Historiador hespanhol, nascido em Cordova e fallecido em 1591. [1]

Este escriptor hespanhol consultou o nosso André de Resende [2] ácerca dos seguintes pontos:

I. Como se deveriam intender as ultimas palavras que se acham no delubro da ponte de Alcantara. — II. Ácerca dos nomes dos povos, que se encontram na inscripção da ponte de Alcantara. — III. Ácerca dos motivos porque os reis godos conservam nos seus prenomes o nome de Favios. — IV. Se tinha noticia de alguma coisa notavel que o rei Recaredo houvesse feito em Evora. — V. Se tinha conhecimento de alguma coisa pelo qual se podesse provar o reinado d'um rei por nome Costa — VI. Pede-lhe que lhe remetta as legendas dos dinheiros dos reis godos que possuisse. — VII. Que lhe diga em que anno, mez, dia, e com que bispos foi celebrado o concilio de Merida.

Resende respondeu n'uma extensissima carta, que se encontra no 2.º vol. das obras d'este nosso antiquario impressas em Coimbra no anno de 1790, e n'este mesmo volume apparece a sua correspondencia com João Vaseo ácerca da era dos hespanhoes, e da colonia Pacensi, e com varios outros.

Quão incomparavelmente superior não é a latinidade do nosso Resende á de Hübner!

1898) MORELLI.

E. — *Reducion y restituycion del reyno de Portugal etc.*

Innocencio (vol. III, pag. 101) diz que Morelli é um pseudonymo, e que o auctor do livro fôra um frade graciano por nome Fr. Fulgencio Leitão.

[1] Firmin Didot. — *Nouvelle Biographie Universelle,* vol. XXXVI, pag. 443.

[2] Amo te, Resendi dictissime, amo te, et unice profecto diligo: vel de tua nobilitate, quam mihi ego in bonis semper suspiciendam et colendam existimavi: vel de tua ista insigni eruditione et eximia Hispaniae antiquitatis cognitione, qua nostrates omnes praecellere et longo intervallo videris anteire....

1899) O NOVO TESTAMENTO *de Nosso Senhor e Salvador Jesus Christo. Traduzido em portuguez segundo o original grego.* Nova York. 1869. 372 pag.

1900) RELACION DE LA VICTORIA *que los Portuguezes de Pernambuco alcançaron de los de la Compañia del Brasil en los Garerapes.* Traducida del aleman, 1649.

1901) RELATIONE DELL' AUTO SOLENNE *celebrato nel Convento di Santa Croce di Coimbra, col qualo giurarono difendere la Bolla Unigenita,* Roma, 1721.

* 1902) RELAZIONE DELLA VITA, *e martirio del venerabil padre Ignazio de Azevedo ucciso dagli Eretici con altri trentanove della Compagnia di Gesú Cavata da' Processi autentici formati per la loro Canonizzione dedicata Alla Sacra Real Maesta' D. Giovanni V Re di Portogallo. In Roma, nella Stamparia di Antonio de' Rossi,* 1743 4.°, grande. 202 pag. Com um grande estampa representando o martyrio dos 40 portuguezes.

1903) VIDA DO BEATO JOÃO DE BRITO.

O Ex.mo Sr. Pereira Netto, residente no Porto e cultor da lingua arabe, me assevera possuir uma biographia d'este nosso compatriota escripta no mencionado idioma, e impressa em Bayruth.

PARTE II

DICCIONARIO

DE

TRADUCTORES ESTRANGEIROS

QUE VERTERAM PARA SEUS IDIOMAS OBRAS PORTUGUEZAS

SECÇÃO PRIMEIRA

TRADUCÇÕES FEITAS POR ESCRIPTORES CONHECIDOS

«Tous les Portugais se plaisent à vanter leur nation; mais c'est une conséquence du rôle important qu'ils ont joué sur le theatre du monde.»

MALTE-BRUN, *Geographie.*

A

1) ABREU (JOÃO MANOEL DE).

T. — *Principes mathematiques de feu Josephe Anastace da Cunha, professeur á l'Université de Coimbre, traduit litteralment du portugais par* —. Bordeaux, de l'imprierie d'André Rache, 1811. O traductor era portuguez.

2) ACOSTA (CHRISTOVAL). — Medico cijurano que la viu ocularmente.

T. — *Tratado de las drogas y medicinas de las Indias Orientales, con sus plantas debuxadas al bivo por — en el qual se verifica mucho de lo que escrivio el Doctor Garcia da Orta. Dirigido a la mui noble y muy mas leal ciudad de Burgos cabeça de Castilla y camara de su Magestad.* En Burgos. Por Martin de Victoria impressor de su Magestad 1578, 8.º, Com o retrato de Christovão da Costa, africano, 448 pag. e 38 d'indice, e estampas representando varias plantas. Ha um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

3) ADAMI (P. ANIBALE). — Jesuita.

T. — *Prediche del P. Antonio Vieyra della Compagnia de Giesu tradute in Italiano del P. — de la medesima Compagnia.* Parte I, Venetia, presso Niculau Pezzana, 1707. 4.º, Parte II, idem.

4) ADAMSON (JOHN). — M. R. S. L., F. S. A., F. L. S., Corresp, Memb. Roy. Acad. of Sciences of Lisbon.

T. — I. *Lusitania Illustrata: Notices on the History, Antiquities, Literature etc. Literary Department. Part I. Selection of Sonnets, with biographical sketches of the Authors, by* —. Newcastle upon Tyne, 1842, 8.º gr. XII. 100 pag.

Os sonetos traduzidos pertencem aos seguintes poetas: — Francisco de Sá de Miranda — Antonio Ferreira — Luiz de Camoens. — Pedro de Andrade Caminha. — Diogo Bernardes. — Agostinho da Cruz. — Fernão Alvares do Oriente. — Francisco Rodriguez Lobo. — Manoel de Faria e Sousa. — Antonio Barbosa Bacellar. — Violante do Ceu. — Francisco de Vasconcellos Coutinho. — Pedro Antonio Correa Garção. — Antonio Diniz da Cruz. — Domingos dos Reis Quita. — Claudio Manoel da Costa. — Joaquim Fortunato Valadares Gamboa. — João Xavier de Matos. — Paulino Cabral de Vasconcellos. — Antonio Ribeiro dos Santos. — Manoel Maria Barbosa du Bocage. — Francisco Manoel do Nascimento. — O Conde da Barca. — Domingos Maximiano Torres. — Belchior Manoel Curvo Semmedo.

Estas traducções são precedidas das biographias dos poetas.

II. *Lusitania Illustrata etc. etc. Literary Department. Part. II.* Newastle upon Tyne. 8.º, XVIII, 54 pag. É a traducção d'uma parte do *Romanceiro* de

Garrett, a quem este tomo é dedicado, havendo-o sido o primeiro ao Duque de Palmella.

III, *D. Ignez de Castro. A tragedy from the Portuguese of Nicola Luiz with remarks on the history of that infortunate lady*. New-Castle, 1808.

5) ADONI P. ANIBALE).

T. — *Prediche del Padre Antonio Vieira tradotti nell' Italianno.* Milano. 1689. 4.º, 2 vol.

6) ALBERT (EMILE). — Da Universidade de Paris.

T. — *Les Lusiades de Camões; Traduction par* —. Paris. Imprimerie et Librairie Génerale de Jurisprudence, Cosse et Marchal, Imprimeurs. Editeurs 1850, 8.º, 371 pag.

Contém este volume simplesmente a traducção do poema, com algumas pequenas annotações no fim.

Versão do episodio de D. Ignez de Castro

On dit, cruel amour, qu'en vain tu vois répandre,
Pour calmer ta fureur, les larmes d'un cœur tendre,
Inflexible tyran! Faut-il qu'a tes autels
Coule encore le sang des malheureux mortels!
Dans de champêtres lieux, retraites fortunées,
Tu cueillais le doux fruit de tes jeunes années,
Belle Inès, cette extase aux transports ravissants
Et qui dure si peu, captivait tous tes sens,
Aux bords du Mondégo, bords si remplis de charmes,
Oú jamais tes beaux yeux n'avaient versé de larmes [1];
A ta voix, les échos, témoins de ton bonheur,
Répetaient le doux nom imprimé dans ton cœur;
Ton prince répondait á ta modeste flamme,
Et ton doux souvenir, se gravant dans son âme,
Au moment oú le sort l'eloignait de tes yeux,
Lui rappelait encor tes appas gracieux;
Dans un songe, la nuit, il te voyait tracée,
Le jour vers toi volait son ardente pensée,
Prés de toi, loin de toi, ton image toujours
D'un bonheur sans mélange embellissait ses jours!
Sous l'empire enivrant de ces vives tendreses,
Il dédaigna la main des plus nobles princesses,
Car, pûr amour, un cœur de tes feux inflammé
Méprise tout, hormis l'objet qui l'a charmé!
Mais, lorsque du vieux roi dont la prudence veille
Les murmures du peuple eurent frappé l'oreille,
Le refus de son fils qui renonce á l'hymen
Dicte á sa politique un arrêt inhumain;

[1] Por este verso verá o leitor como Albert entendia o portuguez!

De la touchante Inès il condamne la vie,
Il croit rendre à son fils sa liberté ravie
Il croit que dans le sang d'un objet adoré,
S'eteindra cet amour dont il est devoré!
Le ciel a donc permis que cette main puissante
Qui du Maure affronta la rage menaçante
Qui dans ses rangs pressés répandit la terreur!
Contre une faible femme ait tourné sa fureur!
Cependant, au palais, par des soldats trainée,
Aux pieds du roi, dejà, parait l'infortunée;
Le monarque indécis a deploré son sort,
Mais le peuple inflexible a resolu sa mort!
Ah! ce n'est pas la mort à son front suspendue
Qui de la triste Inès trouble l'âme éperdue.
Son prince au désespoir, ses enfants malheureux
Voilà, voilá l'objet de ses cris douloureux.....
Vers la voûte du ciel, en répandant des larmes,
Elle lève ses yeux où brillent tant de charmes,
Ses yeux.... hélas! déjà des bourreaux inhumains
L'implacable rigueur de fers charge ses mains!
Bientôt, sur ses enfants, en sa douleur amère;
Elle jète un regard, craintive et tendre mère,
Elle voit, sur leur front, s'amasser tous les maux,
Et, devant leur aïeul, laisse échapper ses mots:
«Si les monstres cruels que forma la nature
«Pour chercher dans le sang une horrible pâture,
«Si les hôtes ailés des noirs sommets déserts
«Qui vivent de rapine et dépeuplent les airs,
«A de faibles enfants, en soignant leur jeune âge,
«Ont payé le tribut de leur pitié sauvage,
«Et j'atteste ces noms, ces exemples connus,
«Les deux frères Romains, la mère de Ninus!...
«Toi qui, d'un homme, au moins, reçus les traits et l'âme,
«(S'il est d'un homme, hélas! de frapper une femme
«Sans appui, sans défense et de punir son cœur
«D'avoir paru touchante aux yeux de son vainqueur)!
«Tu vois avec dédain mes tourments, mes tortures,
«Au moins prends en pitié ces douces créatures
«Et si mon innocence est sur toi sans pouvoir,
«Ah! que leur sort affreux puisse au moins t'émouvoir!
«Si tu sais, dans les rangs du Maure redoutable,
«Lancer, le fer en main, la foudre inévitable,
«Pour qui n'a par failli, juste et compatissant,
«Sache épargner encor les jours de l'innocent!
«Mais si tu veux punir, dans la froide Scythie,

«Ou sous le ciel de feu de l'ardente Lybie,
«A l'éternel exil condamne mes malheurs,
«Là, couverte de deuil, je vivrai dans les pleurs,
«Des lions du désert et des tigres sauvages
«Dont le farouche instinct désole ces rivages,
«Peut-être j'obtiendrai cette douce pitié
«Que me refuse l'homme en son inimitié!
«Là, toute à cet amour dont l'attrait m'a ravie,
«Qui subjugue mes sens, qui m'arrache la vie,
«J'élèverai, mes fils, mes fils, non seul espoir,
«Images du héros que je ne dois plus voir.»
Le roi gémit ému de tout ce qu' elle inspire,
Mais le mot de pardon sur ses lèvres expire,
Le peuple inexorable, un destin rigoreux,
Défendent l'indulgence à son cœur généreux!...
Des ennemis d'Inès ont brillé les epées...
Dans la sang d'une femme elles seraient trempées!
Quoi! votre main prépare un indigne trépas,
Vous etes chevaliers et ne frémissez pas!
Quand Achille, enfermé dans sa demeure sombre,
Eut demandé du sang pour apaiser son ombre,
Telle on vit Polixène, et, le fer á la main,
L'affreux Pyrrhus hâtant son supplice inhumain;
Ainsi qu'une brebis à l'autel entrainée,
Soumise à son destin, la jeune infortunée
Vers une mère en pleurs jette un regard temblant
Et s'offre en sacrifice au glaive étincelant....
Et les bourreaux d'Inès, dans ce beau cou d'aubâtre.
Dans un sein enchanteur que l'amour idolâtre,
Qui soutient son empire et charma le heros.
Plongeant un fer cruel... Dieux! le sang, à grands flots,
Jaillit en bouillonnant et souille tant de charmes!
Barbares, detournez ces parricides armes.....
Quelle fureur, ó ciel!... et vous ne songez pas
Qu'au bras puissant, un jour, vengera son trépas!...
Soleil! comme autrefois, quand, d'une main funeste,
Atrée offrait un fils à la faim de Thieste,
En ce jour, si rempli de honte et de terreur,
Ah! voile tes rayons et recule d'horreur!
Vous, sonores vallons, où sa voix déchirante
Jeta le cri d'amour de sa bouche mourante,
Redisant, attendris, ce triste et dernier son,
De don Pèdre, long temps, répétez le doux nom!...
Comme une fleur brillante à sa tige arrachée,
Par une main folâtre aux autels attachée,

Se fane en un matin et perd, avant le temps,
De ses vives couleurs les reflets éclatants,
Telle la douce Inès tombe pale et flétrie,
Le feu de ses beaux yeux s'eteint avec la vie,
Les roses de son front etincelant d'appas
S'effacent, sans retour, sous la main du trépas.
Nymphes du Mondégo! de sa mort douloureuse
Vous pleurates long temps la catastrophe affreuse;
A votre voix, dit-on, se forma de vos pleurs
Cette fontaine, aux bords tout émaillés de fleurs,
Qui rafraichit les lieux d'une beauté si pure
Où les amours d'Inès ont charmé la nature,
Qui vous a dû son nom, qui murmure toujours,
Et que l'on nomme encore: «Fontaine des amours.»

7) AGOSTINHO (Fr.) — Dominicano.

T. — *Fr. Bartholomeu de Martyribus. Compendio della dottrina spirituale, tradotto del latino dal —.* Genova.

8) ALESSON (D. MANOEL GARCIA). — El Licenciado, Abogado de los Reales Conesejos, y Corretor General de Libros por su Magestad Catholica, quien le ha traducido à nuestro Castellano del Idioma Português en que le compuso el Padre Mathias de Andrade, de la Congregacion del Oratorio de Feyjoo *(sic)* de Espada-Cinta.

T. — *Hijo instruido por el mejor Padre. Reflexiones morales, y mysticas sobre el segundo Capitulo del Ecclesiastico. Dedicado a la Serenissima Infanta de Castilla, oy Princessa Soberana de el Brasil, la Señora Doña Maria Ana Victoria de Borbon y Farnesio. — Dirigido por mano de D. Philipe Maria Fernando Antonio de Sicardo y Velandia, Ayuda de Camara del Serenissimo Señor Principe de Asturias, Primo y Amigo del Autor.* Con privilegio, En Madrid: Por los Herederos de Juan Garcia Infanzon, Año de 1733, 8.º, 167 pag. além de dez folhas de prologo e dedicatoria.

9) ALLEAUME. — G. de la Compagnie de Jesus.

T. — *Les Souffrances de Nôtre Seigneur Jesus-Christ, Ouvrage écrit en Portugais par le Pere Thomas de Jesus, de l'Ordre des Hermites de Saint Augustin, et traduit en François par —. Nouvelle Édition, revue et corrigée.* A Lyon Chez Pierre Bruyset Ponthus. 1767 8.º, 4 tomos em 2 volumes. 1.º 340 paginas, 2.º 220, 3.º 328, 4.º 226. Creio ha muitas reimpressões d'esta traducção. Possuo uma de 1858 em 2 volumes publicada em Lyon, 8.º

O traductor no prologo diz o seguinte a respeito d'esta obra: «Este livro foi composto em portuguez por um santo religioso no anno 1578, durante um rigoroso e longo captiveiro entre os mouros d'Africa. É tão cheio de uncção e de sentimentos admiraveis sobre os padecimentos de Christo, que não é para admirar o ter sido depois impresso em tantas linguas.

«Desde que appareceu em Portugal, foi alli recebido com uma aprovação geral, e reputado um thesouro de graças e de luzes para todas as pessoas, que padecem. Passou bem depressa à Hespanha, onde D. Christoval Ferreira de

Sampayo o traduziu em Castelhano. D'alli se espalhou pela Italia, onde foi traduzido por um padre jesuita por nome Luiz Flori. Levaram-no depois á Allemanha, onde o padre Henrique Lamparter, Jesuita Bavaro, o mandou imprimir em latim, em Munich debaixo d'este titulo: *Aerumnas Domini Nostri Jesu Christi.* Soube ha pouco que fôra vertido em francez ha uns quarenta annos, e impresso em Lyon com o seguinte titulo: *Travaux de Jesus.*

«Emprehendi esta traducção a pedido de algumas pessoas tão distinctas por sua rara piedade, como pelo zelo da gloria de Deus, e ainda pela illustre jerarchia em que se acham no mundo. Como tinham ficado commovidas, quando o tinham ouvido ler em outras linguas, julgaram que uma tal obra poderia fazer muito bem sendo traduzida em francez, e desejaram que a utilidade, que d'ella tinham tirado, se communicasse a outras pessoas. O que ha de mais surprehendente n'esta obra é que seu auctor póde sustentar em cada um dos soffrimentos do Salvador até 10 e 12 paginas de jaculatorias, com um calor de piedade quasi sempre egual; que estas jaculatorias não são nem tibias, nem fracas, e exprimem d'uma fórma elevada quanto ha de mais profundo, e de mais enternecedor na vida espiritual.»

10) A. M. (ANTHONY MONDAY).

T. — *Discours concerning the success of the king of Portugal D. Sebastian from the time of his voyage into Affricke where was lost in a battle against the infidels in* 1578 *to January* 1671 *whereby most evidently appeareth, that he whom the seigneurie of Venice hath held a prisoner for the space of two years and twenty two dayes is in the right and true king of Portugal D. Sebastian. Translated by* —. London. 1601. T. Compans. pag. 96. [1]

11) ANTILLON (Fr. THOMAZ).

Traduziu em hespanhol os *Tratados Quadragesimaes de Frei Antonio Feio.* Lerida, 1613. [2]

12) ARENTSCHILDT (LUIS VON).

T. — *Sonette von Luis Camoens, aus dem portugiesischen von* —. Leipzig, 1852, 16.º Comprehende as versões de 284 sonetos, uma biographia do poeta, e algumas notas.

Vejo attribuida e este mesmo traductor a seguinte obra: *Deutsch Poems of Camoens, von* —. Leipzig, 1852. Serão ambas uma e a mesma obra, ou differentes? Eu não as vi.

13) ARISTIZAVAL (JUAN).

T. — *Lo Catecismo de Fray Bartholomeo de los Martires.* Madrid, 1564.

14) ARKOSSY (F. BOOCH).

T. — *Louis de Camões. Die Lusiaden epische dichtung. Nach José da Fonseca's portugiesischer ausgabe im versmaasse des originals übertragen von — mit den biographien und portraits von Camões und Vasco da Gama.* Leipzig, 1854. 2.ª edição, Leipzig, 1857, LXXXVIII, 532 pag. 8.º

[1] Este tão fallado rei D. Sebastião, e que tanto deu que fazer, era um calabrez, que nem o nosso idioma sabia, como provou o sr. Miguel D'Antas, no seu bello trabalho *Les faux D. Sebastien,* impresso em Paris.

[2] Barbosa.—*Bibliotheca Lusitana,* vol. I, pag. 267.

15) ARKOSSY (F. BOOCH).

L. — *Deutsch Lusiad, nach Fonseca's Ausgabe, von* —. Leipzig, 1854, 8.°

16) ARQUES (D. CARLOS SOLER Y —) Catedratico e individuo correspondiente de la Real Academia de Historia.

T. — *Os Lusiadas (los Portugueses) Poema de Luis de Camonés traducido por* —. *Edicion acompañada del legítimo texto portugues y de copiosas notas y noticias biograficas sobre el insigne poeta Ibero.* Badajoz. 1873. fol. IV. 263 pag. Com o retrato de Camões. Principia esta obra por um juizo critico de D. Francisco de P. Canalejas ácerca de Camões, no qual tece ao poeta os maiores elogios.

Episodio de D. Ignez de Castro

CXIX

Tu solo, puro Amor, tirano cruel de nuestros corazones, tu solo causaste la sensible muerte suya, como si la bella fuera una perfida enemiga. Bien dicen, fiero Amor, que la sed que te devora no se mitiga con lagrimas, y que quieres que tu altar se rocie con sangre humana.

CXX

Tranquilla vivias, hermosa Inés, coziendo el dulce fruto de tus temperanos años, y entregada a placenteras ilusiones, que bien pronto habian de desvanecerse. En las floridas vegas del Mondego, cuya corriente alimentan tus lagrimas de amor, los ecos del monte y las brisas del prado repetian el nombre que grabado en el corazon llevavas.

CXXI

A tus dulces ensueños correspondian los del alma del Principe que te adoraba. En las horas de ausencia sabia vivir de tu recuerdo: durante la noche en el fugitivo error de un sueño; durante el dia, en los tiernos pensamentos que hácia ti volaban. Cuanto veia y cuanto oia, todo eran memorias de su dicha inefable.

CXXII

Mostrabase el principe indiferente à la seduccion de otras damas y princesas: pues indiferente es el verdadero amor à todo halago y placer que no proceda de la persona amada. Su anciano padre se inquietaba ante los murmullos del pueblo, y reprobaba el capricho del hijo empeñado en rechazar todo enlace digno de su alta alcurnia.

CXXIII

Determinó al fin deshacerse de Inés, para arrancar á su hijo de sus enamorados brazos. Creyó el Rey que en la sangre de la infeliz se apagaria la vivissima llama del amor. Ah! Qué furor hace que tu gloriosa espada, espanto un dia del Agareno, se levante hoy contra una timida y debil señora?

CXXIV

Implacables verdugos la arrastraron á los piés del Rey, que se enterneció al verla. Pero las feroces reclamaciones del pueblo que exigia la muerte de

Inés, no permitieron que el corazon de Alfonso se abriera á la clemencia. Ella; sin embargo, lloraba y gemia, no por su propia desgracia, sino por el dulce recuerdo del Príncipe que adora y de los hijos que ha de abandonar para siempre.

CXXV

Levantó al cielo, en actitud piadosa, sus ojos bañados de lagrimas, porque sus manos estaban cruelmente atadas: y, contemplando luego á sus hijitos que, tan tiernos y queridos, habian de quedar huerfanos en la tierra, dirigió las siguientes palabras al inflexible abuelo:

CXXVI

Hasta las fieras, crueles por naturaleza, y las aves selvaticas han abandonado á veces su feroz instinto ante la infancia desvalida. Asi sucedió con las palomas torcaces que socorrieron á Semiramis, madre de Nino, en los desiertos de Asiria, y con la loba que crió á los dos gemelos fundadores de Roma.

CXXVII

O tu, que de la naturaleza recibiste semblante y corazon de hombre (si el corazon de un hombre es capaz de querer la muerte de una pobre y debil muger, sólo por haber enamorado al que lógró rendirla) ten lástima siquiera de estes tres niños, ya que mi desgracia no te la inspira; muevate su inocencia, ya que no te mueve la mia.

CXXVIII

Tu, que en los combates, dar muerte supiste á infames Agarenos, ¿es posible que no sepas tambien conceder la vida a una desgraciada que no merece perderla? Si mi amor te ofende, castigame con un perpetuo y misero destierro, allá en la helada Escitia ó en los ardientes arenales de la Libia, donde esconda para siempre mis lagrimas.

CXXIX

Mandame ir al mas horrible desierto: ponme entre tigres y leones, pues estoy segura de hallar entre ellos la commiseracion que no encuentro entre los hombres. Allá, sola con los recuerdos de mi desgraciado amor, criaré a los hijos de mi siempre querido Príncipe: me hablarán de su padre, y ellos serán el mas grato consuelo de mi tristeza.

CXXX

Enternecido el monarca por estas lastimozas razones, queria perdonarla; pero no la perdonaron ni el enconado pueblo ni el fatal destino. No faltó quien considerando bueno el atentado, echó mano de la espada. Ó mengua! Sois caballeros los que con la sangre de una dama quereis mancharos?

CXXXI

Asi levantó en otro tiempo Pirro la cuchilla contra la linda joven Polixena, ultimo consuelo de su anciana madre, pero condenada por la sombra de Aqui-

jes: asi obedeció Polixena: asi se ofreció al cruento sacrificio, semejante á una mansa oveja, y puestos en su madre infeliz aquellos ojos capaces de apaciguar la ira del Cielo.

CXXXII

Fieros asasinos se ensañaron tambien contra Inés: y chorros de sangre inundaron aquel cuello de alabastro, aquel turgente seno, nido de amores aquellas puras azecenas con tantas lagrimas bañadas, y aquella divina cabeza sobre la que su amante hizo poner mas tarde la corona. No sospechaban los verdugos el castigo que los esperaba.

CXXXIII

Bien debiste, ó Sol, negar en aquel dia tu luz á una esceno tan atroz, como lo hiciste en el horrible festin en que Atreo hizo comer á Tieste sus proprios hijos. — Vosotros, cóncavos valles, al recoger el ultimo sonido de la fria boca de Inés, oisteis el nombre amado de Pedro, y por mui largo espacio lo repetisteis.

CXXXIV

Como una candida y bella rosa del campo que, cortada antes de tiempo, pierde su aroma y se marchita en la juguetona mano de la niña que con ella adorna su cabello, asi palideció la querida del Principe; desapareció el carmin de sus mejillas, y todas sus facciones quedaran bañadas con la lividez de la muerte.

CXXXV

Las hijas del Mondego, inconsolables, lloraron por mucho tiempo aquella pérdida, y, para eterna memoria de Inés, transformaron en manancial cristalino las abundantes lagrimas de sus ojos, dandole el nombre que aun conserva. Visteis aquella poetica fuente, de flores rodeada? Sus aguas son lagrimas y se llama Fuente de los Amores.

17) ATREBATE (CAROLO CLUSIO).

T. — *Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud Indos nascentium historia. Primum quidem Lusitanica lingua per dialogos conscripta D. Garcia ab Horto, Pro regis Indiae Medico, auctore. Nunc vero Latino sermone in Epitomen contracta, et iconibus ad vivum expressis, locupletioribusque annotatiunculis illustrata, a —. Antuerpiae,* 1574.

18) AVELLANEDA (GETRUDIS GOMEZ DE).

Nasceu em 1816 na cidade do Porto Principe na Ilha de Cuba. Em 1836 veiu para Hespanha, e n'este paiz residiu em varias cidades, como foram Corunha, Cadix, Sevilha, e Madrid. [1]

Traduziu para hespanhol algumas das poesias de Augusto Lima, impressas em Lisboa no anno de 1851, cuja traducção se encontra no 1.º vol. do Jornal Portuguez *Revista Peninsular*, acompanhada d'um artigo critico por Sinibaldo de Mas.

[1] Sr. Latino Coelho.—*Revista Peninsular*, tom. I pag. 203.

19) AVISI (NUOVI) *dell' Indie di Portogallo, ricevuti dalli reverendi Padri della Compagnia di Giesu, tradotti dallo lingua spnuola nell' Italiana.* Venetia, 1568.

20) AUBERTIN (J. J.) — Knight Officer of the imperial Brazilian order of the Rose.

T. — *The Lusiads of Camoens tranlated into english verse by.* London, C. Kegan Paul etc. Co., 1 Paternoster Square, 1878, 2 vol. 8.º, gr. 1. XXXV, 298 pag. 2.º 283 pag. [1]

Episodio de Ignez de Castro

CXIX

'Thou, only thou, of cruel power, pure Love,
Who o'er our human heart dost lord it so,
The cause of her most mournful death didst prove,
As if she were thine own perfidious foe.
If saddest tears, fierce love, have vainly strove
To quench the thirsty flames that in the glow,
'Tis that thy will, of harsh tyrannic mood,
Would bathe thy altars in our human blood.

CXX

'Thou, fair Ignez, wert bosomed in repose,
Gathering, the while, sweet fruit of thy young years,
In that soft blind delusion the soul knows,
Which soon, by fortune's change, soon disappears;
In the fond meadows where Mondego flows,
Whose stream can never dry of thy sweet tears,
Teaching the mountains and the meadows round
The name that in thy breast was written found.

CXXI

'There of thy Prince on thee those memories
Responsive smiled, that in his bosom lay,
Which always brought thine image to his eyes
When his from thine, so fair, were far away;
By night, in pleasing dreams, false phantasies,
In waking thoughts that flew to thee by day,
And all, in fine, that moved his sight or care,
All, but of joy the recollections were.

[1] «Póde-se dizer que a litteratura ingleza possue d'hoje em diante uma versão definitiva dos *Lusiadas*, que, na severa linguagem de Milton, recebeu um relevo novo, reforçando o seu caracter de epopea da grande navegação. A versão do sr. Aubertin tem hoje tambem a sua oportunidade perante o publico inglez.» Sr. Theophilo Braga no *Jornal do Commercio*.

CXXII

'Of other lovely ladies the fair eyes,
And envied Princess 'beds, he lightly viewed;
For all, in truth, pure love, thou dost despise,
When by one pleasing form thou art subdued!
Seeing these love's vagaries with surprise,
His father who respected, old and shrewd,
The people's murmurs and the phantasy
Of his own son, who would not married be;

CXXIII

To take Ignez from life he purposeth,
And thus from her his son, whom she hath bound;
Thinking mere blood of an unworthy death
Could quench the living fire of love so sound!
What madness did consent the sword to unsheath,
Which e'en the fury of the Moor could wound
In deadly strife — and raise it to assail
With its sharp edge a gentle lady frail!

CXXIV

'Ignez the headsmen all horrific brought
Before the king now moved by pity's sense,
But all the people his persuasion wrought
For cruel death, on savage false pretence.
She, in sad plaintive mood of anguished thought,
Offspring of wounded heart and springing thence,
For prince and children whom she left behind,
Which more than death itself harrowed her mind;

CXXV

'All overflowing with most piteous tears,
Towards the clear heaven she lifts her ardent eyes;
Her eyes, for now a ruthless guard appears,
And her soft hands for execution ties;
Then gazing fondly, with a mother's fears,
On those who must be orphans when she dies,
The loved and fondled children of her breast,
Their cruel grandfather she thus addressed: —

CXXVI

«If e' en in beasts of prey whom nature meant
Should from their birth be cruel, as we know,
And if in birds of rapine, whose intent
Is but to slay in air, as these below,

To little children was such pity lent
In their sad need, as men have seen them show,
Such as to Ninus' mother once appeared,
And to the brothers who Rome's city reared;

CXXVII

«O thou that hast a human form and breast!
If human' tis a fragile girl to slay,
Only because to him, who knew the best
To vanquish it, she gave her heart away;
Oh, still regard these little ones at least,
E' en though my unworthy death thou wilt not stay!
Oh, let thy pity move thee, and my own,
Though for my faultless fault thou none hast shown!

CXXVIII

«And if victorious in the Moorish strife,
Thou knowest to deal death with sword and fire,
In clemency to her deal also life,
Who has not erred, its forfeit to require;
But if so much deserve this innocent wife,
Force me to lasting exile to retire,
In frozen Scythia or' neath Lybia's sky,
There let me weep out wretched life and die!

CXXIX

«Place me where beasts of prey infest the ground,
Midst lions I shall know, and tiger kind,
If, among them, that pity can be found,
Which among human breasts I cannot find;
There will I with eternal love be bound
To him for whom I die, in heart and mind,
To nurture these his pledges thou dost see:
The balm of their sad mother let them be!»

CXXX

«The kindly king would listen her appeal,
Wounded by words which agony begot,
But destiny and other's wicked zeal
(Which willed it in this manner) pardon not;
Now forth they draw their swords of finest steel,
They, who proclaim as right this horrid plot:
Against a lady! Butchers all and kites,
Wild beasts ye show yourselves, and are yet knights?

CXXXI

«As' gainst Polyxena, the lovely maid,
Last solace of her aged mother's care,
Because condemned of Achilles' shade,
His sword hard Pyrrhus did relentless bear;
She like a gentle lamb for slaughter laid,
Turning her eyes which calm the very air,
Towards her unhappy mother, mad with woe,
Offers herself a victim to the blow;

CXXXII

'Thus 'gainst Ignez the brutal murderous crew
In the alabaster neck, which did sustain
Those charms with which love did by love subdue
His heart, who afterwards proclaimed her Queen,
Bathing their swords, and flowers of pallid hue,
Which by her tearful eye had watered been,
They gloat relentless, savage and irate,
Regardless of avenging future fate.

CXXXIII

«Well mightest thou, o Sol! thy rays conceal
From sight of these, at that most wicked hour,
As when Thyestes, at his savage meal,
Through hand of Atreus did his sons devour.
Ye, O ye concave vallies, did reveal
The name her cold lips called with dying power,
The name of her fond Pedro which ye heard,
Long, long and oft, ye echoed back that word!

CXXXIV

'E, en as the daisy which once brightly smiled,
Plucked by unruly hands before its hour,
And harshly treated by the careless child
All in her chaplet tied with artless power,
Droops, of its colour and its scent despoiled,
So seems this pale and lifeless damsel flower;
The roses of her lips are dry, and dead
With her sweet life, the mingled white and red.

CXXXV

'Mondego's daughters this sad death obscure
Long time with weeping did commemorate,
And all the tears into a fountain pure
For everlasting record did translate;

They gave the name; that name doth still endure,
The loves of Ignez, which there met their fate;
See through the flowers what freshening fountains move,
Tears are the water and the name is Love.

21) BARAULT (SULPICE GAUBIER).

T. — *La mort d'Inez de Castro pour servir d'essai a une traduction Française en vers et complète de ce fameux poème Portugais. Ouvrage dedié et presenté au roi le 6 de Juin 1735, jour de la naissance de Sa Majesté par* — Major de la Place de Lisbonne. Lisbonne. De l'Imprimerie Royale, 1752.

22) BARCA (D. FERNANDO DE SETTIEN CALDERON DE LA —.) Doctor.

T. — *Vindicias de la virtud, y escarmiento de virtuosos, en los publicos castigos de los Hypocritas, dados por el Tribunal delSanto Oficio. En donde, segun rigor escolastico, se responde à todos argumentos, sophismas, è irrisiones, con que la gente carnal suele motejar à los que siguen la vida espiritual; y se demuestra la utilidad, y necessidad de la vida Devota, para conseguir la salvacion. Escritas en Portugues por el R.mo P. M. Fr. Francisco de la Annunciacion, del Orden de los Ermitaños del Gran Padre San Augustin de la Observancia, y Doctor de la Universidad de Coimbra. Y en Castellano, por —. Dedicadas al Ilustrissimo Señor Inquisidor General.* Madrid, En la Imprenta y Libreria de Manuel Fernandez, sem data, 4.° — 1.° tomo, 396 pag. — 2.° 246.

23) BARERE (B.)

T. — *Poesies de Louis de Camoens, traduites du Portugais en vers Anglais par Lord Strangford, et tradutes de l'Anglais en Français par —. Membre de plusieurs Académies Bruxelles.* 1828, Bruxelles.

24) BARNOUT, ou segundo outros BERNOUT.

T. — *Nouvelle Relation de la Chine, contenant la description des particularitez les plus considerables de ce grand Empire. Composée en l'année* 1668 *ar le R. P. Gabriel de Magaillans, de la Compagnie de Jesus, Missionaire apostolique. Et traduite du portugais en françois par —.* A Pariz. Chez Claude Barbin au palais sur le second perron de la Sainte Chapelle. 1688.

É dedicada ao Cardeal d'Estrées, duque e par de França, 385 pag. e um mappa. Outra edição, Paris, chez Louis Lucas, 1690, tambem de 385 pag. É a traducção da obra do padre Gabriel de Magalhães, intitulada *As doze excellencias da China.*

25) BEADLE. — The lands of Cazembe.

T. — *Lacerda's Journey to Cazembe, translated and annotated by Capitain Burton; Journey of the Pombeiros across Africa, translated by Beadle: with Beke's Resumé of the Journey of Monteiro and Gamitto.* London, 1873, 8.°

26) BELLERMAN (Dr.)

T. — *Die allen Liederbucher der Port.* Berlin, 1840.

N'esta obra apparece a traducção allemã da antiga Canção *Tinhera bos, non tinhera bos,* que dizem alguns ser em portuguez antigo.

27) BELLER (JEAN).

T. — *Historiale description de l'Ethiopie contenant une vray relation des*

terres et païs du grand roy et empereur Pretre Jean. Ouvrage du Pere F. Alvarez. Anvers. 1558. [1]

28) BELLOTTI (FELICE). — Nasceu em Milão no anno de 1786, e falleceu em 1858. [2]

T. — *I Lusiadi, Poema di Luigi di Camoens, tradotto del lingua Portoghese da — Si prometono le memorie della vita e degli scritti del traduttore, ed in fini si aggiungono la vita di Luigi di Camoens, e le dichiarazioni di alcuni passi del Lusidi di Gio: Antonio Paggi.* Milano, 1862, 8.º gr.

Episodio de D. Ignez de Castro

Tu, bell'Ines gentil, tranquilla e queta
Tuoi begli anni godevi in quella cara
Illusion dell'anima, a cui vieta
Lunga durata la fortuna avara.
Mira degli occhi tuoi la consueta
Luce il Mondego, e da te il monte impara
E il piano a replicar quel che nel petto
Porti scritto d'amor nome diletto.

Del tuo prence colà ti rispondea
L'innamorato spirito presente,
Che innanzi agli occhi suoi te ognor vedea,
Quando era pur da'tuoi begli occhi assente.
Di notte el sogna la tua cara idea,
A te vola nel di l'agil sua mente:
E quanto pensa insomma e quanto mira,
Tutto è memoria che dolcezza spira.

D'ogni dama regal bella e gentile
Il talamo ricusa pertinace;
Chè tu, Amor, tutto sprezzi e tieni a vile,
Quando servo a un bel volto il cor soggiace.
Del fantastico suo ritroso stile
La segreta cagion vede il sagace
Suo vecchio genitor, che molto cura
Pur la maligna popolar censura.

Toglier quindi alla vita Ines disegna
Per torle il figlio a sue bellezze preso,
Credendo che in quel sangue anco si spegna
L'amor in lui sì ardentemente acceso.

[1] «Cette rélation d'Alvarez, qu'il faut lire dans Ramusio, est encore aujourd'hui digne d'un très grand intérêt, même a coté des savantes explorations que notre epoche a vues s'accomplir.» — Vivien Saint Martin.—*Nouveau Dictionaire de Geographie Universelle*, vol. I. pag. I.

[2] Sr. Visconde de Jorumenha.—*Obras de Camões*, vol. V pag. 336.

Ahi! qual furore acconsenti, la degna
Nobile spada, che sostenne il peso
Del poter Mauritan, contra una bella
Innocente levar debil donzella?

E già gli orrendi manigoldi innante
Traggonla al re, che ne senti pietade;
Ma con false ragion la imperversante
Plebe al crudo supplicio il persuade.
Ella è tutta accorata e sospirante
Per lo prence fedel, ch'altre contrade
Or tengon lungi, e per l'amata prole,
Cui, più che il morir suo, lasciar le duole.

E al cristallino ciel, misera! alzava
Gli occhi afflitti, di lagrime lucenti,...
Gli occhi, poi che le man le avvince e grava
Di ferro un di que'truci empi sergenti:
Poi sovra i pargoletti gli abbassava
Figli suoi si a lei cari e si piacenti,
Che orfanelli di madre, ahi! già vedea;
E al lor avo crudel così dicea:

«Deh, se i bruti talor fieri animanti,
Cui fè natura di crudel talento;
Se gli augelli per l'aere volanti,
Che istinto han solo alle rapine intento,
Mostrar fùr visti a' tenerelli infanti
Spirto alcun di pietate e sentimento,
Come di Nino alla consorte, e come
Ai due, che a Roma origin diero e nome:

«Tu che umana hai sembianza e umano petto
(Se umano è a debil donna il viver tôrre,
Sol perchè fe'in amore a sè soggetto
Uom che a lei seppe un egual giogo imporre)
Di questi piccioletti abbi rispetto,
Se vuoi la madre a dura morte porre.
Abbi per loro alma benigna e pia.
Poi che non l'hai della innocenza mia!

E se vincendo il Mauritan furore,
A dar morte imparasti in guerra aperta,
Sappi ancora dar vita a chi d'errore
É scevro in tutto, e perderla non merta.

Che se, innocente anch'io, merto favore,
Pommi pure in qual vuoi spiaggia deserta.
Nell'arsa Libia o al freddo Tanai in riva,
Dovunque in somma in pianto eterno io viva:

«Pommi là dove tutto è feritate,
In fra tigri e leoni, e si vedrai
Se saprò in essi ritrovar pietate,
Quella che in petti umani io non trovai;
Ivi queste di lui reliquie amate,
Di quell'uom, per cui sono in tanti guai,
Crescerò con amore, e della loro
Trista madre ei saran dolce ristoro.»

Commosso il re da que' pietosi accenti,
Ben mostrava a salvarla animo prono;
Ma quelle triste, infellonite genti,
E il suo destino le negâr perdono:
Già snudano le spade rilucenti
Quei che fatto si reo tengon per buono.
Oh sanguinarii petti! oh! cavallieri,
Voi, contro a donna si spietate e fieri?

Siccome incontro a Polissena bella,
Conforto estremo dell'antica madre,
Sta il crudo Pirro, apparecchiato in ella
A placar l'ombra dell'irato padre:
Essa qual paziente e mitte agnella,
Guardando con le sue luci leggiadre
La genitrice che per duol delira,
Offresi al duro sagrificio, e spira:

Tal que' barbari bruti ucciditori
Nel collo d'alabastro, che reggea
L'opra, onde il cor conquiso avean gli amori
Del signor che regina indi la fea,
Bagnan le spade e que' candidi fiori
Troncan ch'ella di lagrime aspergea;
E in quell'ebro furor pensier non fanno
Qual poi castigo a sopportar n'avranno.

Ben potevi tu allor della celeste
Lampa la luce indi ritrarre, o sole,
Come già dalla mensa, ove Tieste
Cibò le carni della propria prole.

Voi, o cave convalli, che intendeste
Del freddo labro l'ultime parole,
A lungo il nome replicaste poi
Di Pedro, in che finîr gli accenti suoi.

Qual della bianca margherita il fiore
Colto anzi tempo, e dalla man lasciva
Di villanella brancicato, smuore,
E l'odor perde onde gradito oliva:
Cosi repente di mortal pallore
Quel sembiante gentil si ricopriva;
Le rose illanguidirono e sparita
La bianchezza de' gigli è con la vita.

Pianser lunga stagion l'alta sciagura
Le figlie del Mondego, e delle sparse
Molte lagrime lor quivi una pura
Fonte, a ricordo eterno allor n'apparse;
E le diêr nome, che tuttor le dura,
Degli amori, onde il petto ad Ines arse.
Mira il fresco ruscel, che irriga i fiori:
Lagrime è l'onda, e il nome suo gli Amori.

29) BERJEAU (J. PH).

T. — *A narrative of the second voyage of Vasco da Gama to Calicut* 1502 *with introduction and translation by* —. London, 1847, 8.°

30) BERMEJO (SALUSTIANO RODRIGUEZ).

T. — *El Monasticon. Eurico el Presbitero por Alejandro Herculano. Traducido de la sexta edicion portuguesa y adicionado con algunas notas y un plano de las cercanias de Calpe. Por* —. Madrid. Imprenta de T. Fortanet, 8.°, 288 pag., 1875.

«Qual tenha sido em Portugal a aceitação d'esta obra, o demonstra eloquentemente o haver-se esgotado alli numerosas edições. Depois d'isto é para estranhar que um livro, como o Eurico em particular, tão popularisado no reino visinho, tão hespanhol por seus quatro costados, e tão interessante para quantos havemos nascido n'este solo da antiga Iberia, em má hora dividido pelos erros e ambições dos cegos principes d'outro tempo, não tenha encontrado até hoje um traductor, que com vantagem, sem duvida, para os leitores de Hespanha, o tivesse posto em melhor linguagem, do que a nossa.» [1]

31) BERNARD (M. OSSORIO Y BERNARD).

T. — I. *El monje del Cister ó la epoca de D. Juan I. Traduccion española de* —. Madrid, 1877, 2 vol. 8.°, 1.° IV 208 pag. 2.°, 244 pag.

«Hespanha, diz o insigne escriptor Macaulay, deveria fazer esforços para conquistar Portugal, só com o fim de possuir Herculano.»

[1] O sr. Graça Barreto assevera-me que um dos romances de A. Herculano foi vertido para lingua russa.

II. — *Bóveda. Narracion portuguesa de Alejandro Herculano traduccion de* —. Madrid, 1877, 8.º, 75 pag.

«La leyenda que sigue à estas lineas es, en mi humild juicio, una de las mas sencilas y al proprio tiempo de las más interessantes narraciones que escribió el eminente historiador portugués, sobre cuyo cadaver acaba de cerrarse la losa del sepulcro. [1]

Tenho idéa de que ha mais alguma cousa de Alexandre Herculano traduzido tanto em hespanhol como em francez.

32) **BERTHERAD (E. L.)** — Lauréat du ministere d'agriculture, de plusieurs academies et societés savantes.

T.—*Anathomie pathologique et pathogénie des communications entre les cavités droites et les cavités gauches du cœur. Traduit du Portugais du Dr. Alvarenga.* Marseille, 1872.

33) **BILLECOC (JEAN BAPTISTE LOUISE JOSEPH).**

T. — *Voyages au Thibet faits en* 1625 *et* 1626 *par le P. d'Andrada.* Paris, 1797.

34) **BIRCH** (Me. W DE GRAY —.) F. R. S. L of the British Museum.

Traduziu para inglez os *Commentarios do grande Affonso d'Albuquerque.* Edição enriquecida com retratos e mappas. Serviu para esta versão a edição publicada em Lisboa no anno de 1774. [2]

Ao escrever este artigo já estão publicados 2 vol. d'esta traducção.

35) **BOISSONADE (J. Fr.)** — Membre de l'Institut.

T. — *Le Goupillon (O Hyssope) Poème Heroi-Comique d'Antonio Diniz. Traduit du Portugais par — Deuxième édition revue et précédee d'une notice sur l'Auteur par M. Ferdinand Denis.* Paris, Léon Techer Libraire 1867, 8.º Ha outra edição publicada em Paris, 1828 em 32, Chez Verdet et Lequien, fils.

Foi este illustre humanista quem descobriu o nome da *Religiosa Portu-*

[1] «A Academia Real festejava o seu 119.º anniversario: estão presentes os ministros de Pfretschner, de Lutz, de Pfeuser etc.

O presidente da Academia, membro do Reichsrath, dr. von Dœllinger, proferiu na sessão de 28 de março de 1878 na Academia real das Sciencias de Munich o elogio do nosso historiador Alexandre Herculano, nomeado socio estrangeiro d'essa Academia desde 1876. A este respeito diz uma carta de Berlim: O benemerito orador expoz em traços largos, mas profundos e caracteristicos a vida do fallecido sabio, que elle definio como escriptor de extraordinario merecimento nos assumptos mais variados, como um homem cuja vida póde servir de exemplo brilhante aos homens da sua nação, que por certo devem respeitar os seus trabalhos, pelo alto valor que a sciencia nelles reconhece, trabalhos que são um verdadeiro thesouro. O discurso, apezar de durar mais de uma hora, foi lido pelo sr. von Dœllinger com voz clara e robusta, o que, attendendo á edade muito avançada do orador, é digno de admiração.» *Diario de Noticias*, N.º 4376.

[2] «The work is illustrated with portraits and maps executed by permanent photographic process from rare sources, and contains a lenghty Introduction respecting to the contemporary history, and the Bibliography of Portuguese India.» Zeitschrift fur vergleichende Litteratur, Novemb. 1887. pag. 339.

gueza, autora das *Cartas* dirigidas a Chamaly, publicando o seu achado casual no *Journal de l'Empire*, de 5 de janeiro de 1810. O nome de Marianna Alcaforado achava-se em uma carta manuscripta no seu exemplar das *Lettres Portugaises* de 1669. No *Catalogo dos livros de Boissonade*, N.º 4504, acha-se reproduzida a carta primitiva.

36) BOISTE (J. A. D'ESCODEGA. DE). — Empregado na imprensa imperial de França.

T. — *Luiz de Camões. Episodios de Ignez de Castro e Adamastor extrahidos dos Cantos III e V dos Lusiadas, com a traducção em versos francezes.* Lisboa. Imprensa Nacional 1865. 4.º, sem paginação acompanhado do original portuguez.

Episodio de D. Ignez de Castro

Amour, tyran du cœur; amour maitre de l'âme,
Toi, qui, dans ton caprice, embrases tes sujets
De feux où tout se perd, repos, sages projets,
Sa mort fut ton ouvrage, et tu punis sa flamme!
Impitoyable dieu, faut-il que de ta main
S'echappent trop souvent les regrets, les alarmes?
Pour apaiser ta soif faut-il toujours des larmes?
Faut-il qu'à ton autel fume le sang humain?

Belle Inez, tu vivais, tranquille et solitaire,
Dans ces illusions, où de trop courts instants
Embellissaient ta vie, et dotaient ton printemps
Des fruits que le bonheur dore dans le mystère,
Au Mondego, si fier de ses limpides eaux,
A ses riants vallons, à ses rives fleuries,
Tu disais, promenant tes douces réveries,
Le nom cher à ton cœur, redit par les échos.

Ton Prince te payait d'une égale tendresse;
Son ardeur et ses vœux répondaient à ta foi,
L'absence ne pouvait le séparer de toi;
De cet heureux époux toi seule étais l'ivresse.
Ton image toujours allait le retrouver:
La nuit, il te voyait sourire dans un songe,
Le jour, dans la pensée ou l'amour vrai se plonge,
Et tout parlait de toi pour mieux la captiver.

D'autres beautés en vain chercheraient à lui plaire;
Les fleurs d'un autre hymen s'ouvriraient vainement,
Amour, tu tiens son cœur. Qui donc, pour cet amant,
Remplacerait Inez, qui l'enivre et l'éclaire?

Et pourtant le vieu roi s'inquiète, irrité;
Le peuple, mécontent, de clameurs l'environne:
Ç'est la fille d'un roi, qu'il veut pour la couronne;
Seul, un hymen royal convient à sa fierté.

Le prince est sourd au peuple, à la voix paternelle,
A tout: il aime Inez! Seule, la mort pourra
Rompre les nœuds si doux. Alors Inez mourra!
Le roi l'acondamné en sa fureur cruelle;
Il veut que de son fils l'impérissable amour
Soit noyé dans le sang de cette infortunée.
L'épée, effroi du Maure, est elle destinée
A frapper une femme, et faible, et sans détour?

Les bourreaux ont trainé cette timide épouse
Devant le Souverain, qui de pitié s'emeut;
Fugitif sentiment! Du peuple, qui se meut,
Le roi n'écoute plus que la trame jalouse.
Il voit gémir Inez sans plus s'en attendrir.
Qu'importe qu'à ses pieds, dans sa détresse amère,
Sur l'epoux, sur ses fils, pleure la pauvre mère,
Il confirme l'arrêt qui la fera mourir.

Vers le ciel la victime, en son angoise extrême,
Lève péniblement ses yeux noyés de pleurs,
Ses yeux!... car ses deux mains, que brisent les douleurs
Subissent des liens une étreinte suprême.
Puis, tournant ses regards sur ces beaux orphelins
Que sa mort va laisser sans appui dans le monde,
A leur aïeul, qu'aveugle une rage profonde,
Ses levres, en ces mots, exhalent ses chagrins:

On a vu des forêts les monstres sanguinaires,
Et les hôtes des airs, de rapine alterés,
A l'aspect des enfants par la faim dévorés,
Oublier leurs instincts, et remplacer leurs mères.
Exemples de pitié qu'ils donnaient aux mortels!
Ainsi de Ninyas la mère en son enfance;
Ainsi les deux jumeaux; delaissés, sans défense,
Qu'une louve sauva par des soins maternels.

Toi, qui de l'homme obtins le cœur et le visage
(S'il est vrai qu'un cœur d'homme est noble et généreux
Et qu'il ne ravit pas aux enfants malheureux
La mére dont les torts de l'amour sont l'ouvrage)

Resteras tu sans cœur devant ces innocents?
Sois touché de leur sort! pitié pour eux! fais grace!...
Helas! á desarmer ton courroux qui menace,
Leur âge et leur candeur seront-ils impuissants?

«Ta main, dans les combats, moissonna l'Infidèle:
Par le feu, par le fer, elle sema la mort:
Ne peut-elle aujourd' hui, dans un clément transport,
Se souvenir qu'Inez ne fut point criminelle?
Si mon amour t'offense, Alphonse, exile moi
Dans la Libye ardente ou la froide Scythie!
Dans ces tristes climats, perdue, anéantie,
Je vivrai dans les pleurs, et cacherai ma foi.

Relegue-moi parmi les lions et les tigres:
Peut-être, quelque jour, j'aurai leur amitié,
Qui sait! en m'accordant leur sauvage pitié,
Ils vengeront l'amour, l'amour que tu dénigres.
Lá, par le souvenir nourrissant ma douleur,
Je verrai mes enfants, ils auront ma tendresse,
Et leur voix angélique, ainsi qu'une caresse,
Par un nom adoré bénira mon malheur.

Le monarque cédait à cette voix plaintive,
Il allait pardonner, mais vain entraînement!
Le peuple et le destin ordonnent autrement;
Pour leur haine la mort n'est point assez active.
Les glaives menaçants sortent de leur fourreaux:
Arrêtez, chevaliers!... De quel sang votre épée,
En cet instant fatal, va-t-elle être trempée?
Soutiens de la beauté, vous seriez ses bourreaux!

Ainsi jadis Pyrrhus, vengeant son père Achille,
De Polyxène en pleurs se fit le meurtrier;
Rien ne put arrêter le bras de ce guerrier
Qui priva de sa fille une mère débile.
L'ombre a parlé; Pyrrhus ne pardonnera pas!
Pareille à la brebis qui se livre tremblante,
La victime, s'offrant á sa fureur sanglante,
En regardant sa mère, accepta le trépas.

Telle succombe Inez. Ses assassins féroces
La frappent... et les flots d'un sang pur et vermeil
Ont inondé ce sein à l'albâtre pareil,
Ces lis qu'elle arrosa de ses larmes précoces,

Cette tête charmante, et ce front que la mort,
Plus juste, doit bientôt orner du diadème.
Ses tâche meurtriers appellent l'anathème;
Ils seront chatiés par le retour du sort.

Soleil, qui te cachas quand l'implacable Atrée
Fit servir à Thyeste un horrible festin,
Devant ce crime affreux, qui tranche un beau destin,
Ne voileras tu pas ta lumière sacrée?
Vous, confidents d'Inez, vous tous, vallons fleuris,
Vous avez recueilli de sa lèvre expirante
Le nom de Dom Pedro, si doux pour la mourante,
Et que disent, au loin, les echos attendris.

Comme la fleur des champes, de sa tige arrachée,
En refermant son sein que l'aurore entrouvrit,
Perd son tendre parfum, se fane, se flétrit,
Et s'effeuille, en parant celle qui l'a touchée,
Telle se meurt Inez! Les roses de son teint
Viennent de se voiler d'une pâleur mortelle,
Ses traits se sont glacés, de la nuit eternelle
Le manteau l'enveloppe, et son regard s'éteint.

Du triste Mondego les filles eplorées
Virent changer leurs yeux en larmoyants ruisseaux;
Une source jaillit de leurs pleurs, et ses eaux
Parlent incessamment d'Inez à ces contrées:
Son nom, ces flots pieux le murmurent toujours
Passant, vois cette sourc, et respecte ses charmes;
Elle arrose des fleurs, et ses eaux sont des larmes.
Apprends qu'on la nomma: Fontaine des amours.

37) **BONESE (P. ANTONIO MARIA).**

T. — *Saverio adormentato et Saverio vigilante. Discorsi Panegirice et Ascetici di P. Antonio Vieyra.* Venezia. Per Paolo Baglioni, 1712.

38) **BOSCH (P. JAQUEZ).** — Allemão.

Traduziu para latim o *Sermão do Beato Stanislao Kotska* prégado na egreja de Santo André de Monte Cavallo pelo P. Antonio Vieyra. Cracoviae ex Officina Schedeliana, 1676. E para italiano, Roma, por Lazaro Varese, 1673, 8.º

39) **BOWING.**

Traduziu varias poesias de D. Violante do Ceo, e publicou-as na obra intitulada *Ancient poetry and romances of Spain.*

40) **BRAVO (D. EMILIO).**

T. — I. *Dois cantos dos Lusiadas,* os quaes foram publicados na Havana

Dá-nos esta noticia o V. de Jorumenha a pag. 229 do 1.º vol. da sua edição das *Obras de Camões.*

II. Traduziu em hespanhol a poesia de José Osorio, intitulada *Uma tarde no Tejo*, e ainda uma outra *A Saudade.* Ambas traducções foram publicadas no vol. VI da *Revista Universal Lisbonense.*

41) BRICOLANI (A).

T. — *Lusiadi del Camoens, recati in ottava rima da* —. Parigi. 1826, 32.º Co'tipi di Firmino Didot.

42) BRIGANTI (ANNIBAL).

T. — *Due libri dell' istoria dei simplici, aromati e altre cose che vengono portate dell' Indie Orientali, pertinenti all' uso della medicina dall Garzia, Orto, medico portoghese, con alcune brevi annotazioni di Carlo Clusio, e due altri libri parimente di quelle che si portano dall' Indie Occidentali di Nicolo Monardes, di Siviglia.* Venezia 1582. Ibid. 1605.

43) CAESARAUGUSTIANI (JO: FACUNDI).

T. — *Historia Ecclesiae Malabaricae cum Dimaperitana Sinodo apud Indos Nestorianos S. Thomae Christianos nuncupatos, coacta ab Alexio de Menezes anno 1599 nunc primum e Lusitano in Latinum versa.* Romae 1745.

44) CALDERA (BENITO).

T. — *Los Lusiadas de Luys de Camões tradusidos en octava rima Castellaña por* —. *residente en esta corte. Dirigidos al illustrissimo Señor Hernando de Vega de Fonseca, presidente de la Hazienda de Su M. y de la Santa e general Inquisicion. Con privilegio impresso en Alcalá de Henares por Juan Gracian. Año* 1580.

A respeito d'esta rarissima traducção elogiada por Cervantes póde ver-se o 1.º vol. das *Obras de Camões*, edição Jorumenha. Bento Caldera era portuguez, e em honra da traducção fez o famoso Cervantes os seguintes versos:

Tu que de luso el singular
Irigiste en nueva forma a la ribera
Del fertil rio, a quien el lecho de oro
Tan famoso le hace adonde quiera;
Con el devido aplauso, y el decoro
Devido a ti, Benito de Caldera,
Y a tu ingenio sin par prometo honrarte,
Y de lauro, y de yedra coronarte. [1]

45) CAMPO (Fr. PEDRO).

T. — *Istoria general de los Ermitanos de San Augustan. Traducida del Portugues.* Barcelona, 1640, fol. Existe um exemplar na Bibliotheca publica de Lisboa.

46) CARVALLO (DANIEL).

T. — *Ermida de Castromino, por A. A. Teixeira de Vasconcellos.* Madrid.

[1] V. *Obras de Camões*, edição do Sr. Visconde de Jorumenha, vol. I.

47) CASSIODORUS (A).

T. — *Eduard Lopez. Beschrsibung des Könegreichs Cong in Africa, verleutscht durch.* Francfort 1597, fol.

48) CASTRO (D. NARCISO VARELA DE).

T. — *La Preciosa. alegoria moral: obra del P. D. Theodoro de Almeyda, del oratorio y congregacion de S. Felipe Neri, que del idioma portugués tradujo al castellano para comun utilidad y recreo espiritual del pueblo cristiano —. Publicalo D. Antonio Ulboa y a su custa.* Madrid 1792, Imprenta de A. Ulboa 236 pag.

49) CASTERA (LOUIS ADRIEN DUPERRON). — Nascido em Paris, e fallecido n'esta cidade a 28 de agosto de 1753, com 45 annos d'edade. [1]

T. — *La Lusiade du Camoens, poeme heroique, sur la decouverte des Indes Orientales. Traduit du Portugais par —.* Tomo 1.º, 8.º, 319 pag. Paris, 1735. Tomo 2.º, 8.º, 434 pag. Paris, 1735. Tomo 8.º, 334 pag. Paris, 1735.

O primeiro tomo offerece-nos em primeiro logar uma dedicatoria ao Principe de Conty, na qual se leem os seguintes versos:

Daignez souffrir, Seigneur,
Que les Muses du Tage
Vous offrent par ma main leur
plus celebre Ouvrage;
Vous y verrez briller le Nom et les Exploits
Des Héros, dont le Gange a respecté les lois;
Le Public en lisant les fastes de leur gloire
Lira de vos vertus une fidelle histoire.
Si du sombre sejour où descendent les morts,
L'illustre Camoëns revenait sur nos bords,
Bien-tôt on l'entendroit d'un ton mâle et sublime
Vous faire de sa veine un tribut légitime,
Et surpasser pour vous les chants mélodieux,
Que l'Epoux d'Euridice a consacrés aux Dieux! etc.

Segue-se o prefacio dizendo estar persuadido de que «faria um verdadeiro brinde á minha patria, dando-lhe em nossa lingua *Os Lusiadas de Camões*, que póde passar por um dos mais bellos poemas, que jámais se leram depois de Homero e Virgilio. O assumpto é importante, e tal como convem para a Epopea, a descoberta das Indias pelos portuguezes. A unidade da acção principal e a do Heroe nelle se acham guardadas perfeitamente: vê-se nelle um encadeamento dirigido com arte, uma allegoria sublime, varios episodios bem dirigidos, paixões descriptas com fórça e delicadeza, pinturas vivas; finalmente um estylo variado, acommodado á exigencia das materias; umas vezes suave e simples; outras rapido e magestoso; sempre admiravel, e nunca desfigurado por esse jogo de palavras, cujos falsos brilhos estragam algumas vezes os melhores escriptos dos italianos e dos hespanhoes.»

[1] Sr. Visconde da Jorumenha.—*Obras de Camões.* 1 pag. 236.

O prefacio é seguido da biographia do nosso poeta, a qual finda com a versão franceza do conhecido *soneto de Torquato Tasso* em honra de Camões:

Magnanime Vasco, ton genereux courage
Bravant des Aquilons l'inflexible rigueur
Jusqu'au berceau du jour sçut t'ouvrir un passage,
Et Neptune etonné t'appella son vainqueur,
Ullyse n'a rien fait au prix de ton voyage,
Non plus que le Héros, dont l'heureuse valeur
Chassa de leur pays ces monstres pleins de rage
Qui sur le vieux Phinée exerçoient leur fureur.
Mais quel que soit ton rang au temple de memoire,
Tu dois au Camoens le plus beau de ta gloire,
Sa voix a penetré plus loin que tes vaisseaux.
C'est par le seul éclat, dont sa Muse te pare,
Qu'il n'est point sous le Cieux de peuple si barbare,
Qui n'admire ton nom et tes nobles travaux.

No fim do primeiro livro dos *Lusiadas* apresenta-nos a traducção dos versos latinos de Bucanan dirigidos a D. João III:

Le brillant Dieu du jour peut á peine suffire
Au soin de visiter ton redoutable Empire:
Tu regnes sur la terre et sur le sein des eaux,
Et lorsque sous les Cieux la nuit étend son voile,
Les deux Poles n'ont point d'étoile
Qui ne serve de guide á tes heureux vaisseaux. [1]

N'estas mesmas annotações pretende defender o nosso poeta das censuras que Voltaire lhe fez [1] esforçando-se tambem para o justificar da mistura que faz de deuses do paganismo com as crenças da religião Christã. Por isso pretende que Marte representa Jesus Christo: Venus a religião: Cupido o Espirito Sancto: Baccho os demonios: e os, que seguiam a opinião d'estes, tambem outros demonios: o antigo amor de Marte a Venus, o amor de Jesus Christo á sua egreja: Mercurio os anjos: as tres Nereides Doto, Nise e Nerina, as tres virtudes theologaes, Fé, Esperança e Caridade: Vulcano um demonio: Mercurio o anjo mensageiro de Deus, e finalmente o gigante Adamastor representa Mahomet.

Episodio de D. Ignez de Castro

Belle Inès tu etois dans une solitude agréable sur la rive du Mondego, ta bouche enseignait aux échos des forêts et des montagnes le nom cheri que tu

[1] Os versos de Buchanan são os seguintes:

Inque tuis Phœbus regnis oriensque cadensque
Vix longum fesso conderet axe diem.
Et quaecumque vago se circumvolvit Olympo
Affulget ratibus flamma ministra tuis.

[1] V. tom. I. Voltaire.

portois gravé dans ton cœur, le nom de ton Prince, dont la presence faisoit tes délices, et dont le moindre éloignement te coutoit tant de larmes! De son coté, lorsqu'il ne te voyoit pas, le souvenir flatteur des doux momens qu'il avoit passés aupres de toi, remplissoit son ame qui te répondoit de sa tendresse: loin de tes beaux yeux tout ce qui s'offroit aux siens, lui retraçoit ton image; la nuit les impostures voluptueuses de mille songes charmans revelloient son ardeur, et le jour ses soupirs s'envoloient vers tes appas avec toutes ses pensées.

Pour toi seule aimable Inès, le fidel Don Pedre refusoit constamment le cœur et la main des Princeses les plus illustres et des beautés les plus dignes de plaire; le Roi met dans la balance cette passion si vive, le murmure de ses sujets, qui veulent voir son fils engagé sous les loix de l'Hymen: bien-tôt sa severité décide contre une tendre foiblesse, qu'il regarde comme un crime; il condamne la malheurese Inès à perir pour rompre par sa mort l'esclavage où ses attraits retiennent Don Pedre. Quelle furie put lever le bras d'un si grand Monarque sur la tête d'une infortuné qui n'avoit que des pleurs pour se défendre, et comment cette epée si formidable aux Maurusiens n'eut elle pas horreur de se tremper dans le sang d'une femme?

Les cruels ennemis d'Inès la trainent devant le Roi, il ne peut voir sa jeunesse, ses charmes et son malheur sans en être touché: deja la douce compassion se glissoit dans son ame, mais les cris feroces et tumultueux de son Peuple raniment sa colere. Inès est moins epouvantée de sa mort que de la solitude et du deplorable état où elle va laisser son prince et les fruits de son amour; elle levoit douloureusement vers le Ciel ses yeux baignés de larmes, elle n'y levoit que les yeux, ses belles mains etoient captives et ne pouvoient s'employer à ce triste usage; ensuite elle regarde ses enfants qui l'environnent; aussi tendre mere que vertueuse épouse, elle redouble ses pleurs á leur aspect, les disgraces dont ils sont menacés, la font frémir, son cœur s'enyvre d'amertume et d'affliccion; enfin elle rompt le silence, et tient ce discours au Roi. S'il est vrai que l'univers ait vû des oiseaux sauvages et des bêtes, que leur nature portoit à la cruauté, s'attendrir pour de foibles enfans, tels que la mere de Nynias et les deux fondateurs de Rome: ó vous qui paroissez humains (si pourtant on peut le paroitre en faisant perir une femme dont tout le crime est d'avoir soûmis son cœur à celui qui l'a sçu vaincre) jettez un œil de compassion sur ces malheureux orphelins, et que leur innocence vous desarme; je ne vous parle point de la mienne, vous voulez mon trépas, il faut contenter vos desirs: cependant, si votre clemence égale votre valeur, si vous sçavez donner la vie à ceux qui ne meritent pas de la perdre, comme vous sçavez donner la mort aux fiers Agareriens dans l'ardeur des combats: plûtôt que de verser mon sang, exilez-moi dans quelque miserable retraite ou dans la froide Scythie, ou dans les brûlans deserts de l'Afrique: confinez-moi dans le séjour des Tigres et des Lions, j'éprouverai si l'on ne trouve pas chez eux la pitié que les hommes me refusent: lá, au milieu des pleurs et des soupirs, et le cœur plein du cher objet pour qui l'on me traîne au supplice, j'éleverai mes enfans, leur vûe sera l'unique consolation d'une mere plus tendre encore qu'elle n'est malheureuse.

Alonze penetré d'une juste compassion vouloit traiter Inès avec indulgence, mais enfin il cede à l'opiniâtreté du Peuple et á la rigueur du destin, qui proscrit cette victime innocente; les barbares qui ont conseillé au Roi ce meurtre abominable, tirent leurs cruelles epées pour l'exécuter eux-memes; l'aveugle fureur qui les trasporte ne leur permet pas de prévoir le châtiment qui tombera tôt ou tard sur leur tête: l'un frappe ce coup d'albatre qui soutenoit le plus beau visage que l'amour ait jamais adoré; l'autre perce inhumain ce sein si parfait et si capable d'attendrir les cours les plus feroces: troupe lâche et sanguinaire vous vous montrez hardis contre une femme! Tel autrefois Pyrrhus porta le couteau dans le flanc de la charmante Polyxene; encore la dureté du Grec fut-elle moins odieuse; puisqu'il ne faisoit qu'obéir á l'ombre de son pere.

«Brillant flambeau du jour, si l'horreur du festin de Thyeste te força jadis à voiler ta lumiere sous des nuages impenetrables, de quel œil vois tu perir la vertueuse Inès? le crime de ses assassins égale celui d'Atrée, retourne sur les pas et couche-toi dans l'Orient! Inès meurt. Sa bouche froide et pâle prononce le nom de son cher Don Pedre en poussant le dermier soupir. De même que la fleur touchée sans aucun ménagement par une bergere folâtre perd son brillant coloris, ainsi l'éclat du teint de la belle Inès s'efface apres sa mort. Les filles du Mondego la pleurerent long-temps, et pour eterniser le souvenir de sa vertu, de sa tendresse et de son malheur, elles changerent leurs larmes en une fontaine, qui s'apelle encore aujourd'hui la Fontaine des Amours.»

«Camões imitou de Virgilio todos estes versos; mas certamente foi superior ao seu modelo. O mesmo tom de seus versos exprime a dor e a tristeza, que reinaram por muito tempo em Portugal depois da morte de Affonso: a repetição do nome d'este principe dextramente apresentada fórma a imagem do echo; não se julga ler, julga-se ouvir povos que gemem, e echos que lhes respondem: são estas pinceladas proprias de grandes mestres. Actualmente dão-nos palavras pomposas; mas a natureza pintada com tantos attractivos e tanta verdade é um fructo raro nos jardins de nossos modernos.»

Á traducção de cada um dos cantos seguem se as annotações. Além d'estas edições ha tambem as seguintes: Amsterdam, 1735, 3 vol. Paris, 1768, 3 vol.

50) CHARPY (D. GAETAN).

T. — *Histoire de l'Ethiopie Orientale traduite du Portugais de Jean dos Santos par* —. Paris. 1684-1688.

51) CHASLE (PHILARETE).

Traduziu da *Chronica de Duarte Nunes de Leão* a historia de Martim de Freitas. O sr. Ferdinand Dinis no vol. das *Chronicas Cavalherescas de Hespanha e de Portugal* é quem nos dá esta noticia.

52) CHESTE (EL CONDE DE). — De la Academia Española.

T. — *Los Lusiadas, poema épico de Luis de Camões, traducido en verso castellano.* Madrid 1873. 396 pag.

Episodio de D. Ignez de Castro

CXX

Te hallabas, bella Inés, quieta en sociego,
De tus años cogiendo el blando fruto,
Del alma en el engaño dulce y ciego
(Que la dicha no dura como el luto)
En el florido campo del Mondego,
Del cristal de tus ojos nunca enjuto,
A las plantas diciendo y flores nuevas
El nombre que en el pecho escrito llevas.

CXXI

De tu Principe alli te respondian,
Los recuerdos que en su alma dominaban;
Que siempre ante sus ojos te traian;
Cuando ausentes los tuyos dél estaban,
De noche dulces sueños que mentian,
De dia pensamientos que volaban;
Siendo, en fin, todo sueño y pensamiento,
Sola ocasion de dicha y de contento.

CXXII

De Princesas y damas mil hermosas
El los preciados tálamos no aceta,
Que no halla fino amor prendas preciosas,
Sino en el caro bien que nos sujeta.
Viendo estas raras muestras amorosas
El noble padre anciano, que respeta
El murmurar del pueblo ante el capricho
De no casarse, que el doncel le ha dicho:

CXXIII

Sacar a Inés del mundo determina,
Para sacarle al que ella tiene preso,
Creyendo, con matar á la mezquina,
Sanar de amor el incurable acceso.
¿Qué furor hizo que la espada fina
Que pudo sustentar el grave peso
Del mauritano esfuerzo, fuese alzada
Contra una flaca fembra delicada?

CXXIV

Los sayones llevabanla feroces.
Ante el Rey, que ya pio se conduele:
Mas el pueblo con bárbaras y atroces
Razones, à que muera le compele.

Ella con ruegos y afligidas voces,
Salidas del recuerdo que la duele,
Del amante y los hijos que dejaba,
Que más que no la muerte, la apenaba.

CXXV

Al cielo cristalino levantando
Los ojos, con las lagrimas piadosos;
Los ojos, que las manos le và atando
Uno de los ministros rigurosos;
Y a los pequenos luego contemplando,
Que tan tiernos criaba y tan mimosos,
Cuya orfandad más que el morir temia,
Vuelta al cruel abuelo, decia:

CXXVI

«Si ya en las brutas fieras, cuya mente
Natura hizo feroz de nacimento,
Y en las aves, que ponen solamente
En la aérea rapiña el pensamiento,
Con tiernos rapazuelos vió la gente
Despertarse piadoso sentimiento,
Como ya com Semiramis mostraron,
E con los dos que á Roma edificaron:

CXXVII

Tu, que de humano tienes voz y aspecto
(Si de humano es matar una doncella
Flaca y debil, por solo haber sujeto
El corazon del que logró vencella),
De estas pobres criaturas ten respeto,
Ya que no de la oscura muerte de ella;
Muevate la piedad de su agonia,
Pues no te mueve la no culpa mia.

CXXVIII

Y si, venciendo Alarbe resistencia,
La muerte sabes dar con fuego y fierro,
Sabe tambien dar vida con clemencia,
A quien para perderla está sin yerro;
O si merece tánto esta inocencia,
Ponne en perpetuo y misero destierro,
Allá en la Escitia helada, ó Libia ardiente,
Donde en lagrimas viva eternamente.

CXXIX

Pónme dó mas se usare fuerza dura,
Entre pardos y tigres, y veremos
Si alcanzamos entre ellos la blandura
Que entre pechos humanos no podemos.
Alli la voluntad puesta y ternura
En aquel por quien muero, criaremos
Estas reliquias suyas que aqui viste;
Que consuelo seran de madre triste.

CXXX

Perdonarla queria el Rey benigno,
Sensible a las palabras que la abonan;
Mas el pueblo tenaz y su mal signo
Que lo quieren asi, no la perdonan.
Las hojas sacan del acero indigno
Los que el hecho por bueno alli pregonan,
¿Contra una dama? Oh pechos carniceros?
Asi valientes sois y caballeros!

CXXXI

Como contra la linda Polixena,
Amor prostero de la madre anciana,
Porque la Aquilea sombra la condena,
Pirro apresta el acero y furia insana;
Y ella los ojos con que el mar serena,
Cual mansa oveja que a morir se allana,
Vuelve a la triste madre que flaquece,
Y al sacrificio se ofrece:

CXXXII

Tal contra Inés los crudos matadores
En el cuello y marfil, que sostenia
Las obras con que amor mató de amores
Al hombre que despues Reina la haria,
Hundiendo el hierro entre las blancas flores
Que el llanto del dolor regado habia,
Se encarnizaban torpes y furiosos,
Del futuro castigo no cuidosos.

CXXXIII

Bien pudieras, oh sol! del caso reo
Tus ojos apartar como aquel dia
Cuando Tieste, en el festin de Atreo,
De sus hijos los miembros se comia.

Cóncavos valles que gemisteis, creo,
La voz estrema de su boca fria,
El nombre de su Pedro que la oisteis,
Por espacio muy largo repetisteis.

CXXXIV

Como pura azucena que cortada
Antes de tiempo fue candida y bella,
Siendo entre los cabellos maltratada
Por mano esquiva de vivaz doncella,
Pierde aroma y color ya marchitada,
Tal muerta está la Lusitana estrella:
Secas las puras rosas y perdida
La luz del rostro con la dulce vida.

CXXXV

Las hijas del Mondego! oh noche oscura!
Llorando sin cesar te recordaron;
Y para alta memoria, en fuente pura
Las lagrimas lloradas transformaron:
El nombre la pusieron, que aun dura,
De «Las Cuitas de Inés» que alli passaron.
Y de essa fuente, hoy vida de las flores,
Son lagrimas el agua, el nombre *Amores*.

53) CLUSIO (CAROLO).

T. — *Aromatum et Simplicium aliquot Medicamentorum apud Indos nascentium Historia, Latino Sermone in Epitomen contracta a Carolo Clusio.—Christopheri a Costa Aromatum et Medicamentorum in Orientali India nascentium liber, ex Hispano Sermone Latinus factus a Car. Clusio.—Simplicium Medicamentorum ex Novo Orbe delatorum Historia Hispanico Sermone a Nic. Monardis descripta, Latio donata a Carolo Clusio. — Ejusdem hiistoriae libri III. Latio donatus a Carolo Clusio.* Autuerpiae, 1593.

É uma traducção do livro de Garcia da Horta. Ácerca d'este nosso celebre botanico veja-se Leitão, *Noticias da Universidade de Coimbra.*

54) COGAN (H.)

T. — *Voyages and adventures in Ethiopia, China, Tartary of Ferdinand Mendez Pinto.* London, 1663. Vi citada uma outra edição tambem de Londres, 1692. fol.

55) COLLAÇO (P. A.)

T. — *Relacion anuual de las cosas que han hecho los Padres de la C. de Jesu en la India Orientali y Japon en los años de* 1600 *y* 1601. *Traducida de Portugues à Castellano por el P —.* Valladolid, 1604, 4.°

56) CONTRERA (FRANCISCO DE).

T. — *Nave Tragica de la India de Portugal, dedicada a Lope de Vega Car-*

pio. 1624. É a traducção do Naufragio de Sepulveda. Encontrei citada uma outra edição de 1694. [1]

57) COOL (A. DE).

T. — *Les Lusiades de Camões.* Rio de Janeiro, 1876, 8.º, gr XVI, 308. Esta traducção é dedicada ao imperador D. Pedro II.

Começa a versão do seguinte modo:

Je ferai retentir de l'un a l'autre monde,
Si de son noble appui la Muse me seconde,
Le bruit de vos exploits, courageux Chevaliers,
Qui délaissant un jour les champs hospitaliers

De la Lusitanie aux bords de Taprobane
Oú seule alors, courait la voile Musulmane
A travers mille ecueils, allâtes sans palir,
A des peuples lointains enseigner l'avenir.

58) CORBELLETI (FRANCISCO).

T. — I. *Em italiano a obra do padre Antonio de Andrade. Novo Descobribrimento do Grão Cathayo, ou dos Reinos de Thibet.* Roma, 1627. [2] Ternaux Compans falla d'outra edição em Napoles, no mesmo anno.

II. *Para italiano a Carta do padre João Fernandes escripta em* 8 *de março de* 1623 *ao provincial de Goa.* Roma, 1627.

59) CORPUT (Dr. VAN DEN). — Professeur á la Faculté de Médicine de l'Université de Bruxelles.

T. — *De l'utilité de la Médicine. Traduit du Portugais du Dr. Alvarenga.* Anvers. 1869.

60) COULON (L.)

T. — *Historie Universelle du grand royaume de la Chine, traduit de Semedo en notre langue par* —. Paris, 1645.

61) COURNAND (ABBÈ DE).

T. — *Vie de l'Infant D. Henri de Portugal, traduit du Portugais de Francisco Joseph Freire.* Paris, 1781, 2 vol.

62) COTOLENDE (CHARLES).

T. — *Voyages de Pierre Teixeira ou histoire des Roys de Perse.* Paris, 1681 2 vol.

63) COULON (LUIZ).

T. — *Histoire universelle du grand royaume de la Chine, composé en italien par le P. Alvares de Semmedo, et traduit en notre langue par.* — Paris, 1645. Lyon, 1667. Vi citada uma outra edição de 1647.

64) CUBILLAS (D. FRANCISCO).

T. — *Sermones traducidos de lo P. Antonio Vieyra.* Madrid, por Juan Garcia Infanzon, 1680.

65) CUILLERAQUE.

[1] Pinelo.—*Bibliotheca Oriental*, vol. I. pag. 138.

[2] Barbosa Machado.—*Bibliotheca Lusitana*, tom. I. pag. 203.

T. — *Lettres d'amour d'une religieuse portugaise ecrites au Chevalir de C. Officier François en Portugal*. Dernière edition, augmentée de sept lettres avec leurs réponses, qui n'ont point encore paru dans les impressions précedentes. 1696, 12.°, 209 pag.

Saint-Simon nas *Memorias da Corte de Luiz XIV (Oeuvres*, t. XI pag. 5, ed. de 1791) descreve o typo de Noël Bonton de Chamilly, Conde de Saint Lèger, amante da celebre Mariana Alcanforado, que lho dirigira as admiraveis cartas conhecidas debaixo do titulo de *Cartas d'uma religiosa portugueza*.

São mui numerosas as edições das *Cartas da Religiosa portugueza* feitas no estrangeiro. Paris, 1669, 1673, 1806, 1824. Avec des imitations en vers par Dorat, troisième edition, 1807. Avec une notice preliminaire par Alex. Piedgnel, Paris, 1876.

Amsterdam 1669, Ib. 1699.(Esta ultima edição é em 8.°, Traz tambem as cartas de Heloisa a Abaylard) Cologne, 1681, 1690, 1693, 1742. — Haya, 1682, 1688, 1690, 1742. — Lyon, avec les réponses, 1686.

Em inglez: Five love-letters from a nun (Marianna Alcaforado) to a Cavalier. Done out of french into english. London, 1678. 12.

Creio que ha muitissimas outras edições. Hoje está provado até á evidencia ser esta obra originalmente portugueza. V. Boissonnade.

66) DARDE (P. JOÃO).—Jesuita.

Verteu para francez a *Carta* datada de 8 de março de 1623 escripta ao provincial de Goa, pelo P. Antonio Fernandes. Paris, 1628.

67) DEKKER.

T. — *The Pancas case: or, an historic memoir on the rise, progress, and results of the famous cause... of Pancas. Translated into english by...* London, 1812, 8.°

68) DENIS (FERDINAND).

T. — I. — *Lettre de Pedro Vas de Caminha sur la découverte du Brésil*. No 2.° vol. das *Chroniques Chevaleresques*, pag. 133.

II. *Morte de D. Sebastião*, traducção de Jeronymo Mendonça, 2.° vol. pagina 195.

III. *O renegado e a Judia*, traducção do mesmo auctor, pag. 221.

IV. *Chefs-d'œuvre des théatres étrangers, Allemand, Anglais, Chinois, Danois, Espagnol, Hollandais, Indien, Italien, Polonais, Portugais, Russe, Suédois; traduits en Français, par Messieurs Aignan, Andrieux, membres de l'Academie Française; le baron de Barante, Berr, Bertrand, Campenon, membre de l'Academie Française; Benjamin Constant, Chatelain, Cohen, A. Denis, F. Denis, Esménard, Guizard, Guizot, La Beaumelle, Lebrun, Maltebrun, Menněchet, lecteur du roi, Merville, Charles Nodier, Pichot, Abel Rémusat, membre de l'Institut; Charles de Rémusat, le comte Sainte Aulaire, le comte Alexis de Saint-Priest, Jules Saladin, le baron de Stael, Trognon, Villemain, membre de l'Académie Française; Vincens de Saint-Laurent, Visconti. Dix-neuvième livraison Théatre Portugais.—Gomes, Pimenta de Aguiar, José*. A Paris, 1823, Chez Ladvocat, 8.°, 496 pag.

Começa por uma noticia do theatro Portuguez escripta por Ferdinand-Denis, e d'este escriptor são as traducções incluidas n'este volume.

1.º *A nova Castro*, tragedia em cinco actos, por João Baptista Gomes.

2.º *A conquista do Peru*, tragedia em 5 actos, por Manuel Caetano Pimenta de Aguiar.

3.º *O caracter dos Lusitanos*, tragedia em 5 actos, pelo mesmo.

4.º *A vida do grande D. Quichote de la Mancha e de Sancho Pança*, por Antonio José.

Todas estas versões são acompanhadas de muitas notas, e das biographias dos authores.

69) DIOLA (M. HORATIO)—Bolognese.

T. — *Chroniche de gli Ordini instituti dal Padre S. Francesco, che contegono la sua vita, la sua morte, i suoi miraculi, e di tutti i suoi Santi Discepoli, & compagni; Composte da R. P. F. Marco da Lisbona in lingua portoghese: Poi ridotte in Castigliano dal R. P. F. Diego Navarro; e tradotte nella nostra Italianna da — & hora di nuovo ristampate & con somma diligenza ricorrete. L'opera é divisa in due volume, & in dieci Libri, con nuove Tavole distinte e copiose.* In Venetia, Appresso Fioravante Prato, 1585, 4.º, 1 vol., 255. Parte II, 199 pag. O primeiro volume é dedicado a Monsenhor Gabrielle, Cardinal Paleoti, Bispo de Bologna. Volume II, Venetia, 1606, 342 folhas.

Vi um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa. Anda citada em catalogos uma edição de Brescia, 1581, e de Veneza, 1617.

70) DONNER (J. J. C.)

T. — *Deutsch Lusiad von.* Stuttgard, 1833, 8.º 2.ª edição, Stuttgard und Sigmaringen, 1854. Ha outra edição de Leipzig, 1869.

71) D. S. PARISIEN.

T. — *Chronique et institution de l'ordre du Pere S. François. Qui contient sa vie, sa mort et ses miracles et de tous ses Saincts Disciples et compaignons Composée premierement en portugais par R. P. Marco de Lisbone et en espaignol par le R. P. Diego de Navarre puis en italien par Horace d'Iola. Maintenant en françois par—. A Monsieur le Cardinal de Sourdis. L'œuvre est divisée en deux volumes et en dix livres, avec deux tables distinctes et copieuses A Paris. Chez Robert Foüet, Rue St. Jacques a l'enseigne du temps et de l'occasion.* 1623. *Avec privilege du Roy.* fol., 188 folhas, 2.ª parte, 342 folhas.

72) DYCKIO (JACOBO).

T. — *Verteo* para flamengo a obra do nosso Padre Antonio de Andrade *O descobrimento do Grão Cathayo.* Gand, 1631 [1].

73) EITNER (K).

T. — *Lusiad: aus dem Portugiesischen in Iamben übersetzt von—.* Hildburghausen, 8.º

74) ENINER. (D. AUREL).

T. — *Bok et Zulba Histoire allegorique. Traduite du Portugais de —* 8.º, 346 paginas.

[1] Barbosa. — *Bibliotheca Lusitana*, vol. I, pag. 203.

Posso asseverar que não passa de uma pura ficção o attribuir este romance a um portuguez. Tive a pachorra de o lêr todo, e nem vislumbres encontrei n'elle de origem portugueza.

75) EPISTOLA PATRIS NICOLAI *Pimentae visitatoris societatis Jesu in India Orientali, Goae, VIII Kal. Januarii* 1599. *Mediolani*, 1601.

76) ESCOSSURA (PATRICIO DE LA).

T. — *Codigo Civil Portugues traducido.* Madrid, 1868.

77) EXAME DE LA CONSTITUCION *de D. Pedro y de los derechos del Infante D. Miguel, dedicado a los portuguezes fideles.* Paris, 1827.

78) EXEMPLAR EPISTOLAE QUAE ANTONII I *Portugalliae et Algarbiorum regis nomine ad Sanctissimum Patrem Gregorium XIII dicitur esse missa, lusitano sermone conscripta, opera tamen et industria Octavii Sylvii equitis latinitate donata et in lucem edita, ac Jacobo de Mendoça, hispano equiti dicata.*

79) FAMIANI.

T. — *Travagli o siano patimenti di Gesu Christo scritti in Portoghese dal Ven. Servo di Dio P. Tommaso di Gesú dell' Ordine eremitano di S. Agostino. Traduzione Italiano.* 1838, Napoli, 12°, 2 vol.

Declara-se no prologo ter sido esta nova traducção feita pelo Padre Famiani, servindo-lhe de subsidio a Franceza de Alleaume, e a Latina de Lamparter. Fazem se os maiores elogios aos Trabalhos de Jesus:—«Manná Çeleste —Aureo Livro», e varios outros.

80) FANSHAW (RICHARD—ESQR).

T. — *The Lusiad, or, Portugals Historicall Poem: writtem in the Portugall Language by Luis de Camoens; and now newly put into English by*—London Printed for Humphrey Moreley, 1655, fol., 244 pag. além de dez folhas não paginadas, e 3 retratos, Camões—Vasco da Gama, e outro que parece D. João I, mas que alguns dizem querer representar o Infante D. Henrique.

Thou wer't (fair Ines) in Repose, of Love's
Reflected Fires fost'ring the sweet heat, young;
In that sweet Error, that worse Fates removes,
Which Fortune never suffers to last long:
In sweet Mondego's solitary Groves,
Whose streams no day but thou didst weep among:
Teaching the lofty trees and humble Grass,
That Name which printed in thy bosom was.

Esta versão é offerecida a William, conde de Strafford.

81) FIGUEROA (CHRISTOVAL SOARES DE).

T. — *Historia y annal relacion de las cosas que hicieron los padres de la Comp.ª de Jesus en lo Japon... Talada limada y compuesta de Portugues de Fernão Guerreiro en Castellano por*—. Madrid, 1614.

82) FIGUIER (SIEUR BERNARD).—Gentil-homme Portugais.

T. — *Les voyages advantureux de Fernand Mendez Pinto fidellement traduits de Portugais en François par—dediéz a Monseigneur le Cardinal de Ri-*

chelieu. A Paris. Chez Arnould Cotinet, rue des Carmes, 1645, 4.° 1020 pag.

Existe um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa. Ha mais duas edições, uma de 1663, e outra de 1830 em 2 vol.

83) **FLOREZ (FR. HENRIQUE).**

T. — *Trabajos de Jesus, escritos en portugues por el V. P. Fr. Thomas de Jesus, del Orden de Santo Agustin, estando preso y cautivo en Berberia, y en castellano por el R. P. M.—del mismo Orden.* Sexta edicion en Madrid, corregida y aumentada con la carta dedicatoria y un copioso Indice. Madrid, 1808. [1]

84) **FLORIAN (J. P. CLARIS DE).** O primeiro fabulista francez depois de Lafontaine. Nasceu em Florian, no Cavennes no anno de 1755, e morreu em Sceaux em 1794. [2]

«Florian, que entendia muito bem o texto Portuguez, fez uma traducção do episodio de Ignez de Castro, falta de energia, mas onde se encontra a feliz simplicidade, que fazia o caracter de seu talento, versos faceis e naturaes, e principalmente uma fidelidade notavel. [3]»

Episodio de Ignez de Castro

Cruel amour, toi seul commis le crime.
La tendre Inez ne vivait que pour toi:
Jamais un cœur ne suivit mieux ta loi:
Et tu la fis expirer ta victime!
Ainsi les pleurs des malheureux mortels
Pour toi, tyran, n'ont pas assez de charmes;
Tu veux encor, non content de leurs larmes,
Que de leur sang ils baignent tes autels.

Le front paré des roses du bel âge,
Charmante Inez, dans une douce erreur,
Tu jouissais de ce calme trompeur,
Toujours, hélas! si voisin de l'orage.
Du Mondego, témoin de ton ardeur,
Tu parcourais les campagnes fleuries,
En répétant aux nymphes attendries
Le nom qu' Amour a gravé dans ton cœur.

Un doux lien à ton prince t'engage;
Le jeune Pèdre est digne de tes feux:
Un seul moment s'il est loin de tes yeux,
Tout vient aux siens présenter ton image:

[1] Hidalgo.— *Diccionario General de Bibliographia Española por* —. Madrid, 1872, vol. v.

[2] Bouillet.—*Dictionaire d'Histoire et de Geographie*, pag. 630.

[3] Dubeux.—*Annotações á traducção dos Lusiadas por Millié*, pag. 116.

Pendant la nuit en songe il est heureux,
Pendant le jour il cherche ta presence;
Ce qu'il entend, ce qu'il voit, ce qu'il pense,
Tout est Inez pour son cœur amoureux.

A ses serments Pèdre toujours fidèle
A dédaigné les filles de vingt rois.
O dieu d'amour! quand on vit sous tes lois,
Dans l'univers il n'est plus qu'une belle.
De ses refus son vieux père irrité
Apprend bientôt que le peuple en murmure
Dès ce moment les droits de la nature
Sont immolés à son autorité.

Le cruel roi, pour vaincre la constance
D'un fils qui doit lui succéder un jour,
Veut dans le sang éteindre tant d'amour,
Et sur Inez fait tomber sa vengeance.
Le fer est prêt: ce fer qui, dans sa main,
Du vaillant Maure abbatit la puissance,
Menace alors la beauté sans défense,
Et le héros devient un assassin.

Par des soldats indignement trainée,
Aux pieds d'Alphonse Inez attend son sort:
Le roi la plaint et diffère sa mort;
Mais par le peuple elle était condamnée.
Les fils d'Inez, désolés et tremblants,
Sur son péril témoignaient leurs alarmes;
C'etait pour eux qu'elle versait des larmes,
Non pour ses jours moins chers que ses enfants.

Leur désespoir, leurs prières plaintives,
Ont des bourreaux suspendu les fureurs;
Inez au ciel lève ses yeux en pleurs,
Ses yeux... les fers tenaient ses mains captives.
Elle regarde en poussant des sanglots,
Ses orphelins dont le sort l'épouvante;
Et d'une voix affaiblie et tremblante,
A leur aiéul elle adresse ces mots:

«Si l'on a vu plus d'un monstre sauvage
Près d'un enfant oublier ses fureurs;
Si l'on a vu ces oiseaux ravisseurs
Qui sont toujours altérés de carnage,

Aimer, nourrir la mère de Ninus,
Comme l'on dit qu'une louve attendrie
Avec son lait soutint la faible vie
Des deux jumeaux Romulus et Rémus:

Vous qui d'un homme avez la ressemblance,
(Si l'on est tel quand on prive du jour,
Pour n'avoir pu résister à l'amour,
Un être faible et qu'on voit sans défense!)
Oserez vous montrer tant de rigueur
A ces enfants qui demandent ma vie?
Regardez moi, je suis assez punie
D'avoir su plaire au maitre de mon cœur.

Vous qui savez d'une main triomphante,
Avec ce glaive à qui tout est soumis,
Exterminer un peuple d'ennemis,
Sachez aussi sauver une innocente.
Si de Don Pèdre il faut me séparer,
Exilez-moi dans la froide Scythie,
Dans les déserts brûlants de la Libye,
Partout, hélas! où je pourrai pleurer.

Dans les rochers, loin des lieux où nous sommes,
Chez les lions, capables d'amitié,
Je trouverai sans doute la pitié
Que je n'ai pu trouver parmi les hommes.
De mes amours ces fruits tristes et doux
Rempliront seuls mon âme désolée;
Et de mes maux je serai consolée
En leur voyant les traits de mon époux.

A ce discours de la tendre victime,
Alphonse ému sent palpiter son cœur,
Mais les destins et le peuple en fureur
Ont résolu de consommer le crime.
Les grands, auteurs de ces affreux complots,
Le fer en main, volent sans plus attendre...
Ciel! arretez! vous, nés pour la défendre,
Vous, chevaliers, vous êtes ses bourreaux!

Ainsi Pyrrhus, sur la rive troyenne,
Voulant ravir à la mère d'Hector
Le seul enfant qui lui restait encor,
Des bras d'Hécube arracha Polyxène.

Comme un agneau destiné pour l'autel,
Elle suivit le héros sanguinaire,
Et, ne songeant qu'aux douleurs de sa mère
Sans murmurer reçut le coup mortel.

Telle est Inez; le glaive l'a frappée:
Ce sein d'albâtre, où le dieu de l'amour
Plaça son trône et fixa son séjour,
Est déchiré par la tranchante épée;
Ces yeux si doux se ferment pour jamais.
Les assassins, consommant leur ouvrage,
Ne pensent pas, dans leur aveugle rage,
Que Pèdre un jour punira leurs forfaits.

Et toi, soleil, que le coupable Atrée
Fit réculer loin d'un affreux festin,
Ah! tu devais reprendre ce chemin
Le jour qu' Inez á la mort fut livrée.
Et vous, échos du paisible vallon,
A qui sa voix, en mourant, dit encore
Le nom chéri de l'amant que'elle adore,
En longs accents répétez ce doux nom.

Comme la fleur qui, trop tôt moissonée,
De la beauté pare un moment le sein,
Fraîche et brillante aux rayons du matin,
Et vers le soir languissante et fanée:
De même Inez, à peine en ses beaux ans,
Descend, hélas! dans la nuit éternelle;
Sur son visage une pâleur mortelle
A remplacé les roses du printemps.

Le Mondego, dans sa course lointaine,
N'entend partout que de tristes regrets;
Tout est en deuil: des Nymphes des forêts
Les pleurs bientôt se changent en fontaine.
Ce monument dure jusqu'à ce jour;
Dans touts les temps mille fleurs l'environnent,
Et ce beau lieu, que des myrtes couronnent,
S'appelle encor la Fontaine d'amour.

85) **FOURNIER (ORTAIRE).** — Auteur d'une traduction des *Lusiades.*

T. — I. *Naufrage de Manuel de Sousa de Sepulveda et de Dona Lianor de Sá. Poëme Portugais de Hieronimo Corte Real, Traduit pour la première fois par—*. Paris. Carrier, Libraire. Éditeur, 1844, 8.°, 422 pag.

Esta traducção foi reproduzida com algumas alterações na *Revue Lusitaniense*. V. Tomo I [1].

II. *La Nièce du Marquis. Comédie en trois actes avec prologue par J. B. de Almeida Garrett. Traduction libre.*—Começa a pag. 283 da referida *Revue Lusitanienne.*

III. *La Dernière Course de Taureaux du Roi a Salvaterra—par L. A. Rebello da Silva. Traduit sur manuscrit par—*. Na *Revue Lusitanienne*, pag. 117

86) **FOURNIER ORTAIRE ET DESAULES.**

IV. T. — *Les Lusiades de L. Camoens. Traduction nouvelle par MM.—revue, annotée et suivie de la traduction d'un choix de poesies diverses avec une notice biographique et critique sur Camoens par Ferdinand Denis.* Paris. Librairie de Charles Gosselin, 1841, 8.º, 375 pag.

«Camões não deve sua celebridade em Portugal só aos *Lusiadas*, posto que seja este poema o seu mais bello titulo de gloria. Deixou poesias, que se colleccionaram desde o fim do seculo XVI debaixo do titulo de Rimas. Por seu merito real, por seu numero, pela variedade, que appresentam, parece que teriam devido fixar ha muito tempo na França a attenção dos homens que se applicam ao estudo das litteraturas estrangeiras.»

«Todos os seculos foram pedir á Universidade de Coimbra, e ella a todos respondeu. Sem duvida entre as instituições do mesmo genero, que floreciam então na Europa, e que imprimiam nos estudos um tão grande caracter não era nem a menos notavel, nem a menos brilhante aquella, de que o sabio Clenardo podia dizer que se explicava alli Homero, como se teria explicado em Athenas.»

Episodio de D. Ignez de Castro

«Toi seul, ardent amour, dont le pouvoir impitoyable commande imperieusement au cœur des humains, toi seul causas sa triste mort, comme si elle eût été une ennemie perfide. Si l'on dit, redoutable amour, que ta soif ne s'apaise même pas par des larmes douloreuses, c'est que, tyran féroce, tu aimes a baigner tes autels dans le sang humain.

Plongée en un paisible repos, cueillant le doux fruit de tes jeunes années, tu vivais, charmante Inez, en cette erreur joyeuse et aveugle de l'âme, a laquelle la fortune n'accorde pas une longue durée. Dans les riantes plaines du Mondego, dont les eaux recueillaient les pleurs echappés a tes beaux yeux, tu enseignais aux montagnes et aux prairies le nom, que tu portais gravé dans ton cœur.

[1] «Hieronimo Corte Real demeure un grand poète, et un poète original; mais savez vous comment il le devint? Comme le divinrent plus tard Shakespeare et Calderon, qui le depassent de si loin, comme l'a peut-être eté Homère, en ecoutant les soldats et les voyageurs, en répétant les paroles du peuple; poète enfant, lui veut qu' on l'amuse précisément des recits qu'il a le plus souvent entendus.» F. Dinis. *Chroniques Cheval.*, tomo II, pag. 86..

La te répondaient de ton prince bien-aimé les doux souvenirs qu'il gardait en son âme, et ces souvenirs, ils te rappelaient perpétuelment a ses regards, quand il était enchainé loin de tes beaux yeux: la nuit, durant le doux mensonge des rêves, le jour en des pensées fugitives mais toujours renaissantes; enfin tout ce qu'il pensait, tout ce qu'il voyait, tout le conviait a l'allégresse.

Il refuse l'union ambitionnée des dames les plus belles et de celles même qui portent le titre de princesse; oui, divin amour, tu rejettes tout le reste avec mépris, quand une grâce enchanteresse t'a subjugué. Son vieux père, témoin de cette étrange passion, et voulant respecter les murmures du peuple et la volonté de son fils, qui repoussait toute proposition d'hyménée, son vieux pére, pour l'arracher Inez, décide d'arracher celle-ci au monde.

Il pense que le sang répandu par l'implacable mort pourra seul éteindre les feux dévorants de cet invincible amour. Quelle fureur a pu le porter a lever contre une faible dame cette noble épée qui put soutenir le poids terrible de la rage des Maures?»

.....

87) FREIGIUS (JEAN THOMAS).

T. — *Historia de bello Africano, in quo periit Sebastianus Portugalliae rex anno 1578 una cum ortu et familia Regum Africanorum nostri temporis ex Lusitano sermone in Latinum translata.* Noribergae 1581.

88) FUESS (P. LEOPOLDO). — Confessor da rainha D. Maria Sofia Isabel de Neoburg.

T. — *Rosa mystica, sive de excellentia, vi et virtute admirabili ejus precatoriae Coronae vulgo Rosarii: Augustae Vindilicorum apud Joannem Cusparum Bencard*, 1604, 4, São os Sermões que se encontram na *Rosa Mystica* do padre Vieyra, impressa em Lisboa 1686-1688, 2 tom. Porém os ultimos cinco foram traduzidos pelo padre Jacobo Boschio.

II. *Xaverius dormiens et experrectus. Augustae Vindilicorum, apud Joannem Cusparum.* Bencard 1704. (É o Xavier dormindo e accordado do padre Vieyra.)

89) GABRIEL (G.)

T. — *Nuevo scoprimento del Gran Catayo ó regno del Tibet da Antonio de Andrada reccato nell' Italiano da —. Neapoli* 1627, Roma, 1627.

90) GARCEZ (HENRIQUE)

T. — *Los Lusiadas de Luys de Camones traduzidos de Portugues en Castellano por —. Dirigidos a Philippo Monarcha Primero de las Españas y de las Indias.* En Madrid. Impresso con licencia en casa de Guilherme Droy empressor de libros. Año 1591.

91) GARNIER (P).

T. — I. *Anatomie Pathologique et symptomalogie de la fièvre jaune, qui a regné a Lisbonne en* 1857. *Traduit du Portugais de P. F. da Costa Alvarenga.* Paris, 1861.

II. *Mémoire sur l'insuffisance des valvules aortiques et considerations generales sur les maladies du cœur. Du même auteur.* Paris, 1856.[1]

III. *Le Climat de Madère et son influence thereupatique sur la phtisie pulmunaire par M. F. A. Barral. Traduit du Portugais.* Paris, Chez J. B. Bailière et Fils, 1858.

92) GAZZANO (MIGUEL ANTONIO).

T. — *Le Lusiade o sia la scoperta delle Indie Orientali fatta da Portoghesi di Luigi Camoens, chamato per sua excellenza il Virgilio di Portogallo, scritta da esso celebre autore nella sua lingua naturale in ottava rima ed ora nello stesso mettro tradotta in Italiano da N. N. Piemontese.* Torino 1772.[2]

93) G. (D F. V. PRESBITERO.)

T. — *Tesoro de proteccion en la Santissima Virgen, ó estimulos de amor y devocion à la Madre de Dios Nuestra Señora. Escrito en portuguès por el P. D. Theodoro de Almeida, de la congregacion del Oratorio de San Felipe Neri de Lisboa, de la Academia real de las ciencias, de la Sociedade real de Londres y de la Viscaya.* Madrid, 1797, imprenta real.

94) GIBBS (JAMES) *The history of the Portuguese during the reign of Emanuel, containing all their discoveries, from the coast of Africk, to the farthest parts of China, their battles by sea and land, their sieges and other memorable exploits, with a description of those countries and a particular account of the religion, government and customs of the natives... written originally in Latin by Jerome Osorio... now first translated into english by —.* London, 1762, 2 vol. 8.º

[1] Na *Gazeta Medica de Bourdeaux*, N.º 18, de 1876, acham-se, entre outros elogios, os segunintes, feitos ao sr. Alvarenga: «N'este ultimo trabalho do sabio professor portuguez encontram-se as eminentes qualidades, que distinguem todas as suas obras, precisão rigorosa dos factos, justeza das deducções, e disposição clara e methodica. O dr. Alvarenga tem publicado consideravel numero de trabalhos, que lhe deram grande notoriedade. Estes numerosos trabalhos demonstram o zelo e o ardor infatigavel, com que este distincto professor prosegue incessantemente nas suas investigações scientificas. Recentemente tivemos a honra e a fortuna de conhecer pessoalmente o sr. Alvarenga de passasagem por Bordeaux, e pudemos reconhecer que n'elle as qualidades de homem da sociedade não cediam em nada ás do sabio. Tão modesto, quanto instruido, cheio de urbanidade e de cortezia, o dr. Alvarenga faz a maior honra à medicina portugueza, de que é sem contestação o representante mais auctorisado entre nós.»

[2] «N'um auctor fecundo cada situação, cada facto recorda uma multidão de idéas e de sentimento, e quando esse auctor possue ao mesmo tempo gosto e arte, esses sentimentos tomaram a idéa principal: d'esta maneira, quando o Camões pinta a partida de Vasco da Gama e seus companheiros para uma navegação aventurosa, os representa preparando-se para a morte com orações, e acompanhados pelas procissões religiosas, que por elles fazem votos: pinta o tropel, que enche as praias, repete os discursos da mãe ao filho, que vai partir, da esposa ao esposo, do prudente velho, que discerne as causas e consequencias de tão vasta empreza, e a vaidade da gloria, e os desastres que acompanham as conquistas: isto é mais alguma cousa do que narrar um embarque.»

J. B. Say. Passagem citada no *Panorama*, vol. V. pag. 168.

95) GIL (ISIDORO).

Traduziu em hespanhol o *Bernal Francez de Garrett*, e publicou a versão no jornal de Madrid *El Laberinto*. 1845.

96) GIL (LAMBERTO). — Penitenciario en el real Oratorio del Caballero de Gracia de esta Corte.

T. — *Los Lusiadas, Poema epico de Luis de Camoens, que tradujo al castellano*. Tomo 1.º Madrid 1818, 8.º 383 pag. — 2.º 285 — 3.º Poesias varias e rimas, 335. Imprenta de D. Miguel de Burgos.

Versão do episodio de D. Ignez de Castro

Pasada esta tan prospera victoria,
tornando Alfonso à su querida tierra
à gozar de la paz con tanta gloria
cuanta supo ganar con dura guerra;
el caso triste y digno de memoria,
que al vivo espanta y al difunto atierra,
à una infelice sucederle acierta,
que reina fué despues de ser ya muerta.

Tu solo! oh puro Amor! tu solo, cuya
fuerza à los corazones tanto obliga,
diste causa à la cruda muerte suya
como si fuera pérfida enemiga.
Si dicen, fiero Amor, que la sed tuya
ni con lágrimas tristes se mitiga,
es porque quieres! oh deidad tirana!
tus altares bañar con sangre humana.

Estabas, bella Ines, puesta en sosiego,
y el dulce fruto de tu edad cogias,
con un engaño de alma alegre y ciego
que habia de durar mui pocos dias.
En la florida vega de Mondego,
que regar con tus lagrimas solias,
le hacias repetir al monte y prado
el nombre que en tu pecho está grabado.

De tu príncipe alli te respondian
las memorias que el alma te llenaban,
y presente a sus ojos te traian
siempre que de los tuyos se apartaban:
de noche en dulces sueños que mentian,
de dia en pensamientos que volaban;
y en fin cuanto el pensaba y cuanto via,
era todo memorias de alegria.

De la dama mas bella y mas amable
el deseado tálamo no aceta:
pues amor todo lo hace despreciable
si à un bello rostro al hombre lo sujeta.
Considerando el padre inexorable
cuanto murmura el pueblo, à quien respeta;
y el obstinado empeño y fantasia
del hijo, que casarse no queria:

Sacar á Ines del mundo determina
por libertar al hijo en su amor preso:
esperando con muerte tan indina
matar su firme amor, y darle seso.
¿Qué furia consintió, que espada fina,
capaz de sustentar el grave peso
del furor Moro, fuese levantada
contra una dama fragil, *delicada?*

Ya los verdugos ásperos y atroces
la presentan al Rey yá enternecido:
mas con razones falsas y feroces
el pueblo le cerró el piadoso oido.
Ella con tristes y piadosas voces
nascidas del amor que habia tenido
al principe y los hijos que dejaba,
que esto mas que la muerte la angustiaba;

Al cielo cristalino levantando
con lágrimas los ojos amorosos,
los ojos, pues las manos le iba atando
uno de los ministros rigurosos;
y despues sus hijuelos contemplando
tan tiernos, tan queridos, tan hermosos,
cual madre que su pérdida sentia,
al abuelo cruel asi decia:

«Si hasta las fieras brutas, cuya mente
hizo natura cruel de nascimento,
y las aves, nascidas solamente
para buscar matando su alimento,
con niños desvalidos, vió la gente
que han tenido piadoso sentimiento;
como con Semiramis lo mostraron,
y con los dos que á Roma edificaron;

Tu, que de humano tienes el aspeto
(si de humano es matar una doncella,
porque á su ardiente amor está sujeto
el pecho que logró rendirla á ella),
de estos niños siquiera ten respeto,
ya que no te hace ni desgracia nella:
muévate la piedad que nos disculpa,
pues no te mueve el ver que estoy sin culpa.

Y si á la infame mora resistencia
la muerte sabes dar con fuego y hierro;
sabe tambien dar vida con clemencia.
á quien para perderla no hizo yerro.
Ó, si te lo merece mi inocencia,
pónme en perpetuo y misero destierro,
allá en la Escitia fria, ó Libia ardiente,
donde en lagrimas viva eternamente.

Pónme do mayor sea la fiereza:
ó entre leones y tigres: pues yo espero,
que en ellos he de hallar ménos dureza,
que en esto pueblo atroz y carnicero.
Allí, amando constante y con firmeza
al príncipe adorado por quien muero,
criaré estes sus hijos, que aqui viste,
consuelo extremo de una *madre* triste.»

Queria perdonarla el rey benino,
que está de estas palabras lastimado;
mas el pueblo enconado, ó su destino
que asi lo quiso, no la ha perdonado.
Echan mano al acero puro y fino
los que por bueno dan este atentado:
¿contra una dama, pechos carniceros,
quereis mostraros bravos y *guerreros*?

Como contra la hermosa Polixena
(porque el alma de Aquiles inhumana
á no debida muerte la condena)
Pirro alzó con furor la mano insana;
mientras ella de amor y candor llena,
abrazando á su triste madre anciana
que con el caso acerbo se enloquece,
al duro sacrificio el cuello ofrece:

Asi de Ines los duros matadores
en el eburneo cuello (donde estaba
a gracia con que Amor mató de amores
al que despues por reina la juraba)
su acero bañan y las blancas flores
que con su proprio llanto ella regaba:
y se encarnizan férvidos y airados,
del futuro castigo descuidados.

De escena tan atroz, Sol, bien pudieras
los ojos apartar en aquel dia,
cual de las mesas de Tieste fieras,
cuando sus proprios hijos se comia!
Vos, valles, que escuchasteis las postreras
voces que articuló su boca fria,
el nombre de don Pedro, que le oisteis,
por espacio mui largo repetisteis.

Como rosa del campo, que cortada
antes de tiempo fué, candida y bella,
siendo por la muchacha maltratada,
que la cabeza se adornó con ella,
pierde el olor y queda marchitada;
tal estaba la palida doncella,
sin las rosas del rostro, y ya perdida
la blancura admirable con la vida.

Las hijas de Mondego, aquella oscura
muerte por mucho tiempo la lloraron;
y por memoria eterna, en fuente pura
las lágrimas lloradas transformáron;
y el nombre le pusieron, que aun le dura
de amores de su Ines que alli pasaron.
Mirad que fuente riega aquellas flores,
pues es el agua llanto, el nombre amores!

Conteem o primeiro e segundo volume:

1.º Prologo do traductor. Faz uma resenha das traducções que em diversas linguas teem apparecido dos *Lusiadas*, e affirma que as traducções antigas hespanholas são defeituosas parecendo que aquelles que as fizeram, muitas vezes não intendiam o poeta.

2.º Vida de Luiz de Camões. «Parece que assim como a sorte destinou Camões para que fosse sempre a admiração de todas as nações cultas, assim tambem dispoz que fosse constantemente esquecido por seus compatriotas.»

3.º Juizo critico dos *Lusiadas*. «Onde Camões nos deu a verdadeira medida

da ternura de seu coração foi no episodio de D. Ignez nunca assaz celebrado. Não é possivel conter o pranto ao ler a maviosa e pathetica narração d'aquella morte, tão injusta, como cruel, que a eloquencia de Camões soube tornar tão celebre. Todos os corações ternos, todas as almas sensiveis, que quizeram tratar do mesmo assumpto, tiveram de dirigir-se ao cantor do Tejo e do Mondego, para se compenetrarem bem dos sentimentos, que queriam communicar a seus leitores. Se Ferreira em Portugal, Bermudez na Hespanha, La Mothe na França, Colomes na Italia com suas tragedias fizeram derramar ternas lagrimas dos olhos de todos os ouvintes, é porque foram beber ao canto III dos *Lusiadas*, devendo confessar-se para gloria de seu autor que todos juntos não teem podido esgotar a fonte de sensibilidade, e de dor que alli encontram.»

4.º Historia da viagem de Vasco da Gama á India.

5.º Traducção do poema, acompanhada de annotações no fim de cada volume.

O tomo 3.º é destinado para a traducção de 96 sonetos, 1 parafrase, 5 eglogas, oitavas a Santa Ursula, 3 canções, 5 odes, 5 elegias, 2 sextinas, 1 estancia, 11 motes e glosas, 1 endecha, 2 redondilhas.

97) GILLON (HEC).

T. — *Reglement consulaire portugais mis en vigueur par decret de 26 novembre de 1851, traduit par* —. Lisbonne, 1875.

98) GIOTA (LIVIO).

T. — *Raggioni del ré di Portugallo D. Giovanni IV. col stablimenti fatto nell corti dalli tre stati di quel regno, et alcune allegationi giuridico politicho, con le quali si prova, che il suo ambasciatore mandato in Roma deve esser accettato dal Pontifice. Tradotto della lingua Portughese n'Italiana. Da* — Lisbonna, 1642.

99) GIOVANNI CARCIATTO. — Natural de Turim, professor de italiano em Lisboa.

Tem no prélo, n'esta ultima cidade, uma versão para italiano da *Morgadinha dos Canaviaes*. E já muito adiantada para o mesma idioma a traducção do *Retrato de Ricardina*, romance do sr. Camillo Castello Branco.

Tem o sr. Giovanni os maiores desejos de que a litteratura portugueza seja conhecida na Italia.

100) GLEN (JEAN BAPTISTE).

T. — *Histoire Orientale des grands progrès de l'Eglise Catholique Apostolique et Romaine en la reduction des anciens chrestiens dits de Saint Thomas. Conversion encore des mahometans, mores et payens par les bons devoirs du rarissime et illustrissime seigneur don Alexis de Meneses, composée en langue Portugaise por Antoine Gouvea, et puis mise en espagnol par François Munez et tournée en français par* —. Bruxelles, 1609. Anvers, 1609. Cologne, 1611.

101) GODEAU (EVÊQUE DE VENCE).

T. — *Abrégé des maximes de la vie spirituelle recueilli des sentiments des pères et traduit du latin de D. Barthelemi des Martyres etc. avec l'eloge du même par* —. Parisiis, 1699.

102) GODEAU (MICHEL).

T. — *Compendium spiritualis doctrinae a D. Bartholomeo a Martyribus.* Paris, 1699.

103) GRAND (JOACHIM LE —).

T. — *Jerome Lobo. Relation historique d'Abissinie. Traduite du Portugais, continuée et augmentée de plusieurs dissertations, lettres et memoires par —.* Paris, 1728. Amsterdam, 1728.

104) GRAND (MONSIEUR L'ABBÉ LE).

T. — *Histoire de l'Isle de Ceylan, ecrite par le Capitaine J. Ribeyro, et présentée au Roi de Portugal en 1685. Traduite du Portugais par —.* Eurichie de figures en Taille-douce. Suivant la Copie de Trevoux. A Amsterdam Chez J. L de Lorme, Libraire, 1701, 8.º 352 pag.

1.ª estampa representa a arvore da canella. — 2.ª a arvore chamada talagaia. — 3.ª vista de Colombo, conforme se achava na epocha, em que pertencia aos portuguezes. — 5.ª A ponta de Gale. — 6.ª Bahia de Triquinimale e de Cotiari. — 7.ª Ilha de Manar. — 8.ª Plano da cidade e castello de Kandi, capital da ilha de Ceilão.

A dedicatoria d'este livro é dirigida á Condessa d'Ericeira. Nella diz o traductor: «Senhora! Teria desejado bem offerecer a V. Ex.ª uma obra que lhe desse maior honra, e que fosse mais agradavel ao publico, do que esta. E teriam sido cumpridos meus desejos, se V. Ex.ª me tivesse concedido licença de trazer para a França as cartas que a fallecida Rainha de Portugal Maria de Saboia vos escreveu, e as respostas, que vós lhes déstes. Por ellas se viria no conhecimento de quanto esta Rainha tão grande em todos os estados de sua vida vos honrava.... Conheço bem a pouca proporção, que existe entre tantas virtudes, e a obra que tomo a confiança de vos offerecem. Mas como todas as memorias, que eu trouxe de Portugal, vos pertencem, pois foi V. Ex.ª que mas obteve, espero que não desaprovará que eu procure pagar uma parte do que lhe devo, etc.»

Esta obra não consiste apenas na traducção, pois é augmentada com muitas addições, que o traductor colheu em varios escriptos.

105) GRANDMAISON (F. A. PARCEVAL).

T. — *Les amours epiques. Poème en six chants. (Camoëns V Lusiada).* Paris, 1824. Ibid. 1836.

«Esta obra compõe-se de differentes episodios ou imitações dos epicos Homero, Virgilio, Ariosto, Milton, Tasso e Camões. O auctor suppõe que estes poetas se reunem nos Campos Elysios, e cercados dos manes repetem entre si uns aos outros os cantos, que n'outro tempo tinham composto sobre o amor. O ultimo canto, o VI, é reservado a Camões, que o auctor elogia, e emparelha com Ariosto e Tasso:

Le brillant Camoens l'Ariosto et le Tasse,
.....
Rivalisant d'éclat, de fraicheur, et de grace
Des riche fictions ayant cueilli les fleurs
Partagerent le prix de leurs vers enchanteurs.

Esta poesia foi lida a Napoleão no Instituto do Cairo, e applaudida por este imperador. [1]

106) GRAPPIN.

T. — *Abregé du traité du pouvoir des evêques par le Pere Antoine Pereira* An XI.

107) GROUCHY (NICOLAS DE). — Erudito francez nascido em 1520 e fallecido em 1572. Ensinou philosophia e grego em Bordeaux, Paris e Coimbra.

T. — *Histoire des Indes de Portugal, contenant comment l'Inde a esté (sic) decouverte, par le commandement du Roy Emanuel, et la guerre que les capitaines Portugalois ont menée pour la conqueste dicelles, faict par Fernand Lopez de Castañeda, et traduit de Portuguès en François par* —. En Anvers, par Jehan Steelsius à lescu de Bourgoigne lan 1554, avec privilege imperialle, 8.°, 211 folhas.

Depois do rosto vem o privilegio, e na folha seguinte a dedicatoria ao muito nobre e virtuoso senhor Carlos Martel senhor de Baqueville.

N'esta dedicatoria diz o traductor que uma das difficuldades para a versão era ser a lingua portugueza *assaz rude e mal polida, e o escriptor portuguez Castanheda ter mais experiencia que saber, principalmente em lettras humanas.*

Segue-se uma carta de Lamare, visconde do Ducado de Longueville ao leitor recommendando a leitura dos livros de viagens.

Este volume contém apenas (em typo muito miudo) o primeiro livro da *Historia da India.*

Ha um exemplar d'esta obra na Bibliotheca Publica de Lisboa.

Firmin Didot a pag. 222 do tom. XXII da *Biographie Universel*, falla-nos d'uma edição de Paris em 1553 em 4.°, e d'outra d'Anvers em 1576 tambem em 4.° não fazendo menção d'esta, cujo rosto aqui apparece copiado.

É indubitavel a existencia da versão italiana da *Historia da India* por Castanheda, pois R. W. Ellis, de Dawlish (S. Devou — Inglaterra) possue um exemplar.

108) GUARNIERI (D. GIO. ORENZO).

T. — *La famosa Grammatica del P. Emmanuel Alvarez volgarizzata da* —. Nova impressione. Venezia, per Giacomo Tomasini, 12.°, 1723.

Áquellas pessoas que julgam ter a grammatica do padre Monoel Alvares sido completamente bannida do ensino, recommendo que vão ver a luxuosa edição d'ella feita em Paris no anno de 1859, em 4.° grande, pelo editor Adrien Le Clerc, e da qual existe um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

109) GUZMAN (ALEX. DE).

T. — *Historia del predestinado y su humano prescito; compuesto en lengua portuguesa por A. de G. de la Compañia de Jesus, y tradusida por outro de la misma Compañia.* Cordoba, 18.°

[1] Sr. Visconde de Jorumenha.—*Obras de Camões*, vol. I. pag. 239.

110) **HARPE [1] JEAN FRANÇOIS DE LA).**—Celebre critico Francez, e autor d'um Curso de Litteratura. Nasceu em Paris no anno de 1739 e falleceu em 1803. [2]

T. — *La Lusiada de Louis Camöens; Poëme Héroïque en dix chants, nouvellement traduit du Portugais, avec des notes et la Vie de l'Auteur*. A Paris. Chez Nyon ainé, 1776, 8.º Tomo 1.º 320 pag. Tomo 2.º 291. Começa esta obra por uma advertencia do livreiro, na qual declara: Que esta traducção é obra d'um escriptor muito conhecido; e que fôra feita sobre uma versão litteral do *texto portuguez*, versão composta com todo o cuidado e toda a exactidão possivel por um homem muito versado na lingua de Camões. Propondo-se o novo traductor a animar com o fogo da poesia esta versão escrupulosamente fiel.»

Segue-se a vida de Camões, e a esta o juizo critico dos *Lusiadas*.

«Não ha nos *Lusiadas* nem acção, nem caracteres, e por conseguinte nenhum interesse. É toda a historia de Portugal contada em episodios, que se succedem aborrecidamente, e que muitas vezes são mal fundados.»

Apoz isto vem a explicação das estampas dos *Lusiadas*.

A 1.ª representa: Desembarque dos portuguezes em Moçambique, e Venus no Ceo protege-os. — 2.ª Audiencia do rei de Melinde aos portuguezes. — 3.ª Morte d'Ignez de Castro. — 4.ª Nomeação de Vasco da Gama para chefe da expedição. — 5.ª Apparição do gigante Adamastor. — 6.ª Tempestade suscitada por Baccho. — 7.ª Entrevista de Vasco da Gama e do Çamorim de Calicut. —

[1] «Mr. de la Harpe, que adquiriu uma grande reputação pelas suas obras em Litteratura teve o valor de confessar que ignorando a lingua portugueza, composera sobre uma versão interlineal e litteral aquillo, a que elle quiz chamar traducção de Camões. Porém Mr. de la Harpe não se limita a traduzir; depois de annunciar que a versão sobre que trabalha he escupulosamente fiel, e que sómente quizera animal-a com o *fogo* da *poesia*, adverte que ajuntará notas criticas á sua traducção, nas quaes com effeito se abalançou a fazer juizos sobre o original. «Camões, diz elle não tem imaginação, que pinta.» A's pessoas eruditas o de bom gosto pertence avaliar a opinião de mr. de la Harpe, pronunciando que Camões não era dotado da imaginação, que inventa, etc.» Antonio de Araujo de Azevedo. Memoria em defeza do Camões contra mr. de la Harpe, *Memorias de Litteratura da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. tom. VII.

«Ambos os trechos, o pathetico episodio de D. Ignez de Castro, e a magestosa ficção do gigante Adamastor, foram mal vertidos por differentes traductores, mas por nenhum tão infiel e friamente, como por mr. de la Harpe. Por exemplo no III Canto dos *Lusiadas* Vasco da Gama refere a el-rei de Melinde a Historia de Portugal. Tendo fallado d'el-rei D. Affonso IV e de seus triunfos sobre os moiros, eis que lhe vem á lembrança as desgraças, e os amores de D. Ignez de Castro: então deixa o tom de historiador, e empreende aquella funesta narração com uma apostrophe ao Amor, seguida immediatamente de outra á mesma Ignez: Gama se esquece do que falla a el-rei de Melinde: entregue á lembrauça de Ignez dirige a ella mesma o seu discurso *Estavas linda Ignez posta em socego etc*. Ex-aqui o que se deve chamar fogo e movimento de poesia.

«Mr. de la Harpe faz desapparecer de todo estas transições verdadeiramente poeticas. No seu livro, Gama conta a historia lamentavel de Ignez, como contaria qualquer outro facto, e como referira havia pouco os outros da historia da sua patria; e eis-aqui o que se deve chamar seccura e frieza.» Idem. pag.

[2] Firmin Didot. — *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. XXVIII, pag. 877.

8.ª O Çamorim consulta seus idolos a respeito dos motivos da viagem dos portuguezes ao Malabar. — 9.ª Ilha dos Amores. — 10.ª Thetis prediz as conquistas dos portuguezes.

Il se plongea soudain dans ces roches bruyants,
Où le flot va se perdre, et mugit renfermé.
L'air parut s'embraser, et le roc se dissoudre,
Et les traits de la foudre
Éclatèrent trois fois sur l'ecueil enflammé.

Existe ainda uma outra edição feita no mesmo anno de 1776, em Paris [1] e outra na mesma cidade no anno de 1813.

111) HAKLUYT (RICHARD).

T. — *The discoveries of the World from their first original unto the year of our Lord 1655 by Antonio Galvano, governor of Ternate.* London, 1601.

A new edition reprinted with the original Portuguese Text and edited by Vice Admiral Bethune. London, 1862.

112) HARRIS (Mr)

T. — *A translation of the episode of Ignez de Castro.* Porto, 1844, Sahiu anonyma.

113) HARTWELL (A).

T. — *A report of the kingdom of Congo, a region of Africa and of the countries that border round about the same with description of its rivers, inhabitants, plants, fishes etc. by Lopez, and translated by —.* London, 1597.

114) H. C. GENT.

T. — *The voyages and adventures of Fernand Mendez Pinto, A Portugal: during his travels for the space of one and twenty years in the kingdoms of Ethiopia, China, Tartaria, Conchinchina, Calaminham, Siam, Pegu, Japan, and a great part of the East Indies. With a relation and description of most of the places thereof; their religion, laws, riches, customs, and Government in time of peace and war. Where he five times suffered Shipwrack, was sexteen times sold and thirteem times made a Slave. Written originally by himself in the Portugal Tongue, and dedicated to the Majesty of Philip King of Spain. Done into English by —.* London, 1653, fol. 326 pag. Ha um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

115) HEEMANS (MRS FELICIA).

T. — *Translation from Camoens and other poets with original Poetry by —,* Oxford. 1818. in 8.º

Suas traducções consistem em 15 sonetos, uma parte da egloga XV, algumas redondilhas, e parte do episodio de Adamastor. [2]

116) HEINE. (G. VON).

T. — *Eurich der Priester der Gothen von A. Herculano aus dem Portugie-*

[1] An extensive and unique Collection of various editions of the rimas; obras and Lusi des in the original Portuguese and other languages. London, 1875. pag. 7.

[2] Jorumenha I. pag 276.

sischen ubersertzt. Leipzig. F. a Brockaus, 1847. 8.º, VIII. 184 pag. (Eurico o Sacerdote dos Godos por.)

É uma traducção com córtes consideraveis, sobre tudo nos primeiros capitulos. Devo esta noticia ao autor dos *Musicos portuguezes*, o Ex.mo Sr. Joaquim de Vasconcellos, de quem o leitor mais adiante ha de encontrar noticias mui apreciaveis ácerca das obras portuguezas vertidas para allemão.[1]

117) HEISE (Dr. C. C).

T. — *Deutsch Lusiada.* Hamburg und Altona, 1806, 2 vol.

118) HENRY (WILLIAM JOHN CHARLES).

T. — *The Truth by Field Marshal the Duke of Saldanha. Translated from the portuguese.* London, 1872, 12.º, 134 pag.

O traductor d'esta obra assigna-se ás vezes em portuguez Henrique Guilherme. É secretario do sr. conde da Carnota e author da *Guia do Viajante na Europa*, obra que escreveu em portuguez.

119) HERBERAY (NICOLAS DE). — Seigneur dns Essars.

T. — *Le premier livre de Amadis de Gaule, traitant de maintes avantures d'armes et d'amours, qu' curent plusieurs Chevaliers et dames, tazt du royaume de la grand' Bretaigne que d'autres païs: Traduit nouvellement d'Espagnol en François, par le — Aveq' privilege du Roy.* A' Paris. Pour Jan Longis Libraire, tenant sa boutique au Palays en la galerie, par ou l'on va à la Chancelerie, 1548, fol., CL folhas. — Second livre, 1541, LXXXVI folhas. Tiers livre. 1547, XCIII folhas.

Existe um exemplar na Bibliotheca publica de Lisboa.

120) HEZECQUES (RAYMOND DE).

T. — *Doctes et rares sermons pour tous les jours de Carême prononcés en*

[1] «Ου μετρίως ἡμᾶσ ηνίασε τα υμετερα γράμματα, οἷς Αλεξανδρον τον Ερκουλανον τετελευτηκότα ἡμῖν δηλοῦτη. Ἄνδρες γαρ, οἷος ὁ κλεινός οὗτος τῆς Λυσιτανιας πεφηνε γονοσ, λογοις τε και σοφια, κεκοσμενοσ ἀμφιλαφεῖ καί πειστους ταυτη ωφελησας, οὐχ ὅτι τοῖς περί λογους ἐσπουδακόσι καί φιλεπισ τημοσιν, αλλά και πᾶσι τοις ἀνθροποις, ζῶντεσ μέν προσφιλεις ἐικοτως ἐισι καί οικεῖοι και τιμιοι, τον δε βιον μεταλλάξαντεσ, δυσπαραμοθητου λυπης αιτιοι γιγνονται καί ποθον ἑαυτῶν τοις επιβιοῦσι καταλειπουσι μέγον.....»

Τῷ μεγαλοπρεπει Πρυτανει καί τῳ σεμνοτατῳ Συμβουλίω της ἐν Ολυσσιπωνι της Λυσιτανιας βασιλικης Ακαδημιας τῶν επιστημῶν ο Πρυτανις και η Σύγκλητος της εν Αθηναις ελληνικης Ακαδημιας.»

(Affligiram-nos em summo grau as vossas lettras, nas quaes nos informastes que se tinha finado Alexandre Herculano. Pois varões taes (qual se mostrou este famoso, natural da Lusitania, possuindo em alto grau o condão do talento e da sabedoria, o estribado n'esta, sendo util já não digo aos cultores das lettras e prezadores das sciencias, mas em geral a todos) proveitosos em geral a cada um em quanto vivos, consideram-se como pessoas da familia, e são honrados E quando trocam a vida, convertem-se em motivo de pungente pranto, e deixam de si grande saudado...)

Ao magnanimo Prytaneo e ao congresso o mais venerando, o da Academia Real das Sciencias em Lisboa, o Prytaneo e Congresso da Academia grega em Athenas.)

Portugal par R. P. F. Antoine Feo. Nouvelle traduction en François par —. Paris, 1618.[2]

121) HERNANDES (D. PEDRO GERONYMO Y MARZ).

T. — *Opusculo hispano latino mariano jacobeo por la tradition de la historia, en que se afirma la venida de N. Señora en carne mortal á la ciudad de Zaragoza a visitar el apostol Santiago el maior etc. Traducida de portugues en español con observaciones latinas à los anagramas latinos sobre la salutation angelica y la antifona Salve Regina —.* Madrid, off. de Juan Zuniga.

122) H. (F. V.)

T. — *Leven en Bedryf van Koning Emanuel van Portugael vit het Latyn dan Hieronimus Osorius. Binchop van Sylvas vertaelt door. F. V. H.*

Hot. Rotterdam by François van Hoogstraeten. 1663, 2 vol. I 12.° 706 pag. É a vida d'el-rei D. Manoel em hollandez. Termina este volume com uns versos em latim e hollandez em honra d'el-rei D. Manoel.

2.° 702 pag. B. P. L. Pertenceu este exemplar a D. José Barbosa.

123) HORTADO (LUIZ).

T. — *Libro del muy esforçado cavallero Palmeirim d'Inglaterra.* Toledo; 1547, 1548. V. Benjumea.

124) HUGHES (F. M.)

Na sua obra intitulada *The Ocean Flower* apresenta a traducção ingleza de algumas poesias portuguezas, as quaes são:

Francisco Manoel do Nascimento. A Ode

«Juntando as pontas da eburnea lira
Tiraste sem cessar flechas a Nize, etc.

Idem. A Ode

Onde me sobes Musa?
Em que acceso licor me embebes a alma!

Diz *Hughes.* — Não accredito que em lingua alguma, antiga ou moderna, se possa encontrar uma ode mais bella do que esta.

Epigramma.

Quando o Cantor de Thracia, o Orpheu divino
Ás pousadas desceu do reino escuro

Bocage. — Diz d'elle: Que foi talvez o melhor improvisidor, que o mundo produziu; um admiravel mestre de linguagem, e na suavidade de versificação talvez egual a Camões.

Dysticho.

Dize-lhe então, soltando
Os derradeiros ais

Soneto.

Raios não peço ao Creador do mundo,
Tormentas não supplico ao Rei dos mares

E algumas satyras.

Nicolau Tolentino d'Almeida.—Traducção de algumas satyras.

[1] F. Denis—*Resumé de l'Histoire litteraire de Portugal*, pag. 613.

Garret.—Traducção d'um trecho do seu poema *Camões.*

A. F. de Castilho.—Uma passagem do seu *Amor e Melancolia.*

125) IGNACIO (LICENCIADO LUIZ). — Presbytero Castelhano.

T. — *Sermões (em castelhano) do P. Vieyra,* traduzidos do portuguez. 21 tomos em 8.º

1.º e 2.º, Madrid, por Manoel Ruiz de Murga, 1711. — 3.º Madrid, 1712. — 4.º 5.º 6.º Madrid, 1712. — 7.º por Agustin Fernandez, 1712. — 8.º 9.º por Manoel Ruiz de Murga, 1712. — 10.º Madrid. 1713. — 11.º 12.º Madrid, 1713. — 13.º Madrid, por José Rodriguez y Escobar, 1714. — 14.º Madrid, Manuel Ruiz de Murga, 1714. — 15.º 16.º 17.º Madrid. 1714. — 18.º 19.º 20.º Madrid, 1714. — 21.º Madrid, por Gabriel de Barrio, 1715. [1]

126) JAMET (ABBÉ J).

T. — I. *L'homme heureux dans toutes les situations de la vie, ou les aventures de Misseno. Poeme Portugais, composé par le Pere Theodoro de Almeida. Caen.* 1820.

II. *Trésor de Patience caché dans les plaies de Jesus Christ, du même auteur.*

127) JANT (JACQUES DE).

T. — *Le Meduse, bouclier de Pallas, ou défense pour la France contre un libelle intitulé Le Bouclier de l'Etat pour ce qui concerne le Portugais en France.* Dijon, 1786.

128) JANT (JACQUES DE).

T. — *Le Meduse, bouclier de Pallas, ou défense pour la France contre un libelle intitulè Le Bouclier de l'Etat pour ce qui concerne le Portugal. Traduction du Portugais en Français.* Dijon. 1786

129) JANTILLET (ALEXIUS CALLOTES DE).

T. — *Helvia obsidione liberata auspiciis Alphonsi VI serenissimi ac potentissimi Lusitanorum Regis duce Lusitani exercitus Antonio Ludovico Menesio Comite Cantaniedii ab arcanis Status et belli conciliis Regii Fisci Moderatore Supremoque in Curia Ulixsiponensi Oppido Cascasio et Extremadura Provincia Armorum Praefecto. Scripsit* —. Ulyssipone Apud Antonium Craësbeeckiu An. 1662. 8.º

Traduziu tambem a *Vida de Camões.* O original foi composto por Antonio Barbosa Bacellar.

Deserviebat annos post septem Jacob
Pastor, Labano bellae Rachelis patri etc.

130) J. C. (CH. ** D. E. S. R.)

T. — *Le Jésuite errant ou Lettres du père Alphonse, Jésuite Portugais au général de son Ordre á Rome, avec la réponse de ce dernier, sur la comparation de Lisbonne et ses effets. Traduit del'Italien, en, par le Ch.* ** Rome, 2 décembre de 1758.

131) JOHNSON (SAMUEL). — L L D.

T. — *A voyage to Abyssinia by Father Jerome Lobo, a portuguese missio-*

[1] Barbosa. — *Bibliotheca Lusitania.* vol. I. pag. 121.

nary Containing the history, natural, civil, and ecclesiastical of that remote and unfrequented country, continued down to the beginning of the eighteenth Century; with fifteen dissertations on various subjects, relating to the antiquities. government, religion manners, and natural history of Abyssinia, by M. le Grand. Translated from the french by — to which are added various other tracts by the same author, not published by Sir John Hawkins or Mr. Stockdale. London, Printed for Elliot, 1789, 4.°, 500 pag.

132) KULB (TH. H.)

T. — *Fernand Mendez Pinto's abenteuersiche Reise. etc.* Jene, 1868, XVI. 412 pag.

133) LACHER (P. F.)

T. — *Relation de la Province du Japon, du Malabar, de la Cochinchine, de l'Ile de Ceylon, et de plusieurs iles et royaumes de l'Orient. Escrite en Portugais par le P. F. Cardim, traduite en françois par —.* Tournay, 1645, 8.°

134) LAMPARTER (P. HENRIQUE).

T. — *Aerumnae Domini Nostri Jesu Christi. Opus Thomae a Jesu.* Munich. É a traducção da celebre obra *Os Trabalhos de Jesus.*

135) LANDRESSE.

T. — *Eléments de la Grammaire Japonaise du Père Rodriguez, traduit du portuguais par — precédés d'une explication de syllabaires Japonais, par Abel Rémusat. Ouvrage publié par la Societé Asiatique.*

136) LANSTRON (CARLS JULIUS). — Ecclesiastico, nascido em Gelfe no anno de 1811. [1]

T. — *Lusiaderne hieldedikt af Luis de Camoens oversattning fran originalat padess verslag af — Frota Sangen. Upsala,* 1838. É o primeiro canto dos *Lusiadas* em oitava rima.

137) LEIS (D. FERNANDO ROMERO DE).

T. — *Nuevo metodo para enseñar la geografia à los niños: escrito en portugués y francés por el P. D. Theodoro de Almeida. Puesta en castellano, y igualmente en francés por —.* Madrid, 1799. Imprenta del real Arbitrio de Beneficencia.

É um compendio composto por um portuguez pelo qual se ensinava no estrangeiro. Muitos outros se hão de mencionar n'outro logar.

138) LEOPOLDO (D. JUAN).

T. — *Vida y virtudes heroicas de la Augustissima Emperatriz Leonor Magdalena Theresa. Traducida de aleman en portugues por — y en castellano por un sacerdote secular.* Madrid, Imprenta de los herderos de Francisco de el Hierro, 1734.

139) LINCHTFIELD (N. L. NICHOLAS GENTIL).

T. — *The first book of the discoverie and conquest of the East-Indies by H. Lopes de Castanheda, and now translated into english by —,* London. T. Cast, 4.°, 1582.

140) LOBKOWITZ CARAMUEL (JEAN DE).

[1] Innocencio, vol. V. pag. 276.

T. — *Psalterio de D. Antonio rey de Portugal, en que confiesa a Dios sus culpas.* Bruxellas, 1635.

141) LORENZO (COMITE DE MAGALOTI).

T. — *Relazioni varie cavate de una traduzione dell'originale Portoghese del Nilo, y perche il Nilo inondi e metta sotto le campagne d'Egitto nei giorni del maggior caldo d'Europa etc.* Florença, 1693.

142) LOVEN (NILS). —Ecclesiastico, nascido en Reng no anno de 1796,

T. — *Lusiaderne hieltedickt af Luis de Camoens oeversat fran.º portugesisken i originalets versform af —.* Stockolm, 1839. É a traducção dos *Luziadas* em oitavas e annotada no fim.

143) LUCOTTE (L. DE CLARANGES).

T. — *Les Brahmanes par Francisco Luiz Gomes.* Lisbonne, 1870

144) LUNDBYE (H. V.)

T. — *Luis de Camoen's oversat af oct portugisiske ved —.* Kopenenhagen, 1828-1830, 8.º, 2 tomos. É uma traducção dinamarqueza dos *Lusiadas.*

145) MALDONADO (FRANCISCO DE HERRERA). — Licenciado.

T. — *Historia oriental de las peregrinaciones de Fernan Mendes Pinto, traduzida en castellano por —.* Valencia, 1645, fol. Tenho visto citadas edições de Madrid, 1620, fol. Ibid. 1627. Ibid. 1628, 4.º

146) MARSANGY (L. BONNEVILLE DE). — Avocat á la Cour de Paris.

T. — *De la proprieté litteraire chez les Romains par Levy Maria Jordão, avocat général á la Cour de cassation de Portugal, membre de l'Academie royale des Sciences de Lisbonne. — Traduit du portugais par —.* [1] Paris, 1862.

147) MARTINI (MARTIN).

T. — *Histoire Universelle de la Chine. Avec l'Histoire de la guerre des Tartares, contenant les revolutions arrivées en ce grand royaume depuis quarante ans: par —. Traduites en François, de Alvares Semedo, portugais.* Lyon, 1667.

Desta obra do Padre Semedo, escripta originalmente em portuguez, e vertida para hespanhol por Manoel de Faria e Sousa, se fizeram muitas traducções em varias linguas [2].

148) MAMIANI (P. LUIZ VICENTE). — Jesuita.

T. — *Prediche sopra gli Evangelii della Quaresima del P. Antonio Vieyra racolte dá dodici tomi delle sue prediche in forma d'un Quaresimale.* Roma, por Jorge Placho, 1707, 2 tom, 4.º

149) MARCHANT (DR). — Professeur á la faculté de médicine et membre effectif de la Societé des Sciences Médicalles de Bruxelles.

T. — *Remarques sur les ectocardies á propos d'une varieté encore non décrite, la trochocardie. Traduit du Portugais du Dr. Alvarenga.* Bruxelles, 1869.

[1] V. *Revue Critique de Legislation et de Jurisprudence*, tome XX. mai, 1862.

[2] *Imperio de la China*, Lisboa, 1731, na *dedicatoria a D. João V*, escripta por Miguel Lopez Ferreira.

150) MARAZZANO (FRANCISCO).

T. — *Vida del P. Gonçalo de Sylveira, martyr en el reino de Monomotapa.* 1615. T. Compans, pag. 128.

151) M. D. C.

T. — *Histoire de la conquete de la Floride, par les Espagnols, sous Ferdinand de Soto. Ecrite en portugais par un Gentil-homme de la ville d'Elvas. Par* —. Chez Denys, Thierry, á l' Enseigne de la Ville de Paris, 1675, 16.º 300 pag. e 24 não numeradas.

152) MEDICIS.

T. — *Direitos de D. Catherina de — á corôa de Portugal,* 103. pag.

153) M. C. G.

T. — *Ferrão (Silva). Code réglementaire du crédit foncier presente á la Chambre des Pairs de Portugal, traduit du portugais par-conseiller —, référendaire à la cour des comptes de France avec une introduction et des notes de M. Marton.* Bruxelles, 1858, 8.º

154) MEGE (ANTOINE JOSEPH).

T. — *Le psautier Royal. Traduction des psaumes d'Antoyne, roy de Portugal.* Paris, 1671.

155) MEINHARD (JOÃO NICOLAO).

Verteu em allemão os episodios de *D. Ignez,* e do *Adamastor,* que se publicaram no jornal *Gelehrte Beiträge zu den braunsuchweiger anreigen* 1762. [1]

156) MELLIN.

T. — Traduziu em lingua sueca as *Cartas de Echo a Narciso* do nosso illustre poeta Castilho. Dá-nos esta noticia a *Revista Universal Lisbonense* a pag. 48 do 1º vol.

157) MELLO (G. DE).

T. — *Le devoir des Pasteurs de D. Barthelemy des Martyres.* Paris, 1672.

158) MELLO (MANUEL PEDRO DE).

T. — *Mémoires sur l'astronomie pratique de feu J. M. da Rocha, Commandeur de l'Ordre de Christ etc. tradutes du portugais par* —. Paris, 1808.

159) MENESES (D. DIOGO DE).

T. — *Los cinco libros de la tercera decada de Barros.* Madrid, 1628.

160) MICHEL (FRANCISQUE).

T. — *Lettre d'un gentilhome portugais á un de ses amis de Lisbonne sur l'éxécution d'Anne de Boleyn, publieé pour la premiére fois avec une traduction française par* —. Paris, 1832.

161) MICKLE (WILLIAM JULIUS).

T.— I. *The Lusiad or the Discovery of India. An epic poem. Translated from the original Portuguese of Luis de Camöens. The second edition.* Oxford, 1778, 4.º gr. 496 pag., além de 236 em que se tracta de varios assumptos.

II. *The Lusiad.* — fifth edition. London 1877, revised by Richmond Hodges, M. C. P. Hon. Librárian to the Society of Biblical Archeology.

162) MILLIÈ (JEAN BAPTISTE JOSEPH). — Nasceu no anno de

[1] Sr. Visconde da Jorumenha.—*Obras de Camões.* vol. 1, pag. 292.

1772 em Baune, e falleceu no de 1826 em Paris. Depois de ter sido professor de humanidades no collegio de Juilly, entrou na administração das finanças, e no tempo de Napoleão I foi encarregado de organisar em Portugal as contribuições directas. [1]

T. — *Les Lusiades ou les Portugais. Poême en dix Chants par Camoens; Traduction de — revue, corrigée et annotée par M. Dubeux de la Bibliothéque Imperiale. Precedées d'une Notice sur la vie et les ouvrages de Camoens par M. Charles Magnin, Membre de l'Institut.* Paris, Charpentier, Libraire editeur, 1862, 8.º, 367 pag.

A 1.ª edição foi impressa em Paris, no anno de 1825. — 2.ª Paris, 1841. — 3.ª Paris, 1844.

163) MITCHELL (JOHN MURRAY).

T. — *Marath works composed by the Portuguese.* Bombaim, 1849.

164) MITCHELL (SIR T. LIVINGSTON. — K.[1] — D. C. L).

T. — *The Lusiad af Luis de Camoens closely translated, with a portrait of the poet, a compendium of his life, an index of the principal passages of his poem, a view of the Fountain of tears, and marginal and annexed notes, original and select. By —,* London, 1854.

165) MONGLAVE (EUGENE GARAY DE).

T. — I *Caramuru ou la découverte de Bahia par Santa Rita Durão.* Paris, 1829.

II *Palmeirin d'Angleterre. Chronique Portugaise par Francisco de Moraes.* Paris, 1829, 3 vol.

III *Correspondence de D. Pedro premier empereur du Brésil avec son pere, le roi de Portugal.* Paris, 1827.

166) MONGLAVE (E. DE) ET P. CHALAS.

T. — *Marilie. Chants elégiaques de Gongaza. Traduits du Portugais.* Paris, 1825.

167) MORAGO (FR. FRANCISCO).

Verteu para hespanhol os *Tratados quadragesimaes de Fr. Antonio Feyo.* Valladolid, 1614. [2]

168) MORALES (JUAN BAUTISTA DE).

T. — *Corte en Aldea y noches de invierno, de Francisco Rodrigues Lobo, de portugues en castellano por —.* Valencia, 1793, Imprenta de S. Fauli, 496 pag.

169) MORELET (ARTHUR).

T. — *Journal du voyage de Vasco da Gama en 1497, traduit du Portugais,* Lyon, 1864.

170) MURPHY (JAMES CAVANAH).

T. — *The history and description of the Royal Monastery of Batalha written originally in the Portuguese language by father Luis de Sousa, and translated in english with notes.*

[1] Firmin Didot.—*Nouvelle Biographie Universelle,* tomo XXXV pag. 538.
[2] Barbosa. — *Bibliotheca Lusitana,* vol. I, pag. 267.

Vem esta traducção na obra do traductor intitulada *Elevations and views of Batalha*, onde occupa de pag. 27 a 57.

171) MUSGRAVE (THOMAS MOORE).—Foi agente de paquetes em Lisboa.

T.—I. *D. Ignez de Castro. A Tragedy by Ferreira*, London.

II. *The Lusiad, an epic poem, by Luis de Camoens. Translated from the Portugueze.* London, John Murray, 1826, 8.º, gr. 585 pag. Traz o retrato de Camões desenhado por W. Skelton e o de D. Ignez de Castro, pelo mesmo. A traducção é offerecida ao Conde de Chichester. [1]

Segue-se um prefacio no qual o traductor declara que de bom grado escreveria a vida do poeta, se Mickle o não tivesse já feito, accrescendo a circumstancia de não se ter encontrado algum documento posteriormente, que elucidasse a vida de Camões, havendo ainda a este respeito muitas outras obras, como as de Adamson, Bouterweck, Sismondi etc., as quaes eram bem conhecidas.

«Seria realmente imprudente negar que independentemente das censuras que teem sido feitas ao machinismo mythologico de Camões haja alguns outros defeitos nos *Lusiadas*, os quaes difficilmente podem deixar de ferir a attenção dos mais indulgentes leitores do poema. Algumas vezes estão estes defeitos singularmente misturados com muita coisa, que póde justamente ser admirada. O episodio de D. Ignez de Castro em parte é bello; porém está estragado pela introducção de allusões as mais frias e desapropriadas. O genio do Cabo da Boa Esperança está revestido de portentosos terrores; mas se bem que seu aspecto é medonho, sua narração Titanica não desperta interesse. A Ilha dos Amores é encantadoramente descripta; mas a rica e agradavel vegetação, que a cobre, é de alguma sorte profanada pelas recreações figurativamente voluptuosas, das quaes a scena é composta. Nem se póde negar que as digressões historicas e geographicas nos *Lusiadas* occupam demasiada porção do poema, e que as varias citações classicas, nem sempre introduzidas com felicidade, algumas vezes apresentam as vãs pretenções de erudito, com exclusão das mais attractivas graças do poeta. É bem para lamentar ter Camões pedido emprestado tanto ao genio dos outros, quando com segura confiança, podia judiciosamente ter-se fiado no seu proprio.»

«Os ultimos cinco cantos foram submettidos á apressada, mas critica inspecção de Mr. William Lukin, no tino do qual depositou grande confiança.»

172) NAVARRO (DIEGO).

T.—*Primera parte de las Chronicas de la Orden de los frayles menores del Seraphico Padre San Francisco.* Villa de Alcalá. En casa de Juan Gracian. Año 1608. 2 vol. fol. O primeiro volume, que é o unico que possuo, tem 257 folhas.

173) NERVI (ANTONIO).

T.—I. *Lusiada di Camoens transportata in versi Italiani da —.* Stampe-

[1] Mr Ed. Quillinan avalia em muito pouco esta traducção.

ria della Marina e della Gazetta. Anno 1814, 8.º, 2.ª edição. Milano, 1821. — 3.ª Genova, 1824. 4.ª Napoli, 1828.

II. *I Lusiadi di Luigi Camoens. Nuova edizione correta ed accresciuta degli argomenti ad ogni canto.* Genova, 1830, 32.º, 1 vol. XX, 281 pag. 2.º vol. 264 pag. e mais 5 com indice, variantes e erratas.

III. *I Lusiadi di Luigi Camoens. Edizioni illustrata con note di D. B. Si aggiungono le notizie biographiche dell'Autore, varii cenni e giudizi intorno al Poema, e gli argomenti dei Canti.* Torino, 1847, 307 pag.

174) NIETO (DAVID).

T. — *Nôtitiae reconditae de processu inquisitionum in Hispania et Lusitania adversus illos, qui in carceribus illarum detinentur.* Londini, 1722.

175) NIÑO (FRAY JUAN).

T. — *Chronicas antiguas de la Orden de los frayles menores... del R. S. D. T. Marcos, Obispo del Puerto etc.* Tomo II. En Salamanca, en la Imprenta de Antonio Ramirez, 1626, fol. 548 pag.

No mesmo volume. — Segunda Parte, Salamanca por Antonio Ramirez. Año 1624, 239 pag.

3.º vol. Salamanca, 1570, en casa de Alexandre de Canova, (falto de rosto) B. P. L.

176) N. N. PIEMONTESE.

T. — *Lusiada. Tradotto in Italiano da —.* Torino, 1772, 8.º Parece que a traducção para Italiano, foi feita sobre a de La Harpe.

177) OGILVY.

T. — *History of China by Magalhains, translated by —.* London, 1688.

178) OLLOQUI (EMILIO). — Consul de Hespanha em Lisboa.

T. — *Fray Luis de Sousa. Drama historico en tres actos del Visconde de Almeida Garrett. Traducido por —.* Lisboa, Imprenta Nacional, 1859, 8.º gr.

179) ORSELLI (FERNANDO).

Verteu para italiano as *Meditações da Infancia e vida de Christo do nosso Bartholomeu do Quental.*

Foram impressas em Roma no anno de 1775, e dedicadas á Princeza Laura Catherina Altieri. [1]

180) PADILLA (Fr. PEDRO DE). — Carmelita.

T — *Verdadeira historia, y admirable successo del segundo Cerco de Diu, estando don Juã Mascarenhas por capitan, e governador de la fortaleza.* Compuesta por Geronimo Corte Real, y dirigido al Rey D. Sebastian, primero de este nombre. Traducido en lengua Castellana, por —. dirigido a Don Carlos de Alava. Com privilegio. Impresso en Alcalá de Henares en casa de Juan Gracian, 1597, 8.º, 360 folhas.

181) PADILLA (THOMAS).

T. — *Historia de las cosas d'Etiopia de Francisco Alvares.* Anveres, 1557. Çaragossa, 1561. Toledo, 1588.

[1] *Vida do padre Bartholomeu do Quental,* traduzida do italiano por Francisco Joseph Freire, pag. 54.

182) PAGGI (CARLO ANTONIO).—Filho do celebre pintor Genovez João Paggi [1] Dizem estava em Lisboa exercendo a profissão de medico.

T. — *Lusiada Italiana di — Nobile Genovese. Poema eroico del grande Luigi de Camoens Portoghese, Principe de Poeti delle Spagne. Alla Santitá di Nostro Signore Papa Alessandro Settimo. Lisbonna, con tutte le licence. Per Henrico Valente de Oliveira.* 1658, 1 vol. 12.º

Seconda Impressione emendata dagl'errori trascorsi nella prima, Lisbonna. Per Henrico Valente de Oliveira, 1659, 12.º

183) PAPILLAUD (HENRI ALMÉS LUCIEN).

T. — I. *Rapport sur la Statistique des hôpitaux de S. José, S. Lazaro et Desterro de Lisbonne. Traduit du Portugais du Dr. Alvarenga.* Lisbonne, 1869.

II. *Des thermomètres cliniques, leurs conditions, mode d'application et avantages relatifs; et des registres thermosphygmo-pnésmétriques. Traduit du même.* Bruxelles 1870.

III. *Anatomie Pathologique des perforations cardiaques.* (Du même). Paris. 1871.

IV. *De la Thermopathologie générale.* Lisbonne, 1871 (Du même).

V. *De l'histoire de la thermometrie clinique et de la thermopathogenie.* (Du même). Lisbonne, 1871.

184) PATRICIO (PEDRO).

Foi tambem um dos traductores dos *Tratados Quadragesimaes de Fr. Antonio Feyo* para hespanhol. Valencia, 1614.

185) PAVILLON (S. G.)

T. — *La Diane de Jorge de Montemayor.* Paris. 1603.

186) PEGADO (GUILHERME J. A. D.) — Docteures Sciences; Professeur et membre de l'Observatoire à la même Université.

T. — *Essai de Trigonometrie spherique, traité d'après un nouveau plan, par Joaquim Maria de Andrade, professeur de la Faculté de Mathématiques á de l'Université de Coimbre. Traduit du Portugais. Brest, de l'imprimerie de Rozais, par —.* 1833. 4.º, VIII, 32 pag. O traductor era portuguez.

187) PELICANO (CONRADO).

Traduziu para latim a obra escripta em hebraico, com o titulo de *Tzeror kammor* (fasciculus myrrhae), e composta pelo judeu Abrahão Sabbaa, natural de Lisboa. A versão latina foi impressa em Cracovia no anno 1599. [2]

188) PERRODIL (VICTOR DE).

T. — *Etudes Epiques et Dramatiques ou Traduction en vers des Chants les plus celèbres d'Homere, Virgile, Camones (Lusiad. V en Portugais et Français) et Tasse.* Paris, 1836, 8.º

189) PHAFF (B.)

T. — *Récueil des decrets apostoliques et des ordonances du roi de Portugal concernant la conduite des jesuites dans le Paraguay; les moyens employés pour*

[1] Sr. Visconde de Jorumenha.— *Obras de Camões*, vol. I.

[2] Barbosa Machado.—*Bibliotheca Lusitana*, tom. I. pag. 3.

en procurer la réforme; l'attentat du 3 séptembre 1758; les suites de l'attentat. etc. Amsterdam, 1760.[1]

190) PIGAFETTA (FILIPPE).

T. — *Relatione delle Reame di Congo e delle circonvicine contrade: tratta dalli scriti e ragionamenti di Odoardo Lopes.* Roma, 1591.

191) P. M.

T. — *Delivrance (la) et le restablissement du royaume de Portugal. Traduit du Latin de l'Illustrissime Archevesque de Lisbonne. A Rouen. De l'Imprimerie de Laurant Maurry.* 1643.

É dedicada a Messire Jean Louys de Faulcon, Seigneur de Ris de Charleval etc.

192) POIRET (ABBÉ ALFRED.) — Prêtre du diocese d'Amiens.

T. — I. *Sermons du R. Père Antoyne Vieyra, Jesuite Portugais.* E' impossivel hoje dar uma noticia exacta de todas as traducções das obras d'este eminente classico.

II. *Trésor d'Amour par le Rev. P. Manoel Bernardes. Paris Casterman editeur.* 1862.

III. *Trésor d'amour comprenant:* 1.° *Les motifs de l'amour divin;* 2.° *Les moyens de pratiquer cet amour;* 3.° *Des élévations sur les attributs du Sauveur; par le R. P. Manoel Bernardes traduit du Portugais par* —. Tournai, 1862. Casterman editeur. 12, 322 pag.

193) POTROWSKI (DIONYZII).

Fez em lingua polaca uma traducção dos *Lusiadas*, que se publicou ha dois ou tres annos.

194) PRANDOMONTANO (T). — Capuchinho.

T. — *Gentilis Angollae Fidei mysteriis instructus. Ex Lusitano idiomate Latine redditus. Romae* 1661.

É na lingua portugueza, bunda e latina. Foi esta obra composta em portuguez pelo P. Antonio do Couto.

195) PRZYBYLSKI (JACK).

T. — *Lusiada Polish.* Krakowie. 1790.

196) QUETIF (JACOB).

T. — *Cathecismus Domini Bartholomaei a Martyribus.* Romae, 1735.

197) QUILLINAN (EDWARD). — Nasceu no Porto em 1791, passou para a Inglaterra onde seguiu a vida militar, e ahi falleceu em 1851.

T.—*The Lusiad of Luis de Camoens. Books I to V. with notes by John Adamson. K. T. S. and K. C. of Portugal; Corresp. Memb. Roy. Acad. of Sciences of Lisbon, F. L. S. F. R. G. S. etc. etc.* London, Edward Moxon, 1853, 8.° gr. 267 pag.

198) R.

T. — *Deutsch Lusiad. Primeiro canto dos Lusiadas.*

Com uma nova versão allemão. Hamburgo, 1808.

[1] Vem mencionada esta obra no *catalogo de livros* para vender de A. Chossonnery, Paris, 1877, pag. 100.

Contém este vol. 1.º Carta a José Gomes Monteiro sobre esta nova traducção dos *Lusiadas*. — 2.º Noticia das edições das *Obras de Camões*. — 3.º Traducção ingleza feita por Mickle do *soneto* de Tasso a Camões.

199) **RAGON** (F.) — Nasceu em 1795 em Avallon, (Junne) e é professor no Collegio Bourbon. [1]

T. — *Les Lusiades, Poeme de Camoens, traduit en vers partug.* 1.ª ed. Paris, 1842. 8.º — 2.ª edição *revue et corrigée*, Paris, 1850, 8.º gr., 307 pag. Chez Hachette.

200) **RAMUSIO'S (GIOVANI BATTISTA).**

T. — *Viaggio di Giovan Leone (Descrizione dell'Africa) e le Navigatione di Alvise da Cadamosto: di Pietro di Cintra; di Annone; di un Piloto Portoghese e di Vasco di Gama*, Venezia. 1837.

201) **RAYNOUARD.** — Secretario da Academia Franceza.

Publicou no *Journal des Sçavants* a traducção para francez d'algumas passagens das *Georgicas Portuguezas de Mouzinho de Albuquerque.*

202) **RIBES (D. JOSÉ MAYMÓ Y).** — Abogado del collegio de esta corte.

T. — *Deduccion cronologica y analytica, en que por la successiva serie de cada uno de los reinados de la monarquia portuguesa, desde el gobierno del Sr. Rey D. Juan III hasta el presente se manifestan los horrorosos estragos que hizo en Portugal y en todos sus dominios la compañia llamada de Jesus, por un plan y sistema que inalterablemente siguió desde que entró en este reino hasta su expulsion, en consecuencia de la justa y sabia ley de 3 de setiembre de 1795. Escrita por el Doctor José de Seabra de Silva, ministro de la casa de Suplication y procurador de la corona de S. M. para que sirva de instruccion y sea parte del reccurso que interpuso el mismo ministro, y está pendiente ante la real presencia de dicho señor sobre la indispensable necessidade que insta para la urgente reparacion de algunas de las mas atendibles ruinas, que perturban la autoridad real y oprimen la tranquilidad publica. Traducida del idioma portuguès pol el Dr. — ilustrada con notas muy curiosas y utiles.* Madrid. 1768. 3 tomos.

203) **RIOL (DR. D. BENITO ESTAMY Y).** — Presbitero dedicado a Jesus crucificado.

T. — *Tesoro de pacienciu, ó consuelo del alma atribulada en la meditacion de las penas del Salvador. Escrito en portuguez por el P. Teodoro de Almeida, de la Congregacion del Oratorio de San Felipe Neri de Lisboa, traducido al castellano por* —. Gerona. 1826.

Idem, Paris, 1840. Idem, Madrid, 1845. Idem Idem, 1846.

204) **RAVARA (A. GALEANO).**

Traduziu para italiano o *episodio de D. Ignez de Castro*, e o incluiu no *Album-Italo-Portuguez*. Lisboa, 1853.

[1] Sr. Visconde de Jorumenha. — *Obras de Camões. I.* pag. 245.

205) ROEDER (CARLOS).

T. — *Gutachten über den Bahn einer Eisenbahn in der Provinz Ober-Beira.* (Caminho ferro da Beira Alta) *durch die Portugiesische General correspondenz auf portugiesisch, franzosisch. spanisch, englisch und deutsch in Lissabon, Oporto Madrid, Paris, Brussel, London, Wien, Frankfurt, und Amsterdam, veræffentlicht.* Lissabon, Nationaldruckerei, 1878.

206) RODILLAS (Fr. PEDRO).

Traduziu para hespanhol o poema de Jeronymo Corte Real intitulado o *Segundo Cerco de Diu*, o qual foi impresso em Alcalá no anno de 1597, 8.º [1]

207) ROSSO (FRANCISCO MARIA DEL). — Da Companhia de Jesus.

T. — *Vita Joannis de Castro Indiarum Pro Regis IV olim ab Hyacintho Freire de Andrada Lusitano sermone descripta, nunc in Latinum conversa, interprete* —. Romae, ex Typographia Rochi Bernabo 1727, 4.º, 373 pag. Superiorum permissu.

Foi dedicada aos sapientissimos e eruditissimos Academicos da Academia Real de Lisboa.

Esta *vida de D. João de Castro* foi traduzida pelo padre Rosso, quando este se achava em Goa.

Existe um exemplar na Bibliotheca publica do Porto, com o retrato do grande vice-rei.

Ha outra edição com o seguinte titulo: *De rebus gestis Joannis de Castro Indiarum Pro-regis IV olim ab Hyacintho Freyre de Andrade. etc.* Romae, 1752. Esta edição é mais rara do que a anterior.

208) R. R.

T. — I. *Delivrance (la) et le rétablissement du royaume de Portugal, traduit du latin de l'illustrissime archêveque de Lisbonne par* —. Rouen 1648. 12.º

II. *Lusitania vindicata.* 18.º

209) ROYER (P. DU).

T. — *Les Psaumes de D. Antoine Roy de Portugal où le pecheur confesse ses fautes et implore la grace de Dieu.* A Paris, Chez A de Sommavile. 1657, 12.º, 124 pag.

210) RUSCALLA (CAV. GIOVENALE VEGEZZI)

T. — I. *Notizie intorno agli scritti di Manoel Maria Barbosa du Bocage poeta portoghese.* Asti, 1860. Typografia de'fratelli Paglieri. 8.º 46 pag. [2]

II. *Marilia de Dirceo. Lire di Tommaso Antonio Gonzaga. Brasilianta, tradotte dal portoghese.* Torino, Stamperia Bociale dagli Artisti, 8.º, 238 pag. Esta tradução é offerecida á Academia Real das Sciencias de Lisboa.

[1] *Diccionario Bibliographico.* vol III. pag 62.

[2] «O livrinho de Vegezzi-Ruscalla é um bello esboço critico de Bocage, reproduzindo com verdade as feições mais caracteristicas do seu grande talento. Denuncia quo o estudou, que o comprehendeu, e que ficou habilitado a poder levantar uma estatua do esboço no dia em que tal emprehendesse.»

Sr. Ernesto Biester. — *Revista Contemporanea*, vol. II. pag. 581.

«Ao passar poesias da nossa formosa lingua portugueza para a sua formosa lingua italiana [1], fazel-o com tanto amor, esmero e mestria, que, sendo fiel á traducção, ficou parecendo liberrimo e graciosissimo original, antolhou-se ainda pouco ao sr. Vegezzi Ruscala para nos testemunhar todo o benevolo interesse, que nos consagrava. Dedicou o livro á Academia Real das Sciencias de Lisboa, e lhe ajuntou um prologo, que nós vamos dar em linguagem para regalo dos que ainda se presam de ser portuguezes, e confusão dos zotes, que se envergonham d'esta boa terra, só ruim em os ter creado a elles, e d'esta lingua, por nenhuma outra excedida, em que foram acalentados no berço, e com que folgaram a sua infancia. Oiçamol-o: é um filho da Italia quem vae fallar!

«Assim como a litteratura hespanhola não alardea só Cervantes, Lope, Calderon e Ercilla; assim a portugueza se não gloria unicamente com aquelle grande epico de Camões; e todavia a exceptuarmos este, já quatro vezes, que eu saiba, traduzido em nosso idioma, até os nomes dos maiores luzeiros do Parnaso Lusitano, como bem adverte Biondelli, são desconhecidos á maior parte dos italianos.»

«Por me parecer que hoje em dia, quando as diversas nações, que formam o grupo slavo, e as diversas germanicas, se unem entre si, e se propoem fazer commum o seu patrimonio, outro tanto devem fazer os outros povos, de que se compõe a grande familia latina, determinei com os meus apoucados conhecimentos concorrer para este empenho, fazendo conhecer aos meus patricios os poetas de um povo nosso irmão: de um povo, que na historia grangeou alta nomeada pelo seu hardimento maravilhoso; que tambem contribuiu para redimir a Europa do jugo mahometano: que descobriu tantas terras e tantos mares; e que dilatou o estandarte da Cruz pela Asia, pela Africa e pela America; de um povo, finalmente, cuja gloria, a despeito das politicas variedades, por onde veiu a perder a herança das conquistas compradas com o seu sangue, tem de durar emquanto durar o mundo. Movido d'estas considerações, e tambem d'aquella sentença de madame de Stael, a saber, que se não póde ás letras fazer beneficio maior do que transportar de uma para outra lingua, as obras primas do talento, já na *Antologia estrangeira* publicada em Turim por Pomba, no volume de março de 1830, estampei uma longa memoria ácerca dos escriptos de Barbosa do Bocage, auctor dos mais populares em Portugal. Hoje dou á luz a traducção completa das obras de um poeta caro aos portuguezes de um e de outro hemispherio; e o qual já tinha logrado a honra de ser vertido em francez, inglez e allemão.»

«Algo direi da traducção presente. Não sou eu poeta, nem escriptor primoroso: para ser poeta falleceu-me o engenho; para me fazer primoroso escriptor, faltaram-me os meios. Com estas duas minguas, como não seria para mim trabalho de costa acima trasladar para italiano, *em egual quantia de versos das mesmas medidas, e com as mesmas voltas de consoantes*, poesias escriptas n'uma lingua, que, dado seja irmã da nossa, me oppunha duas difficuldades

[1] *Revista Universal Lisbonense*, de 1845, pag. 580,

especiaes. O portuguez em muitas palavras de etymologia latina supprime varias consoantes, e ás vezes até syllabas, e por isso agorentando os vocabulos logra metter maior numero d'elles em cada metro, e por tanto facilita que em egual numero de syllabas se accomodem mais idéas do que em italiano. Em segundo logar conforme notaram Bouterweck, Sismondi, Schlegel, Denis e Hallam, a poesia portugueza propende de si para o genero pastoril, d'onde provém serem lá nobres e elegantes alguns termos, que entre nós são triviaes e rusticos: pelos quaes já Horacio tinha dito:

Difficile est proprie communia dicere;

e esta difficuldade, confesso eu, que nem sempre tive a fortuna de a vencer. Ora a isto ainda se ha de accrescentar que as linguas, por mais similhantes, por mais travadas que uma com a outra sejam, teem sempre locuções e vocabulos peculiares, que exprimem conceitos, idéas complexas ou graduações de idéas, que não ha traduzir para as linguas irmãs: *verbi gratia*, o francez *Flêtrir*, o hespanhol *Zaguero*, o portuguez *Saudade*, o valacco *Mitescu*, que as dé cá alguem em italiano sem ser por circumloquios, com que sempre se apouca a formosura, e efficacia ou a energia do texto original.»

«Estas advertencias me pareceu bem propôr já para que os leitores houvessem de ter alguma indulgencia no sentenciarem este meu humilde lavor.»

«Por desejo de ganhar fama não é que eu saco á luz a traducção das lyras de Gonzaga; já restejo pelo nono lustro, tardio e louco fôra o empenho. Tão pouco é para alardear que intendo o portuguez, porque essa donosa lingua qualquer italiano a aprende sem nenhum custo. Obrigou-me, repito, o desejo de concorrer para apertarmos relações litterarias com um membro d'aquella familia latina, á qual nós outros tambem pertencemos, e que é vergonha não conhecermos; obrigou-me o amor, que tenho a uma litteratura, que no genero pastoril e bucolico leva a palma a todas as mais da Europa. Forçou-me a ancia de render, quanto em mim cabe, homenagem a uma nação, que bem merece que o agradecimento universal a compense do seu antigo poderio tão desfalcado agora. Em summa, emprehendi esta publicação para que entre nós se honrasse um engenho, cuja memoria no Brazil e em Portugal está sobrevivendo á sua desventura, ao passo que o esquecimento cobre os sepulchros dos seus perseguidores.»

III. *Fra Luigi di Sousa.* Drama de G. B. Almeida Garrett. Torino, Typographia Speirani e Tortone, 1852, 8.°

211) SAAVEDRA (D. FERNANDO DE BALLESTEROS Y).

Traduziu para hespanhol *a Eufrosina* de Jorge Ferreira de Vasconcellos. Dá-nos esta noticia Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato, *Memoria sobre o theatro portuguez*, nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, vol. 5.°

E Innocencio no vol. 4.° do seu *Diccionario* diz-nos que fôra impressa em Madrid no anno de 1735, mas que existia uma edição anterior a esta.

212) SACY (ISAAC LE MAITRE DE).

T.—*Vie de D. Berthelemy des Martyres, traduite de l'espagnol et du portuguais, et abregée par Ant. Caittot.* Paris, 1825, Ibid. 1834.

213) SALDE (JUAN DE LA).

T.—*Cronica del valoroso Principe invencibre Capitan Jorze Castrioto Scandembergo escrita en Latin por Marino Barleio y en Portugues por Francisco de Andrade*, Sevilha, 1582, fol., 191 folhas.

214) SAMPAIO (CHRISTOVAL FERREYRA Y).

T.—*Trabajos de Jesus, que compuso el venerable Padre Fray Tome de Jesus, de la Orden de los Eremitas de San Agustin de la Provincia de Portugal, estando cautivo en Berberia. Traduzidos de la lengua Portuguesa por—. Vá añadido en esta Impression otro Tratado del mismo Autor, intitulado, Oratorio Sacro, y otras devociones de Nuestra Señora, e puestos à la margen los lugares da la Escritura, y Santos, y cosas mas notables, con Tablas muy copiosas para los Evangelios que se predicam. I aora nuevamente van añadidos los Trabajos de la Virgen, compuestos por Antonio de Mijangos Bravo de Sobremonte, residente en la Ciudad de Burgos.* Con licencia. Tomo 1.º, Barcelona. Por Pablo Campins. 8.º gr. 402 pag. 1738. Não ha 2.º vol. na Bibliotheca Publica de Lisboa, onde vi esta edição, bem como a seguinte: *Trabajos de Jesus...., dirigidos ao illustrissimo y reverendissimo Señor Don Fray Juan de Peralta Arçobispo de Zaragoça etc.* 1624, Zaragoça, por Juan de Lanaja y Quartanet, 4.º gr. 678.

215) SANCHES (LUIS).

Traduziu em hespanhol a obra do nosso P. Antonio de Andrade, intitulada *O descobrimento do Grão Cathayo ou dos reinos de Thibet.* Madrid, 1626. [1]

216) SANDOVAL (EL P. ALONSO DE).—Natural de Toledo, ambos de la misma Compañia.

T.—*Historia de la vida del P. Francisco Xavier y de lo que en la India Oriental hizieron los demas religiosos de la Compañia de Jesus. Compuesta en lengua portuguesa por el Padre Juan de Lucena natural de la villa de Trancoso.* Con privilegio, impresso en Sevilla por Francisco de Lyra, año 1619, 4.º, 857 pag.

Traz no principio uma biographia de João de Lucena. B. P. Lisboa. Parece existir uma outra edição impressa em Sevilha no anno de 1698.

217) SANJUAN (D. MANUEL ARANDA).

T.—*Los Lusiadas de Camoens segun la ultima edicion correcta publicada por el Dr. Caetano Lopes de Moura. Traduccion de —.* Barcelona, empresa editorial da Ilustracion. 1874. 8.º gr. 291 pag. No fim: Biographia de Luis de Camões por Fernando Denis. 61 pag.

218) SANTINELLI (BARTHOLAMEO).

Traduziu varios sermões do P. Vieyra em italiano, e sahiram impressos, Roma, apresso Michaele Hercules, 1663. [2]

219) SANTIVAÑEZ (D. ALONSO ANTONIO RODRIGUEZ).

T. — *Historia de lo futuro, libro ante primero prolegomeno a toda la historia de lo futuro, en que se declara el fin y se prueban los fundamientos della. Materia, verdad y utilidades de la historia de lo futuro. Escrita por el P. Antonio*

[1] Barbosa Machado.—*Bibliotheca Lusitana*, vol. 1.º, pag. 203.

[2] Idem, idem, pag. 423.

Vieyra, de la Compañia de Jesus, predicador de S. M. Luzitana, traducida en lingua castelhana por —. Madrid, 1838, 369 pag.

220) SANÉ (A. M.)

T. — *Poesie Lyrique Portugaise, ou Choix des Odes de Francisco Manuel, traduites en Français, avec le texte en regard. Precedées d'une notice sur l'Auteur, et d'une Introduction sur la litteratare Portugaise; avec des notes historiques, géographiques et litteraires.* Paris. Chez Cérieux jeune 1808, 8.º gr., 344 pag.

As Odes traduzidas são as seguintes: 1.º Ao Estro. — 2.º Neptuno aos Portuguezes. — 3.º Á Noite. — 4.º Em louvor de D. Antonio Araujo, Ministro dos negocios estrangeiros em Portugal. — 5.º Ao vate lyrico Domingos Maximiano Torres. — 6.º Á Poesia. — 7.º Aos Cavalleiros de Christo. — 8.º Á Virtude. — 9.º Contra a effeminação. — 10.º O sabio luctando contra os infortunios. — 11.º A Venus. — 12.º Ao dia dos annos de Anarda. — 13.º Marcia voltando, inopinada. — 14.º A dourada mediania. — 15.º Ao Senhor Agostinho Reutier, que emprehendia a traducção de Camões. — 16.º Os versos, não os bronzes eternisam os heroes. — 17.º O verdadeiro caracter de virtude. — 18.º A independencia dos Estados Unidos. — 19.º Os novos Gamas. — 20.º A gloria de Albuquerque. — 21. Á feliz inauguração da estatua equestre do Fidelissimo Rey de Portugal D. José I no dia 6 de junho de 1775.—22.º A uma joven bella.— 23.º A Calliope. — 24.º Aos tiros d'el-Rei D. José Primeiro. — 25.º Aos poetas Lusitanos. — 26.º A Esperança. — 27. A Amizade. — 28.º Á memoria dos meus amigos. — 29.º A Horacio. — 30.º Contra os Britannos que renovaram a guerra no anno 1803. — 31.º Consolação a uma illustre familia. — 32.º A Constancia do varão forte. — 33.º O vate desterrado. Esta obra é dedicada ao conde Regnault de S. Jean d'Angely.

Este traductor diz do nosso Filinto Elysio: Este poeta é um dos melhores do seculo XVIII. A natureza tinha-o ricamente dotado. A musica fel-o poeta. Suas odes o collocaram no primeiro logar entre os lyricos de seu paiz, e hão-de viver tanto, quanto a lingua portugueza. E Filinto Elysio diz do traductor: Sujeito de apurados estudos, conhecimento das linguas grega e latina, italiana, ingleza, hespanhola, e lusitana, que aprendeu comigo, e de que tem composto um Diccionario Portuguez e Francez, que está para dar á luz. Mas sobre tudo sujeito de honrados costumes.» *Obras de Filinto* (ed. de Paris) tom. I, pag. 409.

221) SCHEUS (HERMANO).

T. — *Relazione della grande monarchia della Çina*, Roma, 1643. É a traducção da celebre obra intitulada *Imperio da China*, composta por Alvaro de Semmedo.

222) SCHLUTER (C-UND W. STORK).

T. — *Rimas de Camões. Sämmtliche Idyllen.* Münster, 1869.

223) SECKENDORF (BARÃO DE).

Traduziu para allemão o primeiro canto dos *Luziadas* e foi publicado no 2.º vol. do *Magazin der Spanichen und portugiesischen Litteratur*. Weimar, 1782.

224) SEIXO (BR. D. VICENTE DEL). — Socio de numero de la real sociedad de Madrid.

T. — *Memorias historicas del ministerio del pulpito. Su autor el Ex.mo J. M. R. P. Fr. Manuel do Cenaculo, obispo de Beja. — Dalas á luz D. Tomás Albán.* Madrid, 1804, 2 vol. 4.º [1]

225) SELVES (MIGUEL DE).

T. — *Historia de las cosas de Etiopia, del Estado y potencia del Preste Juan, Emperador della, de la religion y cerimonias de aquella gente, segun que fue testigo Francisco Alvarez, Capellan del Rey don Manuel de Portugal.* Toledo, 1588, Amberes, 1557.

II. *Historia de la conquista de la India por los Portugueses, compuesta por Hernan Lopez de Castanheda y tradusida en romance castelhano por —.* Anvers, 1554.

226) SENARIM (ABDEL-KASEM). — Mahometano de Lahor nas Indias.

Traduziu para lingua persa a *Historia da Vida de Jesus Christo*, e a *Vida e Martyrio do Apostolo S. Pedro*, obras compostas em portuguez por Jeronymo Xavier.

Luis de Dieu, celebre professor de linguas orientaes na Universidade de Leyde mandou imprimir estas traducções persas, acompanhando-as d'uma versão latina e de notas. [2]

227) SENTINELLI (BARTOLOMEO).

T. — *Prediche del R. P. Antonio Vieyra dalla lingua Portoeghese tradotte nell'Italiano.* Roma, 1683.

228) SHARPE (DANIEL).

T. — *On the carboniferererous and silurian formation of the neighbourhood of Bussaco. By senhor Carlos Ribeiro.* London, 1853.

229) SIMPSON (J. FRANCIS).

T. — *Autobiography (the) of the emperor Charles V, recently discovered in the portuguese language by Baron Keroyn de Lettenhove. The english translation by —.* London, 1862.

230) SMITH (BUCKIGHAM).

T. — *Narratives of the career of Hernando de Soto in the conquest of Florida as told by a Knight of Elvas and in a relation by Luys Fernandez de Biedma factor of the expedition. Translated by.* New York, 1866, 324 pag. estampas, edição de luxo. B. P. L.

Smith assevera-nos que esta obra fôra vertida em dinamarquez no anno de 1706, e que ha d'ella duas edições inglezas, impressas em Londres, uma em 1609 e outra em 1686; e que tambem fôra vertida para francez.

231) SOLTAU (DIETRICH WILHELM).

T. — *Geschichte der Eutdeckungen und Eroberungen der Portugiesen im Orient vom jahr 1415 bis 1539 nach Anleitung der Asia der João de Barros. Von*

[1] Hidalgo.— *Diccionario General de Bibliographia Española*, tom 4 pag. 152.

[2] V. Croze, *Histoire du Christianisme des Indes*, tom. II. pag. 78. Croze diz muito mal das tendencias religiosas d'esta obra, assim como de tudo quanto é portuguez. É tambem um rancoroso inimigo do Papado.

Dietrich Wilhelm. Funfter Theil. Braunschweig bey Friederich Vieweg, 1821. — (Historia das descobertas e conquistas dos portuguezes no Oriente desde 1415 até 1539 conforme as decadas da Asia por João de Barros. — De Dietrich Soltau. Em cinco volumes. Primeiro volume. Braunschweig por Fredrico Viewg, 1821, 5 vol.

«João de Barros, o maior dos escriptores portuguezes do seu tempo, não precisa certamente, assim como pelo seu estylo como pela claresa e ordem do seu discurso, nenhum elogiador.»

232) SOUTHEY (ROBERT).

T. — *Palmeirin of England, translated from the Portuguese.* London, 1807, 4 vol,

233) SPINEDA (LUCIO).

T. — *Palmeirim d'Ingliterra.* Venezia, 1584.

234) SPINOLA (D. JUAN DE).

T. — *La libertad de la Ley de Dios en el Imperio de la China por P. Joseph Soares y traducida de Portuguez en Castillano por* —. Valencia, 1696. 8.°

235) STANLEY (HENRY C. J).

T. — I. *The three voyages of Vasco da Gama, and his vice royalty, from the Lendas da India of Gaspar Correa. Accompanied by original documents Translated from the Portuguese with notes and an introduction.* London, 1869.

II. *A description of the coast af East Africa and Malabar in the beginning of the XVI century, by Duarte Barbosa, a Portuguese. Translated from an early spanish manuscript in the Barcelona library, With notes and ad preface by* —. London, 1866.

«As noções, que se encontram n'esta obra são tão importantes, como cheias d'interesse. A marcha da narração é inteiramente parallela á dos Lusiadas, de forma que alli se póde ver a base historica da obra de Camões.» [1]

236) STEELSIO (JUAN)

T. — *Alvarez Franc. Historia de las cosas de Ethiopia, traducida del Portugues por* —. Anvers, 1557, 8.° Saragoça, en casa de Agostin Millan, 1561, fol. traduzida por Miguel de Silves, Toledo em casa de Pedro Rodrigues 1588. De cada uma das edições ha um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

237) STEVENS (CAPT. JOHN).

T. — I. *The history of Portugal from the first ages of the World, to the late great revolutions, under King John IV in the year MDCX. 4.° Written in Spanish by Emanuel de Faria y Sousa, Knight, of the order of Christ. Translated, and continued down to this present year* 1698 *by* —. London, Printed for W. Rogers C. 8.° gr., 572 pag.

E' offerecida esta obra a Richard Minshull of Bourton, no condado de Bucks. Existe um exemplar d'esta traducção na Bibliotheca publica de Lisboa.

II. *Portuguese Asia translated from M. de Faria y Sousa by* —. London, 1695. 3 vol. 8.°

[1] Vivien de St. Martin.— *Année Geographique de* 1867, pag. 555.

238) STORK (WILHELM). — Professor de Litteraturas Romanicas na Universidade de Munster, e eminente traductor das lyricas de Camões.

T. — I. *Saumultiche Idyllen Luis de Camões, zum eisten Male überseght von Schulten und Stak*. 1870. Munster, 1 vol.

II. *Rimas de Camoens. — Sämmtliche Canzonen Deutsch, von* —. Paderborn, 1874.

III. *Luis de Camoens (Sonetto I. XXVII). Proh einen Verdenstlungen...* Munster, 1877. Opusculo sem numeração.

IV. *Glosas und voltas des Luis de Camoens*. Klausenburg, 1877, 8.º, 14 pag.

Aproveito a occasião para agradecer ao Ex.mo Sr. Theophilo Braga um exemplar das Glosas com que se dignou brindar-me.

239) STRANGFORD (LORD VISCOUNT).. — Nasceu em 1780 na Irlanda; foi secretario da legação britanica em Portugal, e depois acompanhou D. João VI ao Brasil.

T. — *Poems, from the Portuguese of Luis de Camoens: with remarks on his life and writings. Notes, etc. etc. by. The fourth edition.* London. Printed for J. Carpenter, Old Bond Street. 8.º, 160 pag., 1805. 1.ª edição, London 1803, 2.ª London 1804, 3.ª London 1804, 5.ª London 1808 (158 pag. 8.º) 6.ª London 1810 London, 1824, 91 pag. Esta obra é dedicada a Denham Jephson.

«O genio de Camões quasi que foi universal. Como o grande pae da poesia Ingleza, difficilmente se encontra algum genero de poesia desde epigramma até o epico, em que não escrevesse, e no qual não fosse bem succedido. O caracteristico geral de suas producções menores é a simplicidade graciosa e encantadora da Musa grega. Porem não devemos privar Camões do condão da originalidade. A este caracter tem elle, talvez, uma pretensão mais junta do que qualquer dos modernos, exceptuando somente Dante. Foi o primeiro que elegantemente escreveu na sua lingua patria. Atè certo ponto foi o creador do seu idioma.»

Compõe-se esta collecção da versão de 46 differentes poemas como canções madrigaes, sonetos, e de algumas estancias do livro VI dos Lusiadas, isto precedido d'uma biographia do nosso póeta em 32 notas e terminando o volume com diversas annotações,

240) SZEMBECK (FREDERIC). (outros dizem SZIMBEK).

Traduziu para polaco a obra do nosso P. Antonio d'Andrade, intitulada *Novo descobrimento do Grão Cathayo ou dos reinos de Thibet*. Cracovia, 1628. [1]

241) TAPIA (LUIZ GOMES).

T. — *La Lusiada de el famoso poeta Luys de Camões tradusida en verso Castellano de Portugues por el maestro — vesino de Sevilla. Derigida al illustrissimo Señor Ascanio Calona, Abbad de Santha Sophia*. Con privilegio. En Salamanca en casa de Jean Perier impressor de libros. Año 1580.

242) TEMPORAL.

T. — *Histoire de l'Ethiopie de Alvarez*. Paris 1830. Vem no 3.º tomo da obra «*De l'Afrique de Leon l'Africain*.

[1] Barbosa. — *Bibliotheca Lusitana*. vol. I. pag 121.

243) TERNOUX (HENRI).

T. — *Histoire de la Province de Santa Cruz par Pero de Magalhães Gondavo.* Paris, 1837.

244) THEREZA (Fr. JOÃO DE SANTA.) — Theologo d'Elrei de Inglaterra.

Traduziu para italiano as *Meditações da Paixão* por Bartholomeu do Quental. Foram impressas em Roma, na officina de Rosati e Borgiani, no anno de 1733.

O censor d'esta obra, o theologo Francisco Maria Ganassoni, tece a este livro os maiores elogios. [1]

245) THESES (DE 1765) SOUTENUES Á LISBONNE *par Ant. Pereira de Figueiredo de l'independence et de l'authorité du Roi sur le Clergé.*

246) THEVENOT (MELCHISEDECH).

T. — *Histoire générale de l'Ethiopie par le P. Balthesar Teles.* Paris. 1675.

247) THIEURY (JULES).

T. — *Lusitania vindicata. Oeuvre de D. Manoel da Cunha. Traduite en français, avec une preface, par —. Texte et traduction.* Dieppe, Chez Marais, Libraire, 1863.

«Haviamos reunido um bem grande numero de documentos para escrevermos uma historia popular da maravilhosa revolução de Portugal, quando nos faltou a coragem á leitura do manifesto de D. Manuel da Cunha. Suggerio-nos immediatamente o pensamento a substituição da obra do author portuguez ao que a nossa limitada capacidade teria imperfeitamente traçado. Tão sublimado é o assumpto! Alem disto, na verdade, a obra de Vertot, um de nossos compatriotas [2], é tão universalmente conhecida, que seria uma temeridade para um francez, mormente para um normando, narrár depois delle esta celebre conjuração. Nossa sympathia em prol de Portugal e nosso constante desejo de propagar, até entre o povo, sua gloriosa historia teem ficado muitissimo satisfeitos por poderem fazer conhecer ao mesmo tempo um de seus triumphos mais brilhantes, e uma obra portugueza. Desejamos que a nossa traducção não haja cerceado em nada o merecimento della, e a este respeito pedimos toda a indulgencia do publico a favor de nossas intenções»

Thieury declara-nos que as traducções desta obra não numerosas.

248) THOMPSON (BENJAMIN).

T. — *Inez de Castro a Tragedy in three acts written by Don Domingo Quita. Translated by —.* London. 1800. Vi tambem citada uma edição de Londres, 1812.

249) TORRE (LUIZ ALVAREZ DE LA). — Natural de la Villa de Valderas.

T. — *La Asia de Joan de Barros: de los hechos que los portugueses hicieron*

[1] *Vida do Veneravel padre Bartholomeu do Quental*, traduzida do italiano por Francisco Joseph Freire, pag. 53.

[2] Publicada pela primeira vez em Paris, no anno de 1689, conta já umas quarenta edições.

en el descubrimiento y conquista de los mares y tierras del Oriente; impresa en lengua portuguesa en Lisboa por German Gallarde en 28 de Julio de 1582; y agora nuevamente traducida en nuestra lengua castellana por —.

250) TRESSAN (COMTE DE —)

T. — *Traduction libre de l'Amadis de Gaule.* Amsterdam, 1780, 2 vol. 12.°

251) TRIGANT (NICOLAS).

T. — *De Christiana expeditione, Opus Benti de Goes.* Romae, 1617.

252) TROYES (E. T. SIMON DE).

T. — *Napoleão o Grande, imperador dos Francezes, Rei d'Italia. Ode pindarica por Luiz Rafael Soyé, traduite en françois par —.* Paris, 1808.

253) TYLVIUS (MARCEIO EMM. TELLESIUS).

T. — *Liber de rebus gestis Joannis II Lusitaniae Regis.* Hagae, 1712, 4.°

254) ULLOA (ALONSO DE). — Litterato hespanhol, nascido em Castella, e fallecido no anno de 1580 em Veneza. Como sabia perfeitamente o italiano, escolheu obras hespanholas e portuguezas, as mais bellas e uteis, para as traduzir n'aquella lingua. [1]

T. — I. *L'Asia del S. Giovanni di Barros, Gonsigliero del Christianissimo Re di Portogallo: de'fatti de'Portoghesi nello scoprimento etc. conquista de' Mari etc. Terre di Oriente. Nella quále altre le cose appartenenti alla militia, si ha piena cognitione di tutte le Cita, Monti etc. Fiume delle parte Orientali, con la descrittione de' paesi etc costumi di quei popoli. Nuovamente di lingua Portoghese tradotta dal S. —.* Con privilegio dell' illustrissimo Senato. Venetia, appresso Vincenzo Valgrisso, 1562. 4.° 200 folhas.

A versão é dedicada ao principe Guglielmo Gonzaga, III duque de Mantua e marquez de Monferrate. Este volume contém a 1.ª decada

O titulo da 2.ª pouco differe da primeira. — *Dell'Asia La Seconda Deca del S. Giovanni di Barros etc. Nelle quale seguendo la materia della prima Deca, si trattanole le* (sic) *guerre fatte da' Portoghese co i Principi Orientali, etc. se descrivono le citta, Monti, etc Fiumi di quelle bande. Tradotta —.* 4.° 228 folhas. 1562.

Esta obra deve ser muito rara, attendendo ao grande numero de annos que por ella teem passado, e por isso não é para admirar que o unico exemplar por mim visto seja o existente na Bibliotheca Publica de Lisboa.

Esta 2.ª decada é offerecida ao muito magnifico e nobilissimo Senhor meu, o Senhor Duarte Gomez, gentilhomem Portuguez.

Começa a dedicatoria do seguinte modo: « Havendo eu acabado de traduzir» «magnifico e nobilissimo Senhor meu» a Asia do Sr. João de Barros, conselheiro do Christianissimo Rei de Portugal «obra verdadeiramente grave e digna de ser vista» e devendo estampal-a, me pareceu publicar a 2.ª parte della debaixo do nome de V. Senhoria, como pessoa, que é membro daquella valorosissima e fortissima nação Portugueza, a qual militando por Christo. e por seu rei tem praticado aquelles tão grandes feitos nas regiões Orientaes, que nesta obra se conteem, adquirindo para si gloria eterna, submettendo ao

[1] Firmin Didot. — *Nouvelle Biographie Universelle* vol. XLV, pag. 778.

imperio da Corôa Real de Portugal os estados e reinos que por meio de seu valor presentemente possue; oppondo-se com as armas «não sem derramamento do sangue Portuguez» aos Mouros infieis, e aos outros idolatras inimigos do nome de Jesus, empreza verdadeiramente sancta e gloriosa, e por isso a vossa nação, mais do que qualquer outra, é digna de eterno louvor, como suas maravilhosas acções mostram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente, que se veem aqui.»

II. *Historia dell' Indie Orientali, scoperte etc conquistate da' Portoghesi, di commissione dell' Invitissimo Re Don Manuello, di gloriosa memoria. Nella quale, oltre alle strane usanze, maniere, riti e costumi di quelle genti; si viene anco, in notitia di molte guerre fatte in quei paesi, etc. di molte Provincie, Isole, Citta, Castelli, Fiumi, Monti, Laghi, Mari, Minere di metalli, Perle, Gioie, Animali, droghe di speciere etc. di molte altre cose degne di meraviglia. Distinta in libri VII. Composti dal Sig. Fernando Lopes di Castagneda. Et nuovamente di lingua Portoghese in Italiana tradotti dal Signor' Alfonso Ulloa Parte Prima con le sue tavole copiessime.* Con privilegio. In Venetia. Appresso Giordano Ziletti. 1578, 4.º, 518 folhas.

(É dedicada ao carissimo e prestantissimo Senador o sr. Aluigi Giorgiomeo, senhor).

Tomo 2.º Idem. 1578, 365 folhas. Este volume contém os livros 4.º, 5.º, 6.º, e 7.º, da *Historia da India*. De cada um dos tomos ha um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

255) URRACA (D. J. F. SAENZ DE).

T. — *Un año en la Corte, novela por D. Juan de Andrade Corvo. Traducida del portugués por Poissy.* 1863. Imprenta de Bouret. 2 tom.

256) URBAN (G. D').

T. — *Routier des côtes de Portugal ou instructions nautiques pour servir á l'intelligence et à l'usage de la Carte qu'on a faite par Michel Franzini. Traduit du portugais par —.* 2ème edition, Paris. 1836.

257) VAZQUEZ (D. FRANCISCO GIRON. C. R.)

T. — I. *Sermones del Padre D. Theodoro de Almeyda, de la congregacion del oratorio de S. Felippe Neri de Lisboa, de la Academia real de las ciencias de la sociedade real de Londres y de la Viscaya. Traducidas al castelhano por el padre —.* Con privilegio. Madrid 1789. Imprenta Real. 3 tomos.

II. *El feliz independiente del mundo y de la fortuna, ò arte de vivir contente en todos los trabajos de la vida. Obra escrita en portugues por el P. Theodoro de Almeida, de la congregacion del Oratorio y de la Academia de las ciencias de Lisboa. Nueva traduccion variada en el estilo y en los versos pol el P. Con las notas del autor y adornada con 25 estampas.* Madrid, 1799. Imprenta de B. Cano. 4 tomos.

Ha outra edição de Madrid, estampada no anno 1806.

258) VEDIA (D. HENRIQUE).

Traduziu para hespanhol a *Marilia de Dirceu*, do nosso Gonzaga.[1]

[1] *Wolf. Le Brésil Litteraire.* pag. 70.

259) VERJUS (P. ANTONIO). — Jesuita.

T. — I. *Discours historique pour le jour de la Naissance de la Serenissime Reyne de Portugal où il est traité des grands évenements arrivés l'année dernière en ce Royaume là*. Paris, chez Sebastien Mabre Cramoysi. 1669. 4.º

Declara o traductor que este discurso saira vertido na lingua italiana, e se imprimira em Roma. Que tambem foi impresso em Saragoça por Diego Iturbi, 1668. 4.º

II. *Discours de rejouissance sur la Naissance de l'Infante de Portugal prononcé le jour meme de cette naissance devant toute la Cour de Portuyal assemblée dans la Chapelle Royale pour y chanter le Te Deum*. Pariz, chez Cramoysi. 1671. 4.º

260) VIANA (D. JOSEF DE PALACIO Y).

T. — *Apocalypsis del Apostol S. Juan, tradusido al Castellano segun la Vulgata, con las anotaciones historicas, dogmaticas y morales que trae en su version D. Antonio Pereira de Figueiredo, Diputado en Lisboa de la Real Mesa Censoria*. Madrid, 1789. 220 pag. Imprenta de J. Hernandes Pacheco.

261) VIDART (LUIS).

T. — *Versos* Madrid, 1872. in 16.º 112 pag.

Apresenta traducções de poesias de Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro, Simões Dias, Sousa Viterbo, João de Deus, Costa Godolphim, J. G. de Lima, Camillo Castello Branco, Bocage, Garrett, J. A. de Sousa Junior, Claudio de Chaby, Alberto Pimentel, e Julio de Castilho.

262) VINCENT (JACQUES).

T. — *L'histoire du Chevalier Palmeirim d'Angleterre etc. Traduit du Castillan en François*. Lyon 1553. Paris 1574.

263) VINETO (ELIAS).

T. — *Annotatio in extrema verba capitis de Climatibus Joannis de Sabroso. Vernaculo sermone scripsit Norius, id est Hispano Portugallico*.

264) VITRAY (ANTONE).

T. — *La Diane de Jorge de Montmayor*. Paris. 1623.

265) VOSS (SCHILLER, A. W. SCHELEGEL, WOLF, GRIES, BOTH ETC).

T. — *Chrestomathie polyglotte, ou extrait des poètes latins, grecs, italiens, espagnols, portugais, anglais et français, traduits en allemand par —. Publiés par Ms. Le Bas et Paris*. Paris. Regnier. 8.º 428 pag.

266) XIMENES (AUGUSTIN MARIE).

T. — *Lettres Portugaises en vers libres*. Paris 1759.

«As *Cartas de uma Religiosa portugueza*, seja qual fôr a sua origem historica, extremamente duvidosa e incerta, dão a conhecer a mão e alma d'uma mulher; e precedem gloriosamente essa escola de sentimento, que Bernardin de St Pierre, e J. Jacques Rousseau inauguraram no seculo XVIII, as quaes Gœthe realça com o seu inimitavel Werther, e a que Chateaubriand e Lamartine no nosso século devem a sua rapida e instantanea popularidade» Lopes de Mendonça, *Semana*, vol. II pag. 495.

267) WITURCH (ALEXANDES).

T. — *Ignez de Castro. Trauerspiel in funf Aufzugen von J. B. Gomes. Nach der siebenten Auflage der portugiesischen Urschrift ubersetzt von — Mit geschicht licher Einleitung und einer vergleichen den Kritik derschiedenen Ignex tragedien.* Leipzig. F. A. Brockhaus 1841, 8.º

268) WYCHE (P.)

T. — *Short relation of the river Nile, written by an eye wittness who lived many years in the chief kingdoms of the Abyssinian empire, translated out of a Portuguese manuscript.* London, 1669, 8.º

269) WYCHE (SR. PETER KT).

T. — *The life of Dom John de Castro the fourth Vice-Roy of India, by Jacintho Freire de Andrade written in Portuguese. Translated into English by —.* London, Printed for Henry Herringman, 1664, fol. 272 pag.

O exemplar por mim consultado pertence á Bibliotheca Publica de Lisboa.

270) WINKLER (FRIED. AD. KUHN UND CARL THEODOR).

T. — *Deutsch Lusiada.* Leipzig. 1807.

271) WITTICH (Dr. ALEX).

T. — *Ignez de Castro. Frauerspiel von Jo: Bapt. Gomes übersetzt von —.* Leipzig, 1841.

272) WUCHERER (Dr. O.)

T.—*Grundzuge der Allgemeinen clinischen Thermometrie und der Thermacologie. Aus dem Portugiesischen ubersetzt von —.* (Dr. Alvarenga) Stuttgart. 1873. Uma das obras d'este auctor foi ha poucos mezes premiada na Belgica.

273) ZANOLE. — Foi addido á legação franceza na China em 1848-49. Traduziu em 1847 para francez o romance de Garrett *Miragaya*. Vem no 1.º vol. do *Romanceiro* d'este nosso tão illustre poeta.

APONTAMENTOS FORNECIDOS PELO EX.mo SR. JOAQUIM DE VASCONCELLOS, DO PORTO

274) C. SCHLUTER UND WILHELM STORCK.

Sämmtliche Idyllen des Luis Camoens, Zum ersten Male deutsch von. ... Münster, Adolph Russell, 1869, 8.º [1]

T. Todos os Idylios de Luiz de Camões. Tráduzidos em allemão pela primeira vez por C. S. e W. S. Münster (na Wesphalia).

WILHELM STORCK. — I. *Sämmtliche Canzonen des Luis de Camoens.* Zum ersten Male deutsch von... Paderborn. Ferdinand Schöningh. 1874, 8.º [2]

[1] De XXIII—253 pag. Vida de C. e critica dos *Idyllios* (I —XXIII); Texto p. 213; notas 215-252 e Indice 254 (inutilisada). Contem além dos XV *Idyllios* as *Elegias* VI e VII.

[2] De XXII-156 pag. Sendo I-XXIII Introd ; 1-84 texto 84-156. Notas. Dedicado ao celebre Friedrich Diez.

(Todas as Canções de Luiz de Camões traduzidas em allemão pela primeira vez por W. S· Paderborn, na Wesphalia).

II. — Luiz de Camoens. *Sonnette* I — XXVII, Probe einer Verdeutschung von Wilhelm Storck. Münster. E. E. Brunus, 877, 8.º

Os Sonetos I — XXVII de Luiz de Camões. Amostra de uma versão allemã. por W. S. Sem notas, nem introducções com um Soneto (Dedicatoria) ao Frof. C. B. Schlüter. Sem numeração de paginas; não foi posta á venda.

III. — *Glosas und Voltas de Luis de Cumoens.* Klausenburg, 1877. Joh. Stein, 8.º, 14 pag. Tiragem á parte da revista: Osszehasonlitó Trodalomtöténelmi Lapok vol. II, IV, XX, 1877. Não foi posta á venda, Tiragem de 100 exemplares.

Ha ainda a traducção dos Sonetos (284) por Louis von Arentschildt citada por Jorumenha I—295.

* * *

A traducção allemã dos *Lusiodas* de J. J. C. Donner, está na 3.ª ed. Leipzig, 1869. 8.º editor Fues (aliás R. Reisland,) Ignoro a data da 2.ª ed. (I—294.) A 1.ª é de Stutgart, 1833, 8.º

Collecções de poesias em que entram outros portuguezes:

Romanzero der Spanier und Portugiesen von Emmanuel Geibel und Adolf Friedrich von Schack. Stuttgart, 1860. 8.º Cotta.

Romanceiro (popular) dos hespanhoes e portuguezes de E. G. e A. F. de S.

Portugiesische Volkslieder und Romanzen. Portugiesisch und deutsch mit Asmerkungem heraumgegeben von V. Christ. Fr. Bellermann. Nachgelassenes Manuscript des Herausgebers. Leipzig. 1864. 8.º W. Engelmann.

Canções populares e Romances. Publicados em portuguez e allemão e annotados pelo dr. C. B. Manuscripto posthumo do colleccionador.

Amostras de romances populares portuguezes. Com uma introdução historico-litteraria sobre a poesia popular em Portugal e na Catalunha, por F. W.

Blüthen Portugiesischer Poesie. Metrisch üertragen von Friedrich Withelm Hoffmann. Magdeburg, 1863, 16.º E. Balnsc. VIII—224 pag.

Flores da poesia portugueza. Traducção metrica de F. W. H. Os autores traduzidos foram:

D. Pedro I. o crú. — Affonso Valente. — Fernan da Sylveira. — Francisco de Sá de Miranda. — Antonio Ferreira. — Pero de Andrade Caminha. — Luiz de Camões. — Francisco Rodrigues Lobo. — Antonio Barbosa Bacellar. — Antonio Diniz da Cruz e Silva. — Francisco Manoel do Nascimento.

(THEATRO PORTUGUEZ).

Theater der Spanier und Portugiesen. Weimar. 1782 1.º vol (unico) publicado por Bertuch.

Contém um tradução (extracto) da *Ignez de Castro de J. B. Gomes* e a comedia *Bristo* de Antonio Ferreira, ambas traducções de H. v. Z. (von Zanthier).

Spanisches Theater. Herausgegeben von Moritz Rapp. Hildburghausen. 1868, 8.º

Theatro hespanhol. Publicado por etc. editado pelo Instituto Bibliographico de H. Fórma o volume 67 e 68 da «Bibliotheca dos classicos estrangeiros.»

De pag. 23 a 163, contém as seguintes peças de Gil Vicente: — Farça dos almocreves. — Farça do clerigo da Beira (fragmento). — Farça chamada Auto da Lusitania. — Farça de Quem tem farelos. — Farça de Ignez Pereira — Farça chamada Auto da India. — Auto de S. Martinho. — Dialogo sobre a Resurreição. — Tragicomedia de Dom Duardos. [1]

MEINHARD.

Prologo do 1.º vol. da 2.ª ed. dos seus *Versuch über den Character und die Werk der besten italienischen Dichter.* Braunschweig, 1774 [2] (em prosa).

CREIHERR VON SFIKENDORFF.

Magazin der spanischen und portugiesischen Litteratur. Weimar, 1780. [3] (em verso).

SCLHEGEL (AUG. WIL. VON).

Blumentiassen italinscer, spanischer und portugiesischer Poesie. Berlin, 1804. [4] (em verso).

Spanische und portugiesische Miscellen. [5] Leipzig, 1806, 8.º, Weige, 2 fasciculos.

Notarei que as collecções de poesias hespanholas dos Sr.ª Em. Geibel e P. Hvyse (Spanisches Liederburch. Berlim 1852 2.ª ed.) e Fr. W. Hoffmann [6] (Blüthen spanischer Poesie. Leipzig. s. d. 3.ª ed.; a 1.ª em 1841, 2.ª em 1844) contém obras de outros autores portuguezes que escreveram em hespanhol, por exemplo:—Na 1.ª Camões. — Gil Vicente. — Gregorio Silvestre. — Sá de Miranda. — Na 2.ª Jorge de Montemayor (só).

[1] O autor já havia publicado em 1846 no *Historisches Taschenbuch* de Prutz um excellente estudo sobre 12 peças de Gil Vicente: *Die Farcen des Gil Vicente.* pag. 335 e 336 da dita obra.

[2] Tinha apparecido antes em outra parte. V. Jur. 1-292.

[3] Juromenha diz porém. 1782.

[4] E' talvez a citação imperfeita e incompleta de Jur. (1. 224) que não cita a obra.

[5] De pag. 116-119 vem um fragmento do Canto 10 estancia 60 70. assignada. W. K. com a nota: A continuação talvez para «o futuro.»

[6] É o mesmo que publicou a collecção de poesias portuguezas, traduzidas, atraz citada.

SECÇÃO SEGUNDA

TRADUCÇÕES ANONYMAS

275) ABTRUCK AINS LATEINISCHEN *Sandbriefes an Babstliche, Heyligkeit von künighliker Wurde zu Portugall von d'eroberte Stadt Malacha etc.* Augsburg. 1513.

(Carta do Rei de Portugal, a S. Santidade sobre a tomada de Malaca).

Vem mencionada esta traducção na Bibliotheque Asiatique et Africaine de Ternaux Compans.

276) ACCOUNT OF MADEIRA BY PITTA.

277) ACEBEDO (D. MANOEL).

T. — *Vida de San Antonio de Padua, escrita en italiano por el abate, portugués, — traducida al castellano por un devoto del Santo y corregida en esta segunda edicion.* Madrid. 1863, 446 pag. Ha uma edição mais antiga de Madrid, 1790. 4.°

278) ACOSTAE (EM).

T. — *Lusitani historia rerum a Societate Jesu in Oriente Gestarum, ad annum usq: a Deipara Virgine* 1568, *recognita, et latinitate donata. Accessere de Japonicis rebus epistolarum libri IIII, item recogniti, et in latinum ex hispanico sermone conversi. Et recentium de rebus indicis epistolarum liber, usque ad annum* 1570. Parisis, 1572.

279) ALCAFORADO (F.)

T. — I. *Relation historique de la découverte de l'ile de Madère, traduit du Portugais.* Paris, 1671. Ha uma edição moderna.

II. *The first descovery of the Island of Madeira,* London, 1675. fol.

280) ALMADA (FRANCISCO DE).

T. — *Gesta proxime per Portugalenses iu India, Aethiopia, et aliis orientalibus terris ab Emanuel Portugaliae rege ad Episcopum Portuensem cardinalem Portugaliae missa.* Norembergae, 1507.

281) ALMEIDA GARRET (J. B. DE).

T. — Fr. Luiz de Sousa. *Aus dem Portugiesischen in's Deutsche bertragen won —.* Franckfurt a M. 1847.

282) ALMEIDA (THEODORO DE).

T. — I. *Recreacion filosofica, ó dialogo sobre la filosofia natural para la instruccion de personas curiosas que no han frequentado las aulas. Obra escrita en portugués por el P. D. — de la congregation del Oratorio de San Felippe Nery y de la Academia de las Ciencias de Lisboa etc. traducida al castellano. Cuarta impresion.* Madrid. 1827. Imp. del *Diario.* Once tomos, 8.° com 55 laminas.

II. *Cartas fisico-matematicas de Teodosio a Eugenio, que para inteligencia y complemento de la Recreacion filosofica escribió en portugues el P. D. de la Real Sociedad de Lisboa y de la de Vizcaya etc. Tercera impression, corrigida y aumentada.* Madrid, en la Imprenta Real, Año de 1803. 8.º

III. *Harmonie de la raison et de la Religion par le P.*

IV. *Armonia de la razon y de la religion, ó respuestas filosoficas à los argumentos de los incredulos: obra del celebre P.* —. 3.ª edicion.

V. *Tesoro de proteccion en la Santissima Virgen, ó estimulos de amor y devocion á la Madre de Dios Señora Nuestra. Escrito en praticas por el P.* —. *Meditaciones sobre los atributos de Nuestra Señora la Virgen Maria, por el P. Teodoro de Almeida.* Barcelona, 1850.

VI. *Hombre feliz por* —. Barcelona, 1859.

VII. *Sermones del padre.* 3 tom. 8.º maior.

Vem mencionada esta versão no *Catalogo de livros hespanhoes* de D. Miguel Guijarro, de Madrid.

VIII. *Gemidos de la Madre de Dios afligida, y consuelo de sus devotos, con diferentes obsequios ofrecidos á la misma Señora considerada en sus dolores y angustias: su Autor el — de la Congregacion del Oratorio, etc. traducido del portugues al castellano.* Madrid.

IX. *Gemissements et consolations de la Mère de Dieu. Avec les exercices en l'honneur des sept douleurs de la Sainte Vierge. Par le P.* —.

X. *Entretenimientos del corazon devoto con el SS. Corazon de Jesus com simbolo del amor, y varios actos de desagravio y de obsequio dispuestos por el* —.

XI. *El filosofo solitario, obra instructiva, curiosa y filosofica, compuesta por el* —. 2 tomos.

283) ALVARENGA (DR.)

T. — I. *Thermosémiologie (de la) et thermacologie; analyse de la loi thermodifferentielle, observations originales, touchant l'influence des divers moyens thérapeutiques sur la temperature pathologique. Du Dr.* — *Ouvrage couronné par la Societé de Medicine d'Anvers au concours de* 1871. Anvers. 1873.

II. *Cyanese, (de la) particulierment au point de vue de son historique, de sa nature, et de sa génèse à propos des symptomes de la communication entre les cavités droites et gauches du cœur; discussion des théories de la cyanose. Ouvrage couronné par la Societé Centrale de Médicine du Nord de La France au concours de* 1871. Du Dr. Alvarenga. Lille 1873.

284) ALVARES (FRANCISCO).

T. — I. *Historicale description de l'Ethiopie contenant vraie relation des terres et pays du grand roy empereur Prete Jean, l'assiette de ses royaumes et provinces, leurs coutumes, lois et religion ecrite en Portugais par* —. *Plus une lettre d'Andre Corsal Florentin ecrite de Cochin aux Indes en* 1515 *touchant ses voyages.* Anvers, 1558. Tenho tambem visto citada uma edição de 1588.

II. *Histoire générale du royaume d'Ethiopie.* Paris, 1674.

III. *Geschiche von Ethiopien.* Eisleben, 1566 fol. Ibid. 1571.

IV. *Kurtze und wahrhaftige etc.* Francfurt, 1562, 2 vol. fol.

V. *Historia de las cosas de Ethiopia, en la qual se cuenta muy copiosamente el estado y potencia de emperador della (que es et que muchos han pensado ser el preste Juan) con otras infinitas particularidades, asi de la religion de aquelles gêntes, como de sus ceremonias, segun que de todo ello fue testigo de vista, capilan del rey de Portugal.* Saragoça, 1566.

285) A. MENDEZ.

T. — *Relation de l'Ethiopie touchant la conversion des ames, depuis* 1619. Lille 1643, 12.°

286) ANALISI DELLA PROFESSIONE *di Fede del Santo Padre Pio VII, tradotta dal Portoghese con alcune dilucidazioni di Antonio Pereira de Figueiredo.* Napoli, 1792, 4.°

287) ANDERE DECLARITIE *van Jean de Vierde Koninck van Portugael etc. Nae de rechte Originale Copye, uyt den Portugeesch.* Amsterdam, 1641. 8.°, 9 folhas.

288) ANDRADE (P. ANTONIO DE).

T. — I. *Grand Cathay, (le) ou royaumes de Thibet naguères decouvert.* Gand, 1627.

II. *Relation de la nouvelle du grand Cathay, ou bien du royaume de Thibet, par le* —. Pont-à-Mousson. 1628.

289) ARCHBISHOP (THE) *of Goa and the Congregation de Propaganda Fide.* Nova Goa. 1863, 8.°, 92 pag.

O auctor portuguez do original é o sr. J. H. da Cunha Rivara.

290) ARTICLES ACCORDÈS *par le roi de Portugal à la Compagnie qui s'etablit dans son royaume pour l'etat général du Brésil* (8 *Mars* 1649) *Traduit du Portugais.* Rouen. 1649, 4.° folheto.

291) BARRETTO (B.)

T. — I. *Relazione delle missione e Christianitá in provincia Malabarica.* Roma 1645.

II. *Relations des mission du Malabar.* Tournay 1645, Paris, 1645. 2 vol

292) BASTOS (JOSÉ JOAQUIM RODRIGUES DE).

T. — *Discours Religieux composés en Portugais par* —. Paris, 1845, 8.°

Dizem que fôra tambem traduzida esta obra em varios outros idiomas.

293) BERNARDES (P. MANOEL).

T. — *Exercices spirituelles ou méditations sur les fins dernières par le R. P. Traduit du Portugais par un prêtre du Diocèse d'Amiens.* Paris, 1863, 8.° 1.° vol. 472 pag. 2.° 496 pag.

294) B. (P.)

T. — *Itineraire du Portugal. Traduit du Portugais.* Bordeaux. 1810.

295) BRANCO (CAMILLO CASTELLO).

T. — *Amor de perdicion (Historia de una familia.) Novela original Portugueza de* —. Madrid. 1872. 8.°

296) CAILLOT (ANT.)

T. — *Vie de Dom Barthelemy des Martyrs, archeveque de Brague en Por-*

tugal; traduit de l'espagnol et du portugais par Isaac Le Maistre de Sacy et abregée par —. Paris, 1826, 8.º, 377 pag.

297) CAMOENS (L.)

T. — *Translations from — and other poets.* Oxford, 1818, 8.º

298) CAMOENS.

T. — *Lusiady albo Portugal i Zygz.*

Traducção dos *Lusiadas* que se está imprimindo (Novembro de 1876) na Polonia. Dizem que a tiragem é apenas de 25 exemplares.

299) CAMÕES (L.)

T. — *Os Lusiadas-Unter Vergleichung der besten Text. Mit Angabe der bedeutendsten Varianten, und einer kritischen Einleitung.* Trübner, 1874.

300) CAMÕES (LUIZ).

Traducção dos *Lusiadas* em prosa italiana. Roma 1804. Esta versão foi publicada no tomo XIX da *Collecção dos poetas mais excellentes, e de bom gosto.*

«Camões é o primeiro epico entre os modernos, que arrebatou os applausos de todas as nações, e o primeiro, que mereceu o estudo dos verdadeiros poetas.»

Abbade Andrès a pag. 241 do IV vol. da obra *Del origine dei progressi dello stato attuale d'ogni litteratura.*

301) CARDIM (F.)

T. — *Relazione della Provincia del Giapone.* Roma 1643. Ibid. 1645.

302) CARVALHO (ANTONIO DE AZEVEDO MELLO E).

T. — *Translation of the speech of his Excellency Senhor —. Honorary Minister of State, one of the judges of the Supreme Tribunal de Justice in Lisbon, and deputy of the Portuguese nation. Delivered in the Chamber of Deputies on the 2 nd May,* 1856. Liverpool. Printed by W. S. Tyerman, 22, Tower Chambers. Old Church yard. 8.º gr. 25 pag.

Este discurso versa sobre os negocios politicos de Portugal em 1847.

303) CARVALHO (J. LIBERATO FREIRE).

T. — *Essai historique politique sur la constitution et le gouvernement du royaume de Portugal par —.* Paris, 1830.

304) CASTANHEDA.

T. — *D'Indiaensche Historic der Portugeezen onder de Regeeringe van vyf Portugeesche Koningen; ofanders, het vervolg der historie van Don Emanuel, Koning van Portugael, sedert het jaer* 1521. *tot op het jaer* 1610. *Beschreven door Kastagnede en andere Historyschrijvers. Tot Rotterdam. Ap. Fransois van Hoogstraeten.* Anno 1670. 12.º 760 pag. além d'um prefacio não paginado.

305) CHAMBERBYNE (ED).

T. — *Rise (the) and fall of the Count Olivares. The imposture of Michael de Molina etc. The right and the title of the king of the Portugal D. John the* 4.th *Translated from the italien, spanish, and portuguese by —.* London, by T. N. 1653. 8.º B. P. L.

306) CLASSICAL DESCRIPTIONS *of Love from the most celebrated Epic Poets: Homer, Ariosto, Tasso, Milton, Virgil and Camoens (Lusiada V.)* Translated from the French.

307) COELII (GASPAR).

T. — *Jüngste Zeitung sus der weitberuhunien etc.*

Ultimas noticias da celebre ilha do Japão, e relação do que os jesuitas alli obraram para conversão dos pagãos em 1582, bem como do estabelecimento d'uma nova Christandade. Dillingen. 1586. Foi traduzida em latim, e impressa n'esta mesma cidade e anno.

308) COELHO (JOAQUIM GOMES). — Vulgo Julio Diniz.

As *Pupillas do Senhor Reitor* foram vertidas para hespanhol, segundo me assevera o Ex.mo Sr. Antonio Martins Leorne.

309) COPIA DE UNA CARTA *que embio de la India el padre Enrique de la compañia de Jesus al padre maestre Simon preposito de la dicha compañia en Portugal. Tresladada de Portugues. Recebida el año de* 1551.[1]

310) COPIA DE UNAS CARTAS *embiadas del Brasil por el padre Nobrega.* Recebidas el año de 1551

311) COPIA DE UNAS CARTAS *del padre mestre Francisco y del padre mestre Gaspar y otros padres de la compañia de Jesu, que enbiaron de la India.* Recebidas el año de 1551.

312) COPIA DE UNAS CARTAS *de algunos padres y hermanos de la compañia de Jesus, que escrebieron de la India, Japon y Brasil.* Fueron recebidas el año de 1555.

313) COPIA DE ALGUNAS CARTAS *que los padres y hermanos de la compañia de Jesus, que andan en la India y otras partes orientales escribieron.* Desde el año 1557 hasta el de de 1561.

314) COPIA DE LAS CARTAS *que los padres y hermanos de la compañia de Jesus que andan en el Japon escribieron a los de la misma compañia de la India, y Europa desde el año de* 1548 *hasta el passado de* 63.

315) COPIA DI UNA LETTERA *del Re di Portugallo Emanuel mandata al re de Castella del viaggio e successo dall'India.* Milano. 1505.

316) CONSTITUTION POLITIQUE *de la Monarchie Portugaise decretée par les Cortés Generales extraordinaires et constituantes, reunies à Lisbonne l'an* 1821, *promulguée et juré le* 1.er *Octobre.* 1822. *Traduite du Portugais par* *** Paris. Octobre 1822. Imprimerie de G. Gratiot, 48 pag,

317) COUTINHO (JOSÈ JOAQUIM DE AZEVEDO). — Evéque de Pernambouc, et Membre de l'Academie Royale des Sciences de Lisbonne.

T. — I. *Essai politique sur le commerce du Portugal et celui de ses colonies par —. Traduit du Portugais.* Paris, 1803.

II. *Political (A) essay on the commerce of Portugal and her colonies particularly at Brasil in South America. By —.* London. 1801.

318) DEDUZIONE CRONOLOGICA *e analitica.* 1767.

319) DE REBUS A HISPANIS, *Lusitanis, Aragonicis, Indicis et Aethiopis Damiani a Goes, Hyeronimi Pauli, Hyeronimi Blanci, Jacobi Tevii opera* Coloniae Agrippinae. 1602.

[1] Sr. Jorge Cesar de Figaniere. *Bibliographia Hist Portugueza.*

320) DINIZ (ANTONIO DA CRUZ E SILVA).

T. — *Goupillon (Le). Poeme heroique, comique, traduit du Portugais d'Antoine Dinis.* Paris, Chez Verdiere. 1828.

Esta traducção é attribuida a Boissonade. Ha uma edição mais moderna com annotações de Ferdinand Dinis.

321) DIVERSI AVISI PARTICOLARI *dall' Indie di Portogallo ricevuto dall' anno* 1551 *fino* 1558 *dalli Reverendi padri della Compagnia de Giesu.* Venetia 1558.

322) EITNER (K.)

Traduziu os *Lusiadas* para allemão. O Ex.mo Sr. Joaquim de Vasconcellos desconfia que foi impressa esta versão em 1868.

323) EMMANUELIS REGIS PORTUGALLIAE *epistola ad Julium II pontificem maximum de Taprobana insula contra Saracenos aquisita. Ex oppido Abrantes, XXV Sept.* 1505. Romae. 1507,

324) EMMANUELIS REGIS LUSITANIAE *de victoriis in Africa habitis epistola ad Leonem X.* Basileae 1541.

325) EMMANUELIS SERENISSIMI PORTUGALIAE *regis epistola de provinciis, civitatibus, terris et locis orientalis partis, suae ditioni fideique Christianae novissime per eum subactis.* Ex Alcochete, junni 1508, T. Compans, pag. 282.

326) ENGLISH PERSON (A).

Appareceu uma traducção ingleza, com este anonymo, da obra a respeito do Imperio da China, escripta por Alvaro de Semmedo, e impressa em Londres, 1655. fol.

327) EIN SENDBRIEFF *des König von Portugal en Babst Clement den siebenden.*

Idem. *Ein Sendbrieffes des Morenkönigs au König Emanuel zu Portugal.* T. Compans. pag. 26.

328) EPISTOLA POTENTISSIMI *ac invictissimi Emanuelis regis Portugaliae et Algarbiorum ad Leonem X Pontif. Max. de victoriis habitis in India et Malacae.* Romae 1513. Argentorati 1513. Viennae Austriae. 1513.

Ha muitas edições sem data, nem logar de impressão, segundo diz Ternaux Compans.

329) ETIOPISCHE RELATION *oder Berich was sich in dem Königreich Etiopia so sonst Prester Johannesland genennt wird, anno* 1604 *zugetranyeu. aus den portugiesischen Exemplar verteutscht.* (Relação da Ethiopia, ou quanto se passou desde 1604 no reino da Ethiopia, chamado tambem Prestre João: traduzido do Portuguez). Cöln. 1611.

330) FERREIRA (ANTONIO).

T.— *Ines de Castro. Tragedie traduite en Français.* Paris, 1835, 8.°

331) FIGUEIREDO (ANTONIO PEREIRA DE).

T. — I. *Analyse de la Profession de Foi du S. P. Pie IV, traduite du Portugais.* Paris, 1870, 8.°

II. *Traité du pouvoir des Eveques par* —. 1772, 8.° Sem designar o logar de impressão.

332) FROES (L.) ET N. PIMENTA.

T.— *Relation concernant l'accroissement de la foy Christienne aux Indes Orientales ès années* 1596 *et* 1597. Lyon, 1602.

333) GOES (DAMIANO DI).

T.— I. *Avisi delle cose fatte da Portoghese nell' India scritti in lingua Latina de — e tradotti in Toscano.* Venezia, 1593.

II. *Glaubhaftige Zeitung und Bericht,* etc. (Noticias criveis, e relação da guerra entre o rei de Portugal e o rei dos turcos na India àquem do Ganges, que acaba de ter lugar, redigida em latim), por — Augsburg, 1540.

334) GALVANO (ANTONIO).

T.— *Discoveries (the) of the World from their first original unto the year of our Lord* 1555 *by—governor of Ternate. Corrected, quoted and published in English by Richard Hakluyt* (1601). *Now reprinted with the original Portuguese Text: and edited by Vice Admiral Bethune C. B.* London. Printed by Hakluyt Society, 1862, 8.º, 242 paginas.

335) GONDAVO (PERO DE MAGALHANES).

T.— *Histoire de la province de Sancta Cruz, que nous nommons ordinairement le Brésil—dediée au tres illustre Seigneur D. Lionis Pereira, ancien gouverneur de Malaca et de plusieurs parties de l'Inde Méridionale.* Lisbonne, A, Gonsalvez, 1576.

A traducção d'esta viagem ao Brazil por Gondavo vem no vol. 2.º da collecção publicada por Henri Ternaux com o seguinte titulo: *Voyages, relations et mémoires originaux pour servir à l'histoire de la découverte de l'Amérique, publiés pour la première fois en français.* Paris, 1837.

O colleccionador diz em elogio de Gondavo: «É indubitavelmente uma das obras mais notaveis que appareceram no seculo XVI, sobre a descripção dos paizes longiquos. O estylo é simples, dote bem raro nos escriptores de sua nação. Apezar de conter algumas noções falsas ou inexactas, que a ignorancia da epocha desculpa facilmente, não se encontra alli uma d'essas fabulas ou legendas. que os autores contemporaneos acolhiam tão cegamente. Por isso é que todos quantos d'elle fallam concordam em tecer-lhe elogio. Antonio de Leon Pinelo (Bibliot. Orient. et Occid.) que se contenta quasi sempre com o appresentar o titulo da obra, chama a esta — *Una obra curiosa y unica.* Gil Gonzalez Davila (Teatro de las grandezas de Madrid, pag. 504) lhe chama—*Una obra muy erudita y curiosa).* Nicolau Antonio e Joan Soarez de Brito tambem lhe fazem elogios.»

«Pero Magalhaens de Gondavo possède à un haut degré cette forme à la fois élégante et naive, qui distingue les écrivains Portugais du XVIe siècle, et que Camoens n'avait pu manquer de reconnaitre en lui. Son récit n'est point une relation de commande, une histoire arrangée dans le cabinet; il a vu ce qu'il raconte, il a visité curieusement les peuples qu'il décrit.»—F. Dinis, *Chron. Chev.* tomo 2.º pag. 179.)

336) GOVEA (A.)

T.— I. *Histoire Orientale des grands progrès de l'Eglise Catholique en la réduction des anciens Chrestiens dite de Saint-Thomas avec la messe des anciens*

Chrestiens en l'evêché d'Angamale aux Indes Occidentales. Bruxelles, 1609. Anvers, 1609.

II. *Relation des grandes guerres et victoires obtenues par le roi de Perse Cha Abbas contre les empereurs de Turquie Mahomet et Achmet, ensuite du voyage de quelques religieux envoyés en Perse par le roy de Portugal. Par le Pere. Traduction du portugais.* Rouen, 1646.

337) GODIGNO (N.)

T.— I. *Vita patris Gonzali de Silveira in regno Monomotapa martyris.* Coloniae Agrippinae, 1616, 8.º

II. *Vita Gonzali Silveirae S. J. Sacerdotis in urbe Monomotapa martyrium passi anno* 1561. Lugduni, 1612, 8.º

III. *De Abassinorum rebus, deque Aethiopiae patriarchis Joanne Nonnio Barreto et Andrea Oviedo libri III. Auctore P.*—Lugduni, 1615, 8.º

338) GRAND (LE) CATHAY, *ou royaume de Tibet naguères descouvert. Traduit de l'Espagnol.* Gand, 1627.

339) GRAMMATICA NUOVA DI EMMANUEL ALVAREZ *aggiunta de gl' Infiniti, Partitivi etc.* Neapoli. Stephani Abatis, 1736, 8.º

É incrivel o numero de edições que no estrangeiro teve a grammatica do do padre M. Alvarez. D'estas encontram-se muitas na Bibliotheca Publica de Lisboa.

340) GRAND PRIEUR DE NEUVILLE-LES-DAMES ET DE PRÉVESSIN.

T.— *Relation historique d'Abissinie, traduite du portugais par* —. Paris, 1728, 4.º [1].

341) GUERRE DE TRIPOLI. *Poeme traduit pour la première fous du latin en français, et précedé d'une notice sur la vie de l'auteur. Auguste Vaton Libraire.* 1847, 8.º gr. Paris.

É a traducção do celebre poema composto pelo P. Joseph Francisco Cardoso, com o fim de cantar os feitos dos nossos em Tripoli. O extensissimo prefacio d'esta obra é destinado para tratar por miudo dos poetas latino-portuguez, que Portugal teve em grande numero, e dos quaes se deve gloriar.

342) GUIMARÃES (FRANCISCO VAZ DE).

T.— *Declaração da muito dolorosa Paixão de Jesus Christo por* —. *Traduzida em lingua Concani.* Bombaim, 1845.

343) HORTA (GARCIA).

T.— *Aromatum et simplicium et aliquot medicamentorum apud Indos nascentium historia. Autore Garcia ab Horto.* Antuerpiae, 1567. Id. 1574. Id. 1582. Lugduni, 1584. Id. 1593. Id. 1642.

II. *Due libri Dell' istoria dei simplici, aromati e altre cose che vengono portate dell' Indie Orientali, pertenenti al uso de la medicina, per* —. Venezia 1582, 8.º

III. *Histoire des drogues espisceries et de certains medicamens simples qui*

[1] Catalogue de Chossonnery, pag. 87.

naissent es Indes et en Amerique. Ecriste en Portogais, par Garcie du Jardin. Lyon, 1619.

344) HISPANIAE ILLUSTRATAE *seu rerum urbiumque Hispaniae, Lusitaniae, Aethiopiae, et Indiae scriptores varii, partim editi nunc primum, partim aucti atque emendati... Tomis aliquot divisi. Opera et studio doctorum hominum. Francofurti, Apud Claudium Marmium et Haeredes Johannis Aubri.* 1603, 4 vol. fol.

Vol. I, pag. 1160.—Damiani a Goes equitis Lusitani, Petro Mannio, latino apud Lovanienses professori dignissimo, amicoque non vulgari. Hispania.

É um breve resumo das coisas da Hespanha e de Portugal, onde trata principalmente da nobreza e das producções naturaes d'estes dois paizes.

Vol. II, pag. 823.—Damiani a Goes, Lusitani, vita. Collecta potissimum e scriptis ejus.—Pag. 827.—Damiani a Goes ad Jacobum Fuggerum pro defensione Hispaniae.—Pag. 828.—L. Andr. Resendii Lusitani epistola historica de Aera Hispanorum Joanni Vasaeo viro doctissimo.

Vol. III, pag. 879.—Damiani a Goes Ulisiponensis urbis descriptio.—Pag. 890.—Ejusdem de rebus de imperio Lusitanorum ad Paulum Jovium disceptatiuncula.—pag. 892.—L. Andreae Resendii Antiquitatum Lusitaniae, libri IV et liber unus Antiquitatum Eborae ab And. Schotto latinus factus.—pag. 985. —Jacobi Menoetii Vasconcelli de municipio Eborensi liber singularis.—pag. 997.—L. Andr. Resendii de Colonia Pacensi Epistola.—pag. 1003.—Ejusdem de Eborensis Ecclesiae Sanctis ad Bartholomoeum Kebedium.—pag. 1222.—Duardi Noni Leonis Censura in libellum de Regum Portugalliae origine, qui Fratris Josephi Teixerae nomine circumfertur.—pag. 1223.—Ejusdem de vera Regum Portugalliae Genealogia.—pag. 1287.—Johannis Port. Regis literae ad Clementem VII Pontificem.—pag. 1288.—Damiani a Goes. De religione et moribus Aethiopum. Epistolae aliquot Preciosi Johannis Aethiopum Regis Damiano et Paulo Jovio interpretibus.—pag. 1291.—Epistola Helenae aviae Davidis Aethiopum Regis ad Emanuelem Lusitaniae Imperator em scripta.—pag. 1293.—Davidis Aethiopiae Regis literae ad regem Emanuelem scriptae.—pag. 1295.—Ejusdem Davidis Aethiopiae regis literae ad Johannem Portugaliae Regem scriptae.—pag. 1297.—Ejusdem Davidis Aethiopiae regis binae litterae ad Clementem VII pontificem.—pag. 1313.—Deploratio gentis Lappianae.—pag. 1314.—«Lapiae descriptio —pag. 1315.—Epistola Emanuelis Regis Port. ad Leonem X Pont. max. de victoriis in Africa habitis.—pag. 1316.—«Epistola Johannis III Portug. Regis ad Paulum III de rebus in Oriente feliciter gestis. —1319.—Damiam a Goes Bellum Cambaicum seu Obsidio Urbis Diensis.—pag. 1328.—Ejusdem Bellum Cambaicum II Commentarii III.—pag. 1345.—Jacobi Tevii de Rebus ad Dium gestis Commentarius.—pag. 1372.—L. Andr. Resendii Epistola de rebus indicis ad Conradum Gochlenium.

345) HISTORIA DE LA INDIA, *por João de Barros, Castanheda Lusitano, Damião de Goes, etc., etc.* Valladolid, 1603.

346) HISTOIRE DE LA DERNIERE CONJURATION *de Lisbonne à laquelle on a joint deux pièces instructives, la première — La Republique des Jesuites, ou le Paraguai renversé: la seconde est un Decret de S. A. le Cardinal*

Saldanha pour la reforme des Jesuites du Portugal, et autres religieux du meme Ordre sugets de S. M. Tres Fidelle. Ouvrage traduit du Portugais. Francfort, 1759.

347) HISTORIA DEL DESCOBRIMIENTO *y conquista della India por los Portugueses compuesta por Hernan Lopez de Castañeda en lenguage portuguesa, y traduzida nuevamente en Romance Castellano. Dirigida al muy ilustre señor don Luys de Avila Cuniga Commendador mayor de Alcantara etc.* En Anvers. En casa de Martin Nucio 1554, 8.º, 220 folhas numeradas.

348) HISTORIA Y ANNUAL RELACION *de las cosas que hicieron los padres de la Compañia de Jesus por las partes del Oriente y obras los años de* 607 *e* 608. *Traduzida de Fernão Guerreiro.* Madrid, 1613.

349) I LUPI SMASCHERATI NELLE CONFUTAZIONE, *e traduzione del libro intitolato: Monita secreta Societatis Jesu. In virtu de quali giunsero i Gesuiti all' orrido, ed esecrabile assassinio de S. S. R. Maestá F. D. Giuseppe I, re di Portogallo.* Ortignano, 1761. in 8.º

350) I. O. S. E. D. E.

T. — *En los felicissimos desposorios del Serenissimo Rey de Portugal D. Juan V con la Serenissima Reyna D. Mariana de Austria Epitalamio por —.* Vienna: En la Officina de Juan Diego Kurner, Ano 1708.

351) IRVING (THEODORO).

T. — *The conquest of Florida under Hernando de Soto,* London, 1850.

352) JOÃO IV. — Rei de Portugal.

T. — *Difense della musica moderna contre le false opinione del Vescovo Cirillo Franco di Spagnolo in italiano.* Sem data nem logar de impressão: mas parece ser impressa em Veneza.

É uma traducção para italiano da obra do nosso rei D. João IV intitulada *Difensa de la Musica moderna contra la errada opinion del Obispo Cyrillo Franco. Al señor Juan Loreço Rabelo, Portugues de nacion, fidalgo de la casa del Serenissimo Rey D. Juan el Quarto de Portugal, Commendador de la encomueda de S. Bartholomé de Rabal, de la Orden de N. S. Jesu Christo y assistente en el servicio del mismo Señor.* Lisboa 1649. [1]

353) JUGEMENT DU CONSUEIL SOUVERAIN *chargé par S. M. T. F. d'instruire le procès au suget de l'attentat commis sur sa personne sacrée, qui contient l'exposé des faits principaux, qui résultent des informations, et les noms des principaux chefs et complices de la conspiration; et qui condamne une partie des coupables à divers supplices, du douze Janvier* 1759. Sem data, nem logar de impressão.

354) JUSTIFICATION DES ARMES *de D. Pedro, roy de Portugal pour delivrer les espagnols de la servitude des Français.* Amsterdam. 1704.

É a traducção da obra portugueza de Antonio Rodrigues da Costa.

355) LA GEMMA CERAUNIA D'ULISSIPONE *hora Lisbona. Drama Musicale per li felicissimi sponsali della S. R. Maestà di D. Pietro Re di Portugallo, con la serenissima Maria Sophia Prencipessa Eleitorale Palatina. Escri-*

[1] Vide—*Musicos portuguezes*, I pag. 132.

bito, per commando del Serenissimo Philippo Guglielmo Eletore Palatino. Nella sua Elettorale Residenza di Heidelberga. Et dedicato alle S. S. R. Maestà delli stessi Reggi Sposi.

Heidelberga, per Michaele Franz, Stampatore di S. A. E. 1687. fol. 161 pag. em allemão e italiano.

356) L'ECO IN GERMANIA *al viva del Portogallo negli augustissimi e felicissimi Sponsale delle SS. MM. della Regina Maria Sofia e di D. Pietro Re di Portogallo. Funzioni poetiche, per commando di SS. Serenissima il Duca di Neuburgo, Principe elletoral Palatino. Condotte in Musica dal Sgr. D. Sebastiano Moratelli suo Mco. di Capella, e Capellano d'onore della Serenissima Archiduchesa Marianna d'Austria.* Dusseld, Typis Joh. Hen. Beyer.

357) LEGGE DEL SERENISSIMO *e motto potente Re di Portogallo overo la Tratta del Pepe Drogherie e Mercantie dell' Indie del suo gran Regno.* Fiorenza, 1571.

358) LERIUS (BURGUNDUS JOANNES).

T. — *Historia Navigationis in Brasiliam quae et America dicitur; nunc vero primum latinitate donata et variis figuris illustrata.* Genova, 1594, 8.º

359) LETTERAE DEL GIAPPONE *scritte delli P. P. della C. de Jesu.* Roma, 1578.

Lettere del Giappone e della Cina, de gli anni 1589-1590. Venezia 1592. Valladolid. 1603.

Lettere annue del Giappone dell' anno 1601 *al P. A. Valignano.* Roma. 1603.

360) LETTRE DE CRÉANCE *en forme de Patente, donné par D. Jean, roi de Portugal a D. Ignacio de Mascarenhas, son neveu, et ambassadeur ordinaire près messieurs de la Députation en Catalogne servant de manifeste. Traduite fidèlement de mot à mot d'espagnol en français.* Lyon. 1641. 4.º

361) LETTRE DE MONSEIGNEUR *le Prince de Portugal D. Christophe écrite de Paris le* 24 *Octobre* 1628 *à Mr. son neveu qui s'est rendu religieux de l'Ordre des Carmes déchaussés en Flandre.* 8.º C. M. B. J. P.

362) LETTRE DU CONSEILLER ABRANTES *à Sir William A' Court sur la régence du Portugal et l'autorité du Seigneur D. Pédre IV, en sa double qualité de roi de Portugal et de père de D. Maria II. Fidèlement traduit de l'original Portugais, publié à Londres.* Paris. 1827.

363) LETTRES DE D. LEONOR DA CAMARA (23 Outubro de 1833). Paris.

364) LETTRE D'UN AMI *à son ami qui lui a envoyé la rèlation de la bataille de Villa-Viciosa, écritte à sa Magesté Catholique, par le Marechal Comte Schomberg.* B. P. L.

3 65 LETTRE DU ROY DE PORTUGAL *à notre sainct pere le pape de la conversion de quatre royaumes Indiens à la saincte foi chrestienne et du recouvrement du royaume de Abexim.* Paris. 1546.

366) LETTRE ÉCRITTE *à une dame avec une relation de la fête donnée à Utrecht le* 13 *Juillet* 1714 *par S. Excellence Mr. le Comte de Tarouca... pour la naissance d'un second Prince.* 4.º B. P. L.

367) LETTRE ESCRITE DE PORTUGAL *à tres Excellente Prince*

D. Christophe, fils de D. Antoine traduite de Portugais en François. Delf. 1616.

368) LETTRES PASTORALES, *l'une du Chapitre de l'Église d'Elvas (12 février 1759): l'autre du collège de Ste Église de Lisbonne* (19 *février* 1759) *en execution de la lettre royale du 19 Janvier 1759 pour détruire et anéantir les erreurs impies et séditieuses que les Jésuites ont voulu semer dans ces royaumes, avec un coup d'œil de leur usurpation dans l'Amérique Espagnole et Portugaise.* 1759. Sem logar de impressão.

369) LETTRE QUE LE SEIGNEUR D. CHRISTOPHE *fils de défunt roy de Portugal D. Anthoine a escript sur un nom posé a D. Christophe de Moura, viceroy de Portugal le persuadant de faire quelque chose pour la restauracion de sa patrie* (3 *Septembre* 1609). Paris, 1610.

370) LIBRO DEL INFANTE *Don Pedro de Portugal, que anduvo las quatro partidas del mundo.* Çaragoça 1570. Barcelona 1595.

371) LITTERAE *Serenissimi atque invictissimi Portugalliae et Algarbiorum regis ad Sanctissimum Patrem Paulum III super insigni victoria rebusque in India feliciter gestis.* Viennaè Austriae. 1536.

372) LOBO (P. JERONYME —).

T. — *Relation de l'empire des Abyssins et des sources du Nil avec des remarques. Composé en Portugais par le* —. Paris. 1674.

373) LOBO (FATHER).

T. — *Voyage to Abyssinia.* London 1809.

374) LOI ÉTABLIE *par le Prince Régent de Portugal à la prière des Etats de ce royaume pour régler les successions de la couronne et les régences et les tutelles durant les minorités* (23 *novembre* 1674). Paris 1675. folheto.

375) LOPES.

T. — *Beschryving van het coningrycke Congo.* Amsterdam. 1658.

376) LOPES (ODOARDO).

T. — *Portoghese. Relatione del reame di Congo et delle circonvicini contrade.* Roma. 1591.

377) LUCENA (JOÃO DE).

T. — *Vida de S. Francisco Xavier y historia de lo que hicieron los Padres da la Compagnia de Jesus en las Indias.* Sevilla. 1619. 4.º

378) MAGAILLANS (G. DE).

T. — *Nouvelle description de la Chine contenant la description des particularités les plus considerables de ce grand empire, composée en l'anné* 1668 *par* —. Paris. 1688. 8.º com estampas.

379) MAGELLAN (JOÃO JACINTHO).

T. — *Addition relative aux derniers jours de J. J. Rousseau* Londres, 1778.

Magalhães foi talvez o compatriota que no estrangeiro mais honrou o nosso paiz no seculo passado.

380) MALAGRIDA.

Tragedie en trois actes et en vers. Traduite du Portugais. A' Lisbonne, de l'Imprimerie de l'Inquisition. 1763.

381) MANIFESTE DU ROI DE PORTUGAL, *contenant les erreurs*

impies et séditieuses que les religieux de la Compagnie de Jesus ont enseignés aux criminels qui ont eté punis, et qu'ils se sont efforcés de répandre parmi les peuples de ce royaume. Lisbonne 1759. 12.° 81 pag.

382) MANUAL DE DEVOÇÕES *e doutrina Christã. Vertido em lingua Concani.* Bombaim. 1848.

383) MANUAL DE ORAÇÕES *em lingua Concani.* Bombaim. 1849.

384) MASCARENHAS (D. GERONIMO).

T. — *Amadeo de Portugal en el siglo Juan Menezes da Silva, Religioso de S. Francisco, Fundador da Congregacion de los Amadeos en Italia.* Madrid, por Diego Dias de la Carrera, 1653.

385) MATTOS (GABRIEL DE).

T. — *Littera annua del Giapone dell anno* 1614. Roma 1617.

386) MATTOS (GABRIEL DE). — DE LA COMPAGNIE DE JESUS.

T. — *Lettre annuelle du Japon de l'an* 1603, *écrite par le P. Gabriel de* —. Donay. 1606.

387) MEDNELLES (D. EMMANUEL DE).

T. — *Relation des conquêtes faites dans les Indes par D. P. M. d'Almeida, Marquis de Castel-Nuovo. Vice-roi et capitaine général des Indes. Traduite du Portugais de* —, *qui s'y est trouvé présent, et de l'Italien d'un auteur anonyme, imprimée à Rome en* 1748. Paris 1649.

388) MEMOIR ON THE ADDRESS *of His Holiness Pius IX delivered in the Secret Consistory on* 17 th *February* 1851. *Translated from the original in Portuguese, and printed for Senhor João Bonifacio Misso, Consul general of Portugal in Ceylon.* Colombo. 1853, 8.°, 27 pag.

389) MEMOIR ON THE ALLOCUTION *of the Most Holy Father Pius IX in the secret Consistory of the* 17. ts *February* 1851. *Translated from the original in Portuguese by auctority of the Ecclesiastical Commission of The Saint Thoma.* Madras. 1852, 8.°, 21 pag.

390) MENDES (D. AFFONSO).

T. — *Litterae Aethiopicae scriptae ab ipsomet Patriarcha Aethiopiae R. P.* Mechliniae. 1628, 12.°, Lille, 1633, in 12.°

É a traducção da carta do jesuita Affonso Mendes, patriarcha da Ethiopia, e impressa em Lisboa.

391) MENESES (DIEGO DE MELLO Y).

T. — *Nuevo epitome de gramatica latina, ó verdadero metodo de enseñar el latin á un principiante. Compuesto en lengua portuguesa por el R. P. Fr.* —, *monge de S. Geronimo en el real Monasterio de Belen, y professor Regio de lengua latina. Traducido al Castellanno primera vez.* Madrid. Ne la imprenta de Don Benito Cano. Año de 1797, 8.°, 172 pag.

392) MENEZES (JEAN RODRIGUES DE SAA Y —).

T. — *Rebelion de Zeylan y progressos de su conquista en el governo de D. Constantino de Saa y Noronha.* 1648. T. Compans, pag. 249.

393) MIDOSI (PAULO).

T. — *Who is the legitimate King of Portugal? A portuguese question submitted to impartial men, by* —. Plymouth, 1829, 8.°

394) MORAES (FRANCISCO DE).

T. — *Palmerin d'Angleterre. Chronique Portugaise par —. (Imitation abrégée)* 4 vol. Paris, 1829.

395) NARRATIVE (A) *of the persecution of Hippolito Joseph da Costa Pereira Furtado de Mendonça, a native of Colonia do Sacramento, on the River La Plata; imprisoned and tried in Lisbon, by the Inquisition, for the pretended crime of free-masonry. To which are added the bye laws of the Inquisition of Lisbon, both ancient and modern (never before published) taken from the originals in one of the Royal libraries in London.* London 1811, 2 vol. 1.° 338 pag. 2.° 344. Com um bom retrato do auctor.

396) NELLE FELICISSIME *nozze delle Sacre Reali Maesta di Don Gioannni V Re di Portogallo, e di Algarve etc. e di Maria Anna Archiduchessa d'Austria. Poesia per musica, consacrata a S. E. il sig. D. Fernando Telles de Sylva, Conte de Villamayor etc.* Vienna. Appresso Gio. Van Ghelen. 1708. 8.°

397) NEUKERCH (BURCHARDUS WESTPH). — Paderb. Juris utriusque Candidatus. Autor et Respondens.

T. — *Justitia Belli et Pacis in statu regni Portugallici fundata, sive Historia Portugalliae, in qua quae recensentur bella gesta, fœdera inita, judicia instituta, leges fundamentales, Ordinationes politicae, aliaque acta publica et domestica a parte Portugallorum justa, naturaeque ac gentium juri consentanea esse. Praeside viro amplissimo, excellentissimo atque consultissimo D N. Henrico Coccejo, Antecessore, Decret. Pandectarum et Juris gentium profess. Consiliario gravissimo D N O. Et fautore suo colendissimo. Ad diem — Julii, MDXXCVII* (sic). *Defendet —.* Heidelbergae. Excudebat Joh. David. Bergmaum etc. 85 pag.

É dedicada a D. Pedro II de Portugal.

398) NOTICE SUCCINCTE *sur la vie de D. Nuño Alvarès Pereira de Mello, sixième duc de Cadaval. Traduit du Portugais.* Paris. 8.° Sem data.

399) ORIGEMEENE SCHEEPS-TOGTEN *en Manhafte Krygs-Bedryven to Water en Land, door Diego Lopez Sequeira als Kapitein en Governeur ter voortzetting van der Portugyzen Gobied en vryen Koophandel in de Oost-Indien met IX Schepen derwaarts in't Jaor* 1518..... *Als med nasporing van Abyssen of't Land van Preste Jan... Uit d'eyge Berigten en Order des Konings van Portugaal in't Portugys beschreven, door Joan, de Barros....* Te Leyden. By Pieter van der A A. 1707, 8.°, 383 pag.

400) OSORIO (JERONYMO).

T. — *Histoire de Portugal contenant les entreprises, navigations, et gestes memorables des Portugallois tant en la conqueste des Indes Orientales par eux découvertes qu'ès guerres d'Afrique et autres exploets, depuis l'an mil quatre cens noñat six jusques à l'an mil cinq cens septante huit sous Emanuel premier... traduits du Latin de —.* (Sem logar de impressão) 1581. fol.

«Fomos muy bem recebidos n'esta cidade de Nicosia, do Monsenhor Estanga, Legado de S. Santidade n'aquellas partes, e sobre maneira nos festejou o tempo que alli estivemos: porque á nossa partida de Trento lhe escreveu o arcebispo encommendando-nos muyto, e lhe escreveu o padre Bonifacio, e as-

sim mesmo nos festejaram os conegos e mais senhores da cidade: e muyto em especial o senhor conde de Tripoli, e seus filhos, e o sr. D. Jacome: a hum dos quaes filhos vi ter em muita estima os commentarios, que tratam das cousas da nossa India Oriental, escriptos pelo senhor D. Jeronymo Osorio em lingua latina, e perguntava-me muitas vezes se aquellas coisas passavam assim na verdade: admirava-se muyto por eu dizer, que ainda havia pessoas vivas, que se acharam n'aquellas batalhas, assim navaes, como campaes.» [1]

401) PACHECO (PANTELEONE RODRIGUES).

T. — *Discorso diretto alla Santita di Urbano VIII per dimonstrare il diritto che assiste al re D Joanni il IV di regnare in Portogallo.* Leone, 1642, in fol.

402) PAIVA (JACOBI) *de Societatis Jesu Origine: libellus contra Kemnicii petulantem andaciam. Societatis Jesu Defensio adversus obtrectatores, ex testimonio et literis Pii IV.* Lovanii, 1566.

403) PIMENTA (N.)

T. — I. *Sendschreiben von dem glückselingen Fortgang der Christenheit iñ den orientalischen Indien.* Constanz. 1602.

(Carta a respeito dos felizes progressos do Christianismo das Indias Orientaes.)

II. *Lettres ecrites de Goa en* 1599. Venezia 1601, Idem 1602, 12.°

III. *De statu Rei Christianae in India Orientali anno* 1600 *Epistola Moguntiae.* 1602.

IV. *De felici statu et progressu rei Christianae in India Orientale epistola ad Claudium Aquavivam* Constantiae. 1603.

404) PIMENTEL (M.)

T. — *Brazil (the) Pilot, or a description of the coast of Brazil, translated of* —. London, 1809. fol.

Em 1811 offereceu João Bell de presente á Academia Real das Sciencia de Lisboa um exemplar d'este Roteiro de Pimentel em inglez.

405) PINTO (F. M.)

Merkwürdige reyzen von. — Amsterdam 1671, por Henrique e Dietrich livreiros. Impresso por Jacob de Velseu.

No rosto diz-se que a obra é — «agora sómente traduzida em allemão, e ornado com differentes gravuras.»

De Vonderlyke reizen von —. Amsterdam, 1650, 3 vol. Outra edição. Amsterdão, 1653, in 4.° (Peregrinações de F. Mendes Pinto). D'este celebre viajante temos ainda as seguintes versões:

I. *Voyages et aventures.* Paris, 1663.

II. *Voyages ad adventures.* London, 1663. fol.

II. *Historia Oriental de las peregrinationes.* Madrid. 1664.

406) PINTO (FERNÃO MENDES).

L'heureux voyageur ou les aventures de —. Amsterdam 1700.

(Este resumo das viagens do nosso celebre escriptor vem na obra intitulada *Les vicissitudes de la fortune).*

[1] Fr. Pantaleão d'Aveiro.—*Itinerario da Terra Santa*, cap. XIV.

407) PINTO (HECTOR).

Imagen de la vida christiana ordenada por Dialogos, como membros de su composicion. El primero es de la verdadera philosophia. El segundo de la Religion. El tercero de la Justicia. El cuarto de la tribulacion. El quinto de la vida solitaria. El sexto de la memoria de la Muerte. Compuestos en lengua Portuguesa por el muy reverendo y docto padre Fray —, de la orden del glorioso San Hieronymo, tradusidas en nuestro vulgar en castellano. Con licencia de los señores del Consejo Real, impresso en Medina del Campo. En casa de Francisco del Canto. Año de 1579. A costa de Benito Boyer, mercador de libros.

Existe outra edição (ou traducção?) feita em Alcalá de Henares, no anno de 1580.

408) POSITIO SUPER *Beatificationis et Canonisationis V. Servi Dei Fr. Antonii a Conceptione.* Romae, 1673. fol.

409) POSITIO SUPER DUBIO *an sit signanda commissio pro introductione causae in Beatificatione et Canonicatione Venerabilis Servae Dei Joannae, filiae Alfonsi V Regis Lusitaniae vulgo Sanctae Principis appellatae.* Romae 1688 fol.

410) POSITIO SUPER DUBIO *ds Martyrio V. Servi Dei Joannis de Brito.* Romae. 1733, fol.

411) PRIMO VIAGGIO INTORNO *al globo terraqueo, ossia Ragguaglio della navigazione alle Indie Orientali per la via d'occidente fatta sulla esquadra del capitano Magaghanes negli anni* 1519-1522. Milano 1800. Idem 1805.

412) PUCCINELLI (D. PLACIDO).

Historia dell' Eroiche Attioni de B B Gometio Portughese e di Teuzonne Romito. Milano, 1645.

413) PUCHE (F. FRANCISCO).

Traslado fielmente sacado de dos cartas escritas, la una de Goa a 16 *de maio de* 1618, *y la otra de la Ciudad de los Reys metropoli del Peru.* Barcelona, 1620. B. P. L.

414) RACCONTO ESATTO *del Apparato, e sacre funzioni fatte nella Chiesa de S. Antonio della nazione portoghese per la nascita della principessa de la Beira, primogenita del Principe del Brazile, figlio di Giovanno V di Portogallo.* Roma, 1735, 4.º

415) RACCOLTA DELLE COSE DEL PORTUGALLO *rapporto a P. P. Jesuiti.* Lugano, 1760-62. 18 vol. B. P. L. É uma collecção importante para a *Historia dos jesuitas em Portugal.*

416) RAGGUAGLIO *del sontuoso treno delle carreze con cui andó alla audienza de S. Santitá il di* 8 *juglio* 1716... *D. Rodrigo Annes de Saa Almeida e Menezes.* Roma, 1716, 4.º

417) RAZON DE LA GUERRA ENTRE PORTUGAL *y las provincias unidas de los paizes baxos; con las noticias de la causa de que ha procedido. Translacion del papel que en lengua Portugueza se imprimio en Lisboa este año de* 1657. Sem data nem logar de impressão. 4.º folheto. C. M. B. I. P.

418) RECUEIL DES PIÈCES *au sujet de l'attentat commis le 3 sept. 1758 sur la Persone sacrée de S. M. le Roi Joseph 1 de Portugal, et du Séquestre de tous les biens de Jésuites de ses royaumes.* 6 vol. Paris, 1758-1760.

419) REFLECTIONS OF A PORTUGUESE *upon the memorial presented by the Jesuits to his present Holiness Pape Clement the XIV.th* London. 1860.

420) REFLECTIONS ON THE PORTUGUESE *patronage of the Orient, applied to the Pastoral Address of the Revd. Fre Angelicus, Pro Vicar Apostolic in Bombay, to the Roman Catholic Soldiers of that same Presidency, by a Portuguese. Translated from the Original Portuguese* —. Madras. Lusitanian Press. 1858.

Appendix to the Reflections on the Portuguese Patronage of the Orient by the same Author. Translated from the Original Portuguese. Madras, 1859.

421) RELACIO DEL SUCCES *de las armas d'elRey de Portugal y dels embelecos que usan los Castellas y tambe de las virtuts particulars del dit Rey.* 1642. Barcelona, por G. Nogues.

Relacio molt certa dels successos de las armas del Rey de Portugal y del rendimento de Badajos. Barcelona, por G. Nogues. 1642.

Relacio des successos venturozos de las armas de Portugal ha hontan guanyat moltas banderas de los Castellans y cremat moltas vilas y mochs y ells a Montery. Barcelona, Casa de J. Mathevat. 1642.

Relacio molt verdadera del bon success que han tingut las armas del Papa y del Rey de Portugal contra las armas de El Rey de Castella en Portugal y en los estats del Papa. Barcelona, 1643.

422) RELACIO MOLT VERDADERA *de la victoria que han tingut las armas del Rey de Portugal contra las del Rey de C. en la villa de Salvaterra, en lo regno de Galicia.* Barcelona, 1643.

Relacio de la gran victoria del rei de Portugal contra as d'elrey de Castilla entre Montijo e Badajoz. Barcelona, 1644.

Relacio verdadera del arribo del Señor Archiduque en Portugal. Barcelona, por F. Guasch.

Relacio de la famosa batalha y victoria que han tenido las armas catholicas contra Portugal, viniendo a sitiar la Ciudade de Badajoz. Madrid. 1646.

423) RELACIO MOLT VERDADERA *de la victoria que han tingut las armas de el rey de Portugal contra las d'Elrey de Castella a 17 de Novembro de 1642.* Barcelona, 1642.

Relacio del bon succes de las armas del Rey D. Juan IV de P. en que se nota la presa y capitulacion de la famosa Villa del Fresmo, tambe per altra parte par la presa de Altamugen Porto Pedroso y altres places considerables en lo regno de Galicia, y perdicio de alguns sexantà uochs en lo reyno de Castella. Barcelona 1644. Ha muitas outras relações n'este genero, todas impressas em Barcelona.

424) RELATION HISTORIQUE D'ABYSSINIE *du P. Jerome Lobo, Jesuite, traduite du Portugais, continué et augmentée de plusieurs dissertations, lettres et memoires.* Paris. 1728.

425) RELATION ÉCRITE DE GOA, *par le R. P. Pereyra. de la C. de G. et envoyée á Lisbonne au R. P. Jean Baptiste Carbonne sur l'ouverture qui se fit le douzième Décembre 1744 du tombeau de St. François Xavier.* 4.º

426) RELATION HISTORIQUE *de la découverte l'Isle de Madère. Traduction du Portugais.* Paris, 1671. 12.º

427) RELATION OF THE CONQUEST *and invassion of Florida by the Spaniards under the command of Fernando de Sotto, writen in Portuguees by a gentleman of the town of Elvas, now englished, to which is subjoned two journeys of the present emperor of China into Tartary in the years 1682 and 1683; with some discoveries made by the Spaniards in the island of California in the year* 1683. London, 1686. 12.º

428) RELATIONS DE DIVERS VOYAGES CURIEUX *qui n'ont point eté publiés ou qui ont esté traduites de Hachiyt, de Purchas, et d'autres voyageurs anglais, hollandais et portugais etc.* Paris, 1663, 2 vol. fol.

Traz no 1.º vol. a versão para francez do *Itinerario das Indias* por Aleixo da Motta cosmographo mór da carreira das Indias, (No prefacio do 2.º vol. diz-se que a traducção é de Grand Maison.

No 2.º vol. vem uma carta do Japão feita por um portuguez. É obra importante para a *Historia de nossas navegações.*

429) RELAZIONE DELLA PRIMA *udienza publica dell Excell. Sign. D. Andrea de Mello de Castro al Papa.* Roma, 14 de aprile 1709 fol.

430) RELAZIONE DEL SONTUOSO *ingresso fatto all' 7 de Guigno doppo prazo del Excell. Sign. Conte di Villa-maggiore Ambasciator Regio di Portogallo a la Corte Cesarea.* Viena, 1709. fol.

431) RELAZIONE DEL REAME DI CONGO, *di Duarte Lopes.* Roma, 1591.

432) RELAZIONI VARIE CAVATE *da una traduzione Inglese dell' originale Portoghese, ove si tratta del Nilo.* Firenza, 1693.

433) REMO (FRÁ GIACOMO MARIA DA S.)—De Minori Osservanti Refformati della Provincia di Genova.

L'Oceano imboschato in cui pati funesto naufragio Emanuel Sosa Cavalier portoghese. Storia descritta da —. In Milano, 1672. Nella Stampa Archiepiscopale. 12.º 191 pag. É dedicada ao padre Timoteo Canevese, de Milão, Leitor e prégador geral. B. P. L.

434) RERUM ET REGIONUM INDICARUM: *per Serenissimum Emmanuelem Portugalliae Regem partarum novissima.* Em gothico.

É uma carta dirigida por Francisco Chalderia de Padua ao rev. senhor bispo de Aquilea.

Hec sunt nova: que Anno dñni MDXIII ex partibus Indie venere Serenissimo Emanueli Regi Portugalliae: Cui ibi omnia prospere succedunt: ac ipsi uti cuidam Deo obediunt.

É um folheto, que deve ser rarissimo, do qual vi um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

435) RESENDIO (A. A.) — LUSITANO

Epitome rerum gestarum in India a Lusitanis anno superiori juxta exem-

plum epistolae quam Nonis Acuña, dux Indiae ad regem misit ex urbe Cananorio, autore —. Lovanii 1531.

436) RIBERO (G. PINTO).

Discorso dell' usurpatione, retentione e ristoratione del regno di Portugallo, dal dr. —. Lisbona, 1646. 4.°

437) RIBERO (J.)

History of Ceylon. Translated from the portuguese. Ceylon, 1847. Com cartas e mappas.

438) ROCHA (ANTONIO DA SILVA LOPES).

Injuste acclamation du Serenissime Infant D. Miguel, ou analyse et réfutation juridique de la décison des soi-disant trois Etats du royaume de Portugal, du 11 Juillet 1828. Dediée à Sa Majesté T. F. D. Maria II par le Desembargador —. *Traduit du Portugais.* Paris. 1828.

439) ROCHA (J. MONTEIRO DA).

Mémoires sur l'Astronomie pratique par —. *Traduites du Portugais.* Paris. 1808.

Balbi diz-nos que existem traduzidas em Francez mais algumas obras d'este nosso celebre mathematico.

440) SACRAMENTO (JUAN DEL SANTISSIMO).

Viage y Perigrinacion de Jerusalem. Lisboa, 1744.

Parece-me que João do Santissimo Sacramento é portuguez, mas não tenho a certeza.

441) SAMPAIO (DIOGO DE).

Diz Balbi (vol. II pag. LXXXVII) que o *Tratado das côres* por Diogo de Carvalho Sampaio fôra traduzido em hespanhol.

442) SAMPAIO (L. J. DE).

Question Portugaise. Documents authentiques et officiels concernant les affaires de Portugal, depuis 1824 jusqu'en 1829 traduits en Français par —. Brest. 1832.

443) SAMPAIO (MANOEL IGNACIO DE).

Apparece d'este nosso compatriota um trabalho em francez, cuja traducção no nosso idioma é: «Observações chymicas ácerca dos processos que convém praticar-se no fabrico do vinho tinto.» No tomo XXIX nos *Annaes d'Agricultura franceza.*

444) SANTAREM (VISCONDE DE). — Um dos mais notaveis geographos europeus no seculo actual.

I. *Introduction au tableau élémentaire des relations politiques et diplomatiques du Portugal avec les differentes puissances du monde, depuis le commencement de la Monarchie jusqu'a nos jours, mis en ordre et composé en Portugais par le* —. Paris. 1836, 8.°

II. *Portuguese Western Africa.* London, 1856.

445) SEGUIN (EDOUARD).

Jacob Rodrigues Pereire, premier instituteur des Sourds et Muets en France (1744-1780); *pensionaire et interprète du Roi, Membre de la Societé Royale de Londres, etc. Notice sur sa vie et ses travaux. Et analyse raisonné de sa me-*

thode, par —. Precedées de l'eloge de cette methode par Buffon. Paris, J. B. Bailliére, libraire. 1847. 8.º 335 pag.

446) SEMEDO (P. ALVARO. Portuguese). — Della Compagnia di Giesu.

I. *Relatione della grande monarchia della Cina del P. —. Com privilegio.* Romae. Sumptibus Hermanni Scheus. 1643. 4.º 309, pag. 4.º Idem, 1653.

II. *History (the) of That Great and Renowned Monarchy of China, Wherein all the particular Provinces are accurately described: as also the Dispositions, Manners, Learning, Laws, Government, and Religion of the People; Together with the Traffick and Commodities of the Country. Lately writen in Italian by —, a Portughess, after he had resided twenty two yeares at the Court and other famous Cities of that Kingdom. Now put into English by a Person of quality and Illustrated with several Mapps and Figures, to satisfie the curious, and advance the Trade of Great Brittain. To which is added the History of the late Invasion and Conquest of that florishing Kingdom by the Tartars. With an exact Account of the other Affairs of China till these presente Times. London Printed by E. Tyler for John Crook and are to be sold at his shop at the sign of the Ship in S. Pauls Church-yard* 1655. Vejo citada outra edição de Londres, 1655. fol.

III. *Imperio de la China y cultura evangelica en el. Obra de —.* Madrid. 1642.

IV. *Histoire veritable de la persecution excitée contre les Chretiens au royaume de la Chine en* 1619, *extraite des lettres du —.* Bourdeaux. 1620. 8.º

447) SILVA (L. AUGUSTO REBELLO DA).

Invasion et occupation du royaume de Portugal en 1580. *Introduction á l'Histoire de Portugal au XVII et XVIII siècle par —. Traduit du Portugais.* Paris. 1864.

448) SOUSA (LUIZ DE).

Historia de la religion de Santo Domingo, particularmente en los reynos y conquistas de la corona de Portugal. 1623.

Vem esta obra citada em *Ternaux Compans*, pag. 146. Será porém uma traducção hespanhola, ou noticia do original portuguez? Propendo a que seja uma versão, pois Compans costuma apresentar os titulos das nossas obras em portuguez. Nada, porém, dou como decidido.

449) SOUSA (M. FARIA Y).

Portuguese (The) Asia: or the history of the discovery and conquest of India by the Portuguese. Written by —. London. 1695, 2 vol. Ha um exemplar na Bibliotheca Publica de Lisboa.

450) SUCCESSI NELLA GUERRA DI PORTUGALLO *ne quali non solamente si descrivono gli apparecessi tuti che in essa furono fatti, má l'Incoronatione ancora della Maestá Cattolica del Re Filippo.* Venetia, Presso Franc Ziletti. 1582.

451) SWERTIUS (FRANCISCUS AUTUERP).

Epitaphia latina, gallico, italica, hispanica, lusitanica, belgica, posteritati et urbanitati. Coloniae, Apud. Jodoum Kalcoven. 1645. 8.º 323 pag.

Aqui jas João Bras moleiro
Entre os dangantes mais destros,
A quem não falerao cestros
Nem tabaque, nem pandeiro

452) TEIXEIRA.

Voyage de —. ou histoire des rois de Perse. Traduit de l'espagnol en français. Paris. 1681.

453) TEIXEIRA (P.)

Relaciones del origen descendencia y succession de los reys de Persia y de Hormuz, y de un viaye hecho por el mismo autor desde la India Oriental hasta Italia por tierra, por P. Teixeira. Amberes, 1601, 8.°

454) TELLES (BALTHASAR).

Extrait de l'histoire d'Éthopie, ecrite en Portugais par —, de la Compagnie de Jesus. Rouen 1671.

455) TESTAMENTO POLITICO *del Marchese di Pombal o sieno ultime istruzioni al conte d'Oeyras su figlio trovate fra i suoi manoscritti e tradotte dal Portoghese* 1782. Italia 1782. A sfese di Ranieri del Vivo. 8.°

456) TRANSLATION OF THE SPECH *of his Excellency Senhor Antonio de Azevedo Mello e Carvalho delivered in the Chamber of Deputies, on 2 of May of* 1856. Liverpool 1857.

457) TERSILE (PIER FRANCISCO). — della Compagnia di Giesu.

La Principessa Portoghese Specchio in cui praticamente si vede il progresso dell' Anima nella perfettione dell' Amor Divino. E che non é impraticable, como altri pensa, la strada della Virtu, che conduce á conseguirla.

Opera data in luce dal P. —. Dedicata alla M. R. Madre Suor Tereza Margherita Farnese Carmelitana Scalza. Ristampata cō l'aggiunta di un altro Specchio expressivo delle principa e specie, e atti più vivi dell' amore di Giesu C N S. Reggio, per Prospero Vedrotti. 1678. 12.° 214 pag.

458) UNJUST PROCLAMATION *of his serene highness the infante D. Miguel as king of Portugal. By Antonio da Silva Lopes Rocha.* London, 1829.

459) VASCO DA GAMA, *ou la découverte des Indes Orientales, traduit de l'allemand de Hening*, in 8.° 180 pag. Tournai.[1]

460) VASCONCELLOS (D. AUGUSTIN EMMANUEL ET). — Gentil-homme Portugais et Chevalier de l'Ordre de Christ.

Histoire de la vie et des actions de D. Jean II treiziesme roy de Portugal dict le plus grand roy, fils du meilleur homme. Traduit de l'Espagnol de D. —. A Paris, Chez Louys Vendosme. 1641, 8.°, Parte 1.ª 359, pag. 2.ª 447.

461) VASCONCELLOS (OSORIO).

Il Portogallo e Italia. Parole di —. al parlamento in morte del primo ré de Italia Victorio Emanuele II. 1878. Benevento.

462) VERA (ALVARO FERREIRA DE).

Origen de los reys de Portugal, titulos, oficios, appelidos y armas de las familias de aquel Reyno. Zaragoça, 1646. fol.

[1] *Bibliographie de la Belgique publié par la librairie de la Cour C. Muquard.* 1877.

463) VIE (LA) *de Dom Barthelemi des Martyrs, Religieux de l'Ordre de S. Dominique, Archeveque de Brague en Portugal. Nouvelle edition. A' Liège.* Chez Jean François Broncart. 8.º, 808 pag.

Esta edição é dedicada a Godefroid Ulric et Eyesden, bispo de Nicopoli.

464) VIEYRA (ANTONIO).

I *Sermão das chagas de S. Francisco prégado em Roma pelo padre* —. Em italiano, Roma, presso il Varese, 1672. Milano, por Francisco Vigone, 1672. Roma, com a traducção de varios outros sermões, por Michaele Hercules, 1668.

Em castelhano, 1673, 4.º, por um mercenario descalço, sem logar de impressão. [1]

II. *Sermão de Santo Ignacio de Loyola* (faz parte dos sermões, 1.ª parte, Lisboa, 1679). Valencia por Nicolao Droget, 1680. [2]

III. *Admodum Reverendi P.* —. *e Societate Jesu, regii Lusitania Praedicatoris Sermones Selectissimi faecunditate materiarum, sublimitate, subtilitate et acumine conceptuum admirabiles.* Pars I. Coloniae Agripinae apud Hermanum Demen. 1708. 4.º — Pars II. 1707. Id. Id. — Pars III. Id. 1707. — Pars IV. Id. 1707. — Pars V. Id. 1708. [3]

IV. *Las cinco piedras de la honda de David, en cinco discursos morales.* Lisboa, 1695.

V. *Sermones varios del Padre* —. Madrid, 1664, 4.º

VI *Prediche varie del P.* —. *tradotte della lingua spagnuola nell' Italiana,* Venezia, 1690, 12.º

VII. *Prediche sopra gli evangeli della Quaresma del* —. Venezia 1712. 4.º, 1 vol.

VIII. Saiu traduzido em italiano o *Sermão da Dominga de Sexagessima* do —. Neapoli, per Luca Antonio Tusco, 1688. (É o primeiro que apparece nos Sermoens (1.ª parte) impressos em Lisboa, 1679. [4]

IX. *Sermone delle Stimate di S. Francisco, nella Archiconfraternita delle Stemmate di Roma.* Milano 1672.

Las cinco piedras de la Honda de David en 5 discursos morales. Lisboa. 1676.

Sermones varios. Madrid, 1664. Imprenta de Joseph Buendia.

[1] Barbosa.—*Bibliotheca Lusitana.* vol. II. pag. 423.

[2] «*Venerabili viro et Portugalliae Principis Concionatore disertissimo facilique omnium concionatorum antesignano, sive verius dixerim Principe.*» *Ulhoa, Dissert de Legat. et Fideicom.* (Na dedicatoria ao Grão Duque da Toscana).

[3] Barbosa Machado.—*Bibliotheca Lusitana,* vol. 1.º, pag. 421.

[4] Do nosso padre Vieyra diz o celebre Feijóo «Aquel hombre aquien en pensar con elevacion, discurir con agudeza, y explicarse con claridad oó signaló hasta aora a Predicador alguno.» *Theat. Critico.* tom. I.

E no tomo IV. «Que sermon del Padre Vieyra no es un assombro? Hombre verdaderamente sin semejante do quien me atrevera decir lo que Veleyo Paterculo de Homero. Neque ante illum quem imitetur, nequo post illum qui cum imitari posset, inventus est.»

Tomo VI. Imprenta de Francisco Fernandes. Madrid, 1713. — Tomo VII. Id. 1712. — Tomo XIII. Imprenta Real 1714. — Tomo XVIII. Imprenta de Manoel Rodrigues. Madrid, 1715.

Todos los sermones y obras differentes:

Tomo I. Barcelona, Imprenta de Maria Marti Vireda. 1734. — I. Madrid, Imprenta de Agustin Fernandez, 1711. — II. Barcelona, Imprenta de Maria Marti Vireda. 1734. — II. Madrid, Imprenta de Augustin Fernandez. 1712. — III. Barcelona, Imprenta de Juan Piterra. 1734. — III. Madrid, Imprenta de Agustin Fernandez. 1712. — IV. Barcellona, Imprenta de Juan Piterra. 1734. — IV. Madrid, Imprenta de Agustin Fernandez. 1712. — V. Madrid, Imprenta de Agustin Fernandez. 1712. — VII. Madrid, Imprenta de Nicolas Rodrigues Francos. 1712. — VII. Madrid, Imprenta de Gabriel de Barrios. 1715. — IX. Madrid, Imprenta de Gabriel de Barrios. 1715. — X. XI. XII. XIII. XIV. XV. Madrid, Imprenta de Agustin Fernandez. 1712 e 1713. — XVI e XVII. Madrid, Imprenta de Gabriel Barrios. 1712 e 1714. — XVIII. XIX. XX. Madrid, Imprenta de Agustin Fernandez. 1713 e 1714. — XXI. Madrid, Imprenta de Herro. 1714.

«*Le V pietre della. Fonda di David spiegate in V sermoni.* Roma nella stamparia de Lozari. 1676.

De todas estas traducções ha exemplares na Bibliotheca Publica de Lisboa, por cujo catalogo formei este artigo.

«Pelo que toca á eloquencia, que persuade (que é a unica que merece o nome de eloquencia castiça e de lei) quizera que me apontassem outra mais activa, mais vigorosa, mais triumphante do que a do padre Antonio Vieira, nomeadamente em todos os sermões exclusivamente moraes, e ainda em muitos dos panegyricos. Leiam com reflexão os assumptos capitaes que trata nos sermões do Advento e da Quaresma, onde esmiuça os novissimos, e faz sobresair as verdades mais terriveis da religião; e digam me se algum orador, dos antigos ou modernos, tratou nunca estes pontos com maior viveza, com maior solidez, com maior valentia, ou com mais triumphante efficacia.»

Padre Isla auctor do celebre romance *Historia de Fray Gerundio de Camparas.*

X. *Prediche varie del Padre —, della Compagnie di Giesu, tradotte dalla Lingua Spagnuola nell' Italiana.* Venetia. 1673. Tomo 1.º, 372 pag. Tomo 2.º, 234 pag. 12.º

Quoi qu'en lisant ces Sermons on s'apperçoive facilement de la vivacité de leur Auteur, il semble néanmoins que la traduction leur a fait perdre beaucoup de leur subtilité.» [1]

Em seguida aos *Lusiadas* nenhuma obra possue a Litteratura portugueza tantas vezes traduzida e reimpressa como os *Sermões do nosso Vieira.*

XI. *Sermones del Rosario de Maria Santissima. Traducidos en Castellano de su original Portugues. Año* 1715. Con privilegio. En Madrid: En la Imprenta de D. Gabriel del Barrio. Hallárase en casa de Francisco Perez, Mercader de

[1] *Memoires de Litterature.*—Haye. 1715. Tomo I. pag. 112.

Libros, en la calle de Athocha. 8.º, 232 pag. É porém erro de impressão, deve ler-se 432. São 8 os sermões traduzidos. [1]

XII. *Discours historique pour le jour de la naissance de la Sérénissime reine de Portugal: où il est traité des grands événements arrivés l'année dernière. Traduit.. du R. —.* Paris. 1669 4.º

XIII. *Historia do Futuro pelo P. —.*

Saiu traduzida em castelhano, Barcelona, na impressão de Maria Marti. 1735. fol. V. Barbosa.

XIV. *Lagrymas de Heraclito defendidas, filosofo, que llorava siempre los successos del mundo.* Valencia, 1700. 4.º, em italiano, Neapoli, presso Felix Mosca, 1709. em castelhano, Barcelona, Off. de Maria Marti. 1734 fol.

XV. *Sermões do P. —.* Traduzidos em castelhano, 4 tomos fol. Barcelona, impressão de Maria Marti, 1734.

XVI. Appareceu traduzido em italiano o livrinho do P. —. intitulado. *As cinco pedras da funda de David.* Roma, presso Ignatio de Lazaris, 1686, 8.º

XVII. *Discours de rejouissance sur la naissance de l'Infante De Portugal, Prononcé en portugais le jour même de cette naissance, devant toute la Cour de Portugal, assemblée dans la Chapelle royalle de Lisbonne pour y chanter le Te Deum, par le R. —.* Paris, 1761, 4.º

XVIII. *Sermons du Père Vieyra.* Lyon. Chez Pelagand. 6 vol.

«Vieyra, quando prégava, além de Christina, rainha de Suecia, que não ignorava seu merito, via tambem muitos gentis homens romanos, todos os quaes eram sensiveis á honra e á gloria....

«Christina, que tinha o condão de agrupar em roda de si todas as celebridades, havia estabelecido no seu palacio uma especie de Academia, onde se discutiam grandes problemas de philosophia e de moral. N'um dia ella mesma propoz esta questão: Presta-se o mundo mais para chorar, ou para rir? E quem tinha mais razão Democrito, que estava sempre rindo, ou Heraclito, que nunca cessava de chorar? O padre Vieyra, tendo deixado a um outro ser o advogado do riso, fez-se o defensor das lagrimas; e apresentou tanta originalidade, e profundidade no quadro, que traçou das miserias, e anomalias d'este mundo, que este discurso, vertido immediatamente para varias linguas, foi reputado a obra prima do auctor. Por isso, n'aquelle tempo, tanto em Roma como em Lisboa, quando queriam dar uma elevada idéa de um trecho de eloquencia, diziam: esta passagem é bella como as lagrimas d'Heraclito.» *Vie du Père Vieyra*, pag. 121.

* * *

«Sa longue et bienfaisante activité, surtout dans le but d'obtenir que les Indiens fussent traités plus humainement, activité qui l'a fait surnommer le Las Casas du Brésil, sa grande eloquence, ses connaissances etendues pour son époque ont puissamment contribué à étendre la civilisation dans le pays, qui

[1] Diz o arcebispo da Bahia, censor do 2.º vol, dos *Sermões de Vieyra:* «Eu li os sermões d'este volume com gosto egual á admiração com que este maximo prégador he venerado em todas as partes do mundo.»

nous occupe. Ses discours et ses lettres ont rendu son nom illustre, et produit au Brésil une pépinière d'orateurs sacrés, dont les plus célèbres sont Antonio de Sá e Eusebio de Mattos» (Ferdinand Wolf.—*Le Brésil litteraire.)*

465) VITA PATRIS GONZALI SYLVERIAE, *Societatis Jesu, in urbe Monomotapa martyrium passi. Lugduni, sumptibus Horatii Cardon.* 1612. 8.°,

466) VOCABULARIO DEL JAPON *declarado primero en Portugues por los Padres de la Compañia de Jesus, y agora en castellano en el Collegio de S. Thomas de Manilla.* Manilla. 1630.

467) VOYAGES EN AFRIQUE, *comprenant les découvertes et conquêtes des Portugais. Gama, Pacheco, Albuquerque, Jean de Castro, Roberts, Ca-Da-Mosto, Brue, Villault, Loyer, Atkins, Lamb etc.* Guiné, Cotes de la Guinée. A Paris, 1834. 2.° vol. 4.° 1.° 480 pag. 2.° vol. 486.

468) VOYAGES ET AVENTURES *d'un Portugais racontés par lui même. Limoges-Barbou Frères-Imprimeurs-Libraires.* Sem data. 4.° 128 pag.

Faz parte da collecção — *Bibliotheque Chrétienne et Morale approuvée par Monseigneur l'Evêque de Limoges.* 3eme Serie.

ADDITAMENTOS

Alite non fausta genti dum rursus Iberae
Restitutus Musas, hic Goveane jaces.
Cui tui Musis fuerit si mutua: nulla
Incolet Ebysium clarior umbra nemus.

Epitaphio de André de Gouveia, feito pelo celebre Bucuanan. (Opera, *Lugduni Batavorum*, 1628.)

469) ALBUKERQUE.

Desc Machteghe em grot stat Ade genoemt gelege es int conincrye vã perse inden weeh vã mech was bestormt en benochte vã Alfonso dalbukerke capitein generael vande hoge en machtege edele coñic vã portegael heer Emanuel mz drieduist vijhõ. dert volckx die welcke voch te drie ure lãc tsege die ide stat ware, dese bataelge gesciede die ide stat ware dese bataelge gesciede up de heilige paeschañot int iaer õs hiere Ihu cristi als me screef MCCCCCXIII (Anvers) 9 estampas representando a tomada d'Aden por Affonso d'Albuquerque, e que foram avaliadas em 360 francos por M. Tross.

470) ALL' EMINENTISS. PRINCIPE *D. Tommaso I Cardinal Patriarca di Lisbona. Traduzione toscana dell' elogio funebre recitato dal Reverendiss. Padre Antonio dos Reys nelle sontuosissime ezequie che celebró la religiosissima sua congregazione dell' Oratorio nell' anno* 1735 *alla pia memoria della fu Eccellentissima Signora Contessa dell' Atalaya.* 4.° 119 pag.

471) ANDRADA (PÊRE ANTOINE). *Grand Cathay ou Royaume de Tibet nagueres découvert. Par le Pere —.* Gand, 1627.

472) ALIENTES DE LA VERDADE *en los clarines de la fama... con que eternio su nombre en la Europa Don Manuel Telles da Silva, nupcial embaxador del invicto monarcha Lusitano a la magnifica Corte del SS. Elector Palatino hasta la hora de enbarcarse en Roterdam para Lisboa.* Amsterdam.

473) ANCHIETA (JOSEPH DE). *Arte da grammatica da lingua mais usada na costa do Brazil.* Lipsia, 1874, 8.º

474) AVILA (BACHILLER D. ANDRES SAA DE). *Breve noticia de las entradas, que por mar y tierra hicieron en esta Corte de Lisboa sus Magestades con los Serenissimos Principes del Brasil y Altezas, que Dios guarde, en 12 de febrero de 1729. Dedicada al Ex.mo Señor Pedro Gonzalez de la Camera Coutiño. Por su capellan Manuel Cuello de la Gracia, Presbytero, del Avito de San Pedro, y capellan del Hospital Real, natural de la Villa de Aveyro y traducida por el —.* Sevilla. *Sem data.*

475) BELLIN. *Description geographique de la Guiane, contenant la possession et les etablissemens des François, des Espagnols, des Portugais et des Hollandois dans ces vastes pays. Par le Sr. —.* Paris, Firmin Didot, 1763.

476) BORDE (LA). *Recueil de divers voyages faits en Afrique et en Amerique. Extrait de l'Histoire d'Ethiopie de Telles: relation des Caraibes par La Borde, description de l'empire du Prestre Jean, de la Jamaique, et relation du voyage fait sur les côstes d'Afrique en 1670 et 1771.* Paris, 1774, 4.º

477) BOUTAN (A) ET D'ALMEIDA (J. CH.). *Cours elementaire de physique precedé de notions de mécanique et suivi de problèmes.* Paris, 1872.

Este Almeida é portuguez. Morreu ha pouco na França Casado Giraldes, distincto lente a serviço d'aquelle paiz.

478) BREVE NARRATIONE *della vita della beata Giovanna Principessa di Portogallo. Dell' Ordine di San Domenico. Appellata communemente La Santa Principessa. Raccolta da un Religioso dell' intess' Ordine di lei Devoto.* Roma, Nella Stamp. della R. C. A. 1793, 4.º, 207 paginas.

479) CAMOENS. *Probeiner neberseizung Lusiade de —.* Hamburgo, 1808. Opusculo de 74 folhas.

480) CASTRO (G. DE).

Summario delle cose successe á don Giovan de Castro governator del stato della India per il potentissimo Re di Portogallo tanto nelle Guerre contra lo Idalcaaon, signore della terra ferma qual é presso alla Città di Gona, come anche principalmente nella vittoria che hebbe rõpendo l'exercite del Re di Cãbaia qual teneva assediata la fortezza della Città de Diu, one era per Capitano di essa D. Giovan Mascharenhas, et l' haueva difeso dal detto esercito per spatio di otto mesi che era durato l'assedio. Roma, per Antonio Blado, 1549 [1].

481) COLOMBO (FR. FILIPPE). *Vida del siervo de Dios V. P. Fr. Gonzalo Dias de Amarante, Padre de los pobres.* Madrid, 1678.

[1] P. Deschamps. — *Supplement au Manuel du Libraire de Brunet*, vol. 1, pag. 218.

482) COPIA DER NEWEN *Zeitung ausq Bresillg Landt.*

«M. Hárrisse que cita esta peça curiosa e rara dá-lhe uma data approximada de 1520: Humboldt julga que esta relação allemã é traduzida do italiano, e não do portuguez, e que diz respeito a uma viagem ao estreito de Magalhães feita entre 1525 e 1540: Varnhagen diz, pelo contrario, que é um extracto da viagem hespanhola de Solis e Pinson, e fixa a data de 1508: M. Harrisse pensa que a primeira versão d'esta viagem foi escripta em portuguez, e vertida para o italiano, e depois para allemão» [1].

483) COPIA DE UNA LITTERA *del Re de Portogallo mãdata al Re de Castella del viaggio ed successo de India. Impresso in Roma per Maestro Joanni de Besicken nel anno 1505 a di 23 de octobre.* Avaliado em 800 francos [2].

484) COPIA DE UNA LETTERA *di nuove delle Indie Orientali, mandate dallo invittissimo Re di Portogallo alla Santitá di N. S. la qual narra la conversione di quattro Re con li loro popoli alla nostra santa Fede christiana. Con lo acquisto del Reame de Abexine di Prete Gianni, il quale era stato per il passato dalli Mori occupato.* 1514.

485) CROZE (MATURIN VEYSSIERE LA) Ancien professeur en philosophie et Bibliothecaire et antiquaire du Roi de Prusse.

I *Courte Relation de l'Ambassade du Patriarche Don Jean Bermudes, envoié au tres Chrétien et tres zelé pour la Foi Don Jean III Roi de Portugal, de la partie de l'Empereur d'Ethiopie, vulgairement appellé le Prête-Jean. Dedié à tres haut et tres puissant Prince, Don Sebastien, Roi de Portugal. Dans cette rélation est aussi racontée la Mort de Don Christophe de Gama et tout ce qui arriva aux Portugais qui l'accompagnerent dans son expédition.* Imprimée à Lisbonne, chez François Correa, Imprimeur du Cardinal Infant, l'an 1565. Esta traducção franceza foi feita sobre a versão ingleza de Samuel Purchas. Apparece esta versão franceza (de pag. 93 a 265) na obra de Croze, intitulada— *Histoire du Christianisme d'Ethiopie et d'Armenie.*

II Na *Histoire du Christianisme des Indes* appresentou a traducção de uma grande parte do Synodo Diocesano da Igreja e bispado de Angamale dos antigos christãos de S. Thomé.

Declara que só mais tarde é que veiu no conhecimento de que fôra vertida pelo dr. Geddes [3].

486) CRUZ (FR. ESTEVÃO DA). *Discursos sobre a Vida do Apostolo S. Pedro, em lingua brahmane-maratha.* Goa, 1634. B. P. L.

487) DELICIAE LUSITANO HISPANICAE *in quibus continentur: De magnitudine Hispanici Imperii Relatio: Novi Orbis regionum a Lusitanis subactarum brevis descriptio. De Lusitania ceterae Hispaniae adjuncta historia. Itemque Lusitaniae Antiquitates ab Andrea Resendio Collectae. Tam historicis quam philologicis cognitu tam jucundae quam utiles. Caloniae Agrippinae. Apud Gerhardum.* Greueubruch, 1613, 2 vol. 8.º B. B. Lisboa.

[1] Idem, idem, vol. 1.º, pag. 295.

[2] Idem, idem, vol. 1.º, pag. 297.

[3] «Mr. Geddes avait faite un long séjour à Lisbonne, avoit soigneusement lû les historiens espagnols et portugais.» *Histoire du Christianisme des Indes,* vol. I.

488) DE NUPER SUB CASTILLAE *ac Portugalliae regibus Serenissimis repertis insulis ac regionibus, Joannis Shoner Charolipolitani epistola et Globus geographicus.*

Vem na obra intitulada—*Joannes Honterus—Rudimentorum Cosmographicorum* libri III. Figuri, apud Froschoverum, 1546, 8.º

489) EMMANUEL EPISTOLA *potentissimi ac invictissimo Emanuelis Regis Portugaliae et Algarbiorum. De victoriis habitis in India Et Malacha. Ad Sanctum. Papam et Dominum nostrum Dominum Leonem X Pont. Max. Datum in urbe nostra Olisipone 8 idus Junias anno D.* 1513. Romae, impressa per Jacobum Mazochium 9 Augusti.

Outra edição: Viennae, impressum per Hieronymum Victorem et Joannem Singrenium 16 kalendas Octobris.

490) EMANUEL (R.) *Copia de una littera del R. de Portogallo mãdata al Re de Castella del viaggio ed successo de India. Impresso in Roma,* per Maestro Joanni de Besicken nel anno 1505 a di 23 de Octobre.

491) EMMANUELIS REGIS *Lusitaniae: Al Garbior: Africae, Aethiopiae, Arabiae, Persiae, Indiae Regis invictissimi obedientia.*

492) EPITHALAMIA CANTABRIGIENSIA *in nuptias auspicatissimas Serenissimi Regis Caroli II, Britanniarum Monarchae et illustrissimae Principis Catharinae Potentissimae Regis Lusitaniae Sororis unicae. Cantabrigiae.* Ex Officina Joannis Field, celeberrimae Academiae typographi. An. 1662, 4.º Em lat., grego e italiano.

493) FIGUEROA (D. JOSEPH ENRIQUE DE —) Archivero del ex.mo sr. duque de Uzeda.

Relacion lastimosa, octavas lamentables, sonetos funebres, y glossa tierna, à la muerte de la Reyna N. S. D. Maria Barbara de Portugal (que está en el Cielo) por — Com licencia. En Madrid: en la Imprenta de Antonio Perez de Soto, Impressor de los Reynos. Año de 1758.

494) FONTANABONA (D. LUIGI). *Compendio della vita e delle geste di S. Antonio di Padova.* Ferrara, 1871, in-16.º

495) FUORA VILLACO. *C'est à dire la Liberté de Portugal. Auquel se montre le droit chemin etc. vrais moyens de resister á l'effort du Castillan, rompre la trace de ses desseins, abbaisser son orgueil, & ruiner sa puissance. Dedié aux Roys, Princes, Potentats & republiques de l'Europe, particulierment au Roy Tres chrestien. Traduit de la langue Castillane en langue Française.* Imprimé nouvellement, 1641. 12.º, 206 pag. Eis o titulo exacto do exemplar existente na B. P. de Lisboa. O sr. Silva Tullio assevera que tambem foi vertida em hollandez e em inglez, e que, o author d'esta obra é o padre Fr. José Teixeira, o qual n'esta versão franceza apparece debaixo do pseudonymo—*Le Pelerin Espaignol, persecuté du temps et de la fortune.*

496) FREYRE (BLASUS DE PINA —). *De rebus S. Elisabethae Lusitanorum Regina libri II.* Lugduni. 1627, 16.º

497) GHILARDI (FR. JOANE THOMA). I *Vita venerabilis Bartholomaei de Martyribus.* Monteregali, 1869, 8.º

II *Petitiones in Sacrosancto Concilio Tridentino a venerabili Servo Dei Bar-*

tholomoeo a Martyribus Ordinis Praedicatorum Archiepiscopo Bracarensi et ab aliis factae accedunt collecta etab illo ex gestis in eodem Concilio Opusculum cum opportunis adnotationibus a Fr. Joanne Thuma Ghilardi ejusdem Ordinis Episcopo Monregalensi occasione futuri Concilii Vaticani editum. Monteregali apud Joannem Bianco. Impres. Episc. et Collegii Exter. Miss. 1869.

498) GIOIA (P. FR. FRANCISCO MARIA DA NAPOLI). *La maravigliosa converzione alla Santa Fede di Christo della Regina Singa, e del suo regno di Matamba nell' Africa miridionale.* Neapole, 1669, 4.°

499) HISTOIRE ADMIRABLE *d'un gentilhome portugais, lequel s'etant mis en un hermitage fut transformé en sanglier par l'artifice des sorciers, et mis en quartiers par ses propres compagnons, puis au bout de trois jours fut trouvé sain et entier, qui s'alla depuis rendre capucin avec ses compagnons. Translaté d'espagnol en françois.* Lyon. Nic. Hendier, 1644 [1].

500) HISTOIRE MIRACULEUSE *et tres certaine envoyée à D. frère, André de Sainte Marie, evêque de Cochin, en laquelle est rapporté qu' es Indes de Portugal, se trouve un homme marié agé de* 380 *ans, le quel a eté marié huit fois: à qui par deux fois les dents sont tombées et après revenues. Traduit d'italien en françois par le sieur François de Vezelize.* Paris, 1613.

501) HISTOIRE VERITABLE *de ce qui s'eut passé entre les François et les Portugais en l'ile de Maragoun.* Paris, 1616, 8.°

502 HONTAN (BARON DE LA). *Dialogue de monsieur le baron de — et d'un sauvage dans l'Amerique. Contenant une descripion exacte des moeurs et des coutumes de ces temps sauvages. Avec les voyages du même en Portugal.* Amsterdam, 1704.

503) IN LAUDEM HISPANIAE. *In laudem Fernandi que Emanuelis Hispaniae regum.* Romae (pelos annos de 1505).

504) LETTRES DU JAPON, *Peru, et Brazil envoyées au R. P. General de la societé de Jesus, par ceux de la dicte societé qui s'employent en ces regions á la conversion des Gentils.* Paris, *Th. Brumen*, 1578, 110 pag.

505) MAMERANUS (NICOL. ET PET.) *Epithalamia duo Ill. Dñ. Alexandri Farnesi et Ill. Mariae de Portugallia... Additum praeterea de navigatione in Portugalliam: de ingressu ipsius Bruxellam, et de genealogia Regum Portugalliae.* Antuerpiae. Ex officina Christophori Plantini, 1566.

506) MARCHAND (PROSPERE). *Dictionaire historique ou Memoires critiques et litteraires concernant la vie et les ouvrages de divers personnages distingués, particulierment dans la Republique des Lettres. Par —.* A la Haye, Chez Pierre de Hondt, 1758, fol. Trata do nosso Vasco de Lobeira.

507) MILAN (D. LUYS). *Libro de musica de Vihuela de mano: intitulado el Maestro. El qual truhe el mesmo estilo y orden que un maestro traheria con un discipulo principiante: mostrando le ordenadamente desde los principios toda cosa que podria ignorar para entender la presente obra Compuesto por —, dirigido al muy alto y muy poderoso et invictissimo principe don Johan: por la gracia de Dios rey de Portugal y de las Islas.* Valencia, 1536.

[1] Deschamps —*Supplement au Manuel du libraire de Brunel*, vol. I, pag. 631.

É obra rara e preciosa, e d'ella se vendeu um exemplar por 400 francos [1].

508) NOVI AVISI *di piu lochi dell' India et massime de Brasil riceuuti quest anno del* 1553. Roma, per Antonio Blado, 1552.

509) ORLANDINO (NICOLAO). *Historiae Societatis Jesu. Auctore — Antuerpiae apud Filios Martini Nutili*, 1620, fol. Consulte esta obra quem desejar escrever a respeito dos Jesuitas em Portugal. Na portada traz o retrato do nosso Simão Rodrigues.

510) VITRÉ (MARTIN DE). *Description du premier voyage faict aux Indes Orientales par les Français marchands de St. Malo, Vitré et Laval en* 1603, *par* —. Paris, 1604.

* * *

Noticias varias extrahidas do *Supplemento ao Manuel du Libraire* de Brunet. Paris, 1871.

511) I Acosta. *Historia natural das Indias, etc.*, foi traduzida em inglez, por Edward Grinstone, e dedicada a sir Rob. Cecill. London, 1604.

II Descobriu-se em Ferrara um exemplar do *Amadis de Gaula* em hespanhol, impresso no anno de 1510, em Salamanca, fol.

III Francisco Guerreiro. *El viage de Hierosalem que hizo, racionere y maestro de Capella de la Santa Iglesia de Sevilla.* A primeira relação d'esta viagem, Valencia, 1590, foi impressa em portuguez. A traducção de Castanheda por Grouchy foi primeiramente impressa em Paris, 1553, e é da maior raridade.

ULTIMOS ADDITAMENTOS

512) ALPHONSE HENRIQUES *(Histoire Portugaise).* Paris, an VII, 8.°

513) APOCALIPSE D'UN JESUITE *ou Relation d'un voyage merveilleux du T. R. P. B. à Lisbonne.* 1761.

514) ARNAULT (L.) *Pierre de Portugal et Sartorius. Tragedies.* Paris, 1827, 4.°

515) BATAILLES, COMBATS ET VICTOIRES *des armées françaises en Espagne et en Portugal.* Paris.

516) BERGERON (L.) *Campagnes d'Espagne et de Portugal sous l'Empire.* Paris, 1833, 12.°

517) BIERVILLAS (D. DE). *Voyage à la Côte de Malabar, Goa, Batavia etc.* Paris, 1736, 2 vol.

518) BONNEJAY PERIGNON (MAD.) *La Duchesse de Bragance.* Paris, 1840, 2 vol.

519) CALVIN (JEAN) (Galeo Portugais). *Relation de Calvin aux Champs Eliseés et aux Enfers.* Bruxelles, 1734, 12.°

[1] Deschamps.—*Supplement au Manuel da libraire par Brunet*, vol. I, pag. 1034.

520) CISSEY (C.) *Amelina et Florello. Histoire portugaise.*

521) CHOUPPES (Marquis de)—Ambassadeur à Cour de Lisbonne. *Memoires.* Paris, 1753, 12.°

522) DEMBOWSKI (C.) *Deux ans en Espagne et en Portugal.* 1838-40. Paris, 1841, 8.°

523) DESCHANEL (E.) *Christophe Colomb et Vasco da Gama.* 2ᵉ *edition.* Paris, 1865.

524) DUPRÉ ST. MAURE (E.) *Essai sur les relations commerciales du Departement de l'Aude avec les echelles du Levant, l'Espagne et le Portugal.* Paris, 1808.

525) FÉRE ET ST. IVES. *Louise de Guzman.* Paris, 1866.

526) FESCOURT (M.) *Lorenzo de Valvelhas. Histoire de deux amans portugais.* Paris, 1815, 2 vol.

527) GALLOWAY (EARL OF). *La Conduite du Comte de— en Espagne et en Portugal.* Rotterdam, 1711, 8.°

528) GRAMMATICA *Anglo Lusitanica Portuguez e Inglez.* Lisboa, 1705.

529) GRAMMATICA *hollandeza ou arte compendiosa para um portuguez aprender a lingua hollandeza.* Amsterdam, 1765, 8.°

530) GRAMMATICA *lusitanico anglica.* London, 1731.

531) GRAMMATIK *portugiesische.* Francfort, onder Oder bei Cost Gatlieb Straus, 1778.

532) HADOT (B.) *Les Portugais Proscrits.* Paris, 1821, 4 vol.

533) HALLER (CH. L. DE) *Etudes historiques sur les Revolutions d'Espagne et de Portugal.* Paris, 2 vol. 1841.

534) HEAULME (V. DE). *D. Sebastien de Portugal ou les Mystères de la Bataille d'Alcaçer.* 1578. Paris, 1854, 8.°

535) HEWITT (JAMES EDWIN). Está nos Estados Unidos fazendo uma nova versão dos *Lusiadas* para inglez.

536) HIPP (C. F.) *Grammaire Portugaise.* Hambourg, 1825.

537) HISTOIRE *de Jean de Calais, Roi de Portugal.* Paris, 8.° Vem esta obra mencionada no catalogo da casa Trübner, pag. 4.

538) HISTOIRE *de D. Juan.* Paris, 1831, 4 vol. 12.° Cat. Trübner.

539) HUET (EPISC.) *Diane de Castro.* Paris, 1728, 8.° Cat. Trübner.

540) HUGO (A.) *Romances historiques espagnoles et portugaises traduites par —.* Paris, 1822.

541) JESUITE ERRANT *ou Lettre du P. Alphonce Jesuite Portugais au Général de son Ordre à Rome.* Rome, 12.°

542) LASTIGUE (R.) *Comptes faits des monnoies d'or coupé et cordonné d'Espagne et de Portugal qui ont cours dans la partie Française de l'Isle de St. Domingue.* Paris, 1776.

543) LEMERCIER (C.) *Le desastre de Lisbonne. Drame.* Paris, 1799.

544) LES LAMENTATIONS *de la Province des Jesuites en Portugal. Parodie des Lamentations du Prophete Jeremie.* Amsterdam, 1759, 8.°

545) LETTRES D'UNE CHANOINESSE *de Lisbonne à Melcourt, Officier Français.* La Haye, 1771, Paris, 1775, ib. 1782.

546) LÉTTRES PORTUGAISES *avec les imitations en vers par Dorat.* Paris, 1807.

547) LE DÉSASTRE *de Lisbonne. Dramme heroique.* Paris, 1804, 8.°

548) MAFFEI (BERGOMATE) Societatis Jesu Presbytero.

T. *Emmanuelis Acostae Lusitani Rerum a Societate Jesu in Oriente gestarum, ad annum usque Christi Domini MDLXVIII. Antuerpiae. Ex Officina Martini Nutii, ad insigne duarum Ciconiarum.* 1605. 8.°

549) MARLÈS (M. DE). *Histoire de Portugal racontée à la Jeunesse.* Paris, 1851, 8.°

550) MÉMOIRE *à consulter pour les colons de la Guyane Française spoliés par la violation de la capitulation du 12 janvier* 1809 *avec le Portugal.* Paris, 1839.

551) MENTELLE (M.) *Geographie moderne de Portugal.* Paris, 1784, 8.°

552) MOREAU (M.) *Analyse historique des royaumes d'Espagne et de Portugal.* Paris, 1786.

553) MORTONVAL (M.) *Don Martin Gil. Histoire du temps de Pierre le Cruel.* Paris, 1831, 2 vol.

554) PRAT (R. P.) *Histoire du bienheureuse Jean de Brito.* Paris, 1853, in-8 °

555) PICQUET (C.) *Livre des postes d'Espagne et de Portugal.* 1810.

556) POEMES *sur la Religion Naturelle et sur la destruction de Lisbonne.* Genève, 1756.

557) PRIEST (ST.) *Pourquoi, par qui et comment l'Ordre des Jesuites fut proscrit au XVIII siècle en Portugal.* Paris, 1844.

558) REPONSE *pour M. Bremond, Consul general du Portugal en Suisse à l'Exposé des griefs et moyens de M. F. Frey.* Fribourg.

559) ROBÈRT (C.) *Le Marquis de Pombal.* Paris, 1860.

560) ROUSSEAU (J.) I *Histoire de Portugal et des Algarves.* Amsterdam, 1714.

II *Aventures de D. Ines de la Cisternas.* Utrecht, 1737.

561) SANÉ (A. M) *Grammaire Portugaise.* Paris.

562) SAVAGNER (M.) *Histoire d'Espagne et de Portugal.* Paris.

563) SCHÉPELER (COL.) *Histoire de la Revolution d'Espagne et de Portugal.* Liège, 1829, 2 vol.

564) SCRIBE (M.) *Dom Sebastien.* Opera. Paris, 1843.

565) SÉGUE (M.) *Don Juan de Portugal.* Tragedie. Marennes. 1840, 8.°

566) SIRET (L. P.) *Grammaire Portugaise.* Paris, 1854, 8.°

567) SOUVENIRS *d'un militaire des armées françaises dites de Portugal.* Paris, 1827, 8.°

568) STERNE (L.) *Du Mondego, ou le Français en Portugal. Traduit du Portugais.* Paris, 1809, 8.°

569) VALLERANGE (P.) *Alliance féderative de la France, la Belgique, l'Angleterre, l'Espagne, le Portugal, l'Italie, la Grèce etc.* Paris.

570) VILLIAUMÉ (N.) *De l'Espagne et du Portugal et de leur chemin de fer.* 1861.

PARTE III

OBRAS PORTUGUEZAS

PUBLICADAS EM PORTUGAL

E REIMPRESSAS NOS PAIZES ESTRANGEIROS

«Les Juifs portugais, qui formaient un elément tres considerable de la population du pays, avant les persecutions qu'ils eurent egalement à y subir au XV et au XVIe siècle, sont connus comme une race aussi superieurment doúe que leurs frères expulsés d'Espagne, et dont ce n'est pas la moindre gloire d'avoir donné, dans l'exil, à la Hollande un penseur tel que Spinoza.»

VOGEL, *Le monde terrestre*, pag. 731, vol. 1.

Se os portuguezes não houvessem immortalisado o seu paiz com as descobertas e navegações feitas pelos nossos antepassados; se esta gloria tivesse pertencido a outra nação, ainda assim bastava o extraordinario numero dos nossos compatriotas, que brilharam com os seus escriptos para lhe adquirirem a immortalidade! Difficilmente se descobrirá uma universidade, uma academia, na qual se não fizesse ouvir a voz authorisada d'um filho de Portugal, e difficilmente se encontrará uma colleção de Memorias publicadas por alguma corporação scientifica, onde se não encontrem trabalhos dos nossos patricios.

Não eram, porem, em geral, estes trabalhos escriptos em lingua portugueza. Todos sabem que as linguas vivas não serviam n'outras epocas para os sabios n'ellas darem a publico os seus trabalhos scientificos e litterarios. Para este fim serviam-se do latim, como lingua universal para os sabios. Mais tarde entraram trabalhos taes a serem escriptos na lingua franceza, e em nossos dias quasi todas as linguas modernas servem para a publicação dos escriptos de certa importancia, perdendo, porém, terreno a lingua latina.

É pois uma verdade incontestavel que nunca as linguas vivas tiveram o favor de que logram na actualidade. Francez, inglez, allemão, russo, italiano, portuguez, tanto o reinicola, como os dialectos falados em varios paizes, tudo é estudado. Escreve-se hoje em castelhano, mas tambem se escreve na lingua de Catalunha. Estuda-se o portuguez usado em Portugal, mas tambem se publicam biblias, livros de orações e varias outras obras no portuguez de Ceilão e d'outras partes, em que a vernaculidade e grammatica do nosso bello idioma se acha já tão deturpada.

Já vê, pois, o leitor a razão porque a maxima parte das obras de nossos antepassados foram escriptas em latim. Era o idioma favorito dos sabios e das sabias; era uma lingua universal, e eis uma das razões porque bem cedo varios escriptores tractaram de fazer varias versões dos *Luziadas* e de outras obras portuguezas notaveis, como Os Trabalhos de Jesus, e o Tractado das Drogas por Garcia da Horta, para este idioma.

Como nos seculos XVI, XVII e XVIII um grande numero de portuguezes distinctissimos occupavam cargos eminentes em varios paizes estrangeiros, n'esses mesmos logares de sua residencia iam dando á luz seus trabalhos, obras que provam até á evidencia que os nossos nas sciencias theologicas, canonicas e juridicas estavam a par do que de melhor havia nos outros paizes.

Muitos livros, porém, eram pela primeira vez estampados em Portugal, e depois, por causa do merecimento, que os estrangeiros lhe achavam, reimpressos frequentemente n'este ou n'outros paizes, como o leitor ha de ver.

Na actualidade é mui grande o numero de livros que em portuguez todos os annos saem á luz. Não só o Brazil concorre muito para este fim, fazendo até bellas reimpressões de classicos portuguezes, entre as quaes se distinguem as que são annotadas e revistas pelo sr. visconde de Castilho (Julio), continuando n'esta familia as glorias de seus antepassados; mas até mesmo outras cidades da America, pois é certo que em New-York teem sido dados á luz excellentes jornaes illustrados, como a *America* e varios outros escriptos no nosso idioma.

Na França ha um grande commercio de livros portuguezes, e entre outros estabelecimentos editores das obras escriptas em portuguez, podemos citar as casas Aillaud, Garnier, Hachette. Na Allemanha, F. A. Brockhaus, de Leipzig, que se distingue entre todas pelo primor das suas edições, e varias outras. Em Hamburgo temos a casa de Roberto Kittler, cujo catalogo já é volumoso. Em New-York a de Einsielden da qual saiem á luz edições primorosas, e em Bombaim a de Furtado & Irmão.

Pode se mesmo asseverar que diariamente augmenta o numero [1] dos cul-

[1] No principio do seculo XVII era vulgar o conhecimento da lingua portugueza no Japão, o que se prova com a historia d'este paiz por Kaempfer; Amsterdam, 1758, 3 vol.

Ainda não ha muitos dias que em Paris se publicou a seguinte obra: Soares da Silva *Le Portugais tel qu'on le parle, ou recueil de conversations portugaises et françaises avec la prononciation portugaise figurée par des sons français á l'usage des Français, qui vont en Portugal.* E' tambem moderna a grammatica de Paulino de Sousa.

A *grammatica portugueza* de Castro para uso dos inglezes conta já um grande numero de edições.

O sr. Mesnier na sua bella obra *O Japão* (Macao, 1874) assevera que a lingua Japoneza adoptou palavras portuguezas. (pag. 28).

N'um dia em que a situação do celebre explorador americano Stanley era mais desesperada (1877), o illustre americano vendo-se perdido, escreveu duas cartas, uma em portuguez e outra em francez, expondo o que havia feito, e as circumstancias, em que se achava, e expediu-as por expressos com recommendação de verem se podiam fazel-as chegar á mãos de brancos. Vieram as cartas parar ao poder de um portuguez estabelecido em Rama, e immediatamente os nossos compatriotas se poseram a caminho, acompanhados de guias, viveres e outros recursos, indo encontrar Stanley a dois dias de jornada. Conheceu então que effectivamente descera o Zaire. Mostrou-se muito grato para com os nossos, e confessou que a nossa lingua é a mais conhecida no sertão, tendo de se valer d'ella muitas vezes em que lhe diziam que certas tribus conheciam a lingua dos brancos, que vinha a ser a portugueza.

No lunch e baile que os officiaes da corveta *Sá da Bandeira* deram no dia 16 de se-

tores da lingua portugueza no estrangeiro, e que este numero por varias causas tende a augmentar cada vez mais, e não a diminuir.

Agora passo apresentar alguns exemplos d'obras impressas em Portugal e reimpressas no estrangeiro:

«Lusitanum nomen moriturum nunquam fama.»
ANTONIUS ALBISIUS, *Stemmata principum Christianorum.*

1) André de Rasende. Suas *Antiquitates Lusitaniae* foram reimpressas em Roma, 1597. Colonia, 1600. Id. 1613. Francfort, 1603. Opera omnia Coloniae 1600. etc. etc.

2) Bartholomeu dos Martyres, o celebre arcebispo de Braga:

I. *Compendium spiritualis doctrinae*, Matriti, 1594. Parisiis, 1601. Romae, 1603. Coloniae, 1622. Venetiis, 1711. etc. etc.

II. *Stimulus pastorum*, Romae, 1564. Id. 1582. Id. 1715. Parisiis, 1583. Id. 1586. Id. 1644. Id. 1677. etc.

III. *Summa Conciliorum*, Taurini, 1869.

IV. *Opera omnia*, Romae, 1735, 2 vol. fol.

3) Manoel Alvarez. *Grammatica Latina.* É incrivel o numero de reimpressões que teve esta grammatica tão afamada no seu tempo. Eram tantas, que se torna impossivel o fazer uma collecção completa d'ellas.

4) A *Biblia* do nosso celebre Antonio Pereira de Figueiredo tambem conta um numero extraordinario de reimpressões, feitas principalmente na Inglaterra e em Ceilão.

Mas é tempo de pôr termo a este trabalho, que já vai de foz em fóra. O leitor consulte a Bibliotheca de Barbosa, e verá o extraordinario numero de obras compostas pelos nossos, impressas e reimpressas em paizes estrangeiros. Ahi verá a noticia das obras e a reputação que lograva Achilles Estaço, secretario dos papas Pio IV, Pio V e Gregorio XIII. Agostinho Barbosa, bispo de Ugento; Affonso Alves Guerreiro, bispo de Monopoli, e presidente da Chancellaria de Napoles. Affonso Nunes. Agostinho Lourenço. Agostinho Osorio Ayres Pinhel. Alvaro Nunes. Alvaro Paes. Alvaro Thomaz. Alvaro Valasco.

ptembro aos exploradores portuguezes e ao americano Stanley, disse este as seguintes palavras «Que durante a longa travessia tinham sido os portuguezes os *unicos europeos*, cujo nome lhe tinha chegado aos ouvidos; que pelo que conhecia da historia, sabia desde muito que foram os portuguezes os primeiros que tinham levado a civilisação á Africa, mas que, da sua viagem se persuadira que a influencia d'elles era muito maior do que até então suppunha, e a unica que se conservava ainda com vigor inalteravel entre as tribus selvagens. Tinha sido detido por estas em varias guerras que contra ellas sustentára; mas todas as que o haviam festejado e prestado serviços, se gloriavam de ser portuguezas, e pronunciavam com respeito o nosso nome nacional.

Na Asia ha um grande numero de typographias portuguezas, como me asseveram varios macaistas. Temos em Shangae a typographia de José Homem de Carvalho & Ir-

Amador Rodrigues. Amato Lusitano, [1] André Bayão [2] Andre Eborense, Santo Antonio de Lisboa [3] Antonio de S. Bernardino, Antonio do Espirito Santo, Antonio Fernandes de Moura, Antonio da Gama, Antonio de Gouvea, Antonio Henriques Gomes, Antonio Pinheiro. Antonio Ribeiro Sanches, Antonio de Senna, Antonio de Sousa Macedo, Antonio Vieyra, Balthazar Alvares, Bento Pereira, Bento Pinhel, Braz Viegas, Christovão Gil. Cosme de Magalhães, Damião de Goes, Diogo Estrella, Diogo Lopes d'Andrade, Diogo Lopes de Ulhoa Diogo Mendes de Vasconcellos, Diogo de Paiva d'Andrade, Diogo de Teive. Dionisio Bernardo de Moraes, Domingos Antunes Portunes Portugal, Duarte Caldeira, Duarte Dias, Estevão Fagundes, Estevão Rodrigues de Castro, Fernando Ayres de Mera, Fernando Rodrigues Cardozo, Filippe Dias, Filippe Montalvo. Francisco de Santo Agostinho Macedo, lente em Padua, Francisco d'Araujo, Francisco Botelho [4] Francisco de Caldas Pereira, Francisco da Fonseca Henriques, Francisco Foreiro, um dos mais insignes theologos no Concilio de Trento, Francisco Manuel de Mello, o author da famosa obra *Historia de los movimientos de Cataluna*, Francisco Martins, Francisco de Mendonça, Francisco Sanches, esse philosopho celebre, author do livro *De multum nobilissima, scientia quod nihil scitur* impressa em Lugduni 1581, Francofurti, 1618 Retorodami, 1644. Gaspar Barreiros. Gaspar de Casal, Gaspar dos Reis Franco, Heitor Pinto, victima da politica hespanhola, Henrique Henriques, Henrique de Tavorà, Isaac Pinto, Jacob de Castro Sarmento, da sociedade dos cirurgiões de Londres, Jeronymo d'Azambuja Jeronymo Gomes, Jeronymo Osorio, Ignacio

mão. Em Hong Kong a de Delphim de Noronha, e outra d'um Fulano de tal Sousa. Em Singapura a de Almeida. Em Cantão tambem existe imprensa portugueza. E na ilha de S. Domingos assevera-nos Lastingues *(Comptes faits)* que até corre dinheiro portuguez.

«Passan los portugueses por ser algun tanto vanagloriosos y altaneros, lo qual, aun siendo cierto, es bien discupable en una Nacion que ha hecho resonar con el nombre de sus hazañas el Africa y la America.» Miñano, *Diccionario Geografico*, vol. VII.

[1] «Amato Lusitano nasceu em Castello Branco em 1511 e falleceu em 1568. Esteve algum tempo em Veneza e Ferrara. N'esta ultima cidade ensinou Medicina em 1547, e dissecou por sua propria mão doze cadaveres, o que era muito para uma epocha, em que os preconceitos religiosos se opunham ainda fortemente ao estudo da anatomia. Em 1549 achava-se em Ancona ensinando sua arte, e o Papa Julio III mandou-o vir mais de uma vez a Roma para o consultar. Por causa da sua religião judaica fugiu de Ancona para Pesaro com o fim de se subtrahir ás perseguições da Inquisição, depois para Ragusa, e d'aqui para Saloniki na Macedonia, onde morreu. Se julgarmos por seus escriptos, diz Haller, Amato fez uma leitura assidua de Galeno e dos medicos arabes: é um excellente critico, porém vaidoso, e notam-lhe muitos erros. Foi um dos primeiros que fez menção das valvulas das veias.» Firmin Didot. *Nouvelle Biographie Universelle*, vol. II.

[2] André Bayão nasceu em Goa, no anno de 1566. Foi mestre de rhetorica no Collegio dos gregos em Roma, e depois, bispo Sabinense, regente do Seminario Manliense, e depois do de Veletri.

[3] Ensinou em Montpellier, Toulouse e Padua.

[4] O poema *Affonso*, de Botelho teve as seguintes edições: Paris, 1712. Lucca, 1716. Salamanca, 1731, Id. 1737.

de Santa Maria, João Ferreira d'Almeida, João Rodrigues Girão, author da arte da lingua do Japão impressa em Nangazaki no anno de 1604, João Rodrigues de Leão author d'uma obra impressa no Mexico em 1633, João Soares, João de S. Thomaz, Jorge Gomes Pereira, Jorge de Montemaior, assassinado no Piemonte e uma das maiores glorias de Portugal,[1] Jorge de Moraes, José Maria da Fonseca, José Teixeira, Lourenço Portel, Luiz Antonio Verney, cujas obras serviam para o ensino em muitos estabelecimentos litterarios da Italia, Luiz da Conceição, Luiz da Cruz, Luiz de Lemos, Luiz Nogueira, Luiz Nunes, Luiz de Sottomayor, Luiz Teixeira Lobo, Manuel de Azevedo, Manuel Barreto autor do *Flosculi de virtutibus et vitiis*, impresso em Nangasaki no anno de 1610, Manuel Brudo, Manuel da Costa, Manuel de Faria e Sousa, Manuel Goes, Manuel Gomes, Manuel Lourenço Soares, Manuel Mendes Castro, Manuel Rodrigues, Manuel de Sá, Manuel Soares da Ribeira, Manuel da Veiga, Miguel Cabedo de Vasconcellos, Pedro Barbosa, Pedro de Figueiró, Pedro da Fonseca, Pedro Nunes, a quem Montucla, na sua celebre *Histoire des mathematiques*, teceu os mais bellos encomios, Pedro de Santarem, Pedro da Veiga, Rodrigo de Castro, Sebastião Barradas, Sebastião Toscano, Simão Vaz Barbosa, Teive, Thomaz de Chaves, Thomé Corrêa, Zacuto Lusitano, etc. etc.

Mas em tempos mais chegados a nós, como não honrou na Inglaterra o nome portuguez o celebre physico Jacintho de Magalhães, natural de Aveiro, da Sociedade Real de Londres, e de S. Petersburgo, e auctor de obras tão notaveis e commentador da *Mineralogia* do celebre e famoso sueco Axel Cronstedt! João Antonio Monteiro tem o seu nome memorado com louvor nas paginas dos mais insignes mineralogistas francezes e allemães. Suas memorias foram estampadas nas actas da Academia de Munich e no *Journal des Mines*. Era muito apreciado pelo celebre Haüy. E Balbi (vol. II, pag. LIV) assevera-nos que as memorias escriptas por Joaquim Lobo faziam com que este fosse considerado como um mineralogista distincto na Allemanha.

Luiz Pinto de Sousa Coutinho, primeiro visconde de Balsemão, foi outro membro da Sociedade Real de Londres, e correspondia-se com sabios estrangeiros de primeira ordem, entre os quaes Robertson e Raynal.

Manuel Ferreira da Camara Bettencourt, chimico notavel, e membro da Academia de Historia Natural de Edimburgo.

João da Silveira Caldeira foi um medico que se tornou conhecido pelos seus trabalhos a que se entregou juntamente com Dubois, e por varios outros por elle feitos no Jardim das Plantas, e pela amisade com que o honravam os celebres chymicos Vauquelin e Langier.

[1] Lembro-me das seguintes edições da *Diana*. Pamplona, 1587, Antuerpia, 1580, Valencia, 1602, Madrid, 1588, Id. 1602. Id. 1622. Valencia, 15...? Ha porém muitissimas outras.

Ha tambem mui grande o numero de edições dos *Lusiadas* em portuguez impressas em varios paizes. Não fallando das reimpressões, brazileiras, tenho presente as seguintes: Napoles e Roma, 1731. Avignon, 1818. Paris, 1819. 1823. 1836. 1846. 1847. 1855. 1857. Hamburgo, 1834. Leipzig, 1845.

Manuel Pedro de Mello ganhou em 1806 com a sua Memoria sobre as forças, o premio proposto pela Academia de Copenhague.

Alexandre Herculano, membro do Instituto historico de França, uma das mais solidas glorias de Portugal.

Alexandre Magno de Castilho, outro membro do Instituto.

Antonio de Almeida, membro do Real Collegio dos Cirurgiões de Londres.

Antonio Feliciano de Castilho, membro do Instituto historico de Paris, da Academia das Sciencias de Rouen, etc.

Antonio Jacintho de Araujo, membro correspondente da Academia impede S. Petersburgo.

Antonio Nunes Ribeiro Sanches, tambem da Academia de S. Petersburgo.

Antonio Vieira Transtagano, professor de arabe e persa no Collegio da Santissima Trindade de Dublin.

Francisco de Borja Garção Stockler, da sociedade real de Londres.

Isidoro Maria Baptista, da sociedade geologica de França.

Jacob Rodrigues Pereira, da sociedade de Londres.

Duque de Saldanha, da sociedade geologica de França.

Padre João Loureiro, da sociedade real de Londres.

Padre Joaquim Affonso Gonçalves, por causa do merecimento de suas obras ácerca da lingua chineza, nomeado socio da Sociedade Asiatica.

Joaquim Cesar de Figanière Mourão, da Academia de sciencias e litteratura de Maryland, da historica de Philadelphia, do instituto nacional de Washington, e da sociedade ethnologica de New York.

Joaquim José da Costa Macedo, secretario da Academia Real das Sciencias de Lisboa era reputado um sabio pelos estrangeiros, e pertencia a mais de quarenta academias e associações estrangeiras.

Padre Joaquim José Leite, sinologo, membro da Sociedade Asiatica.

José Joaquim Soares de Barros, das academias de Berlin e de Paris.

José Liberato Freire de Carvalho, do Instituto de Paris.

José Maria Dantas Pereira, da sociedade philosophica de Philadelphia.

Visconde de Santarém, da Academia de Berlin, do instituto de França, das sociedades geographicas de Berlin, Francfort, Londres, Paris, S. Petersburgo.

Manuel Joaquim Henriques de Paiva, das Academias de Stockholm, Harlem, etc.

Padre Theodoro de Almeida da R. Sociedade de Londres.

Quem ha que tendo conhecimento dos trabalhos do abbade Corrêa da Serra de Brotero, José Bonifacio d'Andrada e André Rodrigues, astronomo no observatorio de Pekin, Alfredo d'Andrade, actualmente architecto na Italia, e que n'este paiz está dando realce ao nome portuguez, de Silvestre Pinheiro Ferreira, Casado Giraldés, Garrett e de tantos outros, não deva exclamar:

E vereis qual é mais excellente
Se ser do mundo rei, se de tal gente

ou com o celebre historiador hespanhol Marianna:

«*Regnum Lusitaniae magnitudine rerum gestarum cum primis nobile!*»

PARTE IV

NOTICIA

DAS

RECORDAÇÕES E MONUMENTOS

AINDA EXISTENTES

NAS DIFFERENTES PARTES DO MUNDO

FEITOS PELOS PORTUGUEZES

OU

ERIGIDOS EM HONRA D'ELLES

«Whether we consider the extent of the commercial portuguese empire in the East, its opulenco, the slender power by which it was formed, or the splendour with which the government of it was conducted, there has hitherto been nothing comparable in the history ef nations.»

Dr. Robertson, *Historical Disquisition concerning ancient India.*

1) ABYSSINIA. — Durante os annos de 1835 e 1836, Mauricio Tarnisier e Edmundo Combes, viajaram por esta região, e imprimiram a *Relação da sua viagem* no *Boletim da Sociedade Geographica de Paris* nos mezes de junho e julho de 1837. Durou esta viagem quinze mezes, encontraram varios vestigios do antigo dominio portuguez. [1] Guilherme Lejean, diz tambem o seguinte: «Ás dez horas atravessamos o Tadda, uma das aldeias mais risonhas e pittorescas da provincia, passâmos o Maghtech por uma ponte levantada pelos portuguezes, *bellissima construcção*, sem a qual as communicações estariam interrompidas durante cinco mezes do anno, entre Gondar e as provincias do Sul.» [2]

2) AGADIR. *(Marrocos).* — A esta cidade na provincia de Sus, poseram os portuguezes, quando dominavam em grande parte d'aquelle imperio, o nome de Santa Cruz, nome pelo qual ainda é conhecida. [3] Ludovic Lalanne diz que os nossos introduziram a typographia no imperio de Marrocos. [4]

3) AMBOINO. *(Capital das Moluccas).* — «Os indigenas da cidade formam uma população indolente, variada, meio civilisada, que tira sua origem do Papus de Ceram, dos portuguezes e dos malaios, com alguma mistura de hollandezes ou de chinezes. O elemento portuguez é o predominante nos christãos velhos, como o indicam as feições, vestuario e emprego de algumas palavras portuguezas, que elles misturam com o malaio, seu idioma habitual. Sua linguagem contém poucas palavras hollandezas, apezar de ouvirem fallar esta lingua ha mais de duzentos e cincoenta annos: os nomes de passaros, arvores e varios outros objectos são evidentemente lusitanos.»

[1] Urcullu.—*Tractado de Geographia.* vol. III.
[2] Guilherme Lejean.—*Voyage en Abyssinie*, en 1862-1863.
[3] Erneste Faye.—*Histoire des Naufrages.* (Paris, 1859).
[4] *Curiosités Bibliographiques.* pag. 96.
[5] Alfred Russel Wallace.—*L'Archipel Malaisien.*

O capitão hollandez Stavorinus encontrou em 1774 n'esta ilha nomes visivelmente portuguezes, usados pelos indigenas, como *corre corre* (barco ligeiro) *marinho, bahia portugueza. etc.*

«Encontram-se em Amboino alguns descendentes dos portuguezes que pediram para ficar com os hollandezes, quando estes expulsaram d'esta ilha a seus antepassados.

«Os principaes christãos amboinos teem ainda hoje nomes portuguezes, que seus avôs receberam no baptismo. Com tudo a lingua portugueza é aqui menos usada do que em qualquer outro logar da India, e os descendentes dos portuguezes são em pequeno numero.» Stavorinus, *Voyages*, vol. I. pag. 272.

4) AMSTERDAM. — A synagoga dos judeos portuguezes n'esta cidade é um sumptuoso edificio, como se vê das estampas que adornam os *Guias do Viajante* em Amsterdam. Francisco Xavier d'Oliveira nas suas *rarissimas Cartas* [1] dá muitas noticias e curiosas ácerca dos judeos portuguezes n'aquella cidade, relativas ao anno de 1740, em que alli se achou.

5) ARANDA DEL DUERO. *(Hespanha).* — O portuguez D. Pedro, bispo d'Osma, fundou n'aquella villa um convento e egreja da Ordem de S. Domingos, escolhendo para seu jazigo a capella-mór. [2]

6) ARGUIM. *(Marrocos).* — «Fundaram os portuguezes em 1561 na ilha d'este nome um fórte, que successivamente foi conquistado pelos hollandezes e francezes. Algumas cisternas são hoje o unico vestigio, que indicam o local, que outr'ora o fórte occupou.» [3]

7) ARZILLA. *(Marrocos):* — Em 1789 ainda existiam as fortificações feitas pelos portuguezes no tempo, em que eram senhores d'esta cidade. «Em quanto Portugal a senhoreou, foi praça de força e de valor; mas, por haverem os soberanos marroquinos, em razão da sua indolencia e capricho, abandonado as fortificações, vão rapidamente desabando aos pedaços.» [4]

Para recordar a tomada d'esta cidade em 1471 aos mouros por D. Affonso V fez o famoso esculptor florentino André Contucci um baixo relevo, que foi mandado comprar a Roma por S. M. el-rei D. Fernando. [5]

8) ATLAS. *(Monte-Africa).* — «Mr. Jackson, na sua *Relação ingleza de Marrocos*, suppõe que algumas familias de Chillohes descendem dos portuguezes.» [6]

[1] Impressas em Amsterdam, 1741.

[2] Fr. Luiz de Sousa.—*Vida do Arcebispo*, liv. II. cap. 31.

[3] Vice-Amiral Fleuriot de Langle.—*Croisières á la Côte d'Afrique.*

[4] Guilherme Lampière.—*Viagens de Gibraltar a Tangere, Salé, etc.*

[5] Ribeiro Guimarães.—*Summario de varia historia.* vol. II.

[6] Jacob Graoberg de Hemso.—*Indagações sobre a lingua dos berberes.* (No vol. V das *Memorias da Academia R. das Sciencias de Lisboa).*

Manoel Ignacio de Brito, foi no seculo passado, um valido do imperador de Marrocos Mulei Soleimão.

9) BAÇAIM. — «Esta praça cedida pelos reis de Goujerat aos portuguezes em 1534 cahiu em poder dos Mahratas em 1739. Suas ruinas são um testemunho da importancia d'esta cidade em tempos antigos; as ruas, as egrejas, e os palacios se desenham ainda no meio dos abrolhos, que as cobrem com seus ramos espinhosos. Os muros da cathedral e os restos de um Collegio do jesuitas chamam principalmente a attenção. [1] «Baçaim, esse viveiro da antiga fidalguia Indo-Luza, está hoje reduzida a uma pobre aldeia, e a um montão de ruinas! Assim exclamava um escriptor portuguez, [2] e isto mesmo foi depois confirmado por um escriptor francez:» As trincheiras ameiadas da antiga cidade portugueza não defendem hoje mais do que uma floresta de cacocíros, por cima dos quaes sobresaem as torres arruinadas das egrejas. Em torno de Baçaim as collinas estão coroadas por baluartes, castellos, conventos, a maior parte em ruinas. O elemento portuguez é ainda hoje importante n'um grande numero de povoações do paiz.» [3]

«As ruinas de Baçaim ainda hoje avultam para dar testemunho da grandeza e riqueza da *côrte do Norte* por excellencia da India Portugueza, e hoje *campus ubi Troja fuit.*[4]

«It is of this vast portuguese empire that the now ruined cities of Chaul and Bassein were two important emporia of trade. They were, besides, when in their palmy days, the miniature of the Luso-Indian civilization of the age. Within the compressed area of their walls were contained appliances that imparted grace and dignity to life. Chivalry, religious enthusiasm, scholastic pedantry and seigneurial arrogance.» [5]

«Estiveram os portuguezes de posse de Baçaim perto de duzentos e dez annos, durante o qual periodo medrou ella de modo tal, chegando a tanta grandeza e opulencia, que obteve para si o nobre cognome de Côrte do Norte, em relação á capital Goa. Abundava em edificios sumptuosos, tanto publicos, como particulares, civis e religiosos, os ultimos dos quaes, além da matriz ou cathedral, consistiam em cinco conventos, treze egrejas, e uma misericordia, cujas ruinas mesmo no presente dia servem de silencioso epitaphio da grandeza, que findou. [6]

10) BADAJOZ. — Tem esta cidade estreitas relações com a historia de Portugal. Foi n'ella que em 1299 assentaram pazes el-rei D. Diniz e seu irmão, que andavam desavindos e em guerra aberta. Em 1801 em Badajoz se

[1] Alfred Grandidier. — *Voyage dans les provinces meridionales de l'Inde*
[2] José Joaquim Lopes de Lima. — *Jornal da viagem de Goa para Lisboa em* 1842,
[3] Louis Rousselet.—*L'Inde des Rajahs.*
[4] C. L. Monteiro Barbuda.—*Uma viagem de duas mil leguas.*
[5] Sr. Gerson da Cunha.—*Notes on Chaul and Bassein*, pag VII.
[6] Idem, Idem. pag. 137.

ajustou a paz com a Hespanha, figurando no tractado o celebre principe da Paz, D. Manoel Godoy, e em janeiro de 1811 foi a cidade tomada pelo general francez Soult. Depois foi o exercito anglo-luso ao encontro dos francezes, e então se feriu a famosa batalha d'Albuera. Poucos dias depois poz-se em marcha Beresford para tomar a cidade, mas retirou-se.

Em 1812 temos o ultimo assedio de Badajoz, e d'esta vez coroou a victoria os heroicos esforços do exercito alliado. Em 18 de março começou a ser investida a praça por um exercito de 25:000 homens, e a 7 d'abril estava conquistada. Custou cara esta victoria. A guarnição franceza seria de 5:000 homens ás ordens do general Phillipon, e poz fóra de combate o cerco e assalto, 4885 homens, quasi homem por homem.

O tenente general Sir John Hope elogiou altamente o comportamento de todos os officiaes e tropas, e particularmente recommendou a primeira brigada portugueza do commando do brigadeiro A. Campbell.[1]

11) BAYRUTH. — N'esta cidade encontrou Fr. Pantaleão d'Aveiro, regressando da Terra Santa para Napoles, no reinado d'el-rei D. Sebastião, um grande numero de judeos, que lhe fallaram em portuguez.

12) BENGALA. — No tempo em que Francisco Bernier viajava, não havia no reino de Bengala menos de «huit a neuf mille familles de Franguis, Portugais natifs ou mestics.»

No Grão Mogol até mesmo havia piratas portuguezes, e um grande numero de portuguezes serviam de artilheiros nos exercitos dos principes asiaticos.[2]

13) BOLONHA. — Na egreja de S. Petronio,[3] viu o celebre arcebispo de Braga D. Fr. Bartholomeu dos Martyres: «um archete de marmore, no qual lhe disseram que estavam os ossos de uma Margarida, portugueza, que deixada a patria e a cidade, em que nascera, se fôra viver a Bolonha: tinha sua morada em uma lapa pouco distante da cidade, e a vida, que fazia era mais de espirito angelico, que de corpo humano, e por tal lhe deram aquelle logar de morte.»

14) BOMBAIM. — Serve de palacio de recreio ao governador, em Parell, um convento fundado pelos portuguezes, cuja casa de capitulo serve actualmente de casa de jantar.[4] Este convento com sua egreja eram dos jesuitas.

Possue em Bombaim a corôa de Portugal o pequeno hospicio de S. Fran-

[1] Ribeiro Guimarães.—*Summario de varia historia*. vol. II. pag. 15.

[2] *Voyages de François Bernier contenant la description du Grand Mogol*. Amsterdam 1724. 2 vol.

[3] Fr. Luiz de Sousa.—*Vida do Arcebispo*, liv. II. cap. 19.

[4] Fleuriot de Langle.—*Le Malabar*. Os escriptores estrangeiros são concordes em asseverarem que *Bombaim* se deriva das palavras *Boa bahia*.

cisco Xavier com o terreno adjacente. A fortaleza de Bombaim tambem foi construida pelos portuguezes, segundo o systema de Vauban. Os inglezes posteriormente augmentaram-na e melhoraram-na. A Cathedral era antiga egreja portugueza, sobre a qual corre um terraço cercado de ameias. N'esta cidade, e ilha, residem uns dez ou doze mil canarins de Goa e Cochim.[1] E aqui se dá o nome de *Norteiros* a todos os christãos da ilha de Salsette, Baçaim, Damão, Surrate etc que, pela maior parte, fallam portuguez, e prezam em extremo a ascendencia portugueza.[2]

«Quizemos em Bombaim ouvir missa na Egreja Portugueza[3]. Indagámos, sem dizer o nosso intento, a que horas a dizia o parocho, e no dia 2 de maio, pelas 8 horas da manhã, dirigimo-nos ao templo de N. S. da Gloria, no bairro de Mazagão. Já perto do templo vimos o adro apinhado de gente: homens e mulheres indús: as mulheres christãs por via de regra, ou calçando um chinelinho, que apenas e mal lhes escondia os dedos, cobrem-se todas com um pano branco, largo e sem feitio, mas apertado por dentro, na cinta com uma fita. Com este panno encapotam a cabeça, e prendem-no sobre o seio com as mãos. Por baixo d'estas mantilhas descobrem-se-lhes ás vezes muitos objectos de oiro no peito e na cabeça, e sobre tudo, caras muito agradaveis. Aquelles cabellos retezados, e achatados na cabeça, chegam ao chão, e cobrem a indiana. Dos olhos negros dos orientaes já não ha que dizer.

«Ao chegarmos, abriu-se o povo em duas alas, recebendo no meio, com muita reverencia, o governador geral da India.

«Á porta abriu se um pallio, debaixo do qual foi recebido, entre cantares, o representante de Portugal, a mais de duas mil leguas da metropole, n'uma egreja ainda nossa, n'uma cidade, que já não é nossa, e saudado, como bem vindo, por uma grande familia, que falla a nossa lingua, e que se honra de dizer portuguez.

«Se algum povo tem ainda hoje prestigio no Oriente, especialmente em alguns pontos do Indostão, é o portuguez!

«A Inglaterra é grande; mas ella bem sabe o motivo porque nos deprime nas escolas, e tracta de nos fazer despreziveis aos olhos das novas gerações.

«Não sei que voz era a d'aquelle orgão, nem que magia tinham os cantos do sacerdote e do povo, que eu não pude assistir d'olhos enxutos áquella missa de alleluia. Se o meu paiz, que é tão grande, quizesse olhar pelo que lhe resta de suas possessões d'além mar, como seriamos ainda respeitados!

«Em Ceylão refere-se que ainda existe, como brazão proprio o escudo das quinas; e que ainda hoje os habitantes, naturaes da ilha, n'uma lingua, que elles chamam portugueza, vos dirão orgulhosos: *Nós somos portuguezes!* e perdemol-a em 1656, tendo-a possuido apenas desde o principio do seculo XVI. Os hollandezes primeiro, e depois os inglezes, teem querido, debalde destruir to-

[1] Bombaim foi em 1662 dada em dote, assim como Tanger, á infanta D. Catharina, quando casou com Carlos II, rei de Inglaterra.

[2] José Joaquim Lopes de Lima.—*Jornal da viagem de Goa para Lisboa em* 1842.

[3] Sr. Thomaz Ribeiro.—*Jornadas*, vol. I. pag. 388.

dos os vestigios do nosso predominio. É certo, que quando os padres quizeram ensinar o christianismo áquelles povos, religião que haviam acceitado de nós, substituindo o budhismo, cujo berço parece ter sido alli, tiveram de darlhes livros escriptos e impressos na lingua, que elles chamam portugueza.» Em Bombaim ha uma casa editora de livros portugueza, e n'esta cidade desde 1831 até 1848 se publicaram os seguintes jornaes em lingua portugueza:

I. *Mensageiro Bombayense.* 1831 1832. — II. *Investigador portuguez em Bombaim.* 1835 1837. — III. *Pregoeiro da liberdade.* 1838 1846. — IV. *Indio imparcial.* 1843 1844. — V. *Observador.* 1846 1848. — VI. *Abelha de Bombaim.* 1848. [1]

«Bombaim, provavelmente como nenhuma outra cidade do mundo, apresenta ao estudioso o contradictorio aspecto de ser ao mesmo tempo rodeada pelas sédes de antiquissimas civilisações Buddhista, Sivaita, Mahometana e Portugueza, charnecas habitadas por povo tão selvagem como a raça, que vive nos profundos esconderijos dos Sâtpûrâras.» [2]

15) CAMBOJA. *(Paiz da Asia).* — Em julho de 1850 o rei de Camboja enviou a Singapura um christão nativo, chamado Constantino Monteiro, que pelo nome certamente era de origem portugueza, encarregado de sollicitar das auctoridades britannicas adjutorio contra os piratas, que infestavam as costas de Camboja.

Em março de 1851, este mensageiro regressou para Camboja, em companhia do dinamarquez L. V. Helms, a bordo de um navio expedido em negociação áquelle reino pela Casa de Almeida e Filhos, de Singapura.

Constantino Monteiro parece que era homem intelligente e de conhecimentos: em quanto residiu em Singapura deu curiosas noções d'aquelle paiz, e forneceu os primeiros elementos para um mappa de Camboja, que foi publicado no *Indian Archipelago.* [3]

16) CAPE-TOWN. *(Cidade do Cabo).* — No Museu d'esta cidade vê-se uma porção da cruz de pedra (padrão?) trazida de Portugal por Bartholomeu Dias, e por elle erguida n'esta terra. [4]

17) CHAUL. — «Se algum dia o acaso levar a este theatro das façanhas dos portuguezes, como quasi sempre acontece, aos viajantes, que navegam esta costa, e que pelo mau tempo, ou pelas ameaças das tempestades, são obrigados a abordarem no seu quieto ancoradouro: desembarcai e dirigi-vos ao soberbo castello, que campeia opposto à cidade, e que é notavel [5] pela sua architectura

[1] Francisco Maria Bordalo. — *Ensaio sobre a Estatistica do Estado da India.*

[2] Sr. Gerson da Cunha. — *Notes on the history and antiquities of Chaul a and Bassein.* pag. VII.

[3] Sr. Carlos José Caldeira. — *Apontamentos de uma viagem de Lisboa á China.* vol. II.

[4] M. de Moges. — *Tour du Monde* (1.° Semestre de 1860. pag. 300).

[5] Fortunato C. de Mello, a pag. 110 do Almanak *Luso-Indiano* de Bombaim para o anno de 1867 por Manoel Pedro de Sousa Franklin. Bombaim. Typographia de Viegas. etc Son.

antiga e aspecto venerando. Uma escadaria, desmoronada pelo correr dos annos, vos guiará a um bastião o mais alto do castello, esta porta do velho edificio se assenta no cume de uma collina escarpada e cheia de verdura, e cujo alicerce beija as aguas do oceano, avista-se do mar alto, a distancia de algumas milhas, e serve de ponto ou alvo aos pescadores d'esta povoação. É poetico e soberbo na verdade o sublime panorama que d'alli se desfructa! Difficilmente se encontrará em tão curto espaço mais bello panorama! Fronteira a esta sentinella monumental de gloria luzitana se ergue a bella cidade do Chaul, edificada pelas gerações passadas, que vieram plantar n'estas paragens as gloriosas quinas do nobre Portugal.

«Actualmente a cidade acha-se bastante arruinada pela acção do tempo, como tambem pelas mãos ingratas dos filhos de Albion, que teem por gloria profanar estes monumentos dos feitos de Albuquerques, Gamas e Castros. O viajante portuguez ao contemplar as altas torres da cidade, e mais edificios enegrecidos pelo correr do tempo, sentirá de certo as mesmas sensações que nós sentimos n'aquella hora.

«A presente condição de Chaul é a de uma obscura e pequena aldeia incluida no tâlukâ alibâ do collectorado Colabâ. [1]

«O forte, cujo circuito occupa obra de milha e meia, apresenta uma figura de quinze lados, sendo seus angulos formados por onze bastiões que terminam n'uma linha semicircular das muralhas, e quatro redutos, que conteem salas bastante largas para abrigarem uma guarda de vinte e cinco soldados. Cada um dos bastiões é, com excepção d'um chamado Santa Cruz, dedicado a um santo, e seus nomes são os seguintes: S. Pedro, S. Paulo, S Thiago, S. Jacintho, S. Luiz, S. Diniz, S. Francisco, S. Domingos, S. José e S. Jeronymo. As muralhas são de varia altura, de 25 a 30 pés do lado da terra, e de 20 a 25 do lado do mar: a disparidade é devida a ser o lado da terra mais exposto aos ataques do inimigo do que o outro. As muralhas teem em geral pouca apparencia de força, embora possuam em varios logares a ajuda de baluartes e terraços no lado mais interior, os quaes parecem achar se bem divididos para o fim tanto do ataque como da defeza. As medonhas e velhas canhonheiras e bombardeiras, nas quaes foram montadas até 1728 cincoenta peças de artilheria desde o calibre de tres arrateis até o de quarenta arrateis, ou desde a pequena peça chamada pedreiro até aos immensos morteiros e basiliscos, estão agora n'um estado de delapidação, sendo as unicas reliquias de sua primitiva grandeza algumas velhas e enferrujadas peças de artilheria jazendo no chão nos baluartes, no supremo desprezo, em quanto as proprias muralhas apresentam ainda no dia de hoje, além dos signaes dos estragos causados pelo tempo,

[1] «Os descendentes dos portuguezes, habitantes de Chaul, que não tiveram meios para fugir para Goa, quando a cidade de Chaul em 1741 foi entregue aos Mârathâs, vivem ainda na visinhança do forte, em miseraveis choupanas, encostadas em profundas e bellas florestas de palmeiras em volta de Kôrte e Revadanda.» Sr. J. Gerson da Cunha. —*Notes on the history and antiquities af Chaul and Bassein.* Bombaim, 1876 (pag. 73). Id. pag. 74.

vestigios de terem resistido aos effeitos do fogo proveniente do exterior. Algumas das peças foram levadas por D. Martin Affonso para Malaca, e em 1728, coisa de um seculo depois, o feitor de Baçaim, André Ribeiro Coutinho, foi mandado pelo governo para inspecionar, e fazer um relatorio ácerca do forte. Suas recommendações para remediarem innumeraveis faltas parecem não ter tido bom resultado. Quasi todas as peças restantes ficaram no poder dos Marâthâs quando tomaram Chaul, os quaes levaram comsigo as dealguma utilidade, deixando tão sómente as que estavam fóra de serviço.

«As alterações que a natureza tem depois operado, são realmente notaveis. Logares onde então o mar batia, e avançava vagarosamente, teem depois sido completamente cobertos por elle: a muralha está fendida em cinco ou sete differentes logares ao longo da praia; e a corrente da maré pacificamente entra dentro do forte, e lava os pés das ruinas dos mosteiros no interior, os quaes estão em imminente risco de desabarem. Alguns dos bastiões, e uma grande porção da muralha teem n'estes ultimos vinte annos cahido por terra, e d'aqui a mais alguns annos a porção, que ainda resta, a qual olha para o mar, talvez difficilmente venha a ser visivel. As areias, que estiveram uma vez enchendo o fosso, teem agora por si mesmas formado um monticulo, de modo que o inimigo, se alli houvesse algum, nenhuma necessidade teria d'escalar. Ao subir as areias facilmente o collocariam no cume da muralha. No lado reintrante d'esta parte da muralha, é ella rodeada por um pequeno bosque de bambus, que naturalmente datam a sua origem desde o periodo portuguez, e foi considerado como, segundo parece, uma obra exterior, para ter o destino de rebater o inimigo, quando usasse das areias invasoras como de escadas para o escalamento.

«O forte de Chaul tem, como alguns outros na costa, dois caminhos com cancellos, a saber a Porta do Mar, e a porta da Terra, tendo o primeiro além d'isso, uma espessa muralha a alguns passos defronte para o amparar do lado do rio, e o ultimo, a que tambem dão o nome de Porta dos Casados, conserva os restos de uma ponte levadiça sobre o fosso, o qual está actualmente entulhado de todo com areia, apezar de ser n'outros tempos largo e profundo, cercando toda a muralha chegado á terra, e poderia ser percorrido por gosto. A porta de entrada do sul está situada na margem do norte do porto de Chaul, onde está tambem o *bandar*. O primeiro objecto que n'este logar maravilha o viajante é uma enorme figueira da India.

A porta de entrada do sul tem agora a espessa muralha ao lado direito, a qual outr'ora a amparava completamente da vista do rio, em parte deitada por terra. Um charco d'agua suja, do comprimento de 4 pés e $^3/_4$ polegadas, e da largura de 2 pés e 3 $^1/_2$ de largo, tendo uma figura que representa um guerreiro de alto relevo, com uniforme militar, condecorado com as insignias da Ordem de Christo, tendo na cabeça um capacete, está posta na parte externa remanescente da muralha, e era destinada como se crê, para representar um dos reis de Portugal, com um letreiro, no qual restam apenas seis lettras legiveis em duas linhas O J O A e T O no pé, restos, talvez do nome do rei D. João ou D. Sebastião, durante cujo infeliz reinado este fórte foi contrui-

do. A figura está convertida em idolo de Khandobâ, tendo a face untada com azeite, e a cabeça pintada com uma espessa camada de tinta encarnada. Um altar ao *tulsi* está erguido exactamente defronte d'elle, o qual recebe as diarias offertas de flôres e arroz, e reparte d'ellas com o guerreiro portuguez. É realmente uma reflexão bem humilhante que a figura de um dos reis de Portugal, que nos dias passados tudo punha em pratica, quanto lhe era possivel, e gastava milhões do seu thesouro para abolir a Idolatria da India, sirva agora de alvo ás supersticiosas propensões dos descendentes de seus primeiros vassallos!

Porém houve consciencioso iconoclasta que debastou completamente as mãos, ouvidos e nariz, e tornou a face tão liza como um pedaço de marmore. Tão forte era o stygma inherente ás representações de objectos viventes pelos sectarios, do Islam, que o mais infame principe entre os mahometanos teve escrupulos de consciencia em mostrar sequer uma tacita annuencia á naturalmente ignorante ostentação do zelo religioso dos indios.

A maior parte d'esta muralha exterior está agora derribada, e sómente resta uma pequena porção com uma janella oblonga por cima de um poço de agua, e uma passagem aberta ao oeste com as vergas prestes a fazerem-se em pedaços.

O exterior da porta do sul é feito de basalto preto, e sobreposto de uma corôa e armas gravadas na mesma pedra, mas actualmente quasi de todo encobertas com as folhas da vegetação. Está ainda n'um bonito estado de conservação, embora privada das massiças portas de teka, e trancas de ferro, e pregos, que outr'ora alli existiram.

Ao entrar a porta o visitante acha-se n'uma pequena área quadrada, murada por todos os lados, excepto nas portas. Á direita encontra-se uma pedra do cumprimento de 2 pés e 3 $^1/_2$ pollegadas e da largura de 2 pés e 2 pollegadas, posta n'uma reintrancia, na qual está meio sumida. A inscripção n'ella, com um emblema artistico como ornamentação hieraldica, consistindo em tres estrellas, e uma maça, provavelmente a cota d'armas do capitão do fórte, no tempo em que este muro foi construido, e o motto de Ave Maria, gratia plena, toscamente gravadas em volta, mostra bem claramente que n'ellas nenhuma excellencia da arte epigraphica existe tanto n'esta como nas outras inscripções de Chaul, mas que até mesmo não se serviam das ordinarias regras da caligraphia, mormente na sua absoluta carencia de attenção para com o sentido da clausula ou sentença.

Na inscripção acha-se a seguinte legenda: Na era de 1577 sendo capitão Alexandre de Sousa Freire d'esta fortaleza, se fez toda esta fortificação desde a praia ao mar.

Passando para o interior da porta observa-se o bem conhecido globo terrestre de D. Manoel á esquerda, tres frechas n'um feixe, á direita, e a real cota d'armas portugueza no meio, tudo sobreposto á cruz Malteza da Ordem de Christo. Cada um d'estes emblemas tem perto de dois pés de cumprimento e 2 $^1/_2$ de largo, e os circulos coisa de 2 pés de diametro. As pedras estão-se reduzindo a pó, e cobertas de vegetação. Á esquerda estão as ruinas de um edificio já sem sobrado nem tecto.

Do lado opposto d'esta porta estão duas pedras, n'uma veem-se umas lettras que parecem querer dizer: Esta porta guarda-a N. S. das Dôres. E a outra: Na era de 1638 se reedificou esta porta.

Tendo transposto as portas, tem o visitante diante de si uma scena, que póde ser egualada, mas não excedida por quaesquer cidades em ruinas dos portuguezes na costa, exceptuando a velha cidade de Goa. Uma bem grande cidade cercada de todos os lados, salvo onde o mar tem feito algumas horrendas brechas, por uma alta muralha, ruas regulares, apezar de estreitas e não calçadas, e cabanas feitas de bamboo misturado com lodo e bosta de boi, e cobertas com um tecto de folhas de palmeira e palha, escondidas em espesso arvoredo, onde muitas pedras esculpidas e madeira pintada que outr'ora perteneceu ás egrejas e mosteiros portuguezes se veem em grutesca obra de retalhos. Os naturaes de Chaul, bem como os modernos Goenses acham mais barato excavar, e transportar pedras partidas do que cortal-as nas pedreiras.

O amor dos habitantes á commodidade apparece em alguns logares n'uma fórma tão vil, que fazem com que a parede de uma egreja ou mosteiro sirva para o mesmo fim na cabana quadrada, abrigada contra as inclemencias do tempo, onde tres paredes são feitas de lodo, e a quarta é parte de um convento.

As ruinas de Chaul, assim como as antigas ruinas christãs merecem especial menção. Consistem ellas principalmente de egrejas e conventos destelhados, e de soberbas residencias de nobres e mercadores, erguidas no meio de lindos jardins, agora entulhadas com as ruinas dos edificios que desabaram, e atapetadas de abrolhos; altos campanarios erguendo-se até ao ceo, com arqueadas torres de sinos, que já contiveram carrilhões que tocaram muitos e alegres repiques, agora mudos para sempre, sim, a morada do ominoso bufo com discordante guincho ainda mais accrescenta a desolação do logar. Todas estas coisas por si proprias teem um lugubre interesse, o qual fará, segundo espero, com que as ruinas de Chaul, por muitos annos futuros, até que sejam completamente varridas de cima da face da terra, sejam um logar digno de ser visitado pelos viajantes de Bombaim, classe que diariamente augmenta.

A imaginação por menos activa que seja não deixará de chamar outra vez á vida esta antiga scena do antigo poder e gloria dos portuguezes, onde ainda se pódem encontrar as reliquias de seu dominio — agora, ai! irrevogavelmente desapparecido.»

Na obra do sr. Gerson ainda veem mencionadas varias outras inscripções que se omittem por brevidade. A Egreja Matriz, dedicada a Santa Barbara, foi construida por um infatigavel franciscano, por nome (pag. 91) fr. Antonio do Porto. Tinha dimensões de uma cathedral. Está em ruinas. A poucos passos estão egualmente entulhos da Misericordia. Montão repugnante de ruinas invadidas por viçosa vegetação. Os actuaes habitantes de Chaul dão áquellas ruinas o nome de *Misri Kot*, alteração da palavra Misericordia.

Defronte das ruinas da Matriz, estão os entulhos da egreja e convento dos jesuitas. D'este edificio existem apenas a fachada, e algumas paredes, e signaes de arvores fructiferas e flôres, pelo cultivo das quaes os jesuitas portuguezes tinham uma reputação realmente invejavel. D'aqui a pouco encontram-se as

ruinas do mosteiro e egreja de S. Agostinho. A fachada e a torre dos sinos ainda estão de pé; tudo o mais está por terra. O altar, em que se erguia a cruz, serve agora de altar para os tulsí. Porém n'isto os portuguezes teem apenas encontrado uma tardia retribuição d'aquillo que praticaram nos seus dias dentro dos templos Hindus. Defronte d'estas ruinas veem-se as do Tribunal de Justiça. Deveria ter sido um vasto edificio.

Alguns dos claustros do Convento dos franciscanos teem uma fórma acastellada. É o que existe: tudo o mais são ruinas. E da immensidade d'estas ruinas o que ainda dá nas vistas é a torre. Tem uns 96 pés d'altura e os naturaes exprimem a sua admiração chamando-lhe Sâtkhani, ou os 7 andares: no entanto ameaça desabar. Voltando para o occidente encontram-se as ruinas do Convento de S. Domingos. A area occupada pelas ruinas d'este mosteiro é immensa.

Enxergam-se depois as ruinas d'uma pequena casa onde a tradicção diz ter residido S. Francisco Xavier. Uma capella de S. Ignacio contigua a esta já desappareceu completamente. Da egreja de S. Sebastião já não ha vestigios. Da egreja de S. João, parochia importante, ainda existem indicios. A rica e importante egreja da Madre de Deus está em ruinas. A unica egreja que fórma o nucleo de uma pequena communidade, natural de Chaul, no sopé do promontorio Kôrtê, é dedicada a nossa Senhora do Carmo, e parece de recente data. Existe tambem uma capellinha, fóra do fórte, que serve ao mesmo tempo de cemiterio. É pobrissima.

Os habitantes de Chaul ainda dão a alguns logares, nomes portuguezes, evidentemente estropeados, taes são: Sam Pâl Diul (Egreja de S. Paulo) Misri ou Misrikot (Misericordia) Padri Vigar (Padre Vigario, ou Matriz). Manel Coterel (Manoel Corte Real). Ales Perer (Aleixo Pereira). Mâm Gonsal (Simão Gonsalves) e varios outros

18) CHINA.— N'este vasto imperio é Portugal conhecido pelo nome de *Taisai-ion*, o grande reino do Occidente.

«Quando se espalhou em Shangai a noticia de que ia alli a corveta D. João I, o Tao-tai, mostrou-se um pouco inquieto, e informou-se cuidadosamente sobre a sua força, guarnição, etc., pouco depois insinuou que não tinha duvida de reconhecer o consul portuguez, logo que este lhe participasse a sua nomeação, pois que até então sómente o consul inglez lhe participara, que o negociante Beale tinha licença do governador de Hong kong para acceitar aquelle cargo, em serviço do governo portuguez.

«N'esta participação o interprete do consulado inglez *Medhurst* usou para traduzir os sons da palavra — Portugal — dos caracteres chinas correspondentes aos sons — *Pu-tum-ga*, o que produziu grande confusão ao Tao-tai; pois a significação de taes caracteres correspondia a — *reino das uvas e dentes*; — procurou informar-se com os europeus que exquisito reino era este, e julgou até ser alguma provincia de Inglaterra: mas parecia-lhe estranho que houvesse outro consul para ella, tendo já a Grã-Bretanha um em Shangai; finalmente custou muito a convencer-se de que se tratava de Portugal, que na China é só conhe-

cido pelo antigo e venerado nome de tradição *Taisai-ion* — o grande reino do Occidente.

«É duvidoso se o interprete Medhurst peccou por ignorancia, ou por acintoso espirito de nos deprimir, como em muitas coisas usam os de sua nação a nosso respeito.» (Sr. C. José Caldeira, *Apontamentos de uma viagem de Lisboa á China*, vol. I, pag. 336.)

Sainte Croix na sua viagem á China encontrou varios vocabulos portuguezes, pertencentes ao commercio e á navegação, usados pelos chins.

19) CHU-SAION *(China)*.— «Na noite de 28 (1851), passámos muito perto de uma ilha chamada Chu-saion, que os chinas diziam, significa — *ilha portugueza*; fica proxima á que tem na carta o nome de Spider, um pouco antes de Double-Peak, ou Li-shen; disseram os chinas ser habitada por christãos, e que o são egualmente os povos das immediações.

Seria bastante curioso e util para a historia apurar a origem d'este nome de — Ilha Portugueza. Será talvez o logar, hoje incerto, onde se estabeleceram os portuguezes depois da mortandade de Liampô, ou Ning-pô, de que falla Fernão Mendes Pinto, dizendo ser cem leguas abaixo d'aquelle porto, em Chincheu, nome, que ainda hoje dão a esta parte da costa de Fuh-kien?» (Sr. Carlos José Caldeira, *Apontamentos de uma viagem de Lisboa á China*, vol. I, pag. 291.)

20) CEILÃO.— No relatorio da administração de Ceilão pelo governador, o barão Van Imhoff para instrucção do seu successor encontra-se um paragrapho que diz o seguinte:

«Muito se precisa de missionarios, que defendam a palavra de Deus em Ceilão. Devem saber as linguas portugueza, malabar e singaleza, etc.[1].

21) CONGO *(S. Salvador)*.— «Em S. Salvador ainda existe no cume de um monte um castello, que os portuguezes alli fundaram, e restos de varias egrejas por elles construidas[2].

22) CORDOVA.—O convento da Ordem de S. Domingos, por nome Ara Coeli, foi fundado por um portuguez, chamado Alvaro, o qual era muito estimado de D. Izabel, mulher do imperador Carlos v[3].

23) COROMANDEL.— Tratando Sainte Croix das transacções commerciaes que os francezes poderiam fazer na costa de Coromandel em 1804, aconselha-os a que não especulem com o commercio do arroz, pois que só podia ser absolutamente *(absolument)* feito, por causa da grande pratica que tinham, por indios ou por portuguezes; todos os outros povos haviam infallivelmente

[1] *Archivo Pittoresco*, vol I pag. 42.
[2] Malte Brun, *Geog. Univ.* vol. II, pag. 37.
[3] Fr. Luiz de Sousa, *Hist. de S. Domingos*, liv. V, cap. XIII.

de ser logrados, pois os indios intendiam-se perfeitamente com os portuguezes [1].

24) CRUZ *(Cidade de Santa —.* No imperio de Marrocos.) «A cidade de Santa Cruz é maritima, e está assentada no declive de uma alta e escabrosa serra, rematada na ponta occidental d'aquelle cordão de montes, que cortam quasi em dois os dominios de Marrocos, e são bem conhecidos debaixo do nome de Atlas. Em outras eras pertenceu aos portuguezes; e com a subida do ultimo imperador ao throno, cessou de ser o logar mais importante para negociarem os europeus. Hoje em dia está quasi deserta; e as poucas casas, que tem, vão aos poucos, reduzindo-se a nada [2]» V. *Agadir.*

25) DAMASCO. Caminhando por uma rua d'esta cidade Fr. Pantaleão no reinado de el-rei D. Sebastião, sairam de uma casa cinco ou seis judeus com grande alvoroço, gritando: Padre Fr. Pantaleão, o que vos trouxe cá? Quem havia de cuidar que havieis de vir a esta terra? Eram judeus nascidos em Portugal, e que se achavam n'aquella tão celebre povoação da Syria. Uns eram de Braga, outros do Algarve e de Lisboa.

26) HONG-KONG, soberba cidade ingleza em territorio chinez. O numero dos portuguezes é n'esta povoação muito avultado, e talvez foi esta a causa, porque Moges disse: [3] «Já lá vae o tempo, em que os intrepidos navegantes portuguezes eram os dominadores d'aquelles mares. Hoje seus descendentes degenerados veem-se reduzidos, para viverem, a procurar um emprego nas grandes casas inglezas ou americanas.»

Seja como fôr, o caso é que os portuguezes em Hong-Kong são em grande numero, e teem n'aquella cidade uma boa bibliotheca.

N'uma representação dirigida ao governo portuguez em 1877 por causa da nomeação do nosso consul para aquella cidade asseverava-se que havia n'ella 2:000 portuguezes estabelecidos [4].

Na quaresma do presente anno de 1878 levou o vapor da carreira entre Hong-Kong e Macau 200 e tantos portuguezes para n'esta ultima cidade irem assistir á procissão de Passos, que me dizem ser mui deslumbrante e digna de ser vista.

27) JERUSALEM.— Não admira que aos portuguezes este nome tenha sido em todos os tempos sempre bem caro. De todas as partes do mundo, em todas as epochas, os peregrinos em numero extraordinario teem affluido áquelle ponto com o fim de visitar aquella cidade, a mais famosa nos annaes da religião, e uma das mais celebres na historia profana. Alli se encontram recorda-

[1] Sainte-Croix, *Voyage commercial e politique aux Indes Orientales*, vol. I.
[2] G. Lempriere, *Viagens de Gibraltar a Tanger, Salé, Mogador, etc.* pag. 118.
[3] *Diario Illustrado*, n.º 1677.—17 de outubro de 1877.
[4] *Tour du Monde de* 1860.

ções de todos os povos christãos, e as dos portuguezes não são com certeza aquellas que menos brilham. No seculo XVI os judeus expulsos de Hespanha e de Portugal em grande numero foram estabelecer-se na Palestina, fundaram escólas, e suas sedes principaes foram Jerusalem, Sapheth e Tiberiades [1]. D'isto é uma importantissima testemunha o nosso fr. Pantaleão d'Aveiro, que no reinado de el-rei D. Sebastião andou por aquellas partes, e os encontrava em todos os logares, e com saudades d'aquelles paizes onde tão brutalmente tinham sido tratados.

Na egreja de S. Thiago no mais alto do Monte Sion viu fr. Pantaleão memorias de Mecia Pimenta, natural de Villa Viçosa [2], e alli mesmo por essa occasião se disse uma missa com um mui rico paramento, que havia dado para o Santo Sepulchro D. João Soares, bispo de Coimbra. Mandadas pela mesma portugueza havia obras no monte Olivete. Estando o nosso franciscano no templo de Jerusalem, ao qual D. João III dava trezentos cruzados annualmente para o azeite das alampadas e para o mesmo fim tinha deixado Jorge da Silva em tempo de D. Sebastião cem cruzados, vieram ter com elle tres moiros, e querendo lhe dar a intender que moravam em terras de christãos diziam-lhe Goa, Portugal, Cochin, Portugal, Frangi, querendo com aquellas palavras significar serem d'aquellas partes da India, e que tambem eram portuguezes [3]. N'aquella cidade de Jerusalem havia n'aquelle tempo uns trinta judeus nascidos em Portugal, entre os quaes um medico famoso, natural de Evora. E na synagoga viu ricos pannos de seda e ouro, para os quaes contribuiram judeus de toda a parte do mundo entrando os de Portugal [4].

Em Sapheth havia mais de quatrocentos portuguezes, que na lingua d'elles rogavam pragas aos turcos, quando os maltratavam.

Já passados muitissimos annos, em 1816, um frade portuguez exclama: «Os caminhos por onde os habitantes de Jerusalem iam ás solemnidades de Siam estão desertos, porém graças á divina Providencia que ainda alli conserva um pequeno resto de fieis adoradores sustentados pelas esmolas dos christãos, em cujo numero os portuguezes occupam um logar tão distincto, que alli teem merecido o glorioso nome de — *Redemptores dos logares santos!*» [5]

O titulo de Redemptores dos Logares Santos talvez não pareça exagerado, quando lermos o que diz fr. Antonio de Sacramento, guardião do convento de Belem na Terra Santa:—«Grande é a quantia de dinheiro, que todos os annos vae da christandade para a Terra Santa de Jerusalem. Só do nosso Portugal

[1] Munk, *Palestine*, pag. 644. Este author confessa que a lingua hespanhola é a mais usada pelos judeus da Turquia; devia tambem dizer o portuguez; mas em geral os escriptores estrangeiros tomam por um só ambos os idiomas.

[2] Fr. Pantaleão d'Aveiro. *Itinerario da Terra Santa*, pag. 212. Edição de 1721.

[3] Id., pag. 232.

[4] Id., pag. 248.

[5] *Viagem de um peregrino a Jerusalem, e visita que fez aos Logares Santos.* Lisboa, 1819, pag. 31. No tempo em que se fez esta viagem, o prelado do convento da Nazareth era portuguez, natural de Bragança, e exclamou ao vêr o peregrino com sua comitiva: E possivel que sejam estes os meus amados portuguezes! (pag. 35.)

vão 40:000 cruzados em dinheiro de contado, além de outras muitas coisas necessarias para o culto dos Logares Santos, que importam em grosso cabedal. Dos mais reinos tambem são remettidas esmollas mui copiosas, sendo que nenhum, nem todos juntos, importam tanto como Portugal e Hespanha [1].» Diz ainda mais: Para a grande despeza, que se fez na egreja de Santa Clara da Nazareth se applicou uma conducta do nosso Portugal, que constava de 40:000 cruzados, e foi feita pelos annos de 1730 [2].

«O tecto moderno do templo do Santissimo Sepulchro custou mais de cem mil cruzados, e disseram-me os religiosos e procuradores que fôra a sua redempção, uma conducta de Portugal, que constava de cincoenta mil cruzados, a qual havia chegado na mesma occasião da obra.»

«D. Pedro II confirmou em 25 de janeiro de 1669 um alvará de D. Filippe II, passado no anno de 1605 [3] pelo qual se concediam todos os annos na thesouraria da Casa da India 300 cruzados para se conservar accesa uma lampada no Santo Sepulchro de Jerusalem. Confirmou tambem outro alvará antigo, em que se ordenava a todas as camaras, villas e logares d'este reino, seus estados e conquistas, que, tendo ellas 400$000 réis de renda, fossem obrigadas a dar de esmola para a Terra Santa 4$000 réis. Confirmou mais outro alvará de 26 de maio de 1657, pelo qual mandou a todas as justiças d'este reino, que ajudassem a cobrar e cobrassem as esmolas dos Santos Logares, e assistissem com todo o favor e ajuda ao commissario geral d'ellas e seus companheiros. Mandou por alvará de 13 de novembro de 1686 que se cobrassem executivamente as dividas dos Logares Santos na capitania de Pernambuco. Offereceu aos mesmos Logares Santos, para sua veneração e ornato, varias peças de oiro e prata, e varios paramentos, que servem para o culto divino. No anno de 1674 mandou uma lampada de prata, cujo feitio importara em réis 378$720. No anno de 1682 enviou um ornamento tão ricamente bordado, que custou mais de 5:000 cruzados. No anno de 1688 remetteu 12 lampadas perfeitissimas de latão, por saber que eram necessarias d'esta sorte nos Logares Santos. No anno de 1691 mandou uma lampada sobredoirada, que serve dentro do Santo Sepulchro. E, para que esta, como mais preciosa, estivesse guardada e reservada para as festas principaes, mandou juntamente outra de prata para estar sempre com luz no mesmo logar todos os dias. Juntando as offertas referidas veiu a mandar este piissimo monarcha: 23 lampadas, 12 de latão e

[1] *Viagem á Terra Santa*. Lisboa, 1748.

[2] Por estes tempos não saía de Portugal sómente dinheiro para a Terra Santa. Grossas quantias eram tambem remettidas para Argel e Marrocos para o resgate dos captivos. «L'Allemagne, la France, l'Espagne et le Portugal ont fait de nombreuses Redemptions, où l'on peut compter plus de mille captifs delivres des fers et tires de la servitude où ils etaient expozes, les uns à Constantinople, et dans le reste de l'empire Ottoman, les autres dans les royaumes d'Alger, Tunis, Tripoly et de Maroc.» Philemon de la Motte et Joseph Bernard, *Voyage pour la Redemption des captifs aux royaumes d'Alger et de Tunis*, pag. 2. (Paris, 1721).

[3] Sr. Julio Firmino Judice Biker.—*A Terra Santa* e a *Liberalidade portugueza*.

11 de prata, e além d'estas e dos ornamentos, mais uma bacia grande de prata, que levava tres almudes de agua, para servir no Sabbado Santo.

«D. João V ainda na sua menoridade, sendo principe, mandou no anno de 1695 uma estrella de oiro para o logar veneravel, que primeiro tocou, saido do ventre materno, o grande Baptista. Em 21 de janeiro de 1715 confirmou amplamente todos os alvarás e provisões dos seus predecessores; assim como o privilegio de se cobrarem as dividas pertencentes á Terra Santa, da mesma fórma executiva, que se cobravam as da sua real fazenda etc. Mandou no anno de 1719 uma custodia de prata sobredoirada para o Santo Presepio de Belem, e para adornar a capella do Santo Sepulchro mandou em 1728 uma riquissima armação de velludo carmesim lavrado e tecido em fio de oiro com tanta grandeza e preciosidade que fez a regia admiração de todos, que a viram. A sanefa d'essa regia armação era de uma só peça, e da mesma materia e riqueza, mas de differente lavor, tendo tambem entre os ramos 23 escudos com as armas de Portugal; e para seu complemento foi mais uma porção do mesmo brocado.

«Mandou el-rei fazer tudo isto em Genova, e custou 22:000 cruzados. Como fosse muito abastada aquella armação, d'ella se pôde tirar um precioso ornamento de Pontifical inteiro com os mesmos escudos das armas reaes para o convento de S. Salvador, e não servia senão em Quinta Feira Santa e dia de Paschoa.

«D. José confirmou as provisões anteriores em 26 de abril, 25 de maio e 20 de novembro de 1760, 13 de julho de 1762, 23 de maio de 1766, e 6 de outubro de 1769, mandando as sommas mencionadas na conta junta.

«D. Maria I confirmou as provisões anteriores em 3 de setembro de 1777, 11 de maio de 1778, 12 de fevereiro, e 13 de março de 1781, 22 de fevereiro de 1787, 24 de agosto, e 8 de outubro de 1790, e 13 de outubro de 1800; e além das sommas, que mandou, e de outras dadivas que fez, enviou a Jerusalem em 1782 uma lampada de oiro para o Santo Sepulchro, avaliada em réis 2:600$000.

«A pedido do padre commissario geral se expediu a pastoral do bispo da Guarda, de 8 de abril de 1817, sobre as esmolas para a conservação dos Santos Logares.

«De particulares temos:

«Jorge da Silveira, que passou com el-rei D. Sebastião a Africa, e lá morreu; deixou cem cruzados por anno para o azeite das lampadas, que ardem assim na Casa Santa, como em Belem.

«D. Maria de Oliveira, que deixou 5:000 cruzados para um juro real cujo rendimento se applicasse e entregasse aos Logares Santos de Jerusalem por sua alma; e muitos legados avulsos de Portugal e do Brazil.

Pelo que respeita a esmolas, convém saber que estas foram mandadas para a Terra Santa pelos padres commissarios, e por via de Roma até 1668; depois por via de Castella até 1691, e d'este anno em diante directamente de Portugal. No anno de 1710 fez-se a primeira remessa com carta de el-rei D. João V para o guardião do sacro Monte Sião, datada de 14 de janeiro.

Mandou pois Portugal para a Santa Casa de Jerusalem, em dinheiro de contado, desde 1660 até 1733:

Esmolas		348:406$147
Despezas com o transporte das mesmas esmolas, com paramentos sagrados		28:402$493
		376:808$640
Esmolas de 1734 a 1756, a 40:000 cruzados por anno	368:000$000	
Despeza com o transporte das mesmas esmolas, a 400:000 réis cada remessa	9:200$000	377:200$000
Esmolas de 1757 a 1796	560:000$000	
Despezas com o transporte das ditas esmolas a 480$000 réis cada remessa	15:320$000	575:320$000
Total, réis		1.329:328$640

Peças e paramentos, que existem nos logares da Terra Santa mandados do reino de Portugal [1]

«No *Santo Sepulchro.*—Quatro lampadas de prata, que estão continuamente com luz na pedra do Anjo, junto ao Santo Sepulchro, e teem por titulo—*Principe de Portugal.*

«Mais uma lampada de el-rei de Portugal no Santo Sepulchro.

«Mais outra lampada dourada, que serve nas funcções de el-rei de Portugal, dentro do Santo Sepulchro.

«Mais duas lampadas de prata dos reis de Portugal, que servem no Santo Monte Calvario.

«Mais outras duas lampadas de prata do mesmo senhor em quanto principe, que estão na capella do Santo Sepulchro.

«Uma bacia de prata, que leva tres almudes de agua, em que esta se benze no Sabbado Santo, dadiva de el-rei de Portugal.

«Um perfumador de prata, de muito custo, que mandou D. Philippe de Noronha.

«Uma preciosa armação, com que se adorna o Santo Sepulchro, dadiva de el-rei D. João V.

«Um pontifical, que serve com a dita armação, e é do mesmo genero e preciosidade.

«Um pontifical roxo com ricas alvas, que mandou o cardeal da Cunha.

«Uma armação de damasco carmesim com galões de oiro, que mandou o mesmo cardeal para a capella do Anjo.

«Finalmente mais um relogio de parede, que mandou um bemfeitor de Portugal [2].

[1] *Paraizo Serafico*, part. I, liv. 7, cap. 5.

[2] «Na Quinta Feira Santa celebra de pontifical junto da porta do Santo Sepulchro o reverendissimo, onde se colloca um altar, que só serve n'estas funcções, a cujo altar commungam n'este dia todos os religiosos peregrinos e christãos. Alli concorre n'este dia um

«No *Convento de S. Salvador em Jerusalem*.—Uma alva riquissima, de que se serve o padre guardião nos pontificaes, dadiva do cardeal Cunha.

«Varias casulas e outros sagrados paramentos, que mandaram particulares bemfeitores.

«No *Convento de Belem*.—Uma lampada, que arde continuamente na gruta do Sacro Presepio, dadiva de el-rei de Portugal.

«Uma custodia de prata doirada, que serve na novena da festa da Expectação, dadiva de el-rei de Portugal.

«Quatro lampadas de latão, que servem no mesmo templo.

«Dois candieiros de prata, que servem nas funcções do Natal.

«Um ornamento branco bordado de oiro, que serve no pontifical da noite de Natal e na festa da Epiphania, com as armas de Portugal na capa, casula, dalmaticas, frontal, panno de estante, e veu de hombros.

«Dois livros grandes de côro, que mandou el-rei de Portugal no anno de 1732.

«No *Convento da Santa Casa da Nazareth*.—Um thuribulo e uma naveta de prata com as armas de Portugal; o sobredito foi mandado no anno de 1730.

«Nove vestimentas de damasco, todas com as armas de Portugal, que foram no anno 1730, com um psalterio para o côro.

«Tres casulas e cinco frontaes de brocado com galões e franjas de oiro, e com tarjas do mesmo, em que se veem debuxadas as armas de Portugal.

«Mais uma capa, dalmaticas, panno de estante e veu de hombros, tudo do mesmo brocado, e com os mesmos escudos. Foi obra de esmolas de varias pessoas particulares de Portugal, e levado no anno de 1732.

«Tres lampadas de prata para a mesma Santa Casa com as armas de Portugal.

«Ha alli mais oitenta covados de damasco para uma armação da Santa Gruta, que mandaram varios devotos de Portugal no anno de 1733.

«Tres casulas de damasco com galões de oiro; uma para o convento de Chypre, outra para o hospicio de Safa, e outra para o de Roma.»

CONTA DAS ESMOLAS REMETTIDAS PARA JERUSALEM

Desde 1757 até 10 de fevereiro de 1775	300:640$000
Pela rainha D. Maria I.—Desde 5 de setembro de 1777 até 19 agosto de 1796	274:680$000
Total	575:320$000

«A Allemanha, ainda que não mandava aos religiosos do Santo Sepulchro subsidios pecuniarios, lhes subministrava comtudo alfaias e adornos para os

em numero de pessoas, levadas da curiosidade de verem a magnificencia das sagradas vestes (donativos riquissimos dos reis, entre os quaes se distinguem os de Portugal, que são os mais preciosos, que apparecem na Terra Santa.» *Viagem de um peregrino a Jerusalem*, pag. 223.

sanctuarios, alliviando os religiosos d'estas necessarias despezas. Porém a philosophia do tempo, tão abundante em especulações destruidoras da piedade, philosophia, que no governo do imperador Joseph II tantos progressos fez n'aquelle imperio, decidiu que fossem privados d'estas esmolas os sanctuarios de Jerusalem.

«Os estados pontificios, e outros principados e ilhas concorriam com o que podiam. Reduzidos, porém, ao estado de pobreza em consequencia de uma guerra assoladora, nada podem contribuir; e apenas podem dispensar alguma cousa de sua pobreza para a manutenção de seus theatros [1].

«A França, esse reino tão piedoso debaixo do dominio de seus reis legitimos, soccorria não pouco os santos logares; os seus reis christianissimos se excediam uns aos outros em enviar a Jerusalem monumentos de sua real munificencia. Mas de-de que alguns de seus filhos perpetraram por um frenesim de impiedade o mais escandaloso regicidio, e sentaram no throno dos Bourbons um estrangeiro, desde então até agora se perdeu a lembrança dos santos logares nos vastos dominios d'aquella nação.

«A Hespanha, que em outros tempos enviava a Jerusalem avultadas sommas, agora, que acaba de surgir de entre as ondas de uma prolongada guerra, guerra tão assoladora, como injusta, gemendo ainda sobre as suas ruinas, não concorre, nem póde concorrer para a manutenção dos cultos dos logares santos.

«Portugal somente, este reino abençoado de Deus, que tem volvido sobre elle os olhos da sua misericordia, sómente Portugal tem sido o redemptor, e o sustentaculo dos santos logares; e tanto que nem ainda no tempo da guerra faltaram em Jerusalem as suas conductas, que foram remediar as maiores necessidades dos religiosos. Em 1811 tendo saido de Jerusalem por falta de subsistencia alguns religiosos, se achavam no porto de Jaffa para embarcar para as suas respectivas patrias, quando os foi deter a conducta de Portugal. Reconhecendo n'isto um rasgo visivel da Providencia, bemdizendo a Deus, voltaram outra vez para os seus respectivos conventos. Finalmente quasi toda a subsistencia dos religiosos da Terra Santa desde que Bonaparte principiou a abalar com as armas os thronos da Europa, é devida aos portuguezes, segundo a confissão dos mesmos religiosos.

«As dadivas magnificas, que os nossos soberanos tem offerecido particularmente para o Santo Sepulchro, são o objecto da admiração das nações. D. Maria I além de outras dadivas preciosissimas, enviou a Jerusalem em 1782 uma alampada para o Santo Sepulchro. Sempre que de Lisboa saiam as conductas para Jerusalem se dignava escrever aos religiosos, representantes d'aquella Custodia, a quem incumbia fizessem por si e seus vassallos deprecações a Deus; em testemunho do que ainda alli se conservam as suas cartas.

«Em gratidão a tanta piedade se offerecia a Deus todos os annos por ella em Jerusalem no dia 17 de dezembro uma festa solemne além dos suffragios communs. Esta festa se faz agora a 13 de maio por D. João VI. A noticia de

[1] *Viagem de um peregrino a Jerusalem*, etc., pag. 263.

sua morte, que eu annunciei o primeiro em Jerusalem, foi recebida pelos religiosos com visiveis sentimentos de tristeza, e na egreja do Santo Sepulchro» lhe fizeram sumptuosas exequias, ás quaes assistiu grande parte da cidade.

Parece que as coisas tinham melhorado em 1832, pois que Lamartiné nos diz referindo-se áquelle anno: De dois em dois annos chega um navio de Hespanha, trazendo ao padre superior o producto das esmolas das potencias catholicas, Hespanha, Portugal e Italia. Esta somma, engrossada com as esmolas piedosas dos christãos do Egypto, da Grecia, de Constantinopla e da Syria lhes fornece, dizem, um rendimento de trezentos a quatrocentos mil francos. Reparte isto pelos differentes conventos, conforme o numero dos frades e as necessidades da communidade. Os edificios estão bem tratados, e tudo indica abundancia, e mesmo riqueza relativa nas casas, que visitei [1].»

28) **LEE-LOO.** *(China).* — «A bahia de Lee-loo fórma uma magnifica bacia, de bellos areaes, tendo algumas povoações. A mais de leste, com suas casinhas de tijolo vermelho, semeadas por entre o arvoredo, é de pobres pescadores, que são tão agradaveis no trato, como a sua povoação é bonita, vista do mar. Ao centro da bahia veem-se os restos de uma fortaleza, de cantaria, e de construcção ao gosto mourisco.

«Do que se póde ver pelas ruinas, parece ter andado alli trabalho de outras mãos differentes das dos chinezes. Lembrou-me pelo que tenho lido dos feitos dos nossos antepassados na China, se seria n'este logar que estiveram alguns annos os portuguezes depois de serem expulsos de Ning-pó, ou Siampó, em 1545, por causa das maldades commettidas pelo ouvidor Lancerote Pereira. Dizem chronicas antigas que os portuguezes se vieram a estabelecer então n'um logar da costa a que chamam *Chincheo.*» Gregorio José Ribeiro, De Macau a Funchau, *Recordações de Viagem*, pag. 58.

29) **MACASSAR.** *(Asia).* — Encontrou aqui em 1774 o capitão hollandez Stavorinus um fórte, que era construcção dos portuguezes [2], na distancia d'umas cincoenta toesas da costa.

30) **MAÇUÁ.** — Monsenhor Massaia, missionario apostolico na Abyssinia, [3] n'um relatorio dirigido d'aquella região ao conselho central de França, dá as seguintes informações do estado actual d'aquelle antigo imperio, apontando os vestigios, que alli existem ainda das egrejas e missões portuguezas nas terras do Preste João.

Maçuá (diz elle) primeiro porto da Abyssinia, é uma péssima ilheta, sujeita ao dominio turco. Foi um porto importante da costa do mar Roxo, nos dias florescentes do imperio Abexim. Ainda se vê uma egreja de janellas gothicas,

[1] Lamartine.—*Voyage en Orient*, pag. 127. Edição de Bruxellas de 1838.

[2] J. S. Stavorinus.—*Voyage par le Cap de Bonne Esperance a Samarang, a Macassar et Surate*, vol. I. pag. 134.

[3] *Archivo Pittoresco*, vol. IV pag. 46. anno de 1861.

edificada pelos portuguezes, que hoje está transformada em mesquita. É o unico vestigio da religião christã n'este porto.

31) MADRID. — «D. Joanna d'Austria, mãe de el-rei D. Sebastião, fundou n'esta cidade o convento real de religiosas descalças, e n'elle está sepultada n'um sumptuoso mausoleu com o seguinte epitaphio:

D. O. M.
JOANNA, VIRTUTIS EXEMPLAR
CAROLI V. ET ISABELLAE AUGUSTAE
FILIA
JOANNIS LUSITANORUM PRINCIPIS
UXOR
SEBASTIANI REGIS MATER
H. S. C.
OBIIT ANNO MDLXXIII AETATIS SUAE
XXXVIII [1]

«No convento de S. Filippe está, ou estava um tumulo com o seguinte epitaphio:

«*Aqui yaze debaxo deste altar el illustrissimo y reverendissimo señor don fray Alejo de Meneses, que aviendo tomado el habito desta sagrada religion en S. Agustin de Lisboa de edad 15 años, de 30 fue nombrado predicador de su Magestad, siendo difinidor en aquel Convento; y en el 32 Arçobispo de Goa, Primado de la India Oriental por el prudentissimo rey Filipe Segundo. Y aviendo sido diversas vezes Virrei de aquellos Estados, el Papa Clemente Octavo le embió por su Legado Apostolico a la cõversion de toda la Sierra y Reynos del Malavar; y en ellos, con su predicacion, exemplo, y santa vida, convirtio gran multitud de infieles y cismaticos, y ganó à la obediencia del santo Evangelio muchos Reynos, y a la de su Rey, muchos Reyes: de donde el Catolico Rey don Filippe Tercero lo llamó para la primacia y dignidad de Braga. Y aviendo llegado alli, despues de muchos naufragios, viniendo a esta corte para renunciar aquella dignidad Arçobispal, y recoger-se a la soledad de una cella; su Magestad Catolica, conociendo su valor y exemplar vida, le embió por Virrey de Portugal, y por tener cerca de si tan insigne varon, dentro de un año le mandó bolver a esta Corte, y le hizo del Consejo de Estado, Capellan mayor y Presidente del Supremo de aquellos Reynos, donde estando viviendo, com aprovacion de singular prudencia, dormio en el Señor, con increyble dolor de los que le conocieron, a 2 de Mayo, 1617. De su edad 58 años, tres mezes, onze dias* [2].»

«Convento dos Carmelitas Calçados, fundado em 1573. Contribuiu com grandes esmolas para a fundação d'este Convento D. Joanna, princesa de Portugal [3].

[1] Maestro Gil Gonçalez d'Avila. — *Theatro de las grandezas de la Villa de Madrid*, pag. 38.
[2] Id., id., pag. 245.
[3] Id , id., pag. 258.

«Convento e Collegio de Santo Agostinho, fundado em 1581. Foi seu primeiro reitor Fr. Alõso de Orozco, discipulo de Fr. Luiz de Montoia, confessor de el-rei D. Sebastião [1].

«Collegio de S. Thomaz, da Ordem de Santo Agostinho.

«*Aqui jaz Fr. Diego de Chaves, a quem o Papa mandou que persuadisse o rei de Hespanha a casar com a filha do Duque de Bragança* [2].»

«Convento de freiras de Santa Maria de los Angeles, fundado em 1564. Foi fundadora D. Leonor Mascarenhas, natural de Almada, e a egreja foi sagrada por D. Jorge de Athaide, bispo de Vizeu [3].

Hospital de Santo Antonio dos Portuguezes, fundado em 1606. «O conselho de Portugal, para curar os enfermos naturaes d'aquelle reino, que residem na côrte, mandou edificar este hospital, onde são curados com grande piedade e carinho. [4]»

«O museu real de pinturas em Madrid foi fundado por Fernando VII, e sua mulher D. Maria Izabel de Bragança cedeu para esta fundação, de uma pensão que desfructava sobre o rendimento dos Correios [5].

32) MAHÉ. *(Possessão franceza, na Costa do Malabar).* — «Os christãos são bastante numerosos em Mahé, procedem ou das antigas conversões feitas pelos portuguezes, ou da mescla d'esta nação com as mulheres do paiz. A religião Catholica é acceite em todo este paiz, e os missionarios pódem penetrar nas povoações selvagens, que habitam o Gates [6].»

33) MALABAR. — «Por toda esta costa do Malabar ainda é commum entre os indigenas a linguagem portugueza, e conservam muito affecto á nossa nação, apezar de terem passado ha tanto tempo para o dominio estranho.» C. J. Caldeira. *Apontamentos d'uma viagem de Lisboa á China,* vol. 2 pag. 27.

34) MALACCA. — Em 1804 havia na cidade de Malacca uma egreja catholica para os portuguezes. [7]

«Bayadère é a palavra portugueza empregada pelos europeus para designarem uma classe de mulheres, que dansam nos pagódes, e as quaes são, em geral, destinadas para a prostitnição. A palavra *bayadère* deriva-se da portugueza *bailadeira,* nome que lhes foi posto pelos primeiros europeos, que apportaram a este paiz. Os indios só as conhecem pelos nomes de *devadassi* ou *devalliales,* que significa em sanscrito, *serva da divindade.*»

[1] Maestro Gil Gonçalvez d'Avila.—*Theatro de las grandezas de la Villa de Madrid,* pag. 266.

[2] Id., id., pag. 267.

[3] Id., id., pag. 288.

[4] Id., id., pag. 306.

[5] D. Ceferino Araujo Sanchez —*Los Museos de España,* pag. 22.

[6] Fleuriot de Langle.—*Le Malabar.*

[7] Sto. Croix. — *Voyage commercial et politique aux Indes Orientales,* vol 1. pag. 236.

«*La Lusiade*, poëme tres estimé, et mal traduit dans toutes les langues.»

«É a cidade pittoresca, suas ruas estreitas; suas lojas e habitações servem para os descendentes dos portuguezes e para os chinezes. Nos arredores encontram-se as casas dos funccionarios inglezes e de alguns negociantes portuguezes;[1] estão rodeadas de bosques, de palmeiras e de arvores fructiferas, em cuja folhagem variada a vista repousa agradavelmente, e offerece uma deliciosa sombra.

«O velho fórte, a grande casa do governo, e as ruinas d'uma cathedral testemunham a riqueza e a importancia que outr'ora teve esta cidade, quando era o centro do commercio do éste, assim como hoje o é Singapura. Linschott diz d'ella, ha 170 annos: Malacca é habitada pelos portuguezes, e pelos naturaes do paiz os malaios. Teem os portuguezes aqui um castello, como em Moçambique, e não ha fortaleza em todas as Indias, depois da de Moçambique, e da de Ormuz, em que os capitães melhor cumpram seus deveres, do que na fortaleza de Malacca. Esta cidade é o mercado da India inteira, da China, Moluccas, e outras ilhas circumvisinhas. De todos estes paizes, assim como de Banda, Java, Sumatra, Siam, Pegu, Bengala, Coromandel, e da India, chegam navios, que vão e veem continuamente, carregados de uma infinidade de mercadorias. Haveria muito maior numero de portuguezes, se o ar não fosse tão doentio. etc.

«Assim falla Linschott. Hoje, apenas entra no porto de Malacca um navio de mais de cem tonneladas, e o commercio limita-se a alguns productos das florestas, e aos fructos, que produzem para gozo dos habitantes de Singapura as arvores plantadas pelos antigos portuguezes.

«Varias raças compõe a população de Malacca, os chinezes, malaios indigenas, e pódem-se classificar em terceiro logar os descendentes dos portuguezes, raça mesclada e degenerada. Continuam a fallar sua lingua mãe, porém deturpando-a horrivelmente.

«O portuguez, que se falla em Malacca é realmente um phenomeno philologico singular: os verbos pela maior parte perderam suas inflexões, e a mesma fórma serve para todos os modos, tempos, numeros e pessoas. *Eu vai* serve tanto para exprimir eu vou, eu fui, como irei. Os adjectivos são tambem despojados de suas terminações femininas, de modo que a lingua tornou-se d'uma simplicidade assombrosa; se eu accrescentar que n'ella se introduziram palavres malaias, conceber-se-ha quanto ella deve ser difficil para aquelles, que até então não teem ouvido fallar mais do que o puro Lusitano.[2]

«Os differentes habitantes de Malacca variam tanto em seus vestuarios, como em sua linguagem. O portuguez prefere uma jaqueta leve, e a maior parte das vezes uma camiza e unicamente uma calça.

[1] Alfred Russell Wallace. — *L'Archipel Malaisien. No Tour du Monde de* 1870. 2.° Semestre. pag. 150.

[2] Alguns annos antes da viagem de Wallace estes portuguezes andavam por uns tres mil, eram todos christãos, e empregavam-se em geral na pesca. *Instrucção do Vice Rei Marquez de Alorna.* Nova Goa, 185[illegible], pag. 74.

«Antes de me introduzir no interior do paiz tomei para meu serviço dois portuguezes, um para cozinheiro, e o outro para caçar aves, e tirar-lhes a pelle, o que constitue uma industria especial de Malacca.»

«Em janeiro de 1852 maravilhou nos, apenas saltámos sobre aquella terra de gloriosas recordações, ouvir fallar portuguez (muito adulterado é verdade) a toda a gente que se nos acercou. Dois seculos de dominio hollandez e britanico não foram sufficientes para fazer esquecer aos malaios o idioma do grande Affonso d'Albuquerque.[1]

«Depois de visitarmos o templo catholico da invocação de S. João, obra dos portuguezes, e que só tinha um sacerdote, natural de Goa, fomos ver os restos das muralhas da cidade, e a unica porta que ainda resta de pé.»

O sr. C. José Caldeira em 1852 visitou esta cidade a egreja de S. Pedro, espaçosa e aceada, administrada por padres portuguezes, os restos da antiga muralha, as ruinas da egreja de S. Paulo, onde jaz o 2.º bispo do Japão D. Pedro fallecido em 1598. Encontrou alli um mestre de portuguez, um falano Sousa, que fallava a lingua com muita correcção, e dizia ter muitos discipulos. Os habitantes chamados portuguezes eram uns tres mil, e todos christãos, ufanando-se muito da sua origem.[2]

35) MALTA — «Entre os grãos mestres de Malta, que mais se distinguiram pelo valor, virtude e sciencia de governo, tem um os primeiros logares[3] D. Antonio Manoel de Vilhena, mais conhecido pelo nome de grão mestre Manoel. Nasceu este homem tão celebre na Europa em Lisboa, a 28 de maio de 1663. Foi filho de D. Sancho Manoel, conde de Villa Flôr, que salvou a independencia Portugueza na batalha do Ameixial. D. Antonio Manoel entrou na Ordem de S. João de Jerusalém, e muito moço partiu para Malta a servir debaixo das bandeiras d'aquella illustre Ordem. Lá, sendo patrão da galé capitania de uma armada malteza, foi ferido em um combate contra dois navios de Tripoli, que o general Antonio Corrêa de Sousa tomou em 1680. Depois de varios outros feitos gloriosos foi elevado em 1703 ao cargo de grão chanceller da Ordem, e chefe da Lingua de Castella e Portugal; e depois a balio de Acre, e procurador do thesouro, e em 1722 eleito grão mestre, por voto unanime dos eleitoraes; eleição esta, de que no sentir de Vertot, o tornavam dignissimo a sua nobreza, virtude e perfeito conhecimento das maximas da Ordem. Apenas sentado no solio o seu nome soou com grande brado por toda a Europa, pela habilidade, prudencia e valor, com que deffendeu a ilha d'um ataque de turcos. Desassombrado d'este risco com tal politica e valor se houve, que o grão vizir de Constantinopla lhe mandou propôr a troca de captivos, e ao mesmo tempo um tractado de paz, o qual com effeito se fez, mas não teve effeito por circumstancias, que posteriormente occorreram.

«Entretanto as esquadras de Malta, que por ordem do grão mestre cru-

[1] *Archivo Pittoresco*, vol. I. pag. 169.
[2] *Apontamentos d'uma viagem*, vol. II. pag. 13.
[3] *Panorama de* 1838. pag. 1322.

zavam o Mediterraneo, voltavam sempre victoriosas dos infieis, ricas de seus despojos, e com grande numero de christãos resgatados, sendo, entre outros combates, celebre o recontro com a armada turca, no qual ficou prisioneiro o vice almirante inimigo e a sultana Kali-Michemet. Em 1728 mandou D. Antonio Manoel bombardear Tripoli pelos cavalleiros Trans e Aubepoint.

«Ainda que Malta estava bastantemente fortificada, o grão mestre, querendo que a ilha ficasse de todo o ponto deffendida contra qualquer tentativa de turcos, tractou de a fortalecer ainda mais. Para isso construiu um fórte, que ainda hoje se chama *fórte Manuel*. É esta uma das melhores fortificações de Malta, e que guarda a entrada do porto de Marsa-Musset, tendo entre outras coisas notaveis uma soberba ponte de um só arco lançada sobre um precipicio, para por alli transitar a artilheria. Esta obra magnifica foi toda feita á custa do grão mestre, como se vê de uma inscripção latina, que ha sobre a porta da fortaleza.

«Augmentava D. Antonio Manuel as forças maritimas da Ordem, ao mesmo tempo, que dava maior extensão a Valetta, edificando um bairro novo, que se ficou chamando *Burgo Vilhena*, e onde, tambem á sua custa, edificou um hospital de invalidos, e outro para velhos e incuraveis de ambos os sexos.

«Tal era a fama do grão mestre que o papa Bento XIII lhe mandou o estoque e casco bentos, distincção eminente, que a Santa Sé não concedia senão a principes e personagens, que se distinguiam por feitos memoraveis contra os infieis sendo elle o primeiro grão mestre, que recebeu esta honra.

«Tendo-se ajustado pelos annos de 1728 o casamento dos principes do Brazil e das Asturias, enviou a el-rei D. João V uma embaixada em quatro naus de guerra, para o cumprimentar por tão faustos desposorios, o que el-rei lhe agradeceu com um presente de muitas peças d'artilharia para o seu fórte Manuel, que elle acabava de edificar.

«Foi D. Antonio Manoel respeitado de todos soberanos da Europa e Luiz XIV o honrou com particular amizade. Falleceu em dezembro de 1736, e Malta lhe é devedora de grande numero de monumentos, e a cada passo se encontram provas da honrada memoria, que deixou entre os cavalleiros da Ordem e habitantes da ilha.

«No meio da praça do fórte lhe erigiu o commendador Suzo uma estatua, com uma honrosa inscripção gravada no pedestal. Na salla de armas do palacio dos grão mestres, entre as armaduras dos mais celebres d'estes principes, se ergue a sua estatua em bronze, e o seu tumulo na egreja de S. João é um mausoleu tão magnifico, que mr. Avalos o compara ao de Medicis em Florença.

«Achando que as instituições, que havia em Malta, careciam de ser reformadas, mandou compilar um novo codigo, o qual se veiu a concluir no tempo do grão mestre Rohan, em 1728. A lembrança, em fim, do seu brilhante governo, foi tão duradoura e grata nos animos dos cavalleiros maltezes, que entre elles ficou glorioso o nome Lusitano, e por ventura esta lembrança contribuiu para a eleição de outro portuguez á suprema dignidade, o qual foi o grão

mestre Pinto, quarto e ultimo grão mestre d'esta nação, de quem os *Annaes da Ordem* tambem fazem honrosa menção. [1]

Em Malta levantaram ha poucos annos outra estatua a D. Manoel de Vilhena.

36) MAMORA. *(Cidade de Marrocos).* — «Não contem coisas dignas de admiração. Em quanto foi sujeita a Portugal, cingia-a uma muralha de dois lanços, que ainda hoje resta.» (1789) Guilherme Lempriere, *Viagens de Gibraltar a Tanger, Salé etc.* pag. 46.

37) MEHEDIA. *(Cidade no imperio de Marrocos).* — «No tempo em que os portuguezes tinham feitorias n'esta cidade, era uma praça importante, assim como o attestam as ruinas d'alguns bellos chafarizes, e varias fontes.» [2]

38) MILÃO. — No côro da egreja de N. S. da Paz da Ordem de S. Francisco estava sepultado o corpo do Beato Amadeo. O arcebispo D. Fr. Bartholomeu alli o foi visitar, quando voltava do Concilio de Trento, e seu nome era celebrado em toda a Italia. [3]

Cesar Cantu, na sua famosa *Historia Universal* (pag. 43 do vol. XI, edição de 1867) falla d'este portuguez celebre na Italia, dizendo que fôra prégar para Milão, e com o dinheiro das esmolas fundara a mencionada Egreja de Santa Maria da Paz.

[1] «Se se considerar que a França conservava na religião tres linguas, que eram as de França, Provença e Auvergne, não será para admirar, que a maior parte dos grã-mestres tivessem saido d'aquella nação, assim contamos quatro portuguezes occupando aquella soberana dignidade, que todos no cathalogo dos grãos mestres conservam nome honroso, que são: D. Affonso de Portugal, filho natural d'el-rei D Affonso Henriques, que abdicou e veiu morrer em Portugal em 1207 conforme os melhores auctores, e jaz em Santarem, na egreja de S. João; D Luiz Mendes de Vasconcellos; D. Manoel de Vilhena, e Manoel de Vilhena, e Manoel Pinto da Fonseca » *Panorama de* 1859. pag. 27.

«Entrando en La Valletta pela porta Real nos dirigimos a ouvir missa na magestosa egreja de S. João, vasto e riquissimo templo, todo de marmore de differentes côres. Coube-me a sorte de ajoelhar sobre uma campa, perto da porta, e fitando os olhos no escudo d'armas, vi em um dos quarteirões as armas de Portugal: era de um Ballio Pinto de Carvalho, e de roda jaziam outros compatriotas, sobre cujas ossadas cubertas de pompa elevei o coração a Deus n'esta terra estrangeira. Acabada a Missa fomos visitar as capellas; entrei logo na de Portugal; quando ma não indicassem as armas reaes d'el-rei D. Manoel esculpidas no interior da arcada, bastavam para me guiar os dois tumulos de Manoel Pinto da Fonseca, e A. Manoel de Vilhena, o primeiro de marmore branco com uma fama, e um rico retrato em mosaico do energico grão mestre Pinto: o segundo de bronze e marmore negro, sustentado por dois leões de bronze, e em cima o busto do mesmo metal do grão mestre Vilhena: estes dois nomes se acham aliás esculpidos em muitos dos frontispicios das melhores, mais uteis fundações de Malta » *Jornal de José Joaquim Lopes de Lima de Goa para Lisboa em* 1842. pag 63.

[2] Malte-Brun.—*Geographie Universelle*, vol. II. pag. 101.

[3] *V. do Arcebispo*, liv. II, cap. XXXI.

39) MINE. *(China)*. — «Na foz do Mine, n'uma das ilhas á entrada, existe na parte mais alta d'um monte uma grande cruz de pedra: mais tarde soube que n'aquelle logar se acha enterrado Vasco José de Araujo Guimarães, natural de Guimarães, negociante portuguez, que alli residiu por muitos annos.» Gregorio José Ribeiro, De Macau a Funchau. *Recordações de viagem*, pag. 72.

40) MOKA. — «N'esta cidade ha memorias dos portuguezes, e até o nosso idioma lhe não é inteiramente desconhecido.» C. Lagrange Monteiro de Barbuda, *Uma viagem de duas mil leguas*. (Nova Goa, 1848) pag. 65.

41) NAGASAKI.—Foi esta cidade fundada pelos portuguezes em 1569.[1] Sobre um dos riachos, que correm por esta cidade está lançada uma ponte construida pelos portuguezes em 1570, que é a melhor obra n'este genero, que existe no imperio do Sol Nascente. Conserva-se ainda em bom estado, e consta de dois arcos circulares, com um pillar no meio do rio. Chamam-lhe os japonezes a ponte dos portuguezes. N'estas vizinhanças muitas lapidas antigas se teem encontrado em nosso idioma.

O monumento porém mais glorioso para Portugal existente no Japão é o Christianismo, alli introduzido pelos missionarios portuguezes, e que alli tem sobrevivido a tão horriveis perseguições, como se póde ver nas historias, que tractam d'este remotissimo paiz, e que pelos nossos foi descoberto.

42) NARDEM. — «A entrada do canal d'esta cidade é uma das coisas mais apraziveis da Hollanda. Esperava-me no caes hum sobrinho do *Monsieur Pereyra*, que em companhia de outras pesssoas, que alli concorrerão a receber-me, me levaram a ver a fortificação, que é uma das mais dignas de ser bem observada. No pouco tempo que estive em *Nardem* vi quantidade de judeos portuguezes, que d'aquelle Reyno se tinham retirado a esta Cidade. *Monsieur Pereyra* é da mesma extracção: tem muitos termos politicos usados pella praxe da antiga sinceridade, que mostra em todas as suas acções e palavras.»[2]

43) NICE. — N'esta cidade de Italia jaz a infanta D. Beatriz, filha d'Elrei D. Manoel, tão notavel pelo amor que lhe teve o nosso Bernardim Ribeiro, segundo é tradicção. Em 1564 passando por esta cidade o nosso Fr. Bartholomeu dos Martyres, foi visitar seu tumulo e resar-lhe um responso. Dizem que d'esta princeza, é que provém o nome de Manoel, de que usava o rei d'Italia Victor Emanoel.[3]

44) NICOCIA. *(Capital da ilha de Chypre)*. — No reinado d'el-rei S. Sebastião o nosso Fr. Pantaleão d'Aveiro dirigindo-se para a Terra Santa passou

[1] Sr. Pedro Gastão Mesnier.—*O Japão*. Macau 1874. pag, 33.
[2] Francisco Xavier d'Oliveira.—*Memorias das Viagens*, vol. I. pag. 287.
[3] *Archivo Pittoresco*, vol. III. pag. 251.

por Nicocia, e ficou admirado ao ver na egreja de S. Francisco d'esta cidade um tumulo sumptuoso e magnifico com as armas de Portugal.[1] Mostraram-lhe tambem os frades um panno de pulpito, e outros egualmente do serviço da egreja, em que tambem havia as mesmas armas. Era este tumulo de D. João, filho de D. Pedro e, duque de Coimbra, a quem mataram na batalha de Alfarrobeira. D. João, tendo acompanhado sua irmã D. Beatriz á côrte de Borgonha, onde então era duqueza sua tia D. Izabel, veiu a casar com Carlota, herdeira presumptiva do reino de Chypre. Reinava então n'esta ilha Jono III. o qual de sua primeira mulher houvera aquella unica filha. Casara, porém, Jono em segundas nupcias com Helena Paleologo, grega do Peloponeso; deixava-se por ella governar, mas tambem esta o era pela ama, e a ama por um filho. Ousou este ter inveja de D. João, houve grandes dissensões; mas D. João morreu, e ninguem duvidou que fosse de veneno.»

45) NINGPO. *(China).* — «Não obstante haverem decorrido mais de tres seculos que os portuguezes habitaram em Chingae, na embocadura do rio, conservam-se todavia alguns vestigios de seus trabalhos (1851). O principal é uma fortaleza da fórma d'um polygono irregular, sobre o morro que está á direita e ao norte da foz, a qual está hoje transformada em pagode: dizem os naturaes que aquella fortaleza é obra dos antigos portuguezes, e é quasi evidente que assim seja, pela fórma da dita fortaleza, que contém angulos salientes, reintrantes, baluartes e couraça.

«Existem egualmente algumas partes de fórma ordinaria, todas de cantaria, e n'algumas d'ellas ainda se percebem lettras romanas; porém já illegiveis.

«O terreno, em que está hoje a egreja franceza, dentro da cidade, é o mesmo onde outr'ora estava edificada a egreja portugueza, segundo a opinião do padre *Danicourt*, vigario apostolico alli residente, e a tradição dos christãos chinas: além da dita egreja, os portuguezes tinham outra em a sua povoação de Chingae.

«As embarcações de pesca, que excedem ao numero de 3:000, conservam ainda o antigo apparelho portuguez, e são as unicas que differem de todas as embarcações chinezas da costa da China.» Carlos José Caldeira. *Apontamentos d'uma viagem á China*, vol. I. pag. 303-306.

46) NUREMBERG. — Uma das maravilhas d'esta cidade da Baviera é o celebre globo terrestre de Martin Behaim, feito em 1491.

«Não passa d'uma pequena bola de madeira[2] coberta com um bocado de pergaminho ennegrecido pelo tempo, e manchado por aqui e por acolá com algumas côres desbotadas. Mas quem ha, que a possa ver com indifferença? Apenas Behaim acabava em Nuremberg de traçar n'ella sabiamente o contorno de todas as terras até então conhecidas, quando tres caravellas, sahindo de Pa-

[1] *Panorama* de 1841. pag. 194.

[2] Edouard Charton.—Nuremberg. *Tour du Monde de* 1861, 1.º Semestre pag. 30.

los debaixo d'um vento favoravel, com Christovam Colombo por guia, começavam a descoberta d'uma outra metade de nosso mundo! O globo de Behaim é como o marco miliario, que marca a ultima baliza dos conhecimentos geographicos, anteriores a Colombo. Mais um passo, e levanta-se a cortina, um clarão do genio dissipa as trevas, e o velho Occidente assombrado vê duplicar-se como por milagre a profundidade do theatro humano.

«Contemplo com respeito este precioso monumento da cosmographia do seculo XV: meus olhos fixam se por muito tempo sobre a ilha Antilia [1] marcada por Behaim, entre a Europa e a Asia, ao oeste das Canarias, no 24.º de latitude, quasi debaixo do signo de Cancer. Behaim tinha scientificamente notado n'este ponto os presentimentos dos cosmographos e dos navegantes mais eminentes de sua epoca, entre os quaes elle proprio tinha o direito de ser contado, ainda que seu retrato pintado n'uma bandeira do Museu Germanico dê antes ares d'um bello e valente gentilhomem, do que d'um sabio. Nascido em Nuremberg, no anno de 1459, descendia d'uma familia originaria da Bohemia. Conhecera na sua terra natal o astronomo Regiomontanus (Jean Muller de Kœnigsberg, de *regio*, kœnigs, monte, berg), e desde sua mocidade tinha feito grandes progressos no estado das sciencias. A exemplo de outros patricios, tinha primeiramente viajado como representante d'um dos ramos do alto commercio de Nuremberg. Visitara os Paizes Baixos, Italia, Hespanha, e Portugal. Na côrte de Lisboa deixara-se facilmente inflammar da paixão das descobertas geographicas, animadas e estimuladas pela politica generosa de João II. cognominado o *Perfeito*. Tinha posto seus conhecimentos, ardor, e sua espada a serviço do rei, e não parece contestavel que tenha tomado uma gloriosa parte nas explorações portuguezas sobre as costas da Africa Occidental, principalmente n'aquella, que reconhecera o Gabão. Em 1486 casou nos Açores com a filha do cavalheiro Hurber de Mœkirchen, governador das ilhas do Faial e Pico. [2] Portugal tornara-se assim sua segunda patria: morreu em Lisboa, no

[1] Esta ilha fôra já indicada sobre algumas cartas, porém n'uma situação differente. Observamos tambem sobre este globo uma cadeia de ilhas, que Behaim desenhou entre os quarenta e cinco gráus do norte, e quarenta gráus do sul, na extremidade da Asia. Ficamos surprehendidos ao não encontrarmos nelle a designação do estreito de Magalhães. Com effeito conta Herrera, nas suas *Decadas*, que Magalhães confiara ao bispo de Burgos a certeza, em que estava de descobrir este estreito, por ter visto uma carta levantada por um certo Martin de Bohemia (Behaim) portuguez, na ilha do Faial, cosmosgrapho de grande nomeada, que lhe tinha dado grandes luzes a este respeito.

[2] «Em Nuremberg tem-se por coisa certa, que Behaim, quando vivia na ilha do Faial, onde elle tinha já quasi um pé em o novo mundo, teve relações com Christovam Colombo, e que o ajudou e animou com seus conselhos e demonstrações. Colombo, diz Herrera, foi robustecido no pensamento de procurar a oeste um caminho para as Indias Orientaes, por seu amigo e portuguez Martin de Behaim, da ilha do Faial, grande cosmographo.» *Decadas*, liv. I. e II. Em 1485, D. João II. nomeou Behaim cavalleiro do Espirito Sancto, e lhe entregou a espada n'nma ceremonia publica. Nomeou-o membro d'uma commissão (Junta de Mathematicos) encarregada de procurar os meios de calcular a altura do sol. Behaim, discipulo, como se disse, de Regiomantanus, construiu um astrolabio para uso da navegação.

anno de 1506. Com tudo tinha querido tornar a ver Nuremberg em 1491, e alli se conservara até o fim de 1492. Foi durante esta sua residencia alli que fez seu globo, considerado com razão por seus contemporaneos como obra de alta importancia scientifica, e ao mesmo tempo d'uma engenhosa novidade. Para satisfazer á curiosidade dos homens instruidos e do publico, foi necessario fazer tão numerosos exemplares d'esta imagem da terra em miniatura, de aqui se originou uma nova industria. Desde 1510 que os fabricantes de globos formam uma corporação distincta em Nuremberg, e seus globos eram afamados em toda a Europa.» [1]

A respeito de Martin Behaim V. o nosso Stockler. *Ensaio historico sobre a origem e progressos das Mathemathicas em Portugal*, de pag. 109 por diante.

47) **ORMUZ.** — No anno de 1821 ainda existia o antigo castello feito pelos portuguezes n'esta cidade.

V. *Voyages en Asie par Timkowski, Amkerst. etc, etc.* traduits par Albert Montemart. Paris, 1855. Tomo IV N.º 9.

48) **PADUA.** — É a sumptuosa basilica de Santo Antonio um dos principaes monumentos d'esta cidade tão celebre.

No anno de 1259 deu-se principio aos trabalhos, dos quaes foi encarregado Nicolau de Pisa.

Tem 91 metros de cumprimento no interior, 3 naves, e 7 cupulas, sendo a do centro de enormes dimensões.

N'um dos altares veem-se preciosos baixos relevos em bronze, figurando varios milagres do thaumaturgo devidos ao famoso cinzel de Donatello. O altar do Santo é isolado, e está debaixo de riquissimo docel, á roda do qual se lê o seguinte distico: *Divo Antonio confessorum sacrum.* O docel sustentado por soberbas columnas, entre as quaes ha 4 representando os evangelistas, e por baixo d'elle vê-se o corpo do santo. Nas paredes admiram-se excellentes baixos relevos. Á entrada do altar estão dois candelabros lindissimos em fórma de palmeira, tendo o pé de marmore magnifico, e as folhas de prata primorosamente lavradas. A egreja possue alguns quadros notaveis, e no coro ha um retrato do thaumaturgo que é considerado o melhor, que existe.

Encontra-se ao lado do templo um edificio denominado Escola do Santo onde ha frescos admiraveis de Ticiano e de Campagnola. Os de Ticiano são apenas 4. O primeiro representa o milagre de dar vida a uma mulher assassinada pelo marido n'um acesso de ciume. A cabeça da mulher é admiravel. O segundo, por cima da porta da sachristia, figura o santo realisando o milagre do pé cortado a um rapaz. O assumpto do terceiro é Santo Antonio restituindo a vida a uma creança queimada por agua a ferver. O ultimo representa o Santo

[1] A Bibliotheca da Rua de Richelieu possue uma copia do globo de Martin Behaim, feita em Nuremberg, no anno de 1848. É uma das curiosidades mais preciosas da galeria da secção dos mappas.

fazendo fallar um pequeno para testemunhar a innocencia de sua mãe accusada de adulterio pelo marido.[1]

De Brosse diz nos que os paduanos costumavam pintar uma imagem de Santo Antonio nos recantos das paredes, com o fim de que alli não fossem urinar. O mesmo nos diz: Que a capella do Santo em Padua é toda enriquecida de oiro e prata, de candelabros do mesmo metal em pedestaes de marmore, tudo primorosamente obrado, afóra uma grande quantidade de baixos relevos de marmore, bons e maus, de Sansovino e de outros.

Ha alli alguns tumulos excellentes, como os de Cornaro, de Contarina, e de Ferrari.[2]

Em Padua foi tambem sepultado no anno de 1681 o nosso celebre Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo no Convento de S. Prancisco de Paula, e sobre a porta da sachristia, poseram o seu retrato acompanhado d'este letreiro:

D. O. M.

P. Francisco Macedo, Lusitono, hujus domus Patres eximio Contubernali suo istam ex aere imaginem pro aurea illa, quam in Patavino Gymnasio Moralis Philosophiae Doctor, et undique lingua et calamo vir doctissimus protulit unanimiter decrevere. Obiit ann. D. 1681, 1 *Maji aetat.* 90.[3]

49) PARAMARIBO. *(Cidade no Surinam).* — «Os judeus, cujo numero é mui consideravel, tanto portuguezes, como allemães, teem duas Synagogas. A dos primeiros é mui bella, mas a dos allemães está bem longe d'isso.»[4]

50) PARIZ. — «Foi sepultado o corpo de D. Antonio, prior do Crato, na Egreja dos Religiosos de S. Francisco de Paris na Capella de Gondi, onde conserva ainda sobre a sua sepultura as insignias reaes.

«Na Egreja do Mosteiro da Ave Maria de Religiosa de Santa Clara se guarda em deposito o seu coração, que muitos annos depois da sua morte se achou incorrupto em um caixão pequeno de marmore metido na parede com uma larga inscripção na lingua latina, compendio breve da sua vida e trabalhos; mas ao mesmo tempo da sua magnificencia e constancia.»[5]

N'esta cidade possuem os judeus portuguezes uma das mais bellas synagogas, que se conhecem.

51) PEGU. — N'este remoto paiz do Oriente foi rei um portuguez por nome Salvador de Sousa.

[1] *Artes e Lettras.* 1 vol. pag. 14.

[2] Sr. José Silvestre Ribeiro.—*Panorama de* 1867, pag. 326.

[3] Fr. Martinho do Amor de Deus. — *Chronica da Provincia de Santo Antonio.* pag. 773.

[4] Philippe Fermin, Docteur en Médicine.—*Description générale, historique, geographique et physique de la Colonie de Surinam.* vol. 1. pag. 28. (Amsterdam, 1769).

[5] Pedro Norberto d'Aucourt e Padilha.—*Memorias historicas geographicas e politicas observadas de Paris a Lisboa.* pag. 79. (Lisboa, 1746).

V. a este respeito a obra: *Breve discurso, em que se conta a conquista do reino de Pegu, na India Oriental, feita pelos portuguezes em tempo do viso rei Ayres de Saldanha, sendo capitão Salvador Ribeiro de Sousa, chamado Massinga, natural de Guimarães, a quem os naturaes do Pegu elegeram por seu rei no anno de* 1600.

52) PEKIM. — N'esta cidade existe o *Cemiterio Portuguez*, onde jaz o celebre missionario Matheus Ricci, que n'aquella cidade falleceu no anno de 1610.[1]

A egreja portugueza de Pekim, chamada em chinez *Nantam*, ou egreja do sul, é um templo magestoso, e pouco inferior no ambito á egreja de S. Domingos em Lisboa.[2] Foi fundada em 1650.

Havia uma egreja em cada um dos tres pontos cardeaes, faltava o quarto, ou do oriente, onde a munificencia dos portuguezes fundou a egreja de S. José, que segundo o costume das outras, se chamou, *Funtam*, ou egreja Oriental.[3]

Sobre uma embaixada que de Portugal foi em 1725, cumprimentar a Pekin o imperador da China, e dos presentes que este soberano mandou ao rei de Portugal. V. o vol. IV do *Archivo Pittoresco*.

53) PONTA DE GALLES. *(India)*. — «Examinei as fortificações (refere-se o auctor ao anno de 1850) mui bem entretidas, e o guia me mostrava os vestigios de antigos trabalhos portuguezes, quando possuiram esta ilha, cujos naturaes ainda hoje dizem com orgulho serem portuguezes, e fallarem a lingua lusitana: mas se assim era, está de tal modo corrupta que para mim eram inintelligiveis.» Carlos José Caldeira. *Apontamentos d'uma viagem á China etc.* pag. 81. vol. I.

«Foram arrasadas, ou estão em poder de estranhos fortalezas notaveis que dependeram do Estado da India, e foram erguidas por mãos portuguezas, situadas nos seguintes portos: Chaul, Morro de Chaul, Barcelor, Mangalor, Cananor, Cranganor, Calecut, Cochim, Coulão, Columbo, Gale, Trequinimale, Jafanapatão, Meliapor, Malacca, Solor, Mombaça, Mascate, Curiate, Porcá, Soar, Orfacão, Trapor, Baçaim, Bombaim, Asseverim, Agaçaim, Manar, Negambo, Caliture, Tanavaré, Beligão, Baticalá, Sirgão, Sirião, Quiloa, Adem, Ava, Malvane, Saibana, Carangagem, Borneo, Patte, Puricale, Porpatane, Molondim, Ambona, Challé, Tanor, Parnel, Dobá, Libedia, Quelba, Matará, Sibo, Sangues e Piro »—Francisco Maria Bordallo, *Ensaio sobre a Estatistica do Estado da India*, pag. 139.

54) ROMA. — Egreja de Santo Antonio dos portuguezes.

«Foi reconstruida no primeiro periodo do seculo XVII, á custa da nação portugueza, pelos desenhos de Martin Longhi,[4] junior. É em fórma de Cruz

[1] — [2] — [3] Carlos José Caldeira.—*Archivo Pittoresco*, vol. II.

[4] Antonio Nibby.—*Itinéraire de Rome et de ses environs redigé par —. d'après celui de Vasi*. Rome, 1863, pag. 262.

latina: a profusão dos marmores escolhidos e de côres, e os estuques doirados, que a ornam, lhe dão um aspecto agradavel.

«A primeira capella á direita tem um bello quadro d'auctor desconhecido, representando Santa Catharina e duas outras santas: encerra tambem o tumulo do illustre portuguez Alexandre de Sousa, fallecido em Roma no anno de 1803. O baptismo de N. S. na segunda capella é de Calandrucci; Nicolau de Lorena pintou o nascimento de S. João Baptista; Graziani, a pregação, e o mencionado Calandrucci executou as pinturas das duas claraboias.

«O busto de João Baptista Cimini é d'um auctor desconhecido, e não d'André Bolgi, cognominado o *Carrarino*, como alguns pretenderam. O referido Cimini, romano, ao qual pertenceu a capella, deixou n'ella, em 1683, um legado de cerca de 50:000 escudos, para com os juros d'este capital, dotarem raparigas pobres, suas concidadãs, as quaes quizessem abraçar o estado monastico.

«O quadro do altar mór, que representa a Santa Virgem e Santo Antonio de Padua, é do mencionado Calandrucci. Debaixo do altar, á direita do cruzeiro, admira-se uma bellissima urna de verde do Egypto: o quadro é de Luiz Agricola, e representa Santa Izabel, rainha de Portugal. A Conceição, sobre o altar em frente, é de Zoboli: Bracei esculpiu os dois tumulos, dos quaes o da direita é do commendador Sampayo, [1] fundador d'esta capella: a urna do altar é de bréche grise, marmore rarissimo.

«Na capella contigua ha tres bellos quadros de Nicolaï de Lorena, representando a Adoração dos pastores, o Descanço no Egypto, e a Adoração dos Magos. Julga-se ser de Marcel Venusti o quadro da ultima capella. Apresenta-nos Santo Antão, abbade, S. Vicente e S. Sebastião.»

Portugal é uma das quatro nações de primeira ordem no tocante ás relações diplomaticas com a Curia, sendo as outras a França, a Austria e a Hespanha.

No Mosteiro de N. S. del Populo está a sepultura do famoso cardeal portuguez D. Jorge da Costa, natural do logar de Alpedrinha, na Beira. O arcebispo de Braga D. Fr. Bartholomeu dos Martyres não quiz regressar para Portugal sem ir visitar este tumulo.

Em Roma jaz um grande numero de portuguezes distinctos. [2]

Na egreja de S. Sebastião, extra-muros, uma irmã do papa S. Damaso, por nome Herena, fallecida no anno 360. E na mesma egreja o tumulo do papa S. Damaso.

Na egreja de S. Lourenço in Damaso, o papa João XXI.

Na egreja de S. João Latrão, o mausoleu de D. Sebastião de Menezes, arcebispo de Carthago.

No hospicio de Santo Antonio dos portuguezes, os Sepulchros de D. Antonio, cardeal portugallense; de D. Manoel do Quintal, de André Bayão, de Diogo

[1] A respeito dos epitaphios d'estes tumulos, veja-se Gaetano Cav. Frascarelli.—*Iscrizioni portoghesi que existono in diversi luoghi di Roma.* Roma 1868, 4.° 112 paginas.

[2] Idem, idem, pag. 403.

Lopes de França, fallecido em 1649, de Fr. Cosme de Goa, de Jacyntho de Oliveira Abreu e Lima, e de Patricio, fallecido em 1734, que depois de ter combatido muitas vezes contra os hespanhoes se fez frade.

Na egreja de Santa Maria del Populo, tumulo de João de Sales, Cardeal de Santo Angelo, e de João, physico.

Na egreja de S. Gisolamo della Cantà encontra-se o sepulchro de D. Jorge, arcebispo de Braga.

Basilica de S. Pedro no Vaticano, no pedestal de uma estatua, palavras recordativas de Jorge, bispo Albanense.

Egreja da SS. Trindade do monte Pincio, tumulo de Martin d'Azpicuelta Navarro, lente na Universidade de Coimbra.

Egreja de Santa Maria in Aquiro, sepulchro de D. Julia Antunes, mulher de Julio Perez.

Egreja de S. Luiz dos francezes, jaz Duarte Paulo, portuguez nobre.

Santo Izidoro dos padres irlandezes, Diogo Monteiro.

S. Pantaleão, João Telles de Moraes.

Convento d'Aracœli, Antonio d'Almeida Borges.

Egreja de Santa Anastacia, Nuno, cardeal da Cunha.

Egreja dos hespanhoes, Manoel Pereira de Sampaio.

Egreja de S. José, Manoel Sueiro d'Azevedo.

Além d'estes existem em Roma os mausoleus de muitissimos outros varões portuguezes, e nas bibliothecas, egrejas e claustros se encontram muitas lapidas commemorativas de beneficios recebidos de portuguezes, o que tudo se póde ver no livro de Frascarelli.

N'esta cidade encontra-se tambem a *Rua dos Portuguezes*. V. o n.º 6831 do *Jornal do Commercio*.

55) SALAMANCA. — N'uma capella da Claustra na Sé d'esta cidade jaz D. Ordonho Alvares, portuguez, e que foi bispo de Salamanca. *Portuguezes nos Concilios geraes*, pag. 36.

56) SALSETTE. *(Ilha perto de Bombaim)*. — Na sua capital, Fannah se veem as ruinas d'uma antiga egreja portugueza, construida em 1655.[1] «Na ilha de Salsette falla-se mais portuguez, que inglez, e os seus habitantes muito se presam dos portuguezes.»

57) SANCHOÃO. *(Ilha na China)*. — N'esta ilha teve a primeira sepultura S. Francisco Xavier, fallecido em 2 de dezembro de 1552, quando andava diligenciando penetrar na China para n'esta região prégar o Evangelho.[2]

É logar muito concorrido dos christãos, que alli vão visitar a sepultura do Apostolo do Oriente.

Em 19 de novembro de 1864 os romeiros, que de Macau foram n'um va-

[1] Lopes de Lima.—*Viagem de Goa para Lisboa etc.* Lisboa, 1843.

[2] Alfred Grandidier.—*Voyage dans les provinces meridionales de l'Inde.*

por, eram portuguezes, hespanhoes, inglezes, irlandezes, italianos, francezes, chinas, americanos, allemães, indios, peruanos, e armenios, sendo naturalmente de portuguezes o maior numero, 90 a 95 pouco mais ou menos.
Houve missa por esta occasião, e o padre Francisco Xavier Rondina fez um breve discurso, que commoveu os assistentes, e fez derramar lagrimas a todos pelo convencimento intimo, e pela uncção com que foi proferido.

58) SENEGAL. — «As margens d'este rio abrigaram ellas a expedição de descobertas,[1] que seis ou oito seculos antes da nossa era, o carthaginez Hanon conduziu além do estreito das columnas? Pódem os carthographos identificar esta corrente de agua com o Stachyris de Ptolomeu? Eis assumptos, que se discutiram por muito tempo em vida de nossos paes do seculo XVIII, homens de vasta erudição, e de forte vontade, que por tudo se apaixonavam, mesmo pela geographia critica, mas que com certeza não inquietavam o pensamento dos aventurosos portuguezes do seculo XV, homens praticos primeiro que tudo e que não pediam ás costas africanas a solução de nenhum problema scientifico; procuravam simplesmente oiro e escravos. Devemos accrescentar que, como subsidio para este trafico, occupavam-se voluntariamente da conversão dos indigenas.

«Depois da descoberta do Senegal, e provavelmente até ao meio do seculo XVI foram os portuguezes os unicos, que navegaram e commerciaram em suas aguas. Sua presença, mesmo n'uma epoca mais proxima de nós, é confirmada por seus escriptores, por todos os exploradores da Senegambia, e particularmente pela conservação, nos idiomas *oualof serere*, e mesmo *malinké*, d'um certo numero de palavras evidentemente de origem lusitana, taes como *signare* (senhora), *rapace* (creado), *argamace* (argamassa) etc. Foram elles ainda, que applicaram ás tribus nomadas do Sahara occidental, mixto de berberes e de arabes, o nome generico de mouros, dado no tempo das invasões musulmanas a todos os conquistadores, vindos da Mauritania, na Hespanha.»

«A herança de Portugal, por occasião da queda rapida d'esta pequena nação, extenuada por um seculo de esforços gigantescos, que abraçavam o mundo, coube aos francezes.»

59) SEVILHA. — «Quatro vezes até á jornada do infante D. Diniz[2] sentiu Sevilha em seu territorio o braço portuguez, e suas armas; as tres primeiras para expugnal-a, e esta ultima para socorrel-a. Foi a primeira, quando o infante D. Sancho foi a Triana. A segunda quando seu irmão D. Martim Sanches, general que então era del Rey de Leão seu cunhado desbaratou o poder dos mouros junto da mesma cidade, como o relata o bispo de Tuy D. Lucas. A terceira, quando foi ganhada por el Rey D. Fernando com assistencia de muita nobreza de Portugal e do mestre D. Payo, cabeça principal d'aquella

[1] *Tour du Monde*. Anno de 1861. 1.º Semestre. pag. 17. *Extractos de relatorios officiaes*.

[2] *Quinta parte da Monarchia Lusitana*, cap IX,

empreza. A soccorrel-a entrou agora o infante D. Diniz com todo o cabedal d'esta corôa.»

O chronista mór Fr. Francisco Brandão emprega um capitulo inteiro da sua *Monarchia Lusitana* para provar o direito que Portugal tem á cidade de Sevilha e seu districto.

60) **SIÃO.** — Em 1787, reinando D. Maria I offereceu esta rainha soccorro d'armas e soldados ao governo de Sião, para o ajudar na guerra, que lhe faziam os birmans; ao que o rei se mostrou muito grato, [1] querendo desde logo ceder-nos terreno para estabelecer nova feitoria, edificar egrejas etc. Mas tão boas disposições foram desaproveitadas, e só em 1825 o zeloso governador da India, Conde do Rio Pardo mandou um consul para Bangkok, capital do reino, munido de presentes, e de poderes para fazer um tractado do commercio. Foi mui bem accolhido, conseguiu terreno para edificar habitações, e que para guardar o consulado e feitoria houvesse um destácamento de quatro soldados e um sargento, que effectivamente por algum tempo se mandou de Macau, rendido de tres em tres annos. Quanto, porém ao tractado, nada se fez, parece que por incapacidade do dito consul, que residiu em Bangkok até 1833. Foi então demittido, e em 1852 estava alli encarregado das mesmas funcções o macaense Marcellino d'Araujo Rosa, quando o actual rei Mongkut subiu ao throno.

Nas pomposas festas, que houve em Bangkok por aquella occasião, muito figurou o nosso consul, unico representante estrangeiro até então admittido. Na sala do throno via-se no logar mais nobre o retrato da rainha de Portugal, a quem o rei Mongkut tractava por irmã. Houve n'estas solemnidades salvas de 21 tiros por um corpo de artilheiros, que ainda se denomina *Artilheria Portugueza.*

Por fallecimento do consul Rosa foi nomeado outro macaense, Antonio Frederico Moor.

* * *

«Ainda hoje se conserva na Capital de Sião um bairro portuguez, e é alli fallada a nossa lingua com tal conceito, que ao tratado de commercio feito entre os Estados Unidos da America e o rei de Sião em 20 de março de 1833, apezar de ser escripto em inglez e siamez, se lhe juntou uma traducção em portuguez *para testimunho do seu conteudo*, segundo refere mgr. Pallegoix, bispo de Sião.

«Ainda mais, a intendencia e protecção dos interesses da população christã de Bangkok, capital de Sião, tem estado sempre confiada a portuguezes, alli nascidos e alliados por matrimonio a familias siamezas, como é actualmente o illustre mandarim Paschoal Ribeiro d'Albergaria, general d'artilheria do exercito de Sião, com o titulo de Fya Visset, e M. Henri Mouhat naturalista francez, fallando d'este nosso provecto cidadão diz: *Ce magistrat a dans les veines*

[1] Sr. Carlos José Caldeira.—*Archivo Pittoresco*, I. pag. 322.

du sang portugais de la bonne epoque, et il le revèle par ses traits et par son caractère.

«No relatorio da missão extraordinaria de Portugal a Sião, em 1859, de de que foi encarregado o sr. conselheiro Isidoro Francisco Guimarães, hoje visconde da Praia Grande, lê-se o seguinte:

«O general de artilheria Paschoal Ribeiro de Albergaria, é um dos descendentes de antigos portuguezes, como ha muitos em Sião. É homem de mais de sessenta annos de edade, e de mui agradaveis maneiras: falla o portuguez mui intelligivel, e escreve-o soffrivelmente. Estes descendentes de portuguezes são em tudo siamezes, menos na religião, porque seguem a christã. [1]

* * *

«Residem actualmente no districto consular de Sião 32 subditos portuguezes, dos quaes 12 são solteiros, 15 casados e 5 viuvos. Quanto a profissões 8 são logistas, 5 interpretes, 3 escreventes, 6 maritimos, 2 negociantes, 1 secretario do consulado, 2 proprietarios, 4 taverneiros, e 1 sem modo de vida. Residencias: 1 em Supen, 1 em Sam-sem, 1 em Petrio, 1 em Bangknarg, e os mais em Bangkok. Estes 32 subditos teem 57 pessoas de familia.» *Diario Illustrado* de 15 de Dezembro de 1875.

Em 1685 mandou o rei de França uma apparatosa embaixada ao de Sião. O abbade de Choisy, que tomava parte n'ella escreveu um livro sobre este assumpto, [2] e n'ella apparecem muitas noticias ácerca dos portuguezes n'aquelle remoto paiz.

Estava então um chinez por nome D. Gregorio Lopes designado para bispo e vigario geral, e ia ser sagrado por M. d'Argolis.

Foram ao encontro da embaixada franceza dois mandarins, um d'elles, o que commandava as tropas, era portuguez.

O abbade de Choisy mostra-se zangado por causa dos portuguezes. Foram elles os unicos estrangeiros que não quizeram ir cumprimentar o embaixador francez, e mais tinha-lhes o rei de Sião mandado que lhe fossem apresentar suas felicitações. (pag. 245).

Deram um banquete á embaixada, e n'elle appareceram guisados á japoneza, e á portugueza. Aos primeiros achou o abbade bons, e aos ultimos detestaveis. (Ao padre custava-lhe a roer o procedimento dos portuguezes, os quaes de mais a mais instavam com o rei para deitar fóra d'aquelle paiz os padres francezes que por lá andavam).

O embaixador de Portugal, que no anno antecedente fôra o Sião, sentara-se na presença do rei n'um tapete, mas o de França levara comsigo da Europa uma cadeira de oiro, e n'ella se sentou. D'isto gosta o abbade, que chega a dizer. «O nome de Luiz o Grande faz todo o paiz chuva e bom tempo.!» Mal sabia o abbade que seculo e meio mais tarde nem as cinzas respeitariam d'um tão grande monarcha!

[1] *Archivo Pittoresco de* 1863 pag. 341.

[2] Abbé de Choisy.—*Journal du voyage de Siam.* Trevoux, 1711.

Note porém, o leitor as seguintes palavras do abbade, vá notando; que os estrangeiros tambem nos não poupam: «Mr. Constance m'a fait voir bien de jolies choses qu'il veut envoyer en France, et dans quelques jours nous irons dans les magazins du Roi choisir ce qu'il aura de plus beau. S'il prend mes avis, et qu'il tombe sous ma main de gros vases d'or, je ne les laisserai pas echaper; cela vaut bien des paravents et du bois d'aigle.» E que tal? O francez era desinteressado!

No dia 1 de novembro Constancio, natural de Cephalonia, que depois de ter sido marinheiro por muitos annos, se estabelecera como negociante em Sião, foi pedir ao embaixador francez que fosse a sua casa, pois dava n'esse dia uma funcção em honra do rei de Portugal, e tambem só convidou para ella aos portuguezes que se tinham resolvido a ir visitar o embaixador de França. Começou a festa por um grande fogo d'artificio no *Campo dos portuguezes*. O fogo muito agradou ao abbade: diz que n'este genero são *os portuguezes muito habeis*. Bebeu-se em primeiro logar á saude do rei de Portugal: e os navios francezes, inglezes e hollandezes deram uma salva.

No dia 3 de novembro um siamez por nome Antonio Pinto sustentou no palacio do embaixador Theses de Theologia dedicadas ao rei de França. Não se podia responder «*avec plus de capacité.*»

No dia 8 de novembro celebrou se o casamento d'um francez empregado na Companhia franceza, com a filha de um portuguez, capitão de navios. O francez era M. Coche, e o portuguez João d'Abreu, grande amigo dos missionarios, aos quaes transportou varias vezes á Turquia e á Cochinchina.

Constancio era o encarregado de fornecer os presentes para se mandarem ao rei de França, e para se distribuirem pelo embaixador, e eram tantos que o abbade disse em bom portuguez, *basta*.

Ora estê abbade (que tambem teve presentes e ficou contente) durante a viagem tinha se applicado ao estudo de portuguez. Diz-nos até o dia em que começou a aprendel-o, e mandou comprar um *Fernão Mendes Pinto* em portuguez, para estudar. O comprador, porém, enganou-se, e mandou lhe um em hespanhol, coisa de que o abbade nada gastou, pois via o seu dinheirinho ir por agua abaixo. Para se indemnisar resolveu-se a não fallar senão em portuguez com a tripulação do navio pelo espaço d'oito dias. Conheceu porém que *Fernão Mendes Pinto* não era o mentiroso de que fallavam: «Est mon ancien ami, qui a remonté sur sa bête, car on a verifié la plupart de ce qu'il dit.» (pag. 18). [1]

Em carta do dia 30 d'abril mostra se o padre muito contente por fallar o nosso idioma, e n'outra 5 de maio nos informa de que os outros missionarios que estavam a bordo, o iam tambem aprendendo. Em 18 de maio diz-nos que para mais se exercitar, emprehendera verter para francez a *Historia da Ethiopia* por Fr. João dos Santos: «onde ha coisas muito curiosas e desconhecidas.»

Em carta de 22 de maio mostra-se zangado: tem d'ir aprender o siamez, e o tempo faz-lhe falta para se aperfeiçoar no portuguez.

[1] Não se deve passar em silencio que um inglez Mr. Gilen, foi o primeiro que ha seculos pretendeu defender Mendes Pinto da imputação de mentiroso.

O abbade tinha razão: o conhecimento do nosso idioma tornava-se-lhe indispensavel: em 5 de maio fôra visitar o governador hollandez do Cabo da Boa Esperança, em companhia do embaixador. O governador só lhe fallou em portuguez!

A 11 de julho n'uma carta já se mostra todo fanfarrão, e faz alarde de palavras portuguezas. Em summa, n'uma grande porção de cartas vai-nos sempre dando noticias dos progressos que vai fazendo, e emprega palavras do nosso idioma. E a 19 de julho diz: «Que o ha de vir a saber perfeitamente.»

A capital de Sião chama-se *Sciajūthaïa:* foram os portuguezes que lhe pozeram o nome de Sião. [1]

Algum tempo depois da retirada do abbade houve uma revolta em Bangkok. Tinha Constancio, que em Sião era uma especie de Marquez de Pombal, mandado fazer um forte, com o fim d'entregar o governo delle, bem como o das tropas a um francez alli recem-chegado, o qual mais tarde se tornou celebre com o nome de Conde de Forbin. As tropas portuguezas, que então se achavam n'aquella cidade só em numero de 80 praças, induzidas por um padre, revoltaram-se, por julgarem uma vergonha o terem de obedecer d'ahi por diante a um francez. Esta revolta, porém pouco durou, e as cousas tornaram ao antigo estado [2].

Passado pouco tempo teve o conde de Forbin de servir se dos nossos em uma lucta contra os Macassares.

61) SINGAPURA. — «Visitei a capella portugueza (1850), que é bem pouco accommodada ás necessidades da communidade, que ainda hoje tem a veneração dos naturaes, pela tradicção de nossos maiores, que foram os primeiros, que prégaram o Evangelho aos povos da Peninsula Malaia; contrastando pobremente com os bellos templos de outras nações e de outros cultos.» (Carlos José Caldeira. *Apontamentos d'uma viagem de Lisboa á China etc.* vol. I.)

No 2.º vol. (pag. 10) diz o mesmo escriptor: A nova egreja portugueza em Singapura já estava começada, e se erigia com o producto da subscripção que, para tal fim fizera correr em Macao o governador Cardoso, a qual produziu umas 600 patacas, e tambem com o de outra, que se abriu em Singapura, além dos auxilios do Collegio de S. José das missões em Macao: calculava-se a obra em 3:000 pesos, feito sob um simples plano o templo destinado a conter mais de 400 pessoas, que ainda hoje conta a communidade christã portugueza n'este paiz.

«Por uma carta que recebemos de Singapura, consta-nos que muitos portuguezes alli residentes esperavam a passagem de sr. bispo de Macao, D. Manuel Bernardo de Sousa Ennes, que acompanhava o novo governador d'aquella colonia, para lhes ministrar o sacramento da Confirmação.

«A ceremonia foi imponentissima. Mais de duzentas pessoas receberam o

[1] Abbé Choisy.—*Voyage*, pag. 397.

[2] *Mémoires du Conte de Forbin Chef d'escadre*, vol. I pag. 145 (Marseille, 1781)

crisma, e entre ellas a esposa filha do nosso consul em Singapura, sendo padrinho de ambos o sr. Carlos Eugenio da Silva.» *Diario Illustrado*, N.º 1449. (23 de janeiro de 1877).

62) **SURRATE.** — O hollandez Stavorinus encontrou n'esta cidade feitorias de portuguezes. [1]

63) **TANGER.** — Mr. Sehckler sahira em 1859 de Gibraltar n'um barco, que servia de correio entre Hespanha e Marrocos. Favorecido pelo vento o barco se approximava ora das costas europeas, ora das costas africanas. Tinha-se já passsado Ceuta e Tariffa, e encontravam varias torres, restos das antigas fortificações portuguezas, as quaes ás vezes dominam um porto deserto. [2]

«No porto de Tanger, onde ainda se não tratou do caes pedido ao governo marroquino, e concedido em principio por este, fez-se sem embargo por iniciativa do conselho de saude, e com os fundos de que este dispunha, um pequeno desembarcadouro provisorio, construido de madeira; mas este melhoramento é insufficiente para as necessidades e commodidades do trafico cada vez maior d'este porto e do commercio, que não poderá prescindir, com o andar do tempo, de um bom caes de pedra, para o qual existem os solidos alicerces do antigo caes feito no tempo da gloriosa dominação portugueza n'este paiz.»

Relatorio do Sr. José Daniel Collaço, empregado de negocios e consul geral de Portugal, em 10 de novembro de 1876.

64) **TOLEDO.** — Na capella de S. Braz na Sé de Toledo temos o mausoleu do celebre arcebispo d'aquella Cidade, D. Pedro Tenorio, natural de Tavira, e que tão brilhante figura fez na Hespanha no reinado de D. João I de Castella.

O mencionado arcebispo finou-se no anno de 1399.

Nas proximidades d'esta cidade no Mosteiro de Sisla jaz o nosso illustre escriptor Fr. Heitor Pinto, tendo no epitaphio as seguintes palavras:

Hic jacet Hector ille Lusitanus.

Na Capella dos Reis novos em Toledo existia no tempo de Lozano (reinando D. Affonso VI em Portugal) o tumulo de D. João I. o vencido em Aljubarrota, de tantas recordações para os portuguezes. [3]

65) **TURIM.** — Havendo o rei da Sardenha Carlos Alberto perdido a celebre batalha de Novara contra os austriacos, refugiou-se na cidade do Porto,

[1] *Voyage par le Cap de Bonne Esperance a Samarang, a Macassar, a Amboine et a Surate em* 1774, 75, 76, 77 e 78 *par* —. vol. I. pag. 344.

[2] *Tour du Monde de* 1860. 1.º Semestre, pag. 5.

[3] Lozano.—*Los reyes nuevos de Toledo*, pag. 401. (Ed. de Madrid, 1749).

onde morreu em julho de 1849. Os portuguezes prestaram-lhe as maiores honras, e fizeram-lhe pomposas exequias.

Em reconhecimento, seu filho, o rei da Italia Victor Emanuel, mandou que uma das principaes ruas de Turim, então capital do pequeno reino da Sardenha, tivesse o nome de Rua da Cidade do Porto, e os habitantes da cidade d'este nome foram d'ahi por diante considerados como cidadãos de Turim.

Em Turim existe a Galeria dos retratos dos duques e duquezas de Saboya, na qual está tambem o de D. Beatriz, filha d'El-rei D. Manoel de Portugal, retrato que foi reproduzido a pag. 345 do vol. 2.º do *Universo Pittoresco*.

66) TUY. — Esta cidade foi ganha por el-rei D. Sancho I pelos annos 1198, andando n'esse tempo em guerra o rei de Portugal com o de Leão, e pertenceu por bastantes annos a Portugal. [1]

N'um letreiro entalhado sobre o portal da casa do capitulo do Convento de S. Domingos lia-se que fôra edificada aquella casa por Fr. Domingos de Valença no anno de 1330.

67) VITERBO. — Na cathedral d'esta cidade foi sepultado o Papa João XXI, pondo-se-lhe o seguinte epitaphio:

Joanni Lusitano XXI. Pontificatus Maximi sui mense VIII.
Moritur MCCLXXLVII. [2]

68) YUNG-NING. *(China)*. — «A cidade Yung-ning vista do mar é bonita, e a sua muralha de ameias recortadas é imponente, e finge ser uma boa fortificação. Desembarcando-se, porém, acha-se um chavascal immundo, e um recinto acanhado, cheio de casas em ruinas, habitadas por gente miseravel. A propria muralha vista ao pé não vale coisa alguma, estando desmoronada em muitos pontos. O bazar, porém, extra-muros, é bem fornecido de viveres, que se vendem a preço commodo e rasoavel. N'uma d'estas ruas, encontrei uma loja com o seguinte letreiro em portuguez: A-luci, comprador. O celestial A-luci tinha o rosto bonacheirão, e fallava soffrivelmente o portuguez, para se fazer entender e entender os seus hospedes.» Gregorio José Ribeiro, *De Macau a Fuchau, Cartas a J. M. Pereira Rodrigues*. Lisboa, 1866.

69) ZANZIBAR. — Cameron aqui se forneceu de varios generos que lhe eram necessarios para a sua viagem ao interior da Africa, comprados aos Joés portuguezes.

Diz nos elle que *Joés* são goaneses que no Zanzibar exercem a profissão de alfaiates, cortadores de cabellos, e vendedores de grogs. [3]

1 Fr. Luiz de Sousa.—*Historia de S. Domingos*, livro IV, cap. 22.
2 P. Antonio Pereira de Figueiredo.—*Portuguezes nos Concilios Geraes*. pag. 36.
3 *Tour du Monde*, 1.º Semestre de 1877.

* * *

Na Italia ainda existem mais recordações portuguezas além d'aquellas que ficaram mencionadas nos artigos Padua, Roma, Bolonha, e Turim. Na egreja de S. Miniato, perto de Florença passa por um dos mais notaveis o tumulo do cardeal D. Jaime, filho d'aquelle famoso D. Pedro, a quem mataram na batalha d'Alfarrobeira. É longa a descripção que d'este tumulo, sumptuosissimo, apparece no *Magasin Pittoresque* e n'outros jornaes. No castello de Lozzolo, não longe de Vercelli, no Piemonte, temos a magnifica decoração d'uma sala feita pelo ainda vivo architecto portuguez Alfredo de Andrade, artista em honra de quem a Academia das Bellas Artes de Genova mandou cunhar expressamente uma medalha de oiro. Do mesmo artista existe no valle de Aosta a restauração do Castello d'Issogue, e o sumptuosissimo jazigo da familia Ogliani em Rivara. Estes e muitos outros trabalhos do artista, alguns dos quaes em Turim, contribuiram para que o rei Victor Emanuel em 1855 o nomeasse Cavalleiro da Corôa de Italia.

* * *

No dia 25 de outubro de 1878 mostrou-me o ex.mo sr. Silva Tulio a obra de Ruders, cujo titulo é o seguinte:

Nágra Anmärkningar öfver Portugall, meddelade genom Bref af —. Stockhlm, Tryckta hos Carl Delen, 1803, 8.º gr., 243 pag.

E' uma descripção de Portugal. Falla-se n'esta obra da nossa celebre cantora Todi.

ERRATAS

Pag	Lin.	Erros	Emendas
		Tomo 1.º	
141	6	Berjumera	Benjumea.
328	12	Duabymont	Dualymont.—Dualymont é o traductor do *Fuora Villaco*, pois a obra é portugueza, composta pelo padre Teixeira, creatura do Prior do Crato.
465	19	Creio que era esta a ultima causa	Creio que esta ultima era a causa.
484	4	Major	Mayor.
508	26	Nuñoz	Muñoz.
		Tomo 2.º	
238	13	de paginas notaveis	de pessoas notaveis.
393	39	Bocalio	Bocalio, é uma extropiação do escriptor francez. Deve ler-se *Bacalhau*, alcunha de um desembargador celebre no reinado de D. João V.

INDICE REMISSIVO

DO

DICCIONARIO DOS ESCRIPTORES ESTRANGEIROS

QUE ESCREVERAM OBRAS

RELATIVAS A ASSUMPTOS PORTUGUEZES

A

Abrabanel (Sobre o judeu portuguez). 795.
Abyssinia (Sobre os feitos dos portuguezes na). 189, 242, 322, 344, 468, (II), 481, 575, 576, 577, 626, 732, 738, 781, 902, 1114, 1260, 1294, 1681, 1764.
Academia Real das Sciencias de Lisboa (Elogio á). 1525, (pag. 341).
Açores (Ácerca das ilhas dos). 56, 163, 177, 193. 248, 249, 262, 355, 362, 379, 425, 491, 526, 527, 546, 563, 602, 605, 621, 651, 675, 711, 853, 915, 1087, 1163, 1274, 1347, 1387, 1447, 1451, 1620, 1709, 1791.
Aden (Tomada de — por Affonso d'Albuquerque). 469 (parte 2.ª)
Africa (Sobre as descobertas e guerras dos nossos na). 63, 242, 360, 370, 456, 485, 490, 509, 675, 687, 909, 944, 1108, 1114, 1176, 1125, 1326, 1333, 1359, 1370, 1399, 1452, 1498, 1485, 1520, 1654, 1731.
Affonso d'Albuquerque. 346, 386.
Affonso Henriques (Vida de D.). 148, 512, (parte 2.ª).
Affonso V. 1227, 1550.
Affonso VI (Sobre o seu reinado). 3, 50, 354, 376 (II). 382 404, 690, 1111, 1158, 1300, 1569, 1579.
Agostinho José Freire. 1246.
Aguas gazozas das Pedras Salgadas. 1105.
Alcobaça (Sobre o mosteiro de). 931, (pag. 512), 106, (pag. 25), 1107, (pag. 104), 1327, 1372, (pag. 267).

Alemquer (Sobre). 559.
Alexandre Farnese (Sobre o casamento de—, com D. Maria de Portugal). 505, parte 2.ª
Alexandre Herculano. 218, 306, 365, 424, 955, 1824.
Algarve (Chorographia do). 146.
Aljubarrota (Sobre a batalha de). 156, 457, 1242.
Allemanha (Successos da). 1828.
Almanach hespanhol-portuguez. 1817.
Alphabeto de Hespanha e de Portugal. 1380.
Amadeu de Portugal. 384, (parte 2.ª)
Amadis de Gaula (Qual a nacionalidade e diversas traducções do celeberrimo romance d'este nome). 79, 1256, 1527, 1690.
Ambiveri (D. Alberto Maria). 29.
Amelia (Ode á princeza). 181.
America. 905.
Americo Vespucci (Vida de). 75.
Anastacio da Cunha (Ácerca do mathematico José). 231.
Anedoctas d'um casamento. 343, (pag. 308).
— d'um prégador em Tarapur. 337, (pag. 291).
— do duque de Cadaval. 4.
— da ingleza convertida. 95, (115).
— do conde de S. Lourenço. 95, (117)
— hespanholas e portuguezas. 35.
— do arcebispo confessor de D. Maria I. 95. (121).
— dos corvos na Sé de Lisboa, 95. (130).
— de Santo Antonio. 309, (pag. 272), 793.
— do Marquez de Pombal. 36.
— de Verdeil 95. (pag. 114).
— dos olhos da estatua equestre em Lisboa. 793, (pag. 469).
— do conde de Lima e Napoleão. 441, (pag. 346).
— do medico da saude no Porto. 931, pag. 510.
— dos Figos do Marquez de Cascaes. 1065.
— do principe do Brazil, 1685. (pag. 393.)
— de Bocalio no Convento. pag. 39.
Angola (Obras sobre). 161, 239, 408, 420, 434, 547, 687, 762, (pag. 468), 821, 915, (II) 1050. 1485, 1490, 1715.
Anna Boleyn (Sobre). 882.
Antiguidades romanas em Portugal. 101, 428, 614, 1714, 1760, 1891, 1897, 487, parte 2.ª (pag. 469) 867, 1282.
Antonio Bernardo da Costa Cabral (ministro). 85.
Antonio da Conceição (Sobre a canonisação de Fr.). 408, (parte 2.ª)
Antonio (Sobre D.—prior do Crato). 42, 45, 71, (43), 177, 180, 288, (pag. 267), 289, 290, 335, 543, (pag. 303), 400, 401, 402, 422, 425, 437, 587, 667, 670, 921, 1157, 1167, 1234, 1358, 1534, 1649.
Antonio Diniz da Cruz e Silva. 1525, (pag. 341), 1754.

Antonio Ferreira. 1284, (pag. 218), 1284, (224), 1525.
Antonio da Luz Pitta (Sobre os trabalhos litterarios de). 964.
Antonio Pereira de Figueiredo. 1560, 1598, 1745.
Antonio (Sobre Santo—de Lisboa). 21, 57, 309, (272), 793, (pag. 468), 877, 1222, 1273, 1413, 1418, 1430, 1487, 1499, 1592, 1710, 494, parte 2.ª
Antonio (Sobre a egreja de Santo—em Padua). 116.
Antonio (Sobre a egreja de Santo—em Lisboa). 95, (88).
Antonio Nunes Ribeiro Sanches (Medico na Russia). 33, 1820, 1832.
Antonio Vieira. 579, 1635.
Aqueducto das Aguas Livres. 95, (80), 931, (pag. 514).
Aragão (Relações de Portugal com). 1563.
Architectura em Portugal. 1671.
Archivos de Portugal. 338.
Aristoteles (Philosophia de—na Universidade de Coimbra). 1623.
Atlas de Fernão Vaz Dourado, e de Lazaro Luiz. 1376, (pag. 272).
Atlas do visconde de Santarem. 1813.
Australia (Descobertas dos portuguezes na). 137, 852, (III).
Autos de fé. 1146, 1147 1151.
Aves de Portugal. 1291.

B

Baçaim. 1562.
Balanço do commercio de Portugal. 74, (pag. 47).
Bandeiras de Hespanha, e de Portugal. 782.
Barbosa (Apreciação sobre—Arias). 71, pag. 41.
Bartholomeu dos Martyres (Sobre). 635, 930, 1049, 1341, 1408. 1417, 1701, 1892, 463, (parte 2.ª), 497.
Batalha (Sobre o Mosteiro da). 364, 931, 1107, (pag. 104), 1327.
Batavia. 1839.
Beatriz de Portugal (Infanta D.). 267.
Behaim (Sobre Martim). 933, 1703.
Belém (Sobre o Mosteiro de). 793, (pag. 470), 931, (pag. 514), 1102, (pag. 105), 1327.
Belgica (Relações de Portugal com a). 1138.
Bermudes (Patriarcha S. João). 189, (pag. 198- 99 etc.)
Bexigas (Sobre as). 1439.
Bibliotheca celebre do portuguez João Vasques. 1523.
Bibliothecas de Portugal (Manuscriptos que n'ellas se guardam). 1615.
Bocage (Poeta). 95, (130), 1229.
Bolama (Sobre a ilha de). 92, 653.
Bomtempo (Sobre o pianista). 71, pag. 46.
Botanica (Sobre assumptos de). 493, 514, 550, 569, 607, 668, 687, 692, 761, 1384, 1452, 1459, 1460, 1876, 1889.

Botanicos portuguezes. 74, (49), 188, 278.
Bragança (Historia da Casa de). 251.
Brazil. 58, 81, 89, 105, 174, 178, 280, 286, 310, 315, 322, 329, 349, 353. Id. pag. 315. Id. (pag. 316, IX, X, XII.) 404, 405, 407, 410, 449, 456, 475, 484, 504, 510, 541, 557, 567, 577, 586, 674, 682, 684, 692, 708, 713, 731, 734, 738, 759, 779, 818, 823, 825, 869, 914, 920, 950, 958, 976, 1013, 1054, 1076, 1090, 1091, 1092, 1093, 1097, 1098, 1099, 1106, 1114, 1170, 1179, 1190, 1259, 1262, 1267, 1297, 1299, 1303, 1325, 1335, 1343, 1374, 1389, 1453, 1457, 1483, 1495, 1497, 1501, 1629, 1653, 1686, 1776, 1827, 1831, (II). 1840, 1900, 358, (parte 2.ª) 487, 488.
Brotero. 569, (pag. 381), 607, (392), 761, (pag. 449).
Buchanan em Portugal. 1530.
Bulla (Sobre a — Unigenitus). 1901.
Bunda (Sobre a lingua). 219.
Bussaco. 4, (pag. 10), 607, (pag. 393), 1067, (pag. 25).

C

Cabo Verde. 58, 280, 605, 675, 726, 768, 887, 1050, 1198, 1672, 1715.
Caldas da Rainha. 1463, 1685, (pag. 392).
Calecut. 595, 1404, 1506, 1571.
Cambios portuguezes. 1658.
Caminhos de ferro em Portugal. 1298.
Camões. 4, (pag. 9 e 10), 11, 71, (pag. 41), 114, 162, 249, 251, 353, (pag. 311). Id. (pag. 316), 375, 384, 417, 435, 442, 465, 480, 539, 613, 620, 663, (pag. 417), 710, 776, 785, 793, (pag. 469), 794, 871, 888, 908, (pag. 499), 1017, 1019, (pag. 10), 1033, 1095, 1105, (pag. 95), 1119, 1139, 1218, 1255, 1256, (pag. 207), 1284, (pag. 218), 1299, (pag. 228), 1344, 1346, 1369, 1400, 1434, (pag. 300 e seguinte), 1525, (pag. 340), 1555, 1590, 1593, 1661, 1695, 1704, 1754, (I e IV), 1883, 1890.
Campanha de Portugal em 1801. 1226.
Canarias (Sobre as). 63, (II), 578, 726, 1672.
Cancioneiros portuguezes. 900, 1320, 1612, 1650, 1896.
Canções portuguezas (Sobre as). 101.
Canteiros portuguezes (Elogios aos). 548, (pag. 374), 931, (pag. 513.
Carlos Alberto, rei da Sardenha em Portugal. 106, 260.
Carlota Joaquina (A rainha D.). 1037, 1080, 1775.
Cartas constitucionaes portuguezas. 646.
Cartas da religiosa portugueza. 1894.
Cartas de D. Marianna de Alcanforado. 1176, 546, parte 2.ª
Cartas de judeus portuguezes a Voltaire. 519.
Castella (Chronicas dos reis de). 66.
Catalogo de livros portuguezes para venda no estrangeiro. 1766.

Catharina (D.—Infanta de Portugal e Rainha d'Inglaterra). 274, 277, (pag. 264), 1319, 492, parte 2.ª
Catharina (Rainha D.—viuva deD. João III). 1398, (pag. 291), 1420.
Catharina de Medicis (Pretenção á corôa de Portugal). 103.
Cathecismo para uso do Convento do Bom Successo. 196.
Cathecismo indico da lingua Kariri, 941.
Cedro portuguez. 607, (pag.) 393.
Ceilão. 83, (64), 1334, 1502, 1784.
Ceuta (A respeito de). 1053.
Chaul. 1562.
Chauleiros. 1879.
China (Feitos dos portuguezes na). 443, 767, (pag. 457), 801, 1147, 1208, 1585, 1609, 1642, 1829, 1830.
Chineza (Sobre a lingua). 1652.
Chrestomathia portugueza. 1895.
Christovão (Sobre D.—filho de D. Antonio, Prior do Crato). 883, 1043, 1204, 1665.
Cintra. 4, 95, 103, 105, 199, 752, (pag. 442), 931, (pag. 514), 1107, (pag. 105), 1217, 1327.
Coburgos (Sobre o estabelecimento dos—em Portugal). 26.
Codigos portuguezes. 1656.
Coelho (A respeito de George). 269.
Coimbra e sua Universidade. 4, (pag. 9), 269, (pag. 262), 364, (pag. 319), 761, (pag. 449), 1107, (pag. 107), 1327, 1590.
Collares. 95, (102. 133).
Colonias (Estudo sobre as—portuguezas). 1331.
Comedias baseadas em assumptos portuguezes. 77, 397.
Comedias baseadas na Historia de Portugal. 1626.
Comedias sobre assumptos portuguezes. 281.
Concilios em Braga. 1812.
Congo (Portuguezes no). 509, 518, 547, 605, 687, 691, 762, 1052, 1135, 1174, 1214, 1295, 1354, 1370, 1399, 1485, 1516, 1518, 1733.
Constantino, rei dos floristas. 212, 862.
Constituição portugueza (Sobre a). 103, 986, 1063, 1074, 1137.
Convento d'Alcobaça. 95, (136).
—— da Cartuxa de Laveiras. 95, (89).
—— da Pena em Cintra, 95. (123).
—— das Salesias. 95, (95).
—— de Belem. 95, (86), 1576.
—— de jesuitas portuguezes na Abyssinia. 189, (pag. 204), (Id. pag. 208).
—— de Mafra. V. Mafra.
—— dos Theatinos em Lisboa. 95, (130).

Convento Odivellas. 95, (115).
— S. José de Ribamar. 95, (99).
— Tibães. 1067, (28).
Correa da Serra (Abbade). 330, 677, (pag. 422).
Credito predial (Sobre o—de Portugal). 703.
Credito predial em Portugal. 1740.
Correspondencia em inglez. 31.
Correspondencia em nove linguas. 1878.
Corridas de cavallos. 523.
Costumes portuguezes. 1617.
Cruzados (Sobre os feitos dos). 466.
Cyprestes (Cemiterio dos—em Lisboa). 931, (pag. 513).

D

Damaso (S.). papa, 1850.
Dansas portuguezas no reinado de D. Sebastião. 1398, (pag. 279).
Defeza (Sobre a—de Portugal). 1674.
Descobertas e navegações dos portuguezes. 130.
Dialogos portuguez allemão. 151.
— — inglez. 477, 652, 983.
— — francez. 477, 1548.
— italiano e portuguez. 881.
Diana de Jorge de Montemayor. 1739.
Diccionario anamitico-portuguez. 1185.
— belgico-portuguez. 276.
— de marinha, em varios idiomas. 1206.
— de portuguez de Ceylão. 1595, 1645.
— dos verbos francezes. 214, (II).
— flamengo-portuguez. etc. 22.
— francez-portuguez. 276, 709, 1431.
— hespanhol-portuguez. 276, 709. 1431.
— inglez-portuguez. etc. 17, 276, 421, 709, 1431.
— italiano-portuguez. 276, 709, 1079, 1431.
— latim-japonez. 1041.
— malaico-latino. 1882.
— portuguez. 709.
— portuguez-allemão. 151, 276, 431, 1440.
— — hespanhol. 477.
— portuguez-inglez. 1737.
— portuguez, inglez, allemão. 1705.
— portuguez-latim. 1431.
Dietas (Em Lisboa). 316.
Disparates (Escriptores cujos livros são uma collecção de). 55.
Douro (Mappas do). 433.

Douro (Sobre a companhia dos vinhos do). 334, 736.
Douro (Sobre a ponte pensil do). 124.
Douro (Sobre o rio). 99.
Dramas sobre assumptos portuguezes. 283, 375, 415, 529, 539, 611, 680, 727, 939, 1034, 546, parte 2.ª
Duarte (D.—de Bragança). 216, 331, 636, 810.
Duque de Lafões. 95, (119).
Duque de Saldanha. 1741.
Duqueza de Bragança. 518, parte 2.ª

E

Eclipses (Observações de). 209, 243, 663, (pag 417).
Economia agricola em Portugal. 997.
Editores de obras portuguezas no estrangeiro, 683, e na parte 3.ª pag. 572 e 573.
Egrejas portuguezas (A favor das). 194.
Elogios a Portugal, por escriptores de primeira ordem. 88, 244, 852.
Elogios ao Diccionario da Academia Real das Sciencias. 1744.
Elogios de varões illustres portuguezes. 1647.
Embaixadas portuguezas. 1854, 1858, 1866, 416, (parte 2.ª) 429, 430, 472, 474.
Emprestimos reaes de Portugal (Sobre os). 387, 1235, 1689.
Endovelico (Sobre o deus). 867.
Ephemerides da Universidade de Coimbra. 74, (49).
Epitaphios portuguezes. 451, parte 2.ª
Erasmo (Epitaphio feito por um portuguez a). 1581.
Escriptor (O infimo de quantos escreveram ácerca de Portugal). 55.
Escriptores que só tiveram em vista diffamar os portuguezes. 55, 203, 537.
Escriptores estrangeiros, cujos escriptos apparecem em portuguez, 49, 67, 119, 120, 135, 143, 152, 157, 261, 271, 282, 218, 219, 368, 369, 371, 393, 414, 432, 433, 508, 514, 640, 694, 778, 783, 814, 878, 892, 919, 927, 946, 1034, 1042, 1201, 1205, 1238, 1316, 1345, 1349, 1376, 1379, 1390, 1419, 1421, 1510, 1549, 1575, 1576, 1762.
Escriptos sinologos de Claudio Visdelou. 954.
Estatistica de Portugal. 1232, 1582.
Estatua equestre de D. José (Elogios á). 548, (pag. 374), 931, (pag. 513). (Censuras á mesma). 1432.
Estephania (Vida da rainha D.). 1414.
Estrangeiros que fizeram presentes a Portugal. 223, 1067, (pag. 25), 1356.
Estrella (Serra da). 607, (pag. 392 e 395).

Ethiopia (Feitos dos nossos na). V. Abyssinia.
Exequias de D. Maria Izabel de Bragança. 517.
Exercicios de grammatica ingleza de Vieyra. 1583.
Exposições universaes (Portugal nas). 221.
Evora (Quadros de). 1107, (pag. 107).

F

Fandango (Dansa). 1372, (pag. 266).
Fayal (Ilha do). 552.
Febre amarella em Lisboa. 530, 1177.
Febre typhoide (Sobre a). 1002.
Feliz independente (Continuação do). 1694.
Fernandes Thomaz. 1022.
Fernando (D.—filho de D. João I.). 1213.
Fernão Lopes (Chronista). 1846.
Fidalgos portuguezes (Seu atrevimento). 251, (250).
Fielding (Ácerca do romancista inglez). 931, (pag. 513).
Fielding (Residencia de—em Lisboa). 424.
Filippe II (Sobre). 1169, 1231, 1237, 1272, 1388, 1426, 1574, 450, (parte 2.ª)
Filippe II (Sua entrada em Portugal). 815, 1304.
Fogo (Sobre a ilha do). 265.
Franciscanos (Sobre os—em Portugal). 1438.
Francisco de Hollanda. 1368.
Francisco Manoel do Nascimento (A respeito de). 697.
Francisco Tregeon. 1736.
Fredorico III (Casamento de—com D. Leonor de Portugal). 592, 1251, 1587, 1596.
Funeraes portuguezes (Sobre os). 789.

G

Galliza (Deve pertencer a Portugal). 3.
Galloway (Conde de—em Portugal). 527, parte 2.ª, 1599.
Garcia da Horta (A respeito de). 270.
Geographia mathematica (Sobre a—em Portugal). 872.
Geographos portuguezes. 74, (50).
Gil Vicente. 1116, 1525, 1572, 1589, 1802.
Glama (Sobre o pintor). 931, (pag. 510), 1107, (pag. 121).
Goa. 83, (63), 192, 200, 337, 678, 707, 738, 894, 1097, 1108, 1149, 1153, 1247, 1557, 1631, 1640, 1839, 1843.
Godos na Peninsula. 1590.
Gomes (Beato). 412, parte 2.ª
Gonçalo da Silveira, martyr. 1491, 1795, 465, (parte 2.ª)
Gonçalo Dias d'Amarante. 525, parte 2.ª
Gouvea (André—, obras ácerca de). 1750.

Gouvea (Antonio —, obras ácerca de). 208, 333, 1086, 1749, 1890.
Governo representativo em Portugal. 928.
Grammaticas allemãs. 497, 507, 1821.
— das linguas do Brazil. 30, 804.
— de portuguez de Ceylão, ou da India. 1595, 1838.
— francezas para uso dos portuguezes. 24, 157, 214, 505, 847, 906, 968.
— hollandezas. 429, 529, parte 2.ª
— inglezas. 157, 218, 385, 645, 1376, 1651, 528, parte 2.ª 530.
— italianas. 1079.
— mais usadas na costa do Brazil. 473, (parte 2.ª)
— portuguezas para uso dos estrangeiros. 52, 133, 217, 366, 857, 983, 1469, 1477, 1610, 1754, 1767, 1848, 1780, 531, parte 2.ª 536, 561, 566.
— portuguezas para uso dos francezes. 540.
Grego (Sobre o estudo do—, em Portugal). 269, 1588.
Guerra da acclamação. 1121, 1150, 1860.
Guerra da successão na Hespanha. 669, 1406, 1599.
Guiana (Estabelecimentos portuguezes na). 475, parte 2.ª
Guiana (Os portuguezes na) 505, parte 2.ª.
Guiné portugueza (Sobre a). 138, 687, 1252, 1520, 1697.

H

Helena (Sobre a descoberta da ilha de Santa —, pelos portuguezes). 185, 991.
Henrique (A respeito do conde D.). 372.
Henrique (Sobre o infante D.). 852, 931, (pag. 511), 1062, 1396, 1454.
Hespanha (Politica de—para com Portugal). 852, 793, (pag. 470), 931 (pag. 511), 1062.
Hespanha (Sobre a união de Portugal a). 16, 68.
Historia da litteratura portugueza. 93.
Historia monetaria de Portugal. 412.
Holland (Recordações diplomaticas de lord). 1630.
Hollandezes (Luctas entre—e portuguezes). 168, 169, 170, 171, 178.
Hollandezes (Sobre a lucta dos—com os portuguezes). 19.
Horas successivas. 1643.
Hospicio de Santo Antonio dos portuguezes em Roma. 1781.

I

Iberia (Sobre a união da). 15, 833, 1536, 1698.
Ignacio d'Azevedo. 442, 1553, 1836, 1849, 1902.
Ignez de Castro. 4, (pag. 9 e 10), 51, 112, 113, 147, 159, 173, 182, 211, 272, 279, 283, 296, 347, 351, 353, (pag. 315), 358, 418, 476, 483, 522, 554, 619, 630, 631, 632, 633, 634, 639, 663, (pag. 417), 701, 721, (I e

II), 723, 725, 761, (pag. 451), 793, (pag. 470), 803, 886, 896, 897, 925, 1023, 1038, 1067, (pag. 28), 1286, 1292, 1338, 1475, 1511, 1528, 1614, 1626, 1638, 1639, 1641, 1684, 1719, 1729, 1734, 1760, 1763, 1777, 1778, 1789, 1893, 514, parte 2.ª

Imprensa nacional de Lisboa. 1732.

India (Sobre o scysma portuguez na). 201, 240, 995, 1254.

India (Sobre os feitos dos nossos na). 64, 191, 217, 242, 253, 297, 322, 370, 386, 392, 399, 426, 443, 444, 445, 446, 447, 454, 459, 472, 479, 481, 486, 500, 534, 562, 575, 590, 595, 599, 615, 628, 629, 648, 664, 693, 713, 762, 791, 792, 806, 812, 813, 822, 840, 841, 899, 907, 908, 944, 948, 958, 970, 973, 987, 991, 1026, 1051, 1094, 1096, 1110, 1114, 1123, 1127, 1130, 1140, 1142, 1144, 1159, 1164, 1173, 1191, 1212, 1247, 1258, 1260, 1261, 1264, 1267, 1268, 1275, 1293, 1329, 1332, 1336, 1353, 1366, 1378, 1385, 1391, 1392, 1402, 1405, 1433, 1434, (pag. 305), 1456, 1462, 1467, 1468, 1471, 1492, 1493, 1502, 1507, 1520, 1529, 1531, 1543, 1544, 1552, 1557, 1562, 1566, 1571, 1627, 1631, 1647, (II), 1666, 1675, 1683, 1717, 1747, 1787, 1818, 1827, 1834, 1839, 1843, 1881, 510, parte 2.ª 517.

Indios (Sobre a conversão dos). 610, 693.

Inglezes (Sobre as queixas dos). 37.

—— (Males que teem advindo a Portugal por causa da alliança com os). 206.

—— (Commercio dos—em Portugal). 497.

—— (Sobre os—em Portugal). 869, 1085, 1088.

Inquisição de Portugal. 61, 71, (pag. 46), 95, (pag. 94 e 96), 306, 309, (281), 311, 758, 817, 908, 916, 949, 1323, 1382, 1385, (pag. 395). —Em defesa d'ella), 1697, 1746.

Inquisição na India. 337, (293) 865, 1097 (pag. 70), 1514, 1631.

Instrucções aos nuncios de Portugal. 637.

Instrucções para creanças em portuguez e inglez. 1800.

Izabel (Sobre a rainha Santa). 229, 307, 458, 755, 1008, 1035, 1046, 1478, 1603, 1870.

J

Jacob Rodrigues Pereira. 391, 445, (parte 2.ª)

Japão. 516, 811, 813, 824, 1032, 1114, 1143, 1147, 1511, 1829 1830.

Jardim botanico (Na Ajuda). 95, (78), 161, (pag. 448).

Jeronymo Corte Real. 438.

Jeronymo d'Azambuja (Obra d'este auctor commentada). 568.

Jeronymo Osorio. 1637, 1890.

Jesuitas (Na India). 894.

—— (No Brasil). 349.

—— (No Paraguay). 1125, 1126, 1128, 1362.

—— (Sobre os—em Portugal). 220, 295, 336, 356, 638, 737, 740, 741, 747, 923, 932, 971, 972, 978, 1058, 1132, 1133, 1134, 1154, 1193, 1324, 1450, 1473, 1551, 1552, 1659, 1752, 415, parte 2.ª 509, 513, 541, 544, 557.

Joanna (Santa princeza de Portugal). 1213. 409, (parte 2.ª) 457.
João (Filho de D. Ignez de Castro). 347, 725.
João de Barros. 1284, (pag. 225). 1525, (pag. 340).
João de Brito (Martyr). 90, 800, 1778, 1409, (parte 2.ª) 410, 554.
João Cardim. 1489, 1816.
João de Castro (D.). 480, (parte 2.ª)
João de Deus (S.). 234, 990, 1364, 1411, 1547, 1624, 1768.
João Fernandes de Lucena. 1532.
João I (D.). 457.
João II (D.). 1239, 1738.
João Maria Ferreira do Amaral (Poesia a). 1472.
João IV (A respeito de—duque de Bragança). 44, 76, 125, 126, 127, 145, 155, 166, 167, 176, 197, 202, 206, 235, 257, 406, 570, 618, 674, 681, 742, 769, 918, 924, 940, 998, 999, 1016, 1025, 1031, 1082, 1083, 1084, 1175, 1184, 1186, 1276, 1381, 1434, (pag. 307), 1517, 1519, 1546, 1662, 1664, 1668, 1693, 1723, 1841, 1851, 1861, 1863, 1864, 1865, 1869, 1898, 421, (parte 2.ª), 422, 423.
João V (Em Odivellas). 95, (115), 1685, (pag. 394).
João V (Obras dedicadas a este rei). 129, 144.
João V (Em geral). 245, 309, (275), 909, 1322, 1685, (pag. 393).
João V (e Quien de Neuville). 952, (pag. 523).
João V (Seu casamento). 396, (parte 2.ª)
João VI (Descripção da côrte de). 4, 1634.
João VI (Sua biographia). 381, 711, 975.
Joaquim Silvestre Simão. (Compositor de musica.) 1759.
Joaquina (Sobre D. Carlota). 544.
Jogos olympicos em honra de D. João V. 1558.
José de Anchieta. 1797.
José I (Sobre el-rei D.). 967, 996, (V. Marquez de Pombal).
José Maria Dantas Pereira (Vida de). 963.
Joseph (Principe do Brasil, sobre o seu casamento). 929.
Joseph Mathias (Sobre o cyrurgião). 753.
Judeus portuguezes. 60, 237, 672, 720, 757, 760, 878, 1065, 1192, 1461, 1997, 1779.
Juizo critico sobre os auctores que escreveram a Historia de Portugal. 365.

L

Ladrões (Historia dos—celebres). 590.
Lagôa (Sobre a bahia de). 293.
Lamego (Sobre as Bellas-Artes em). 1107, (pag. 109).
Lentes portuguezes na Universidade de Pisa. 1887.
Limites das possessões portuguezas ao sul do Equador. 84.

Lingua dos barbaros (Indagações sobre a). 555.
Lisboa (Elogios a esta cidade). 4, 96, 127, 607, (pag. 391), 625, 752, (pag. 441), 761, (pag. 447), 931, (pag. 513), 1103, 1217, (pag. 163), 1327, 1685.
—— (Descripção de). 342, 343, 403, 439, 478, 531, 548, 700, 764, 874, (II), 951, 1022, 1047, 1048, 1067, 1073, 1145, 1156, 1266, 1337, 1367, (em tempo de Filippe II), 1464, 1699.
—— (Projecto de engrandecimento). 463.
—— (Continuação da Chronica de Fr. Marcos de). 328, 959.
—— (Ode á ruina de). 719.
—— (Seus quadros). 1107, (pag. 109).
Litteratura portugueza (Sobre a). 117, 160, 244, (pag. 243), 353, (n.os III, IX e XII), 365, 470, 471, 499, 540, 543, 558, 573, 608, 617, 663, 677, (pag. 422), 750, 796, 833, (II), 927, (II), 957, 985, 1064, 1100, 1118, 1255, 1256, 1280, 1284, 1299, 1320, 1400, 1449, 1465, 1504, 1525, 1572, 1578, 1660, 1667, 1690, 1691, 1696, 1707, 1767, 1807, 1819, 1871, 1872, 1890.
Livros, cujo titulo não dá bem a conhecer de que assumptos tratam, 348.
Loanda. 339, 485, 1715.
Lucena (Traição de Francisco de). 1868.
Luiz I (Sobre sua magestade D.—rei de Portugal). 87, 1663.
Luiz Antonio d'Abreu (Visconde da Carreira). 1246.
Luiz Antonio de Valleré. 1383.
Luiz d'Athaide (Vida de D.). 1412.
Luiza de Gusmão (A rainha D.). 525, parte 2.ª

M

Macau (A respeito de). 258, 679, 699, 767.
Madagascar (Sobre). 142, 449.
Madeira (Ácerca da ilha da) 8, 10, 20, 58, 161, 190, 280, 357, 361, 439, 502, 531, 542, 603, 605, 617, 654, 671, 705, 777, 835, 838, 848, 987, 998, 1044, 1045, 1113, 1196, 1285, 1287, 1288, 1387, 1415, 1443, 1455, 1458, 1466, 1484, 1521, 1616, 1620, 1715, 1724.
Mafra. 95, 103, 107, 1107, (pag. 120).
Magalhães (A respeito de Fernão de) 47, 650, 689, 1815.
Malabar (Sobre a egreja de). 468, 813, 1147, 1247, 1502, 1839.
Malaca. 459.
Malagrida (Sobre Gabriel). 298, 623, 799, 934, 1363.
Manoel (Sobre D.—rei de Portugal). 28, 606, 873, 503, parte 2.ª
Manoel Alvares (Contra a grammatica de). 1594.
Manoel de Faria e Sousa. 433, parte 2.ª
Manoel Joaquim Soares de Barros e Vasconcellos. 796.
Manoel Machado d'Azevedo. 1394.
Manoel Pinto (Grão mestre da Ordem de Malta). 994.

Mappas de Portugal. 91.
Mar tenebroso (Lenda do). 1227, (pag. 186).
Maranhão (Missões no). 1, 455, 501, (parte 2.ª)
Maranhão (Rio). 455.
Marcos de Portugal (Sobre). 72, 383.
Maria (Infanta, irmã de D. João III). 1398, (pag. 292).
Maria Anna (Rainha de Portugal). 521, 1194.
Maria Barbara (Rainha D.). 493, parte 2.ª
Maria Francisca Izabel de Saboia (Sobre a rainha D.). 980, 1423, 1580, 1699.
Maria I (Sobre a côrte de). 95, 251, 309, (275).
Maria II (Sobre a rainha D.). 304.
Marinhas de Sal. 1608.
Marquez de Marialva. 95, (81-84).
Marquez de Sá da Bandeira. 1621.
Marquez de Sande. 1247.
Martim Behaim (Sobre). 482, 547, 650.
Mathematicas. 1308.
Mathematicos portuguezes. 74, (47) 1059.
Medicina (Sobre assumptos de). 832.
Medicina e cirurgia em Portugal. 528, 537.
Meninos de Palhavã (Filhos de D. João V). 95 (76 77).
Meridiano de demarcação entre os dominios de Hespanha e de Portugal. 1243.
Methodo Ahn para aprender portuguez. 198.
Miguel de Bragança (D.). Vide D. Pedro IV.
Miguel (Sobre a ilha de S.). 838, 1448.
Minas (Sobre as—de Portugal). 65, 210, 393.
Miniaturas (Livros de—em Portugal). 260 (pag. 257).
Missão de Fernandes de los Rios a Portugal. 1757.
Moçambique. 82, 83 (pag. 63), 161, 605, 1040, 1835, 1853.
Moçambique (Linguas de). 1844.
Modo como as Magestades sicilianas receberam a esquadra portugueza. 1862.
Moedas portuguezas. 100.
Moedas portuguezas (Que teem curso da Ilha de S. Domingos). 542, parte 2.ª
Molucas (A respeito das ilhas). 629, 713, 1096, 1097, 1114, 1293, 1500, 1825, 1826, 1882.
Mosteiro de Santa Clara em Madrid. 230.
Mouros (Sobre os). 622.
Mulheres celebres portuguezas e hespanholas. 1101.
Mulheres celebres portuguezas. 926.
Musica portuguesa. 95, (92 e 96) Da capella real em tempo de

D. Maria I 95 (106) em tempo de D. João V (115) 676 (pag. 422) 1372 (pag. 265) 1379.

N

Nascimento (Francisco Manuel do). 249 (pag. 248).
Nascimento do principe do Brazil D. Pedro. 1867.
Navegação (Da — desde o Cabo S. Vicente até aos Pyrineos). 416.
Negociações com as côrtes de Hespanha, França e Portugal. 909.
Nilo (Sobre a descoberta das nascentes do — attribuida aos portuguezes). 97, 189.
Numismatica portugueza. 918.
Nuno (Vida de D — Alvares Pereira, conde de Barcellos). 1416.

O

Obras cujo assumpto se não deixa conhecer pelo titulo. 292, 511, 538, 559, 665, 718, 1315, 519 (parte 2.ª).
Obras dedicadas aos reis de Portugal. 129, 488, 663, (pag. 418), 915, 929, 931, 1330, 1393, 1549, 1613, 1720, 1783, 1902.
Obras estrangeiras impressas em Lisboa. 1790.
— **portuguezas** impressas em Bombaim. 1758.
— — — em paizes estrangeiros. 1899.
— — — em Trangambar. 1721, 1798.
— — vertidas para hebraico. 1806.
— — — em New York. 1755.
Observações astronomicas. 494, 904, 946, 1309, 1556, 1875 (na India).
Operas baseadas em assumptos portuguezes. 107, 113, 121, 255, 359, 480, 572, 935, 1427, 1597, 564 (parte 2.ª).
Oração ácerca da felicidade de Portugal augmentada pelos principes da Casa de Bragança. 956.
Orações dos judeus portuguezes. 720.
Orações funebres de D. José I. 1271.
— — de D. Maria I. 844, 855.
— — de D. Maria Anna d'Austria. 139.
— — de D. Pedro II. 147.
— — de D. Pedro V. 786, 798.
Ordem de Christo em Portugal. 685.
Ordenanças de Portugal. 1236.
Organogenia geral. 797.
Ourique (Sobre a batalha de). 561, 833, (111), 1602.

P

Paços das Alcaçovas em Lisboa. 1398.
Padroado portuguez no Oriente. 451, 767, (pag. 457), 1708.

Palavras portuguezas introduzidas na lingua Malaica. 350.
Palavras portuguezas introduzidas nas linguas de Amboyno, Banda, Java, e Molucas. 1882.
Palavras portuguezas adoptadas por Buffon. 1847.
Palavras portuguezas derivadas do arabe. 388, 1573, 1884.
Palmeirim d'Inglaterra (Nacionalidade d'este romance). 111, 1509, 1612.
Paraguay (Sobre o). 1007, 1831.
Patriarchas de Lisboa (Sobre os). 80, 343, (pag. 301).
Pedro I (D.—rei de Portugal). Tragedias. Vidê Iguez de Castro.
Pedro II (D.—Sobre o seu reinado). 7. (Sua côrte). 343, (pag. 303), 730, 1152, 1748, 355 (parte 2.ª), 356 (Idem)
Pedro IV (D.—Luctas entre este rei e seu irmão). 23, 59, 69, 149, 213, 224, 264, 389, 395, 396, 398, 536, 604, 634, 660, 688, 724, 735, 749, 821, 837, 842, 875, 880, 890, 942, 945, 953, 962, 1010, 1014, 1067, 1081, 1134, 1178, 1249, 1279, 1312, 1321, 1375, 1376, 1437, 1444, 1446, 1454, 1470, 1522, 1537, 1538, 1539, 1577, 1633, 1765, 1794, 1886, 567 parte 2.ª, 569.
Pedro V (D.). 828, 1570, 1770.
Peixes conservados no museu da Historia Natural em Lisboa. 1311.
Peixes de Portugal. 1311, (11), 1554.
Peninsula Iberica debaixo do ponto de vista militar. 1216.
Peninsular (Sobre a guerra). 14, 27, 38, 43, 89, 109, 110, 131, 186, 214, 215, 222, 266, 302, 320, 321, 383, 409, 440, 441, 452, 453, 473, 487, 520, 524, 544, 549, 656, 662, 696, 728, 744, 745, 771, 772, 787, 851, 864, 866, 911, 943, 947, 961, 979, 982, 1000, 1001, 1029, 1117, 1124, 1245, 1299, (pag. 228), 1317, 1318, 1339, 1348, 1559, 1646, 1702, 1727, 515 (parte 2.ª), 516.
Pensamentos varios escriptos a um doutor de Lisboa. 1726.
Persia. 1159, 1166, 1456, 1520.
Pharmacopea portugueza. 1793.
Pinhaes de Leiria. 1390.
Pinto (Ácerca de Fernão Mendes). 217, 1407.
Pintores portuguezes (Sobre os). 1200.
Plantas textis de Portugal. 1540.
Poema—Castello de Almada. 884.
Poema—Madeira. 617.
Poesia em honra de D. Pedro IV. 1210.
Poesia em honra da rainha D. Maria Pia. 1619.
Poesia em honra de Lisboa. 1019, 1669.
Poesia no album de Xavier Cordeiro. 1195.
Poesias italianas dedicadas a D. Alexandre de Sousa e Holstein. 1221.
Pombal (Ácerca do marquez de). 13, 34, 36, 220, 238, 251, 256 (pag. 257),

411, 469, 606, 702, 743, 762, 766, 861, 912, 931 (pag. 509), 932, 938, 1034, 1055, 1109, 1131, 1267, 1281, 1289, 1425, 1428, 1542, 1601, 1636, 1648, 1716, 559 (parte 2.ª).

Pombal (Filho do marquez de) 95 (90).

Porto (Sobre a cidade do). 260 (pag. 258), 752 (pag. 444), 761 (pag. 453), 931 (pag. 510), 1372 (pag. 267).

Porto (Sobre seus quadros). 1107 (120).

Portugal (Descripções de—em geral). 4, (pag. 11), 9, 12, 41, 53, 65, (11), 74, 78, 80, 86, 93, 94 (em tempo de D. Maria I, pag. 95), 118, 122, 158, 164, 165, 175, 179, 184, 195, 216, 228, 232, 250, 254, 277, 287, 308, 312, 341, 345, 352, 376 (no anno de 1766), 377 (em 1860-61), 381, 413, 430, 448, 461, 474. 498, 499 (III), 503, 535, 551, 553 (em 1836), 566 (de 1759 a 1769), 571, 573, 574, 575, 596, 601, 609, 612, 616, 625, 641, 642, 644, 651, 661, 673, 676, 677, 692, 695, 706, 712, 714, 733, 748, 750 (III), 752 (no reinado de D. Maria II), III, 756, 761 (em 1797 e 98), 770 (D. Maria II), 775, 784, 830, 843, 854 (D. Pedro V), 871, 874, 876 (em 1774), 889, 891, 895, 901, 902, 922, 931 (em 1789 e 90), 936, 937, 955, 960, 974, 988, 992, 993, 1009, 1015, 1018, 1020, 1021, 1022 (em 1822), 1027, 1028, 1030, 1060, 1061, 1065, 1067 (em 1827), 1068, 1070, 1102, 1104, 1115, 1120, 1136, 1141, 1187, 1188, 1189, 1211, 1223, 1227 (no reinado de D. Affonso V), 1228, 1244, 1257, 1260, 1283, 1310, 1314, 1327, 1347, 1351, 1361, 1367 (no reinado de D. Filippe II), 1371, 1372 (em 1772 e 73), 1373, 1398 (no reinado de D. Sebastião), 1424, 1432, 1435, 1436, 1441, 1466, 1474, 1512, 1513, 1524, 1541, 1568, 1586, 1589, 1611, 1673, 1685 (no reinado de D. João V), 1688, 1692, 1699, 1722, 1725, 1728, 1741, 1782, 1796, 1798, 1808, 1833, 1837, 1855, 1877, 502 (parte 2.ª), 521, 522, 551, 555, 570.

Portugal (Em tempo de D. João V). 183.

—— (Em tempo de D. Maria I). 309.

—— (Estado de). 1800.

—— (Geologia de). 1328.

—— (Historia de—em tempo dos mouros). 54, 826.

—— (Historia de—em 1822). 1874.

—— (Historia de—no seculo XIX). 1606.

—— (Historias de—em geral). 5, 115, 140, 150, 154, 205, 251, 268, 277 (II), 285, 291, 299, 303, 305, 324, 325, 378, 450 (I). 460, 462, 467, 489, 492, 496, 501, 515, 556, 560, 583, 584, 594, 600, 627, 649, 666, 698, 722, 788, 802, 807, 808, 809, 827, 839, 845, 849, 863, 868, 875, 898, 944, 952, 960, 966, 977, 981, 1003, 1004, 1012, 1056, 1057, 1071, 1072, 1089, 1105, 1219, 1220, 1225, 1230, 1233, 1240, 1250, 1270, 1277, 1312, 1393 (II), 1600, 1604, 1622, 1627, 1628, 1632, 1657, 1680, 1721, 1751, 1803, 1804, 1805, 1842, 1845, 1885, 397 (parte 2.ª), 549, 552, 560, 562.

Portugal, poema. 513.

—— (Seu commercio e finanças). 1801.

—— (Sobre os tempos remotos de). 428, 774.

—— (Sobre seus povos). 300.

Portugal e a Normandia. 1340.
— no seculo XIX. 226.
Portuguez de Ceilão. 1706, 1711, 1785, 1786.
Portuguezes (Caracter dos). 251 (pag. 254), 252, 256, 754, 780.
Portuguezes (Feitos dos—em geral). 2, 152, 249, 275, 659.
Possessões hespanholas e portuguezas na America meridional. 1180.
Praça do Commercio e estatua. 4.
Pretensões dos embaixadores de potencias estrangeiras. 1172.
Princesa Amelia (A respeito da). 1118.
Princesa da Beira, filha de D. João V. 514, parte 2.ª
Princesa do Brasil, seus direitos á coroa de Hespanha. 1712.
Privilegios do reino de Portugal. 1269.
Procedimento do consul portuguez no Uruguay. 1584.
Procissão do Corpo de Deus. 4, 95 (84), 343 (307).
Publia Hortensia. 1398 (pag. 281).

Q

Quadros (Apreciações dos—existentes em Portugal). 1107.
Quental (Ácerca da vida de Bartholomeu do). 236.
Questões entre Portugal e Hespanha por causa dos dominios ultramarinos. 657.
Quinas portuguezas (Sobre as). 1677.
Quinta de Santa Cruz da Maia. 1534.
— de Marvilla. 95 (97).
— de Palhavãa. 95 (76).
— de Penha Verde. 95 (127).
— de Visme, em Bemfica. 95 (100).
— do Ramalhão. 95 (101).

R

Raças latinas (Sobre as). 1756.
Reducção das moedas de França, Inglaterra e Portugal. 1735.
Relações commerciaes de Portugal com a França. 1700.
Relações do departamento d'Ande com Portugal. 524 parte 2.ª
Relações dos flamengos, principalmente de Bruges, com os portuguezes. 1532.
Relações dos marquezes de Trocifal, condes de Torres Vedras. 1814.

Relações dos Paizes Baixos com Portugal e Hespanha. 1386.
Relatorio ácerca do tratado de geographia de Casado Geraldes. 1670.
Relatorio de Mac Gregor. 1290.
Reliquias de S. Roque. 1852.
Résende (Sobre André de). 269 (pag. 261).
Respeito aos reis. 1296.
Restauração de Portugal. Vide D. João IV.
Revolução de Hespanha e Portugal. 1567.
Revolução de 1820 (Sobre a). 187, 525, 1182.
Revolução do Porto. 1742.
Revoluções de Portugal. 536, 537 (pag. 370), 563, 903, 1181, 1183, 1253, 1300, 1403, 1523, 1625, 1687, 533 parte 2.ª
Rifões e proverbios portuguezes. 969.
Rodrigues Pereira. 1847.
Roma (Inscripções portuguezas em). 450.
Romanceiro portuguez. 1617.
Romances baseados em assumptos portuguezes. 46, 48, 172, 263, 353 (pag. 314), Id. (pag. 315), 373, 423, 499, 499 (IV) 523, 533, 585, 643, 704, 805, 829, 834, 850, 859, 860, 910, 1066, 1077, 1197, (I e II), 1202, 1209, 1224, 1262, 1265, 1287, 1305, 1313, 1377, 1498, 1565, 1605, 1630, 1676, 1760, 1772, 520 parte 2.ª, 526, 532, 537, 538, 539, 540, 545, 553, 560 (II), 568.
Romances sacros do Minho. 1761.
Ruy de Pina, bispo do Porto (Elogio de). 1534.

S

Sagração do bispo do Algarve. 95 (80).
Sanches (Sobre o philosopho). 545.
Sanskrito (Obra que se diz tratar de Portugal). 70.
Santarem (Ácerca dos trabalhos geographicos do visconde de). 39, 367.
Santos portuguezes (Em geral). 136.
Saude (Guia para os que pretendem restabelecer a — em Portugal). 790.
Schomberg (Campanhas do marechal de — em Portugal). 1807.
Sciencias (Varias). 25.
Sé (de Lisboa). 95 (pag. 129).
Sebastião (Sobre el-rei D.). 62, 132, 288, 422, 565, 588, 589, 591, 593, 658, 715, 717, 729, 913, 1006, 1024, 1212 (II), 1306, 1398, 1442, 1482, 1485, 1632, 1801, 534 parte 2.ª
Seguidilhas em honra de Santo Antonio. 1487.
Selecta franceza para uso dos portuguezes. 1678.
Selectas em portuguez e inglez. 1774.
Sequeira (Sobre o pintor). 1107.
Sermão pregado pelo nascimento da infanta de Portugal. 1591.

Setubal. 752 (pag. 443).
Siculo (A respeito de Cataldo). 237.
Silva Carvalho (José da—biographia). 1246.
Silvestre Pinheiro Ferreira. 1395, 1401, 1561, 1713, 1792.
Soberania temporal dos romanos. 1302.
Sousa (Madame de). 1301.
Sousa (Sobre fr. Luiz de). 353 (pag. 315).
Staël (Madame—e o duque de Palmella). 1307.
Stockler (Ácerca do mathematico Garção). 1753.
Supplemento á geometria de Legendre. 1730.
Supplemento á grammatica latina de Diogo de Mello. 1823.
Surinam (Sobre os judeus portuguezes de). 394.

T

Tabaco (Dança do—em Lisboa). 793 (pag. 467).
Tejo (Lamuria dirigida ao). 1496.
Tejo (Poesias em honra do). 426, 858, 1503, 1655.
Tejo (Sobre a navegação do—até Madrid). 204.
Terceira (Sobre a ilha). 290, 323, 1090, 1155, 1773.
Terremoto de Lisboa. 6, 32, 123, 327, 739, 746, 793, (pag 466), 1011, 1088, 1112, 1159, 1165, 1215, 1434, (pag. 303), 1476, 1488, 5436, 556.
Terrenos carboniferos de Portugal. 1278.
Theatros de Belem. 1372 (pag. 265).
—— (Opera portugeza). 761 (pag. 447), 1372.
—— da Rua dos Condes. 95 (91).
—— de S. Carlos. 752 (pag. 442).
—— do Salitre. 761 (447).
Theodoro d'Almeida (Padre) 95 (90) 965.
Thiago (Sobre a vinda de S.—a Hespanha). 1856.
Thomar (Ácerca do conde de). 18, 1107, (122).
Thomé (Ácerca da ilha de S.) 213.
Thompson (Elogio a Vasco da Gama). 1342.
Topographia de Portugal. 846.
Torneio celebrado no casamento do infante de Portugal. 1365.
Torres Novas (Biographia do visconde de). 831.
Torres Vedras (Linhas de). 441, 655.
Tractados com diversas nações. 1069, 1075, 1103, 1129, 1355, 1357, 1360, 1480, 1481.
Tragedias sobre assumptos portuguezes. 259, 384, 436, 483, 773, 816, 819, 1063, 1369, 1607, 1644, 514, parte 2.ª, 565.
Tranquebar (Sobre as missões de). 419.
Tristão da Cunha (Sobre as ilhas de—). 1352.

Tumulos portuguezes. (Elogios aos). 952, (pag. 523).
Typographia (Sobre a—em Portugal). 1122.
Typographica (Arte—em Portugal). 1203.

U

União (Sobre a—de Portugal á corôa de Castella). 134, 288, 289, 290, 294, 301, 326, 332, 355, 376, (II), 380, 382, 512, 563, 582, 597, 879, 893, 944, 984.

V

Valentim Fernandes (Impressor). 1258, 1654.
Vasco (sobre o pintor Grã—). 1107, 1200.
Vasco da Gama (Sobre). 83 (pag. 63), 374, 523, parte 2.ª
Vasco da Gama (Poesia em honra de). 1618.
Vasco de Lobeira. 506, parte 2.ª
Verney (Ácerca das obras do celebre Luiz Antonio—). 241.
Vespucci (a respeito de Americo—ao serviço de Portugal). 233.
Viagem aerostatica em Lisboa. 1199.
Villa Viçosa. 1398, (281).
Victoria sobre os Inglezes. 1857.
Viriato. 98.
Vocabulario geographico de Portugal. 340.
Vocabulario portuguez-malabar. 506.
Volcões em volta de Lisboa. 1162, 1384.

X

Xavier (Sobre os feitos de S. Francisco—). 273, 464, 751, 836, 1168, 1241, 1350, 1397, 1410, 1422, 1429, 1505, 1508, 1526, 1533, 1535, 1545, 1564 1718, 1788, 1888.

INDICE REMISSIVO DA PARTE II

ESCRIPTORES PORTUGUEZES CUJAS OBRAS FORAM VERTIDAS

EM IDIOMAS ESTRANGEIROS

A

Abrahão Sabba. 187.
Affonso d'Albuquerque. 34.
Affonso (Jesuita). 130.
Affonso Mendes. 390.
Agostinho da Cruz (Fr.). 4.
Agostinho Manoel de Vasconcellos. 460.
Alberto Pimentel. 261.
Aleixo de Menezes (D.). 43.
Aleixo da Motta. 428.
Alexandre de Gusmão. 109.
Alexandre Herculano. 30, 31, 116.
Alvarenga (Dr.). 32, 59, 91, 149, 183, 272, 283.
Alvaro Ferreira de Vera. 462.
Alvaro de Semmedo. 60, 63, 147, 221, 326, 446.
André de Resende. 344.
Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos. 46.
Antonio d'Azevedo Mello e Carvalho. 302.
Antonio Barbosa Bacellar. 4, 129.
Antonio d'Andrada (Padre). 33, 58, 72, 89, 215, 240.
Antonio do Couto. 194.
Antonio Diniz da Cruz e Silva. 4, 35, 320.
Antonio Feliciano de Castilho. 124, 156.
Antonio Fernandes. 66.
Antonio Ferreira. 4, 171, 274, 330.
Antonio Feyo. 11, 120, 167, 184.
Antonio Galvão. 111, 334.
Antonio Gouvea (ou de Gouvea). 100, 336.

Antonio José (o judeu). 68.
Antonio Mendes. 285.
Antonio Pereira de Figueiredo. 106, 245, 260, 286, 331.
Antonio (D.—prior do Crato). 78, 140, 154, 209.
Antonio da Purificação (Fr.). 45.
Antonio Ribeiro dos Santos. 4.
Antonio Rodrigues da Costa. 354.
Antonio dos Reis. 470.
Antonio da Silva Lopes Rocha. 438.
Antonio Vieira (Padre). 3, 5, 37, 38, 64, 88, 125, 148, 192, 218, 219, 227, 259, 464.
Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro. 261.
Arcebispo de Lisboa. 191, 208.
Arcebispo de Goa. 289.
Augusto Lima. 18.

B

Balthasar Telles. 246, 454.
Bartholomeu dos Martyres. 7, 13, 101, 102, 196.
Bartholomeu do Quental. 179, 244.
Belchior Manoel Curvo Semmedo. 4.
B. Barreto. 291.
Bento de Goes. 251.
Braz de Pina Freie. 496.
B. P. 294.

C

Camillo Castello Branco. 99, 261, 295.
Canção *(Tinhera bos).* 26.
Cardim (Fr). 133, 301.
Carlos Ribeiro. 228.
Carta do conselheiro Abrantes. 362.
Cartas do Japão. 359.
Christovão (D.—Principe de Portugal). 361, 369.
Claudio de Chaby. 261.
Claudio Manuel da Costa. 4.
Codigo Civil. 76.
Conde da Barca. 4.
Constituição de D. Pedro. 77.
Constituição politica da monarchia portugueza. 316.
Costa Goodolphim. 261.

D

Damião de Goes. 319, 333, 344.
Diogo Bernardes. 4.

Diogo de Menezes. 391.
Diogo de Sampaio. 441.
Domingos Maximiano Torres. 4.
Domingos dos Reis Quita. 4, 248.
Duarte Barbosa. 235.
Duarte Lopes. 47, 113, 190, 375, 376, 431.
Duarte Nunes de Leão. 51.
Duque de Saldanha. 118.
Durão (Santa Rita). 165.

E

Elvas libertada. 129.
Estevão da Cruz. 486.

F

Fernão Alvares do Oriente. 4.
Fernão Guerreiro. 81, 348.
Fernão Lopes de Castanheda. 107, 139, 225, 254, 304, 347.
Fernão Mendes Pinto. 54, 82, 114, 132, 145, 405, 406.
Ferrão (Silva). 153.
Francisco Alcanforado. 279.
Francisco d'Almada. 280.
Francisco Alvares. 27, 181, 225, 236, 242, 284, 485.
Francisco d'Andrade. 213, 288.
Francisco d'Annunciação. 22.
Francisco Caldeira. 434.
Francisco Guerreiro. 511.
Francisco José Freire (Candido Lusitano). 61.
Francisco Luiz Gomes. 143.
Francisco Manoel do Nascimento. 4, 124, 220.
Francisco de Moraes. 123, 165, 232, 233, 262, 394.
Francisco Rodrigues Lobo. 4, 158.
Francisco de Sá de Miranda. 4.
Francisco Vaz de Guimarães. 342.
Francisco de Vasconcellos Coutinho. 4.

G

Gabriel de Magalhães. 24.
Gabriel de Mattos. 385, 386.
Garcia da Horta. 2, 17, 42, 53, 343.
Gaspar Coelho. 307.
Gaspar Correa. 235.
Gaspar (M). 311.
Gentil homem da cidade de Elvas. 151, 230, 351, 427.
Gil Vicente. 274.

H

Heitor Pinto. 407.
Henrique (P.). 309.
Hypolito José da Costa. 395.

I

Irmãos da Companhia de Jesus. 312, 313, 314.

J

Jacinto Freire d'Andrade. 207, 269.
Jeronymo Corte Real. 56, 85, 180, 206.
Jeronymo Lobo. 103, 131, 372, 373, 424.
Jeronymo de Mendonça. 68, 87.
Jeronymo Osorio. 94, 122, 400.
Jeronymo Xavier. 226.
João de Andrade Corvo. 255.
João Antonio de Sousa Junior. 261.
João Baptista de Almeida Garrett. 4, 85, 95, 124, 178, 210, 261, 273, 281.
João Baptista Gomes. 68, 267, 271, 274.
João de Barros. 231, 249, 254, 345, 399.
João de Deus. 261.
João de Lucena. 216, 377.
João dos Santos. 50.
João Fernandes. 58.
João IV (El-rei D.). 98, 284, 290, 305, 352, 360.
J. G. de Lima. 261.
J. Monteiro da Rocha. 439.
João Pinto Ribeiro. 436.
João Ribeiro. 104, 437.
João Rodrigues de Sá. 392.
João Xavier de Mattos. 4.
Joaquim Fortunato Valadares Gamboa. 4.
Joaquim Gomes Coelho (Vid. Julio Diniz.).
Joaquim Maria de Andrade. 186.
Jorge de Montemor (ou Montemaior). 185, 264.
Jorge Ferreira de Vasconcellos. 211.
José Anastacio da Cunha. 1.
José Francisco Cardoso. 341.
José Joaquim de Azevedo Coutinho. 317.
José Joaquim Rodrigues de Bastos. 292.
José Liberato Freire de Carvalho. 303.
José Soares. 234.

José de Seabra da Silva. 202, 318.
José Osorio. 40.
José Teixeira. 495.
Julio de Castilho. 261.
Julio Diniz. 99, 308.

L

Lacerda. 25.
Leonor da Camara. 363.
Levy Maria Jordão. 146.
Luiz Augusto Rebello da Silva. 85.
Luiz de Camões. 4, 6, 12, 14, 15, 16, 20, 21, 23, 28, 36, 40, 41, 44, 49, 52, 57, 70, 73, 80, 84, 86, 90, 92, 96, 105, 110, 112, 115, 117, 136, 142, 144, 155, 161, 162, 164, 171, 173, 176, 182, 188, 193, 195, 197, 198, 199, 204, 217, 222, 223, 238, 239, 241, 270, 274, 297, 298, 299, 300, 306, 322, 479, 535.
Luiz de Froes. 332.
Luiz J. de Sampaio. 442.
Luiz Raphael Soyé. 252.
Luiz de Sousa (Fr.). 170, 296, 448.

M

Magalhães. 177, 378.
Magalhães (João Jacintho de). 379.
Manoel Alvares (P.). 108, 339.
Manoel de Azevedo. 277.
Manoel Bernardes. 192, 293.
Manoel Caetano Pimenta de Aguiar. 68.
Manoel da Costa. 278, 511, 548.
Manoel da Cunha (D.). 247.
Manoel do Cenaculo (Fr.). 224.
Manoel (El-rei D.). 275, 315, 323, 324, 325, 327, 328, 357, 483, 489, 490, 491.
Manoel de Faria e Sousa. 4, 237.
Manoel Ignacio de Sampaio. 443.
Manoel Maria Barbosa du Bocage. 4, 124, 210, 261.
Manoel Pedro de Mello. 158.
Manoel Pimentel. 404.
Marcos de Lisboa (Fr.). 69, 71, 172, 175.
Marianna de Alcanforado. (Vid. Religiosa portugueza.)
Mathias de Andrade. 8.
Mello (G. de). 157.
Miguel Franzini. 256.
Mousinho de Albuquerque. 201.

N

Nicolau Godinho. 337.
Nicolau Luiz. 4.
Nicolau Pimenta. 75, 332, 403.
Nicolau Tolentino de Almeida. 124.
Nobrega (P.). 310.

O

Osorio de Vasconcellos. 461.

P

Paulino Cabral de Vasconcellos. 4.
Paulo Midosi. 393.
Pedro de Andrade Caminha. 4.
Pedro (D.—Infante de Portugal). 370.
Pedro Antonio Correa Garção. 4.
Pedro IV (D.—rei de Portugal). 164.
Pedro Teixeira. 62, 452, 453.
Pedro Vaz de Caminha. 68.
Pero de Magalhães de Gandavo. 243, 335.
Pitta. 276.

R

Regulamento consular. 97.
Religiosa portugueza. 65, 266.
Rodrigues. (P.). 135.

S

Simões Dias. 261.
Sousa Viterbo. 261.

T

Theodoro d'Almeida. (P.). 48, 93, 126, 137, 203, 257. 282.
Thomaz Antonio Gonzaga. 166, 210, 258.
Thomé de Jesus. (Fr.). 9, 79, 83, 134, 214.

V

Vasco de Lobeira. 119, 250, 511.
Violante do Ceo. 4, 39.
Visconde de Santarem. 444.

Obras anonymas. 10, 19, 29, 55, 67, 74, 121, 126, 127, 138, 141, 150, 152, 159, 160, 163, 169, 174, 189, 200, 205, 212, 229, 253, 263, 265, 269, 274, 329, 340, 364, 365, 366, 367, 368, 371, 373, 380, 381, 382, 383, 387, 388, 389, 398, 401, 402, 411, 413, 414, 417, 418, 419, 420, 422, 423, 425, 426, 431, 432, 435, 440, 445, 450, 451, 455, 459, 466, 467, 468, 476 477, 478, 482, 484, 485, 498, 499, 500, 507, 508, 556.

COLLCOAÇÃO DOS RETRATOS

TOMO I

PAG.

Duqueza de Abrantes..... 2
Ferdinand Diniz..... 311
H. F. Lynk..... 445
Henry Major..... 484
Antonio Romero Ortiz..... 530

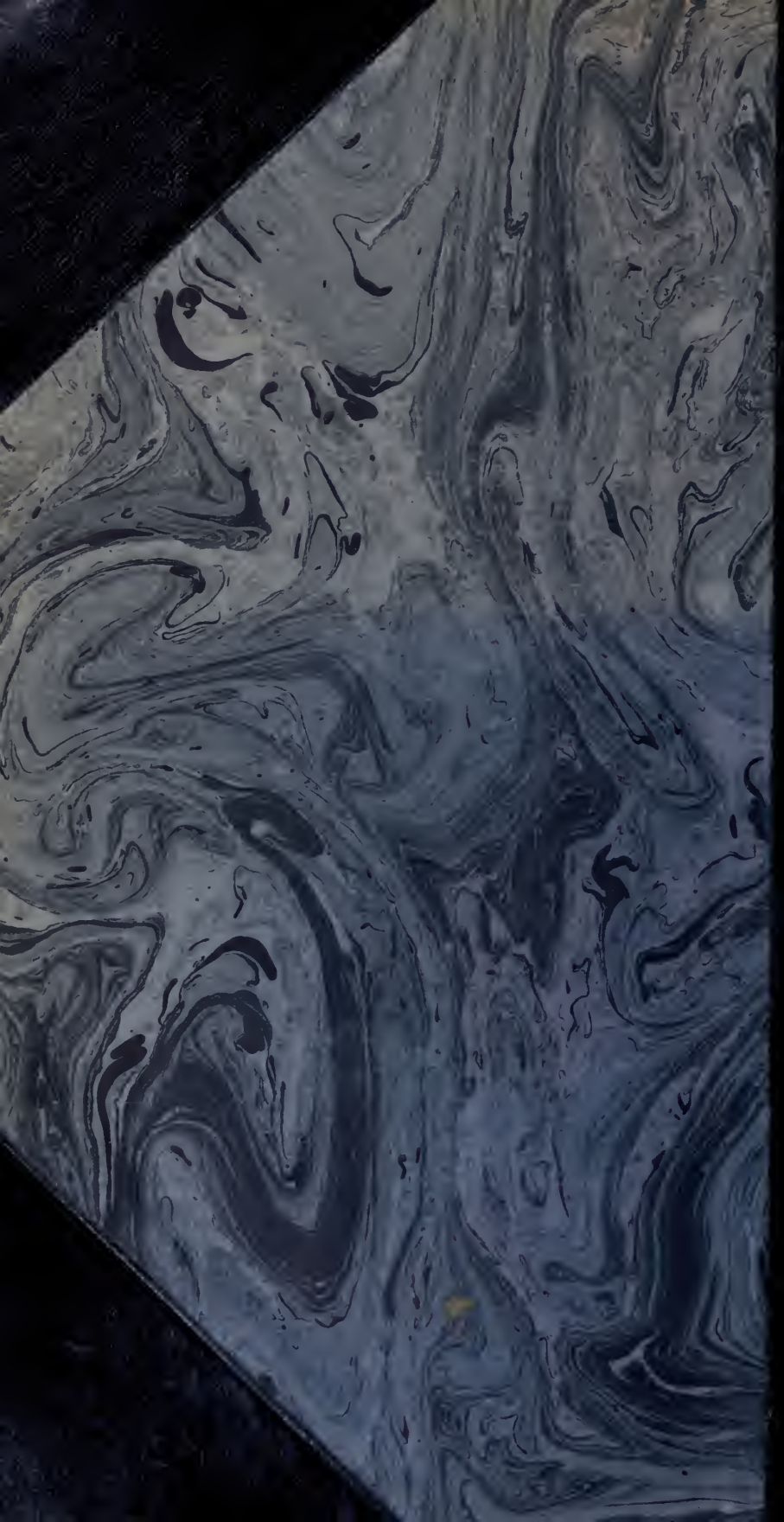
TOMO II

Conde de Raczynski..... 100
Vegezzi Ruscalla..... 197
Friedrich Diez..... 352
Dr. Carlos Von Reinhardstoetner..... 423

39830

Z
2726
B52
v.2

Bernardes Branco, Manoel
Portugal e os estrangeiros

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY